

Pierre de Coubertin

1863-1937

Olimpismo

Seleção de textos

COMITÉ
INTERNACIONAL
PIERRE DE COUBERTIN



Pierre de Coubertin

Olimpismo

Seleção de textos



Pierre de Coubertin

1863-1937

Olimpismo

Seleção de textos

Editores:

Norbert Müller e Nelson Schneider Todt

Introduções:

Norbert Müller

Tradutor:

Luiz Carlos Bombassaro



2015 © Comitê Internacional Pierre de Coubertin

Publicado por: Comitê Internacional Pierre de Coubertin

CH 1001 Lausanne, PO Box 397

Com apoio do Comitê Olímpico Internacional

Tradução: Luiz Carlos Bombassaro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

Revisão: Nelson Schneider Todt, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

Capa: Bárbara Rau, Baden-Baden

Capa da edição em português: Shaiani Duarte

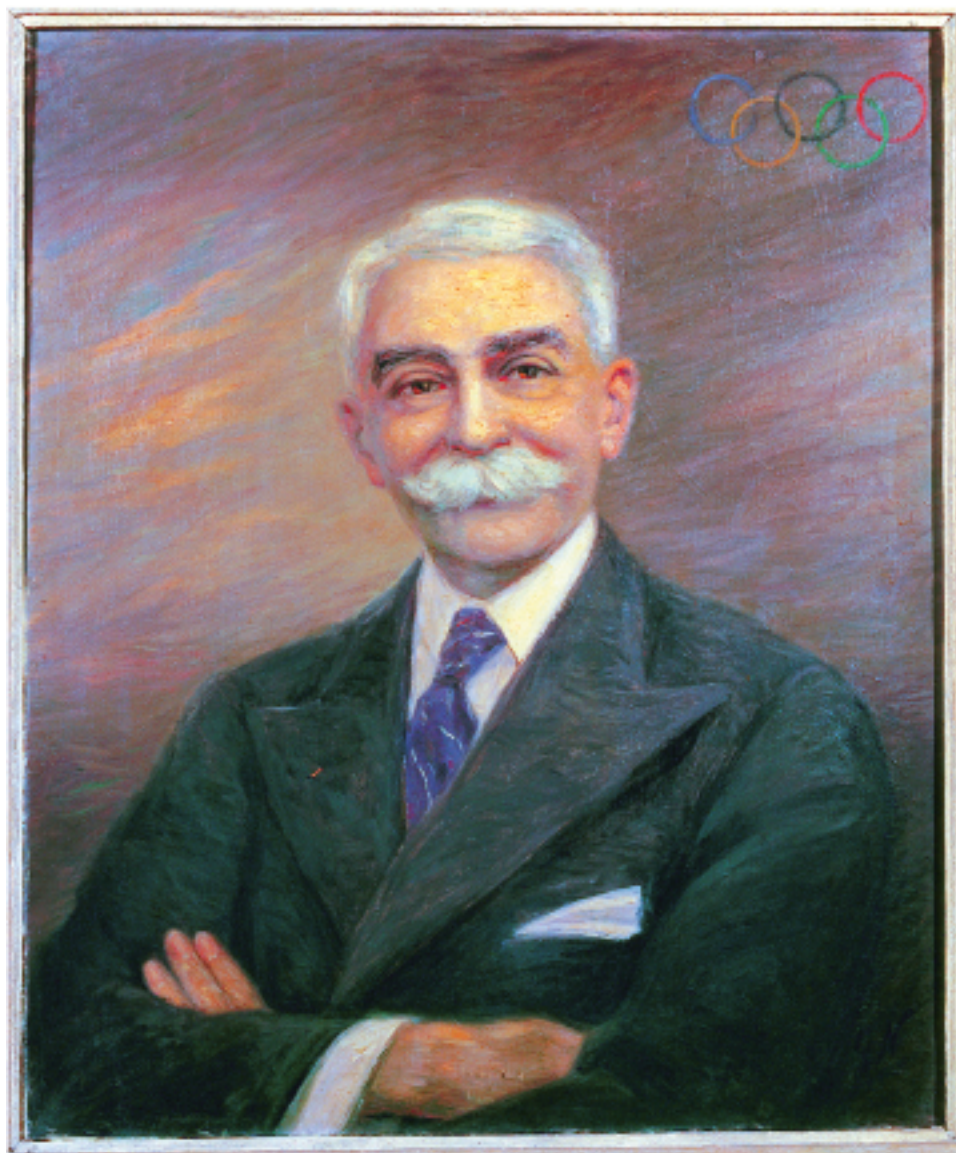
Editoração: Francielle Franco

Esta publicação se realiza de acordo com o disposto pelo Contrato de cessão de direitos autorais de 6 de fevereiro de 1984 entre o Comitê Olímpico Internacional e Geoffroy de Navecelle de Coubertin, representante legal da família Coubertin.

Impressão: Gráfica Epecê

ISBN: 978-85-397-0736-2





Este retrato, inspirado numa fotografia de Pierre Coubertin quando tinha aproximadamente sessenta anos, é obra de seu sobrinho, Gaëtan de Navacelle, que o conhecia muito bem. O artista ofereceu este

quadro como presente ao então presidente do Comitê Olímpico Francês (CNOSF), Armand Massard. Atualmente, a pintura está exposta na sala de audiências da presidência do CNOSF em Paris.

Pierre de Coubertin

SUMÁRIO

PRÓLOGO	por Thomas Bach, Presidente do Comitê Olímpico Internacional	15
PREFÁCIO	por Joaquim Clotet, Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	17
PROÊMIO	por Geoffroy de Navacelle de Coubertin	18
NOTA DOS EDITORES	Norbert Müller e Nelson Schneider Todt	20
O OLIMPISMO DE COUBERTIN	por Norbert Müller	24

PRIMEIRA PARTE

REVELAÇÃO	39

1. POR UMA NOVA PEDAGOGIA 41

1.1	A educação na Inglaterra: Introdução (1888)	41
1.2	A educação inglesa na França (1889)	50
1.2.1	O remédio contra o <i>surmenage</i>	51
1.2.2	Nossos estudantes	59
1.2.3	Carta aos membros da Sociedade de economia social e das associações pela paz social	65
1.3	Universidades transatlânticas (1890)	68
	Introdução (1.3.1 – 1.3.6)	68
1.3.1	Nova Iorque e arredores	70
1.3.2	Nova Inglaterra	71
1.3.3	O Canadá britânico e o Canadá francês	80
1.3.4	De norte a sul	82
1.3.5	Louisiana, Flórida e Virgínia	85
1.3.6	Washington e Baltimore	87
1.3.7	Universidades transatlânticas: conclusões	89

2. BATALHA EDUCATIVA PERMANENTE 95

2.1	A educação inglesa	95
2.2	A educação atlética	111
2.3	A educação para a paz	125
2.4	Atletismo e ginástica	128
	Introdução (2.5 – 2.7)	131
2.5	A psicologia do esporte	131
2.6	A educação social	139
2.7	A arte na educação	145
2.8	A educação física no século XX: o <i>récord</i>	150
2.9	A filosofia da cultura física	153
2.10	O esporte e a moral	157

3. NA ONDA DOS ACONTECIMENTOS 161

	Introdução (3.1 – 3.2)	161
3.1	Carta olímpica X: Esporte nas universidades	162
3.2	Carta olímpica XI: O espírito desportivo dos estudantes	162

3.3	Carta olímpica XII: Theodore Roosevelt	164
	Introdução (3.4 – 3.5)	166
3.4	Carta olímpica XIV: O valor do boxe (I)	166
3.5	Carta olímpica XV: O valor do boxe (II)	167
3.6	Carta olímpica XVI: Hipismo	168
3.7	Carta olímpica XVII: Exercício físico e restrição	169
3.8	Carta olímpica XVIII: Aparelhos	170
3.9	Carta olímpica XIX: O prazer do esporte	170
3.10	Carta olímpica XX: Por que os cidadãos de Lausanne deveriam remar	173
3.11	O uso pedagógico da atividade desportiva	174
3.12	Fontes e limites do progresso desportivo	185
3.13	Entre duas batalhas: do olimpismo à universidade dos trabalhadores	193
3.14	O Padre Didon	200
3.15	<i>Mens fervida in corpore lacertoso</i> (1911)	202
3.16	O esporte e a questão social	204
3.17	Carta olímpica V: Pedagogia olímpica	207
3.18	O olimpismo na escola: é preciso incentivo	208
3.19	Carta olímpica VI: panem et circenses	210
3.20	Carta olímpica VIII: formação do caráter	211
3.21	Discurso proferido em agosto de 1920 na prefeitura da Antuérpia: o esporte é rei	212
3.22	Sobre a transformação e a difusão dos estudos históricos: seu caráter e suas consequências	217
3.23	A verdade sobre o esporte. As ideias de Pierre de Coubertin. (Carta aberta a Frantz Reichel)	225
3.24	A carta para a reforma do esporte	227
3.25	O esporte contribui para a paz	230
3.26	Discurso do barão de Coubertin proferido durante a cerimônia do seu 70º aniversário	232

SEGUNDA PARTE

DIMENSÕES OLÍMPICAS 235

4. PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DO OLIMPISMO 237

4.1	Helenismo e filohelenismo	
	O ponto de vista de Coubertin sobre sua influência no olimpismo	238
	Introdução (4.1/1 – 4.1/6)	238
4.1/1	O dever do filoheleno	240
4.1/2	Olímpia	241
4.1/3	Uma Olímpia moderna	246
4.1/4	O que podemos pedir agora ao esporte... Discurso proferido na Associação de Helenos Liberais de Lausanne em 24 de fevereiro de 1918	261
4.1/5	Aos meus amigos helenos. Carta aberta de abril de 1934	270
4.1/6	Novos jogos pan-atenienses	271

4.2	As principais etapas do movimento olímpico	273
4.2.1	A história primitiva do movimento olímpico	273
4.2.1/1	Os jogos olímpicos de Much Wenlock – Uma página da história do atletismo	273
4.2.1/2	Exercícios físicos no mundo moderno. Conferência proferida na Sorbonne (novembro de 1892)	279
	Introdução (4.2.1/3 – 4.2.1/8)	290
4.2.1/3	O congresso de Paris	290
4.2.1/4	Circular, 15 de janeiro de 1894	293
4.2.1/5	Programa preparatório (1894)	294
4.2.1/6	O congresso de Paris de 1894: nota de imprensa	295
4.2.1/7	Programa do congresso de fundação do COI (1894)	296
4.2.1/8	Os Jogos Olímpicos modernos	300
4.2.1/9	O congresso de Paris e o restabelecimento dos Jogos Olímpicos	305
	Introdução (4.2.1/10 – 4.2.1/11)	313
4.2.1/10	A conquista da Grécia	313
4.2.1/11	A primeira Olimpíada (Atenas, 1896)	317
4.2.2	Acontecimentos olímpicos específicos	326
	Introdução (4.2.1/1 – 4.2.2/3)	326
4.2.2/1	Carta Olímpica de Atenas (26 de março de 1896)	326
4.2.2/2	Carta Olímpica de Atenas (9 de abril de 1896)	327
4.2.2/3	Carta Olímpica de Atenas (12 de abril de 1896)	329
	Introdução (4.2.2/4 – 4.2.2/6)	334
4.2.2/4	A primeira Olimpíada	335
4.2.2/5	Os Jogos Olímpicos de 1896	342
4.2.2/6	Atas de Atenas (12 de abril de 1896)	353
4.2.2/7	Ao editor do <i>The Times</i>	355
4.2.2/8	O congresso de Le Havre	356
4.2.2/9	O congresso Olímpico de Le Havre (1897)	361
	Introdução (4.2.2/10 – 4.2.2/12)	365
4.2.2/10	Preparativos para a Segunda Olimpíada	366
4.2.2/11	A reunião para os Jogos Olímpicos (Paris 1900)	372
4.2.2/12	A segunda olimpíada (Paris 1900)	379
	Introdução (4.2.2/13 – 4.2.2/15)	387
4.2.2/13	Notícias de Chicago	387
4.2.2/14	Transferência dos jogos olímpicos de 1904 (Circular aos Membros do COI)	390
4.2.2/15	Chicago ou Saint Louis	390
4.2.2/16	A terceira Olimpíada nos Estados Unidos e a reunião do COI em Londres	395
4.2.2/17	Um congresso próspero e algumas realidades tangíveis (1905)	401
	Introdução (4.2.2/18 – 4.2.2/20)	406
4.2.2/18	Circular aos membros do COI (dezembro de 1906)	408
4.2.2/19	A crônica dos jogos de 1908	408
4.2.2/20	A quarta olimpíada (Londres 1908)	412
	Introdução (4.2.2/21 – 4.2.2/25)	418
4.2.2/21	O COI em Berlim (1909)	419
4.2.2/22	Budapeste (1911)	423
4.2.2/23	A quinta Olimpíada (Estocolmo 1912)	427
4.2.2/24	Uma olimpíada vista por alto	434
4.2.2/25	As origens do pentatlo moderno	437
4.2.2/26	Palavras de encerramento (estocolmo 1912)	440
	Introdução (4.2.2/27 – 4.2.2/32)	441
4.2.2/27	Os congressos Olímpicos	443
4.2.2/28	Programa do Congresso Olímpico de Lausanne de 1913	444
4.2.2/29	O congresso de psicologia do esporte (Lausanne 1913)	446

4.2.2/30	O 20º aniversário do restabelecimento dos Jogos Olímpicos	450
4.2.2/31	Os quatro anos de guerra (1914 – 1918)	456
4.2.2/32	Godefroy de Blonay – presidente interino. Circular aos membros do COI (janeiro de 1916)	461
	Introdução (4.2.2/33 – 4.2.2/36)	463
4.2.2/33	A sétima Olimpíada (Amberes 1920)	463
4.2.2/34	A contribuição da sétima Olimpíada	468
4.2.2/35	Os sétimos Jogos Olímpicos	470
4.2.2/36	A vitória do Olimpismo	476
	Introdução (4.2.2/37 – 4.2.2/39)	478
4.2.2/37	A manobra de 1921	478
4.2.2/38	Um estádio e seis ministérios	484
4.2.2/39	No capitólio romano (1923)	487
	Introdução (4.2.2/40 – 4.2.2/41)	492
4.2.2/40	A oitava Olimpíada (Paris 1924)	492
4.2.2/41	Discurso do barão Pierre de Coubertin (Paris 1924)	496
4.2.2/42	Praga (1925)	497
4.2.2/43	Circular de despedida (1925)	501
4.2.2/44	Olimpia (1927)	502
4.2.2/45	O cavalheirismo moderno	506
	Introdução (4.2.2/46 – 4.2.2/47)	508
4.2.2/46	Aarau, Praga e Los Angeles	508
4.2.2/47	A apoteose do olimpismo	509
	Introdução (4.2.2/48 – 4.2.2/49)	511
4.2.2/48	Mensagem de encerramento dos Jogos de Berlim	511
4.2.2/49	Jogos de 1940 em Tóquio? Comentários do sr. Pierre de Coubertin, gravados por André Lang	512
4.2.3	Aspectos históricos dos Jogos Olímpicos de inverno	514
4.2.3/1	Discurso durante a cerimônia de encerramento dos jogos de inverno (Chamonix, 5 de fevereiro de 1924)	515
4.2.3/2	França e os Jogos Olímpicos de inverno de 1928	517
5.	A DIMENSÃO FILOSÓFICA E EDUCATIVA DO OLIMPISMO	519
5.1	O olimpismo como atitude espiritual	523
	Introdução (5.1/1 – 5.1/2)	523
5.1/1	Discurso proferido durante a festa de encerramento do congresso de Paris (1894)	523
5.1/2	O neo-olimpismo. Conclamação ao povo de Atenas (16 de novembro de 1894)	525
5.1/3	Por que restabeleci os jogos olímpicos?	534
	Introdução (5.1/4 – 5.1/8)	539
5.1/4	Carta olímpica III: olimpismo e educação	539
5.1/5	Carta olímpica IV: o olimpismo como estado de ânimo	540
5.1/6	Carta olímpica VII: a receita para “tornar-se olímpico”	541
5.1/7	Carta olímpica XIII: a periodicidade dos Jogos Olímpicos	542
5.1/8	Carta olímpica XXI: a Olimpíada Pershing	543
5.1/9	O 25º aniversário da proclamação dos Jogos Olímpicos	544
5.1/10	Mens fervida in corpore lacertoso (1924)	546
5.1/11	Discurso proferido durante a inauguração dos congressos olímpicos na prefeitura de Praga, 29 de maio de 1925	547
5.1/12	Mensagem à juventude desportiva de todas as nações (1927)	552
5.1/13	O espírito desportivo deve sobrepor-se a qualquer outra consideração	554
5.1/14	Olimpia. Conferência proferida em Paris no salão de festas municipal do 16º distrito	555
5.1/15	Mensagem à juventude americana	568
5.1/16	Mensagem aos corredores Olímpia – Berlim	570

5.1/17	Os fundamentos filosóficos do olimpismo moderno	572
5.1/18	Olimpismo e política	576
5.2	Princípios e símbolos olímpicos	577
5.2/1	A mesma categoria	578
5.2/2	Os comissários fiéis à ideia olímpica	579
5.2/3	Geografia atlética	581
5.2/4	Novos lemas	583
5.2/5	Pensamentos de atletas	585
5.2/6	O emblema da bandeira de 1914	586
	Introdução (5.2/7 – 5.2/9)	588
5.2/7	As cerimônias	588
5.2/8	O juramento dos atletas	590
5.2/9	O valor educativo da cerimônia olímpica	591
5.2/10	Mensagem a todos os atletas e participantes reunidos em Amsterdã para a nona olimpíada	595
5.3	A contribuição das artes	597
5.3/1	Circular aos membros do COI (março de 1906)	599
5.3/2	Convite aos artistas (abril de 1906)	600
5.3/3	Discurso durante a abertura da conferência consultiva sobre arte, literatura e esporte (23 de maio de 1906)	603
5.3/4	Arte, literatura e esporte	605
5.3/5	Conferência consultiva. Circular (julho de 1906)	611
5.3/6	A convocação das letras e das artes (1906)	612
5.3/7	A competição olímpica das artes de 1908	615
5.3/8	Programa da competição internacional de arquitetura	617
	Introdução (5.3/9 - 5.3/10)	619
5.3/9	Bases para os concursos literários e artísticos de 1912	620
5.3/10	Ode ao esporte	621
5.3/11	Um grande casamento	624
5.3/12	Carta olímpica II: a contribuição das artes, humanidades e ciências para a restauração do ginásio grego	625
5.4	A questão do amadorismo	627
5.4/1	A carta do amadorismo	627
5.4/2	Estudo sobre o amadorismo	631
5.4/3	A possível unificação da definição de amador	633
5.4/4	Outra vez o assunto Thorpe	636
5.4/5	Novos aspectos do problema	638
5.4/6	Soluções múltiplas	639
5.4/7	A questão financeira	640
5.4/8	O amadorismo no congresso de Praga	643
5.4/9	Amadorismo (1909)	645
6.	O MOVIMENTO OLÍMPICO	651
6.1	Estrutura e organização	652
6.1/1	Crônica – O caráter do nosso empreendimento	652
6.1/2	A organização olímpica	655
6.1/3	O sindicalismo desportivo	659
6.1/4	O papel das federações	661
6.1/5	Carta aos membros do Comitê Olímpico Internacional (fevereiro de 1920)	664
6.1/6	Planejamento econômico da IVª Olimpíada em Roma	667
6.1/7	Uma organização padrão para as olimpíadas	676

6.1/8	Boas novas desde basileia	678
6.1/9	A cerimônia de entrega dos diplomas olímpicos	681
6.1/10	A sessão de 4 de julho de 1912 (Estocolmo)	685
6.2	Crescimento e expansão	687
6.2/1	Uma olimpíada no extremo oriente	687
6.2/2	Unificação atlética	689
	Introdução (6.2/3 – 6.2/4)	692
6.2/3	Carta aos membros do COI (1921): “meu trabalho está feito”	692
6.2/4	O esporte quer conquistar a África	694
6.2/5	Colonização desportiva	695
6.2/6	Os próximos jogos serão realizados em Tóquio	697
6.3	Os diversos esportes do programa olímpico	698
6.3/1	O princípio de igualdade	698
6.3.1/1	Todos os esportes	698
6.3.1/2	As mulheres nos Jogos Olímpicos	703
6.3.1/3	Recordes olímpicos	707
6.3.2	Considerações acerca de determinados esportes olímpicos	708
6.3.2/1	Os jogos olímpicos e a ginástica	708
6.3.2/2	Carta olímpica IX: o pentatlo moderno	711
6.4	Lausanne: cidade olímpica	712
6.4/1	A cerimônia em Lausanne	712
6.4/2	Carta olímpica I: Olimpismo e Lausanne	714
6.4/3	Lausanne	715
6.5	Restrospectivas olímpicas	721
	Introdução (6.5.1 – 6.5.5)	721
6.5.1	A obra do comitê olímpico internacional	722
6.5.2	Ao editor do <i>The Times</i> : os Jogos Olímpicos (13 de julho de 1908)	727
6.5.3	Carta aos membros do Comitê Olímpico Internacional (janeiro de 1919)	729
6.5.4	Quarenta anos de Olimpismo, 1894-1934	734
6.5.5	O que é o Olimpismo?	739
6.5.6	Lendas	755
	Apêndice: a sinfonia inacabada	761

POSFÁCIO	por Christian Wacker e Marcia De Franceschi Neto-Wacker	765

Histórias inusitadas dos primórdios do Movimento Olímpico no Brasil	765
1816: Julien Bonaventure de Coubertin – o primeiro Coubertin no Brasil	767
1900: Adolpho Christiano Klingelhoefer – o primeiro atleta brasileiro nos Jogos Olímpicos	770
1905: Santos Dumont – o primeiro Diploma Olímpico	771
1913: Raul do Rio Branco – o primeiro brasileiro membro do COI	774
1914: Fundação do Comitê Olímpico Nacional no Brasil	776
1922: Jogos olímpicos regionais no Rio de Janeiro	777
1924: L. Alvar da Silva o primeiro artista brasileiro no congresso de Artes Olímpicas	780
1949: Fluminense Football Club recebe a <i>coupe olympique</i>	781

BIBLIOGRAFIA DOS ESCRITOS DE PIERRE DE COUBERTIN _____ 783

Por Norbert Müller y Otto Schantz

Livros _____ 783

Catálogos _____ 786

Folhetos, pôsters, etc. _____ 790

Artigos _____ 792

ÍNDICE DE NOMES _____ 851

ÍNDICE DE ASSUNTOS/TEMAS/MATÉRIAS _____ 861

ÍNDICE GEOGRÁFICO _____ 883



**Pierre Coubertin, forjado
em ferro para o COI por
Karlheinz Oswald
(Alemanha) em 1999.**

PRÓLOGO

Por Thomas Bach, Presidente do Comitê Olímpico Internacional

Pierre de Coubertin (1863-1937), o francês que com razão consideramos o fundador do Movimento Olímpico moderno, foi – embora muitos não o saibam – um talentoso escritor e jornalista, que imortalizou quase todas as suas ideias e iniciativas em ensaios e livros. O problema era que quase todos os seus escritos haviam sido redigidos em sua língua materna, o francês. Isso, evidentemente, tornava difícil o acesso aos seus textos a uma comunidade internacional de leitores.

Com a edição francesa em três volumes “*Coubertin – Textes choisis: Révélation – Olympisme “Pratique sportive”*”, publicados em 1986, meu estimado predecessor Juan A. Samaranch deu um primeiro e significativo passo para, pela primeira vez, tornar o pensamento de Coubertin totalmente acessível. Desde então muitos eventos têm tematizado a Filosofia do Olimpismo moderno de Coubertin e verificado sua relação com a atualidade. Baseadas nessa primeira grande edição, as coletâneas inglesa e espanhola dos textos de Coubertin sobre o “Olimpismo” constituíram novas e importantes etapas para a difusão internacional das iniciativas e dos ideais do fundador das Olimpíadas. Com as edições desses textos, o Comitê Internacional Pierre de Coubertin (CIPC) prestou um inestimável serviço ao Movimento Olímpico.

Os Jogos Olímpicos de 2016 do Rio de Janeiro serão realizados pela primeira vez num país de língua portuguesa, o maior do mundo. Ao preparar esses Jogos, o Comitê Internacional Pierre de Coubertin reconheceu a necessidade de, por meio de uma tradução em português, tornar acessível ao público interessado, às associações desportivas e aos jovens acadêmicos do grande país anfitrião, o Brasil, bem como aos demais países de língua portuguesa, os textos pedagógicos, filosóficos e históricos do fundador das Olimpíadas, Pierre de Coubertin. Também o texto ilustrado sobre os primeiros momentos do Movimento Olímpico no Brasil, apresentado ao final do volume, vem enriquecer ainda mais este livro.

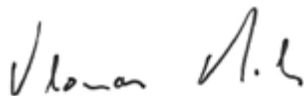
A edição dos textos de Coubertin que se apresenta aqui pela primeira vez em língua portuguesa é o resultado de vários anos de um trabalho de pesquisa e de tradução realizado pelo CIPC e pelo Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin. Ao mesmo tempo em que agradeço ao tradutor Prof. Dr. Luiz Carlos Bombassaro e ao Co-Editor brasileiro Prof. Dr. Nelson Schneider Todt, também quero agradecer especialmente à Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – EDIPUCRS por acompanhar esse importante projeto. Para as futuras pesquisas sobre Coubertin em mais de 1.000 instituições universitárias brasileiras, o acesso eletrônico livre a esses textos certamente será muito valioso.

Estou certo de que esta primeira antologia de textos de Coubertin oferecerá novos conhecimentos e novos impulsos ao Movimento Olímpico nos países de língua portuguesa.

Espero e desejo que, assim, os ideais do nosso fundador Pierre de Coubertin possam se tornar mais claros e que as responsabilidades pedagógicas do COI, expressas atualmente de modo especial pela Agenda 2020, possam se tornar de múltiplos modos ainda mais importantes.

Lausanne, Junho de 2015

Thomas Bach, Presidente do COI



Este manuscrito de Pierre de Coubertin é de 1889, ou seja, três anos antes que a Sorbonne lhe fizesse o primeiro convite para ressuscitar os Jogos Olímpicos. Ele tinha 26 anos e já havia elaborado alguns planos nos campos tranquilos da Normandia. Vale a pena destacar o humor com que ele trata suas próprias ideias e o prazer que obtém ao pensar, imaginar, inventar, planejar...

À mes Idées


Mirville, 1^{er} Septembre 1889

Mes Idées, je vous dedie mes mémoires, au moins
 grâces à la connaissance pour les bons moments
 que vous m'avez procurés. Je ne suis pas sûr que
 vous soyez très, très à moi, et que 'avant de venir
 habiter ma cellule vous n'ayez pas écrit d'assez
 belles et autres personnes, m'excusant de vous
 être bien à moi le peu carrait au même peu de
 vous. C'est malheureux.

Mais ne vous tournez jamais beaucoup
 combattre. J'ai une tendresse à tout et enfin et à
 vous être, ayant confiance en votre activité et la
 votre justice. Certaines de votre vous ont déjà plus
 long et se sont réalisés; cela donnera confiance
 aux autres, à la réalisation desquelles je n'ai pas eu
 le temps de travailler..... Elles attendront patiemment
 et ne vous lâchant pas.

Oh! ne vous lâchez pas! Vous êtes mon bonheur.
 Penser, imaginer, inventer, concevoir, quel plaisir.

Pierre de Coubertin

Para minhas ideias

Mirville, 1 de setembro de 1889

A vós, minhas ideias, dedico estas memórias em sinal do meu agradecimento pelos momentos felizes que me haveis concedido. Não estou certo de que sois todas minhas, nem de se antes de chegardes a minha mente havíeis vivido na mente de outras pessoas. No entanto, tenho a impressão de que me pertenceis, o que é como se realmente o fosseis. Nunca brigamos. Tendo a vos aceitar e a obedecer, e acreditado em vossa consistência. Algumas de vós já haveis tomado forma e vos tornastes realidade. Isto dá força a outras ideias nas quais ainda não tive tempo de trabalhar. Esperarão com paciência e não me abandonarão. Oh, não me abandoneis! Sois minha felicidade. Pensar, imaginar, inventar, conceber: que prazer.

PREFÁCIO

por Joaquim Clotet, Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Há pouco mais de 120 anos, Pierre de Coubertin apresentava sua proposta de restauração dos Jogos Olímpicos na Universidade de Sorbonne. Às vésperas dos Jogos da XXXI Olimpíada, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul participa ativamente na difusão das ideias do barão francês. Desse modo, dá também merecido destaque ao Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin (CBPC), que desde 2008 tem como sede a Universidade.

O lançamento do livro *Pierre de Coubertin (1863-1937) – Olimpismo – Seleção de textos*, editado pela EDIPUCRS, reafirma valores que são próprios da Instituição: a promoção da cultura, a formação integral e o desenvolvimento social.

Os textos escolhidos foram publicados originalmente na língua materna de Coubertin (1986). Depois foram lançadas versões em inglês (2000) e em espanhol (2011). Agora, ganham maior alcance nos países de língua portuguesa. Esse internacionalismo constitui, sem dúvida, um dos objetivos de Coubertin na criação dos Jogos Olímpicos modernos.

O conteúdo pedagógico da obra inclui valores humanistas, universalmente aceitos pela sociedade global, como a paz, a amizade e o bom relacionamento. O alicerce dessa pedagogia é o esporte, uma manifestação cultural valorizada em todas as civilizações.

A presente publicação revela a ênfase dada à especialidade Olímpica na Universidade, sobretudo pelas iniciativas do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto. A parceria com o CBPC, ao contribuir para um maior conhecimento da vida e da obra do autor, constitui um incentivo e uma referência para todos os que se interessam por esportes e pela história das competições esportivas.

Meus agradecimentos ao Presidente do Comitê Internacional Pierre de Coubertin, Prof. Norbert Müller, pela honrosa distinção concedida à PUCRS ao confiar-lhe esta relevante publicação. O meu reconhecimento, também, ao tradutor, Prof. Luiz Carlos Bombassaro, e ao Prof. Nelson Todt, coeditor dessa significativa obra. Ela manifesta o esforço que vem sendo realizado pelo Brasil na construção do legado cultural dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.

Porto Alegre, Junho de 2015

Joaquim Clotet, Reitor da PUCRS

PROÊMIO

por Geoffroy de Navacelle de Coubertin¹

O INÍCIO DE UMA BELA AVENTURA

Conhecido como “Renovador dos Jogos Olímpicos”, Pierre de Coubertin, que se considera “pedagogo”, explora todos os campos da atividade humana: merece o nobre título de “humanista”. Sua obra reveste-se de uma atualidade admirável.

Isso é demonstrado nas numerosas obras publicadas nos últimos oitenta anos por universitários, historiadores, eminentes pesquisadores fascinados por este personagem excepcional.

Facilitar aos exegetas e a todos os apaixonados pelo progresso humano o acesso a seus escritos e discursos por meio de sua publicação nos parece uma resposta adequada. O início de uma bela aventura!

Em 1981 propus este projeto ao Presidente do COI, Juan Antonio Samaranch, que aceitou a proposta e constituiu um Comitê de redação internacional sob seus auspícios, dirigido com dinamismo e experiência pelo professor Norbert Müller, da Universidade de Mainz.

A decisão de não publicar a totalidade da obra – milhares de páginas – mas somente uma antologia que trata do Olimpismo e a educação desportiva, poderia prejudicar a dimensão de Pierre Coubertin. No entanto, num de seus testamentos intitulado “A sinfonia inacabada”, ele escreveu: “Mas o Olimpismo não representa senão uma parte de minha empresa, mais ou menos a metade.”

Georges Rioux, professor da Sorbonne, apresenta uma solução elegante evocando as facetas pedagógicas da obra de Coubertin. Constitui para ele uma “Revelação”, título que deu ao primeiro dos três volumes editados sob o título geral de “*Textes choisis de Pierre de Coubertin*”. Nele se baseia a primeira parte da presente edição em português, “Revelação”.

Evidentemente, a difusão mundial da obra de Coubertin precisava de uma edição em língua inglesa. Com dote para as línguas, Pierre de Coubertin possuía um bom conhecimento dessa língua, da pedagogia e da dimensão desportiva do mundo anglo-saxão.

Depois de vários anos de trabalho sob a direção de Norbert Müller com a colaboração do COI apareceu uma edição adaptada e atualizada que foi apresentada em Sidney por ocasião dos Jogos da XXVIIª Olimpíada. Objetivo realizado.

E o que dizer do importante mundo de fala espanhola. É evidente a conveniência de dispor de uma edição nessa língua. São frequentes as referências de Pierre de Coubertin em espanhol, como por exemplo, “*Qué es el Olimpismo*”, título de um panfleto publicado em 1917 e dedicado por seu autor “à intrépida juventude da América Latina”. Entre seus trabalhos históricos encontra-se o estudo “*A travers l’histoire Sud-Américaine*”.

O professor Norbert Müller solicitou a colaboração de dois especialistas brasileiros para traduzir e dirigir a edição em língua portuguesa. O professor associado Luiz Carlos Bombassaro, que atua na área de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e o

1 Geoffroy de Navacelle de Coubertin faleceu no dia 5 de maio de 2015 aos 97 anos e há poucos meses do lançamento desta edição em língua portuguesa do livro “Pierre de Coubertin (1863-1937) – Olimpismo – Seleção de textos”. Ele foi Presidente do Comitê Internacional Pierre de Coubertin de 1978 a 1992 e Presidente Honorário até sua morte. Prestamos nossa homenagem a um grande homem do Movimento Coubertiniano e Olímpico.



O castelo de Mirville, tal como se encontra hoje, situa-se próximo à ferrovia Paris-Le Havre, que permitia a Coubertin chegar com facilidade à

Normandia e, depois, navegar à Inglaterra e aos Estados Unidos. O lago era seu lugar predileto para remar. (Coleção Navacelle)

professor titular da Faculdade de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Nelson Schneider Todt. Ambos trabalharam na adaptação para o português de cerca de 300 textos franceses.

Essa edição foi possível graças ao apoio do Presidente do COI, Thomas Bach, a quem deve-se agradecer a contribuição do COI para ampliar o conhecimento do grande humanista Pierre de Coubertin.

Ao iniciar o terceiro milênio, gostaria de saudar esta edição em língua portuguesa dos escritos de Coubertin e desejo, amigo leitor, que sua leitura proporcione interesse e prazer.

Geoffroy de Navacelle de Coubertin

Geoffroy de Navacelle de Coubertin

NOTA DOS EDITORES¹

De acordo com a responsabilidade, estabelecida na Carta Olímpica, de divulgar e difundir o Olimpismo mediante programas de formação Olímpica, é para o Comitê Internacional Pierre de Coubertin um compromisso natural publicar, em colaboração com o COI, a obra de Pierre de Coubertin nos principais idiomas do mundo.

A conveniência de possuir também uma edição de seus textos em português, ao menos aqueles que tratam da temática Olímpica, resultou evidente no mundo de fala lusófona², que em 2015 alcança mais de duzentos e sessenta e sete milhões de pessoas em 9 países, especialmente após a publicação em francês da seleção de textos em três volumes de Coubertin (1986),³ da edição em inglês num volume único (2000),⁴ bem como a edição em espanhol de um volume único com suas obras relativas ao Olimpismo (2011).⁵

Aos leitores e pesquisadores do mundo inteiro interessados nos textos de Coubertin, devido à frequente incapacidade de acesso ao francês, somava-se outro agravante, pois os textos, impressos em sua língua materna francesa, somente se encontram nas bibliotecas de forma esporádica, inclusive na França.

A discussão que foi se desenvolvendo gradativamente nas últimas duas décadas, tanto na opinião pública como no âmbito desportivo, sobre o futuro do movimento Olímpico e a validade dos valores Olímpicos, despertou, como não podia deixar de ser, o interesse por suas origens e sua integração na obra do fundador do COI.

As numerosas publicações de Pierre de Coubertin chegam a aproximadamente dezesseis mil páginas impressas. A bibliografia que se inclui ao final desta edição destaca sua amplitude e diversidade.⁶ Sua obra compreende 34 volumes, 57 folhetos, 1224 artigos e mais de 46 fichários.

Os temas especialmente analisados para a realização deste livro foram “Olimpismo” e “Jogos Olímpicos”, que representam cada um, cerca de 9% da obra total de Coubertin. Fez-se uma relação e uma revisão para eliminar aqueles que repetiam basicamente os mesmos temas, entretanto, não pudemos evitar a repetição de determinadas ideias, o que aumenta seu valor pedagógico. É importante mencionar que vários textos importantes poderiam ter sido classificados em diversas rubricas.

Após longa pesquisa iniciada em 1981, o Comitê Internacional Pierre de Coubertin publi-

1 Norbert Müller é Professor Émerito da Universidade Johannes Gutenberg de Mainz, Presidente do Comitê Internacional Pierre de Coubertin e Membro da Academia Olímpica Internacional.

Nelson Todt é Professor Titular e Coordenador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Presidente do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin.

2 Angola, Brasil, Guiné-Bissau, Portugal, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Cabo Verde, Timor Leste e Macau.

3 COI (Ed.): *Textes choisis de Pierre de Coubertin*. Coordinateur de l'édition et directeur de recherche: Norbert Müller. 3 tomes et un album. Zürich/Hildesheim/New York, Weidmann, 1986.

Tome I: Révélation. Introduction générale, choix et présentation des textes: Georges Rioux.

Tome II: Olympisme. Préface, choix et présentation des textes: Norbert Müller.

Tome III: Pratique sportive. Préface, choix et présentation des textes: Norbert Müller et Otto Schantz.

Album: Pierre Coubertin – as vie par l'image, par Geoffroy de Navacelle.

4 Müller, N. (ed.): *Pierre de Coubertin – Olympism. Selected Writings*. Lausanne, COI, 2000. Esta edição inclui a bibliografia com títulos em inglês dos textos de Coubertin publicada em 1991 por N. Müller e O. Schantz.

5 Müller, N. e Poyán Díaz, D (eds.): *Pierre de Coubertin – Olimpismo. Selección de textos*. Lausana, COI, 2011. Esta edição também inclui a bibliografia com subtítulos em inglês dos textos de Coubertin publicada em 1991 por N. Müller e O. Schantz.

6 É preciso retificar as estimativas anteriores que falam em 60.000 páginas impressas. Numerosos textos publicados várias vezes e às vezes com título diferente, favoreceram a confusão.

cou em 2013, na ocasião do aniversário de 150 anos do nascimento de Pierre de Coubertin, sua obra completa em sua língua materna francês, no formato dvd.⁷

A presente edição é uma versão da seleção de textos publicada em espanhol em 2012 com o título “*Pierre de Coubertin: Olimpismo – Selección de textos*”. Os textos foram selecionados de acordo com os seguintes critérios:

- Originalidade do texto dentro da obra de Coubertin
- Relação com o Olimpismo
- Variabilidade em relação às dimensões do Olimpismo
- Condensação de informações referentes ao aspecto Olímpico em questão
- Os textos sobre “prática desportiva” devem centrar-se em exemplos especiais do esporte Olímpico (devido ao formato reduzido da edição)

A correspondência de Pierre de Coubertin tanto como presidente do COI como privada não foi objeto desta edição, cujo planejamento seria totalmente diverso e cuja dimensão exigiria uma edição especial. Excepcionalmente, foram reproduzidas aqui algumas circulares de Coubertin como presidente do COI.

Há aproximadamente 100 artigos de Pierre de Coubertin que não foram assinados por ele, mas que, após um estudo minucioso, podem ser considerados seus. Trata-se especialmente de revistas e anais publicados por ele como, por exemplo, *La Revue du Pays de Caux*, *La Revue por les Français*, *La Revue Olympique*, *Le Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive* e outras. O estudo tanto do conteúdo quanto do estilo permitiu comprovar que o autor é Pierre de Coubertin, inclusive se ele não após sua assinatura. Algumas vezes, a descoberta da reimpressão de um texto duvidoso permitiu afirmar sua autenticidade.

Numerosos textos foram enriquecidos com fotografias, documentos e ilustrações, para complementar exemplarmente seu valor informativo.

Esta edição, intitulada “Olimpismo”, pretende apresentar em toda sua diversidade e transcendência os textos impressos de Coubertin sobre a temática Olímpica. Em sua “Sinfonia inacabada”, o último texto da presente edição, o próprio Coubertin afirma que o Olimpismo somente consiste em metade de sua obra. De seu legado publicado, tão somente cerca de um terço refere-se a ele. Dos inúmeros trabalhos históricos, de crítica social e políticos de Coubertin, somente encontrou guarida neste livro aquela pequena parte deles relacionada com acontecimentos Olímpicos.

A primeira parte desta edição, que traz por título “Revelação”, pretende esclarecer as bases intelectuais de Coubertin e documentar a dimensão pedagógica de sua atuação, que sempre aparece em primeiro plano. Esta é a face em grande parte desconhecida do jovem Coubertin, e também do mais maduro.

Sob as epígrafes “Por uma nova pedagogia”, “Batalha educativa permanente” e “Na onda dos acontecimentos”, são recolhidos quarenta e sete textos. Embora nesta edição somente seja apresentado um terço dos textos da edição francesa “*Revélacion*”,⁸ estes trabalhos ilustram de modo exemplar as bases filosófico-antropológicas do Olimpismo coubertiano.

A segunda parte desta edição, sob o título “Dimensões Olímpicas”, apresenta em toda sua extensão o pensamento, as atividades e os sentimentos Olímpicos de Coubertin. Cento e quarenta e nove escritos de Coubertin foram agrupados em três campos temáticos:

7 Müller, N. e Schantz, O. (eds). *Oeuvres Complètes*. Pierre de Coubertin (1863-1937). Comité International Pierre de Coubertin. Lausanne, 2013.

8 COI (Ed.): *Edition de textes choisis de Pierre de Coubertin*. Diretor da edição: Norbert Müller. Tome I: *Revélacion*.

- Perspectivas históricas sobre o Olimpismo
- A dimensão filosófica e educativa do Olimpismo
- O movimento Olímpico

A história do COI⁹ ou das edições dos Jogos Olímpicos somente pôde ser transmitida em parte nesta edição, embora muitos dos textos aqui apresentados tratem de acontecimentos Olímpicos. Cabe perguntar até que ponto estes textos refletem o ponto de vista pessoal de Coubertin sobre os diversos acontecimentos, porque isto é o que precisamente lhes confere tanto interesse.

O único texto de Coubertin em língua espanhola, “*Qué es el Olimpismo?*”, de 1917, também se encontra no final deste livro.

Para facilitar o acesso aos leitores, todos os capítulos e quase todos os textos são precedidos de comentários de Norbert Müller. As introduções e os comentários devem mostrar em cada caso a relação com o respectivo capítulo, oferecer referências cruzadas com outros textos e capítulos, estabelecer relações e cobrir lacunas cronológicas. Não devem ser entendidos, no entanto, como um “aparato crítico”.

A edição oferece orientação e auxílio para diferentes grupos de trabalho. Foram considerados os seguintes grupos destinatários:

- O mundo acadêmico em sua totalidade (História, Filosofia, Pedagogia/Educação, Sociologia, Psicologia, Estudos Comparados e, em especial, as diferentes disciplinas das Ciências do Esporte)
- Membros da Academia Olímpica Internacional
- Academias Olímpicas Nacionais
- Comitês Nacionais Pierre de Coubertin
- Instituições de Educação Médio (professores, alunos, bibliotecas)
- Jornalistas de todas as mídias (jornais, rádios, TV)
- Interessados em Coubertin e no Olimpismo
- Bibliotecas públicas e privadas (em especial, bibliotecas universitárias)
- O Comitê Olímpico Internacional
- Federações desportivas nacionais e internacionais
- Comitês Olímpicos nacionais
- Comitês organizadores e candidatos de Jogos Olímpicos

Para uma orientação rápida e um ótimo uso da edição, foram elaborados os seguintes índices, que ajudam a compreender o amplo campo dos textos Olímpicos de Coubertin:

- Pessoas
- Palavras chave
- Cidades, países e continentes

Nos últimos quarenta anos produziu-se em todo o mundo um intenso debate científico sobre a pessoa e a obra de Coubertin, do qual tomou parte o Comitê Internacional Pierre de Coubertin (CIPC). Os simpósios sobre Coubertin em Lausanne em 1986 e 2014, em Le Havre em 1997 e tantos outros realizados por Comitê Nacionais Pierre de Coubertin foram

9 Ver Gafner, R. (Dir.): *The IOC. One Hundred Years. The Idea – The Presidents – The Achievements*. Lausanne, COI, 1994-1996. 3 vol.

marcos importantes.¹⁰ As sessões da Academia Olímpica Internacional (AOI) em Olímpia, Grécia, ocupam-se regular e intensamente do legado intelectual de Coubertin.¹¹

Neste momento deve ser mencionada a colaboração do Arquivo Carl e Liselott Diem da Universidade do Esporte de Colônia e a do professor Otto Schantz, da Universidade de Koblenz na coleta e sistematização de texto, e elaboração da bibliografia.

Queremos também agradecer ao tradutor brasileiro da edição em língua portuguesa, professor de filosofia Luís Carlos Bombassaro.

Também destacamos o apoio inestimável da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e seu reitor, Ir. Prof. Joaquim Clotet.

Nossos agradecimentos também ao Comitê Olímpico Internacional e ao Presidente Thomas Bach para a consecução de mais este projeto.

O Comitê Internacional Pierre de Coubertin e o Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin esperam que com a realização dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, esta edição em português represente um importante legado educacional para o Brasil.

Lausanne, Junho de 2015.

Norbert Müller

Nelson Schneider Todt

10 Ver Müller, N. (Dir.): *L'actualité de Pierre de Coubertin. The relevance of Pierre de Coubertin today. Report of the Symposium 18th to 20th March 1986 at University of Lausanne*. Editado pelo Comitê Internacional Pierre de Coubertin. Niedernhausen: Schors, 1987. Ver Müller, N. (Dir.): *Coubertin et l'Olympisme. Questions pour l'avenir. Coubertin and Olympism. Questions for the Future. Report of the Congress 17th to 20th September at the University of Le Havre*. Editado pelo Comitê Internacional Pierre de Coubertin. Niedernhausen; Estrasburgo; Sydney, 1998. Ver também MacAloon, J.J.: *This Great Symbol. Pierre de Coubertin and the Origins of the Modern Olympic Games*. Chicago; Londres: Chicago University Press, 1981. Ver Boulongne, Y.P.: *Pierre de Coubertin, humanisme et pédagogie: dix leçons sur l'Olympisme*. Lausanne: COI, 1999.

11 Ver Müller, N.: *The International Olympic Academy/IOA Through its Lectures 1961-1998*. Lausanne: COI, 1998.

O OLIMPISMO DE COUBERTIN

por Norbert Müller

O reconhecimento internacional de Pierre de Coubertin baseia-se na experiência bem sucedida de ter renovado os antigos Jogos Olímpicos em sua versão moderna e tê-los convertido num acontecimento secular.

No entanto, esta valorização excessivamente superficial da pessoa de Pierre de Coubertin foi sendo formada com o passar do tempo. Assim por exemplo, um livro alemão especializado que apareceu em 1908 nos apresenta Coubertin como “notável reformador pedagogo francês”, sem mencionar sua ideia da renovação dos Jogos Olímpicos. Quando se busca o nome de Coubertin em enciclopédias representativas de diferentes países somente encontramos mencionadas, quando o chegam a ser, suas produções pedagógicas até os trinta anos.

A primeira parte “Revelação” nos oferece um testemunho multifacetado dos objetivos ideológicos e da pedagogia desportiva de Coubertin. Georges Rioux, que havia escrito a introdução do primeiro volume da edição francesa, incluiu o Olimpismo na concepção geral filosófico-pedagógica de Coubertin e estabeleceu o marco histórico intelectual.¹ Partindo desta realidade, a segunda parte “Dimensões Olímpicas” adquire uma importância especial nesta edição.

É preciso mencionar aqui outra ideia: o processo de reconhecimento dos Jogos Olímpicos como o evento desportivo mais importante em nível mundial a cada quatro anos está vinculado à expansão internacional do esporte no século XX, que teve seu ponto partida na Inglaterra em meados do século XIX. Este paralelismo é uma das razões decisivas da posição singular dos Jogos Olímpicos e de sua importância até nossos dias. Desse modo, os textos aqui apresentados são, ao mesmo tempo, um reflexo do desenvolvimento do esporte internacional no decurso do século XX.

Partindo das tentativas de reforma da pedagogia de Coubertin e incluindo as iniciativas práticas a ela relacionadas, esta parte pretende refletir suas ideias Olímpicas em suas mais diversas formas de expressão. Para tanto é preciso lançar luz sobre três níveis diferentes:

1. O histórico
2. O filosófico-pedagógico
3. O organizativo-estrutural

Os escritos de Coubertin referentes a isso, que com frequência somente podem distinguir-se das afirmações da pedagogia desportiva da primeira parte graças a suas referências Olímpicas, atingem cerca de trinta por cento de todas as publicações de Coubertin. Na segunda parte se resumem 149 trabalhos com diferentes formas e extensão. Estes representam cerca de trinta por cento dos escritos de Coubertin que se referem a Olímpia, e abarcam artigos de jornais e de revistas, contribuições a antologias e excertos de livros. Entre eles há muitos discursos, que também foram publicados posteriormente.²

Juntamente com os textos impressos, também foram reunidos neste volume importantes circulares da etapa de Coubertin como presidente do COI, pois nelas são abordadas

1 Rioux, G.: *Propos liminaires, Introduction générale, choix et présentation des textes*, in: Pierre de Coubertin. Textes choisis. Tome I: Revelation, Zürich; Hildesheim; New York, 1986, p. 1-34.

2 Coubertin financiava e distribuía quase sempre com seus próprios meios.

questões centrais do movimento Olímpico que indicam referências importantes aos demais escritos. Apesar de seu caráter oficial, estas “Circulares” podem ser comparadas com outras publicações de Coubertin no que diz respeito ao seu estilo e conteúdo e foram incluídas aqui apesar do seu reduzido âmbito de destinatários.

Setenta contribuições correspondem ao total das que tratam do aspecto histórico, quarenta e nove do aspecto filosófico-pedagógico, vinte e uma ao organizativo-estrutural, três tratam de Lausanne como cidade Olímpica e seis são retrospectivas gerais.

A segunda parte apresenta, desde uma perspectiva atual, uma tendência marcadamente histórica. Mas é preciso ter em conta que Coubertin, como presidente do COI, teve que frequentemente manifestar o que pensava com relação às questões do movimento Olímpico. Após um estudo minucioso reaparece em muitos casos o enfoque histórico para questões que hoje voltam a ser atuais dentro do movimento Olímpico. Poderia-se ter evitado alguma lacuna em seu desenvolvimento caso se tivesse prestado mais atenção às experiências da história.

A maior parte das descrições de acontecimentos Olímpicos são uma combinação de narrativa histórica contemporânea, propostas de aperfeiçoamento do trabalho Olímpico, críticas de inovações desafortunadas e chamamentos para uma maior colaboração. Estas manifestações são apresentadas na maioria das vezes em reflexões sistemáticas de pedagogia desportiva. Trata-se especialmente de conferências, que um Coubertin dotado para a retórica aproveitava para convencer e persuadir aos ouvintes sobre seus objetivos Olímpicos. As contribuições do quarto capítulo “Perspectivas históricas do Olimpismo”, organizadas quase sempre de forma cronológica, refletem a luta de Coubertin no decurso de muitas décadas em favor de sua ideia. Não é por acaso que seus relatos autobiográficos do período entre 1887 e 1908 trazem por título *Une campagne de vingt-et-un-ans* (Uma campanha de vinte e um anos)...³

Dado que o presente volume, como toda edição, está estruturado com base nos pontos essenciais do conteúdo, nesta introdução pretende-se apresentar Coubertin e sua produção Olímpica em seu desenvolvimento histórico com o objetivo de conseguir assim uma melhor visão global. Por isso nem sempre se pode separar as perspectivas históricas e ideológicas. Os escritos de Coubertin que se referem a Olímpia tem, em geral, um predomínio claro no período que antecede a Primeira Guerra Mundial. O motivo para isso foi a dedicação necessária até ao último detalhe que Coubertin deu ao movimento Olímpico durante sua fase constitutiva. Como redator e editor responsável pela revista do COI, *Revue Olympique*, Coubertin serviu-se especialmente deste órgão para deixar claras suas intenções Olímpicas.⁴ Ao fazer isso assegurava também o aparecimento deste órgão importante de seu movimento, fica demonstrado pela sua predisposição incansável ao trabalho no caminho certo, mas também pelo seu talento como escritor.

Nos tempos da Primeira Guerra Mundial e posteriores tem origem o tratamento de questões pontuais sobre organização em favor de questões básicas de pedagogia desportiva e Olimpismo. A elas também pertencem suas declarações de princípios sobre o Olimpismo,

3 Coubertin, P: *Une campagne de vingt-et-un-ans*, Paris: Librairie de l'Education physique, 1909.

4 Somente um pequeno número de artigos estão assinados com seu nome. É preciso considerar que todos os artigos anônimos são de Coubertin. Em alguns pode-se demonstrar sua autenticidade graças a edições posteriores com a indicação de seu nome, em outros casos foram o estilo e o conhecimento da matéria que falaram a favor da autoria de Coubertin. Um indício foi encontrado na *Circular* de janeiro de 1919, na qual fala dos “artigos sempre anônimos”, dos quais um grande número de jornalistas havia extraído informação e inspiração. Desse modo, Coubertin sublinha indiretamente seu esforço para a propagação por escrito de suas ideias, do que se pode derivar uma confirmação de sua autoria.

que estão resumidas no ponto 5.1, “O Olimpismo como atitude espiritual”, que se aprofundará nesta introdução. É preciso acrescentar novas compilações de textos sobre os fundamentos do Olimpismo, sobre a questão do amadorismo e sobre o papel das belas artes dentro do Olimpismo. Desta forma, foram extraídos três campos decisivos para a compreensão da ideia Olímpica de Coubertin. O amador Olímpico sempre foi de importância capital para o sistema do movimento Olímpico. Entretanto, o ideal do amador teve uma importância secundária dentro da formulação de valores Olímpicos feita por Coubertin. Ao contrário, o ideal de harmonia, que devia levar a eurritmia tanto os desportistas como aos espectadores por meio da inter-relação do esporte e da arte, foi insubstituível para Coubertin.

No sexto capítulo “O movimento Olímpico”, são resumidos os numerosos temas que descrevem a evolução organizativa e estrutural do Olimpismo. Começa com afirmações acerca da estrutura do COI e do crescimento organizacional do movimento Olímpico. Este último refere-se tanto à forma da organização como a extensão geográfica. A apresentação eminentemente cronológica descreve a história Olímpica com base nesses elementos organizacionais e pode servir também de complemento para o capítulo 4.2.

O capítulo 6.3 explica primeiro, por meio de sete textos, o valor que Coubertin atribui à situação das disciplinas desportivas em seu conjunto. Para esta seleção foi utilizado um critério especialmente estrito, pois há uma grande quantidade de textos de Coubertin sobre as diferentes especialidades, que, entretanto, são reunidas num volume especial dedicado a elas.

Completam o volume alguns textos relacionados com atividades Olímpicas da cidade de Lausanne.

Mesmo com a considerável envergadura de seu legado, de umas 16.000 páginas impressas, Coubertin não tomou posição sobre todas as questões que hoje nos parecem importantes. Algumas questões atualmente cruciais não eram relevantes nos tempos de Coubertin. A situação política mundial após a Segunda Guerra Mundial trouxe consigo problemas novos, de outra índole, que Coubertin, falecido em 1937, somente pode intuir. Alguns temas, como a inclusão da arte nos Jogos Olímpicos, aparecem com frequência nos escritos de Coubertin. Era sua obrigação pedagógica remeter uma vez e outra aos princípios com a esperança de que fossem reconhecidos e cumpridos.

A VISÃO OLÍMPICA DE COUBERTIN

As explicações apresentadas a seguir procuram reproduzir as etapas Olímpicas na vida de Pierre de Coubertin. Suas numerosas atividades de organização, suas inúmeras tentativas para a compreensão e a extensão do Olimpismo, seus incontáveis anúncios, planos e exposições por escrito dão testemunho de um lutador cheio de ideais e pedagogo cheio de entusiasmo.

Este volume abre um espaço amplo para as perspectivas históricas do Olimpismo porque refletem a essência do pensamento e da escritura coubertiniana. Isso não contradiz as dimensões filosófico-pedagógicas da ideia Olímpica de Coubertin recolhidas no capítulo 5 deste volume, mas são sua condição.

Para Coubertin a história é “a primeira de todas as ciências em importância e eficácia educativa”.⁵ A história permite-lhe situar sua ideia no contexto histórico e levá-la ao êxito.

5 Coubertin, P. de: *Histoire Universelle*, vol. I, Avant-propos, Aix-Provence, p. XIV.

O filohelenismo de Coubertin é um produto da compreensão histórica e do entusiasmo juvenil. Coubertin descreve em certa ocasião o “respeito a toda pátria” como primeiro mandamento de seus juízos de valor, mas continua afirmando que para respeitar os países também é preciso conhecê-los, e para conhecê-los é preciso estudar sua história.⁶

Não se trata aqui de avaliar em justa medida a historicidade de Coubertin e a quantidade de seus trabalhos históricos.⁷

Os textos que vem a seguir mostram quanto era levada a sério a compreensão da Grécia antiga e moderna. Para Coubertin, “nada poderia ser compreendido ou explicado sem a História”.⁸

Segundo suas próprias declarações, a ideia dos Jogos Olímpicos o havia conquistado de maneira especial, graças ao seu professor das disciplinas clássicas no colégio dos jesuítas de Paris, padre Caron. Não se pode comprovar em detalhes quando Coubertin associou a ideia da restauração dos Jogos Olímpicos com a internacionalização do esporte. Em seu discurso de agradecimento na tarde do congresso fundacional de 1894, ele fala de “uma esperança alimentada durante dez anos de sua”.⁹

Mas as tentativas de reforma de Coubertin, que em 1883 acabara de completar vinte anos, orientaram-se inicialmente para a sua pátria. No momento, porém, em que ele buscou a internacionalização e a influência externa para a necessária popularização do esporte na França, passou a ser essencial para ele o ressurgimento de Olímpia, com sua importância política, atlética e religiosa derivada da história.

Um impulso decisivo devem ter oferecido as escavações realizadas entre 1875 e 1881 na antiga Olímpia, às quais ele se refere com entusiasmo em suas reflexões sobre o helenismo e sobre as quais trata em sua retrospectiva autobiográfica *Une campagne de vingt-et-un-ans*: “A Alemanha havia exumado o que restava de Olímpia. Por que a França não conseguiria reconstituir seu esplendor?”¹⁰

A descoberta arqueológica de Olímpia, que foi acompanhada por outras escavações espetaculares na Grécia e na Ásia menor, parece que motivou fortemente o universo das ideias do jovem Coubertin. O que se sabia sobre Olímpia e os Jogos Olímpicos da antiguidade por volta de 1890?

Desde o ocaso dos Jogos Olímpicos da Antiguidade em 393 d.C. não foram perdidos por completo nem o lugar nem a relevância da festa.¹¹

Desde a Idade Média, Olímpia e os Jogos Olímpicos eram mencionados de vez em quando em numerosos escritos. Conhecia-se planos para desenterrar a Olímpia antiga desde o ano 1723 por parte do dominicano francês Bernard de Montfaucon. Em 1776, o inglês Richard Chandler encontrou restos de um grande templo dórico em Olímpia, que mais tarde foi identificado como sendo o famoso templo de Zeus. No entanto, durante esse tempo ainda não haviam sido realizadas escavações sistemáticas, sobretudo por motivos técnicos e financeiros.

A guerra de independência dos gregos contra a dominação durante trezentos anos por parte dos turcos, que começou no dia de Páscoa de 1821 e que foi decidida após a des-

6 Cfe. Coubertin, P de: “Erinnerungen I”, in: *Europäische Revue* 12, Stuttgart, 1936, p. 708.

7 Remetemos a duas publicações referentes ao historicismo de Coubertin: Bouloungne, Y.P: *Pierre de Coubertin et l'Histoire*. Stadion VI, St. Augustin; Bonn, 1983, p. 113-127; e Wirkus, B.: ‘Der pragmatische Historismus Pierre de Coubertins’, in: Hecker, Gerhard (ed.): *Der Mensch im Sport*. Schorndorf, 1976, p. 32-45.

8 Cfe. Coubertin, P de: *Notre France*, Postface, Édition du Centenaire, Lausanne, 1930, p. 206.

9 *Les Fêtes du Congrès. Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques* (1), Paris, 1894, p. 3.

10 Coubertin, P de: *Une campagne de vingt-et-un-ans*, Paris: Librairie de l'Éducation physique, 1909, p. 89.

11 Sobre isso, comparar a interessante documentação de Lennartz, K.: *Vorstellungen von Olympia und den Olympischen Spielen in der Zeit von 393-1896*. Schorndorf, 1974.

truição da frota turca por parte das grandes potências europeias na batalha de Ambarino em 1827, frustrou no início do século XIX as escavações alemãs previstas. Seguindo as tropas francesas de pacificação, em 1829 apareceram arqueólogos na costa oeste do Peloponeso, que realizaram as primeiras escavações em Olímpia. As peças encontradas foram transportadas para o Louvre em Paris.

Seria necessário um quarto de século até que, em janeiro de 1852, o arqueólogo alemão Ernst Curtius, em sua famosa conferência sobre Olímpia em Berlim, desse um impulso decisivo para a nova escavação.¹²

Mesmo assim, passaram-se outros vinte anos até que se chegou a um acordo entre Grécia e Alemanha que regularia a escavação sistemática de Olímpia por parte de arqueólogos alemães entre 1875-1881. Na Alemanha houve entusiasmo por essas escavações, já que o filohelenismo havia produzido uma profunda união entre o espírito alemão e o helênico no classicismo da arquitetura, na literatura clássica, na música e no neo-humanismo. No entanto, o filohelenismo havia cativado a toda Europa e havia provocado reações similares às da Alemanha na França e na Inglaterra. Na França existia desde o século XVIII um estilo orientado pela Antiguidade, que se manifestou durante as últimas décadas do *Antigo Regime* no denominado estilo Luís XVI. O classicismo da época revolucionária e da era napoleônica reforçaram essas tendências no decurso do século XIX. Os sentimentos filohelenistas de Coubertin são a prova, quase um século mais tarde, da medida em que se haviam assentado essas ideias nos círculos intelectuais.¹³

Coubertin estava consciente do prestígio que gozava a história grega, e por decorrência também a antiga Olímpia, em numerosos setores da população graças ao ideal clássico na educação do século XIX. Ele observou o reconhecimento do qual desfrutavam dentro do mundo científico os jogos pan-helênicos de Olímpia e Delfos com base nas escavações dos arqueólogos alemães e franceses. O enfoque de seu movimento nos objetivos das festas antigas da cultura garantiu-lhe prestígio precisamente nos ambientes que ainda se mantinham afastados do esporte. A aproximação à Antiguidade uniu especialmente as nações europeias e despertou o interesse do Novo Mundo. Ao evocar as raízes comuns da cultura ocidental dissipava praticamente qualquer suspeita de que um francês estivesse perseguindo objetivos nacionalistas a custo dos outros na época das suspeitas nacionalistas da passagem do século.

Num artigo de 1896, Coubertin explica que o conceito “Jogos Olímpicos” nunca havia caído em desuso. Referia-se às competições locais que o Diretório havia organizado no campo de Marte de Paris após a Revolução Francesa, ou como foram comemoradas em algumas cidades gregas sob a denominação antiga.¹⁴

Essas suas ideias podem ter sido reforçadas também durante sua viagem aos Estados Unidos da América em 1889 pelo seu encontro com o professor de História, William Sloane, na Universidade de Princeton.¹⁵

Influência mais direta sobre a proposta de renovação dos Jogos Olímpicos de Coubertin tiveram, porém, os “Jogos Olímpicos” locais de Much Wenlock, uma pequena cidade do

12 Curtius, E.: *Olympia. Ein Vortrag im wissenschaftlichen Verein zu Berlin*. Berlin, 1852.

13 Comparar aqui as explicações de Malter, E.: *Der Olympismus Pierre de Coubertins. Beiträge zu Olympischen Gedanken*. Heft 1, Carl-Diem-Institut, Köln, 1960, p. 9-10.

14 Coubertin, P. de: “The Modern Olympic Games”, in: *The Olympic Games in 1896*, Informe oficial, 2ª parte, Atenas; Londres: Ch. Beck; H. Grevel, 1897, p. 4. Ver também o texto 4.2.1/8 neste volume.

15 Sobre sua visita, ver Coubertin: *Les Universités transatlantiques*, Paris, 1890, p. 17; além disso, Coubertin: *Silhouettes disparues*. William M. Sloane. In: *Gazette de Lausanne*, 20 de dezembro de 1928, p. 1.

norte da Inglaterra. Coubertin mantinha relação por carta com o médico e professor Dr. William Penny Brookes, que iniciou esses jogos em 1852 e era presidente da *Olympian-Society* dessa cidade. O próprio Coubertin tinha viajado até aí em outubro de 1890 e informa sobre esses jogos num artigo exaustivo que se inclui neste volume.¹⁶

O doutor Brookes falou a Coubertin sobre as competições esportivas em Atenas que levaram o nome de “Jogos Olímpicos” nos anos de 1859, 1870, 1875 e 1877, para as quais havia doado uma taça de prata.¹⁷

Outro inglês, John Astley Cooper, propôs em 1891 na revista *Greater Britain* uma “Olimpíada anglo-saxã” regular nos diferentes campos da ciência, técnica, arte e esporte, que certamente também poderia ter estimulado a ideia de Coubertin.¹⁸

O momento era propício, já que o internacionalismo social e a cultura do final do século XIX tornava necessária a internacionalização do esporte. Impulsos decisivos vieram dos inventos e aperfeiçoamento nas áreas dos transportes e da informação. A imprensa havia descoberto o esporte como tema de repercussão entre o público. As exposições universais estimulavam a comparação do progresso internacional.

Desse modo, em novembro de 1892, Coubertin pode se atrever a pronunciar pela primeira vez em público a ideia da renovação dos Jogos Olímpicos ao final de uma conferência numa aula da Universidade de Sorbonne: “Permitamo-nos exportar remadores, corredores, esgrimistas; este é o livre comércio do futuro, e o dia em que for introduzido nas muralhas da velha Europa a causa da paz terá recebido um impulso novo e poderoso. Isto é suficiente para animar a este vosso servidor para que sonhe agora com a segunda parte do programa... a restauração dos Jogos Olímpicos.”¹⁹

É lógico que quando Coubertin expressou pela primeira vez estas ideias, ele buscava, além de uma delimitação ideológica, uma delimitação pragmática dos objetivos. Desse modo, devia-se devolver a velha harmonia à ideia de corpo e mente do sistema educativo ocidental, diferenciada desde a Antiguidade. Para tal, apoiava-se na História. A Antiguidade deveria ser um indicador do caminho, mas somente na medida em que as exigências do presente deixassem espaço para isso.

A CAMPANHA OLÍMPICA DE COUBERTIN (1894-1914)

Embora a primeira proposta para a implantação dos Jogos Olímpicos tenha esbarrado na incompreensão dos ouvintes, Coubertin não abandonou a ideia. Mas a opinião pública deveria estar melhor preparada antes de uma nova tentativa. A oportunidade apareceu num congresso internacional que havia sido programado pela “*Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques*” (U.S.F.S.A.), fundada por Coubertin em 1887 para conseguir unificar as medidas amadorísticas nas associações internacionais e nacionais, por meio das quais se deveria facilitar as relações desportivas internacionais.

O programa desse congresso foi elaborado por Coubertin como secretário geral da U.S.F.S.A., de modo que as questões desportivas ficaram em primeiro plano e a pergunta de

16 Ver artigo 4.2.1/1. Outro artigo sobre o Dr. Brookes não pode ser incluído neste volume: cfe. *A typical Englishman: Dr. W.P. Brookes of Wenlock in Shropshire*. In: *America Review of Reviews*, janeiro de 1897, p. 62-65.

17 Coubertin, P. de: *Un campagne de vingt-et-un ans, (1887-1908)*, Paris, Librairie de l'Education physique, Paris, 1909, p. 53.

18 Ver Cooper, J.A.: “Many lands-one people”, in: *Greater Britain*, 1891, p. 458-462.

19 Ver o final do artigo 4.2.1/2 deste volume.

maior importância para ele, o restabelecimento dos Jogos Olímpicos, em segundo plano. Ele somente revelou os verdadeiros objetivos ao definir o programa e deu ao congresso um novo nome: “Congrès International de Paris pour le rétablissement des Jeux Olympiques”.

Durante as reuniões preparatórias no final de 1893 em Nova Iorque e no início de 1894 em Londres, Coubertin já havia iniciado uma campanha entre os dirigentes desportivos. Em 1894 ainda havia muitos céticos em relação aos seus planos, mas mesmo assim 78 delegados de 37 federações desportivas de nove países votaram pela implantação dos Jogos Olímpicos, aprovaram as regras para sua celebração e confirmaram a lista de membros do Comitê Internacional de Jogos Olímpicos apresentada por Coubertin.²⁰

A Grécia não queria perder a oportunidade de ser a organizadora dos novos Jogos Olímpicos. Por isso, os delegados decidiram realizar os Jogos Olímpicos em 1896 em Atenas e em Paris no ano de 1900, coincidindo com a Exposição Universal. O delegado grego Dimitrios Bikelas, um filólogo clássico que residia em Paris, assumiu regimentalmente o cargo de diretor do recém eleito comitê internacional representando o país anfitrião, enquanto Coubertin, como secretário geral, levava adiante seus planos com tenacidade e profusão de ideias. Isto também era necessário, já que na Grécia, por motivos econômicos, havia uma forte oposição contra o projeto.

Mesmo assim, a iniciativa deu certo e os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna de 1896 em Atenas tiveram um grande êxito, o que levou inclusive a Grécia a exigir a realização permanente dos Jogos Olímpicos em seu território, já que os via como sua propriedade histórica.

Tão logo a Grécia se deu conta do trabalho de Coubertin, o orgulho grego não aceitava que um francês fosse o autor deste grandioso acontecimento. Na realidade, a Grécia tornara a encontrar a si mesma nos Jogos Olímpicos desde sua independência em 1829 e pode assim apresentar-se ante os olhos do mundo. Mas para Coubertin não se poderia renunciar ao princípio básico da mudança de lugar para a celebração dos Jogos, ratificada pelos membros do COI reunidos em Atenas. Vários textos do presente volume reproduzem essa disputa.

Dessa forma, havia-se alcançado a primeira etapa do renascimento dos Jogos Olímpicos. Os Jogos Olímpicos seguintes deveriam acontecer em 1900 em Paris. Para Coubertin e para os membros do COI colocava-se agora a questão de como comportar-se enquanto isso. Deveria o trabalho ser interrompido, e talvez dissolver-se o Comitê? Diante disso, surgiu o desejo de convocar um congresso Olímpico, que se reuniu em 1897 em Le Havre. Em suas memórias, Coubertin o justifica assim: “Em Atenas, por assim dizer, não tínhamos feito mais que técnica camuflada de história; nem congresso, nem conferências, nenhuma preocupação moral ou pedagógica aparente. Apontar para esses objetivos imediatamente após terminados os Jogos era recordar o caráter intelectual e filosófico da minha iniciativa e colocar sem rodeios a missão do COI muito acima de suas meras agremiações desportivas.”²¹

Coubertin soube como deixar de fora das deliberações problemas técnicos desportivos e de organização esportiva para concentrar-se exclusivamente em questões de pedagogia desportiva.

A conferência principal sobre as “propriedades constitutivas do caráter do esporte” foi proferida por seu amigo pessoal, o dominicano Henri Didon, com quem manteve uma estreita relação e que talvez tenha para ele se constituído numa referência durante os anos noventa do século XIX. O congresso de Le Havre pretendia também chamar a atenção da

20 A lista dos membros está reproduzida no artigo “O trabalho do Comitê Olímpico Internacional” no capítulo 6.5.1 do presente volume.

21 Coubertin, P. de: *Memórias Olímpicas*, Lausanne, COI, 1997, p. 51-52.

opinião pública francesa sobre o trabalho do Comitê Olímpico com vistas aos II Jogos Olímpicos de 1900 em Paris.

Coubertin e seus amigos começaram demasiado tarde a preparação destes Jogos. Até 1898 não havia sido criado o comitê organizador, que apesar de trabalhar com rapidez e de ter enviado um programa ao mundo inteiro, não havia contado com a oposição da direção da Exposição Universal. Na Exposição Universal de 1900 em Paris não deveriam ser mostrados somente aparelhos de técnica esportiva, mas também havia-se pensando num programa desportivo paralelo. Este deveria acontecer durante todo o ano em praticamente todas as modalidades desportivas, aberto tanto a profissionais como a amadores. Coubertin havia se equivocado em sua apreciação, uma vez que sua própria organização, a U.S.F.S.A., preferia apoiar o programa desportivo organizado pelo Estado na Exposição Universal antes que apoiar seus Jogos Olímpicos. Diante disso, retirou-se ofendido do trabalho da União. Coubertin somente se deu conta em 1899 da falta de perspectivas para sua própria empresa e chegou a um acordo com a direção da Exposição Universal para convocar algumas competições como “competições Olímpicas” dentro de seu programa desportivo. A partir de então, Coubertin e seus colegas do COI fizeram campanha em favor da participação nessas competições. Ele se deu por satisfeito com um cargo de responsabilidade na direção das competições de atletismo. Somente aborda por escrito o desempenho pouco satisfatório de 1900 nos escritos autobiográficos, a campanha desportiva e as *Memórias Olímpicas*.

É surpreendente que o movimento Olímpico tenha saído ileso desta prova de resistência.²²

Finalmente, os III Jogos Olímpicos também foram realizados, após uma disputa entre Chicago e St. Louis, dentro do programa da Exposição Universal de 1904, em St. Louis. Embora também em St. Louis seja complicado distinguir entre o programa desportivo oficial e os próprios Jogos Olímpicos, uma análise sistemática recente das fontes²³ nos permite concluir que estes Jogos ficaram perdidos em grau muito menor do que afirma a maioria dos historiadores Olímpicos no rebuliço da Exposição Universal. A participação europeia foi fraca, mas as diretrizes do COI foram respeitadas: pela primeira vez utilizou-se o sistema métrico em solo norte-americano. O próprio Coubertin não viajou até St. Louis, mas fez-se representar pelos colegas do COI Kémény e Gebhardt. Naqueles anos, ele havia centrado sua atenção em projetos escritos e de organização em favor de um movimento desportivo popular na França.²⁴

O COI reuniu-se no ano de 1904 em Londres, o que fez com que se instaurasse a rodada de sessões anuais. Concedeu os Jogos de 1908 à cidade de Roma, o que representava para Coubertin uma especial ampliação cultural. Os Jogos Olímpicos já se haviam convertido em assunto das federações desportivas do respectivo país organizador; na medida em que não existissem regras internacionais, recorria-se às regras nacionais. Coubertin, como “COI personificado”, somente influenciava em sua organização externa. Havia federações internacionais somente em poucas disciplinas desportivas, de modo que por esta parte não se devia esperar por conflitos de interesses.

O congresso de educação física, que havia sido convocado em 1901 pelo COI para Bruxelas, não chegou a ser realizado até 1905, e não deliberou sobre a unificação do pro-

22 Foram de interesse para as ciências do esporte as investigações fisiológicas realizadas nas provas de atletismo e um congresso especializado em educação física no programa da Exposição Universal, do qual também tomou parte Coubertin. Informa sobre isso em *L'Indépendent Belge* de 22 de janeiro de 1900, *Les Jeux Olympiques et le Congrès d'Education physique de 1900*.

23 Sob a responsabilidade do Carl Diem-Institut e por uma estada do autor em St. Louis durante o verão de 1984.

24 Ver Coubertin, P. de: *Textes choisis*, Vol. III, “Pratiques sportives”, Zurich, 1986.

grama Olímpico, como estava previsto originalmente, mas somente sobre as possibilidades de praticar o esporte em diferentes âmbitos da educação e da vida. Desde um ponto de vista atual resulta progressivamente surpreendente que se discutisse sobre o esporte na educação assistencial e nas prisões; mas também houve recomendações sobre medidas supranacionais para o desenvolvimento do automobilismo. Na Itália discutiu-se também sobre a corrida de carros entre Roma e Milão no contexto dos Jogos de 1908, ideias que hoje já ninguém mais associa com o movimento Olímpico.

A participação internacional no congresso de Bruxelas foi surpreendentemente elevada; o COI pode comprovar assim sua reivindicação de ser algo mais que o comissário fiel dos Jogos Olímpicos. O ambiente físico no qual o Congresso foi tão habilmente encenado, com o apoio do rei da Bélgica, causou boa impressão. Coubertin precisava deste êxito, pois os dois Jogos Olímpicos anteriores não haviam tido repercussão na Europa, e em Roma já se tornaram evidentes as dificuldades econômicas para a celebração dos Jogos Olímpicos de 1908.

Com a criação de um diploma Olímpico e sua primeira entrega por ocasião do congresso Olímpico de Bruxelas ao presidente norte-americano Theodore Roosevelt pelo seu ilustrativo exemplo da relação da conservação corporal, mental e de caráter no sentido do ideal de harmonia²⁵, Coubertin reforça a pretensão de seu Comitê, que ultrapassava os Jogos Olímpicos.

Em 1906 foram realizados Jogos Olímpicos intermediários em Atenas. Com isso, os gregos queriam destacar seu direito à celebração regular, ao menos de Jogos intermediários, a cada dois anos após os Jogos Olímpicos. Coubertin não viajou, pois considerava que isso prejudicaria o ritmo quaternal. Talvez tenha sido também a precedente falta de gratidão da Grécia o que o reteve. O COI apoiou estes Jogos intermediários. Para Coubertin a única vantagem desses Jogos foi o novo contato que os esportistas e os visitantes puderam ter com o espírito helênico.

Mas Coubertin tinha um motivo mais forte para não estar em Atenas: em maio de 1906 organizou, sob o encargo do COI, uma “Conferência de assessoria para as artes” em Paris. Nos primeiros anos de seu movimento havia propositalmente deixado esse tema, pois numa empresa de grandes proporções e de longa duração queria ir por etapas.²⁶ Com os congressos de Le Havre e Bruxelas havia-se estabelecido a conexão com a ciência, mas ainda faltava a inclusão da arte. Para Coubertin os Jogos Olímpicos deveriam conter elementos que os levariam a ultrapassar as competições internacionais e que manifestariam seu significado especial numa relação estreita com o modelo antigo. Em 1904, ele escreveu sobre isso no *Le Figaro*: “Chegou a hora de iniciar uma nova etapa e restaurar a Olimpíada em sua primeira beleza. Na época de esplendor de Olímpia – e inclusive depois, quando Nero, que venceu a Grécia, ambicionava reunir nas margens do Alfeu alguns louros sempre invejados – as letras e as artes, harmoniosamente combinadas com o esporte, garantiam a grandeza dos Jogos Olímpicos. No futuro deve acontecer o mesmo.”²⁷

A conferência consultiva examinou a questão, “em que medida e de que forma, as Artes e as Letras poderiam participar na celebração das Olimpíadas modernas.”²⁸ Em 1911, num ensaio sobre o ruskianismo desportivo, Coubertin escreveu: “O esporte, que deve produzir alegria, somente pode isso com uma roupa festiva.” O crítico de arte inglês John Ruskin (1819-1900) havia incitado Coubertin com essa ideia: a teoria de Ruskin, segundo a qual a beleza é a manifestação do espírito do universo, impressionou Coubertin. Os Jogos Olímp-

25 Além do pesquisador polar Fridtjof Nansen e do brasileiro Santos Dumont, um famoso aviador dessa época.

26 Ver Coubertin, P de: “Une Olympie moderne”, in: *Revue Olympique*, janeiro de 1910, p. 10 (texto 4.1/3 neste volume).

27 Ver o artigo 5.3/4 deste volume.

28 Ver o texto 5.3/2 deste volume.

picos como manifestação da juventude que se renova a cada quatro anos, expressão de um novo “culto ao ser humano”, precisariam ser incrementados. Cerimonias como a festa de abertura e de encerramento, a homenagem aos vencedores, os arcos Olímpicos, as bandeiras, mais tarde o juramento e o fogo Olímpico, constituíram o marco festivo. Uma organização tão festiva assegurava aos Jogos um valor duradouro, cujo patrono era o exemplo artístico-festivo dos Jogos antigos.

A partir de então não resta muito caminho até a predileção de Coubertin pela música de Wagner, pela qual viajou diversas vezes por ocasião dos festivais de Bayreuth. O conjunto de sua obra artística não se chamou “O anel dos Nibelungos”, mas sim “Jogos Olímpicos”.

É preciso ter presente que a conferência de Paris decidiu incorporar cinco competições Olímpicas artísticas em arquitetura, escultura, pintura, literatura e música, e deu recomendações sobre o aperfeiçoamento artístico para todos os tipos de eventos desportivos.

Como Roma recusou os Jogos de 1908 e Londres entrou na última hora como substituta, as competições artísticas foram realizadas pela primeira vez em 1912 no Jogos Olímpicos de Estocolmo. Com o pseudônimo Hohrod/Eschenbach (Alemanha/França), Coubertin ganhou a medalha Olímpica de ouro de literatura com uma “Ode ao esporte”. Com modéstia, não trata em nenhum de seus escritos dos detalhes de sua participação e obtenção desse prêmio.

Os campeonatos artísticos foram mantidos no programa até os Jogos Olímpicos de 1948, e desde então continuam presentes na variada formação artística da festa Olímpica.

Outro resultado da conferência consultiva de Paris em 1906 foi o concurso internacional de arquitetura realizado pelo COI em 1910. A proposta era assimilar um modelo de “Olímpia moderna”. A Escola Superior de Arquitetura de Paris assumiu a assessoria consultiva. O primeiro prêmio foi conquistado pelos arquitetos de Lausanne por seu modelo para uma cidade Olímpica às margens do lago Lemán.²⁹ É provável que depois disso a relação de Coubertin com a cidade de Lausanne tenha recebido seu impulso definitivo.

A importância que tinha para Coubertin a incorporação da arte aos Jogos Olímpicos e ao dia a dia desportivo é demonstrada pelo grande número de suas contribuições sobre o tema no capítulo 5.3 deste livro.

Os Jogos de Londres em 1908 trouxeram uma estabilização e os de 1912 em Estocolmo o impulso decisivo para a obra de Coubertin. As federações desportivas nacionais, e com elas os desportistas, aceitaram os Jogos Olímpicos como a expressão mais elevada do esporte em nível mundial. No congresso Olímpico de 1914 em Paris o COI havia favorecido isso ao ceder a responsabilidade técnica dos Jogos Olímpicos à respectiva federação internacional.

Um ano depois, em maio de 1913, Coubertin organizou um congresso Olímpico de pedagogia que analisou as influências fisiológicas e psicológicas do esporte na formação do caráter do homem. Com esse congresso, no qual surgiu o conceito de “Psicologia do Esporte”, Coubertin acentuou outra vez a missão pedagógica multifacetada do COI, em analogia com a complexidade de sua ideia.

29 Os arquitetos Monod e Laverrière ganharam também a medalha de ouro em 1912, sendo seu modelo de estádio parte da “Olímpia moderna”.

DA “IDEIA OLÍMPICA” AO “OLIMPISMO”

O quinto capítulo essencial do presente volume abrange a “dimensão filosófica-pedagógica do Olimpismo”. As declarações de Coubertin sobre o tema são quase tão numerosas quanto aquelas sobre a dimensão histórica do Olimpismo. Com uma exceção, ela provém do período posterior a 1911, do que se pode deduzir que, a partir de então, as questões de organização dos Jogos e do movimento Olímpico somente tiveram uma importância secundária para Coubertin.

Todo empenho dedicado à realização de sua “ideia Olímpica”, para a qual ele havia cunhado em 1910 o neologismo “Olimpismo”. Para Coubertin, este Olimpismo não era um sistema de tipo institucional, mas encarnava uma postura ética do indivíduo e, a partir dele, de toda a humanidade. Para tanto, Coubertin transferiu os objetivos religiosos dos antigos Jogos Olímpicos para a época moderna, sem alterá-los consideravelmente quanto a sua ideologia.

A seleção de textos sobre o Olimpismo tem uma importância capital no presente volume, pois representa de diversos modos os conceitos da “filosofia Olímpica” de Coubertin. O apaixonado pedagogo Coubertin estava convencido de que as diferentes condições sociais e técnico-civilizadoras do incipiente século XX exigiam um homem novo e, consequentemente, uma nova educação. De acordo com seu ponto de vista, essa educação Olímpica repousa ao mesmo tempo sobre “o culto ao esforço físico e o culto à harmonia - no gosto, portanto, pelo excesso em justaposição à moderação.”

Coubertin via o verdadeiro atleta no competidor masculino adulto.³⁰

Esta era a figura simbólica da geração jovem que se renovava a cada Olimpíada. Por conseguinte, Coubertin entendia os Jogos Olímpicos como “a festa máxima da primavera humana a cada quatro anos”. Os participantes, mas também os espectadores, tinham que estar preparados para isso. Isto por sua vez somente poderia ser alcançado em longo prazo mediante a educação desportiva da juventude e da maior parte da população.

À pergunta, “O que é o Olimpismo?”, em 1918, Coubertin respondeu com a seguinte definição: “É a religião da energia, o cultivo de intensa vontade desenvolvido através da prática de esportes masculinos, com base na higiene adequada e espírito público, rodeado de arte e pensamento...”³¹

Parece que Coubertin não se deu conta de que com esta orientação sincretista exigia demais de seus companheiros de luta, os próprios desportistas e, por fim, de seu movimento. Com sua ideia de uma “*religio athletae*” moderna, ele afastou muito o seu movimento de seu objetivo pedagógico original e construiu um edifício filosófico que não era inteligível para a maioria, especialmente quando faltava como ponto de partida a percepção transcendental do homem antigo ou do atleta. Parece que sua visão do helenismo e a mudança da situação política mundial o haviam levado a isso.

A Primeira Guerra Mundial foi a cesura decisiva na produção de Coubertin. Interrompeu subitamente o internacionalismo desportivo de seus primeiros tempos, um traço fundamental do Olimpismo, e forçou a suspensão dos VI Jogos Olímpicos em 1916. A ideia da paz Olímpica, tomada da Antiguidade, e com ela o ideal de eurritmia de Coubertin, foram corrompidos por essa guerra terrível.

30 Ver a discussão realizada em Paris sobre a admissão de mulheres e os jogos em equipe.

31 Coubertin, P de: “Les Jardins de l'Effort”, in: *Almanach Olympique pour 1918*, Lausanne (1917), p. 4.

Para manter seu movimento, ao menos institucionalmente, afastado das complicações da guerra, transferiu em 1915 a sede do COI para Lausanne, na Suíça neutra, que havia conhecido e aprendido a valorizar por meio do concurso de arquitetura de 1910 e do congresso Olímpico de 1913. É possível que assim quisesse também aproximar seu movimento ao ambiente intelectual do Comitê da Cruz Vermelha baseado na Suíça? No final do capítulo 6.4 deste volume são recolhidas declarações de Coubertin sobre Lausanne como cidade Olímpica. Na historiografia Olímpica muitas vezes não se presta atenção ao fato de que Coubertin deixou interinamente seu cargo de presidente do COI entre janeiro de 1916 até o final da guerra em 1918 nas mãos do membro do COI Godefroy de Blonay. Como patriota francês, Coubertin sentia-se interiormente na obrigação de alistar-se no exército. Aos 52 anos, ele tornara-se útil para o trabalho de instrução dos estudantes franceses.³²

A possível reprovação de que uma atividade deste tipo seria para Coubertin contrária ao seu próprio ideal Olímpico é atenuável. Quando Coubertin havia indicado o “respeito pelas pátrias” como primeiro mandamento de seu credo, isto tinha que ter valor em primeiro lugar para o respeito à própria pátria. Ele considerava inofensivo um nacionalismo desse tipo, sempre e quando fosse corrigido por um internacionalismo sincero.³³

Com a catástrofe da Primeira Guerra Mundial, Coubertin se dedicou com maior afinco, a partir de 1917, às questões básicas de pedagogia desportiva. O esporte como bem comum de todas as classes sociais devia servir para a paz entre os homens e converter o movimento Olímpico num movimento pacifista em nível mundial, precisamente na agitada época posterior a 1918. A máxima de Coubertin, “trata-se de chegar às massas”, descreve, como nenhuma outra, seu programa a partir de 1918. Evidentemente, convocar os Jogos Olímpicos não seria suficiente para fazer do esporte um elemento essencial da vida cotidiana.

Em 1917, Coubertin escreveu que para isso, é preciso que a educação Olímpica “tenha suas fábricas permanentes”,³⁴ mas teve-se de se limitar a insinuações e elaborações teóricas. Em repetidas ocasiões, exigiu o funcionamento de centros culturais municipais a exemplo do “ginásio antigo” e deu um exemplo prático com a fundação do “Institut Olympique de Lausanne” e seu trabalho exemplar com os soldados belgas e franceses internados durante o ano 1917/1918. Disso pode-se concluir a exigência subsequente de Coubertin de criação de universidades para trabalhadores.

Até o final da guerra, Coubertin concedeu ao Olimpismo um papel adicional: “Com um novo mundo que é preciso ordenar segundo princípios até agora considerados utópicos e transformados em aplicáveis, a humanidade deve recolher na herança do passado todas as forças suscetíveis de serem empregadas para construir o futuro. O Olimpismo é uma delas.”³⁵

32 Coubertin foi admitido no exército em 22 de janeiro de 1916, no início como tradutor, embora pouco depois tenha assumido a missão formulada por ele mesmo de, através de conferências, recrutar voluntários para a guerra entre os estudantes mais velhos. Pelo mesmo motivo havia-lhe sido apresentado em 1915 ao “Ministre de l’Instruction publique” um “Rapport pour Amélioration et développement de l’éducation physique” nos colégios de França.

33 Sobre isso, no livro “Notes sur l’éducation publique”, Paris, 1901, temos o seguinte: “Il y a deux façons de comprendre l’internationalisme. L’une est celle des socialistes, des révolutionnaires et en general des théoriciens et des utopistes... La seconde est celle des hommes qui observent sans parti pris et tiennent compte de la réalité, plutôt que de leurs idées préférées: ceux-là ont noté, dès longtemps, que les caractéristiques nationales sont une condition indispensable de l’existence d’un peuple et que, loin de les affaiblir, le contact avec un autre peuple, les avive.”

34 “Carta Olímpica V”, in: Coubertin, P. de: *Ideário Olímpico. Discursos e ensaios*, Madrid: INEF, 1973, p. 97.

35 “El XXV aniversario de los Juegos Olímpicos. Discurso pronunciado pelo presidente do Comitê Olímpico Internacional na cerimônia comemorativa”, Lausanne, abril de 1919, in: Coubertin, P. de: *Ideário Olímpico. Discursos y ensayos*, Madrid: INEF, 1973, p. 127.

Ao invés disso, devido à crescente popularidade, os Jogos Olímpicos haviam-se distanciado cada vez mais de sua razão de ser original. Durante a guerra, ele conseguira convencer a belga Antuérpia para os Jogos de 1920, assegurando assim a manutenção do ciclo quadrienal dos Jogos. Mas o que o decepcionava era que os Jogos tivessem se convertido num espetáculo acompanhado internacionalmente sem que a multidão “tivesse compreendido o sentido e o alcance desta festa”. Esperava em vão que isso voltasse a mudar com o fim da intranquilidade mundial causada pela Primeira Guerra Mundial.

O idealista Coubertin não queria sacrificar seus profundos objetivos humanistas ante o avanço dos tecnocratas do COI e a independência das federações internacionais.

Em 1921, os colegas do COI somaram-se ao seu desejo de celebrar os Jogos de 1924 em Paris, sua cidade natal. Depois ele pretendia sair do COI.

Em seu discurso de despedida no congresso Olímpico de 1925 em Praga, Coubertin pediu mais uma vez que o esporte fosse praticado por todo o mundo como uma obrigação primordial do estado moderno, de modo que a grande massa não tivesse a necessidade de idolatrar seus ídolos desportivos sem praticar ela mesma o esporte. Ao mesmo tempo, ele anunciou iniciativas em âmbito pedagógico fora do movimento Olímpico.

Essas iniciativas desembocaram no trabalho de uma “*Union Pédagogique Universelle* (U.P.U.)”, criada por ele, que apresentou em 1930 um programa geral de educação, e em publicações do “*Bureau International de Pédagogie Sportive*” (B.I.P.S.), que ele também fundou.

Resulta contraditório que Coubertin criticasse os membros do COI de serem “conselheiros técnicos” e de não serem “representantes do espírito Olímpico” e que, ao mesmo tempo, falasse do grande êxito da ideia Olímpica, inclusive do “triunfo do Olimpismo”.

Na conferência “*Olympie*”, recolhida neste volume (5.1/14), em 1929, ele afirma: “Não tenho deixado nas mãos do meu sucessor a direção do Olimpismo renovado, até que não tenha julgado, por inteiro, que a obra de renovação respondesse em seus mínimos detalhes às necessidades atuais...”.

Se Coubertin via o Olimpismo como o ideal formativo para o crescimento das faculdades corporais, intelectuais e morais, como pode dedicar-se após sua saída do COI a uma pedagogia de clareza conceitual? Ele não podia comprometer sua ideia de apostolado pedagógico, embora a realidade lhe ensinasse muitas vezes o contrário. Em relação ao êxito dos Jogos Olímpicos não se poderia exigir dele que desmentisse esta parte do seu trabalho, reconhecido pela opinião pública. Como iria negar uma obra que para ele era o sentido de sua vida?

Sua grande exigência ao movimento Olímpico não tornou mais fácil o desempenho do cargo ao seu sucessor na presidência do COI, o belga Baillet-Latour, nem aos presidentes do COI que viriam depois, mas ao mesmo tempo tem acentuado a especial qualidade moral deste cargo.

A “*Mensagem à juventude mundial*” de 1927 em Olímpia reproduzida neste volume, “a chamada a todos os competidores e participantes dos Jogos Olímpicos de 1938 em Amsterdã” e a “*Mensagem à juventude americana*” por ocasião do quadragésimo aniversário do COI em 1934, são testemunhos importantes de sua participação atenta no desenvolvimento do espírito Olímpico.

As preocupações familiares de Coubertin, em razão da doença de seus dois filhos, e um precoce processo de envelhecimento roubaram-lhe desde o começo dos anos trinta o ímpeto para atividades publicitárias mais arrojadas. Por isso, suas memórias, inicialmente pen-

sadas para cinco volumes, permaneceram fragmentadas. O volume I, as *Memoires Olympiques*, publicado em 1931 pelo B.I.P.S., foi editado pouco depois em alemão e espanhol.

Coubertin não havia visitado os Jogos Olímpicos de 1928 em Amsterdã nem os de 1932 em Los Angeles, apesar dos convites oficiais. Observou com satisfação as iniciativas de Carl Diem para os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim; tais como a marcha da tocha Olímpica, que respondia plenamente aos seus ideais. Sua mensagem enfática aos portadores da tocha Olímpica de Olímpia a Berlim constitui uma parte de seu testamento Olímpico.

O testemunho Olímpico mais importante de seus últimos anos é a apresentação radiofônica sobre as “Bases filosóficas do Olimpismo moderno” de 1935. Coubertin inaugurou assim uma série de transmissões internacionais sobre os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim. Voltou a levar ao mundo de forma concentrada suas ideias sobre o Olimpismo moderno, desenvolvidas ao longo de décadas, que resumidas brevemente desembocam em três máximas:

1. Celebrar os Jogos Olímpicos significa evocar a História.
2. A ideia Olímpica não é um sistema, mas uma postura intelectual, ético-moral.
3. Minha crença inquebrantável na juventude e no futuro tem sido e será o princípio inspirador de meu trabalho.

Coubertin seguiu com atenção, à distância, o desenrolar dos Jogos Olímpicos de 1936, em cuja ampliação artística havia trabalhado; dentro dela inclui-se a representação do “Hino a alegria” de Beethoven numa das atividades noturnas do dia da abertura.

Apesar das fortes discussões e a politização e comercialização dos Jogos Olímpicos e do esporte que aconteceram a partir de então, seus desejos Olímpicos para o futuro permaneceram firmes até sua morte em Genebra no dia 2 de setembro de 1937. Seguindo seu desejo testamentário, seu coração foi enterrado no dia 26 de março de 1938 em Olímpia. Ali repousa na coluna de mármore dedicada a recordar o renascimento dos Jogos Olímpicos, a poucos passos de distância do antigo estádio. A Academia Olímpica Internacional (AOI), uma ideia que Carl Diem teve durante o sepultamento do coração de Coubertin,³⁶ transmite desde sua criação em 1961 o legado Olímpico de Coubertin.

36 Ver Diem, C.: “La Journée d’Olympie”, *Revue Olympique*, Vol. I, 1938 (2), p. 13.



**Pierre de Coubertin,
aqui com 31 anos,
tal como se apresen-
tou quando triunfou
com sua proposta de
renovação dos Jogos
Olímpicos. (Coleção
Navacelle)**

PRIMEIRA PARTE

REVELAÇÃO



**Um jovem Pierre de
Coubertin, vestido com
uniforme esportivo, por
volta de 1885.
(Arquivos do COI)**

1. POR UMA NOVA PEDAGOGIA

1.1 A EDUCAÇÃO NA INGLATERRA: INTRODUÇÃO (1888)

Coubertin visitou colégios e universidades da Inglaterra e da Irlanda, observando-as em várias ocasiões. Perguntou a professores e estudantes, num esforço para compreender as mudanças na educação que podiam ter sido previstos com antecipação durante o século XIX. Contrapõe as maravilhosas mudanças educacionais conquistadas pelos famosos pioneiros citados por Taine com o qual ele mesmo realizou experiências durante seus anos de educação secundária, e com o que continuava-se a fazer na rotina na qual se encontrava ancorada a educação francesa.

Esta obra, de 326 páginas, compreende uma introdução e os dezesseis capítulos seguintes: Pelas escolas públicas, Eton, Harrow, Rugby, Wellington, Winchester, Marlborough, Charterhouse, Cooper's Hill, Westminster, Christ's Hospital, Generalidades e conclusão, As escolas católicas, Lembranças universitárias, Toynbee Hall, Problemas e soluções.

Aplicando o método de observação de Le Play – novo para a época –, o autor busca a qualidade dominante na pedagogia inglesa, então muito apreciada: fazer o aluno descobrir sua própria riqueza humana e ensiná-lo a viver como um homem para chegar a ser capaz de integrar-se mais tarde numa sociedade que espera muito de seus cidadãos.

I

O que quero apresentar-te, leitor, não é um tratado de educação, mas algumas impressões de viagem pelos colégios ingleses.

Há muito tempo ouço queixas sobre a situação na qual se encontram as crianças francesas. Foi-lhes tirado, dizeis, até o privilégio de ser crianças.

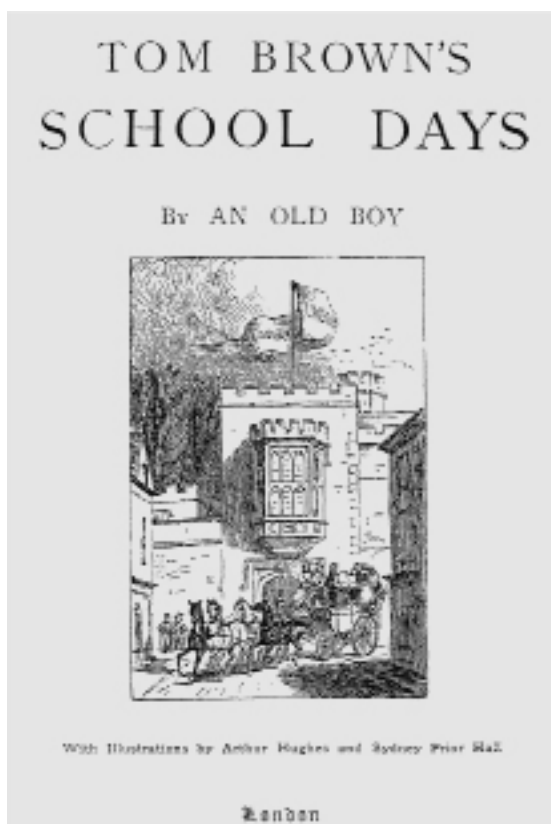
Elas são entupidas de conhecimentos.

Elas são transformadas em dicionários ambulantes.

Elas são *sobrecarregadas*: é a expressão utilizada. E de tanto cevar sua inteligência como se cevam as aves, se debilita sua força física e se mata sua energia moral. Isto é o que lamentais e tendes toda razão. Infelizmente, santa Rotina, padroeira

Este livro de Thomas Hughes, impresso pela primeira vez em Londres em 1857, foi publicado em francês em fascículos em 1875 no *Journal de Jeunesse* (Jornal da Juventude). Despertou aos treze anos a fascinação precoce de Coubertin pelo esporte inglês e sua admiração pelo professor Thomas Arnold.

(Frontispício da edição de Londres, Mac Millan, 1894)



da Universidade, e são Pergaminho, padroeiro do reino da França, tornam inúteis as vossas queixas. Estais subjugados. Em que se converteriam, meu Deus, vossos filhos se não tivessem esse indispensável diploma para todo o francês que se dá o respeito, e se vós não pudésseis apresentar a eles ao final de seus estudos o menu do seu futuro dizendo-lhes como um garçom que oferece alguns pratos: “Exército ou magistratura? Diplomacia ou administração?” Suponhais porém que um deles, mais atrevido, chega e diz: “Vou fazer uma corrida”. Que preocupados vos deixariam estas palavras! Não acreditais nas corridas que alguém faz por si mesmo porque pensais nessas primeiras lufadas de ar puro que embriagam ao estudante que recuperou a liberdade e vos apressais em fazer vosso filho passar por sacrifício atrás do outro.

Verba volant. Santa Rotina e são Pergaminho devem ser lapidados com feitos e não com palavras; por isso, ao deslocar-me para a Inglaterra, reuni o maior número possível de feitos, visitando os principais centros educativos e fazendo perguntas a um grande número de professores e alunos. Se não me engano, a isto se chama um procedimento de observação, e desse modo se consegue essa certeza, por assim dizer material, cuja superioridade sobre a que deriva de juízos a priori e de teorias preconcebidas foi demonstrada pelo ilustre Sr. Le Play.

Vede essas notas: nelas vereis como em um país tão cristão e civilizado como o

nosso educa-se as crianças com procedimentos diametralmente opostos aos que nós empregamos, o que indica pelo menos que existe caminhos distintos para alcançar o mesmo objetivo. Essa educação é livre, como convém a uma nação emancipada; não produz desigualdades de classe, a praga do nosso país e a causa de tantas revoluções; peca, sem dúvida, por outras questões, já que a perfeição não é coisa deste mundo, mas as conquistas que obtém fazem com valha a pena deter-se um pouco nela.

Neste assunto, mais que em nenhum outro, os ingleses, nos quais o espírito de tradição e o espírito de inovação estão intimamente misturados, enxertam o presente no passado, e nas veneráveis fachadas religiosamente conservadas, construíram de acordo com as exigências modernas; seus colégios tem uma arquitetura gótica, e algo de gótico também tem seu ensino, mas em absoluto sua educação.

Isto, leitor, é o que pretendo demonstrar. Pode ser que eu consiga ou não, mas fiz-me o favor de não começar jogando na minha cara o termo “anglófilo”, que serve de escudo a todos os preconceitos. Pode-se realmente dizer que é impossível apreciar qualquer coisa do outro lado do Canal da Mancha sem estar a cabeça no lugar ou a perspectiva equivocada. Pois bem, estou de acordo, nos odiamos mutuamente! Mas vos peço que deixemos tranquilos a Irlanda e a lei de Malthus, bem como os inúmeros tópicos que colecionam os anglófonos. Sempre é útil estudar o vizinho, mesmo que seja seu adversário, pois imitando-o no que tem de bom, cabe corrigi-lo e torná-lo melhor que ele. Aqueles que estão menos dispostos, embora não me tratem de anglófilo, ao menos podem me dizer: “Por que estuda-los? Não podemos tirar nenhum proveito disso... Os caracteres são demasiado distintos.” Desculpa pobre! A educação é acima de tudo a arte de fazer homens. E não são os homens em todos os lugares os mesmos? Não têm todos, por acaso, um corpo que é preciso fortalecer e um caráter que é preciso formar?

Certamente também admiro que nossos vizinhos também tenham permanecido fiéis às suas tradições, que as compreendam e que preparem as futuras gerações para respeitá-las. Ao contrário, pode acontecer que, desorientado e com uma obediência cega a alguma falsa corrente de ideias, um povo desconheça sua natureza, seu destino, seus instintos e suas necessidades, e que eduque seus filhos num caminho contrário ao seu caráter e às qualidades de sua raça. Creio que é em grande medida o que se passa conosco; a educação francesa não consiste na arte de fazer franceses; em todo caso, não é a arte de fazer homens, pois os homens não se compõem somente de inteligência, e nós agimos como se fosse somente isso.

Os ingleses salvaram-se desse perigo.

Instruir não é educar. “Entre a instrução, que procura conhecimentos, abastece o espírito e produz sábios, e a educação que desenvolve as faculdades, eleva a alma e produz homens, existe uma profunda diferença”. Esta afirmação poderia ser considerada uma verdade trivial, se atualmente não houvesse na França uma confusão lamentável entre estas duas noções. Antes podia se dizer, mas hoje se poder repetir com maior razão ainda: a instrução é tudo; a educação, nada.

As linhas que acabo de recordar foram escritas pelo monsenhor Dupanloup. Guizot, que não tem menos direito de ser citado quando se trata de educação, disse em algum momento: “As crianças não podem ter liberdade se não estão um pouco sós e não agem por si mesmos”. Montaigne deu este preceito: “Para forjar a alma é preciso enrijecer os músculos”. E Jean Jacques Rousseau este axioma: “Quanto mais

fraco o corpo, mais tirano; quanto mais forte, mais obedece”.

Essas quatro referências de quatro autores franceses me parecem resumir maravilhosamente, de forma clara e completa, o espírito da educação inglesa.

Fiz, leitor, quase um prefácio, e te peço desculpas... Mas a culpa é tua.

II

... E para que eu seja perdoado, vou fazer outro. Os centros sobre os quais quero falar primeiro são, na verdade, o prólogo dos colégios: uma espécie de transição realizada com muita habilidade, que permite à criança entrar gradativamente no mundo escolar e habituar-se a ele de modo progressivo.

O mundo escolar inglês não deixa de ser um tanto particular e, em certos aspectos, até estranho: as tradições são mantidas com muito zelo, de modo que os reformadores, se não agem com o maior cuidado, correm o risco de tornar-se muito impopulares. A hierarquia tem um poder considerável. Numa frase, trata-se uma verdadeira sociedade com sua organização específica, seus costumes, suas leis e também seus preconceitos. Os jovens cidadãos têm clara consciência disso, tal como provam estas orgulhosas declarações feitas por um deles à revista de seu colégio (*Rugby Magazine*): “Formamos um verdadeiro corpo social, uma sociedade em cujo seio não somente temos de aprender, mas também atuar e viver, e atuar e a viver não somente como crianças, mas como crianças que serão homens”. Este jovem autor não deixava de se orgulhar um pouco com sua importância e daquela de seus companheiros, mas, no final das contas, expressava claramente o pensamento de todos, mestres e alunos. É compreensível que a criança, levado de repente a esse ambiente, encontra-se nele singularmente desorientado e exposto a ficar sem pé antes de saber nadar: daí a necessidade de uma transição.

Os ingleses nunca têm pressa de se separar de seus filhos. Em primeiro lugar, não encontram nisso nenhuma vantagem econômica, porque frequentemente gozam de muitas e, até mesmo, demasiadas condições muito semelhantes, o que facilita e simplifica a educação: as aulas coletivas implicam sempre um gasto menor que as aulas particulares; por outro lado, nos colégios, o preço para os internos é elevado: não cabe, portanto, fazer economia nessa questão. Este ponto de vista tem sua importância também para as classes acomodadas. Um jovem casal chamado a desfrutar de uma boa posição pode encontrar-se em algum momento numa condição na qual, sem estar absolutamente apertado, tenha que tomar cuidado com os seus gastos. Isto se deve à organização da sociedade inglesa, onde com muita frequência as mulheres se casam sem dote e onde a divisão das heranças não são feitas considerando a lei, de forma regular, como as fatias de um bolo.

Não falta quem considere o colégio um lugar normal no qual deve se passar a infância e a adolescência; esses consideram que vale a pena sair de casa o quanto antes. Na Inglaterra, a opinião pública não tem se deixado levar por perspectivas tão estranhamente paradoxais. Como pensar que a própria sociedade é a menos conveniente para os filhos? Não deixa de ser triste o que alguém faz a si mesmo pensando desse modo. Ao contrário, os ingleses, muitos dos quais consideram seus colégios como um mal menor (que pensariam dos nossos?), quiseram prolongar ao

máximo esse período durante o qual pais e filhos vivem juntos sob o mesmo teto; os laços familiares são amarrados então com tal força que podem depois atravessar toda a existência. Aqueles que estavam unidos se dispersarão depois por todos os caminhos para não voltar a se encontrar, a não ser em raros momentos, mas conservam profundamente gravada no fundo de sua memória a imagem do “*home*” (lar). Não se aprecia com frequência o contraste aparente que há entre esse “*sweet home*” (doce lar), cujo nome muitas vezes volta aos lábios britânicos, que parecem corresponder a gente sem pátria, sem igreja e sem família?

Os pais querem, portanto, que o tempo que os filhos passam em casa seja suficientemente longo e importante para que possam fixar suas lembranças, e quando decidem separar-se deles o fazem com a condição de que três vezes ao ano, no Natal, na Páscoa e no verão, reúnam-se todos por uma boa temporada até que chegue o momento em que cada um siga seu destino e entre para a vida ativa.

“Educarei meu filho à moda inglesa”, dizia uma jovem mãe que acabava de ter seu primeiro filho; “é muito simples: faz falta uma banheira e muita água”. Reconheço que essas são condições, certamente, necessárias, porém não são as únicas; isso leva a pensar que as pessoas somente se lavam na Inglaterra.

Ali os rapazes entregam-se desde a mais terna infância aos prazeres do ar livre, e não são importunados tão cedo pelas aulas. Mas, ainda que se preocupem menos em adornar seu engenho e por sua inteligência em marcha precocemente, pensam que nunca é muito cedo para começar a formar seu caráter e a desenvolver suas energias. Além de começar a andar por sua própria conta, o pequeno inglês sabe que é um homem e que os choros que lhe são permitidos a sua irmã para ele é um tanto vergonhoso. “*Be a man*: seja um homem”, se lhe repete continuamente. Em várias ocasiões vi as crianças que ainda não sabiam ler já ter o poder suficiente sobre si mesmos para conter suas lágrimas quando haviam se machucado ao cair... E convém observar que esta primeira educação nada tem de espartano; as inépcias do falecido Licurgo não se repetem de jeito nenhum. As mães têm uma grande ternura com seus filhos, os pais são indulgentes, e o regime da infância carece de toda rudeza; não se desconsidera nem os cuidados nem as atenções delicadas. Desse modo, não se busca tanto endurece-los mediante o sofrimento por si mesmo, quanto impedir-lhe que seja traído por signos externos... a distinção é sutil, e gostaria de explicá-la melhor, porque é bem real.

O resultado se manifesta nos jogos: as crianças não se dedicam a fazer castelinhos de areia, mas rolam pela grama, saltam sobre os valos, as trincheiras e os arroios, e trepam nas árvores. Sua audácia é famosa. Quem não conhece o quadro encantador no qual o senhor Taine pintou uma criança em seu pônei e que, ao atravessar uma pradaria na qual havia um touro de olhar ameaçador, disse a suas irmãs mais velhas, cuja cavalgada escoltava: “Ei, meninas, não tenham medo e me sigam!”?

Tal é a fauna que povoa as *private schools* (escolas privadas); nelas entram muito jovens aqueles cujos pais são obrigados a ir-se momentaneamente, ou aqueles que residindo em Londres temem seu clima..., ou também aqueles cuja inteligência precoce merece ser incentivada. Entram mais tarde, e com frequência para não fazer outra coisa que passar, aqueles que somente buscam nelas uma transição. Via de regra, as *public schools* (escolas públicas) somente admitem crianças com doze ou treze anos, a menos que haja uma escola preparatória anexa ao centro; é o caso dos colégios cató-

Time de futebol de Harrow, 1883.
(Extraído de: *Fifty Years of Sport at Oxford, Cambridge and the Great Public Schools*, Londres, W. Southwood, 1922, p. 248).



Jogo do time de futebol de Harrow
(Extraído de: *Fifty Years of Sport at Oxford, Cambridge and the Great Public Schools*, Londres, W. Southwood, 1922, p. 243).



licos, nos quais com frequência entra-se para fazer a primeira comunhão.

Um professor – geralmente um professor universitário – toma alguns alunos sob sua responsabilidade: este é o embrião da *private school*. Existem de todo tipo, de todos tamanhos e em todo lugar: no mar, no campo, próximo e distante das cidades. O número de alunos é muito variável: de dez a vinte é a média habitual; trinta já é demais; uma cifra superior é excessiva, porque nesse caso o professor seria obrigado a dividir sua autoridade, a delegar alguma de suas funções, a manter vigilantes, bedéis (*ushers*), aos quais na França se os qualifica com o odioso termo de *pion* (bedel). Esta raça não é menos execrável na Inglaterra; simplesmente, é menos difundida.

Os *ushers* não são nada *gentleman* (cavalheiros).

Quem dará alguma vez ao termo *gentleman* seu sentido preciso? É indefinível e, no entanto, responde a uma ideia muito clara. As mães que confiam em seus filhos a um *gentleman* sabem que com ele não perderão suas boas maneiras, que não ouvirão nenhuma palavra inadequada, nem adquirirão nenhum hábito impróprio.

É preciso lembrar que educação universitária é um atestado de distinção, e que a pessoa que passou por Oxford ou Cambridge nunca mais sai daí, seja qual for seu extrato social, sem esse verniz que confere o trato frequente com a boa sociedade. Isso não basta, entretanto, para explicar algo que para mim foi durante longo tempo um mistério: a facilidade com a qual os ingleses se convertem em pessoas distintas, ou se se preferir, sua distinção natural. Mas preferia buscar a explicação para esse fato numa simplicidade extrema. Exceto os “*swells*” (elegantes) de Londres, a simplicidade aumenta de acordo com a fortuna e a posição social; os homens não têm nenhuma “pose”, nem as mulheres algum melindre; não há nada que seja somente aparência. Disso talvez derive algum egoísmo e certa frieza nas relações, mas o tom geral somente pode ser elevado.

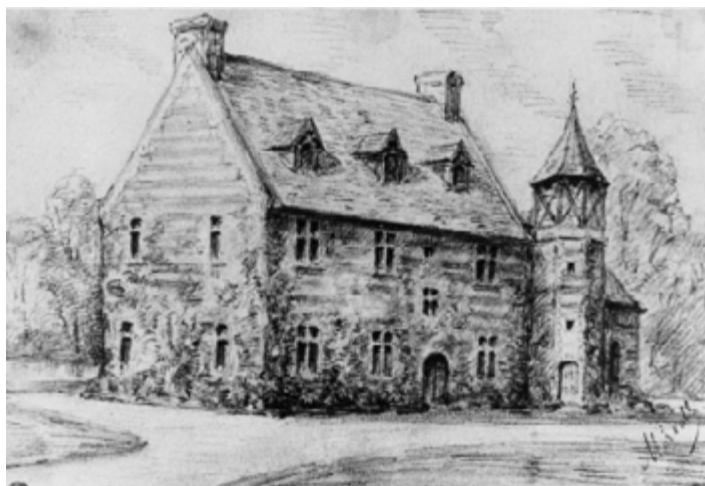
Na *private school* a mulher do professor é a responsável pela administração da casa, de roupa branca, da enfermaria à cozinha; não sai de seus aposentos senão para inspecionar e dar ordens; nunca ocorrerá a uma mulher inglesa imitar uma certa dona de uma “boate” parisiense que levava seus bordados para a sala de aula e fazia com que os alunos lhe descrevessem a forma com que se asseavam suas mãos e suas irmãs. Aqui as duas casas estão praticamente separadas, e os meninos passam com frequência de uma a outra. São recebidos na sala e ajudam inclusive a fazer as honras da casa... Concebida desse modo, a *private school* é uma família ampliada...

Você quer informação sobre alguma *private school*? Basta ir até alguma das agências sobre o tema no *The Times* ou no *Standard* e aí encontrará gratuitamente numerosos prospectos; durante oito dias você receberá uma avalanche de cartas e de folhetos: uma circular informou aos professores relacionados com a agência seu nome e endereço, e eles irão informá-lo sobre suas condições, uma vez que manifestem o desejo de ser merecedores de sua confiança.

Com frequência esta informação vem acompanhada por desenhos ou fotografias da casa; são oferecidos cuidadosamente os pormenores geológicos do terreno e às vezes a análise da água potável; alguém espera que se acrescente: filtro Pasteur, como na portaria dos hotéis encontra-se “Elevador”. Naturalmente, as coisas são apresentadas da melhor maneira possível, mas devo dizer que, em geral, as instalações materiais são bem satisfatórias.

As *private schools* se dividem em várias categorias: umas são pequenas escolas

Este desenho feito por Pierre de Coubertin é do pequeno Château de Mirville na Normandia (França) cerca de 1840. O estilo arquitetônico é típico das residências desta região durante o século XVI. Pierre de Coubertin, uma pessoa com dotes artísticos e que também era um músico excelente, herdou estes talentos de seu pai, que na época foi um pintor de renome. (Coleção Navacelle)



preparatórias; outras, verdadeiros colégios fundados por uma sociedade de acionistas ou por um grupo de professores; muitas outras situam-se entre esses dois tipos, e outras, por fim, são “*cramming*”, ou seja, tratam de remediar a situação aplicando panos quentes.

Da primeira categoria citarei a escola Bowden House, situada próxima de Harrow; admite alunos desde os sete aos quinze anos. O preço é de 80 a 100 guinéus ao ano (de 2.000 a 2.600 francos). Evidentemente, tem todas as condições necessárias para a prática do cricket e de outros esportes: isto aparece quase na primeira linha do folheto.

Citarei também o Saint-Edmund's College – Elgin Crescent, Notthing Hill. W. É o primeiro dos centros externos criado recentemente por uma associação de universitários de Cambridge. Recebem meninos a partir de seis anos, que podem ser externos ou semi-internos. O horário das aulas é das 9:15 às 11:00, de 11:15 a 13:00, e à tarde das 15:00 às 17:00 ou das 14:00 às 16:00, de acordo com a estação do ano. Preço: de 12 a 15 guinéus ao ano (de 312 a 390 francos).

Appuldurcombe College, na ilha de Wight, é o castelo mais antigo dos condes Yarborough: uma propriedade esplêndida cercada por um parque de 700 acres. Foi adaptado confortavelmente com vistas a sua nova situação, mas conservando seu aspecto senhorial, e não foi comprado somente o castelo, mas toda a propriedade, incluindo, assim, os direitos de caça: pagando duas libras ao ano (50 francos), os alunos de dezessete anos têm a permissão para caçar as perdizes do colégio. Mas a propriedade não é usada somente para a diversão: se os alunos têm por destino a vida nas colônias (*colonial life*), são preparados para a agricultura, para o governo e para a vida prática, para a administração de uma fazenda..., e entre outras línguas vivas, é-lhes ensinado o híndi.

Appuldurcombe pode ter até cinquenta alunos. É muito. Embora os mais jovens estejam separados dos mais velhos, esta separação nunca é total. Em suma, a *private school* jamais deveria pretender substituir a *public school*. Sua finalidade é prepa-

rar os jovens para uma mudança de vida, para servir-lhes de ingresso à escola. No que diz respeito aos “*cramming*”, estes entram apenas no marco deste estudo: minha intenção é falar deste tipo de educação, não de instrução. Nestes centros, o que se pretende é equipar a memória com vistas a qualquer exame decisivo. Felizmente, sua função não é muito importante na Inglaterra, e os exames são pensados de maneira que um trabalho regular e moderado quase sempre é suficiente para garantir um bom resultado. Não é inútil, pois, insistir neste assunto preliminar, e era necessária alguma explicação; reservo as minúcias pormenorizadas somente para as *public schools* e as universidades. Talvez se pense que eu me estendi demais, mas a educação, que é uma bela tarefa, tão excelsa, sempre me pareceu que se compõe de uma multiplicidade de pequenas coisas, de pequenos detalhes, de pequenas considerações aparentemente menores. Por isso, minha intenção aqui não é outra que a de compor um mosaico de fatos, colocando juntos de modo ordenado aqueles que pude ver pessoalmente.

Eu estudaria primeiro as *public schools* do Reino Unido: Eton, Harrow, Rugby, Wellington, Winchester, Marlborough, Charter-House, Westminster, etc., e depois as grandes escolas católicas. Por último, as universidades, e de modo especial, Oxford e Cambridge. Trataria depois sobre problemas escolares que se nos apresentam na França e que o sistema inglês, modificado e apropriado a nossa raça, poderia ajudar a resolver.

Isto é, pelo menos, o que penso.

Desta vez terminei todos os meus prólogos, e agora vamos tomar o trem para Eton. Tão somente quero consignar aqui os nomes dos que me tem ajudado especialmente em minha tarefa e a quem gostaria de poder enviar a distância um agradecimento. São os senhores Bowen (Harrow), Lee-Warner (Rugby), Cornish, Mitchell (Eton), du Boulay (Winchester), Thomas (Marlborough), Gunion Rutherford (Westminster), Croslegh (Cooper's Hill), R. Lee (Christ's Hospital), Norris (Edgbaston), Souter (Oscott), O'Hare (Beaumont), Liddon, Lane-Poole, Wilson-Lynch (Oxford), Sedley-Taylor, Waldstein (Cambridge) e Arnold (Dublin).

L'Education en Angleterre. Collèges et Universités.
Paris, Libr. Hachette, 1888, p. 1-23.

1.2 A EDUCAÇÃO INGLESA NA FRANÇA (1889)

Realmente não dá para imitar senão o que está pronto para ser produzido! A educação inglesa – no que tem de melhor – pode ser adaptada “ao caráter, aspirações e natureza” dos franceses? Coubertin vai tentar isso em colaboração com diretores de centros e responsáveis universitários bem preparados.

No início de 1889 e em 206 páginas, Coubertin publica “A educação inglesa na França”. A obra, escrita na tranquilidade de Mirville e concluída em setembro de 1888, resume a nova situação que ele havia criado em certos centros parisienses e revela “projetos e esperanças” após cinco anos de experiência. A associação esportiva dos Liceus do Estado une-se às associações que já se haviam formado e que prosperavam. Mas os esforços contínuos para integrar harmoniosamente uma prática desportiva humanizada no conjunto coerente das diferentes disciplinas escolares, de modo que se transforme efetivamente sua atmosfera, são marcadas algumas vezes por iniciativas torpes em algumas ocasiões, e em ocasiões dirigidas deliberadamente contra os projetos pedagógicos de Coubertin.

A obra está dividida em duas partes. Uma traz por título “Na escola Monge”, e é composta por quatro capítulos (O remédio contra o *surmenage*. Um comitê de jovens e pessoas rejuvenescidas. A escola Monge em Eton. Esporte, liberdades, hierarquia). A outra se intitula “Projetos e esperanças”, com oito capítulos (A questão dos externos. À sombra de Juilly. Nossos estudantes. O remo. Nosso plano estratégico. De longe! A escolha de uma carreira. Um discurso de Paul Bert). O livro termina com um apêndice de dez páginas que nos mostra a luta de Coubertin para levar a cabo seus planos (Lista dos membros do Comitê para a divulgação dos exercícios físicos na educação. Carta aos membros da Sociedade de economia social e da União da paz social. Carta aos presidentes das sociedades de remo de Paris e das províncias. A liga nacional de educação física). O volume está precedido por um prólogo de Jules Simon, Ministro de Instrução pública de 1870 a 1879, que começa com estas palavras reveladoras: “Somente tenho um pesar, e é não ter quinze anos e não estudar na escola Monge!”

Coubertin pretende ensinar a todos a alegria de viver, sensível por seu entusiasmo e espiritual por seu valor: o esporte se transforma num meio essencial para o conseguir, pois o movimento é uma festa do homem.

Os excertos aqui apresentados permitem captar bem a qualidade dos esforços educativos de Coubertin para tornar efetivos os atos a partir do equilíbrio da personalidade.

1.2.1 O REMÉDIO CONTRA O *SURMENAGE*¹

I

Uma “dona de casa” especializada na arte de evitar as lacunas da conversação, comentava-me faz alguns dias: “Com a torre Eiffel e o *surmenage*², sempre tenho algum jeito de fazer meus convidados falar”. Não sei qual o futuro da torre Eiffel, mas sei que o *surmenage* está em vias de ser resolvido. Sobre este assunto, todo mundo tem expressado sua opinião e proposto seus remédios, mas nesse conjunto de ideias novas ou renovadas salienta-se uma que conta todavia com um bom número de adversários, embora alguém advirta que sobre ela, no entanto, cabe agrupar todos os que buscam a chave para o problema: esta ideia mãe é melhorar a educação física.

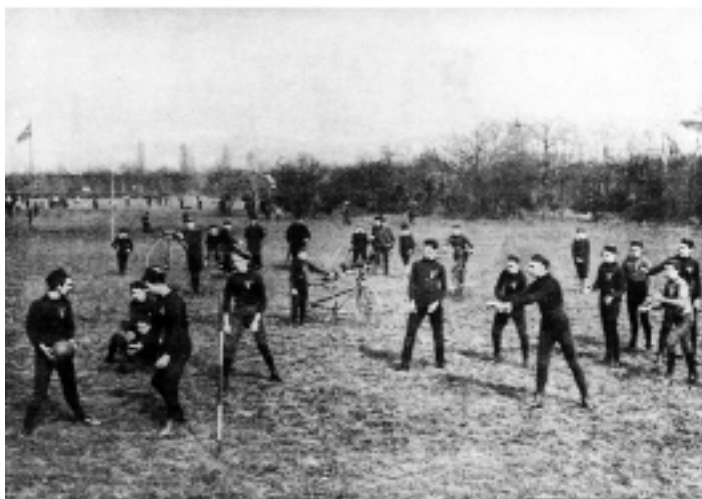
Os primeiros a gritar: *Surmenage!*, como se grita: *Fogo!*, não tem deixado de combater os programas escolares, e o tem feito de forma muito violenta; tem lançado contra os pais, subitamente aterrorizados, a lista, efetivamente terrível se tomada ao pé da letra, de tudo o que as crianças têm de aprender; tem demonstrado *c* por *b* que essa soma de conhecimentos, superando em muito o que deveria se aprender entre os oito e os dezessete anos, traz como consequência que as crianças assim instruídas não sabem nada, absolutamente nada, em virtude do refrão “quem muito abraça, pouco aperta”. Em suma, se se tivesse prestado atenção, nada nos programas atuais permaneceria hoje vigente, os quais teriam sido substituídos por algo inteiramente novo, baseado em outros princípios e em outros métodos, mesmo com objetivos ainda mal definidos. Não sei quantas desilusões conteria a execução de um plano concebido de forma tão imprudente, mas a primeira seria, certamente, a comprovação de que essa grande revolução não conseguiu seu objetivo e que o *surmenage*, como acontecia antes, subsiste, ou ao menos continuam presentes os sintomas do esgotamento físico, do embotamento intelectual e da debilidade moral, cuja causa, pelo que parece, radica naquele. O que pessoalmente me surpreende não é tanto que os programas estejam sobrecarregados, mas que, ao invés, que alguém possa surpreender-se com isso. Os progressos incomparáveis da ciência moderna não têm deixado de incrementar a base de conhecimentos adquirida previamente e sobre a qual cada geração dever erguer um monumento que marque sua passagem; além disso, este mesmo progresso científico tem reduzido todas as distâncias, misturado todas as categorias, destruído a antiga organização social e criado uma competição terrível no início de todas as carreiras. E se pretende que os programas não estejam sobrecarregados num momento psicológico quando a especialização dos estudos ainda não foi produzida e quando todos os jovens viajantes entram na vida ativa com a mesma preparação!

Há aqui uma injustiça, como resulta injusto o desconhecimento sistemático do que se fez, de forma talvez tímida, para remediar a uniformidade tediosa dos exa-

1 Conferência proferida em 29 de maio de 1888 no Congresso anual de Economia Social, com o título: “Le remède au surmenage et la transformation des lycées de Paris”. O termo “surmenage” (trabalho em excesso) equivale ao atual “estresse”. Tal como na edição espanhola, preferimos manter aqui o termo original.

2 Excesso de trabalho.

A Ecole Alsacienne jogando rugby no Bosque de Boulogne, Paris. (Extraído de *Une Campagne de vingt-et-un ans*, p. 27)



mes: injustiça em não perceber os esforços sinceros e as investigações constantes dos cabeças do exército universitário. Queira Deus que não escutem a quem os contradiz e que nunca façam uso do procedimento revolucionário, destruindo com ódio o que há, sem substituí-lo conforme os materiais vão caindo em desuso! É preciso proceder tateando, e no que me tange não tenho uma opinião melhor sobre os projetos de reforma total dos programas de ensino do que sobre essas elucubrações constitucionais que seus autores nos apresentam como garantia eterna da felicidade e da tranquilidade do país. Em ambos os casos, os gastos são feitos pelo pensamento puro e, com frequência, pela imaginação. Esta observação imparcial das coisas, que Le Play nos ensinou a considerar como a base necessária de todo o progresso, não foi de forma alguma levada em conta.

Quando terminam com os programas, passam a combater a higiene. Certos cidadãos, alguns dos quais não fazem rodeios e cujos projetos de lei resultam notáveis por não ter nunca mais de um ou dois artigos, apresentariam de preferência um em virtude do qual o artigo primeiro seria: fica proibido abrir uma escola numa cidade. E o segundo: todas as escolas atualmente existentes devem ser transferidas para o campo. Ponto; é tudo. E, por favor, nada de objeções... ao campo e com toda rapidez.

Na América³ casas são transportadas sobre rodas quando o lugar no qual foram construídas deixa de agradar. Mas se assim se fizesse com nossos liceus, se fragmentariam em milhares de pedaços: essas antigas construções não podem suportar um tratamento moderno. Piadas à parte, eu poderia lhes falar das numerosas dificuldades que se opõem ao estabelecimento dos liceus no campo, ao menos atualmente, mas, além de muitas dessas dificuldades serem evidentes, há uma questão mais importante que afeta de forma muito direta este assunto, e é que isso não resolveria

3 Invariavelmente Coubertin refere-se aos Estados Unidos da América como “América” e os norte-americanos como “americanos”. (Nota dos Editores).

em absoluto o problema do *surmenage*. O liceu no campo não é um mito: existe. Nesta manhã, muitos de vocês ficaram admirados com os magníficos edifícios e os belos jardins do liceu Lakanal. Nele foi tomado um verdadeiro luxo de precauções muito refinadas, e longe de mim a ideia de falar mal da higiene. A dois dias, o doutor Rochard recordava aqui mesmo de modo eloquente os maravilhosos resultados que se pode obter com a observação de suas leis; mas, francamente, quando vejo que se discute a iluminação unilateral ou bilateral das salas de aula e das salas de estudo, lamento que nossos filhos estejam tão fracos que temos que pensar por eles em semelhantes detalhes.

O regime de alunado externo é outra mania, outra panaceia, o único remédio contra o *surmenage*, segundo dizem seus partidários; para mim, esse regime é o melhor tipo de educação desde muitos pontos de vista, e é necessário que se estenda de modo amplo, porém, exatamente no que diz respeito ao *surmenage*, não pode ser tomado como um remédio; nem sequer facilita as condições de sua aplicação; ao contrário. Os pais nem sempre estão livres para passar as férias com seus filhos. O que melhor que o liceu para tomar conta deles? Se os leva às compras ou a fazer visitas, e se são maiores, conseguem com demasiada frequência fugir para ir Deus sabe aonde.

Senhores, acabo de afirmar que o regime atual leva ao esgotamento físico, com frequência ao embotamento intelectual e sempre à debilidade moral. Adivinhais, portanto, o que penso do projeto consistente em militarizar a educação e que os exercícios militares sirvam para contrabalançar o cansaço produzido pelos estudos. Talvez conseguiríeis assim uns músculos mais rígidos, mas ficai certos também de que conseguiríeis umas mentes menos abertas e uns caracteres cada vez mais anódinos; temos já muitos borregos em nosso pobre país: que não nos deem, todavia, ainda mais, coisa que desde já aconteceria confundindo duas disciplinas que apenas se parecem: a disciplina militar e a disciplina escolar, aproximando dois seres que, absolutamente, não se parecem: o soldado e o menino.

Desse modo, não entreis atropeladamente nos programas; modificaí-os com prudência e pouco a pouco, o que é muito melhor. Não leveis por razões econômicas os liceus ao campo, porque isso não resolveria o problema. Não introduzais o espírito militar na educação porque o tornaria ainda mais complexo. Não empregueis nenhum desses grandes remédios cuja eficácia é menor que a dos pequenos; vos peço que vos convençais de uma única coisa: é preciso que vossos filhos joguem, e não deixem de jogar porque não sabem jogar. Aprender a jogar! Esta expressão pode lhes parecer paradoxal, e isso porque não nos entendemos sobre o sentido do termo *jogo*. O diretor de uma instituição me fazia as honras de uma visita a um pátio de areia no qual haviam sido plantadas uma dezena de árvores; ali, aproximadamente 30 meninos dedicavam-se a fazer pequenos movimentos medíocres e insignificantes; quatro ou cinco estavam parados nas esquinas; vários passeavam; outros agachados jogavam bolinhas de gude e outros se divertiam, simplesmente, mostrando a língua e fazendo caretas... Seu bom professor me dizia esfregando-se as mãos: Olha como se divertem! De fato, quando se deixa livres às crianças dizendo-lhes que joguem, esses são os jogos aos quais se dedicam, mas nada tem a ver com os que queremos introduzir na educação, que exigem outro tipo de esforços. A primeira vez que se toma um remo, afunda na água e logo volta à superfície salpicando todo mundo...;

Time de rugby da Ecole Monge, Paris. (Extraído de *Une Campagne de vingt-et-un ans*, p. 46)



o jovem praticante de esgrima se assombra ao ver como, pese a seus esforços, o florete se desvia continuamente; o tênis sobre a grama, os principiantes devem receber mais bolas na cabeça que na raquete, exatamente como na primeira aula de equitação, ao cavalo basta um leve movimento apenas esboçado para livrar-se do ginete. E você acredita que conseguiria na primeira vez, por mais fácil que pareça, chutar bem com o pé uma grande bola?... Tente fazer isso.

Para tudo isso são necessários o ensino e o treinamento. Isto muita gente compreende, mas até agora poucos haviam-se atrevido a afirmá-lo, e ninguém a fazê-lo.

II

Esse lugar de honra estava reservado para alguém que cometi a imprudência de convidar para estar aqui nesta tarde, e que me deixa em apuros na hora de dizer-vos as tantas coisas boas que penso sobre ele; tomarei cuidado, ao menos, em não dizer-vos o nome dele... É o senhor Godart, diretor da escola Monge.

Esta escola foi fundada em 1689 por um grupo de antigos alunos da Ecole Polytechnique, que ocupa hoje uma ampla área entre o boulevard Malesherbes e a avenida de Villiers: pertence, portanto, aos novos bairros pavimentados e suntuosos cujas avenidas retas e pedras brancas contrastam totalmente com as ruas sinuosas e as parecidas enegrecidas do bairro latino; a diferença aumenta mais ainda entre o estabelecimento do que vos falo e os liceus que se erguem à margem esquerda.⁴

No centro há um pátio coberto que mede oitenta metros de largura por trinta de comprimento: pensai no vestibulo de alguma companhia financeira riquíssima sem mostradores nem empregados; o solo é de asfalto e o telhado de vidro. No primeiro piso há uma galeria sobre a qual se abre um rosário de portas e janelas; nos dois

4 Margem esquerda do rio Sena. (N. T.)

extremos, as paredes estão repletas de aparelhos de ginástica. Quando alguém está aí, compreende que esta escola não se parece com as demais, que é um campo de experiências escolares na qual a rotina produz horror, enquanto as novidades seduzem. No passado, as inovações eram fruto do ensino; junto com sua irmã pequena, a escola Alsaciana, a escola Monge abriu um caminho que a universidade não demorou em seguir: o futuro resulta ainda mais promissor: em seguida vai se trabalhar no terreno da educação.

O que foi apresentado pelo senhor Godart na última Assembleia Geral dá a entender que haverá grandes reformas; a questão do *surmenage* era tratada com mãos de mestre: nela não apareciam essas recriminações inúteis contra as quais eu protestava a pouco, mas uma visão mais clara da situação e dos possíveis remédios; apesar disso, nunca havia pensado que a implementação pudesse ser tão rápida; cabe imaginar a inteligência e a vontade necessárias para realizar bem esse trabalho quando se pensa que a escola tem 850 alunos e que se tratava de fazer-lhe dar um passo em direção ao desconhecido, e não somente a eles, mas também aos seus pais; que devia de se prever as objeções e resolvê-las previamente, conter o entusiasmo de alguns e refrear, por sua vez, o ardor de outros... e, sobretudo, não cometer um equívoco, não produzir uma desordem, nem causar o menor atraso nos estudos. Quisera vos poder repetir em detalhes as peripécias desta transformação, mas devo me apressar para vos explicar em que consiste, para chegar depois ao que constitui o núcleo da minha conferência, a saber, a forma de procurar os benefícios de um regime análogo para os liceus.

Na escola Monge, o domingo é dia de férias e a quinta-feira é dia de passeio. Como não se queria suprimir o passeio, os novos recreios foram divididos entre os outros dias da semana: terça e sexta para os grandes; segunda, quarta e sábado para os pequenos; aqueles que se preparam para entrar nas escolas do governo têm momentaneamente um regime distinto, porque se trata, acima de tudo, de não comprometer os próximos exames. Portanto, se num dos dias que acabo de mencionar passais pelos arredores da escola Monge, não podeis deixar de vos encontrar com um imenso carro com bancos puxado por quatro cavalos e seguido por muitos ônibus cheios de crianças: todos se dirigem para o bosque de Bolonha; em frente aos picadeiros do *Jardin d'Acclimatation*, o carro derrama os jovens cavalheiros; alguns ônibus chegam até o *Pré Catelan* e os outros até o lago; no *Pré Catelan*, um professor de velocípede está à disposição daqueles que querem cultivar sua arte; em outros lugares há todo tipo de jogos: no lago entra-se em canoas, nos pesados barcos de forma convencional que os guardas alugam ao público e que logo serão substituídos pelas belas ioles de bancos móveis reservados pela escola. Finalmente, num dos grandes prados do bosque joga-se, claro, críquete. Direis que tudo isso deve custar muito às famílias. Uma exorbitância. Gastos com transporte, entrada no *Jardin d'Acclimatation* e aluguéis no *Pré Catelan*: 10 centavos diários por aluno, ou seja, 3 francos ao mês. As aulas de equitação custam 1 franco e os passeios a cavalo pelo bosque, acompanhados por um professor, 2 francos por hora. Acrescento que os pais não sofrem nenhuma pressão e que dentro da escola fica garantido o trabalho dos alunos que não participam dos passeios; mas devo dizer que estes são pouco numerosos, e o serão cada vez menos.

III

Podeis ver facilmente, senhores, quais são os motivos que impedem que as demais escolas sigam tranquilamente o exemplo dado pela escola Monge. No que concerne aos liceus, não é preciso pensar nisso: estão afastados do bosque de Bolonha, com exceção de um somente, o liceu *Janson de Sailly*; têm um elevadíssimo número de alunos; é preciso encontrar uma regra geral, aplicável a todos e, por fim, não gozam dos recursos financeiros indispensáveis: nenhum tem uma administração especial, e caso a tenham, tampouco aproveitam seus benefícios; porém, em vez disso, os liceus fazem às quintas um passeio pelo qual não tenho nenhuma simpatia. Em Monge, os passeios da quinta são no campo, graças a um ônibus que leva os alunos: se quis mantê-los, simplesmente assim; em quase todos os outros, os passeios acontecem em Paris, e eu os veria desaparecer com imensa satisfação por motivos que seria exaustivo explicar aqui. Além disso, haveria uma reforma fácil de fazer que consistia em não dar folga nas quintas-feiras, desde o meio-dia até a tarde, mas sim fazê-la durante cinco horas duas vezes por semana; no entanto, não há porque pensar que não se pode reduzir, inclusive com os programas atuais, a duração das horas de trabalho; ficou muito bem provado o contrário, e devo dizer que se essa redução não foi feita porque, no fundo, não se sabia o que pôr em seu lugar.

Poderíeis me perguntar o que eu faria. E vos direi.

Se tendes presente com precisão onde estão situados os principais centros de ensino médio (são os únicos dos quais me ocupo) num mapa de Paris, vereis que formam mais ou menos três grupos: um desemboca de forma natural no bosque de Bolonha, seja diretamente, como é o caso do liceu Janson de Sailly e da escola Gerson, situados em Passy, rue de la Pompe, e também a escola Monge; seja através da estação Saint Lazare: são os casos do liceu Condorcet e de suas dependências, do colégio Chaptal e do externato da rue de Madrid.

Os outros dois grupos situam-se na margem esquerda; ali há um liceu em construção, no bulevar de Vaugirard, e o colégio dos Jesuítas; às portas de Paris, o liceu de Vanves; na linha férrea para Sceaux, Lakanal, Arcueil e Sainte-Barbe des Champs; junto ao desembarque, que não tem certamente, mais que uma vaga semelhança com uma estação ferroviária, encontra-se a escola Alsaciana; finalmente, o grupo formado pelos liceus Saint Louis, Henri IV, Louis-le-Grand e Saint-Barbe de Paris, onde se está a uma igual distância das linhas férreas de Orléans, Sceaux e Montparnasse; o liceu Charlemagne, isolado no alto da rue Rivoli, não está muito distante da estação de Orléans.

É preciso que nossos estudantes encontrem nessas três direções o que lhes falta em Paris: campos para jogar e jogos organizados. Trata-se, portanto, de criar parques escolares com vastas pradarias divididas e mantidas de acordo com as necessidades destes jogos, que possuam mais refúgio, uma sala de recreio coberta e vestuários. Os alunos das diversas escolas iriam passar aí, de modo alternado, a tarde, e assim, em pleno campo, caberia proporcionar-lhe os prazeres mais variados: passeios, corridas, caça ao tesouro,⁵ críquete, tênis, etc.

5 Em francês “la chasse au petit papier”: jogo que consiste em alcançar um objetivo para cuja consecução vai se deixando pistas escritas em pequenos bilhetes escondidos. (N. T.)



Estudantes no ginásio da Ecole Alsacienne de Paris, no final do século XIX. (Arquivos do COI)

Como vocês veem, senhores, trata-se de um projeto restrito, preciso, limitado, mas no entanto, difícil de ser realizado e que eu pessoalmente abandonaria se não contasse com um apoio caloroso e unânime que me faz confiar que será realizado logo. Um comitê vai assumir essa tarefa, pois realmente é uma tarefa, por assim dizer. É presidido por um homem eminente cuja voz expressiva se fez ouvir entre nós no ano passado, o senhor Jules Simon; com ele estão os senhores Gréard e Morel, diretor de ensino médio, que representam a universidade; o senhor Picot, o Instituto; o general Thomassin, o exército; o senhor Patinot, a imprensa; os doutores Rochard, Brouardel e Labbé, a Academia de medicina, que dirigiu a campanha contra o *surmenage*; os diretores das escolas Monge, Alsaciana e Herson, e o superior de Juilly, onde os exercícios físicos ocupam um lugar eminente, e por último os presidentes das Sociedade de Fomento da esgrima, do esporte náutico e da União das Sociedades de remo e do Racing Club da França.

Esses são os nomes, a maioria conhecidos e estimados, sob cujos auspícios vamos convocar os subscritores. Mas a criação de parques não é o único objetivo; para tornar populares os jogos é preciso poderosos estímulos, concursos e prêmios; tudo isso requer organização. No início encontraremos reticências entre os próprios alunos, e somente após esforços perseverantes poderemos vencer sua apatia; não tenho nenhuma dúvida de que vamos conseguir isso.

Vocês vieram para ouvir falar da transformação dos liceus de Paris: sem dúvida esperavam considerações mais elevadas e visões de conjunto, e talvez vocês pensem que o “plano” que lhes apresento não tem um estatuto suficiente para ser chamado de transformação. Qualquer que seja a importância que dou ao esporte em si mesmo e por si mesmo, confesso que o considero sobretudo como um meio e que, concordando nesse ponto com todos os mestres ingleses e com mais de um mestre francês, espero dele três coisas: a primeira, que restabeleça entre nossas jovens gerações o equilíbrio rompido há muito tempo entre corpo e espírito, que lhes dê não tanto uma força momentânea quanto uma saúde duradoura e esse prolongamento da juventude que permite ao homem deixar atrás de si uma obra sólida e acabada. A

segunda que, na idade crítica, afaste as tentações contra as quais, em nosso sistema atual, *nada* opera de modo eficaz; que proporcione um âmbito de entusiasmo, que procure um cansaço sadio, que apazigue os sentidos e a imaginação.

Por isso também, senhores, uma terceira coisa.

Há cem anos, toda a atenção de nossos mestres esteve voltada para as questões relativas ao ensino, que se confundiu e às vezes simulado confundir com a educação. No entanto, esta é hoje o que o Império, ancorado no antigo regime, fez dela; a criança não é um número; se afasta dela tudo aquilo em que poderia exercitar sua iniciativa, se a exime de toda responsabilidade; produzir crianças de vinte e um anos, este parece ser o objetivo. O esporte acabará com isso, suavemente e sem solavancos, porque implica, efetivamente, uma integração social voluntária, e busca um espírito de conduta, sentido comum e caráter; hierarquiza e fomenta tipos de personalidade que se convertem numa ajuda aos mestres, e torna as crianças mais semelhantes aos homens.

Quando o esporte tiver produzido uma tal transformação do sistema que ainda segue vigente tanto no quartel quanto no convento, cabe esperar que nas massas do país haja outra coisa que não sejam nem socialistas nem partidários do general Boulanger. Não consigo ver se entre vocês existem cravos vermelhos, porém isso não me preocupa. Reunimo-nos aqui sob os auspícios de um homem para o qual a ciência da grandeza e da decadência dos povos não tinha segredos, e que condenava esses governos aventureiros surgidos da loucura de um dia de desordem. Tenho, portanto, direito de dizer e repetir que de uma educação transformada esperamos cidadãos que não necessitem recorrer a tais procedimentos, cidadãos ativos e determinados que tenham como lema o do ministro que vos falava há poucos instantes, que amem a Deus, a pátria e a liberdade.

“Le remède au surmenage”, in:
L'Éducation Anglaise em France,
Paris: Hachette, 1889, p. 3-20.

1.2.2 NOSSOS ESTUDANTES

Neste capítulo, Coubertin descreve, com base em sua experiência pessoal, a péssima situação do bacharelado francês (liceus). Pergunta-se se os estudantes estão em condição de dar-se conta da horrível situação na qual se encontram, que estão presos numa jaula e tem de seguir normas de comportamento que nada tem a ver com o pensamento livre. O esporte deveria servir de ajuda, mas será que os alunos estão em condições de apreciar seu valor? Faz um convite aos seus colegas do Comitê para a difusão da Atividade Física na Educação e derrubem as barreiras nos liceus com a ajuda do esporte.

Não conheço o número de estudantes que tenho observado durante o último inverno, mas a lista deve ser muito grande. E de fato, esta questão singular que carecia de encanto, acabou por se tornar interessante; por outro lado, alguém se aperfeiçoa na arte da observação; os detalhes, que no início passam despercebidos, logo chamam atenção e fixam o pensamento: em vez da atenção ficar distraída num conjunto, alguém a concretiza nos indivíduos; aprende-se a unir, a penetrar, a deduzir. Assim procedem os romancistas modernos em sua sede de pintar adequadamente a realidade; não querem pôr em seus livros senão coisas *muito vividas* e, em decorrência disso, devem ser amplamente *documentados* antes de ser escritos.

“Vá até a calçada no momento da saída dos externos, me disse uma pessoa que dava bons conselhos, e abra os olhos e os ouvidos”. Não deixei de prestar atenção, e assim segui seus passos, anotando os gestos, os olhares, os sorrisos, procurando inclusive recolher palavras isoladas ou partes da conversação, conseguindo-o às vezes. Depois disso vinha a visita oficial, uma carta amavelmente manuscrita do senhor Gréard e ante a qual se teriam aberto bodegas e armazéns se este tivesse sido meu desejo. Um rapidíssimo e pequeno gesto de assombro, educadamente dissimulado, diante do diretor, acostumado a ver chegar inspetores de óculos e grandes casacas, e imediatamente depois me encontrava ao par do que queria saber, com folhetos na mão e um molho de chaves disposto a abrir as portas do centro... Todos os centros são iguais: os refeitórios com suas mesas enfileiradas e o odor insosso e úmido que os caracteriza; os dormitórios com suas filas de camas enumeradas e o estrado que parece feito para que um professor ensine a arte de dormir. Pelas janelas viam-se com frequência alunos no recreio passeando pelo pátio com a seriedade dos pensadores que alcançaram os cumes do espírito humano. Naturalmente, não se esquecia o ginásio, sempre vazio, não de aparelhos, mas de jovens para usá-los. O Diretor e o Gerente não podiam deixar de ser cumprimentados por esse estado de coisas... os alunos somente lhes davam satisfação, etc. E é certo que esses homens dedicados e probos, escassamente retribuídos e justamente considerados, fazem o que podem: não é o operário, mas a ferramenta que não vale nada... Desse modo, declaravam-se satisfeitos. O Capelão, por sua vez, teria expressado com prazer alguma queixa, mas não se atrevia, não querendo se comprometer inutilmente. Por interessantes que resultem estas visitas domiciliares, é certamente na rua onde se encontra o verdadeiro estudo, o que resulta instrutivo e apaixonante.

O telhado e as paredes de uma casa não escondem tanto o interior ao olhar dos passantes quanto a capa do estudante o que este esconde. À primeira vista não

cabe captar na fisionomia nem nos gestos o menor indício de uma personalidade que, ao contrário, frequentemente está ausente. Esse vestuário tem o dom de fazer amarelar a pele, esmorecer o olhar, embrutecer o sorriso e dar aos movimentos uma completa falta de jeito. Nenhum alfaiate poderia, se o substituísse, conseguir um resultado negativo tão perfeito. A capa permanecerá como a obra mestra do grotesco: ao ser também a invenção mais ilógica e incômoda que nunca tenha existido, não cabe estranhar que haja permanecido tanto tempo; essas diversas qualidades têm garantido sua manutenção. Talvez fosse prudente, para não produzir ciúmes, impor este modo de vestir a todos os franceses entre doze e dezoito anos. Não se permitiria então que as escolas livres pensassem em jaquetas leves e elegantes, com todas as vantagens do uniforme e sem seus inconvenientes; tais inovações ofendem a igualdade e levam os estrangeiros a pensar que os pupilos do estado são menos robustos, menos atilados e menos graciosos que os outros... e todo o mundo sabe que é o contrário.

Apesar dessa aparência universal que a capa e o quepe dão aos estudantes, não é preciso demorar muito para ordená-los em categorias enquanto passam, nem para comprovar que representam três tipos perfeitamente característicos. Esse alto, magro e um pouco encurvado, que anda como que sobrecarregado pelo peso de um destino feroz, é um *tímido*: dá a impressão de uma triste resignação, de ter renunciado a lutar; nesse tipo de cérebros devem produzir-se desejos de liberdade, veleidades de fuga demasiado fracas e indecisas para serem concretizadas. Esse outro pertence à categoria dos *inquietos*: tem o olhar agitado, não para de se mexer, não fica quieto nunca; pode-se dizer que se sente permanentemente pego no flagra e procura evitar o olhar do professor. Por fim, aquele, *arrogante*, fanfarrão, exuberante, algo desalinhado, que fala alto, de aspecto vulgar, de mau gosto e mal educado, não o reconheceis por tê-lo visto tragar um charuto com uma careta e tê-lo ouvido no trem a falar de “matérias primas” como se falasse de uma amiga pessoal? Uns e outros foram marcados por um sinal indelével; entre eles haverá, sem dúvida, jovens valentes e honrados, ativos, afetivos e inteligentes, mas sempre permanecerá algo do colegial. O arrogante preparará as revoluções; o inquieto as fará e o tímido as sofrerá.

Sobre o que falam em seus passeios?... Algo sobre os exames e os estudos, muito sobre o que encontram pelo caminho. Passa uma mulher bonita, e todo o grupo faz graças e observações inequívocas; cada um começa então a contar o que não tem feito, uma história antiga contada já muitas vezes, à qual continuamente se acrescenta algo novo. Em suma, a ideia maliciosa sempre volta; esse é o verdadeiro recreio, alternado com a matemática, com o latim, com qualquer tarefa. Mas a ideia não deixa de ter consequências afetivas que a vigilância não pode deter; é certo que fatos muito graves se repetem com frequência. São causados pelo tédio e reproduzidos pela apatia. Gostaria de concluir que a convicção de que os liceus constantemente denegridos pelo espírito partidário, e não pensaria que são inferiores às escolas livres desde o ponto de vista dos costumes, porém não o são. Além disso e salvo raras exceções, a diferença não é motivo de orgulho: o aborrecimento e apatia estão em todas as partes e em todas elas se veem suas funestas consequências, porém a isso se acrescenta nos liceus a ausência de educação moral. Os professores eclesiásticos misturam frequentemente muita religião com a educação, embora os professores laicos não ensinam moral suficientemente: preocupados com toda justiça pela parte

científica de sua missão, à qual dedicam todos seus esforços, se desinteressam pela conduta de seus alunos; isso não lhes diz respeito, não é seu assunto... E o peso dessa tarefa tão delicada, tão importante, recai inteiramente sobre o bedel,¹ o que equivale dizer que não se realiza em absoluto; nos liceus, o bedel se preocupa somente com uma coisa, que o aluno não lhe falte com o respeito, respeito ao qual tem mais consideração quando é menos digno dele.

Estamos, assim, ante uma situação estranha: o convento ou o quartel; num lugar se dá ao meu filho uma educação rígida; noutro não se lhe dá nenhuma; num não se lhe permite nem mover as sobranças sem a autorização dos professores, e no outro, uma vez realizadas as tarefas e aprendidas as lições, não se ocupam mais dele. Às vezes, se tem falado em codificar a moral... Fora da religião não existe nenhuma moral para ensinar às crianças; existe uma para os adultos, que não é, definitivamente, senão uma religião à qual se subtraiu a etiqueta, mas sem ela as crianças apenas a compreendem e não a aprendem. Não sei onde estaremos dentro de cem anos, mas hoje é evidente que não há educação sem religião, isto é, sem a ideia de Deus e sem a noção de vida futura. Acho lamentáveis os circunlóquios de certos professores que torturam seu estilo para evitar pronunciar o nome de Deus ou para evitar o pensamento de que a esta seguirá outra vida. De uma criança educada no ateísmo puro podeis conseguir um talento, mas se fazeis dele um homem honesto isso depende da vossa influência. Então, seja católico ou luterano, ou calvinista ou ortodoxo, a religião não é uma lição que se aprenda, mas uma atmosfera que se respira. Esta é a razão pela qual os centros do Estado, que forçosamente recebe meninos que pertencem a cultos distintos, devem ser externatos e não internatos; ao redor deles seriam criados outros centros laicos, católicos, protestantes e inclusive de pensamento livre; por que não? É preciso a liberdade para todos. Em tal caso se veria imediatamente a diferença entre uns e outros.

Desse modo, na educação francesa reinam em quase toda sua extensão o tédio e a apatia, dos provedores da imoralidade; acrescentai a ausência nos liceus de educação moral e o mau uso dos dias livres e tereis a receita para fazer um aluno de liceu. Volto ao lamentável assunto dos dias livres, porque é capital, e isso tanto mais quanto nas casas religiosas os internos saem uma ou duas vezes por mês, enquanto muitos alunos dos liceus têm livres todos os domingos. Entre esses alunos há muitos com destinos anômalos, um lugar organizado ao contrário e uma família esfarapada – ou bem um pai, um tio ou um tutor sobrecarregados de trabalho que não podem se ocupar deles. Ei-los dispersos pelas ruas de Paris onde sua melhor defesa é ser feios e sujos; porém todos sabemos que essa é uma proteção muito frágil. No que diz respeito à timidez, basta vencê-la uma vez, e sempre há um camarada de boa vontade para ajudar nesta primeira derrota. Vi os marinheiros de Pierre Loti de cabaré em cabaré pelas ruas de Brest; são tão graciosos, cantam tão alto e, apesar de tudo, seguem mantendo uma boa aparência tão cordial que alguém se põe a rir ao pensar com indulgência na vida dura que eles têm levado e que facilmente desculpa o alarido do desarme. Encontrei-me também nas ruas de Londres com cavalheiros vestidos a rigor tropeçando nos postos de iluminação, e com mais frequência ainda

1 No original “*maître d’études*”, figura dos liceus franceses na época, e encarregado pela disciplina escolar. (N. T.)

Os primeiros clubes esportivos foram criados em 1887 na Escola Monge e na Escola Alsacienne por iniciativa de Coubertin. Aqui, estudantes começando uma corrida desde sua escola em Paris (Arquivos do COI).



em mulheres podres de bêbadas arrastadas pela polícia: é um espetáculo escandaloso e repulsivo. Porém há coisas ainda piores; há essa coisa atroz, desoladora: os colegiais de cabaré em cabaré. São vistos em cervejarias do bairro latino e nos pequenos mezaninos do bairro Europa, sem contar aqueles que se deixam apanhar na calçada com o coração latejando fortemente e o desejo desenfreado de “saber o que é”. Rua Moscou, rua Turim, os domingos de inverno, ao redor de uma mesa e algumas garrafas de cerveja; se improvisam reuniões com duas ou três mulheres, um colegial, dois alunos da politécnica... Que excelente reagente para alguns jovens debruçados durante toda a semana sobre as matemáticas! Se sentem em casa; mas, que fazer?... Ficaram dando voltas como piorras durante um tempo, indecisos, consultando um ao outro; começa a cair uma chuva fina que os leva, pouco a pouco, quase inconscientemente, até suas amigas do domingo anterior. No que diz respeito ao colegial, é festejado porque é muito jovem e porque isso diverte, uma vez, ao passar uma ingenuidade... Retorna mais tarde, algo aturdido, com a sensação de ter-se “convertido em homem”. Pobre tonto! Terás de lamentá-lo.

E essas quedas prematuras seriam tão fáceis de evitar! Repito que não acredito nos perigos da rua. Enviai as crianças completamente sozinhas por Paris, em busca de algo que desejam, que as divirta e as atraia... Nada as desviará do seu caminho; mas se têm o dia desocupado, maus camaradas e certa precocidade maliciosa, estão perdidos.

“Não pertencemos a uma geração forte, confessa um cronista (*Journal des Débats*, 8 de junho) e, no entanto, temos feito muita ginástica em nossa infância: duas vezes por semana vinha ao colégio um antigo bombeiro; imediatamente após o almoço íamos para o pátio dos maiores; aquele homem terrível aguardava entre dois carcereiros aos quais chamava de seus subprefeitos: nos punham em fila, interpellando-nos com a brutalidade de um soldado que não tinha aprendido latim e que se consola orgulhando-se disso. Ante o medo de que o considerássemos um subalterno, era o mais duro de nossos professores. E realmente, os alunos, a partir da terceira série, não deixavam de o desprezar; simulavam tratá-lo como os antigos estoicos faziam com a fatalidade, sofrendo-a, mas sem aventurar-se a discutir com ela. Por desgraça, contava com meios materiais para fazer-nos sentir sua autoridade; desconsiderava o nosso desprezo; continuava e nós nos cansávamos antes que ele, como se fosse a mesma fatalidade. Colocar-se de cócoras, levantar-se, estender um braço, saltar, tudo isso obedecendo a uma ordem, para em seguida fazer exercícios de halterofilia, com pesos e, por fim, subir por aparelhos, não como esquilos mas como fantoches mecânicos, sempre repetindo o mesmo programa, com uma parte aérea terrível”. Depois disso, há que se admirar de que o autor destas linhas manifeste “uma grande frieza com relação a essas provas de força e outros divertimentos patrióticos”? Não deixa de ser este um dos traços curiosos e característicos da geração que nos precede: mostrar ao menino o lado brutal e terrível das coisas viris. Dá a impressão de que durante muito tempo se tenham empenhado em separá-los dos exercícios físicos, em despojá-los de todo o interesse. Os meninos, grandes e pequenos, necessitam ser incentivados: alguns têm o atrevimento suficiente para começar por si mesmos, mas são exceções; outros olham com um sentimento de inveja e mistura de temor um cavalo, uma máscara de esgrima ou um velocípede; seu desejo permanece oculto se não são ajudados a manifestá-lo... e o tempo passa. Além disso, é preciso ter cuidado: um escárnio fora de hora, uma palavra forte, um fracasso cuja causa não percebem, os desanima e os desconcerta; e se não há neles algo de espontâneo, um gosto decidido, sim, numa palavra, se os *força*, o resultado é que conservam uma má lembrança, um sentimento de rancor e de antipatia para com o esporte que se lhe quis fazer apreciar.

É preciso que *algum* lhes apraza mais que os demais: os romancistas que querem tornar sedutor o seu herói, sempre o pintam magro, bem formado, *hábil em todos os exercícios físicos*. Isto fica muito bem nos livros, mas na prática não serve. É certo que há homens hábeis que parecem ter domínio sobre seu corpo e fazer sempre de primeira os movimentos que querem executar; mas essa mesma facilidade impede que os exercícios físicos produzam neles seus efeitos benéficos, e como praticam todos, não trabalham nenhum. Então, de maneira geral e em forma de axioma, “todo esporte fácil carece de ação”. Não ireis me dizer que quanto mais se pratica um esporte, mais fácil resulta; a verdade é o contrário, pois o aperfeiçoamento muscular tem limites muito distantes e alguém tende para eles sem os alcançar.

Como faremos com nossos estudantes? Eles gostam do esporte? Estão ao menos dispostos a gostar dele? Todos têm, sem dúvida, algum desejo: ao passar por alguém que monta a cavalo, basta uma olhada para saber quem o faz bem; falam, segundo o caso, de Mérignac e de Vigeant com a desenvoltura dos exímios conhecedores, e sem ter nunca tocado numa bicicleta, explicarão que não é difícil ficar quase completamente quieto diante de um pequeno balanço do pedal... Mas daqui a conseguir que por si mesmos e por seu próprio prazer montem a cavalo, se coloquem em posição com o florete na mão ou aprendam a andar de bicicleta, há uma grande distância, ou melhor, uma grande parede a derrubar. A derrubaremos, não é, caros colegas do Comitê? Ah, sim! Golpearemos até que não reste nada.

Acabamos de fazer em três capítulos um breve passeio pelos externatos, os internatos religiosos e os liceus. Eu quis mostrar que o exercício físico é indispensável para os externatos, que seu êxito e seu desenvolvimento têm um preço, que um atletismo voluntário e poderoso organizado pelos alunos, que agrupe a maioria e exerça sua influência no conjunto do colégio, faria desaparecer os inconvenientes do sistema. A maior parte dos internatos religiosos será contra uma reforma contrária às ideias arraigadas e uma regra imutável, existente como ponto de partida e como centro; esta é, ao menos, minha convicção. Finalmente, e ao invés disso, nos liceus a oposição virá dos alunos muito mais que dos professores; mas uma luta tenaz e perseverante não pode deixar de triunfar sobre sua má vontade... Assim seja.

“Nos lycées”, in:
L'Éducation anglaise en France,
Paris: Hachette, 1889,
p. 108-109 (c. VII).

1.2.3 CARTA AOS MEMBROS DA SOCIEDADE DE ECONOMIA SOCIAL E DAS ASSOCIAÇÕES PELA PAZ SOCIAL

Em 1 de agosto de 1888, em nome do Comitê, Coubertin enviou uma carta aos membros da Société d'Économie Sociale e das Unions de la paix sociale para lhes pedir ajuda em sua cruzada posta em marcha “contra um sistema educacional que é tão inadequado para as necessidades da época”.

A Société d'Économie sociale foi fundada em 1856 por Le Play. Em 1872 foram fundadas as primeiras sociedades irmãs Unions de la paix sociale. A partir de 1886, ambos os grupos publicaram conjuntamente o informe da sociedade, La Réforme sociale, no qual Coubertin contribuiu com vários artigos.

O principal objetivo da Société d'Économie sociale era o desenvolvimento social e moral.

Coubertin tornou-se membro das Unions de la paix sociale em 1883. Foi apresentado pelo conde de Damas. Na lista de membros de 1888 aparece como membro da Société d'Économie sociale, bem como das Unions de la paix sociale. Coubertin foi secretário na reunião de 25 de maio de 1887.

Senhores:

Paris, 1 de agosto de 1888

O Comitê que acaba de ser fundado, com o objetivo de difundir o exercício físico nas escolas e de buscar, desse modo, uma transformação na educação francesa, foi colocado sob o patrocínio do senhor Jules Simon, ilustre orador do vosso congresso de 1887; três de seus vice-presidentes, os senhores G. Picot, o doutor Rochard e o general Thomassin pertencem a Associação; e mesmo seu secretário tem a honra de estar entre vossas filas.

Outros vínculos de maior importância unem também o Comitê e a Associação, mas acima de tudo está o objetivo que se propõe alcançar. Frédéric Le Play tem insistido reiteradas vezes sobre as lamentáveis tendências do nosso atual sistema escolar e sobre a necessidade de uma reforma imediata. É um ponto de seu programa que vamos tentar realizar, e se ele ainda vivesse, contaríamos, certamente, com seu apoio e sua participação. Um uso mais adequado das horas livres e o desenvolvimento do esporte entre nossos estudantes não são, a nosso ver, senão simples meios; temos um objetivo maior, e se empregamos esses meios, isso se deve ao fato de que a observação e a experiência nos têm demonstrado sua eficácia para aos jovens as inestimáveis qualidades de energia, perseverança, juízo e iniciativa que, entre nós, é somente atributo de uns poucos. Que nos seja permitido esperar muito mais de uma geração educada nessas qualidades.

Às vezes tenho me perguntado – e não sou, sem dúvida, o único a fazer isso – como é possível que as doutrinas que formam o conjunto do programa de reforma social não tenham produzido até agora nenhuma ação decisiva na sociedade francesa: proclamadas por um homem ilustre cujo nome é conhecido universalmente, apoiadas por Sociedades cujos mecanismos simples e engenhosos favorecem a propaganda, defendidas hoje por cidadãos convictos e aficionados, o que falta, portanto, a essas doutrinas para resultar preponderantes e regenerar o país? As doutrinas de Frédéric Le Play são eminentemente razoáveis, mas se dirigem a um povo que, em última instância, não



Pierre Coubertin praticou diversos esportes, em especial natação, hipismo, remo, tênis,

boxe, e aqui, na foto (a direita) pode-se vê-lo praticando esgrima. (Coleção O. Schantz)

o é. Para juntar-se às suas conclusões e ao seu programa de reformas não é preciso um grande talento, nem capacidades especiais, nem um olhar de lince, nem amplíssimos conhecimentos: basta ter bom senso, um pouco de moderação no modo de pensar, um pouco de tolerância na forma de julgar e não muitas ideias preconcebidas. Estas qualidades são algo excepcional nos franceses, que inclusive parecem desprezá-las como demasiado burguesas. Pergunto-lhes se é elegante entrar numa Sociedade que consente em discutir com seus adversários, não sonha com uma mudança geral e nem sequer pensou ainda em escolher um sinal de adesão. Ah! Se as Associações tivessem um emblema, quão distintos seriam suas conquistas; mas não é o caso, e o número do que se colocaram sob seu estandarte é pequeno; aumenta, mas muito lentamente.

Pois bem, há que se fazer a reforma social por meio da educação. Não é preciso trabalhar com os adultos, mas com as crianças; preparar seu triunfo proporcionando-lhes as qualidades espirituais que as tornarão aptas a compreender, e as qualidades de caráter idôneas para executar a transformação na qual vosso ilustre fundador viu a salvação do país.

Por isso, acreditei que poderia pedir a todos vosso apoio, feliz por vincular uma obra cujos destinos se anunciam prósperos às Associações que constituem o melhor da parte da nação que pensa e age. Vosso apoio não consiste somente nas doações que talvez alguns queiram voluntariamente fazer para a criação dos parques escolares e a organização de nossos concursos atléticos; consiste, sobretudo, em um apoio moral

que resulta numa grande força. Falai em nós e fazei com que nos conheçam; colocai interesse em todas as nossas inovações. Podeis, inclusive, fazer algo mais; juntamente com facilidades apreciáveis, em Paris nos encontramos com inúmeras dificuldades: as distâncias são grandes, para dispor de campos de jogo há que ir muito longe ou tem de se pagar muito caro; desde o outro ponto de vista, a liberdade que reclamamos para as crianças apresenta aqui perigos que nas cidades do interior são muito menores. Senhores, muitos de vocês vivem habitualmente nas províncias ou passam nelas uma boa parte do ano; a estes me dirijo pedindo-lhes que olhem ao seu redor e que examinem a situação dos colégios que tem por perto. Poderiam produzir neles reformas consideráveis e beneficentes, introduzir a nova disciplina que na escola Monge dá nestes momentos resultados tão satisfatórios, favorecer a criação de sociedades desportivas e desenvolver a iniciativa individual. Se, para levar a cabo esta empreitada, quiserem agrupar as pessoas de boa vontade do lugar e formar comitês similares ao nosso, estaremos a sua contínua disposição para ajudá-los e apoiá-los nessa tarefa – tarefa restrita, mas já muito útil se somente quiserem remediar o *surmenage*, colocando o exercício físico como contrapeso à fadiga intelectual, e tarefa muito mais ampla se, como nós, pretendem que na educação entrem, mediante o esporte, novos princípios de disciplina e de responsabilidade. Nesse caso, não nos cansaremos de recomendar-lhes que recorram aos jogos ingleses, maravilhosamente aptos para que esses princípios nasçam e se mantenham; é preciso que um patriotismo infantil e mal compreendido não nos impeça de adotá-los.

Acompanhando esta carta, a redação da Revista quer apresentar-vos a lista dos membros do Comitê; entre as pessoas notáveis que aparecem nela, a morte acaba de produzir um vazio ao levar o senhor Allou, o célebre e valoroso defensor das liberdades. Vereis que temos feito membros pessoas de todos os partidos; nosso trabalho está, efetivamente, protegido de qualquer luta política: é puramente social, o que lhe acrescenta um título a mais em vossa estima. Estamos certos de que nos ajudareis com prazer na cruzada que temos empreendido contra um sistema educacional que responde tão mal às necessidades atuais e que se tem mostrado incapaz de produzir os verdadeiros cidadãos que a França necessita.

Pierre Coubertin

Secretário Geral do Comitê
Membro da Sociedade de Economia Social

Lettre aux membres de la Société d'Économie Sociale et des Unions de la Paix Sociale, in:
La Réforme sociale
(1 de setembro de 1888),
vol. 8, série 2, parte VI, p. 249-252.
Reimpresso em: *L'Éducation Anglaise en France*,
Paris: Hachette, 1889, p. 199-202, Ap. II.

1.3 UNIVERSIDADES TRANSATLÂNTICAS (1890)

1.3.1 – 1.3.6 INTRODUÇÃO

Em julho de 1889, o ministro francês de Instrução Pública, Armand Fallières, enviou Coubertin aos Estados Unidos e ao Canadá, “para visitar as universidades e as escolas, e para estudar a organização e o funcionamento das associações atléticas fundadas pela juventude desses países”.¹ Coubertin partiu no final de setembro. Entrementes, se preparou para a viagem lendo “A democracia na América” de Tocqueville.² Coubertin também viu a América pela primeira vez em idade precoce; tinha só vinte e seis anos.³ Como Tocqueville, Coubertin queria compreender *in situ* as condições que uma democracia tem de cumprir para realizar adequadamente seu papel na educação, já que, embora a França tivesse abolido o sistema aristocrático, não havia sido capaz de estabelecer uma democracia estável, e seus conceitos educativos seguiam sendo reacionários.

Tão logo chegou, Coubertin viajou de cá para lá, obteve informações, fez observações e anotou suas próprias reflexões. Os americanos se preparavam para seu futuro nas universidades. Seus esforços pareciam não estar sempre bem coordenados, mas o progresso resultante ia criando um espírito frutífero de rivalidade. Esse espírito beneficiava-se do domínio do caráter anglo-saxão de uma abundância de eruditos e pesquisadores, e da extensão do continente.

Para os americanos, o respeito à lei era compatível com a liberdade civil e religiosa. Ser honesto, ser caridoso e assumir riscos para obter benefícios seguiam sendo a base da conduta.

As associações atléticas proliferavam nas universidades e fora delas. Desde o ponto de vista de Coubertin, havia dois sistemas educacionais enfrentados: um baseado em jogos livres, provenientes da Inglaterra; o outro dos ginásios alemães. Os atletas eram escolhidos com base em medições antropométricas extremamente detalhadas.⁴ Coubertin descobriu que os Estados Unidos de então, com sua abundância de instituições de ensino superior, tinha, no entanto, um número muito pequeno de escolas secundárias, e sua preocupação principal era preparar os estudantes para os exames de ingresso à universidade. Organizar assim a educação tem como resultado uma base intelectual e moral relativamente frágil, justo no momento em que os estudantes entram no período mais importante de suas vidas quanto a formação da pessoa e do cidadão. Para compensar esta deficiência foram fundadas novas escolas inspiradas nos ensinamentos de Arnold. Neles, o esporte produziu “vontades

1 Para as notas de Coubertin sobre o Canadá, ver Bouthillier-Chavigny, *Justice aux Canadiens-Français! À M. le Baron Pierre de Coubertin*. Montreal: Cadieux et Derome, 1890.

2 Publicado em 1834, quando o autor acabava de completar vinte e nove anos.

3 Coubertin estava bastante familiarizado com Tocqueville. Ele o havia citado em Londres durante sua conferência sobre Le Play.

4 Coubertin observou que “lembra um estábulo de cavalos de corrida; há um criador que entrega os belos animais ao treinador” (p. 89); e reitera, “tudo isso não é educação, é criação de animais” (p. 90). E acrescentou que “a impressão que dão é a de um ideal distorcido, uma educação simples, materialismo inconsciente porém absoluto” (p. 120), em *Universidades transatlânticas*, “New England”.

fortes e corações justos, e ao mesmo tempo corpos robustos”. Nessas instituições a liberdade estava “sabiamente regulada”. No entanto, Coubertin via como excessiva a liberdade na maioria das universidades, enquanto admitia de bom grado que “este excesso de independência não produz maus resultados”.

A filosofia da educação de Coubertin começou a adquirir sua forma final partindo desse ponto, como consequência de uma forte atenção aos valores permanentes e uma resposta direta às questões educacionais do momento.

Durante suas viagens, Coubertin ficou impressionado com as leis discriminatórias vigentes então nos estados sulistas. Desde seu ponto de vista, a cultura deve unir os homens sem exigir que eles renunciem a si mesmos; pode-se aceitar diferenças sem deixar de ser humano. Também ficou surpreso com o papel significativo desempenhado pelas mulheres nos assuntos americanos. Quanto ao esporte, as mulheres tinham ginásios com equipamento adequado, mas ele tinha a impressão de que para elas seriam muito mais adequados os exercícios ao ar livre e na natureza. A visita ao Canadá ofereceu a Coubertin a prova da superioridade da educação inglesa sobre o modelo demasiado restritivo e existencial que seguiam adotando os franco-canadenses.

Nem tudo o que viu Coubertin era negativo. Ao contrário. Durante sua primeira estada de três meses do outro lado do Atlântico, viu outros estilos de comportamento e novas dimensões da vida. Foi testemunha de um grande espírito criativo, articulado com a natureza e com o treinamento segundo modalidades diferentes. Destacou que num país novo e extenso, grande parte do que se dá por suposto estava sendo transformado: os princípios intelectuais, físicos e morais, bem como as regras da sociedade e da religião. Este crisol de várias civilizações lhe demonstrou que o homem é criado, em essência, para o futuro, e que, por meio da educação, pode aspirar a mais liberdade, mais justiça e mais felicidade.

Durante sua visita a Universidade de Princeton, Coubertin reuniu-se com o professor William Sloane. Sua amizade seria longa e frutífera, e prestou bons serviços à restauração dos Jogos Olímpicos, um projeto que Coubertin já tinha em mente. Seus pensamentos tendiam constantemente para o universal. Em 1890 apareceu uma reportagem sobre sua visita num livro de 379 páginas intitulado “*Universités Transatlantiques*” (Universidades Transatlânticas).⁵

Seu relato centrou-se em nove temas principais: No mar – Nova Iorque e arredores – Canadá britânico e Canadá francês⁶ – De norte a sul – Louisiana, Florida e Virgínia – Washington e Baltimore – Um livro, um congresso e um barco, e – Conclusões. Esses temas são abordados em seções que variam muito em extensão em função de cada matéria.

5 Essa questão foi abordada de diferentes formas durante os três anos seguintes. Em 1895 publicou *Le Monde américain*, em 1896 *Le mouvement universitaire aux États-Unis*, e em 1897, *L'Amérique universitaire*. Seus estudos sobre “História da América do Sul” e “Idealismo na História dos Estados Unidos” apareceram muito mais tarde, em 1916 e 1918.

6 Suas afirmações sobre o Canadá causaram controvérsia, tão logo foram publicadas, de modo que o visconde franco-canadense de Bouthillier-Chavigny apresentou uma resposta em forma de livro sob o título “Justiça para com os franco-canadenses”. A centésima primeira devolução do primeiro livro de Coubertin foi comemorada na Universidade de Laval em Quebec com um importante congresso sobre “História e futuro do Olimpismo”, sob a direção do professor Fernand Landry.



Mapa que mostra os lugares dos Estados Unidos e do Canadá visitados por

Coubertin durante sua viagem de 1889/1890 pela América do Norte.

1.3.1 NOVA IORQUE E ARREDORES

Os quatro anos de estudos, os “*eatings clubs*”, os “*dormitories*”, inúmeras associações, atléticas, literárias, etc., e a dependência excessiva dos jovens, tudo isso chama a atenção desde o início, e isto pode ser encontrado praticamente em qualquer lugar de norte a sul e de este a oeste. As universidades americanas levam com frequência o nome impróprio de colégio; os colégios, ao contrário, são chamados *schools*. No que diz respeito às *public schools*, nome dado na Inglaterra aos principais colégios do país, na América são assim chamadas as escolas primárias. O ensino básico transatlântico é conhecido; na Europa foi muito estudado nos últimos anos; por isso, não vou me ocupar dele aqui. A missão que o ministro da Instrução Pública me havia confiado somente se referia ao ensino médio e superior, menos conhecido e, quem sabe, mais digno de sê-lo. Há, no entanto, um ponto de união entre a escola básica e as universidades: as *high schools*, sobre as quais falarei; caberia compará-las aos ginásios alemães menos avançados; de fato, são escolas básicas superiores de um tipo especial. Mas quando se considera a importância desse período educativo compreendido entre os onze e os dezesseis anos, não é de se lamentar, junto com a maior parte dos pedagogos americanos, que os Estados Unidos sejam tão ricos em universidades e, ao contrário, tenham tão poucos colégios. As *high schools* são internatos. Sua ocupação principal consiste em preparar os alunos para

o exame de ingresso na universidade; isso não pode dar, nem do ponto de vista moral, nem do ponto de vista intelectual, um resultado completo, nem procurar uma base claramente sólida.

Entretanto, existem alguns colégios, outros são fundados e pode-se prever o tempo em que se completará essa lacuna; o apaziguamento dos velhos ódios anglo-americanos tem algo a ver com isso, bem como o rápido e quase excessivo desenvolvimento dos jogos ingleses. É certo que, depois da guerra de Secessão, os Estados Unidos, que saíram ilesos de uma espantosa luta fratricida, adquiriram confiança em si mesmos; comprovaram que formavam uma nação sólida, e o temor de se deixar menosprezar por adotar ideias ou costumes estrangeiros desapareceu. Então, o futebol, o remo e, de modo geral, todos os exercícios ao ar livre irromperam no Novo Mundo, na medida em que os pedagogos voltaram seu olhar para a Grã-Bretanha para aprender dela os princípios de reorganização, princípios que tivessem produzido resultados muito melhores se as ideias alemãs não tivessem interferido, produzindo desordem e semeando germens nocivos. A educação americana é um campo de batalha no qual a pedagogia alemã e a inglesa estão em luta; e isso não somente porque os alemães formem na União um partido muito poderoso, mas especialmente porque, há trinta anos, a elite da juventude vai concluir seus estudos nas universidades alemãs.

Os poucos colégios existentes e os que são fundados atualmente escapam da influência alemã, de modo que ali vigoram as boas ideias pedagógicas expressadas pelo grande Arnold. Princeton tem a sorte de ter a seu lado, sob suas asas, o colégio de Lawrenceville (*Lawrenceville school*), que lhe preparará sólidas gerações de estudantes e lhe assegurará para o futuro uma enorme superioridade sobre as outras universidades que competem com ela.

“Autour de New York”, in:

Universités Transatlantiques, Paris: Hachette, 1890, p. 27-30.

(paragr. IV, c. II, “Autour de New York”).

1.3.2 NOVA INGLATERRA

1. Ele mesmo se encarrega de me colocar em contato com Cambridge, e ainda não tive tempo para lhe explicar o que venho fazer na América quando já colocou o chapéu e me propõe um plano. Concordo! Vamos ver a biblioteca, os campos de jogo, os laboratórios as coleções... e terminaremos pelo ginásio. Entrementes vamos saudar a famosa árvore ao pé da qual em 1775 Washington assumiu o comando do exército.

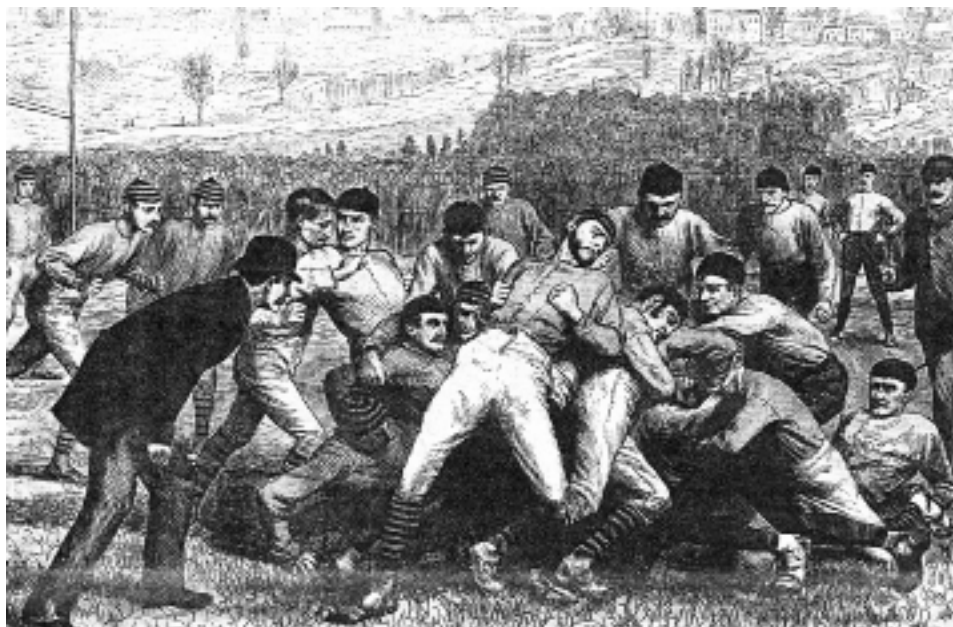
Nesse dia vimos, na verdade, muitos jovens jogando *foot-ball*, tênis, treinando para correr, e vimos também carapaças antidiluvianas e inúmeras conchas. A árvore de Washington apareceu com o venerável aspecto próprio a sua idade, com emplas-tros de ferro branco em sua casca e o asseio minucioso dos velhos bem cuidados. No ginásio nos esperava um espetáculo muito pitoresco.

É chamado *Hemenway Gymnasium*, devido ao nome antigo estudante que deu 500.000 francos para construí-lo. O interior está abarrotado de cordas e aparelhos. O dia já começa a findar e a luz elétrica ainda não fora acesa. Neste semi-crepúsculo podia-se ver jovens vestidos com jalecos brancos fazendo aí mesmo contorções

inexplicáveis; ao mesmo tempo em que podia ouvir chiados de roldanas, ruídos de ferro velho e de rodas com pouca graxa vindos de todos os lugares. No centro havia somente alguns praticantes de salto que tentavam superar uma barra cada vez mais alta. Que faziam os outros? É impossível dizer à primeira vista. Fui tomando consciência pouco a pouco. Puxavam com os braços ou as pernas, levantavam com a cabeça ou com os ombros, empurravam com os joelhos ou as ..., com tudo o que quereis, pesos sabiamente graduados que deslizavam por ranhuras. Triunfava a *ginástica local*. A alguém havia-se indicado uma deformação inicial do quadril esquerdo, outro sabia desde a véspera que o diâmetro do dedo mínimo da mão direita era meio milímetro maior que o dedo mínimo da sua mão esquerda, e um terceiro havia recebido revelações desastrosas sobre as medidas do seu antebraço; haviam sido postos para trabalhar minuciosamente, o primeiro para reabilitar seu quadril, o segundo para restabelecer o equilíbrio entre seus dedos mínimos e o terceiro para fazer crescer seu antebraço. E tudo isso, com que objetivo?... Para que pudesse, simplesmente, parecer um *homem normal*. Pedi, portanto, para ver um homem normal, e subimos por uma pequena escada em caracol que leva ao gabinete do doutor Sargent.

Imediatamente acreditei estar diante de uma equipe médica. Diante de mim estava um magnífico gabinete completamente cheio de estatuetas antigas, gravuras, fotografias, livros e documentos; no umbral da porta três ou quatro jovens absolutamente nus aguardavam com os braços cruzados o momento para ser chamados. O Dr. Sargent levantou-se de sua mesa e nos estendeu amavelmente a mão. Um de seus ajudantes estava fazendo um exame; ele o interrompeu e o fez começar de novo para me dar uma ideia exata de seu método e de seus princípios. O estudante experimentou primeiro sua força numa espécie de dinamômetro; depois foi determinada a força do seu sopro com ajuda de um espirômetro e, em seguida, puseram-lhe sobre o coração um pequeno instrumento arredondado com um tubo de látex que chegava aos ouvidos do médico. Foram, então, tomadas 58 medidas sobre sua altura, desde a planta dos pés até o ponto mais alto da cabeça, e as 58 cifras anunciadas em voz alta e repetidas por um escrivão – como se estivéssemos no alfaiate –, ocuparam os 58 espaços predeterminados de uma folha impressa que me foi entregue como lembrança. Mas isso não foi tudo: perguntou-se ao examinado quem eram seu pai e sua mãe, seus avôs e avós, de que enfermidades haviam morrido, com qual deles mais se parecia. Inscreveram em pequenas tabelas algumas informações relativas às batidas cardíacas, à atividade de seu fígado, à duração de sua respiração; perguntaram-lhe se tinha catarro facilmente e se sangrava pelo nariz. Depois se vestiu e, antes de ir embora, assinou todos os “direitos de exame”.

Então o médico me mostrou os volumosos registros nos quais estão contidos os primeiros passos de uma nova ciência, a antropometria, e pensei no regozijo dos antiquários do ano 2000 remexendo naqueles livros; os retratos de família seriam então substituídos pelas folhas antropométricas dos antepassados e se fará com que os amigos parem ante uma tabelinha amarelada, cheia de números e gravada em ouro: “Este é meu tio avô, dirão... Observe a força de seu bíceps!” O doutor Sargent refez o *homem normal*, de forma um tanto frenética, claro, e traça num gráfico a curva de vossas deformações, isto é, o que sois se comparados ao homem normal. Aí temos *curvas* famosas! São de Hanlan, o remador; de Sullivan, o famoso boxeador... Há pouco comprovamos a “depressão produzida pela mesa” no corpo do estudante que faz exames.



A partida de futebol americano entre Princeton e Yale de 1879 foi um dos primeiros encontros de competição jogados de acordo com as

regras da *Intercollegiate Football Association*. (Extraído de: Dan Oberdorfer, *Princeton University: The first 250 years*, Princeton, 1995, p. 82)

Após uma nova visita ao ginásio, um dos empregados que manipula os aparelhos enquanto o médico me explica os mecanismos, entramos numa sala de troféus, repleta de flâmulas, taças e medalhas conquistadas em competições com outros colégios. Ali também está o retrato dos atletas com as datas de suas vitórias. Mas como está em ordem tudo isso! Estes jogos estão nas mãos dos *directores* que os organizam despoticamente:... diria-se que é como uma pista de corridas; o peão passa os belos animais ao treinador.

O dia que os americanos se dedicaram aos jogos ingleses, o fizeram com o ardor excessivo que os caracteriza, e imediatamente chegou ao exagero. Não há sacrifícios que não sejam aceitos pela equipe que deve lutar em determinada data contra outra equipe e ante uma multidão imensa e entusiasmada; tudo é organizado com vistas ao treinamento de alguns homens sobre os quais Nova Iorque, Albany, Boston, etc. investirão somas fabulosas; os outros estudantes ficam de fora; eles são tirados do campo de *football*, são tirados da *boat-house*: atrapalhariam os campeões. Aqui está o desenvolvimento dos ginásios: foram criados de modo a compensar aqueles que não podiam ter a pretensão de defender a honra de sua universidade nos torneios atléticos; e ao mesmo tempo foram usados para fortalecer sistematicamente e formar de modo irrepreensível o corpo dos campeões. A ginástica e os exames periódicos, no entanto, não são aqui obrigatórios, como o são em um grande número de outras universidades.

Essa noite, ao sair do Hemenway Gymnasium, minhas ideias eram muito confusas. Tinha visto, certamente, coisas curiosas e interessantes, e tinha visto outras bem ridículas. Mas somando todas as minhas boas e más impressões, não conseguia tirar uma conclusão.

Hoje sei perfeitamente ao que me ater, e meu juízo é claro e preciso. Tudo isso não é educação; é criação de gado!

“La Nouvelle Angleterre”, in:
Univesités Transatlantiques,
Paris: Hachette, 1980, p. 84-90,
(paragr. III, c. III: “La Nouvelle Angleterre”).

2. Quando tenho duas ou três horas livres, tomo o bonde para Cambridge e vou ver os estudantes, falar com aqueles que conheço e observar seu aspecto e seu modo de olhar. Quando se trata de meninos de quatorze, quinze ou dezesseis anos e que-reis saber como foram educados, é muito simples: observai-os a jogar, escutai-os a falar com seus professores e averigui como se lavam. Este tríplice critério continua sendo o melhor que conheço; nunca engana. Mas com homens desta idade são necessários pormenores e observações mais amplas.

A alameda sombria é o centro da vida universitária. Daí pode-se ver quase todos os “dormitórios”; pelas janelas abertas escapam os lamentos de pianos martirizados, e minhas lembranças voam até os “campos quadrangulares” de Oxford e Cambridge. Aqui há mais liberdade! Quando anoitece, os rudes porteiros não irão procurar pelos que estão atrasados, nem as pesadas grades prenderão os estudantes até a manhã seguinte. Quem se preocupa com eles? Apenas se os conhece, e os grupos diferentes quase não se conhecem entre si.



**Estudantes americanos
praticam corrida com obstá-
culos. (Extraído de Sport im
Bild, n. 40, 1908, p. 1217)**

Ontem almocei num *eating-club*; os convidados, pouco numerosos, não se pareciam; havia ruivos e morenos, magros e gordos, elegantes e desastrados; um dos meus vizinhos sonhava com uma vida de trabalho e de agitação; e o outro tranqüilo, com grandes árvores e uma cadeira de balanço. Em outras palavras, o primeiro queria subir pelas escadas e o segundo descansar nos degraus...

Um dos meus amigos, que havia saído de Harvard já há dois anos, comentou-me os valores ali dispendidos; fazia parte desse exclusivo núcleo de aristocratas que não sabem muito bem onde embasar suas pretensões de nobreza e as afirmam mediante um exclusivismo feroz; se não podeis comparar-vos com os nobres da Inglaterra, nem colocar em vossos carros um escudo, jogai, ao menos, o dinheiro pela janela: sem isso, nada de entrar em seu círculo. Além disso, esse círculo carece de interesse. Nele realizam-se mil excentricidades e mil coisas estúpidas para se impor de qualquer forma a um povo que não tem aristocracia e que apenas conhece o significado desse termo. Em Boston, isso todavia desperta algum interesse, mas em qualquer outro lugar não há que se esperar nada. Os jovens senhores, obrigados a ceder à pressão da opinião pública, tornam-se então advogados por diversão, como uma forma de aparecer na sociedade.

Harvard me parece um caos, uma imitação confusa e algo torpe das universidades inglesas. Não é realmente americana, nem em sua atmosfera nem em suas tendências; há forças vivas perdidas nessa massa amontoada na qual não se forma nenhuma corrente. Em suma, a Universidade é a imagem da Nova Inglaterra: um país que não deixa de ter certa analogia com a França do começo de Luís XVI; um fim de época com suas incertezas, suas inconseqüências e seus maneirismos... As

pessoas se recuperam desse tipo de situações, sobretudo na América. Com frequência não são senão épocas de transição, porém quem procure hoje os Estados Unidos na Nova Inglaterra, corre o risco de voltar a Europa sem ter compreendido nada... Após o almoço fomos inscrever nossos nomes no registro do *Hasty Pudding Club*. Esta sociedade toma seu estranho nome de um *pudding* compacto que é preciso engolir em poucos segundos; nela são realizadas apresentações e são feitas imitações de forma muito animada e não sem talento. Depois nos encontramos com o amável professor Cohn, que ensina literatura francesa e a faz apreciar. Perturbo-o com perguntas de toda ordem e ele me responde com extrema amabilidade; me leva a perceber a ausência de *base* nos estudos americanos; se conhece um grande número de coisas, existe vontade de aprender, mas carecem das *humanidades* que sustentam o edifício. Quem dentre nós as combatem com ódio e sarcasmo deveria vir até aqui para dar-se conta do vazio que deixam atrás de si... Os colegas que se baseiam no plano de Lawrenceville remediaram essa situação.

“La Nouvelle-Angleterre”, in:
Universités Transatlantiques,
Paris: Hachette, 1890, p. 94-98,
(paragr. VI do cap. III: “La Nouvelle-Angleterre”).

3. Acabo de passar vinte horas em Lenox, lugar da moda, situado a quatro horas de Boston. Tem montanhas muito pitorescas, passeios muito bonitos, e os ricos vivem em mansões. O menor terreno é muito caro, e não basta instalar-se: é preciso se fazer *admitir*. Os americanos honrados dão-se ao pequeno luxo de brincar com os costumes aristocráticos: investigam seriamente a ascendência dos recém-chegados e seu parentesco e discutem para decidir se convém ou não recebe-los. Estas pretensões destoam completamente na América que não se pode deixar de rir. No entanto, nas melhores famílias encontrais um desconhecimento quase absoluto no que se refere a sua origem; conhecem seus pais, sabem mais ou menos quem eram seus avós, e o resto permanece numa nebulosa. Isso não impede que as pessoas de Lenox levem a si mesmas a sério. Quantos viajantes julgam a América a partir de Lenox, ou a Inglaterra pela Câmara dos Comuns!

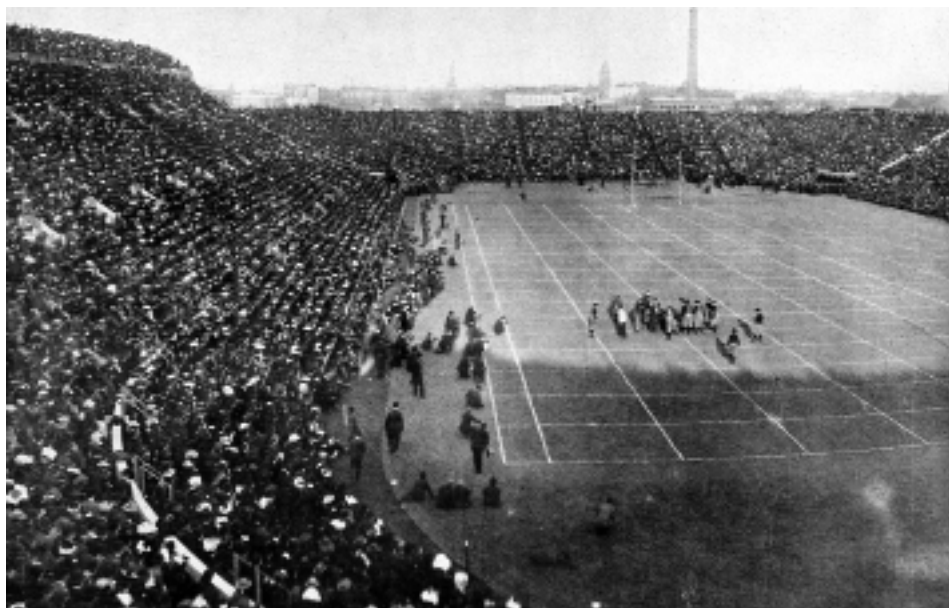
De Lenox fui a pequena cidade de Amherst, onde vive o pai da antropometria escolar, o estimado Dr. Hitchcock. A Universidade Amherst foi fundada em 1821, e no dia de abertura do curso apresentaram-se 47 estudantes; agora são 360. O conselho de administração é composto por 10 leigos e 7 eclesiásticos; é prerrogativa dos alunos ocupar as vagas abertas com a morte ou as demissões dos membros do conselho. Esta ingerência dos antigos alunos na administração da universidade não é uma das menores particularidades do sistema americano. De minha parte, considero que tem inúmeras vantagens: as universidades recebem dessa forma um forte apoio e uma sólida defesa; a rotina não se instala nelas e se mantém a emulação. Por último, o que se perde, desde o ponto de vista social, por fazer parte de um grupo cujos membros podem, assim, caminhar pela vida apoiando-se reciprocamente? Amherst não tem ido muito longe nessa direção, e tem introduzido na administra-



**Esporte nas universidades
americanas: quadras de
tênis em Harvard em 1900
(Extraído de Sport im Bild, n.
37, 1905, p. 888)**

ção os mesmos alunos. A Faculdade compartilha o poder com um Senado composto por 4 *seniors*, 3 *juniors*, 2 *sophomores* e 1 *freshman*, escolhidos por suas respectivas promoções. Ante esses jovens senadores é apresentado todo assunto referente “a boa ordem e ao decoro”. Decidem segundo seu critério e a assinatura do presidente implementa suas decisões. Desde que está em vigor, este sistema satisfaz plenamente seus criadores.

Os 360 estudantes pertencem quase todos ao estado de Massachusetts e ao Estados vizinhos. Alguns vêm do Oeste; 5 são estrangeiros; o Sul está representado somente por 2 estudantes da Virgínia. Fico por dentro disso enquanto vou tropeando num carro pequeno que desce uma ladeira vertiginosa que desce para a planície, pois Amherst está situada sobre uma colina coroada por esbeltas construções. Hoje há festa desportiva: corrida, salto, prêmios. É o *Fall Meeting*, a reunião de outono. Mas pode-se perceber que o bom Dr. Hitchcok tem menos simpatia por esse tipo de esporte que pelos belos exercícios de braços e pernas realizados quatro vezes por semana em seu ginásio, ao som do piano..., pois ele é dessas pessoas que *acreditam* na música. Nos Estados Unidos, os professores de ginástica acreditam ou não acreditam na música. No primeiro caso, ficam felizes ao ver seus alunos ondular como marionetes ao compasso da melodia e ao escutar, no acorde final, o *flac* de todos os calcanhares ao bater no solo. O Dr. Hitchcok é a encarnação do bom humor e da boa saúde. Sua fé profunda em seu sistema acaba por fazer com que ele resulte



Jogo de futebol americano entre Harvard e Yale, 1905, disputado diante de 40.000 espectadores em Cambridge, Mass. (Extraído de Sport im Bild, n. 51, 1905, p. 1225)

simpático. Agora é um ancião que conseguiu realizar seus objetivos: convenceu numerosos discípulos de que um corpo humano se “constrói” como uma casa, de que a ginástica calculada e regrada é o remédio universal contra todas as enfermidades, e de que é preciso medir-se a cada quinze dias para “conhecer-se a si mesmo”. No que tange à dimensão moral do atletismo, não cabe dizer que ele a desconheça; a ignora completamente. Das publicações que me entregou exala, assim, um claro aroma materialista. O nome de Deus aparece nelas em vão e sem razão; a impressão que produzem é a de um ideal falso, uma educação capenga, um materialismo inconsciente porém completo.

Os programas dos cursos não apresentam nesse caso nenhuma particularidade: de um lado as letras e de outro as ciências, com um ponto de união entre ambas, de modo que os alunos fortes em redação sabem pelo menos fazer uma soma, e os fortes nos números não acham que Regulus é um supervisor de obras públicas. Os programas são bastante completos, bem redigidos, e os estudantes de Amherst parecem bons trabalhadores. Disfrutam de pouca diversão; a cidade é pequena, e suas ruas, mesmo que atraentes, acabam subitamente no campo.



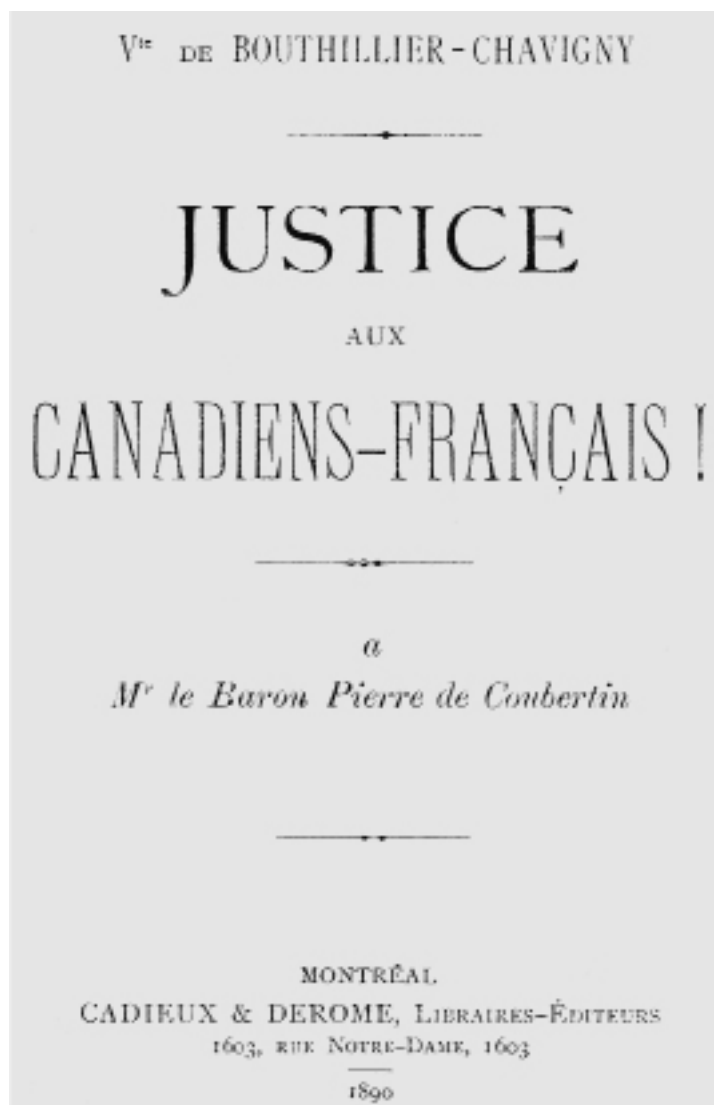
**Quando viajava, Pierre Cou-
bertin não levava máquina
fotográfica, mas com fre-
quência fazia desenhos em
seu caderno de notas dos**

**diferentes lugares que visi-
tava. Aqui, a margem do rio
Hudson quando esteve nos
Estados Unidos em 1907.
(Coleção Navacelle)**

No hotel servem nossa mesa essas mulheres que Max O'Rell tem chamado en-
genhosamente as “duquesas”, com a diferença de que não há no mundo duquesas
tão altaneiras, tão descorteses e tão perfeitamente insuportáveis. Sua rudeza, seu
semblante enfadonho, seus olhares insolentes e suas burlas constantes transformam
essas camareiras americanas num verdadeiro pesadelo para o viajante quando, ao
sair das grandes cidades, se aventura por aldeias desse tipo; então invoca com toda
sua força o dia em que a ciência moderna permitirá substituir as duquesas por um
fluido silencioso e obediente.

“La Nouvelle-Angleterre”, in:
Universités Transatlantiques,
Paris: Hachette, 1890, p. 117-121,
(paragr. XIII do c. III: “La Nouvelle-Angleterre”).

Um livro organizado por um canadense francófono (parente de Coubertin) no qual é criticado o relatório de Coubertin sobre o sistema educacional no Canadá. (Coleção O. Schantz)



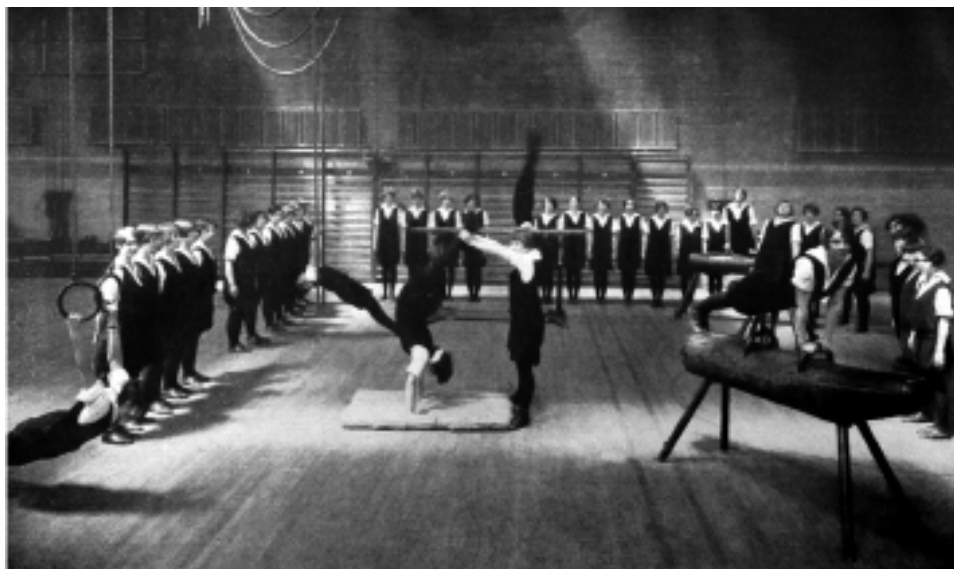
1.3.3 O CANADÁ BRITÂNICO E O CANADÁ FRANCÊS

O bom senso e a perseverança – duas qualidades neles predominantes – serviram-lhe outrora para defender-se do invasor, e quando se compara sua força numérica atual com o que era no dia seguinte da cessão do Canadá à Inglaterra, e se recorda a forma como foram tratados, as crueldades que lhe foram infligidas, as injustiças que sofreram, não resta senão admirar os resultados que conseguiram depois de uma luta cheia de habilidade, paciência e de tenacidade. Souberam usar maravilhosamente as menores concessões, aproveitar as mais insignificantes circunstâncias, ga-

nhar terreno por todos os meios possíveis. Durante os dias ruins, os Estados Unidos vieram por duas vezes para conquistá-los e emancipá-los, e em ambas as ocasiões se uniram aos seus perseguidores para rechaçar essa emancipação que consideravam tão perigosa quanto atraente. Será inútil procurar na história mundial um segundo exemplo de um espírito político tão notável. Hoje desfrutam de liberdade completa; o governo federal, infinitamente melhor compreendido e constituído que nos Estados Unidos, estende sobre eles seus benefícios. Ajudados pela grande fecundidade de sua raça e pelos sábios conselhos de um homem que empreendeu o trabalho de colonização – o famoso sacerdote Labelle –, estende-se de norte a oeste por territórios considerados inabitáveis, mas que em suas mãos se convertem rapidamente em terras valentes; tudo iria maravilhosamente bem se não encontrassem num estado de notória inferioridade naquilo que é o mais importante na vida dos povos modernos: a educação.

Disso não se deve concluir que a instrução nas escolas está abandonada. Na realidade, as escolas de comércio estão bem organizadas, e o cuidado que elas têm para que as crianças aprendam inglês lhes garantem depois uma superioridade sobre seus competidores britânicos, que não podem, ou não querem, aprender uma palavra de francês. Mas apertam as ideias de modo a paralisar sua fecundidade, e habitua-se a inteligência a se mover num círculo estreito do qual nada pode surgir de original. Falta, sobretudo, a educação; os exercícios físicos, os cuidados com o asseio, a formação do caráter, o uso da liberdade, tudo isso são bobagens para os canadenses. Ao seu lado, os jovens ingleses praticam jogos viris, entram na vida ativa com iniciativa e vontade..., e o resultado é que ficam com todos os benefícios, que todos os negócios são feitos ao seu redor, que suas ideias dominam e que ganham, assim, inclusive em Montreal, o que sua inferioridade numérica lhes faria perder. Com sua saúde de ferro, o Canadá Francês se quebra, se esforça e semeia laboriosamente, enquanto o Canadá Inglês faz a colheita. Quem sabe não tenha nunca aparecido a superioridade da educação inglesa de tão patente e indubitável como ante esta raça que goza de grandes qualidades e quem tudo... menos a iniciativa e a independência de caráter. E na corrida pelo dólar à qual os canadenses se apaixonaram, não são eles os primeiros a chegar.

“Canada britannique et Canada français”, in:
Universités Transatlantiques, Paris: Hachette, 1890, p. 136-190,
(paragr. II, c. IV: “Canada britannique et Canada français”).



Aula para meninas na Chicago Normal School for Physical Education.

(Extraído de C. Diem, *Sport in Amerika*, Berlin: Weidmann, 1930, p. 35).

1.3.4 DE NORTE A SUL

1. As ondas do lago Michigan batem com fúria contra os diques de madeira que escoram suas praias arenosas. O movimento das ondas enche o horizonte; ao longe somente se pode ver a chaminé que indica a entrada do túnel submarino escavado por Chicago para obter água, porque essa massa líquida sacudida pela tormenta é água doce, e suas ondas formidáveis não são as ondas de um oceano. É difícil ter uma ideia disso e alguém pode se perguntar se a Rainha das Pradarias não foi levada repentinamente para a beira do mar.

Já não é tão fácil de ser transferida como na época em que foi devorada pelo incêndio. “Chicago ardeu, me disseram quanto tinha oito anos. Não sobrou nada, nada!...”, e eu conservo certa lembrança daquela catástrofe fantástica, sobre-humana... Pois bem, Chicago só se parece com uma cidade que ardeu completamente há dezenove anos. Suas imensas ruínas estão rodeadas de palácios de poderosas fundações, de colunas de mármore; tudo parece tão forte, tão sólido, tão definitivo que forja um passado e umas memórias históricas, de modo que quase se estaria tentado a perguntar pelo caminho para ir ao palácio real, embora, por outro lado, ele exista e nele reina como soberano indiscutível Sua Majestade o Dinheiro. É o *Board of Trade*, a “Bolsa comercial”. Haviam nos recomendado muito que entrássemos para ver sua “agitação”. Certamente lá dentro há uma algazarra infernal e o espetáculo é impressionante. Mas acontece mais ou menos o mesmo em todos os centros de negócios; no entanto, em nenhum o marco é tão grandioso. Com suas colunas ciclópicas e suas enormes janelas envidraçadas, o *Board of Trade* parece um templo, um palácio exótico, e alguém procura com os olhos o ídolo, o grande lama, o trono...

Em torno ao soberano está a corte, com seu cortejo obrigatório de favoritos e cortesãos, cujos menores gestos interessam ao público, cujas menores palavras são repetidas e cujos menores pensamentos são canalizados. Um periódico americano sempre é interessante para seus leitores quando fala dos homens felizes do dia e, especialmente, quando apresenta os números de suas ganâncias. O milionário é o protótipo, o ideal; para os jovens converte-se no que era Roldán na Idade Média, ou Lauzun sob Luís XIV. Se lhes confere uma espécie de poder misterioso, e quando a fatalidade o esmaga, se produz um estupor geral, o que expressava recentemente um jornalista ao colocar no título da crônica de uma catástrofe estas palavras estranhamente filosóficas: “Um milionário queimado vivo! Todos os seus milhões não puderam salvá-lo!” Desde a perspectiva europeia, qual não será a marca da baixa moral e da podridão de uma sociedade na qual o dinheiro exerce semelhante domínio? Pois bem, não há nada disso! A sociedade de Chicago gosta de coisas belas, vibra com os sentimentos nobres, continua seu aperfeiçoamento moral ao mesmo tempo que seu enriquecimento; numa palavra, é uma sociedade em ascensão. Leiam o livro do Sr. Varigny sobre as *Grandes fortunas nos Estados Unidos*. Por suas páginas desfilam os principais milionários do século; descreve seus começos penosos, sua tenacidade, sua vida agitada, e quando chega o momento do triunfo no qual o homem afirma sua fortuna, o tipo segue sendo o mesmo: algo cético, algo autoritário, algo brusco, mas alguém que faz doações generosas, que ajuda aos necessitados, funda escolas, hospitais ou museus; é assim o milionário americano.

Próximo daqui há uma pessoa cujo nome é conhecido universalmente: Pullman, o construtor e, segundo creio, o inventor dos famosos *vagons lits*, que levam o seu nome, *Pullman cars*. Ele não se deu por satisfeito em fazer uma fortuna colossal e dar emprego em suas fábricas a 5.000 operários. Para melhorar ainda mais sua situação, fez tudo o que lhe aconselhou a mais sábia e delicada filantropia. O patrocínio que exerce lembra aquele que exerceria entre nós um grande industrial inspirado por princípios idênticos, exceto pela condição de ao operário não se lhe pede nada em troca do que se faz por ele, e que é tratado como igual, como convém entre cidadãos americanos... Esse enxame de trabalhadores está situado a quarenta e cinco minutos de trem do centro da cidade. Para chegar até aí atravessa-se vários trechos desabitados; mas não importa, segue sendo Chicago! Com esse subterfúgio um tanto ridículo chega-se a contar cerca de 1.500.000 habitantes, quando, na realidade, não há mais que 900.000, o que não é nada mal para uma cidade tão jovem.

Uma vez chegados ao nosso destino, passamos por várias oficinas, a fundição com seus fornos, o metal incandescente e o pesado ruído dos pilões; a carpintaria, onde se constrói pouco a pouco os vagões deslizando-os por trilhos, de um operário a outro; as oficinas de marcenaria, de pintura, de tapeçaria, de roupa; tudo se faz aqui, e quando os vagões saem da fábrica, é preciso somente entrar neles. Visitamos logo o banco, as escolas, o teatro, as bibliotecas, as igrejas de diferentes cultos. Quanto às casas, existem de todos os tamanhos e preços. Os operários não chegam nunca a possuí-las, combinação claramente melhor a essa outra pela qual o trabalhador se converte pouco a pouco em proprietário de sua casa, e cujos inconvenientes foram reconhecidos pela Europa; mas o preço do aluguel é reduzido, segundo creio, a cada cinco anos, ou quando nasce uma criança: um prêmio a moralidade e a estabilidade. O Sr. Pullman criou também uma associação atlética cujas medalhas são muito apreciadas. Muitos operários tomam parte

dela... Também na Inglaterra os operários formam associações atléticas, sobem numa canoa e jogam críquete. Isso demonstra, portanto, que os mais duros ofícios não substituem o esporte, e as pessoas que somente veem no esporte movimentos físicos podem, assim, dar-se conta de que não percebem todo um aspecto da questão.

2. Chicago se ilumina; em todo lugar brilha a eletricidade, azul ou amarela. Janta-se com música nos hotéis e os teatros abrem suas portas. É a hora do descanso para um homem ocupado ao qual as entrevistas, as reuniões e os negócios tem mantido o dia inteiro encerrado atrás de um muro de fatos; calculou, computou, raciocinou; ei-lo aqui agora saindo da nuvem de poeira na qual tem vivido; dá uma última olhada em seus papéis, despede a última visita, escuta uma última queixa e, uma vez que comprova alegremente que terminou sua tarefa de vinte e quatro horas, vai descansar na luxuosa mesa de algum restaurante, em algum alegre espetáculo, em alguma festa brilhante. Também sua mulher passou sua jornada no mundo *prático e imediato*; ocupa-se com seus filhos, da casa, e às visitas que se apresentam manda que se lhes responda com esta frase tão simples que entre nós parece tão incorreta: *Mrs *** begs to be excused*. Roga que se a desculpe; não tem tempo para conversar, está ocupada. E lhe sobra algum tempo, o empregará em ler revistas, jornais, em manter-se por dentro dos acontecimentos e das novidades. Desfruta de uma vida que gosta; a fortuna lhe sorri, mesmo que talvez amanhã seja a ruína; sabe e não se preocupa por isso. A empregada doméstica é sua igual; não duvida disso, nem se espanta por isso. Em suas orações, raramente pede algo a Deus; presta-lhe homenagem porque crê Nele, mas lhe ocorre interessar-se por sua felicidade; saber que tem uma missão a cumprir neste mundo, e essa *missão* é definida em três palavras: ser honesta, caridosa e fazer negócios, por tudo o que Deus estará satisfeito.

Afinal, é um ideal! Mas nós, Europeus, temos dificuldade de entender isso. Grécia buscou a perfeição do indivíduo na harmonia de suas distintas faculdades. A Idade Média pregou o ascetismo, ou seja, a submissão do corpo à alma, seu suposto inimigo; depois apareceu o ideal militar, e agora domina a atividade. Em suma, já lutamos contra as coisas, contra os homens, contra os acontecimentos ou contra nós mesmos, trata-se sempre de uma luta, e a luta é nobre.¹

“Du Nord au Sud”, in:
Universités Transatlantiques,
Paris: Hachette, 1890, p. 231-233,
(paragr. XIII do c. V: “Du Nord au Sud”).

1 Numa cidade americana na qual passei duas semanas, tive como guia durante os primeiros dias um francês cujo casamento o fez estabelecer-se nesse país. “Almoçaremos no *Union Club*”, me disse numa manhã, “e logo meu amigo Williams nos levará para ver seus cavalos de corrida que estão no pavilhão de caça, fora da cidade”. Antes do almoço no *Union Club* fomos buscar o amigo Williams. Vendia madapolão numa pequena rua cheia de tendas, de anúncios e de movimento. O mostruário se parecia a todos os mostruários; o nome de Williams and Co. aparecia em letras douradas; o interior era amplo, em forma de galeria, com grandes vitrinas, muitos empregados, alguns compradores e montanhas inverossímeis de todos os madapolões existentes na superfície do globo. À direita, ao entrar, estava a caixa; sentado num assento móvel, muito alto, um jovem de aproximadamente trinta anos, elegantemente vestido, de aspecto distinto, entregava uns recibos; levantou os olhos, nos cumprimentou com um sorriso e continuou seu trabalho, não sem dizer ao meu companheiro entre uma assinatura e outra: “Estupenda jornada ontem! Meu cavalo saltou magnificamente”. A imagem desse caro cavalo saltando os mostradores e as pilhas de madapolão ficou muito tempo em minha memória. (Nota original de Coubertin).

1.3.5 LOUISIANA, FLÓRIDA E VIRGÍNIA

1. Em sua ata de doação, o Sr. Paul Tulane estipulou que seu objetivo era a educação dos brancos. Nem é preciso dizer isso: os jovens negros que tivessem a audácia de se inscrever teriam passado por maus bocados. No Norte, brancos e negros estão em pé de igualdade; há cada vez mais escolas mistas, e diminui cada vez mais rapidamente o preconceito racial. Mas aqui ainda subsiste com toda sua força. Os negros têm seus cafés, seus vagões reservados no trem, suas posições no teatro. Em todo lugar devem dar passagem aos brancos, até na igreja! São maioria e, se quisessem, poderiam terminar com estas vergonhosas distinções; porém estão desunidos e são despreocupados e muito tímidos. A escravidão os deixou submetidos aos seus antigos senhores, e sem dúvida será necessário tempo para que o sentimento de igualdade chegue a uns e a outros.

Seja como for, a questão negra preocupa com toda razão aos estadistas americanos, e lhes dá a oportunidade para fazer de vez em quando projetos excêntricos. Um senador propôs devolver todos à África: “É sua pátria de origem, afirmou; que missão tão gloriosa para eles levarem aos seus irmãos, que permanecem na barbárie, a civilização que herdaram de nós!” Espero que haja alguém para rir na cara desse gracioso senador; em todo caso, os negros têm feito isso batendo o queixo só em pensar em tão “gloriosa missão”. Os brancos pensam que, com os negros, tudo lhes é permitido; fazem trapaças na contagem dos votos das eleições e não lhes importa jactar-se disso abertamente. Em caso de disputa, o negro nunca tem razão; fala-se com ele como se fosse um cachorro e todos fazem o que querem para deixar-lhe muito clara a ideia de sua inferioridade, o que está muito longe de ser algo aprovado. Após tantos anos de escravidão, não é de se admirar que a inteligência se abra lentamente. Nas escolas, os pequenos negros aprendem maravilhosamente e dão mostras de grande habilidade no trabalho. Logo isso para de repente; não vão além de um certo limite, mas esse limite retrocede pouco a pouco. Por outro lado, na Europa temos muitos exemplos de alunos negros em nossas escolas que ganham os primeiros prêmios e que passam de forma brilhante em seus exames. Acrescentaria que, na maior parte das vezes, esses alunos querem ser aceitos por seus companheiros e se convertem nos preferidos por seu caráter amável e sua jovialidade. Com efeito, são simpáticos, muito mais simpáticos que os seres sujos e bêbados que às vezes sentam-se ao meu lado nos trens da América, embora eu tivesse preferido ter como vizinhos negros vestidos decentemente.

“Louisiane, Floride, Virginie”, in:
Universités Transatlantiques,
Paris: Hachette, 1890, p. 257-259,
(paragr. IV do c. VI: “Louisiane, Floride, Virginie”).

2. No vagão que nos leva a Jacksonville, há uma mulher de aproximadamente quarenta anos, vestida elegantemente; seu rosto tem uma leve coloração, tão leve que nem me havia dado conta. Porém no momento em que o trem vai partir o condutor lhe fala algo ao ouvido; ela faz sinal negativo; ele insiste e eleva a voz, e logo todos entendemos o motivo da discussão. A mulher tem algo de sangue negro em suas veias; nem sua fortuna nem sua distinção a deixam a salvo da lei. Tem de passar para o vagão dos negros, que é também o dos fumantes, sujo e desconfortável. Protesta; então o condutor chama seu colega e, sem mais delongas, a pegam pelos braços e, como é pesada, a arrastam para o outro vagão. Diante dessa cena ignóbil, alguns americanos contentam-se em rir grosseira e desrespeitosamente. Se os Estados do Sul são suficientemente estúpidos para seguir mantendo esta engenhosa legislação, pode-se pensar que acabarão pagando caro por isso, exceto se o governo federal decida intervir e lhes dê uma surra como se faz com as crianças malvadas.

“Louisiane, Floride, Virginie”, in:
Universités Transatlantiques,
Paris: Hachette, 1890, p. 266-267,
(paragr. VIII do c. VI: “Louisiane, Floride, Virginie”).

1.3.6 WASHINGTON E BALTIMORE

Valeria a pena fazer muitos quilômetros pelo mundo só pelo prazer de encontrar o monsenhor Keane; todos os que o conhecem são unânimes em afirmar o encanto de suas palavras e de sua conduta. Seu modernismo, porém, encheria de espanto muitos católicos da Europa. Respeita o passado, ama o presente e acredita no futuro; é um sábio. Respeita o passado porque é, realmente, muito sábio e porque sabe estudar cada época com as lentes que convém... E Deus sabe se ele trocou de lentes! Ama o presente porque comprova com prazer o bem que se faz ao seu redor; tem fé no futuro porque é americano até a medula e nada o assusta... Meu Deus!, a vida atual é uma caçada a cavalo. Aquele que não sabem montar bem quase sempre pensam que vão cair; a velocidade os incomoda e os obstáculos os sacodem rudemente e os deslocam, enquanto os outros, sentados firmemente em suas montarias e perfeitamente tranquilos, saltam esses obstáculos com a maior facilidade. Os católicos estadunidenses parecem pertencer a esta última categoria; são bons ginetes e nada temem. Agora se fala muito deles. Acabam de celebrar o centenário de estabelecimento oficial do culto católico, e da entronização do bispo Carroll, o amigo de Washington. Então eram quarenta mil; hoje são dez milhões. As festas desse centenário coincidiram com a inauguração da universidade de Washington, e teve lugar em Baltimore uma espécie de “concílio laico” para discutir assuntos diversos de imprensa e propaganda.

A ideia de fundar neste país uma universidade católica vem de longe. Os concílios nacionais¹ discutiram isso em diversas ocasiões, e o de 1884 foi decisivo. Miss Mary Gwendoline Caldwell, cujo avô era diretor de teatro e cujo pai fabricava gás em Nova Orleans, fez uma doação de trezentos mil dólares (um milhão e quinhentos mil francos), e em pouco tempo pôde ser reunida, graças a outras subscrições, a cifra de quatro milhões. Foi adquirida uma grande propriedade e foi colocada a primeira pedra em 24 de maio de 1888, na presença do cardeal Gibbons, do presidente da República e de uma multidão imensa. Nessa oportunidade, Monsenhor Spalding, bispo de Peoria, proferiu o mais magnífico e, por sua vez, o mais audaz discurso que tenha proferido um sacerdote católico. Seja-me permitido citar algumas passagens:

“Estamos de parabéns, exclama o bispo numa explosão de patriotismo, por ter provado de fato que o respeito à lei é compatível com a liberdade civil e religiosa; que um povo livre pode prosperar e crescer sem soberano nem guerra; que a Igreja e o Estado podem atuar separadamente com vistas ao bem público; que, quando os homens têm fé em Deus e na ciência, o governo da maioria é, acima de tudo, o governo mais justo e mais sábio. Esta experiência nos garante um lugar de honra entre as nações que aspiram uma vida cada vez mais livre e mais nobre”.

1 Estes concílios estavam integrados por todos os bispos católicos dos Estados Unidos; neste século foram realizados três. (Nota de Coubertin).

E, além disso, à guisa do programa para o futuro:

“Vamos nos propor hoje a preparar o advento de uma organização social que assegure a todos habitação, alimentação e vestuário; vivamos conforme as palavras divinas: “Oh Israel, não tolerarás que dentro de tuas fronteiras haja um só mendigo, um só miserável!”. Temos direito a aspirar ao feliz momento em que nenhum homem seja condenado a um trabalho impiedoso e infrutífero; a uma época em que não exista nenhuma distinção entre os indivíduos”.

E também mais adiante:

“A ciência nos permite prolongar a existência, lutar contra a enfermidade, aliviar a dor, tornar fértil a terra, iluminar nossas cidades, sanear nossas casas. Ela nos abriu, ao mesmo tempo, os abismos do firmamento, e os misteriosos pormenores da criação nos foram sendo paulatinamente revelados. Conhecemos a história do globo, temos investigado os segredos de civilizações desaparecidas e nossas descobertas aumentam a cada dia. E tudo isso somente é um prelúdio, um prenúncio de uma nova era. Pois pretender que nossos progressos são tão somente materiais, é carecer de boa-fé; tudo indica o contrário. Outras épocas viram passar figuras mais comovedoras que as que vemos atualmente, mas nunca o mundo havia sido governado com tanta prudência e tanta justiça”.

Poucos ali falam como o monsenhor Spalding, mas muitos pensam como ele!

“Washington et Baltimore”, in:
Universités Transatlantiques,
Paris: Hachette, 1890, p. 307-311,
(paragr. VI do c. VI: “Washington et Baltimore”).

1.3.7 UNIVERSIDADES TRANSATLÂNTICAS: CONCLUSÕES

O relato da missão ao Canadá e aos Estados Unidos preparado por Coubertin para o ministro francês de Instrução Pública oferece de forma sucinta suas impressões e conclusões concernentes à França.

A Sua Excelência
O Sr. Ministro de Instrução Pública

Senhor Ministro:

Paris, 1 de março de 1890

Por um decreto assinado em 17 de julho de 1889, me haveis dado a honra de confiar-me uma missão nos Estados Unidos e no Canadá para visitar ali as universidades e os colégios, e estudar a organização e o funcionamento das associações atléticas fundadas pelos jovens desses dois países.

Os relatos que compilei e as observações que fiz durante minha viagem, sugerem-me algumas reflexões que desejo compartilhar. São as conclusões deste estranho relato que não se compõe senão de justificações e cujo estilo literário contrasta com a seriedade costumeira dos documentos pedagógicos. Tenho pensado que meus esboços ganhariam em fidelidade e que, desse modo, poderia apresentar uma impressão mais clara e viva das universidades transatlânticas às quais nós, europeus, havíamos prestado pouca atenção, mas que, no entanto, precisam ser levadas em conta. No âmago dessas universidades, os americanos, pessoas menos ávidas de ciência que de riqueza, nos preparam rivais para o futuro; seus esforços nem sempre estão combinados: em seu ardor, misturam o trigo com a farinha, mas a perseverança e o trabalho os fazem triunfar sobre todas as dificuldades, e seu progresso deve ser para nós motivo de profunda emulação.

I

Num momento no qual na França se manifesta com vigor a preocupação para dar à educação física o importante lugar que lhe corresponde, seria interessante olhar para um país no qual os dois sistemas de educação física mais opostos funcionam em conjunto: jogos livres procedentes da Inglaterra, e a ginástica científica proveniente da Alemanha. Nas páginas precedentes tenho insistido suficientemente sobre o caráter de ambos os métodos de modo a não ser necessário voltar a isso. No entanto, convém observar que os jogos livres, em razão da liberdade que preside sua organização, se acomodam com a proximidade da ginástica; na Inglaterra há ginásios e os alunos os utilizam com prazer. Ao contrário, a intolerância constitui o núcleo da ginástica germânica, que somente conhece movimentos de conjunto, uma disciplina rígida e um regramento perpétuo. O Dr. Lagrange tem feito justiça às suas pretensões exageradas desde a perspectiva da higiene, e outros se tem encarregado de mostrar sua profunda nulidade pedagogicamente falando. Nos Estados Unidos prepara-se uma reação contra ela, e é possível prever o momento no qual os reitores das universidades retirem dos diretores dos ginásios os poderes insensatos que lhe haviam concedido. Estes diretores têm plenos poderes não somente sobre os

estranhos aparelhos do quais são – ou às vezes se creem – inventores, mas também sobre os jogos, pois, como não podem fazê-los desaparecer de saída, os confiscam em seu proveito, e escolhem os alunos mais fortes e ágeis, para cujo treinamento se consagram exclusivamente. Disso deriva que, durante a primavera, as equipes de universitários passam de competição a competição; a gente se aperta para vê-los lutar; somas enormes circulam pelas mãos dos apostadores, e enquanto os campeões se entregam a um atletismo exagerado, seus companheiros são mantidos separados para que não se machuquem nos treinamentos. Esse irritante estado de coisas começa a preocupar, e é desejável que se produza uma imediata reforma. Em todo caso, trata-se de uma advertência para nós, de modo que não deixemos que a educação física adquira o caráter científico e autoritário que quiseram lhe dar certos teóricos, mais preocupados com os princípios do que com a aplicação, amigos do racionalismo e ignorantes da pedagogia.

Para preencher a lacuna que existe na escala dos estabelecimentos de instrução na América e que corresponde precisamente ao período mais importante da formação da criança, funda-se escolas inspirando-se na imortal doutrina do grande Arnold, tal como fez o estimado Sr. Marion na palestra que fez à comissão encarregada por você, Senhor Ministro, de estudar as reformas que é preciso introduzir no regime dos nossos liceus. O programa de Arnold aparece nela reproduzido quase por inteiro. Efetivamente, ele foi o primeiro a empregar o atletismo para produzir vontades firmes e corações retos, ao mesmo tempo que corpos robustos; mediante a liberdade e a hierarquia do mérito, soube preparar as crianças para a tarefa de cidadãos de um país livre, e foi também ele quem reuniu ao seu redor os mestres e os converteu em seus colaboradores; perseguiu a mentira, proclamou a necessidade de fazer especialmente homens honrados, e disse: “A educação tem uma parte de fracassos”.

Como as escolas inglesas, nessas novas escolas a liberdade está sabiamente regrada. Na maioria das universidades, porém, ela é excessiva. No entanto, este excesso de independência não produz maus resultados; inclusive os jesuítas se felicitam por este estado de coisas; e nada prova melhor o caráter fecundo da liberdade tanto entre as crianças quanto entre os adultos. Às vezes, as restrições são úteis, mas a liberdade deve estar na base de todas as instituições escolares. Os pequenos americanos têm uma necessidade muito particular de independência; assim, as tendências que mostrei anteriormente a propósito da educação física precisam ser consideradas como acidentais e passageiras: se devem a uma excessiva admiração pelo germânico que não pode ter raízes muito profundas porque é contrário ao gênio do país.

As *Debating Societies* são muito amplas. Não podem ser comparadas às antigas academias, nas quais faltava, exatamente, a liberdade de pensamento. Como na Inglaterra, na América o professor terá o cuidado de soprar algo ao aluno; não se ocupa em fazê-lo brilhar publicamente num papel de tragédia grega ou na recitação de versos latinos; pretende que ele fale somente sobre questões de “pessoas importantes” para que se acostume a encontrar palavras – e especialmente as ideias, o que é ainda mais difícil. Não posso deixar de insistir em que se instituem em nossos liceus conferências análogas; com isso os alunos maiores perderiam pouco a pouco essa lamentável timidez que com demasiada frequência os paralisa nos exames e os persegue durante toda a carreira. Penso que deve eliminar das discussões os temas religiosos e de política interna, mas defendendo que se deve admitir

tudo o que tenha a ver com a política externa. Mesmo assim, a imprensa escolar é útil; as poucas tentativas feitas na França têm sido exitosas, mas a maior parte dos professores ainda desconfiam do papel que pode desempenhar num colégio um jornal, mensal ou bimensal, bem redigido. Se pudessem adivinhar quanto facilitaria seu trabalho, não teriam a menor dúvida em encaminhar seus alunos por essa via. Na América há jornais em toda parte; eu recebo muitos, mas ainda mais da Inglaterra. Faz anos que os leio atentamente; nunca encontrei uma palavra fora do lugar, e a maioria deles não é controlada. Sei perfeitamente que todos esses meios são um tanto *modernos*, mas imagino que queremos formar homens para o século XX e não para o século XVII.

II

Fora das universidades e colégios, as associações atléticas são numerosas e prósperas. Alguns se formam, simplesmente, entre jovens que querem praticar determinados esportes, o ciclismo, o tênis sobre a grama... Porém, a maior parte das vezes, estas associações possuem imóveis nos quais estão instalados verdadeiros clubes; neles se escreve, se janta, se joga bilhar. Um grande ginásio na parte superior, um boliche, chuveiros, e às vezes uma piscina no sótão permitem aos seus membros fazer exercício pesado e saudável durante todo o inverno. As associações possuem também, fora das cidades nas quais estão radicadas, campos de jogo e hangares para guardar os barcos para o verão.

Geralmente, a cotização é pequena, seja pela generosidade de seus fundadores, seja pelo alto número de membros honorários que participam nos gastos sem que os produzam. As competições de atletismo organizadas por estas associações durante o inverno em seus ginásios, e no verão em terrenos de jogo, despertam muita expectativa. Nos programas constam corridas com ou sem obstáculos, salto em distância, em altura e salto com vara. A esgrima tem alguns defensores fervorosos; o boxe é muito difundido. Os ginásios têm sempre piso de madeira, e sob diferentes aparelhos, colchonetes substituem a serragem que nós empregamos. A serragem não deixa de ter inconvenientes: produz um pó que impregna a atmosfera e a torna irrespirável. Entre as melhorias que convém introduzir na França, eu assinalaria as pistas de corrida em borracha; dão a volta nos ginásios e na maioria das vezes estão em uma galeria no mezanino. Os jogos que gozam de maior prestígio são o *base-ball* e o *football*; o *cricket* não está tão em voga na Inglaterra. As regras do *base-ball* são extremamente simples, mas sua prática é muito difícil, e nossos estudantes não são suficientemente perseverantes para chegar a gostar de um exercício no qual triunfam desde o primeiro momento. O *football*, ao contrário, os tem entusiasmado imediatamente e seu êxito está garantido; diverte aos mais novatos e, por outro lado, o aperfeiçoamento muscular e o desenvolvimento da habilidade dos jogadores não têm limites.

Não pude mencionar aqui os esportes de inverno, o *tobogganing*, as corridas em *snow shoes* e, sobretudo, o *ice yachting*, senão como algo que propicia aos jovens americanos uma boa diversão. Esses prazeres nunca estarão ao nosso alcance, a menos que se produza uma mudança geral na economia climática do globo.

A equitação não era ensinada nas escolas; nas cidades há picadeiros nos quais se monta muito. Ali também se tem formado associações; se reúnem uma ou duas tardes por semana, e às vezes, para divertir os competidores, uma orquestra é instalada na tribuna; então, galopa-se ao som da música, como se faz no hipódromo. Noutras ocasiões, os membros organizam cavalgadas, torneios ou excursões que duram um dia inteiro ou mais. Os picadeiros têm vestiários, salas de leitura e de descanso. Seria desejável que os nossos também estivessem assim organizados; dá a impressão de que, ao contrário, houvesse um empenho em tornar a equitação algo pouco atraente.

Após qualquer exercício algo violento, os americanos, grandes e pequenos, tomam um *shower bath*, ou seja, um banho de chuveiro. Não se trata exatamente de uma ducha; talvez não se esteja de acordo sobre a utilidade da ducha para todos sem exceção, mas ninguém admitiria que é higiênico não se lavar depois de um exercício que produz uma forte transpiração. O *shower bath* é instalado com a maior facilidade; para colocá-lo à disposição de nossos estudantes seria somente necessária boa vontade e muito pouco dinheiro. Essa melhoria se impõe absolutamente, e já que menciono de passagem um assunto de tão grande importância, permita-me dizer-lhe, Senhor Ministro, do perigo constante em deixar que se perpetue um estado de coisas totalmente contrário às leis da higiene. Já faz um ano que vi numerosos estudantes jogar vestidos de uniforme, contentando-se em tirar a capa; isto é muito bom para um recreio curto, mas quando o exercício adquire um caráter bélico, essa vestimenta não deveria ser tolerada. Um jaleco de lã tampouco custa o olho da cara; serve para todos os exercícios, pode ser usado indefinidamente e nenhuma outra peça de roupa pode ser mais adequada.

III

Tem-se criticado a educação inglesa por ser demasiado cara, acusação repetida por todos os inimigos do progresso e da reforma escolar. Escritores cheios de fantasias tem mencionado cifras tão exageradas como sua inexatidão, e se tem descrito, não sem uma certa má fé, os estudantes britânicos como seres preguiçosos e mal-humorados. Não é o momento de restabelecer a verdade e de desmentir essas alegações mentirosas; basta-me assinalar que, em certos colégios, os gastos exagerados somente procedem do luxo inútil com que os pais cobrem os seus filhos, e que os jogos, longe de contribuir com isso, são, ao contrário, ocasião para economizar, ao mesmo tempo em que impedem a formação de *clãs*, de grupos de alunos, tão contrária ao espírito de igualdade e democracia. O que tenho visto nos Estados Unidos confirma plenamente esta minha opinião.

IV

O nível de civilização alcançado por esse país, seu curto mas glorioso passado, seu futuro, que parece tão brilhante, e, sobretudo, a participação da França em sua emancipação, não nos permitem manter por mais tempo fora dos ensinamentos da história o relato dos acontecimentos ocorridos em seu cenário. Ao estudar isso os

jovens franceses encontrarão, junto a um poderoso interesse, grandes lições de patriotismo e exemplos admiráveis de virtude e energia cuja natureza os impressionará e tornará mais vivo seu generoso entusiasmo.

Ao concluir a enumeração destes desejos, somente me resta, Senhor Ministro, expressar-vos meu mais vivo agradecimento pela demonstração de confiança com a que me haveis honrado. Procurei responder do melhor modo possível e de uma forma digna da França e do Governo da República, e espero que minha viagem não tenha sido inútil, posto que volto com a impressão de que não nos equivocaremos lançando-nos pelo caminho que nos tem aberto o estudo das instituições escolares inglesas. Continuemos, portanto, com nossas reformas, baseados no exemplo da Inglaterra e da América, e procuremos levar a cabo o programa contido nestas duas palavras: esporte e liberdade.

Peço que aceitais, Senhor Ministro, a homenagem de meu profundo respeito.

Pierre de Coubertin.

“Conclusions”, in:
Universités Transatlantiques,
Paris: Hachette, 1890, p. 361-379,
(paragr. I-IV do c. IX: “Conclusions”)



**Pierre de Coubertin com
trinta anos de idade, jovem
lutador em favor das refor-
mas educacionais na França.
(Coleção Navacelle)**

2. BATALHA EDUCATIVA PERMANENTE

Com este título, apresentamos importantes textos de Coubertin que acentuam perfeitamente sua tenacidade para conseguir o principal objetivo que ficou estabelecido de imediato, bem como a qualidade dos argumentos que antecipa para fazer triunfar sua empresa.

O primeiro texto inaugura, desde 1887, sua defesa da educação inglesa, que apresenta então como exemplo.

Os outros dois textos fazem um inventário das qualidades indispensáveis para uma boa pedagogia.

2.1 A EDUCAÇÃO INGLESA

Quando Coubertin chegou a Inglaterra, a educação também trazia impressa a marca da obra de Thomas Arnold, clérigo e diretor do Rugby College durante quatorze anos a partir de 1828.¹ Ao converter o esporte numa ocupação séria, Arnold transformou a escola numa instituição. Tomados em conjunto, a iniciativa, a liberdade para formar uma equipe que ajude ao pleno desenvolvimento do indivíduo, e o sabor da batalha, deram a cada indivíduo um estilo – o estilo inglês – que ele nunca perderia.

As qualidades educativas que Arnold foi capaz de fomentar foram ficando claras para Coubertin de maneira gradual. Arnold propugnou uma educação psicológica que é capaz de descobrir pessoas sensíveis, tornando responsável cada indivíduo por sua própria capacidade criativa, uma educação moral que lhe outorga todo o valor pela tomada das decisões, e uma educação física que atribui ao esporte a descoberta dos segredos da sabedoria, fazendo dele uma parte essencial da verdadeira preparação para a vida.

1 Confrontado desde o primeiro momento com o colapso moral da instituição, Arnold deu início ao trabalho de transformação educativa total e duradoura com clareza e generosidade, coragem e efetividade. Não buscava cercear a vontade dos estudantes, mas lhes ensinou a exercitá-la com plena responsabilidade. Para Arnold, a moral era o fruto do conhecimento que cada indivíduo emprega com respeito às suas próprias ações. A alegria é sinal de uma vida exitosa. A existência assume seu valor pleno e conserva todos os seus direitos.

O próximo discurso, proferido em Paris no dia 18 de abril de 1887 diante dos membros da Société d'Économie Sociale, foi seguido por uma discussão sobre os argumentos de Coubertin. As partes mais importantes desta fala foram usados novamente por Coubertin em seu livro *L'Education en Angleterre*.

Senhoras e Senhores,

Ao abordar o tema desta conferência, minha primeira tarefa consiste em delimitar, dentro de um campo tão vasto, o âmbito que me proponho estudar de modo especial. No entanto, não basta limitar minhas investigações somente a Inglaterra. Como acontece noutros lugares, também na Inglaterra a educação adquire formas diversas; é primária ou secundária, pública ou privada, geral ou profissional. É certo que ali estas distinções têm menos importância que, por exemplo, na França; existem princípios gerais, tendências idênticas no modo como qualquer inglês, pobre ou rico, educa seus filhos; isso faz com que a expressão “educação inglesa”, por mais vaga que possa parecer, tenha, entretanto, um sentido preciso e responda a um sistema claramente definido.

Hoje quero falar-vos da educação geral e secundária. Porém não levarei mais longe a essa classificação, nem adotarei a divisão quádrupla estabelecida pelo Monsenhor Dupanloup: educação religiosa, intelectual, disciplinar e física. Nada mais contrário ao espírito da educação inglesa; nela, religião ocupa um lugar importante; mas um lugar a parte; por disciplina entende-se certas regras de ordem interna, e isso é tudo. O que o eminente bispo de Orleães acha que é tão importante nos colégios franceses, os ingleses o deixam de lado e consideram algo perigoso e *contra natura*. Rechaçam essa regulamentação desde o próprio momento em que só exige a prática da obediência, uma virtude da qual, enquanto virtude, nunca fizeram grande caso, e cuja natureza nem mesmo parecem compreender. Na realidade, deixam de lado a disciplina preventiva que seu instinto se nega a admitir de forma quase absoluta, tanto no governo quanto nos colégios.

No que tange ao desenvolvimento físico, não somente ocupa em seu sistema um lugar extraordinariamente importante, mas tem influência sobre todo o conjunto e cumpre uma efetiva função moral. Uma última observação preliminar: os colégios cujo plano educativo e sobre cujos detalhes quero apresentar uma visão geral são as *public schools*: Harrow, Rugby, Eton, Winchester, etc. Há também uma segunda categoria de escolas católicas cuja organização é claramente distinta. E, por último, estão as pequenas escolas – as “caixas”, como diríamos nós – nas quais um ou dois professores, instaladas no campo, reúnem uns quinze ou mais alunos jovens cujos pais são obrigados a separar-se deles antes de que entrem nas *public schools*.

I

Instruir não é educar. Há uma profunda diferença entre “a instrução, que busca conhecimentos, atende ao espírito e produz sábios, e a educação que se desenvolve nas faculdades educa a alma e produz homens”.² Isso seria uma verdade pública e

2 Monsenhor Dupanloup. (Nota original de Coubertin).

notória se atualmente na França não se tivesse produzido uma confusão lamentável entre ambos os conceitos. No passado se podia afirmar, e com maior razão pode-se repetir hoje: “a instrução é tudo; a educação não é nada”.

Pois bem, a finalidade última dos professores ingleses é produzir homens e levá-los depois a que se instrua a si mesmos. Caráter e um bom método: este é seu objetivo. No entanto, seria errôneo pensar que isso os leva a descuidar do trabalho; mas a maior diferença é que reconhecem que instrução e educação não andam juntas, que estão separadas uma da outra e, sobretudo, que não estão igualmente divididas nas distintas etapas da vida. Desde sua mais tenra infância, os pequenos ingleses se entregam aos encantos do ar livre; sua audácia é famosa. Quem não conhece o quadro encantador no qual o senhor Taine pintou uma criança em seu pônei e que, ao atravessar uma pradaria na qual havia um touro de olhar ameaçador, disse a suas irmãs mais velhas, cuja cavalgada escoltava: “Ei, meninas, não tenham medo e me sigam!”? Na medida do possível são educados no campo e, em qualquer caso, incentiva-se seu gosto natural pelo exercício físico. Mas entre os 8 e os 12 anos trabalham muito. Em outro momento mostrei a seriedade dos exames de ingresso nas *public schools* (em geral, a idade para entrar é dos 12 ou 13 anos); por outro lado, quando se compara esses programas com os exigidos 6 ou 7 anos mais tarde aos candidatos para entrar na universidade, fica-se assombrado ao ver a escassa quantidade de coisas que se supõem que os alunos tenham aprendido nesse intervalo. A um primeiro período de instrução durante o qual é preciso aproveitar o espírito aberto e tranquilo da criança para inculcar-lhe as noções fundamentais de todo saber, de modo que adquira o hábito de trabalho, segue-se um período de educação cuja importância é bem outra porque resulta decisivo, porque seu resultado é definitivo e porque, sobretudo, encerra essa *crisis* que denominamos a “idade ingrata”, mas a qual – não sei bem porque razão – prestamos menos atenção que nossos vizinhos.

Portanto, temos o menino numa *public schools*. O que ele vem buscar aqui? É Thomas Arnold quem nos responde. Este grande homem que morreu em 1842, *headmaster* da escola de Rugby, em cuja direção permaneceu por 14 anos, pode ser considerado como o pai da educação inglesa atual. Foi o primeiro a adotar e aplicar os princípios que a constituem. Tomo de empréstimo da coletânea de sua correspondência as citações a seguir e que falam mais que qualquer explicação. “Quero, dizia, formar *Christian Gentlemen*; meu objetivo é ensinar aos meninos a governar-se a si mesmos, o que é bem melhor que eu os governe”. Palavras profundas, dignas de serem meditadas pelos que querem governar os colégios como autócratas, com mão de ferro. O Dupanloup de Inglaterra os lembra que se equivocam sobre o caráter de sua missão, que não é formar escravos, mas senhores, senhores soberanos que, muito antes do que reconhecer a lei, sejam livres para usar e abusar daquele sobre o qual governam. Querer e tratar de subtrair-lhe esta soberania é perigoso. O homem deve estar isolado aqui na terra, sentir-se só consigo mesmo, conhecer suas forças e afrontar o mais rapidamente possível a pesada responsabilidade que constitui o contrapeso de todo o poder.

Arnold pensava assim. Um dia, quando por uma série de desordens foi necessário expulsar vários alunos, o que produziu mal-estar entre eles, ele proferiu diante de toda a escola estas palavras que se tornaram famosas e que constituem todo um programa: “Não é necessário que aqui haja 300, 100 e nem mesmo alunos; é necessário, porém, que haja somente *Christian Gentlemen*”. Essa passagem está relacionada com um equívoco da opinião pública muito difundido então na Inglaterra como o está hoje na França: a consideração dos colégios como instituições destinadas a corrigir as más condutas, odiosa concepção que só pode fazer de um colégio uma casa de castigo e, conseqüentemente, um foco de podridão para os bons meninos que ali se encontram. Este sentimento era tão geral que, exceto por faltas capitais, os pais outorgavam a seus filhos uma espécie de *direito* de não ser expulsos da escola. Esta não era a forma de ver as coisas de Thomas Arnold, que deixou escrito em algum lugar “que o primeiro, o segundo e o terceiro dever de todo diretor de colégio era livrar-se (*get rid*) das naturezas estereis”. Suas expressões merecem atenção: não se trata de *expulsar*, mas de *livrar-se*, e o adjetivo *unpromising* não restringe a aplicação dessa medida àqueles que se tornaram culpados de algo, mas se aplica a todos os que não tiram proveito de sua estada na escola, porque, se não o fazem, o impedirão também aos demais. Portanto, não se trata sempre de um castigo; com frequência é uma simples advertência, um pedido dirigido aos pais para que o levem ao menino. Isso tem a ver com uma ideia muito britânica: a da seleção. Tanto no âmbito físico quanto no moral, tem-se sempre como objetivo uma minoria, pois uma falange superior e pouco numerosa produz infinitamente mais resultados que uma grande mediocridade; assim, tudo tende a ser dado a quem já tem, como no Evangelho.

Para os ingleses, a vida escolar somente é admissível sob a condição de ser uma continuidade da vida familiar. Para eles, tomar uma criança, encerrá-la com outras, privá-la absolutamente de toda comunicação com os seus e com o mundo exterior é uma monstruosidade. Há que cercar as crianças que vão à escola de todo o bem-estar possível, vigiar para que não percam nenhum dos costumes da boa sociedade, para que não descuidem de nenhum dos cuidados higiênicos, nem dos requintes com os quais foram cuidados na infância. Nas *public schools*, e esta é a principal diferença com as escolas dirigidas pelas congregações, os alunos estão divididos entre as casas de seus professores, cada um dos quais tem entre dez e trinta. Se são muito numerosos para jantar toda noite com ele, ele os convida ao menos para tomar um chá. Tive ocasião de sentar-me numa dessas mesas: o serviço é perfeito, a comida simples mas excelente; não se entra formando fila, não se fica olhando para o outros de modo abobalhado porque se está acostumado a vê-los e porque sabem ser educados e fazer as honras com graça. Recordo-me de ter chamado em Eton, numa das casas chamadas *boarding houses*, à porta de um menino que eu conhecia; a filha do professor me recebeu, entrou comigo e ficou conversando um pouquinho; meu jovem anfitrião acabava de voltar do jogo de críquete e teve a estranha ideia de lavar-se as mãos e, além disso, a cara de pau de pedir água quente. É algo um tanto afeminado, não? O que vocês querem? Os ingleses se deram conta de que quando não se oferece água quente aos meninos, estes simplesmente não se lavam.



**Thomas Arnold (1795-1842), diretor da Rugby School, 1828-1842.
(Fotografia: Arquivos da Rugby School)**

II

Duas coisas dominam o sistema inglês, duas coisas que levam consigo ao mesmo tempo os meios para cumprir o programa: a liberdade e o esporte.

O caminho que as crianças francesas percorrem para chegar à emancipação é ladeado por muros entre os quais o olhar permanece prisioneiro e que logo caem de modo súbito. Os ingleses, ao contrário, tratam de tirar todo o obstáculo. Ao chegar o momento psicológico no qual o adolescente se transforma em homem, uma pequena barreira indica o perigo do precipício; pois é um fato que, enquanto as crianças em idade escolar são ali mais livres, em vez disso os estudantes o são menos que entre nós. Mas consideram muito importante não esconder o mundo às crianças; por outro lado, ocultar o mal é acentuá-lo, da mesma maneira que cobrir com um pano o nu de um quadro é induzir os vossos filhos a levantá-lo e dar-lhes, assim, a noção do proibido.

Repito que a educação deve ser o prólogo da vida. O homem será livre e a criança também deve sê-lo. Trata-se tão somente de ensiná-la a fazer uso de sua liberdade e a compreender sua importância. Todos os que visitaram os colégios ingleses, exceto os que estão isolados no campo, mas em cidades pequenas cujo centro constituem, ficaram assombrados com um espetáculo curioso, de ver todas as crianças, grandes e pequenas, andando juntas, atravessando ruas, entrando nas lojas ou correndo pelo campo; e nunca de uniforme, porque isso cheira a quartel, mas realmente todos se vestem da mesma forma, o que demonstra quão pouco se preocupam com a elegância de suas roupas.

Ao oferecer aqui uma visão geral da sua jornada escolar, preferia mostrar a liberdade que se lhe deixa e a forma como a aproveitam. A hora de se levantar é também a da primeira aula; é preciso adiantá-la para estudar, bem como para passear, e no verão os jovens não deixam de imitar o sol e correr pelo campo ao amanhecer. Em todo caso, nenhum sino os desperta bruscamente, como tampouco existe esse infame quarto de hora ironicamente destinado ao asseio, que se realiza molhando a ponta dos dedos numa pequena bacia.

Os ingleses não gostam dos dormitórios comuns, não somente por razões de higiene, mas porque pensam que a *solidão* e a *limpeza* são dois meios poderosos de educação: a eterna comunidade de companheiros que se impõe às crianças sob o pretexto enganoso de que isso é a vida – e não há nada mais falso – é mais pesada do que se imagina; onde a emulação pode surgir do grupo, formam-se grupos para melhorar: nas aulas e nos jogos; na sala de estudos e nos dormitórios a emulação não significa nada. Isso faz com os pequenos ingleses tenham seu quarto próprio na maioria das vezes, ou ao menos um pequeno lugar de recolhimento no qual trabalham. Os dormitórios estão formados por compartimentos separados que até certo ponto podem dar a ilusão da solidão. Desse modo, no colégio os meninos vivem cercados de pequenos objetos que lhes recordam seu lugar e sua família; agrada-lhes decorar seu pequeno quarto; nas paredes pode-se ver os retratos de seus pais, de seus amigos, gravuras com imagens de caça; com frequência há flores, belos adornos, panóplas... ali fazem suas tarefas quando necessário; precisam terminá-las no dia indicado, e isso é tudo. Esse santuário é quase inviolável; o professor entra nele raramente e mais como uma visita que como um inspetor.

As aulas têm hora marcada, e os alunos costumam ser pontuais; não entram em fila nem são chamados por um sino.

É necessário falar da liberdade nos jogos? Nunca lhes é imposto o críquete, o tênis em quadra de grama ou o futebol, e os estudantes britânicos nunca tiveram que formular essa estranha reclamação referida pelo monsenhor Dupanloup: “Se você soubesse, Sr. Diretor, como é aborrecido nos divertirmos assim”. Não posso enumerar, devido ao escasso interesse, todas as formas de recreação entre os quais podem escolher, mas em todas vi, além dos jogos ao ar livre, piscinas com aquecimento, ginásios, salas de boxe, frontões e oficinas nos quais ele podem se iniciar nos mistérios da marcenaria e de outros trabalhos manuais. Os horários não são regulamentados, e acrescentarei que as cancelas estão sempre abertas e os passeios pelo campo são sempre possíveis. À noite, quando voltam para seu quarto para desfrutar de um merecido descanso, não é proibido que sentem para rever uma lição ou escrever uma carta à luz do seu lampião, sem estar obrigados a apagá-lo num momento pré-determinado.

Essa liberdade tem consequências indispensáveis: a responsabilidade e a hierarquia, ou a vigilância dos alunos pelos próprios alunos. Por responsabilidade entendo o castigo inevitável ou o desgaste inevitável aos quais se expõem os autores de um delito sem que seu arrependimento nem sua atitude sirvam para mudar as coisas. O castigo pode consistir num aumento da tarefa, mas não se converte em corporal quando o caso é grave. Será necessário recordar, para compreender quão populares são os açoites, as lembranças daqueles jovens que outrora se rebelavam porque se pensou em suprimi-los? Longe toma-los como infames, se os consideramos como uma prova de valor, e muitas vezes o que os sofrem tem que se esforçar para segurar as lágrimas ou os gritos. Em algumas escolas confessionais, esse meio tradicional de castigo foi substituído pela palmatória, golpes bastante violentos sobre os dedos ou sobre o dorso das mãos. Isso é mais confortável para o verdugo, mas a invenção é equivocada; não são as mãos, sempre fáceis de machucar, o que há que escolher... Não vou mais insistir, mas há um castigo de outro tipo: da mesma forma que os prêmios nas competições implicam às vezes em pequenas somas em dinheiro, o sistema de penalidades é muito comum, sobretudo quando se trata de algum dano que pode se reparar pagando. Se algum aluno se endividar um pouco e seus pais se negarem a tirá-lo dessa enrascada, ninguém duvida de que ele será forçado a vender seus adornos e suas gravuras para reunir a soma necessária. O menino aprende dessa forma a se comportar; age considerando os riscos e perigos, e deve calcular de antemão o resultado de seus atos; não lhe faltarão bons conselhos com a condição de que ele os peça; ao seu lado sempre há alguém que o observa, mas voltado para o outro lado, e que o atenderá, mas não tomará a iniciativa.

Ao que parece, num colégio não é tão inquietante a falta em si mesma (Deus nos guarde das crianças imaculadas, dizia Fénelon) quanto o favor com o qual pode ser tratada pelos companheiros. Então, para que a resistência à autoridade não seja um motivo de glória, os ingleses têm pensado que o melhor meio a empregar era fazer residir a autoridade, ou parte dela, no próprio meio do qual podia vir a resistência: um de seus princípios favoritos é que a estabilidade não é obtida se sua manutenção não for do interesse do maior número possível de pessoal. Transferir a aplicação de uma semelhante máxima para uma sociedade composta por crianças era, desde

A sala de aula da sexta série na Rugby School durante a década de 1880. (Extraído de A. P. Stanley, *Life and Correspondence of Thomas Arnold*, D. D., Londres, 1904, p. 108).



já, algo muito ousado. Nem Arnold nem os outros duvidaram disso, e vejam como ele aprecia essa medida: “Não posso, diz, admitir, nem na teoria nem na prática, o sistema vigente em nossas *public schools*, que tende a dar tanta importância às crianças, a menos que os alunos da classe avançada sirvam de intermediários entre os professores e o restante da escola, e assim transmitam aos demais, mediante seu exemplo e influência, bons princípios de conduta em lugar dos princípios, muito imperfeitos, que geralmente reinam numa sociedade de crianças deixadas livres para apreciar por si mesmas o bem e o mal”. Para ele, os alunos da *Sixth Form* (a classe dos maiores), e mais especialmente os *praepostors* e os *monitors*, ou seja, os 15 primeiros, que gozavam de poder, eram como “oficiais do exército de terra e de mar”, e acrescentava: “Quando confio neles, não aceitaria na Inglaterra nenhum outro posto em lugar deste; mas se não me apoiam, devo me retirar”. Alguém poderia pensar que estivesse ouvindo o chefe de um Estado constitucional falando aos seus ministros. A autoridade dos *monitors* tem sofrido variações; foi feito de tudo para conter os abusos do *fagging*, um tipo de escravidão que a princípio derivou daquela: “Sua autoridade, me escrevia há pouco um professor de Harrow, é francamente popular e nossos jovens mostram-se orgulhosos em estar sendo governados pelos maiores em vez de nós”. Isso também acontecia quando tinham que cumprir certas tarefas domésticas pelas quais ganhavam, ao passar, uma série de bofetadas.

Chego agora a um ponto importante: o poder da opinião pública. Trata-se de uma força empregada pelos professores e que eles, de jeito nenhum, querem reduzir, mas somente orientá-la para facilitar sua tarefa. Os colégios ingleses são verdadeiras sociedades com suas leis, seus preconceitos, suas características; eu diria inclusive que neles a honra encontra um código que cada um trata de obedecer: a briga com socos é a forma usual com a qual os pequenos ingleses resolvem suas lutas, suas lutas sérias, aquelas que exigem imperiosamente um olho roxo ou um nariz sangrando para que a honra seja reparada. Além disso, os combatentes gostam de ser castigados, uma vez que os duelos estão proibidos, mas especialmente se lutaram diante do olhar de seus companheiros e, com a intervenção de suas testemunhas, sem faltar com nenhum dos usos solenes consagrados pelo tempo em circunstâncias semelhantes.

Até agora somente falei do ponto de vista físico, material; mas há também o aspecto intelectual e religioso. Com a liberdade de ir e vir, existe também a liberdade de pensar e a liberdade de rezar. Não gostaria de tratar em detalhes de um assunto que deixei deliberadamente de lado; me limitarei a dizer algumas palavras sobre as particularidades principais que dizem respeito à instrução e ao método de ensino. O sistema de ensino inglês não é, como na França, uma escada cujos degraus o aluno sobe ano a ano; para passar de um nível a outro é preciso um certo número de pontos, e os exames, realizados duas ou três vezes por curso, determinam e regulam essa passagem, de modo que o menino inteligente e trabalhador pode avançar de forma mais rápida que os demais. É o contrário dessa concordância o que faz com que entre nós não se possa avançar num ponto nem ficar atrás em outro; não existe, para dar um exemplo, um programa especial de história para o quinto ano distinto daquele para o sexto; a história forma um todo e os jovens de idades diferentes podem seguir o mesmo curso.

Hoje, em quase todos os lugares estão divididos de modo que predomine o clássico ou o científico; as aulas são, na verdade, conferências; os deveres são pensados para um tempo que permita serem bem trabalhados e aos quais se dê uma marca pessoal; por fim, os professores gostam de informar aos seus alunos sobre as leituras obrigatórias e sobre os quais precisam ter uma opinião; a inteligência é tratada como o caráter, como o corpo, com respeito e seriedade.

As *debating Societies* não são uma das particularidades menores desse sistema, mas, como vocês sabem, assembleias nas quais são observados escrupulosamente os costumes da conversação e nas quais se exercita o uso da palavra. Elas existem em todo o Reino Unido, inclusive nas cidades menores; existem também nas colônias, e o Sr. de Hubner cita um colégio hindu no qual encontrou os estudantes ocupados discutindo sob a direção de seus mestres ingleses... vocês sabem o que eles estavam discutindo? Nunca vão adivinhar!... Se não seria melhor para a Índia deixar de viver sob o jugo da Inglaterra! É preciso escutar essas discussões para ter uma ideia da liberdade de opinião ali tolerada. O próprio Arnold criou em Rugby um *magasin*, uma revista cujos artigos foram redigidos pelos alunos do colégio e às vezes por estudantes do último ano que acabavam de sair. Esse exemplo foi seguido em todo lugar; não há um só colégio que não tenha seu fascículo semanal ou bimensal. Vocês veem alguma possibilidade de publicar numa revista as elucubrações de nossos retóricos? Pois bem, aí a coisa resulta bem simples e, na verdade, é isso mesmo. Poucas vezes é preciso a intervenção da censura. Tal liberdade de opinião seria estranha na França porque produziria divergências nas famílias; ali essas divergências não perturbam em nada a paz do lugar; mesmo o pai mais conservador não ficará indignado se escutar seu filho fazer, ao deixar os bancos escolares, uma radical profissão de fé. “Meu filho é *home-ruler*, dizia-me um irlandês: adora Gladstone, embora eu o deteste”.

Associadas às opiniões políticas estão as crenças religiosas, que desfrutam, mesmo assim, de grande tolerância. É preciso dizer que isso se deve principalmente à natureza do culto protestante, culto muito elástico que se acomoda às mais diversas atitudes. Nem todas as crianças fazem necessariamente a primeira comunhão ou um ato equivalente; o ministro tem, portanto, de fazer uma conquista, o que Arnold chamava “uma partida de xadrez contra Satanás”. O ensino religioso acontece to-

dos os domingos com a presença dos alunos, aos quais se exige pelo menos atenção e uma atitude respeitosa; em geral, os dissidentes não manifestam o desejo de que seus filhos se abstenham de vir, mas quando o fazem, respeita-se sua vontade. Os católicos não frequentam esses colégios, e não porque possam encontrar obstáculos ao exercício do seu culto (somente nas cidades pequenas não costuma haver uma capela católica) mas, sobretudo, porque temem a influência do espírito protestante que ali reina à força.

III

Chego agora, senhores, ao que me parece mais digno de destacar na educação inglesa: o papel que nela desempenha o esporte; papel, por sua vez, físico, moral e social. Temos um duplo motivo para ser considerado aqui, pois penso que cabe esperar reformas no nosso sistema, elas somente poderão ser introduzidas por esse meio; inclusive me parece que está se abrindo um caminho nesta direção que poderia ser utilizado de uma forma muito vantajosa.

Esporte é movimento, e a influência do movimento sobre o corpo é algo cuja evidência se manifesta em todas as épocas; a destreza e a força sempre tem sido apreciadas pelos povos selvagens bem como pelos civilizados, e ambas se mantêm pelo exercício e pela prática. Trata-se de um afortunado equilíbrio no âmbito moral: *mens sana in corpore sano*, diziam os antigos.

Porém, devo me abster de generalidades e me deter ao terreno exclusivamente inglês que escolhi. Pois bem, na minha opinião, nada pode dar uma ideia melhor do sentimento geral sobre isso do que uma passagem extraída de uma novela de muito sucesso e na qual o mundo escolar está muito bem descrito. Abro um parêntesis para citá-la: me esforcei por traduzí-la o mais fielmente possível, mas a dificuldade era extrema, pois o pensamento do autor tem apenas equivalente em francês e temo que as palavras ali empregadas não tenham repercussão suficiente entre nós. O capítulo intitula-se: *Muscular Christianity*, que quer dizer algo como: atletismo cristão.

“Durante as investigações que realizei”, afirma o autor, “para me informar sobre o atletismo cristão, fui obrigado a reconhecer que, junto a esta sociedade, existia outra cujos membros mereciam unicamente o nome de atletas, e que o ponto de contato entre ambas é a consideração de que é uma grande vantagem contar com corpos vigorosos e ágeis. Mas alguns não parecem perceber de por que tem um corpo e jogam com ele com extrema habilidade em favor de seus interesses ou da satisfação de seus caprichos, enquanto os outros herdaram a ideia, procedente da antiga máxima do hipismo, de que o corpo humano deve estar sempre bem exercitado e desenvolvido para servir à proteção dos fracos, ao progresso de todas as causas justas e à conquista do mundo”.

Ao dirigir-se ao seu herói, o autor o repreende desta forma concisa e significativa:

“Jovem, você faz parte de um exército cujo lema é temer a Deus e fazer 400 quilômetros em 400 horas”.

Esta é, sem dúvida, uma associação de ideias na qual o esporte é tratado com honra, porque ocupa a mesma categoria que o temor a Deus. Colocar punhos fortes a serviço de Deus é condição para bem servi-lo; ter boa saúde é uma necessidade para uma existência plena, pois perde-se tempo quando se está doente, e tempo é dinheiro. A recomendação do Evangelho de oferecer a face esquerda quando nos golpeiam a direita, é algo pouco praticado e com frequência substituído por esta outra, que é a divisa do Reino Unido: “Se tu bates, eu bato”. Estas me parecem ser as ideias comuns sobre o papel da força física e do esporte neste mundo, e ainda que estas máximas não estejam sempre formuladas com toda clareza, vivem adormecidas na mente de todo bom inglês, que sabe encontrá-las quando as necessita. Voltemos à educação.

Thomas Arnold, a quem peço licença para fazê-lo entrar outra vez em cena, colocou-se a seguinte pergunta: “Vale a pena apressar a transformação pela qual um menino se converte em homem sem correr com isso o risco de arruinar suas faculdades físicas e mentais?” Ele percebia claramente que todo jovem deve passar por um período crítico, e estava convencido de que as *public schools* têm a vantagem de antecipar esse momento. Para ele não há nada pior que o fato de que o espírito tome a dianteira em relação ao corpo. Quando se desenvolve, a inteligência deve encontrar um amplo envoltório que tenha força de contê-la e de resistir à sua expansão; é necessário que o menino siga sendo menino ainda que tenha um corpo de homem; numa palavra, é preciso apressar-se em fazer moral e fisicamente um homem desse menino que tem instintos baixos e paixões de cujo assalto padecerá, há que dotá-lo de músculos e de uma vontade *prematureos*, o que Arnold chamava: “*true manliness*”; iniciativa, ousadia, decisão, o hábito de contar consigo mesmo e de ser responsável quando alguém cai..., qualidades que não são recuperadas e cujo cultivo desde a infância importa muito mais que o esforço em colocar em algumas jovens cacholas noções científicas que logo desaparecerão, precisamente porque foram lá colocadas cedo demais.

Qual o efeito dessa preocupação? Como implementar esses princípios e, sobretudo, quais são os resultados conseguidos? Toda aglomeração humana constitui um conjunto de vícios e de corrupção, e os meninos são germinalmente homens. Nos internatos existe a queixa de que o trabalho é demasiado penoso, de que a atmosfera não é suficientemente saudável, de que não se cuida da higiene; tudo isso são lacunas lamentáveis, mas há coisas piores: o perigo constante que apresenta a vida em comum. Pois bem, Senhores, quem sabe seja da opinião de que o sistema inglês que vos proponho somente impede esse perigo. É claro, me direis, que o ar puro do campo, uma moderação prudente na distribuição do trabalho e o rigoroso cumprimento das leis da higiene colocam os meninos em excelentes condições materiais e físicas; mas, juntamente a isso, a falta de vigilância e o abuso da independência hão

de incrementar os inconvenientes do tratamento. Mas, se isso não acontece, esses inconvenientes são menos frequentes e se o seu alcance é menor, isso se deve a uma poderosa causa geral que convém conhecer, e cabe comprovar um fato: a prática, já bem difundida, do atual sistema educacional somente trouxe bons resultados: as *public schools* povoaram as universidades de Oxford e Cambridge de jovens cujas virtudes são celebradas por M. Taine, o que não deixa de ser uma prova em seu favor; porém a prova mais importante consiste no testemunho dado pelas pessoas cuja posição no colégio e uma larga experiência os colocam em condição de apreciar melhor que ninguém a moralidade dos alunos. Pois bem, todos aos quais perguntei sobre este assunto têm sido unânimes em sua resposta; estão satisfeitos com o estado dos costumes e declaram em voz alta que a causa é o esporte, cuja função consiste em apaziguar os sentidos e em adormecer a imaginação, em cortar pela raiz a corrupção deixando-a isolada e impedindo seu desenvolvimento, em preparar, definitivamente, a natureza para a luta.

Do mesmo modo que os corpos, as mentes estão permanentemente ocupadas por uma *paixão* que as arrasta e as subjuga, o que, como já disse, fomenta tudo o que é possível. Os ingleses acreditam essa idade necessita do entusiasmo, mas também pensam que não é fácil, e nem mesmo bom, levar os meninos a se entusiasmar por Alexandre ou por César; necessitam algo mais vivo, mais real. A arena Olímpica segue sendo o que melhor e mais naturalmente excita sua imaginação, e perseguem com prazer algumas distinções nas quais veem alguns homens feitos e decentes mostrar-se orgulhosamente por aspirar a elas. Pode prejudicar todo esse trabalho não somente pelo tempo exigido, mas também pela preocupação, pela atenção constante que exige o caráter do torneio que se dá aos jogos? Tem-se dito que a vida do pensador e a do atleta eram totalmente opostas entre si. No que me tange, com frequência pude observar que os primeiros nos exercícios físicos eram também os primeiros nos estudos; a preponderância num aspecto fomenta o desejo de sê-lo em todos; não há nada melhor para vencer que o hábito da vitória. E então, finalmente, se isso fosse assim, tanto pior para vocês, dirão muitos ingleses que consideram ser possível refazer-se intelectualmente, enquanto não é possível fazê-lo moralmente, e que, conseqüentemente, a instrução deve dar lugar à moral. Não é isso que pensam certos “modernos” que reclamam a elevação do nível dos estudos em prejuízo do esporte.

Para concluir com o assunto da sua influência sobre a moral, o esporte tem também como efeito exaltar o valor: é preciso dar-se claramente conta de que os jovens não permanecem sempre nessa benéfica e deliciosa fadiga da qual gostam os dilettantes do ofício, mas que há entretenimentos penosos, sofrimentos reais, perigos enfrentados inclusive com despreocupação e sangue frio; trata-se de uma competição de energias e de uma competição constante. Não há nada que tempere tão intensamente as almas; inclusive talvez demasiadamente, porque a energia pode às vezes degenerar em dureza e brutalidade: é o reverso da medalha.

Os jogos proporcionam também um campo perfeito para a educação social. Sua organização recai inteiramente sobre os alunos, que formam associações entre eles; cotizam-se, escolhem líderes e os obedecem com um notável espírito de disciplina.

O presidente de um clube tem como missão coordenar as equipes e ocupar-se com os brindes; o secretário convoca e o tesoureiro presta contas à assembleia geral... eis um embrião de sociedade. Não basta somente renovar o material dos jogos



**Monumento comemorativo de Thomas Arnold na capela da Rugby School. Arnold está enterrado no presbitério desta capela.
(Fotografia: N. Müller)**

e se ocupar de sua manutenção, mas constroem-se elegantes edifícios com um salão e um vestiário; tudo isso é levado muito a sério, e o modo como funcionam estas associações denota nos organizadores um espírito de comunidade e uma razão dos quais nossos estudantes não seriam capazes. A revista do colégio, publicada pelos alunos, contém todas as informações desportivas e os pormenores dos gloriosos combates travados contra os representantes dos centros adversários.

IV

No início deste trabalho tentei vos expor a finalidade perseguida pelos professores ingleses. Passei depois aos meios empregados para consegui-la, e indiquei dois de seus princípios: a liberdade e o esporte. Podeis estar convencidos de que estas duas palavras encerram em si mesmas todo o sistema. Agora só me resta completar o que já pude dizer sobre os resultados conseguidos, tanto bons como ruins.

Em primeiro lugar é preciso assinalar a ausência de reação – todos vocês puderam observar muitas vezes a explosão exuberante que se produz entre nós, os franceses, à saída do colégio; poderia se dizer à saída de uma prisão, e os fugitivos que



**A casa do diretor da
Rugby School, na qual
viveu Arnold. (Arquivo
da Rugby School)**

não se dirigem imediatamente às escolas do governo se apressam a deixar os livros de lado para saborear melhor a tal da liberdade; quanto maior é a obrigação, maior é também a camaradagem... por fim se respira. Como se embriagam com essas lufadas de ar puro e, excetuando os que caem, quantos bons alunos nos quais eram fundadas tantas esperanças adormecem num *dolce far niente* do qual ninguém pode tirá-los: são fracassados, pessoas inúteis. Se alguns voltam depois aos livros, isso ocorre após um intervalo mais ou menos longo que implica muito tempo perdido e muitas coisas esquecidas.

Tudo isso, Senhores, é tão certo que vos apressareis a empurrar vossos filhos para que façam alguma carreira. E se vos respondem: “farei uma que me for adequada”, ficareis preocupados porque temeis sua reação. Não acrediteis em carreiras que alguém faz como adequadas, porque na França a boa vontade fica para trás, por falta de recursos. Mas na Inglaterra isso é habitual. O exército, a marinha, a diplomacia, a magistratura é somente escolhida por um pequeno número, e por jovens educados nas *public schools*: os outros que saem da escola e que a abandonam com lágrimas, trabalham cada vez mais; a época do esporte ao extremo, os bons tempos terminaram: agora é o momento do esforço contínuo; é preciso conseguir. Alguns buscam durante muito tempo seu caminho e acabam por encontrá-lo. E logo estão nas colônias, essa carreira de expatriação que se ajusta tão bem aos ingleses, que

para além de onde vão, levam consigo sua *old England*. Quando se é *squatter* na Nova Zelândia, ou colono na América, se está muito contente por ter recebido no colégio uma educação física e moral tão forte; os músculos e o caráter são, então, objetos de primeira necessidade. Contudo, se a causa principal da nossa incapacidade colonizadora está em nosso lamentável regime sucessório, parece-me que a educação desempenha em tudo isso um papel relevante.

O jovem inglês egresso da escola goza habitualmente de muito bom senso; está familiarizado com as grandes normas sociais deste mundo, cujo compendio, cuja miniatura de certo modo viu ao seu redor, e as teorias resvalam sobre ele sem alcançá-lo: é dono de si mesmo, dispõe de um bom método para aprender o que ainda não sabe, e tem na alma muita jovialidade e ingenuidade. Em contrapartida, seu senso prático o confina com frequência no egoísmo, mas esse defeito é mais atribuído à raça que à educação, com a condição de que o tipo de indivíduo que neste momento esboçou refere-se a uma pessoa de elite. Se conheceis os ingleses sabeis que a vida é difícil de suportar para o tímido, o frágil, o indolente: no atropelo da existência, estes são rechaçados, derrubados, pisoteados; são excluídos, pois não são nada mais que um estorvo. Em nenhum lugar a seleção é tão impiedosa. Há duas raças distintas: a dos homens de olhar franco, de músculos fortes, de passo firme, e a dos adoentados de figura resignada e humilde, de aspecto derrotado. Pois bem!, como no mundo, nos colégios os frágeis são excluídos: os benefícios dessa educação somente se aplicam aos fortes.

Cabe mais uma crítica: a educação inglesa é muito cara. O Sr. Taine calcula o custo médio de um estudante em 5.000 francos, o que é exagerado. O gasto obrigatório em Harrow é de 3.500 francos, e é preciso contar com mais 500 francos no primeiro ano. Rugby é mais barato (cerca de 15 libras a menos). Os colégios que pertencem às congregações não chegam a estas cifras. Calculando de modo amplo, os jesuítas de Beaumont chegam somente a 2.500, o que começa a se aproximar das nossas cifras e, francamente, a diferença entre ambos os sistemas vale, sem dúvida, a pena. Por outro lado, a comparação somente pode ser justa na medida em que se mencione o tempo de estudo em ambos os casos, e nas *public schools* é de 2, 3 anos, 4 no máximo.

E para os ingleses isso já é muito. Na verdade, não se pode perder de vista que ali a escola é somente um remédio; se pudessem prescindir dela o fariam sem pestanejar, e não a toleram senão com férias longas que permitem aos meninos visitarem suas casas no Natal, na Páscoa e no verão, de modo que se embebedem da vida familiar. Têm, como sabeis, o culto do *home*: esse lugar, do qual eles se separam tão facilmente porque sabem que é a lei deste mundo, o consideram a melhor escola que devem frequentar. Os filhos o abandonam o mais tarde possível e voltam a ele periodicamente; enquanto sua educação não termina, onde poderiam se sentir melhor?

Existe em tudo isso um bom número de princípios que está em claro desacordo com os nossos. Abre qualquer de nossos livros sobre educação e neles vereis que os meninos, quanto mais crescem, mais devem trabalhar; que o único meio de preservar sua inocência no colégio é nunca perde-los de vista e pôr em prática a famosa máxima: *nunquam duo – raro unus – semper tres*; que as regras devem ser semelhantes a sinalização de uma ferrovia; que tudo deve estar previsto sem que haja para a menor indecisão; que as cartas devem ser sempre abertas e na maioria das vezes lidas antes de passá-las aos alunos, os quais tampouco podem escrever livremente sua correspondência. Buscai somente um dos nossos colégios nos quais

censores, diretores, coordenadores pedagógicos, etc., não se tenham multiplicado, no qual não sejam necessárias a toda hora permissões por escrito para fazer qualquer coisa. E logo olhai para um país vizinho, tão cristão e civilizado como o nosso: nele, os meninos, quanto mais crescem mais jogam. Não somente são deixados muito tempo a sós, mas considera-se que isso é necessário para sua formação física e moral; têm como palavra de ordem esta fórmula: o menor regramento possível; suas cartas não são inspecionadas e se lhes permite assinar periódicos ilustrados e revistas; considera-se a solidão algo indispensável e tudo funciona com alguns professores que ensinam e dirigem ao mesmo tempo. Existe um contraste semelhante? Pode-se imaginar algo mais diverso?

Não há filas, nem sino, nem notas, nem estudos fixos, pouco silêncio... e nenhum luxo! Se seus filhos, senhores, me ouvissem enunciar este programa negativo, eles o aplaudiriam cheios de entusiasmo e lhes pediriam encarecidamente que os fizessem cruzar o estreito. No entanto, estou convencido de que seu entusiasmo desaparecerá rapidamente; se sentiriam abandonados e notariam um vazio ao seu redor; essa responsabilidade permanente lhes pareceria uma carga pesada demais, e para suportá-la necessitariam dispendir uma energia duas vezes superior à dos seus companheiros. Em algumas ocasiões, as *public schools* têm admitido alunos franceses cujo caráter os tornava suscetíveis de receber seus benefícios. Saíram delas sem ter perdido nenhuma das incomparáveis qualidades que constituem o patrimônio da sua raça, tendo tomado dos ingleses a iniciativa, a decisão, a audácia e o bom senso que invejamos neles; não lhes faltou ânimo depois para alcançar, mediante um trabalho assíduo, seus antigos companheiros, mais adiantados nos estudos.

Quando nos aproximamos de Douvres, se divisa um vale ondulante em cujo centro se eleva a metrópole religiosa do Reino Unido; aqueles aos quais nosso governo quis tirar a honra de ensinar o culto a Deus e a França têm encontrado ali um abrigo sob a proteção de um país verdadeiramente livre. Às vezes tem-se lamentado que esse exílio não resulta mais proveitoso para os jovens que o sofrem: é necessária a perseguição para fundar no estrangeiro um colégio francês. Não seria bom aproveitar a circunstância e ampliar um pouco o círculo das ideias e dos costumes?

De todo modo, ainda que os alunos de Cantorbéry não usufruam dos benefícios da educação inglesa, seus olhos pousam sobre árvores e campos e seus pulmões respiram um ar vivificante, o que é muito. Mas também há árvores e campos e ar puro na França. Será que nunca veremos construir em nosso solo liceus no campo, e fechar essas grandes caixas de pedra que são o suplício da educação?

La Réforme Sociale,
7^e année, 2^a. Série, tome III, 1^{er} juin 1887,
p. 633-648.

2.2 A EDUCAÇÃO ATLÉTICA

A próxima conferência foi publicada no Informe de 1889 da “*Association française pour l'avancement des sciences*”. Nessa conferência, proferida em 26 de janeiro de 1889, Coubertin falou na condição de secretário da *Association pour la reforme de l'éducation scolaire em France* (Associação para a reforma da educação na França). Ele definiu “educação atlética” como um sistema educativo com um objetivo específico, “fazer homens”, um método e leis específicas. É, segundo ele, uma ciência. Trata-la como nada mais que uma atrativa prática de jogos relaxantes, como o fazem alguns, é distorcer seu significado original e negar seu verdadeiro valor. Comparou a educação francesa, baseada na autoridade, a obediência e o tédio, com a educação inglesa, que é projetada como um apoio adequado para os pontos fortes de cada indivíduo nos planos físico, intelectual e moral. Os esportes são praticados com entusiasmo e muita animação, influenciando a atmosfera geral dos estudos e os resultados dos mesmos. Na França, a opinião pública distorce a educação certa. Muitas pessoas enganam a si mesmas quando participam de simples exercícios saudáveis, acreditando que estão “praticando esporte”. O esporte, compreendido de forma correta, leva ao triunfo da vontade e ao ideal humano.

Nesse mesmo ano, Coubertin realizou durante a Exposição Universal, com o consentimento do governo, o primeiro congresso para difusão dos Exercícios físicos na Educação. Nessa oportunidade, tornou oficiais os resultados de um estudo que havia feito em países anglo-saxões para determinar se as ideias de Arnold haviam sido aplicadas neles. Na maioria desses países, a “educação atlética” se converteu na base comum de toda educação. Desde a perspectiva de Coubertin, esta era uma conquista contra seus detratores.

Coubertin refere-se aqui ao congresso anual da “*Société d'Économie sociale*”, durante o qual foi anunciada, em 29 de maio de 1888, a criação do “*Comité pour la propagation des exercices physiques dans l'éducation*”. Em 15 de julho foi criada a associação atlética da Escola Alsaciana. No mesmo mês, usando o pseudônimo Philippe Daryl, Paschal Grousset começou a publicar uma série de artigos sobre jogos escolares, nos quais fazia um chamamento em favor da educação física orientada nas tradições francesas.¹

Em outubro de 1888 foi criado um rival do Comitê. Tratava-se da “*Ligue nationale de l'éducation physique*”, dirigida por Grousset. Sua fundação deu origem a tensões durante certo tempo entre os membros do Comitê.

Senhores:

Não sou capaz de deixar de reconhecer a imensa honra que me fazeis ao permitir que ocupe nesta tarde uma tribuna já ilustrada por tantos oradores distintos, nem tampouco posso deixar de perceber quão apropriado é para este auditório o tema que vou tratar. Isso me faz confiar em vossa indulgência.

1 Cf. Ph. Daryl, *La Renaissance physique*, Paris, 1888.

Trata-se de um saber, um dos mais úteis e, com certeza, dos mais excelsos, pois seu objetivo consiste em fazer homens. Por outro lado e no que diz respeito ao nosso país, esta ciência acaba de dar, sem dúvida, um passo adiante. No entanto, há quem não esteja tão longe de pensar que tem retrocedido. Pretendo provar o contrário. Em todo caso, haveis constituído uma Associação para estudar o movimento das ciências, e tudo o que é novo – ou se renova, se é certo que nada há de novo ao nosso redor – vos interessa e vos afeta. Com esta intenção escolhi um título amplo e aparentemente algo pretensioso. Não vim aqui falar somente dos jogos estudantis, dos que tanto se fala há seis meses, mas de todo o sistema pedagógico do qual estes não são senão o prólogo, de todo esse conjunto de preceitos e máximas que constituem a *educação atlética*.

I

Aqueles que se ocupam com a questão da educação têm lido as obras nas quais o eminente bispo Monsenhor Dupanloup sintetizou as reflexões que lhe foi sugerida pela sua experiência com a formação da juventude. “Quando, após longos estudos e uma experiência laboriosa”, escreve o autor ao abrir seu primeiro capítulo, “me perguntei de modo mais profundo quais eram os dois elementos fundamentais da educação, e conclui que seriam a *autoridade* e o *respeito*”. Entre as últimas obras que chegaram às bibliotecas inglesas encontra-se um pequeno livro escrito pelo Doutor Thring, durante muitos anos diretor da escola de Uppingham e falecido recentemente cercado pela admiração de seus concidadãos, que define a educação com “uma tarefa de *observação*, de *trabalho* e de *amor*”. À primeira vista não há nenhuma incompatibilidade entre estas duas definições: ambas se complementam. A observação, o trabalho e o amor são os três elementos que fazem um mestre; a autoridade e o respeito são os efeitos que se produzem no discípulo. Mas, na verdade, o Monsenhor Dupanloup e o Doutor Thring formulam dois sistemas tão opostos, diria inclusive tão inimigos, como posso conceber.

Desde séculos, a educação na França procede da autoridade, e sobre isso os fatos são tão contundentes que não é preciso aduzir outras provas. Em seu aspecto formal, a autoridade tem podido em certas épocas ser suavizada, mas no fundo sempre subsistiu. Os jesuítas têm legado suas tradições à universidade; tanto hoje quanto ontem, a educação é um cirurgião que opera uma criança confiada aos seus cuidados, que tira dele algo que considera prejudicial, e a criança sai dessa operação já formado, modelado, feito a imagem e semelhança da sociedade no qual deve viver e cujos defeitos e contradições incorpora. Se tiver sabido desempenhar totalmente a majestosa e severa tarefa que lhe toca, o professor terá inspirado no aluno o hábito da obediência e, sobretudo, o respeito e a autoridade. Submetido ele também aos seus superiores, terá feito da criança um ser dependente, acostumado às obrigações da hierarquia, sem que nem mesmo lhe ocorra discutir suas vantagens e inconvenientes. Isso é o que ocorre nos liceus estatais, bem como nas escolas religiosas, e Monsenhor Dupanloup caracteriza este estado de coisas empregando os termos que melhor podem resumi-lo: autoridade e respeito.



Os jogos estudantis franceses, segundo o exemplo inglês.

(Extraído de: Le Petit Parisien, n. 70, 8 de junho de 1890, p. 1)

Liberdade, independência: esse é o lema pedagógico da Inglaterra. Ali o professor é um vigilante sob cujo olhar é colocada a criança para que com suas palavras, seu exemplo e seus ensinamentos ajude ao desenvolvimento do que nela há de bom e de honrado. Para conseguir seu objetivo, o professor não se sente autorizado a usar meios violentos: somente recorre à razão e aos sentimentos; não quebra nada, e contraria o menos que pode. Mas, posto que este é um trabalho que requer uma grande delicadeza, em vez de uma ousadia inusitada, cerca-se de tudo o que puder fazer no mesmo sentido que sua discreta direção; faz de sua escola um compêndio do mundo exterior, a qual transporta o ar que ali se respira, as vantagens e os prazeres permitidos que nele se desfrutam, os empecilhos que cabe encontrar e inclusive alguns dos obstáculos que terá que superar. Sua arte consiste em fazer que tudo isso resulte adequado às forças físicas, intelectuais e morais do menino. Quanto trabalho, senhores, e quanta observação são necessários para alcançar esse resultado! E se além disso considerais o que pode haver de apaixonante nessa caça de almas, nesta perseguição de uma presa imaterial que com frequência se esconde, então compreenderéis porque um dos mais ilustres mestres ingleses da atualidade tem podido definir sua tarefa como uma obra de observação, de trabalho e de amor.

Desde muito tempo a punição corporal desapareceu de nossas escolas, enquanto ela continua a existir, embora de uma forma bastante limitada em escolas inglesas e, no entanto, aqui eu acuso de autoritarismo os franceses. A questão dos castigos

(corporais ou de outro tipo) é algo secundário, e o paradoxo é somente superficial. Na França não flagelamos a carne, mas o espírito, e o fazemos até domá-lo... Sangra por dentro. Assim como o corpo, o espírito vê-se obrigado a vestir um uniforme, enquanto, no caso de nossos vizinhos, ambos usam ao seu modo; pouco importa o matiz se o tecido é de boa qualidade e o corte é bem feito.

Pessoalmente eu desconhecia todas estas coisas quando, de forma quase inconsciente e movido por um instinto estranho, chamei para comparecer ao meu juízo de menino toda a pedagogia francesa. Tão logo sai do colégio, do qual não ficou senão o que comumente se chamam *boas recordações*, comecei a me perguntar porque educamos a nossos filhos de uma determinada maneira, e se os estrangeiros faziam o mesmo. Dessa época, que não está muito distante, conservo uma fortíssima impressão, e peço permissão para dizer-lhes rapidamente o que observei desde então na França e na Inglaterra: nos encontramos aqui num meio científico e nos é permitido fazer uso de um método experimental cujo emprego tem preconizado sábios ilustres, também no terreno dos fatos sociais.

Sobre nossos colégios plana um sentimento geral que consideraria voluntariamente a origem de todo o mal: o tédio. As crianças se aborrecem e os professores também. Uns e outros sofrem por viver num lugar no qual a vida foi paralisada, substituída por uma espécie de movimento artificial feito de rotina, de obediência e de raciocínio. Qualquer coisa seria melhor que essa inércia da alma e do corpo. O trabalho talvez não seja muito duro, mas não há nenhuma trégua, e professores e alunos levam uma vida irresistivelmente miserável. Entre esses últimos, alguns às vezes parecem resignar-se e tomar partido; então são vistos mergulhados nos estudos; os livros são seus companheiros; uma paixão precoce pela ciência, a ambição ou uma energia natural os impele por este caminho. Então acontece o seguinte: os professores, ao encontrar por fim algum sujeito interessante nessa uniformidade escolar medíocre, dedicam-se a ele e lhe dão mostras de benevolência; imediatamente seus companheiros se separam dele e o olham com desconfiança: a massa não pode admitir que alguém se torne seu inimigo, e o professor o é!

Se não me engano, essa é a fórmula do que se denomina *mau espírito*. É uma expressão empregada com frequência e muito mal escolhida. Propriamente falando, o mau espírito designa a má tendência do espírito humano que leva a recusar toda obrigação, a desprezar qualquer autoridade. Com algumas qualificações, essa tendência é muito frágil no menino, ou melhor, no adolescente. Inclusive quando seu desenvolvimento é muito avançado, este obedece a impulsos contrários, e busca um apoio, um guia: vai à procura de alguém, consulta-o... sob a condição de que nos veja como amigos. O que se chama mau espírito procede de outra fonte: trata-se de uma hostilidade declarada não contra a autoridade em si mesma, mas contra aquele que a exerce, contra aquele que faz sofrer com palavras amáveis, contra o qual suspeita, espia, aprisiona e se contenta em dizer ao estudante rebelde: “é para o teu bem”. Pois bem; é para o seu bem! E acredita nisso, por força da repetição; mas o futuro o afeta menos que o presente, e luta, relutante, para romper suas cadeias. O professor se disfarçou de amigo, e enquanto não tirar esse disfarce, será odiado.

Portanto, aqueles que trabalham, aqueles que são aplicados e se dirigem a ele perdem a simpatia de seus companheiros e são mal vistos, são xingados, mexem com eles, e eles se consolam redobrando o esforço intelectual e fazendo projetos

brilhantes para o futuro. Mas se na escola há algum jovem folgazão de punhos sólidos, de palavras rudes e de audácia imprópria, se converte num ideal, num modelo e num herói. Cercam-no em seu entrincheiramento, aplaudem sua rebelião, e se tivessem um escudo o utilizariam para conduzi-lo triunfalmente pelo pátio. E no entanto, ninguém o aprecia. Nem mesmo um dos pequenos que formam seu cortejo lhe confiaria um segredo, nem lhe falaria com sinceridade, nem lhe pediria conselho sobre um assunto honrado e delicado, e ninguém gostaria de tê-lo ao seu lado em caso de perigo ou enfermidade: veem nele o campeão da independência, a encarnação de todos os desejos, de todos os ódios, a revanche! Estranha educação a que produz tais efeitos!

Desse modo, o código secreto ao qual obedecem os estudantes está totalmente concebido para lutar contra o professor, e os meios aos quais cabe recorrer são múltiplos. Mas há um, no entanto, que não se pratica sem perigo, porque, como a morfina, desliza pelas veias e envenena o sangue: a mentira. Vocês sabem tão bem como eu que quando uma criança tem o costume de se defender de seus pais e de seus professores mentindo, algo sempre permanece. A sinceridade somente volta parcialmente após muitos esforços, e nunca é totalmente franca. Pois bem, comprovo com pesar, mas também com certeza, que em nossos colégios franceses se mente espantosamente, e que muitos professores não dão a isso, o que é ainda mais incompreensível, senão uma importância secundária: uma narrativa bem elaborada e um problema bem resolvido mascaram o valor de uma consciência reta.

Continuemos nossa investigação psicológica. Há também uma outra categoria de alunos sobre os quais não falei, os *frágeis*, aqueles cuja educação deveria torna-los fortes e que com demasiada frequência não produz senão seres medrosos ou brutos. Essa criança pálida, doentia, que subitamente troca de colégio e que no início está completamente aturdida, começa agora a voltar a si e olha ao seu redor; de repente compreende a situação: ao engrossar, por um lado o pequeno grupo dos que cercam os professores, lhes servem de emissários, de espíões, e são por isso vítimas dos outros, que, para compensar os maus tratos gozam da satisfação doentia de fazer que se castigue os culpados de vez em quando; ou então de se unir à maioria e aprender a arte de ser duro e mau, de perseguir e de fazer vítimas: esta é a alternativa. No primeiro caso, converte-se num medroso; no segundo, numa besta. Onde está esta ginástica moral com a qual alguém ensaia progressivamente suas forças, com a qual se faz sempre mais ousado e sobe cada vez mais? Onde está? E se não existe, como formar o caráter? Há, por fim, um aspecto mais doloroso e terrível. O tédio, a preguiça, o abatimento e a brutalidade tem somente um resultado: a imoralidade. Sim; a imoralidade invadiu nossos colégios; está presente nas palavras, nos pensamentos e nas ações. Por outro lado, o mal não foi diagnosticado ontem. Gostaria de ler-vos um informe do Sr. Sainte-Clair Deville, escrito faz vinte anos, o qual chama a atenção da Academia de ciências morais e políticas para este grave problema; nele o autor descreve o eterno perigo das grandes aglomerações de crianças, perigo ele que explica cientificamente, falando das precauções que é preciso tomar para expulsar a gangrena e diz que é necessário constantemente cortar, podar e cauterizar. Mas não queremos aprofundar com ele essa questão porque é espantosa e porque presente-se a condenação sem paliativos do nosso sistema. No entanto, que vantagens há em postergar a solução de um problema que se impõe e que não dá para evitar? Melhor seria tratar dele decididamente. Há quem reconheça, cheio de inspiração, que, realmente

“é preciso fazer alguma coisa nesse campo”; outros, resolutos, declaram que o mal não é tão grave quanto se diz. Então, por que esta vigilância inquieta e incessante? Por que se procura não perder de vista os alunos nem um só momento, se o único perigo é que façam caretas aos professores quando lhes dão as costas? Ah, que nada! Todos os professores conhecem bem o verdadeiro perigo e por isso permanecem vigilantes. Sua preocupação com isso se traduz pelo cuidado zeloso com o qual perseguem e rompem as amizades que estão nascendo. A amizade dos jovens é algo proscrito no colégio: não há nenhuma dúvida de que uma amizade sadia é um dos maiores meios de educação que existe; e se alguns duvidam, isso não muda seu modo de agir porque estão aterrorizados por sua responsabilidade e porque temem o perigo ante o qual se sentem desarmados por não dispor senão do mais frágil e do pior dos meios para defender-se, a vigilância.

Mas o sistema pedagógico e a organização escolar não são os únicos culpados: também o é a opinião pública. Se alguma molécula da atmosfera exterior por acaso se introduz na escola, isso não é senão para trazer as ideias estapafúrdias que aquela tem a esse respeito. Oh!, vossos filhos sabem perfeitamente, desde muito pequenos, que considerais indispensável para o desenvolvimento das faculdades viris essa espécie de batismo social, que é na realidade um batismo de lodo e que ele chamam, em linguagem metafórica, “a festa”.² Pois bem, no colégio eles fazem a festa como bem entendem, porque não distinguem entre a que é permitida e aquela para a qual reservais tesouros de indulgência, e não porque não haja que ficar sem ela em razão das faltas isoladas que seriam perdoadas tanto mais quando estas são produzidas numa certa idade e em certas circunstâncias nas quais a tentação é quase irresistível; mas é profundamente vergonhoso ver como essas faltas tornam-se ações brilhantes e ouvir quem as comete contar com satisfação orgulhosa e não dissimulada. O que na França chamamos “fazer festa”, não é somente fazer atos censuráveis, mas, sobretudo, jactar-se deles. E enquanto esperam poder realizar, por sua vez, esse programa, vossos filhos, Senhores, têm conversas obscenas; seus pensamentos ocupam-se com coisas ruins, e um certo número deles se tornam presas de vícios abjetos...

Para demonstrar que exagero, me direis que se nossos colégios estivessem realmente num estado tão lamentável, os que passaram por eles conservariam durante toda sua vida lembranças ruins, fugiriam desses lugares repugnantes, não existiriam associações de amigos nas quais se reúnem de vez em quando os antigos companheiros, coisa que se faz em quase todo lugar... A resposta é fácil; a rotina estendeu seu manto sobre tudo isso, porém estou convencido de que sob esse manto dormem inúmeros rancores que despertarão todos de uma vez num imenso estampido de cólera. Quantas queixas amargas serão então formuladas e quantas bocas repetirão as palavras do Sr. Maxime du Camp! Escutai-as com atenção: “Nunca me visitou a saudades dos tempos de escola. No entanto, hoje não posso ver passar um bando de estudantes sem me entristecer, e quando por azar sonho que voltei ao colégio, acordo num sobressalto”.

Outra coisa é voltar a ele momentaneamente, de modo que resulte grato ver novamente seus muros sombrios, seus corredores lúgubres, seus pátios sufocantes; este é um sentimento muito humano. As pessoas conservam a lembrança do sofrimento

2 Literalmente, “a boda”. “Fazer as bodas” também significa fazer festa. (N. T.)

com mais avidez que o da alegria, e os que a compartilham permanecem em maior ou menor medida sendo amigos. Formai uma associação de antigos presos liberados e permiti-lhes dar um banquete anual em pleno cárcere; virão de todas as partes. Além disso, a distância engana muito. Contemplai desde o alto de uma montanha uma paisagem cheia de barrancos, cortada pelos sulcos que acabais de atravessar. O solo parece uniforme; barrancos e sulcos não são mais visíveis. Acontece o mesmo quando os maus momentos na vida de uma criança não foram muitos, de modo que a impressão se apaga paulatinamente. A juventude, uma vez passada, contribui para atenuar a amargura; é tão intensamente desejada que nenhuma dor pode competir com seus encantos, e estes fazem com que se esqueça o resto. Para nós, franceses, resta um último paliativo. Tal como existe, o internato não é uma novidade na França. Ao contrário, ele melhorou muito nos últimos anos; por isso, ele se beneficia do respeito que nós, um povo que muda, temos pelas coisas que não mudam. As crianças vão ao colégio porque seus pais fizeram o mesmo; é preciso passar por isso... e ao manter esse discurso ante vossos herdeiros, não deixam vocês de perceber um sentimento indefinido de orgulho; estais quase contentes por ter carregado um fardo tão pesado e ainda continuar de pé. Enfim, não importa. Volto ao que dizia há pouco; muitos cidadãos maldizem sua fraqueza de caráter, seu pessimismo e seu reumatismo, e se descobrissem que a educação é a responsável por isso, no mesmo instante estariam prontos para demolir essa segunda Bastilha. Mas a descobrirão e a demolirão. A prudência nos ordena, portanto, preparar alguma peça de reposição.

II

Confesso que não pensava encontrar os elementos dessa reconstrução na Inglaterra. O barco que me conduziu, logo já fará seis anos, levava um anglóforo irreflexivo para o qual peço o benefício de circunstâncias atenuantes devido à sua extremada juventude e inexperiência. Por outro lado, aquela anglofobia não deixou de ser útil para as investigações cujo resultado vos apresento agora. À medida em que se me revelava o mundo escolar em contradição absoluta com tudo o que estava acostumado a considerar aqui como a base da própria educação, minha incredulidade me levava a buscar as irregularidades; esquadrihava tudo para descobri-las, desejando conseguir e, por sua vez, temendo, não as encontrarei.

Enquanto os nossos estudantes franceses parecem mais se aborrecer, mais os britânicos parecem se divertir: isto é o que primeiro chama a atenção. Inicialmente alguém pensa que sua alegria procede em parte do ar puro que respiram. Quando um francês vai à Inglaterra e visita *um* colégio, não deixa de ficar extasiado; mas trata-se sempre de um desses soberbos estabelecimentos antigos, de aspecto majestoso, situados no campo e rodeados pelo verde e pelos espaços livres. Será preciso, no entanto, dizer que eles existem nas cidades, em pleno Londres, e que tanto num lugar quanto noutro, entre a névoa da grande metrópole, sem o verde nem os amplos espaços, as crianças parecem felizes? Grandes ou pequenas, ricas ou pobres, aristocráticas ou democráticas, as escolas são sempre as mesmas; em todos os lugares reina a felicidade e a confiança. Nada há de militar, nem de autoritário, mas algo indefinível que nos deixa perplexos e com inveja. Esta é a primeira impressão... E então topamos com

essa prodigiosa e incompreensível ação que exerce o esporte. Inicialmente os jogos atléticos – como são chamados ali – parecem não ter outra função senão a de divertir às crianças fortalecendo-as. Garantir a alegria e a saúde dentro do colégio já é uma vantagem imensa. Mas há algo mais: se se quer estudar as causas dessa hierarquia social tão extraordinária entre crianças, descobrireis que o esporte a tornou possível ao proporcionar-lhe a *razão do entusiasmo* que falta aos professores; se quereis saber qual é o poderoso contrapeso para essa liberdade tão completa e tão atraente, comprovareis que o esporte previne seu abuso, e se que quereis aprofundar a questão da moralidade que, para vós, semelhante regime deveria colocar em perigo, vos dareis conta de que o esporte é neste ponto o grande moralizador.

Esses resultados são tão consideráveis que se pode tardar em admiti-los. A ação física é evidente e muito natural; a ação social requer numerosas observações e investigações pormenorizadas; mas a ação moral é muito difícil de alcançar. O que ainda complica mais o estudo é o costume nojento dos colégios ingleses de denegrir uns aos outros. Em Winchester são considerados pestes os de Eton. Vinhas daí tão maravilhado; te apressas em voltar na esperança de reencontrar por fim essas famosas irregularidades, que não existem. Sois aconselhados a busca-las em Harrow, onde também não estão; assim, dais várias voltas por toda Inglaterra, o que vos permite observar também um fato importante: os alunos mais ativos nos jogos são também os mais instruídos e mais avançados. Perguntais pelo capitão dos remadores: é o mesmo que acabam de vos apresentar como presidente da Sociedade Literária. Num livro recente, Paul Bourget expressou isso com grande eloquência: “Se soubésseis, diz, quão fecundo em esplendores viris é o matrimônio dos exercícios físicos violentos e a cultura intelectual!”

Resta-me dizer-vos, Senhores, o que é o esporte. Terminei com a Inglaterra, a qual rendi uma homenagem. Agora ocupemo-nos com a França e com a educação que lhe convém, como se o sistema que propomos para ela não tivesse sido tomado de empréstimo a nenhum povo estrangeiro, com a única condição de não perder de vista que esse sistema foi provado entre nossos vizinhos. Não esqueçamos que foi o resultado de uma reforma empreendida por eles há cinquenta anos, e que o que eles fizeram nós também podemos fazer.

III

O termo que acabo de usar deliberadamente para dar-lhe aqui seu verdadeiro sentido é usado com tanta frequência quanto é mal interpretado. Vedes um dândi dar todos os dias um curto passeio a cavalo pelo bosque? Vedes um inveterado de Gastinne-Renette sacar a pistola? Vedes, durante o verão, os parisienses que estão de férias tomar toda manhã um banho de mar de doze minutos? Os vedes após dedicar-se durante uma ou duas horas a jogar tênis? Dizeis que todos eles praticam esporte. Pois bem; nada é mais falso. Não o fazem em absoluto. Fazem exercícios de higiene que não deixam de ter um saudável efeito em sua constituição, mas não é disso que pretendo vos falar. Junto com esses exercícios paliativos, estão os que são realizados hoje pelos jovens ingleses, os mesmos aos quais se dedicavam outrora gregos e romanos. Atenas, Roma e Londres parecem ter sido os três grandes centros

desportivos. Quem sabe, algum dia se descubra numa múmia egípcia aspectos sobre o desenvolvimento racional das forças físicas, e nada impede afirmar que, além desses três impérios, o esporte não tenha sido cultivado com paixão; mas, no momento, são os únicos que cabe citar com segurança, e é justo assinalar que são os que exerceram uma influência poderosa e duradoura no mundo. Se olhamos ao nosso redor, junto com os pretensos aficionados pelo esporte que denunciava há alguns instantes, vemos outros mais sérios para os quais a elegância e a postura não contam, que se dedicam a um tipo de exercício e o praticam com entusiasmo durante toda sua vida. Mas não deixa de ser curioso que essas pessoas sejam em sua maior parte seres ocupados, trabalhadores; entre os preguiçosos aos que a fortuna dispensa, ou aos que sua nobreza impede de trabalhar, há somente imitadores.

Haveis visto, no bosque de Bolonha, dois grupos de jovens, um dos quais se dedica ao tiro ao pombo e a patinar, quando chega o inverno, num espaço bastante reduzido, enquanto o outro se dedica a correr, como faziam aqueles atletas da Antiguidade dos quais a Grécia tanto se orgulhava? Não preciso dizer-vos qual pratica esporte e qual não. Haveis visto passar por nossos rios essas raras equipes de remadores treinando para uma regata? Haveis reparado em sua obediência passiva ao capitão que escolheram? Haveis admirado sua luta contra o cansaço e a expressão de audácia que mostram seus traços contraídos pelo esforço? Se haveis observado tudo isso, tereis compreendido que nisso há um gozo, ácido, sem dúvida, cujos deleites não cabe desfrutar de saída, mas que resulta muito superior a todos os trazidos pelos prazeres frágeis, pelos recreios insossos, pelos exercícios que não cansam. Entendido desse modo, o esporte leva diretamente a esse ideal humano que consiste no triunfo da vontade. Isto é o que o faz grande, filosófico, o que nos leva a essas doutrinas estoicas nas quais a posteridade tem encontrado muitos erros e exageros, mas cujo nobre caráter e cuja pureza nunca foi discutida. O *Manual* de Epicteto é, Senhores, um manual de esporte; os *Pensamentos* de Marco Aurélio são os de um desportista, quer dizer, os de um lutador. Não nego que o combate moral é independente do físico. Para alguns seres privilegiados não foi necessário o segundo para triunfar no primeiro, porém são uma exceção; na verdade, é preciso estar dotado de qualidades excepcionais para que a vontade atue diretamente sem que antes intervenha a envoltura que a contém, enquanto o fortalecimento de um pelo outro está ao alcance de qualquer um.

Desse modo, o esporte define-se por seus resultados: o esforço livre, a luta, a capacidade de sofrer, a cultura muscular do corpo e do caráter. Não me perdoaria em terminar sem falar sobre sua influência na inteligência, e isso tanto mais quanto essa influência, segundo muitos dizem, é nefasta. Também aqui se produz uma confusão entre o esporte propriamente dito e os exercícios que habitualmente são incluídos nessa denominação. Já afirmei que não necessitavam de nenhum esforço; são entretidos e isso é tudo. Consequentemente, desde o ponto de vista intelectual, conduzem a um efeito de debilitação; adormecem o pensamento, dão material para conversações insignificantes, e se a isso se acresce que aqueles que os praticam são, geralmente, gente ociosa e engomadinha, compreende-se que sejam julgados desfavoravelmente. Muito distintos são os efeitos desses exercícios nos quais o esforço desempenha um papel preponderante, no quais às vezes é preciso tomar decisões rápidas e inclusive correr perigos e assumir compromissos que necessitam tanta vivacidade na reflexão



Pierre de Coubertin (ao centro) durante uma visita a Oxford em 1894

com o time de rugby do Racing Club de France. (Coleção Navacelle)

quanto sangue frio em sua execução. Para compreender bem a diferença, pediria que não considerásseis somente o adolescente, mas também a criança e o adulto. Esses meninos audaciosos que escalam paredes e atravessam riachos, não praticam esporte a seu modo? A queda ou o banho forçado que os ameaçam não são para eles senão mais um atrativo; com frequência os mais velhos realizam uma grande ação do mesmo tipo, ou realizam até o fim um esforço violento porque querem demonstrar sua força a alguém, enquanto os meninos não se preocupam em estar sendo observados: desfrutam de um prazer extremo ao vencer uma dificuldade natural, e quanto maior é o obstáculo, maior é também sua satisfação por ter conseguido superá-lo. É algo semelhante ao sentimento que orienta, noutro extremo da escala, os salvadores, os exploradores, os missionários, a todos aqueles que, tendo partido de muito baixo, chegam muito alto, a todos os que apreciam o ataque, a luta, corpo a corpo. A aposta é humana ou divina: o móvel material ou moral, dependendo aqui se trata de glória ou de dinheiro, que importa! Tudo isso é esporte. Dizei-me se esses esportistas não são inteligentes.

Transposto para o âmbito da educação, o atletismo, cujos princípios acabo de enumerar em linhas gerais, suscita objeções: a primeira consiste em que não é conveniente para todas as naturezas, e a segunda que gera brutalidade. Na verdade, há crianças adoentadas para às quais a educação atlética não serve para nada; mas essas tampouco deveriam ir ao colégio. Se se quiser tornar mais azedo o seu caráter, dar a sua existência um fundo de amargura, fazer deles uns *fracassados*, não existe

meio mais seguro que misturá-los com outras crianças. Desses não vou, portanto, me ocupar. Existem também naturezas algo frágeis, algo tímidas, nas quais um treinamento moderado e bem entendido pode produzir excelentes melhoras. Em suma, não é necessário ser muito forte para se afeiçoar pela luta, e a criança se deixa facilmente conduzir por esse caminho se isso não for feito de maneira brusca, se a deixamos proceder com suavidade e se a incentivamos. Além disso, como intervém o amor próprio, ela se exercita às escondidas para se pôr no nível de seus colegas mais ágeis ou mais hábeis que ela, e não para até tê-los alcançado. Muitas outras considerações secundárias atuam na mesma direção: o soldado está orgulhoso com seu uniforme, e o desejo de carregar um sabre ou uma dragona é algo tão comum que não vale a pena insistir nisso. Não há nada mais assombroso em que os jerseys e a flanela branca excitem a emulação dos meninos, os quais, uma vez trajando esses uniformes, são como os soldados e querem honrá-los... Desde o pequeno bridão que trepa uma árvore, até o cidadão que salva alguém arriscando a vida, há uma série de esforços graduais proporcionais aos meios de cada um; esta elasticidade do esporte é o que faz que ele seja conveniente a todos.

A segunda objeção é mais importante. É certo que a prática dos exercícios atléticos não funciona sem a intervenção moral do educador. A introdução pura e simples do atletismo em um de nossos liceus traria como resultado a multiplicação das pias-das e dos maus tratos. Dar poder de proibir depois que a coisa aconteceu é cometer uma falta brutal; é absolutamente necessário encontrar uma saída, e aqui entra o professor, que confia ao jovem uma missão importante, e este faz imediatamente uma ideia mais elevada de sua própria dignidade. De alguém protegido, passa a ser um protetor, e isso tem muita importância para ele. Ei-lo aqui desarmado: poderá empregar sua força sem muita consideração, mas será, ao menos, por uma causa justa. Por outro lado, ele também não vai se expor facilmente para perder uma confiança à qual concede tanto valor, e não se cansará logo do prazer de ser tratado como um homem. Então, seus punhos estarão a serviço da autoridade e de uma boa ordem: apoia o governo porque já faz parte dele, e a palavra ordem, convertida em “suavidade e calma”, traz ao cumprimento de sua tarefa tanta suavidade e calma como convém. Devo me contentar somente em tocar de leve um tema que requeria um amplo desenvolvimento. Exponho tão somente a estrutura do sistema, mas podeis apreciar claramente qual é o compromisso do professor, que tato, que habilidade e que delicadeza exige, e que dose de trabalho, de observação e de amor requer. Qualquer ato excessivamente autoritário de sua parte comprometeria as coisas e desorientaria seus jovens lugar-tenentes, cheios de boa vontade, mas também de inexperiência...

Há uma outra objeção que já foi destacada mais de uma vez: foi dito que a educação atlética não seria aplicável à raça francesa. Recuso-me a discutir semelhante assunto, porque para isso teria que admitir de saída a inferioridade de nossa raça, e isso não desde um ponto de vista concreto, mas desde o ponto de vista geral do caráter e da vontade. Seria preciso dizer que não somos capazes senão de resignação, nem aptos a somente nos convertermos em administrados; que o atrevimento, a energia e a iniciativa não *podem* se desenvolver em nós. Fico espantado que haja franceses que possam pensar assim e indignado que se atrevam a dizer isso.

IV

Meu trabalho ficaria incompleto se, após ter definido a educação atlética, não vos dissesse o que pode produzi-la. A Universidade? O ensino livre? Tenho esperança de que algum dia a Universidade faça isso, mas não é ela a que pode começar. Para isso é preciso uma independência que não tem seus professores, nem tampouco os membros das congregações religiosas. Os primeiros são funcionários encarregados de aplicar as leis ao pé da letra, cujo espírito conhecem por meio de circulares, enquanto a gestão financeira é realizada em âmbitos que lhe são completamente alheios. Considerado o sistema educacional que a França tem até hoje, esse estado de coisas é compreensível e desculpável, sistema que está em pleno desacordo com os princípios que acabo de expor. Não nos enganemos: o mal está nas coisas, não nos homens; algumas pessoas, ao considerar a honorabilidade dos membros da Universidade, seu caráter desinteressado, sua capacidade, seu ardor pelo trabalho, ficam espantados que se possa atacar uma educação dada por tais homens, ante o que cabe dizer, precisamente, que esses bons operários somente dispõem de um instrumento imperfeito, de modo que o resultado não corresponde ao que prometem suas qualidades raras e preciosas.

Não basta somente se preocupar com a remoção dos obstáculos e com o rompimento das barreiras que o antigo sistema opõe ao novo, mas também em dignificar a situação dos professores e educadores. Sua situação é absolutamente indigna da tarefa gloriosa que têm a cumprir. Não há compromisso mais nobre que o de formar homens, cidadãos, e creio que a força moral de uma nação se mede pelo respeito que cerca os mestres da juventude. É preciso, pois, emancipar na França os professores ao mesmo tempo que os alunos, pois ambos suportam estreitas obrigações impostas. Quem admitirá que um diretor bem escolhido, pessoa reconhecida por suas virtudes e seus conhecimentos, não saiba muito mais sobre o governo de seu liceu que o reitor ao qual obedece, e que não possa saber tudo, conhecer tudo, prever tudo? Ou que o ministro de plantão sinta-se satisfeito com que toda a França faça o mesmo exercício no mesmo momento? O homem que se jactava desta bela façanha não fazia em suma outra coisa que levar ao extremo um princípio pernicioso, e talvez pensais que não menos nociva seria uma organização que confere aos diretores um poder absoluto sobre o pessoal, com o que estou plenamente de acordo. Porém, mais uma vez, tampouco se trata disso. Da mesma forma que o professor conhece melhor seu liceu que o reitor, também conhece melhor sua turma que o diretor. Por que não colocam sua marca sobre o ser que contribuem para formar todos os que participam dessa magnífica obra? Por que não há de contribuir para isso também a direção da escola? Porque a autoridade do chefe não teria que participar com seus conselhos e inspirar com suas ideias? E, além disso, o que haveria de mais natural que convocar para verdadeiros conselhos pedagógicos aos gestores e diretores escolares, seja numa ou em várias províncias, seja em toda a França?

Isto é o que a Universidade não pode fazer se a iniciativa privada não abre caminho. Ao ensino livre cabe hoje iniciar a reforma dignificando moral e financeiramente a situação dos professores chamados a desempenhar uma tarefa nova, mais ampla e mais individual. Moralmente, vinculando-os à direção das escolas, e financeiramente desenvolvendo o sistema de tutoria. Este ensino livre deve ser também

laico, não no sentido irreligioso que se atribui a esse termo – aqueles que produzem grandes ilusões separando num internato a religião da educação estão condenados a uma mediocridade pedagógica da qual nunca sairão –, mas no sentido de que as congregações religiosas constringidas pelo estreito círculo de uma regra imutável sofrem precisamente do mesmo mal que a Universidade: a centralização.

Quanto ao sistema tutorial, antes de aplicá-lo seria preciso defini-lo. Tem-se qualificado assim um sistema que em absoluto pode sê-lo, pois falta-lhe o principal: o tutor. Sobre esse termo reina uma grande confusão e cada um lhe atribui o sentido que lhe apraz. É importante que este estado de coisas acabe; pessoalmente, a isso dedicaria com prazer uma próxima conferência.

Cabe ao ensino livre e laico, portanto, fazer a reforma. Ele já começou a fazê-la, e aqueles que conceberam o plano estão decididos a continuar bravamente com sua tarefa, sem precipitações estabanas, com um empenho do qual nenhuma contrariedade deve afastá-los. A associação fundada para esse fim quer declarar em alta voz que não tem nenhuma intenção oculta, nem pensa em atacar nada; é uma liga de paz e de concórdia. Mas se pensais que os jovens franceses não saem das escolas atuais com músculos suficientemente fortes e um caráter temperado; se pensais que quem os educa não ocupam no Estado a posição a que lhe dá direito seus méritos e a sublime amplitude de sua missão; se pensais, sobretudo, que a educação torna os povos aguerridos, que estende seu campo de ação e que assegura seus destinos, uni-vos a nós e tende a certeza de que nunca teremos que amar e servir à grande nação da qual a providência fez por bem nos fazer cidadãos.

Association pour l'Avancement des Sciences (Ed.)

Compte rendu de la 18e session,

Paris: Masson, 1889, p. 15-25.

Caderno especial, Paris, 1889, 23 p.

2.3 A EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Em 1889, Coubertin utilizou o *Congrès de la Ligue de la Paix* (Congresso da Liga da Paz), realizado na Sorbonne juntamente com a Exposição Universal e presidido por seu amigo paternal Jules Simon, como uma oportunidade para contemplar a paz internacional como produto da educação em nível básico, por exemplo nas escolas.

Cita-se como exemplo desta educação para a paz a autogestão a cargo dos estudantes, especialmente na hora de resolver disputas. Mas para Coubertin, o esporte escolar também pode trazer uma contribuição muito importante, e serve-se de um exemplo do boxe para ilustrar isso.

Você é um desses céticos que não acreditam no aperfeiçoamento das relações internacionais, na “pacificação” do gênero humano, e que acolhem com uma sacudida de ombros e com um sorriso de escárnio as diversas declarações dos membros da Liga de Paris? Fico compadecido em tal caso, porque essas declarações são uma fonte inesgotável de contínuas esperanças para o futuro. Embora alguns homens sonharam no passado, e todavia ainda sonham hoje, com o desaparecimento completo dessa peste que não carece de certa utilidade, a guerra, esses são raros e seus sonhos inofensivos. Não é esse o objetivo perseguido pelos eminentes cidadãos que trabalham ativamente pela grande questão da arbitragem.

Eles nem tentam transformar o mundo numa pintura campestre tipo Watteau, nem maldizem as ações nobres produzidas ao longo de lutas com frequência injustas e criminosas, mas cujos atores são, pelo menos, uns heróis. O que os horroriza – e, desde já, têm razão – é ver as nações imobilizadas na perpétua espera da guerra; ver como toda a genialidade, todo o trabalho, toda a atenção que se produz nos períodos de paz, são dirigidas para uma destruição mais perfeita e para a fabricação de mecanismos de morte; ver cifras milionárias engolidas por orçamentos nefastos, e como a vida é detida pelas palavras de um déspota. Este espetáculo é bastante triste e suficientemente vergonhoso para que ninguém se negue a examinar as propostas daqueles que tratam, mesmo que tateando, de extirpar o câncer da Europa.

Entre os meios encontrados para ampliar nos costumes o hábito da arbitragem, há um que se refere à educação. O congresso da Liga pela Paz expressou recentemente o seguinte desejo: “Todos os Estados devem colocar em prática em universidades, ginásios, liceus, colégios... o método pelo qual todas as questões e diferenças surgidas entre os alunos se submetam regularmente a um tribunal de arbitragem composto por alunos livremente escolhidos entre seus companheiros”. Ao que parece, esta ideia já germinou num Estado da América. É uma ideia engenhosa e adequada a um grande princípio muitas vezes esquecido: o homem somente muda na infância. Mesmo assim, cabe fazer algumas objeções. Em primeiro lugar, a aceitação da arbitragem deve ser voluntária por parte dos alunos; se é obrigatória, nunca alcançará seu objetivo. No entanto, cabe temer que somente a aceitem aqueles que têm medo de brigar, do modo que o tribunal pode se converter num refúgio dos “galinhas” e perder crédito com o tempo.

Então, vale a pena considerar que a luta corpo a corpo e os socos – especialmente estes – acabam não sendo inúteis nos colégios. Os professores não devem autorizá-los nunca, mas se são hábeis, saberão ignorá-los em certos casos. Esta forma de

lutar nada tem a ver com armas danosas, como metralhadoras e torpedos; em vez disso, faz com que a paz seja mais duradoura e sólida. Os ingleses chamam às luvas de boxe “*the beepers of the peace*” (os guardiões da paz); desse modo, quando se deixa os meninos praticar com luvas, isso se faz, aparentemente, com a ideia preconcebida de que se peguem de vez em quando sem elas.

Onde está o problema? Oh, o mal não é muito quando se toma cuidado. Que outro meio existe para que se desenvolva o valor no menino, para ensinar-lhe o respeito aos outros, para fazê-lo compreender a grande lei de “cada um por si”, lei à qual seria bom e justo fazer emendas, mas que no fundo não se poderá mudar nunca? Afora isso, têm realmente essas brigas de colégio uma influência tão grande na sociedade? Apontam realmente para ideias beligerantes? Não acredito nisso. Repito que não é a luta o que é preciso eliminar, mas antes o cortejo de loucuras que acompanha a guerra moderna.

Mil vezes mais lamentáveis que os socos dos jovens são os golpes de sabre dos homens. Ali sim seria inestimável que a arbitragem fosse incorporada aos costumes. E posto que não admitimos algo que resulta tão simples para nossos vizinhos, a saber, que as injúrias devem ser perseguidas por lei e têm de ser indenizadas, por que um tribunal de honra composto por homens de reconhecido valor não teria o direito de intervir nos chamados assuntos de honra, para decidir se o sangue é necessário? E acrescentarei, ainda que corra o risco de parecer brutal, que quando o sangue não é necessário, é preferível o emprego dos punhos. Mas, como observou o Dr. Lagrange, quantos homens há que “temem por sua pele” e não temem por sua vida!

Assim pois, o procedimento recomendado pelo congresso de Paris pode não ser exitoso, ou pode ter um êxito excessivo. No primeiro caso, a arbitragem será desprezada pelos estudantes; no segundo a empregarão em detrimento de qualquer outra resolução masculina, de qualquer ação enérgica. O resultado consistirá em produzir homens contrários a qualquer forma de arbitragem, ou então homens afeeminados. Apesar disso, repito que o projeto é importante o suficiente para que nos preocupemos em dar-lhe continuidade.

A educação inglesa proporciona uma arbitragem completamente planejada: o *capitão*, aquele aluno que devido a sua idade, seu passado, sua popularidade, sua força e sua habilidade nos jogos merece se transformar em chefe de seus companheiros. Sua intervenção é frequente, suas palavras têm valor e sua autoridade é indiscutível. Com muito mais frequência do que parece, ele põe paz nas brigas e acaba com as discussões, e quando é preciso brigar, dirige a batalha com uma prudência que surpreenderia a muitas pessoas. No entanto, penso que não deve ser comum a petição de sua arbitragem; quando o capitão opina que os socos são desnecessários, os outros companheiros se resignam e obedecem... Este é o estado de ânimo que se deseja dos estudantes; algumas tendências mais pacíficas não seriam senão sinal de fragilidade.

Por outro lado, penso que manifestações como as que se tem produzido na inauguração da Sorbonne são especialmente idôneas para difundir as ideias universais de Paz e Concórdia. Estudantes com insígnias de sua universidade e levando adiante “os caracteres das grandes raças humanas” vieram de todas as partes. Estandartes inimigos estavam ali, frente a frente, inclinados ante a ciência. E no banquete de Meudon, no discurso esplêndido que dirigiu aos hóspedes da França, o Sr. Lavisie pronunciou estas belas palavras: “Ali onde os homens queiram viver juntos sob

as mesmas leis, como os mesmos sentimentos e as mesmas paixões, sua existência coletiva é legítima, augusta, sagrada e inviolável. Vós, jovens, formareis a opinião de amanhã. Ao mundo que está em dúvida entre as ideias antigas e as novas, no qual os fenômenos da antiga barbárie se juntam numa estranha experiência com os maravilhosos progressos da civilização, dai-lhes o seguinte dogma: o maior crime contra a humanidade é matar uma nação ou mutilá-la”. Os ouvintes do Sr. Lavissee deram esse dogma ao mundo por meio da Federação universal de estudantes que fundaram, e que não está assentada no princípio utópico da mistura dos povos, mas no princípio infinitamente justo do respeito às pátrias. Eles se manterão a par de seus respectivos trabalhos, irão intercambiar ideias e descobertas, se reunirão para celebrar grandes aniversários e creio que assim trabalharão de modo frutífero na obra da paz.

Num outro cenário, gostaria, por fim, que o ensino da história não constituísse uma árida enumeração de batalhas... Tomai um dos raros candidatos que se apresentam para as provas do bacharelado completamente preparados para responder às perguntas históricas que lhe forem colocadas: ele vos dará a lista exata e completa de todos os combates realizados durante a guerra dos Trinta Anos. Perguntai-lhe quantos habitantes havia na Europa no tempo de Luís XIV e ele ficará perplexo, salvo que se arrisque a responder 36 milhões. Como pretender que, uma vez adulto, compreenda a questão social se não se dá conta do problema do crescimento da população, que está na base daquela? E também não possui algum conhecimento sobre o estado da indústria nem do comércio nas distintas épocas de nossa história. A libertação dos comuns é para eles algo vazio de sentido; os grandes dias de Auvergne evocam em seu pensamento a imagem de uma feira de gado. Richelieu criou a figura dos intendentess, os tratados estão feitos para serem violados. Esta última impressão se complica com a ideia de que a paz é um estado anormal, que a guerra é algo periódico e que sempre será assim, de modo que o espírito da criança permanece adulterado por essa mania de ensinar-lhe unicamente nomes de batalhas e somente isso. Na verdade, a maioria das batalhas são feitos históricos de quarta ou quinta ordem. Desde a perspectiva que nos ocupa neste momento (para não falar das outras graves consequências que poderiam derivar disso), cabe pensar que é preciso reconstruir integralmente o ensino da história.

La Réforme Sociale,

2. Série, tomo VII, 16 de setembro de 1889,
p. 361-363.

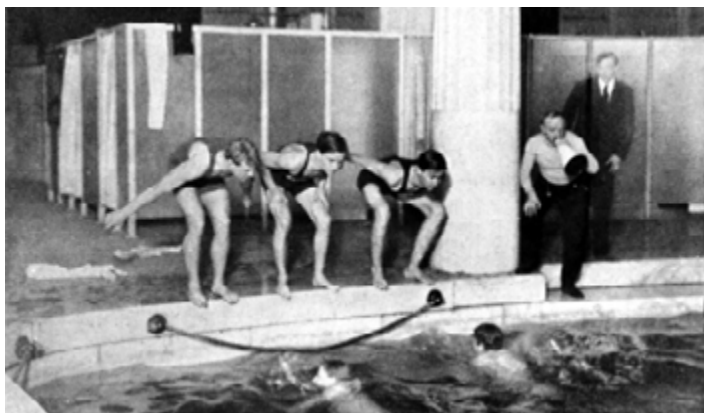
2.4 ATLETISMO E GINÁSTICA

Coubertin familiarizou-se pela primeira vez com a América do Norte como representante do ministro francês de Instrução Pública no congresso de preparação física no final de 1889 em Boston. Suas impressões a respeito desse continente iriam acompanhá-lo por toda sua vida. Sua conferência em Boston apresenta uma sumária visão geral da situação da Educação Física na Europa. No entanto, Coubertin destaca a pessoa e o trabalho de Thomas Arnold, a quem respeita profundamente. Coubertin também apresenta informações sobre o congresso de educação física de 1889, que aconteceu no mesmo ano em Paris durante a realização da Exposição Mundial.

Senhor Presidente, senhoras e senhores:

Quero agradecer pela acolhida cordial que me tem dispensado com seus aplausos; não os interpreto como dirigidos a minha desconhecida pessoa, mas ao meu país, sua república irmã. O doutor Harris disse que estariam interessados no que eu tenho para lhes dizer. Não concordo com ele, e creio firmemente que o resultado da minha ousadia ao aceitar o convite será, antes, o de dar-lhes uma pobre impressão de como nós, os franceses, falamos inglês. Pode ser que também lhes ofereça uma impressão injusta da forma como cumprimos nossas obrigações. Ao estar encarregado pelo governo francês de visitar as universidades e colégios deste país, não somente em relação à questão da educação física, mas também no que tange a outros ramos do saber, meu dever é apresentar um relatório antes de qualquer referência pública sobre a matéria. Porém, com base nas indagações que realizei, entendo que o ministro francês de Instrução Pública não está aqui hoje, e confio em que serão bastante amáveis comigo para não deixar que ele saiba o que eu estive fazendo em Boston.

Noutro dia me perguntaram como era, segundo minha opinião, o sistema educacional americano. Respondi que, em alguns aspectos, parecia um campo de batalha no qual lutavam ideias britânicas e alemãs. Embora reconheça que, desde o ponto de vista físico, nada se pode dizer contra o sistema alemão, creio, por outro lado, que desde o ponto de vista moral e social, nenhum sistema, se assim puder ser chamado, está acima do sistema desportivo inglês, tal como entendido e explicado pelo mais importante dos professores modernos, Thomas Arnold, de Rugby. Sobre seus princípios foi fundada no ano passado a Associação Francesa para a Reforma Educacional. Gostaria de poder lhes oferecer um relato detalhado do trabalho que a Associação está realizando; trata-se nada menos que de uma reforma da educação secundária. Deixamos de lado a questão da escola primária, que nosso governo recentemente resolveu, segundo creio, da melhor maneira possível. Nestas escolas faz falta uma classe sistemática de educação física, e as experiências realizadas na França têm demonstrado tão bons resultados, que não existe motivo pelo qual devêssemos experimentar qualquer outra coisa. Agora, os métodos alemães têm unicamente de ser desenvolvidos em todas as escolas primárias e se tornar uma regra geral. Também temos deixado de lado a educação superior, pela simples razão de que, se queremos ter homens bem treinados que possam desfrutar dos jogos e esportes masculinos, a melhor e mais rápida forma de tornar esse desejo realidade, é treinar os meninos que hão de se converter em homens, e desenvolver neles uma forte atração pelos jogos varonis.



Atletas de revezamento da natação treinando no New York Athletics Club. (Extraído de *Sport im Bild*, vol. 1, nº 25, 1908, p. 638).

Acreditamos que o período mais importante durante a educação de uma criança é o que vai dos doze aos dezenove anos. Durante esse período, não somente se pode treinar seu cérebro, não somente seu corpo, mas, sobretudo, sua vontade. Suas qualidades de cidadão dependerão quase completamente das lições recebidas na parte inicial de sua vida. Tenho que expor o tipo de cidadão que necessitamos na França; não sei se nosso tipo ideal é o mesmo que o seu, embora me incline a pensar que a diferença não é muito grande. Queremos homens que pensem por si mesmos e independentes, que não vejam o Estado como um bebê que olha para sua mãe, que não tenham medo de ter de lavar seu próprio caminho na vida. Esse é o trabalho que nossa associação tem considerado como a parte mais importante de sua obrigação aos professores franceses. Na prática, isso inclui o que eu chamo de treinamento para a liberdade.

Então, qual é o terreno sobre o qual pode ser realizado um treinamento assim? Qual é a liberdade da qual pode desfrutar um jovem de quinze anos? É liberdade intelectual? Como pode-se realizar isso? Creio que se deixássemos um jovem seguir assim seus próprios impulsos, não aprenderia nada. Deixaria de lado o latim, o grego, a história e as matemáticas e se contentaria em ler novelas nos dias de chuva. É liberdade moral? Não preciso dizer o que resultaria disso. O jogo é a única parte da sua vida na qual pode desfrutar de liberdade. Deixai-o administrar seus próprios jogos e, como resultado, se produzirá um homem perfeitamente apropriado para a vida social, sempre que se considera a sociedade como uma reunião de homens livres: alguns não consideram isso, e é muito natural que tenham outro propósito para a educação. Mas nós consideramos isso, e este é o nosso propósito.

Então, pode-se realizar o sistema inglês de esportes atléticos livres juntamente com o curso sistemático do ginásio? Penso que, até certo ponto, se pode, sempre que o curso não seja obrigatório e não interfira na gestão dos clubes e sociedades atléticas.

Preciso chamar sua atenção mais uma vez para o fato de que não estou falando dos colégios privados ou das universidades. Não preciso dizer que fiquei muito interessado com o que vi neste país, em Amherst, Harvard, Cornell e em outros lugares. O trabalho feito aí tem de ser bom. Sua utilidade fica demonstrada com o fato de que homens como o doutor Hitchcock, o doutor Sargent de Harvard e o doutor Hartwell da John Hopkins, acreditam nele e o realizam eles mesmos. Somente falo das escolas nas

quais são educados jovens entre doze e dezoito anos. São os mesmos que aqueles dos nossos liceus franceses, colégios ingleses, e algumas escolas recém fundadas neste país, como por exemplo, Groton School, Lawrenceville, Berkeley e outras, nas quais são seguidos os preceitos de Arnold. Quem tiver lido “Life and Correspondence of Arnold”, ou esse livro encantador “Tom Brown’s School-days”, sabe bem o que Arnold fez para o seu país. Porém não me dei conta da enorme mudança produzida até o ano passado, quando o senhor Gladstone me falou sobre o estado das coisas quando ele mesmo era uma criança em Eton, faz sessenta e cinco anos. O nível moral era então muito baixo. Os meninos praticavam esporte, mas o convertiam em brutalidade, trotes, servidão, e todos os dias aconteciam travessuras de todo tipo. Os mestres e os discípulos viam-se uns aos outros como estranhos, quando não como inimigos. Então chegou Arnold; em cinco anos, Rugby foi totalmente transformado e a reforma se estendeu pela Inglaterra. Isso aconteceu há quase cinquenta anos; e se estudamos com atenção os acontecimentos políticos, sociais e morais dos últimos cinquenta anos, descobriremos, como fiz eu com não pouco desconcerto, que a mudança foi repentina e geral, tanto na política quanto na sociedade. Desejaria poder oferecer-lhes mais detalhes; estou escrevendo um livro sobre o tema, porém a única coisa que direi é que a reforma educacional realizada por Arnold e seus seguidores foi um dos acontecimentos mais importantes da vida do povo inglês e que preparou o caminho para o brilhante período chamado era vitoriana, na qual a principal característica é a maravilhosa influência dos esportes atléticos sobre as qualidades morais e sociais dos jovens.

Neste verão temos tido um grande número de congressos em Paris relacionados com a Exposição, tantos, de fato, que o “Figaro” propôs oferecer um prêmio à pessoa que não fosse membro de um congresso, se é que essa pessoa poderia ser encontrada. Tivemos, entre outros, um sobre educação, do qual tive a honra de ser secretário. No começo de janeiro publicamos uma circular e a enviamos aos diretores de colégios ingleses de todo o mundo. Serão enviadas seis mil cópias, e recebemos muitas respostas – da colônia do Cabo, da Austrália, da América, de assentamentos ingleses na China e do Canadá – as seguintes perguntas: Quais são os jogos praticados em sua escola ou universidade? Se há jogos locais, diga quais as regras mais importantes. Quantas horas jogam as crianças? Ao dia? Por semana? Que acontece com o hipismo, a esgrima, os exercícios militares, o remo? É permitido formar associações atléticas? Há sociedades de debate? Acreditam que o esporte melhora o companheirismo? A moralidade? O trabalho? O caráter? Acrescentei que seriam aceitos com gratidão relatos detalhados, livros, panfletos e memórias escolares e artigos, e recebemos tantos que fomos obrigados a abrir uma biblioteca para eles.

Esta solicitude nos tem demonstrado que ingleses do mundo todo, que talvez saibam muito pouco sobre o próprio Arnold, continuam a pensar que seus alvos e ideias são as melhores. Agora estamos procurando introduzir uma reforma do mesmo tipo na França, de acordo com um princípio possivelmente não cristão, mas muito prático: quando vês que teu vizinho tem algo bom, aproveite-o.

“Athletics and Gymnastics. Lecture of the Physical Training Congress in Boston”, em: BARROWS, Isabel (Ed.). *Physical Training: A Full Report of the Papers and Discussions of the Conference Held in Boston, in November 1889*, Boston: Press of George H. Ellis, 1890, p. 112-115.

2.4 – 2.7 INTRODUÇÃO

Os três textos seguintes sobre Psicologia desportiva (2.5), Educação social (2.6) e a Arte na educação (2.7) foram extraídos da antologia de Coubertin *Notes sur l'éducation publique*. No prefácio da mesma, Coubertin escreve que as observações feitas deveriam ser vistas como o resultado das viagens que fez a muitos países diferentes da Europa e da América do Norte. Em todos os lugares havia importantes movimentos a favor da reforma educacional, apesar das características nacionais.¹ Para Coubertin, e com base nas sugestões que faz aqui, se pode ver que esta parte da reforma educacional está destinada aos adolescentes.

Os três capítulos aqui selecionados são indicativos do pensamento de Coubertin. Sua pedagogia está destinada à psique da pessoa, a suas qualidades morais. Desse modo, com vanguardismo, ele fala de “psicologia desportiva”. A concepção de Coubertin tem em vista a educação social. Isso significa mais que treinamento físico, mental e moral. Considera a educação social como essencial para a democracia moderna. A sociologia, ciência nova e moderna, contribui para isso. Seu texto sobre “A arte na educação”, um desejo apresentado aqui pela primeira vez em detalhes e de forma contundente, pretende levar a arte às escolas não como uma técnica, mas como um sentimento individual, estabelecendo assim a base para uma apreciação da arte como vida.

2.5 A PSICOLOGIA DO ESPORTE

QUEM SÃO, NO MUNDO MODERNO, AQUELES QUE PRATICAM ESPORTE E POR QUE O FAZEM?

Para delimitar melhor esta questão é bom prescindir de lembranças antigas e olhar simplesmente ao nosso redor. O instinto desportivo do qual falei há poucos instantes não dormita em cada um de nós para despertar com a primeira chamada. Talvez seja até impossível fazê-lo nascer onde não existe germinalmente. Evitai considera-lo como um prolongamento dessa necessidade de movimento, dessa tendência de desgaste inata à criança. Somente aparece com a adolescência e, às vezes, inclusive próximo da idade adulta: não é nem uma mostra de saúde nem uma manifestação de uma força constitucional que se acrescentou. Em diversas circunstâncias observei crianças que foram sistematicamente habituadas a praticar esportes, ou então adolescentes que haviam sido influenciados antes de entrar no colégio ou pelo exemplo de companheiros com prestígio, ou pelo desejo de brilhar em competições ou de conseguir aplausos, e inclusive jovens cheios de vigor, ágeis e muito soltos, que pareciam gostar do treinamento obrigatório de um regimento. Assim, nenhum deles havia adquirido o instinto desportivo que lhe faltava, e quando desaparecia a ação inteiramente externa e artificial – persuasão ou obrigação – à qual obedeciam, cansavam-se com alguns exercícios que, sem desagradá-los, tampouco representavam para eles alguma necessidade ou algum impulso irresistível. No entanto, essa necessidade e esse impulso nascem com

1 Coubertin, P. de. *Notes sur l'éducation publique*. Paris: Hachette, 1901, p. 7.

frequência em indivíduos em condições absolutamente inversas, ou seja, que não têm, nem por educação nem por camaradagem, nenhum contato com o esporte, e que, além disso, são dotados de meios físicos imperfeitos.

Outra observação que não tenho nenhum problema em formular – mesmo quando contradiz uma opinião muito difundida – é que grande parte das pessoas que praticam esportes é formada por gente ocupada. Não falo de intelectuais ou de homens mentalmente superiores porque seria absurdo. Quando Bourget escreve que o casamento entre a alta cultura e os exercícios físicos violentos era “fecundo em esplendores viris”, fala do caráter e não da inteligência. Sem dúvida, o exercício físico ilumina o cérebro, proporcionando à atividade cerebral um contrapeso útil, mas por que e como faria algo mais que isso? Restituir aos músculos, para o equilíbrio humano, uma função por um longo tempo desconhecida não é dar-lhes uma condição igual a do pensamento, do qual tem de ser humildes servidores. Como resposta aos exageros de um jornalista que se preocupava há algum tempo em devolver “ao músculo as honras soberanas”, talvez não seja ruim lembrar de passagem que os homens soberanos somente são produtos do Espírito.

Mas a constatação de que os esportistas são normalmente pessoas ocupadas é algo que não nos leva tão longe. Aqui se trata de empregados, pessoas que tem uma carreira, uma profissão, e inclusive, às vezes, que exercem um ofício manual, e estes últimos são os mais fervorosos. Na Inglaterra, os soldados dedicam voluntariamente ao esporte suas horas livres; inúmeros operários, mineiros ou de outra profissão, fazem o mesmo: não cabe pretender que o tipo de vida de uns e de outros os impulse a isso, pois essa existência não é nem sedentária nem está isenta de fadiga muscular. Por outro lado, tampouco é uma questão racial, pois cabe fazer as mesmas observações com relação aos Estados Unidos, onde os meios distintos estão muito misturados desde o ponto de vista racial. Parece, por fim, que, neste sentido, a Europa continental deve confirmar, mais que desmentir, a experiência anglo-saxã: na França, na Bélgica e na Alemanha pode-se observar fatos que levam a pensar assim. Em tal caso, pergunto se não podemos concluir que o esporte é uma das formas da *atividade*, qualidade que não depende nem da inteligência nem da saúde, e que está longe de ser universal, mas para a qual a civilização moderna serve de ponta de lança, procurando múltiplas ocasiões para a empregar?

Contudo, para delimitar ainda melhor a natureza da atração que o esporte exerce sobre esta categoria das pessoas ativas, convém revisar suas distintas formas e tentar distingui-las desde o ponto de vista psicológico, pois com muita frequência se esquece que o termo geral “esporte” envolve exercícios muito diversos, e inclusive se tem chegado a ampliá-lo ao ponto de amá-lo como um amor platônico; e assim, tem-se qualificado com a expressão “homens do esporte” a donos de raças de cavalos de corrida ou a especialistas em cavalos, mesmo quando estes nem mesmo se dedicam à equitação. Psicologicamente falando, os esportes se dividem em dois grupos principais: uns são esportes de *equilíbrio* e outros esportes de *combate*. Toma-se aqui o termo equilíbrio em seu sentido de entendimento, de harmonia. O remo, a patinação, a equitação, o ciclismo, o tênis e a ginástica são esportes de equilíbrio, enquanto a esgrima, o boxe, a luta, a natação, o alpinismo, o futebol, o automobilismo e a navegação aérea são esportes de combate. Uma breve análise poderá legitimar esta classificação talvez inesperada.

Tomemos o caso do remo. Em sua iole de bancos fixos, o remador novato pode experimentar a satisfação de vencer a dupla resistência que lhe oferece o elemento líquido e sua própria falta de jeito, mas desde o momento em que consegue a experiência suficiente para poder entrar num bote de competição de bancos móveis, terá uma nova impressão. Seu estado fisiológico muda, e se opera uma espécie de classificação dos músculos: os que desempenham uma determinada função permanecem ativos; os demais, inúteis e que, devido ao seu zelo ignorante, não faziam a princípio outra coisa senão estorvar a manobra, permanecem em repouso; a resistência da água vai diminuindo gradualmente, e o treinamento logo a reduzirá ao mínimo. Qual é, então, “o estado de alma” do remador? Qual a origem do prazer que sente? Este reside quase que exclusivamente na harmonia mecânica que se produz entre aquele e o bote, no ritmo que regula a navegação, na absoluta regularidade do esforço, na feliz proporção entre o dispêndio de energia e o efeito conseguido. O homem converte-se numa máquina, mas numa máquina que segue pensando e querendo e que sente como se produz nela o vigor, como se condensa e se esvai com a mesma precisão matemática como se se tratasse de vapor ou eletricidade. Há nele, desde já, uma saudável satisfação de extraordinária potência que às vezes embriaga. Todo remador experimentou isso, e lembra como se fossem leves despertares, falhas desagradáveis que interrompem o ritmo e perturbam a harmonia da corrida: a lâmina de um remo quebrada entre algas, uma sacudida torpe dada por um companheiro distraído, uma falsa manobra do timoneiro; a embarcação não para por tão pouco, mas aquele que está nela perde subitamente o sentido do equilíbrio que o entusiasmava.

Na equitação se produz a mesma busca inconsciente de equilíbrio. O homem mantém, sem dúvida, uma luta frequente com o cavalo, e essa luta lhe interessa tanto mais quanto nela existir uma combinação de força e inteligência. Por inferior que seja na escala dos seres, nem por isso o animal deixa de ter sua ideia e tentar que ela prevaleça. Não obstante, se a luta se prolonga, o ginete se cansa e afirma que seu cavalo está viciado, o que com muita frequência quer dizer que é indomável. O cavalo “viciado” não somente perde seu valor desde um ponto de vista utilitário, mas também desde o desportivo. Para jovens ousados aos quais o perigo excita poderá ser um prazer manter-se nele, como o é para os *cowboys* domar cavalos selvagens nos ranchos da América, mas ninguém pensará que essa batalha é a palavra final em equitação, nem o melhor dos prazeres que pode produzir. Um autor americano dedicou ao cavalo este peculiar elogio: “Produz no homem a sensação de ter quatro pernas”. Sem dúvida, a Buffon não teria passado isso. Mas a ideia é justa e expressa de forma nova algo antigo. A imaginação antiga havia criado o homem de quatro patas, o centauro, com o qual lhe agradava simbolizar o esporte hípico em seu grau mais elevado – até o ponto de os músculos do cavalo parecerem um prolongamento do homem, aliando-se e complementando-se. A civilização moderna não modificou esse ideal equestre, que segue sendo o seu. Ainda que o principiante às vezes se divirta coma a dureza das reações que ameaçam a sua estabilidade, o ginete competente é feliz por não senti-las, e por debilitar por meio de sua arte, até aniquilar totalmente, a noção da “solução de continuidade” existente entre ele e sua montaria.

No que tange à patinação, é preciso somente persistir, porque o patinador é um equilibrista por excelência. No entanto, cabe observar que o equilíbrio material que se produz e se rompe constantemente nele, não basta para satisfazê-lo; ele quer

estar em harmonia com o gelo e realizar, assim, essa perfeição rítmica que faz da patinação, numa expressão cheia de encanto, “a melodia do movimento”. Quase me atreveria a dizer que nele é uma necessidade ainda maior, e que, para ser total, sua felicidade exige um acordo íntimo com a paisagem. Os grandes bosques solitários, a neve com seus reflexos azulados, o sol vermelho entre a bruma e o silêncio da natureza que dorme lhe são necessários. Mas estas não são sutilezas setentrionais que quicã os parisienses do “Palácio de gelo” ou do “Polo Norte” nunca tenham sentido, hipnotizados pelo desejo de traçar suas iniciais ou deixar sua marca na superfície lisa. Na patinação é conveniente assimilar as corridas rápidas na neve, os pés armados com essas largas raquetes canadenses denominadas *snow-shoes*, ou então com os *esquis*, longos patins de madeira, apreciados pelos escandinavos. Por outro lado, nem o Canadá nem a Escandinávia já detém seu monopólio. Os “esportes do gelo” progridem e se aperfeiçoam continuamente; hoje têm um quartel general em Saint Moritz, em Engandin, e fazem suas conquistas inclusive na Transilvânia.

O equilíbrio também está na base do ciclismo, onde matiza-se infinitamente, desde a boa bicicleta na qual monta o honesto burguês barrigudo inclinando-a, até o monociclo que somente um palhaço sabe manobrar. Como seu irmão patinador, o ciclista imita inconscientemente as aves. Seu ideal é suprimir o peso, e para isso ele necessita deixar de sentir a fricção da máquina e dos deslocamentos de seu próprio centro de gravidade. A indústria moderna proporciona-lhes montarias tão perfeitas que têm, de alguma forma, uma individualidade, um temperamento; ao utilizá-las, ele pode desenvolver sua agilidade e alcançar, desse modo, o máximo equilíbrio que puder alcançar. No ginásio, um grande número de exercícios reúne os mesmos elementos psicológicos: entre o homem e o trapézio voador também há uma íntima harmonia...

Os esportes de combate são bem distintos; não somente a luta, ou a esgrima e o boxe, que são diferentes formas de luta, mas também a natação, onde o adversário é a água. Do homem se diz que nada como um peixe, mas não há nada menos exato. O peixe se move normalmente na água como o ser humano na terra. A natação não é algo normal. É um combate contra um elemento hostil que resulta mais forte e que teria última palavra se num determinado momento não nos subtraíssemos ao seu abraço. A força das ondas torna, sem dúvida, o espetáculo emocionante, mas a onda mais suave e mais tranquila não tira do esporte esse caráter combativo que constitui sua essência e seu encanto.

A batalha que o nadador mantém com as ondas, o alpinista a trava com a montanha. Alguém pode perceber isso simplesmente ao observar o olhar com que este a mede desde a base antes de começar a escalar suas encostas. Sob sua máscara impassível, vai, de fato, defender-se dela como um adversário vivo, distraindo-a, mistificando-a, opondo-lhe uma série de obstáculos: rochas enormes para escalar, encostas nevadas intermináveis que são precisos vencer. E isso é só o começo. Para fazer com que ele se perca, ela tem de reserva nuvens espessas que o envolverão, fendas profundas que se abrirão sob seus passos, avalanches pesadas que procurarão arrastá-lo em sua corrida fulminante. Procurará abatê-lo com a vertigem, o vento e o frio; e ele somente vencerá graças a uma combinação masculina de energias bem distribuídas, com sangue frio e a prudência firme. Certamente, essa é uma batalha, e de tipo moderno, as quais são vencidas com estratégia e não com impetuosidade.

Destaco também o instinto combativo de certos esportes que têm, no entanto, como característica peculiar o fato de que o homem parece permanecer mais ou menos passivo diante da força desencadeada e que às vezes não pode dominar. Exemplos: as competições a vela, o *tobogganing*, o *ice yachting*, a navegação aérea e, ao menos por enquanto, o automobilismo. O *toboggang* é um trenó usado pelos indígenas para empilhar nele os produtos da caça que arrastavam pelos bosques do Novo Mundo. Os “caras pálidas” fizeram dele um vertiginoso instrumento de locomoção para o qual preparam nas ladeiras das colinas nevadas longas pistas de gelo. Uma vez lançado nas pistas, é evidente que nada no mundo pode detê-lo. No que tange ao *ice-yacht*, que caberia ser chamado com mais precisão “patim a vela”, é formado por duas pranchas de madeira dispostas em ângulo reto. Nas extremidades da peça transversal, duas lâminas de metal mordem o gelo; na extremidade posterior da outra peça, uma terceira lâmina, que se inclina como se quisesse, serve de timão. Junto à intersecção de ambas as peças eleva-se o mastro com a vela. Os passageiros se ajeitam da melhor maneira que podem ao mastro, eleva-se a vela e a máquina se põe em movimento. Ela é tão ligeira que a velocidade se acelera até se converter numa corrida louca, inacreditável, cortada por ziguezagues e saltos fantásticos durante os quais se perde, naturalmente, todo controle do timão. Da navegação aérea, ainda cheia de situações desconhecidas e de perigos, é difícil de falar. O que Horácio dizia dos primeiros navegadores

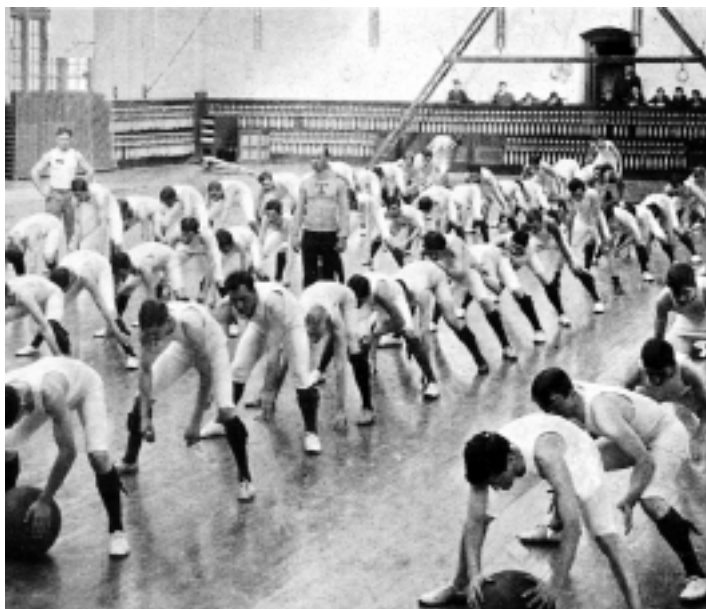
... *Aes triplex circa pectus erat*

pode ser aplicado aos primeiros aeronautas; mas é possível que, no futuro, novas descobertas permitam circular *pelo ar* com facilidade e segurança. O globo aerostático se transformará então num meio de locomoção igual ao automóvel, cujo caráter desportivo é totalmente provisório. Um triciclo a petróleo proporciona hoje a quem o pilota novas sensações: a potência e a docilidade do seu montar o encantam, a velocidade o embriaga, o manejo da máquina o diverte. Todas essas coisas não serão descuradas pela próxima geração, porque terá se habituado a elas física e moralmente. Ao invés disso, um florete, um trapézio ou um remo nunca deixarão de ser instrumentos desportivos.

Mesmo assim, os jogos oferecem distintos contrastes. Em geral, os jogos com bola entram na categoria dos esportes de equilíbrio; primeiro, pela própria atitude – isso era expresso muito bem pelo conselho de um jogador de tênis ao seu aluno: “Inclina-te sobre a bola”, dizia-lhe; depois, pela sequência rápida e imprevista dos movimentos. Não se trata de repetir os mesmos gestos, mas de estar pronto para executar o que for indicado e para fazer isso com precisão e, conseqüentemente, de modo contido.² O futebol americano, ao contrário, é um esporte de combate; a batalha é mesmo co-

2 Na minha opinião, é esta “contenção” o que produz nos jogos com bola um cansaço frequentemente desproporcional com relação à força muscular empregada, porque implica um dispêndio bastante grande de força nervosa. O efeito é produzido com muito mais intensidade ainda na esgrima. Meu sábio amigo Dr. Fernand Lagrange atribui à tarefa desempenhada pelo cérebro ao combinar os golpes uma espécie de depressão nervosa, de caráter cerebral, que ele tem observado, após o combate, em muitos praticantes de esgrima e que ele mesmo pôde controlar. Desde então, acredito ter me dado conta que essa depressão, um pouco menor com a espada, desapercecia quase que por completo com o sabre, os punhos (boxe) ou o bastão. De todas as armas, o florete exige precisamente a maior “contenção” nos braços, nas mãos e inclusive nas pernas. (Nota original de Coubertin).

**Treinamento obrigatório
para estudantes
americanos de educa-
ção física em ginásio
coberto. (Extraído de
Sport im Bild, n. 8,
1906, p. 107)**



letiva. Isso basta para compreender porque os americanos puderam fazer desse jogo admirável uma aplicação de um princípio da estratégia napoleônica e porque um general inglês pôde me dizer que em todo bom capitão de futebol havia material para um futuro comandante do exército. No entanto, seu entusiasmo o enganava e acontecimentos recentes teriam indubitavelmente contribuído para mostrar isso. O polo, que se joga a cavalo, o hockey, que com frequência se pratica no gelo, e o *water-polo*, uma espécie de handebol aquático, têm características semelhantes àquelas que atribuí à equitação, à patinação e à natação. Na caça, é preciso distinguir o disparo, que é uma questão de equilíbrio, e a perseguição da presa, que é luta... No entanto, não quero continuar indefinidamente com esta análise, dando-lhe mais importância do que ela tem. Não insisti nessa classificação psicológica dos esportes senão porque me pareceu que ela torna mais interessante e compreensível esse assunto, até agora pouco estudado, bem como porque anula a distinção, um tanto trivial, entre força e habilidade comumente mencionada nos discursos de concessão de prêmios. Aos “jovens alunos” se lhes recomenda o cultivo de ambas. Na realidade, não há nenhum exercício no qual não se combinem os dois, e às vezes, apesar das aparências, na mesma medida. Habitualmente, a habilidade consiste inclusive em distribuir bem a força e isso é o que faz que algumas vezes o público se fixe somente nela, e outras que simplesmente nem a perceba. No trabalho com pesos, por exemplo, o espectador não pode captar o instante no qual intervém o “talento”, bem como também não se dá conta das engenhosas aplicações das leis da mecânica que faz o lutador durante a luta. Também não existem bons boxeadores sem habilidade, nem patinadores sem força. Uma e outra não são, em definitivo, senão aparências. Equilíbrio e combate são instintos.

Gostaria de indicar agora quais são, em meu entender, os efeitos psicológicos do esporte sobre aqueles que se dedicam a ele. Atualmente estuda-se com grande

atenção os efeitos fisiológicos. E há experiências curiosas que esclarecerão completamente o assunto. Mas o lado psicológico permanece às escuras. Não tenho intenção de pretender esclarecer totalmente um assunto tão delicado. Em tudo isso me limito-me a expor, como prova, o resultado de observações pessoais.

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que a fisiologia e a psicologia têm fronteiras comuns não completamente delimitadas. Um dos principais efeitos fisiológicos do esporte está baseado em disciplinar, em classificar os músculos. Quando convocado por um principiante, um grande número de músculos entra em atividade, músculos que nada tem a ver com a manobra exigida. Devido a uma ardorosa falta de jeito, a atrapalham e a fazem fracassar. Somente pouco a pouco são persuadidos a ficar tranquilos. Em matéria de exercícios físicos, a falta de jeito tem origem, oito em dez vezes, num excesso de ação muscular, e não numa insuficiência. Esta desaparece conforme se completa a educação dos músculos. Então, os movimentos se tornam firmes, o gesto seguro e o olhar habitua-se a uma avaliação exata e rápida das distâncias. Algo da segurança e algo também da perseverança necessárias para conseguir tudo isso, provém da alma. Penso que, de modo geral, o esporte dá a quem o pratica, supondo que os demais elementos da situação continuem sendo os mesmos, um pouco mais de clareza no juízo e um pouco mais de tenacidade na ação. Mas, será que consegue fortalecer o caráter e desenvolver o que poderíamos denominar a musculatura moral da pessoa? Esta é, sem dúvida, a questão fundamental.

Alguém pode ter, de saída, a tentação de estabelecer distinções e de responder: sim em certos casos, não em outros. É possível, por exemplo, comparar moralmente um alpinista com um tenista, e inclusive um lutador de boxe com um patinador?... Há esportes que bordejam constantemente o perigo; é o caso da equitação e da natação. Também há os que, como no boxe, os que não se põe em risco a vida, mas a pele, e de acordo com a engenhosa expressão do Dr. Lagrange, quantos há que temem pela sua pele e não temeriam pela sua vida! Por fim, outros, como a esgrima, sugerem o perigo. Ainda que ao travá-la se tenha convertido em algo inofensivo, afastai a arma que vos ameaça com tanta presteza como a verdadeira ponta que simula. Tais exercícios parece que foram feitos para incidir sobre a dimensão moral com uma intensidade muito diferente àquela aos quais alguém se entrega sem correr o menor risco e sem ter sequer a noção de um possível risco.

Certamente implicam valor e sangue frio, mas um valor e sangue frio *circunstanciais*. Refletir sobre isso não é algo surpreendente, pois acontece o mesmo em muitos trabalhos manuais. No exercício de sua profissão, o parisiense que faz a limpeza dos telhados desenvolve muito sangue frio, e um estivador precisa de muito valor para levar seus fardos pesados. Quer isso dizer que essas qualidades continuarão a se manifestar neles depois que o primeiro tenha descido do telhado e o segundo tenha depositado seu saco? É impossível afirmar isso. A vida está cheia de exemplos assim. Adquirimos com relativa facilidade as qualidades necessárias para realizar uma ação concreta. A necessidade ou a imaginação lhe dão origem, e o costume fixa-as; mas permanecem de certo modo localizadas, ou melhor, especializadas. Manifestam-se em determinadas circunstâncias, para um fim concreto, e sempre são as mesmas. Difícil é estende-las a todas as circunstâncias e a todos os objetivos. Para isso é preciso que a vontade substitua o costume.

A vontade! Isto é o que torna fecundo o esporte e o transforma num maravilhoso instrumento de “masculinização”. No caso das profissões que acabo de citar, ou em outros do mesmo tipo, o limite do esforço *útil* é alcançado com bastante rapidez. Não se necessita, e até pode ser imprudente, ir mais além. Com que objetivo? Um trabalhador inteligente procura fazer o maior trabalho possível no menor tempo e com o menos cansaço possível. O desportista permanece alheio a toda preocupação utilitarista. A tarefa que realiza é atribuída por ele mesmo, e como não é obrigado a ganhar a vida e reiniciá-la no dia seguinte, tampouco tem a preocupação de não abusar de suas forças. Pode, assim, cultivar o esforço pelo esforço, buscar obstáculos, colocá-los ele mesmo no caminho, olhar sempre mais além do ponto que quer alcançar. Isso é muito expresso pelo lema escolhido pelo Padre Didon para seus alunos de Arcueil reunidos numa associação atlética. “Esta é, disse-lhes no dia de sua primeira reunião, vossa senha: *Citius, altius, fortius*. Mais rápido, mais alto, mais forte!”

Com isso saímos praticamente do esporte para alcançar as regiões filosóficas. Essa linguagem não é nova. É a dos estoicos de todas as épocas. Os ginastas gregos ouviram, sem dúvida, com frequência palavras análogas ditas por obscuros discípulos dos grandes pensadores e repetidas por simples professores de ginástica que não pensavam que esta fórmula masculina pudesse se perder algum dia nos povos civilizados.

A antiguidade certamente fez dela um uso frequente. Mas ainda a empregamos em nossos dias? É possível ainda aplicá-la a nossa civilização atual, feita de uma pressa febril e de uma competição cruel? O mesmo esporte, que nos vem de tão longe, não mudou completamente de caráter após um eclipse tão longo e absoluto? Não tende a se confundir com o emprego de instrumentos de locomoção cada vez mais aperfeiçoados? Trata-se do mesmo atletismo cujo alcance moral era constantemente proclamado e cuja fórmula queria restabelecer o lema do Padre Didon?

O tempo dará uma resposta definitiva a estas perguntas; mas cabe comprovar que, embora as formas sejam em parte novas, o espírito segue sendo o mesmo. O instinto desportivo está sempre dividido de forma desigual: não o tem quem o quer. E entre os que o têm, nem todos vão até o final do que este pode dar. Nem todos buscam o medo para dominá-lo, nem o cansaço para triunfar sobre ele, nem a dificuldade para vencê-la. No entanto, estes me parecem mais numerosos do que, à primeira vista, poderia pensar, de modo que cabe concluir de que hoje, como ontem, a tendência do esporte se encaminha para o excesso; quer mais velocidade, mais altura, mais força... sempre mais.

Da perspectiva do equilíbrio humano, este é seu inconveniente, certo!; mas também é sua nobreza e sua poesia.

Notes sur l'Éducation publique,
Paris: Hachette, 1901,
p. 152-173 (c. X).

2.6 A EDUCAÇÃO SOCIAL

A educação física, intelectual e moral não será suficiente para a democracia, a não ser que esta também crie a educação social. Com isso não quero dizer que prescreva o ensino da sociologia nos colégios. Se em sociologia, como em economia política, há certas noções fundamentais, certos dados característicos que contribuem para compreender o mundo e a humanidade (como, por exemplo, os traços essenciais que distinguem os povos de pastores dos povos que cultivam ou que caçam), essas noções ocupam seu lugar no ensino geral: instituir um ensino especial seria algo insensato. Quando se tiver avançado um pouco nele, a sociologia – ciência que acaba de nascer – pertencerá ao ensino superior, embora, por outro lado, sempre conservará esse caráter vacilante e inseguro das ciências regidas por leis constantemente desmentidas por exceções e cuja aplicação é permanentemente obstaculizada pelas circunstâncias. Convém ter cuidado na hora de introduzir nos estudos secundários um tipo de conhecimento tão impreciso.

Mas há uma sociologia com a qual o adolescente deve se familiarizar porque os costumes que o fará contrair, as noções que fixará contribuirão em grande medida para o bem da coletividade da qual faz parte, uma vez que melhorarão e facilitarão sua existência individual. As duas bases deste novo ramo da pedagogia democrática são a higiene e a cooperação.

A importância da higiene é algo que todos admitem, mas isso de forma puramente teórica. Fizemos da higiene uma espécie de divindade distante, servida por sacerdotes cuja missão consiste em impor seu culto e que, claro, não o conseguem, nem o conseguirão. Para que se estabeleça o reino da higiene, é preciso que cada um se converta em seu próprio súdito. Nisso não há nenhuma utopia. Se na época de Gutenberg alguém tivesse predito que chegaria um dia em que o mais pobre poderia aprender a ler um livro impresso, teria zombado de um homem tão ousado capaz de emitir uma opinião semelhante. Quando se reflete sobre isso, é muito menos inverossímil pensar que chegará um dia em que cada um saberá que asseio pessoal é conveniente dar ao seu próprio corpo e a sua casa, e que meios há de se empregar para evitar certas enfermidades e se precaver de certos miasmas. Quando ocorre uma epidemia ou uma circunstância qualquer leva o poder público a colocar em prática medidas especiais, a autoridade, longe de bater de frente com a resistência surda de uma população com tendências retrógradas, encontrará nela o apoio inteligente e zeloso que necessita.

Não se chega a esses bons resultados senão mediante uma educação sistemática. Mas evidentemente essa educação deve vir de cima e não de baixo. Enquanto não for seriamente organizada nos colégios, será inútil criá-la nas escolas elementares. Como faríeis para convencer o filho de um agricultor ou de um operário para que admitisse a necessidade de práticas descuidadas pelo filho de um rico proprietário agrícola ou de um chefe de uma fábrica? Pois bem, não somente as classes médias e altas se preocupam de modo insuficiente com a salubridade de suas casas e mostram, em geral, uma ignorância lamentável das leis de higiene, mas também o asseio corporal, a mais fácil de seguir de todas estas leis, por ser a mais importante, faz progressos muito lentos. Com exceção dos anglo-saxões e escandinavos, não se pode dizer que o asseio diário faça parte dos costumes de algum povo; e, como ocor-

re no seio das aristocracias europeias aparentemente mais refinadas, quantos ainda são rebeldes à saudável influência da hidroterapia entre os próprios escandinavos e anglo-saxões? Somente o ensino da higiene evitará essa apatia e essa indiferença.

A análise do corpo humano encontra aqui seu lugar. No plano de estudos apresentado nos capítulos anteriores, a zoologia está quase eliminada. Quando tantas matérias indispensáveis se encontram com dificuldades para aparecer nos programas de ensino secundário, é conveniente seguir mantendo temas tais como o sistema circulatório do lagarto e da lesma, o aparelho respiratório dos répteis ou o mecanismo de visão dos pássaros? O estudo do homem no lugar que lhe cabe entre os representantes do reino animal, a estrutura e a disposição de seus órgãos talvez seja mais científico e mais lógico; mas estudá-lo observando-se no espelho, estudá-lo por si mesmo, é, desde o ponto de vista da consolidação da saúde e da manutenção da força, infinitamente mais prático e interessante.

Juntamente com este ensino encontra-se de forma inteiramente natural um campo de experiência que pode prestar grandes serviços: os exercícios físicos. Enquanto estes tomam forma de jogos, de esportes, o cumprimento de certas regras de higiene torna-se necessário tanto para ativar seus efeitos benéficos quanto para neutralizar seus inconvenientes. Então, quando se trata de adolescentes que se encontram sob o controle direto dos pais e dos professores, estes cuidarão bem do sono, da alimentação, mas lhes será difícil fazer algo mais que isso; e quando se trata de jovens semi-emancipados, isso será impossível. Quem impedirá a um jovem de remar com uma camiseta de algodão, sem que tenha um “sweater” para pôr nos ombros quando termine, ou permaneça parado após uma corrida ao olhar a corrida seguinte sem ter tomado a precaução de se agasalhar? Quem vai lhe tirar o costume de levar o absurdo cinturão chamado de ginástica, ou de chupar limões durante o intervalo de uma partida de futebol? Quem vai lhe impedir de tomar uma ducha fria após ter secado o suor, beber bebidas geladas enquanto nada, ou levar um lanche na bicicleta e nada mais comer no almoço?... Somente ele pode se precaver contra os perigos de práticas semelhantes proibindo-as a si mesmo, mas esses perigos somente serão reais a seus olhos se lhe forem explicados cientificamente; em forma de recomendações ou de prescrições não prestará atenção, não fará caso algum, ao não ver nisso senão a expressão de uma solicitude excessiva. Ao invés disso, até que não conheça o funcionamento da pele, o mecanismo da digestão, o efeito do trabalho sobre os músculos, até que não saiba que ele mesmo pode controlar seu próprio treinamento e que, por exemplo, o simples exame de urina após um exercício é indicativo de se foi superada a dose permitida pelo treinamento, até que não conheça por quê o transtorno sobre o organismo de um exercício violento feito após comer pode produzir ataques de apendicite e peritonite, se dará conta do interesse *direto* que essas coisas têm em sua vida, e então passarão realmente a existir para ele.

Se o conhecimento e a observação das leis de higiene são necessários numa sociedade democrática, o hábito da cooperação o é ainda mais. Quer os cidadãos se associem para unir esforços ou para combinar sua capacidade de resistência, quer apertem o freio ou empurrem a roda, na sociedade democrática a associação é a origem de toda a força útil e a base de todo esforço racional. Para escolher seus chefes, para defender seus interesses, para estudar um problema ou para provocar uma reforma... sempre precisam recorrer a ela, e somente com ela podem alcançar um

apoio eficaz. O lema *vae soli* da Sagrada Escritura poderia ser gravado na entrada de nossos edifícios: essas palavras aplicam-se muito bem às condições da vida atual.

Representam a cooperação e a associação tendências instintivas no homem? Muito se tem falado sobre isso. Mas, por mais interessantes que sejam, essas discussões teóricas só tem uma importância relativa, pois estão dominadas por um fato capital. Quer se incline ou não para a cooperação, o homem inicialmente dá provas de uma torpeza evidente. Desse modo, seja porque este princípio é alheio a sua natureza, seja porque se desacostumou a ele de forma hereditária, o efeito é o mesmo, e pode-se ver ao nosso redor numerosos exemplos disso. Pode-se dizer que a característica principal do século XIX é a implementação das democracias. Suas diversas roupagens e seus aspectos distintos nos confundem. Podíamos ver, à testa dos povos, ora um imperador com a espada na mão, ora uma poderosa aristocracia produzindo a mudança; mas, ao se observar as coisas de perto, vemos que são as democracias que estão em marcha, e sua marcha é, em geral, pesada e irregular, como se lhes faltasse um membro, ou como se um de seus órgãos estivesse danificado; com o perdão da expressão, diria que se movem um pouco aos trancos e barrancos.

Afirma-se que falta liberdade. Mas os mais ágeis não são, exatamente, os mais livres, e a prova de que a liberdade não basta é que, em certos casos, o poder público, não satisfeito em autorizar, ainda anima inutilmente os cidadãos para que se associem. Por decorrência, é preciso reconhecer a necessidade de uma aprendizagem, e a questão esbarra em saber se essa aprendizagem tem de começar no colégio. Se somente se tratasse dos mecanismos externos da associação, não haveria nenhuma vantagem em ter tanta pressa; bastaria o voto, a autoridade das pessoas eleitas, a ordem das sessões, o orçamento, as atas, todo um mecanismo que pode ser facilmente compreendido por um homem de espírito aberto, inclusive se ele só tivesse uma instrução rudimentar. Mas, para que o mecanismo funcione, é preciso abastecê-lo com combustível. Uma associação, seja ela qual for, somente pode fazê-la bem alimentada por uma mistura de atividade pessoal, tolerância mútua e bom entendimento entre os interesses comuns, qualidades que não somente não nascem espontaneamente, mas que resistem a se fixar no homem maduro. Quanto mais cedo se trabalhe nisso, mais chances de inculcá-las com força no caráter.

Assim, o cidadão mais útil para a democracia não será aquele ao qual se tenha feito estudar sociologia, ao qual se tenha explicado a teoria da solidariedade e responsabilidade mútua, mas aquele que entra na vida ativa já treinado no esforço coletivo, acostumado inconscientemente aos movimentos, ao ritmo e à contenção que este esforço exige; e essa pessoa não quer ter uma formação teórica, mas somente prática.

Essa ideia tampouco era absolutamente nova quando Arnold decidiu fazê-la sua. Ainda que incertos, pode-se encontrar vestígios dela em alguns pedagogos do século passado. Mas é duvidoso que o *Headmaster* de Rugby, que não havia feito estudos especializados, nem mesmo professava uma alta estima pelo século XVIII, mergulhava nessas fontes. Olhou ao seu redor, compreendeu imediatamente as novas necessidades e utilizou, para satisfazê-las, as instituições rudimentares que estavam ao seu alcance e que aperfeiçoou. Entre os estudantes ingleses haviam sido mantidas algumas agremiações tradicionais que se tornaram o gérmen de associações regulares. Eles aprenderam a dirigi-las com prudência e bom senso. Esse tipo de vida social lhes resultou tão familiar que, fora delas, as pessoas pensaram – como ocorre com a vida

desportiva – que sempre havia existido e que era fruto de uma tendência da raça, de uma inclinação atávica. Certamente, as peripécias de sua história interna prepararam concretamente o povo inglês para o *self-government*, mas é certo que aquele se tornou muito mais hábil e mais especializado quando o princípio de cooperação foi introduzido nos centros educacionais. Por outro lado, nada leva a pensar que as demais raças sejam, por natureza, rebeldes a esse princípio, nem que uma experiência desse tipo esteja no estrangeiro necessariamente condenada ao fracasso. Além disso, é evidente que as formas eram muito distintas na Alemanha do que o são na Inglaterra, ou na Itália em relação à Suíça. Cada povo as modelará de acordo com seu próprio gênio, de acordo com suas ideias particulares e os costumes. O assunto deve ser tratado a partir de cima. Quaisquer sejam os governos de uma democracia, suas instituições políticas, suas aspirações e suas dimensões sociais, esta necessita da cooperação para viver e prosperar: tanto faz se essa cooperação for inteiramente livre ou dirigida, ou se for patrocinada pelo Estado. Necessita ser *aprendida*, e ganha-se muito se o for desde a juventude. Esta verdade se imporá na democracia, que se sentirá obrigada a introduzir a cooperação na vida escolar para preparar os futuros cidadãos para a vida ativa. Como se pode fazer essa preparação?...

É preciso apenas mencionar aqui algumas peculiaridades cujos ecos nos chegam desde mais além do Canal da Mancha e do Atlântico. Houve uma vez na Inglaterra um Colégio-República cujos alunos governavam a si mesmos, e creio que também governavam a seus mestres. Asseguram-me que as regras não eram absolutamente desatinadas, nem mudavam com frequência. Em minhas abordagens passadas faltou-me tempo para verificar a coisa, e não lamento isso. Tratava-se, em suma, de uma fantasia pedagógica cujo interesse em nenhum caso podia ser generalizado. O mesmo pode-se dizer dessa “Escola-Cidade” que, segundo parece, acaba de ser criada em algum lugar da América e que tem todo o aspecto de um município bem organizado. O prefeito, os secretários e os vereadores são alunos; estes compartilham a administração da escola como se fossem outros tantos serviços públicos. O repórter que descobriu essa pequena maravilha exalta seus méritos e a propõe como modelo aos pedagogos de ambos os mundos. E estes têm direito a considerar tais fundações com um olhar irônico ou distraído, mas cometeriam um erro grave se confundissem estes exageros com algumas aplicações razoáveis procedentes do princípio que as inspira.

As sociedades de jovens formadas por estudantes podem ser sintetizadas em cinco tipos principais. Em geral, respondem aos jogos e esportes, às letras ou às ciências, às artes, ao fato de falar em público e à caridade. As primeiras são provavelmente as mais numerosas e as menos discutidas atualmente. Isso não é nenhuma surpresa, pois se existe um governo ao qual a juventude tenha um direito inquestionável, esse é claramente o de seus jogos. No entanto, esse direito lhe foi negado durante muito tempo sob o pretexto de que o exercício era incompatível com a ordem e a disciplina. Ocorre porém que ali onde hoje se concede em teoria, tenta-se suprimi-lo na prática. É o caso da França. A áspera rivalidade na divisão da educação secundária entre a Universidade estatal e as congregações torna difícil qualquer melhoria neste âmbito. A liberdade que se estabelece num campo é imediatamente tachada de licenciosa em outro, empenhado em denunciar abusos, mesmo que imaginários. Apesar dessa situação desfavorável, as associações desportivas têm-se multiplicado nos liceus franceses. As

primeiras foram fundadas em 1888 e 1889; hoje existem mais de cem, com aproximadamente 4.000 membros. O que torna muito interessante este movimento é o fato de que a iniciativa veio de fora e que a administração a acolheu com má vontade, quando não de modo francamente hostil. Cabe pensar, portanto, que o resultado obtido se deve quase completamente aos próprios alunos; os iniciadores não puderam fazer muito para ajuda-los, e os professores não quiseram, em linhas gerais, apoiar nada.

Não posso entrar aqui nos pormenores da experiência francesa. Indico ao leitor os documentos específicos¹ cujas principais conclusões enunciarei imediatamente. As associações são úteis para o bom funcionamento dos Jogos, e são indispensáveis para a organização de certos jogos complexos e que exigem destreza, como, por exemplo, o futebol americano; eles não têm produzido nenhuma desordem e os gastos que ocasionaram a seus associados tem sido realmente mínimos. Por último, embora seja duvidoso que tenham exercido uma influência feliz sobre o trabalho, é igualmente certo que tampouco o tem prejudicado. Seria importante determinar sua força desde o ponto de vista social, e esta não é em absoluto de se desdenhar. Uma pesquisa feita com seriedade faz alguns anos sob os auspícios do eminente e saudoso Henri Marion, professor de pedagogia na Sorbonne, revelou seus aspectos positivos. Em razão disso e apesar do caráter improvisado e aleatório destas pequenas sociedades, seus mecanismos frágeis têm funcionado bem, e quando se pensa – de acordo com uma opinião que não vou discutir aqui – que o solo francês é pouco propício para o *self-government*, é preciso confessar que seus êxitos são muito convincentes.

Fora das *public schools* inglesas e dos centros que, tanto nos Estados Unidos como nas colônias britânicas, se inspiraram em seu exemplo, existem poucas agremiações escolares com um caráter claramente literário ou científico. Os jesuítas têm conservado a instituição das “academias”, que têm um bom rendimento; mas, embora os jovens acadêmicos gozem, em geral, de uma grande liberdade na escolha dos temas das comunicações e das discussões, nem por isso o professor deixa de estar presente para intervir nos debates, quando for o caso, especialmente para orientar aqueles que foram recrutados na assembleia, de modo a limitá-la aos *bons* alunos. Além disso, não há cotizações nem, portanto, orçamento, nem gestão financeira: a educação social é reduzida ao mínimo, à cortesia entre companheiros e a escolher bem os chefes; isso é tudo o que se aprende, o que já é algo, embora ainda não seja suficiente. Não é difícil conceber – sobretudo em correlação com uma educação secundária transformada de acordo com os princípios apresentados anteriormente – agremiações literárias verdadeiramente livres, com o objetivo de conseguir certa cultura suplementar, por exemplo o estudo pormenorizado de uma literatura estrangeira, antiga ou moderna. As ciências poderiam dar lugar a criações análogas. Por que químicos, botânicos ou fotógrafos ainda iniciantes não poderiam dispor livremente de um pequeno laboratório ou de um pequeno museu no qual sua vocação pudesse ser afirmada ou definida? A cooperação – indispensável para tornar possíveis tais novidades – não seria a única a sair ganhando: também ganhariam com isso as relações de entendimento e a moral.

1 Foram publicados dois comunicados sobre a organização e o funcionamento das associações atléticas nos liceus e colégios franceses; o primeiro, assinado por mim, apareceu na *Revue Universitaire* com data de 15 de maio de 1892, e o segundo, redigido pelo Sr. Maneuvrier, foi publicado na *Revue Internationale de l'Enseignement* de 15 de dezembro de 1894. (Nota original de Coubertin).

Mais adiante falarei do papel da arte na educação. No que tange à arte da oratória, é preciso apenas insistir na necessidade de que os futuros cidadãos a pratiquem desde já. Exceto no caso de se contar com disposições naturais, as qualidades úteis não são adquiridas depois de um certo tempo. E estas são de dois tipos. Para se expressar bem, mesmo que não seja numa tribuna, mas ao menos no âmbito de uma reunião qualquer, é necessário primeiro organizar o pensamento com rapidez e clareza e, depois, adequá-lo nos termos apropriados às circunstâncias e ao efeito que se quer produzir. Boileau pensava ser suficiente “conceber bem” para “enunciar com clareza”, mas a democracia nos tem claramente mostrado que este preceito não era de todo exato. Resultado claro que o discurso democrático é o contrário da declamação, e as representações dramáticas não podem suprir os treinamentos produzidos numa *Debating Society*. Por outro lado, tais representações têm tantos inconvenientes, especialmente o de custar caro e ocupar muito tempo, que não há lugar para lamentar sua decadência nem desejar que voltem a estar na moda: desde o ponto de vista cooperativo não têm, em todo caso, nenhum efeito. Geralmente os “*Debating*” ingleses giram em torno das grandes questões do momento e são um eco do que é dito na Câmara dos Comuns. Este caráter de atualidade pode desagradar, mas, fora da política, há muitos problemas de maior interesse capazes de suscitar interesse na juventude, de modo que não caberia argumentar contra a instituição em si.

Resta a caridade. Novamente a Inglaterra nos dá a fórmula verdadeira. Por atracente que seja a ideia de organizar nos colégios pequenas sociedades de São Vicente de Paula, isso apresenta mais inconvenientes que vantagens. Nada seria pior que colocar a juventude em contato com alguém que tem pouca chance – me atrevo a usar esta fórmula cruel –, com uma miséria meio simulada e revestida de hipocrisia que se amontoa voluntariamente nas cidades às portas das obras de caridade. Mas o contato com a verdadeira miséria, aquela associada ao vício, é algo que deve ser realizado sem perigo. Não exige já por si a higiene que a miséria se mantenha longe dos colégios? As iniciativas britânicas foram desenvolvidas numa ordem de ideias completamente diversa. Certamente, para os menos de quinze anos é uma bela tarefa, profundamente saudável e admiravelmente educativa, recolher entre os companheiros e professores a maior quantidade possível de dinheiro, obter de uma municipalidade generosa um amplo campo perto do mar ou de um rio, alugar material para acampar, negociar com as companhias ferroviárias passagens com desconto e, no início das férias, levar para o campo, durante uma ou duas semanas, todo um grupo de meninos recolhidos junto a população escolar mais pobre e benemérita. Entendida assim, a caridade – ou melhor, a solidariedade – pode dar lugar a agremiações de um elevado alcance pedagógico.

Dessa forma, pode-se considerar distintos aspectos dos marcos já existentes para uma educação social na qual a democracia encontrará satisfação e um instinto legítimo.

Notes sur l'Éducation publique,
Paris: Hachette, 1901,
p. 217-235 (cap. XIII).

2.7 A ARTE NA EDUCAÇÃO

Se eu tivesse que definir a arte desde o ponto de vista exclusivo de seu papel na educação, diria que é acima de tudo o sentido da beleza. Isso era o que também pensava Ruskin. A aplicação que fez de sua doutrina, porém, foi a tal ponto britânica que a converteu em algo quase incompreensível para os outros povos; no entanto, nem por isso é menos justa nem menos aplicável. Despertar nas almas dos jovens o sentido de beleza é trabalhar para o embelezamento da vida individual e pelo aperfeiçoamento da vida social. Mas como abordar esta tarefa? A questão deve ser irritante, pois observo que a maior parte das soluções que se tem apresentado são inadequadas e ineficientes. Nessa relação não são sempre as nações mais artísticas as que resultam mais inspiradas. Grécia e Itália não tem feito quase nada, e na Alemanha e na França foram tentados alguns esforços desajeitados. Muito provavelmente é na América que se encontram as iniciativas mais bem sucedidas, iniciativas privadas naturalmente, e às vezes difíceis de descobrir. Lembro ter visitado faz dez anos, em Saint Louis no Missouri, uma modesta escola de Belas Artes que conheci por acaso, e ter-me chamado muita atenção a genial simplicidade de seus procedimentos de ensino. Havia ali algumas telas antigas, alguns grupos de esculturas em mármore, objetos de arte de valor secundário, mas que indicavam a cuidadosa escolha do professor, bem escolhidos para despertar nos alunos a compreensão da linha, do relevo e da cor; esboços carentes todavia de experiência e modelados arcaicos conviviam alegremente com aqueles quadros e estátuas. Uma das salas servia de atelier; a segunda, parecia à primeira vista um lugar cheio de objetos amontoados em desordem. Uma chaminé medieval, uma porta monumental de estilo renascentista, afrescos policromáticos nas paredes, uma mesa e umas preciosas cadeiras Luís XVI, janelas flamejantes, uma aranha de ferro fundido, tudo isso compunha um conjunto cuja utilidade não compreendi imediatamente. Porém maior foi minha estupefação ao saber que, com exceção de um tapete que decorava o fundo da sala, tudo o que via ali era obra dos alunos. O professor me explicou em poucas palavras o seu método: “É nosso laboratório”, me disse. Esse homem, que não era nenhum grande artista, havia tratado do estudo da arte com toda simplicidade, sem se preocupar com a rotina e os convencionalismos que nos inundam, nós, gente do velho mundo. Com um orçamento reduzido, em suas frequentes viagens ultramarinas, não podia adquirir objetos muito preciosos, mas tomava notas e fazia croquis, conseguia fotografias e reproduções de todo tipo. Com seu livro de história na mão, buscava nos museus da Europa aquilo que sintetiza uma época e evoca suas íntimas aspirações em seu melhor momento de desenvolvimento, e a sua volta os alunos se aplicavam em reproduzir sob sua orientação – e dá para adivinhar com que interesse apaixonado – aquela beleza distante cuja imagem lhes trazia.

No que tange à arte na educação – e especialmente no ensino secundário –, não há em tudo isso alguns fundamentos que devam ser copiados, mas sim algumas indicações úteis que se pode seguir. Contudo, tais procedimentos somente se aplicam a uma das quatro categorias que convém distinguir desde o ponto de vista da cultura artística. Na primeira e mais alta estão os *que atuam*, ou seja, os que criam, imitam ou interpretam as obras de arte. Na segunda, os que têm o *sentimento* da beleza artística sem poder produzi-la nem reproduzi-la. Na terceira, os que *compreendem*

a arte mediante o saber e o entendimento, mas que não possuem o dom de senti-la. Na quarta, por fim, os que são absolutamente rebeldes – coisa muito rara – a toda concepção artística. Parece-me que, em geral, não se leva suficientemente em conta essa variedade essencial, e de modo especial a diferença entre o sentimento e a inteligência; ambos permitem aceder ao gozo artístico, mas a um gozo de ordem muito mais intenso e elevado no primeiro caso que no segundo. E ao se levar em conta, é tarde demais, quando a classificação foi concluída há muito tempo. Em que idade se produz essa classificação e em que medida pode-se mudar as tendências? É muito importante esclarecer esse ponto, ao qual, infelizmente, não se pode dar uma resposta precisa. Por pouco desenvolvida que seja, a individualidade desempenha aqui seu papel, um papel obscuro e quase subterrâneo. Os germens artísticos são misteriosos, cheios de caprichos e de peculiaridades: têm impulsos repentinos e longos eclipses, urgências superficiais e fecundas demoras. No entanto, sem tentar prever o que acontecerá, cabe colaborar com isso, preparar a classificação e ajudar para que ela se produza. O período do ensino elementar é o melhor momento. Ao ensinar as crianças a utilizar um lápis e um pincel, a compreender a perspectiva e avaliar as distâncias, a conhecer as notas, cantar e solfejar, coloca-se à disposição de eventuais faculdades, em todos os casos, os instrumentos necessários para o seu desenvolvimento. Se entre aquelas crianças há naturezas nas quais as faculdades artísticas não hão, em absoluto, de se manifestar, o tempo assim empregado não será tempo perdido. A educação do olhar, do ouvido e dos dedos não é inútil a ninguém. Ao contrário, se o sentido da atividade artística existe atualmente ou no futuro, isso já não poderá ser perdido. Todos os impulsos internos que provoque irão se exteriorizar mediante o gesto aprendido. O adolescente não estará, sem dúvida, de posse do mecanismo total, mas terá o alfabeto, a chave; será detentor dos instrumentos embrionários da criação ou da interpretação artística.

No ensino secundário, o plano e os métodos devem mudar: a aprendizagem do mecanismo deixa de ser uma regra que se aplica a todos. Nessa idade, o solfejo e a perspectiva, impostos indistintamente, correm o perigo de desembocar numa perda de forças e de tempo. É, ao contrário, o momento de dar lugar a uma teoria da arte, e a parte dessa teoria da arte que resulta mais acessível a alguns espíritos jovens é certamente a histórica. Se explicaís o papel que tem desempenhado a arte na vida de um povo em geral, vossos alunos quiçá retenham vossa exposição, porém não a compreenderão, porque ao não saber ainda o que é a arte, tampouco podem compreender sua necessidade. Se, ao contrário, lhes falais do lugar que a arte tem ocupado na vida de tal povo cujas datas históricas e cujo lugar no mapa-múndi eles já conhecem, a coisa tomará a seus olhos um aspecto concreto e o vínculo entre o gênio desse povo e sua arte se converterá em algo compreensível. Disso derivarão, sem dúvida, boas ideias. Já temos dito que a Grécia é mais fácil de explicar por seus monumentos, suas esculturas, sua música e seu teatro que pelas instituições políticas de seus Estados ou pelas lutas intestinas de seus cidadãos. É tão fácil e tão evidente a utilidade de associar a arte aos estudos históricos, que alguém se espanta de ter que seguir reclamando isso.

Este ensino implica exceções. Os mesmos aos quais um destino cruel condena a permanecer insensíveis diante do Hermes de Praxíteles ou da “Ronda noturna” de Rembrandt, diante da basílica de São Pedro em Roma ou da catedral de Notre



Ginastas rítmicas como forma de expressão artística na educação. (Extraído de E. Jacques-Dalcroze, *Rhythmus, Musik und Erziehung*, Ed. Schwab, Basilea, 1921, p. 80).

Dame em Paris, devem, contudo, conhecer por quê essas obras comoveram o mundo. Entretanto, além disso, há seres privilegiados aos quais a pedagogia dever considerar: aqueles que podem sentir a arte. A pedagogia procura torná-la compreensível a todos, mas há alguns aos quais ela tem de dar oportunidade de senti-la, e é preciso, além disso, que fomente os tímidos ensaios do que a ela se dedicam, dos que procuram já expressar o que sentem. Somente o termo “privilegiados” indica de onde provém os obstáculos que opõe a este projeto. Em todos os povos que convidaram solenemente a democracia a tomar assento em seu lugar em vez de dar-se conta de que ela se havia instalado de repente sem que eles o soubessem, a ideia da igualdade tem convertido numa das pedras angulares da vida pública e, especialmente, da educação. No entanto, mesmo que seja obrigado a aceitar desde a época do colégio as prerrogativas criadas pelo homem, é obrigado a admitir ao menos as que institui a natureza. O fato de que um adolescente muito aplicado chegue a desenhar um olho ou a decifrar “Ah! Te conto, mamãe?”,¹ não constitui uma razão para que seu vizinho, que enche as margens do dicionário com silhuetas rápidas e vivas, o que toca de ouvido fragmentos de uma sinfonia de Beethoven, não possa seguir seu instinto. Ao não considerar estas disposições, não somente retardais seu desenvolvimento

1 Canção popular infantil (N. T.)

artístico, mas dá toda a impressão que cria obstáculos ao seu desenvolvimento geral. A arte não é em absoluto um verniz que se aplica a um determinado objeto; faz parte da própria essência do indivíduo, cujos impulsos experimenta; pode orientá-lo de forma útil em todo seu desenvolvimento.

Não resta outra conclusão senão que é necessário implementar no ensino secundário este laboratório artístico, cuja fórmula engenhosa havia encontrado aquele professor de Saint Louis no Missouri. É muito bom estar atentos para que nos colégios as novas construções apresentem fino acabamento e cores harmoniosas, que as fachadas de bela aparência sejam amenizadas por adornos de terracota ou de cerâmica; que na galeria de entrada haja algum afresco decorativo e no pátio algum mármore eloquente; que nos dias de festa, o concerto organizado pela Direção com a participação de artistas consagrados produza um belo efeito e uma inspiração feliz. O primeiro inconveniente de tudo isso é que custa muito, e o segundo, mais grave ainda, é que resulta insuficiente. O olhar do homem e, com mais razão, aquele do adolescente não se fixa nos objetos familiares. Qual estudante pensa em observar o que o rodeia no dia a dia? De tanto ver isso, já não sabe se há profundidade na paisagem daquele quadro ou graça no gesto dessa estátua; e no que tange à ducha musical que cai sobre ele de improviso, o efeito produzido, se nada o prolonga, carece de consistência e duração. As visitas a monumentos, os passeios aos museus são feitos com a mesma ingenuidade administrativa; seria preciso reservar esses gozos estéticos aos que podem aproveitá-los, e fazer com que os outros os desejem, único meio para que ao menos fiquem atentos ao valor da arte. Entre os professores é preciso encontrar, certamente, pessoas que constituam uma pequena comissão artística que tome, quando for o caso, a iniciativa de medidas desejáveis ou que exerça o controle sobre as empresas dos alunos. Desejaria que estes dispusessem de grupos corais e instrumentais e de um atelier livre para o desenho, a aquarela e a modelagem, e que apresentações musicais regulares e uma exposição anual dessem a esses grupos o ânimo necessário... Mas me direis que tudo isso promove a vaidade. Bela resposta! De onde tirais a ideia de que é possível educar sem recorrer a ela?

Esta é a forma na qual o estudante pode mais seguramente se iniciar na arte e nela ser batizado. Será que o Belo, assim revelado, lhe será um auxílio poderoso na escalada para o Bem? Não dá para contar muito com isso. A questão da virtude moralizadora da arte está em discussão faz muito tempo, e sua solução seria mais fácil se tivesse a preocupação em definir e colocar primeiro o tipo de moralidade considerada. A arte ilumina a inteligência, cativa o pensamento e incita para a ambição: trata-se de resultados morais suficientemente valiosos, mas a moral propriamente dita somente se beneficia com isso. O caráter não fica mais fortalecido, nem a consciência se torna mais sólida, nem a resistência ao mal mais frequente. O Bem, o Belo e o Verdadeiro formam uma trindade laica que o mundo moderno tende excessivamente a comparar com a trindade teológica, cujas três pessoas são um só Deus. No caso anterior, a unidade é fictícia; cada um dos termos não contém os outros dois. Especialmente a noção de Beleza pode ser independente das noções do Bem e do Verdadeiro; mas a Beleza relativa, tal como a humanidade a cria e contempla, não é sempre um bem, nem sempre verdade. Acontece que numa época na qual o homem é levado pela organização social a multiplicar as distorções da verdade e na qual a desordem na qual lança seu jovem saber lhe tornam confusos os contornos do Bem,

é natural que se apoie deliberadamente na Beleza. Exatamente, um ecletismo esclarecido e às vezes demasiado liberal ganha terreno a cada dia; sua influência desborda sobre todos os temas, e nele encontram refúgio muitos titubeios e incertezas. Isso leva a pensar que a arte moraliza, no sentido mais absoluto, mais cabal do termo. O educador não deve aceitar essa fórmula, mas isso não é motivo para descuidar da arte, como tem acontecido até agora, sem dúvida pela doença que supunha alojar, dentro de suas rígidas muralhas, a um hóspede fantástico e suntuoso. Dissemos a alguns instantes, juntamente com Ruskin, que o sentido da beleza embeleza a vida individual e aperfeiçoa a vida social. Não é isso suficiente para legitimar todos os esforços cuja finalidade seja fazê-lo nascer e progredir?

E já que o nome de Ruskin apareceu pela segunda vez, não é demais mencionar essa encantadora forma de propaganda artística que ele plantou nas sociedades anglo-saxãs. Quem soube antes dele dar ao quarto mais vulgar, ao reduto mais humilde, um aspecto agradável e atraente? Artesãos especializados decoram os apartamentos predestinados para obter esse favor por suas dimensões e pela riqueza de seus habitantes, mas ninguém havia pensado em tornar-se de improviso decorador ou tapeceiro para colocar em seu próprio lugar um toque de procura e de elegância. Que eu saiba, nas cidades inglesas de operários essa procura e essa elegância, hoje visíveis em toda parte, não supuseram nenhum prejuízo nem para o trabalho nem para a previsão. Tampouco observei que, nos internatos, os adolescentes que adornam seus quartos ou seus cubículos mostrem menos masculinidade, nem que, nas universidades, os apartamentos mais belos pertençam aos estudantes que trabalham menos ou aos que dispõem de maior fortuna. Nada há nisso de indigno de um rapaz, mas é evidente que a coisa é acima de tudo uma questão feminina. As mulheres são a passarela pela qual a arte é introduzida na economia doméstica, e quiçá um curso sobre a história do mobiliário substitua com vantagem umas lições que consistem em nomear ácidos diferentes ou alguns faraós.

Resumindo, é conveniente abrir amplamente as portas da arte no ensino secundário, e não pedir-lhe, desde o ponto de vista pedagógico, mais do que ela pode dar, mas tampouco desconfiar dela. Se, numa etapa da tarefa educativa, fossemos obrigados a dar-lhe provas de certa desconfiança, indicaria preferencialmente o ensino superior, ou seja, a idade na qual a imaginação jovem conta com lápis suficientemente apurados e com pincéis suficientemente brilhantes para compor, quando for o caso, algumas dessas fantasias desavergonhadas sem proveito para a moral, para o gosto ou para o estudo. Se a arte pode às vezes comprometer um exame, fazer com que uma vocação se desvie, então é preciso estar atento ao contexto estudantil.

Notes sur l'Éducation publique,
Paris: Hachette, 1901,
p. 297-310 (cap. XVIII).

2.8 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO SÉCULO XX: O RÉCORD

Em janeiro de 1903, num editorial do *Le Figaro*, Coubertin aborda uma questão cada vez mais atual do esporte moderno: o desejo do *récord*. Para ele, esta é a quintessência lógica do esforço. O esporte moderno tende ao excesso, como afirmaria mais tarde. Segundo Coubertin, decisivo para o desportista é que este continue sendo dono de si mesmo. Coubertin considera que contrário a isso é o recorde pessoal, a melhoria constante do seu próprio rendimento. O melhor exemplo disso é a condecoração desportiva sueca.² A posição de Coubertin merece ser lida a posteriori desde o ponto de vista da investigação desportiva atual relacionada com a importância da antropometria.

Sempre termos estrangeiros! Que fazer?! Parece-me tão absurdo dizer *referee* quando se pode dizer “árbitro”, e falar de *scrimmage* e de *try* quando é simples traduzir isso por “formação ordenada” e “ensaio”, quanto me parece infantil o nacionalismo que retrocede espantado diante do emprego de um termo que não é possível substituir por não existir uma palavra equivalente. O termo “*récord*” parece não ter nenhum análogo em outra língua porque é usado assim em todo mundo, e a maior prova de seu cosmopolitismo é que não necessito nenhuma paráfrase para explicar do que se trata. Todo mundo já sabe.

Mas nem todo mundo aprecia, por exemplo, seu valor educativo, e aproximar ambas as ideias – educação e *récord* – resultará, indubitavelmente, uma falta grave. Na verdade, o *récord* é considerado a quintessência do esforço e, portanto, como algo eminentemente prejudicial numa época na qual a busca da perfeição tende a desaparecer ante a preocupação com o meio termo. Trata-se de um equívoco. É preciso fazer do *récord* algo exagerado, mas, em si mesmo, implica menos tendência ao exagero que as competições. A razão é simples. A competição leva a luta, a concorrência, com um ser animado; o *récord* somente nos coloca diante de um fato inerte, um número, uma medida de espaço e de tempo; somente se luta, propriamente falando, consigo mesmo.

A ambição e a vontade são os únicos motores que vos coloca em ação. Se por um instante perdeis o controle que exerceis sobre elas, se elas conseguem que vos deixai levar, isso será devido a uma rápida embriaguez que não cancelará as advertências dadas pelo organismo. Em resumo, estais completamente em vossas mãos. Será muito diferente vosso estado de espírito se adiante, atrás ou ao vosso lado trabalham outros músculos e outros cérebros cuja presença inquieta e excita ao máximo vossos nervos. Ainda que tenhais estudado e medido suas forças, e ainda que conheçais seus hábitos, suas vantagens e suas fraquezas, não deixareis de estar à sua mercê. A aceleração a qual vos entregais é em grande parte inspirada e orientada não somente por vossos músculos e vosso cérebro, mas também pelos músculos e cérebros de alguns competidores cuja vitória ameaça a vossa.

Seria preciso muito sangue frio e muita experiência para, em tais circunstâncias, permanecer totalmente dono de si mesmo. Assim, corre-se o risco de “forçar-se”, expressão popular muito sugestiva. Forçar-se não quer dizer obrigar-se a fazer algo, mas a ultrapassar inconscientemente o limite das coisas que pode se fazer sem perigo.

2 Sobre a condecoração desportiva sueca, ver Coubertin, P. de: “La chevalerie du sport”, em: *Almanach Olympique pour 1919*. Lousanne: Impr. Réunis, 1918, p. 20-24.



Vitórias e récords como novas características do esporte moderno. (Extraído de *Les sports modernes illustés*, Paris: Larousse, 1908, p. 106)

Sinto-me obrigado a insistir sobre isso, porque é muito inconveniente introduzir indiscriminadamente o emprego das competições no sistema de educação física, como preconizavam nossos artigos anteriores no *Le Figaro*. Este sistema consiste em fazer com que os jovens saltem etapas e se tornem capazes para a existência feita de iniciativas, de imprevistos e de resistência que lhes oferece o século, acostumando-os à prática elementar de todos os exercícios de salvamento, de defesa e de locomoção usados pelo mundo moderno. Isso não pode ser feito nas competições e, embora aprove, por constituir uma experiência curiosa e útil, a corrida dos “Três Esportes” (triatlo) organizada pelo nosso amigo Sr. de Lafreté, gostaria, no entanto, que essa iniciativa fosse algo excepcional. Ao generalizar isso, ficamos expostos a acidentes indesejáveis.

Outra experiência sobre a qual se tem discutido muito na Inglaterra e na América – a de dedicar seis horas de esportes diferentes durante um período de oito horas – não poderia ter sido realizada nas condições estabelecidas, isto é, sem deixar sinais *significativos* de fadiga, se tivesse se tratado de uma série de competições. Naquela prova pode poupar esforços e fazer o melhor que puder desde o ponto de vista da força e da velocidade; mas se tivesse tido competidores atrás de mim durante seis horas, teria sido impossível para mim sair livre de prejuízos. Pois bem, o importante – coisa com a qual estará de acordo quem tenha tido a gentileza de seguir a exposição de minhas ideias sobre isso – não é que os jovens ganhem troféus em todos os esportes, mas que possam praticá-los todos e, quando for o caso, possam gastar indistintamente toda a energia de que dispõem.

É possível, nesta aprendizagem, prescindir de toda competição? Pode-se esperar, de modo geral, que o ser humano esteja suficientemente preparado, se preocupe o suficiente com os seus interesses, sua saúde, seu equilíbrio mental sadio e o aperfeiçoamento de seu corpo sem necessitar de alguma emulação? Não, cem vezes não! Isso é uma utopia!, a principal utopia que médicos e fisiólogos têm introduzido na educação física e contra a qual importa lutar sem cessar porque se apresenta sob uma aparência sedutora e não prima, na verdade, senão a inércia e a rotina. É absolutamente necessário se comparar com alguém ou com algo. Se não tiverdes algum rival pisando em seus calcanhares, tenhais, ao menos, um *récord* que vos estimule.

Que tipo de *record*? Os suecos, que não são, nem de longe, tão exclusivistas como seus discípulos do continente, respondem: “o vosso; comparai-vos consigo mesmo, procurando ganhar a cada dia uma polegada ou um segundo; avançai com prudência sem desprezar as prescrições da ciência nem vos inquietar com as conquistas de vosso vizinho”. O conselho é excelente, mas não penso que possa ser aplicado por aqueles que não são profissionais, porque exige diariamente muita tenacidade e muita decisão. Além disso, “as conquistas do vizinho” são para todos de notável ajuda, e não vejo como os aficionados poderiam prescindir delas. Deve-se, ao contrário, conhecer esses máximos que constituem “os *records* mundiais” os quais detêm os grandes campeões; e gostaria que num pequeno manual de bolso figurassem, juntamente com as marcas alcançadas por eles, o que pessoalmente eu chamaria de *records* médios, ou seja, os resultados obtidos por um homem de força mediana com um treinamento mediano. Podeis perceber claramente que uso aqui o termo *record* em seu sentido mais amplo, que engloba tanto as escaladas de um alpinista e a rotação de um globo durante vinte e quatro horas quanto os quilômetros percorridos a pé por uma estrada. Todas as manifestações da vida desportiva, todas as formas de exercício devem caber nesse livrinho que se converterá vosso exame de consciência muscular e em cujas páginas em branco escrevereis vossas próprias marcas, as que imprevisivelmente podereis conquistar. Que belo caderno de notas! Tentai fazer isso e não maldireis dos *records*!

P.S. Um amável correspondente me pergunta sobre a antropometria: “Que lugar ela ocupa em seu sistema”, me diz; e acrescenta que cometeria um erro se não a considerasse. Não faço isso, em absoluto, desde que esteja acompanhada pela higiene, da qual depende. É muito importante registrar as medidas: isso faz parte da vigilância variada e completíssima que alguém deve exercer consigo mesmo e que é possível fazer perfeitamente sem a intervenção do médico cuja tarefa ocasional é, assim, muito facilitada. Mas quando a antropometria se converte num verdadeiro oráculo, como acontece, por exemplo, em certas universidades americanas, então não tenho dela senão uma vaga opinião. A ideia de que existe um homem absolutamente *normal*, cujos sinais internos e externos podemos estabelecer, de modo que, tomando como ponto de partida a vossa altura, pode-se dizer exatamente o volume necessário de cada um dos vossos órgãos e todas as relações de proporção que deveis alcançar, essa ideia me parece um desatino. E as aplicações que tenho visto fazer dela no estrangeiro têm me demonstrado que abria facilmente as portas para uma espécie de ginástica para charlatões, tão abusiva quanto ineficaz.

“L'Éducation Physique au XXe. Siècle. Le record”, em:
Le Figaro, Vol. 49,
10 de janeiro, 1930, p. 1-2.

2.9 A FILOSOFIA DA CULTURA FÍSICA

Neste artigo, Coubertin nos oferece sua interpretação de uma filosofia da cultura física, que define parcialmente como Psicologia. Baseia-se principalmente na antiga expressão: “Conhece-te a ti mesmo”. Ele afirma que as forças morais e intelectuais que competem para melhorar o corpo humano são extremamente variadas, e as forças sociais são insubstituíveis. Esta contribuição é uma dentre uma série de artigos publicados na *Revue Olympique* antes do congresso Olímpico de psicologia desportiva e fisiologia de 1913.

Prometi no mês passado, de forma um tanto imprudente, expor os princípios nos quais poderia fundamentar-se o que chamei de filosofia da cultura física. Na verdade, a promessa era imprudente por se tratar de um assunto muito amplo e significativo, e diante do qual alguém se sente verdadeiramente envergonhado de abordá-lo assim, por cima e no contexto de um artigo de jornal. Mas, por outro lado, nossa crítica dos diversos sistemas, aos quais precisamente reprovamos sua ignorância e seu desprezo pela psicologia, perderia todo valor se não fosse acompanhada pelas indicações precisas a respeito. Faz muito tempo que se afirmou: “fácil é a crítica, difícil a arte”. Ninguém tem o direito de destruir se ao mesmo tempo não esboça a reconstrução necessária.

CONHECE-TE A TI MESMO

Este preceito da sabedoria antiga constitui de certo modo o alfa e o ômega da cultura física, e resume suas necessidades e tendências. O principal artífice do aperfeiçoamento corporal do homem é ele mesmo. E para trabalhar de modo eficaz em seu próprio desenvolvimento é necessário, em primeiro lugar, que ele se conheça. É evidente que não falamos da primeira etapa da educação infantil. Embora nesse período o professor possa fazer intervir de forma útil alguns pressupostos psicológicos e fisiológicos, fruto de sua experiência e observação das coisas, a criança poderia ser para ele apenas um colaborador inconsciente. Mas logo que despertar a consciência e, de todo modo, na adolescência, o “conhece-te a ti mesmo” adquire todo o valor de um axioma fundamental.

AMBIÇÕES, FORÇAS E FRAQUEZAS

A tarefa e o programa geral da cultura física consistem em fixar as ambições do indivíduo, em fazer um inventário de suas forças e de suas fraquezas, de modo a utilizar a totalidade de umas e neutralizar na medida do possível o trabalho das outras. Ambições? Nada se pode fazer sem elas, e tampouco se necessita aspirar algo mais. Nem todo mundo está destinado às honras de ser campeão, e nem mesmo é desejável que todo mundo tenha essa aspiração. Mas pretender a média também é ser ambicioso, e não temos medo de afirmar que sem esta ambição não há o que fazer no âmbito da cultura física, nem mesmo se dispormos dos conselhos e da orientação do professor mais qualificado e mais convencido. Essa ambição pode nascer ou num instinto, ou num fato externo; mesmo assim, ela pode ser o resultado do atavismo, do gosto pessoal, de uma

Regata entre clubes de remo da Universidade de Oxford. (Extraído de *Sport im Bild*, n. 9, p. 206)



disposição particular, de um cálculo interessado ou de um ciúme saudável. Sua origem é uma questão secundária; o importante é que exista e que se traduza em atos. Há desejos imprecisos, intenções vagas que permanecem eternamente no horizonte sem se concretizar nunca, e não falamos senão de desejos e intenções suscetíveis de produzir efeitos certos, com o vigor suficiente capaz de desembocar no gesto necessário.

Uma vez fixadas as ambições, resta saber como satisfazê-las da melhor maneira possível. Também nesse ponto intervém a lei do “mínimo esforço”. As forças que trazem proveito para a cultura corporal dividem-se em três categorias: primeiro, as forças físicas, algo evidente; estas são as principais, as essenciais; depois, as forças morais e, por fim, as forças sociais. É necessário somente lembrar que os músculos não são o único fator que intervém em matéria de força física. Além do sistema muscular, é preciso considerar também os sistemas nervoso, respiratório, digestivo, etc. Isso foi muito bem expresso pelo Dr. Ph. Tissié ao dizer que o dinamismo do músculo, acompanhado por sua capacidade elástica, seu tônus e sua capacidade de contração, procede tanto “do sistema nervoso pela influência neuronal, da respiração pela oxigenação do sangue, da circulação pelo aporte de plasma sanguíneo, da digestão pela contribuição dos materiais nutritivos ou combustíveis, pelo azoto (nitrogênio) e pelos hidro carbonos, do sistema das articulações e dos ossos, e finalmente, dos pontos de apoio entre as alavancas e as articulações, e da rigidez óssea dos braços das próprias alavancas”: todo um conjunto de aspectos diversos, mesmo que inter-relacionados, e sobre os quais não insistiremos aqui. Esta perspectiva começa a ser aceita de forma geral, e não é precisamente o aspecto fisiológico o que se tende a descuidar em matéria de cultura corporal, mas sim o lado psicológico.

As forças morais e intelectuais que contribuem para melhorar o corpo humano são múltiplas. A reflexão e a observação desempenham um papel quase tão precioso quanto a vontade, a audácia e a perseverança. A vontade e suas companheiras, audácia e perseverança, constituem uma trindade com um poder inigualável de aperfeiçoamento. Mas também se faz um enorme progresso ao observar em si mesmo e nos demais os efeitos do exercício físico e ao saber refletir sobre eles metódica e continuamente. Então, esta aplicação das faculdades intelectuais à cultura corporal não surge de uma relação inata. É preciso aprender a produzi-la e a exercitar-se nela.

Existem também forças sociais cuja autoridade é indiscutível, como o são a comparação, a luta, o espírito de aproximação, a solidariedade, o espírito de equipe... De todas as camaradagens às quais o homem está inclinado, nenhuma atua de modo tão forte e eficaz sobre ele como a camaradagem desportiva: diante de uma leve ameaça de perigo ou, ao menos, de risco, a frequente intervenção da ajuda mútua, o gozo físico e o influxo de um trabalho masculino e sadio concorrem para tornar grata e ativa a sociabilidade do exercício físico. Daqui procede o hábito da comparação, que produz admiração e às vezes uma vantajosa pequena ponta de inveja, tal como indicamos a pouco. Outra consequência é o esforço pela luta e pela vitória, juntamente com a formação, por fim, de um grupo, que gera, por sua vez, solidariedade e espírito de equipe.

Tudo isso no que tange às forças. Também as fraquezas são de três tipos. Existem as físicas, morais e sociais. A fragilidade de um determinado órgão, a preguiça muscular geral, a excitação nervosa... no que se refere às fraquezas físicas, hereditárias ou adquiridas. Dúvidas, medo dos movimentos, todas as formas de desfalecimento... no que se refere às morais. E por último, é preciso incluir nas fraquezas sociais a timidez que paralisa ante a presença do outro, a suscetibilidade doentia e esse conjunto de defeitos que fazem, por exemplo, de alguém um jogador de mau caráter. É pois evidente que a natureza psicológica de cada um, determinada por esses pressupostos ou outros semelhantes, irá variar enormemente de indivíduo a outro. Mas, com eles,

QUE SE PODE FAZER?

Pois bem, uma vez que se haja reparado neles e que tenham sido cuidadosamente controlados, seja pelo interessado, quando se tratar de um adulto instruído e ágil, seja sob a orientação de um professor se o interessado não tem absolutamente capacidade de fazer isso por si mesmo, é preciso que esses dados sejam reunidos numa ficha, tal como se começa a fazer, ainda que unicamente do ponto de vista fisiológico, em alguns estabelecimentos de educação física. Configurada assim, a ficha se converterá “na lei e nos profetas” do aluno e do professor. Podeis conceber que se deva orientar do mesmo modo o aperfeiçoamento corporal de um bilioso que de um linfático, de alguém determinado e de alguém que titubeia, de um ousado e de um tímido, de um presunçoso e de alguém discreto?... Parecer-vos-á algo insensato usar forçosamente o mesmo critério para medir tantos seres diferentes e contraditórios, uma medição que atualmente consideramos, graças a uma longa rotina, a coisa mais normal do mundo.

Em poucas palavras, é isso que entendo por filosofia da cultura física. Mais que seguir falando, fico à espera de objeções e críticas, disposto a responder, numa discussão que contribuirá, melhor que com aportes prematuros, para esclarecer de modo cabal este assunto.

“La philosophie de la culture physique”, em:

Revue Olympique, maio 1909, p. 73-76.

Reimpresso em:

Essais de Psychologie Sportive, Lausanne; Paris: Payot, 1913, p. 94-102.



O atleta clássico como vencedor, um símbolo de harmonia física e espiritual. Relevô em mármore (ca. 460 a.C.) de um atleta que coroa a si mesmo. (Museu Nacional de Arqueologia, Atenas)

2.10 O ESPORTE E A MORAL

As considerações morais receberão somente ocasional e involuntariamente ajuda dos exercícios físicos. Em suma, o esporte somente ajuda indiretamente a moral. Para que essa ajuda seja direta é preciso atribuir-lhe um objetivo reflexo de caráter solidário que o eleve acima de si mesmo. Esta é a condição *sine qua non* da colaboração entre o esporte e a moral.

Sobre este assunto que tanto se presta às mais nobres considerações, os autores de discursos têm utilizado abundantemente seus talentos em circunstâncias apropriadas tais como distribuição de prêmios, congressos, etc. Entretanto, seus pressupostos continuam sendo imprecisos. É preciso agradecer muito a um oficial da marinha francesa, o tenente do navio Hébert, por ter escrito um opúsculo interessante sobre a educação masculina e os “deveres físicos”, onde apresenta uma definição muito clara dos mesmos.

De acordo com ele, estes se resumem a duas regras fundamentais: *empregar todos os meios adequados para o desenvolvimento das qualidades físicas; conservar essas qualidades abstendo-se de tudo o que puder degradá-las*. Provavelmente, nunca se havia feito uma ponte tão direta de uma margem à outra, da margem do esporte à margem da moral. Abster-se de “tudo o que puder degradar as qualidades físicas” é abster-se de qualquer tipo de excesso; e aqui temos – aparentemente ao menos, pois mais adiante poderemos ver as restrições que este texto implica – uma lei moral em estado puro.

Esta lei nunca foi aplicada. Resultaria vão referir-se à civilização helênica para encontrar seus rastros. O nível grego nunca foi alto a este ponto: um notável sentido de equilíbrio social substituiu as regras morais, o que faria com que a civilização fosse beneficiada se recuperasse as fórmulas do helenismo antigo. Poderia tomar dele o princípio de uma elasticidade desejável, mas não o de uma superioridade moral. Por um lado, a cultura desportiva nunca foi tão estendida na Grécia como pensamos. Se olharmos com atenção, numerosos autores nos mostram uma persistente hostilidade de boa parte das pessoas com relação aos exercícios físicos. Por outro lado, aqueles que se dedicavam a eles tampouco passavam por modelos de virtude e de continência. Atualmente seria talvez um exagero pretender que, no país mais desportivo de todos, Inglaterra, os “sportsmen” sejam mais virtuosos, no exato sentido do termo, que os demais cidadãos. Portanto, ainda que os “deveres físicos” mencionados acima tenham sido às vezes praticados pelos homens, estes geralmente não chegaram a cumprir as obrigações morais que exigem aqueles. Em diversos momentos foram usados, sem dúvida, “todos os meios necessários para desenvolver as qualidades físicas”, mas não se produziu essa abstenção para preservar suas qualidades “de tudo o que poderia degradá-las”. De parte dos exercícios físicos, a moral não tem recebido senão um reforço ocasional e involuntário. É evidente que estes, para apaziguar os sentidos, ao ocupar a imaginação e o ócio da juventude, têm contribuído de forma útil para a causa da virtude; porém, exceto em algum período de treinamento, ou em razão das obrigações ditadas por um interesse profissional, ainda estamos por ver que os homens se abstenham voluntariamente, pelo simples culto de sua perfeição corporal, de todo ato suscetível de conseguir ou diminuir essa perfeição.

Porque esse espetáculo não nos tenha sido oferecido não precisamos concluir que não o possa sê-lo. Somente é preciso se perguntar se é desejável que o seja. E esta é uma questão prévia que é preciso resolver.

Toda obrigação supõe um ponto de apoio. Qual seria ele aqui? Pode haver muitos: o utilitarismo, por exemplo, o altruísmo e inclusive o egotismo. É possível imaginar que um homem “empregue todos os meios adequados para desenvolver suas qualidades físicas” pelo sentimento das vantagens que poderiam derivar disso e pela superioridade sobre seus semelhantes que estas poderiam lhe dar; este é um ponto de vista legítimo e eficaz. É possível também pensar que se proponha este objetivo pelo desejo muito nobre de ser útil e servir, assim, aos interesses da coletividade. Mas em ambos os casos, para conservar as qualidades conquistadas, o ser humano não se absterá necessariamente de todo o excesso. Tanto o arrivista quanto o abnegado, cometerão excessos, porque gastarão forças: excessos de energia cerebral, inclusive excessos de solidariedade e de zelo fraterno. O único a não cometê-los será aquele no qual o culto do eu seja suficientemente forte para dominar deliberadamente qualquer movimento apaixonado, para reprimir todo impulso imprudente. Mas, um ser assim, não acabará sendo um mostro? Levado ao âmbito da cultura física, seria o super-homem de Nietzsche. Ao adorar seu próprio corpo, convertido num ídolo, deveria subordinar paulatinamente tudo à preocupação em construir e preservar sua perfeição. Alguém pode estremecer ao pensar nas reservas de crueldade refinada e, portanto, de eventual barbárie que a natureza humana dispõe nessas condições. Bastaria que surgisse da multidão um pequeno número de exemplares desse tipo para que influenciassem enormemente o seu entorno e deixassem uma marca terrível na sociedade de sua época.

Como dizíamos a pouco, este tipo nada tem de irrealizável. Mesmo que até agora não tenha existido de forma absoluta, pode-se, no entanto, distinguir no passado precursores evidentes, e na atualidade há circunstâncias favoráveis para sua eclosão definitiva. Na verdade, os progressos da ciência facilitam ao homem de hoje um conhecimento detalhado de seu corpo e colocam a sua disposição procedimentos de cultura física tão variados quanto sedutores. Por outro lado, a incerteza e o relativo desaparecimento das ideias religiosas deixam espaço livre para cultos novos e renovados. Não é o mais natural no homem, quando se afasta de Deus, o culto de si mesmo? Os que acreditam na “natureza bondosa”, discípulos de Jean-Jacques Rousseau, carecem completamente desses temores. Confundem a cultura física com a cultura moral, e deixam-se levar pela ilusão de que embora a segunda não engendre a primeira, a primeira implica a segunda. Parece-lhes que o homem educado fisicamente adquiriu infalivelmente a virtude, de modo que o culto de seu próprio corpo carece para ele de todo perigo, posto que esse culto encontra em si mesmo seu próprio corretivo.

Na base de tudo isso há uma confusão entre o caráter e a virtude. As qualidades do caráter não procedem da moral, nem radicam no âmbito da consciência. Essas qualidades são o valor, a energia, a vontade, a perseverança e a capacidade de resistir. Grandes criminosos e canalhas declarados as possuíram. Podem ser usadas tanto para o mal quanto para o bem, uma vez que a doutrina da moralização *orientada* para o desenvolvimento físico é falsa e preocupante. Proceda da crença no homem “normal”, cujos perigos já temos mencionado e combatido. O homem é um com-

posto cujos elementos atuam uns sobre os outros, mas não podem ser substituídos entre si: o aperfeiçoamento muscular não garante por si só o aperfeiçoamento intelectual nem o aperfeiçoamento moral.

Esta é a razão pela qual a fórmula dos deveres físicos que comentávamos a pouco é incompleta e deve ser modificada. “Empregar todos os meios adequados para desenvolver nossas qualidades físicas e *empregá-los para o bem comum*, e conservar essas qualidades abstendo-nos de tudo o que possa degradá-las *inutilmente*”: esta é a boa fórmula. Estes termos simples acrescentados ao texto primitivo colocam cada coisa em seu lugar e prendem em seu berço o perverso “super-homem” que ameaçava nascer. O princípio altruísta assim proclamado pode parecer platônico, e até certo ponto o é, algo que, além disso, não tem muita importância. Se as pessoas se habituam a considerar este corretivo como algo que faz parte da lei individual da cultura física, então também se produzirá uma tendência a reprovar aquele que transgrida abertamente essa lei ao rechaçar todo altruísmo e não pensar senão em sua própria elevação. O termo “inutilmente” destaca com clareza a dependência na qual sempre deve manter-se o muscular em relação ao pensamento e aos sentimentos, e também em relação à utilidade social.

Em suma, o esporte somente ajuda indiretamente a moral. Para que essa ajuda seja direta é preciso indicar-lhe um objetivo reflexo de caráter solidário que o eleve acima de si mesmo. Essa é a condição *sine qua non* da colaboração entre o esporte e a moral.

Uma última observação: cabe observar que ao longo deste estudo temos empregado indistintamente os termos *esportes* e *cultura física*. Desde nosso ponto de vista, as diferenças entre ambos são somente teóricas. Em teoria, a cultura física se distingue do esporte; na prática, nunca haverá cultura física voluntária (de caráter *intensivo*, claro, a única da qual tratamos aqui e a única que serve de resposta ao pensamento do Sr. Hébert) sem a intervenção do elemento desportivo.

“Le Sport et la Morale”, em:

Revue Olympique (Revista Olímpica), fev. 1910, p. 20-22.

Reimpresso em: *Essais de Psychologie Sportive*,

Lausanne; Paris: Payot, 1913, p. 129-137.

Pierre Coubertin andando de bicicleta em Nice em ou ca. 1905. (Coleção Navacelle). Escolheu constantemente os benefícios do ciclismo:



“Lausanne, maio de 1937 (ano II, IX Olimpíada). É a humanidade realmente consciente de tudo o que lhe deve a bicicleta – não somente no que diz respeito a técnica, mas também, e eu diria acima de tudo, no que tange a sua tendência física ascendente? Está consciente a humanidade da quantidade incrível de destreza, equilíbrio,

confiança em si mesmo, bem estar físico e força muscular que esta invenção maravilhosa trouxe para a raça humana?... Somente isso já basta para que o ciclismo esteja representado no programa dos Jogos Olímpicos, como uma espécie de homenagem de gratidão à humanidade.”

Pierre de Coubertin

3. NA ONDA DOS ACONTECIMENTOS

Ao analisar em detalhe as atividades de Coubertin, nos chama a atenção a diversidade e a complexidade de fatores que entram em jogo. Vemos o compromisso de um homem inteiramente dedicado ao seu trabalho, além de uma sociedade em transição, ainda que profundamente ancorada no passado. Tudo isso se desenvolve sob condições materiais e morais que limitam as oportunidades de êxito dos projetos que desejava imensamente colocar em prática. Em última instância, a efetividade de seu trabalho emanou do caráter de Coubertin. Cultivou com paciência a arte da esperança, sem nunca perder de vista seus objetivos. É esta luta que vamos ilustrar agora por meio de alguns de seus escritos, surpreendentemente modernos e variados, e que revelam o individualismo intrínseco do homem que os escreveu.

3.1 – 3.2 INTRODUÇÃO

Trata-se de dois breves textos nos quais Coubertin se ocupa do esporte nas universidades.¹ Com o pano de fundo dos triunfantes soldados americanos durante a Primeira Guerra Mundial, ele vê na obrigatoriedade do esporte universitário americano o fundamento de uma geração superior de homens jovens. Entre a desatenção total dos estudantes europeus pela educação física e o sistema profissional dos Estados Unidos também existem outros modelos que podem ser aceitos.

Coubertin sublinha na Carta Olímpica XI que a juventude acadêmica tem uma responsabilidade maior que o resto da sociedade para assegurar a paz social no seio dos povos. Ele volta a censurar mais uma vez o problema do álcool como desgraça da juventude e apresenta o esporte como receita. Neste texto, Coubertin anuncia pela primeira vez que a partir de agora se dedicará principalmente a uma reforma pedagógica do esporte.

1 Ver também: Coubertin, P. de: “Les universités, le sport et le devoir social”, em: *Revue universitaire Suisse/Schweizer Hochschulzeitung*, n. 10, dezembro de 1936, p. 45-47. Reproduzido em Coubertin, P. de: *Textes choisis*, vol. III, p. 620-622.

3.1 CARTA OLÍMPICA X: ESPORTE NAS UNIVERSIDADES

Noutro dia, na Sociedade Acadêmica de Vaud, me arrisquei a praticar meteorologia preventiva, a fim de mostrar a Universidade de Lausanne que está cometendo uma imprudência. Por outro lado, não sou o único que fala da onda gigante do americanismo que atravessa o oceano e vai romper na Europa; este fenômeno é esperado e está na ordem natural das coisas. Porém não são unicamente as modas e a linguagem, as estradas de ferro e os bancos, que vão se americanizar, mas também o farão as Universidades, pois, não esqueçamos, as Universidades dos Estados Unidos têm tido muita importância na preparação e no desencadeamento da guerra, bem como em sua coordenação. Seu poderio, já enorme, vai ser multiplicado por dez, e sua receita para a formação do indivíduo terá prioridade em todos os mercados intelectuais. Esta receita contém uma das partes mais consideráveis que se tem concedido à educação física e, hoje mais do que nunca, se tornam vivas as palavras de N. Webster: “Numa Universidade, uma sala de armas não é menos necessária que uma cátedra de Matemática.” Eu não compartilho deste ponto de vista exagerado; para mim, a Universidade é, acima de tudo, um templo do espírito. Mas entre a concepção americana que incorpora o exercício físico ao programa de estudos, decretando sua prática obrigatória, da qual depende, de certo modo, a concessão do diploma; entre esta concepção e a indiferença cheia de desdém na qual continua satisfeita a maior parte das Universidades do velho mundo com relação ao atletismo, existe uma série de níveis. Se nós, os europeus, queremos nos manter no justo meio, será preciso não descuidar de um aspecto tão importante da ciência pedagógica. O estudante deve ter a liberdade de organizar sua vida desportiva, mas se deve animá-lo, facilitando-lhe os meios materiais, técnicos e financeiros e criando uma atmosfera favorável ao seu redor. Mas, como quereis que se crie essa atmosfera favorável se os professores são estranhos à questão e não se preocupam minimamente com isso? Vai chegar o momento em que não se poderá eludir este problema. Surgirá de repente, e então, cuidado com a pressa!, com as improvisações grosseiras, com as soluções precipitadas!

“Lettre Olympique X”, em:
La Gazette de Lausanne, n. 4,
5 de janeiro, 1919, p. 1.

3.2 CARTA OLÍMPICA XI: O ESPÍRITO DESPORTIVO DOS ESTUDANTES

A “desportividade” do estudante tem ainda outro aspecto. Para seu bem, para o desenvolvimento de suas faculdades, para desenvolver-se na vida, para a clareza do seu pensamento, lhes é útil apreciar estes exercícios violentos, cujo casamento com a alta cultura intelectual é, nas palavras de Paul Bourget, tão “fecundo em esplendores viris”. Mas também é útil para poder cumprir a missão social que terá na nova sociedade. Antigamente, a prática dos esportes era um passatempo ocasional da juventude rica e ociosa. Trabalhei trinta anos para convertê-la em prazer habitual



**Partida anual de
futebol entre as uni-
versidades de Oxford**

**e Cambridge. (Extraído
de *Sport im Bild*, n. 9,
1905, p. 217)**

da pequena burguesia, e agora é preciso que este prazer chegue a vida do jovem proletário. E é preciso, porque é o que custa menos, o mais igualitário, o mais avesso ao álcool, o melhor produtor de energias contidas e controladas. Todos os esportes para todos, eis a fórmula que, sem dúvida, vai ser tachada de utópica. Eu não me importo. Ponderei e estudei durante muito tempo e sei que é exata e possível. Os anos e as forças que me restam os empregarei em fazê-la triunfar, e essa será minha contribuição às reformas sociais, cujo princípio serviu de base ao pacto da união sagrada durante esta longa guerra e cuja realização deverá ser leal e rápida, se não se quer que a civilização exploda como uma caldeira sem válvula.

Os estudantes universitários, mensageiros do saber e da imaginação, serão os soldados mais ativos desta grande obra; digamos, se querem, deverão ser também avia- dores. Assim disse e repito: por seus poderosos efeitos físicos e morais, os esportes serão um instrumento valioso em suas mãos para o estabelecimento da paz social, e por isso é preciso que saibam manuseá-lo com cuidado para obter o máximo efeito. Vai nascer o Olimpismo popular; que os estudantes se preparem para servir-se dele.

“Lettre Olympique X”, em:
La Gazette de Lausanne, n. 12,
13 de janeiro, 1919, p. 1.

Theodore Roosevelt: partidário do Movimento Olímpico nos Estados Unidos como presidente de honra dos Jogos Olímpicos de 1904 em Saint Louis. Como desportista ativo, foi um modelo para o Olimpismo como filosofia de vida. Aqui, vê-se o presidente americano durante uma viagem de caça ao Canadá em 1908. (Extraído de *Sport im Bild*, n. 42, 1908, p. 1296)



3.3 CARTA OLÍMPICA XII: THEODORE ROOSEVELT

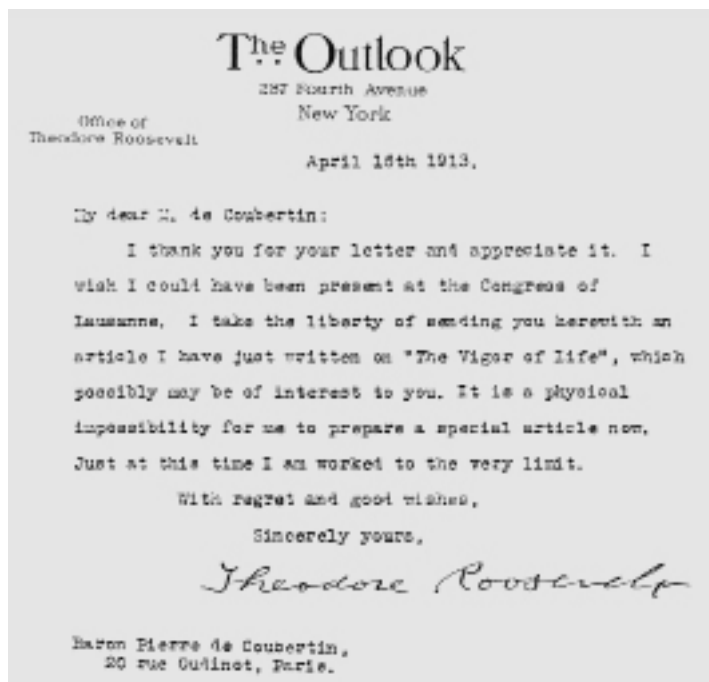
Trata-se aqui do obituário pessoal de Coubertin ao presidente americano Theodore Roosevelt, com o qual ele manteve uma estreita relação intelectual e pessoal. Roosevelt não somente esteve ligado ao movimento Olímpico como presidente de honra dos Jogos Olímpicos de 1904 em Saint Louis, senão que Coubertin considerava-o o modelo de homem Olímpico do século XX versado em todos os campos e formado olímpicamente. Ambos mantiveram uma viva correspondência e Coubertin lhe dedicou com admiração a primeira parte de sua trilogia *Education des adolescents au XXe siècle: La gymnastique utilitaire*.¹ Roosevelt enviou um texto autobiográfico ao congresso Olímpico de 1913 em Lausanne,² que Coubertin menciona especialmente na seguinte *Carta Olímpica*.³

O grande homem que acaba de morrer, e ante cuja tumba se inclinou o respeito universal, permaneceu, até o fim de sua existência viril, fiel devoto do atletismo, mas contrariamente ao que se imagina, este culto em Theodore Roosevelt não era proveniente nem da herança nem do temperamento. Releiam a comunicação que ele dirigiu ao congresso de psicologia desportiva, que foi realizado aqui mesmo em 1913, e cujo texto se encontra integralmente no volume que reúne as comunicações e discussões do congresso. Verão surgir aí um Roosevelt singularmente distinto daquele popularizado pela a imagem e pela palavra. Este homem, cujo nome simboliza hoje em dia todas as energias, foi um adolescente frágil, tímido e, inclusive, adoentado, sem decisão nem resistência. Que pitoresco é o relato do incidente da viagem

1 *La Gymnastique utilitaire*, Paris: Alcan, 1905.

2 Ver Roosevelt, Th.: "Ma philosophie", em *Congrès International de Psychologie et Physiologie sportives. Rapport*. Lausanne: COI, 1913, p. 37-38. Ver Roosevelt, Th.: "The Vigor of Life", em Roosevelt, Th.: *An Autobiography*. New York: Scribner's, 1926, p. 30-56.

3 Ver Lucas, J. A.: "Theodore Roosevelt and Baron Pierre de Coubertin: Entangling Olympic Games Involvement 1901-1918", em: *Stadion*, vol. 8/9, 1982/83, p. 137-150.



Carta de Theodore Roosevelt, acompanhada de suas contribuições ao Congresso do COI de 1913. (Arquivos do COI)

na qual sua fragilidade, com as mentiras que tornavam evidente que ele não poderia aguentar, fez nascer nele a resolução de começar um endurecimento voluntário que lhe permitiria afrontar as durezas da vida! Esta operação, empreendida sem muito convencimento numa modesta sala de boxe, acabou nos ranchos do *far-west*, no meio dos vaqueiros, cujas fadigas e riscos ele gostava de compartilhar. O cronista evoca a figura do ilustre rancheiro, rodeado de *rough-riders*, que serão, mais tarde, seus companheiros de guerra. O que ele ignora é que depois de dias cheios do mais duro esporte equestre, Roosevelt, imerso na leitura dos clássicos, fortalecia seu espírito após ter enrijecido os músculos. Assim, quando as circunstâncias de sua carreira política o colocaram em primeiro plano, o mundo achou estranho ver reunidos em sua pessoa elementos de força corporal e intelectual, que não pareciam compatíveis. Comentou-se a originalidade desse chefe de Estado, sobrecarregado pelo trabalho, que tinha tempo para cavalgar e lutar diariamente. Foram precisos alguns anos para descobrir que este homem genuíno era um grande filósofo, e as massas começaram a escutar a sua voz.

Realmente, se fosse preciso gravar algum epitáfio lacônico, e por sua vez completo, em seu monumento funerário, eu proporia aplicar a este fiel amigo de nossa obra as palavras que servem de lema ao Instituto Olímpico de Lausanne: *Mens fervida in corpore lacertoso*, espírito ardente em corpo treinado... E este seria o epitáfio que ele teria preferido entre todos.

“Lettre Olympique XII”, em:
La Gazette de Lausanne, n. 25, 26 de janeiro, 1919, p. 1.

3.4 – 3.5 INTRODUÇÃO

Por seu papel varonil, Coubertin dava à esgrima e, especialmente, ao boxe, um grande valor educativo. Coubertin teve uma grande decepção nos Jogos Olímpicos de Estocolmo de 1912, a de ver suprimido do programa destes jogos, por razões jurídicas, o boxe. Ele apreciava muito esses dois esportes, que praticou pessoalmente, e não é raro que publicasse numerosos artigos a respeito. Nas duas cartas Olímpicas seguintes, Coubertin recorda a importância pedagógica dos esportes defensivos para a juventude. Nelas sublinha a função catártica do boxe. Theodore Roosevelt mostrou a eficácia dessa função inaugurando clubes de boxe nos bairros pobres de Nova Iorque.

3.4 CARTA OLÍMPICA XIV: O VALOR DO BOXE (I)

Apesar de tudo, o boxe (do qual afirmei anteriormente que se serviu Theodore Roosevelt, como primeira etapa para se tornar voluntariamente um homem) não conta com o favor da opinião das pessoas de Lausanne. Os pais não querem que seus filhos se apaixonem por esse esporte, no que estão equivocados. Aos seus olhos, o boxe não é mais que a arte de golpear, uma arte que vem, naturalmente, em caso de necessidade, aos punhos de um ser forte e musculoso; tantos erros como palavras. Boxear não é instintivo. Tentem dar um direto ou um pontapé; se nunca tiveram uma lição comprovarão não somente sua torpeza, mas também a ineficácia do seu esforço que se desviará ou se amortecerá por si mesmo. O gesto que a natureza dita ao homem ameaçado por uma agressão, é o de tomar uma arma qualquer, se ela está ao alcance, ou bem agarrar o adversário para tentar lhe atirar, o que é uma espécie de temeridade. Muito mais reflexiva é a atitude do boxeador, que começa por se proteger mediante sábios movimentos, por trás dos quais prepara o combate; vê os golpes chegarem, decide esquivar-se deles ou detê-los, escolhe o lugar de seu ataque ou resposta e lança, no momento oportuno, todas suas forças; toda uma tática e uma estratégia em miniatura, que pressupõem o recurso de numerosas qualidades psicofisiológicas. Ao boxeador faz falta calma e sangue frio, golpe de vista e decisão, uma rapidez singular e, sobretudo, uma contínua coragem, distribuída em doses iguais, durante todo o assalto, sem nenhum tipo de titubeio.

Acrescentem a isso outros méritos. O boxe é um esporte de pessoas apressadas, que procuram o máximo exercício num tempo mínimo. É um esporte de poucas exigências técnicas. Do que precisa? Um par de luvas forradas, um roupão de banho, sapatos com solas leves sem salto, e isso é tudo. Nada além desse equipamento, ou melhor, dessa ausência de equipamento. Finalmente, o boxe, que põe em movimento o grupo dos músculos quase de modo tão harmonioso como o remo, goza do privilégio de eliminar a fadiga nervosa, causada pela necessidade de se reprimir. A todo instante o homem da plenitude de sua força sem dúvidas nem reservas.

Talvez um exercício tão combativo deve seu caráter pacificador à satisfação corporal criada por este grande dispêndio de energia.

“Lettre Olympique XIV”, em:

La Gazette de Lausanne, n. 41, 11 de fevereiro, 1919, p. 1.



As aulas de boxe faziam parte do programa de treinamento do Instituto Olímpico de Lausanne, 1917/18. (Arquivos do COI)

3.5 CARTA OLÍMPICA XV: O VALOR DO BOXE (II)

Considerar o boxe como “esporte pacificador” não é tão paradoxal. Antigamente, nos colégios franceses, os professores chamavam as luvas de boxe com o apelido carinhoso de *Keepers of the Peace*, e esses “guardiões da paz” desempenhavam, na verdade, sua tarefa para a satisfação de todos. Em Nova Iorque vimos um chefe de polícia abrir salas de boxe nos distritos barra pesada e perceber, em seguida, nas estatísticas uma diminuição considerável das brigas sangrentas e dos ataques criminosos. Isso não é surpreendente. No adolescente e no homem existe um instinto combativo não somente perdoável, mas normal, que pode ser aplacado se não for lhe assegurada uma certa satisfação. Eis porque a educação de um jovem não é completa sem contato com os “esportes de combate”.

Os “esportes de combate” dividem-se em esgrima com armas e esgrima sem armas. A primeira supõe a prática da espada, o sabre e a esgrima com bastão, e a segunda se subdivide em boxe e luta. Por muitos motivos, que não sabiam explicar nesses Comunicados Breves, a esgrima com bastão e o boxe nos parecem recomendáveis, sobretudo na adolescência. De fácil organização e sem muitos custos, os cursos de boxe e de esgrima com bastão podem ser incluídos no programa das sociedades ginásticas e, inclusive, nos das escolas.

Há dois métodos para as estocadas: o comum e aquele do professor Vigny, de Genebra, original e ativo, e os dois preparam para o uso do sabre, que é uma modalidade magnífica de esgrima, bastante abandonada atualmente. Mesmo assim há dois métodos para lutar boxe: o chamado inglês, o anglo-americano, que não utilizam mais que os punhos, e o francês, que mistura socos e pontapés. A presença em Lausanne do tenente Desruelles, campeão e renomado instrutor de boxe francês, possibilitou o conhecimento desse exercício tão completo, ao qual os ginastas que nele se iniciaram tem imediatamente tomado gosto, e se viu, por outro lado, a notável preparação ginástica de que se haviam beneficiado em suas sociedades. Quanto ao boxe inglês, é ensinado de maneira conveniente em várias salas desta cidade, ou seja, sem se afastar da cortesia essencial. Às vezes se tem prejudicado muito o boxe com os espetáculos nos quais se queria acentuar sua aparente brutalidade, para agradar a um público especial. Que seja confiado sem temor aos nossos jovens e fará deles homens e não arruaceiros.

“Lettre Olympique XV”, em: *La Gazette de Lausanne*, n. 52, 22 de fevereiro, 1919, p. 1.

3.6 CARTA OLÍMPICA XVI: HIPISMO

A equitação era um dos esportes preferidos por Coubertin, pois a havia praticado desde sua infância e era um ótimo ginete. Para ele, este esporte permite desfrutar de um gozo perfeito e intenso. Inclusive via a origem do esporte no contato do homem com o cavalo, e se esforçou para difundir este esporte “nobre” em todas as camadas da população. Para conseguir isso, impunha-se, segundo ele, uma reforma do ensino de equitação. Em vários artigos compromete-se com essa “equitação popular”.¹

A conquista mais nobre que já fez o cavalo é o homem. Ela remonta a muito tempo atrás. Vejo nela a própria origem do esporte. Porque o esporte, não esqueçamos, não é natural ao homem. O esforço, que se faz pelo prazer de realizá-lo, não é uma característica animal. Nenhum de nossos “primos”, o macaco, o gato ou o pônei, busca conscientemente treinar-se ou endurecer-se. Não acredito que seja o contato com as armas o que tenha levado o homem a conceber o esporte, mas antes o contato com o cavalo. O cavalo dobra nossa estatura, nossa força e nossa velocidade. Ele tem nos iniciado na embriaguez da corrida, dando-nos, de acordo com o comentário jocoso de um escritor americano, “a impressão de ter quatro patas”, ensinando-nos a complexidade encantadora do equilíbrio, inspirando-nos o “orgulho da vida”, base do instinto desportivo.

A amizade, assim selada, jamais foi desmentida, mas a maior parte dos jovens a desconhecem. Uma aristocracia equestre, de conduta intransigente, tem conseguido erguer barreiras entre os que podem se dar ao luxo de possuir um cavalo e os que não podem ter esse privilégio. Que ideia curiosa! Será que faz falta ter um barco próprio para praticar remo, ou ser dono de uma bicicleta para aprender a montar? Qualquer jovem saudável tem de experimentar o desejo de montar a cavalo, e ao fazer isso somente duas ou três vezes já descobre e sente algo, novo e velho ao mesmo tempo, algo que o tem engrandecido, se assim se pode dizer, muscular e intelectualmente. A pouco me dizia Jules Simon: “Como é possível que um jovem veja crescer seu bigode antes de ter montado a cavalo?”

Por outro lado, continua-se a afirmar que a equitação não poderia coexistir com a arte do hipismo sem prejudicá-la e, no entanto, em muitos países, Inglaterra e Califórnia, por exemplo, essa coexistência é um fato tradicional, e a todos isso parece bom. É claro que a equitação popular exige métodos e procedimentos ainda não aperfeiçoados. Então, trabalhem para isso!

“Lettre Olympique XVI”, em:
La Gazette de Lausanne, n. 61,
3 de março, 1919, p. 1.

1 Ver Coubertin, P de: “L’équitation populaire”, em: *Revue Olympique*, Fevereiro, 1906, p. 20-22. Reimpresso em Coubertin, P de: *Textes choisis*. Vol. I, p. 194-196. Ver Coubertin, P de: “L’équitation populaire: but, conditions, moyens”, em: *Revue Olympique*, Novembro, 1912, p. 170-173; Dezembro, 1912, p. 181-184; Janeiro, 1913, p. 8-11. Reimpresso em Coubertin, P de: *Textes choisis*. Vol. I, p. 197-205.

3.7 CARTA OLÍMPICA XVII: EXERCÍCIO FÍSICO E RESTRIÇÃO

Na Carta Olímpica seguinte Coubertin toma posição em relação a uma campanha que surgiu em 1918 para tornar obrigatório a todos na França a prática do esporte a partir dos seis anos. Ele se opõe com veemência com base em sua concepção pedagógica, uma vez que o esporte não pode ser praticado por imposição para que possa ter um efeito duradouro para a vida inteira. Além disso, o esporte obrigatório nem sequer é realizável na prática.

Afirma-se que um grupo francês vai propor uma lei cujo primeiro artigo seria este: “Todo cidadão francês deve ser submetido à educação física desde os seis anos.” Se este texto está certo, demonstra uma grande ingenuidade. Quantas vezes, ao longo da História, preceitos semelhantes foram promulgados num ou noutro lugar e, depois de um tempo, senão na mesma noite de sua promulgação, simplesmente caducaram? Para vigorar, esta norma necessitaria de uma vigilância externa ou interna. Não nos cansaremos de repetir que o esforço físico é contrário ao ser humano se não for realizado sob a influência de uma necessidade imediata, ou por impulso de um desejo passional, transformado em necessidade.

Qual será a natureza desta vigilância e quem a realizará? Vocês pensam que a família vai intervir? Sob a influência dos acontecimentos atuais e o incentivo de uma campanha da mídia, quem sabe isso possa acontecer em alguns anos. Depois, os jornais passarão a tratar de outro tema e os pais também, e então, será formado uma equipe de “polícia dos músculos”, com inspetores encarregados de verificar a domicílio se as crianças que não vão ao colégio dedicam-se aos seus exercícios sob o olhar vigilante dos mais velhos...? Quantos meses de vida vocês dão a um regime desse tipo, antes que estes inspetores sejam postos na rua? “E assim se fará justiça”, como diziam as fórmulas antigas.

A vigilância por si só não pode absolutamente nada. Resta a necessidade que tem origem no costume. Essa sim tudo pode. Como existia na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Boêmia..., foi possível improvisar exercícios surpreendentes. Como havia começado a nascer na França, a resistência francesa ultrapassou tudo o que dela se esperava. Os alemães se preocupavam com seu desenvolvimento às vésperas da guerra; tarde demais. Pensemos sobre esses fatos. Eles têm o sabor do prático. Salpiquemos com este sal a fé açucarada dos teóricos.

“Lettre Olympique XVII”, em:
La Gazette de Lausanne, n. 64,
6 de março, 1919, p. 1.

3.8 CARTA OLÍMPICA XVIII: APARELHOS

Nesta carta Coubertin ataca uma campanha que pretende eliminar na França o uso de aparelhos de ginástica. Ele procura explicar ao leitor que o domínio dos aparelhos representa um processo de aprendizagem que tem um efeito muito poderoso na mente e tem um alto valor intrínseco.

Gostaria de dizer algumas palavras sobre quatro sujeitos desafortunados, que foram expulsos de suas casas e perseguidos de todas as formas possíveis. No entanto, eram tidos sujeitos honrados, conhecidos por ter trabalhado para o aperfeiçoamento muscular da juventude, numa época em que tal ocupação era em grande medida meritória, pois faltava o apoio da opinião pública a todos aqueles que se declaravam seus defensores. Esses sujeitos são nossos velhos aparelhos de ginástica: a barra fixa, o trapézio, o cavalo e as paralelas. É engraçado ver como contra eles ficam indignados aqueles que jamais os têm frequentado e não sabem que agradável e salutar era sua amizade. Lembranças sábias e pedantes, mais pedantes que sábias, têm levantado contra esses aparelhos uma lista de prejuízos imaginários. Antes, seus adeptos eram realmente intransigentes, porque inclusive no esporte procura-se manifestar o espírito sectário do homem mal formado. Atualmente, a moda deu voltas, e assim se pensa que é mais moderno um ginásio desprovido de cordas e cujo piso, reluzente como o de um salão de baile, esteja simplesmente cheio de pequenas almofadas como aquelas usadas pelos adeptos do islamismo para suas práticas culturais.

Tudo isso faz parte do erro fundamental que leva os especialistas a não ver mais que o aspecto fisiológico da atividade desportiva, e a buscar obstinadamente “métodos racionais” numa ordem de coisas, acima de tudo, passional. O método mais científico não vale, se não for fecundado pela força psíquica do instrutor que o aplica.

“Lettre Olympique XVIII”, em:
La Gazette de Lausanne, n. 76,
20 de março, 1919, p. 1.

3.9 CARTA OLÍMPICA XIX: O PRAZER DO ESPORTE

Coubertin fala neste artigo sobre os debates do congresso Olímpico de psicologia desportiva, realizado em Lausanne no ano de 1913. O instinto desportivo, que Coubertin havia tratado com detalhes em seu livro *L'education physique. La gymnastique utilitaire*, deve estar unido ao “desejo desportivo”. Somente desse modo manterá o esporte seu caráter.

Alguns acham estranho que eu tenha falado duas vezes, nos últimos tempos, sobre o caráter passional do instinto desportivo. Entretanto, essa é uma expressão conveniente, pois o exercício deixa de ser desportivo quando deixa de ser passional. Porém, façam compreender isso a quem nunca tenha experimentado a alegria intensa do exercício muscular, coisa que comumente acontece. Há naturezas às quais somente faltou uma iniciação no tempo certo, mas também há outras que permanecem absolutamente rebeldes a essas alegrias. Este problema da “voluptuosidade desportiva” foi



Coubertin era fascinado pela patinação no gelo e via nisso um esporte exemplar para todas as idades. Aqui: patinação

no gelo em Bois de Boulogne, Paris. (Extraído de *Les sports modernes illustrés*, Paris: Larousse, 1908, p. 285)

discutido no congresso de Lausanne de 1913. Recordo que um dos professores de ginástica mais cultos e distintos da França, Paul Christmann, trouxe para a tese que nós sustentávamos o precioso reforço de uma convicção apoiada em sua larga experiência. “O corpo, dizíamos, precisa uma certa dose de voluptuosidade, e esta não é o bem estar, mas o prazer físico intenso. O esporte produz voluptuosidade, ou seja, prazer físico intenso. Daí se deduz que o jovem, chamado a escolher entre o prazer que o põe para baixo e o que o põe para cima, chega a preferir o segundo ao primeiro. Assim, a embriaguez muscular acalma os sentidos, não somente pela fadiga, mas também pela satisfação. Não se limita a neutraliza-los, mas o contenta.” O pedagogo que não “gosta de crianças” não está em condições de conceber uma tese com essa, enquanto o atual que tende a substituí-lo, está muito mais disposto a aceita-la.

Eis aqui uma das partes nas quais o atletismo está intimamente vinculado à moral; sim, e também, à arte, à organização social... No entanto, ainda não terminei; seguirei com estas pretensões e algum dia, desenvolvendo uma ideia exposta por Marcel Prévost no congresso Olímpico de Bruxelas em 1915, ainda explicarei como diz respeito inclusive à literatura; e creio que nem D’Annunzio irá me desmentir.

“Lettre Olympique XIX”, em:
La Gazette de Lausanne, n. 104,
 17 de abril, 1919, p. 1.



**Pierre de Coubertin
remando no Lago
Leman com sua canoa
“Yale” aos 72 anos de
idade. O remo era seu
esporte predileto e o
considerava como uma
das disciplinas mais
completas. (Coleção
Navacelle)**

3.10 CARTA OLÍMPICA XX: POR QUE OS CIDADÃOS DE LAUSANNE DEVERIAM REMAR

Em 1922, quando perguntaram a Coubertin qual era o esporte ideal, ele respondeu o remo.¹ Ele adorava esse esporte e o praticou até uma idade muito avançada. Evidentemente, publicou muitos artigos sobre isso.² Aqui apresentamos a última das 20 Cartas Olímpicas que Coubertin publicou na Gazeta de Lausanne. Nela convida a juventude do Distrito de Vaud a utilizar todas as condições oferecidas pelo Lago Lemman, ideais para o remo.

Marionetes, caros leitores, dão de bom grado “três voltas e se vão”. Permitam-me fazer ao contrário e que “de uma volta e então volte”. O Olimpismo não dá férias, mas as toma por vários meses. Voltaremos a nos ver, se Deus quiser, no outono. E como aqui vai começar a primavera, eis uma boa oportunidade para seguir meus conselhos, não somente seus filhos, mas também vocês mesmos. Vocês têm pela frente dias ensolarados e muita água; aproveitem. Pensem que o remo e o boxe são os esportes mais perfeitos fisiologicamente, e que é um crime, vivendo em Lausanne, não utilizar seu lago admirável. A flotilha de Ouchy não está mal, ao contrário, e se for apoiada, será ainda maior. Há canoas bem equilibradas, com as quais podem desenhar uma figura mecânica desejada. Não estranhem esta linguagem. A embarcação, o remador e os remos são as três partes de uma máquina, e, das relações estabelecidas entre eles, dependem a perfeição e o atrativo do movimento. O prazer do remador consiste em se sentir uma máquina pensante; ver como a cada golpe de remo se manifesta a força nele se manifesta, estende e desliza. Musicalmente rítmica, entre o ar e a água, sua progressão voluntariamente disciplinada é a mais apaziguadora e fortalecedora que existe. No verão que está por vir, os ingleses, em seu incomparável Tâmsa, vão gozar de novo as delícias de um esporte tão belo, e me surpreenderia se, às margens do Spree e do Alster, onde nesses últimos anos foram construídos luxuosos *Ruder-Clubs*, os alemães não voltaram a fazer uma colheita de forças e esperanças sobre a água. Que a juventude de Vaud, tão favorecida desde o ponto de vista náutico, não deixe de frequentar esta fábrica de forças varonis, em que se forja, segundo o velho adágio, a potência da cidade: *civium vires hodie, eras civitatis vis*. As forças que vossos filhos adquirem hoje serão amanhã a força de sua pátria.

“Lettre Olympique XX”, em:
La Gazette de Lausanne, n. 116,
29 de abril, 1919, p. 1.

1 Ver Coubertin, P de: “Le sport e l'intelligence”, em: *La Revue Mondiale*, n. 22, 15 de novembro, 1922, p. 146-148.

2 Ver Coubertin, P de: “L'aviron”, em: *Revue Olympique*, Abril, 1908, p. 60-63. Reimpresso em Coubertin, P de: *Textes choisis*, Vol. III, p. 222-224. Ver também Coubertin, P de: “La cure d'aviron”, em: *Revue Suisse de Médecine*, 3 de julho, 1928, p. 1-2. Reimpresso em Coubertin, P de: *Textes choisis*, Vol. III, p. 226-231.

3.11 O USO PEDAGÓGICO DA ATIVIDADE DESPORTIVA

O *Bureau International de Pédagogie Sportive* iniciou seu trabalho durante uma reunião, seguida de uma reunião no Palace, realizada recentemente na Universidade de Lausanne sob os auspícios daquela cidade. Coubertin, que havia aceito ser o responsável por sua organização, proferiu em honra ao evento uma conferência sobre o uso educativo da atividade desportiva. A maior parte de sua palestra, que vale como um verdadeiro manifesto, volta a ser reproduzida aqui.

Como informou *Sport Suisse*, Coubertin começou com uma exortação de estilo literário, comparando a mal-humorada figura paternal de Jean de Pierrefeu com a imagem elegante de Jacques Peyronny, descrevendo o pequeno capitão de futebol Montherlant com “um jovem de quatorze anos com a autoridade de um líder de equipe, preocupado com a higiene desportiva, um estudante consciente de seus deveres, saudável, normal, mas inquieto em razão de seu egoísmo secreto”. Coubertin expressou depois o alcance limitado reconhecido em relação à margem de melhoria para a situação. Após delimitar o problema em termos geográficos, perguntou se “temos que incluir ginastas e esgrimistas, nadadores e remadores entre aqueles que são condenados pelo senhor Mal-humorado? São corruptos todos esses indivíduos? Uma vez feitas as devidas exceções, se os únicos que restam são jogadores de futebol ou tenistas, é preciso admitir que isto supõe uma extraordinária redução do campo de atuação em qualquer tido de acontecimento.” Até que ponto esses indivíduos são responsáveis? Não se fez muito para corrompe-los, começando pelo maior número de estádios? O artigo que vem a seguir combina a palestra de Coubertin com as anotações do jornalista.

ESTÁDIOS EM DEMASIA

“Por todos os lados constroem-se estádios imprudentemente. Aqueles que tiverem a curiosidade de folhear os nove volumes da Revista Olímpica durante os anos nos quais ela teve uma periodicidade mensal e serviu como órgão de expressão do Comitê Olímpico Internacional, encontrarão avisos constantes dados durante dezoito anos, embora tenha iniciado quatro anos antes, conta a fórmula dos espetáculos e suas eventuais consequências. Ali dizíamos que quando se hajam colocadas arquibancadas para quarenta mil espectadores, vai se querer também encher as curvas que atraem a multidão; e para atraí-la se terá que oferecer-lhe um banquete, e para legitimar este banquetear terá que conseguir apresentações sensacionais... Sim; repetíamos essas coisas, mas ninguém nos deu muita atenção. Quase todos os estádios construídos nestes últimos anos provêm de uma demanda local e, com demasiada frequência, mercantil, mas em absoluto Olímpica. Agora, quando se pode ver as consequências previsíveis de tal estado de coisas, ataca-se os atletas e se lhes recrimina a corrupção que lhes foi incessantemente inoculada desde a vinte anos... Sim; e me admira que não sejam cem vezes mais corruptos. Em meu entender, a célula da qual tem brotado o mal são as dimensões do recinto o qual acontecem os espetáculos. Se forem suprimidas, tudo se acalmará. O *gate-money* volta ao normal, as apostas diminuem, enfraquecem as reclamações, as federações vêem como se distancia a tentação não saudável e as oportunidades para agir mal, como diminuem seus poderes e as possibilidades de abusar; o atleta permanece protegido contra si mesmo sem que seja preciso pedir-lhe algumas virtudes sobre-humanas, senão aquelas



Estádios em demasia!
Coubertin não queria
espectadores, mas
desportistas ativos.
Aqui, o estádio de
Amherst, Massachus-
sets. (Extraído de C.
Diem, *Sport in Amerika*,
Berlin: Weidmann,
1930, p. 3)

que não seriam capazes de ter em circunstâncias semelhantes muitos dos que agora ficam indignados por não ver que estão sendo praticadas”. Mas o Sr. de Coubertin não vê nisso senão uma espécie de remédio negativo. “Cabe”, segundo ele, “aspirar a um resultado positivo muito mais importante; não se facilita somente a corrupção externa do atleta, mas se esquece de provocar nele a força necessária, criar o ponto de apoio pessoal para um aperfeiçoamento moral”.

A CULPA É DOS EDUCADORES

“Se tem havido falhas – e acabo de mostrar em que sentido muito restrito admito o uso dessa expressão –, os responsáveis são os educadores, nos quais estão envolvidas três categorias: os pais, os professores e aqueles aos quais a civilização moderna atribui, apesar disso, uma delicada tarefa, os jornalistas. Em suas mãos e em graus diversos e de formas muito distintas, o instrumento pedagógico desportivo é uma poderosa ferramenta de aperfeiçoamento humano. E, no entanto, eles não têm sabido empregá-lo. Os que mais têm culpa são os professores, pois a eles caberia agir sobre os pais e a imprensa. Isso foi feito no início; foi feito no passado na Inglaterra, quando a doutrina do grande Thomas Arnold os inspirou e eles se imbuíram dela. Isso foi feito na França a quase quarenta anos, quando os estudantes, incitados pelas minhas palavras contra uma existência morosa e deprimente, abriram as portas de seus cárceres para que entrasse ar fresco (cito as palavras de um deles que permanece sendo um modelo, Franz Reichel). Então, uma série de diretores e de professores imaginativos, um Frignet, um Morlet, um Adam... conspirarão com aquele furacão de jovens e se empenharão bravamente e sem perder o ânimo em utilizar sua força. Apesar de determinado reitor que se empenhava em não ver no esporte senão um “entretenimento”, o utilizaram para criar cultura moral, e um de seus alunos, que logo se converteu, por sua vez, em chefe, Louis Dedet, hoje diretor do Colégio da Normandia, não tem deixado de tratar a seus alunos como antes o fazia seus capitães de futebol. Atrevo-me a afirmar – meu amigo o marechal Lyautey me concedeu o direito de ser o primeiro a dizê-lo – que foi especialmente essa geração a que venceu a guerra e deu ao nosso país não um valor que não era necessário, mas a resistência fisio-psicológica da qual carecia meio século antes”.

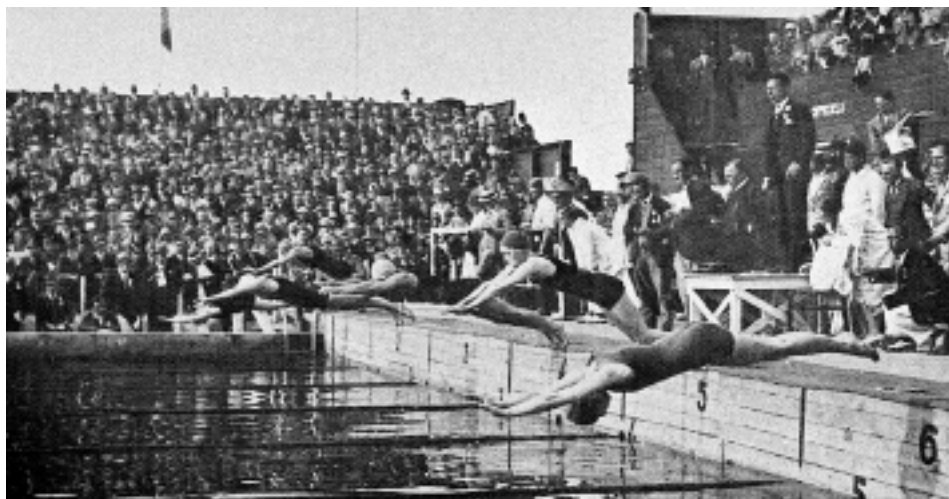
Não é o momento de dizer por que e como, em ações distintas e não articuladas entre si, os educadores na França e na Inglaterra deixarão escapar um instrumento que havia produzido impulsos tão belos de seiva nacional. E por outro lado tampouco sei se me compreenderiam. Estão dispostos os historiadores, que tão somente começam a abrir espaço para as questões econômicas entre batalhas e cronologias, a admitir a influência das grandes correntes pedagógicas nos acontecimentos que relatam?

Depois de algumas palavras eventuais sobre a reforma dos programas de ensino na qual trabalha, também sob sua direção, a União pedagógica universal, o Sr. Coubertin trata de definir o emprego moral do atletismo.

DO PLANO DESPORTIVO AO PLANO MORAL

Na medalha, instituída como meu incentivo a quatro anos, para fazer o esporte entrar na África, mandei gravar esta inscrição tão concisa como o permite a língua latina: *Athletae proprium est se ipsum noscere, ducere et vincere*; é próprio do atleta conhecer, governar e vencer a si mesmo. Eis aqui um texto que pode parecer pretensioso por refletir de uma vez Sócrates e São Paulo. Em todo caso, expressa uma verdade completa. O atleta que, graças a um treinamento perseverante, quer conquistar um troféu que não é garantido pelas qualidades naturais excepcionais, tem de chegar a cumprir a tríplice obrigação de aprender a se conhecer, se governar e vencer a si mesmo. Deve-se concluir disso que todo atleta se dedica, assim, a uma tarefa de aperfeiçoamento moral? Em absoluto, pois essas qualidades permanecerão encerradas no campo limitado de uma ambição específica. Ao educador cabe torná-las extensivas a toda pessoa; a ele toca transportá-las de certo modo desde o terreno puramente técnico ao âmbito geral. Por isso não é indispensável que ele mesmo pratique esporte, ainda que, desde já, seria melhor, e conseguiria mais prestígio por ser considerado como alguém correto. A quarenta anos vi como os alunos de uma das principais *public schools* inglesas, o colégio de Clifton, próximo de Bristol, estavam sumamente alegres com a notícia de que o “headmaster” que os “trastes” acabavam de lhes dar, havia saltado, ainda sendo estudante, seis pés. A posse daquele record de então aumentava consideravelmente a seus olhos a autoridade profissional dele.”

“Esse não era o caso dos diretores franceses que acabo de mencionar, mas eles não achavam ruim atualizar-se sobre as técnicas desportivas, nem deixavam de se interessar pelos triunfos de seus alunos; misturavam-se com eles, presidiam suas reuniões, e muitas vezes, a exemplo do meu ilustre amigo Padre Didon em seu colégio de Arcueil, os ouvi tratar da questão, antiga e nova ao mesmo tempo, da transposição das qualidades atléticas do plano desportivo para o plano moral, e elogiar esse caráter muscular da alma cujos bravos propagandistas foram quarenta anos antes Arnold e Kingsley. Sabiam muito bem que se o conhecimento do latim embeleza o espírito (preocupação que nos resulta cada vez mais alheia), o esporte, seus contatos rudes, suas alternativas, suas oportunidades preparam (perdão, podem preparar) o corpo e o caráter para as batalhas da vida. Notavam que nisso existia uma combinação dos elementos cuja união fraternal é a única capaz de garantir a paz social, a saber, a ajuda mútua e a competição, que nisso existe a tendência, com vistas ao êxito, para que se produza uma mescla de confiança e de desconfiança, de audácia e de prudência, de impulso e de contenção, que constitui a base do bom equilíbrio humano”.



O progresso desportivo não tem limites, nem para os homens nem para as mulheres. Aqui,

a saída da final feminina de cem metros livres nos Jogos Olímpicos de 1928 em Amsterdã. (Extraído

do Informe Oficial dos Jogos da IX Olimpíada, Amsterdã, 1928, Ed. J.H. DE Bussy, 1931, p. 772).

“É preciso restabelecer, Senhores, naqueles lugares onde existiu, esta forma desportiva de compreender a educação, e cria-la onde não existe. É preciso também se empenhar, por fim, em atrever-se em implementar as reformas indispensáveis relacionadas a ela; ou seja, a autonomia dos esportes estudantis e inclusive universitários, sua separação das federações atuais (cuja organização, de outro lado, é precária e está destinada a desaparecer, segundo creio, diante do aumento do corporativismo), a proibição a todo estudante de participar em competições públicas cuja entrada tenha de pagar e que não participe sem autorização de sua universidade, a supressão dessas idas e vindas em razão de campeonatos e sub-campeonatos que atrapalham os estudos, acarretam volumosos gastos e são, além disso, a pior maneira de conhecer um país, ao mesmo tempo em que produzem muito mais prejuízos que essas “viagens que não produzem senão olheiras”. Assim, em meu entender, é preciso que em todo colégio exista uma associação desportiva escolar nas qual se cultive não somente um ou dois esportes, mas, na medida do possível, todos (e vocês sabem que, para mim, a ginástica está em primeiro lugar); que nessas associações se estimule a emulação mediante encontros inter-escolares regionais; que a associação seja em parte dirigida pelos próprios alunos sob o controle dos professores e a presidência do diretor do centro; que um pequeno jornal desportivo sem anúncios e parcialmente redigido pelos próprios alunos os mantenha por dentro das coisas que têm interesse em conhecer, sem esquecer dos acontecimentos mundiais, nem os principais fatos da evolução contemporânea”.

A cautela ante o feminismo era algo improprio do século XIX, embora Coubertin pensasse que deveria ser fomentado.
(Foto extraída de E. Jacques-Dalcroze, *Rythmus, Musik und Erziehung*, Basileia: Schwab, 1921, p. 80)



DESCONFIANÇA FEMINISTA

Embora seja responsabilidade dos pais apoiar o colégio nessa tarefa, ela também é dos órgãos públicos. Mas, o farão? Me dirijo a eles para animá-los, porém não me rebaixarei ao tentar elogiá-los. Como educam seus filhos e, especialmente, suas filhas? Em muitos países, a jovem é hoje quem corrompe o rapaz, mas os pais encorajam seu filho a se mostrar de modo precoce coquete, patife e malandro; isso os diverte e os orgulha. O que assim se prepara não é somente uma geração de neuróticos, mas de seres entediados, a pior laia que existe no mundo. Assim pois, tome cuidado esta sociedade aos países próximos, a uma Ásia rejuvenescida, a um África inteiramente nova, bem como dessa população operária que em todas as partes é a mais numerosa e forte e que, por não ter a cultura que se tem negado imprudentemente, começa a se dedicar ao esporte e dá provas de uma atenção pedagógica digna de ser observada”.

Não é preciso moralizar pelo esporte a essa juventude feminina da qual acabo de falar com justificada crueldade? Não acredito absolutamente nisso. Cultura física e cultura desportiva: sim. Isso é excelente para a jovem e para a mulher. Mas, no que concerne à natureza feminina, é preciso ter muito cuidado com essa rudez do esforço masculino, cujo princípio aplicado com prudência, mas de modo decidido, está na base da pedagogia desportiva. Isso somente será conseguido fisicamente graças ao auxílio de uns nervos que cumprem um papel maior do que lhes cabe, e moralmente por uma neutralização das qualidades femininas mais preciosas. O heroísmo feminino não é absolutamente uma quimera. Eu diria que, embora menos brilhante, é tão comum, e talvez até admirável, que o heroísmo masculino. Mulheres como Edith Cavell e Gabrielle Petit, admiradas na Bélgica, não tiveram necessidade de ser atletas e, ainda correndo o risco de constranger os literatos que procuram vê-la sob este ângulo, direi que, na minha opinião, Joana D’Arc tampouco o foi”.

“E além disso, por menos frequentes, como gostaria que fossem, as competições quando se trata de rapazes, reclamo energicamente sua manutenção, pois a competição desportiva é vital em matéria de pedagogia desportiva, com todas as suas consequências e os seus riscos. Feminilizada, converte-se em algo monstruoso. A experiência de

Amsterdã parece ter legitimado minha oposição a que mulheres participem dos Jogos Olímpicos, e os testemunhos obtidos até agora são em sua grande maioria contrários a que se repita o espetáculo que se produziu numa determinada prova feminina durante a realização da IX^a. Olimpíada. Se há mulheres que querem jogar futebol ou lutar boxe, são muito livres para fazer isso, sempre e quando não haja espectadores, porque os que assistem a tais competições não vão em absoluto a ver o esporte”.

A HORA “CERTA”

“A pedagogia desportiva, ao contrário, caracteriza-se por superar os limites da adolescência e invadir a idade adulta. Seu objetivo, uma vez que tem formado o efebo, segue sendo a de manter essa formação no homem já feito. Sua aplicação tem um limite inferior: não corresponde à infância. Um equívoco terrível que cometemos atualmente está em colocar demasiado cedo a criança em contato com o esporte organizado. Esta alavanca trava quando se faz dela um uso prematuro, do qual deriva um novo incentivo para a precocidade, vício generalizado da educação atual. Nossos contemporâneos parecem querer apressar a primeira estação, e pensam que, suprimindo quase completamente a primavera, ampliam o verão, ou seja, o período de plena produção. Mas a natureza ri de tais cálculos e recupera imediatamente seus direitos. Cuidado com os outonos e com os invernos precoces, para que ao forçar a flor não façais, simplesmente, cair cedo demais a folha.

Em seu limite superior, a pedagogia desportiva não conhece outro que a usura da idade. E este é o segundo erro que se comente hoje. O esporte é considerado como algo de natureza juvenil (portanto, passageira) e coletiva. Pois bem, para que possa atuar verdadeiramente sobre a cidade, sobre a nação, sobre a raça, deve acima de tudo ser individual e prolongar-se ao máximo. Um grande comandante do exército dizia que um soldado de vinte oito a trinta anos sem cicatrizes não valia nada como produtor de energia. Mesmo assim, nada brilha tanto na vida civil quanto o que chamarei de “hora certa”.

“É preciso ter vivido em costas com mares de marés profundas para apreciar quanta força e majestade há nesta expressão de “hora certa” para designar o momento no qual a onda chega a sua plenitude e parece querer repousar uns instantes antes de começar a baixar. Em certos momentos, também o vento parece sossegar, e se diria que a terra se une a esta calma dos outros elementos. E se a chama se eleva então desde uma dessas fogueiras campestres que evocam os cultos primitivos, pode-se ver que ela renuncia às suas espirais habituais e sobe reta até a nuvem”.

“Existe uma hora similar na vida humana, uma hora na qual a maré cerebral e muscular chega ao seu ponto crítico, e o indivíduo pode ter a sorte de ter consciência disso. Mas essa sorte não é concedida a todos. Há muitas circunstâncias que a afastam: acidentes de saúde, insuficientes possibilidades de formação, preocupações excessivas... Pois a sorte é desigual e tem maneiras injustas... No entanto, quantos deixam passar essa hora magnífica simplesmente por não se dar conta, quando teriam podido vive-la apaixonadamente; quantos outros teriam podido fazer um esforço prévio no tempo oportuno que lhes houvesse garantido o valioso domínio dela”.

“O homem pode fazer muito para ter a alegria da hora certa. A dificuldade consiste em que, para conseguir isso, necessita por sua vez prolongar a juventude dos músculos

e apressar a maturidade cérebro com o objetivo de dar ao corpo e ao espírito uma plenitude harmoniosa. Tenho grandes esperanças que os trabalhos da União Pedagógica, uma vez concluídos e assimilados, trarão uma ajuda favorável ao espírito. No que tange aos músculos, enquanto não se tenha restabelecido o ginásio antigo – naturalmente, antigo em seu princípio, mas moderno em sua forma – e enquanto cada cidade não se preocupar em criar um ou vários em lugar de construir esses estádios sobre os quais lançava a poucos instantes um anátema, como quereis que o adulto se mantenha individualmente uma boa forma desportiva? Onde poderá praticar esporte quando possa encontrar uma ocasião fugaz para isso em meio a suas tarefas profissionais?”

“Percebo que vos assombra que eu faça entrar no raio de ação da pedagogia desportiva um adulto ao qual alguns pensarão que atribuo uma importância exagerada, mas não deixarei de pensar, no atual momento social, que ele é o ser mais interessante. E no entanto, este escapa, segundo pensam, à ação do educador. Absolutamente. Se foi bem orientado durante sua formação, será um educador de si mesmo. Quando se trata de um adulto, existem dois pontos de vista que assinalei faz muito tempo, mas que não têm chamado suficientemente a atenção dos pedagogos”.

SATISFAÇÕES PASSIONAIS

“O corpo necessita de uma certa dose de voluptuosidade, e esta não consiste no bem estar, mas no prazer físico intensivo. Esta necessidade não existiu em todas as épocas porque não é essencialmente animal. Então, as épocas de um espiritualismo ou de um ascetismo dominante podem apagar momentaneamente esse aguilhão. Mas quando a humanidade atravessa uma fase de “liberdade corporal”, se assim se pode falar, a dose de prazer físico intensivo passa a ser indispensável para o bom funcionamento vital do indivíduo. Pois bem, o esporte produz voluptuosidade, ou seja, prazer físico intensivo. Muitos “*sportsmen*” darão testemunho de que esse prazer alcance em determinadas circunstâncias o duplo caráter imperioso e perturbador da paixão sensual. Desse modo, nem todos os experimentam. Necessita-se determinadas qualidades de equilíbrio, como o ardor e a ausência de preocupações estranhas ou de contenção que estão na base de toda exaltação dos sentidos. E um determinado nadador, um ginete, um praticante de esgrima e um ginasta dirão que conhecem muito bem essa exaltação. A embriaguez da onda, do galope combate ou do trapézio não é nada menos que uma embriaguez convencional. É, por sua vez, real e definida, e tem sobre “a outra” a vantagem de que a imaginação nunca a provoca artificialmente e de que a saciedade poucas vezes supõe para ela uma decepção. Acalma os sentidos não somente pelo cansaço, mas também pela satisfação. Não se limita a neutralizá-los, mas os contenta”.

“Existe outra paixão do homem adulto que, embora em menor medida, também é preciso dar-lhe alguma satisfação: a cólera. O termo é, sem trocadilhos, demasiado colorizado. Em francês evoca imediatamente o desencadear de uma enxurrada de violência, e exclui erroneamente as cóleras frias ou diluídas, muito mais perniciosas para o que as sente ou se entrega a elas. Os moralistas respondem que basta aprender a resistir a si mesmo: muito bonito, mas demasiado simplista. Esse simplismo deriva da confusão eterna entre o caráter e a virtude. As qualidades do caráter não procedem da moral, nem pertencem ao âmbito da consciência. Essas qualidades são:

o valor, a vontade, a perseverança, o sangue frio, a resistência... E são físicas em suas três quartas partes. Peço que me digam se a pessoa que quebra uma cadeira ou um copo para acalmar sua cólera não faria melhor se pegasse um aparato desportivo qualquer e usá-lo, mesmo que brutalmente. Vocês pensam que é utópico? Ao contrário, nisso não há nada mais que sentido prático, e a experiência demonstra isso. Já contei como no passado, quando era responsável por dirigir a polícia de Nova Iorque, e preocupado com as brigas sangrentas que se repetiam constantemente no que era chamada “a cidade baixa” (down town), Theodore Roosevelt abriu naqueles bairros de má fama um determinado número de salas de boxe gratuitas e como diminuiu de imediato e numa proporção assombrosa o número de brigas de rua”.

Após o congresso de psicologia desportiva de 1913 realizado nesta mesma universidade e no qual participaram muitas personalidades de primeira ordem, o senhor de Coubertin mencionou como o historiador Ferrero, que proferiu um discurso inaugural, e o próprio presidente Roosevelt, que enviou uma sugestiva autobiografia “sobre o papel desempenhado pelo esporte em sua vida e sobre a forma pela qual havia usado o boxe, que lhe dava medo, para deixar de ser um adolescente delicado, inquieto e medroso, e se converter num homem robusto e audaz”. Depois de ter recordado os pormenores do programa apresentado aos congressistas, o orador reconheceu que as autoridades de Lausanne tinham razão em fazer valer os títulos de prioridade que lhes foram conferidos pelas jornadas de 1913 no âmbito da psicologia desportiva, títulos confirmados pela ação do Instituto Olímpico durante os anos de guerra, quando funcionou em favor dos franceses e belgas ali internados. Depois ele expôs como havia surgido o B.I.P.S., devido à pressão da opinião pública, a qual, exagerando, de outra parte, os abusos atuais, reclamava uma intervenção e um alinhamento.

A FUNDAÇÃO E A AÇÃO DO B.I.P.S.

“Então deixamo-nos convencer e tentamos a aventura. A iniciativa recebida com uma satisfação que pressagiava bons augúrios, satisfação que eu não esperava fosse nem tão geral nem tão completa. A primeira nota do Gabinete mereceu votos bem diversos. Alguns de nós, e eu mesmo, entrevistamos muitas pessoas competentes ou consideradas como tais: educadores, jornalistas, dirigentes de partidos. Minha surpresa foi muito grande ao ver que estavam quase completamente de acordo num ponto essencial. Suas opiniões podem ser resumidas no seguinte argumento: o dia de hoje é algo passado; não cabe esperar grande coisa da geração atual; reforma-la está além das nossas capacidades (embora eu não esteja certo disso); é preciso trabalhar para o amanhã, para a próxima geração que vai entrar na escola. O mestre atual é o professor. A célula de aperfeiçoamento é a Escola Normal. Que os jovens mestres ponham sua atenção ao uso pedagógico da atividade desportiva. Antes que os meninos pratiquem esporte, quando ainda somente soletram o alfabeto muscular e, sobretudo, quando, um pouco mais crescidos, comecem a se acercar dele, existe a possibilidade de um ensino não didático, mais muito mais fecundo. É preciso introduzir toda uma pequena filosofia juvenil que será o fundamento da grande filosofia varonil posterior, e nisso não vale trapacear. Todo triunfo conquistado nos jogos mediante uma falta com a verdade não conta; é como se quiséssemos nos alimentar

tomando veneno. Vergonhoso não é fracassar, mas não tentar. Quando um colega se sai melhor, às vezes favorecido por uma sorte que o outro não tem, é compreensível que alguém se sinta ofendido, mas isso não se mostra, se reprime. É preciso aguentar os arranhões físicos e morais sem se queixar e, sobretudo, sem jactar-se deles. Nos esportes, o farol é inútil, porque os resultados desportivos são inscritos em números ou em fatos; não permitem mentir nem aos demais nem para si mesmo. O treinamento está na base, senão de tudo, ao menos de muitos. Procede de uma decisão cotidiana, de uma escalada feita passo a passo, cortada por paradas e retrocessos, que se apoia num sólido bastão chamado vontade”.

“Nosso B.I.P.S. tem como tarefa difundir esse evangelho, mas, ao que parece, existem também outras tarefas. Desde o congresso de Bruxelas de 1905, cujo programa foi recentemente revisado pelos nossos colegas, parece que muitos dos problemas que apareciam nele não foram aqueles momentos suficientemente apreciados e que, em todo caso, seguiam sem solução; seria muito proveitoso voltar a estudá-los de forma mais rigorosa com o auxílio das experiências adquiridas desde 25 anos atrás. Quero citar alguns deles. No Estado de Nova Iorque, já no final do século XIX, com vistas à reabilitação moral dos hóspedes da grande penitenciária de Elmira, eram aplicados exercícios desportivos com notáveis resultados. Ultimamente tenho tido a curiosidade de me informar sobre o que havia acontecido com aqueles métodos desconhecidos pelo Velho Mundo. Ali, muito longe de tê-los abandonado, foram desenvolvidos de maneira considerável. No encorpado volume que me enviaram e que conta como as coisas se passaram na penitenciária no ano passado, o esporte ocupa um amplo e inusitado espaço. O que acontece em Elmira também acontece fora. Seria útil e interessante reunir informações e estudar como opera o esporte nesses meios. Não estamos completamente seguros. Sabemos que volta a dar ao indivíduo defeituoso e degenerado uma espécie de orgulho humano que não se produz sem uma tendência ao culto da honra, mas existem matizes, nuances sutis e difíceis de descrever que é preciso captar e fixar. Continua a valer a pena cultivar esse campo psicológico suscetível de ser muito fértil”.

“O orgulho também não funciona se não for acompanhado de confiança; e é nesse ponto onde encontra mais facilmente razão esse mal moderno (moderno sobretudo pela sua grande difusão atual) chamado neurastenia. Em seu número de fevereiro de 1912, a *Revista Olímpica* já tratava da possível aplicação dos remédios desportivos a muitos neurastênicos. Hoje, mais que um renomado especialista está disposto a autorizá-los. Sempre cabe pensar neles e falar, a espera de agir. Por fim, a proximidade entre o esporte e o serviço militar não foi estabelecida ou, pelo menos, foi mal estabelecida. Neste ponto produziram-se muitas ações e reações. Os oficiais de patente mais elevada, como os de nível mais baixo, que estão em contato direto com a tropa não puderam chegar a um acordo nem sobre os limites nem sobre os detalhes. Embora não seja muito tentador entrar nesse vespeiro, direi que as conhecidas disputas sobre o “amadorismo” não deixam de ter todo um aspecto psicológico sutil e complexo que o situa no âmbito de observações de uma instituição como o B.I.P.S.”

“Como podeis ver, Senhores, ao B.I.P.S. não vai faltar trabalho. Terá, inclusive, além do limite, o que pessoalmente me espanta. Para que tudo isso? Já não sou senão um velho general do estado maior retirado cuja boa vontade será prazerosamente dispendida em dissipar atenções simpáticas e conselhos desinteressados. Mas

é necessário algo mais e os delegados de diversos governos já nomeados para acompanhar à distância os nossos trabalhos – o que é uma honra e um acinte – pedirão ainda mais. Desse modo, deveis procurar para mim colaboradores convencidos e zelosos, abertos ao horizonte mundial (porque se somente se tratasse de pequenos abusos neste país, não valeria a pena dedicar-se a isso). Será necessário que estes tomem claramente a precaução de manter o observador ao par dos acontecimentos, e não deixar que as observações deslizem suavemente para a planície da estatística: fazer contato, trocar pontos de vista e acumular cifras se tem transformado na grande utopia de hoje, por trás da qual pode tecer-se indefinidamente a teia de aranha da rotina e das disputas acadêmicas. Protegeí-vos desse perigo. O modelo autêntico do atual “Gabinete internacional”, seja qual for seu objetivo, é o meteorológico, que consiste em vigiar a atmosfera e denunciar as mudanças que se esboçam com a maior distância possível. Dessa forma, cabe advertir a opinião sobre os perigos que surgem (com frequência por sua própria culpa) e saber a tempo o que é preciso fazer para neutralizar seus efeitos. Não é preciso que aqueles que administram os Gabinetes gastem suas energias em investigações, em contra-investigações e comparações, nem que busquem sua inspiração no fundo das gavetas de suas mesas. Mas é necessário que estejam atentos, com uma vigilância que não desfaleça, de modo que seu olhar aguçado saiba ver por entre a bruma as coisas verdadeiras”.

DO JOGO AO HEROÍSMO

“Neste lugar, as lembranças do congresso de 1913 são para mim, Senhores, muito vivas. Recordo as palavras do professor Millioud, que acompanhava as discussões com um vivo interesse: “definitivamente, o esporte é uma forma de atividade que vai do jogo ao heroísmo, suscetível de preencher todos os níveis intermediários”.

“Ao iniciar, invocava a figura de um pequeno capitão de futebol que encarava a vida na aurora de seus dias varonis. Meu pensamento dirige-se agora para esse vale que se abre por trás das montanhas nevadas. Ali se eleva o monumento a um jovem desportista cuja imagem deveria planar sobre a escola quando realizam ensinamentos masculinos. Permitam-me, para concluir, que recorde brevemente a grandeza que teve a aventura de Chávez. A travessia dos Alpes num avião era então uma façanha quase sobre-humana, dado o modo como eram construídos os aparelhos e como era realizado o treinamento dos aviadores. Chávez, que havia treinado em todos os esportes e que os havia deixado pela aviação, já tinha subido às alturas. Começou em fevereiro de 1910, e seis meses depois chegava aos 2.587 metros. Como em seus êmulos, aqueles voos produziam nele um prazer extremo. Mas dessa vez o jovem peruano devia conhecer o que ainda não conhecia: o medo. Depois de uma viagem terrível, voltou esgotado para Bridge. “Tremes, carcaça, exclamou o grande Turenne, e tremérias muito mais se soubesses aonde te levarei amanhã”. Em 23 de setembro de 1910, Chávez, armado de valor e ébrio de poder, convencido de que se dirigia para a morte, mas preferindo isso a retroceder, lançou-se pelo meio das gargantas das quais ia ver desfilar abaixo dele coisas até então proibidas ao olhar humano. Colhido por redemoinhos terríveis, congelado pelo frio e lutando tanto contra seu motor rebelde quanto contra a associação dos elementos, caiu em Domodossola, alquebrado, arrasado, mas tendo conquistado a tão sonhada façanha”.

**Conquistando o ar:
o americano Wilbur
Wright demonstra com
êxito suas habilidades
de voar nos arredores
de Paris. (Extraído de
Sport im Bild, n. 35,
1908, p. 1085)**



Ao aterrissar, o pássaro estava retorcido, deslocado, desarticulado, e o homem também. Os nervos, tensos até o limite por apoiar uma vontade todo-poderosa, haviam se vingado dos outros órgãos. Após uma agonia terrível, Chávez morreu, tendo sacrificado voluntariamente por amor à glória seus vinte e três anos, robustos e alegres. A dor eterna contava com uma vítima nova e a sublime doma do corpo pela alma brilhava mais uma vez sobre a humanidade”.

Este é, quase completo, o texto da conferência de 7 de novembro. Dizíamos que tinha o valor de um manifesto. Na verdade, nele cabe apreciar declarações que é preciso ter em conta e que vão fazer saltar chispas em mais de um ponto. Os atletas aparecem como inocentes da corrupção crescente que alarma os amigos do esporte. Os culpados são os construtores de estádios, os pais amorais e os educadores sem escrúpulos. O Sr. de Coubertin discutiu vivamente com eles. Mas, por outro lado, também reclamou “a autonomia dos esportes estudantis e universitários”, a “proibição que os estudantes participem de competições públicas com entradas pagas”..., medidas que, certamente, modificarão os aspectos mais falhos da organização atual. Ele deu a entender que, desde seu ponto de vista, as federações tendiam vergonhosamente para a decadência, e que talvez chegará o dia em que será preciso assistir a sua reorganização no plano corporativo. Como por outro lado é dos que consideram que os “esportes atléticos” são “esportes de ginástica” e tem proclamado muitas vezes que “a fronteira entre estes dois âmbitos artificiais estava mal traçada” e que, como se sabe, considera, por fim, os atuais regulamentos dos apaixonados pelos esportes como “barreiras que fazem rir”, terá que admitir que a frente de batalha que se esboça é especialmente ampla. Tudo isso vai acabar, sem dúvida, em numerosas e duras discussões. Mas com isso a vida desportiva ganhará vigor e se produzirá uma depuração final, tal como desejam todos os que acreditam que, de fato, “a atividade desportiva é um instrumento magnífico para o progresso humano”.

“L'utilisation pédagogique de l'activité sportive”,

em: *Le Sport Suisse*,

21 de novembro, 1928, n. 1074, p. 1 (I);

28 de novembro, 1928, n. 1075, p. 1 (II).

Caderno especial, Genebra, *Le Sport Suisse*, 1928, 8 p.

3.12 FONTES E LIMITES DO PROGRESSO DESPORTIVO

Em junho de 1936, pouco antes do início dos Jogos Olímpicos de Berlim, apareceu este ensaio em quatro vezes no jornal *BZ am Mittag* de Berlim. Dois anos mais tarde, após a morte de Coubertin, a versão original francesa foi publicada na *Revue Olympique*. Este artigo é uma espécie de legado desportivo. Nele, Coubertin resume, mais uma vez, muitos dos seus pontos de vista sobre o esporte moderno. Distingue o desenvolvimento do corpo humano, as qualidades mentais, a origem psicológica do desenvolvimento e as condições para a prática de cada esporte. Coubertin compara estas atividades com sua ginástica utilitarista, apresentada pela primeira vez em 1902. A questão da movimentação dos músculos não tem a menor relevância. Na terceira parte, Coubertin centra sua atenção sobre a influência do espectador, quando entra em jogo o elemento da psicologia desportiva. Na quarta seção explora a questão de se existem limites para o potencial de aperfeiçoamento do atleta. Aqui ele vê uma diferença entre o aperfeiçoamento pessoal e coletivo, e coloca a pergunta sobre quem tem um papel mais importante o indivíduo ou a corrida. Como nos tempos antigos, em 1936 o esporte continua sendo um importante elemento do progresso humano.

I

O progresso desportivo do adolescente e do jovem adulto pode proceder de uma fonte tríplice. Por um lado, do pensamento muscular de seu corpo. O corpo é, na verdade, suscetível de ser em boa medida aperfeiçoado. Cabe fortalece-lo, dar-lhe mais agilidade, mais resistência e habilidade, mais equilíbrio, e isso se pode conseguir graças a um exercício perseverante e um treinamento bem concebido, especialmente se à ação deste se acrescentar circunstâncias favoráveis.

Para o aperfeiçoamento do corpo humano com vistas ao êxito desportivo, as qualidades psíquicas desempenham um papel importante, às vezes até preponderante. Não esqueçamos que o ciclo Olímpico moderno foi inaugurado com o trinfo na “corrida da maratona” por um agricultor grego, cuja força era natural e não havia desfrutado, nem de perto, de uma educação científica; havia se preparado jejuando e rezando às Imagens Sagradas que ele cultuava. Posso acrescentar que, desde então, tenho continuamente observado como em cada Olimpíada a vontade e o sangue frio conseguiam de algum modo “forçar” o triunfo, e isso de maneira que os participantes mais bem dotados fisicamente eram às vezes eliminados por outros que, embora menos favorecidos desde este ponto de vista, alcançavam um triunfo devido a sua maior energia e vontade. Isso constitui, portanto, uma segunda fonte de progresso de ordem psíquica, pois é preciso treinar tanto a vontade e a perseverança quanto a capacidade muscular. Existe, por fim, uma terceira. As duas primeiras acontecem no interior do indivíduo. A terceira lhe é exterior. Está representada pelo aperfeiçoamento dos aparelhos desportivos ou das condições nas quais se pratica cada esporte, quer se trate de aparelhos novos ou simplesmente renovados graças a alguma descoberta ou uma melhor adaptação dos elementos utilizados. Vejam, por exemplo, o caso do remador moderno: sua embarcação não somente

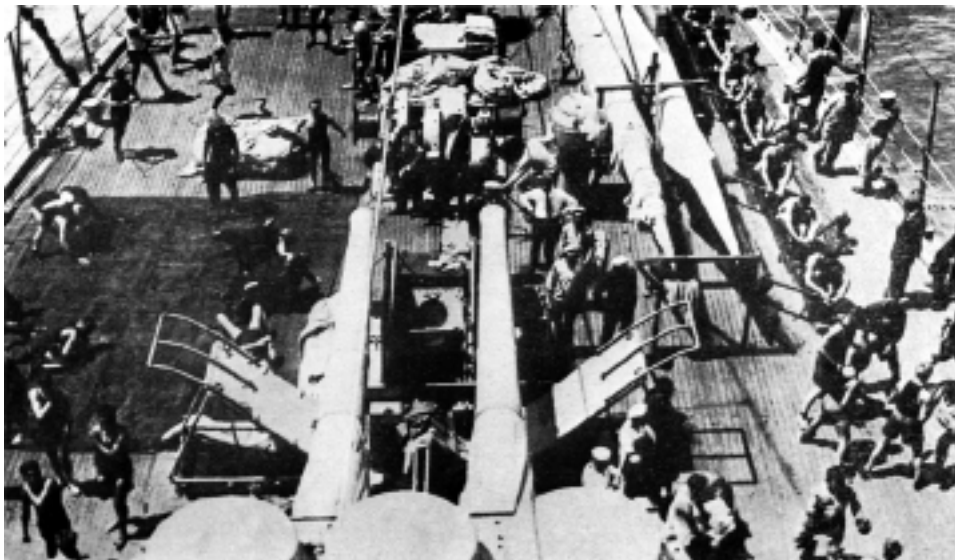
tem adquirido uma leveza assombrosa, mas também a mobilidade do assento que se desloca sobre rodas e a distância do ponto de apoio dos remos trazem uma ajuda mecânica imensa. Comparai-o com o remador de outrora, que manejava sua pesada canoa com remos excessivamente curtos. Realmente, não há um exercício que tenha sofrido uma transformação tão completa graças ao engenho humano; assim, o remo é o conjunto ginástico mais perfeito que existe.

Que dizer da bicicleta, surgida de uma ideia genial da aplicação mecânica da roda dentada e do exemplo da correia de transmissão unida ao pedal?... Em esgrima, o pesado e incomodo apetrecho de cinquenta anos atrás foi substituído por vestimentas e máscaras mais leves e por armas de fácil manejo. O jogo do praticante de esgrima não só ficou mais fácil, mas também sua técnica muda com isso, e ainda mais aquela do lutador de boxe desde o melhoramento produzido na fabricação das luvas. Nestes casos, o progresso muscular aparece, portanto, numa correlação direta com o aperfeiçoamento da ferramenta e produz inclusive mudanças nos movimentos e nas atitudes da pessoa. Os benefícios colhidos pelo corredor ou o ginasta, provenientes da pista de carvão ou dos novos aparelhos de ginástica, embora menos diretos e aparentes, pertencem à mesma ordem. Ao contrário, o alpinista e o lançador de disco e de dardo não estão, no que tange a isso, numa situação muito diferente daquela dos seus colegas da antiguidade...

II

Durante muito tempo pareceu que o treinamento especializado podia garantir o projeto desportivo de forma indefinida. Esperava-se maravilhas dele, e não se outorgava senão um valor secundário ao treinamento geral. Cada especialista se exercitava quase exclusivamente nos movimentos considerados essenciais para o esporte no qual pretendia brilhar. Considerava não somente inútil, mas também prejudicial, qualquer movimento ou qualquer conjunto de movimentos que parecessem fazer parte da gramática ginástica de outro esporte. Certamente não cabe triunfar completamente num esporte sem um treinamento especializado, mas hoje condena-se a teoria que afirmava uma pretensa oposição entre os esportes entre si. Embora o futebol não prepare para a equitação, tampouco não a prejudica, do mesmo modo que a corrida e o salto tampouco prejudicam o boxe. Lembro-me de ter visto faz 47 anos um jovem canadense conquistar o segundo prêmio em saltos de equitação na primeira vez que montava. Era um jogador de futebol. Um pouco mais tarde, durante os jogos da Iª Olimpíada em Atenas, um estudante americano classificou-se em lançamento de disco, esporte que ele não havia praticado até então. Incidentes deste tipo me convenceram do valor do ecletismo desportivo, cuja teoria serviu de base para o sistema da “Ginástica utilitária” tal como tive a oportunidade de expô-la, especialmente na *Revue de Deux Mondes* de fevereiro de 1902.

Hoje pratica-se o treinamento especializado de modo mais reflexivo e eficaz. Mas o mesmo não acontece – em todo caso, com a mesma intensidade – no treinamento em geral que, no entanto, deveria servir de base e de preparação. Parece-me que se esquece duas questões mais ou menos dependentes entre si: a do equilíbrio interno e a do esquema mecânico do indivíduo. Quando se observa atentamente um atleta em ação, não demoramos a perceber que tudo depende do equilíbrio interior, da forma



A força masculina como progresso desportivo. Jogos Olímpicos de 1920: representantes da Marinha dos Estados Unidos praticando suas

especialidades a bordo do U.S.S. Frederick. (Extraído de Spalding's Athletic Library, n. 94R: *Olympic Games Handbook*, Nova Iorque, ASP, 1922, p. 144)

como se produz, se modifica, se controla e se rompe esse equilíbrio; do modo como se mobilizam os músculos convocados pela vontade e dos quais esta exige um movimento determinado; e por último, do esquema radiográfico da ossatura de cada um, que determina o jogo das alavancas do corpo. Pois bem, até agora tudo isso ficou esquecido. Durante muito tempo os instrutores contentaram-se em construir como programa a “cultura da força e da habilidade”, o qual não deixa de ser, reconheçamos, um tanto simplista. Os instrutores japoneses entendem de outra forma seu trabalho. Assim, eles dedicam muito tempo e cuidado à formação do atleta (especialmente o judoca), e isso porque dão ao desenvolvimento do equilíbrio corporal uma importância capital. Um mestre muito renomado no Japão me disse a algum tempo que é preciso trabalhar para levar o aluno ao ponto no qual, inclusive no escuro, o mais simples contato com o adversário, mesmo que seja somente um roçar de sua mão, permita julgar seu estado de gravidade. Trata-se de criar e de desenvolver, assim, quase um “sentido” novo, e se compreende que tal tarefa exija um esforço muito longo e contínuo. Sem chegar tão longe como os japoneses, seria conveniente que os métodos europeus se inspirassem em seu exemplo e atribuíssem ao elemento “equilíbrio” um lugar mais importante do que aquele que se lhe dá na educação física.

Não menos importante também é o tema da “movimentação dos músculos”. E o é duplamente, se é possível falar assim; e isso positiva e negativamente ao mesmo tempo. Na verdade, conseguir um movimento desportivo não depende somente da participação precisa e rápida dos músculos requeridos, mas também e sobretudo da

abstenção dos que não tomam parte desse movimento e que, ao entrar no jogo, nada fazem senão atrapalhar a jogada. Suponhamos o convés de um barco no qual, a um toque de apito, devem ser executados todos os movimentos exigidos. Cada homem precisa saber o que significa para ele esse sinal. Se todos se precipitam ao mesmo tempo por não terem sido previamente instruídos, aquilo será uma desordem, o que sempre gera ineficácia. Isso também acontece com a mobilização muscular. Quantas vezes observei em mim mesmo e em outros a ação nefasta que exerce sobre a aprendizagem de um novo esporte o aumento dos músculos, uns indispensáveis ao movimento, enquanto outros, que deveriam ficar tranquilos, produzem confusão e atrapalham ao atuar mal de modo deliberado. Este adestramento muscular somente pode ser obtido hoje mediante a repetição da experiência, embora, com muita frequência, não alcance seu objetivo. Não caberia estudar isso cientificamente e descobrir, assim, os melhores meios para conseguir esse adestramento de forma mais rápida e completa?

Por fim, resta o tema do esquema corporal. O aperfeiçoamento da aplicação dos raios X na observação do corpo humano permite, certamente, obter dados que podem ser empregados no esporte. Desde muito tempo penso que na esgrima e na equitação, por exemplo, onde a figura morfológica não desempenha o papel de primeira ordem que se tem querido atribuir-lhe, a figura do esqueleto corporal, em troca, com certeza o desempenha e, conseqüentemente, resulta importante conhecê-la: os procedimentos radiográficos servem justamente para isso. Este conhecimento se torna útil para o instrutor, e não menos útil para aquele que tem a missão de instruir.

“Conhece-te a ti mesmo”. Em matéria de progresso desportivo, esta famosa sentença deveria desempenhar um papel de primeira ordem. Por isso preconizei a filmagem dos exercícios e sugeri a uma grande empresa cinematográfica a instalação de pequenos aparelhos de fácil manejo e não muito caros capazes de dar uma visão suficientemente clara do desportista em movimento, bastante nítida para que ele possa tomar consciência, vendo a si mesmo, dos equívocos que comete e, desse modo, trabalhe para corrigi-las. Embora o professor critique as atitudes de seus alunos, nada serão tão útil para ele quanto o testemunho irrecusável da imagem. E isso não vale somente para o ginete, o praticante de esgrima e o remador, mas também, em menor ou maior medida, para todos os esportes.

III

Passemos agora para outro tema, ou melhor, para um agente de aperfeiçoamento indireto: o espectador. Este sempre existiu, e hoje existe mais que nunca porque se multiplica e se manifesta cada vez mais. Somente o artista, ator que faz dramas ou comédias, virtuoso do canto ou do violino... pode dizer quão forte é o laço que o une ao público e que liga estranha existe entre um e outro, mexendo muitas vezes com os mais sólidos nervos de quem pratica o esporte e sendo suscetível de exaltar ao espectador ou ao ouvinte tanto para aprovar quanto para denegrir além dos limites do que é justo. Esta situação se repete nos campos e nos recintos desportivos. Basta pensar nisso para não ficar assombrado e admitir que também existe aí um elemento de progresso, tal como a fonte eventual de uma diminuição da capacidade. Com muita frequência pode-se ver, por exemplo, nas partidas de futebol como fica desanimado um jogador no qual o público havia posto todas as esperanças.

Ao ver como o desânimo entra pelo corpo e como corre, por assim dizer, pelos membros daquele jogador, costuma-se dizer: “Está cansado”. E tão logo isso ocorra, tanto mais o público sente-se decepcionado e desiludido; e não duvideis de que esse sentimento coletivo possa ser sentido imediatamente também por aquele que o provocou. Isso não é, por si só, uma razão para que seu progresso desportivo seja entorpecido. No entanto, basta que tal aventura aconteça várias vezes seguidas para que esse progresso deixe de crescer e inclusive retroceda.

Estes são, evidentemente, distintos pontos de vista nos quais cabe colocar-se para determinar as fontes do progresso desportivo. O tema poderia ser amplamente desenvolvido se não se tratasse de apresentar aqui algumas breves notas destinadas a fazer uma mera análise de conjuntura, para ter uma rápida visão geral.

Então é preciso perguntar pelos limites desse progresso. É preciso que se consumam, que se esgotem essas fontes que acabamos de revisar? Tudo muda, e isto ainda mais em nossa época devido à pressão geral, ao gosto pela velocidade e aos meios para sua satisfação. A “moda”, que não é, definitivamente, senão a emanção do espírito mimético combinado com o espírito de novidade, desempenhou no progresso desportivo um papel considerável. Se desde o início, a mais de quarenta anos, pretendi que a restauração do Olimpismo se estendesse a todo o mundo, isso se deve ao fato de que eu via ali uma espécie de garantia, de seguro contra abandonos ou hostilidades que de repente viraram moda. Quando uma moda deu a volta ao mundo é muito difícil de sair dela. Por outro lado, a medida que o tempo passa, a moda se torna um elemento cada vez menos importante para o progresso desportivo, porque o esporte tende a se transformar num hábito para o indivíduo, enquanto espera converter-se numa necessidade.

No entanto, com isso não se resolve definitivamente o problema do espectador. Está provado que a ausência de espectadores desanima o desportista e faz diminuir suas capacidades. É uma lei quase geral. Mas um dos fatos inquietantes de hoje é que quase a metade dos espectadores ou, em todo caso, um bom terço deles, não entendem muito do encontro desportivo ao qual assistem; e não são sempre esses os que demonstram menos entusiasmos e fazem menos aplausos. A alguns anos, um ministro australiano dizia que não se deveria admitir num estádio de futebol senão espectadores que já tivessem praticado esse esporte. Esta posição pode ser sedutora à primeira vista, mas não é justa. O futebol se revalorizaria moralmente, mas, sem dúvida, perderia parte de sua atratividade e sedução. Se é verdade que os espectadores são necessários para o progresso desportivo, em certos aspectos e determinadas circunstâncias podem também prejudicá-lo. Por outro lado, nem todos os esportes são igualmente populares. Por que a multidão se aglomera para assistir a uma grande partida de futebol, enquanto há com frequência espaços vazios diante das mais belas conquistas de uma equipe de ginástica com aparelhos?

No que me diz respeito, não tenho nenhuma dúvida de que o espectador é indispensável para manter o esporte no nível de valorização que tem alcançado, por exemplo, em nossos dias. Porém, quando o espectador constitui um elemento móvel, cabe perguntar quais são os limites entre os quais pode evoluir. É absolutamente indispensável que atinja a multidão? Não, não é. Centenas de fatos permitem com muita frequência comprovar que os atletas trabalham igualmente bem os dias nos quais o público é menor do que se esperava. Poderia produzir-se um certo desânimo

se o público espectador deixasse propositalmente espaços vazios nas arquibancadas... Mas nem isso! Com o atleta se passa algo semelhante ao que ocorre com o ator. Lembro ter visto em Chicago, faz quarenta e três anos, os melhores artistas da *Comédie-Française* ter uma performance admirável numa sala meio vazia. O ator principal era o famoso Coquelin. Não sei o que havia ocorrido; creio que a preferência do público era um grupo inglês que se apresentava na mesma cidade. Após a apresentação, falando com Coquelin sobre esse caso, ele me disse: “Representamos tão bem como se a sala estivesse cheia, certo? Representamos para nós mesmos... Em última instância, um verdadeiro artista pode prescindir do público. O que não pode suportar sem sofrer com isso é sentir-se imperfeito diante de si mesmo”. Neste comentário havia algo de paradoxal, mas muito de verdade. O mesmo pode-se dizer do desportista de grande valor. Não deixará de sofrer ao se sentir ignorado, mas sofrerá ainda mais ao se menosprezar diante de si mesmo.

Desse modo e no que diz respeito aos espectadores, não parece que nem seu incremento, nem uma ligeira redução de seu efetivo incida muito sobre o progresso dos desportistas. Também pode acontecer que se a competição dos espectadores for generalizada e ampliada, o desportista pode apreciar isso até mais que o número de espectadores.

IV

O que acontece com o aperfeiçoamento no caso dos aparelhos desportivos? Existem limites?... Em princípio, não. Mas é preciso, sem dúvida, indicar a existência de alguns limites para além dos quais o aparelho desportivo poderia chegar a substituir de certa forma o homem à força de facilitar seu esforço. Isso traria consigo o risco de ultrapassar a fronteira do próprio esporte. Vejamos um exemplo. Os corredores da antiguidade tomavam impulso diretamente na arena para aumentar a dificuldade e aumentar, assim, o seu mérito. Nos modernos domina a preocupação inversa: querem facilitar a corrida para conseguir mais velocidade. Por isso as pistas de carvão e os calçados com travas. Mas imaginemos que tenhamos calçados, e inclusive pistas, com materiais que de algum modo impulsionem o corredor em cada pisada: com isso não somente se facilita o movimento, mas uma parte do esforço do desportista seria realizada pelo instrumento que ele usa. A velocidade então não seria uma conquista inteiramente sua...

Não há dúvida de que podem surgir inventos engenhosos que não esperávamos. No entanto, é bastante provável que esses inventos não suponham um grande incremento do progresso desportivo. Em tal caso, os limites cujas possibilidades tentamos agora determinar somente aparecerão realmente no melhor desempenho do corpo humano, que não pode, evidentemente, ser limitado nem mesmo consideravelmente ampliado, mas que o pode ser em proporções muito sensíveis.

Aperfeiçoamento pessoal, ou aperfeiçoamento coletivo?

Aperfeiçoamento do indivíduo, ou da raça?

Este é o assunto que nos apresenta a atual evolução das instituições políticas, e suponho que muitas pessoas ainda não se deram conta de sua importância. Para concluir, quero dizer duas palavras sobre isso:

Se me perguntassem do que se necessita hoje para conseguir uma bela raça desportiva, responderia: menos nervos e mais cultura intelectual; e como ambiente, calma e proporção. Este é o significado que pretendi dar quando tentei definir, ao



**Treinamento de inverno
no Thames Rowing Club,
Londres, 1906. (Extraído
de *Sport im Bild*, n. 48,
1906, p. 1304)**

criá-lo, o Olimpismo moderno. Durante muito tempo não me compreenderam, mais depois isso acabou acontecendo. Antes tarde do que nunca. Sobre isso milhares de jornalistas e inclusive professores usaram seus talentos; uns sem uma reflexão suficiente, e outros sem estar de posse dos dados desportivos experimentais indispensáveis para suas reflexões. Por isso, o progresso tem sido muito lento.

Difundiu-se a ideia de que nos acontecimentos esportivos uma sobrecarga de excitação nervosa colocada a serviço da vontade desempenhava um papel eficaz. Com frequência fala-se do atleta que consegue a vitória “apoiando-se em seus nervos”. A impressão é imprópria e o caso é anômalo. O atleta vencedor atinge sua meta apoiando-se em seu organismo submetido a sua vontade. Neste conjunto, o sistema nervoso não é senão um subalterno, um servidor. Então, um servidor com uma inclinação permanente em ser senhor e estabelecer um perigosíssimo despotismo sobre o homem, principalmente sobre o homem civilizado. O sistema nervoso pretende subir em seu pedestal e exclamar: O gênio sou eu! E de tanto proclamar esta frase contrária à verdade, de tanto repetir isso, termina por se implantar uma mentalidade geral. Repito que o sistema nervoso é somente um servidor, rebelde por natureza, mas de grande valor sempre e quando domado desde a juventude e habituado a obedecer sempre.

No campo desportivo tudo se passa como em qualquer outro âmbito.

No entanto, ainda permanecem muitas lacunas inconscientes da antiga crença numa falta de compreensão fundamental entre a cultura muscular e a cultura intelectual. Isso é, por si só, uma loucura. Historicamente não se explica, e não seria necessário continuar tolerando esse estado de coisas; e está na hora de destruir isso. Quem dirigiu ou frequentou os meios atléticos sabe que neles reina normalmente a inteligência, e me atrevo a acrescentar ainda em maior medida que noutros lugares. Em meu entender, a inteligência quer dizer compreensão, não o saber, e menos o saber em si mesmo, ainda que o uso do saber faça parte da inteligência. Não creio que o saber especializado, como ocorre em nossos dias, produza um grande desenvolvimento do ser humano. Em todo o caso, a forma como se instrui as pessoas é insuficiente e medíocre. A civilização é constituída por um conjunto de riquezas de um lado e, de outro, por um conjunto de pensamentos. Não é preciso dizer que as riquezas estão muito sabias e razoavelmente divididas; ainda nem sequer foi feito um inventário disso. As ideias também não recebem um tratamento muito melhor. A cultura intelectual continua sendo atributo de um número muito pequeno de pessoas. É preciso estende-la, difundi-la, populariza-la. Faz-se necessária uma atmosfera amplamente intelectual para que aconteça uma bela floração desportiva. Faz muito tempo, um novelista francês, meu amigo, Paul Bourget, exclamava: “Se soubésseis quão fecundo em esplendores varonis pode ser o casamento entre a alta cultura intelectual e os exercícios físicos violentos!” O mundo apenas começou a se dar conta disso. No entanto, o porvir está aí.

A alguns instantes dizia que para que possa se desenvolver uma bela raça desportiva é preciso propiciar-lhe um ambiente de calma e proporção. A calma social não é a tranquilidade burguesa, mas a ordem. Esta pode reinar em regimes políticos muito diferentes, mas não reinará nas instituições até que não esteja primeiro nas mentes. Daí que o progresso moderno seja antes de tudo pedagógico.

A proporção é irmã da ordem. Ambas são irmãs, e foram feitas para crescer juntas. Utilizo o termo proporção, ainda que não seja o que queria utilizar. A palavra que chega por si mesma à minha pena é eurritmia. Sobre isso, franceses e alemães nos entendemos mal. Os alemães pensam que o predominante no termo “eurritmia” é a ideia do ritmo. Em francês acentua-se, em especial, a primeira sílaba, e com ela se evoca a ideia de beleza, de perfeição. Eurrítmico é tudo o que tem uma boa proporção. O helenismo preconizou por excelência a medida, a proporção, criadoras de beleza, de graça e de força unidas entre si. Desde este ponto de vista, é preciso voltar às concepções helênicas para encontrar um contrapeso para a espantosa feiura da era industrial que atravessamos.

O helenismo! Sempre ele. Pensávamos que era algo do passado, uma concepção morta, impossível de ressuscitar, sem aplicação às condições atuais, o que é um erro. É um elemento de futuro. Seus princípios vitais são adequados e se adaptam à vida moderna. Daí que o esporte seja um elemento essencial do progresso humano.

“Les sources et les limites du progrès sportif”, em:

Olympische Rundschau, Ano 1, Berlim, 1938, n. 2, p. 1-2 (I);

n. 3, p. 1-2 (II); n. 4, p. 1-2 (III);

n. 5, p. 1-2 (final).

Publicado em alemão, por ocasião dos Jogos de Berlim de 1936, em junho de 1936, na gazeta de Berlim, *BZ am Mittag*.

3.13 ENTRE DUAS BATALHAS: DO OLIMPISMO À UNIVERSIDADE DOS TRABALHADORES

Levada por seu desejo de eficiência, a tecnologia do momento, produzida por uma sociedade que estava vivendo uma completa transformação industrial, não considerava os meios que utilizava para realizar esta transformação. Em última instância, se esquecia do essencial elemento humano.

A inteligência e a coragem são essenciais quando se quer conservar o valor absoluto do homem, além de seu estatuto individual na ordem social concreta do momento.

O momento exigia uma ética da educação e uma reforma educativa que permitisse a cada indivíduo desenvolver livremente seu pleno potencial, em sua verdade essencial. Pierre de Coubertin havia compreendido isso desde o primeiro momento de seus trabalhos educativos. Já em 1890 desenvolveu um plano e buscava aliados.¹

No Toynbee Hall, uma instituição de ensino privado gratuita para os trabalhadores da depauperada vizinhança de Whitechapel em Londres, Coubertin observou o trabalho feito para melhorar a sorte daqueles cujo destino patético centrava-se na amargura e no lamento de não poder seguir tendo esperança. Apesar da pobreza material, moral e física dos estudantes, a educação oferecida com dedicação e regularidade – sob a responsabilidade de estudantes universitários voluntários que viviam entre eles – tornou possível descobrir a riqueza humana de cada trabalhador, e tornar frutífera essa riqueza para o despertar do espírito criativo. A cultura intelectual e física pôde realizar então seu trabalho sem empecilhos, sem nunca insistir em nada, mas obtendo força da coragem. Ao agir com liberdade, cada pessoa toma novamente posse de si mesma, e o presente se converte numa promessa para o futuro. Estes resultados confirmarão a convicção de Coubertin de que, para que uma cidade mereça esse nome, deve ser, em primeiro lugar, uma comunidade de homens autônomos que agem a serviço de valores mais elevados. Um humanista não dissocia o homem da sociedade.²

Ao longo de sua vida, Coubertin trabalhou apaixonadamente para implantar uma Universidade Popular, que seria capaz de facilitar o avanço de todos os indivíduos.³

Meus amigos parecem estar surpresos que, por ter tido a possibilidade de ganhar a batalha Olímpica de forma muito mais completa do que eles, em geral, haviam desejado, não me contente em continuar trabalhando para consolidar os resultados conseguidos e tenha pressa para encetar outra batalha num terreno incerto, com tropas mal contadas, na inquietante claridade de uma manhã de tormenta social.

Pois bem, não se trata em absoluto de uma iniciativa improvisada ou feita às pressas, mas, ao contrário, de uma ação preparada desde muito tempo e cujo viés os acontecimentos recentes têm precipitado, bem como acentuado sua necessidade.

1 Cf. Coubertin, P. de: "Appel pour la création d'un enseignement universitaire ouvrier (1890)", em: *Anthologie*, Aix-em-Provence, Impr. P. Roubaud, 1933, p. 165-166.

2 Ver Coubertin, P. de: *Toynbee Hall. Le patronage social à Londres et les étudiants anglais*. Em: *La Réforme Sociale*, 2ª. Série, tomo III, 1 de setembro de 1887, p. 227-233. Reproduzido com algumas variantes de redação em *L'Education en Angleterre*, Paris: Hachette, 1888, p. 265-285.

3 Ver Coubertin, P. de: *Mémoire concernant l'instruction supérieure des travailleurs manuels et l'organisation des universités ouvrières*, s. l., 1923 (11 p.).

A introdução dos esportes nos colégios franceses empreendida faz trinta anos e a renovação dos Jogos Olímpicos internacionais realizada sete anos mais tarde, na medida em que me pôs em contato com a vida escolar e universitária de minha pátria e dos demais países, têm me permitido verificar que, na verdade, “o nível dos estudos tem baixado”. Isso já era comentado em círculos fechados, e isso repete-se hoje em voz alta praticamente em todo lugar; mas nem outrora nem hoje trabalha-se seriamente para remediar isso.

Além do mais, seria necessário primeiro chegar a um acordo sobre a causa do mal. Na minha opinião, essa situação tornou-se de repente algo concreto. A implantação da “pedagogia esportiva” facilitou minha apreciação do estado mental de alguns professores e alunos. Dei-me conta que não se podia incriminar nem a inteligência e a boa vontade dos primeiros nem, o zelo e o talento dos segundos. Os métodos?... Somente mudaram apesar de tantos retoques pormenorizados, nem sempre bem sucedidos. Outrora eram eles que produziam clareza nas mentes. Por que isso não acontece agora? Chegou o momento previsto por Berthelot, quando escrevia a alguns anos: “Resultará impossível assimilar o conjunto de descobertas da época. Porque não pode absorver a imensa maioria das conquistas, o espírito humano também não poderá generalizar, ou seja, se estender e se desenvolver”. Palavras inquietantes que parecem fatais. Como ficar de fora dessa inelutável consequência do progresso científico? Leibniz é quem nos diz. Ele também o profetizou quando afirmou em seu Discurso sobre o método da certeza e a arte de inventar: “Cabe dizer que as ciências abreviam-se ao aumentar, pois enquanto as verdades são descobertas, melhor situado se está para observar nelas umas sequencias regradas e para estabelecer proposições cada vez mais universais com relação às quais as outras não são senão exemplos ou corolários, de maneira que um grande volume das que nos têm precedido poderá reduzir-se com o tempo a duas ou três teses gerais”.

Estas duas ideias, claramente expressas por dois grandes homens em fórmulas acuradas, não deixam de conduzir meus esforços tal como os dois globos luminosos que mantem em suas mãos, elevadas para o céu, a figura imortal desenhada por Puvis de Chavane.

O núcleo do mal estava no ensino chamado secundário, e era aí onde se tinha que aplicar o remédio. Cabia ao ensino primário assentar as bases técnicas da cultura, e ao ensino superior ou universitário ensinar a especialidade prática ou científica. Entre ambos era preciso fazer do ensino secundário “uma era de ideias gerais”. Este era o princípio fundamental da reforma, que pressupunha a substituição da análise pela síntese como método de ensino. Mas o que tem sido até agora o ensino secundário, não somente na França, mas também na maior parte dos países? Uma tentativa ampla de síntese operada no cérebro do adolescente com ajuda de diferentes elementos chamados: física, química, literatura, história, botânica... que devia oferecer-lhe uma concepção homogênea do mundo e da vida. No entanto, a síntese já não é praticada. Os elementos que a procuram se tornaram excessivamente numerosos. Foi preciso tirar alguns que eram essenciais; outros não são utilizados senão em formas de difícil assimilação. Com um avanço inútil em certos pontos e com a total ignorância de outros, o adolescente está desorientado pela forçosa fragmentação de sua preparação, a abundância de fórmulas e de ideias feitas e a impotência para tirar conclusões vivas de tudo o que aprendeu.

No entanto, a existência humana está inteiramente dominada por duas realidades: por um lado, o homem depende do planeta no qual está radicado, de seus movimentos, das leis mecânicas, físicas e químicas que o regem; por outro lado, tem atrás de si sessenta séculos de história durante os quais foi sendo constituído um patrimônio “do qual é, por sua vez, beneficiário e responsável”. Tomemos, portanto, estas duas realidades de nossa vida e empreendamos a tarefa de analisa-las indo do geral ao particular, do conjunto ao pormenor, do quadro formado pelas aparências à explicação mais ou menos profunda, de acordo com o tempo de que disponha. Dessa forma se criará essa “era de ideias gerais” que, embutida entre a escola e a universidade, deve constituir o novo ensino secundário, de modo que distribua a todos uma prodigiosa luz inicial.

Estas noções, que indiquei pela primeira vez em 1900,⁴ não foram compreendidas e deixaram a opinião pública indiferente. Expostas de forma mais precisa sete anos depois,⁵ foram tachadas de utópicas e produziram em alguns lugares certa indignação. No entanto, em torno a elas se formou um pequeno grupo de partidários. Com a preciosa ajuda de meu saudoso amigo Gabriel Lippmann, estabeleci uma série de programas detalhados, um de ciências e outro de “humanidades”. O ilustre físico não hesitou em aceitar uma “sabotagem” da física e da química como elementos autônomos do ensino secundário, nem em aderir plenamente à ideia de que não convém manter essa autonomia em prejuízo de outros conhecimentos e que, do mesmo modo, também não há nenhum interesse pedagógico ou social em que o estudante aprenda as tentativas e experiências através das quais se tem chegado a descobrir uma determinada lei ou a isolar um determinado corpo. Para o aluno, afirmávamos, não existe nem a física nem a química propriamente ditas, bem como também não existem a astronomia ou a geologia; somente há fenômenos de ordem física, química, astronômica, geológica, etc., com os quais se encontra e que devem ser explicados ao longo de sua “excursão planetária”. E no que diz respeito à “excursão histórica”, esta deve conduzi-lo da mesma forma através de todos os séculos e de todos os continentes. O recorte da história em épocas distintas ou países somente era aceitável numa época em que os historiadores ainda não tinham “fechado o círculo” das épocas, tal como os geógrafos também não o tinham feito com os oceanos e o relevo. Hoje foram estendidas pontes sobre a ignorância de ontem. As palavras de Leibniz adquirem todo seu valor. Aproveitemo-las para estabelecer, no centro dos cérebros jovens, as bases inquebrantáveis sobre as quais poderá se construir com segurança o edifício de alguns conhecimentos especiais necessários para o bom funcionamento da sociedade moderna.

Com o objetivo de preparar a difusão destas doutrinas e de ampliar nossos programas foi constituída uma *Associação para a Reforma do Ensino*. A fórmula não era muito feliz: por um lado dizia muito, e por outro não o suficiente. De outra parte, a associação tampouco prosperou. Na primeira assembleia do conselho, realizada na sala do Conselho Acadêmico da Sorbonne, produziu-se uma divisão que colocou em confronto aqueles que queriam provocar uma mudança radical do ensino secundário e aqueles que desejavam limitar essa empresa ao ensino após a escola. Depois de me ter convencido de que eu estaria entre os primeiros, muitos

4 *Notes sur l'Education Publique* (Hachette e C^{ie}), (Nota original de Coubertin)

5 *L'Analyse universelle* (Alcan), (Nota original de Coubertin)

se colocaram ao lado dos outros. Estas divergências, que levaram nossos afiliados a questionar o próprio princípio de nossa ação, comprometeram e dificultaram a reforma. Decidimos esperar e aproveitar essa demora para continuar aperfeiçoando nossos programas, revisando-os pela terceira vez, ponto por ponto.

Eram realmente suscetíveis de serem aplicados na prática? Alguns de seus admiradores continuavam com dúvidas. A guerra iria nos proporcionar um campo de provas. Quando os internos começaram a chegar à Suíça, forçosamente ociosos e muitas vezes desorientados pelo caráter anômalo de sua situação, houve quem se preocupasse em proporcionar-lhe uma atividade física e mental. O Instituto Olímpico, cujo plano havia sido estabelecido em Lausanne em 1913, mas que não funcionava, pareceu adequado para este propósito. Foi-me sugerido que o dedicasse em benefício dos internos franceses e belgas, que foi o que eu fiz. Juntamente com todos os esportes, os alunos matriculados, entre os quais havia sub-oficiais e oficiais, cultivaram as ciências e a história de acordo com os programas da falecida instituição. Cercados por colaboradores ocasionais, dois oficiais internos, os Senhores Trystram e Callandreau, encarregaram-se juntamente comigo do trabalho principal. Daquela tentativa saiu consolidado o programa da parte de “ciências”, enquanto o programa chamado de “humanidades”, cujo fio condutor era a história, saiu transformado. Eu havia traçado um esboço da história universal em quarenta capítulos que deixavam algumas lacunas, mas cuja organização não acabava me deixando satisfeito. Faltava uma divisão superior mais sincera, mais chocante, numa palavra, mais educativa. A que finalmente se me impôs agrupava os anais dos povos em quatro partes: I. Os impérios da Ásia; II. O drama mediterrâneo; III. Os celtas, os germânicos e os eslavos; IV. A formação e o desenvolvimento das democracias modernas. Não me detive a considerar que os dois primeiros termos desta classificação eram de ordem geográfica, o terceiro de ordem étnica e o quarto de ordem política. O que me importava era que todos os elementos da história fossem suscetíveis de encontrar um lugar naquele marco e que este poderia ser utilizado (me perdoem a vulgaridade da imagem) como um acordeão, ou seja, emprega-lo tanto para um resumo breve quanto para longos desenvolvimentos. A sucessiva ressonância que a partir desse momento puderam comprovar em Lausanne, em Luxemburgo, em Mulhouse... que o marco era realmente flexível, me levou a considerá-lo como definitivo e adequado ao que eu vinha buscando.

As antigas crônicas contam que os bárbaros atravessaram o Reno na noite do dia 31 de dezembro de 406 e que, uma vez derrotados aqueles que o guardavam, se estenderam pela Gália.

Com muita frequência me tem assomado à mente essa narrativa quando evoco aqueles dias do ano de 1916, nos quais me pareceu que os povos subiam uma encosta dolorosa para em seguida, durante a noite, descer pelo outro lado dos montes até alcançar planícies desconhecidas. Então a luta mudou de caráter; produziram-se grandes espasmos sociais que sacudiram as bases da Rússia e que suscitaram por todas as partes esperanças e inquietudes igualmente apaixonadas. Apareceram perigos econômicos nos quais ninguém havia reparado até então. Sentiu-se confusamente que aquela guerra não iria unir a ninguém e que, dominada por um fato novo – a unidade do mundo –, criava possibilidades inesperadas, de modo que, desde seu advento, os rancores acumulados e os apetites contidos chocaram-se num conflito gigantesco pela conquista do poder. Pretender que a classe operária retroce-

SOCIÉTÉ DES SPORTS POPULAIRES

Une équipe de football dans chaque commune — Un gymnase et un terrain de jeu municipaux avec bains-douches dans chaque bourg — Une piscine de natation dans chaque ville — Des rameurs sur toutes les rivières — De l'équitation et de la boxe individuelles chaque fois que l'occasion se présente — Une section chorale dans chaque société de gymnastique — Le moins possible de règlements, de hiérarchie et d'insignes — Pas de politique, pas de paris, pas de "dirigeants" étrangers au sport.

Cher M. Deparriot
 Avez-vous mes lettres en vente?
 J'attends mes amis que vous les avez
 car cette affaire me inquiète
 à vous S-L.

Coubertin gostava usar cartas e cartões postais com o lema de suas iniciativas. A partir de 1905 usou com muita frequência este postal com lemas da campanha do esporte popular. Tradução: "Associação do Esporte Popular. • Um time de futebol em cada comunidade.

- Um ginásio e um campo com chuveiros em cada município.
- Uma piscina em cada cidade.
- Remo em cada rio.
- Hipismo e boxe para todos sempre que for possível.
- Um coral em todo clube desportivo.

- Poucas normas, hierarquias e recompensas.
- Nada de política, partidos políticos e influências externas ao esporte."

(Extraído de J. Durry (Ed. Dir.), *Sport et Démocratie*, Catalogue, Assemblée Nationale, Paris, 1988, p. 3H)

desse, simplesmente, ao seu antigo destino, era algo com o qual não se podia contar. Trabalhar com ela ou submeter-se a ela era a única alternativa que caberia discutir.

Em torno a essa alternativa formavam-se opiniões diversas. Alguns consideram as fraquezas, o estado de degradação da sociedade, sua impotência para reformar-se, e esgrimam a ideia de uma sociedade nova, mais justa e, portanto, mais cristã. Outros pensam que os elementos de reparação existem e que terminarão por se manifestar. Mas tanto se num futuro próximo a classe operária exercer plenamente o poder, quanto se ela simplesmente participar dele, nem por isso a questão de sua preparação é menos primordial. Então, essa preparação é nula. Alguns haviam se preocupado por ela desde muito tempo. Encontrei recentemente um texto de uma convocatória endereçada em 1890 a umas vinte personalidades qualificadas com o objetivo de examinar os meios para preparar o "quarto Estado" (naquela época falava-se assim para designar os proletários) na missão governamental que a amplitude democrática parecia lhe reservar. A reunião não aconteceu. Ninguém teve interesse nela, exceto o reitor Gréard, que me havia garantido a hospitalidade da Sorbonne (nessa ocasião

ainda a antiga Sorbonne), impaciente, quem sabe, por me ver abandonar o campo da educação física no qual minhas empresas não deixavam de contrariá-lo.

O tempo passou. O problema se agravou tanto que alguns consideram que já é demasiado tarde para abordá-lo de modo útil e se resignam ao que eles chamam a queda da cultura e a volta ofensiva da barbárie primitiva. Pessoalmente, não sou dessa opinião. Espero muito da classe trabalhadora. Em seu seio repousam forças magníficas, e ela me parece ser capaz de grandes coisas. Não tínhamos, nós mesmos, ao contrário, demasiadas ilusões com essa cultura da qual somos tão orgulhosos? Tanta escória se mistura nela com o puro metal; há nela tantas incoerências, tanta afetação, tanta vaidade oca e tanta pornografia disfarçada...

Seja como for, desde meu ponto de vista, o problema coloca-se da seguinte forma. Não se trata de associar bruscamente a classe trabalhadora à alta cultura *tal como a compreendeu a época anterior*; é preciso que ela mesma faça seu inventário para que, se amanhã o templo, no qual estão contidas as riquezas conquistadas pela civilização, fosse confiado a sua custódia, esse templo seja respeitado e conservado.

Desse enfoque surgiu um plano para as universidades de trabalhadores em cuja elaboração me foram muito úteis os trabalhos e experiências que acabo de relatar, o qual contém, no entanto, certas peculiaridades: universidades intermitentes previstas em razão de duas sessões anuais, de três meses cada uma, com uma administração totalmente nas mãos dos trabalhadores e um ensino dividido em oitenta e quatro lições por sessão, vinte e quatro das quais consagradas ao estudo da história universal, trinta e seis às ciências, oito à filosofia, seis à crítica e à euritmia e dez aos exercícios da linguagem e do estilo.

Tudo isso é novo; é preciso admitir que me é impossível nestas poucas páginas apresentar sequer uma visão sumária disso. O projeto já é conhecido pelos interessados, a quem compete apreciá-lo e utilizá-lo de acordo com seus interesses. Entretanto, em qualquer caso, é preciso preparar-lhe manuais, “livros didáticos” necessários para uma concepção distinta da cultura segundo a qual o homem civilizado já não seja exclusivamente o único que depure seu estilo e seu pensamento em contato com certas obras mestras, mas especialmente aquele para o qual fiquem claras e se tornem presentes o que caberia chamar as cinco noções fundamentais: a noção astronômica, do universo incomensurável em cujo seio se move o astro que nos leva; a noção de terra, das leis que a regem; a noção histórica, dos trabalhos acumulados pelas gerações precedentes; a noção higiênica, da máquina humana, de seu possível rendimento e dos meios para vigiá-la; a noção filosófica, da sede de ideal, de justiça, de luz e do além que sempre tem atormentado o homem e sempre o atormentará, diferenciando-o para sempre do animal.

Como! Me dirão. Você quer ensinar tudo isso a trabalhadores manuais? Que bobagem! Eles não têm tempo nem desejo para tais estudos.

Já sei; conheço essas censuras e ironias. Quando eu quis restabelecer os Jogos Olímpicos me consideraram louco.

E, no entanto, foram restabelecidos, e seu princípio tem sido aceito a seguir por todas as nações. A realização das Olimpíadas há penetrado na vida internacional e tornou-se um agente regular. A VIIIª Olimpíada deve ser realizada em Paris em 1924, no XXX aniversário de seu restabelecimento. Amsterdã já se prepara para organizar, em 1928, os Jogos da IXª Olimpíada. Nos países mais distantes a juven-

tude se exercita em esforços musculares que vão lhes valer a honra de aparecer no estádio, em cujas paredes, devido a uma recente decisão do Comitê Olímpico Internacional, os nomes dos vencedores ficarão gravados a partir de agora. Esse Comitê, que tenho a honra de dirigir desde seu início e no qual tem assento representantes de quarenta e duas nações da Europa, da América, da Ásia e da África é, como se dizia no ano passado na tribuna em Genebra, uma pequena Sociedade de Nações, a qual, durante mais de vinte e sete anos de existência, teve de enfrentar numerosos conflitos, mas que já conheceu o fracasso. Ela tem caminhado normalmente pela via de um internacionalismo progressivo.

Pois bem, esse internacionalismo é atualmente o melhor, ou para ser mais exato, a única garantia para duração do movimento de renovação desportiva tão necessária para a saúde das sociedades modernas. Porque, não nos enganemos, *o esporte não é conatural ao homem*, e a esportividade de um povo é uma planta artificial e delicada. Sem a religião, os espetáculos, o comércio e a propaganda que prolongarão sua existência, Olímpia não teria sobrevivido por tantos séculos. O atletismo medieval, pouco conhecido, porém muito digno de sê-lo, não pode, apesar de todos os elementos que o faziam sobreviver, manter-se por muito tempo. O movimento moderno, por sua vez, não procede em absoluto de uma corrente espontânea. Surgiu das iniciativas persistentes de alguns indivíduos, Jahn na Alemanha, Arnold e Kingsley na Inglaterra, os quais triunfaram onde Amoros acabava de fracassar. Quando, em 1886, meus colaboradores e eu, forçando as portas dos liceus, empreendemos a tarefa de “voltar a bronzear a França” mediante o esporte, esta estava menos que disposta. Uma pena amiga contou faz tempo as etapas da nossa campanha.⁶ No entanto, a causa não está ganha, e é preciso desconfiar. Na História, os séculos desportivos têm sido breves e raros. E acontece que neste terreno, como em outros, logo se dobram. Entre nós ergue-se uma fachada suntuosa; atrás há muito vazio. Em nenhum lugar o esporte está todavia certo de seu futuro. A chama Olímpica percorre a terra, pelo menos de cidade em cidade, e prossegue sua corrida até o Extremo Oriente. Se em algum lugar chegar a desfalecer, jovens nações se apresentarão para toma-la das mãos negligentes dispostas a deixá-la cair.

Assim, a chama desportiva será salva da extinção. Esta é a causa pela qual restabeleci os Jogos Olímpicos, e não pela vanglória de restaurar pórticos desaparecidos.

“Entre deux batailles. De l'Olympisme à l'Université ouvrière”, em:
La Revue de la Semaine, 3e année,
20 de janeiro de 1922, n. 1, p. 299-310.

6 “El Neo-Olimpismo e a guerra”, em: *Revue Hebdomadaire*, 10 de maio de 1917. (Nota original de Coubertin)

3.14 O PADRE DIDON

Trata-se de um obituário dedicado ao dominicano Henri Didon, falecido em 13 de março de 1900. Este havia proferido ante seus alunos, em 8 de março de 1891, o lema “citius-altius-fortius” como motivo de uma festa desportiva estudantil, que Coubertin – presente àquele evento – transformaria num lema Olímpico em 1894.

Aqui, porém, não se fala disso, mas honra-se Didon como grande pregador, incansável escritor, convincente pedagogo e também como nacionalista francês. Coubertin exalta seu espírito livre e seu pensamento crítico no seio da Igreja francesa.

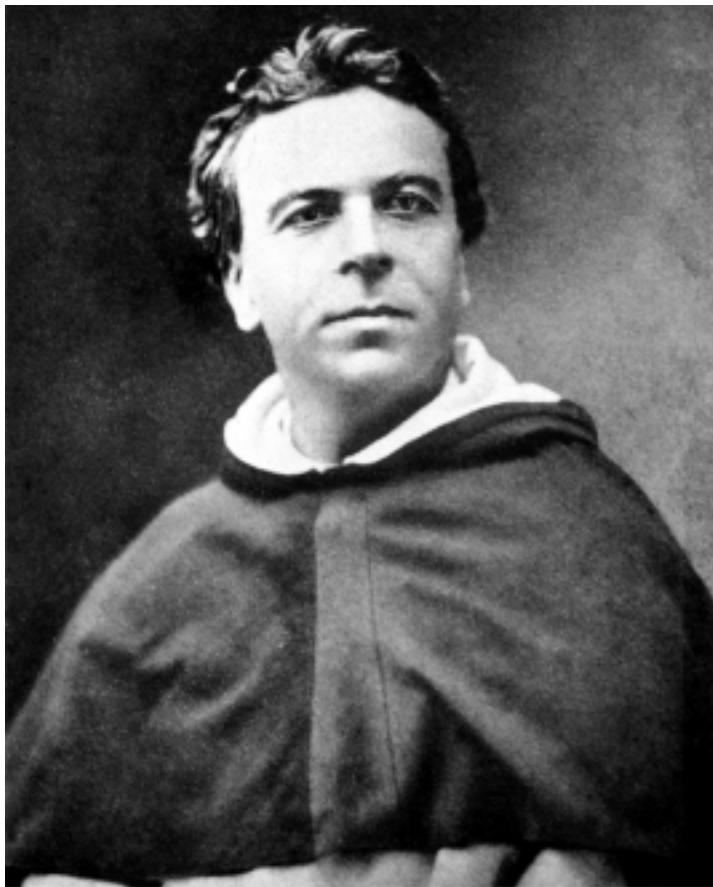
Quando nas costas da África acabava-se de inaugurar a estátua do grande cardeal, um grande patriota e um vigoroso pioneiro da civilização, a morte levou prematuramente à tumba um monge que na França iria se converter no Lavigier da educação.

Quem esteve com o Padre Didon viu sua alma, pois esta aparecia sempre na frente de batalha, sobre as colinas, olhando em frente, com a preocupação fundamental de não se esconder. A luta era sua paixão primeira; ele a buscava inclusive na cátedra de onde pregava: “É gracioso, me dizia um dia; quando meus ouvintes não me aguentam, sinto-me paralisado: por isso, às vezes ultrapasso os limites do meu pensamento para obriga-lo a dar a volta”. O trabalho era sua segunda paixão; o modernismo, a terceira. Lembro de um discurso de entrega de prêmios no qual, com uma audácia inigualável, ante seus alunos encantados e seus pais desconfortáveis, ele agarrou sem cerimônias a besta negra do momento, o antissemitismo, e lhe deu seu verdadeiro nome: a preguiça. Com que ironia poderosa removeu aquela sociedade sem recursos que se queixa de estar sendo dominada e conduzida por uma fornada de israelitas.

Com um gesto largo, mostrou aos jovens franceses que o escutavam as profissões de sucesso, o comércio, a indústria, as finanças, as colônias, profissões tão varonis e nobres como a das armas. Ele certamente apreciava o exército nacional, e no último discurso que proferiu em sua homenagem foi acusado de afagar os militares que ali se encontravam. Os jornais noticiaram: ao lê-la eu não encontrei pessoalmente senão uma visão filosófica quicá um pouco exagerada, mas grandiosa, do papel da força no mundo.

Por outro lado, na vida desse homem, a unidade não se expressa com palavras, mas com atos; não há um só feito do Padre Didon que não tenha sido dirigido para o mesmo fim: o pertencimento a sua época. Não houve nele nenhum retrocesso, nem sequer uma saudade do passado; nem um só temor, nem mesmo uma só resistência com relação ao futuro.

Assim, quando lhe foi confiada a formação dos jovens, sentiu-se em seu verdadeiro caminho. Como pregador, a audácia de sua linguagem, mais que agir, entusiasmava, e como educador a força de seu exemplo foi poderosa. Sem deixar de ser um homem extraordinariamente ativo, semeou ao seu redor o amor, o verdadeiro liberalismo, sempre com pressa para misturar seus alunos com os dos liceus, e para se encontrar com pessoas que pensavam de maneira distinta.



O padre dominicano
Henri Didon
(1840-1900).
(Coleção N. Müller)

Não posso dizer aqui, no breve espaço destas cartas, toda a beleza e a força moral que me deixaram entrever sua pessoa, cuja amizade fiel para comigo datava de dez anos. Quem sabe mais tarde eu tenha oportunidade de falar sobre isso.

Agora que já não está, quem poderá ocupar seu lugar?... Na França não há educação: não se sabe preparar senão pequenos sacristãos pegajosos ou pequenos lógicos totalmente secos, e eu admiro verdadeiramente a reserva de vigor e de inteligência que têm permitido a nossa raça poder resistir durante tanto tempo à inepta deformação que a fizeram padecer.

“Lettre d’un indépendant”, n. XVI, em:
L’Indépendance Belge,
71e. année, 11 de abril de 1900, p. 1

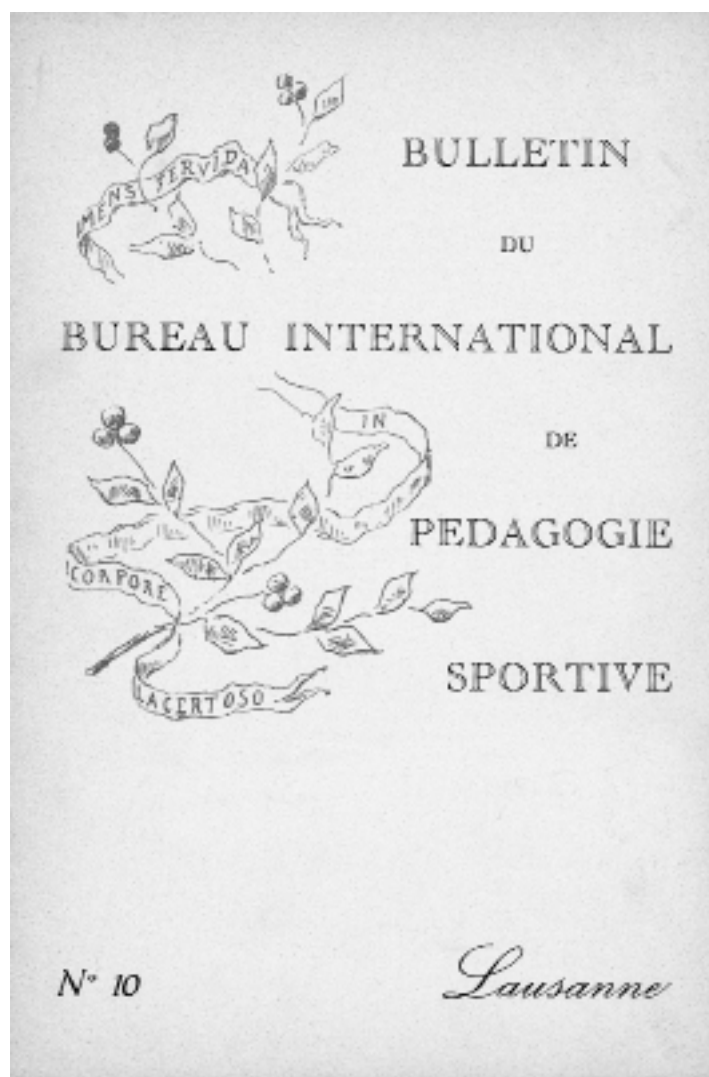
3.15 MENS FERVIDA IN CORPORE LACERTOSO (1911)

O esporte moderno tende ao excesso, escreveu Coubertin noutro lugar. Por isso necessita também de um lema equivalente ao esforço físico dos atletas e à formação de seu caráter. A frase muito citada do escritor latino Juvenal, “mens sana in corpore sano”, é totalmente inadequada para fazer justiça ao atletismo moderno, pois somente se refere ao caráter higiênico do esporte. Segundo Coubertin, seu lugar é no Museu de História Antiga. A expressão “mens fervida in corpore lacertoso”, cunhada pelo latinista Morlet, coincide exatamente com a ideia do esporte de Coubertin.¹

Tudo passa. As revoluções não somente mudam os governos, mas as fórmulas. A pobre e antiga *mens sana*, que serviu de tema para a retórica de tantos oradores tem sido relegada ao Museu de Antiguidades. Ninguém se atreverá mais a comentá-la nas cerimônias de entrega de prêmios nem a encontrar nessas cinco palavras uma fórmula de inquestionável sabedoria. Será substituída por novas palavras. Nosso século frenético de repente se deu conta de que pregava uma fórmula transmissora de mediocridade e inércia. Ser sadio: belo tema! Pode-se conquistar o mundo com qualidades negativas? Convém, no entanto, fazer algumas distinções. O corpo sadio não é ainda a regra geral e, lamentavelmente, o espírito sadio é algo igualmente raro, se não mais ainda mais. Desejar ao próximo este duplo benefício não é, portanto, apetecer para ele desejo supérfluo. E esse desejo contém uma feliz convocação ao esforço individual com o fim de adquirir, na medida do possível, a preciosa “saúde”, fonte de equilíbrio e, portanto, de tranquilidade; quase se poderia dizer: de felicidade. Mas é certo que tal ideal tem algo excessivamente médico para ser apresentado ao caráter ambicioso dos “sportsmen”. O *mens sana in corpore sano* é algo excelentemente higiênico, mas certamente não atlético. Isto entristecia o Sr. Coubertin. Tampouco lhe bastava algo claramente atlético. Queria o Olímpico. Decidira que o espírito deveria ser ardoroso e que o corpo estivesse em forma. Falemos disso! Com jovens assim cabe dar belas “festas da Sorbonne”, jovens que fingiam ser muito cultos e que no meio de um diálogo introduziam com a maior facilidade uma finta digna dos melhores lutadores. Chamou para ajuda-lo um perfeito latinista, o Sr. Morlet, antigo diretor do liceu Michelet, e este literato amigo dos esportes encontrou em seguida os termos mais adequados para traduzir na linguagem de Cícero o novo pensamento. A fórmula desejada havia nascido. Foi proclamada noutra ocasião em Budapeste, com a imediata aprovação do auditório. O húngaro é, justamente, um pouco assim. Basta de “fervidus”, melhor “lacertosus”. Aplausos fervorosos. A fórmula partiu para dar a volta ao mundo. Ei-la aqui gravada em bronze na comemoração das últimas manifestações Olímpicas. Cai muito bem. Os senhores adeptos da higiene seguem com sua *mens sana* debaixo do braço e seu *corpore sano*; se sabem empregar essa fórmula, tirarão dela um excelente partido. Aos senhores atletas compete manter um belo equilíbrio entre o ardor petulante do espírito e a atrevida agilidade do corpo. Isso será como voar num aeroplano. Pode-se cair: alguém pode inclusive morrer nas asas desse balanceio, mas ao final seria glorioso; os que não caem tem a possibilidade de alcançar os mais altos cumes do perfeito Olimpismo.

“Mens fervida in corpore lacertoso”, em:
Revue Olympique, julho de 1911, p. 99-100.

1 Sobre este mesmo lema, ver adiante os textos 5.1/10 e 5.2/4.



"Mens fervida in corpore lacertoso" – "um espírito ardoroso num corpo bem treinado" reflete a perfeição como Coubertin entendia o esporte. O próprio Coubertin desenhou a capa com este lema. (Coleção Navacelle)

3.16 O ESPORTE E A QUESTÃO SOCIAL

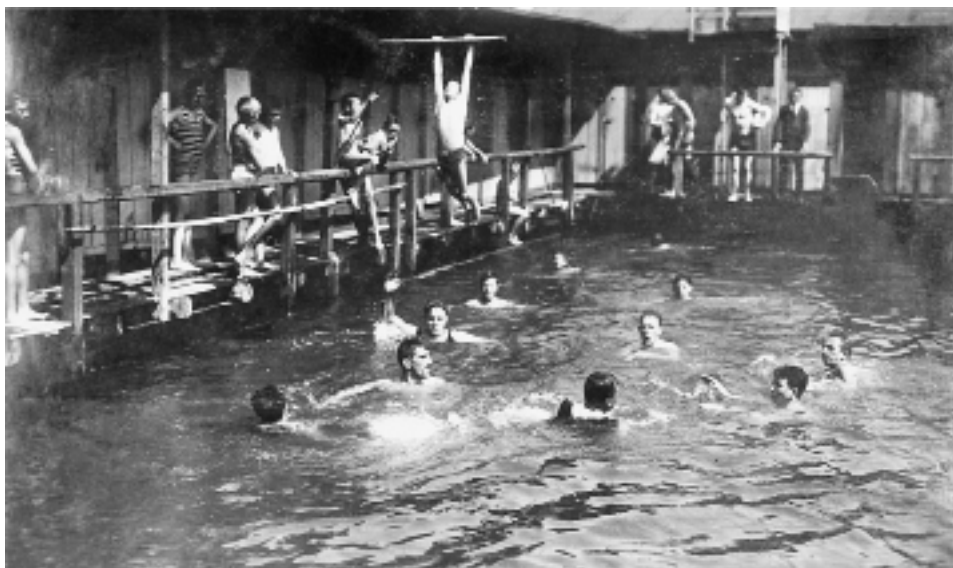
O congresso Olímpico de psicologia desportiva de Lausanne em 1913 havia despertado uma crítica veemente num periódico suíço de esquerda. Coubertin se vê obrigado a expor a relevância social do esporte. Acentua a igualdade de todos os atletas no estádio; Todas as associações desportivas estão marcadas por dois conceitos: ajuda mútua e competição. Essas também são a base da democracia moderna. Desta forma, a questão social do esporte se torna parte de toda luta humana em favor da justiça. Sem dar-se a conhecer como seu autor, Coubertin cita a estrofe correspondente da “Ode ao esporte” com a qual ganhou em 1912 a medalha Olímpica de ouro em literatura em Estocolmo.¹

A violência com que se tem atacado o congresso de Lausanne num jornal socialista-revolucionário helvético não mereceria mais atenção se não tivessem sido feitos noutro lugar e quase ao mesmo tempo outras tentativas para criar agremiações desportivas socialistas. Esta conexão responde sem dúvida à dupla corrente que se manifesta nesses meios sobre o papel social que pode desempenhar o esporte em nossos dias. Papel importante, ainda que claramente pacificador, razão pela qual seu progresso interessa precisamente a certos socialistas e irrita a outros. O progresso do esporte perturba os partidários da luta de classes e é visto com simpatia pelos que confiam em meios mais suaves para produzir as mudanças que desejam na organização da sociedade.

A prática dos exercícios desportivos não produz igualdade de condições, mas igualdade de relações, e é provável que neste assunto a forma seja mais importante que no fundo. Depois de tudo, quem se atreveria a garantir que a igualdade de condições produz a paz social? Nada mais incerto que isso. Não acontece o mesmo com o igualitarismo das relações. Cabe afirmar que, numa democracia, esse igualitarismo é um dos mais úteis. O exemplo da América, ainda que não tenha passado tempo suficiente para extrair conclusões sociológicas definitivas, nos proporciona uma prova interessante do que é preciso avançar nesse caminho. Certamente, há poucos países nos quais as condições sejam mais desiguais e as relações mais igualitárias. E, no entanto, a paz social tem reinado até agora ali muito mais completa e solidamente que em qualquer outro lugar.

O igualitarismo – mais fácil de estabelecer, desde cedo, num país jovem – não nasce nem se mantém em nenhum outro âmbito que não seja no campo desportivo, onde se impõe primeiro pela roupa. O uniforme desportivo não procede de um grande rebuscamento, senão que se simplifica gradativamente a medida em que se estende o costume do desnudo. Neste âmbito logo não haverá outra elegância que a forma do corpo e a qualidade da pele. As diferenças sociais nada têm a ver com uma desigualdade baseada nessas qualidades. Depois da roupa vem o gesto. Quem será o mais forte, o mais rápido, o mais resistente? Chegou, sem dúvida, o momento de repetir com os autores da Ode ao esporte de Estocolmo:

1 “Ode ao esporte”. Ver adiante texto 5.3/10.



As características peculiares do esporte foram especialmente importantes após a Primeira Guerra Mundial.

A natação era popular para todos, jovens e adultos. As instalações primitivas desta piscina em Bingen am Rhein em

1922 não são um empecilho para o deleite dos nadadores. (Coleção N. Müller).

*O Sport, du bist die Gerechtigkeit!
Vergeblich ringt der Mensch nach Billigkeit und Recht
In allen sozialen Einrichtungen;
Er findet beide nur bei Dir.
Um keinen Zoll vermag der Springer seinen Sprung zu höhen.
Nicht um Minuten die Dauer seines Laufs.
Die Kraft des Leibes und des Willens Spannung ganz allein
Bestimmen die Grenzen seiner Leistungen.²*

Mas não é somente o fato desportivo que engendra o igualitarismo; são também os detalhes que o rodeiam, o que o antecede e o que o sucede. Ele não é produzido habitualmente mas graças a certas doses de trabalho manual e com a ajuda de um colega e que, chegada a hora, deveis evidentemente lhe devolver sem ter minimante em conta a posição que ocupa. Por outro lado, a consideração a que ambos tendes direito no terreno desportivo não se mede nem pela qualidade de vossos antepassados nem pelo número de ingressos de mil francos. Mede-se por vossa força muscular, vossa energia física e vosso esforço.

² Oh Esporte, tu és a Justiça! A perfeita equidade em vão perseguida pelo homem em suas instituições sociais, ele a encontra somente em ti. Nenhum centímetro pode superar o salto do atleta, nem um minuto a duração de sua corrida. Somente as forças físicas e morais determinam os limites de seu desempenho.

Nesta breve análise acabamos de tocar dois pontos sobre os quais é preciso insistir porque permitem elevar a questão a um nível mais alto. Acabamos de ver duas características do esporte dentre tantas outras bases necessárias para que qualquer agremiação desportiva possa prosperar. Estas características são a *ajuda mútua* e a *competição*. À primeira vista se pensará que possuem um valor desigual. Teoricamente é assim, mas na prática é preciso reconhecer que ambas valem o mesmo. A competição por si só não cria em absoluto o espírito desportivo sem o qual esse grupo tem a certeza de desaparecer, mesmo que chegue a se formar. O esporte exige ao seu redor uma emulação intensa e uma camaradagem sólida. Todos os que têm alguma experiência a este respeito confirmarão o que acabo de dizer. O esporte baseia-se, portanto, na ajuda mútua e na competição.

Então, estes mesmos princípios são o cimento da democracia moderna. As condições étnicas, econômicas, industriais e científicas na quais se desenvolvem e evoluem as nações atuais impõem a prática de uma competição individual dura e permanente. Nada indica que o rigor deste regime vai enfraquecer. A ajuda mútua fornece um atenuante indispensável sem o qual seria preciso temer não tanto o retorno à barbárie de outrora, mas a uma certa barbárie que talvez não seja muito melhor que a antiga. Felizmente, a ajuda mútua aparece em qualquer lugar; diria-se que é como uma erva que cresce completamente sozinha ao lado do veneno que lhe servirá de antídoto. O sentimento de solidariedade se extingue numa sociedade que pressente nele uma condição vital para o equilíbrio e a saúde. É algo inconsciente e geral.

O esporte aparece, portanto, como uma escola que prepara excelentemente para a vida atual – e que também de forma excelente produz a paz. Observemos que os princípios da competição e da ajuda mútua estão unidos por um vínculo muito íntimo com o igualitarismo do qual falávamos a pouco, não aquele das condições, mas aquele das relações; não aquele dos “recursos”, mas aquele que se poderia chamar de igualitarismo das “formas”. Desse modo, tudo funciona, e se concebe perfeitamente que o esporte atue num sentido inverso ao que fomenta a luta de classes. Destrói a inveja em função da justiça absoluta e quase matemática a qual apela. Expulsa o mau humor substituindo-o pela alegria de viver. Reduz as distâncias, chegando inclusive a anulá-las em certas ocasiões; inverte a organização social colocando um modesto artesão acima de um príncipe. Dá vida ao espírito de luta, ao espírito de esforço, ao espírito de risco e atenua a brutalidade perturbadora e a rudez excessiva que poderia gerar o gosto pela luta, pelo esforço e pelo risco... Que outro fator cabe encontrar tão capaz de exercer semelhante influência nas relações sociais? Não convém deixar de insistir que esta influência é exercida inteiramente no sentido da paz. Entretanto, há socialistas que a temem porque suas concepções medíocres e em grande medida inconfessadas são contrárias a ela e a comprometem. Há outros que não buscam, certamente, senão o bem público do modo como eles o concebem, e se mostram dispostos a aproveitar o reforço inesperado, vigoroso e aceito por todos que o esporte traz consigo.

“Le Sport et la question sociale”, em:
Revue Olympique,
agosto de 1913, p. 120-123.

3.17 CARTA OLÍMPICA V: PEDAGOGIA OLÍMPICA

Coubertin fala pela primeira vez neste importante artigo para os leitores da *Gazette de Lausanne* de uma “pedagogia Olímpica” que necessita de “fatores permanentes” para sua realização. Coubertin refere-se com isso à liberdade individual de cada um quanto ao momento de poder praticar o esporte, de derivar disso a igualdade e a fraternidade e de se envolver na reconstrução do estado democrático após o colapso da Primeira Guerra Mundial. Coubertin reclama a participação do Olimpismo para a obtenção dos Direitos Humanos. Desse modo, ele se antecipa de maneira quase profética aos acontecimentos modernos. A pedagogia Olímpica é por isso um princípio vital fundado na prática desportiva.

A pedagogia Olímpica, da qual se falava noutro dia que descansava ao mesmo tempo no culto ao esforço e à euritmia – e, por conseguinte, no gosto pelo excesso e pela moderação, combinados – não se contenta com que, a cada quatro anos, nos Jogos Olímpicos, tenha a oportunidade de ser glorificada universalmente, senão que é preciso que ela tenha suas fábricas permanentes. A fábrica Olímpica da antiguidade foi o ginásio. As Olimpíadas foram restabelecidas; mas o ginásio antigo não. Deve sê-lo.

Deve sê-lo, principalmente, porque as instituições municipais irão representar o principal papel no mundo futuro. O Estado, gostemos ou não, está a ponto de quebrar. O grande ídolo recebe, no entanto, a adoração de fiéis mais numerosos que nunca. Os oráculos, porém, permanecerão calados daqui para frente. Nos bastidores, o colégio confessional está em desordem; sente-se que a está chegando a ruína fatal.

Os que querem conservar a antiga armadura social, ajustando-a, e os que a querem substituir por uma nova, têm o mesmo interesse em fazer da cidade a célula essencial de sua atividade. Vai-se acudir a ela de todos os lados, pedindo pra que ela solucione os mais diversos problemas. A era dos grandes impérios acabou. Prepara-se uma formidável desintegração em todos os setores. O movimento que levou a Europa, desde séculos, à aglomeração dos povos e à unificação administrativa, dá lugar ao desejo de realizar a igualdade social, que se conseguirá localmente. A satisfação das fronteiras mais amplas, e a *belezza* da uniformidade burocrática não impressionarão mais as massas.

Na cidade moderna que vai surgir – como em sua ilustre precursora, a cidade grega –, o ginásio está destinado a ocupar um lugar essencial. Levantemos, pois o plano de seus pórticos indispensáveis.

“Lettre Olympique XII” em:
La Gazette de Lausanne, n. 325,
28 de novembro, 1918, p. 1-2.

3.18 O OLIMPISMO NA ESCOLA: É PRECISO INCENTIVO

Ao escrever este artigo, Coubertin previa uma série de cursos permanentes no Centro Mediterrâneo de Nice. Seu tema era o “Olimpismo”.

Durante a inauguração e devido à sua idade avançada, ele só pôde dar uma série de três cursos, mas não assumir os cargos e funções que representa uma “cátedra para o Olimpismo”.

Desse modo, a existência desta cátedra em Nice teve uma curta duração.

A criação de uma “Cátedra de Olimpismo” no Centro Universal Mediterrâneo de Nice abre uma porta que, apesar das aparências, ainda não estava aberta. Embora permaneça uma obsessão para muitas cabeças inconscientemente retrógradas, a pretensa antinomia entre o Músculo e o Espírito já não tem grande público. Um auditório juvenil iria rir dela. Mas disso a admitir que a tese de que sua aliança fecunda poderia entrar oficialmente no âmbito pedagógico haveria um longo percurso, e mais que um passo, exigiria um grande salto. É preciso agradecer ao Sr. de Monzie pela ajuda. O Sr. Monzie gosta das novidades, especialmente quando estão adornadas com túnicas clássicas. E este é um dos casos. Além disso, trata-se de um princípio essencialmente mediterrâneo. Mas até que ponto? O Olimpismo não nasceu espontaneamente nem em Roma, nem no Egito nem, é claro, em Cartago; nem entre os lígures, nem, pois, entre os cretenses; é total e exclusivamente grego. Há todo um preâmbulo histórico para se levar em conta. Por outro lado, o que pensa a Ásia sobre isso? O que tem para nos dizer os hindus (exceto Alexandre), os japoneses e os chineses? E os escandinavos e os germânicos, e os quéchua ou os maias?... Pode-se facilmente provar que o instinto desportivo aparece em muitos povos – não em todos –, inclusive desde suas origens. É este o Olimpismo? Em absoluto. Para que o Olimpismo se manifeste é necessário que o instinto desportivo seja cercado por preocupações estéticas, bem como por preocupações morais, que convide a filosofia para que arbitre suas competições e que a religião nacional, laica ou não, seja de certo modo seu pano de fundo.

Tudo isso estava em estado germinal, o que não deixa de ser singular, nesse Olimpismo inconsciente que esteve a ponto de ser produzido na Idade Média, cuja ascensão foi rápida porque estava cheio de seiva e que murchou também muito rapidamente por vários motivos, mas principalmente porque nunca foi um assunto de Estado, um tema pedagógico, como havia sido o Olimpismo antigo. E desse modo, a Cavalaria se dispersou e desapareceu. Brilharam alguns aspectos desse ideal, duas vezes consagrado pelo prestígio, no pensamento de Ling de Jahn e de Thomas Arnold? Encontram-se suas marcas na obra insegura, quando não destroçada de Amoros?

Tudo isso não é somente história; é também biologia considerada sob um ponto de vista psíquico, que tão obstinadamente e durante tanto tempo não foi levado em consideração. Mesmo num esquema sumário, a educação Olímpica revela sua riqueza e sua diversidade.

Durante o período “intelectual” da vida do Comitê Olímpico Internacional, quando a Revue Olympique era seu órgão de expressão e, especialmente, durante os primeiros quinze anos do século XX, mais ou menos desde o congresso de Le Havre (1897) até a guerra, esses assuntos foram indicados e discutidos. Nessa úl-



A Coubertin foi concedida uma “Cátedra de Estudos Olímpicos” no Centro Universitário

**Mediterrâneo de Nice, 1931.
(Fotografia: N. Müller)**

tima época, a Oficina Internacional de Pedagogia Desportiva ganhou importância. É evidente que uma iniciativa como a que indicamos no início deste artigo é de tal natureza que lhe permitirá se aceitar como uma opinião que até agora permaneceu deliberadamente afastada e distante. Dessa forma, a Pedagogia desportiva estará definitivamente chamada a ocupar o lugar que lhe corresponde por seu objetivo, tal qual o havia definido, faz vinte anos, o congresso de Lausanne.

“L’Olympisme à l’école. Il faut l’encourager”, em:
La Revue Sportive Illustrée,
ano 30, 1934, número especial, (p. 36).

3.19 CARTA OLÍMPICA VI: PANEM ET CIRCENSES

A sexta Carta Olímpica aos leitores da *Gazette de Lausanne* se ocupa da questão fundamental do valor da prática desportiva para a maioria da sociedade. Para Coubertin a resposta encontra-se unicamente na prática desportiva regular, considerando a derrocada das monarquias e a nova ordem mundial após o desastre da Primeira Guerra Mundial. O esporte vai permitir aos homens uma convivência social duradoura e vai devolver a fé no futuro à juventude de cada país.

A humanidade sempre pediu a seus dirigentes, ao mesmo tempo, a diversão e a subsistência. “Panem et circenses”, pão e circo, pedia o mundo romano. A fórmula de hoje não é mais educativa mas mais vulgar: “Batata e cinema” é o que pede a massa. Já temos Secretarias oficiais para as batatas e corremos o risco de ter algum dia Ministérios de cinematografia. Não se poderia encontrar algo melhor?

Olhemos ao nosso redor e vejamos como se dividem as necessidades gerais da época. Parece que todos se esforçam por conseguir, em primeiro lugar, uma organização do trabalho, distribuído e remunerado conforme de acordo com princípios mais justos; em segundo lugar, uma delimitação mais clara entre o domínio dos serviços públicos e o da iniciativa privada, cujas fronteiras são traçadas de modo impreciso e às vezes absurdo; finalmente, tende-se para uma educação ao alcance de todos e não monopolizada pela minoria. Mas todas essas pretensões correm o perigo de permanecer estéreis, se não se chega a criar um centro de espetáculos e de prazeres vulgares, no qual se possam encontrar em torno de uma ideia simples, clara, tangível, por assim dizer, todas as idades e todas as profissões, bem como todas as opiniões e situações. Não pensem que uma democracia possa viver normalmente se seus concidadãos não têm mais que leis e eleições como ponto de união. Outrora havia grandes solenidades externas da Igreja, e fastuosas pompas da Monarquia. Como quereis substituí-las? Por inaugurações de estátuas e discursos de levita? Não é possível.

Não há mais que um culto possível de engendrar hoje a união cívica permanente: aquele que seja organizado entorno dos exercícios da juventude, símbolo da perpetuidade da raça e das esperanças da nação.

E além disso, este culto assestará o golpe definitivo ao álcool.

“Lettre Olympique VI”, em:
La Gazette de Lausanne, n. 331,
4 de dezembro, 1918, p. 3.

3.20 CARTA OLÍMPICA VIII: FORMAÇÃO DO CARÁTER

Exercício físico para o equilíbrio orgânico ou para a aquisição de força física? No texto a seguir, Coubertin procura explicar aos leitores da *Gazette de Lausanne* essas duas funções diferentes.

O alfa e o ômega de tudo o que dissemos até agora é a distinção que devemos sempre enfatizar entre o exercício físico como mero agente de compensação orgânica e o exercício físico como criador da força moral e força nacional. No primeiro caso, simplesmente traz o equilíbrio do movimento moderado e na medida certa a um adolescente ou homem jovem cuja existência é demasiado sedentária ou demasiado cerebral; desempenha então o mesmo papel em relação à saúde do indivíduo que o que desempenha a polícia em relação à segurança pública. No segundo caso, o exercício físico – se concebido e aplicado de maneira correta – pode ajudar a forjar o caráter, tornar a polir uma comunidade, e, inclusive em tempos de democracia, oferecer um vínculo de união entre as classes sociais diferentes. Ultrapassa então suas estreitas fronteiras fisiológicas, e se estabelece no epicentro da educação entre a psicologia, por um lado, e a arte, por outro lado, e se converte em fator primordial de progresso geral. Foi assim na antiga Grécia; foi quase assim na Idade Média; e assim voltou a ressurgir no mundo moderno, primeiro de forma inconsciente entre os anglo-saxões nos tempos de Kingsley e Thomas Arnold, e depois de forma mundial e definitiva com restabelecimento dos Jogos Olímpicos proclamados em Paris em 1894.

O erro consiste em pensar que estas duas concepções do exercício físico são paralelas e devam ser regidas por normas comuns. Na verdade, são divergentes, tanto em objetivos quanto em métodos. Uma exalta o esforço, enquanto a outra o teme; uma busca o perigo, enquanto a outra o proscreeve. Isso explica a diversidade de suas funções. O exercício físico sempre é adequado para equilibrar um organismo. Se os homens não se preocupam em ter isso em mente, será em detrimento da saúde da próxima, senão de sua própria geração. Mas, por outro lado, somente em certas épocas históricas se chega a um consentimento geral de que exercício físico cumpre uma tarefa de renovação, de restauração, de rigor geral. Vivemos numa dessas épocas.

“Lettre Olympique VIII”, em:
La Gazette de Lausanne, n. 341,
14 de dezembro de 1918, p. 1-2.

3.21 DISCURSO PROFERIDO EM AGOSTO DE 1920 NA PREFEITURA DA ANTUÉRPRIA: O ESPORTE É REI

Em 1920, Coubertin aproveita a abertura da XIX sessão do COI em Antuérpia, na presença do rei da Bélgica, para justificar a prioridade do esporte sob o lema: “O esporte é rei”. Isso é devido a três elementos: trabalho progressivo, devoção inquebrantável a um ideal sem interesses, e prestação de serviço cotidiano a todo o mundo.

De acordo com Coubertin, o esporte estabelece os princípios que configuram toda a ordem democrática. Por essa razão, também usa seu pronunciamento para fazer um apelo a que os jovens do proletariado tenham acesso livre ao esporte.

O esporte é rei. Podemos por acaso duvidar de sua realeza diante dos testemunhos numerosos e esplendidos que se nos apresentam todos os dias? E sobretudo isso: depois de uma tormenta de violência e amplitude incríveis, o curso das Olimpíadas modernas foi retomado em seguida, com uma firmeza cujo exemplo não foi superado nem pela antiguidade. Isso, sem dúvida, deve-se em grande parte à Bélgica. Ao recorde de honra nacional que se atribuiu em 1914, ela quis somar, em 1920, aquele da organização inteligente e rápida ou – se me for permitido usar um termo menos acadêmico que expressivo – o de “manha”. Ela também conquistou este recorde. E nessas circunstâncias, seu mérito, longe de diminuir, serve para aumentar o poder desportivo, cujo emblema e demonstração são os Jogos Olímpicos.

No entanto, toda realeza está rodeada de perigos, e o porvir do esporte, apesar de coroado pelo favor dos povos e o entusiasmo da juventude, não é uma exceção. Para nós, que de algum modo formamos sua chancelaria universal, nos é preciso assegurar, dentro do possível, a perenidade de seu poder, trabalhando para torná-lo cada vez mais eficaz e prestigioso. Quais são os elementos que constituem a solidez autêntica de um trono? É neste país, precisamente, que convém fazer esta pergunta. A receita está ao alcance da mão e, para colhe-la, basta olhar ao nosso redor.

Três são os elementos que dão segurança à monarquia para o futuro: o trabalho progressivo dirigido por uma audácia prudente; o culto incansável do ideal e do desinteresse, e a adaptação cotidiana ao bem comum, a serviço de todos. Tendo estes dons preciosos, podemos estabelecer o plano útil de uma sábia política desportiva.

I

Os progressos do esporte, sobretudo os técnicos, não se têm interrompido desde que o esporte voltou a ocupar seu espaço no campo da pedagogia. Tenhamos cuidado para que o ponto de vista técnico não obscureça o pedagógico, pois este último exige que as coisas sejam feitas com certa discrição e não se dá bem com as charangas e os jogos de aparência. Não seria progresso – muito ao contrário! – se confundindo a educação física preparatória com a pedagogia desportiva, cheia esta última de recurso ainda por explorar, caíssemos em organizações estatais com mais burocracia, um mandarinato, com promoções e inspetores permanentes. Não seria um avanço se a publicidade agressiva da imprensa contribuísse para preparar para o amanhã, sob pretexto de propaganda, a onda de desfavor que segue infalivelmente à influência sempre artificial da moda sobre a opinião pública. Tampouco seria um

avanço se o pedantismo científico invadissem esse domínio e se os instrutores desportivos, preocupados com a busca do método modelar de treinamento dos músculos, se transformassem em adeptos exclusivos de um jacobinismo fisiológico, tão cheio de disciplina e uniformidade como o jacobinismo político. Ao esporte falta a necessária liberdade; é necessário o respeito à individualidade; a cada um a possibilidade de adaptar as boas ou más particularidades de sua natureza ao exercício tanto daquelas que lhe trazem vantagens como daquelas que lhe retiram a força... Qual será então o progresso desportivo? Qual caminho devemos buscar? É muito simples. Procuremos facilitar a prática cotidiana dos esportes, multiplicar as ocasiões favoráveis que atraem o indivíduo, simplificar os regulamentos complicados, destruir as barreiras inúteis. Coloquemos por toda parte, ao alcance da mão, os aparelhos desportivos; busquemos seu aperfeiçoamento, ao mesmo tempo que sua fabricação a preço baixo; procuremos aproximar os diferentes esportes, combiná-los, exaltá-los pelo prazer de seus contrastes ou pela harmonia de suas semelhanças... Eis aqui as atividades que devem nos atrair e às quais podemos nos dedicar com toda confiança.

II

De todos os modos, não se conseguiria nada se este aperfeiçoamento material não fosse acompanhado por um aperfeiçoamento moral, completamente necessário.

Para ameaçar o esporte, o mercantilismo não esperou pelo espantoso reforço que lhe foi trazido pelos acontecimentos recentes. Os grandes movimentos desportivos que marcam a história, o do atletismo grego e a cavalaria da Idade Média, tiveram que aguentar seus assaltos. Se acabaram por perecer foi após uma longa e brava resistência. O movimento moderno estava apenas se esboçando, quando a corrupção já tratava de penetrá-lo. E por corrupção não se deve entender somente o proveito, o lucro do dinheiro que, direta ou indiretamente, tenta de mil maneiras engenhosas o atleta, o campeão, mas também a destruição do espírito de cavalheirismo. O dia no qual o esportista deixar de colocar acima de tudo a alegria do seu próprio esforço, e a embriaguez do poder e equilíbrio corporal que dele deriva; o dia em que se deixar dominar pelas considerações da vaidade ou do interesse, nesse dia seu ideal se acabará e o valor pedagógico deste ideal, se pudermos empregar esta expressão, diminuirá irremediavelmente.

Por isso, nestes tempos em que a sede pelo ouro acumula tantos males e, após haver provocado o holocausto infame, ameaça a comprometer as liberdades alcançadas pelo valor e pelo heroísmo daqueles que foram suas vítimas; nestes tempos nos quais a consciência parece às vezes perder seus direitos, nos quais a devoção à palavra dada parece debilitar-se, é completamente necessário que se abra, para a juventude, uma escola de cavalheirismo prático, na qual se aprenderá que o êxito não é obtido senão mediante força de vontade e perseverança, e não se o consagra senão por meio da retidão e da lealdade. Esta escola será o esporte.

Sem negar, por outro lado, o valor dos regamentos, é necessário reconhecer que sempre serão instrumentos insuficientes para a depuração desportiva. O valor de uma lei está nos homens que a aplicam. Também aqui é preciso considerar os homens. A direção das agremiações desportivas está, com muita frequência, nas mãos de profissionais da administração ou da política, em todo caso, de pessoas estranhas

**Prefeitura da Antuérpia,
sede da XIX sessão do
COI em 1920. Os Jogos
da Antuérpia**



representam um ponto de inflexão e um novo começo dentro da história Olímpica. Durante a sessão do COI na Prefeitura, o próprio Pierre de Coubertin levantou a questão da participação da classe trabalhadora. Após os Jogos de 1920,

as mulheres desportistas criaram uma nova força internacional mediante a formação da *Fédération Sportive Féminine Internationale* (Federação Desportiva Feminina Internacional), que obrigou o conservador COI a fazer um

esforço para manter o controle sobre o esporte feminino. (Texto extraído de R. Renson, *The VII Olympiad: Antwerp 1920. The Games Reborn*. Amberses/ Gant: Pandora/ Snoeck-Ducaju, 1996, p. 91. Imagem: cartão postal)

a toda atividade desportiva. O perigo tem sido denunciado muitas vezes. Um ministro australiano declarava, não faz muito, que seria conveniente votar uma proibição que impedisse ao que nunca jogou futebol assistir a uma partida importante. Uma saída, sem dúvida, mas que sublinha com precisão a tendência que deveriam seguir os esportes. Quanto ganharia o boxe, este esporte maravilhoso e masculino, se fosse separado e preservado do público que se acostumou a se agrupar em torno dele e de conduzi-lo a uma escandalosa exploração dos músculos de seus melhores campeões! Quem sabe surjam outros remédios; este é o mais prático e mais exequível aos nossos meios: que as agremiações desportivas tenham muito cuidado com o oportunista que se oferece para dirigi-las e, na verdade, não pensa senão em utilizar os músculos alheios para construir sua própria fortuna política ou fazer prosperar seus próprios negócios.

Estamos aqui diante do terceiro elemento que assegura a solidez da soberania desportiva; quero dizer a conquista das massas, que a organização, como está concebida, não tem podido alcançar. Como teria podido fazê-lo? Trata-se daqueles que são chamados de proletários, tomando este termo no sentido pejorativo de deserdado social. Soou a hora de sua revanche porque, é preciso reconhecer, já não podemos fazer mais nada sem eles; eles são o número, e o número afoga a uma elite que não soube ser sempre digna de seus privilégios. Mas o proletariado não está preparado para desempenhar seu papel; não foi instruído, não se lhe soube mostrar o inventário de riquezas contidas no templo intelectual cuja conservação, em parte, vai depender dele. Sobretudo não se fez nada para dissipar a hostilidade – não, sejamos sinceros e digamos as palavras que convém, para acalmar as cóleras concentradas, os ódios acumulados que formam o inquietante substrato do novo solo em formação.

O esporte tem um enorme poder apaziguante. O homem exasperado que quebra uma cadeira, acalma-se em seguida, mas a custos de destruir um móvel e diminuir sua dignidade. Que recorra ao exercício intensivo: o efeito será o mesmo, porém sem destruir nada; ao contrário, produzirá uma força imensa e armazenada. Meu ilustre amigo Theodore Roosevelt sabia disso quando ao iniciar sua carreira política, e tendo sob sua jurisdição a polícia de Nova Iorque, se atreveu a abrir salas gratuitas de boxe nos bairros mal afamados, o que trouxe uma diminuição imediata e considerável das brigas sangrentas que antes eram diárias naquela parte da cidade. Conservemos a lembrança deste incidente; ele nos revela todo um mundo de possibilidades inesperadas. E, sem dúvida, seria necessário desenvolver também um tema, ainda que fora de moda, e sobre o qual vocês – não creio que se sintam incomodados, senhores, se o digo – até agora não têm tido oportunidade de pensar. O alcance filosófico da questão baseia-se no fato de que os esportes repousam sobre uma curiosa e fecunda combinação de igualdade e desigualdade. Um recorde desportivo é um limite ao qual o homem chega mediante a colaboração das forças com as quais foi dotado pela natureza e aquelas desenvolvidas por ele mesmo, com a energia de seu caráter. Sua situação social, o nome ou a fortuna que herdou de seus pais, nenhuma influência tem nisso. O fato de que seja príncipe ou artesão, não o faz elevar-se nem um palmo a mais num salto, nem aumentará em 50 centímetros a distância do percurso que, corredor, nadador ou remador, possa realizar num tempo determinado. Mas a natureza dividiu de forma muito desigual essas forças entre os homens, e os azares da existência se encarregam de aumentar a desigualdade da partilha. Assim temos juntas, por um lado, a nulidade das distinções sociais estabelecidas pela humanidade e, por outro, a afirmação dos caprichos aristocráticos da natureza. Do mesmo modo, na prática dos esportes estão em germen os princípios que servem de base e de ponto de partida para toda a democracia razoável. O que faz para tirar proveito das particularidades tão favoráveis para a educação da democracia, e tão próprias, por outro lado, para servir de amortecimento às pressões sociais demasiado brutais? Simplesmente isso: que a aprendizagem e o entretenimento desportivos sejam colocados, gratuita ou quase gratuitamente, à disposição

da juventude proletária. Quem vai garantir isso? O Estado, os municípios, os sindicatos...? Sem dúvida, cada um terá uma função a cumprir, de organização, de propaganda, de manutenção financeira. Não poderiam dedicar-se as federações, as sociedades existentes, a esta grande obra social e, deixando de lado seus regulamentos de outra época, desligando-se do estreito sindicalismo que começa a invadi-las, não poderiam abrir cursos gratuitos para todos os esportes?

Se não fazem isso, sua utilidade será sempre mais restrita; o dia que entrarem por esse caminho serão realmente de utilidade pública.

Peço desculpas, Sr. Rei e Senhores, por ter sido ao mesmo tempo demasiado extenso e demasiado breve. O que pretendi oferecer foi uma visão geral, tomada desde um avião, de uma região muito vasta. Vossa majestade, que costuma viajar neste rápido e arriscado meio de transporte, me perdoará. A VIIª Olimpíada é celebrada no cume dos montes que separam dois mundos distintos; lembra um passado que pretende continuar, mas os olhares dos que dela tomam parte estão voltados para um futuro que abriga, ao mesmo tempo, grandes perigos e esperanças.

Trabalhemos para evitar os primeiros e realizar as segundas.

“El deporte es rey. Discursos”, em:
Ideário Olímpico, Madrid: INEF, 1973, p. 138-144.

3.22 SOBRE A TRANSFORMAÇÃO E A DIFUSÃO DOS ESTUDOS HISTÓRICOS: SEU CARÁTER E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Nesta conferência, que teve lugar em 1927 na Academia de Atenas, Coubertin enfatizou a necessidade de estudar a história universal dentro do seguinte enfoque: “Em primeiro lugar, temos de ter uma visão prismática do homem e das coisas que lhe dizem respeito; em segundo lugar, temos de substituir o conceito de “causa” pelo conceito de «função».” Nessa segunda parte de seu pronunciamento, Coubertin falou do efeito político do interesse pela História: “A História poderia salvaguardar a paz internacional... A história pode fazer ainda mais pela paz social.” Desse modo, Coubertin demonstrou quanto havia aprendido de seus professores Albert Sorel e Paul Leroy-Beaulieu na École de Sciences Politiques.

Senhor Presidente e Senhores Membros da Academia:

É uma honra inestimável para mim tomar a palavra neste nobre recinto; e a acolhida que me haveis dispensado dobra seu valor. Vinte e quatro horas após o dia em que Atenas acaba de ressuscitar em meu favor uma das formas de homenagem mais invejadas das quais dispunha a cidade antiga,¹ terei, assim, a privilégio de poder, como nos tempos Olímpicos cujo espírito procurei restituir, apresentar-vos um trabalho de ordem puramente intelectual,² concebido e redigido durante os períodos de ócio que me permitia o cargo de Éforo geral dos jogos. E para acabar de helenizar tudo o que me rodeia, talvez seja adequado que eu mesmo tente fazer nestes momentos a crítica da minha obra, colocando em prática o famoso preceito de Sócrates que continuam sendo, como dizíamos nesses dias na Universidade, o fundamento de toda filosofia, uma vez que é, por sua vez, fermento e salvaguarda da razão humana.

I

O que em princípio me propus, Senhores, foi tentar escrever uma história universal dos primeiros momentos nos quais se poderia realizar esta tarefa. A afirmação de que isto não foi assim até estes últimos anos vos parecerá talvez inexata. No entanto, se prestais atenção, o exame dos fatos confirmará minhas palavras. Para ser frutífero, o estudo da história universal supõe a posse – relativa ao espaço e ao tempo – de dados precisos e completos aos quais o espírito possa constantemente referir-se sem esforço nem tensão. Pois bem, acaba de chegar o momento no qual estas condições foram cumpridas. Enquanto as nações se preparavam para choques infecundos, ao mesmo tempo se produzia um acontecimento cuja dimensão passava despercebida. Por acaso não é o sucesso cheio de consequências, muitas vezes, simplesmente o menos percebido? Assim pois, as lacunas que ainda permaneciam na geografia e na história relativas ao encadeamento dos conhecimentos, foram preenchidas, no que dizia respeito aos seus pormenores, onde todavia muito permanece nas profundezas, senão o plano de conjunto, no escalonamento de alguns ho-

1 A atribuição no estádio de uma cadeira de mármore na qual encontrava-se gravado o nome do beneficiário, costume abandonado desde a antiguidade. (Nota original de Coubertin)

2 A *História universal*, oferecida pelo autor da Academia. (Nota original de Coubertin)

rizontes concatenados. Suponho que as jovens gerações só agora se dão conta disso. No entanto, os homens da minha geração não podem esquecer a incerteza na qual cresceram referente às terras polares, às regiões centrais da África e da Ásia, a tantas particularidades do globo terrestre... e ainda mais no que concerne ao passado étnico e político de tantos povos cujos nomes apenas conheciam o respeito daqueles que somente podiam fazer conjecturas. Agora a ciência geográfica e a ciência histórica “têm feito piruetas”. O homem possui os segredos essenciais da sua morada, de sua arquitetura e seu habitat. Isto, Senhores, é uma grande novidade. Disso derivará, como aparentemente teme um engenhoso parisiense, que ao ter perdido o planeta misterioso, seus filhos perderão também o interesse para viver nele, e que, ao não poder ir mais além, se replicarão sobre si mesmos, desencantados e melancólicos? Penso, ao contrário, que o interesse para viver incrementará intensamente graças à esperança de estabelecer, por fim, sobre bases firmes, uma organização humana talvez menos pitoresca, porém mais digna e estável.

No entanto, isto não se produz espontaneamente. Para me limitar ao tema que abordo, o simples fato de que agora seja possível escreve-la não implica que a história seja fácil de assimilar. É preciso, além disso, envolvê-la com uma atmosfera, bem como criar um estado de ânimo que nos torne capazes de captar suas justas proporções, de gozar com ela e de perseverar. Proporção, equilíbrio, medida... necessidades primordiais de nossa época agitada, qualidades sem igual cuja fachada voltada para a arte percebemos sem nos inquietarmos pelas demais que olham para os horizontes sociais e inclusive econômicos, para a vida pública e familiar; e isso de tal forma que os progressos técnicos dos quais nos orgulhamos correm o risco de cair no vazio ou no inferno, a menos que consigamos, graças a uma vontade enérgica, cingir-lhes uma antiga armadura fabricada aqui: a euritmia.

Mesmo que, no que concerne ao emprego da história universal, a vontade de proporção representa um fator indispensável, essa vontade somente intervirá efetivamente auxiliada de forma paralela por determinadas operações do espírito. Indicarei dois, cujos hábitos penso que devemos adquirir neste terreno: em primeiro lugar, a visão prismática dos homens e das coisas, e depois a substituição da ideia de causa pela ideia de função.

A verdade não mora num poço do qual, segundo a fábula, é preciso tirá-la. Reside nele o centro do prisma. Os homens creem-se muito sábios quando, ao tratar ideias e fatos como se fossem superfícies planas, consideram somente seu anverso e seu reverso ou, como eles dizem, o a favor e o contra. Mas, na verdade, a visão que deve se adotar é prismática, e esta somente é conseguida girando ao redor do que quer julgar, e completando, mediante um trabalho reflexivo e livre, as informações insuficientes que a visão nos fornece.

Quando enfraqueceu entre os homens a ideia da sucessão dos impérios por decretos específicos da Providência – tese que nos brindou o discurso admirável de Bossuet –, a ciência foi convocada para administrar um domínio cuja extensão e cujos recursos eu somente conhecia até o momento de modo imperfeito. Instalou nele o princípio de causalidade e se tornou seu intendente geral. Teve que se dirigir a ele em qualquer circunstância e, na verdade, respondeu a toda pergunta por meio de faturas separadas nas quais se registravam os fatos seguindo rigorosas regras de compatibilidade histórica. Esta doutrina implantou pelo menos o costume da



A Academia de Atenas, sede da conferência de Coubertin de 14 de abril de 1927. (Desenhada por A. Castaigne, extraído de The Century Illustrated Monthly Magazine, 1897, p. 387)

investigação dos detalhes e do controle consciencioso, mas é, se podemos falar assim, radicalmente anti-universal. Suas qualidades a condenam a servir à miopia e a desenvolve-la ao fazer isso. A ideia de função procede de forma muito diferente; de origem matemática, contém em si a força suficiente para penetrar e fecundar tudo. Na ordem natural, os fenômenos revelam-se cada vez mais como séries de funções, e não é surpreendente que ocorra o mesmo com a história. De fato, o que falta aqui é a vantagem de poder empregar anotações e gráficos. Na história, a função não se deixa perseguir em campo aberto; se interrompe, se camufla; é preciso exumá-la como se se tratasse de uma investigação arqueológica, mas nem por isso fornece menos luz, nem menos controle. Mediante ela se afirma o paralelismo e a interdependência dos acontecimentos, sem que seja necessário distinguir as causas “primeiras” das causas “segundas”, fixação cuja rigidez e caráter absoluto não se adapta melhor à vida coletiva dos povos que ao movimento dos oceanos. Não se parecem as ações humanas às ondas, distintas e, no entanto, solidárias, sem começo nem fim que se possa apreciar?

II

Em todo estudo histórico, as divisões servem como fio de Ariadne. É difícil prescindir delas. Inclusive aqueles que, como reação aos abusos da divisão e da subdivisão que às vezes beiram o pedantismo buscam tratar seu tema de modo rigoroso, têm se limitado muitas vezes a dissimular sob uma aparente indiferença a classificação prévia à qual haviam recorrido. Quando se trata de história universal, não cabe sequer empregar semelhante artifício. O caso de um romancista que se aventurou recentemente neste terreno, nos levou a considerar quão grande era o risco de cair numa fantasia

cinematográfica. Em matéria de história universal, as divisões não somente têm por finalidade uma melhor distinção das principais peripécias do período, uma melhor enumeração dos estágios de evolução de uma coletividade. Antes de indicá-lo aos demais, é preciso procurar um caminho próprio através de seis mil anos cheios de becos sem saída e de encruzilhadas, ricos em dramas e em anedotas, banhados por luzes desiguais e falazes matizes de claro-escuro. Tudo é proporção, tudo é consciência! A menor inflação do conhecimento especializado, da paixão étnica, da própria forma da crença, provocará erros de alcance considerável. Além disso, quanto mais ampla é a extensão que é preciso dividir, mais se impõem divisões claras, concisas, pouco numerosas e suscetíveis de englobar a totalidade do assunto sem com isso sobrecarregá-las. No entanto, não se poderá evitar o fato de, em determinadas ocasiões, ter que voltar atrás e atravessar clareiras já visitadas: fazer um cadastro por séculos ou por cinquenta anos não seria senão uma forma de nivelamento; fazê-lo por raças ou por nações desembocaria em repetições intermináveis e num desfile carente de relevância e cor. Tais são, entre muitas outras, as principais dificuldades que é preciso vencer. Não me jacto de ter conseguido isso. No entanto, as calorosas adesões ao plano que segui me fazem ter esperança de ter realizado um progresso real. Esse plano é constituído por quatro partes entre as quais cabe distribuir de modo indiscutível, porém justificável, os sessenta séculos devidamente registrados que formam nosso patrimônio imediato: os impérios da Ásia; o drama do Mediterrâneo; os Celtas, os Germanos e os Eslavos; a formação e o desenvolvimento das democracias modernas.

Somente o espírito fragmentário que ainda domina inconscientemente nossa mentalidade pode explicar porque a Ásia manteve-se por tanto tempo fora dos estudos históricos habituais. A Europa está pagando muito caro sua indiferença obstinada a esse respeito. A posteridade ficará impressionada de que reinos como os de Tait-song ou de Akbar o Grande, feitos como a odisseia do budismo, aventuras como as de Baber ou de Hideyoshi, e outros mil acontecimentos de um forte interesse e de um profundo alcance tenham sido relegados a uma espécie de anexo obscuro e fechado, enquanto a memória de estudantes e mestres era consumida retendo tantas nomenclaturas inúteis e tantos relatos insignificantes. A história da Ásia desborda de peripécias cujas consequências pesam sobre nós e cuja trama complexa aprenderemos demasiado tarde a desenredar.

Existe outro conjunto em cujo seio a configuração geográfica tem dirigido e dominado constantemente a história: o mundo mediterrâneo, de onde tudo converge, diferentemente do mundo asiático, de onde tudo diverge desde o centro continental até a periferia. É evidente que o Mediterrâneo não tem sido descurado pelo ensino. No entanto, é necessário que sua autonomia histórica seja convenientemente respeitada. E somente o fato de que os programas não saibam onde situar a epopeia normanda acentua o caráter defeituoso das exposições atuais.

Além disso, há um terceiro conjunto, notável pela característica contrária. Neste caso, a ausência de geografia, se assim é possível dizê-lo, atrasou e complicou a marcha da humanidade. Da ação conjunta ou adversa de três grandes raças surgiu finalmente a Europa, até então sem limites internos e sem uma alma definida. Estes aspectos gerais são fáceis de compreender, mas as realidades que englobam podem ser esquadrinhadas indefinidamente. O mesmo acontece com uma obra de arte, cuja silhueta é acessível para todos, mas cuja análise levará o crítico ou o artista até seus menores detalhes.

Convém buscar a origem das democracias modernas no início do século XVI, quando a imprensa acaba de dar à luz a semente primordial de toda a divulgação. A luta que essas democracias têm mantido contra as formas distintas de imperialismo, que se renovam constantemente, ainda não terminou. Nisso a América desempenhou o papel principal. Ao seu apelo responderam todas as formas de atividade, e o continente americano ocupou seu lugar na história universal. Como ocorrera com a antiga Ásia, tampouco se lhe havia encontrado um lugar; considerava-se que uma dormia em seu sono opiômico, e que a outra estava unicamente ocupada em contar seus dólares. Os mal-entendidos procedentes desta última concepção têm estado particularmente carregados de consequências onerosas. Somente o fato de ter acreditado durante muito tempo que as comunidades urbanas, fortemente estruturadas, se contentariam ao se desenvolver com semelhante ideal, implica uma ausência de sentido histórico capaz de fazer duvidar dos métodos pelos quais na Europa se jactavam de saber cultivá-lo.

Tomemos partido e aceitemos uma situação inevitável: o mundo está unificado. Temos o costume de medir as coisas e a gente com a ajuda de uma quarta dimensão: a dimensão europeia. É preciso renunciar a isso e aprender a empregar a seguir medidas comuns a todos os homens.

III

Desse modo, a medida em que se tornava possível escrever a história universal, também se fazia indispensável ensiná-la. Contra a afirmação desta necessidade ergue-se a extravagância modernista que alimenta o caráter verdadeiramente prestigioso do aperfeiçoamento técnico e o orgulho ingênuo das jovens gerações ante os resultados obtidos por esta via. Descoladas, como consequência disso, do passado, estas já não querem ver nele senão o tema para as investigações documentais, e relutam buscar aí uma reserva de experiências salutaras das quais o presente possa extrair inspirações proveitosas. Seu entusiasmo científico é favorecido pelo cálculo dos que dominam. Uma espécie de pacto reúne a uns e a outros ao pé da estátua do produtivismo, deusa do movimento. Na extensão indefinida de seu culto, seus fiéis vem a orientação definitiva da civilização: ideal algo frágil e limitado por parte de uma sociedade que se crê inovadora e que, na verdade, em certo sentido o é, pois parece buscar a aurora do lado do poente. Foram reiterados desmentidos aos prognósticos de seus dirigentes, e a armação de suas combinações treme continuamente.

Observemos que a história preside esta revanche, pois, por uma espécie de ironia, precisamente no momento em que se preparava a redução de seu império pedagógico, sua ação política parece produzir-se sempre com mais intensidade. Está na base de toda agitação contemporânea. As guerras das quais saímos tiveram claras origens históricas; e as guerras que nos ameaçam as terão ainda mais claras, e a possibilidade de que estourem reside no desconhecimento prolongado da opinião entre um país e outro, o mesmo desconhecimento que provocou ou facilitou tantas catástrofes anteriores. Nas duas margens do Pacífico são produzidos dramas – o chinês e o mexicano – nos quais, sob um disfarce econômico, são disputadas antigas paixões históricas. Amanhã, o destino da África branca será dirigido pelo passado da África negra, cuja existência não conseguimos conceber antes da nossa intervenção. É, pois, o momento de renunciar à his-

tória, de rebaixar seu papel e de diminuir seu prestígio, de mantê-la dividida em seções regionais ou nacionais? Seria preciso dar-lhe, ao contrário, um papel mais importante, a direção da meteorologia política; nesse caso, a ela caberia sondar a atmosfera, mostrar quando se prepara um furacão e predizer seu eventual caminho entre os homens. Isso seria muito importante para garantir a paz internacional.

Mas a história é também capaz de fazer muito mais pela paz social. Desde o ponto de vista psíquico (do qual hoje se fala muito mais do que se pensa) convém classificar a educação em duas categorias, sejam elas capazes ou não de produzir atitudes de modéstia. Existem algumas cuja natureza produz fenômenos de isolamento em lugar de paredes estanques; neles a luz cai do teto. Esses representam um perigo para a democracia, porque esta precisa, mais que qualquer outra forma de governo, ar livre e horizontes abertos; para se orientar, não lhe basta uma bússola sobre a mesa. Nesses laboratórios, a especialização engendra prazerosamente vaidades inocentes das quais somente escapa o espírito suficientemente forte capaz de fazer resistência a si mesmo.

O modelo da educação ao ar livre é, evidentemente, o da astronomia, ciência dos abismos que nos torna, por assim dizer, tangível algo que é no entanto incompreensível: o infinito, e nos obriga desse modo a reconhecer os limites da nossa inteligência. A modéstia que engendra a terrível medição do espaço permanece, apesar de tudo, temperada pelo justo orgulho de ter sabido contar milhares de astros, calcular suas distâncias, indicar seus movimentos e descobrir, mediante a análise espectral, uma grande parte dos segredos da matéria da qual são feitos.

A modéstia produzida pelo estudo da história universal tem uma natureza distinta. Este estudo nos faz compreender a lentidão do progresso, seu caráter incerto e como a única maneira de assegurá-lo é através da soma e da acumulação do trabalho. Quem conhece o conjunto da história deve chegar às seguintes conclusões: primeiro, que a humanidade caminha com passos muito curtos para o melhor; segundo, que suas conquistas são de extrema fragilidade e sempre correm o perigo de se romper; terceiro, que a continuidade e a coordenação dos esforços de uma geração a outra é o único modo capaz de consolidá-los. Foi sempre assim? Foram sempre a continuidade e a coordenação condições para o progresso? Não podemos garantir isso. Tem havido choques, comoções, destruições... menos como consequência da imperfeição dos indivíduos que da situação inferior na qual se encontravam com relação ao planeta que os governava e que agora são inclusive capazes de governar. Chego, assim, ao que fazia referência a alguns instantes como o fenômeno essencial da época atual: a unificação histórica e geográfica graças aos nossos conhecimentos, ao que sem dúvida se acrescentam os efeitos da descoberta capaz do maior número de transformações possíveis: a livre circulação do pensamento através do espaço.

Não vou me demorar mais com esses assuntos, cujo escopo é tão evidente que nem mesmo caberia esboçar numa comunicação tão breve. Porém me daria por satisfeito se tivesse conseguido justificar diante de vocês o axioma que se repete no cabeçalho de cada um desses volumes para resumir seu espírito e precisar seu alcance prático: “Toda educação histórica fragmentária resulta estéril devido à ausência de um conhecimento prévio do conjunto dos anais humanos: o princípio das falsas proporções de tempo e espaço se introduz, assim, nas mentes, desviando tanto o homem que estuda quanto o homem da política”.

Eu teria concluído se não me restasse, antes de me retirar, saudar os donos da casa. Mas, não faltarei com o respeito a Atená e seu ilustre servidor, Péricles, se eu dedicar a outros a minha homenagem? Aqueles que têm por hábito ir fazer suas preces na Acrópole são proibidos de agir de outro modo; eu mesmo cumpri diversas vezes a tradição sagrada. Então, apesar de tudo, outra imagem me vem à cabeça neste momento, uma figura esmaecida, esquecida, mas, ao mesmo tempo, comovente; uma dessas figuras que, embora a história a mantenha numa posição secundária, é, no entanto, uma das mais prestigiadas pela capacidade que tem de sugerir, pelos eflúvios de vida que derrama ao seu redor. Penso, Senhores, numa simples filha de Atenas, cuja adolescência estudiosa passou junto com seu pai, professor modesto, numa íntima relação com as Letras, as Ciências e a Filosofia, e cuja radiante beleza a elevou um dia a um posto supremo. Penso na Imperatriz Eudoxia, esposa de Teodósio II. Não a vejo no palácio de Bizâncio discutindo com sua cunhada autoritária, que por ter já governado em nome de seu irmão pretendia seguir fazendo isso até o fim. Tampouco a vejo nas romanescas etapas do incidente que destruiu a paz de seu lar. Conheceis bem a anedota e recordais como o maravilhoso fruto enviado pelo imperador passou de mão em mão numa manhã até voltar ao seu dono, odisseia que produziu a desconfiança desse, que suspeitando de uma traição próxima ali onde somente havia um flerte inocente, começou a se afastar de sua esposa. Que filme maravilhoso se poderia fazer com os detalhes dessa aventura que em seguida se tornou um drama! O drama deveria terminar muito tempo depois no cenário sombrio de Jerusalém, onde Eudoxia, abandonada e desencantada, havia se recolhido para envelhecer e morrer. Sem dúvida, ela buscava o consolo da religião, sem ter por isso renunciado ao que lhe outorgou o cultivo do espírito, posto que, entre outras obras, deixou uma espécie de poema difícil e confuso, reflexo da perturbação de sua alma, mas do qual brotam fulgores que foram comparados a certos traços de Dante e Shakespeare. Não devo me ocupar de todas estas circunstâncias. A cena que evoco data de 438. Sendo então imperatriz, ela viajava por seus Estados na época mais feliz do seu reinado. Recebida solenemente em Antioquia, proferiu diante do Senado da cidade um inflamado discurso em favor da glória do helenismo. Quão próxima a vemos e quão próxima está no contato imediato com as nossas atividades contemporâneas! Quem sabe isso tenha ocorrido num lugar parecido com este; e certamente houve entre os ouvintes mais que um senador que, ao vê-la tomar a palavra, condenou a impulsiva soberana, que faltava duplamente com os costumes, pois rompia, ao mesmo tempo, com a formalidade imperial e com as tradições do gineceu. Mas imagino que sua voz cálida e inspirada fez logo cessar os escrúpulos e os fez primeiro prestar atenção e em seguir produziu entusiasmo. Não era, por acaso, a marca viva do helenismo o que se erguia assim ante seus olhos?

Para nós, a figura de Eudoxia falando ao Senado de Antioquia encarna a trindade grega, uma em três pessoas: clássica, bizantina e moderna. Não teria razão ao querer saudar na bela e sábia princesa esse helenismo imorredouro cujos méritos ela soube exaltar? Passaram-se quinze séculos e eis-la aqui sempre jovem, no confim dos novos destinos.

Neste livro, o capítulo que dediquei à Grécia antiga termina com umas linhas que me permito ler-vos porque sinto dentro de mim como que um eco distante do discurso que acabo de vos lembrar: “Certamente, nesse mundo mediterrâneo no qual a Grécia iria se eclipsar por vários séculos, tudo era heleno, pois o gênio grego havia tocado tudo, e inventado ou modelado todas as coisas. Em todos os âmbitos, no espacial e no agrícola, no governamental e no pedagógico, no médico e no artístico, no literário e no jurídico, os helenos foram aqueles que inovaram, aperfeiçoaram, dirigiram... Pitágoras pensava que a figura esférica é a mais perfeita. Cabe dizer que o Helenismo havia progredido esfericamente, como em ondas concêntricas, até o horizonte total, combinando sempre os mesmos ritmos de impulso e de medida, de saber e de intuição”.

Unamo-nos, Senhores, em torno da esfera divina, a fim de mantê-la e protege-la, pois o mundo ainda precisa dela.

“De la transformation et de la diffusion des études historiques: Caractère et conséquences”.
Communication faite à l’Académie d’Athènes à la séance du jeudi 14 avril 1927, s. l. 1927.
Brochure spéciale, Lausanne, 1927, 8 p.

3.23 A VERDADE SOBRE O ESPORTE.

AS IDEIAS DE PIERRE DE COUBERTIN.

(Carta aberta a Frantz Reichel)

Após deixar o COI, Coubertin se dedicou exclusivamente às suas iniciativas reformistas no âmbito educacional. Aqui trata especialmente da formação dos adultos, que também foi importante em outros países da Europa durante os anos vinte do século XX através, por exemplo, do movimento das universidades populares. Já que não nutria ilusões sobre a implementação dessas reformas, procurou fazer com que seus companheiros de batalha o ajudassem também nisso. Entre eles figurava na França seu colega de classe Frantz Reichel, que na qualidade de secretário geral havia organizado os Jogos Olímpicos de 1924. Coubertin pediu apoio a Reichel para desenvolver na França sua ideia dos ginásios comunitários, por meio da qual se deveria facilitar finalmente à classe operária o acesso ao desporto no sentido das boas condições físicas e do bem estar.

Querido amigo:

Não sei se quando você revive nossas lembranças comuns de pioneiros da educação desportiva na França – para mim já se passam quarenta anos e daqui a pouco outros tantos para você – está satisfeito com os resultados obtidos. Eu, muito pouco. O esplendor dos Jogos Olímpicos não me cega. Além disso, estão voltados somente para uma elite, pois seu objetivo é honrar e colocar em destaque os atletas, cujas proezas excepcionais mantêm a ambição e a emulação necessárias para a manutenção da atividade desportiva em geral. Porém diante da elite está precisamente a massa; todos aqueles que praticam esportes sem pretender sobressair. Entre estes temos ganho muito em valor técnico e muito pouco em números. O percentual dos desportistas de fato, em relação à população, é mínimo. O blefe e a propaganda dissimulam a real situação. O alvoroço da imprensa e a profusão de campeonatos mundiais enganam a opinião pública. Um país não é realmente desportista até que a maioria de seus habitantes não experimentem o desejo pessoal pelo esporte. Desde este ponto de vista, não saberia dizer se a América é ou não desportista. Se amanhã se fizesse calar a todos aqueles que falam do esporte, os que o praticam apareceriam como uma falange de efetivos reduzidos.

A razão deste estado de coisas, para falar somente da França, é que temos favorecido demasiadamente os esportes coletivos e juvenis, em detrimento do que, sobretudo, é interessante desde o ponto de vista da raça, isto é, o adulto individual. Que seria da higiene, se se facilitasse somente às crianças as abluções frequentes, e se os homens para realizá-las tivessem que formar equipes? O mesmo se passa com o esporte. O caráter coletivo o torna difícil de praticar, o cerca de obstáculos. Por outro lado, animando com extremo entusiasmo aos mais jovens, utilizamos prematuramente seu poder de atração e neutralizamos seus benefícios. No fundo, a primeira juventude é a que menos necessita disso. Sua exuberância está sempre disposta a fatigar os músculos: basta fornecer-lhe os meios. É inútil excitá-la tanto. Para o adulto esgotado pela vida moderna, ao contrário, o esporte constitui uma compensação essencial, uma recuperação quase infalível, uma disciplina que não

pode ser substituída por nada. Mas, que facilidades proporcionam nos organismos neste aspecto? Por mais atrasados que estejamos em matéria de hidroterapia, pode-se prever que um dia multipliquem-se os banheiros e os chuveiros à disposição do público. Mas em qual aglomeração urbana o homem que tem uma hora de liberdade a emprego para praticar esportes? Que ginásio, gratuito ou quase, está aberto para ele? Há parques públicos, equipados com aparelhos; em Chicago, Dinamarca, Alemanha... Porém aqui não conheço nenhum. Além disso, estas instalações ao ar livre são insuficientes e imperfeitas.

Esta é a razão que me faz desejar ver renascer, ampliar e modernizar o ginásio municipal da antiguidade. Gostaria de ver um lugar no qual os concursos e os recordes fossem desenterrados, mas onde cada adulto, em qualquer momento, de acordo com sua conveniência, pudesse, sem risco de ser observado ou criticado, dedicar-se gratuitamente aos exercícios mais simples: corridas, saltos, lançamentos, ginástica e, por um preço justo, lutar boxe, ter uma aula de esgrima, montar um cavalo num picadeiro ou nadar numa piscina. Somente um estabelecimento desse tipo faria da nossa França, como o faria em qualquer país, uma nação desportiva. A isso não se chegará criando ministérios de esportes, nem multiplicando os monitores ou os campos de jogo, nem mesclando os *boy-scouts* (escoteiros) em todos os desfiles nacionais e internacionais; e, ainda menos, pedindo apoio à Sociedade das Nações, que já tem muitos funcionários. Que os “burgueses” tenham cuidado, pois este estabelecimento do qual falo poderia muito bem ser edificado um dia às custas da burguesia, pelo proletariado que já organiza Jogos Olímpicos dos Operários, nos quais o espírito desportivo está acima de tudo.

Quanto a mim, ainda que jamais me afaste do Olimpismo e dos esportes, meus sessenta e cinco anos continuam lutando com um novo labor que reclama todo esforço: a transformação das bases dos métodos de ensino. Não posso me dedicar, como deveria, a esta correção que a atividade desportiva necessita. Por isso, velho companheiro de luta, dirijo-me a você. Você ainda pode fazer na França o que eu já não posso, porque foi às vezes combatido, não o foi de modo permanente e com as trapaças no ataque que eu tive que suportar. No entanto, não tenho ressentimentos. Como diz o provérbio: “Ninguém é profeta em sua própria terra”; e Grécia, ao gravar meu nome no mármore, nos lugares mais importantes do mundo, Olimpia e Atenas, me tem compensado para sempre de todas as amarguras passadas e futuras.

Assim, pois, querido amigo, conto com você para esta cruzada urgente. Sinceramente, seu afetuoso e devoto amigo,

Pierre de Coubertin

“La verité sportive. Les idées de Pierre de Coubertin”, em:
Le Figaro, Vol. 73, 8 de julho, 1927, p. 3.

3.24 A CARTA PARA A REFORMA DO ESPORTE

Em 13 de setembro, como membro oficial da delegação do governo grego, Coubertin dirigiu-se a Sociedade das Nações em Genebra para apresentar e explicar sua Carta para a Reforma da Esporte.

Ele teve o apoio de seu amigo grego Joannis Chryssafis, diretor de educação física no ministério grego de Cultura, e um dos poucos membros ativos da Oficina de Pedagogia Internacional Desportiva e da União Pedagógica Universal iniciada em 1926 por Coubertin.

Coubertin descreveu este dia como um momento decisivo na história do esporte. Para distribuir a Carta para todo o mundo foi publicada uma edição especial em alemão, inglês, francês, espanhol e italiano. Também foi publicada em forma de pôster, por exemplo na mostra federal de Berna, que aconteceu pouco tempo depois.

As censuras ao esporte se reduzem a três ordens de males:

Esgotamento físico.

Contribuição ao retrocesso intelectual.

Difusão do espírito mercantil e do amor à ganância.

Não é possível negar a existência destes males, mas os desportistas não são responsáveis por eles. Os culpáveis são: os professores, o poder público e, adicionalmente, os dirigentes das federações e da imprensa.

As medidas indicadas para corrigi-los são as seguintes:

Estabelecimento de uma distinção clara entre a cultura física e a educação desportiva por um lado, e entre a educação desportiva e a competição por outro;

Criação de um “bacharelado em musculação”, segundo a fórmula sueca, com exercícios que variam de acordo com a dificuldade, a idade e o sexo;

Campeonatos internacionais somente a cada dois anos, o segundo e quarto de cada Olimpíada;

Supressão de todo campeonato organizado por cassinos e hotéis, ou por ocasião de exposições e festividades públicas;

Supressão de todos os Jogos mundiais que duplicam os Jogos Olímpicos e daqueles que têm um caráter étnico, político e confessional...

Supressão das lutas de boxe com prêmios em dinheiro;

Introdução nos esportes individuais de exercícios com aparelhos, em condições de completa igualdade;

Desejável unificação das chamadas sociedades de “Ginástica” e “Desportivas”;

Aceitação da distinção entre professor e profissional, podendo ser considerado o primeiro como apaixonado por todos aqueles esportes que não ensinou;

Recurso ao juramento individual, prestado por escrito, com a enumeração das diversas fontes de possíveis benefícios;

Supressão da admissão das mulheres em todas as provas nas quais participem homens;

o projeto de Le Charta de la Reforme
Sportive

On s'est sans doute un peu trop pressé de conclure, sous la «Charta de la reforme sportive». Il est d'après les habitudes du jour de traiter au vitello aussi bien les idées que les Kilomètres. C'est pourquoi les Comités directeurs de la prochaine heure au différents pays, ont négligé d'apprécier l'angle primordial sous lequel il convenait d'appréhender la documentation. Ce n'est ni l'angle de «une région déterminée ni celui d'une date précise». C'est que, depuis longtemps, ont une devoir faire appel à nos forces pour leur donner un programme de redressement, sachant bien que ce ne le formulera pas, le programme ou promouvant nos regards autour de nous d'échec natal ni en les venant fixer sur le calendrier. Le mouvement sportif est une œuvre humaine mondiale et si l'on veut en apprécier les caractéristiques profondes aussi bien que les orientations probables ou les besoins prochains, il faut avant tout tenir compte de l'espace et du temps, tout comme si il s'agissait de juger l'importance des événements de l'histoire mondiale. C'est du reste parce que, dès la première fois, l'on a appliqué cette norme ^{qui fut adoptée} de l'olympisme «à venir et prospère». Appliquée sur la seule France il fut reporté au bureau. C'est à ces soirées de la seule Europe, il ont saisi dans l'adolescence. Répétant en 1926 dans la Revue de Genève les Vers de Paris, s'écriait lui: «La critique européenne est intéressante tant forte au point de vue documentaire. Mais plus essentielle à noter est l'idée qu'on se fait de l'olympisme à Genève, à Tokyo, dans l'Inde ou bien dans les cités australiennes ou sud-américaines».

Página escrita por Cou-
bertin em final de 1930
ou 1931 a respeito da
Carta para a Reforma
do Esporte, na qual de-
fende o argumento que

está por trás dela e os
benefícios que ela traz,
e qualifica as críticas
como infundadas.
(Arquivos do COI)

Renúncia por parte dos municípios à construção de enormes estádios destinados unicamente a espetáculos desportivos e substituição destes por estabelecimentos concebidos de acordo com um plano atualizado do antigo ginásio helênico;

Criação de todas as provas com espectadores para jovens menores de dezesseis anos;

Criação de associações desportivas escolares nas quais os estudantes sejam unicamente admitidos para participar de competições;

Aumentado da idade para a inscrição dos *boy-scouts*;

Desenvolvimento de uma medicina desportiva baseada nas *condições de saúde*, em vez de situações patológicas, e que preste muito mais atenção ao exame das características psíquicas do indivíduo;

Fomentar por todos os meios o exercício desportivo para adultos, contrariamente aos adolescentes, aos quais é preciso refreá-lo;

Tornar mais intelectual o movimento *scout* por meio da astronomia geral, a história e a geografia *universal*;

Dar maior dimensão intelectual à imprensa desportiva, introduzindo crônicas dedicadas à política externa e aos acontecimentos mundais.

Folheto especial,
editado pelo Bureau International de Pédagogie Sportive,
Lausanne 1930.

Reimpresso em:

Le Sport Suisse, ano 26,
Genebra, 17 de setembro de 1930, n. 1183, p. 1.

3.25 O ESPORTE CONTRIBUI PARA A PAZ

Durante um tempo difícil para a política mundial, Coubertin escreveu um comentário sobre este assunto a pedido da revista desportiva belga *La Revue Sportive Illustrée*. Nos Estados Unidos havia discussões acaloradas sobre um boicote aos Jogos Olímpicos de Berlim devido à questão da participação dos judeus alemães. Coubertin não faz nenhuma referência específica a isso, mas interpreta o assunto desde uma perspectiva antropológica, seguindo o estilo de seus *Essais de Psychologie sportive*.¹ Os músculos e a disciplina são dois parâmetros que controlam o atleta na luta pela guerra e pela paz.

A *Revue Sportive Illustrée*, uma antiga e fiel amiga, me pede “algumas linhas” para seu primeiro número de 1935. Como me negar a isso? Não obstante, muitos leitores sabem que é muito mais difícil dar um sentido e uma virada apreciável a “algumas linhas” do que a um opúsculo – e às vezes a um opúsculo mais do que a um pequeno volume.

Dentre os temas desportivos da atualidade (neste momento há poucos), o que eu escolhi exigiria um maior desenvolvimento. Mas, por outro lado, é importante responder prontamente ao alarme sobre o emprego da força desportiva a serviço da guerra e da revolução. As “nações bélicas” por um lado, e a “terceira internacional” por outro são acusadas diariamente de fomentar os piores desejos colocando sob seus auspícios grupos de atletas inflamados pela paixão de revanches sangrentas ou de um ódio social exasperado.

A questão tem dois aspectos: os músculos e a disciplina. Aqueles que praticam esportes de alto impacto, quando não violentos, apreciam de forma natural a força e a cultivam. Disso não se segue em absoluto que gostem e que cultivem a disciplina cega. Ao contrário. Em oito de cada dez vezes, o atleta vigoroso é um homem independente, capaz, por exemplo, de se impor, para que triunfe a equipe da qual faz parte ou as cores do clube ao qual pertence, obrigações que podem leva-lo até a abnegação; tudo isso sob a condição de seguir sendo dono de si mesmo e de não sacrificar em prol da coletividade senão aquilo que lhe agrada entregar. Desse modo, se a juventude nacionalista ou a juventude revolucionária treinam com ardor e persistência, é claro que sua equipe será beneficiada, e isso em virtude do velho adágio *civium vires, civitatis vis*, mas em absoluto está dito que para isso as pessoas se tornam mais intransigentes, nem mais excludentes, nem, sobretudo, obedientes e cruéis. O desportista é com frequência e felizmente uma pessoa mais silenciosa que seus camaradas desportistas; mas continua sendo um ser observador e um crítico, e não gosta que lhe “esquentem a cabeça”.

Como outras, estas distinções devem ser levadas em consideração. Pessoas individualistas, os atletas têm a tendência a se interessar pelas marcas de seus rivais, a apreciá-las. Vereis sempre adversários políticos ou sociais, que pertencem inclusive a facções opostas nas barricadas ou nas trincheiras, estar atentos não somente aos recordes batidos, sob a condição de que essas tentativas tenham sido feitas bravamente e dentro dos limites do possível.

1 Coubertin, P. de. *Essais de Psychologie sportive*, Lausanne; Paris: Ed. Payot, 1913.



BARON PIERRE DE COUBERTIN

*Que la Paix et la Joie
Olympiques soient avec vous
Pierre de Coubertin*

Cópia em alemão das
Memórias Olímpicas,
Coubertin acentua a
mensagem pacifista
do Olimpismo, inclusive
durante a última fase
de sua vida, mediante
a inscrição “Que a paz
e a alegria Olímpicas
estejam contigo”.
(Coleção N. Müller)

Em tal caso, acreditem, vossa preocupação deve desaparecer. Os esportes masculinos são bons para todos e em todas as circunstâncias. Não farão do animal um anjo, mas sempre existe a possibilidade de que atenuem sua brutalidade e lhe outorguem um pouco mais de autocontrole. E isso já é alguma coisa!

“Le Sport est pacificateur”, em:
La Revue Sportive Illustrée,
31e. année, 1935, n. especial (p. 44).

3.26 DISCURSO DO BARÃO DE COUBERTIN PROFERIDO DURANTE A CERIMÔNIA DO SEU 70º ANIVERSÁRIO

No salão de atos da Universidade de Lausanne, Coubertin agradece aos seus amigos, em especial a Francis Messerli, a cerimônia realizada em sua homenagem. Recorda o congresso Olímpico de 1913, realizado no mesmo lugar, e outras reuniões. No entanto, não quer falar do passado, mas evoca o futuro, e com ele, volta a mandar uma mensagem à juventude, a nova geração.

Senhoras e senhores:

Devo dar neste momento um espetáculo nada vulgar, pois as circunstâncias o tem tornado cada vez mais inusitado: o de um homem sobrecarregado por suas riquezas e sem saber como organizar sua partilha. Na verdade, tudo o que acabo de dizer exigiria que eu recitasse uma espécie de “Litâneas de gratidão”; mas mesmo assim ficaria satisfeito o sentimento de gratidão que lhes devo. Para poupá-los da monotonia de ouvir isso, permito-me oferecer-lhes meus agradecimentos em série, já que, felizmente, esta sessão se prolongará com outras manifestações. A seguir vamos nos encontrar, senhor conselheiro de Estado, senhor síndico, à beira do lago, num desses banquetes que a tradição de Lausanne sabe tornar tão suntuosos sem que por isso percam seu caráter de intimidade agradável e cordial. Então terei a oportunidade de expressar a natureza a força dos sentimentos que me unem à cidade de Lausanne e à região de Vaud. Amanhã será um dia consagrado aos esportes. Então, caros presidentes e amigos, eu poderia lhes falar dos temas desportivos que nos interessam, e aproveitar para agradecer o desvelo do grande animador de tudo o que envolve meu aniversário, Francis Messerli. Neste momento, já que estamos reunidos nesta Universidade que é o templo da juventude, primeiro quero responder ao seu diretor e guia.

O marco no qual se desenvolve nossa assembleia, desperta em mim recordações distantes e intensas. Aqui foi realizado, faz dezenove anos, o congresso internacional que fundou a psicologia desportiva e ao que permanecem unidos os nomes de dois ilustres participantes, Roosevelt e Ferrero. E foi na sala vizinha a esta onde, cinco anos e meio mais tarde, finda a terrível guerra, me atrevi a expor em seis lições, por ocasião de seu cinquentenário, a obra da República Francesa (1870-1920), a qual ainda lhe estava vedado, injustamente, o acesso às galerias da história. Também foi aqui que anunciei pela primeira vez ao público os princípios da reforma do ensino secundário e pós-escolar, tal como meus colaboradores e eu fomos induzidos a elaborá-los, e tal como foram sintetizados neste quadro que tiveram a delicadeza de colocar atrás de mim, junto com a Carta da Reforma Desportiva. Tudo isso foi feito sob os auspícios de três reitores amigos, os senhores De Felici, Lugeon e Chavan, cujos nomes não poderia deixar de citar, bem como do reitor, Arnold Reymond, a quem me unem laços de viva simpatia e admiração.

Mas o que estou evocando é o passado; e a juventude gosta que se lhe fale do porvir. Tem razão! E quando nos oferecem a oportunidade de dirigirmo-nos a ela, não devemos desperdiçar a ocasião. Ainda mais quando as vozes que saem do crepúsculo – seja o da idade ou da dor – têm o direito duplo de serem ouvidas, ao falar de confiança. E precisamente esta é a palavra que quero pronunciar.

Uma passagem de Goethe, traduzida de um poema inglês pouco conhecido, contém um conselho útil, concebido mais ou menos nestes termos: “Mantenham-se a cavalo, jovens, e lançai-vos valorosamente através da nuvem”. A nuvem... é uma obscuridade transitória, e do outro lado estão o sol, o céu. É preciso ter fé. É verdade que a nuvem que se levantará diante de vocês, meus caros jovens, é singularmente opaca, desagradável, temível... Não vou menosprezar nem seu perfil inquietante nem seus perigos demasiado reais. Mas não importa, atravessem a nuvem e, repito-lhes, encontrarão outra vez do outro lado a vida clara e fresca. Ânimo, pois, e esperança! Ânimo indomável, esperança tenaz!

Para sustenta-los e guia-los, uma tríplice vontade deve permanecer em vocês: a vontade da alegria física que nos traz o esforço muscular intenso, inclusive, excessivo e violento; a vontade do altruísmo franco, completo, permanente..., pois saibam que a sociedade futura será altruísta ou não existirá, será preciso escolher entre ela e o caos; e a vontade de compreender as coisas em seu conjunto. Levantem os olhos, ameaçados de miopia pela escravidão da especialização, não temam perder a visão. Dirijam o olhar para os grandes horizontes, da natureza e da história. Desde estes cumes emanam o poder e a ação do homem.

Isto é o que desejo para todos, para esta cidade predileta; para as gerações que comecem; para aqueles que, respondendo ao nosso chamado, pediram ao esporte que renove de uma vez seus músculos e sua vontade; para as nações em cujo seio encontrei, no decurso de minha existência, uma acolhida favorável; para as cidades luminosas e para aquelas que ainda estão nas trevas.

“Mantenham-se a cavalo, jovens, e lançai-vos valorosamente através da nuvem”. Não tenham medo. O futuro é vosso.

“Discours de Monsieur le Baron de Coubertin prononcé au cours de la cérémonie en l'honneur de Monsieur le Baron de Coubertin à l'occasion de son 70e anniversaire”, em: *70e Anniversaire de Pierre de Coubertin, Publication du Comité Olympique Suisse et du Bureau International de Pédagogie Sportive*, Lausanne, 1932.

SEGUNDA PARTE

DIMENSÕES OLÍMPICAS



Pintura alegórica datada de 1896, em comemoração ao restabelecimento dos Jogos Olímpicos, feita pelo

pai de Pierre, Charles de Coubertin, artista conhecido em sua época. Esta pintura, que se encontra atualmente

no Museu Olímpico, apareceu na capa da Revista Olímpica entre 1906 e 1914. (Museu Olímpico, Lausanne)

4. PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DO OLIMPISMO

O capítulo seguinte é composto por um total de 67 textos sobre a história do Olimpismo. A preferência de Coubertin pela história já ficou clara na introdução. Sua dedicação à Olímpia e aos Jogos Olímpicos serve como introdução lógica à sua historiografia Olímpica. Nos textos selecionados que tratam desse tema parece suficiente limitar-se a descrições gerais.¹ Não é este o lugar para elogiar Coubertin como historiador pelo conjunto de sua obra, ainda que cinco de seus quase vinte livros tenham conteúdo puramente histórico, e numa história universal em quatro volumes ele seja apresentado como “professor de história”. Das suas quase mil publicações restantes, cerca de trezentas são de conteúdo histórico.

No próximo capítulo 4.1 “Helenismo e filohelenismo” incluímos textos históricos ou histórico-desportivos que facilitam a compreensão da matéria.²

Sua historiografia Olímpica, ao contrário, é um reflexo de sua própria experiência, e por isso constitui uma documentação autêntica. Por esse motivo se tem dado importância a uma ampla representação de importantes acontecimentos Olímpicos, na medida em que o possibilitam os textos. Já se fez referência na introdução deste volume sobre as possíveis lacunas. Para manter a coerência histórica foram necessárias introduções mais longas, especialmente na seção 4.2.2 “Acontecimentos Olímpicos específicos”, o que faz com que o capítulo 4 se converta numa representação específica da historiografia Olímpica até a morte de Coubertin em 1937.

Os textos das diferentes seções do capítulo 4 “Perspectivas históricas do Olimpismo”, apresentadas em sua maior parte em forma cronológica, mostram Coubertin como o incansável lutador em prol de sua missão Olímpica.

1 Sobre o historicismo programático de Coubertin, ver a observação na introdução.

2 A referência bibliográfica de Coubertin apresenta mais da metade como trabalhos históricos, dos quais 29 são livros sobre história grega e romana, 12 volumes sobre a história da arte e 30 biografias, em parte historiográficas. Entre elas não há escritos de história desportiva em sentido estrito, pois naquela época estes ainda eram muito raros. Chama a atenção o entusiasmo de Coubertin pelo estilo de narrativa biográfica, em certos momentos romancada. É um reflexo de seu entusiasmo pela história, mas também pela literatura secundária.

4.1 HELENISMO E FILOHELENISMO

O PONTO DE VISTA DE COUBERTIN SOBRE SUA INFLUÊNCIA NO OLIMPISMO

4.1/1 – 4.1/6 INTRODUÇÃO

Coubertin nos oferece uma perspectiva de sua concepção do helenismo em um número especial da *Revue Olympique*¹ que teve como tema os Jogos Olímpicos intermediários de 1906 em Atenas. Ele faz isso para abrir os olhos de seus leitores, especialmente daqueles que viajavam para Atenas, sobre o autêntico sentido desses Jogos. Juntamente com um perfil de toda a história antiga, Coubertin procura definir o conceito de “helenismo”, faz sugestões quanto ao significado e à “apreciação correta” da arte grega, descreve a relevância dos antigos Jogos Olímpicos e dá sugestões para as visitas. Ao final de suas reflexões faz um apelo para que se reconheça o helenismo como fundamento cultural e, seguindo seu próprio exemplo, considerar-se um “filohelenista”.²

Pode ser vista como uma delimitação da compilação dos artigos de 1906, reunidos no presente capítulo introdutório, com exceção das recomendações de visitas e livros, a descrição resumida de todo o atletismo grego na parte da história do esporte de seu *Pédagogie Sportive* (1921), e uma exposição mais detalhada dos Jogos Olímpicos de 1906.³ Seus comentários encerram com um apelo, acompanhado de sugestões, para que estes lugares sejam visitados para que possam ser melhor compreendidos.

A relação com os Jogos Olímpicos modernos se estabelece a partir de um estudo de Coubertin com vistas ao Concurso de arquitetura do COI de 1910 sobre o tema “Uma Olímpia moderna”. Nesse estudo, após uma análise com argumentos teóricos e organizacionais, Coubertin desenvolve a ideia de uma sede Olímpica permanente.⁴

Coubertin compreendia a si mesmo a vida inteira como um filohelenista. Desde sua mudança para Lausanne, ele participou ativamente no trabalho da *Association des Hellènes Libéraux*, a posterior *Association des Amitiés Gréco-Suisses* de Lausanne, cujo presidente François Messerli foi seu melhor amigo e conselheiro em Lausanne.⁵ Em 24 de fevereiro de 1918, diante dessa Sociedade explicou exaustivamente suas ideias relacionadas com a que questão “O que podemos pedir agora ao esporte”, referindo-se à situação internacional ao final da Primeira Guerra Mundial.

1 De abril de 1906.

2 As recomendações bibliográficas incluídas neste número especial para a viagem à Grécia nos oferecem informações sobre a literatura secundária utilizada por Coubertin para suas explicações, que corresponde em parte ao inventário de sua biblioteca particular do ano de 1944. Entre eles se encontrava também seu próprio livro *Souvenirs d'Amérique et de Grèce* publicado em 1897, no qual ele havia apresentado suas primeiras impressões pessoais sobre a Grécia e os Jogos de Atenas de 1896.

3 Publicada na revista mensal político-literária *Revue pour les Français*, publicada por Coubertin em colaboração com Gaston Bordat. Entre março e novembro de 1903 esta revista foi publicada com *Revue du Pays de Caux*, e posteriormente, entre 1906 e 1913.

4 Outras afirmações sobre este concurso são reproduzidas nos capítulos 5.3 “A contribuição das Belas Artes” e 6.4 “Lausanne, cidade Olímpica”.

5 Também foi escolhido como seu herdeiro. Mesmo assim, após a morte de Coubertin em 1937, Messerli assumiu o *Bureau International de Pédagogie Sportive* e organizou dois importantes congressos de pedagogia desportiva em Lausanne em 1944 e 1948.



Pierre de Coubertin, um verdadeiro bibliófilo, costumava incluir seu próprio ex libris personalizado na folha de rosto de seus livros, para indicar assim sua propriedade. Concebido e desenhado pelo próprio Coubertin, inclui um lema que é totalmente característico do personagem: "*Voir loin, Parler franc, Agir ferme*"

("Enxergar longe, falar com franqueza, agir com firmeza"). O escudo de armas é o da família de Coubertin, com nove conchas sobre um fundo azul escuro. Na realidade, o monumento de aspecto grego encontra-se na Alsácia, não muito distante do lugar no qual viveu a família da mulher de Coubertin. (Coleção Navacelle)

A Grécia homenageou tardiamente Coubertin ao erigir em Olímpia uma coluna comemorativa em 1927, mas também ao inclui-lo na delegação grega na Sociedade das Nações de Genebra. Por motivos de saúde, ele não pode aceitar o convite para participar em 1934 em Atenas como convidado de estado durante o quadragésimo aniversário do movimento Olímpico. Em seu lugar enviou uma mensagem na qual mais uma vez poderia se perceber claramente sua admiração pelo espírito grego e pelo povo heleno.

A carta aberta de Coubertin sobre sua concepção do filohelenismo, publicada em 1934, atesta a inquebrantável relação que manteve a vida inteira com a cultura grega. Na parte final de sua grande exposição pedagógica sobre *Les sources et les limites du progrès sportif* de 1936 volta a afirmar a essência do helenismo em sua concepção da eurritmia dentro do Olimpismo.



O vale de Olímpia visto
desde o Leste antes
das escavações de 1870-

1875.
(Coleção N. Müller)

4.1/1 O DEVER DO FILOHELENO

Se você ainda não é um “filoheleno” e tivesse decidido ser um deles enquanto permanece ao pé da Acrópole, permita-me lhe dizer qual seria sua tarefa; atualmente, os mandamentos de um bom filoheleno resumem-se num só: trabalhar para que Europa não atrapalhe por mais tempo o progresso do Helenismo. Como já mostramos, isso é precisamente o que a Europa tem feito nos últimos oitenta anos. É impossível dar uma olhada imparcial na história deste período sem perceber que a “assistência” militar, diplomática e financeira da Grécia era algo necessário devido a acontecimentos para os quais a Europa era diretamente responsável. O Helenismo tem demonstrado sua fortaleza ao avançar – e isso numa velocidade prodigiosa –, apesar dos bloqueios intermináveis. A seguir, deixemos que o Helenismo faça o que quiser. Ele tem a seu favor o número, o prestígio do passado e a existência da fórmula biológica. Nenhum outro povo do Oriente está de posse de tantos títulos para que o mundo possa confiar nele.

Assim, vosso filohelenismo deve estar voltado para o *amanhã*, e não para o *ontem*. Não deve consistir numa piedade enternecida para com os pobres herdeiros de uma nobre raça, mas para uma decidida e perseverante simpatia pelos soldados que trabalham de frente para um grande futuro. Então podereis unir-vos incondicionalmente ao grito de adesão com o qual sem dúvida se celebrará o encerramento dos Jogos Olímpicos: *Zito Hellas! Viva a Grécia!*

“Le devoir d’un philhellène”, em: *Revue Olympique*, abril, 1906, p. 64.
Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

4.1/2 OLÍMPIA

No Peloponeso central, ao pé do Monte Kronion, na confluência do Alfeu e do Cladeu, jazem as ruínas de Olímpia, a cidade sagrada do atletismo antigo, em sua gloriosa decadência. Num momento em que a restauração das Olimpíadas atrai novamente para Atenas uma multidão de participantes e de espectadores, nos pareceu oportuno recordar em poucas páginas o que deveríamos saber sobre um capítulo tão curioso e original da história grega.¹

A existência de Olímpia compreende um período de 1170 anos, isto é, desde o ano 776 a. C. até o ano 394 da nossa era. Durante esses onze séculos, ainda que não tenha deixado de se embelezar, apenas cresceu. Em suma, não era uma cidade. No intervalo dos Jogos Olímpicos que se realizam a cada quatro anos, não se ia a ela senão em peregrinação ou para visita-la; em certas datas, as mulheres do país e das regiões limítrofes (sabe-se que as mulheres não eram admitidas nos Jogos) se reuniam ali para celebrar as festas dedicadas a Hera, mas ninguém vivia ali exceto aqueles que cuidavam das construções e que estava a serviço dos santuários. A alta administração dos Jogos pertencia à cidade de Elis, para o qual designava dez magistrados cujas funções iniciavam dez meses antes, mas o centro desta administração estava em Elis. Ali eram formalizados os compromissos (para competir era necessário ser livre, de raça pura, e não ter cometido nem crime nem impiedade, bem como cumprir uma estada obrigatória de trinta dias). Então, enquanto os “mensageiros de Zeus” percorriam o mundo grego proclamando a trégua sagrada, juízes, atletas, carros e cavalos concentrados em Elis se dirigiam em cortejo pelo caminho sagrado para Olímpia, onde entravam solenemente.

Devia fazer calor, porque os jogos eram realizados no plenilúnio que se segue ao solstício de verão (no final de junho ou no início de julho). Esta data tão avançada não espantava ninguém. Logo chegavam as embaixadas das cidades gregas, os convidados importantes em busca de encargos proveitosos ou de negócios vantajosos, e também os que queriam ser vistos. Uma feita enorme acontecia nas encostas do Alfeu, porém fora do recinto ou Altis: assim, durante as festas, Olímpia propriamente dita conservava sua beleza serena e sua majestade tranquila.

Em princípio, os Jogos Olímpicos duravam somente um dia, mas o número de participantes aumentava constantemente. Em 472 somente puderam ser concluídos quando a noite já avançava e, desde então, a duração regulamentar passou a ser de cinco dias. O primeiro dia transcorria entre cerimônias e sacrifícios; ricas oferendas eram apresentadas em todos os altares; procedia-se também ao sorteio da ordem das competições e os atletas prestavam juramento diante da estátua de Zeus. No segundo e no terceiro dia aconteciam as corridas a pé (fundo e velocidade), as lutas (*wrestling*, pugilato e pancrácio); primeiro competiam os efesos e depois os adultos. Para evitar o calor, começava-se ao amanhecer. Antes do sol nascer, o estádio de Olímpia, com duzentos metros de comprimento, trinta e dois de largura e uma capacidade para quarenta mil espectadores, já estava cheio de gente. Quando os primeiros raios do astro apareciam sobre as montanhas da Arcádia e iluminavam a planície, as fanfarras

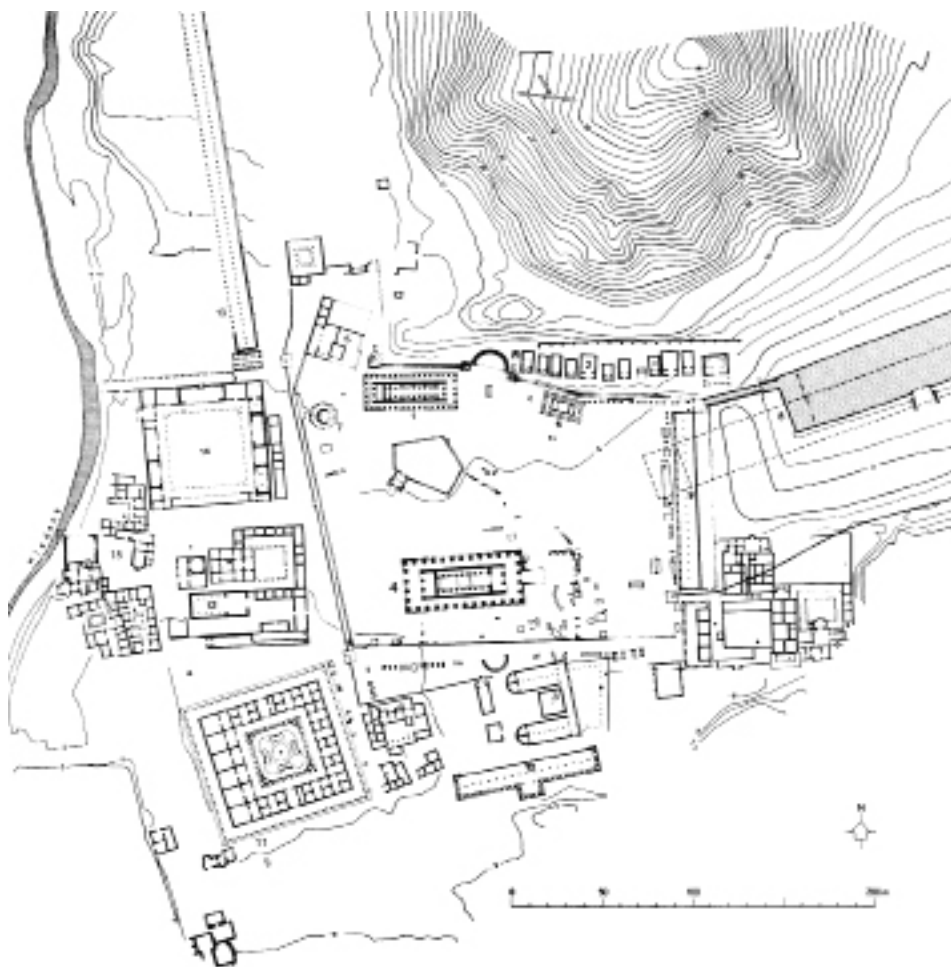
1 Remetemos aos leitores que queiram aprofundar ainda mais o notável livro de Ch. Diehl, *Promenades archéologiques em Grèce*, Paris: A. Colin, 1890 (Nota original de Coubertin).

**Maquete da antiga
Olimpia (Museu Arque-
ológico de Olimpia.
Fotografia: N. Müller)**



ressoavam e o cortejo oficial, os juízes vestidos de púrpura, os embaixadores e os convidados ocupavam seus lugares nas arquibancadas. Em seguida, era feita a chamada dos participantes. A primeira quarta parte do dia era reservada ao hipismo, que era, naturalmente, mais elegante. Os ricos mostravam um certo menosprezo pelas outras provas, orgulhosos de que suas fortunas lhe permitissem levar cavalos e carros cujo transporte era muito caro. Do hipódromo volta-se ao estádio para assistir ao pentatlo (que compreendia o salto, o lançamento de disco e de dardo, a corrida e a luta); finalmente, acontecia a corrida com armas, que encerrava as provas. O quinto dia era dedicado à distribuição dos prêmios. Diante do templo de Zeus, em uma mesa de ouro e marfim, encontravam-se o ramo de oliveira silvestre cortada da árvore sagrada e plantada outrora por Herácles e o ramo da palmeira, símbolo da força e da imortalidade, que cada atleta recebia enquanto o *Heraldo* proclamava seu nome e sua pátria. Sabe-se que este desinteresse era só aparente. O vencedor, cujas despesas com frequência estavam a cargo de sua cidade natal, recebia nela toda sorte de honras e benesses. Não era raro que se lhes concedesse uma renda vitalícia ou que se os isentasse do pagamento dos impostos. Após ter recebido algumas recompensas simbólicas, os vencedores dirigiam-se ao pritaneu, onde era realizado um banquete solene assistido por todas as pessoas importantes, oficiais ou não, aqueles que em termos atuais seriam chamados de “peixes grandes”, e certamente brindava-se... Quão curiosa era essa organização das festas Olímpicas, tão distantes de nós e, no entanto, tão parecidas ao que seriam atualmente, embora com menos sacrifícios e mais orfeões.

Após o édito imperial de Teodósio proibindo a realização dos Jogos Olímpicos, a famosa escultura de Fídias dedicada a Zeus foi levada para Constantinopla, mas as construções permaneceram, sobrevivendo inclusive à invasão de Alarico. Teodósio II mandou queimá-las num estúpido acesso de cólera; em 522 e 551 vários terremotos acabaram por destruí-las. Os invasores eslavos, o feudalismo francês, os venezianos e os turcos sucederam-se neste lugar desafortunado; logo as ruínas ficaram enterradas, e tão profundamente que para recuperá-las foi necessário escavar de cinco a seis metros.



Mapa da antiga Olímpia

As ruínas de Olímpia, enterradas desde a Idade Média sob os bancos de areia do rio Cladeu, não foram redescobertas até 1786 por Richard Chandler, de Oxford. Exploradores franceses estiveram escavando em 1829 o templo de Zeus e na Igreja.

Arqueólogos alemães, sob a direção de E. Curtius e F. Adler, escavaram o santuário entre 1875 e 1881. (Mapa a cargo de L. Demeyer, extraído de COI (Ed.), *Olympism in Antiquity*. Lausanne, Museu Olímpico, 1993, p. 30).

Legenda:

1. Heraion
2. Terraço dos tesouros
3. Bouleterion
4. Templo de Zeus
5. Pritaneu
6. Metron
7. Phillippeon
8. Estádio
9. Colunata de Eco
10. Colunata sul
11. Leonidaion
12. Atelier de Fídias
13. Ginásio / Pista de treinamento
14. Palestra
15. Banhos

A ideia de exumar Olímpia foi uma obsessão de muitos, desde o sábio beneditino Montfaucon em 1723, até o lorde Spencer Stanhope em 1824, passando por Winckelmann e Richard Chandler. Um francês, Fauvel, encarregado da missão pelo ministério de Choiseul-Gouffier, foi quem indicou pela primeira vez o local exato do grande templo, e outro francês, Abel Blouet, começou as escavações em 1829 durante a expedição de Morée. Mais tarde, Curtius, então preceptor do futuro imperador Frederico III, convenceu a seu aluno que era necessária uma gloriosa campanha arqueológica. Os trabalhos realizados em virtude de um convênio assinado em 1874 entre Alemanha e Grécia duraram seis anos e custaram mais de um milhão; cento e trinta estátuas ou baixo-relevos, treze mil peças de bronze, seis mil moedas, quatrocentas inscrições, mil terracotas e quarenta monumentos foram o resultado desse empreendimento, e tudo isso ficou na Grécia. A Alemanha somente ficou com os encargos financeiros... e com as honras. Mas essa honra é grande e há de lhe valer o reconhecimento do mundo civilizado.

Olímpia é hoje um lugar visitado por numerosos turistas. O trem que leva até ela desde Patras para diretamente em um vale lateral. Mesmo assim, albergues e o museu mantem-se a uma respeitosa distância de algumas ruínas cuja solidão, impressionante e grandiosa, ninguém quer perturbar. Nenhuma construção está de pé, nem total nem parcialmente, mas as bases estão suficientemente intactas para que o turista perceba com toda clareza, com o guia na mão, o plano e o aspecto externo de cada uma. Antes de entrar no Altis (o recinto sagrado) pela porta sul, a mesma pela qual entravam antigamente os cortejos, encontra-se o Leonidaion, a estalagem onde se hospedavam os distintos hóspedes e, mais tarde, o governador romano de Acaia; à esquerda, o suposto “atelier de Fídias” e o Theokoleion, residência dos sacerdotes vinculados ao serviço dos santuários; e então, à direita, atrás do Leonidaion, encontra-se o Buleuterion, que durante os Jogos era a sede dos magistrados dirigentes, os quais formavam uma espécie de Senado Olímpico. Na saída do recinto encontra-se o templo de Zeus. Este era um edifício de 64 metros de comprimento (os templos gregos nunca eram tão grandes), com uma fachada adornada por seis colunas. No templo havia uma estátua de Zeus, em ouro e marfim, cuja odisseia e desaparecimento lembramos mais acima.

Diante do templo estendia-se a ágora, vasta esplanada paulatinamente ocupada por muitos monumentos e estátuas erguidas graças à generosidade dos atletas ou a piedade das cidades. Não havia nenhuma ordem na disposição dos pedestais em ruínas; no entanto, supõe-se que deviam existir perspectivas artísticas por entre estes objetos de arte, e o verde, indubitavelmente, desempenhava um papel. Olímpia estava repleta de plátanos enormes, de oliveiras e de choupos prateados que redobravam sua beleza. Fechava a ágora um amplo pórtico que separava o hipódromo do estádio. O hipódromo desapareceu, sem que nem mesmo suas marcas possam ser vistas; situado próximo das encostas do Alfeu, deve ter sido arrastado pelas inundações de um rio temperamental. O estádio, próximo da montanha, era separado da ágora por um corredor em forma de abóbada de cerca de duzentos metros de comprimento. No centro da ágora se elevava o altar de Zeus, construção em forma elíptica com dois andares onde eram depositadas as cinzas das vítimas, de modo que a cada Olimpíada aumentava a área específica para isso. Próximo daí estavam a tumba de Pelops, um antigo santuário, o Heraion, que continha a preciosa mesa utilizada para a entrega

dos prêmios, o Philippeion, rotunda construída por Felipe da Macedônia após a batalha de Queroneia e, finalmente, junto ao monte Kronion, os treze *tesouros* construídos pelas cidades de Sicione, de Siracusa, de Megara, etc., para colocar neles suas oferendas, e os *Zanes*, conjunto de imagens de Zeus feitas com o dinheiro das multas impostas aos atletas como resgate das faltas que haviam cometido durante os Jogos. Ali também se encontrava o monumento dos vencedores de Plateas, que fora erguido pelos Eleanos em comemoração da campanha da Arcádia, e um grupo de 35 crianças em bronze pela cidade de Messina; mais tarde, o magnífico hexaedro de Heródes de Ático dominou o conjunto. Na verdade, faltava água em Altis. Este mecenas riquíssimo desviou um afluente do Alfeu que ali vertia num depósito semicircular rodeado por vinte e uma estátuas... Um pouco mais além erguia-se o Pritaneu, onde tinha lugar o banquete de encerramento; e depois, fora do recinto e protegido pelos diques poderosos contra as inundações do Cladeu, encontrava-se o grande ginásio rodeado de pórticos de 200 metros de comprimento, e a palestra, onde os participantes concluíam seu treinamento na véspera da abertura dos Jogos.

Assim era Olímpia: a beleza da paisagem que a rodeava, a riqueza de obras de arte, o surpreendente conglomerado de construções, a grande influência da instituição, da nobreza e da harmonia dos espetáculos, a intensidade nas rivalidades patrióticas, tudo concorria para fazer dela um dos centros mais comovedores e grandiosos da civilização antiga.

“Olympie”, em:
Revue pour les Français,
abril, 1906, p. 135-139.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

4.1/3 UMA OLÍMPIA MODERNA

Os artigos seguintes apareceram na *Revue Olympique*. Entende-se que nem o Comitê Olímpico nem os competidores estão obrigados a eles, mas se for necessário, os competidores podem encontrar ali alguns detalhes e informações que podem lançar luz sobre sua tarefa, facilitando assim seu trabalho. O tema aqui tratado é, de fato, um tipo novo. Quando ocorriam as escavações em Olímpia, foi feito muito esforço para “restaurá-la”. Utilizou-se talento engenhoso e consciente. No entanto, agora estamos falando de algo bem diferente. A nova Olímpia somente deveria levar em conta a antiga Olímpia na medida em que as exigências do presente coincidam com os costumes do passado. Para além das instâncias de tão feliz coincidência, a ordem do dia é a inovação útil e intencional. Nem todos os jovens arquitetos são atletas experientes ou desportistas versáteis. É por isso que esperamos prestar-lhe um serviço ao oferecer-lhe informação conveniente. O autor de *Uma Olímpia moderna* examinou, nesta ordem, os seguintes temas: o entorno, a administração; os indivíduos qualificados; o programa dos Jogos; os espectadores; e, por fim, as cerimônias. Ele apresentou suas ideias sobre todos esses assuntos, os quais, repetimos, não obrigam ninguém a não ser o próprio autor. Os competidores somente deveriam buscar nestes textos informações gerais, não fórmulas prescritivas. É claro que várias dessas ideias permanecem em aberto e têm méritos distintos. Estas ideias não provêm do Comitê Internacional e não terão nenhuma influência na decisão que ele venha a tomar. Que cada um as avalie, aprovando-as ou rechaçando-as com total independência.

I. O MARCO

A antiga Olímpia foi uma cidade do atletismo, da arte e da oração. A ordem desses três termos tem sido, às vezes sem razão, modificada, o caráter sagrado e estético de Olímpia eram consequência de seu papel muscular. A cidade atlética era intermitente; a cidade estética e religiosa, permanente. O mesmo acontecerá com a Olímpia moderna. Sua razão de ser será a celebração dos Jogos Olímpicos, e no intervalo serão realizados concursos de dimensão secundária, local e especial. Mas a arte e a religião permanecerão continuamente. Com isso não queremos dizer que se deva edificar uma igreja, nem lugares para culto, nem mesmo um desses templos em que se afirma um deísmo indeterminado. Se uma invocação a Deus deve abrir ou encerrar as Olimpíadas – o que responderia ao sentimento dos Alemães, Anglo-saxões, Eslavos e poderia ser imposto por eles aos Latinos –, é evidente que a cerimônia se realizaria ao ar livre; deveria ser breve e simples, pois somente nessas condições seria majestosamente desejável. Em nenhum caso teria sentido erguer um edifício destinado a celebrar os rituais do culto. Empregamos o termo religioso noutro sentido, pois Olímpia não merecia esse adjetivo simplesmente porque ali se encontram templos, altares e sacerdotes. A cidade bebia sua santidade no sentimento de piedade patriótica que planava sobre ela, da qual estava impregnada sua atmosfera e da qual se revestiam seus monumentos. Toda Olímpia, digna de seu nome e de sua finalidade, deverá dar a mesma impressão. Uma certa seriedade, não necessariamente

austera nem triste, deverá se estender sobre ela, de modo que no intervalo entre os concursos atraia aos visitantes como em peregrinação e lhes inspire o respeito dos lugares consagrados a nobres recordações ou a poderosas esperanças.

Garantir isso faz parte da arquitetura, com ajuda da escultura, da pintura e das demais artes decorativas. Compreende-se facilmente que um conjunto de edifícios de perfis semelhantes a um quartel, uma estação ferroviária ou um mercado, não contribui para formar a cidade desejada. Por outro lado, o lugar escolhido influirá necessariamente na concepção arquitetônica. O lago Lemano ou a baía de São Francisco, as margens do Tâmesa ou do Danúbio, a planície da Lombardia ou Puszta, não constituem uma mesma ordem de linhas e cores; cada paisagem inspirará planos diferentes e isso é bom porque a estreita colaboração entre o homem e a natureza é um dos elementos essenciais para a harmonia nessa matéria.

Sempre há princípios gerais que podem ser desenvolvidos. Uma das características mais felizes da época moderna é o retorno à concepção dos grandes espaços, a compreensão de sua beleza e seu possível uso. De maneira geral não parece que as gerações antigas conseguiram isso. Na China e Heliópolis subsistem alguns vestígios de monumentos isolados. Mas em quase todas as partes encontramos a superlotação e esta sim parece ter sido progressiva. Existia na Índia e no Egito; foi acentuada na Grécia e o Foro Romano a levou a um grau inédito. Reconstruindo mentalmente as construções cujas ruínas se amontoam aos nossos pés, chegamos a um incrível caos, no qual a noção de grandes espaços parece ter sido proibida. O Altis de Olímpia também era um caos, e nos é muito difícil não pensar que a harmonia havia aumentado singularmente se tivesse concedido-se um pouco de “ar” a tantos monumentos exagerados, colados uns aos outros de um modo estranho.

Nada há para imitar nessa organização. Não era prática, mas sim tão incomoda como discutível desde o ponto de vista artístico. Contudo, esta espécie de agorafobia arquitetônica que padeceram nossos antepassados não deve nos incitar a cair agora numa agorafilia. A Olímpia moderna deve compreender necessariamente numerosos edifícios, como veremos no exame que vamos fazer de sua eventual organização. Estas construções, por seu destino, serão muitas vezes solidárias umas às outras; seria muito inconveniente se estivessem separadas por grandes distâncias e, além deste inconveniente prático, a beleza acusaria o golpe, pela impossibilidade da visão abraçar o plano de conjunto da cidade. O grande artista Bartholdi costuma dizer que a silhueta de um monumento deveria bastar para indicar de longe seu destino. É um modo de falar, mas certamente a Olímpia moderna não deveria ser composta por construções esparsas num parque de cassino.

Aqui está outro perigo que se deve evitar. A ciência da jardinagem criou em nossos dias um tipo, indiscutivelmente belo, mas tão banal que chega a desagradar: o parque de cassino. Todos os balneários e estações termais se têm adornado com ele, uns após outros: gramado ondulado, árvores de espécies diferentes, dispostas com uma sábia irregularidade, cestas floridas semeadas ao longo dos caminhos de areia, nenhum dos quais é reto. Outrora era chamado de jardim inglês, em oposição ao francês, cuja uniformidade matemática chegava até a podar as árvores para lhes dar um aspecto regular. Entre estes tipos opostos pode-se escolher um ecletismo harmônico. O cassino não é a única armadilha. As avenidas largas e retas assumem facilmente o aspecto de cemitérios e, no entanto, são necessárias, pois nada é mais

adequado para o desfile dos cortejos. Tomem cuidado também contra o hospital. Bastariam algumas galerias cobertas que unissem os diversos edifícios entre si, para dar a Olímpia moderna o aspecto de um sanatório moderno.

A solução é sem dúvida difícil, e isso porque desde cinquenta anos temos construído e visto construir cassinos e hospitais em abundância, enquanto nem a nossa geração nem as que a precederam imediatamente, jamais viram algo que se pareça com Olímpia. Porém quanto mais árduo se torne o problema, tanto maior é seu interesse.

Em suma, é preciso em primeiro lugar que a cidade se ofereça ao visitante em sua totalidade, ou ao menos, se a disposição do terreno não se prestar a isso, que produza um efeito grandioso e digno. Em segundo lugar, é desejável que esta primeira visão da cidade tenha relação com seu papel, isto é, que na medida do possível seu aspecto indique o duplo caráter desportivo e artístico. Em terceiro lugar, sua silhueta deve buscar harmonizar-se com a paisagem que a cerca e aproveitar-se dela. Em quarto lugar, seria vergonhoso, sem dúvida, imitar a aglomeração antiga, e um erro inverso, tornar sua extensão demasiado grande. Aqui está o que nos parece aceitável para todos no que diz respeito ao planejamento da cidade. Mas, apesar disso, não recusemos a obra mestra que, inspirada num ideal inverso, propaga uma espécie de Meca Olímpica, encerrada entre ciumentas muralhas, ocultando suas maravilhas como se fosse um discreto relicário. O gênio às vezes se ajusta a estranhas ideias e acima de tudo não se deve desanimá-lo.

Uma palavra final. Quando se fala da antiga Olímpia, se dá por suposto que ela era composta por partes distintas. O Altis ou recinto sagrado era a Olímpia propriamente dita. Fora e ao seu lado, estendia-se a cidade profana, a dos proprietários e comerciantes. Esta disposição deve ser conservada ou, ao menos, ter o cuidado de que os alojamentos dos atletas, os restaurantes, os anexos de todo tipo sejam mantidos em seus limites um pouco dissimulados, longe do “Pátio de Honra” se é que existe, sem acesso direto com o que deve ser o coração e o centro da cidade, ou seja, os lugares do esporte e da música, o teatro e a biblioteca.

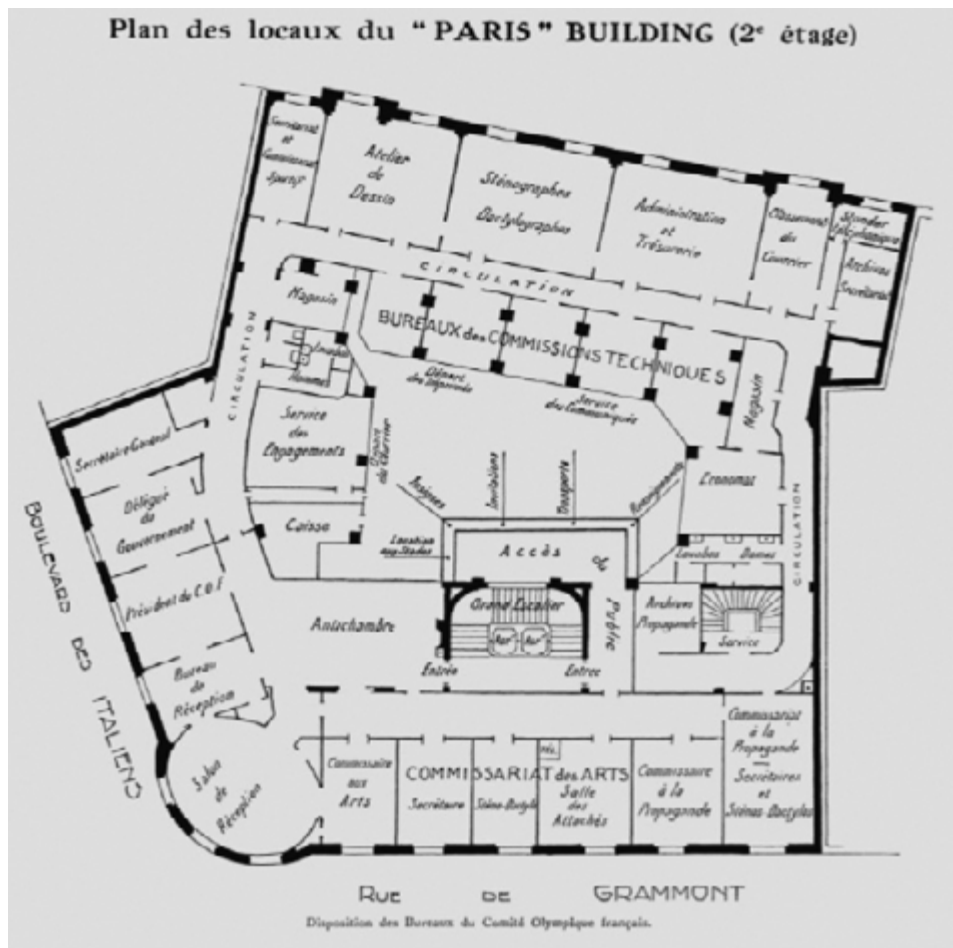
Isto é o que tínhamos a dizer sobre o marco dos Jogos. Serão os edifícios de um único estilo? Reunirão as características dos estilos conhecidos? Ver-se-á surgir um novo estilo que mereça levar para a História o nome de Olímpico? Por maior que pareça tal ambição, não tentará aos jovens talentos, ávidos por uma glória legítima e por um justo renome?

II. A ADMINISTRAÇÃO

A administração da nova cidade Olímpica não será muito diferente daquela da Olímpia antiga; as próprias necessidades da instituição lhe impõem um duplo caráter que não é mais contraditório que aparente; esta administração deve ser ao mesmo tempo intermitente e permanente. Olímpia não descansava entre uma Olimpíada e outra. Poderia se dizer, quando muito, que fazia uma pausa. Era animada frequentemente por concursos, festas peregrinações e, além disso, a atividade preparatória dos Jogos se manifestava, sem dúvida, com um ano de antecedência, e era necessário ao menos meio ano para que, após celebrados, se restabelecesse a calma total. O intervalo sem atividade Olímpica propriamente dita devia reduzir-se somente a dois anos. Não usar algumas das instalações, ou nenhuma, durante este



O universo completo dos Jogos Olímpicos de 1924 numa planta (1.200 metros quadrados, sete linhas telefônicas): plano do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Paris de 1924. (Extraído de Comité Olímpico Francês (Ed.), Rapport officiel. Jeux de la Ville Olympique. Paris: Libr. de France, 1924, p. 781)



período, suporia privar a nova cidade dos recursos orçamentários que não poderíamos desprezar. No concurso que dá oportunidade ao presente estudo, nenhum orçamento limita o fluxo imaginativo dos arquitetos; no entanto, isto não é motivo para deixar sistematicamente de lado uma fonte importante de recursos eventuais. Por outro lado, ainda que a cidade Olímpica devesse permanecer durante dois anos em um completo nirvana seria necessária uma administração embrionária para cuidar dela e de seu entretenimento. Assim, desde um ponto de vista administrativo, é preciso distinguir quatro tipos de organismos:

- os primeiros, totalmente permanentes, tendo a seu encargo a conservação dos edifícios e dos terrenos;

- os segundos, mais ou menos permanentes, devido à possível utilização desses mesmos edifícios e terrenos no intervalo dos Jogos;

- os terceiros, periódicos, dedicados à organização, propriamente dita, de cada Olimpíada;

- os quartos, permanentes, assegurando o serviço dos assuntos de ordem Olímpica e de tudo o que se relaciona com eles.

Podemos empregar fórmulas distintas para responder a estas necessidades. Mesmo neste campo o plano que propomos tem algo de absoluto; é, em nosso entender, um pré-projeto, suscetível, desde já, a ser modificado e aperfeiçoado por quem quiser. Sugerimos, em primeiro lugar, um Conselho Administrativo que constitua, com o Senado Olímpico, as duas assembleias permanentes da cidade, desde o ponto de vista da administração. Um conservador, emanado do primeiro destes corpos e residente no recinto ou em suas proximidades, e um secretário geral, emanado do segundo, centralizariam os assuntos de seus respectivos departamentos. Um seria responsável por toda a parte material (reparos, jardinagem, instalação hidráulica, elétrica, etc.) e outro manteria a comunicação com os comitês Olímpicos nacionais, as federações e as sociedades desportivas. O primeiro prestaria contas ao Conselho Administrativo, e o segundo, ao Senado Olímpico. Existe já um Senado Olímpico: o Comitê Internacional, que sempre insistiu em seu desejo de não interferir nos detalhes da organização das Olimpíadas e afirmou sua resolução de representar a instituição, mantendo-se fora e acima das disputas e querelas internas. O Conselho Administrativo, que provavelmente representaria a sociedade financeira, criada para explorar a cidade, estaria submetido, relativamente à sua constituição e à sua renovação, à legislação habitual deste tipo de sociedades. O Senado continuaria recrutando a si mesmo, de acordo com o sistema adotado pelo Comitê Internacional e nas mesmas condições. Haveria finalmente uma Comissão composta por nove membros (quatro designados pelo Conselho e cinco pelo Senado), a qual caberia o cuidado de autorizar, no intervalo dos Jogos, os festivais artísticos e desportivos, suscetíveis de serem organizados por agremiações estranhas à instituição Olímpica, e o de fixar as condições nas quais poderiam ter lugar estes festivais. O serviço permanente da biblioteca dependeria desta Comissão.

Se o plano que acabamos de expor fosse adotado, seria preciso prever:

1. Um palácio do Senado, compreendendo uma grande sala de recepção e uma sala de deliberações para cinquenta pessoas.

2. Um palácio administrativo que compreenderia uma sala de reuniões do Conselho Administrativo, a sala de reuniões da Comissão mista, a residência do respon-

sável pela manutenção, as oficinas dos serviços de manutenção (seis funcionários)¹ e os escritórios do secretário geral (dois funcionários).²

Esses dois palácios seriam construídos nesse lugar, no Altis. Por outro lado, não seria necessário prever mais que uma casa para o jardineiro chefe e para a guarda, que poderiam realizar ao mesmo tempo as funções de controlar as entradas. Restaria ainda o que diz respeito aos organismos intermitentes, ou seja, os locais necessários para o Comitê organizador de cada Olimpíada (esportes, concursos artísticos, festas e representações, finanças e reclamações, etc.). Estes locais deveriam ser construídos ao lado desse lugar, em anexos arquitetônicos da cidade, com vistas a não malograr sua aparência e, ao mesmo tempo, estar situados a uma distância prática e cômoda.

Na mesma região deveria ser construído um hotel com possibilidade de ampliação, ou seja, organizado para permanecer aberto o tempo todo, mas com a possibilidade de abrigar, nos períodos Olímpicos, um número considerável de residentes. Indiquemos que não se trata de acolher ali aos espectadores, ao público. Não; o hotel em questão seria construído para aqueles cuja missão de delegados ou participantes, com qualquer título, na organização das festas ou dos concursos, os obrigaria a residir ali temporariamente. Seriam homens em plena atividade; eles sentiriam falta das comodidades, mas estariam dispostos a se contentar com uma certa simplicidade e uniformidade no que diz respeito ao alojamento e à manutenção; a arquitetura e as condições do estabelecimento estariam, naturalmente, em consonância com estas circunstâncias especiais. Ao seu redor seria conveniente prever espaços necessários para instalar um acampamento, bem como uma espécie de aquartelamento para os atletas durante os Jogos. Quando estas últimas construções não fossem usadas senão com tempo bom e para estadas muito breves, teria que aplicar-lhes procedimentos especiais no que diz respeito aos materiais e aos planos. Examinaremos, nos próximos capítulos, o número de atletas previsível para cada Olimpíada, bem como o de funcionários, membros do júri e outros. No que diz respeito aos membros do Comitê organizador, seu número não poderá exceder de cinquenta.

Anexas ao hotel, seriam construídas dependências que compreenderiam principalmente quadras para uns sessenta cavalos e alojamentos para o pessoal de apoio, que poderia chegar aos cinquenta homens. Não há razão para se preocupar com oficinas para consertos nem com fábricas elétricas, pois não há motivo para pensar que a Olímpia moderna seria construída num deserto, longe de qualquer cidade que possa lhe fornecer a energia, a água e a luz. A energia, a água e a luz avançam hoje através dos campos, servindo até os centros de menor importância.

Nesta exposição não temos a pretensão de ter previsto tudo; além disso, repetimos que a fórmula administrativa que propomos pode ser substituída por outra. No entanto, cremos ter pensado em todos os organismos essenciais de uma cidade Olímpica moderna e com isso ter ajudado efetivamente em seu trabalho aos participantes do concurso internacional de arquitetura.

1 Água, eletricidade, edifícios, jardins, finanças. (Nota original de Coubertin)

2 Correspondência, arquivos. (Nota original de Coubertin)

III. O PROGRAMA DOS JOGOS

Quando, em 1894, os Jogos Olímpicos foram restabelecidos, estipulou-se que compreenderiam, na medida do possível, todas as formas de exercício em uso no mundo moderno. Este desejo foi plenamente realizado na IV^a Olimpíada, realizada em Londres, em 1908. O programa dos Jogos de Londres nunca será superado desde o ponto de vista do número de provas realizadas, e é inclusive provável que nem sempre seja alcançado. De todos os modos, nos inspiraremos nele para elaborar a lista de esportes aos quais convém dar abrigo na Olímpia moderna, considerando alguns desejos expressos e algumas decisões tomadas desde então pelo Comitê Internacional, como por exemplo, a supressão do ciclismo em pista, o que suprime ao mesmo tempo o velódromo da lista dos edifícios a serem previstos. Reafirmam-se cinco grandes divisões nas quais devem ser inspirados os desvelos arquitetônicos: os esportes do atletismo e da ginástica, os esportes de luta, os náuticos, os equestres e, finalmente, os jogos propriamente ditos.

Os esportes do atletismo e da ginástica compreendem os exercícios de ginástica individual e coletiva; as corridas, os saltos e os lançamentos (peso, disco, dardo). Para serem desenvolvidos a contento, lhes é necessária uma ampla esplanada e pistas. Naturalmente, existiu a tendência de adotar a solução da pista ovalada com a esplanada no centro e as arquibancadas dos espectadores ao redor. O aspecto geral dos estádios (como o de Atenas) e o das arenas (como a de Londres) é igualmente antiestético. Que bela diferença entre as elipses enfadonhas e, por exemplo, a pista do Racing Club de Paris, artisticamente desenhada entre gramados com sombra! Os terrenos de Hurlingham, em Londres, de Travers Island, em Nova Iorque, podem ser igualmente citados como exemplos; bastam para provar que se pode chegar à excelência técnica sem sacrificar por isso a beleza da disposição.

Os esportes de luta compreendem a esgrima propriamente dita (espada, sabre, clava e bastão), o boxe, a luta e o tiro. A esgrima – após permanecer reclusa durante muito tempo em locais hermeticamente fechados e, portanto, medianamente sadios – acabou por se dar conta que podia facilmente se transformar em um esporte ao ar livre, e todo mundo achou isso bom. Para ela seriam adaptados e aperfeiçoados aqueles espaços rodeados de pórticos, tão estimados pelos arquitetos de outrora. O boxe e a luta também poderiam estar assim enquadrados. A obrigação de velar pela segurança não permite adotar, no caso do tiro, outra solução diferente daquela das galerias de tiro, como se pratica hoje, mas as sórdidas muralhas laterais podem se converter em verdes taludes. Além disso, ao se incluir no programa, como em Londres, o tiro ao prato, é necessário prever um terreno em forma de leque com horizonte suficiente para afastar todo o perigo.

Os esportes náuticos são a natação, complementada pelo polo aquático, o remo e a vela. Não é necessário demonstrar que a vela é realizada em cenários naturais. Se Olímpia fosse construída à beira mar ou nas margens de um lago como o Leman, ou então estivesse localizada em Berlim ou Madison, nas proximidades de uma verdadeira rede de lagos, as competições à vela poderiam ser ali organizadas; mas o papel do arquiteto se reduz, nesse caso, a desenhar um porto de abrigo e alguns piers e diques. Ao contrário, um pequeno rio meramente navegável, insuficiente para os iates, basta para o remo. No que tange à natação, é preferível lhe reservar uma pis-

cina, seja a céu aberto, seja em ambiente fechado, aproveitando neste último caso para instalar banhos completos, pois a hidroterapia é acompanhante obrigatória de todo atletismo. A oportunidade é tentadora, pois nesse aspecto os homens modernos ainda não têm rivalizado com seus grandes antepassados latinos.

O hipismo é, de fato, o esporte mais dificultoso e caro. Por isso, não tem podido figurar até agora de modo completo nos Jogos Olímpicos. No entanto, em Londres houve polo e também um concurso hípico internacional que, mesmo fora da Olimpíada, a completaram muito bem. A parte equestre dos Jogos Olímpicos não deve compreender nem corridas de cavalos nem concursos hípicos no sentido usual da palavra, ou seja, manifestações nas quais o aperfeiçoamento da criação de cavalos e as questões dela derivadas sejam pontuadas do mesmo modo ou até mais que o talento do ginete. Além do polo, devem ocorrer também exercícios capazes de colocar em destaque a habilidade, a energia, a agilidade e o conhecimento do participante: desfile e salto de obstáculos, principalmente jogos de argolas, *pig-sticking*, etc. Pode-se introduzir também, no futuro, a prática de um esporte incrível, a esgrima a cavalo, e sua companheira, a luta a cavalo, hoje praticada somente na Inglaterra. Um campo de provas para polo e o piquete para os exercícios equestres constituem, assim, o centro indispensável desta parte dos Jogos Olímpicos. A pista pode ser coberta ou ao ar livre e se revestir das formas inspiradas pela fantasia de cada um.

Na classe de jogos propriamente ditos, não se deve colocar mais que os jogos devidamente internacionalizados por sua prática universal. O críquete não tem nenhum encanto para os que não são britânicos e, até agora, parece necessário ser americano para gostar de beisebol. No que diz respeito ao lacrosse, é um esporte quase exclusivo do Canadá. Algo bem distinto é o tênis, o futebol e, até certo ponto, a *courte-paume* (tê) e o hockey. O futebol e o hockey não necessitam mais que um campo de determinadas dimensões; oito quadras de tênis bastam para o mais concorrido torneio. O Tênis real é jogado em quadras específicas, forçosamente não muito bonitas, acabam por afetar a arte arquitetônica.

A indústria moderna tem encontrado um meio para criar gelo artificial e não é razoável descartar que um dia a química avançada poderá estender neve duradoura e resistente pelas ladeiras das colinas. Mas até agora, a patinação é o único dos três mais importantes esportes de inverno que poderia, em todo caso, ter lugar no recinto Olímpico. Os custos seriam enormes, e as dimensões da pista de patinação deveriam ser necessariamente restringidas. É melhor ater-se à solução de realizar estes esportes especiais no inverno e noutro lugar, com o nome de Jogos do Norte.

Ao contrário, pode-se prever um aeródromo com as instalações necessárias para aeroplanos e para saltar balões, já que o dirigível não pode ser considerado um instrumento de esporte. Resta um último esporte – o alpinismo – que não pode constar no programa dos Jogos, embora se possa premiar a melhor escalada feita por um alpinista durante os últimos quatro anos. Se nos dirá que não falamos do automobilismo. O mesmo se passa com o ciclismo: não é admitido pelo COI senão na estrada, como *cross-country*.

Até aqui a parte desportiva do programa dos Jogos modernos; falta falar da parte literária e artística.

A conferência consultiva convocada pelo Comitê Olímpico Internacional que teve lugar na Comédia Francesa, em Paris, o mês de maio de 1906, tinha por objetivo,

como se pode lembrar, “estudar até que ponto ou de que forma as Artes e as Letras poderiam participar na celebração das Olimpíadas modernas e, em geral, associar-se à prática dos esportes para beneficiá-los e enobrece-los”. Não vamos nos deter para examinar os múltiplos e bons desejos emanados daquela conferência nem as discussões frutíferas sobre os diversos artigos do programa, submetido à deliberação. Um de seus artigos referia-se à organização de concursos artísticos e literários a serem anexados aos Jogos Olímpicos. Isso tinha como pressuposto voltar à tradição antiga, precisando os detalhes. Mas, como escreveu o renovador das Olimpíadas, Pierre de Coubertin, primeiro era necessário fazê-las reviver, e depois, aperfeiçoá-las. Havendo sido realizadas três Olimpíadas com sucesso, se poderia pensar agora em revesti-las de refinamento e beleza; antes, a tentativa teria resultado inútil. Foi aprovado por unanimidade o projeto de criar cinco concursos – arquitetura, pintura, escultura, literatura e música –, destinados a fazer parte de cada Olimpíada, com o mesmo título que os concursos atléticos. A única condição para isso era que os temas escolhidos seriam inspirados pela ideia do esporte ou estariam diretamente relacionados com ele. Contando com a autoridade dos jurados, as obras premiadas poderiam ser expostas, interpretadas ou representadas em se tratando de quadros, estátuas, poemas sinfônicos ou obras dramáticas – durante os Jogos, mas de todos os modos, os laureados nestes concursos participariam na divisão geral de prêmios, junto aos atletas vencedores.

De acordo com esta ideia – o Comitê Internacional tratará de transformá-la em lei – os organizadores ingleses da IV^a Olimpíada publicarão, para 1908, um programa redigido com o auxílio da Academia Britânica Real das Artes, e escolherão os temas do concurso: antigos desfiles de atletas, partida de futebol, lançadores de disco, edifícios com piscina para a prática da natação, clubes esportivos e dependências... Essas são as das competições de pintura, escultura e arquitetura. Este programa, elaborado somente em outubro de 1907, não pode ser realizado por falta de tempo, mas será restabelecido nas próximas Olimpíadas, um pouco modificado, no sentido de que os participantes poderão provavelmente escolher um tema livre que mais lhe agradar. Qualquer que seja o conteúdo deste programa, desde o ponto de vista que nos ocupa, a nova Olimpíada não pode ficar sem um espaço para audições musicais ou representações teatrais, nem para galerias de exposição.

Dizemos a propósito um espaço, e não uma sala de concertos ou um teatro. Não excluimos essa solução. Em primeiro lugar, é questão de clima, e, além disso, nessa hora em que é mais importante o gosto pelo ar livre, será conveniente estudar todos os aspectos da questão. Também se poderia encontrar uma nova fórmula, como aquela utilizada pelos famoso Teatro Popular, de Bussang. Graças a ela, o ar livre e a construção se associam utilmente numa maneira muito Olímpica. É tarefa dos arquitetos aguçar seu engenho, mas saibam que a Olímpia moderna terá quadros, maquetes e estatuas para expor, e audições musicais e obras teatrais para representar.

IV. OS SELECIONADOS

Quantos atletas participarão dos Jogos da Olimpíada moderna? A questão é inquietante para os arquitetos. O número de atletas e o de espectadores; eis dois dados essenciais. Deles dependem as dimensões da nova cidade. No capítulo seguinte falaremos dos espectadores.

Quanto aos atletas, surge em primeiro lugar o problema de sua seleção. Os Jogos Olímpicos não podem evidentemente estar abertos a todos os que se apresentam, pois semelhante hospitalidade, numa época em que o esporte se torna universalmente popular, daria lugar a mais de dez mil inscrições e seriam necessárias intermináveis eliminatórias. Mas, qual o meio para se fixar a quantidade e a qualidade dos admitidos a participar?

A seleção apresenta vários aspectos: pode ser técnica, étnica, social ou moral. Os gregos acrescentavam outra: eram obrigatórias certas prescrições religiosas. Discutir a utilidade desta regra seria inútil, e todo intento de aumentar os privilégios de certas classes sociais em detrimento das demais seria rechaçado pela opinião pública. Os esportes modernos não podem admitir nobreza diversa da perfeição muscular, e esta não é patrimônio de nenhuma categoria de indivíduos. Isso no que diz respeito à seleção social. A seleção étnica já está presente de algum modo: na carta de restabelecimento dos Jogos Olímpicos, pois se diz que cada país somente pode ser representado por seus cidadãos, ali nascidos e regularmente nacionalizados; a residência, inclusive vitalícia, não bastaria; é preciso que tenham plenos direitos à bandeira que defendem.

A seleção moral existia na antiguidade, associada às prescrições de ordem religiosa. Em nossos dias cremos que essa seleção se imporá novamente; pois, na medida em que cresça a solenidade das Olimpíadas, se terá mais cuidado em prestar-lhe homenagem, se assim se pode dizer, com a depuração dos participantes, com a formação de uma verdadeira elite, digna de uma circunstância tão excepcional. Porém o que se lhe impõe de modo mais imediato e mais necessário é regulamentar a seleção técnica. Como dizíamos a pouco, pensa-se que os Jogos não podem constar mais que de provas entre prováveis campeões. Se o primeiro que chegasse pudesse se inscrever, as eliminatórias ocupariam todo o tempo da Olimpíada com concursos sem interesse, e seriam um atrapalho para uma organização tão cara e delicada. Até agora, foram os comitês Olímpicos nacionais, formados em cada país com vistas aos Jogos, os encarregados de organizar as eliminatórias, ou então escolheram entre os atletas, aqueles que estavam livres para se deslocar para representar seu país e que estariam em condições, senão de obter vitórias, ao menos ficar bem classificados. Esse modo de proceder não é isento de inconvenientes: ou as eliminatórias não reúnem os requisitos de exatidão e perfeição desejáveis ou então a designação direta é realizada arbitrariamente. Por outro lado, pareceria mais normal que fossem selecionados por direito próprio: por exemplo, os vencedores dos campeonatos nacionais disputados desde quatro anos atrás nas distintas modalidades desportivas. Então os comitês Olímpicos não teriam mais que elaborar uma lista de campeonatos “reconhecidos”, ou seja, que apresentassem as garantias necessárias; e o problema da seleção se simplificaria muito. De todo modo, inclusive aqui, surgiriam dificuldades, porque não existem em todos os países campeonatos verdadeiramente nacionais, nos quais estejam representadas as várias regiões do país. Vejamos, por exemplo, um país tão grande quanto a Venezuela. Passará muito tempo, antes que seu desenvolvimento desportivo permita algo semelhante; mas, no entanto, isso não é motivo para que nenhum atleta venezuelano possa participar dos Jogos. Nesses países, o método de escolha direta, realizada por uma comissão constituída ad hoc, ainda será necessária durante algum tempo.

Qualquer que seja o procedimento definitivamente adotado, com vistas à seleção técnica, será sempre indispensável que o número de participantes seja limitado pelo regulamento Olímpico geral a tantos atletas por país e por modalidade desportiva; o número máximo de atletas, assim fixado, será sem dúvida raramente alcançado, porque se os países que têm recursos consideráveis em homens e dinheiro podem aproveitar todas as vantagens que se lhes oferece, os países menos afortunados não enviariam, de modo geral, mais que os participantes que tenham reais possibilidades. E, por outro lado, não seria possível tratar a cada nação de modo diferenciado, nada tendo a ver a geografia atlética com a política. Atualmente, a Suécia pode elaborar uma lista de participantes, enquanto a Rússia não.

Feitos todos os cálculos, o número médio de atletas que deverão participar das quatro categorias que constituem o programa Olímpico pode ser estimado entre 800 e 1.200:

Atletismo e ginástica	de	500	a	650
Esportes de luta	de	180	a	250
Esportes náuticos	de	60	a	100
Hipismo	de	60	a	100
Total		800	a	1.200 ³

Restam ainda os jogos de equipes, o que supõe um aumento numérico bastante considerável: digamos de 200 a 500. Estes são os dados que parecem razoáveis para uma Olimpíada modelo, dos quais os participantes no concurso de arquitetura deverão extrair as proporções da cidade cujo plano vão construir. Quanto aos artistas e literatos que apresentarão suas obras nos Jogos Olímpicos, parece pouco provável que seu número necessite de eliminatórias, mas se isso for necessário, seriam fáceis de organizar, pois bastaria um jurado nacional, funcionando em cada país, que não deixasse passar senão as melhores obras.

V. OS ESPECTADORES

A questão dos espectadores, como dizíamos, constitui, juntamente com a dos atletas, uma das bases essenciais para apreciar as dimensões que é preciso dar à cidade Olímpica. À primeira vista parece que tudo se reduz a criar o maior número possível de praças, para multidões as mais numerosas possível. Já é habitual costume julgar o êxito de uma festa pelo número daqueles que a assistem; quanto mais houver, como dizem os aldeãos, mais contente se está. Aplicar aos Jogos Olímpicos este princípio vulgar, permanente e definitivamente, seria cometer o pior dos erros. Dizemos permanente e definitivamente porque, em princípio, a massa tem um papel a representar: a consagração. Os milhares de espectadores que se reuniram em Atenas, San Louis e Londres, para aplaudir os vencedores das primeiras Olimpíadas, deram à instituição seu caráter mundial e internacional. A além disso, quando se trata de Olimpíadas, cuja sede muda cada vez de um país para outro, pode-se contar sempre com os jovens, porque seus elementos se renovam. O projeto que aqui apresentamos – o restabelecimen-

3 Na conta do autor faltam 100. A soma real seria de 800 a 1.100 atletas. (N. T.)



Os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna atraíram de forma inesperada grandes quantidades

de espectadores. (Extraído de La Revue Sportive Illustrée, abril de 1906, p. 6)

to de uma nova Olimpíada –, não permite este cálculo. Nesse ritmo que vão as coisas, pode-se prever uma época em que haverá saciedade no que se refere aos espetáculos desportivos; ou mudará a moda, ou a opinião daqueles que não praticam esportes permanecerá indiferente. Então, a convocação da juventude por meio de cartazes, propaganda, etc., pode correr o perigo de não ser suficiente. Sem dúvida, a Olimpíada moderna sempre atrairá, pela beleza do marco e a colaboração das artes. No entanto, seria ingênuo contar sempre com a fidelidade das multidões.

Acrescentaremos que isso nem mesmo seria desejável nem desde o ponto de vista técnico nem desde o artístico. Tecnicamente, o público demasiado numeroso, no qual domina o elemento não desportista, prejudica o esporte. Em se tratando de esporte, o espectador ideal é o desportista que está descansando, que interrompe seu próprio exercício para acompanhar o movimento de um colega mais hábil ou melhor treinado. Este é o princípio; evidentemente, não podemos nos ater a ele, mas é preciso caminhar em direção a ele. Desde o ponto de vista artístico, não é somente feia a silhueta, feia a cor das grandes multidões modernas de jovens, mas também é difícil tornar agradáveis as tribunas, os recintos, as barreiras, as bilheterias, etc., e tudo o que é necessário para instalá-las.

Por outro lado, o sistema de convites que satisfaria plenamente as exigências de dignidade e moderação da instituição Olímpica não é muito recomendável, porque suprime completamente o sistema de ingresso. Parece que poderia ser posto em prática em sistema misto, que consistiria em vender um certo número de ingressos a preços elevados e distribuir outros, com tato e inteligência, entre aqueles que não os podem pagar. Esta é uma maneira um tanto moderna e democrática de ver as coisas. Há todo um grupo de pessoas que mostra tanto mais interesse num espetáculo, quanto mais caro ele for. Esta categoria que existia em Atenas e se encontra atualmente em todos os centros nos quais a civilização é pouco avançada.

Mas tratando esse tema, sairíamos do nosso. A questão das “perdas e ganhos” não é da incumbência dos arquitetos, aos quais se lhes pede que imaginem para as Olimpíadas modernas um marco digno do seu passado e de seu futuro. Tudo isso era para chegar a uma cifra aproximada de espectadores. Pois bem, propomos uma média de dez mil; é a cifra com a qual deveríamos contar. Estamos longe dos sessenta ou oitenta mil espectadores apinhados nos estádios de Atenas ou Londres. Mas podemos, ao menos, estar seguros da assiduidade desses dez mil, e de que não destruiriam a estética do cenário.

Não a destruiriam, se estivessem bem distribuídos. Por isso, seria conveniente evitar as arquibancadas desconfortáveis onde se produz o amontoamento e o conjunto pesado, de bordas geométricas, não é agradável ao olhar e afeta a tudo o que o rodeia. Podeis tentar estabelecer de todos os modos uma tribuna e colocá-la na paisagem mais conveniente, porém uma vez cheia, aparecerá quase sempre um bloco horroroso. Os gramados e os terraços permitem evitar esse inconveniente, pois os espectadores têm liberdade para se movimentar. Quando se agrupam é por um momento, e se a silhueta de seus grupos for bela, ela pode mudar. Já é algo. Naturalmente, a instalação de gramados e terraços exige muito mais terreno disponível, bem como arte e gosto. São necessárias a irregularidade, a fantasia e a ordem, tudo de uma vez; e é preciso, sobretudo, que as exigências técnicas sejam respeitadas, que uma construção não domine a outra, que umas não impeçam a vista das outras. Cremos que há poucos pontos aos quais a imaginação dos arquitetos empreendedores e inovadores poderá aplicar de modo mais feliz seu esforço. Estamos metidos num atoleiro. Honra àquele que encontrar e indicar a saída.

VI. AS CERIMONIAS

Como se pode imaginar, o capítulo das “cerimonias” é um dos mais importantes do regulamento. Especialmente porque por elas as Olimpíadas se distinguirão de uma simples série de campeonatos mundiais. Têm tal solenidade e cerimonial que não se deve deixar de fora a hora de medir o prestígio de seus títulos nobres.

Por outro lado, é necessário evitar a semelhança com um simples desfile e se ater estritamente aos limites da medida e do bom gosto.

Se consultamos a História, vemos que durante os Jogos, o antigo Altis era percorrido por uma multidão de cortejos, cujo pretexto era, muitas vezes, um ato religioso. Atletas, espectadores e funcionários ofereciam sacrifícios às divindades simbólicas, cujas imagens e altares encontravam-se no recinto sagrado. É muito difícil determinar o grau de majestade e de autentica beleza alcançado por estes desfiles, mas

sempre eram realizados com a maior seriedade. Os antigos tinham, evidentemente, o sentido da evolução coletiva que nós perdemos, mas que seria difícil encontrar, já que não há razão para atribuir-lhe uma superioridade imanente; eles a haviam adquirido e desenvolvido pelo costume.

É preciso observar que o caráter particularmente humano que dava vigor ao culto, facilitava essa aquisição e esse desenvolvimento. Em nossa época, o culto público não é impossível e suas manifestações não se prestariam, desde já, a algo parecido.

No que tange às festividades civis, ainda não conseguimos dar-lhes um aspecto de disposição nobre e bela. Mas a experiência da antiguidade nos pode ser útil. Os “sacrifícios”, cuja lembrança acabamos de evocar, eram meras fórmulas que encobriam a expressão de um duplo sentimento de ordem elevada. Os encontros de Olímpia seriam a um só tempo memória do passado e ato de fé no futuro. Isso também seria conveniente fazer nas Olimpíadas que ressuscitaram. Seu papel e seu destino é o de unir no presente o que foi e o que será.

São por excelência as festas da juventude, da beleza e da força. Queremos buscar nestas notas o segredo das cerimônias que vamos restabelecer.

Há uma que já existia naquela época e que pode ser recuperada quase de forma idêntica: o juramento. Antes da abertura dos Jogos, os atletas admitidos para competir dirigiam-se ao templo de Zeus e juravam observar sempre a lei do Jogos. Declaravam-se dignos de se apresentar no estádio. A imagem do deus será substituída pela bandeira da pátria para cada um, e deste modo a cerimônia ganhará em grandeza. Esta “modernização” é tão indicada que não vale a pena insistir nela.

Nas Olimpíadas recentes a proclamação da abertura dos Jogos procurou ser realizada numa solenidade muito apropriada; isso porque a presença dos soberanos ou chefes de Estado que proferiram as palavras sacramentais em 1896, 1904 e 1908, não têm sido suficientes para dar grandeza própria à cerimônia.

Em Atenas, coros admiráveis e uma soltura de pombas acompanharam a proclamação feita pelo rei George. Em Londres, um desfile de atletas, muito vistoso, constituiu o melhor da jornada. Na verdade, o desfile parece ser mais conveniente para a entrega de prêmios que a abertura dos Jogos. Até agora, a distribuição de recompensas era realizada da maneira mais vulgar e horrorosa: os laureados apresentavam-se em trajes comuns, não arrumados e sem a menor preocupação estética. Londres introduziu uma pequena inovação. A maioria dos jovens apareceram com a roupa de seus respectivos exercícios, e este simples fato transformou completamente o aspecto da cerimônia. Mas desde o início até o final dos Jogos de 1908, esqueceram-se da música; tudo ficou limitado a um desagradável som metálico e coros transnotados. Grandes massas cantando em coro alternando-se com fanfarras distantes constituem, por excelência, a base das sinfonias Olímpicas que os músicos do futuro irão, sem dúvida, querer compor. De algum modo necessitarão da colaboração dos arquitetos. Os problemas acústicos não se resolvem ao ar livre. As “telas” têm um papel importante, e além disso não podemos esquecer que a invisibilidade dos músicos foi um dos dogmas inovadores da estética wagneriana, dogma que conta com adeptos fiéis, cada vez mais convictos. Desse modo, pois, as cerimônias não serão muito numerosas, mas importantes: o juramento dos atletas, a proclamação da abertura dos Jogos, a entrega das medalhas... são os principais acontecimentos obrigatórios. É preciso acrescentar a eventual entrega dos diplomas

Olímpicos, raramente outorgados.

Estas festividades serão acompanhadas de desfiles, formação de grupos como “quadros vivos”, discursos, audições musicais... Que arquitetura pode combinar com um programa desse tipo?

A primeira e mais importante característica da arquitetura será a dos “diferentes níveis”. Já falamos sobre os espectadores. Parece que nada autenticamente artístico pode ser realizado com uma uniformidade de nível. Os antigos – especialmente caldeus e egípcios – compreenderam o valor das “plataformas” muito melhor que nós. Os arquitetos modernos se limitam a construir simples plataformas funcionais, e longe de aproveitar a oportunidade para criar desníveis, tratam de evita-los.

Consideram falta imperdoável construir plataformas de altura variável, onde não são necessárias. Não duvidamos que terraços, escadarias, taludes, planos inclinados, sejam as fontes mais seguras para a eurritmia da cidade Olímpica, e que dariam uma ampla beleza e uma majestosa grandeza às cerimônias que ali fossem realizadas. Se compreenderá que é preferível uma decoração suave, quase aérea; os faraós adotariam a mais pesada, e realizariam com ela, no entanto, algo belo e grande... Uma vez mais, deixemos correr a fantasia. Nosso fim é servi-la, não prende-la.

Interrompemos aqui estas considerações, sobre cujo caráter já nos temos manifestado claramente em muitas ocasiões. A dupla tarefa assumida pela Revista Olímpica era a de abastecer com dados técnicos necessários e precisar o sentido e o alcance do programa proposto aos participantes do concurso de arquitetura. Aos arquitetos cabe agora realizar o grande sonho de fazer brotar de seu cérebro uma Olímpia esplendorosa, ao mesmo tempo original em sua modernidade e que se imponha por seu tradicionalismo, mas acima de tudo, que seja perfeitamente adequada à sua função. Quem sabe? Quiçá soe a hora na qual o sonho, já escrito no papel, se edifique realmente. Quem pode predizer o futuro reservado a uma instituição tão nobre, sedutora e útil como os Jogos Olímpicos? Quiçá algum dia um mecenas lhe consagre um lugar permanente, de acordo com sua importância e beleza. No concurso aberto pelo Comitê Olímpico Internacional não há nada inacessível às esperanças dos participantes. A obra para a qual são convidados é uma obra saudável e sadia que tende a selar mais fortemente a aliança, felizmente retomada, entre os músculos e a arte.

Oferecido por *Revue Olympique* aos participantes do Concurso Internacional de Arquitetura, Paris, 1910.

“Une Olympie moderne”, Auxerre: Jattefaux, 1910.

4.1/4 O QUE PODEMOS PEDIR AGORA AO ESPORTE...
DISCURSO PROFERIDO NA ASSOCIAÇÃO DE HELENOS
LIBERAIS DE LAUSANNE EM 24 DE FEVEREIRO DE 1918

Senhoras e senhores:

Ao responder seu amável convite, aceitando inaugurar esta série de conferências, não obedeco somente ao impulso de uma irredutível helenofilia, senão que, ao mesmo tempo, reavivo dentro de mim uma lembrança preciosa e distante. Faz já mais de vinte e três anos, quando numa bela tarde de novembro de 1894, e respondendo ao convite de sua famosa associação ateniense O Parnaso, eu expunha a seus membros o que era preciso esperar da difusão do esporte. Alguns meses antes, no grande anfiteatro do palácio da Sorbonne, de Paris, o restabelecimento dos Jogos Olímpicos havia sido proclamado e esta iniciativa completava a obra com êxito definitivo. Assim, pois, fui levar aos gregos a saudação neo-Olímpica e convencê-los de que consagraram sua existência, consentindo que a primeira Olimpíada moderna fora celebrada sob seus auspícios, ao pé da Acrópole. Em torno dessa ideia nasceram entusiasmos e foram desenvolvidas oposições violentas. Não me esqueci nem de uns nem das outras.

Hoje, passado quase um quarto de século, é mais fácil observar seu sentido e seu alcance. Antes que eclodisse a Guerra Mundial, já sabíamos que o renascimento desportivo, pelo cultivo das energias individuais, havia criado forças nacionais, e a grande tragédia de hoje provou isso de modo peremptório e sangrento. Mas o esporte pode fazer mais por nós. Poderá nos assegurar para o futuro, se soubermos lhe dar uma chance, o bem essencial, fora do qual não é possível nenhum acordo permanente: a paz social.

Alegro-me que me seja concedido pregar esta segunda parte do evangelho desportivo, como fiz antes com a primeira, no âmbito de uma comunidade helênica, e ter assim a possibilidade de colocar, mais uma vez, meu esforço a serviço desta poderosa civilização, cujo passado merece todas as honras, e seu porvir, todas as esperanças: o Helenismo.

I

A ideia da preparação militar, que se realiza e se aperfeiçoa com o exercício físico, é muito antiga. Na Mesopotâmia, como no Egito e no Extremo Oriente, os governos belicosos e conquistadores recorreram a este sistema e é provável que fizessem um apelo ao instinto desportivo, para colaborar com seus desejos, quando o encontrassem, o que era algo pouco frequente e pouco desenvolvida por outra parte. O instinto desportivo não é um instinto animal. Nem as ideias de progresso nem de risco que são, por assim dizer, seus dois polos, são acessíveis aos animais. O gato e o pônei de polo – os aparentemente mais desportivos – não pretendem nada além do jogo; seus músculos se divertem, e isso é tudo. Mas o instinto desportivo é outra coisa. É, por excelência, um instinto de poder; cheguei à conclusão de que ele não nasceu do contato do homem com a arma, mas com o cavalo. O homem armado não era necessariamente um desportista. Mas o ginete devia chegar a sê-lo, mesmo contra sua vontade. Sobre esse tema, gostaria de citar um sugestivo texto de Heródoto que, infelizmente, não trouxe comigo.

Portanto, a antiguidade mais longínqua conheceu e praticou a preparação militar pelo exercício físico; mas a preparação cívica foram vocês, os gregos, que a inventaram. A primeira podia ser garantida somente com a intervenção da autoridade, mas para a segunda fazia falta, necessariamente, uma colaboração voluntária do indivíduo. O instinto desportivo que não representava para a primeira mais que um reforço ocasional, era para a segunda uma condição vital. Assim, vocês chegaram a ser os pais do esporte; vocês o organizaram e o codificaram, fazendo dele uma instituição regular; uma fábrica de força coletiva.

O Olimpismo foi, de certo modo, o coroamento e o emblema desta organização. Às manifestações de um atletismo reflexivo, vieram juntar-se, em períodos fixos, todas as demais manifestações da vida nacional. O atleta apareceu colaborando com o filósofo e o artista para a glória da pátria. Encarnava, ao mesmo tempo, a força eventual e seu treinamento permitia-lhe se improvisar como seu defensor. Foi assim que, entre o ano 500 e 449 a. C., quando o perigo persa ameaçava o Helenismo, armadas e frotas inesperadas barraram as ambições de Dario e Xerxes e as instruções de seus conselheiros. Estava-se em dúvida ante o grande poderio inimigo, e mais de uma cidade estava inclinada a aceitar o ultimato. Atenas porém se levantou, e a vitória lhe deu razão. Muitos séculos mais tarde – a História tem regressões eloquentes e repete-se curiosamente –, um general inglês pode dizer que o êxito britânico em Waterloo havia sido forjado nos campos de críquete do colégio de Eton; e então, não é também acertado dizer que a glória de Maratona e de Salamina havia sido forjada nos recintos do ginásio grego?

O ginásio grego! A menos conhecida, a menos estudada e, talvez, a mais fecunda de todas as instituições da antiguidade e também a que explica melhor a grandeza dos tempos antigos, pois serviu de base para uma civilização superior. Quando Antíoco, o Grande, quis helenizar Jerusalém, sua primeira preocupação foi abrir um ginásio, pois sabia que tudo mais surgiria daí.

O ginásio grego – ao qual voltaremos em seguida, para buscar novas normas, adequadas às necessidades atuais – cobriu a terra grega, as ilhas e as margens do Mediterrâneo. A Hélade levou-a até Roma, que o deixou morrer. Naturalmente, isso aconteceu muito lentamente. Desde Alexandria do Egito até Sibaris, as tradições resistiram, adormecendo lentamente sob o influxo romano, que conduziu o povo aos Jogos Circenses, e os mais refinados à voluptuosidade das termas. Algumas passagens de Sêneca nos permitem apreciar ao vivo a decadência do atletismo, ao qual o cristianismo vai dar o golpe de misericórdia; porque é preciso advertir que a Igreja, relativamente indulgente (e lhe devemos muito nesse sentido) com os produtos do espírito pagão, mostrou-se severa em relação à cultura física, pois via nela a continuação e a fonte do “orgulho da vida” ao qual a Escritura havia lançado seu anátema. Não nos indignemos, pois, desde o ponto de vista histórico, sua atuação está justificada; o mundo de então tinha necessidade do ascetismo; o luxo e a plutocracia representavam para ele uma ameaça mortal. Em nossos dias, ao contrário, foi preciso voltar ao caminho da educação física, pois carregávamos o peso deste período de filosofia ascética, que foi demasiadamente longo e esmagador; e como a humanidade se assemelha ao pêndulo que aspira ao equilíbrio e não o alcança senão de modo efêmero, ao longo de seu infatigável caminho de um extremo a outro, agora corremos o risco de chegar muito longe na posição contrária. Depois que o

édito do imperador Teodósio, ao suprimir as Olimpíadas, interrompeu o curso das tradições atléticas, subsistiram, todavia, aqui e acolá, ginásios modestos nos quais resistiam obstinados apaixonados pelo esporte, que porém nunca chegaram a alcançar os raios da beleza artística e do esforço intelectual, porque haviam se divorciado o espírito e o músculo. Esta época obscura mereceria um estudo e eu queria tentar fazê-lo, mas não o conseguiria e desejo que outros desejem fazer isso. Quem sabe isso não ajudaria a entender melhor o caráter e o alcance das centelhas de energia que, nos mil anos de sua agitada existência, o império grego nos apresenta de modo misterioso e cativante?

Conhecemos melhor, ainda que insuficientemente estudadas, as manifestações do espírito desportivo da Idade Média, pois a Igreja, ao elaborar a regulamentação da Cavalaria e ao tolerar mais tarde os torneios, teve de afastar-se temporariamente de sua severidade antidesportiva. Mas seria um erro acreditar que os torneios eram reservados à classe dos nobres. Não creio seja necessária outra prova que o divertido desafio, lançado em 1330, com o consentimento do rei Felipe IV, pelos burgueses de Paris aos das províncias. Os provincianos, provenientes em sua maioria de Amiens e São Quintino, de Reims e de Compiégne, sucumbiram ante os parisienses. Eram mais de setenta no total. Um mestre de contas da capital e um burguês de Compiégne dividiriam os prêmios, entregues por uma jovem, filha de um tecelão. Um dos vencedores nas justas acabou com a perna quebrada e o outro saiu seriamente ferido. Sem dúvida, havia ali um dos elementos essenciais do esporte, o gosto pelo risco. Mas era um esporte rudimentar, sem treino nem organização. As mesmas características podemos observar naquelas homéricas partidas de soule - o antepassado do futebol - organizadas em torno da mansão de Cotentin pelo senhor De Gouberville, das quais nos dá conta tão pitoresca por sua simplicidade seu diário privado. Os governos de então não parecem aprovar esses costumes. Eduardo III da Inglaterra proibia a seu povo todo exercício que não fosse o tiro com arco, e Carlos V da França, grande aficionado pelo jogo da bola, proibiu sua prática a seus súditos. É certo que na Idade Média o instinto desportivo havia se desenvolvido com facilidade fora da Europa, mas o feudalismo o reprimiu e a Igreja, uma vez desligada da Cavalaria, voltou sua desconfiança para a cultura física, na qual acreditava encontrar um perigoso precursor da liberdade de pensamento.

O exercício físico encontrou apologistas desde Rabelais até Rousseau, e houve inclusive tentativas meritórias de passar da teoria à prática, como Basedow e Pestalozzi. Mais tarde, o grande patriota alemão Ludwig Jahn e o sueco Ling dedicaram-se a estender em seus respectivos países suas doutrinas sobre a ginástica. Mas o primeiro não pensava senão em criar uma força militar, capaz de realizar a reunificação alemã, e o segundo procurava obter a saúde por meio de uma atividade física regrada cientificamente.

Estava reservado ao grande inglês Thomas Arnold reconsiderar a obra grega, desde o momento em que os destinos adversos a interromperam, e dotá-la de uma fórmula pedagógica apropriada às condições modernas. O mundo havia esquecido até que ponto o esporte organizado pode criar uma força moral e social e, por isso, desempenhar um papel diretamente sobre os destinos de uma nação; e havia esquecido isso de tal modo que a Inglaterra, primeiro, e todo o Império britânico, depois, assimilaram quase inconscientemente as doutrinas e o exemplo de Arnold, que ga-

nhavam terreno dia a dia; de modo que o verdadeiro ponto de partida da renovação britânica deve ser considerado o colégio de Rugby. No início os Estados Unidos permaneceram indiferentes a este movimento, e as palavras de Noah Webster, dizendo que “uma sala de almas era tão necessária num colégio como uma cátedra de matemática”, não tiveram eco, enquanto a juventude americana caía no excesso de um intelectualismo sem contrapeso, às vésperas da Guerra de Secessão. A terrível agitação a fez reagir brutalmente. Foram construídos ginásios, muito diferentes daqueles que levavam o mesmo nome na antiguidade, e as pretensões científicas foram levadas até as fronteiras do pedantismo, mas o esporte penetrava pouco a pouco como vencedor. Era, portanto, o sucessor do esporte helênico, mas dispunha, graças às invenções e aos progressos modernos, de aparatos engenhosos e novos meios. Seu domínio técnico se havia ampliado consideravelmente e sua formula se havia tornado precisa. Era “o culto habitual e voluntário do exercício muscular intensivo, apoiado no desejo de progresso e podendo chegar até o risco”. Esta é sua definição e encerra as ideias de vontade, continuidade, intensidade, aperfeiçoamento e perigo eventual, os cinco elementos que constituem o esporte. Isso se dá em razão da potência e se une, ao mesmo tempo, com a filosofia estoica, para a qual pode conduzir seus adeptos. Eu pensava neste esporte quando, faz trinta anos, fiz um pacto com Jules Simon para conseguir fazer ressurgir o esporte na França. A convicção do filósofo septuagenário não era menos ardente que a minha, e o resultado correspondeu às nossas esperanças. Pois uma educação mais varonil e mais ampla teria dado lugar em seguida a frutos tão fecundos como aqueles, cujo benefícios havia recolhido, outrora, Thomas Arnold na Inglaterra. Cegados pelo espírito partidário, alguns franceses tentaram em vão descobrir uma decadência que não existia senão neles mesmos. A História fixará o traço da curva ascendente que permitiu à República escrever, em quarenta anos, a página mais admirável das epopeias coloniais e conduzir a juventude através dos perigos de um pacifismo e de uma liberdade levados ao extremo, até a mobilização de agosto de 1914, que permanecerá como um dos mais belos espetáculos que a democracia ofereceu ao mundo.

O papel que o esporte desempenhou neste soerguimento foi percebido inclusive do outro lado do oceano e, sem dúvida, foi melhor apreciado que na própria Europa. Mas a França não passa de um exemplo da virtude das fórmulas gregas, aperfeiçoadas pela civilização anglo-saxônica. Existem outros. Nos últimos quinze anos, quase todas as nações deram suficiente atenção a este campo, por tanto tempo esquecido, da pedagogia e nenhuma teve que lamentá-lo. Qualquer que tenha sido o procedimento empregado – ingerência do Estado ou iniciativa privada –, o cultivo das energias individuais por meio do esporte foi estendido por todos os lados como uma força nacional. A Suécia e a Alemanha reconhecem isso, como a Bélgica e a Suíça... Pois bem, não deveríamos pedir ao esporte algo mais, algo diferente? Será que ele não pode fazer nada para satisfazer a necessidade que amanhã dominará entre todas, pois disso dependerá a obra de reconstrução? Será que o esporte não pode nos ajudar a fazer com que reine a paz social?

Geralmente, estamos de acordo em admitir que o melhor fundamento para a paz social, no seio de uma sociedade democrática, seria o restabelecimento de um afortunado equilíbrio entre a desigualdade introduzida nos homens pela própria natureza, e a igualdade que se procura estabelecer entre eles por meio das leis. Mas, onde estão as bases e os limites para tal equilíbrio?

O que faz com que a desigualdade seja insuportável para aqueles que a sofrem é, principalmente, sua tendência a perpetuar a injustiça; e os homens se levantam contra ela por causa de seu duplo caráter: a permanência e a falta de justificação. Se fosse passageira e justificada, não teria inimigos. Então, assumamos que, se em outros campos é quase impossível conseguir condições semelhantes, na república desportiva elas se impõem por si mesmas.

O que é um resultado desportivo? É uma cifra ou um feito. Existe para vocês um limite de altura máxima acima do qual não pode elevar-se seu salto; um mínimo de tempo que não pode reduzir sua corrida de cem metros. O peso que levantam, a corda pela qual sobem, expressam igualmente em quilos ou metros o valor de seu esforço. O alpinista é capaz de escalar uma montanha e não outra. O ginete, de amestrar um cavalo e não outro. E assim, em toda parte vocês encontram limitações de rigor mais ou menos matemático, que no princípio, no entanto, não saberiam calcular. Ninguém pode precisar de antemão seu próprio alcance, pois somente um caminho conduz para isso: o treinamento, o trabalho obstinado. E quando se chega à meta pretendida, quando se estabeleceu seu próprio recorde, isto é, o melhor resultado ao qual se pode chegar, é preciso seguir lutando para mantê-lo. Não há nenhuma garantia para a posse duradoura deste recorde. Somente um labor constante lhes ajudará a mantê-lo. Aqui está, se me permitem abrir este parêntesis, todo o segredo da pedagogia desportiva. O esporte deposita no organismo o germe das qualidades fisiopsicológicas, tais como o sangue frio, a segurança, a decisão... Estas qualidades podem estar localizadas próximas ao exercício que lhes deu a vida; é o que ocorre com mais frequência. Quantos ciclistas temerários, ao descer de suas máquinas, se tornam inseguros em todas as encruzilhadas da existência! Quantos nadadores, que se esforçam na água, desanimam com o vai e vem do oceano humano! Quanto esgrimistas não sabem aplicar aos combates da vida a oportunidade e a clarividência que ostentam na sala de armas! A tarefa do educador consiste em fazer frutificar o germe em todo o organismo, em transportá-lo de uma determinada circunstância a todo conjunto de circunstâncias, de uma categoria especial de atividade a todos os atos do indivíduo. Isto foi o que fez Thomas Arnold e o que os pedagogos britânicos aprenderam com ele.

Mas voltemos ao ponto de vista social. Vemos que a desigualdade desportiva se baseia na justiça, pois o indivíduo deve o êxito que obtém a suas qualidades naturais, potencializadas pelo seu esforço voluntário. Por outro lado, o êxito é muito instável, pois é efêmero e requer um esforço contínuo para prolongar-se um pouco. Tudo isso é importante para a democracia. Não nos surpreendamos se, nos meios desportivos, vemos que a dosagem da autoridade e da liberdade e, sobretudo, da ajuda mútua e da competição, se realiza com facilidade; a democracia tem muita necessidade de realizar dosagens semelhantes, mas se depara com mil dificuldades.



A chama Olímpica é acessa desde 1936 na antiga Olímpia com o sol, antes que os atletas a carreguem com

a tocha. Isto conecta simbolicamente os Jogos Olímpicos antigos com os Jogos Olímpicos modernos.

(Extraído de P. Wolff, *Was ich bei den Olympischen Spielen sah*. Berlin: Specht, 1936, n. 1)

A autoridade desportiva deve-se forçosamente ao mérito reconhecido e aceito. Um capitão de futebol, um comandante de barco, escolhidos por causas distintas de seu valor técnico, comprometem o êxito da equipe. Por outro lado, se uma pressão mal calculada pesa sobre cada membro da equipe e restringe completamente sua liberdade individual, os companheiros se ressentem do efeito nefasto. Assim, pela lição permanente, pela necessidade de comando, de controle, de união, afirma-se aos olhos do desportista; enquanto a própria natureza da camaradagem que o cerca, obriga-o a ver em seus companheiros, ao mesmo tempo, colaboradores e rivais, o que desde uma perspectiva filosófica aparece como o princípio ideal de toda sociedade democrática.

Se a tudo isso acrescentamos que a prática do esporte tem criado um clima de absoluta sinceridade, pela simples razão de que é impossível falsear seus resultados, mais ou menos pontuais, e cujo controle por parte de todos lhe dá seu único valor (o desportista não vai tirar nenhum proveito da trapaça que faz consigo mesmo), chegamos à conclusão de que a pequena república desportiva representará uma espécie de resumo do estado democrático modelo.

Existe algum meio para conseguir uma união, como a da célula ao organismo? Eis um problema apaixonante dos nossos dias. Como existiria uma pedagogia desportiva social, cujo objeto seria empregar na aprendizagem da vida pública os modestos caminhos da atividade esportiva organizada, do mesmo modo que a pedagogia esportiva individual consiste em estender as qualidades varonis, criadas amparadas pelo ato desportivo, a todas as atividades do indivíduo. Já encontramos isso no colégio arnoldiano, concebido de modo genial pelo seu criador; dessa vez porém não se trataria de um ambiente escolar selecionado, mas de operar sobre o conjunto social. Pode se realizar isso?

Voltemos a entrar no ginásio grego e observemo-lo sob este ângulo. Comprovamos aqui o princípio de uma operação tríplice, cuja importância talvez nos tenha escapado no início. Em primeiro lugar, é uma cooperação de objetos: o esporte, a higiene, a ciência e a arte encontram-se mesclados uns aos outros. Em segundo lugar, é uma operação inter-geracional, três gerações estão presentes: o adolescente, o adulto e o ancião. E em terceiro lugar, é uma operação profissional: o prático e o teórico, o cientista e o homem de letras, o político e o homem privado, o sindicalizado e o independente se acoplam numa proveitosa promiscuidade. Como não iriam sair daqui elementos de compreensão, de aproximação, de união? As ideias, os interesses e as paixões não diferem tanto no jovem e no adulto, no artista, no filósofo ou no atleta, que não possam se dar as mãos. Quando são ignoradas, é porque são mantidas separadas, porque são impedidas de se conhecer e de se apreciar. De todo modo, não esqueçamos de insistir num ponto essencial: todas essas cooperações são realizadas sob o signo do bem público, mas em torno da “alegria dos músculos”. E esta é a grande lição do ginásio grego. Procurar reconstruí-lo sobre outras bases seria cair de novo numa utopia que perdeu a conta de seus fracassos. Ali, o esporte era o amo da casa; recebia o espírito e se inclinava diante dele, como diante de um convidado de prestígio. Para operar sobre a juventude é necessário compreender sua ânsia de viver e, para compreendê-la, é preciso professar o culto até o final. O desconhecimento deste princípio superior tornaria estéril toda tentativa de restauração do ginásio grego.

Com isso quero concluir, muito distante, no entanto, de ter esgotado o assunto. Devemos restabelecer o ginásio municipal da Grécia antiga, e ele nos trará a paz social. Para realizar este trabalho contamos com facilidades que os antigos jamais conheceram. Deixem-me enumerar algumas: em primeiro lugar, os aperfeiçoamentos técnicos que evocava a pouco e que uma indústria benéfica tem multiplicado no campo dos esportes. Que alegria teria sentido a bela juventude da Hélade nos tempos passados se tivesse tido um florete, uma arma tão obediente; a luva de boxe, firme e flexível; a fascinante bicicleta e, especialmente, a guiga, embarcação maravilhosa, cujo simples contato já arrasta o remador! Que satisfação para o desportista de outrora se tivesse tido ao seu alcance nossos múltiplos aparelhos desportivos! Na verdade, nunca havia sido tão atrativo o prazer desportivo como em nossos dias, nem tão numerosas as ocasiões para exercer sua influência como hoje. Pistas para corridas a pé, instalações para saltos, para escalar, para os lançamentos, locais ou terrenos próprios para os esportes de luta, um picadeiro ao ar livre para a equitação, um píer nas margens de um rio próximo, se a natureza, ou o homem, o tornou navegável; isto é o que assegura a um município a condição suficiente para fazer este gasto num investimento de capital a cem por cento. Um aperfeiçoamento semelhante afirma-se no campo da higiene. Se a aeroterapia e, inclusive, a helioterapia não fizeram muito progresso, a hidroterapia encontrou sua fórmula mais refinada e menos aristocrática, por custar pouco e ser requintada: o banho de chuveiro. Quando se adverte com que gastos mínimos podem ser instalados e explorados chuveiros, parece inédito – e pouco promissores para o poder público – que não estejam já funcionando nas comunidades de importância relativa. Mas tudo vai chegar. E será normal instalar os chuveiros junto aos terrenos e construções desportivas.

Aqui estamos, pois, diante do embrião do ginásio antigo modernizado. De que modo vamos convidar a arte, juntamente com a arquitetura destinada a construir seu marco, a se integrar no ginásio? No ginásio antigo, sem dúvida, dançava-se, certamente cantava-se, e pensem no que pode se tornar em nossos dias o canto coral, com o repertório que lhe tem preparado os séculos. Hinos bizantinos, canções de guerra e de amor vindas da Polônia e da Rússia, da Inglaterra e dos países escandinavos, da França, da Espanha, da Alemanha, da Itália... Há uma multidão deles que compõem um tesouro polifônico de uma riqueza sem igual. Um quarteto vocal não é tão difícil de formar e pouco a pouco se converterá num coro numeroso. Acrescentem, se quiserem, o teatro ao ar livre, e a arte será instalada como convém no novo ginásio. Mas isso não é tudo, pois antigamente havia, além disso, filosofia. O mestre ensinava sob os pórticos, a dois passos dos atletas. Era então uma pessoa mais acessível que em nossos dias, menos distante do resto dos mortais em suas concepções, e de linguagem mais compreensível. Hoje seria inútil fazê-lo reviver e sua colaboração correria o risco de decepcionar. Mas a História está aí para cumprir sua missão; a História, cujos ensinamentos vemos que, tragicamente, têm faltado à sociedade contemporânea, na hora em que esta se aproximava do abismo; a História, cujos grandes traços e amplos defeitos, que todos podem compreender, desaparecem na busca minuciosa do detalhe isolado, do conjunto de dados inúteis e da miscelânea de documentos inúteis; a História, único preceptor das democracias futuras, única garantia capaz de dirigir a massa pelos caminhos da sensatez.

Compreendo que seriam necessárias algumas explicações e que não se pode introduzir com poucas palavras esta novidade de uma espécie de universidade popular, baseada no ensino da história, cientificamente vulgarizado. Estou disposto a acolher e a contestar todas as objeções, mas devo aqui me contentar com uma simples exposição.

Os quatro pilares do ginásio grego estão, assim, pois, a nosso alcance; sua missão permanece inalterada, aumentada, no entanto, por duas circunstâncias que devem ser mencionadas. Por um lado, desapareceu a escravidão, esse flagelo das sociedades antigas, que retardava o progresso e esterilizava tantos esforços; por outro, surgiu o alcoolismo, essa praga dos tempos modernos, cujo reduto – o cabaré – não poderá ser destruído mais que ser deslocado para outro lugar. A indiferença das sociedades anti-alcólicas em relação a isso, tem sido sempre para mim causa de aborrecimentos. Nos últimos trinta anos, não nos trouxeram nenhum apoio para a nossa campanha de propaganda desportiva. Surdas aos apelos que lhe dirigíamos com vistas a uma colaboração eficaz, quiseram manter sempre a batalha direta, procurando matar o cabaré em nome da virtude e da ciência. No entanto, devem saber – pois a prova já foi realizada – que o alcoolismo não tem antídoto mais poderoso que o atletismo, e que existe uma espécie de incompatibilidade física entre o álcool e treinamento; por outro lado, não é uma necessidade social a evasão que o trabalhador braçal busca no cabaré? Não é essa mesma evasão a que o homem de negócios vai buscar em seu clube? E com que direito este ou aquele pode exigir que se abstenha de coisas das quais ele mesmo não se priva?

Os tempos que se aproximam são graves para a humanidade. Os apetites plutárquicos insaciáveis e a sede de poder levada até a loucura, por um lado, e, por outro, a insurreição contra as injustiças, suportadas durante um longo tempo, contribuem para manter a civilização sob as ameaças do pós-guerra, que poderia ser pior que a própria guerra. Não poderá pertencer a uma casta qualquer a direção da marcha do mundo ou sua contenção para retardar, tão só momentaneamente, o progresso. A cidade futura não poderá ser construída sólida e duradoura se não tiver a colaboração de todos os cidadãos. Preparemos as forças motrizes desta colaboração, ali onde seja razoável captá-las e reuni-las. Não caímos na utopia do comunismo integral. A igualdade deve permanecer no umbral do jogo, porque os homens jamais lhe consentirão o acesso a suas casas e não permitirão que intervenha no funcionamento de suas famílias. As relações sociais íntimas são reguladas pela herança, pelas tradições, pelos hábitos de cada dia. Traduzem-se em minúsculas mas resistentes diferenças de linguagem e de forma de ser, e é lógico que seja assim. Mas não é menos lógico que a vida pública deixe de ser influenciada por um particularismo semelhante, e como admitir que, por exemplo, o canto ou a ginástica não sejam ocasiões, avidamente desejadas, de encontro e aproximação para toda a juventude, sem distinção de origem ou de fortuna? Quem dera o ginásio grego restaurado possa abrir às novas gerações, no seio da comunidade moderna, o caminho para um civismo puro e inteligente, para uma cooperação alegre e fraterna!

“Ce que nous pouvons maintenant demander au Sport”,
editado pela Association des Hellènes Libéraux de Lausanne, Lausanne, 1918.

4.1/5 AOS MEUS AMIGOS HELENOS. CARTA ABERTA DE ABRIL DE 1934

Queridos amigos:

Vosso chamado para que eu participe como “Hóspede da nação” na Comemoração do Quadragésimo aniversário do Restabelecimento dos Jogos Olímpicos me deixa profundamente comovido, e ainda mais, se isso é possível, a honra que me proporcionam em fazer-me Presidente da República e Presidente do Conselho escrevendo-me pessoalmente para me convidar.

Se circunstâncias adversas me mantêm afastado de Atenas, estarei de coração com vocês durante a cerimônia, cujo lugar de celebração foi fixado há muito tempo, por um pedido meu, pelo Comitê Olímpico Internacional. Seria importante que aqueles que atualmente participam dele se reunissem por sua vez ao pé da colina eterna para glorificar a obra realizada em comum; mas sobretudo importa que tivessem a oportunidade de prestar uma homenagem solene à memória dos grandes antepassados cujo esforço assentou outrora as bases da cultura.

Ato de gratidão, e ato de esperança também, pois com a volta do frenesi moderno e sem renegar de todo o bem e o proveito que lhe assegura o progresso científico, a sociedade moderna, levada pelas próprias forças das ideias e das coisas, voltará ao ideal helênico, o mais sensato e profundo de todos aqueles realizados pelos homens.

Minha fé no Helenismo, em seu futuro e em sua contínua fecundidade não deixou de crescer durante esses últimos quarenta anos. No ocaso dos meus dias vejo claramente – pois os ocasos têm claridades tardias, mas intensas – que para além das formas de governo, das organizações econômicas, dos acordos diplomáticos, acima de tudo caberia dizer – deve se estabelecer a harmonia tripartite cuja figura o Helenismo consegui desenhar.

O helenismo embasou sua busca de equilíbrio entre a moral, a cidade e o indivíduo na consciência, na solidariedade e no instinto pessoal. Em suas formas de vida, a maioria dos povos tem descuidado em maior ou menor medida algum desses três termos. “Somente o Helenismo soube admitir a necessidade de estabelecer uma balança de três pratos e de trabalhar para igualá-los, colocando num o íntimo e misterioso chamado da consciência, noutro o imperioso dever coletivo, e no terceiro a liberdade fecunda do instinto individual”.

Nada tenho a alterar nessas linhas que escrevi faz vinte e oito anos. Hoje como outrora acrescento este conselho: “Estrangeiros que ide vos reunir ao pé da Acrópole: quando tiverdes feito sobre a rocha sagrada a peregrinação tradicional que a humanidade deve aos mortos ilustres que criaram para ela um patrimônio sem igual, não esqueçais dos vivos. Nas ruas da branca Atenas inclinai-vos respeitosamente ante o patriarca e ante o comerciante cujo patriotismo tenaz alimentou durante séculos de escravidão e de miséria, no pobre santuário e em seu posto, a sagrada chama do Helenismo necessária para o Universo”.

ζήτω Ελλάς! [VIVA GRÉCIA!]

Pierre de Coubertin

4.1/6 NOVOS JOGOS PAN-ATENIENSES

Durante sua visita à Grécia, Coubertin falou com o ministro da Cultura sobre o restabelecimento do legado da Grécia antiga através da celebração de acontecimentos corriqueiros. Um desses acontecimentos era a restauração dos Jogos Pan-atenienses, mas estes foram realizados somente uma vez, em 1930. O secretário que esteve presente durante o encontro foi o jovem Jean Ketseas, que, juntamente com Carl Diem, levou adiante em 1938 a ideia de uma Academia Olímpica. É por isso que várias publicações consideram erroneamente a fundação da Academia Olímpica como fruto desta reunião.¹ No artigo seguinte, Coubertin explica a importância dos Jogos Pan-atenienses.

É preciso reconhecer que faltava algo na celebração das Olimpíadas modernas. Tentei em vão preservar nelas o selo da antiguidade dessa instituição, mesmo adequando-o às exigências dos tempos modernos. Mas o estádio de Atenas permaneceu durante muito tempo num silêncio mortal. Celebrar aqui outra vez os Jogos Olímpicos restaurados não teria sido possível antes de um enorme lapso de tempo. Além disso, isso teria suposto correr o risco de uma instalação muito imperfeita, pois, como se sabe, o raio de curvatura das pistas é demasiadamente curto para os corredores modernos. Sua velocidade é tão alta que se requer curvas muito mais amplas e fáceis. Do jeito como estão as coisas, os corredores sentem-se constrangidos e inclusive correm o risco de se arrepender. A insatisfação produzida ao dar-se conta disso deu origem em Atenas a um projeto um tanto bárbaro. Em certos círculos desportivos falou-se em elevar o nível do estádio para dar assim largura suficiente à pista... Sem dúvida, o bom senso dos atenienses se rebelou contra semelhante tratamento do lugar sagrado duas vezes consagrado à eterna juventude. E no entanto, os gregos ficaram alarmados ao pensar que sua participação na celebração das Olimpíadas renovadas não seria o que poderia ser. Quando a paz foi restabelecida e se tornou possível um trabalho normal, esses sentimentos se agudizaram. Uma solução foi encontrada, e me alegro em ter contribuído para isso com o mesmo espírito de piedade ancestral e de devida consideração das necessidades atuais que me têm guiado durante os últimos trinta anos e que segue guiando a meu amigo e sucessor, o conde de Baillet-Latour. Esta solução consistiu na restauração do famoso “Panatenea”, em sua ampliação e transformação. Foi o prefeito de Atenas que durante uma recepção oficial a mim oferecida no último 7 de abril, ao mencionar esse nome célebre, expressou os desejos da cidade. Imediatamente foram elaborados planos para isso, com o consentimento do governo, pelo Comitê Olímpico Helênico. Celebrado pela primeira vez em 1930, ficaram conhecidos como os “Panathenea da IXª Olimpíada” e serão realizados no futuro a cada quatro anos. Serão constituídos por três partes: provas atléticas no estádio, uma marcha histórica desde o estádio até o sopé da Acrópole, e finalmente um festival de música no teatro de Heródes Ático. No que diz respeito ao terceiro ponto, propus com êxito que fosse realizada uma “Ciclo de Gluck”. A divina tensão que retorna a nós como se fosse a melodiosa presença da alma na antiguidade, não recebe atualmente a honra que merece. Os numerosos

1 Ver Müller, N. *IOA, 30 Years of IOA as mirrored by its lectures 1961-1990*. Lausanne: COI, 1991, p. III-VI.

admiradores de Gluck têm manifestado com frequência o desejo de realizar um ciclo com suas grandes obras; no que me diz respeito, a proposta não era nova. Mas, onde poderia se encontrar um marco mais perfeitamente apropriado, um clima mais favorável, proximidades mais adequadas?

As competições atléticas não devem durar mais de dois ou três dias no máximo, porque devem se limitar estritamente às antigas provas de força e habilidade: corridas sobre as distâncias clássicas, saltos, lançamento de pesos e luta, – tudo de acordo com os métodos antigos que diferem muito dos nossos. Diferem principalmente num ponto de capital importância. Para o atleta de hoje, tudo se torna suave e fácil. Preparam-se para ele pistas altamente aperfeiçoadas, elásticas, tendo sido calculados todos os detalhes com o objetivo de ajudá-lo em seu esforço e permitir-lhe melhorar os recordes. Mas isso não é o “curso da vida”. Esse mesmo cuidado era tomado nos tempos antigos para tornar as coisas tão difíceis para ele quanto fosse possível para assim aumentar o mérito da vitória e sua resistência durante a prova. Aqui há duas filosofias do esporte opostas uma a outra e quase contraditórias. Cada uma tem seus próprios adeptos, embora os da última discutam a primeira somente em teoria. De agora em diante terão diante de si argumentos vivos e será possível fazer comparações interessantes. Desse modo, a maioria permanecerá fiel seguidora do ponto de vista moderno, mas já há alguns países nos quais a antiga concepção está se desenvolvendo outra vez e se formará uma legião de atletas cujas marcas (resultados?) serão seguidas com muito interesse.

É um dever de todos acolher com boa vontade a homenagem que assim se presta ao atletismo antigo e à Grécia imortal. Além disso, com isso se fortalecerá a unidade Olímpica. Em vão se tem tentado destruí-la ou ao menos enfraquecê-la. Ela responde a um profundo sentimento baseado em realidades poderosas: Esta é a razão pela qual sempre tem sobrevivido aos sutis ataques lançados contra ela. Nunca será derrotada.

“Les nouvelles Panathénés”, em:
Bulletin Officiel du CIO,
setembro 1927, p. 5-6.

4.2 AS PRINCIPAIS ETAPAS DO MOVIMENTO OLÍMPICO

4.2.1 A HISTÓRIA PRIMITIVA DO MOVIMENTO OLÍMPICO

Coubertin descreve na primeira parte da *História Inicial dos Jogos Olímpicos* os “Jogos Olímpicos de Much Wenlock” como o acontecimento que, junto com as escavações da Olímpia antiga, mais deve ter inspirado sua imaginação em favor dos Jogos Olímpicos “internacionais”.¹

Em sua *Campagne de vingt-et-un ans*, Coubertin informa sobre uma visita a esses Jogos Olímpicos no final de outubro de 1890 e de seu contato com seu fundador W. P. Brookes. Para essa ocasião, organizou uma espécie de encontro Olímpico de esportes exclusivo para Coubertin. Em memória do movimento Olímpico, também plantou um carvalho, que hoje é uma árvore grande, no terreno dos Jogos Olímpicos.

Coubertin explica noutro momento que já nessa época o nome “Jogos Olímpicos [havia infundido] muito respeito e que era quase impossível encontrar outro”.²

4.2.1/1 OS JOGOS OLÍMPICOS DE MUCH WENLOCK – UMA PÁGINA DA HISTÓRIA DO ATLETISMO

ONDE FICA MUCH WENLOCK?

Posso adivinhar vossa dificuldade ante a dupla de palavras que formam este nome bárbaro e as antigas lembranças que ele evoca. Munch Wenlock é uma vila de Shropshire, um condado situado nos confins do País de Gales, e se os Jogos Olímpicos que a Grécia moderna não conseguiu ressuscitar revivem hoje, isso não se deve a um heleno, mas, certamente, ao Dr. W. P. Brookes. Foi ele quem os inaugurou faz 40 anos, e segue sendo ele, com 82 anos, mas sempre alerta e cheio de vigor, quem os organiza e anima.

Na mesma época, o atletismo, que uma opinião equivocada mas muito difundida representa como o passatempo natural dos anglo-saxões, embora não seja nem passatempo, nem natural, nem antigo, não contava com muitos adeptos tão convictos como W. P. Brookes. As pessoas a sua volta ficavam impressionadas com a importância que ele atribuía à questão da educação física, ainda incompreendida, e sem dúvida se perguntavam que influência poderia ter, fora do distrito no qual ele exercia a medicina, a obra propagandística empreendida por aquele homem de fibra. Penso inclusive que alguns de seus concidadãos fizeram como os habitantes de Limoges, que ao verem meu amigo Lagrange se dedicar a umas experiências atléticas das quais devia nascer a Fisiologia dos exercícios corporais, diziam uns aos outros com expressão de pesar: “Pobre Lagrange! Vai mudar!”. E de fato mudava-se para

1 Ao que parece, Coubertin não sabia que no âmbito da língua alemã e sueca existiam desde o final do século XVIII, a era dos filantropos, um grande número de “Jogos Olímpicos” locais. Ver Lennartz, Karl. *Kenntnisse und Vorstellungen von Olympia und den Olympischen Spielen in der Zeit von 393-1896*. Schorndorf: Hofmann, 1974.

2 Coubertin, P. de. “The Modern Olympic Games”, em: *Official Report*, segunda parte, Atenas; Londres, 1897, p. 4.

vir a Paris, onde o aguardavam os louros do Instituto. Por sua vez, o Dr. Brookes nunca deixou Much Wenlock, onde ocupa o primeiro lugar, o que, de acordo com César, vale mais que o segundo em Londres.

Escrever a história do renascimento físico na Inglaterra será muito curioso. Seja qual for o gosto e o entusiasmo dos ingleses de outrora pelos esportes masculinos, é inegável que no século XVIII fez-se deles tábula rasa. Os estudantes só frequentavam tabernas e casas de jogos onde jogavam cartas. Em Eton, alguns exercícios reuniam alguns partidários fervorosos, de modo que Wellington pôde dizer que a batalha de Waterloo havia sido ganha “nos campos de jogo de Eton”... Mas isso não era senão um fato isolado, e além disso, faz sentido comparar essas diversões grosseiras cheias de brutalidade com o atletismo moderno que é – e lamento ir novamente contra preconceitos muito resistentes – uma escola de sabedoria de vida e de refinamento social? Abri o dicionário do Dr. Johnston e, no verbete *Athletic* [Atletismo], encontrareis uma definição que mostra como se havia perdido o sentido mesmo do cultivo de forças físicas através do exercício. Dentre aqueles que o tem recuperado, o historiador colocará em primeiro plano o cônego Kingsley, juntamente com seu grupo de “atletas cristãos”, os quais professavam e colocavam em prática a fórmula *mens sana in corpore sano*. Ao mesmo tempo, num Rugby regenerado, o grande Arnold pedia auxílio ao atletismo e o convertia em seu mais poderoso colaborador moral. Após alguns anos, no Exeter-College, Oxford (1850), foi fundado o primeiro atlético-club. Cinco anos depois ganhou importância o Saint-John's College em Cambridge. Em 1857, Cambridge contava com uma federação atlética e seus estudantes organizavam competições. Em 1864 foi realizada a primeira daquelas famosas reuniões interescolares cujos resultados o telégrafo envia hoje de um extremo a outro do mundo. O *Times* os anunciava com algumas linhas quase escondidas do jornal, totalmente cheio de detalhes sombrios da guerra germano-dinamarquesa.

Os tempos mudaram! “Desde as finas pradarias da Austrália até as fazendas do Texas, do Pampa sul-americano às planícies do Himalaia, desde os currais da África meridional aos mercados da China ou do Japão, formam-se grupos para escutar o relato das lutas de força e de resistência que ocorrem no Isis e no Cam, com um interesse muito mais vivo que aquele suscitado pelas batalhas do Velho Mundo pela supremacia do poder. Na ilha onde nasceu o atletismo, bem como nos países onde foi adotado, não há notícias esperadas com mais expectativa, recolhidas de modo mais regular, difundidas com maior rapidez e comentadas de modo mais universal que os resultados da competição interuniversitária de oito remadores, as reuniões de esportes atléticos do Queen's Club, e inclusive as partidas de beisebol de Nova Iorque e de Chicago”.³ Ah! Não faltaram ataques adversários. Foram proferidos gritos e julgamentos; o desenvolvimento do atletismo foi combatido, mas os contendores foram afogados por uma maré crescente, e nós, que acreditamos nessa maré saudável e fecunda, faremos *tudo* para incrementar sua força e sufocar os obstáculos que se lhe opõem hoje na França como antes se lhe opuseram na Inglaterra.

Quando se procura estabelecer as origens de um movimento de amplitude tão colossal, não é suficiente fixar suas linhas principais. Em determinadas épocas, certas ideias percorrem o mundo propagando-se como verdadeiras epidemias. É muito

3 C. Turner, *The Progress of Athletism*. (Esta nota de rodapé é original de Coubertin).



**Cerimônia de entrega
de prêmios nos Jogos
de Much Wenlock
na década de 1880.
Brookes, o fundador**

**dos Jogos, encontra-se
à direita da senhora
que entrega o prêmio.
(Coleção da Wenlock
Olympian Society)**

difícil monopolizá-las em benefício de uma única pessoa, e normalmente descobre-se que, sem haver sido escutados nem se ter chegado a um acordo, vários homens trabalharam simultaneamente na mesma tarefa desde lugares diferentes.

Isto foi o que aconteceu na Inglaterra; foram feitos esforços isolados e dispersos, e o episódio que quero vos contar não é um dos menos curiosos nos anais do atletismo. É caracterizado e envolvido por um véu de poesia, e dele se desprende um aroma de antiguidade. Evidentemente, o Dr. Brookes, que estudou medicina em Paris sob a Restauração, sentiu mais vivamente que qualquer outro este misterioso influxo que a civilização helênica ainda exerce na humanidade ao longo das épocas. O ideal tão puro e tão prático, tão divino e tão humano ao mesmo tempo, chave mestra do edifício grego, serve para cativar os ingleses quando juntam ao sentido claro e líquido da vida a percepção dos grandes destinos do além. E neles não é algo excepcional esse olhar voltado para a terra e perdido no céu, essa dupla corrente que os leva a descansar de suas operações comerciais lendo Plutarco e Homero.

Este é o motivo pelo qual o Dr. Brookes inscreveu na cabeceira dos estatutos da *Olympian Society* estas palavras que contém todo seu programa: “O objetivo da Associação consiste em contribuir para o desenvolvimento das qualidades físicas, morais e intelectuais dos habitantes de Wenlock mediante o estímulo dos exercícios ao ar livre e a concessão anual de prêmios e medalhas destinados a recompensar as melhores produções literárias e artísticas, bem como as façanhas de força e habilidade mais notáveis”. Este programa encontra-se sintetizado no belo lema *Civium vires civitatis vis*: as forças dos cidadãos são a força da cidade, interpretado não no sentido espartano, mas ateniense. No entanto, em certos pontos a

antiguidade não era suficiente para o Dr. Brookes, porque ignorava a galanteria. Desse modo, tomou da Idade Média alguns costumes cavaleirescos e quis que o vencedor do torneio dobrasse o joelho para receber das mãos de uma mulher o simbólico louro.

Nos dias de festa, longas procissões percorrem as ruas da pequena cidade; os meninos dos colégios cantam hinos e jogam flores. Carregam estandartes; guirlandas adornam as casas; na frente vai o arauto de armas magnificamente vestido; encerrando o curso vão a cavalo os *tilters*, que competem por argolas, um exercício muito popular em Wenlock. São em sua maioria jovens fazendeiros das redondezas que nem sempre tem muita agilidade com as mãos, mas que são, em vez disso, cavaleiros fortes e destemidos. Wenlock está situada num vale atravessado por uma ferrovia que vai de Wellintong a Craven Arms. As casas rodeiam as ruínas grandiosas de uma abadia fundada pelos beneditinos da Charité-sur-Loire; em seus arredores há campos de pastagens e colinas semelhantes a bosques. O campo de jogos da *Olympian Society* compreende uma pista de corrida, quadras para críquete e para tênis, outra pista para exercícios de equitação, grandes arquibancadas para os espectadores, uma piscina para usar quando chega o bom tempo e um gramado cuidadosamente mantido no qual são realizados bailes ao ar livre. Mas o que enobrece de modo peculiar este lugar são as plantações planejadas que o circundam formando um cinturão verde. Há exemplares das mais valiosas e variadas espécies, e todas essas árvores comemoram algum acontecimento importante, alguma vitória, alguma visita. Por ocasião do jubileu da rainha Vitória foi plantado um carvalho ao qual um poeta dirigiu versos inspirados e cuja raiz, seguindo o costume, foi regada com champanhe. Outros levam os nomes do rei da Grécia, da imperatriz da Alemanha, do príncipe de Gales, do lorde Charles Beresford, do lorde Wolseley, de Herbert Gladston, etc. Como vedes, o meu não está em má companhia; tem as folhas de um amarelo dourado e um grande desejo de crescer; posto que nas cerimônias resplandecerá as três cores da França, espero que o faça bem alto.

No dia 22 de outubro passado estas três cores brilhavam em todo lugar, e a chuva que caía de forma raivosa e contínua, não impediu que a procissão fosse solene, como convém a toda procissão que se aprecie. Um arco de triunfo decorava a entrada do campo de jogo; era feito de flores e de verde, bem como de uma grande bandeira na qual se me davam as boas vindas e se fazia votos pela prosperidade do meu país. Depois realizamos o ato de plantar, e o vinho espumante caiu sobre o arbusto desde uma taça de prata; então, à moda inglesa, todos nela molharam os lábios, enquanto o Dr. Brookes me dirigia palavras amáveis que a modéstia me impede de repetir e das quais somente quero reter uma coisa: que conhece a França, que compreende e que gosta do meu país.

Não direi nada das corridas e dos outros exercícios que já se aclimataram à França, mas merece ser descrita a parte equestre da competição. O *tilting* consiste em recolher a galope uma argola de metal com uma pontuda lança de madeira. Em Wenlock a lança é muito comprida e a argola muito pequena; além disso, para aumentar a dificuldade, a pista é atravessada por obstáculos mais altos que o pórtico do qual pende a argola. O cavaleiro tem, pois, que esforçar-se muito, e seu mérito não é pequeno. A cada ano, o vencedor deve defender seu título. O arauto proclama

solenemente o desafio e o campeão joga a luva no chão. Por sua vez, aqueles que aceitam o desafio a recolhem e começa a luta. Já indiquei que o vencedor recebe seu prêmio das mãos de uma mulher que lhe coloca nos ombros uma estola bordada e lhe cinge a fronte com uma coroa de louros.

A “Yeomanry”, ou cavalaria territorial do Condado, que participou do último torneio, praticou também outro esporte muito interessante, o *tent-pegging*. Na Índia são fanáticos por ele. Consiste em fincar na terra troncos de madeira, de modo que emerja sobre o gramado uma superfície plana de aproximadamente 30 centímetros de altura e largura. O cavaleiro, armado desta vez com uma lança mais pesada e mais resistente, chega sempre a galope, crava na madeira a ponta da lança, e com uma manoteada a arranca do chão. Uma primeira dificuldade, ainda que facilmente superável, consiste em alcançar o centro do objetivo e fazer isso com força suficiente para o ferro penetrar. Então, quando percebe a resistência e sem perder tempo porque o cavalo segue galopando, tem de superar a verdadeira dificuldade, que consiste em levantar do chão o recalcitrante tronco de madeira.

Para concluir com minhas recordações pessoais, digo-vos que a festa acaba com um banquete do qual participam cerca de 60 pessoas, seguido de um baile que não pode ser campestre porque a estação não o permite; durante o jantar são feitos numerosos brindes acompanhados por canções. Quanto ali se quer homenagear um visitante, canta-se em coro que ele é *jolly good fellow*, um bom e alegre camarada. O próprio Sr. Gladston aceitou esta homenagem, e se não me falha a memória, na véspera, os eleitores do Sr. John Morley fizeram-lhe, justamente, o que se chama “as honras musicais”. O baile acontece na grande sala de leitura contígua à biblioteca pública; essa também pertence à *Olympian Society*, que se ocupa, convém não esquecer, tanto do cérebro quanto dos músculos. Wenlock é, de fato, um lugar feliz. Não sei se existe algum outro lugar tão bem provido de tudo o que uma municipalidade progressista e generosa pode colocar à disposição de seus administrados. Quem põe os pés ali se dá conta de que se trata de um lugar privilegiado. A estação é uma bela casinha cercada de flores e de tufos de vegetação. A prefeitura reúne todas as curiosidades que se tem podido recolher nos arredores, e penso que poucas Associações atléticas possuem um campo para jogos mais bonito que o da *Olympian Society*.

Todos estes progressos materiais e morais, toda esta cultura física e intelectual implica um longo período de tempo durante o qual o atletismo se expandiu na Inglaterra, passou para a América, a Austrália, a Índia e chegou à Holanda, Bélgica, França, Itália, América do Sul, etc. Não tem a forma que o Dr. Brookes lhe deu em Wenlock. Funda-se nos princípios do passado, tão verdadeiros e tão nobres hoje como o foram outrora nos ginásios de Atenas, mas sua forma é moderna. Trata-se do críquete, do futebol, das provas de remo, da ginástica, da esgrima; noutras palavras, dos exercícios apropriados aos nossos costumes e aos nossos hábitos de 1890. Em 1886 procurou-se ampliar e generalizar os Jogos Olímpicos. Nesse mesmo ano aconteceu um festival no Palácio de Cristal que, se bem me lembro, repetiu-se no ano seguinte em Birmingham e depois em Shrewsbury. Esse movimento não foi inútil: oportunizou para que se reunissem os defensores do atletismo e soubessem seu número. O fervor pelo exercício físico manifestou-se de imediato com um poder irresistível; não foi necessário invocar a lembrança da Grécia nem buscar alento no passado. O esporte era amado por si mesmo.

Uma tentativa ainda mais audaciosa teve a Grécia como palco. O Dr. Brookes, cuja atividade e energia não podem ser comparadas senão com a clareza de suas concepções e a retidão de sua conduta, manteve uma volumosa correspondência com todos aqueles que ele considerou favoráveis à sua causa; escreveu ao rei dos Helenos, e fez isso tão bem que Sua Majestade ofereceu uma taça magnífica para a competição de Wenlock e favoreceu o restabelecimento dos Jogos Olímpicos em Atenas. Porém o patrocínio não foi tudo. Os helenos participaram de uma competição e depois descansaram. Eu vi nos anais de Wenlock os resultados daquele concurso e os nomes dos condecorados. Desde então, quem não tem ouvido falar dos Jogos Olímpicos em Atenas?

O Dr. Brookes manteve uma grande atividade nas mais variadas circunstâncias, mas também falou muito. Falou com aquela eloquência simples e prudente que, posta a serviço de uma ideia fixa e imperiosa, arrasta de forma irresistível. Em 1866, durante o festival ao qual fiz referência a pouco, ele proferiu no final de um discurso estas palavras memoráveis que tem de ser religiosamente meditadas: “Se alguma vez chegar o dia em que a juventude abandone de novo os vigorosos exercícios de ginástica, os jogos masculinos, os esportes ao ar livre, que trazem saúde e vida, para trocá-los por diversões afeminadas e tranquilas, isso se dará, sem dúvida, à custa da liberdade, da influência, do poder e da prosperidade de todo o império”. Digo que estas palavras são memoráveis porque eram proféticas. A expansão da Inglaterra, o prodigioso avanço alcançado por ela nos últimos quarenta anos não tem outra razão de ser senão o amor de seus filhos pelos “vigorosos exercícios de ginástica, os jogos masculinos, os esportes ao ar livre, que trazem saúde e vida”.

“Les Jeux Olympique à Much Wenlock” –
Une page de l’histoire de l’athlétisme”, em:
La Revue Athlétique,
1^{re} année, 25 de dezembro, 1890, n. 12, p. 705-713.

4.2.1/2 EXERCÍCIOS FÍSICOS NO MUNDO MODERNO. CONFERÊNCIA PROFERIDA NA SORBONNE (NOVEMBRO DE 1892)

Este é um documento de excepcional importância para a história Olímpica. Coubertin expressa pela primeira vez publicamente a ideia da restauração dos Jogos Olímpicos sob condições modernas. Em suas “Memórias Olímpicas” descreveu este momento quarenta anos mais tarde em forma de narrativa.

O manuscrito, que durante muito tempo foi dado por desaparecido, foi publicado em 1994, para surpresa do mundo científico, por François D’Amat sob o título *The Olympic Manifesto* pela editora Les Editions du Grand Pont de Lausanne, tanto em sua versão francesa original quanto fac-símile e em cópia, bem como na tradução inglesa. O COI apoiou esse projeto. A primeira parte é quase idêntica ao ensaio de Coubertin *Le rétablissement des Jeux Olympique*,¹ que foi publicada em setembro de 1894 sob o título *The Re-Establishment of The Olympic Games* no jornal estudantil americano *The Chautauquan*.² O segundo e o terceiro parágrafos têm cerca de trinta por cento de frases em comum.

A parte final com a proposta da renovação dos Jogos Olímpicos foi citada textualmente por Coubertin em sua primeira autobiografia *Une campagne de vingt-et-un ans*,³ referindo-se ao seu discurso de 1892, pelo qual essa já era conhecida.⁴

Os exercícios físicos contam no mundo moderno com três cidades que lhes servem de metrópoles: Berlim, Estocolmo e Londres – de onde três sistemas se têm espalhado subsequentemente para outras regiões, cada um baseado em ideias bem conhecidas pelo mundo antigo, incompleta ou inconscientemente adotadas pela Idade Média e pelo Renascimento e que podem ser resumidas em três palavras: guerra, higiene e esporte. Quero descrever muito rapidamente os traços característicos de cada um, indicar seu progresso em nossa época e finalmente descrever o papel da França nesse grande movimento que foi tão adequadamente chamado de renascimento físico.

I

O século que começou de modo tão trágico e que está chegando ao fim numa perturbada e incerta paz vem depois de um de grande atividade intelectual e verdadeira inércia física. Quem sabe possa haver motivo para buscar neste sutilíssimo contraste as causas primeiras de alguns dos desequilíbrios que hoje sofremos. Este não é porém o nosso campo. Seja-nos permitido somente fazer notar que em todas as partes no final do século XVIII o exercício violento e os jogos masculinos não estavam na moda, e os homens buscavam outras formas de diversão e prazer. Nesse sentido, até mesmo o inglês encontrava-se então na mais surpreendente condição. E não era o inglês dos Tudor vivendo ao ar livre e desfrutando de todos os prazeres associados,

1 Ver *Revue de Paris*, 15 de junho de 1894, p. 170-184.

2 Vol. 19, p. 696-700.

3 Coubertin, P. de: *Une campagne de vingt-et-un ans*, Paris, 1909, p. 90.

4 Coubertin publicou um breve resumo do seu discurso de 1892 em *Compte Rendí des Fêtes du Jubilé de l'Union, Annuaire 1892-1893 de l'U.S.F.S.A.*, Paris, 1893, p. 64.

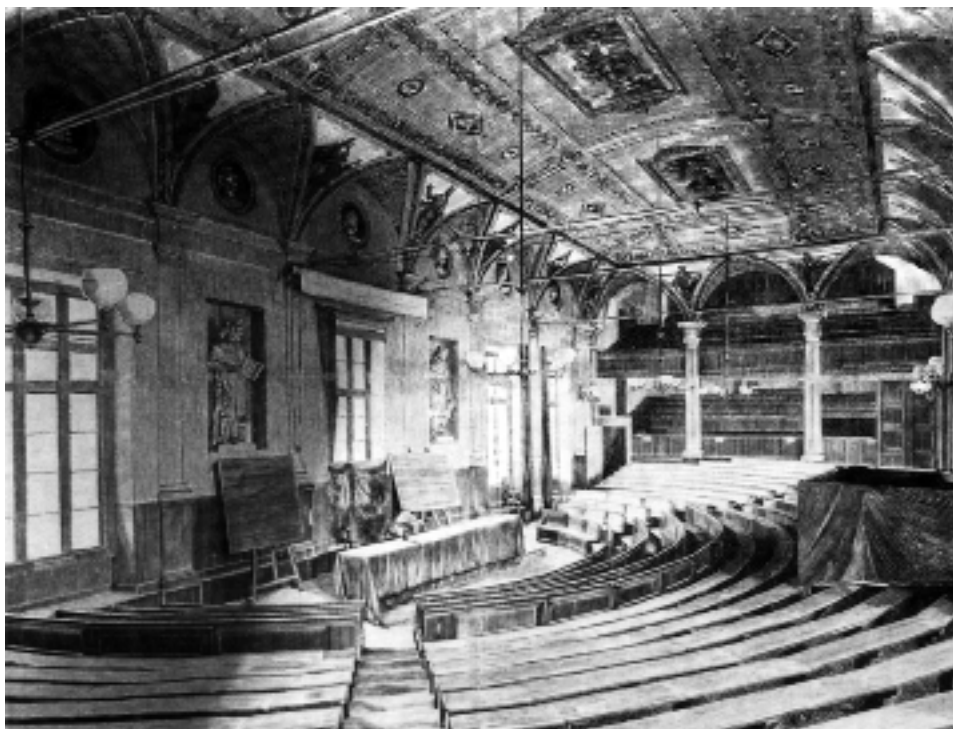
nem era o inglês de Thomas Arnold e os criadores da educação atlética: era um povo irresoluto entre aqueles que a brutalidade nativa estava mesclada com um enfraquecimento de intenções, que podia ter anunciado a decadência se Napoleão não tivesse chegado a fortalecer a Grã-Bretanha, como o vento norte interrompe um degelo. Na França as quadras de tênis estavam vazias; eram o lugar onde se trocavam impropérios, mas ninguém jogava ali. Estavam distantes os dias em que *Sire* de Gouberville corria a vontade com a bola nas baías de Cotentin nos domingos à tarde cercado pela valorosa juventude dos lugarejos vizinhos; quando aqueles combates homéricos que o Sr. Simeon Luce encontra narrados nos pergaminhos que consulta eram disputados de paróquia em paróquia; e quando os clérigos de Avranches, em certas festividades do ano litúrgico, desciam em procissão a ribanceira do rio para desfrutar de uma alegre partida de hockey. Tudo isso havia morrido, e quando o Diretório, cheio de recordações da Grécia Antiga, quis construir no Campo de Marte de Paris algo semelhante aos Jogos Olímpicos, faltava um elemento indispensável: competidores. Sem dúvida, havia jovens que, como fazem os jovens nas férias, tinham vindo para tentar trepar no poste engraxado e ganhar a tradicional pata de cordeiro ou garrafa de Beneditino. Mas isso não é suficiente para conseguir encontros atléticos, e não havendo um Clube de Corridas e um *Stade Francais* para organizá-las e mantê-las, as competições do Diretório murcharam e morreram como rosas.

É verdade que, ao mesmo tempo, em nossas fronteiras, do outro lado de nossas fronteiras e mais além, ao pé das Pirâmides, sobre o Danúbio, na Espanha, atrás das muralhas do Kremlin de Moscou, durante vinte anos de uma luta louca e sublime os soldados da França deram ao mundo um dos espetáculos mais atléticos que jamais haviam presenciado. Em tão curto espaço de tempo, esgotaram a fortaleza que a nação havia acumulado durante vários séculos. O sangue que derramaram foi aquele dos jogadores de tênis e dos Senhores de Gouberville, foi o sangue da França colocado a perder nas cidades, ainda intacto nos campos... e não o dos fracos e libertinos da Regência. E além disso, senhores, vocês já sabem como são nossos soldados. Quando já não lhes restam forças, eles as inventam!

Oh! Quanta necessidade tinha a França depois desse longo arroubo de valor e de grandes fadigas! Pode-se compreender muito bem que a França tinha ido jogar domínio em vez de exercitar seus músculos cansados. Saciada com suas vitórias, a França caiu lentamente adormecida enquanto, junto a sua negra, total e horrível derrota haviam sido despertadas as energias que trabalhavam inexoravelmente na tarefa que vocês sabem: o império alemão. Foi assim que nasceu o atletismo militar em Berlim.

Na França diz-se com frequência que nos campos de batalha de 1866 e 1870, o verdadeiro vencedor foi o professor; se é a essa ideia que devemos tributar a abertura das escolas em todo nosso país e a rápida expansão da educação, então demos graças aos céus por isso. Mas eu penso que, se acreditamos nisso, estamos dando ao professor mais do que lhe é devido e estamos esquecendo seu colega, o professor de educação física.

A ginástica alemã, senhores, que imediatamente depois de Jena encontrou apóstolos inflamados e convencidos a pregar seu evangelho, que depois encontraram discípulos numerosos e dóceis a seguir seus preceitos, é enérgica em seus movimentos, baseada em rígida disciplina e, numa palavra, militar em sua essência. Até ontem, em toda a Alemanha reinava a hierarquia, a obediência e a precisão. Desde a infân-



O auditório principal na antiga Sorbonne. Em 25 de novembro de 1892, Coubertin apresentou aqui pela primeira vez

sua ideia dos Jogos Olímpicos Internacionais. (Fonte: Biblioteca da Sorbonne)

cia, o pequeno estudante sentou-se em sua fila e elevou o olhar para um superior esperando suas ordens. Enquanto aluno mais velho, continuou a tornar seus músculos e sua vontade mais flexíveis, para torna-los capazes de mobilizar-se tão logo chegasse a chamada. Porque essa é a meta da ginástica alemã, e é fácil distinguir as qualidades e as imperfeições que um ideal assim traz consigo. Como estudante, seu maior prazer era lutar com seus colegas, e as cicatrizes que ficavam em seu rosto eram como que marcas de nobreza. Havia uniformidade nos pequenos detalhes de sua existência, e o estabelecimento de regras para eles parecia fazer surgir dentro dele uma alegria que ingleses e franceses são incapazes de entender. Ainda hoje, basta que alguém faça simplesmente uma visita a uma universidade alemã e assista uma das reuniões dos estudantes nas quais os copos são metodicamente esvaziados, para compreender o frenesi disciplinar que se tem usado sobre este grande povo. Nos estatutos de seu partido revolucionário, os próprios socialistas incluíram algo do militarismo que tem impregnado toda a Alemanha durante este século.

Afirmar que a ginástica alemã era enérgica em seus movimentos. Só por essa condição, é efetiva. Então, para que se mantenha essa energia, os praticantes da ginásti-

*Fêtes du Cinquième Anniversaire
de la Fondation de
l'Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques.*

Commission d'organisation.

Président: M. le Vicomte Léon de Janzé.

Vice-Président: M. M. Gondinet.

Secrétaire Général: M. le B^e Pierre de Coubertin.

Secrétaire: M. Jules Marcadet.

Trésorier: M. L. P. Reichel.

Membres: M. M. Georges Bourdon - Paul Champ - Paul Odet.

Ch. Delagrave - Lucien Faure - Dujarric - C. Heywood.

R. Jung - Ad. de Pallissaux - le Ch. Jacques de Pourtalès.

G. Raymond - Ch. Richelieu - E. Saint - Chaffray -

R. Schmitten - G. Waroquet.

Programme.

*Dimanche 20 Novembre (Après-midi). - Excursion à Ville d'Ivray.
Ranch.*

*Lundi 21 Novembre (Soir). - Avant d'inauguration du Club Noué
du Stade Français.*

*Mardi 24 Novembre (Après-midi). - Cross-Country Interclub
à Bellevue.*

*Vendredi 25 Novembre (Soir). - Séance solennelle dans l'Amphi-
théâtre de la Sorbonne.*

*Dimanche 27 Novembre (Matin). - Réunion Interclubs au Bois
de Boulogne.
(Soir). - Banquet.*

*Toutes les Sociétés de l'Union participeront à ces fêtes. Des fêtes locales seront
organisées par les Sociétés de provinces que leur éloignement empêcherait d'y prendre
part.*

*Les prix du Cross-Country et de la Réunion Interclubs constitueront en objets
l'act. Les membres de l'Union doivent offrir un prix ou de participer aux dépenses
occasionnées par ces fêtes sans peine d'adresser leur offrande à M. L. P. Reichel,
Trésorier, 9 Ave. Roger-Esther, Paris. Toutes les autres communications devront
être adressées à M. de Coubertin, 20 Ave. Boudin, Paris.*

UNION DES SOCIÉTÉS FRANÇAISES DE SPORTS ATHLÉTIQUES.

Programa dos festejos do quinto aniversário da fundação da União das Associações Desportivas Francesas (USFSA – Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques) em 1892. Coubertin mencionou pela primeira vez a ideia dos Jogos Olímpicos Internacionais na sessão formal realizada em 25 de novembro de 1892. (Arquivo do COI)

ca devem permanecer continuamente sob uma influência belicosa. A ideia da guerra não deve cessar de inspirá-los. Se a Alemanha se liberta a si mesma de tal ideia, seus inúmeros clubes de ginástica se transformarão rapidamente. Já em algumas partes de seu território, apareceu o esporte: o resultado de vinte anos de paz interna e externa. Os jovens atletas estão começando a pensar no esforço físico por si mesmo e não por suas consequências de médio ou curto prazo. Se quer saltar uma vala, se tornará a si mesmo tão ágil como possa com o objetivo de saltá-la tão alto quanto possível. Agora, no país, ninguém sai de braços ou pernas de fora ou vestindo um fino jérsei sobre o corpo. Por seu turno, o ginasta está menos preocupado em realizar proezas atléticas que em se movimentar agilmente com todo seu equipamento. Do mesmo modo, se já não estão inspirados pela perspectiva do serviço militar, os movimentos em conjunto resultam tediosos, os gestos se tornam frágeis; se amarguram simplesmente; não há alma neles. Assim também as corridas em grupo não têm êxito; os corredores recuperam sua individualidade; já não se preocupam se correm bem juntos, marcando o passo; trata-se de quem corre mais, de quem chega primeiro.

Desde um ponto de vista físico, a ginástica alemã é artificial, pois é composta por exercícios que não têm em si mesmo razão de ser, que não se encontram na natureza e que se podem conseguir dos homens somente se se lhes oferece como uma meta algo grande e nobre que possa fasciná-los e submete-los à disciplina. Isto, senhores, é o que a tem feito triunfar, e isto é o que indubitavelmente provocará sua decadência no futuro.

Porém ela se expandiu. Na América e na Austrália, para não mencionar a França, para a qual voltaremos a seguir, foram criados numerosos clubes. Em qualquer lugar do mundo para onde vá, o inglês leva consigo uma raquete de tênis e uma bíblia, e nunca se separa delas. Quando viajam ao estrangeiro, os alemães levam Sauerkraut e ginástica. E vocês já sabem como é numerosa a colônia alemã nos Estados Unidos. Certos fatos recentes chamaram a atenção do que eu, se fosse um cidadão americano, consideraria um perigo nacional. Agora, os alemães na América professam uma grande admiração pela Alemanha europeia. Bem estabelecidos em sua terra de liberdade, com um oceano entre eles e sua terra natal, exaltam incessantemente o jugo que eles foram capazes de suportar, e pronunciam com orgulho o nome do imperador e sonham em germanizar pela linguagem e pelos costumes uma grande parte do novo mundo no que se estabeleceram se ter a mínima intenção de regressar. Assim fundaram clubes de ginástica para seus filhos com base naqueles de seu antigo país e que constituem uma organização totalmente separada e homogênea nesse caos de sistemas ao qual eles desde agora se referem como Educação Física.

Vocês me dirão que para o êxito desta primeira ginástica falta aquela condição essencial ao qual eu me referia anteriormente: a concepção militar e a perspectiva de um campo de batalha. Não creiam nisso, senhores: vocês são levados a ver nesses 69 milhões de habitantes somente comerciantes, traficantes e homens de negócios. Há uma América pensante, uma América científica e também uma América militar. Enquanto os vestígios da Guerra de Secessão desaparecem materialmente, ainda estão presentes os vestígios morais: o impacto produzido nos corações americanos por esta luta hercúlea está desaparecendo completamente, e declaro que o patriotismo do cidadão dos Estados Unidos é um dos mais fortes e mais formidáveis que conheço; tudo pode se esperar dele.

Enquanto em West Point, onde as tradições militares francesas são, todavia, honradas, treina-se um grupo seletivo de oficiais do exército federal, cada estado possui agora uma milícia que ninguém poderia considerar uma guarda nacional sem valor. Faltam-me tempo e competência para estudar o funcionamento dessa academia, mas posso chamar atenção para três aspectos: o número de homens envolvidos, a perfeição de suas armas e equipamentos, e finalmente a notável experiência de mobilização que acaba de ser realizada na Pensilvânia, em condições que estão muito longe de ser favoráveis. A mobilização foi inesperada e não se tratava de lutar contra inimigos externos mas de manter a ordem em meio a uma greve sangrenta. Em 24 horas, esses comerciantes e homens de negócios deixaram tudo; na vigésima quinta hora, estavam todos armados no lugar combinado.

Em sua maior parte, estas milícias são comandadas e organizadas em estilo alemão. Apresentam uma mescla singular das virtudes cívicas que deram origem aos voluntários ingleses e aquele espírito de disciplina que caracteriza o soldado alemão. Na medida em que os Estados Unidos reconstruíram sua marinha de guerra, o que continuam fazendo, seu espírito de empresa pode muito bem levar a converter-se em espírito de conquista. Eu sou uma das pessoas que acredita que, no futuro, o governo de Washington estará disposto a disparar com facilidade. Por estas diversas razões, pode ser que a ginástica militar ultrapasse as margens do Spree, onde parece ser iminente sua decadência, para alcançar papas e adoradores nas margens do Mississippi. De todo modo, sempre existe a possibilidade de voltar para onde haja grande ambição a satisfazer, vingança a fazer ou escravidão a romper.

Na Austrália, a colônia alemã é tão pequena que somente vale a pena mencioná-la. Mas mesmo que tenham surgido alguns clubes, embora menos numerosos e agressivos que nos Estados Unidos, o militarismo tem um papel nas preocupações das pessoas. Preciso lembrar-vos da agitação causada na cidade australiana pelos incidentes das Ilhas Samoa e das Novas Hébridas, o desejo claramente expresso pela opinião pública de apoderar-se da Nova Caledônia mais tarde pelos vales New South de um contingente de milícia em apoio aos ingleses do Sudão?

Com tudo isso, parece que abandonei o esporte para estudar temas diplomáticos. Na verdade, estou simplesmente insistindo numa importante lei social, isto é, que existe uma estreita correlação entre a maneira de pensar, as ambições, as tendências de um povo e a maneira como ele entende e organiza a educação física em seu país.

II

Isso vale na Alemanha, senhores, e isso também vale na Suécia. Passar da ginástica alemã para a ginástica sueca é ouvir uma sinfonia pastoral após uma sinfonia heroica. Os suecos são um povo feliz com pouca história nos últimos cem anos que se dedicam pacificamente a um esporte nacional e benéfico, a patinação, e a uma ginástica singular e a primeira vista anódina que leva o nome do seu inventor, o sistema Ling.

Apresso-me em dizer que entre Ling e a patinação é definitivamente a patinação que tem mais condições para receber a gratidão dos suecos, sua boa saúde, o suave equilíbrio de mente e corpo que os distingue. Esse temperamento tranquilo, esse sopro vital normal que os sustenta, são, assim acreditam eles, graças ao sábio inven-

tor, mas eu não tenho dúvida em atribuí-los, em favor deles, às corridas selvagens sobre o gelo suave do norte ao ar livre e gelado, às saudáveis alegrias do inverno escandinavo.

Isso não quer dizer que esta ginástica sueca que está começando timidamente a estabelecer algumas colônias na Alemanha, Londres e Nova Iorque careça de mérito. Nosso amigo, deveria dizer nosso ilustre amigo, Dr. Lagrange, membro do Conselho da nossa União, foi estudá-la em seu ambiente nativo, e os leitores da “Revista dos Dois Mundos” conhecem a impressão passada pelos Institutos de Estocolmo. “A ginástica sueca”, dizia, “é a ginástica dos fracos”. Realmente, e por isso não a queremos. Devido aos seus movimentos moderados, é adequada para as crianças bem como para quem tem idade avançada. Devido ao seu caráter científico, é aplicável aos enfermos. Foi seu lado médico o que principalmente interessou e cativou Lagrange. “O doutor francês que vai estudar em Estocolmo”, escreve, “encontra-se diante de coisas que lhe resultem tão novas que inicialmente lhe seja difícil abrir caminho entre tal quantidade de movimentos como vê executar nos “Institutos” privados ou públicos. Porém gradualmente vai se tornando claro para ele e acaba por classificar todos aqueles procedimentos engenhosos e vê que estão buscando, em suma, dois resultados: medir o exercício e localizá-lo”. Para dar-lhes uma ideia da audácia desta ginástica médica baseada num estudo particularmente profundo do sistema muscular, direi a vocês que por meio de exercícios e das diferentes massagens que são seus corolários, tratam inclusive enfermidades do coração. Os resultados parecem ser excelentes, e ao longo de mais de meio século, os suecos não se têm cansado de acudir aos Institutos em busca de saúde. Isto somente faz valer a pena chegar a eles, mas os amantes do exercício físico geralmente não se recrutam entre enfermos. É a fortaleza do corpo o que estamos buscando. É bom que a ginástica sueca se ocupe com as crianças pequenas, especialmente numa idade em que correm o risco de desvios e deformações; que se deve aconselhar aos enfermos; e que deve-se oferecer aos maiores exercícios para que mantenham o que lhes resta de sua fortaleza. Porém não se deve tentar pressionar o império dos jovens; estes necessitam precisamente o que o sistema repudia: esforço e emulação. Do sistema se consegue o esforço somente pela amplitude, nunca pela energia dos movimentos; e se consegue lentamente, nunca bruscamente. Quanto à emulação, é um dogma dessa ginástica que os homens nunca devem ser medidos com outros, somente consigo mesmos.

Para conseguir que nossos jovens atletas renunciem ao esforço e à emulação, precisaríamos antes extrair-lhes todo o sangue de suas veias. Enquanto lhes sobre uma só gota de sangue, eles não renunciarão, lhes garanto. Realmente, dar-lhe tais preceitos seria rir deles, pois isso seria demasiado semelhante à caricatura de Cham na qual a mãe diz a sua filha pequena nos Jardins das Tulherias: “Vai e te diverte, querida, mas toma cuidado de não te resfriar ou de passar calor, ou de rasgar o vestido ou sujar os sapatos, prender teu cabelo ou desamarrar o nó da gravata”.

Na mesma Suécia, tem havido um partido de reformistas que trabalham para conseguir uma ginástica sueca mais masculina, se posso falar assim; são vistos com essa indignação misturada com interesse que sempre conseguem os revolucionários em todos os lugares; ganharam o primeiro turno... por pouco tempo. Quando a ginástica sueca for dirigida a outros, além de enfermos e fracos, não vejo nada que impeça sua expansão em todo o mundo, e de minha parte, não haveria nenhuma objeção em ajudá-la.

Senhores, no início desta discussão temos visto quão equivocados estavam aqueles que acreditavam que o gosto pelo exercício físico está tão profundamente ancorado no inglês que nunca pode desaparecer. Este povo acredita alegremente que aquilo que veem sempre existiu; para eles um inglês que não pratica esporte não faz sentido. No entanto, essa bobagem tem marcado todo o final do último século e o começo do século atual. Os jogos populares têm caído em desuso; o monopólio do direito de caça ocasionado pela criação de grandes propriedades tem privado a pequena burguesia do país de seu passatempo favorito, e se aqui e acolá estão se matando entre si dois boxeadores, ou se realiza uma competição de remo no Tâmis, é entre profissionais para que os espectadores tenham o prazer de perder seu dinheiro em apostas exageradamente grandes. Não havia nada de esportivo ou de atlético nisso. A Inglaterra daquele tempo conhecia somente duas formas de distração: fazer negócios mais ou menos honestamente e embebedar-se mais ou menos completamente. Os colégios eram uma versão miniaturizada da sociedade: nenhum espírito de solidariedade; indiferença dos mestres; a lei da selva entre os alunos. Quando se estuda este organismo informe e vulgar, não se pode prever tudo o que o gênio de um educador pode extrair no campo do refinamento e da delicadeza. Porque, – e nisso me coloco contra um preconceito comum na França – não há em todo o mundo um sistema mais refinado, mais delicado ou mais sensível para a juventude que o sistema inglês atual; as aparências enganam.

O atletismo inglês, senhores, não fez mais que começar, e já está conquistando o mundo. Embora não se tenha escrito a história desse grande movimento, conhecemos seus principais acontecimentos. Os nomes de Canon Kingsley e de seus seguidores ainda não pertencem ao passado remoto: sessenta anos bastaram para essa transformação prodigiosa. Os primeiros trabalhadores se preocupavam menos em ir à escola que em conseguir algum passatempo sadio. Entretanto eram clarividentes. Eram envolvidas por uma certa aura filosófica: lembranças da Grécia, respeito à tradição estoica e uma ideia muito clara dos serviços que o atletismo poderia prestar ao mundo moderno não tardaram em chamar a atenção deles. Riram deles, mas o ridículo não lhes atingiu o coração. Quando o movimento ganhou terreno, foi atacado furiosa e violentamente. Mas seu trabalho já estava sob o amparo da juventude. As universidades de Oxford e Cambridge haviam começado a associar-se a ele. Aqui puderam encontrar a semente de uma recuperação magnífica, uma purificação mais que necessária. Ao mesmo tempo, aquele grande cidadão, Thomas Arnold, o primeiro e clássico dos educadores ingleses, apresentou a fórmula precisa do papel do atletismo na educação. A causa foi rapidamente compreendida e foi vitoriosa. Os campos de jogos brotaram em toda a Inglaterra. Cresceu o número de clubes. Não podem imaginar quantos. Londres tem uma coleção completa, não nos bairros aristocráticos, mas nas áreas populares e pobres. Cada comunidade tem um ou dois. O resultado disso é que, enquanto a lei inglesa não assegura a educação física das crianças, a iniciativa privada a substitui amplamente. Desse modo, quando abandonam sua terra natal, os filhos de Albion levam consigo a receita, e surge o atletismo nos dois hemisférios em climas completamente diversos.

Nos Estados Unidos, após a era do Romantismo, desejávamos saber o que havia sido dele, e aproveitando os numerosos congressos agrupados por ocasião da Exposi-

ção do Centenário em 1889, distribuímos entre todas as colônias britânicas e anglófonas 7000 cópias de um questionário sobre jogos, sua influência sobre a educação e seu progresso. Esse progresso é constante, e as respostas foram de uma unanimidade que nos provava que o movimento ascendente do atletismo poderia alcançar proporções gigantescas e que a experiência de cinquenta anos simplesmente tem confirmado em todas as partes as doutrinas de Arnold e Kingsley. Nos Estados Unidos, para citar este país de estatísticas, o Dr. Sargent, (uma autoridade no tema), estima que entre 1860 e 1870, 1 milhão de dólares, de 1870 a 1880, 2,5 milhões de dólares, e de 1880 e 1890, 25 milhões de dólares foram gastos para implantar campos de jogos e ginásios de esportes, perfazendo um total de 28,5 milhões de dólares.

Na Austrália, em Cabo, Jaimaca, Hong Kong ou a Índia os anuários dos clubes e as memórias das competições atléticas dão a impressão de uma verdadeira maré crescente que atualmente estimo – e quero dizer que minha estimativa está baseada em dados muito incompletos – em uns seis milhões de indivíduos, contando somente os adultos registrados como membros ativos nos livros dos clubes adequadamente constituídos. Em meus dados não incluí nem a Bélgica nem a Holanda, onde diariamente o esporte faz grandes progressos, nem os países onde pode haver grupos isolados de amadores.

Nasceu uma imprensa especial que cobre os interesses do mundo atlético. Apareceram inumeráveis periódicos. Os resultados de uma de uma partida de beisebol realizada em Chicago ou de uma competição de remo no Paramatta viajam por todo o mundo e encontram um espaço no Times que, faz quarenta anos, timidamente dedicava um pequeno espaço para anunciar as primeiras corridas entre Oxford e Cambridge. Os dias dos principais encontros o comércio paralisa, as fábricas ficam vazias, e há uma trégua como na antiga Grécia para aplaudir os jovens que passam.

Passam, senhores, com o mérito de buscar o esforço somente pelo esforço em si, de impor-se a si mesmos moléstias às quais ninguém os força, de submeter-se a si mesmos a uma disciplina que é duplamente efetiva porque consentem livremente com ela. É muito nobre e admirável pensar na guerra; é louvável pensar na higiene; mas é mais perfeitamente humano render culto ao esforço de um modo desinteressado e amar as coisas difíceis simplesmente porque são difíceis.

Essa é a filosofia do esporte em geral e de nossa associação em particular.

IV

Em 1886, senhores, a França não estava tão mal notada em termos de exercício físico como alguns parecem crer. Não mencionarei ao bravo Coronel Amorós que certamente foi um converso, mas que compôs uma coleção de canções religiosas e morais que seus discípulos cantavam enquanto batiam seus pés, o que significa que o Exército da Salvação tem tanto direito a considera-lo um antepassado como o faz a ginástica.

Limitar-me-ei a saudar de passagem os clubes de ginástica, pelas derrotas conquistadas... que esperamos sirvam de trampolim para as vitórias. Por mais que tenham dito alguns, que os confundem com aquelas mascaradas infantis que têm sido denominadas batalhões escolares, tem produzido serviços nobres e grandiosos, e os meros sentimentos que inspiraram sua criação devem torná-los sagrados para todos

*Cela suffit pour encourager votre dévouement à
 Anger maintenant à l'adresse partie de son programme.
 il espère que vous lui aiderez, pour vous l'avez
 aide jusqu'ici et qu'il pourra vous en et idéal
~~qui à son, sans aucun grand et bienfait.~~
 la son une bonne comparaison aux conditions de la
 vie moderne, cette même grand et bienfait.
 Le rétablissement des Jeux Olympiques*

Último parágrafo do
 manuscrito do discurso
 de Coubertin. Pela
 primeira vez, Coubertin
 menciona a ideia de
 restabelecer os Jogos

Oímpicos. (Extraído
 de Fr. d'Amat (Ed.):
Le Manifeste Olympique,
 Lausanne: Les Editions
 du Grand Pont, 1994,
 p. 41)

os franceses. O Clube Alpino também merece ser mencionado por haver lembrado aos nossos compatriotas que em suas fronteiras há picos onde se pode respirar um ar nunca usado e onde se pode armazenar saúde para o corpo e para a alma. Finalmente, como podemos esquecer a esgrima? Não é nosso esporte nacional, no qual somente a Itália pode disputar a supremacia, o que nos permite saborear honrosamente a alegria da luta, a maior alegria depois daquela de viver?

Em 1886, no entanto, ainda falta uma ala ao ginásio de educação física. Não sei se os arquitetos se haviam dado conta disso, porém ninguém, que eu saiba, havia apresentado um projeto preciso da construção desejada. Um apareceu no jornal *Le Français* de 23 de agosto (1887) e embora eu não queira trazer opiniões pessoais para esta discussão, insisto nessa data devido a um sentimento cuja legitimidade é inquestionável. Naquele dia, a Academia de Medicina estava protestando veementemente contra a fadiga mental. Ao autor do referido projeto parecia que se estava falando de uma saída onde somente havia um muro. A Academia de Medicina insistia teimosamente em querer uma redução dos programas tanto para reduzir a quantidade de esforço mental como para fazer eco aos Jogos. Não temos tempo para jogar, dizia. Este era um sério equívoco; havia tempo, havia tempo suficiente, e nós não queríamos que nos fosse dado mais, mas fizemos mau uso dele. De acordo com a opinião pública estava-se perdendo em outra direção. Por que ninguém joga em vossa instituição?, perguntava à Universidade. Adiante, siga adiante, jogue e deixe jogar. Isto era fácil de dizer, mas difícil de fazer. A coisa tinha de vir do exterior, uma iniciativa privada. Era necessário que um clube com base em ambas as margens empreende-se a tarefa de construir uma ponte de um lado a outro do rio. A Sorbonne era uma das bases; o Racing Club e o Stade Français podia ser a outra – estes dois clubes, um fundado em 1882, o outro em 1883, haviam-se ignorado mutuamente durante algum tempo. Um homem que havia feito mais que qualquer outro pelos esportes atléticos, Mr. G. de Saint-Clair, os reuniu em 18 de janeiro de 1887. Após de uma reunião naquele dia no bosque de Ville d'Avray, foi fundada a União dos Esportes Atléticos; estabeleceu-se definitivamente e recebeu seus pri-

meiros estatutos no dia 29 de novembro. Os primeiros meses de 1888 passaram-se entre discussões e etapas para a constituição de um Comitê para a Propagação de Exercícios Físicos. Mr. Jules Simon e Mr. Gréard foram os primeiros a se alistar. Foram realizados encontros em 31 de maio e 5 de julho; foi realizada uma corrida no campo passando pelas escolas nos arredores de Paris. Vocês conhecem o resto: a fundação da Liga de Educação Física, a Liga Girondina que agrupa os institutos da Academia de Bordeaux, a realização de competições em toda a França, às vezes com muito barulho e sem competição suficiente, em suma este grande movimento com o qual temos conseguido os resultados que vocês, Senhores, conhecem e com os quais estão satisfeitos: sua presença aqui confirma isso.

V

TUDO ISSO NO PASSADO; O QUE NO FUTURO?

Não vou prognosticar, porque o papel de profeta é cheio de perigos, e também porque já é hora de concluir este breve panorama da história universal que lhes apresentei nesta noite. Mas a União tem duas enormes tarefas para cumprir tanto com relação à Universidade quanto aos seus próprios membros; e não vai fracassar nisso.

Quanto ao atletismo em geral, não sei qual será seu destino, porém desejo chamar sua atenção para o fato importante de que atualmente ele apresenta duas novas características na série de suas transformações seculares. É democrático e internacional. A primeira dessas características garantirá seu futuro: qualquer coisa que não seja democrática na atualidade já não é viável por mais tempo. E pela segunda, abre para nós perspectivas inesperadas. Há pessoas chamadas utópicas quando nos falam do desaparecimento das guerras, e não estamos totalmente equivocados; mas há outras que acreditam na redução progressiva das possibilidades de guerra, e eu não vejo utopia nisso. É claro que o telégrafo, a estrada de ferro, o telefone, a investigação apaixonada da ciência, os congressos e as exposições tem feito mais pela paz que qualquer tratado ou convenção diplomática. Então, eu acredito que o atletismo fará muito mais. Aqueles que viram 30.000 pessoas correndo sob a chuva para assistir a uma partida de futebol não pensarão que estou sendo exagerado. Que nos seja permitido exportar remadores, corredores e esgrimidores; estes é o livre comércio do futuro, e o dia em que introduzir entre as paredes da velha Europa a causa da paz terá recebido um impulso novo e poderoso.

Isto é suficiente para animar a este vosso servidor para que sonhe agora sobre a segunda parte desse programa; ele espera que vocês o ajudem como o tem ajudado até agora, e que com vocês ele será capaz de continuar e completar, sobre uma base adequada às condições da vida moderna, esta tarefa saudável e grandiosa, a restauração dos Jogos Olímpicos.

Conferência proferida na Sorbonne por ocasião do Jubileu da U.S.F.S.A. em 25 de novembro de 1892.
Em: COUBERTIN, P. de. *Le Manifeste Olympique*, editado por François d'Amat,
Lausanne: Les Editions du Grand Point, 1994, p. 66-79.

4.2.1/3 – 4.2.1/8 INTRODUÇÃO

Os seis textos seguintes diferenciam-se claramente dos outros textos de Coubertin aqui reproduzidos. Trata-se dos documentos oficiais para a convocatória do congresso internacional de 1894, no qual decidiu-se a implementação dos Jogos Olímpicos. Seu valor histórico exige sua inclusão neste ponto, embora a autoria de Coubertin não seja expressamente refletida.

O primeiro documento apresenta o protocolo da assembleia geral de 1893 da U.S.F.S.A., na qual Coubertin, como secretário geral dessa associação, destacou a necessidade da convocatória do congresso internacional de 1894 e explicou a diferença entre amador e profissional na antiguidade e na era moderna. A U.S.F.S.A. devia se converter em precursora de um movimento desportivo purificado e aproveitar o anunciado congresso de 1894 para essa finalidade. A renovação dos Jogos Olímpicos não é citada textualmente, mas ainda assim se assinala os valores que emanam dos Jogos Olímpicos da antiguidade, do que se deduz uma relação quase obrigatória. Parece que Coubertin evitou confundir novamente seus ouvintes com a ideia concreta.

Em 15 de janeiro de 1894 foi enviada uma circular junto com o “Programa preparatório” às federações desportivas estrangeiras das quais se tinha notícia.

Para assegurar-se de seu propósito, Coubertin havia realizado reuniões preparatórias com os representantes desportivos locais em Nova Iorque no dia 27 de novembro de 1892 e em Londres no dia 7 de fevereiro de 1894, com o objetivo de apoiar um novo passo para a vitória.

Reproduz-se aqui como outro documento importante o programa oficial do congresso de Paris de maio de 1894. Os Jogos Olímpicos encontram-se então em igualdade de condições com as questões sobre o amador. O programa não somente incluía a proposta de renovação dos Jogos, mas também das questões concretas dos possíveis esportes e das condições de participação e de organização. Além disso, incluía a proposta de implementação de um comitê Internacional para a preparação dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna.

Como fontes adicionais, voltamos a imprimir a agenda do congresso e das exposições a ele relacionadas. No informativo oficial de 1896, Coubertin descreve como chegou a suas ideias e a história pregressa dos Jogos de Atenas.

4.2.1/3 O CONGRESSO DE PARIS

O congresso havia sido convocado por decisão do Conselho da *Union des Sociétés françaises des Sports athlétiques* na primavera de 1893, a pedido dos Srs. Ad. Pallisau e de Coubertin. Três comissários foram encarregados de organizá-lo: o Sr. Barão Pierre de Coubertin, secretário geral da União, pela Europa ocidental; o Sr. C. Herbert, secretário do Amateur Athletic Association, pela Inglaterra e as colônias; o Sr. W. M. Sloane, Professor da Universidade de Princeton (Estados Unidos), pelo continente americano.

Em 27 de novembro de 1893 foi realizada uma reunião preliminar no University Club em Nova Iorque, e a seguir outra em Londres, no Sports Club, em 7 de

fevereiro de 1894. Durante esse interregno, o programa do congresso foi enviado às federações atléticas e desportivas de todo o mundo acompanhado pela seguinte convocatória: “Temos a honra de comunicar-vos o programa do congresso internacional que será realizado em Paris no próximo dia 17 de junho, sob os auspícios da *Union des Sociétés des Sports Athlétiques*. Seu objetivo é duplo. Antes de tudo importa conservar o caráter nobre e cavalheiresco do atletismo que a tem distinguido no passado, para que continue desempenhando de modo eficaz na educação dos povos modernos a missão admirável que lhe deram os mestres gregos. A imperfeição humana tem sempre a tendência de transformar o atleta de Olímpia num gladiador circense. É preciso escolher entre duas fórmulas atléticas incompatíveis entre si. Para se defender do espírito de lucro e profissionalismo que as ameaça, os apaixonados pelo atletismo estabeleceram na maioria dos países uma legislação complexa cheia de compromissos e de contradições; além disso, com demasiada frequência, respeita-se mais a letra que o espírito.

Impõe-se uma reforma, e antes de empreende-la é preciso discuti-la. As questões incluídas na ordem do dia dizem respeito a esses compromissos e contradições que subsistem nos regulamentos dos amadores. O projeto mencionado no último parágrafo refere-se à feliz sanção de um acordo internacional que todavia não queremos conseguir, mas somente preparar. O restabelecimento dos Jogos Olímpicos sobre as bases e em condições conformes com as necessidades da vida moderna faria comparecer a cada quatro anos os representantes das diversas nações do mundo, e pode-se pensar que essa luta pacífica e cortês constitui o melhor internacionalismo.

Ao tomar uma iniciativa cujos resultados podem ser tão consideráveis, a *Union des Sociétés des Sports Athlétiques* pretende usurpar uma precedência que, na república dos músculos, não pertence a nenhum país e a nenhuma sociedade. Pensava-se tão somente que a clareza de seus princípios e de sua atitude, bem como as elevadas amizades das quais se honra tanto na França como no estrangeiro, a autorizavam a dar o sinal de partida a um movimento de reforma cuja necessidade de faz sentir mais intensamente a cada dia. Atua, assim, em favor do interesse geral e sem nenhuma ambição mesquinha e oculta.”

Imprimé spécial, janeiro de 1894.

Reimpresso em: *Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques*, julho de 1894, n. 1, p. 1.

Paris, 20, Rue Oudinot,
le 15 Janvier 1894.

Monsieur,

J'ai l'honneur de vous communiquer le programme du Congrès International qui se réunira à Paris le 17 Juin prochain, sous les auspices de l'Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques.

L'objet en est double.

Il importe, avant tout, de conserver à l'athlétisme le caractère noble et chevaleresque qui l'a distingué dans le passé, afin qu'il puisse continuer de jouer efficacement dans l'éducation des peuples modernes le rôle admirable que lui attribuent les maîtres Grecs. L'imperfection humaine tend toujours à transformer l'athlète d'Olympie en un gladiateur de cirque. Il faut choisir entre deux formules athlétiques qui ne sont pas compatibles. Pour se défendre contre l'esprit de lucre et de professionnalisme qui menace de les envahir, les Amateurs, dans la plupart des pays, ont établi une législation compliquée pleine de compromis et de contradictions; trop souvent d'ailleurs, on en respecte la lettre plus que l'esprit.

Une réforme s'impose et avant que de l'entreprendre, il faut la discuter. Les questions qui ont été mises à l'ordre du jour du congrès ont trait à ces compromis et à ces contradictions qui subsistent dans les règlements amateurs. Le projet que mentionne le dernier paragraphe sera l'heureuse sanction de l'entente internationale que nous cherchons non point encore à réaliser, mais seulement à préparer. Le rétablissement des Jeux Olympiques, sur des bases et dans des conditions conformes aux nécessités de la vie moderne, mettrait en présence, tous les quatre ans, les représentants des nations du monde et il est permis de croire que ces luttes pacifiques et courtoises constituent le meilleur des Internationalismes.

L'Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques, en prenant une initiative dont les résultats peuvent être si considérables, n'a pas cherché à usurper une prééminence qui, dans la république des muscles, n'appartient à aucun pays et à aucune société. Elle a seulement pensé que la netteté de ses principes et de son attitude ainsi que les hautes amitiés dont elle s'honore, tant en France qu'à l'étranger, l'autorisait à donner le signal d'un mouvement de réforme dont la nécessité se fait sentir chaque jour davantage. Elle agit ainsi dans l'intérêt général et sans aucune arrière pensée de mesquine ambition.

Le Congrès s'ouvrira à Paris, le Dimanche 17 Juin et durera huit jours.

Les mémoires écrits en Français seront reçus au Secrétariat général jusqu'au 10 Juin. Les mémoires écrits en langues étrangères, jusqu'au 1^{er} Juin seulement. Ils seront classés en deux catégories selon qu'ils énumèrent des personnalités individuelles ou des Sociétés. L'envoi de mémoires ou de communications est libre : nulle condition n'est exigée, mais les sociétés devront, en tous les cas, joindre à leurs envois le texte des règlements qui les régissent. Tout mémoire qui ne traiterait pas de l'une des questions inscrites au programme ci-joint, sera rigoureusement écarté.

Des cartes donnant entrée dans la salle des séances seront à la disposition des personnes qui en feront la demande avant le 10 Juin en justifiant de leur désir de prendre part au Congrès. Les Sociétés d'amateurs pourront se faire représenter par des Délégués. Elles devront en ce cas, en donner avis avant le 10 Juin.

Nous vous demandons de vouloir bien publier et faire connaître autour de vous la présente lettre ainsi que le programme qui l'accompagne.

Veuillez agréer, Monsieur, l'expression de mes sentiments les plus distingués.

B^{te} Pierre de COUBERTIN,
Secrétaire général.



Circular de Pierre de
Coubertin, Secretário
Geral da USFSA, anun-
ciando o Congresso
Atlético Internacional.
(Coleção J. Kössl)

4.2.1/4 CIRCULAR, 15 DE JANEIRO DE 1894

Tenho a honra de comunicar-vos o programa do congresso internacional que será realizado em Paris no próximo dia 17 de junho, sob os auspícios da *Union des Sociétés françaises de Sports Athlétiques*.

Seu objetivo é duplo.

Antes de tudo importa conservar o caráter nobre e cavalheiresco do atletismo que a tem distinguido no passado, para que continue desempenhando de modo eficaz na educação dos povos modernos a missão admirável que lhe deram os mestres gregos. A imperfeição humana tem sempre a tendência de transformar o atleta de Olímpia num gladiador circense. É preciso escolher entre duas fórmulas atléticas incompatíveis entre si. Para se defender do espírito de lucro e profissionalismo que as ameaça, os apaixonados pelo atletismo estabeleceram na maioria dos países uma legislação complexa cheia de compromissos e de contradições; além disso, com demasiada frequência, respeita-se mais a letra que o espírito.

Impõe-se uma reforma, e antes de empreende-la é preciso discuti-la. As questões incluídas na ordem do dia dizem respeito a esses compromissos e contradições que subsistem nos regulamentos dos amadores. O projeto mencionado no último parágrafo refere-se à feliz sanção de um acordo internacional que todavia não queremos conseguir, mas somente preparar. O restabelecimento dos Jogos Olímpicos sobre as bases e em condições conformes com as necessidades da vida moderna faria comparecer a cada quatro anos os representantes das diversas nações do mundo, e pode-se pensar que essa luta pacífica e cortês constitui o melhor internacionalismo.

Ao tomar uma iniciativa cujos resultados podem ser tão consideráveis, a *Union des Sociétés des Sports Athlétiques* pretende usurpar uma precedência que, na república dos músculos, não pertence a nenhum país e a nenhuma sociedade. Pensava-se tão somente que a clareza de seus princípios e de sua atitude, bem como as elevadas amizades das quais se honra tanto na França como no estrangeiro, a autorizavam a dar o sinal de partida a um movimento de reforma cuja necessidade de faz sentir mais intensamente a cada dia. Atua, assim, em favor do interesse geral e sem nenhuma ambição mesquinha e oculta.

A abertura do congresso acontecerá em Paris no domingo 17 de junho, e durará oito dias.

As memórias escritas em francês serão recebidas pela Secretaria geral até 10 de junho. As memórias escritas em línguas estrangeiras somente até 1 de junho. Serão classificadas em duas categorias, segundo procedam de personalidades individuais ou de Sociedades. O envio de memórias ou de comunicações é livre: não se exige nenhuma condição, mas, em qualquer caso, as Sociedades deveriam anexar o texto dos regulamentos que as regem. Toda memória que não considere alguma das questões assinaladas no programa anexo será rigorosamente excluída.

Haverá cartas que permitam a entrada na sala de sessões para todas aquelas pessoas que as solicitem antes de 10 de junho, justificando seu desejo de participar do congresso. As Sociedades de amadores poderão ser representadas por delegados. Nesse caso, deverão avisá-lo antes de 10 de junho.

Solicitemos que publique e divulgue em sua região esta carta, bem como o programa que a acompanha.

Atenciosamente,
Barão Pierre de Coubertin
Secretário geral

4.2.1/5 PROGRAMA PREPARATÓRIO (1894)

UNIÃO DE SOCIEDADES FRANCESAS DE ESPORTES ATLÉTICOS CONGRESSO INTERNACIONAL DE PARIS

Junho 1894

Para o estudo e a difusão dos princípios dos desportistas não profissionais
COMISSÁRIOS

FRANÇA E EUROPA CONTINENTAL: Sr. Barão Pierre de Coubertin, secretário geral da Union des Sports athlétiques, 20, rue Oudinot, *Paris*.

INGLATERRA E COLONIAS INGLESAS: Sr. C. Herbert. Hon.-Secretary, Athletic Association, 10 John St. (Adelphi), *Londres*.

CONTINENTE AMERICANO: Sr. W. M. Sloane, professor da Universidade de Princeton, Stamworth, Princeton (N.J.), *Estados Unidos*.

PROGRAMA PREPARATÓRIO

- I. Definição do amador: bases. Possibilidade e utilidade de uma definição internacional.
- II. Suspensão, desclassificação e reclassificação – Sobre os fatos que os motivam e os meios para verificá-los.
- III. É justo manter uma distinção entre os diversos esportes desde o ponto de vista do amador, especialmente no que tange à corrida de cavalos (gentlemen) e o tiro ao pombo? Cabe ser profissional num esporte e amador em outro?
- IV. Sobre o valor das obras de arte como entrega de prêmios. É necessário limitar seu valor? Que medidas se deve tomar contra aquele que vende a obra de arte que ganhou?
- V. Legitimidade dos recursos precedentes da admissão no campo. Pode esse dinheiro ser dividido entre as sociedades desportivas ou entre os participantes? Pode servir de indenização por deslocamento? Qual o limite para a indenização dos capitães de equipe, tanto para sua sociedade quanto para a adversária?
- VI. Cabe aplicar na mesma medida a todos os esportes a definição geral do amador? Deve haver restrições especiais para o ciclismo, o remo, o atletismo, etc?...
- VII. Sobre as apostas. São compatíveis com o caráter não profissional do esporte? Sobre os meios para barrar seu avanço.
- VIII. Sobre a possibilidade de restabelecer os Jogos Olímpicos. Em que condições caberia fazer isso?

As resoluções adotadas no congresso não serão vinculantes para as Uniões e Sociedades participantes do congresso. Este tem como finalidade emitir seu parecer sobre os assuntos diversos para o qual seja consultado, e preparar, mas não estabelecer, uma legislação internacional.

A ordem das sessões e o programa dos festejos que serão realizados em Paris por ocasião do congresso serão comunicados posteriormente.

Imprimé spécial, janeiro de 1894 (Arquivos do COI)

4.2.1/6 O CONGRESSO DE PARIS DE 1894: NOTA DE IMPRENSA

Sabe-se que vai ser realizado na Sorbonne um congresso internacional sob a presidência do Sr. Barão de Courcel, Senador, para trabalhar no estabelecimento de Jogos Olímpicos modernizados que, como seus “grandes antepassados”, acontecerá a cada quatro anos, e nos quais estarão representados todos os esportes.

Sessenta e um delegados franceses e estrangeiros já se inscreveram para participar nos trabalhos deste congresso. Entre eles cabe mencionar o Conde Lucchesi-Palli pela Itália; aos professores Posada e Aniceto Sala da Universidade de Oviedo pela Espanha; aos lugartenentes Bergh e S. de Drakenberg pela Suécia; aos Srs. Todd, Clark y Britten pela “National Cyclist’s Union”; ao Dr. Bikelas pela Grécia; ao Sr. Alexis Lebedeff por Rússia. Irlanda e Bélgica estão igualmente representadas, e as Sociedades atléticas de Melbourne enviaram memórias importantes.

O Polo-Club de Paris designou como representante o Visconde de la Rochefoucauld e o Sr. René Raoul-Duval; a Sociedade Hípica Francesa, o Barão de Carayon la Tour e o Barão du Teil du Havelt; o Club Alpino, um de seus vice-presidentes, o Sr. Durier; a Sociedade de Fomento da Esgrima, os Srs. De Villeneuve, o Coronel Derué, etc.

O congresso é patrocinado pelo Rei dos Belgas, o Príncipe de Gales, o Príncipe Real da Suécia, o Príncipe Real da Grécia e o Gran Duque Wladimir de Rússia; também o Duque de Aumal figura entre as personalidades que aderiram.

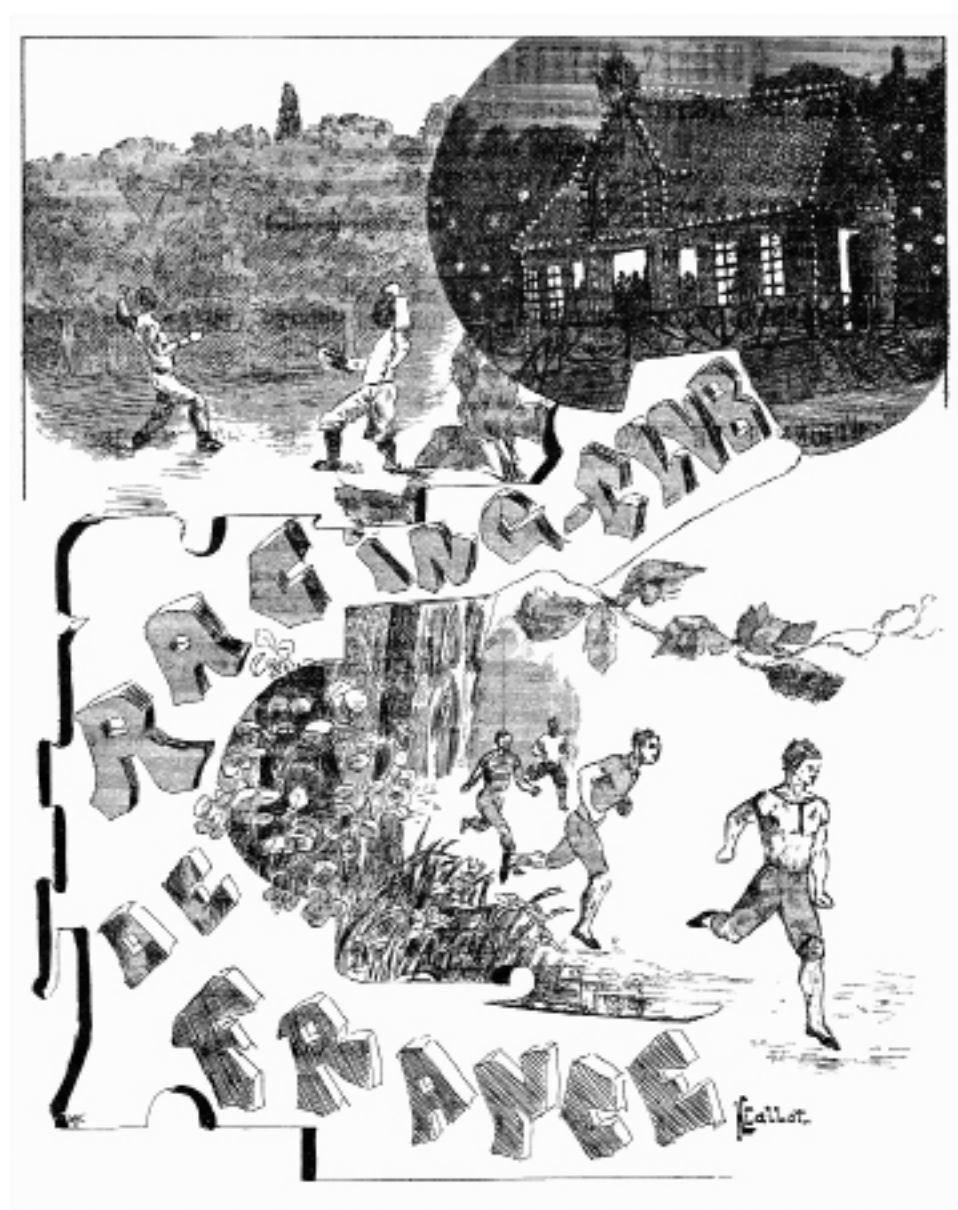
A abertura terá lugar em 16 de junho no grande anfiteatro da Sorbonne. O Sr. Jean Aicard dissertará sobre “a Força e o Direito”, e doze cantores da Opera interpretarão pela primeira vez o famoso Hino a Apolo.

Durante todo o congresso (16-24 junho) serão realizadas sessões matinais pela manhã na Sorbonne. O vespertino será dedicado aos serviços e aos festejos. O primeiro acontecerá em Luxemburgo no domingo 17 de junho e será um *Jeu de Paume* (precursor do tênis). O segundo será uma festa à noite, na quinta 21, no Racing-Club; o programa terá corridas com tochas e assaltos com armas no soberbo prado da Croix-Catélan, iluminado *a giorno*; poderão ser ouvidos diversos coros alternados com sons de trompetes. A festa será presidida pelo Presidente do Conselho municipal de Paris: o valor das entradas será destinado aos pobres.

O encerramento do congresso acontecerá na noite do sábado 28 de junho com um grande banquete no Palácio de Inverno do Jardin d’Acclimatation, sob a presidência do Barão de Courcel.

Imprimé spécial. Maio/junho de 1894 (Arquivos do COI)

4.2.1/7 PROGRAMA DO CONGRESSO DE FUNDAÇÃO DO COI (1894)



Capa do programa
definitivo do Congresso
de Fundação do COI.
(Junho de 1894)

CONGRÈS INTERNATIONAL DE PARIS

POUR LE RÉTABLISSEMENT DES JEUX OLYMPIQUES

Samadi 16 Juin, à 4 heures

SÉANCE SOLENNELLE D'OUVERTURE, A LA SORBONNE

Discours de M. le Baron de COURCEL, Sénateur, l'Président du Congrès.
Cantate de M. ELIAS AICARD, Président de la Société des Gens de Lettres.
« Hymne à Apollon » (1^{re} audition, avec chœurs).
Le Solo sera chanté par Madame JEANNE RÉMACLE.

Dimanche 17 Juin, à 9 heures 1/2

CHAMPIONNATS VÉLOCIPÉDIQUES DE L'UNION DES SPORTS ATHLÉTIQUES

AU VÉLOCODROME DE LA SEINE, A LEVALLOIS

Chemin du Fort Saint-Lamare pour Clignancy-Levallois

A 2 heures 1/2

CHAMPIONNAT DE LONGUE-PAUME AU JARDIN DU LUXEMBOURG

Lundi 18 Juin, à 9 heures 1/4

1^{ère} SÉANCE DU CONGRÈS à la Sorbonne

(AMPHITHÉÂTRE B)

Entrée par la Rue Saint-Jacques, n. 46

Messieurs des Délégués seront admis à cette Séance

A 4 heures

M. LE PRÉSIDENT DU CONSEIL MUNICIPAL DE PARIS

Reçoit les Délégués et Délégués, à l'Hotel-de-Ville

(Rendez-vous à l'Hotel-de-Ville à 4 heures sous le port
des-prêtres)

Mardi 19 Juin, à 9 heures 1/4

2^{ème} SÉANCE DU CONGRÈS à la Sorbonne

(AMPHITHÉÂTRE A)

A 3 heures

Excursion sur la Marne : Collège au Garage de la
Société d'Encouragement au Sport nautique à Nogent-sur-Marne.

Mercredi 20 Juin, à 9 heures 1/4

3^{ème} SÉANCE DU CONGRÈS à la Sorbonne

(AMPHITHÉÂTRE A)

Jeudi 21 Juin, à 9 heures 1/4

4^{ème} SÉANCE DU CONGRÈS à la Sorbonne

(AMPHITHÉÂTRE A)

A 8 heures 1/2

FÊTE DE NUIT

Organisée par le Racing-Club de France en l'honneur des Délégués au Congrès, et sous la Présidence de M. CHAMPODEY
Président du Conseil Municipal de Paris.

sur la Pelouse de la CROIX-CATELAN (Bois de Boulogne)

Illuminations et feu d'artifice. — Courses à pied aux flambeaux (150 m. — 500 m. — 1000 m. excepté. Assauts d'escrime
(Sabre, Épée, Fleuret). — Chœurs sans accompagnement. — Sonneries de trompe.

PRIX DU BILLET (au profit des Pauvres), 5 francs pris avant, 10 francs sur le terrain

Vendredi 22 Juin à 9 heures 1/4

5^{ème} SÉANCE DU CONGRÈS à la Sorbonne

(AMPHITHÉÂTRE A)

A 4 heures

Entrée à la Société de Sport de l'Île de France
(Place de la Sorbonne, Bâtiment 21 (ancien))

Samedi, 23 Juin à 9 heures 1/4

6^{ème} SÉANCE DU CONGRÈS à la Sorbonne

(AMPHITHÉÂTRE A)

A 7 heures

BANQUET AU PALAIS D'HIVER DU JARDIN D'ACCLIMATATION

Sous la Présidence de M. le Baron de COURCEL

Página 2 do programa
definitivo do Congresso
de Fundação do COI.

MEMBRES HONORAIRES

- S. M. le Roi des Belges.
S. A. R. le Prince de Galles.
S. A. R. le Prince royal de Suède et Norvège.
S. A. R. le Prince royal des Haïllènes.
S. A. I. le Grand Duc Wladimir de Russie.
E. le Ministre de l'Instruction publique d'Autriche.
M. le Président du Conseil municipal de Paris.

Mir le Duc d'Arenas.

M. le Comte Cziffi, Ministre de l'Instruction publique de Hongrie.

Lord Alington.

M. Hédouze Pratt, Président de l'Alliance Universitaire Internationale.

M. Ernest Lavisse, de l'Académie Française.

M. Joseph Schmitt, Député.

M. Frédéric Passy, Membre de l'Institut.

M. S. Joseph, Membre du Parlement Italien.

M. E. Feldman, Membre du Parlement Allemand.

M. le Général de Wodewitz, Attaché à la direction des écoles militaires

Prusse.

M. le Dr Harris, Commissaire de l'Éducation des États-Unis.

M. Frédéric Major, Membre du Parlement Danois.

M. Dufour, Membre du Parlement Anglais.

M. le Comte Frangé, Membre du Parlement Italien.

M. K. Lefebvre, Membre du Parlement Belge.

M. Alexandre Bogdanoff, Membre du Parlement Hongrois.

M. Elie Guzman, Président du Bureau International de la Paix.

M. G. de Saint-Clair.

M. la Vicomte Léon de Jaurès, Président de l'Union des Sports Athlétiques.

M. Eug. Späth, Député, ancien Ministre.

M. Wadon, Professeur à la Faculté des Lettres.

M. John Astley, Président du Sports-Club de Londres.

M. le Capitaine Belch, Président de l'Union Gymnastique de Stockholm.

M. Franz Simény, Directeur de l'École Royale d'Équitation.

M. Jules Simon, de l'Académie Française.

M. Jasson, Membre de l'Institut.

M. le Comte Hayta, Ambassadeur d'Autriche-Hongrie, à Paris.

M. le Dr Gléna, Président de l'Université Johns Hopkins (Baltimore).

M. l'Amiral Baron Laffé, Président de l'Union des Yachts Français.

M. Louis Picoté, Président de la Société Pédagogique de Gymnastique.

M. le Comte de Jougé, Député, Président de la Société Hippique Française.

M. le Baron de Saffner.

M. le Dr Jai Kati, Professeur au Lycée de Klatzky (Tobolsk).

M. Caputo, Président du Rowing-Club Italien.

M. Permetti, Président de l'Union des Sociétés de Gymnastique de France.

M. le Dr W. P. Brooker.

M. C. Walbridge, Directeur de l'École Américaine d'Athlète.

Lord Dufferin, Ambassadeur d'Angleterre.

M. G. A. Allen, Président du New-York Athletic Club.

M. C. Strick, Professeur au Lycée Montaigne.

M. le Dr Zuber, Recteur du Collège national de l'Uruguay.

M. L. A. Cull, Secrétaire de la New-Zealand Amateur Athletic Association.

M. de Willebrandt, Député de la Noblesse de Suède.

PRÉSIDENT DU CONGRÈS

M. le Baron de Censeel, Ministre, Ancien Ambassadeur.

COMMISSAIRES

MM. le Baron Pierre de Coubertin, Commissaire général, 30, rue Dufour.

E. Gallot, 30, Boulevard Malesherbes.

A. de la Préguère, 5, place Malesherbes.

Alf. Mouton, 6, place Poisson.

le Vicomte de Maule, 88, boulevard de Courcelles.

Fernand d'Orval, 14 avenue de l'Alma.

le Comte Jacques de Pourtalès, 7, rue Tronchet.

Théodore Simonin, 8, rue Rouman.

le Comte de Villiers, 18, avenue Victor Hugo.

COMMISSAIRE, CHARGÉ DU SERVICE DE LA PRESSE

M. Franz Reichel, 9 rue Boyer-Colliard.

DÉLÈGUES

1 Association des Instituteurs pour l'Éducation Physique de la Jeunesse.

MM. HOLLER, Institutur, 17, avenue Parmentier. — PÉRIAT, Professeur de jeux scolaires, 305, boulevard Saint.

2 Union Vélocipédique de France.

MM. BONNEL — FACHE — le Dr MINART — DEVAL — ROBERT, 68, avenue de la Grande-Armée.

3 Racing Club de France.

MM. MÉRIS, GONCOURT, 8, rue d'Argentan. — P. LEITEUR, 22, rue Étienne.

4 Société de Sport de l'Île de Puteaux.

MM. ANDRÉ TOUTAIN, 20, place Vendôme — JEREMIAN, Ministère plénipotentiaire, 30 bis, rue de Valenciennes.

5 Polo Club de Paris.

MM. le Vicomte de La Roche-Foucauld, 47, rue de Valenciennes. — René BACAL-DEVAL, 53, rue François I^{er}.

6 Société d'Encouragement de l'Escrime.

MM. H. de VILLENOUVE, 41 bis, boulevard de Latour-Maubourg — Le comte Dénat, 72, rue d'Amsterdam.

Ad. DORTCHY, 31, rue Leprieux.

7 Société Panhellénique de Gymnastique d'Athènes.

M. D. FETELIS, 4, rue de Babylone.

8 Union des Yachts Français.

MM. MIREL-FATIS, 8, rue du Général Foy. — GASTON FOURNIER, 51, rue Notre-Dame-de-Lorette. —

DE BELLONGUE, 65 rue de Valenciennes. — DUBA, 96, rue de la Trinité. — LAFITTE, 40, rue Boissy-d'Anglais. —

Le Vicomte de ROCHEREAU, 108, rue de l'Université.

- 9 **Société de Gymnastique de Saint-Petersbourg.**
M. ALBERT LANGEW.
- 10 **Federazione Ginnastica Italiana.**
M. le Comte LUDOVIC-PAUL, 4, rue Vossier.
- 11 **Société Hippique Française.**
MM. le Baron du POULOU HAILLE, 14 rue de Bavi. — Le Baron DE CARATIS LA TOUR, 9, rue de Bavi.
- 12 **Nederlandsche Voetbal en Athletiek Bond.**
- 13 **Stade Français.**
MM. GABRIEL DE VAUBERDUST, 14, rue George-Sand (Anvers). — L. H. SANDFORS, 7, rue Dumont d'Urville.
- 14 **Union Chrétienne de Jeunes Gens.**
MM. RINGET. — ADAMS, 14, rue de Trévise.
- 15 **Union Nationale des Sociétés de Tir.**
MM. BERNARD, 81, avenue d'Issy. — LOCHEREAU, 4, rue de l'Étoile. — LORVILLE, 56, boulevard Beaumarchais. — CHARTIER, 4, rue Proudhon.
- 16 **Association des Sociétés de Gymnastique de la Seine.**
M. H. DUBOIS, 3 rue des Poissonniers.
- 17 **Union des Sociétés de Gymnastique de France.**
MM. LORVILLE, 56, boulevard Beaumarchais. — SANDFORS, 7, rue Dumont d'Urville.
- 18 **Amateur Athletic Association (Londres).**
Victorian Amateur Athletic Association (Melbourne).
M. C. HARRIS, 10, John St (Adelphi) Londres.
- 19 **National Cyclist's Union.**
MM. N. L. CLARK. — E. TUDOR. — J. BERTON, 57, Brompton St. Londres.
- 20 **Irish Amateur Athletic Association (Dublin).**
MM. D. D. BURKE. — J. T. MAGUIRE.
- 21 **Club Alpin Français.**
MM. CHARLES BURKE, 7, rue Grouffault. — PIERRE PIREUX, 15, rue Soufflot.
- 22 **Amiens-Cycle.**
MM. CHENET. — LAMY.
- 23 **Svenska Gymnastik-förbundet (Stockholm).**
MM. FREDÉRIC BURKE, 73, avenue d'Asnières. — STAN DE DANKERTS, École de gymnastique, Joinville-le-Pont.
- 24 **Ligue Vélocipédique Belge.**
MM. CARREAU. — J. HANSEN.
- 25 **Association Vélocipédique d'Amateurs.**
MM. L.-P. HENRI, 9, rue Roger-Colard. — HENRI LUCHEUX, 108, boulevard Richard-Lenoir.
G. DE LAFFRÈRE, 62, rue Bismarck.
- 26 **Decimal L. T. & B. Society.**
MM. GABRIEL JAMES, 48, rue de Châtea. — J.-H. LE GROS, 78, avenue Kléber.
- 27 **Universidad d'Oviedo (Espagne).**
MM. le Professeur ADOLFO GONZÁLEZ PONS. — Le Professeur ANTONIO SEDA.
- 28 **Athletic and Running Club (Bruxelles).**
M. ADOLPHE KILBE, 29, rue de l'Étoile, Bruxelles.
- 29 **New-York Athletic Club.**
M. le Professeur W.-M. SLOAN, Hôtel d'Orléans, rue Dumour.
- 30 **La « Jeune Epée ».**
MM. JOSEPH RENAUD, 29, rue de la Victoire. — SAUTON, 1, rue d'Édimbourg.
- 31 **Stade Bordelais.**
M. A. MANTROT, 3, rue du 29 Juillet.
- 32 **Union sportive des Etudiants de Caen.**
M. FRANK HENRI, 9, rue Roger-Colard.
- 33 **Fédération Belge des Sociétés de Courses à pied.**
MM. KETTEL, Palais du Roi, Bruxelles. — CHARLES HENRI, 43, rue du Marché, Bruxelles.
- 34 **Association vélocipédique Internationale.**
MM. J. SLOAN. — O. SLOAN, 43, rue Vivienne.
- 35 **Wenlock Olympian Society.**
- 36 **Académie d'Armes.**
MM. BOULEAU, 226, rue Saint-Honoré. — Robert, 23, rue Serpente.
- 37 **Polytechnic Club (Londres).**
M. le Comte O'CONNELL, 53, avenue du Bois de Boulogne.
- 38 **Société d'Encouragement au Sport Nautique.**
MM. CH. FÉVRIER, 21, rue Martel. — F. HOTTEN, 3, rue Haffet.
- 39 **Union Athlétique du 1^{er} Arrondissement.**
MM. LÉON GUYARD, 194, rue de Rivoli. — LÉONCE.

**Página 4 do programa
definitivo do Congresso
de Fundação do COI.**

Le Congrès de Paris (1894).

Imprimé spécial, junho de 1894. (Arquivos do COI)

4.2.1/8 OS JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS

Habitualmente é muito difícil saber por que e como nasce uma ideia, que se desprende da onda das demais ideias que esperam sua realização, toma corpo e se transforma num fato. Não é esse o caso dos Jogos Olímpicos. A ideia de sua restauração não era uma fantasia, mas a decorrência lógica de um grande movimento. Durante o século XIX viu-se como renascia em todos os lugares o gosto pelos exercícios físicos: no alvorecer do século, na Alemanha e na Suécia; em seu apogeu, na Inglaterra; em seu declínio, nos Estados Unidos e na França. Juntamente com isso, os grandes inventos, a estrada de ferro e o telégrafo, encurtaram as distâncias e os homens começaram uma nova forma de existência; as raças se interpenetraram, aprenderam a se conhecer melhor e em seguida gostaram de se comparar entre si. O que uma realizava, a outra queria tentar; as exposições universais levaram a um mesmo ponto do globo produtos dos países mais longínquos; os congressos literários ou científicos colocaram em contato os cérebros mais diversos. Como não teriam tentado se encontrar os atletas quando a emulação é a própria base do atletismo e praticamente sua razão de ser? Isso, efetivamente, foi realizado: a Suíça convidou para suas competições federais aos atiradores estrangeiros; os ciclistas rodaram por todos os velódromos da Europa; Inglaterra e Estados Unidos desafiaram-se na água e na grama; os praticantes de esgrima de Roma e Paris cruzaram seus floretes. Pouco a pouco o internacionalismo foi introduzido no esporte, avivando seu interesse e ampliando seu raio de ação. O restabelecimento dos Jogos Olímpicos resultava possível.

Ao pensar nisso, pareceu-me inclusive algo necessário. Eu havia empregado alguns anos no estudo da juventude estudantil da Inglaterra e da América. O ensino praticado nas *public schools* britânicas pode ser criticado em muitos aspectos, mas é indubitável que a educação que nelas se pratica é muito forte e varonil. Em grande medida, a prodigiosa expansão do Império Britânico e o alto grau de poder alcançado pelos ingleses sob o reinado da rainha Vitória podem ser atribuídos aos méritos dessa educação. Não deixa de ser curioso comprovar que esses progressos coincidem com a reforma pedagógica produzida no Reino Unido em torno de 1840. Nessa reforma o exercício físico ocupa, de certo modo, o primeiro lugar. Ele é posto a serviço de um trabalho de educação moral e com ele se restitui, de acordo com as necessidades da época, uma das particularidades mais notáveis da civilização grega: a participação dos músculos na tarefa da formação moral. Ao contrário, na França, a inércia física era até esse momento considerada como um corolário indispensável do aperfeiçoamento cerebral; era admitido por todos que o jogo prejudica os estudos; e no que diz respeito ao caráter, não se sabia que poderia existir alguma forma de vínculo entre o corpo e a vontade.

Geralmente, a maior parte das grandes questões nacionais são reduzidas a uma questão de educação, sobretudo nos estados democráticos. Sempre há que buscar na escola e na universidade o segredo da grandeza ou da decadência de uma democracia. As melhorias que nelas se introduz são as que repercutem mais longe e intensamente. Para alguém convencido da verdade deste fato haveria de lhe ocorrer de forma inteiramente natural a ideia de que seria bom para a França introduzir na vida escolar algo dessa vitalidade física, dessa energia animal cujos benefícios têm experimentado nossos vizinhos. Assim, a tarefa que se empreendeu no início de

1888 prosperou rapidamente, e a *Union des Sports Athlétiques*, que no início foram muito modestos, já reunia, no final de 1892, um número considerável de sociedades, muitas das quais eram sociedades escolares estabelecidas nos liceus, criadas e dirigidas por alunos. Minhas viagens anteriores e a necessidade de estudar o que se fazia fora para trabalhar de modo mais eficaz dentro na realização da tarefa, me fizeram procurar relações com aquelas pessoas que também estavam dando atenção aos exercícios físicos em outros países. Além disso, em razão da exposição universal de 1889, o governo francês havia convocado em Paris a realização de congressos internacionais das mais variadas ordens; entre eles, um de educação física. Encarregado de organizá-lo, enviei a todas as partes no estrangeiro uma circular e um questionário sobre a forma como eram praticados os exercícios físicos nos colégios e nas universidades. Fundei, por fim, um periódico mensal, a *Revue Athlétique*, com o objetivo de criar um movimento em favor dos esportes masculinos e de comparar os resultados obtidos em lugares distintos. A missão da qual me havia encarregado o Ministério de Instrução Pública em 1889 com o objetivo de visitar os centros de Instrução Pública da América do Norte permitiu-me acrescentar novos documentos ao meu expediente internacional. Tudo isso me deu condições de comprovar que, no entardecer do século que havia o visto renascer, o atletismo já corria grande perigos, e que seus progressos ficariam comprometidos se não fosse realizada uma intervenção imediata e enérgica. Em todo lugar havia encontrado discórdias, guerras civis entre partidários e adversários de uma ou outra forma de exercícios. Esse estado de coisas me pareceu proceder de uma especialização excessiva. Os ginastas não aceitavam facilmente aos remadores, os praticantes de esgrima aos ciclistas, os atiradores aos tenistas. Tampouco reinava paz entre os adeptos de um mesmo esporte; os amigos da ginástica alemã negavam qualquer mérito ao método sueco, e as regras americanas de futebol pareciam aos jogadores ingleses contrárias ao bom senso. Além disso, o espírito mercantil ameaçavam invadir os círculos desportivos; onde não se corria ou se lutava abertamente por dinheiro, existia, entretanto, a tendência a criar compromissos lamentáveis, e no desejo de vencer com frequência havia algo muito distinto da ambição e do sentido de honra. Se não se quisesse ver o atletismo degenerar e morrer pela segunda vez, era preciso *unifica-lo* e *purifica-lo*.

Somente encontrei um meio prático para conseguir isso: criar competições periódicas para as quais fossem convidados representantes de todos os países e de todos os esportes, e colocar essas competições sob o patrocínio único que pudesse lhe conferir uma aura de grandeza e de glória, o patrocínio da antiguidade clássica. Fazer isso equivalia a restaurar os Jogos Olímpicos. O nome impunha-se por si; nem seria possível encontrar outro.

Para dizer a verdade, ele não havia caído em desuso: havia sido empregado com muita frequência para designar competições locais como as que o Diretório tentou estabelecer outrora no campo de Marte parisiense, ou como as que foram realizadas em algumas cidades da Grécia, seja para designar alguma restituição prematura ou desacertada como a que foi realizada em Atenas sob o reinado do rei Otho; desta vez, porém, não se tratava do nome, mas da coisa. Não havia que fazer um trabalho local e passageiro, mas uma obra universal e duradoura. Ocorreu-me a ideia de realizar em Paris um congresso atlético internacional, e quase ao mesmo tempo me dei conta de que isso não era possível sem um trabalho preliminar, ao que me dediquei

de imediato. Aproximar as grandes Sociedades Francesas do Esporte e estabelecer relações entre elas e as Sociedades análogas dos demais países era a primeira coisa a fazer para não oferecer aos estrangeiros que viessem o espetáculo de nossas discórdias e para conseguir numerosas adesões de fora.

Devido a sua fundação e a seus rápidos progressos, a *União dos Esportes Atléticos* havia gerado ao seu redor ciúme e desconfiança. Todo nosso esforço procurou melhorar as relações com a *União Francesa de Ciclismo*, a *União Nacional de Sociedades de Tiro*, a *União de Sociedades de Ginástica*, a *Sociedade de Fomento da Esgrima*, a *União de Sociedades de Remo*, a *União Francesa de Latismo*. Somente consegui isso em parte. No entanto, foi possível desfazer mais de um mal-entendido, e inclusive esboçar em alguns aspectos uma colaboração amistosa. No estrangeiro, a tarefa era aparentemente mais difícil; na realidade, era menos ingrata e mais cômoda. Logo estabeleceram-se vínculos entre os clubes parisienses e os clubes belgas; bastava estimular esta tendência. Com a Inglaterra o entendimento foi menos rápido. A presença do Sr. Herbert a frente da *Amateur Athletic Association* facilitou as coisas; conhecia nossos esforços e os apoiava. A *National Ccyclist's Union* resistiu durante muito tempo: não via a utilidade de um tratado que a vinculava a uma federação estrangeira. Quanto a *Amateur Rowing Association*, foram necessários dez meses de negociações e a intervenção do embaixador da França em Londres, o Sr. Waddington, para conseguir que seus remadores aceitassem participar das famosas regatas de Henley, que se realizam com nossas regras.

Na primavera de 1893 a situação nos pareceu suficiente boa para poder convocar o congresso; mantínhamos boas relações com a Bélgica, a Inglaterra e os Estados Unidos. Dirigiu-se, pois, uma convocação a todas as sociedades desportivas do mundo convidando-as a enviar delegados a Paris no mês de junho de 1894. Pedi ajuda a amigos como o professor Sloane, da Universidade de Princeton, ou a pessoas com as quais mantinha uma correspondência habitual como o Sr. Kemeny, na Hungria; o general Boutowski, na Rússia; o Sr. Herbert, na Inglaterra; o comandante Balck, na Suécia. O programa do congresso foi redigido de modo que apareceriam em primeiro lugar questões de ordem puramente desportiva e permanecia em segundo plano o assunto principal, a restauração dos Jogos Olímpicos. Eu tinha medo de que a magnitude do projeto provocasse o sarcasmo ou a que as pessoas bem-intencionadas desistissem. De fato, havia falado do projeto em reuniões realizadas em Nova Iorque, Oxford, etc, e havia notado que meus ouvintes o consideravam um sonho ou uma quimera. Considerava indispensável realizar nossas sessões no Palácio universitário da Sorbonne, para indicar com isso que tratava-se de algo mais que de uma reunião desportiva habitual; parecia-me que as palavras Jogos Olímpicos ressoariam sob as abóbadas da Sorbonne de forma que se impusessem aos participantes. O Sr. Gréard, Reitor da Universidade de Paris, nos ofereceu sua hospitalidade cordial. Escrevi a L. M., o rei dos Helenos, e ao rei dos Belgas, a L.A.R., o príncipe real da Grécia, ao príncipe de Gales, ao príncipe real da Suécia e a S.A.I., o grande duque Vladimir, para oferecer-lhes o título de membros de honra do congresso, cuja presidência aceitou o barão de Courcel, senador e ex-embaixador da França em Berlim. Agora reunia-se ao meu redor alguns colaboradores que confiavam no nosso trabalho. Havíamos organizado uma série de festas com o objetivo de agradecer a estada em Paris dos delegados estrangeiros. Mas será que eles viriam?

Quando estávamos próximos da primavera era difícil esperar por isso. Alemanha, Suíça e Holanda não respondiam. Outros países se desculpavam. A correspondência reduziu-se: foi preciso voltar à carga, insistir. O êxito apareceu de repente, quase no último momento. Vieram delegados ingleses, americanos, suecos, espanhóis, italianos, belgas, russos. O delegado heleno, o Sr. Bikelas, que já era presidente em Paris, havia compartilhado nossos temores e esperanças. Além disso, chegaram adesões com as quais nem mais contávamos; a própria Austrália enviou seu mais caloroso apoio. A sessão de abertura, que aconteceu com grande solenidade no sábado 16 de junho ante um auditório de quase dois mil pessoas com a interpretação do Hino a Apolo, deu ao congresso sua verdadeira dimensão: os Jogos Olímpicos passavam para o primeiro plano.

Sua restauração foi decidida por unanimidade. Propusemos inaugurá-los em 1900, mas preferiu-se adiantar a data. Adotou-se a de 1896 e, com a proposta do Sr. Bikelas, Atenas foi designada como o primeiro lugar no qual seriam realizados os Jogos. Decidiu-se que os seguintes seriam realizados em Paris em 1900, e que então fossem realizados a cada quatro anos nas grandes capitais do mundo. O congresso nomeou um Comitê Internacional de quatorze membros para velar pela execução de suas decisões. Assim nasceu uma obra que parecia chamada a ter um destino feliz; desde então tem sido frequentemente criticada e inclusive violentamente atacada; nem todo mundo a compreende, e fala-se dela sem saber suficientemente de suas origens e dos seus objetivos. Pessoalmente, reivindico em voz alta sua paternidade, e quero agradecer aqui uma vez mais àqueles que me ajudaram a conduzi-la a bom porto; àqueles que acreditam comigo que o atletismo sairá engrandecido e enobrecido, e que a juventude internacional extrairá de tudo isso amor pela paz e respeito pela vida.

“Les Jeux Olympiques modernes”, em:
Les Jeux Olympiques de 1896.
Informe oficial, 2ª. Parte,
Atenas; Paris, 1896, p. 1-7.



O auditório principal da nova Sorbonne, com o famoso quadro do artista francês Puvis de Chavannes “O bosque

sagrado”. Aqui decidiu-se em 23 de junho de 1894 o restabelecimento dos Jogos Olímpicos modernos e a criação

do COI. (Extraído de H.-P. Nénot (Ed.). *La Monographie de la Nouvelle Sorbonne*. Paris: Impr. Nat., 1903, p. XVII)

4.2.1/9 O CONGRESSO DE PARIS E O RESTABELECIMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS

Coubertin descreve o congresso de fundação de 1894 trinta e sete anos mais tarde em suas *Memórias Olímpicas*, a primeira etapa da renovação dos Jogos Olímpicos, de uma maneira muito pessoal. Olhando para trás, sua viagem preparatória aos Estados Unidos no outono de 1893 parece importante de forma justificada. Mas também chama a atenção seu distanciamento da questão *amateur*, embora esta tenha sido marcada consideravelmente pelas experiências negativas na hora de se ocupar com o tema.

Uma tarde de novembro de 1892... exatamente a sexta feira 25. O grande anfiteatro da antiga Sorbonne, grande retângulo pintado, se bem me lembro, de lilás escuro e adornado por dois nichos quadrados de onde saíam os belos narizes de dois prelados que deviam ser Bossuet e Fenelon. Nesse lugar inóspito eu havia realizado uma das minhas provas de bacharel e havia tentado dizer algo sobre a “imaginação criadora”. Mas os alunos presentes na Sorbonne nessa tarde de 1892 pensavam em algo muito distinto. Sobre o tablado, no centro, podiam ser vistos a camisa imaculada e o traje de corte impecável do mais vistoso dos mundanos de então, o visconde Léon de Janzé, a que eu havia feito, pouco antes, presidente da *Union des Sports Athlétiques*, sabendo bem que era não somente um homem do mundo, mas um homem de grande bom senso e de um caráter seguro. Ao seu lado estavam o reitor da Universidade, Sr. Octave Gréard, e o príncipe Obolensky, marechal da corte do Gran Duque Wladimir, que havia aceito patrocinar este “jubileu” e que tinha que vir ao Bosque de Bolonha na manhã seguinte para distribuir pessoalmente os prêmios aos nossos jovens atletas. Por isso, o anfiteatro estava decorado com bandeiras russas alternando com as francesas; representavam a aliança com dez meses de antecipação.

Mas jubileu de que?... Digamos que se comemorava o quinto aniversário da *Union des Sports Athlétiques* com uma série de festas: reunião em Ville d'Avray, competição de esgrima, *cross country* em Meudon que se encerrou com um magnífico coquetel oferecido e presidido pelo ilustre astrônomo Janssen... pois tínhamos então colaboradores de prestígio nas letras, nas ciências e na política: Victor Duruy, Jules Simón, Georges Picot e muitos outros que haviam prestado seu apoio, os primeiros, em 1888, para a minha campanha inicial... Assim, celebraríamos então o quinto aniversário da USFSA? Nada disso. A criança havia sido substituída. Era verdade que na mesma data, há oito anos, duas pequenas sociedades parisienses haviam sido convocadas para formar, depois de um almoço frugal, a *Union des Sociétés Françaises de Courses a pied*. Isso já era um grande gesto de audácia por parte de Georges de Saint-Clair, posto que o Stade Français não tinha mais que a possibilidade de correr no domingo pela manhã na pista da Orangerie, nas Tulherias e a concessão do Racing-Club na Croix-Catelan era bastante precária. Pouco depois tive que intervir no Agrupamento para tentar assegurá-la. Qual não seria nossa surpresa, para mim e Saint-Clair, quando recebemos a resposta na qual se dizia que a sociedade seria admitida para colocar pistas sobre este belo terreno, mas que “ao primeiro aviso, deveria estar preparada para enrolá-las e recolhê-las”. Tais eram as “burocratas” da época. Para aqueles senhores, os membros do Instituto que patrocinavam nossa obra deviam estar evidentemente pouco afim disso.

Desse modo, utilizando uma ata de batismo, retificada posteriormente e cuja cópia oficial era constantemente reclamada por um jornalista adversário, havíamos conseguido a oportunidade de organizar estas festas com toda a suntuosidade permitida por um orçamento reduzido. A tarde da Sorbonne, que constituía a parte intelectual, compreendia, com a Marselleise, o hino russo e outra de circunstância, uma conferência a três sobre a história dos exercícios físicos: Georges Bourdon falaria da antiguidade; J.J. Jusserand, futuro embaixador da França em Washington, falaria da Idade Média; e eu dos tempos modernos.

Assim, em minha preleção, havia decidido terminar de forma sensacional com o anúncio da resolução de promover o próximo restabelecimento dos Jogos Olímpicos. E iríamos ver! Naturalmente eu havia pensado em tudo, menos no que aconteceu. Oposição? Protestos irônicos? Indiferença?... Ou muito menos. Houve aplausos, aprovação, me desejaram muito sucesso, mas ninguém havia compreendido. Era a completa incompreensão que começava e que devia durar por muito tempo. Quatro anos mais tarde, em Atenas, nos Jogos da primeira Olimpíada, me lembro de uma senhora americana que, depois de me cumprimentar, me disse sorrindo: “Eu já assisti aos Jogos Olímpicos”. “Ah, é mesmo? Lhe disse eu, e onde foi?” “Em São Francisco”. E vendo minha surpresa, acrescentou: “Era muito bonito. César também estava lá (Caesar was there)”. Uma restituição, um “pageant”, uma representação como no hipódromo da avenida da Alma, em Londres, e Olímpia costumava mostrar-se com prazer nestes tempos longínquos, isso é o que ia obstinadamente surgir entre meus ouvintes de 1892 e eu. Cheios de boa vontade, não chegavam a compreender meus pensamentos, a interpretar esta coisa esquecida: o Olimpismo, nem captar seu espírito, a essência, o princípio... das formas antigas que o envolviam e que haviam morrido fazia mil e quinhentos anos.

Isso me criava uma situação difícil de enfrentar. Se eu fosse multimilionário, teria podido passar, mas minhas modestas possibilidades de jovem, que haviam servido até então para ajudar as associações desportivas escolares em formação nos institutos franceses, a circular para organizar em todo lugar as manifestações desejadas, como poderiam dar suporte a um esforço internacional? E sem ajuda, como manter isso?

Existia outra fonte de incompreensão entre os desportistas: a incapacidade de colaboração entre esportes diferentes. A geração atual não chegará nunca a realizar as coisas como antes. É que pensando bem, na verdade, a antinomia dos esportes entre si não faz muito sentido, já que todos se baseiam na mesma fonte de alegria e de desenvolvimento corporal prévio. Suas bases psico-fisiológicas são iguais. Porém nisso os desportistas do século XIX estavam profundamente convencidos que a técnica de um esporte, sendo contrária a de outro, prejudicam-se profundamente. O esgrimista deteriora-se praticando boxe, o que rema deve desconfiar da barra fixa. Aos cavalheiros de agora, somente a ideia de correr a pé ou jogar futebol lhes produz náuseas. Somente o tênis, em seus próprios princípios, e a natação não produziam desconfiança: o primeiro deles era somente um passatempo elegante e o segundo um costume aconselhado pela higiene geral e a segurança em caso de acidente ou salvamento obrigatório.

Os representantes dos diferentes esportes, quando eu os reuni na fundação do Comitê para a programação dos esportes escolares, creio que jamais se haviam reunido para uma ação comum. Um ano mais tarde, a Comissão de organização das competições do congresso de 1889, cuja lista havia feito, os reuniu oficialmen-

te, desta vez, no ministério de Educação Pública. Olhavam uns aos outros com desconfiada surpresa digna de riso. Mas tudo isso não era senão coisa de colegiais. Tratava-se somente de ambientes pedagógicos. Muito diferente era a situação com os Jogos Olímpicos. Agora era necessário tratar com adultos.

O inverno de 1892-1893 transcorreu sem que a ideia tivesse “reaparecido” na opinião pública. Quando fantasiava, via claramente a noção de representação do hipódromo. A grande ironia das gentes “cultivadas” era se perguntar se a mulher seria admitida entre os espectadores nos novos Jogos e se, como em certas épocas da antiguidade, a nudez total seria imposta para impedir melhor acesso do sexo frágil ao estádio.

Meu propósito, antes da sessão de novembro de 1892, estava baseado na ideia que o rumor causado pelo projeto seria suficiente para assegurar o êxito de um congresso internacional, para o qual eu acreditava inocentemente que os governos e as universidades enviariam delegados oficiais. Agora era necessário adaptar-se. Que fazer? Rapidamente decidi manter o projeto do congresso, mas com alterações. Havia nos arquivos da USFSA (porque apenas nascida, já tinha arquivos como toda boa criação moderna) um projeto de congresso internacional para tratar da problemática do amadorismo, apresentada por Ad. de Pallissaux, um dos mais abnegados e convencidos entre os forjadores do princípio. Ah! Aqueles queridos colaboradores de então, com que grande amizade penso neles, sem me dar conta das nuvens que passavam às vezes entre nós; Pallissaux, Paul Champ, Gastón Raymond, Gustave de Lafreté, Marcadet, Heywood, que traçaram comigo as primeiras pistas de cross através dos bosques dos arredores de Paris; e então a primeira promoção dos estudantes “liberados”; Franz-Reichel, Louis Dedet, Fernand Bouisson, Georges Haviland, Arthur Roy... equipe de pioneiros da qual era ao mesmo tempo colega e chefe.

O amadorismo, múmia que se podia transportar ao museu de Boulak como modelo de embalsamento moderno! Passou meio século sem que pareça haver sofrido das manipulações incessantes de que tem sido objeto. Parece intacto. Ninguém de nós esperaria tanto tempo. Ao tratar desse problema, estávamos convencidos de acabar com ele antes de um lustro. Para mim, o congresso planejado tinha, acima de tudo, a importância de prover uma base sólida. Assim redigi um programa preliminar e o fiz aprovar para o congresso da USFSA, transformada desde o início de 1890. Estava diante de um Conselho e um Comitê acoplados e separados com a mesma possibilidade. Era uma espécie de Jano com uma face sobre o Jockey Clube, em cujas fileiras eram recrutados nossos membros honorários por vinte francos ao ano e outra sobre a pequena burguesia, uma parte dela, cheia de entusiasmo, nos proporcionava trabalhadores zelosos e nos confiava voluntariamente os músculos de seus filhos. Essa fusão de classes, nem sempre fácil de manter e ainda menos de provocar, me agradava, e creio que observando-me como me adaptava para conseguir isso, um jovem jornalista me havia descoberto “lugares curiosos de apóstolo desentendido”. Na França de então era necessário saber levar na esportiva – ou ao menos disfarçar – os sérios projetos que se pretendia realizar.

Tenho presente o programa do congresso de 1894 em duas versões entre as quais existe um espaço de uns dez meses. Primeiro, uma trindade imutável composta de três comissários: C. Herbert, secretário da International Athletic Association (Londres) pela Inglaterra e o Império Britânico; W; M. Sloane, professor da Universidade

de Princeton pelo continente americano e eu, pela França e Europa continental. Esta geografia incomum estava destinada a me proporcionar a propaganda. Inicialmente meus dois colegas haviam aceitado me agradar. Herbert, bastante taciturno, muito mais compreensivo do que parecia à primeira vista, tinha a sua disposição, como chefe administrativo da AAA, uma rede de propaganda organizada. Sloane devia a sua situação e a sua já elevada reputação, os meios para chegar ao mundo universitário transatlântico, o qual, como eu havia comprovado em 1889, dominava o atletismo americano, e sem ele não se podia fazer nada.

Depois dos nomes dos comissários vinham os oito artigos seguintes que acredito não haviam sido mais reproduzidos desde então:

- I *Definição do amador: bases desta definição. – Possibilidade e utilidade de uma definição internacional.*
- II *Suspensão, desqualificação e reclassificação. – Fatos que o motivam e meios para verifica-los.*
- III *É justo manter uma distância entre os diferentes esportes desde o ponto de vista do amadorismo, especialmente para as corridas de cavalos (gentlemen) e o tiro ao pombo? – Pode-se ser profissional em um esporte e amador em outro?*
- IV *O valor dos objetos de arte dados como prêmios. – É necessário limitar este valor? – Que medidas podem ser tomadas contra aquele que vende o objeto de arte que ele ganhou?*
- V *Legitimidade dos recursos procedentes dos novos associados. – Pode-se dividir este dinheiro entre as sociedades ou entre os competidores? Pode servir de indenização para o deslocamento? – Até que limite podem as equipes ser indenizadas, seja pela sociedade contrária ou pela própria sociedade?*
- VI *A definição geral de amador. Pode-se aplicar igualmente a todos os esportes? – Existem restrições especiais no que concerne à bicicleta, ao remo, aos esportes atléticos, etc?*
- VII *Das apostas. – São compatíveis com o amadorismo? – Meios de frear seu desenvolvimento.*
- VIII *Da possibilidade de restabelecimento dos Jogos Olímpicos. – Em que condições poderiam ser restabelecidos?*

O programa definitivo publicado no início de 1894 estava mais desenvolvido e concreto. Tinha datas: 16-24 de junho de 1894, a notícia de que as sessões seriam realizadas na Sorbonne e que a abertura solene, no dia 16 de junho, seria presidida pelo barão de Courcel, senador, ex-embaixador em Berlim (na verdade, o Sr. =, então ministro de Assuntos Exteriores, havia aceitado primeiro essa missão e depois a havia recusado, aconselhando-me a me dirigir ao Sr. De Courcel). Além disso, havia outros oito presidentes de honra, entre eles um americano, um inglês, um belga, um sueco e um húngaro; alguns comissários-adjuntos, entre eles Frantz-Reichel, “para

a imprensa”, e o anúncio de algumas festas ainda um tanto incertas. O programa estava aumentando com os novos parágrafos. Estava dividido em duas partes: a primeira, sob o título “Amadorismo e profissionalismo”, compreendia os sete artigos mencionados acima; a segunda, sob o nome de “Jogos Olímpicos”, era composto pelos artigos VIII e os dois seguintes:

IX *Condições para impor aos concorrentes. – Esportes representados. – Organização material, periodicidade, etc.*

X *Designação de um Comitê Internacional encarregado de restaurar os Jogos.*

Enfim, o regulamento estava definido, considerando o caráter flexível que lhe interessava conservar, destacando especialmente que “As Uniões e Sociedades participantes não estariam vinculadas pelas resoluções adotadas”. O documento se revestia de um aspecto de segurança, de certeza, bem diferente da realidade. Na verdade, eu havia embarcado numa aventura cujo êxito imediato estava muito distante.

No outono de 1893, voltei por quatro meses aos Estados Unidos. Havia visitado demoradamente a Exposição de Chigaco, vivido na Califórnia, e retornado a Washington e Nova Iorque pelo Texas e Louisiana. Em Chicago, estive no luxuoso Athletic Club e em São Francisco frequentei o Olympic Club de nome predestinado. Em todas as universidades novas ou que havia visitado anteriormente em 1889 encontrei uma solícita acolhida, embora meu livro *Universités Transatlantiques*, publicado em 1890, não tenha agradado aos professores que acharam a forma um pouco leve e o conteúdo insuficientemente elogioso. Em todo caso, a ideia do restabelecimento dos Jogos Olímpicos não despertava em nenhum lugar a merecida simpatia. Só meu querido amigo William Sloane vibrava com essa ideia. Na véspera do meu embarque, ofereceu um jantar no University Club de Nova Iorque cujos convidados havia escolhido com muito cuidado entre as pessoas mais abertas tanto em sentido desportivo quanto em sentido histórico. Conversação muito calorosa, interesse sincero, mas com a evidente sensação de um fracasso certo.

A mesma impressão, ainda mais acentuada, em Londres em fevereiro de 1894. No Sports Club, Sir John Astley reuniu amigos para falar dos meus projetos, mas o número dos que aceitavam foi se reduzindo pouco a pouco a um punhado sem expressão. Assim aproximava-se a primavera sem trazer promessas reconfortantes. Não pensava em adiar o projeto, pois seria difícil, porque sem ser numerosas, nem muito sólidas, de todas as partes iam chegando adesões, da Nova Zelândia ou da Jamaica, bem como de Amiens ou de Bordeaux.

Havia duas fontes de preocupação: as universidades não funcionavam, pois havia contado muito com seus delegados para dar força ao caráter “clássico” da iniciativa. A Alemanha tampouco respondia. Eu não conhecia ninguém ali, mas considerava indispensável o apoio alemão frente ao britânico e ao “latino”, expressão que empregava então, devendo reconhecer mais tarde seu caráter artificial e inexato. Munido de uma apresentação sem grande importância, havia visitado o adido militar alemão em Paris, o famoso coronel Schwartzkopfen, que mais tarde esteve tão tragicamente ligado ao caso Dreyfus. Seguindo o conselho dele escrevi por duas vezes a um ministro prussiano, Sr. de Podbielski, que me foi indicado como personalidade dos esportes, porém a resposta nunca veio.

A entrada da Alemanha no assunto tinha o risco de me tirar a adesão de ginastas franceses, que havia sido dada sem o menor entusiasmo. Em 15 de maio de 1894, o Sr. Cuperus recusava a adesão dos ginastas belgas com veemência: “Minha federação, dizia, sempre acreditou e ainda acredita que a ginástica e os esportes são coisas contrárias e combateu a estes como incompatíveis aos seus princípios”. Eu tinha minha própria opinião sobre o problema. Considerava absurda tal doutrina, mas que poderia fazer diante disso? A União das Sociedades Francesas de Ginástica havia aderido. O Sr. Sansboeuf me havia advertido não obstante que se os alemães aparecessem, seus delegados iriam se retirar. Isso me parecia não somente fastidioso mas também humilhante. Esse protesto permanente, ao vencedor de 1870, me desesperava. Na verdade nada menos francês, nem cavalheiresco, menos “Fontenoy” que mostrar assim raivosamente o punho, permanecendo sentado. Assim entendiam nossos pais “o interregno das batalhas?” Não saberia dizer quanto sofri por esta atitude, durante minha adolescência, que uma concepção falsa e mesquinha do patriotismo impunha a minha geração. Embora eu tenha crescido à sombra de Sedán, nunca me senti com alma de vencido. O despertar de 1878 me trouxe luz e a magnífica mudança de 1889 me libertou devolvendo-me o conceito das capacidades nacionais e a fé no futuro, diferente do passado, mas indigno dele.

Ao se aproximar o congresso, tudo estava, por assim dizer, em raios de luz sobre um fundo cinza. Havia reunido ao meu redor uma pequena orquestra que, com meus olhos fixos em minha estante de partitura, esperava o sinal da batuta, sem saber bem que aria se iria pedir para tocar. Coloquei todo meu esforço na sessão de abertura e a primeira audição do Hino a Apolo descoberto nas ruínas de Delfos. Gabriel Fauré dedicou-se a isso de forma apaixonada.

De repente, o nome do congresso mudou. As palavras “Congresso para o restabelecimento dos Jogos Olímpicos” figuraram nos convites, das quais encontra-se um exemplar exposto no museu Olímpico de Lausanne. O famoso quadro do grande anfiteatro da Sorbonne (agora a nova Sorbonne), diante do “Bosque sagrado” de Puvis de Chavannes, entre uma bela ode de Jean Aicard e um sábio comentário de Théodore Reinach, precedidos por um discurso acadêmico do barão de Courcel, a audição da harmonia sagrada inundou a numerosa plateia no ambiente esperado. Uma espécie de emoção transbordou como se a antiga euritmia aparecesse superando a distância temporal. Desse modo, o helenismo se infiltrou no amplo recinto. Desde estas primeiras horas, o congresso havia atingido ao seu objetivo. Eu sabia que de agora em diante, conscientemente ou não, ninguém votaria contra o restabelecimento dos Jogos Olímpicos.

Com efeito, ele foi proclamado por unanimidade em 23 de junho, na última sessão. Os congressistas haviam realizado uma tarefa honrosa. Divididos em dois grupos, um para o amadorismo, e o outro para o Olimpismo. Os trabalhos foram presididos, de um lado por Michel Gondinet, presidente do Racing Club da França, e de outro por D. Bikelas, delegado da Sociedade Pan-helênica de Ginástica. Os vice-presidentes eram o professor W. M. Sloane e R. Todd (delegado da National Cyclist’s Union, para um, e para o outro os secretários-informantes, Srs. A. Mangeot, delegado do Stade Bordelais, e Maurice Borel, secretário de embaixada, delegado da Sociedade da Ilha de Puteaux.

EASTERN TELEGRAPH COMPANY, LIMITED. ATHENS STATION.
 TELEGRAPHIC ADVERTISEMENTS

Greek Received Form. 15120

Local No.	Pin. No.	Rate	Time	Handed
14	76	2.50	6	

TELEGRAM To: **ATHENS** From: **PARIS**

14910 Words 19 Date 25 May 1896

Number 8

Fokianos president
Sylogue gymnastique
Athenes.
Congres exprime vœu
pour célébration à
Athenes des premiers
jeux olympiques interna-
-tionaux 1896
Bikelas:

Telegrama enviado desde Paris por Bikelas a Fokianos, presidente da Associação Ginástica de Atenas, anunciando a escolha de Atenas como sede dos Primeiros Jogos Olímpicos modernos. (Arquivo PGS, Atenas)

As sessões tiveram um nível muito bom. Sobre as questões técnicas e o amadorismo foram interessantes as discussões acompanhadas pelo reitor, que desceu de seu apartamento para as assistir.

Para os Jogos Olímpicos, me seguiam simplesmente sem discutir. Fiz votar sucessivamente os princípios fundamentais previamente ditados em meu espírito: o intervalo de quatro anos, o caráter exclusivamente moderno das competições, a exclusão dos estudantes (Bikelas e o sueco Bergh teriam querido competições para as crianças, que considerei impraticável e perigoso), em fim a nomeação de um Comitê Internacional permanente em seu princípio e estável em sua composição, cujos membros seriam os representantes do Olimpismo em seus respectivos países.

A escolha de Atenas e a data de 1896 não correspondiam ao meu plano inicial, porque enganado, como a maior parte de meus contemporâneos, sobre as forças juvenis da Grécia ressuscitada, eu não acreditava que estivesse em condições de fazer frente à inauguração de competições desportivas mundiais.

Eu pensava inaugurá-las em Paris no primeiro ano do século XX como o havia exposto na *Revue* de Paris de 15 de junho de 1894, embora todo “embebido de helenismo” pela celebração dos Jogos. Uma das conversações com D. Bikelas, cuja forma de tratamento me havia encantado desde o início, me levaram a mudar de ideia. Ele desejava mas ao mesmo tempo rechaçava isso diante da responsabilidade de comprometer seu país nessa aventura. Animamo-nos um ao outro e Atenas foi designada por aclamação.

O princípio dos Jogos itinerantes passou sem levantar muitas objeções. Era essencial. De outro modo, os gastos não teriam podido ser aceitos por nenhum país. Grécia teria estado fora do lugar técnica e economicamente.

Eu tive toda liberdade para compor o COI. A lista proposta foi escolhida sem alterações. Era composta por: Bikelas pela Grécia; Callot e eu pela França; o general de Butowsky pela Rússia; o coronel Balck pela Suécia; o professor Sloane pelos Estados Unidos; Jiri Guth (Boêmia); Fr. Kémény (Hungria); C. Herbert e lorde Ampthill pela Inglaterra; o professor Zubiaur pela Argentina, e L. A. Cuff pela Nova Zelândia; finalmente o conde Lucchesi Palli aceitou representar provisoriamente a Itália e pouco depois o conde Max de Bousies a Bélgica. Como seus nomes figuraram na longa lista de membros honorários do Congresso, as pessoas estavam acostumadas a ver os seus nomes e prontamente assumiram que eram membros leais em suas tarefas. Necessitava ter o campo livre para todo o período inicial, porque não deixariam de aparecer múltiplos conflitos. Podiam tentar dominar o leme, quer para se beneficiar com o sucesso, quer para mudar a direção. Assim é o humano.

Memórias Olímpicas,
cap. I, Lausanne, COI, 1997, p. 12-24.

4.2.1/10 – 4.2.1/11 INTRODUÇÃO

Nos dois capítulos seguintes de suas *Memórias Olímpicas* perceberemos as dificuldades que Coubertin teve para convencer a Grécia a realizar os primeiros Jogos Olímpicos. Investigações histórico-desportivas recentes¹ oferecem uma explicação totalmente nova baseada no legado de Bikelas, bem como de protocolos e livros de correspondência do Comitê organizador de 1896 encontrados por K. Georgiadis. De acordo com eles, é possível compreender que Coubertin não pudesse ser o motor desde a distante Paris, mas que o foram em Atenas, em sua própria terra natal, Bikelas e Constantino, o príncipe herdeiro. Coubertin casou-se em 1895 em Paris, e segundo se deduz do trabalho original de K. Georgiadis, resultava difícil contatar com ele durante a fase decisiva. Nos dois textos seguintes sobrevaloriza na lembrança histórica sua contribuição efetiva. Seu mérito como iniciador e proponente de ideias permanece intacto. Bikelas, primeiro presidente do COI fundado em 1894, só alcançou o lugar que merecia cem anos mais tarde graças à investigação.

4.2.1/10 A CONQUISTA DA GRÉCIA

Poucos dias após o encerramento do congresso, reunimo-nos Sloane, E. Callot e eu na casa de Bikelas, que tinha um apartamento em Paris, na rua Babylone. Ali se fundou o edifício do COI. Bikelas não queria aceitar a presidência. De minha parte, era simpático à ideia de uma presidência itinerante, ligada por direito à nacionalidade da próxima Olimpíada. Tudo o que pudesse consolidar o caráter internacional do ciclo que iria se abrir me parecia ser muito importante. Bikelas só deveria exercer funções de presidente até o final de 1896, e então eu o sucederia por quatro anos. Entretanto, minha missão seria a de “secretário geral”, cargo muitas vezes mais interessante que a maioria das presidências, posto que tais secretarias constituem o autêntico motor de uma administração eficaz.

Assim o fizera com a USFSA para transformá-la e fazer dela uma pedra angular da renovação agonística na França. Confiei a tesouraria a Ernest Callot, homem maduro que rendia culto simultâneo às Letras e ao Esporte, e compartilhava nossas grandes esperanças. Expus imediatamente meu plano, que consistia em completar sem pressa, mas também sem demora, a fachada do COI e investir a seus membros a armadura de uma independência absoluta, recusando a admitir qualquer tipo de “delegado”, qual fosse sua procedência, e a aceitar subvenções de nenhuma classe. “A armadura do pobre”, murmurou Bikelas. Ele, porém, compreendia perfeitamente a necessidade de agir assim se quiséssemos assegurar o futuro de uma instituição batizada, desde já, com um nome ilustre, mas que carecia de bases sólidas e, de fato, ainda era desconhecida por parte da opinião pública. Entre os dois mil ouvintes

1 Ver Georgiadis, Kostas, *Die Ideengeschichtliche Grundlage der Erneuerung der Olympischen Spiele im 19. Jahrhundert in Griechenland und ihre Umsetzung 1896 in Athen*. Tese. Faculdade de Educação Física da Universidade de Mainz, Mainz, 1999; Morbach, Andreas, *Dimitrios Vikelas. Patriotischer Literat und Kosmopolit. Leben und Wirken des ersten Präsidenten des Internationalen Olympischen Komitees*. Würzburg: Ergon, 1998; Young, David C., *The Modern Olympics. A Struggle for Revival*. Baltimore; Londres: The John Hopkins University Press, 1996.

do Hino a Apolo, havia, sem dúvida, muito mais artistas que desportistas, e a fase final do congresso acabou tisonada pela comoção geral causada pelo assassinato do presidente Carnot.

Também nos pusemos de acordo sobre o princípio da igualdade de todos os esportes. Em pleno congresso, durante as sessões de 19 e 22 de junho, já tive de intervir para evitar que os “esportes acessórios” fossem adiados, ou seja, como simples apêndices ao carro do atletismo, o qual exigia uma renovação permanente.

O boletim trimestral número 2 – cuja publicação iniciei em seguida – reflete todo o conjunto destas decisões importantes. Extraio daquela crônica as seguintes passagens: “Se nos pede que esclareçamos com precisão o caráter de nossa proposta. Aqui está a resposta em poucas linhas... Ao dar vida nova a uma instituição desaparecida há tantos séculos, pensamos o seguinte: o atletismo tem alcançado uma importância que vai crescendo anos após ano... Presume-se que seu papel seja tão considerável e de tão duradouro no mundo moderno como foi no antigo; no entanto, reaparece com características novas: é internacional e democrático, adequado, por conseguinte, às ideias e às necessidades dos tempos atuais. Porém, tanto hoje quanto ontem, sua ação será proveitosa ou prejudicial, de acordo com o uso que façamos dele e a direção que lhe imprimamos.

O atletismo pode colocar em jogo as paixões, tanto as mais nobres como as mais vis; pode desenvolver o desinteresse e o sentimento de honra, mas também o egoísmo do lucro e a ganância; pode ser cavalheiresco ou corrupto, varonil ou bestial; pode, enfim, ser usado tanto para consolidar a paz quanto para preparar a guerra. E é aqui que a nobreza de sentimentos, o culto ao desinteresse e à honra, o espírito cavalheiresco, a energia varonil e a paz constituem os mais caros postulados das democracias modernas, sejam monárquicas ou republicanas...”.

Em meados do verão, o COI já se encontrava, de fato, constituído pelas aceitações daqueles que haviam sido designados, o que me surpreendeu agradavelmente. No dia 4 de setembro chegou de Christchurch a de Cuff e no dia 15 a do duque de Andria, de Nápoles. Doze nacionalidades estavam ali representadas já no início, e o Comitê tinha a missão de ficar completo. Era um “self-recruiting body” como os quadros dirigentes das regatas de Henley. Mas já indicava o que seria durante trinta anos – e o que ainda é – ou seja, um conjunto de três círculos concêntricos: um pequeno núcleo de membros trabalhadores e convencidos; uma sementeira de membros de boa vontade suscetíveis de ser educados; e, finalmente, uma fachada de pessoas mais ou menos disponíveis, cuja presença satisfaria as pretensões nacionais, dando prestígio ao conjunto.

No outono, Bikelas partiu para Atenas, precedido por algumas cartas pessoais acompanhadas pelos primeiros números do Boletim. Em 4 de outubro, na chegada me escrevia: “De Brindisi até aqui, todos os meus compatriotas me falam dos Jogos Olímpicos com alegria”. Também o correspondente do *Les Temps* na Grécia experimentava sentimentos idênticos. No dia seguinte, nova carta: Bikelas avistou o presidente do Conselho, Tricoupis, e o encontrou “bem disposto” apesar de que tivesse “preferido” não se deparar com tal assunto. Bikelas havia pensado em provocar uma reunião da Comissão do Zappeion, que tem sob sua jurisdição não somente o monumento com este nome, mas também as ruínas muito próximas do Estádio.

Entretanto, eu juntava documentos para a próxima redação de um programa detalhado. A partir de 26 de julho, recebi de G. Strehly, professor do Liceu Montaigne de Paris, e ginasta benemérito, boas sugestões para os esportes de ginástica individual, isto é, os únicos que devem ser levados em conta. Esta modalidade de esportes de ginástica aplicava-se à barra fixa e a todos os outros aparatos. É a palavra certa. E, no entanto, hoje, transcorridos 35 anos, ainda estou lutando para implantá-la. Depois, Herbert havia enviado desde Londres as distancias a serem adotadas para as corridas.

A seguir vieram as propostas do Comitê Diretor da UVF para o ciclismo: tratava-se simplesmente de uma corrida de velocidade de dois quilômetros, sem treinadores, e outra de cem quilômetros com treinadores. Menos prudente, a *National Cyclist's* da Inglaterra pedia, além de uma milha, 10 km e 100 km, uma prova de doze horas. Por fim, a *Société d'Encouragement de l'Escrime* (Sociedade de Fomento da Esgrima) havia elaborado, por indicação minha, um projeto incluindo concursos para amadores e para professores (somente florete, com eliminatórias à base de séries).

Com esses documentos apertados em minha maleta, tomei o trem rápido de Marselha para embarcar em Ortegal rumo ao Pireu, inquieto e alegre – mais alegre que inquieto, certamente – como sempre me acontece às vésperas do evento. Em alto mar li muito demoradamente a longa carta, ameaçadora, por certo, na qual Esteban Dragounis, deputado e presidente da Comissão do Zappeion, me expunha – após a saída de Bikelas, que teve de abandonar Atenas – as conclusões desencorajadoras a que haviam chegado tanto seus colegas como ele mesmo. Em suma, me convidava com cortesia a não viajar e a desistir de meus projetos Olímpicos.

Nossa chegada noturna ao Pireu, a vigília sagrada no convés no silêncio augusto das coisas, o desembarque ao amanhecer, o contato com alguns jovens entusiastas que logo se tornariam meus amigos, a peregrinação ao Estádio quase irreconhecível: um imenso talude desprovido de sua estrutura de mármore com algumas ruínas ao fundo, e o famoso passadiço pelo qual saíam os atletas... Horas inesquecíveis e luminosas. Apenas me instalei no hotel, recebi a visita do encarregado de negócios da França, Maurouard e, enquanto ele estava ali, a do chefe do governo Tricoupis, que, deixando de lado todo protocolo, parecia ter muita pressa para estabelecer o contato e, possivelmente, avaliar minha capacidade de resistência à sua pressão, posto que estava decidido a todo custo – como eu soube depois – a colocar obstáculos à iniciativa. Procurou me convencer esgrimindo argumentos de tipo exclusivamente financeiro, embora a mim parecia que havia outros embutidos.

Existia um fato, no entanto, e era que naquela altura a Grécia se encontrava numa difícil situação econômica. O ministro alarmava-se temendo que as potências credoras pudessem se inquietar diante daqueles “gastos suntuosos”, quando se impunha um aperto econômico para poder honrar em seu vencimento os empréstimos não pagos. Objetivei que se tratava de uma quantia pouco elevada. “Veja você, examine – me disse Tricoupis retirando-se. Estou convencido de que se aperceberá que atualmente a Grécia carece dos recursos necessários para aceitar a missão que desejam confiar-lhe”.

Passei muitos dias sem poder subir à Acrópole nem ver nada em Atenas. Havia-me transformado num joguete entre duas equipes políticas. A oposição, dirigida por Teodoro Delyannis, tomou partido resolutamente em favor dos Jogos Olímpicos.

A imprensa estava dividida em dois campos e trazia certa virulência à disputa. Via-me obrigado a empregar todo meu tempo em visitas aos representantes políticos e aos jornalistas, conduzido por meus novos amigos, Georges Melas, filho do prefeito de Atenas, e Alexandre Mercati, filho do diretor do Banco e colega de infância do príncipe herdeiro.

O cocheiro da carruagem descia de seu assento e dizia a Georges Melas com a familiaridade encantadora de outrora: “Meu caro senhor Georges, vou lhe explicar como deve se comportar com seu amigo Tricoupis”. Eu estava verdadeiramente chateado de que meu grego do colégio não me servia para nada, devido especialmente, à pronúncia que nos inculcaram. Menos mal que se falava francês em todo lugar. Ficava maravilhado em encontrar uma Grécia tão viva, que, tendo permanecido tão semelhante a si mesma, era por sua vez muito antiga e muito moderna. Meu instinto não me havia enganado ao me inclinar com força até ela. A partir de então, confiava em seu futuro, e guardaria sempre uma fé sólida em seus destinos.

No entanto, não encontrava a pessoa adequada para fazer avançar o assunto. Bikelas, durante sua estada, negociou, graças aos seus dotes pessoais e ao seu zelo, mas me deixou a missão de montar toda aquela armação. O rei, que estava na Rússia, havia deixado o príncipe herdeiro com regente, o que o tornava um pouco mais tímido frente a um gabinete hostil. Porém no decorrer de duas longas conversações, adquiri a convicção plena de que estava resolutamente ao nosso lado. Após me informar sobre os recursos desportivos de Atenas, os terrenos, a mão de obra, redigi um projeto de orçamento muito modesto, mas que considerava suficiente. Embora não tenha os dados à mão, acredito que chegava a 250.000 dracmas. No Estádio, claro, somente estavam previstas arquibancadas de madeira.

Então fui visitar novamente Tricoupis para comunicar-lhe minha impressão favorável. Alguém o havia colocado de sobreaviso. Não fez nenhuma objeção, mas recusou a participação governamental. Pedi-lhe uma “neutralidade benévola”, o que me prometeu..., não sem alguma restrição mental. Solicitei então uma sala do Zappeion, que ele não podia me negar.

Com meus amigos, cuja falange engrossava, elaboramos convocatórias para uma reunião marcada para o dia 12 de novembro, cuja participação foi bastante numerosa. Por sorte, estava acostumado a este tipo de assembleias imprecisas que, de vez em quando, é preciso fazer mágica e conduzir, para depois desaparecer sem deixar vestígio algum. Daí saiu um Comitê, patrocinado já de antemão pelo príncipe, que evitava qualquer discussão de princípio. O coronel Mano; o deputado e ex-ministro Scoulodis; o comandante Soutzo, chefe do esquadrão de cavalaria, e o prefeito do Pireu, Retzinas, foram eleitos vice-presidentes; Paul Slousés, tesoureiro; Mercati e Melas, secretários. A data dos Jogos foi fixada de 5 a 15 de abril de 1896. Naquele ano acontecia a feliz coincidência da Páscoa grega com a Páscoa ocidental. O programa que eu havia trazido de Paris foi aprovado.

Quatro dias depois, em 16 de novembro, proferi uma conferência na grande sociedade literária “O Parnaso”. A sala estava repleta. Se o partido de Tricoupis não cedia, tampouco a oposição dava seu braço a torcer. Ainda conservo um exemplar de Romos, o afiado diário satírico redigido em verso, com uma divertida caricatura representando os distintos Tricoupis e Delyannis, equipados com enormes luvas de boxe, brigando a propósito dos Jogos Olímpicos. Então, não foi sem inquietude que

deixei Atenas após um mês de estada, desta vez por via terrestre. A *Société Pana-chaique de Gymnastique* me reservou uma acolhida calorosa em Patras. Um de seus diretores foi designado para me acompanhar a Olímpia. Chegamos ali ao anoitecer e fui obrigado a esperar até o amanhecer para conhecer o panorama da paisagem sagrada, com que tantas vezes havia sonhado. Vaguei toda manhã entre as ruínas. Não voltaria a ver Olímpia senão 31 anos mais tarde, quando da solene inauguração do monumento que ali foi erguido para comemorar a restauração dos Jogos. De retorno a Patras, e após uma breve escala em Corfú, cheguei a Brindisi e em seguida em Nápoles, onde fui recebido pelo meu novo colega, o Duque de Andria. No dia 7 de dezembro, no Círculo Filológico – presidido por Borghi, um deputado de grande prestígio – proferi uma conferência que me deu a impressão de haver fendido o ar às cegas com uma espada. Evidentemente, longe da harmonia do Hino a Apolo e da silhueta do Partenon, a evocação dos Jogos Olímpicos não tinha força.

Memórias Olímpicas, cap. II, Lausanne: COI, 1997, p. 26-33.

4.2.1/11 A PRIMEIRA OLIMPÍADA (ATENAS, 1896)

Tão logo havia deixado Atenas, Scoulodis se dedicou a socavar os alicerces recém fixados. Convocou três vezes em sua casa aos outros três vice-presidentes. E os convenceu de que meu orçamento não tinha valor, que os gastos seriam enormes e os benefícios nulos... E tendo rompido assim sua confiança, anunciou aos demais membros do Comitê que a dissolução se impunha e que somente faltava submetê-la à decisão de Sua Alteza Real.

Ele acreditava estar certo dessa decisão, mas as coisas tomaram um aspecto bem diferente daquele que ele havia previsto. O príncipe recebeu a delegação, deixou o informe sobre a mesa, dizendo que o estudaria, e despediu-se com cortesia daqueles senhores após lhe falar sobre o tempo. Creio que em nenhum momento ele teve dúvida. Sua decisão estava tomada. Ignoro exatamente – embora eu estivesse secretamente ao par de cada detalhe – o que se passou entre o príncipe e o Rei quando do regresso de Sua Majestade, mas é evidente este devia apreciar que o herdeiro do trono estava à frente de uma obra de puro e grande sabor helênico, posto que seis meses mais tarde, quando o visitei em Paris – onde se encontrava de passagem – o rei me falou com visível orgulho das qualidades evidenciadas pelo príncipe herdeiro na organização dos Jogos.

Essas qualidades eram autênticas, e eu mesmo fiquei admirado ante a inteligência e o tato com que sabia administrar e manter o equilíbrio frente a uma situação muito delicada, situação que, apesar de tudo, não podia se prolongar. Tricoupis não aceitaria facilmente que se fizesse caso omissos de sua vontade. Escolheu o pretexto de um incidente surgido no decorrer de uma greve para colocar o rei na difícil situação de “escolher” entre seu filho ou seu ministro. O rei, calmo e resoluto, manifestou seu pesar ante a demissão que, pelo visto, iam lhe apresentar. Tricoupis retirou-se muito contrariado; alimentou um autêntico rancor para com os Jogos Olímpicos a ponto de nas vésperas de sua celebração partir para Nice. Ali devia encontrar uma morte rápida e inesperada, cuja notícia chegou a Atenas durante os Jogos, numa noite de grande festa, entre o estrépito das músicas e o resplandecer da iluminação.

Jeux Olympiques
-1896-
Athènes?

M.

Le Congrès International Athlétique réuni au Palais de la Sorbonne, à Paris le 16 Juin 1894, sous la Présidence de M. le baron de Courcel, Sénateur de la République Française, a décidé le rétablissement des Jeux Olympiques et leur première célébration en 1896 à Athènes.

À la suite de cette décision, acceptée par la Grèce avec empressement, le Comité Hellène institué à Athènes, sous la Présidence de Son Altesse Royale Monseigneur le Prince Royal de Grèce, a l'honneur de vous inviter à participer aux Jeux Olympiques de 1896, qui seront célébrés à Athènes du 5 au 15 Avril 1896, et dont vous trouverez ci-joint le programme et les conditions.

Nous vous prions de vouloir bien répondre à cette invitation, faite après entente préalable avec le Comité International des Jeux Olympiques siégeant à Paris.

Veuillez agréer, Messieurs, l'assurance de ma considération la plus distinguée.

Athènes le 30 Décembre 1895.

*Le Secrétaire Général
du Comité Hellène des Jeux Olympiques*

Théodore I. Philémon



Convite oficial para
participar dos Jogos
Olímpicos de 1896 em
Atenas, datado de 30

de dezembro de 1895.
(Arquivos do Comitê
Olimpico Heleno)

Sem esperar pelo desenlace da situação, o príncipe herdeiro reorganizou rapidamente o Comitê no dia 12 de novembro, respeitando, no possível, os postos chave. Acercou-se de novos colaboradores, entre eles Delyannis, transformado em primeiro ministro, e Zaimis, mais tarde presidente da República. Manteve os dois secretários, acrescentando-lhes Constantin Mano e George Streit, que devia fazer, por certo, uma importante carreira política. Colocou seus irmãos à frente das comissões técnicas e, finalmente, designou um secretário geral, na pessoa de T. Philemon, ex-prefeito de Atenas, que enviou em seguida à Alexandria para que visitasse o financista Averof e lhe solicitasse os créditos financeiros para a reconstrução do Estádio em mármore, como nos tempos de Péricles. O tempo urgia. Desde 23 de junho de 1894, haviam-se perdido os meses em razão de oposições manifestas ou solapadas. Estávamos quase na primavera de 1895. Restava apenas um ano para fazer tudo.

O programa dos Jogos de 1896 é desconhecido para a maioria dos desportistas de hoje, o que não é de se estranhar depois de 37 anos. Era assim, tal como apareceu encabeçando o número do Boletim trimestral do COI:

- A. **Esportes atléticos:** *Corridas a pé: 100 m., 400 m., 800 m., e 1.500 m. rasos; 110 m. com obstáculos (Regulamento da Union Française des Sports Athlétiques). Concursos: Salto em distância, altura e com vara. Lançamento de peso e disco (Regulamentos da A. A. A. da Inglaterra). Maratona.*
- B. **Ginástica:** *Individual. Tração de corda suave. Barra fixa. Argolas. Barras paralelas. Salto no cavalo. Pesos. Movimentos de conjunto (equipes de dez).*
- C. **Esgrima:** *Assalto de florete, sabre e espada para amadores e para professores (Regulamento especial da Société d'Encouragement de l'Escrime, de Paris). Luta: Romana e grega.*
- D. **Tiro com arma de guerra, carabina e pistola (Regulamento em elaboração).**
- E. **Yachting:** *Steam-yachts sobre 10 milhas (Regulamentos do Cercle de la Voile, de Paris). Vela (classes e regulamentos da Yacht Racing Association, da Inglaterra) para embarcações de três, dez, vinte toneladas máximo e de mais de vinte toneladas. Distância: 5 a 10 milhas. Remo: Um remador, 2.000 m. sem giro, skiffs; dois remadores, dupla sem giro, ioles e outriggers; quatro remadores de ponta sem giro, ioles (Regulamentos do Rowing Club Italiano). Natação: Velocidade 100 m. Distância e velocidade 500 m. Distância 1.000 m. Water-polo.*
- F. **Ciclismo:** *Velocidade: 2.000 m. pista, sem treinadores: 10.000 m. pista, com treinadores. Distância: 100 km. Pista, com treinadores (Regulamentos da International Cyclist's Association).*
- G. **Equitação:** *Picadeiro, salto com obstáculos, volteio, alta escola.*
- H. **Jogos atléticos:** *Tenis, individual e duplas.*

Tive verdadeiro interesse em reproduzir esse texto. Pode-se perceber o que há de verdade nessa lenda repetida ao infinito, de que os Jogos modernos consistiram, em princípio, em simples concursos de atletismo, aos que se acrescentaram outros vários esportes. O que existe de verdade em tudo isso?... Nem uma palavra sequer.

Este programa que após a reorganização do Comitê manteve a data originária de 12 de novembro de 1894 (data da reunião do Zappeion), apresenta exatamente as mesmas diferentes categorias de esportes: atléticos, ginásticos, náuticos, de combate, equestres... inscritos como obrigatórios na carta. Se acrescento agora que o essencial do protocolo para as cerimônias de inauguração e de encerramento, o hasteamento no mastro de honra da bandeira nacional do vencedor em cada prova, etc. datam da mesma época, é preciso reconhecer que o Olimpismo renovado afirmou-se desde o princípio com seu caráter integral. Foi esse o conjunto contra o qual uma oposição ofendida, cheia de incompreensão em sua maior parte e de ambições e inveja inconfessáveis no resto, se levantou durante mais de vinte anos, renovando incessantemente seus ataques frontal ou indiretamente, para conseguir tão somente um triunfo efêmero – em 1900 – em seus malvados desígnios e sem nos abater.

O programa que acabo de reproduzir foi publicado com a aprovação da direção do COI, ou seja, Bikelas, Callot e eu. Bikelas sentiu-se horrorizado ao ver-se coagido a endossar um documento “emanando de seu futuro soberano”. Eu o exigi completamente. Tratava-se de uma encruzilhada decisiva, e estava decidido, de minha parte, a não desperdiçar nenhuma oportunidade para afirmar a preponderância do COI, apesar de ser ainda tão frágil e ter pouco prestígio.

Durante os meses de janeiro e fevereiro de 1895, as cartas de Bikelas, que havia regressado a Atenas, foram trissemanais. Seu zelo e sua atividade aumentavam constantemente. Operava como agente mediador. Um dia me envia a tradução de um discurso inaugural pronunciado pelo príncipe. “Leia-o, por favor, com a pena na mão”. No dia seguinte me anuncia as primeiras subscrições importantes. Logo, as engrenagens até então emperradas, solicitaram apoio: planos para o velódromo, a distribuição de assentos no Estádio, modelos de convite, conselhos para instalar a pista...

Enquanto isso, os blocos de mármore se amontoavam no augusto recinto em ruínas, e na parte externa organizava-se a propaganda. Constituíam-se comitês. Na Hungria não se esquecia o Olimpismo, apesar de todo mundo estar ocupado em preparar, para esse mesmo ano de 1896, a comemoração do milênio do Estado Magyar. O conde Czaky me sondou por meio de Kemény num momento em que as coisas andavam mal em Atenas. Por que não inaugurar os Jogos Olímpicos em Budapeste durante os festejos? Não recusei a proposta de imediato, pois ela me caiu como um anel no dedo para alfinetar os gregos.

Balck escrevia desde Estocolmo que havia “feito um bom trabalho” e que o príncipe herdeiro (o rei atual) estava interessado. “Existe alguma inquietude, mas se fará o possível”. Mesmo assim, o general Butowsky informava, desde a Rússia, de seus esforços. Encontrava “muita indiferença”. “Nossa imprensa – dizia (em 2 de fevereiro de 1895) – considera o assunto da Educação Física pouco digno de ter lugar num periódico de certo prestígio”.

As notícias da Inglaterra eram alentadoras. Dois entusiastas: Romanos, encarregado de negócios da Grécia, e Constantin Manos, estudante em Oxford, despertavam simpatias e arrecadavam fundos entre a colônia helênica. Na verdade, não existia nenhum país com o qual não estabelecera uma correspondência, mesmo que tímida e mal orientada, mas deixando um resquício de esperança. Tudo isso, em geral, passava pelas minhas mãos antes de chegar a Atenas, o que irritava a Philemon. Era um homem ativo, capacitado, bom administrador na minha opinião, porém de caráter

invejosos e orgulhosos. Sentia-se todavia incompetente, e isso o irritava. Também acolheu com satisfação mal reprimida os dissabores que iria experimentar na França e, em especial, a tormenta que, por um momento, soprou desde as margens do Spree.

Em Paris, como era de se esperar, o Governo ignorava o movimento, apesar de fazer parte do mesmo desde o ano anterior. Uma subvenção aos atletas para ir a Atenas?... Que pretensão! Foi preciso que formássemos nós mesmos o Comitê francês, presidido por Courcel, com Fabens como secretário efetivo. Após haver aceitado um posto no dito Comitê, o presidente da *Union des Sociétés de Tir*, Mérillon, retirou-se solenemente porque “a União havia decidido que não tinha lugar para participar na organização”. O surpreendente é a indignação que suas mensagens refletem a respeito. “Parece quase inacreditável – me escrevia em 14 de fevereiro de 1895 – que os organizadores dos Jogos Olímpicos tenham podido imaginar que a *Union Nationale de France* se convertesse em um apêndice de seu comitê e que o tiro iria ser “um ramo incorporado e incrustado num conjunto de esportes”. Cito essas palavras porque destilam a estranha desconfiança que ainda reinava no que concerne ao princípio de que a colaboração desportiva em ambientes que podiam ser considerados esclarecidos a respeito. Apesar de tudo isso, no final prevaleceu a causa do bom senso e os desportistas franceses juntaram-se aos outros aos pés da Acrópolis, uma vez que sua ausência teria causado um verdadeiro escândalo.

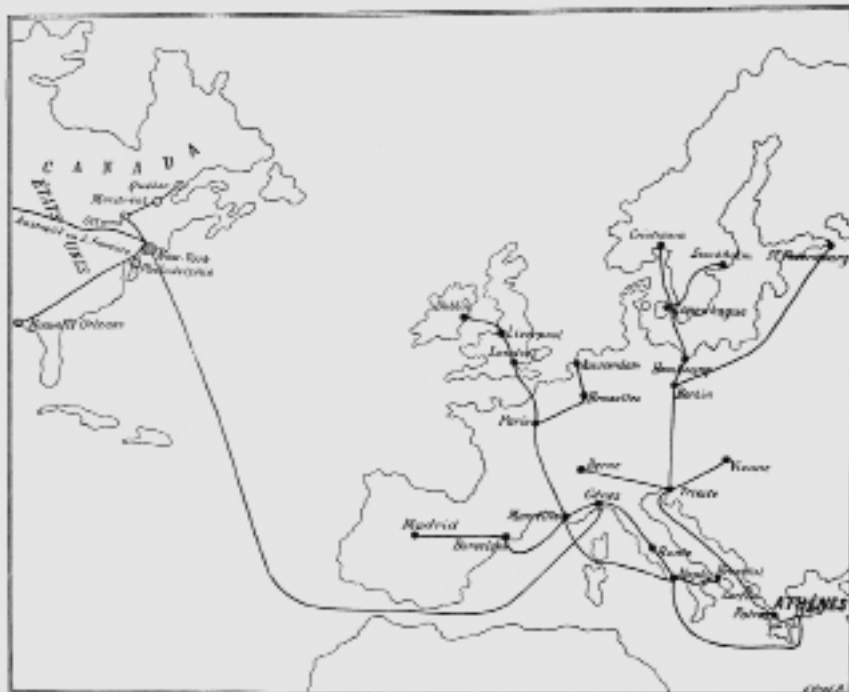
Os franceses sabiam que deviam ali encontrar os alemães, e não se indignavam nem um pouco por isso. Um grupo criado em Berlim pelo Dr. W. Gebhardt – com quem mantínhamos correspondência regularmente – trabalhava para interessar aos alemães, e que estava a ponto de consegui-lo quando, no final do ano de 1895, recebeu-se em Atenas uma carta de uma importante entidade de ginástica da Alemanha, declinando ao convite que havia sido previamente aceito. A renúncia tinha como base uma fantasiosa entrevista publicada num periódico francês, ao qual eu não dera a menor atenção. Os propósitos que me atribuíam eram completamente fantasiosos e irreais e, por isso, o protesto alemão pareceu-me inclusive moderado e o considerei justo sob todos os pontos de vista. Mas enquanto eu tomava notícia dela, graças a Gebhardt, o *National Zeitung* já havia reproduzido a carta dos ginastas, o que na Alemanha levantou uma polvorosa verdadeiramente sensacional. Sem perder tempo, enviei um desmentido comunicando ao ministro da Grécia em Berlim, Rangabé, que me agradeceu, informando-me das medidas que ele iria tomar para dar àquele desmentido “a maior publicidade”. Além disso, me dizia que haviam sido tomadas providências “para que fosse remetida uma cópia ao chanceler, que a faria chegar ao imperador”, medidas necessárias “porque na Alemanha a irritação havia alcançado proporções inquietantes... Ontem mesmo – acrescentava – recebi uns cinquenta artigos jornalísticos de todos os pontos do império”. No entanto, a irritação passou logo e Gebhardt, que de sua parte intervira com firmeza, reuniu em Berlim uma assembleia que, informada por ele com clareza, o encarregou por unanimidade que me expressasse, por meio de uma mensagem, “suas simpatias e votos para o êxito do esforço conjunto”. E ele teve, além disso, a cortesia de enviar uma cópia dessa mensagem ao embaixador da França, Jules Herbette.

Isso acontecia em 16 de janeiro (1895). Na Grécia, apesar do jornal *Asty* ter recebido meu desmentido oficial em 1 de janeiro e tê-lo publicado, Philemon parecia crer na autenticidade da entrevista. Para Gebhardt soube depois que a havia aproveitado para

suprimir o COI, “organismo interino que já não tem razão de existir”. O cronista de Le Temps, em sua secção “Carta da Grécia”, de 12 de janeiro, descreve o alvoroço produzido pelo incidente em toda a Grécia. Vaiado pela opinião pública alemã, Philemon teve de abandonar sua oposição. Até 7 de fevereiro não se decidiu, com minha repreensão, telegrafar-me que o comitê heleno “nunca havia acreditado” nos propósitos que foram atribuídos. Era um pouco tarde para que tal afirmação pudesse me convencer.

Finalmente, chegou o momento tão desejado. A multidão irrompeu no estádio restaurado e resplandecente de branco numa jornada inesquecível, inaugurada pelo rei George, que selou a restauração dos Jogos Olímpicos pronunciando as palavras ritualísticas: “Declaro abertos os Jogos da primeira Olimpíada da era moderna”. Em seguida, salvas de canhão, milhares de pombas encobriram o recinto com seu alegre voo, os coros entoaram a bela cantata, original do compositor grego Samara, e começaram as competições. A obra entrava para a história. “*All that is your work*” me disse Gebhardt, com quem sempre falávamos inglês... O grupo formado pelo COI junto ao príncipe herdeiro representava a perenidade da empresa e o caráter internacional que eu estava decidido a manter sem esmorecimentos. Frente a ele erguia-se o nacionalismo popular, incentivado pela ideia de ver Atenas convertida em sua sede permanente e receber assim, a cada quatro anos, essa enxurrada benéfica e lisonjeira de visitantes.

Já descrevi em outra oportunidade a configuração desses primeiros Jogos, as dificuldades e inconvenientes de ordem técnica, o entusiasmo dos espectadores, as intrigas subterrâneas, o desânimo de alguns dos meus colaboradores, a iniciativa real, reivindicando finalmente para a Grécia o monopólio do Olimpismo restaurado... E de muito bom grado teria eu também cedido se não tivesse a certeza absoluta de que tal plano estava completamente condenado ao fracasso. Sob nenhum ponto de vista Atenas teria os meios para renovar indefinidamente, a cada quatro anos, um esforço de tal magnitude, que requeria, necessariamente, uma renovação periódica de quadros e recursos. Mas não era empresa fácil fazer penetrar a voz da razão numa opinião desencadeada, um povo que se reencontrava de repente ante uma visão viva encravada em seu passado glorioso. Todo mundo grego havia vibrado diante daquele espetáculo. Estava em curso uma espécie de mobilização geral. Não se havia visto inclusive aos monges do Monte Athos, separados no momento da pátria mãe por uma fronteira dolorosa, enviar sua contribuição financeira para a realização dos Jogos? E enquanto no estrangeiro o recomeço das Olimpíadas não era que um brilhante e pitoresco fato isolado, que exercia sobre a mentalidade helênica o efeito de um catalizador poderoso. Certamente, quando mais tarde estalava a guerra greco-turca para a libertação de Creta, os Jogos seriam acusados de haver contribuído decisivamente para o conflito servindo-se deles como pano de fundo para a preparação daquela iniciativa belicosa, reunindo em Atenas as delegações das colônias no exterior, onde mantiveram exaltadas confabulações. Essas acusações tinham pouco fundamento. Em resumo pode se afirmar que as festas aceleraram um pouco um movimento preparado de antemão pela própria força das coisas. Não era a primeira vez que os cretenses reivindicavam sua liberdade de armas em punho. E sua causa tinha, por si mesma, toda a força que traz a justiça, já que, apesar da acachapante derrota que sofreram dessa vez as armas gregas, derivavam de uma melhora da situação cretense e a instauração de um regime que prepararia a total autonomia e a futura reincorporação à Grécia.



Jeux Olympiques

ATHÈNES

6-15 Avril 1896

L'Agence Th. Cook et Son, de Londres, s'est mise en communication avec les différentes Compagnies de Chemins de fer et de Paquebots dans le but d'obtenir des réductions de prix en faveur tant des concurrents que des simples curieux qui, de toutes les parties du Monde, se rendront en Grèce à l'occasion des Jeux Olympiques.

Anúncio do agente de viagens Thomas Cook and Son para viagens

em grupo aos primeiros Jogos Olímpicos em Atenas. (Extraído do Bulletin

du Comité International des Jeux Olympiques, n. 4, 1895, p. 4)

De todo modo, essas consequências de caráter político não fariam com que os governos europeus se inclinassem em favor do Olimpismo renascente. O papel do COI não era fácil, especialmente o meu. A II Olimpíada se anunciava mal. Meus colaboradores desconcertados, a opinião pública completamente sublevada contra a implementação do plano “itinerante”... enfim, tudo me deixava mais solitário que antes e constrangido, muito mais de quando eu preparava o congresso de 1894, a não contar mais do que comigo mesmo. Eu devia enfrentar especialmente com o

rei, cujo discurso – proferido durante o banquete final, ao qual assistiram todos os participantes – me havia colocado diante do famoso dilema: aceitar ou renunciar.

Cabe registrar que eu estava decidido a não fazer nem uma coisa nem outra, mas a resistência naquelas circunstâncias não era nada agradável. Decidi fazer o papel de imbecil, de alguém que não entende nada. Simulei ignorar o discurso do rei sob o pretexto de uma variante: proferido metade em grego, metade em francês, não repetia nos mesmos termos, a proposição de estabelecer em Atenas a sede permanente dos Jogos. Ignorei, mesmo assim, o pedido que haviam feito a delegação norte-americana assinar nesse mesmo sentido, apoiando a iniciativa do soberano. A imprensa divulgou tudo isso armando um grande rebuliço, mas eu era o surdo que nada desejava e, portanto, nada pude ouvir. E na mesma noite de encerramento dos Jogos dirigi ao rei uma carta aberta para agradecer publicamente, tanto a ele quanto à cidade de Atenas e ao povo grego, a energia e a magnificência com a qual, graças a sua proteção e ação, foi respondida a chamada de 1894. Além disso, nela especificava com toda clareza a continuação da obra e a perenidade do COI, fazendo alusão aos Jogos da II Olimpíada, que seriam realizados em Paris... A carta era curta. Como sua publicação em alemão e em inglês estava assegurada simultaneamente ao texto francês, ocupava-me deliberadamente em publicá-lo ou não em grego. Fique bem claro que as formas eram melosas, de acordo com as exigências do protocolo, mas o ato em si evidenciava insolência. Entre os membros do Comitê, onde predominavam os monarquistas, quando disparou o alarme, posto que nada havia solicitado nem submetido de antemão aos meus colegas. Philemon pôs as mãos na cabeça. O que iria acontecer?... Eu não estava muito seguro. No entanto, não aconteceu nada. O COI sobreviveu ao teste sem demissões nem divisões. O príncipe herdeiro, que via claramente a impossibilidade de monopolizar os Jogos em favor de Atenas, salvou com cortesia sua missão, embora percebia-se com clareza que não se solidarizava com o rei a quem Philemon, em suma, havia feito tomar uma iniciativa exorbitante. Assim passou a crise, e a II Olimpíada, a Olimpíada parisiense, instalou-se no horizonte. Desafortunadamente, se existia um lugar determinado no mundo, indiferente à mesma, esse era mesmo Paris...

Tecnicamente, esses primeiros Jogos Olímpicos não haviam sido nada sensacionais. Nenhum recorde foi batido, nem as atuações ultrapassavam os resultados previstos. Tudo o que se conseguiu de novo no assunto residia na cooperação entre os diferentes esportes, o que era de enorme importância, posto que abria alguns canais de alcance incalculável para o futuro. Quando digo que nada houve de sensacional, é preciso excetuar a corrida da maratona. Surgida por iniciativa de um membro ilustre do Instituto da França, Michel Bréal, que no dia seguinte à restauração das Olimpíadas me escreveu entusiasmado, doando uma taça para essa prova, a corrida da maratona excedia a todas as audácias da época. Era uma distância enorme – entre 42 e 44 quilômetros – e própria para ser desautorizada inclusive pelos técnicos. Tínhamos dúvida em criar uma prova com tais características, embora estivesse tão gloriosamente dotada desde antes de seu nascimento, mas já era impossível, uma vez anunciada, evitar sua eclosão. Os gregos tinham poucos atletas. Nenhum de nós sequer suspeitava que o vencedor seria um dos seus e, sobretudo, um “improvisado”. Spiridion Louis era um magnífico pastor vestido com o saiote grego, e desconhecedor de todas as atividades científicas. Ele se preparou com o café da manhã e a ora-

ção, e segundo se dizia, passou a última noite diante dos ícones, entre a luz diáfana dos círios. Sua vitória foi magnífica em força e simplicidade. Ao se apresentar sem esgotamento na entrada do estádio, onde se apinhavam mais de sessenta mil espectadores, e quando os príncipes Constantino e George, com um gesto espontâneo, o tomaram pelos braços para conduzi-lo até o rei, de pé em seu trono de mármore, pareceu que toda a antiguidade helênica entrava com ele. Elevou-se do recinto um clamor indescritível de aclamações. Foi um dos espetáculos mais extraordinários de que me lembro, e conservarei sua marca porque desde então estou convicto de que as forças psíquicas desempenham no esporte um papel muito mais efetivo do que se lhes atribui. Outras experiências me têm confirmado esta convicção depois de 1896, e confio na ajuda da ciência médica para que se lance mais luz sobre esta verdade, da qual não se deduzem ainda suas consequências práticas.

Isso nem ao menos significa que não se deva dar atenção às orientações científicas no treinamento, e na mesma Atenas nos foi dada prova num segundo episódio. A Universidade de Princeton, onde trabalhava como professor meu amigo W. Sloane, havia enviado cinco atletas escolhidos. Um deles, Robert Garrett, que nunca havia lançado o disco, interessou-se por este exercício e o executou tão bem desde seu primeiro ensaio, que me comunicou seu desejo de se inscrever para a competição Olímpica, embora temesse ser tachado de “pretensioso e ridículo”. Animei-o para que se apresentasse e o fiz de modo tão estupendo que ele conseguiu o primeiro lugar. Isso deveu-se à perfeição de sua preparação física integral. Pouco anos antes, vi um jovem canadense, não ginete, ficar entre os primeiros ganhadores de um concurso equestre. Assim, ao lado do valor do psíquico afirmava-se o do treinamento metódico geral, ou seja, todo um conjunto de experiências profundas, próprias para iluminar o caminho do futuro.

Entretanto, em todas as províncias e ilhas gregas, os jovens divertiam-se na saída da escola “jogando os Jogos Olímpicos”. Após ter corrido, saltado ou lançado algumas pedras, formavam filas, e o maior dentre eles, com ar de seriedade, coroa aos demais com ramos de oliveira. Esse gesto simbólico, realizado novamente em Atenas depois de transcorridos tantos séculos, colocava-os em contato inconsciente com seu passado glorioso, vagamente pressentido. Esse jogo poético nos campos divinos de Corfú foi minha última visão da primeira Olimpíada. Agora teria de trabalhar para lhe assegurar uma paternidade.

Memórias Olímpicas, cap. III, Lausanne, COI, 1997, p. 36-49.

4.2.2 ACONTECIMENTOS OLÍMPICOS ESPECÍFICOS

4.2.1/1 – 4.2.2/3 INTRODUÇÃO

Coubertin não podia negar sua paixão pelo jornalismo. Aproveitou sua estada em Atenas, por ocasião dos primeiros Jogos Olímpicos, para informar no periódico francês *Journal des Débats*. A imprensa recebeu, por meio de despachos, impressões em primeira mão sobre o novo grande acontecimento desportivo.

Na antologia de Coubertin, *Souvenirs d’Amerique et de Grèce*, foram novamente publicadas as cartas da América, com pequenas correções editoriais e acréscimos.

As *Cartas Olímpicas I, III e V* apareceram em 1897 na tradução inglesa dos textos originais do *Journal des Débats* dentro do “*Report of the Commissioner of Education for the Year 1895-1896*”.

Animado pelo grande sucesso dos estudantes universitários estadounidenses, o comissário de Educação Física considerou os Jogos Olímpicos de Atenas de 1896 como muito importantes para incluir em seu informativo estes artigos de Coubertin. São relevantes para a história do esporte, porque oferecem um relato muito pessoal e autêntico de sua valoração. A *Carta Olímpica II*, que não foi traduzida, conta-nos da cerimonia eclesiástica de Páscoa em Atenas, a *Carta V* das cerimonias finais e dos sentimentos misturados de Coubertin ao final dos dias Olímpicos de Atenas. Esta carta, de 15 de abril de 1896, termina com uma dura afirmação de Coubertin; a última *Carta Olímpica*, a *Carta VI* de 24 de abril de 1896, descreve com melancolia a viagem de Coubertin a Patras e seus anseios por Olímpia.

4.2.2/1 CARTA OLÍMPICA DE ATENAS (26 DE MARÇO DE 1896)

Neste ano, a primavera ateniense é dupla; aquece, ao mesmo tempo, uma atmosfera luminosa e a alma popular; faz crescer flores aromáticas entre as lajes do Partenon e coloca um sorriso de satisfação nos lábios orgulhosos dos Palikares. O sol brilha e os Jogos Olímpicos estão próximos. Os temores e ironias do ano passado desapareceram; os cétricos se calaram; os Jogos Olímpicos já não têm inimigos.

Bandeiras francesas, russas, americanas, alemãs, suecas e inglesas foram colocadas à venda. Nelas sopra leve e forma leves dobras a brisa do Atlântico; os homens com seu vestuário típico, passeando despreocupados diante das fachadas pitorescas da rua Hermes, desfrutam do espetáculo; sabem que o “mundo todo vai chegar” e aprovam os múltiplos preparativos para recebe-los bem. Em todo lugar os mármorees são polidos, coloca-se gesso novo e pintura nova; pavimenta-se, limpa-se, decora-se. A rua do Estadio está magnificamente decorada, como seu arco do triunfo e seus mastros venezianos; mas já não é o passeio favorito. O interesse foi deslocado para outro lugar, às margens, antes esquecidas, do Eliseu. Todos os dias, por volta de cinco da tarde, os cidadãos se aproximam formando uma longa procissão, para dar uma olhada de bons entendedores aos trabalhos do Estádio. Como é habitual, o Eliseu está sem água, mas ninguém dá atenção a isso. Uma ponte monumental cruza agora o famoso rio e permite acesso ao aterro que serve de pórtico ao Estádio reformado.

Seu recinto produz uma forte impressão, que se torna ainda mais viva ao pensar. Este é, pois, o quadro tantas vezes contemplado pelos grandes do passado! Estava *além do nosso alcance*. Havíamos nos desacostumados a vê-lo, e suas linhas nos resultam tão pouco familiares que primeiro nos surpreendem e depois nos desconcertam. A silhueta do templo grego não perdera nunca; pórtico e colunatas conheceram muitos renascimentos, mas os estádios haviam morrido junto com o atletismo. Conheciam-se suas características arquitetônicas, mas elas nunca haviam sido restituídas. Um estádio *vivo* era algo que não se tinha visto desde há muitos séculos. Dentro de algumas horas este viverá essa vida coletiva que enche de multidões os monumentos. Poderá ver-se como sobe novamente às escadas, como se espalha ao longo das arquibancadas, como se amontoa em corredores uma multidão indubitavelmente muito distinta daquela que entrou pela última vez num estádio semelhante, animada, apesar disso, por sentimentos análogos, com uma mesma simpatia pela juventude e uma mesma solicitude pela grandeza nacional.

Há lugar para cerca de 50.000 espectadores, mas uma parte das arquibancadas é de madeira, pois não houve tempo suficiente para cortar e colocar suficientes blocos de mármore. A construção terminará após os Jogos graças à generosidade inesgotável do Sr. Averoff, e quadrigas de bronze, troféus e colunatas cortaram a monotonia um tanto severa das linhas. A pista central já não levanta poeira como outrora; nela colocou-se carvão e foi feita seguindo os últimos pressupostos da arte moderna por um técnico proveniente da Inglaterra. Tudo leva a pensar que a partir de agora será cuidadosamente mantida pelos helenos. Pois neste país, e isso é um aspecto interessante, no qual os exercícios físicos não contavam com nenhum adepto, no qual a algumas Sociedades de esgrima formadas recentemente custava muito recrutar sócios, bastou falar nos Jogos Olímpicos para formar atletas. De repente, os jovens tomaram consciência do vigor e da agilidade de sua raça; seu entusiasmo tem sido generoso e tão perseverante seu treinamento, que os participantes estrangeiros se encontrarão com rivais improvisados tão temíveis como se fossem veteranos.

Os húngaros já chegaram. Foram recebidos de forma entusiástica; foram proferidos discursos e a música desempenhou sua missão. Nestes dias espera-se a chegada dos alemães, e logo dos americanos, dos suecos... A notícia de que o Conselho municipal de Paris aprovou uma subvenção para os delegados franceses nos tem chegado no mesmo momento em que se realiza a sessão do comitê dos Jogos no palácio do príncipe, que se alegrou em saber que a participação da França estava assegurada. Lamentavelmente, nossos representantes ainda não sabem pronunciar o grego moderno; o Sr. Combes chegou tarde demais!

“Lettre Olympique”, Atenas, 26 de março de 1896, em:
Journal des Débats, Politiques e Littéraires, Paris, 6 de abril, 1896, p. 1.

4.2.2/2 CARTA OLÍMPICA DE ATENAS (9 DE ABRIL DE 1896)

A “grande semana” começou. Na segunda-feira passada, o rei George e a rainha Olga entraram no Estádio ao som do hino grego, umas notas que harmonizavam e nas quais pareciam fundir-se as energias do Norte e as doçuras do Oriente. A rainha estava vestida de branco; o rei de uniforme. Ao tomar assento em seu trono

de mármore no fundo do semicírculo, o Príncipe pronunciou seu discurso solene. Então, levantando-se, declarou aberta a primeira Olimpíada. Alguns coros elevaram imediatamente suas vozes ao alto, prolongando, de alguma forma, esse momento solene e dando-lhe seu verdadeiro significado histórico. As modas mudaram muitas vezes nesses dois mil anos: a música seguiu sendo o que melhor traduz a emoção de uma multidão, o que melhor acompanha a amplitude de um grande espetáculo. Tudo o que a plateia devia experimentar na inauguração do Estádio foi previsto pelo artista grego Samara. A ode Olímpica simbolizou a alegria popular e ratificou as graves palavras trocadas entre o soberano e seu filho. Queria-se ouvi-la mais uma vez, e os aplausos que levantou se misturaram com os que saudavam a entrada dos atletas. Estes saíram pelo mesmo túnel pelo qual desapareceu outrora a silhueta do último competidor, expulso pela decadência e condenado pela Igreja. Naquele dia, o Estádio estava realmente lúgubre; a erva já crescia entre o mármore; os espectadores eram escassos: alguns de condição humilde, desses que não tem nada a perder, chegados para protestar contra as novas tendências e afirmar seu inquebrantável apego às tradições. Inclusive a reunião fosse talvez dispersada em nome de uma lei bárbara e por uma polícia mercenária... Como não pensar em tudo isso vendo o mármore novo, inúmeros espectadores, oficiais de uniformes brilhantes e pitorescamente reunidos pelo acaso, as toucas em forma de tronco dos sacerdotes gregos, a sotaina recamada em violeta do arcebispo de Atenas e a veste branca do Padre Didon? Somente falta algo que o mundo moderno já não sabe produzir: a cor. Nem os lenços claros das mulheres, nem os galões dourados dos militares chegam a quebrar esse conjunto desesperadamente escuro no qual domina o preto. Noutro lugar não se iria reparar isso. Por outro lado, o atletismo moderno encontra de bom grado seus fundamentos na grama e nas folhagens: a cor é dada pela natureza. Os organizadores contribuem multiplicando escudos e estandartes, embelezando de púrpura as tribunas. Nesse contexto, no qual os espectadores se movem com facilidade, os tecidos dos trajes e o feltro dos chapéus nos chama a atenção. Ao contrário, aqui a linha geométrica dos terraços se prolonga indefinidamente, e os que se amontoam imobilizam-se entre si... Isso não estava previsto, e para alguns de nós tem produzido certa desilusão.

No Velódromo, outra surpresa. Desde a planície em que se encontra veem-se o Parnassos, o Pantélico e o Himeto; a Acrópole desponta sobre as mansões do novo Falero; o esporte mais moderno (fim do século), assim, o primeiro plano na mais clássica das paisagens. Era um contraste temido: a bicicleta aos pés do Partenon! Quantas vezes não foram pronunciadas essas palavras, com sotaque comovido, como argumento supremo contra a modernização dos Jogos Olímpicos! E não parece que hoje isso choque a alguém. Jogar tênis diante do Coliseu, ou cruzar de automóvel o arco de Tito: isso sim provocaria uma dolorosa impressão. Os monumentos romanos remontam a uma data, têm uma idade. O Partenon não; é de todos os tempos, e nenhuma manifestação da vida popular pode desfigura-lo.

A família real é infatigável; no Velódromo ocupou o belo “palco” preparado para ela: uma plataforma elevada, emoldurada por uma balaustrada de ferro forjado e adornada com um pavimento de mosaico. Anteontem, o rei presidiu a competição de esgrima na rotunda do palácio Zappeion, e ontem a rainha abriu a competição de tiro, perfurando o primeiro alvo com um rifle adornado por uma guirlanda de

flores. Logo será a vez dos esportes náuticos: a natação acontecerá na encantadora e minúscula baía de Zera, diante da qual caem em cascata e desdobram-se as varandas e terraços adornados com videiras das casas novas do Pireu; alguns nadadores nunca teriam tido a oportunidade de empregar suas forças num quadro com maior graça. Na baía de Munique foi construído um pavilhão para dar abrigo às embarcações e colocar à disposição dos remadores todo o conforto de um clube inglês. Não estão longe as ruínas de um templo e, atrás da colina, podem ainda ser vistos, meio sepultados na areia, alguns restos de muros largos; sobre um promontório ergue-se a vila Coumoundouros, lugar preferido de um grande ministro. A história do povo grego aparece em miniatura nessa dobra de suas ribanceiras. Aqui, haja o que houver, o atletismo conduz à história: mas passado e presente encontram-se de tal modo que tais aproximações somente surpreendem aos estrangeiros.

“Lettre Olympique”, Atenas, 9 de abril de 1896,
em: *Souvenir d’Amérique et de Grèce*. Paris: Libr. Hachette, 1897, p. 145-149.

4.2.2/3 CARTA OLÍMPICA DE ATENAS (12 DE ABRIL DE 1896)

De modo geral, o público aceita com muita bravura o triunfo dos “bárbaros” nas provas Olímpicas. Na entrada do Estádio, proeminente, encontra-se um mastro em cuja base coloca-se, após cada prova, em ordem, o nome do vencedor, enquanto acima tremula a bandeira do seu país. É uma ideia engenhosa que resume e destaca o caráter internacional dos Jogos. Nesse lugar de honra vimos tremular alternadamente as cores das grandes nações europeias; mas a que mais apareceu é a alegre bandeira estrelada dos Estados Unidos. Com justiça, pois os americanos foram os primeiros a se apaixonar pela nossa obra e os únicos que nunca duvidaram de seu bom êxito. As duas equipes que enviaram demonstraram desde o princípio seu valor e, especialmente, a superioridade de seu treinamento. Os atenienses, maravilhados, diziam que eram profissionais; não podiam acreditar que aqueles belos jovens, de músculos disciplinados, fosses estudantes, com pressa para voltar a seus estudos e encantados, com atitude modesta, de haver aumentado o prestígio de suas Universidades.

Quando no Estádio se desfralda a bandeira americana forma-se um estrondo assombroso. Acima, agrupados nas últimas arquibancadas, alguns marinheiros levantam-se brandindo seus gorros e prorrompendo em gritos frenéticos; é a tripulação do cruzeiro federal San Francisco, ancorado agora no porto do Pireu. Abaixo, ao longo da pista, há um grupo do qual surgem clamores inumanos; são os capitães das equipes e seus amigos da Escola americana de Atenas que saúdam o campeão com o grito de seu clube ou de seu colégio. Cada Associação transatlântica tem um grito próprio, composto na maioria das vezes por sílabas do nome ou por suas iniciais, que gritam de forma rítmica. Marinheiros e estudantes estão unidos, através da multidão, pela vibração de um mesmo patriotismo e se respondem, assim, com um entusiasmo crescente. As pessoas primeiro riem e em seguida aplaudem, porque sentem alegria sincera e um ardor juvenil nessas manifestações carentes de harmonia.

Os Jogos Olímpicos não são em absoluto o primeiro ponto de contato entre a América e a Grécia; entre as duas nações há outros vínculos além daqueles passageiros da Companhia Cook, outras relações que aquelas dos “globe-trotters” com as terras dis-

tantes. Talvez ainda mais que os europeus, os americanos cultos consideram que a peregrinação à Acrópole é a satisfação suprema de todo espírito ilustrado, a fonte mais abundante de aperfeiçoamento interior. Eles não permanecem presos às ruínas do império romano, tão pesado e complexo; compreendem mais facilmente a organização etérea desta antiga democracia, com a qual a sua própria tem mais do que uma semelhança. Foi este sentimento que levou os americanos a fundar uma escola de arqueologia em Atenas. Isso não é muito conhecido, e ninguém parece dar-se conta de sua importância, que, no entanto, é considerável. Esta colônia americana estabelecida nas ladeiras do Licabeto e mantida por doações voluntárias dos cidadãos, entregue unicamente ao cultivo da ciência, abre infinitas perspectivas de futuro para os Estados Unidos.

Os gregos, que apreciam os americanos e se sabem queridos por /eles, tem aplaudido com prazer seus triunfos; inclusive tem sorrido a esse estudante de Princeton, improvisado discóbolo, que conquistou um prêmio sobre o qual acreditavam ter direitos hereditários. Mas sua decepção teria sido imensa se a taça entregue pelo Sr. Michel Bréal ao “corredor da maratona” tivesse escapulado de suas mãos. Não sofreram desse fracasso. O primeiro a entrar no Estádio foi um grego, que usou duas horas e quarenta e cinco minutos para percorrer os 42 quilômetros que separam Atenas de Maratona. A chegada foi emocionante. O Estádio estava abarrotado. Inclusive a pitoresca colina que sobressai pelo lado do mar estava cheia de gente; havia, pelo menos, 60.000 espectadores. No semicírculo estavam o rei da Grécia, o rei da Sérvia, o gran duque George, a arquiduquesa Teresa, a princesa da Grécia, os ministros e o corpo diplomático. Quando foi anunciada a chegada do vencedor, toda multidão se pôs de pé num piscar de olhos, como movida por uma descarga elétrica. O estrondo formado pelas aclamações deve ter chegado, atravessando a planície, até o sopé do Parnassos, e despertado em suas moradas subterrâneas as almas dos antepassados. Não era somente a façanha o que provocava aquele entusiasmo, mas, sobretudo, a evocação das lembranças; toda a gloriosa história da Grécia passava por aquele corredor diante dos olhos dos gregos. Então, para evitar as efusões perigosas de um povo em delírio, o príncipe real e seu irmão o príncipe George o levantaram e tomaram pelos braços, enquanto o entusiasmo se desbordava como uma onda irresistível ante aquele quadro soberbo.

A calma demorou muito para se restabelecer. Ao meu lado, vi uma senhora tirar seu relógio e enviá-lo como presente ao jovem herói do dia; um hoteleiro patriota assinou-lhe um bônus para 365 refeições, e um dos engraxates que trabalham nas esquinas comprometeu-se a cuidar gratuitamente de suas botas. Tudo isso é uma nota cômica, mas resulta comovedora, quando se considera do fundo do coração, os sentimentos que ditam tais ofertas. Todos aqueles com os quais me encontrei naquela tarde, incluídos aqueles que mais achavam engraçado, compartilharam a emoção generalizada... e nosso distinto compatriota, o Sr. Charles Maurras, que antes me havia recriminado por “internacionalizar” o esporte, declarou-se convertido: “Dou-me conta, me disse – e sua observação é muito justa –, que este internacionalismo não matará as pátrias, mas, ao contrário, as fortalecerá”.

Quando os gregos outrora se reuniam em algum de seus famosos santuários para assistir aquelas festas grandiosas cuja periodicidade embelezava as etapas de sua existência, sem dúvida aconteceu que a morte golpeasse inesperadamente suas linhas. Quem sabe aquele ao qual os deuses tiravam, assim, deste mundo em pleno período



O desfile de vencedores durante a cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos de 1896 em Atenas. Ilustração a cargo de A. Castaigne. (Extraído de *The Century Illustrated Monthly Magazine*, novembro de 1896, p. 51)

de paz e de alegria fosse algum cidadão importante ao qual não lhe haviam faltado o reconhecimento popular nem as amarguras do exílio. Imagino que, então, naqueles lugares sagrados nos quais sobre as mesmas coisas passava um reflexo de imortalidade, para o morto chegava a hora da justiça. Manifestava-se a unidade de sua existência e se esboçavam as motivações de seus atos e os motivos de seus erros; seus amigos alegravam-se por tê-los compreendido e seus inimigos temiam haver-se equivocado.

Outra noite, pensava em tudo isso ao contemplar pela janela uma Atenas iluminada e despreocupada pelo final prematuro de Ch. Tricoupis. Ao se retirarem, as pessoas davam a volta pela praça da Constituição, maravilhosamente iluminada por tochas. Soavam as fanfarras e as bandeiras das nações estrangeiras levantavam as aclamações enquanto elas passavam; chamas verdes e vermelhas ardiam em toda

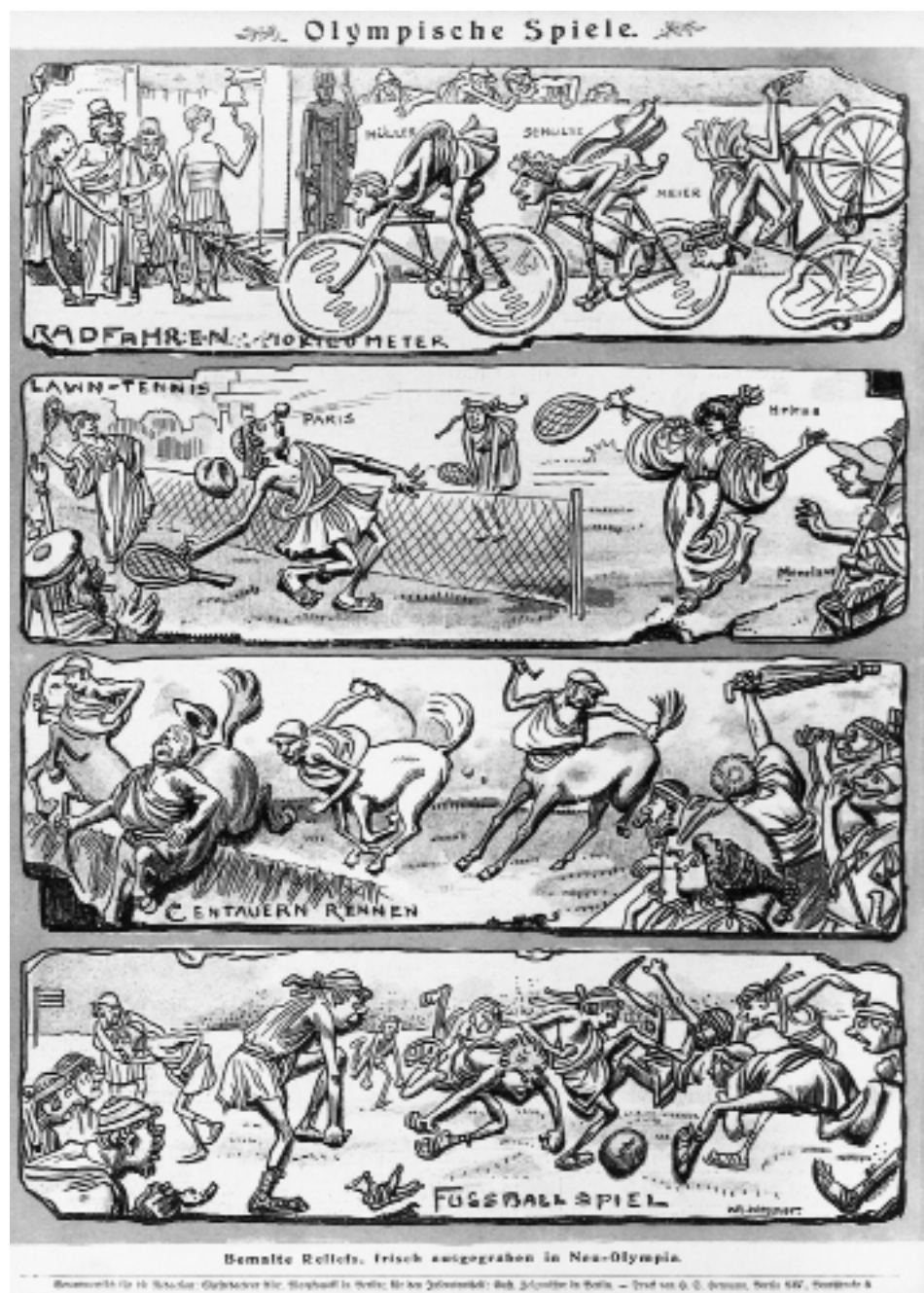
parte e iluminavam a sóbria fachada do palácio real diante do qual dançava um cortejo fantástico de lanternas venezianas. Detrás desta praça invadida, mais além daquelas ruas buliçosas, encontrava-se há dezoito meses uma casa tomada por uma multidão de pedintes, uma casa cuja fachada permanecia silenciosa e de cuja sacada pendia uma fita negra. Quando os visitantes haviam partido e as lamparinas estavam apagadas, o vazio produzido nessa casa se estenderá paulatinamente e chegará até as fronteiras... Por uma ironia do destino, a lembrança do defunto continuará unida a esta dos Jogos Olímpicos, dos quais ele foi um adversário ferrenho...

Nesta manhã foram concluídos. A entrega dos prêmios os encerraram dignamente. O céu, que voltou a ser complacente, derramava sobre aquela cena de grande simplicidade deslumbrantes claridades. Alguns pombos com fitas das cores helênicas faziam revoluções no Estádio. A chamada era feita em grego, e era proclamado o nome do laureado, o de seu país e os pormenores de sua vitória: aquele aparecia então no estrado ante o soberano, que o cumprimentava sorrindo e lhe entregava seu prêmio. Cada um recebia um ramo de oliveira, um diploma e uma medalha, obra de Chaplain. O famoso artista gravou de um lado a silhueta da Acrópole, com os Propileus e o Partenon, e no outro Zeus Olímpico levando em sua mão a imagem da Niké. Do deus somente se vê a cabeça, enorme e distante, entre a dupla distância do tempo e do espaço; diante dela se destaca, totalmente em relevo e bem próxima, a Niké, que não tem idade e vive sempre entre os humanos... Trata-se do prêmio “objeto de arte” por excelência, oposto ao prêmio “venal”, caro a muitos *sportsmen*. Nunca havia acontecido uma manifestação mais grandiosa em favor do *Amadorismo*. Por outro lado, aqueles que aceitam facilmente as moedas ganhas nas competições por sua resistência ou por sua agilidade, aqui ficam ruborizados ao tocar nesta. Neste contexto inesquecível e ante glórias esmagadoras que ocorrem em todos os lugares, esse pagamento lhes causaria horror. Nada prova melhor que estão equivocados.

O desfile não era monótono: a simplicidade republicana dos americanos, o respeito disciplinado dos alemães e a facilidade graciosa dos franceses apareciam nas atitudes, nos gestos, na forma de agradecer. Idêntico contraste desde o ponto de vista social: o camponês vestido com o saiote grego, primeiro na corrida da maratona, era sucedido por um capitão de cavalaria vencedor da prova de tiro; ali havia ricos e pobres, pessoas humildes e de alta posição. O caráter democrático apareceu ainda com maior destaque no outro dia, no almoço oferecido pelo rei, ao qual foram convidados todos aqueles que haviam participado em maior ou menor medida nos Jogos Olímpicos: no total, trezentas pessoas. Quando Otho, o bávaro, ergueu no centro de seu palácio aquela ampla sala de uma arquitetura um tanto pesada, mas imponente, com suas colunas, suas abóbadas, suas tribunas, não previa que alguma vez pudesse servir para semelhantes banquetes. Os tempos haviam mudado. Depois da refeição viu-se o rei da Grécia em conversação familiar com seus convidados, preferentemente com os mais humildes, com aqueles que menos teriam a possibilidade de contar com aquela honra.

O êxito definitivo tem um preço: para que seus novos destinos possam se igualar ao passado, é preciso que os Jogos Olímpicos sejam profundamente democráticos – e rigorosamente internacionais.

“Lettre Olympique”, Atenas, 12 de abril, em: *Journal des Débats, Politiques et Littéraires*, Paris, 22 de abril, 1896, p. 3.



Representação humorística dos primeiros Jogos Olímpicos. Cabeçalho: Jogos Olímpicos; primeira linha: corrida de ciclismo de 10 km; se-

gunda linha: tênis sobre a grama; terceira linha: corrida de centauros; quarta linha: partida de futebol. Legenda: pinturas em relevo desco-

bertas recentemente durante escavações em Olimpia, a Nova. (Extraído de *Lustige Blätter*, vol. XI, n. 19, 1896)

4.2.2/4 – 4.2.2/6 INTRODUÇÃO

A nação grega ficou totalmente entusiasmada, e a imprensa repercutiu esse sentimento. Essa repercussão foi substancial para a época, especialmente nos países que haviam ganhado medalhas em Atenas.

Coubertin descreve de forma prosaica suas impressões sobre o desenvolvimento dos Jogos em seis *Lettres Olympiques*. Embora esses textos não tenham a pretensão de ser uma crônica completa dos Jogos, a forma da descrição é digna de consideração. Afastam-se, de modo acertado, dos detalhes dos bastidores da *Campanha desportiva*. O Comitê organizador grego publicou em 1896/1897 um livro com informações oficiais em quatro idiomas; desse modo, foi reunido sem lacunas o desenvolvimento desportivo, convenientemente coletado nas estatísticas Olímpicas. Mas quem fala atualmente das modestas marcas dos vencedores que foram influenciadas pelo clima frio da semana santa de 1896? Em Atenas já se aceita que não importa a marca, mas o nome do vencedor, especialmente o do vencedor da maratona Spyridon Louis, que fez história Olímpica.

O artigo seguinte de Coubertin, “Os Jogos Olímpicos de 1896”, que foi publicado em 1896 em inglês na revista americana *The Century Illustrated Monthly Magazine*, oferece uma boa visão geral.

Em Atenas participaram 311 atletas, entre eles 81 estrangeiros de doze países. O verdadeiro número de participantes foi menor, pois alguns deles se inscreveram em várias modalidades. A participação internacional foi, todavia, bastante modesta. Naqueles tempos, era complicado viajar para a Grécia, pois existiam poucas linhas marítimas e não havia comunicação ferroviária. As viagens de grupos amadores planejadas por uma agência de viagens de Londres e de Paris não tiveram repercussão suficiente, mesmo que os visitantes estrangeiros registrados¹ certamente não haviam se arrependido da sua viagem. Juntamente com os gregos, os americanos e os alemães foram os mais bem representados.

O membro alemão do COI, Dr. Willibald Gebhardt, disse a Coubertin durante a cerimônia de inauguração, ante a festa maravilhosa e o entusiasmo dos quase cem mil espectadores: “Tudo isso é obra sua!” Mais adiante, muitos iriam repetir isso.

No total foram 43 vencedores de competições em nove modalidades desportivas. No último dia foram entregues a todos os vencedores, entre elas a taça de prata para o vencedor da maratona do arqueólogo francês e amigo de Coubertin, M. Bréal, que tivera a ideia em 1894. A imprensa transformou Louis em herói da Grécia, e em seus feitos se identificou como povo livre com seu passado glorioso.

Com todas essas celebrações, Coubertin havia permanecido em segundo plano. Em sua *Campanha Esportiva* escreveu: “O esforço que fizeram os gregos para me silenciar a toda hora me prejudicou, embora não tenha me surpreendido.” Quando ao terminar os Jogos foi formulada a petição de realizar sempre os Jogos Olímpicos na Grécia, Coubertin se opôs energicamente e conseguiu convencer disso os membros do COI presentes em Atenas, como demonstra o protocolo da reunião² do COI

1 Entre eles, Pierre Didon.

2 Esse protocolo foi redigido por Coubertin como secretário geral do COI. Foi descoberto no contexto de nossas investigações e tem importância como documento histórico, embora menos como texto de Coubertin.

em Atenas que se reproduz aqui. Também foi inflexível neste ponto ante o príncipe herdeiro, já que não podia sacrificar sua ideia universal ao entusiasmo nacionalista do momento. Ainda em Atenas aceitou a presidência do COI das mãos de Bikelas, uma vez que esta cabia, de acordo com os estatutos, ao país executor dos próximos Jogos Olímpicos. Além disso, ele desmentiu uma notícia do *New York Times* que informava de uma suposta decisão em realizar os Jogos Olímpicos de forma permanente na Grécia; a causa foi provavelmente uma espetacular coleta de assinaturas de desportistas americanos para a manutenção de Atenas como cidade Olímpica. O diário ateniense *Messenger d'Athènes* foi o único a criticar que “em relação ao êxito dos Jogos chegaram mensagens de gratidão e de felicitação do mundo inteiro, mas não a quem foi seu verdadeiro precursor”,³ ou seja, Coubertin.

4.2.2/4 A PRIMEIRA OLIMPIADA

Quase tudo o que desde então se fez de bom em Atenas foi obra do príncipe real, que demonstrou uma vontade perseverante e uma atenção permanente. Lamentavelmente, seu principal colaborador não estava à altura de uma tarefa para a qual não havia tido, é justo reconhecer, nenhum preparo anterior. O Sr. Philemon constituiu um verdadeiro ministério Olímpico. Resultou incrível a confusão produzida pelos múltiplos mecanismos burocráticos que se formaram ao seu redor. Disso derivou uma papelada abundante e estéril, bem como gastos enormes. O trabalho de conjunto, presidido pelo príncipe, foi excelente; os esforços nos pormenores que ele não podia controlar perderam-se no labirinto administrativo criado de forma imprudente. Certamente, estando os Jogos a partir de então garantidos pelos poderes públicos, todo mundo pretendia ter um papel secundário e participar de sua preparação; todos queriam entrar para o “ministério Philemon”. Por outro lado, produziu-se uma certa embriaguez ante o êxito econômico que se aproximava. No dia 19 de fevereiro de 1895, o Sr. Philemon me informou que existia uma contribuição de 130.000 dracmas. Eu havia solicitado que se iniciasse a campanha de doação por meio do Sr. Syngros, um ateniense riquíssimo, mas quem se adiantou foi o Sr. Schilizzi de Constantinopla, que deu 10.000 dracmas; no dia seguinte, o Sr. Syngros me escreveu dizendo que contribuiria com a mesma quantia. As doações multiplicaram-se com grande rapidez. As colônias gregas de Marselha, Alexandria e Londres consideraram uma honra, tal como eu havia previsto, poder dar prova de seu patriotismo em ocasião semelhante. Por outro lado, o governo heleno (que estava provisoriamente nas mãos do Sr. Th. Delyanni, chefe de um dos grandes partidos políticos) estava disposto a autorizar a emitir um selo postal Olímpico cujos benefícios iriam para a caixa dos Jogos; isso era melhor, sob todos os pontos de vista, que a loteria que o gabinete Tricoupis se havia negado a emitir.

Durante esses entreatos, o Sr. Averof, da colônia de Alexandria, anunciou que doaria um milhão para reconstruir o Estádio, donativo habilmente provocado pelo príncipe real. Isso acarretava uma economia para o orçamento dos Jogos de trinta

3 Coubertin, P. de. *Une campagne de vingt-et-un ans (1887-1900)*, Paris: Librairie de l'Education physique, 1909, p. 126.

A revista satírica grega *Romos* descreve o debate do verão de 1895 a favor e contra a realização dos Jogos Olímpicos de 1896 em Atenas: à esquerda, o primeiro ministro grego, Theodor Delyannis, que estava a favor da ideia, e à direita, o líder da oposição, Charilaos Tricoupis, que estava contra. (Arquivos do COI)



e dois mil dracmas, cifra que havia sido prevista em última instância para colocar o Estádio em ordem. No projeto inicial que eu havia esboçado, a tribuna real estava situada num lado, em frente a uma tribuna de honra, e o semicírculo reservado ao público não pagante. Em 24 de janeiro, o Sr. Bikelas me anunciou que um engenheiro que ele conhecia se comprometia a economizar alguns milhares de dracmas do meu orçamento não construindo senão uma única grande tribuna ao fundo emoldurando o palco real. Pedia meu parecer a respeito, mas me parecia que eu não podia dizer nada, pois eu havia desenhado os primeiros projetos e havia feito o melhor que pude o primeiro orçamento porque não havia ninguém para fazê-lo. Quando se soube do presente do Sr. Averof, o entusiasmo não teve limites.

Depois tive de me ocupar do velódromo. Reclamaram-me com insistência projetos e orçamento, trabalho que superava minha competência. Escrevi à distinta gente e, ao não conseguir senão respostas pouco claras ou insuficientes, decidi estudar o velódromo de Arcachon, onde eu me encontrava então. Aqueles que o haviam construído foram meus guias, e pude enviar a Atenas um primeiro projeto. No entanto, a comissão de ciclismo havia decidido copiar o velódromo de Copenhague. De retorno a Paris, visitei de parte de sua Alteza Real dois grandes artistas, Chaplain e Puvis de Chavanne, para pedir-lhes a um uma medalha e a outro o diploma que depois seriam concedidos aos vencedores dos Jogos. Chaplain aceitou imediatamente e gravou uma esplêndida composição, uma das mais perfeitas que fizera, na qual numa das caras estava representada a cabeça de Zeus Olímpico e na outra a Acrópole. Puvis de Chavanne hesitou durante muito tempo; veio até a minha casa para ver as fotografias e desenhos que eu havia trazido da Grécia; me fez perguntas que me deixaram estupefato porque demonstravam uma total ignorância das “linhas gregas”, essas linhas que ele tão bem havia captado e cuja pureza havia restituído.

Finalmente, renunciou a tarefa de fazer o diploma, mesmo lamentando muito, segundo me escreveu, pois teria gostado fazê-lo, mas lhe era impossível helenizá-lo suficientemente! O diploma foi, portanto, desenhado por um artista grego, que, por sua vez, temia cair no clássico, e fez algo de um estranho modernismo.

Desde Atenas me pediram também um texto para o convite e, sobretudo, a lista das sociedades, federações, grupos, etc., às quais era conveniente se dirigir. Passei a limpo, completando do melhor que pude na falta de um anuário internacional que, ademais, ainda continua a não existir, as listas do congresso de Paris. No que diz respeito ao texto, este é o que propus e o que foi adotado: “Reunido no Palácio da Sorbonne, em Paris, em 16 de junho de 1894, sob a presidência do Sr. barão de Courcel, senador da República francesa, o congresso internacional de atletismo decidiu restabelecer os Jogos Olímpicos e realiza-los pela primeira vez em 1896 em Atenas. Como resultado desta decisão aceita prontamente pela Grécia, o Comitê Helênico, instituído em Atenas sob a presidência de Sua Alteza Real Monsenhor o Príncipe Real da Grécia, tem a honra de convidar para participar dos Jogos Olímpicos de 1896, que serão realizados em Atenas de 5 a 15 de abril de 1896 e cujo programa e condições se encontram em documento anexo. Pedimos que tenha a gentileza de responder a este convite assinado após acordo prévio com o Comitê Internacional dos Jogos Olímpicos com sede em Paris”. Os convites eram assinados pelo secretário geral do Comitê heleno, o Sr. Philemon, e eram acompanhados pelo programa dos Jogos, o mesmo que eu havia redigido e anexado à sessão do Zappeion, exceto a prova de equitação que foi suprimida sem que nunca eu soubesse bem por que.

Ao ter constantemente presente os esforços que realizavam, os helenos pensavam que o mundo inteiro devia saber disso, sentimento, ademais, muito natural, e se admiravam que eu ainda não pudesse fixar de forma imediata o número aproximado de participantes e visitantes. A partir de 28 de fevereiro de 1895, o Sr. Baltazzi, presidente da comissão de ciclismo, insistiu em ter certeza “da chegada de ao menos trinta corredores”; e em 17 de março, o Sr. Damala, secretário do Comitê dos Esportes náuticos, me pedia para que dissesse por escrito “quais eram as nações e clubes que haviam já comunicado sua participação”. Isso acontecia quatorze meses antes da abertura dos Jogos! Tudo o que eu podia fazer era insistir com os membros do Comitê Internacional para que cada um deles constituísse em seu país os grupos necessários e dar-lhes eu mesmo o exemplo fazendo isso na França. No outono de 1894 eu havia criado um Comitê Olímpico francês, cuja presidência de honra foi aceita pelo Presidente da República, o Sr. Félix Faure. Era constituído pelos Srs. De Courcel, Spuller, Gréard, Michel Bréal, Mézières, Paul Bourget, Paul Lebaudy e d’Estournelles, bem como pelos vice-presidentes da União Ciclista, os representantes das sociedades de esgrima, de atletismo, de polo, de vela e de remo, e por fim pelo presidente da União de Sociedades de Tiro, o Sr. Mérillon, que não tardou em se demitir após haver feito a União votar uma resolução pela qual essa se absteria de participar dos Jogos Olímpicos: exatamente o mesmo procedimento deveria ser aplicado novamente doze anos mais tarde. Além disso, o Sr. Mérillon se desculpava numa carta na qual dizia: “Do programa e dos meios postos à disposição do Comitê (heleno) deduz-se que nos Jogos o tiro se converte num ramo incorporado a um conjunto de esportes no qual se insere”. E se mostrava muito indignado porque “os criadores dos Jogos Olímpicos” tivessem podido pensar que a União Nacional de

Sociedades de Tiro da França fosse consentir em ser “um apêndice de seu Comitê!”. Não tínhamos planos assim tão sinistros e, com o tempo, a objeção não se tornou nem mais clara nem mais justa. O Secretário do Comitê francês foi o Sr. Raoul Fabens, que trabalhou com muito afinho e inteligência. O Comitê realizou suas sessões na Sorbonne.

No início de 1896 pude imprimir um folheto que distribuímos não somente na França, mas também nos países vizinhos. Juntamente com a convocatória da organização dos Jogos Olímpicos, continha as condições para a viagem. Graças à enérgica intervenção dos Srs. Noblemaire e Lefèvre-Pontalis, acertamos um preço realmente vantajoso: trezentos francos para a primeira classe de Paris ao Pireu, passando por Marselha, e volta. Além disso, a *Compagnie des Messageries Maritimes* comprometeu-se em colocar um barco extra em 31 de março se houvesse duzentos passageiros que o desejassem, e foi organizado um cruzeiro de 29 de março a 13 de abril no transatlântico *Senegal*. Este cruzeiro teve muito êxito graças, se não me engano, à *Revue générale des Sciences*, que substituiu a própria companhia. Um tratado estipulava que a Companhia Cook colocaria em todos os países e de forma especial agências e representantes à disposição das pessoas que quisessem ir à Grécia. Pese a todos os nossos esforços, somente um pequeno número de franceses decidiu-se a fazer isso. No que diz respeito aos participantes, pareciam necessárias algumas subvenções para incentivá-los a tentar esta primeira viagem, subvenções que nos custou muito conseguir. Finalmente, o conseguiu o Sr. Fabens, com força de vontade e perseverança, e ele se pôs à testa da equipe francesa para leva-la à Atenas. Na Suécia e na Hungria as coisas foram mais fáceis; nossos colegas Kemény e Balck não tiveram nenhum problema; o mesmo aconteceu com o professor Sloane, que levou desde a América duas poderosas equipes. Na Bélgica a campanha feita contra nós pela Federação de ginástica havia dado seus frutos, e o conde de Bousies me escreveu que havia batido de frente com a hostilidade de uns e com a frieza de outros; somente haviam anunciado sua participação alguns ciclistas belgas. A atividade de nossos colegas ingleses, redobrada pelo Sr. Mano que então vivia em Oxford, não produziu grandes resultados. De minha parte, eu havia enviado aos principais jornais britânicos cartas urgentes apelando para a ajuda das principais sociedades inglesas. Em geral, os jornais publicaram este documento acompanhado por reflexões simpáticas nas quais havia uma pitada de ironia: não acreditavam nos Jogos Olímpicos; ao contrário, preconizavam uns jogos panbritânicos periódicos e aconselhavam organizá-los imediatamente. Em meu foro íntimo eu pensava que iriam a Atenas uma centena de participantes e alguns milhares de espectadores estrangeiros, e me parecia que por ser o começo do atletismo internacional o número era bom, mas não me atrevia a dizer nada aos meus amigos helenos, pois notava que as ambições atenienses aumentavam dia a dia e não coincidiam em absoluto com o diapasão da realidade.

Com a Alemanha aconteceu um incidente realmente estranho. Por não ter participado do congresso de 1894, ela não tinha nenhum representante no Comitê Internacional, mas uma vez que o príncipe real era cunhado do imperador Guilherme, ninguém se deu conta em Atenas que pudesse ser difícil conseguir a ajuda das principais sociedades alemãs. O Sr. Rangabé, ministro da Grécia em Berlim, tinha para tanto formado uma comissão sob a presidência do príncipe Felipe de Hohenlohe, filho

mais velho do chanceler, tendo o Doutor Gebhardt como secretário. Nesse ínterim e até o final do ano de 1895, um veemente movimento de protesto foi produzido na Alemanha quando o *National Zeitung* reproduziu e comentou favoravelmente a resposta dada pela *Central-Ausschuss zur Förderung der Jugend und Volkspiele* ao convite que havia sido enviado por Atenas. A resposta era uma recusa formal baseada numa suposta entrevista na qual eu haveria confessado seis meses antes ter feito o possível para evitar que os alemães participassem do congresso de 1894 e desejado ardentemente que não fossem para Atenas. A afirmação carecia totalmente de fundamento. E portanto, valia a pena ter-me exposto a ficar sem a participação dos ginastas franceses por exigir que os alemães fossem convidados, para que logo me tornasse responsável pela sua ausência? O movimento aumentou num piscar de olhos; na Alemanha se transformou num concerto de impropérios que foi ardentemente repercutido pela imprensa grega. “As palavras atribuídas ao Sr. de Coubertin, escrevia o correspondente do *Temps* em Atenas no dia 4 de janeiro tem provocado uma verdadeira tempestade na Grécia e na Alemanha. Escrevi imediatamente o Príncipe Real, ao doutor Gebhardt, ao Sr. Rangabé e, especialmente, ao *National Zeitung*. O barão von Reiffenstein, que havia assistido por conta própria o congresso de Paris, onde havia sido muito bem tratado, veio lealmente em meu socorro, bem como o diretor do *Spiel und Sport*, que havia recebido e publicado todos os comunicados relativos ao congresso. O Sr. Rangabé me escreveu desde Berlim no dia 5 de janeiro: “O desmentido era muito necessário, pois na Alemanha a irritação havia adquirido dimensões preocupantes e havia chegado inclusive à Grécia. Todavia, ontem recebi uns cinquenta artigos de todas as partes do império redigidos no mesmo tom, o qual nada tem de insólito, pois uma vez emitida pelos grandes jornais, uma notícia deste tipo é sempre comentada pelos demais órgãos de imprensa. Assim, espero que, graças às medidas eficazes que você tem tomado, a comoção se acalme logo. Deve saber, antes de mais nada, que o *National Zeitung* publicou seu comunicado, excelente desde todos os pontos de vista. É certo que, todavia, vai acompanhado de certas observações descorteses, mas sem importância em si mesmas, destinadas a dissimular sua retirada. Por outro lado, também tomei, conforme seu desejo, medidas para dar maior publicidade à carta que você teve por bem me dirigir. Para tanto, enviei uma tradução dela com o pedido de que seja publicada nos principais jornais e pedi ao doutor Gebhardt que solicite audiência com o chanceler para lhe entregar uma cópia e prestar-lhe além disso todas as informações que considere pertinentes. Penso que, assim, o príncipe de Hohenhole certamente comunicará sua carta ao imperador, e ninguém ignora quanto deseja Sua Majestade que sejam mantidas as boas relações com a França.” Poucos dias depois, o Comitê alemão reunia-se em assembleia geral, após a qual me enviava um despacho no qual expressava “sua unanime simpatia e seus desejos de que os esforço comum tivesse êxito”. No entanto, eu não havia recebido nada da Grécia. Até o dia 7 de fevereiro de 1896, o Sr. Philemon não se decidiu a me telegrafar: “O Comitê heleno nunca deu crédito às palavras que lhe tem atribuído a você, o iniciador da restauração dos Jogos Olímpicos”, um telegrama que alguns dias depois era reforçado por uma calorosa carta.

Esta foi a última manifestação da gratidão ateniense. Já não precisavam de mim; estavam certos do êxito, e eu não passava de alguém que atrapalhava, posto que

somente a minha presença evocava a iniciativa estrangeira. A partir desse momento meu nome não somente deixou de ser pronunciado, senão que todos pareceram se dedicar a tarefa de contribuir para que desaparecesse a lembrança da parte que a França havia desempenhado no restabelecimento das Olimpíadas. A maioria das pessoas que havia reunido no ano anterior em torno ao trabalho inicial evitavam me encontrar ou pareciam não me reconhecer. Assim, produziu grande comoção a primeira carta enviada ao *Temps* pelo Sr. Larroumet e na qual o eminente escritor, que eu na verdade não conhecia, falou do grande êxito obtido “pelos Jogos Olímpicos que acaba de restabelecer um de nossos compatriotas, o Sr. de Coubertin”. Devo citar também a corajosa intervenção do Sr. Stephanopoli, que ao terminar os Jogos, disse no *Messenger d'Athènes*: “Uma coisa nos surpreendeu neste país onde existe a memória do coração, e é que se tenha agradecido e felicitado pelo êxito dos Jogos Olímpicos a todo mundo, exceto ao seu promotor”. Nunca esquecerei, por fim, o delicado gesto do Príncipe real, que no almoço oferecido pelo Sr. Bikelas, indicou o ministro de Assuntos Exteriores, o Sr. Skouses, para que brindasse em minha homenagem, brinde ao qual se uniu com significativa rapidez.

A preocupação que os helenos tinham em “me suprimir” em qualquer ocasião me fazia sofrer sem tampouco me surpreender, pois a evolução que se produzia em seus espíritos tornava compreensível, sincera e desculpável sua atitude. Preparavam-se para reivindicar sua posse exclusiva dos Jogos Olímpicos, e a ideia de ver apinhar-se a cada quatro anos no estádio restaurado tais multidões os embevecia de alegria e de esperança. Naquela espécie de solidão mental na qual me deixavam, tive todo o tempo para analisar o fundamento daquelas aspirações, que, desde o ponto de vista da instituição mesma e do objetivo que me havia proposto a restaurá-la, eram totalmente descabidas. Naquela grande assembleia, a participação dos helenos não era, em suma, tão somente majoritária, mas dominava de forma arrasadora. Os gregos haviam vindo de todas as partes. Os estrangeiros, ao contrário, encontravam-se dispersos; havia muitas nações representadas, mas com um pequeno número de indivíduos. Calculei o dinheiro que devia ter gastado, a duração de sua ausência, incrementada pelo fato de que nenhuma linha férrea unia Atenas com o resto da Europa e pelo fato de que os barcos que chegam ao Pireu o fazem de forma muito esporádica. Procurei avaliar o benefício financeiro que traria para a Grécia a realização de cada Olimpíada e as quantias que devia gastar para isso. Considerei, por último, as dificuldades políticas que poderiam surgir em razão destas mesmas Olimpíadas e que obstaculizassem sua continuidade regular. Não demorei em me convencer que fixar de forma definitiva e exclusiva a sede do Olimpismo restaurado na Grécia equivalia ao suicídio de minha obra. Decidi, portanto, lutar com todos os meios ao meu alcance contra os obstáculos acumulados em poucos dias no caminho. A imprensa de Atenas desfazia-se em esforços para vincular a restauração dos Jogos Olímpicos à fundação dos irmãos Zappas e para exigir do Parlamento que votasse uma lei capaz de assegurar o caráter regular de sua realização futura. A questão mais delicada consistia em que no brinde feito no encerramento do almoço oferecido pelo rei a quatrocentas pessoas no grande salão do palácio, Sua Majestade havia aludido diretamente à possibilidade de escolher Atenas como “terreno estável e permanente” das futuras competições. As palavras do rei haviam desconcertado aos membros do Comitê Internacional. Ao mesmo tempo, na mesma direção circulava uma espécie de petição assinada pelos capitães americanos.

Que fazer? Muitos dos meus colegas se perguntavam se não cabia fazer outra coisa que aceitar e nos dissolver. Temiam que se não o fizéssemos assim de forma espontânea, se veriam obrigados a isso de um ou de outro modo pela opinião pública mundial. No entanto, essa se ocupava apenas com o que acontecia em Atenas. O brilho do Jogos, realçado pela presença do rei da Sérvia, o gran duque George e o arquiduque Carlos Luis, nos fazia passar despercebida a relativa falta de atenção com a qual se acompanhava desde longe o acontecimento, quer dizer, como um fato distinto e brilhantíssimo, mas não como uma instituição cujas condições de futuro seria interessante discutir. De todos os temores que eu sentia ao avançar, esse, o de uma hostilidade e uma pressão por parte da opinião pública mundial, era o mais vivo. Decidi não fazer caso disso, e fiz muito bem.

Uma vez, concluídos os jogos, o Sr. Bikelas me devolveu a presidência do Comitê Internacional,⁴ dirigi a Sua Majestade a seguinte carta, que enviei depois a todos os jornais:

“Senhor, ao ocupar a presidência do Comitê Internacional dos Jogos Olímpicos, quero que meu primeiro ato seja de agradecimento a toda Grécia na pessoa de seu augusto soberano. Os esforços de seus filhos, a cuja testa figura o mais nobre deles, tornaram possível uma obra para cuja realização tive o atrevimento de convidar a nação grega.

Há dois anos, quando foi inaugurado o congresso de Paris, Vossa Majestade se dignou dirigir-me um telegrama de apoio. Hoje me permito lembrar-vos que meus desejos se cumpriram e que os Jogos Olímpicos foram restabelecidos. Ao presidir esse restabelecimento, Vossa Majestade não tem permitido, a meus colegas e a mim, seguir contando com sua benevolência no futuro.

Dignai-vos aceitar, Senhor, a homenagem de meu mais profundo respeito e de minha inalterável gratidão”.

Enviei uma nota de retificação ao *Times*, que havia publicado um despacho errôneo concernente à renúncia do Comitê Internacional para o prosseguimento de suas atividades. Por fim, numa longa entrevista com sua Alteza Real o príncipe herdeiro, lhe expus meus motivos para preservar os Jogos e sugeri o estabelecimento de competições pan-helênicas intercaladas entre as sucessivas Olimpíadas internacionais. O príncipe já havia tido essa ideia e sem mostrou francamente partidário a essa solução, que pareceu agradar igualmente a Sua Majestade, que me recebeu da forma mais benévola quando fui me despedir e agradece-lo por ter-me nomeado comendador da ordem do Salvador.

Ao contrário, a imprensa ateniense e uma parte do público receberam muito mal meu atrevimento. Recebi cartas injustas na quais era tratado como “ladrão que queria roubar da Grécia uma das joias históricas de sua coroa”, o que não me impediu, de volta à França, gozar em Corfú da tranquilidade de um descanso encantador sem que a sombra de nenhum remorso perturbasse minha consciência de filoheleno.

“La première Olympiade”, em: *Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908)*, Paris, 1909, p. 118-128 (cap. XIII).

4 O regulamento do Comitê Internacional, que eu mesmo propus em 1894, dava a presidência ao país no qual deveriam ser realizados os jogos. De acordo com ele, o Sr. Bikelas havia assumido a presidência de 1894 a 1896, o que devia fazer eu mesmo de 1896 a 1900; mais adiante direi como se alterou o regulamento. (Nota de Coubertin)

4.2.2/5 OS JOGOS OLÍMPICOS DE 1896

Os Jogos Olímpicos realizados recentemente em Atenas tiveram um caráter moderno, não somente por seus programas, nos quais as corridas de bicicleta substituíram às das carruagens e a esgrima a brutalidade do pugilismo, mas também porque foram internacionais e mundiais em sua origem e regulamentação, e foram consequentemente adaptados às condições nas quais se desenvolveram os esportes até os nossos dias. Os jogos antigos tinham um caráter helênico exclusivo; eram realizados sempre no mesmo lugar, e a condição necessária para ser neles admitido era ter sangue grego. Por certo, às vezes, tolerava-se a presença de estrangeiros; porém sua presença em Olímpia era mais um tributo que se pagava à superioridade da civilização grega que um direito exercido em nome da igualdade racial. Nos Jogos modernos isso é muito diferente. Sua criação é a obra de uns “bárbaros”. Deve-se ao trabalho dos delegados das associações atléticas de todos os países, reunidas num congresso em Paris em 1894. Ali ficou combinado que cada país deveria realizar os Jogos sucessivamente. O direito aos primeiros cabia à Grécia, segundo ficou decidido por unanimidade de votos: e com o fim de enfatizar a permanência da instituição, suas extensas relações e seu caráter essencialmente cosmopolita, instaurou-se um comitê internacional. Os membros europeus e americanos deviam representar as diferentes nações nas quais se tratava com dignidade as provas atléticas. A presidência desse comitê cabe ao país onde iriam se realizar os próximos jogos. Um grego, o senhor Bikelas, o presidiu durante os últimos anos. Agora é presidido por um francês, que o continuará fazendo até 1900, já que os próximos Jogos vão ser realizados em Paris durante a Exposição. Onde acontecerão os Jogos de 1904? Talvez em Nova Iorque, quem sabe em Berlim, ou em Estocolmo. A questão será resolvida logo.

Durante o transcurso dessas resoluções, aprovadas durante o congresso de Paris em 1894, foram organizados os festivais recentes. Sua realização exitosa deve-se, em grande medida, à cooperação ativa e enérgica do príncipe herdeiro, Constantino. Os atenienses desanimaram quando ficaram sabendo do que se esperava deles. Perceberam que os recursos da cidade não estavam à altura das exigências que lhe seriam colocadas; e o governo (o senhor Tricoupis era então primeiro ministro) não iria permitir ampliar as instalações. O senhor Tricoupis não acreditava no êxito dos Jogos Olímpicos. Argumentava que os atenienses não entendiam nada de esportes; que não tinham nem terrenos adequados para as competições, nem atletas próprios para coloca-los na disputa; e que, além disso, a situação econômica da Grécia não permitia ao país convidar o mundo inteiro para um acontecimento que iria exigir gastos tão elevados para seus preparativos. Estas objeções estavam justificadas; mas, por um lado, o primeiro ministro exagerou em grande medida a importância dos gastos, e, por outro lado, não era necessário que o governo tivesse que assumi-los. A Atenas moderna, que lembra em muitos aspectos a Atenas da Antiguidade, herdou o privilégio de ser embelezada e enriquecida por seus filhos. Naqueles tempos, e não mais que hoje em dia, as arcas públicas não estavam sempre bem cobertas, mas aos cidadãos abastados que haviam feito fortuna no estrangeiro gostavam de coroar sua carreira comercial com algum ato de liberdade para com sua pátria. Dotavam o terreno com edifícios esplendidos para uso público – teatros, ginásios e tem-

plos. A cidade moderna está cheia de monumentos devidos a tamanha generosidade. Era fácil obter de pessoas privadas o que o estado não podia oferecer. Os Jogos Olímpicos haviam brilhado no passado dos gregos com uma luz própria tão resplandecente, que não podiam senão abrigar em seu coração seu restabelecimento. Além disso, os benefícios morais compensariam em muito qualquer sacrifício financeiro.

O príncipe herdeiro assimilou isso desde o primeiro momento e decidiu prestar sua autoridade para a organização dos primeiros. Designou uma comissão com sede em seu próprio palácio; nomeou para secretário geral o senhor Philemon, ex-prefeito de Atenas e um homem de grande zelo e entusiasmo; e apelou à nação para que contribuísse com os fundos necessários. As subscrições começaram a chegar da Grécia, mas, especialmente, de Londres, Marselha e Constantinopla, onde há colônias gregas ricas e influentes. O principal presente chegou de Alexandria. Foi o presente que tornou possível devolver o estádio ao estado dos tempos de Heródotes Ático. Desde o início, a intenção havia sido a de disputar as competições neste lugar justamente tão célebre. No entanto, ninguém havia sonhado que seria possível restaurar o antigo esplendor dos assentos de mármore, que, segundo se dizia, podiam acomodar quarenta mil pessoas. O grande recinto havia sido usado e haviam sido colocados assentos provisórios de madeira nas ladeiras cobertas de grama que o circundavam. Graças à generosidade do senhor Averoff, agora a Grécia está mais bela com este monumento único.

Há dois anos, o estádio parecia uma ferida profunda aberta por algum gigante mitológico na encosta da colina que se eleva abruptamente junto ao Ilissos, de frente ao Licabeto e da Acrópole, num bairro afastado e pitoresco de Atenas. Tudo o que então se podia ver eram os altos taludes, situados um em frente ao outro, nos lados opostos da pista longa e estreita. No final uniam-se formando um imponente semicírculo. A grama crescia entre as pedras do pavimento. Durante séculos, os espectadores da Antiguidade haviam sentado no solo destes taludes. Então, certo dia, um exército de trabalhadores tomou posse do estádio e o cobriu com pedras e mármore. Este é o trabalho que voltou a se repetir agora. A primeira cobertura serviu de pedreira durante a dominação turca; não sobrou nem sinal dela. Com suas inúmeras filas de assentos, e os segmentos da escada que a dividem em sessões e conduzem até as filas superiores, o estádio já não parece como se tivesse sido cortado na colina. É a colina que parece ter sido colocada ali pela mão do homem com o propósito de apoiar uma enorme pilha de madeira. Somente um detalhe é moderno. Ninguém percebe de saída. A pista poeirenta é agora um caminho de carvão, preparada de acordo com as últimas regras do atletismo moderno por um especialista trazido de Londres especialmente para isso. No centro foi construída uma espécie de esplanada para exposições de ginástica. No final, em ambos os lados da curva, está representada a Antiguidade por meio de dois grandes amontoados de pedra que formam duas figuras humanas, escavadas enquanto se removia o cimento. Estes foram os únicos achados; não são de grande importância arqueológica. O trabalho no estádio está longe de terminar, e dezoito meses são completamente insuficientes para a empresa. Onde não se pôde colocar o mármore, utilizou-se apressadamente madeira pintada para essa função. Não obstante, o arguto arquiteto Metaxas tem esperança de ver restaurada toda a decoração antiga, estátuas, colunas, quadrigas de bronze e, na entrada, um majestoso propileu.

Quando isso estiver pronto, Atenas terá realmente um templo dos esportes. Porém é duvidoso se um santuário assim é o mais adequado para o culto do vigor e da beleza humana nestes tempos modernos. Os anglo-saxões, aos quais devemos o ressurgimento dos esportes, realizam suas competições encantadoramente na grama e no verde. Nada poderia ser mais diferente do estádio ateniense que Travers Island, a sede de verão do New York Athletic Club, onde são disputadas as competições. Nesse recinto verde, no qual se permite que a natureza siga seu curso, os espectadores se sentam nos declives íngremes sob as árvores, a poucos metros do Sound, que murmura contra as rochas. Encontra-se algo parecido em Paris, e em São Francisco, sob esse céu californiano que lembra o céu da Grécia, aos pés dessas montanhas que têm as silhuetas puras e os reflexos iridescentes de Himeto. Se o anfiteatro antigo era mais grandioso e mais solene, o desenho moderno é mais íntimo e mais agradável. A música que flutua sob as árvores pede um acompanhamento mais suave para os exercícios; os espectadores se movimentam confortavelmente, enquanto que na Antiguidade apinhavam-se em linhas rígidas em seus bancos de mármore, ferviam sentados ao sol ou se resfriavam à sombra.

O estádio não é o único símbolo duradouro que servirá a Atenas como recordação da inauguração das novas Olimpíadas; também o são o velódromo e um fosso de tiro. O primeiro situa-se na planície do moderno Faleiro, junto à estrada de ferro que liga Atenas ao Pireu. É uma cópia do modelo de Copenhague, onde o príncipe herdeiro da Grécia e seus irmãos tiveram a oportunidade de apreciar suas vantagens durante uma visita ao seu avô, o rei da Dinamarca. Os ciclistas, certamente, se têm queixado de que a pista não é suficientemente longa, e de que as curvas são demasiado fechadas; mas, quando estiveram satisfeitos alguma vez os ciclistas? As quadras de tênis estão situadas no centro do velódromo. O fosso de tiro tem uma bela aparência, com suas alamedas medievais parecidas às de uma casa senhorial. Os competidores ficam situados confortavelmente debaixo de arcos monumentais. Também há grandes pavilhões para os remadores, construídos em madeira, mas bem decorados, com docas e vestiários.

Enquanto o Comitê Helênico trabalhou para montar o cenário, o comitê internacional e os comitês nacionais estiveram ocupados em recrutar competidores. A tarefa não foi tão fácil como se poderia pensar. Não havia só que vencer a indiferença e a desconfiança, mas o restabelecimento dos Jogos Olímpicos havia também feito surgir certa hostilidade. Apesar do congresso de Paris ter tido o cuidado de declarar que todo tipo de exercício físico praticado no mundo devia estar incluído no programa, os ginastas se sentiram ofendidos. Queixaram-se de que não se lhes havia dado suficiente importância. A maior parte das associações de ginástica da Alemanha, França e Bélgica se orienta por um espírito rigorosamente exclusivo; não tendem a tolerar a presença daquelas formas de esporte que elas mesmas não praticam. Elas odeiam especialmente aquilo que têm designado com desdém de “esportes ingleses”. Essas associações não se satisfazem em declinar do convite que lhe foi enviado para regressar a Atenas. A federação belga escreveu às demais federações sugerindo uma postura conjunta contra o trabalho do congresso de Paris. Esses incidentes confirmaram as opiniões dos pessimistas, que haviam previsto o fracasso dos festejos, ou seu provável adiamento. Atenas está longe, a viagem é cara, e as férias da Semana Santa são curtas. Os participantes não estavam dispostos a empreender

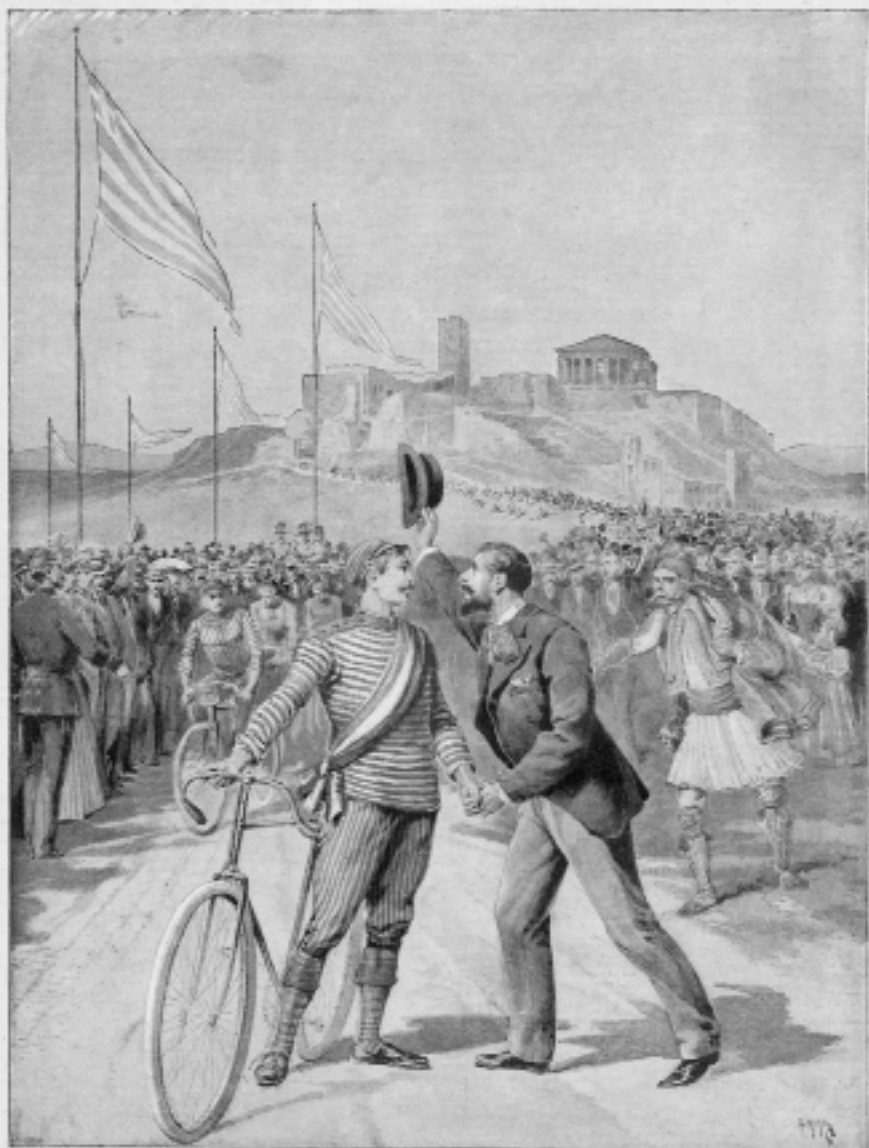
a viagem a menos que tivessem certeza de que a oportunidade valia a pena. As distintas associações não estavam dispostas a enviar seus representantes, a menos que se lhes pudesse informar sobre o nível de interesse que teriam as competições. Quase ao mesmo tempo teve lugar um desastrado acontecimento. A imprensa alemã, comentando um artigo que havia aparecido num jornal de Paris, declarou que se tratava de uma assunto exclusivamente franco-helêno; que se estava tentando excluir as outras nações; e, além disso, que as associações alemãs haviam sido afastadas intencionalmente do congresso de Paris de 1894. Demonstrou-se que a afirmação não era correta, e não foi capaz de deter os esforços do comitê alemão, sob a direção do doutor Gebhardt. Enquanto isso, o senhor Kémény na Hungria, o comandante Balck na Suécia, o general Boutowski na Rússia, o professor W. M. Sloane nos Estados Unidos, Lord Amphill na Inglaterra e o doutor Jiri Guth na Boêmia, estavam fazendo o que podiam para despertar interesse pelo acontecimento e para dissipar as dúvidas. Nem sempre tiveram êxito. Muita gente adotou uma postura sarcástica, e os periódicos ocuparam-se à vontade com o tema dos Jogos Olímpicos.

Na segunda-feira de Páscoa, 6 de abril, as ruas de Atenas apresentavam uma imagem de extraordinária animação. Todos os edifícios públicos estavam decorados com bandeiras; serpentinas multicoloridas flutuavam ao vento; coroas verdes de flores adornavam as fachadas. A duas letras “O.A.”, as iniciais em grego de Jogos Olímpicos, e as duas datas 776 a.C. e 1896, que indicavam seu passado mais remoto e seu renascimento presente, podiam ser encontradas em todas as partes. Às duas da tarde, a juventude começou a entrar no estádio para ocupar seus assentos. Era uma multidão alegre e multicolorida. As saias e jaquetas trançadas dos soldados contrastavam com as sombrias e feitas vestimentas europeias. As mulheres usavam grandes leques de papel para se proteger do sol; as sombrinhas, que teriam atrapalhado a visão, foram proibidas. O rei e a rainha chegaram de carro um pouco antes das três, seguidos pela princesa Maria, sua filha, e seu noivo, o gran duque da Rússia, George. Foram recebidos pelo príncipe herdeiro e seus irmãos, pelo senhor Delyannis, presidente do conselho de ministros, e pelos membros do Comitê Helênico e do Comitê Internacional. A rainha e a princesa lhe entregaram flores, e o cortejo fez sua entrada no semicírculo sob os acordes do hino nacional grego e dos aplausos do público. No interior, as damas da corte e os funcionários, o corpo diplomático e os deputados esperavam pelos soberanos, a quem aguardavam dois tronos de mármore. O príncipe herdeiro, que ocupou seu assento na arena orientado em direção ao rei, proferiu então um breve discurso no qual fez referência à origem da iniciativa e aos obstáculos que teve de superar para a levar a cabo. Dirigindo-se ao rei, pediu-lhe que proclamasse a inauguração dos Jogos Olímpicos, e o rei, de pé, os declarou inaugurados. Foi um momento emocionante. Mil e quinhentos anos antes, o imperador Teodósio havia suprimido os Jogos Olímpicos, pensando que, ao abolir esse odioso vestígio do paganismo, ajudava a causa do progresso; e aqui estava um monarca cristão, em meio ao aplauso de uma congregação formada quase que exclusivamente por cristãos, anunciando a anulação formal do decreto imperial, enquanto, há alguns metros de distância, se encontravam o arcebispo de Atenas e o padre Didon, o famoso pregador dominicano. No dia anterior, durante seu sermão de Páscoa na catedral católica, Didon havia pagado um eloquente tributo à Grécia pagã. Quando o rei voltou a tomar assento, um coro de cento e cinquenta vozes

cantou a ode Olímpica, composta para a ocasião pelo compositor grego Samsara. A música já se havia uma vez associado ao restabelecimento dos Jogos Olímpicos. A primeira sessão do congresso de Paris foi realizada em 16 de junho do 1894 no grande anfiteatro da Sorbonne, decorado por Puvis de Chavannes; e, depois do pronunciamento do presidente do congresso, o barão de Coubertin, o público numeroso escutou esse fragmento da música da Antiguidade, o Hino a Apolo, descoberto nas ruínas de Delfos. Mas, nessa ocasião, a conexão entre arte e esporte foi mais direta. Os Jogos começaram com os últimos acordes da ode Olímpica. Esse primeiro dia certificou indubitavelmente o êxito dos Jogos Olímpicos. Os dias seguintes confirmaram isso, apesar do mau tempo. A família real assistiu de forma assídua. Na competição de tiro, a rainha fez o primeiro disparo com um rifle decorado com flores. As competições de esgrima foram disputadas na rotunda de mármore do Palácio da Exposição, doado pelos senhores Zappas e conhecido como Zappeion. Depois, o público regressava ao estádio para as corridas a pé, o lançamento de peso e de disco, os saltos em altura, distância e com vara, e as exhibições de ginásticas. Um estudante de Princeton, Robert Garrett, obteve a melhor marca no lançamento de disco. Sua vitória foi inesperada. No dia anterior me havia perguntado se seria ridículo tomar parte numa competição para a qual se havia treinado pouco! As listas e estrelas pareciam destinadas a levar todos os louros. Quando foi hasteado o “mastro do vencedor”, os marinheiros de São Francisco, que formavam um grupo no alto do estádio, fizeram uma “ola” com seus gorros, e os membros da *Boston Athletic Association*, que se encontravam mais abaixo, gritaram com frenesi, “B.A.A., ra, ra, ra, ra!” Aqueles gritos divertiram muito os gregos, que aplaudiram o triunfo dos americanos, demonstrando que existe um sentimento caloroso de boa vontade entre essas duas nações.

Os gregos são neófitos em questão de esportes e não esperavam muitas vitórias para seu próprio país. Somente uma prova parecia ser provavelmente sua devido a sua própria natureza – a corrida de longa distância desde Maratona, um prêmio que havia sido instaurado recentemente pelo senhor Michel Bréal, um membro do Instituto Francês, em comemoração àquele soldado da Antiguidade que correu todo o trajeto até Atenas para comunicar a seus cidadãos a feliz notícia da batalha. A distância de Maratona a Atenas é de 42 quilômetros. A estrada estava em mau estado e cheia de pedras. Os gregos haviam treinado para essa corrida durante o último ano. Até nos remotos distritos da Tessália, jovens camponeses se preparavam para o concurso. Em três casos, segundo se diz, o entusiasmo e a inexperiência lhes custaram a vida. Seus esforços eram exagerados. Na medida em que ia se aproximando o grande dia, as mulheres rezaram e acenderam velas nas igrejas para que o vencedor fosse grego!

O desejo se cumpriu. Um jovem camponês da localidade de Marousi chamado Louis venceu a corrida em duas horas e cinquenta e cinco minutos. Chegou à meta sereno e em boa forma. Foi seguido por outros gregos. O excelente corredor australiano Flack, e o francês Lermusiaux, que haviam mantido a dianteira durante os primeiros 35 quilômetros, abandonaram a corrida. Quando Louis entrou no estádio, o público, que chegava a sessenta mil pessoas, se pôs de pé em uníssono, movido por uma emoção extraordinária. O rei da Sérvia, que estava presente, provavelmente não esquecerá o que viu naquele dia. Foi solto um bando de pombas brancas, as mulheres acenaram com lenços e leques, e alguns espectadores que estavam mais próxi-



JEUX OLYMPIQUES A ATHÈNES
Notre compatriote Masson, vainqueur de la course vélocipédique

Uma litografia publicada em 26 de abril de 1896 na revista francesa Le Petit Journal intitulada "Jogos Olímpicos em Atenas. Nosso compa-

triota Masson, vencedor da corrida de ciclismo". Paul Masson ganhou três medalhas de ouro na pista de ciclismo de Neo Phaleron na prova

cronometrada de 333 metros, no Sprint de dois quilômetros e na corrida de dez quilômetros. (Coleção N. Müller)

mos a Louis abandonaram seus assentos e trataram de chegar até ele para carregá-lo nas costas. Eles o teriam asfixiado se o príncipe herdeiro e o príncipe George não o tivessem levado à força. Uma senhora que estava próxima a mim, tirou o relógio, que era de ouro decorado com pérolas, e o atirou para ele; o dono de uma pousada lhe deu um vale para trezentos e sessenta e cinco refeições grátis; e um cidadão rico teve de ser dissuadido de assinar um cheque de dez mil francos. Não obstante, quando o próprio Louis ficou sabendo disso, recusou a generosa oferta. O sentido de honra, que está muito presente no camponês grego, salvou assim o espírito não profissional de um grande perigo.

Nem é preciso dizer que as diferentes competições foram disputadas com regulamento amador. Foi feita uma exceção para as provas de esgrima, já que em numerosos países há professores de esgrima militar que tem categoria de oficiais. Para eles foi organizada uma competição especial. Em todas as outras modalidades desportivas foram unicamente admitidos amadores. É impossível conceber os Jogos Olímpicos com prêmios em metal. Mas as regras, que parecem bastante simples, são mais complicadas em sua aplicação prática, devido ao fato de que a definição do que constitui o amador difere de um país para outro, às vezes, inclusive, de um clube para outro. Como podem ser conciliadas essas expressões divergentes e contraditórias? O congresso de Paris fez uma tentativa nessa direção, mas suas decisões não são aceitas em todos os lugares como legais, nem foram adotadas em todas as partes sua definição de amador como sendo a melhor. As regras e os regulamentos já não têm uniformidade. Isso ou aquilo está proibido num país e autorizado em outro. A única coisa que se pode fazer até que se formule um código Olímpico de acordo com as ideias e os costumes da maioria dos atletas é escolher entre os códigos existentes. Por isso, decidiu-se que as corridas a pé deveriam ser realizadas de acordo com as regras da *Union Française des Sports Athlétiques*; os saltos, o lançamento de peso, etc., de acordo com as da *Amateur Athletic Association of England*; as corridas de bicicleta de acordo com as da *International Cyclist's Association*, etc. Isso nos pareceu a melhor maneira de sair lentamente do problema, mas teríamos tido muitas disputas se os juízes (aos quais foi dado o nome grego de éforos) não tivessem sido dirigidos pelo príncipe George, que atuou como árbitro definitivo. Sua presença serviu para dar peso e autoridade às decisões dos éforos, que eram compostos por representantes de diferentes países. O príncipe levou a sério suas funções e as realizou de modo consequente. Ele estava sempre na pista, supervisionando pessoalmente cada detalhe, sendo uma figura fácil de reconhecer devido à sua altura e compleição atlética. Deve-se lembrar que o príncipe George, enquanto viajava para o Japão com seu primo, o filho do czar (agora imperador Nicolau II), derrubou com seu punho o rufião que tentou assassinar a esse último. O público começou a aplaudir, como teria gostado de fazer ao vencedor de uma prova.

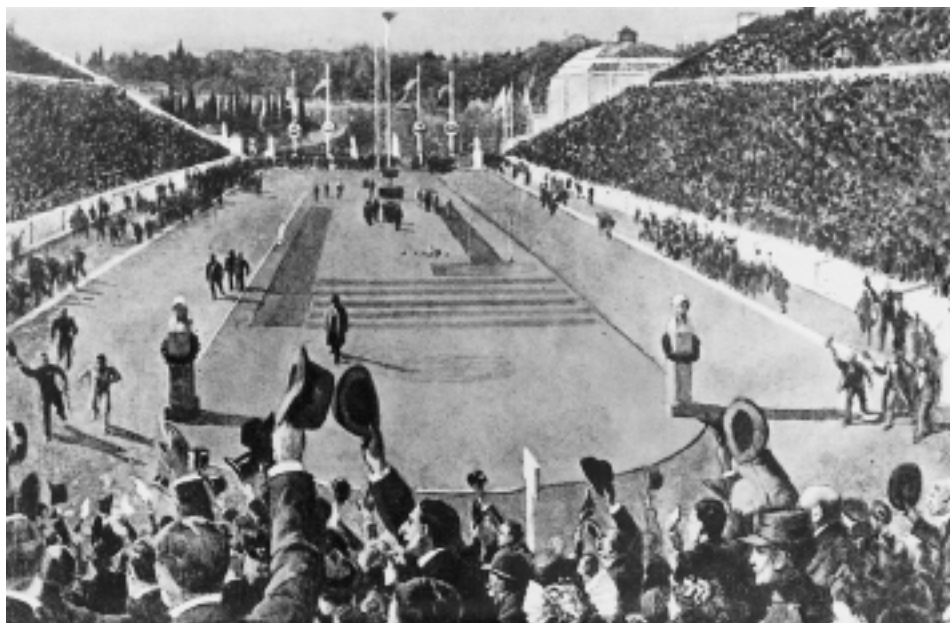
Todas as noites enquanto se realizavam os Jogos, as ruas de Atenas estavam iluminadas. Havia procissões com tochas, bandas que tocavam diferentes hinos nacionais, e os estudantes da universidade provocavam ovações sob as janelas das equipes esportivas estrangeiras e faziam discursos na nobre língua de Demóstenes. É possível que até se abusasse dessa língua. Já que os americanos não são obrigados a compreender o francês, nem os húngaros são obrigados a falar o alemão, os programas diários dos Jogos, inclusive os convites para as refeições, estavam escritos

em grego. Ao receber esses cartões, repletos com fórmulas misteriosas nas quais nem sequer a data estava clara (o calendário grego está doze dias atrasado em relação ao nosso), todos as levavam ao recepcionista do seu hotel para que fossem explicadas.

Muitos banquetes foram oferecidos. O prefeito de Atenas ofereceu um em Cephissia, um pequeno e sombreado povoado ao pé do Pentélico. O senhor Bikelas, o presidente que estava deixando o comitê internacional, ofereceu outro em Falero. O próprio rei recebeu a todos os competidores e aos membros dos comitês, trezentos convidados ao todo, para uma refeição no salão de bailes do palácio. A parte externa desse edifício, construída pelo rei Otho, é pesada e irregular; mas o centro do interior é ocupado por várias salas enormes com teto muito alto, abrindo-se umas às outras através de colunatas. A decoração é simples e imponente. As mesas estavam dispostas na maior dessas salas. Na mesa de honra sentavam-se o rei, a princesa e os ministros, e os membros dos comitês também estavam lá. Os competidores foram acomodados em outras mesas, de acordo com sua nacionalidade. Durante a sobre-mesa, o rei agradeceu e parabenizou seus hóspedes, primeiro em francês, depois em grego. Os americanos gritaram “Hurra!”, os alemães “Hoch!”, os húngaros “El-jen!”, os gregos “Zito!”, os franceses “Vive le Roi! Após o clímax, o rei e seus filhos conversaram longa e amigavelmente com os atletas. A simplicidade republicana foi uma cena realmente encantadora e um motivo de assombro especialmente para os austríacos e os russos, pouco acostumados como estão ao espetáculo da monarquia reunindo-se com a democracia ao mesmo nível.

Depois houve festejos noturnos na Acrópole, durante os quais o Partenon permaneceu iluminado com luzes coloridas, e no Pireu, onde os barcos foram adornados com lanternas japonesas. Lamentavelmente, o tempo mudou, e o dia marcado para as provas de barcos, que deviam ter sido realizadas nas docas do Falero, o mar estava tão agitado que o plano teve de ser abandonado. A entrega de prêmios também foi postergada vinte e quatro horas. Foi realizada numa grande solenidade no Estádio, durante a manhã do dia 15 de abril. O sol voltava a brilhar e cintilavam os uniformes dos oficiais.

Quando os vencedores foram chamados, ficou claro que especialmente o caráter internacional da instituição estava garantido graças aos resultados das competições. América ganhou nove prêmios exclusivamente nos esportes atléticos (corridas de 100 e 400 metros); corrida de 110 metros com obstáculos; salto em altura; salto em distância; salto com vara; salto triplo; lançamento de peso; lançamento de disco), e dois prêmios em tiro (revólver, 25 e 30 metros). Mas a França obteve os prêmios em esgrima com florete e em quatro provas de ciclismo; a Inglaterra obteve a pontuação mais alta no concurso de levantamento de peso com uma mão e no tênis individual; a Grécia ganhou a corrida da maratona, dois concursos de ginástica (argolas, escalada de corda lisa), três prêmios em tiro (carabina, 200 e 300 metros; pistola, 25 metros), um prêmio em esgrima com sabre, e uma corrida em bicicleta; a Alemanha ganhou em luta, em ginástica (barras paralelas, barra fixa, salto de cavalo) e em tênis em duplas; a Austrália, as corridas de 800 metros e 1.500 metros; a Hungria, as competições de natação de 100 e 1.200 metros; a Áustria, a competição de 500 metros de natação e a corrida de bicicleta de 12 horas; a Suíça, um prêmio em ginástica; e a Dinamarca, a competição de levantamento de peso com duas mãos. Os prêmios eram um ramo de oliveira do lugar no qual se encontrava o antigo Altis



O vencedor da maratona, Spiridion Louis, entra no estádio em Atenas, 1896. (Extraído de The

Olympic Games in 1896. Official Report. Atenas; Londres: C. Beck; H. Grevel, 1897, p. 77)

em Olímpia, um diploma desenhado por um artista grego, e uma medalha de prata talhada pelo famoso gravador francês Chaplain. De um lado da medalha pode-se ver a Acrópole, o Partenon e o Propileu; no outro, uma colossal cabeça de Zeus de Olímpia, segundo o modelo criado por Fídias. A cabeça do deus está difusa, como se fosse pela distância e pela passagem dos séculos, enquanto em primeiro plano pode-se ver a Niké que Zeus tem em suas mãos. Após a premiação, os atletas ocuparam seus postos para a tradicional volta Olímpica em torno ao Estádio. Louis, o vencedor da maratona, foi o primeiro, carregando a bandeira grega; depois, os americanos, os húngaros, os franceses, os alemães. A cerimônia foi ainda mais memorável por causa de um incidente encantador. Um dos competidores, o senhor Robertson, um estudante de Oxford, recitou uma ode que havia composto em grego antigo e no estilo pindárico em honra aos Jogos. A música os havia inaugurado, e a poesia esteve presente em seu encerramento; e assim se voltou a renovar o vínculo que no passado havia unido as musas com as proezas da força física, a mente com o corpo bem treinado. O rei anunciou que a primeira Olimpíada havia chegado ao fim e deixou o Estádio, enquanto a banda tocava o hino grego e o público aplaudia. Alguns dias depois, os convidados haviam deixado Atenas. Coroas quebradas sujavam as praças públicas; as bandeiras que haviam tremulado alegremente nas ruas, desapareceram; o sol e o vento tomaram posse solitariamente das calçadas de mármore da rua do Estádio.

Seria interessante perguntar quais serão os resultados dos Jogos Olímpicos de 1896, considerando tanto a Grécia quanto o resto do mundo. No caso da Grécia, se verá que os Jogos terão tido um duplo efeito, um atlético e outro político. Sabe-se que os gregos tinham perdido o gosto pelos esportes físicos durante os séculos de opressão. Havia menos caminhantes entre os montanhese e bons nadadores nos povoados dispersos ao longo da costa. Era uma questão de orgulho entre os jovens soldados lutar e dançar bem, mas isso devia-se ao fato de que o valor ou porte galante eram admirados por aqueles que os rodeavam. Os bailes gregos estão muito longe de serem atléticos, e as competições de luta dos camponeses não têm nenhuma das características do verdadeiro esporte. Os homens das cidades não conheciam outra diversão além de ler jornais e discutir violentamente sobre política nas mesas dos cafés. A raça grega, no entanto, está livre da indolência natural dos orientais, e ficou claro que, o hábito atlético, que se lhe oferecesse a oportunidade, voltaria facilmente a colocar raízes entre seus homens. De fato, em anos recentes haviam-se formado várias associações de ginástica em Atenas e Patras, e um clube de remo no Pireu, e o público estava mostrando um interesse crescente por suas façanhas. Era por isso um momento favorável para pronunciar as palavras “Jogos Olímpicos”. Quando ficou claro que Atenas ia cooperar para o renascimento das Olimpíadas, difundiu-se por todo o reino uma perfeita febre de atividade muscular. E isso não era nada se comparado com o que veio depois dos Jogos. Vi crianças pequenas, que tão logo haviam deixado de usar as roupas de menino, lançavam pedras grandes e saltavam obstáculos improvisados em pequenos povoados longe da capital, e não há dois garotos da rua que se encontrem pelas ruas de Atenas sem disputar corridas. Nada podia superar o entusiasmo com que foram recebidos por seus concidadãos os vencedores das competições ao regressar para suas cidades de origem. Foram recebidos pelo prefeito e pelas autoridades municipais e aplaudidos por uma multidão que carregava ramos de oliveira e louros. Em tempos passados, o vencedor entrava na cidade por uma brecha feita expressamente em suas muralhas. As cidades gregas já não estão cercadas por muralhas, mas se poderia dizer que o esporte tem aberto uma brecha no coração da nação. Todos se dão conta da influência que a prática do exercício físico poderia ter no futuro de um país, e na força de toda uma raça, se é tentado a perguntar se não é provável que a Grécia inicie uma nova era a partir de 1896. Seria realmente curioso se o esporte fosse se transformar num fator da questão oriental! Quem pode dizer se não seria a solução para essa espinhosa questão ao produzir um notável aumento do vigor dos habitantes do país? Essas são hipóteses e as circunstâncias mostram esses cálculos a longo prazo. Mas uma consequência local e imediata dos jogos poderia ser encontrada já na política interna da Grécia. Tenho falado de um papel ativo desempenhado pelo príncipe herdeiro e seus irmãos, o príncipe George e o príncipe Nicolau, nas atividades do comitê organizador. Foi a primeira vez que seu herdeiro teve oportunidade de entrar em contato com seus futuros súditos. Estes sabiam que ele era um patriota e um homem de princípios, mas não conheciam suas outras e admiráveis qualidades. O príncipe Constantino herda seus finos olhos azuis e a cor ruiva de seus ancestrais dinamarqueses, e seu estilo franco e aberto, seu equilíbrio e sua lucidez mental provêm da mesma fonte; mas a Grécia lhe tem dado entusiasmo e ardor, e esta alegre combinação de prudência e orgulho o tornam especialmente apto para governar os helenos. A autoridade, combinada com uma perfeita liberalidade, com a qual dirigiu o comitê, sua precisão com os detalhes e, mais particularmente, sua

discreta perseverança quando aqueles que estavam ao seu redor tendiam a duvidar e a perder o valor; deixam claro que seu reinado será de trabalho frutífero, o que somente pode fortalecer e enriquecer seu país. O povo grego tem agora uma ideia melhor sobre o valor de seu futuro soberano; ele o tem visto trabalhando e desenvolvendo respeito e confiança nele mesmo.

Isso quanto a Grécia. No resto do mundo, está claro que os Jogos Olímpicos, todavia não têm exercido influência; porém estou profundamente convencido de que terão. É-me permitido dizer que foi esta a razão para fundá-los? O esporte moderno necessita ser unificado e purificado. Aqueles que acompanharam o renascimento durante este século dos esportes físicos sabem que reina neles a discórdia de cabo a rabo. Cada país tem suas próprias regras; nem sequer é possível chegar a um acordo sobre quem é amador e quem não. Em todo mundo existe uma disputa perpétua, alimentada por inúmeros semanários, e inclusive diários. Com esse deplorável estado de coisas, o profissionalismo tende a crescer rapidamente. Os homens sacrificam toda sua existência a um esporte em particular, se tornam ricos praticando-o, e assim o privam de toda nobreza e destroem o justo equilíbrio do homem, ao fazer com que os músculos predominem sobre a mente. Acredito que nenhuma educação, especialmente em tempos democráticos, possa ser boa e completa sem a ajuda do esporte; mas, para cumprir seu verdadeiro papel educativo, os esportes devem basear-se num perfeito desinteresse e no sentimento de honra.

Se queremos protege-los dos males ameaçadores, temos que acabar com as disputas dos amadores, para que estejam unidos entre si e dispostos a medir sua destreza em encontros internacionais frequentes. Mas que país vai impor suas regras e costumes aos demais? Os suecos não vão se render aos alemães, nem os ingleses aos franceses. Para isso, não se pode conceber nada melhor que os Jogos Olímpicos internacionais. Cada país terá sua vez para organizá-los. Quando se reunirem a cada quatro anos nestas competições, enobrecidos pelas lembranças do passado, os atletas do mundo inteiro aprenderão a se conhecer melhor uns aos outros, a fazer concessões mútuas e a não buscar na competição outra recompensa senão a honra da vitória. Pode ser que alguém tenha o desejo de ver triunfar as cores de seu clube ou universidade num encontro nacional, mas os sentimentos são muito mais fortes quando se trata das cores de seu país! Tenho certeza de que os vencedores no Estádio de Atenas não desejavam outra recompensa quando escutaram o público aclamar a bandeira de seu país em honra à sua façanha.

Foi com essas ideias na cabeça que procurei fazer reviver os Jogos Olímpicos. Tive êxito depois de muitos esforços. Se a instituição prosperar – como estou convencido de que vai ser assim se todas as nações civilizadas ajudarem – será um fator poderoso, se bem que indireto, para assegurar a paz universal. As guerras estouram porque as nações têm mal-entendidos entre elas. Não haverá paz, até que os preconceitos que separam agora as diferentes raças tenham sido superados. Para alcançar esta meta, que melhor meio existe do que reunir periodicamente a juventude de todos os países para competições amistosas de força e agilidade muscular? Durante a Antiguidade, os Jogos Olímpicos controlavam os esportes e promoviam a paz. Não é uma ilusão buscar neles benefícios semelhantes no futuro.



Sessão dos membros do COI em Atenas, da esquerda para a direita (de pé): Willibald Gebhardt (Alemanha), Jiri Guth (Boêmia), Francis Kemény (Hungria), Viktor Balck (Suécia);

(sentados) Pierre de Coubertin (França, secretário geral), Demetrius Bikelas (Grécia, presidente), Alexis de Butovski (Rússia). (Foto: A. Meyer, Arquivos do COI)

4.2.2/6 ATAS DE ATENAS (12 DE ABRIL DE 1896)

As atas da primeira sessão do COI, realizada durante os Jogos Olímpicos de Atenas, foram assinadas por Coubertin na qualidade de secretário geral do COI, posto para o qual foi eleito no congresso de fundação de 1894. Nelas se inclui um pouco as opiniões pessoais de Coubertin, embora contenham informações importantes sobre a história do movimento Olímpico, o que resulta muito interessante. O princípio de alternar o lugar no qual se realizam os Jogos Olímpicos e as regras de atuação do COI estão reunidas nas atas da sexta sessão, que foi realizada em 12 de abril de 1896.

COMITÉ INTERNACIONAL DOS JOGOS OLÍMPICOS

SESSÃO DE ABRIL DE 1896
EM ATENAS

PROTOCOLO Das decisões adotadas pelo COMITÉ

Considerando que a resolução adotada pelo congresso de Paris referente a realização sucessiva dos Jogos Olímpicos em todas as capitais do mundo é a base da obra da qual se encarrega, o Comitê Internacional decidiu propor a votação entre seus membros a realização dos Jogos Olímpicos de 1904, de acordo com as petições que lhe foram enviadas, nas cidades de Nova Iorque, Berlim e Estocolmo. O Comitê registrou em ata a proposta feita pelo Sr. Kemény de realizar posteriormente os Jogos Olímpicos em Budapeste.

O Sr. Dr. Gebhardt fica encarregado de redigir o relatório geral dos Jogos Olímpicos de 1896.

O Comitê Internacional terá sucessivamente a sede na cidade na qual se realizem os próximos Jogos Olímpicos. O Boletim será publicado ali e, na medida do possível, em três línguas: francês, inglês e alemão. A Presidência do Comitê caberá sempre, de acordo com a decisão do congresso de Paris, ao país no qual se realizem os Jogos Olímpicos.

O Presidente do Comitê terá inteira responsabilidade para organizar a Secretaria, e poderá escolher secretários inclusive fora do Comitê, mas estes somente desempenharão suas funções durante o tempo de sua presidência.

Serão considerados demissionários os membros do Comitê Internacional que não tenham dirigido ao Presidente ao menos um relatório anual, ou tenham descuidado, sem justificativas válidas, sua assistência, ou não tenham enviado um representante aos Jogos Olímpicos. O Comitê completa-se a si mesmo e procede a renovação daqueles membros que deixem de tomar parte dele. Têm o direito a exercer um controle sobre as decisões de ordem geral tomadas pelos Comitês Nacionais e que afetem à instituição.

De sua parte, cada membro do Comitê Internacional se esforçará para contribuir, buscando anunciantes e agrupando Sociedades, com as despesas de publicação do Boletim e dos documentos do Comitê.

O Presidente poderá convocar uma conferência do Comitê Internacional quando considere possível e desejável.

Atenas, 31/12.3.1896

Presidente
D. Bikélas

Secretário Geral
Pierre de Coubertin

Comitê Internacional dos Jogos Olímpicos. Sessão de abril de 1896 em Atenas.

Protocolo das decisões adotadas pelo Comitê.

Em: *Les Jeux Olympiques. Supplément du Messenger d'Athènes*.

6-18 de abril de 1896, n. 15, p. 69.



Nesta carta ao New York Times, Coubertin protesta pela informação falsa de que todos os futuros Jogos Olímpicos iriam ser realizados na Grécia.

4.2.2/7 AO EDITOR DO THE TIMES

Senhor Diretor,

Um despacho procedente de Atenas e redigido, sem dúvida, por um entusiasta filoheleno forneceu à imprensa europeia a notícia de que os Jogos Olímpicos ficariam a seguir estabelecidos na Grécia. Não é assim. Os Jogos Olímpicos circularão pelo mundo inteiro, tal como decidiu, há dois anos, o congresso internacional reunido na Sorbonne. Os de 1900 acontecerão em Paris. Para 1904, o comitê terá de escolher entre Nova Iorque, Berlim e Estocolmo. É muito natural que o brilhante êxito que nossa empresa acaba de conseguir tenha inspirado aos helenos o desejo de monopolizá-la em proveito próprio, mas não podemos subscrever semelhante projeto. No que me diz respeito e tendo querido os Jogos de Atenas quando os próprios atenienses não acreditavam neles, e inclusive os rechaçavam, estimo que não tenha chegado o momento de renunciar a uma obra que acaba de ser inaugurada de forma tão brilhante.

Receba, Senhor Diretor, minha mais profunda consideração.

Barão Pierre de Coubertin

Presidente do Comitê Internacional
dos Jogos Olímpicos,
Paris, 31, rue de Lubeck

New York Times
30 de abril de 1896, p. 12

4.2.2/8 O CONGRESSO DE LE HAVRE

Para a próxima etapa do movimento Olímpico foi convocado o congresso de Le Havre em 1897. Este é o tema do seguinte extrato da *Campanha desportiva* de Coubertin. Nos escritos de Coubertin não encontramos nenhuma explicação sobre o trabalho desse congresso, exceto um informe nas *Memórias Olímpicas* e algumas referências genéricas. Limita-se a resumir que a discussão se havia centrado nas ideias de seu grande referencial pedagógico Thomas Arnold, mas que terminaram sem resultados palpáveis. Parece que a escassa presença estrangeira, de tão somente treze delegados frente à poderosa representação francesa, fez com que o esporte francês fosse o centro das discussões e que os participantes estrangeiros se limitaram a fornecer ao congresso um ambiente internacional. É compreensível que o sueco Balck criticasse a falta de relação das discussões com o trabalho do COI e que reprovasse que se prestasse demasiada atenção às teorias pedagógicas.¹

Mas Coubertin estava convencido de que o COI seria mais poderoso e intocável precisamente graças a essa fraqueza. Coubertin teve para isso um colaborador importante na pessoa do delegado inglês Courcy-Laffan, ao qual pouco depois nomeou para o COI e que se tornou durante décadas um dos membros mais destacado.²

Coubertin havia evitado outra vez uma discussão sobre questões de organização dos Jogos Olímpicos, já que antes, estes devem se desenvolver. Em sua opinião, o COI “não estava suficientemente pronto. Seus quadros escassos, sua carência de recursos materiais, e sobretudo seu caráter incipiente [...] me impediam tal imprudência”.³

A realização desse congresso foi decisiva, já que o movimento Olímpico foi estabilizado graças a sua atividade.

Ao congresso de Le Havre seguiram-se ao longo da história Olímpica outros congressos Olímpicos, de modo que se tratará de sua importância noutra passagem desta obra.

A ideia de organizar um congresso era a única coisa que me ocorreu. Não havia nenhum outro meio eficaz e prático de dar ao Comitê Internacional a sensação de existir e, ao mesmo tempo, a oportunidade de manifestar sua atividade no exterior. Passaram-se quatro anos antes de que os Jogos Olímpicos voltassem a ser realizados; esperar pela proximidade dessa solenidade teria sido muito imprudente. Segundo o regulamento, entrava, igualmente, nas atribuições do Comitê, “provocar ou organizar todas as manifestações e, em geral, tomar todas as medidas necessárias para orientar o atletismo moderno pelos caminhos desejáveis”. O Comitê era, pois, plenamente fiel a sua missão ao convocar um congresso.

Mas em que consistiria?... Pouco após a minha partida de Atenas, o primeiro ministro, o Sr. Delyanni, havia apresentado um projeto de lei com o objetivo de garantir o desenvolvimento do atletismo na Grécia e de regularizar a realização dos Jogos Olímpicos no estádio de Atenas. Este projeto não tinha em qualquer conta a origem de restauração dos Jogos e das condições nas quais fora produzido. No brinde ao

1 Cf. Coubertin, P. de. *Memórias Olímpicas*, Lausanne, COI, 1997, p. 54.

2 Cf. “Silhouettes dispaures: Rev. De Courcy-Laffan”, *Gazette de Lausanne*, 20 de dezembro de 1928, p. 2.

3 Coubertin, P. de. *Memórias Olímpicas*, Lausanne, COI, 1997, p. 51.

qual me havia referido mais acima, o rei George havia se dirigido aos atletas de todos os países ali reunidos sugerindo-lhes a possibilidade de que “indicassem” Atenas como o lugar adequado para realizar as próximas Olimpíadas. Era um tom muito diplomático. Por outro lado, na qualidade de presidente do Comitê heleno, o príncipe real havia permanecido, na decisiva entrevista que tive a honra de manter com ele antes da minha partida, com a ideia das Olimpíadas pan-helênicas, muito mais vantajosas para a Grécia por resultar menos dispendiosas e mais adequadas para acelerar o desenvolvimento da cultura física de seus filhos. Mas o governo heleno é fortemente constitucional, e o Sr. Delyanni não deu muita importância a tudo aquilo. Sem nem mesmo consultar o príncipe, como fiquei sabendo depois por uma carta do coronel Sapountzakis, e ainda mais, sem se dar ao trabalho de me comunicar suas intenções, ele havia se apressado em bajular o sentimento popular adotando a solução mais radical, ou seja, prescindir das conveniências e dos compromissos.

Nosso colega, o Sr. Bikelas, enviou imediatamente uma carta circular a todos os membros do Comitê Internacional solicitando a reunião de um segundo congresso que “completasse a obra do congresso de Paris” registrando a criação das Olimpíadas gregas e dando-lhes o mesmo caráter e os mesmos privilégios que as Olimpíadas internacionais. Seriam realizados no intervalo das últimas, de modo que, a seguir, haveria Jogos Olímpicos a cada dois anos. A maioria dos membros do Comitê me consultaram antes de se pronunciar. Eu não queria de nenhum modo me opor ao desejo do Sr. Bikelas, embora o considerasse prematuro. Jogos Olímpicos a cada dois anos me parecia algo indicado para o futuro, mas excessivo para o presente. De todo modo, a convocatória do congresso só me parecia admissível sob duas condições:

1º Que não colocasse em questão a obra de 1894 e, especialmente, a criação do Comitê Internacional.

2º Que fosse mais além das questões técnicas e se discutissem também assuntos teóricos e pedagógicos.

Essa dupla reserva era legítima e razoável. Desde seu início, eu havia feito muitos sacrifícios pelo Comitê Internacional e não estava disposto a deixar que se destruísse um mecanismo capaz de produzir posteriormente grandes serviços, bem como deixa-lo cair numa espécie de vassalagem em relação à organização helênica. No que dizia respeito ao congresso mesmo, era necessário dotá-lo de uma base sólida. Limitando o programa à revisão dos regulamentos Olímpicos teríamos corrido o risco de que seus trabalhos carecessem de interesse e de desembocar num completo *fiasco*. Na medida em que o horizonte político se obscurecia no Oriente, quem sabe se um ano depois a Grécia ainda seguiria falando em organizar alguns jogos o quanto antes?

Sem dúvida, eu estava muito longe de conhecer os acontecimentos que estavam por ocorrer, e não pensava que as reivindicações a Creta pudessem levar tão rapidamente à guerra. Se disse a esse respeito que os Jogos Olímpicos de 1896 contribuíram para empurrar os gregos por esse caminho extremo e que haviam permitido aos chefes do pan-helenismo reunir-se em Atenas sob o amparo do esporte, tomando ali algumas disposições preliminares. Nunca se deu crédito a esta última afirmação, e desconheço a existência de verdadeiras provas que a apoiam. Ao contrário, me parece que o movimento em favor de Creta foi algo bastante espontâneo. Mas considero fora de qualquer dúvida que o êxito dos Jogos embeveceu um pouco a opinião

pública e deu aos helenos uma confiança perigosa tantos em suas próprias forças quanto na benevolência das nações estrangeiras. Seja como for, a guerra estourou e se converteu a seguir em um semi desastre. O sentimento público na Europa foi, em geral, hostil a Grécia; os franceses, sobretudo, julgaram com severidade sua imprudente iniciativa. Aquilo era uma novidade. Desde Navarin, a França havia permanecido constantemente fiel, e eu lamentava aquela manifestação de sentimentos contrários. Juntos com alguns filohelenos e ante a convocatória da Associação de Estudantes gregos de Paris, recordei haver organizado, no início de 1897, na grande sala do hotel das sociedades ilustradas uma conferência que provocou algum tumulto ao ser perturbada pela expressão das simpatias otomanas de uma parte da assembleia, mas que, não obstante, terminou com a votação acalorada de uma ordem do dia favorável à Hélade. Meu amigo, o Sr. d'Estournelles, presidia aquela sessão junto com o Sr. Michel Bréal, que respondeu ao nosso convite escrevendo-me o seguinte: “Está realmente muito bom o que vocês fazem, pois nossos bons amigos gregos parecem se ter esquecido um pouco de tudo o que devem”. Como acabo de dizer, isto acontecia no início de 1897, e quando se deu a abertura do congresso já não havia, efetivamente, lugar para realizar os Jogos em Atenas. Nem mesmo nos teria parecido conveniente discutir sua oportunidade um dia depois de uma paz tão onerosa e na tristeza do luto nacional. Eu estava muito feliz por ter redigido o programa do congresso de modo que os acontecimentos exteriores não tivessem nenhuma repercussão nele.

Aquele programa compreendia, entre outros assuntos, o estudo de problemas higiênicos e pedagógicos referidos aos exercícios físicos: a psicologia do esporte e sua ação moral nos adolescentes, a influência do esforço em formação do caráter e o desenvolvimento da personalidade, a educação da higiene desportiva, as práticas de hidroterapia, etc. Esses assuntos foram discutidos especialmente por três oradores qualificados, o Padre Didon, Gabriel Bonvalot e o reverendo de Courcy Laffan, então headmaster do colégio de Cheltenham e delegado no congresso pela Associação de headmasters de Inglaterra. Como bem se pode supor, naquele dia o grande salão da Prefeitura de Le Havre retumbou com os aplausos entusiastas. E foi grande a surpresa ao ouvir o delegado britânico, após o discurso admirável do Padre Didon, improvisar perfeitamente no estilo um pronunciamento em francês.

Por que Le Havre? A eleição pareceu surpreender. Havia-se falado de Berlim, de Estocolmo e inclusive de Paris. É claro que ninguém me sugeriu a cidade normanda, mas tampouco ninguém formulou nenhuma objeção fundamental quando expressei claramente meu desejo a respeito. Tratava-se, definitivamente, de organizar uma manifestação carente de apoios. A partir de então, o êxito resultaria mais ou menos problemático, e a implantação apresentaria sérias dificuldades. Eu queria controlar totalmente o congresso e realiza-lo numa cidade na que estivesse seguro fazer um bom papel, qualquer fosse o número de pessoas estrangeiras que aderissem. Então estávamos sob a presidência de Félix Faure e Le Havre se havia transformado numa “cidade presidencial” porque o chefe de Estado tinha ali sua residência particular e passava nela a maior parte do verão. Ele me permitiu que o Sr. Félix Faure aceitasse imediatamente a presidência de honra do congresso.

Desde o mês de julho de 1896, uma vez deliberado, o Conselho municipal pôs a Prefeitura à disposição do Comitê internacional para que pudesse ali despachar e rea-



**Prefeitura de Le Havre,
sede do Congresso
Olimpico de 1897.
(Arquivos da cidade
de Le Havre)**

lizar as sessões do congresso. Os organizadores foram os Srs. W. Langstaff, o Dr. Robert Sorel, Maurice Taconet, Ch. Jacquemin, Henrotin e Georges Lafaurie; todos eram de Le Havre. Especialmente os três primeiros tiveram muito trabalho para encher, graças a uma subscrição, os cofres da tesouraria, da qual se ocupava o Sr. Lafaurie, e embora não fossem necessárias grandes somas, o interesse pareceu por uns momentos decair, até o ponto de que nos vimos obrigados a considerar a oportunidade de uma mudança. Seriam diferentes as coisas em outra cidade? Deixaram a decisão nas minhas mãos. Eu estava então em Luchon. Venceu a opinião favorável a dar um voto de confiança ao projeto inicial e eu telegrafei algumas linhas dizendo que era necessário de antecipar aos acontecimentos. Então, tão logo cheguei à Normandia, fiquei doente e saí da cama somente a tempo de presidir as sessões, esforço que, ademais, esteve a ponto de prejudicar seriamente minha convalescença. As sessões duraram seis dias. Não pude assistir a nenhuma das festas, de cujos detalhes teria gostado muito de me ocupar. Soube que foram um grande sucesso. A festa da ginástica, iluminada por archotes na famosa praça Gambetta, situada entre o teatro e a doca do Commerce e, especialmente, o pôr de sol nas falésias da Hève, transcorreram com tempo bom e foram muito aplaudidas. Os congressistas haviam se reunido em Rouen e haviam chegado a Le Havre de barco descendo pelo Sena. Em 30 de julho fizeram uma excursão a Etretat e em 1º de agosto assistiram às regatas de Le Havre. A sessão de abertura teve lugar em 26 de julho e o banquete de encerramento foi realizado no dia 31 no albergue Frascati. As autoridades estavam presentes. Definitivamente, graças aos cuidados e a dedicação inteligente do Sr. Langstaff, tudo transcorreu muito bem.

O presidente da República recebeu em duas etapas os membros do congresso em sua casa de campo em Costa. Primeiro apresentei-lhe os franceses, muito numerosos, e depois os delegados estrangeiros, dentre os quais somente a Rússia e a Hungria contavam com representantes oficiais encarregados da missão pelos respectivos ministros de Instrução Pública; mas havia também os suecos, americanos, ingleses, italianos e

alemães representando ou as universidades ou as grandes sociedades desportivas. As discussões foram interessantes e tiveram muita audiência. Delas participaram o reitor da Academia de Caen, bem como o subprefeito de Le Havre, o qual inclusive se uniu ao Padre Didon para apresentar uma moção que foi aceita pelo congresso.

Como já assinalai, este não abordou o assunto dos Jogos Olímpicos. As coisas ficaram como estavam. Vieram, especialmente, os pedagogos, os sanitaristas e alguns técnicos. Por outro lado, desde o momento em que os acontecimentos haviam tirado toda a atualidade do problema principal, relativo ao estabelecimento de um *modus vivendi* entre o Comitê Internacional e o Comitê heleno, não havia nenhuma razão para mudar o sistema inaugurado pelo congresso de Paris. Os resultados que eu já queria ter conseguido haviam sido plenamente alcançados. Os membros do Comitê Internacional haviam se reunido em condições favoráveis para que tivessem a sensação de ser estáveis e úteis. O chefe do Estado francês havia patrocinado suas reuniões e mostrado seu interesse por elas. O caminho se lhes abria novamente e ninguém teve dúvidas em ir adiante. A partir daquele dia, ninguém jamais pensou em abandonar e em deixar noutras mãos o prosseguimento de nossa empresa. No entanto, outra crise iria se produzir, desta vez mais demorada de superar e mais temível que a anterior.

Esse mesmo ano de 1897 deveria ter dado lugar a uma comemoração interessante da União dos Esportes atléticos. Completava-se seu décimo aniversário, porém ninguém pensou em se ocupar com isso. A União havia caído num relativo marasmo e o Sr. Janzé, tal como ocorria comigo, queria se retirar. Como não encontravam sucessores, preferiam que nossos homens, cuja presença não correspondia a realidade alguma, continuassem como figuras decorativas. Para mim foi impossível conseguir que a União festejasse seu décimo aniversário na data devida, mas consegui, ao menos, que o fizesse na primavera de 1898, uma vez que se comemorava o aniversário do Comitê para a difusão dos exercícios físicos. Isso se fez com um alegre banquete, seguido de uma representação teatral organizada pelo conde Albert de Bertier, que escreveu para a ocasião um texto extraordinariamente engenhoso que foi representado por excelentes artistas.

“Le Congrès du Havre”, em:
Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908),
Paris, 1909, p. 129-135 (cap. XIV).

4.2.2/9 O CONGRESSO OLÍMPICO DE LE HAVRE (1897)

O congresso de Le Havre permanece representado de uma forma muito diferente em suas *Memórias Olímpicas* trinta e quatro anos mais tarde. Foi a oportunidade para a apresentação do jovem COI e também da pessoa de Coubertin em sua pátria normanda. O congresso do jubileu organizado em 1997 em Le Havre pelo Comitê Internacional Pierre de Coubertin tratou da importância desse congresso para a história Olímpica e lhe concedeu um lugar de destaque dentro da mesma.¹

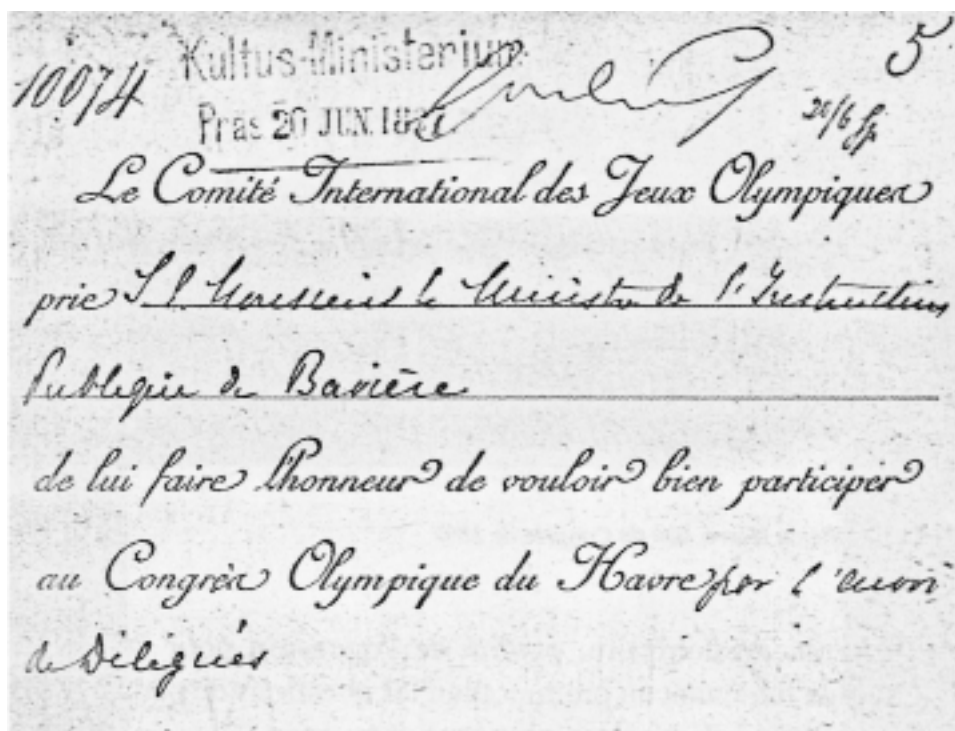
Por que Le Havre? Ninguém entendia. Que relação teria o grande porto normando com o Olimpismo?

Ao regressar de Atenas, o doutor Gebhardt havia expressado seu desejo de que se realizasse em Berlim uma das próximas assembleias do COI. Segundo ele, Bikelas, Kemény e Guth também estavam de acordo. Porém eu esperei muito para consultá-los, e antes do verão comecei as tratativas com a Prefeitura de Le Havre. Nada teria sido mais imprudente que reunir somente o COI, em plena luz, numa grande capital. Como respondeu aquela jovem – atualmente esposa de um escritor conhecido – com um gracioso beicinho ao ser perguntada se havia dançado muito naquela temporada: “Meus pais pensam que ainda não posso. Somente me apresentarão no próximo ano”, com relação ao COI me encontrava exatamente naquele mesmo estado de espírito. Na minha opinião, não estava ainda em condições de se apresentar. Seus quadros escassos, sua carência de recursos materiais, e sobretudo seu caráter incipiente, sem poder contar sequer com um complexo administrativo nem com os elementos técnicos regularmente constituídos ou reconhecidos, me impediam tal imprudência. Por outro lado, considerava mais importante que nunca preservar sua independência absoluta, sem submetê-lo a nenhuma potência protetora. Não podíamos nos arriscar a estragar a vitória de Atenas, mas tampouco devíamos exagerar suas dimensões.

Até então, eu havia residido sempre uma boa parte do ano na Normandia. Parentes, casa, interesses políticos eventuais, tudo me atraía à pequena pátria de minha família, pelo que seria fácil para mim encontrar ali muito mais apoio que em outro lugar. O Chefe de Estado francês, escolhido no ano anterior, após a inesperada demissão do presidente Casimir-Périer, era oriundo de Le Havre, e ali tinha sua residência de verão. Por tudo isso, eu estava convencido de que ele iria se interessar pelo meu assunto.

Em Atenas, por assim dizer, não havíamos mais que técnica disfarçada de história; nem congresso, nem conferências, nenhuma preocupação moral ou pedagógica aparente. Apontar para esses objetivos imediatamente após terminados os Jogos era recordar o caráter intelectual e filosófico da minha iniciativa e situar sem rodeios a missão do COI muito acima das meras agremiações desportivas. Sem considerar,

1 Ver Müller, Norbert. “The 1897 Congress of Le Havre after a Century of Olympism”, em *Coubertin and Olympism. Questions for the Future. Report of the Congress 17th to 20th September 1997 at the University of Le Havre*. Niederhausen; Strasbourg; Sidney: Schors, 1998, p. 44-53. Ver também Boulogne, Y.-P. “Pierre de Coubertin, his roots and the Congress of Le Havre 1897”, em *Coubertin and Olympism. Questions for the Future. Report of the Congress 17th to 20th September 1997 at the University of Le Havre*. Niederhausen; Strasbourg; Sidney: Schors, 1998, p. 34-43.



Este convite modelo foi
 preenchido a mão pelo
 próprio Coubertin, já

que ele não tinha secre-
 tária. Convite enviado
 ao ministro da cultura

da Baviera. (Bayeris-
 ches Hauptstaatsarchiv
 de Munique)

pois, as objeções que me eram feitas, persisti em meu projeto sobre Le Havre, assegurando-me especialmente da hospitalidade da Prefeitura e da colaboração de dois grandes amigos: o padre Didon, prior do Colégio de Arcueil, e Gabriel Bonvalot, famoso por sua travessia da Ásia Central. Naquele tempo, ambos figuravam entre os maiores oradores do momento. Elaboramos um programa flexível, que permitia tratar um pouco de todos os problema/s. Eis aqui o tal programa:

PEDAGOGIA

Psicologia dos exercícios físicos; particularidades próprias de cada um deles.

Distinção entre jogos livres e exercícios dirigidos; vantagens e inconvenientes de uns e de outros.

Ação moral dos exercícios físicos sobre a criança, sobre o adolescente; influência do esforço sobre a formação do caráter e o desenvolvimento da personalidade.

Organização dos exercícios físicos em escolas e colégios.

Podem os alunos organizar e dirigir eles mesmos os exercícios físicos?

E de que modo? Consequências da independência outorgada aos alunos. Missão da autoridade.

HIGIENE

Fisiologia dos exercícios físicos; regras próprias para cada classe de exercício. Ensino da higiene nas escolas e nos colégios; programa deste ensino. Indumentária. A hidroterapia, complemento do exercício físico; como deve ser empregada?

ESPORTE

Prêmios em espécie e definição do amador. Organização de concursos internacionais; periodicidade e condições gerais.

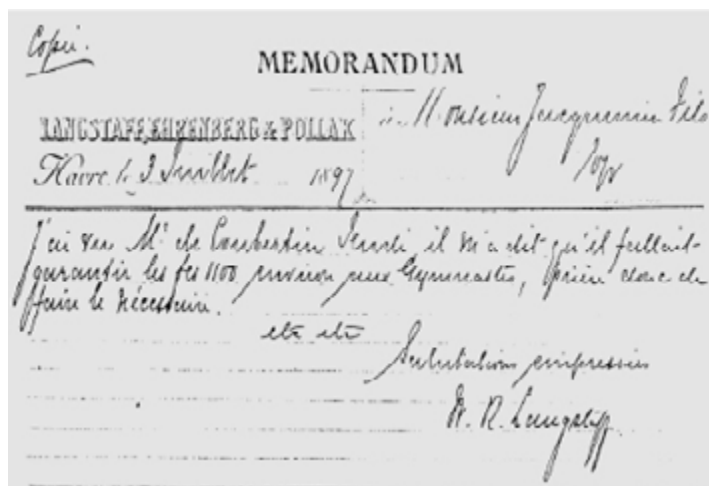
Criação de uma “União Olímpica Universal” e de um “Boletim Olímpico Universal”.

Restabelecimento e desenvolvimento dos exercícios físicos no século XIX; histórico desse movimento nos diferentes países do mundo.

A parte desportiva foi apenas esboçada, pois estava aí por mera formalidade. Se fossem incluídos, por exemplo, os projetos de uma União Olímpica Universal, e a edição de um boletim em vários idiomas foi para satisfazer ao nosso colega húngaro, F. Kemény, que queria tudo em larga escala. A participação do reitor da Academia de Caen, do prefeito do Sena, do subprefeito de Le Havre, e de um grande número de delegados estrangeiros, deu destaque ao prestígio das discussões. O Chefe do Estado recebeu durante dois dias, em sua casa de veraneio, os membros do congresso, em cuja honra foram realizados festejos muito brilhantes.

Foi exatamente no decorrer de uma das sessões públicas, enquanto no grande salão da Prefeitura o Padre Didon enchia de entusiasmo uma numerosa plateia com um de seus inflamados discursos, dos quais somente ele possuía o segredo, quando chegou em minhas mãos a carta de um delegado retardatário, o reverendo de Courcy Laffan, “headmaster” do Colégio de Cheltenham e representante da Conferência dos “headmasters” ingleses. Tendo-o saudado e convidado a sentar-se nas primeiras filas, nossos olhares cruzaram-se e se penetraram. Era um homem ainda jovem, esbelto, com feições de rara delicadeza. Em todo seu ser revelava-se um equilíbrio perfeito de inteligência, a força e a sensibilidade. Acabava de desembarcar em Southampton. Quando o Padre Didon terminou sua peça oratória, demasiado breve para o gosto do auditório, a discussão permaneceu aberta, mas ninguém se atrevia a fazer uso da palavra depois dele. Então imaginei que um breve discurso em inglês romperia o gelo, e me desculpando por minha indiscrição, solicitei ao headmaster de Cheltenham que nos dissesse algumas palavras. Então, sem se apressar, mas também sem vacilar, tão modesto quanto seguro de si, Courcy Laffan levantou-se, e num francês corretíssimo, com uma autoridade e uma facilidade de expressão completamente inesperadas, ele expôs sua tese sobre o emprego moral da força desportiva. Suas ideias coincidiam com as do Padre Didon, porém a forma era tão distinta, de uma elegância sóbria e ao mesmo tempo tão refinada, que o contraste levou o auditório a um novo diapasão de entusiasmo, transformando esta jornada num autêntico festival da eloquência francesa. Para mim não restava a menor dúvida de que caíra do céu um novo e dos mais valiosos colaboradores. Laffan, cuja ascendência céltica fundamental, herdada de seus antepassados irlandeses, lhe con-

Um raro documento por escrito de como Coubertin serviu-se de suas posses, inclusive a grande herança de seu pai, para a difusão de suas ideias reformistas, suas viagens e a organização do Movimento Olímpico. Aqui: memorando do aval de Coubertin para cobrir os custos com o festival do Congresso Olímpico de 1897. (Arquivo da cidade de Le Havre)



feria certa tendência mística, confessou-me mais tarde que, desde aquele primeiro dia, sentiu-se “chamado” a servir a causa Olímpica com todas as suas forças. Na verdade, eu devia lhe ser fiel até o fim da sua vida. E a amizade que nos uniu foi profunda e duradoura.

O congresso de Le Havre teve a Grécia como grande ausente. Na Grécia lutava-se para a emancipação cretense e as legítimas reivindicações fronteiriças, porém o destino mostrava-se hostil. Amigos e inimigos, absorvidos pelo serviço à pátria, não podiam dirigir seus olhares para a Normandia. Também aqui o helenismo, que havia penetrado a atmosfera do congresso inicial de 1894, permanecia diluído ante a influência britânica, mais próxima, e evidentemente, com mais ou menos consciência, nos apoiávamos em Arnold. Na verdade, fazia dez anos que eu tentava implantar na França as suas doutrinas, porque descobri em seus princípios uma clareza e uma força tão grandes, que me admirava da lentidão do mundo moderno em assimilá-las. Inclusive esta vez não parecia que fossem apreciados grandes progressos sobre este ponto, apesar do tríplice apoio do Padre Didon, de Laffan e de Bonvalot. No próprio seio do Comitê não estavam todos satisfeitos. Balck confessou abertamente que estávamos perdendo tempo, e que os temas tratados “nada tinham a ver com nossos trabalhos”. Em certo momento ele quis até se demitir. Foi o único e passageiro desfalecimento de sua fidelidade a toda prova. Outros pensavam, como ele, que no passo que estávamos indo, corria-se o risco de desperdiçar nossas forças. Mas eu opinava exatamente ao contrário, e que fazendo-se de camaleão – me perdoem a expressão – o COI estava cada dia mais ativo e até certo ponto mais inacessível, quer dizer, menos vulnerável a qualquer ataque. Precisamente se pressentia uma batalha muito mais temível que a precedente, de manobras mais imprecisas e de um desenlace ainda mais incerto.

Memórias Olímpicas, cap. IV, Lausanne, COI, 1997, p. 50-54.

4.2.2/10 – 4.2.2/12 INTRODUÇÃO

Os três artigos que vem a seguir se referem aos II Jogos Olímpicos realizados em Paris em 1900. Na introdução deste volume já dissemos que somente era possível qualifica-los de Jogos Olímpicos “*cum grano salis*”, por estarem perdidos entre o tumulto da Exposição Universal. Pode-se pressupor que Coubertin tinha colocado muitas esperanças na U.S.F.S.A., que gozava, no entanto, de todo seu apoio, e percebeu tarde demais que se encontrava sozinho. O excerto de sua “Campanha de vinte e um anos” faz um balanço dos problemas de organização e lança um breve olhar sobre o desenvolvimento dos Jogos.

Coubertin não estava isento de responsabilidade no desastre, pois em 1894 havia tomado parte de um Comitê de preparação das provas desportivas durante a Exposição Universal de 1900, e não lhe eram desconhecidos os resultados previsíveis.

Como mostra a bibliografia completa anexa a esta edição, o Coubertin publicitário se mostrava muito ativo em torno de 1900. Dedicava-se principalmente a vastas investigações sobre o futuro político da Europa. Em seu trigésimo quinto aniversário, este assunto o ocupava tanto que ele reduziu inclusive suas ocupações Olímpicas. Vários artigos em língua inglesa mostram seu particular interesse nessa época pela política externa. Ele queria que os Estados Unidos trabalhassem em favor da cultura e da amizade francesa.¹

Quando, em 1898, se quis designar Coubertin como candidato republicano à Assembleia Nacional pelo distrito de Le Havre, esteve diante de um conflito de política interna.²

O conjunto de artigos de fundo que escreveu em 1900 e 1903 para o periódico *L'Indépendance Belge* é também notável para a história política de seu tempo.

Em 1901 apareceu sua obra pedagógica mais completa: “Notas sobre educação pública”, que lhe valeu igualmente o respeito do estrangeiro.³

1 A esse respeito, Coubertin instituiu prêmios em certas universidades americanas e, entre 1901 e 1907, publicou a *Chronique de France*, uma revista literária e política que era enviada gratuitamente para as bibliotecas estrangeiras mais importantes e que servia para dar a conhecer a França.

2 Numa carta pública de março de 1898, ele justificava sua renúncia ao mandato que o honrava. Ver *Carta aos eleitores do distrito de Le Havre*, Le Havre, março 1898.

3 Ver a referência apresentada na introdução deste volume (em Münch, W. *Zukunftspädagogik. Berichte und Kritiken. Betrachtungen und Vorschläge*. 2ª. Ed., Berlin: Springer, 1908, p. 49-59).

4.2.2/10 PREPARATIVOS PARA A SEGUNDA OLIMPÍADA

Por terem sido incluídos na Exposição de 1889, era muito fácil encontrar uma ressonância ainda maior na Exposição de 1900. Isso foi admitido desde o princípio, e me lembro de ter falado sobre isso, praticamente um dia após o encerramento da primeira daquelas Exposições, com um dos comissários, o Sr. Georges Berger, membro do Instituto ao qual tudo parecia indicar que iria presidir os destinos da seguinte. Entretanto, preferiu-se o Sr. Alfred Picard, o qual, na falta de outros méritos mais elevados que os do Sr. Georges Berger, tinha pelo menos uma grande confiança em sua onisciência.

Em 30 de janeiro de 1894, o Sr. Alfred Picard, que acabava de assumir suas funções, recebeu o Sr. Strehley e a mim no Conselho de Estado. O eminente professor havia estampado sua assinatura juntamente com a minha num documento que remetemos ao comissário geral e cuja cópia conservei. Tratava-se de incluir uma Exposição atlética numa reprodução o mais fiel possível da Altis de Olímpia. A Exposição deveria contar com três secções: período antigo, Egito, Índia, Grécia e Roma; Idade Média: a cavalaria e os jogos populares; época moderna: a ginástica alemã e sueca, o renascimento do atletismo na Inglaterra e o atletismo nos dois mundos. A esgrima, a caça e os esportes no gelo constituíam uma secção anexa. Além da Altis, deveriam ser reproduzidas as Termas romanas e um Athletic-Club americano, o de Chicago. O projeto previa a organização, no estádio e no ginásio, de corridas, de jogos e de combates à moda antiga. Ficava claramente especificado que não haveria no recinto nenhum café, nem barracas, nem espetáculos pagos; que não se admitiria nenhuma concessão e que a Olímpia de 1900 teria um caráter claramente pedagógico. Não posso entrar aqui nos pormenores do projeto, mas estas eram suas bases. Aproveitei a oportunidade para falar com o Sr. Alfred Picard sobre o congresso internacional convocado na Sorbonne para o mês de junho desse mesmo ano de 1894 e sobre o eventual restabelecimento dos Jogos Olímpicos (modernos nessa ocasião), que seriam, presumivelmente, sua consequência. Disse-lhe que proporíamos a data de 1900 para inaugurá-los e que a primeira Olimpíada coincidiria, portanto, com a Exposição.¹

O Sr. Picard ouviu minhas explicações e as do Sr. Strehley sem emitir qualquer opinião. Disse-nos que iria “classificar” o projeto e que nos convocaria no momento oportuno, coisa que, dito entre parêntesis, não se aconteceu. Nem o Sr. Strehley nem eu voltamos a ouvir falar no assunto. O Sr. Picard fez pouco caso dos Jogos Olímpicos, pois no dia 2 de setembro seguinte (o congresso da Sorbonne havia acontecido no interlúdio e os Jogos Olímpicos haviam sido restabelecidos) e por proposta sua o Ministro do Comércio nomeou uma comissão de oitenta membros encarregados de estudar “o programa de provas relacionadas com os exercícios físicos” que poderiam ser organizadas “na região de Vincennes durante a Exposição Universal de 1900”. A fórmula não era muito feliz. A composição da comissão, presidida pelo general Baillod, o era um pouco mais. Não pude participar de seus trabalhos por

1 Já relatei em outro momento como a data do Congresso de 1894 pareceu-lhe muito distante e como consideramos mais conveniente propor a de 1896, bem como a escolha de Atenas para a inauguração da nova Olimpíada. (Esta nota de roda-pé é do próprio Cobertin).

encontrar-me na Grécia ocupado com a preparação dos Jogos de 1896 e, quando voltei a Paris, o informativo estava pronto para ser entregue. Além disso, 1896 concentrava todos os nossos esforços; no que dizia respeito a 1900 se veria mais tarde.

Terminado o congresso de Le Havre (1897), chegou o momento de pensar da IIa. Olimpíada. Mas em que ponto estavam as provas organizadas para a Exposição? Quais eram os projetos do comissário geral? Era muito importante saber. Desde um pouco mais de dois anos, a comissão sobre a qual acabo de falar não voltara a ser convocada, e ninguém falava em fazer isso. Existia o vago acordo de que haveria “exercícios físicos em Vincennes”. Então, Vincennes tinha má fama: o anexo que seria ali instalado era habitualmente chamado pelo nome de “lixreira da Exposição”; dizia-se que o comissariado geral enviava deliberadamente para este lugar todos os projetos que considerava desinteressantes ou aqueles que caberia *recusar* no último momento se as circunstâncias assim o exigissem. Por outro lado, a classificação geral da Exposição, que além disso demorou muito, havia produzido uma viva decepção nos futuros expositores desportivos. Muitos me enviaram suas queixas e me expressaram seu desejo vivo de fazer com que os objetos e aparatos desportivos estivessem sob uma classificação única. Embora convencido de que seu desejo era irrealizável, escrevi ao Ministro do Comércio, o Sr. Henry Boucher, uma carta cujos termos foram reproduzidos e aprovados por muitos periódicos. O principal parágrafo era este: “Ao público certamente surpreenderá encontrar que, no ordenamento geral, os exercícios físicos se encontrem dispersos da forma mais estranha. Com os termos: ginástica, esgrima, jogos estudantis, encerra-se humildemente a longa enumeração de objetos incluídos na classe 2 sob a epígrafe “ensino secundário”. As bicicletas aparecem junto com os carros. A classe 33, “material de navegação comercial”, incluiria tudo o que se refere à natação e ao remo. Imagino que a patinação está na cutelaria. Em todo caso, as “sociedades desportivas” são mencionadas na classe 107, da qual você teve a honra de me fazer membro e que deve ocupar-se com as “instituições para o desenvolvimento intelectual e moral dos trabalhadores”. Dessa forma, se os visitantes da Exposição querem, por exemplo, apreciar os planos do belo ginásio do Athletic-Club do Chicago, um clube para adultos, deveriam buscá-lo no material dos liceus e colégios, e se a sociedade desportiva da ilha de Puteaux ou o Clube de Polo de Paris querem expor, estarão entre as instituições trabalhadoras. Após lamentar que não se havia tentado nada desde o ponto de vista retrospectivo para evidenciar os progressos realizados no esporte, terminava perguntando ao ministro pela famosa comissão e pelas provas de Vincennes. Tal como eu pensava, a resposta do Sr. Boucher não foi em absoluto satisfatória com relação à classificação, nem deu segurança formal alguma sobre as provas. O ministro anunciava, desde logo, “uma série de provas que seriam realizadas próximas ao lago Daumesnil, no Bois de Vincennes”, mas considerava “prematura” a constituição de “comitês especiais” encarregados de organizá-las.

Após a última gestão com o Sr. Picard, que foi assumida pelo Sr. Ribot, para saber se aquele estaria disposto, quando fosse o caso, a garantir a realização dos Jogos Olímpicos no recinto da Exposição, gestão que não levou a lugar algum por parte do comissário geral, me senti inteiramente livre de escrúpulos e ofereci ao visconde de La Rochefoucauld a presidência da organização dos Jogos Olímpicos de 1900. Embora vários colaboradores não estivessem de acordo comigo, hoje penso que essa

eleição era plenamente justificada, e por isso acredito que se tivesse que começar de novo, faria tudo outra vez. Para mim, Charles de La Rochefoucauld era um amigo de infância e um colega de colégio; eu havia admirado sempre sua energia, às vezes no limite, certamente, na brutalidade, mas sua elevada posição social aliava esse inconveniente. Tinha uma grande e obstinada capacidade de perseverança, como havia demonstrado na criação do Clube de Polo de Bagatelle. “*Sportsman*” apaixonado, se interessava por todas as manifestações desportivas sem entregar-se a nenhuma daquelas “pequenas” capelas cuja influência eu temia. Além disso, ninguém podia presidir com tanta suntuosidade a Olimpíada francesa. Um baquete simples oferecido por ele alguns anos antes por ocasião de uma partida internacional de polo havia se transformado, graças ao marco no qual teve lugar, numa festa principesca. Com seu belo pátio, sua escada de mármore, suas duas salas de baile, seus amplos salões, as verdes perspectivas dos canteiros, a mansão da rua de Varennes não necessitava nenhum adorno especial para cativar os convidados. Um festival realizado ali seria um espetáculo que nenhum comissário geral de nenhuma Exposição poderia igualar. Bastaria somente acrescentar uma jornada nos jardins do palácio de Bonnetable, admirável e muito perto de Paris, com o objetivo de que as pessoas pudessem passar o dia ali, para que a IIa. Olimpíada adquirisse imediatamente uma marca particular e muito francesa. Não seria algo excitante e maravilhoso ao mesmo tempo o fato de a antiga França abrir, assim, suas moradas à juventude desportista em razão da mais democráticas das manifestações internacionais?

Charles de La Rochefoucauld aceitou completamente e de forma entusiástica minha maneira de ver as coisas, e juntos constituímos imediatamente o comitê organizador dos Jogos Olímpicos de 1900. Escolhemos um secretário geral que não foi ninguém menos que Robert Fournier-Sarlovèze, hoje prefeito de Compiègne, então brilhante oficial de cavalaria que logo apresentou sua demissão e “sportsman” convencido. Homem enérgico como La Rochefoucauld, Fournier-Sarlovèze tinha além disso uma mente capaz para o cálculo e gozava de sentido administrativo; estaria atento a tudo e faria com que a gente se pusesse em marcha. Ambos se completavam maravilhosamente. Os “comissários desportivos” foram escolhidos tendo em conta sua competência e sua independência. Foram os Srs. Hébrard de Villeneuve e o conde Potocki para a esgrima, o conde Guébriant e P. de Boulogne para a vela, os Srs. Dubonnet e E. Caillot para o remo, G. Strehly para a ginástica, Georges Bourdon para o atletismo, Pierre Giffard para a natação, o barão Jean de Ballet para o tênis sobre a grama, Bruneau de Laborie para o boxe, o barão Lejeune para o polo, O’Connor e Ch. Richefeu para o *Jeu de Paume* em espaço fechado e aberto, o conde Jacques de Pourtalès para o golfe, o conde Bertier para o tiro ao arco, o conde F. de Maillé para o ciclismo. Posteriormente havia outros comissários e deviam também ser nomeados comissários adjuntos. O comitê compreendia, além disso, os Srs. Conde Philippe d’Alsace, Baugrand, Boussod, o duque de Brissac, Cambefort, o barão de Carayon La Tour, o conde Chandon de Briailles, o marquês de Chasseloup-Laubat, Dupuytrem, o conde d’Esterno, o barão André de Fleury, Alfred Gallard, Gordon Bennett, Jusserand, o conde de Lorge, Frédéric Mayet e André Toutain. A maioria das vezes deixei La Rochefoucauld totalmente livre para escolher e, em geral, não pude senão aprovar suas decisões. Penso que era impossível constituir um comitê de pessoas que fossem ao mesmo tempo tão apaixonadas pelos esportes, tão imbuídas pelo espírito desportivos e tão desinteressadas.

A reunião inaugural aconteceu em 29 de maio de 1898 no Hotel La Rochefoucauld, no qual estava a sede do Comitê. O programa que apresentamos foi aprovado e comunicado imediatamente à imprensa. No dia seguinte recebi uma carta de Henri Desgrange, que se apressava em “colocar a nossa disposição seu velódromo” do Parque dos Príncipes. “Tenho, dizia, um gramado de 26.000 metros quadrados, uma pista de 666 metros, e tudo o que é necessário para disputar corridas a pé, jogar tênis, praticar ciclismo, etc. Somente não posso lhes dar é o Sena”. Ao mesmo tempo, o Sr. Pierre Laffitte nos oferecia seu periódico *La Vie au grand air* como órgão oficial, e o Sr. Pierre Giffard nos agradecia efusivamente por ter confiado ao *Vélo* que dirigisse a organização das provas de natação. Do estrangeiro afluíram promessas de colaboração. Os Amateurs Athletic Associations da Inglaterra, da Irlanda e da Escócia, a Danks Idraets Forbund, e a universidade da Filadélfia foram os primeiros a aderir. Por outro lado, havia-se reunido um comitê russo formado pelo general de Boutowsky, membro do Comitê Internacional, e pelo Sr. Lebedeff, delegado no congresso de Le Havre. Por fim, o “*powerful team*”, para o qual toda Ásia Meridional queria estar representada na Europa naquele ano, havia recebido no último momento a ordem de não atrapalhar; sua visita foi adiada em dezoito meses para que pudesse coincidir com os Jogos Olímpicos do país. Nosso delegado australiano, o Sr. Cuff, me informou disso no dia dezoito de setembro.

Ainda não falei sobre qual era o programa dos Jogos. No que se refere aos esportes atléticos contava com as clássicas corridas de 100, 400, 800 e 1.500 metros e 110 metros com obstáculos, os diversos saltos e lançamentos e uma prova geral curiosamente batizada com o nome de pentatlo, embora fosse composta por quatro provas. Na ginástica: exercícios de corda, em barra fixa, argolas, barras paralelas, salto no cavalo e pesos. Em esgrima, florete, sabre e espada para amadores e (excepcionalmente, no caso da Suécia) para professores; boxe inglês e francês, varas, bastão, luta suíça e romana. Como esportes náuticos, provas de vela em rios para iates de menos de cinco toneladas e no mar para iates de vinte toneladas; provas de remo de um, dois, quatro e oito remadores; provas de natação de 100, 500 e 1.000 metros, junto com provas de salto, salvamento e polo aquático; no ciclismo, uma corrida de velocidade de 2.000 metros, outra em distância de 100 quilômetros rasos e outra de revezamento de 3.000 metros em pista. Os “eventos ciclísticos” eram os escolhidos, a meu pedido, a União Ciclística da França para Atenas em 1896; a parte relativa à ginástica era obra do Sr. Strehly.

Como implementar este programa? O plano era muito simples. As circunstâncias nos obrigavam a dar à segunda Olimpíada um tratamento muito diferente daquele dado à primeira. Era absolutamente necessário *dispersar* as provas, e isso tanto no que se referia aos lugares quanto às datas. Era inútil esforçar-se em agrupar desportos e datas numa “quinzena Olímpica” cujo esplendor permaneceria sempre embaçado pela proximidade da Exposição. Não havíamos pensado nem de longe no quanto irritante resultaria a data de 1900 justamente desde este ponto de vista. Mas isso tudo tinha, pelo menos, um lado bom; a “dispersão” fazia com que a organização fosse muito menos onerosa e mais fácil. As provas de vela seriam realizadas em Le Havre e em Meulan, ocupando-se delas a União de iates franceses e o Círculo de vela de Paris; também no Sena, as provas de remo; o *Vélo* ocupava-se com a natação. A ilha de Puteaux permanecia com o tênis sobre a grama; o golfe e o tiro com

arco iriam para Compiègne; as provas com bola em Luxemburgo, e o polo em Bagatelle. Confiava-se à Sociedade de Fomento da Esgrima os campeonatos de espada, de sabre e de florete; para o ciclismo serviria muito bem o velódromo do Parque dos Príncipes, sem falar do de Buffalo, que também estava à disposição. Vários colegas nossos, encantados com a proposta de Henri Desgrange, pensaram em concentrar em seu terreno outras provas, como, por exemplo, num ato de agradecimento pelo qual devia ser particularmente recompensado, havia reservado os primeiros para o Racing-Club, e segundo para o Stade francês, clubes fundadores da União de Esportes atléticos, clubes decanos, como eram chamados. Posto que haviam sido os primeiros em trabalhar, agora também era justo que se lhes reconhecesse seu mérito.

Qual era o plano financeiro?... Também muito simples. Eu me encarregava, como havia feito até agora, de toda a publicidade, o envio de telegramas, a correspondência, etc. Ao nos dirigirmos a cada uma das sociedades cujo apoio solicitávamos, lhes dizíamos o seguinte: “Vocês organizam anualmente um grande evento desportivo. Para 1900, vocês querem simplesmente dar a esse evento um caráter internacional e torna-lo mais solene que de costume? Nós assumimos, em troca, os prêmios, o que consequentemente traz uma boa economia para vocês”. A questão dos prêmios, por sua vez, era solucionada da seguinte forma: havia-se pedido e obtido o apoio desinteressado de três dos mais ilustres artistas franceses. Um deles nos iria gravar uma estatueta, o segundo uma medalha e o terceiro um diploma. Moldes e pranchas deveriam ser destruídos quando se tivesse o número necessário de exemplares. Graças a esses acordos, um total de alguns mil francos bastava para cobrir os custos da IIa Olimpíada, e já tínhamos praticamente assegurado o dobro desta soma. Como já disse, não deveria haver festas no sentido habitual do termo. A verdadeira festa estaria, em cada tarde, no espetáculo da Exposição. Teria sido um absurdo querer competir com algo que contava com tal atração. As recepções oferecidas por Charles de La Rouchefoucauld nos encantadores cenários que dispunha seriam as únicas festas procedentes da organização Olímpica.

Havia-se pensado em quase todas as sociedades interessadas, e estas haviam acolhido com simpatia nossas propostas; no entanto, o problema apareceu onde menos se esperava. Já se havia dado um singular sinal de alarme procedente da América. Alguns dos “leaders” da Amateur Athletic Union haviam arquitetado fazer algo com os Jogos. Um deles, sobretudo, havia implementado, com o auxílio do comissário americano da Exposição, o projeto de um gigantesco clube que queria erguer naquele recinto, e que queria também que estivesse cercado por campos esportivos nos quais seriam organizadas as diversas provas controladas pela já mencionada Amateur Athletic Union. Apesar do apoio quase oficial de seu governo, o engenhoso promotor teve de bater em retirada. Por outro lado, estava desautorizado por alguns dos seus compatriotas, e Caspar Whitney, então membro do Comitê Internacional pelos Estados Unidos e cujas opiniões desportivas tinham muito peso, me escreveu em 29 de junho de 1898 dizendo que desconfiava do personagem; pouco depois, me assinalava: “sobretudo, não tenha você nada a ver com a Amateur Athletic Union e suas hostes; esta federação não fez nada pelo bem do esporte, e seus dirigentes só pensam em sua promoção pessoal; são uma espécie de políticos, etc.” Sua indignação ao me escrever era crescente. Durante algum tempo havia a ideia de organizar em Paris a Exposição com a participação somente dos americanos, sob o pretexto

“de mostrar aos franceses como há que se treinar para vencer nos esportes”; mas essa ideia logo desapareceu por si mesma.

Então, surgiu o verdadeiro obstáculo, atribuído com muita habilidade à União de Esportes Atléticos. Alguns charlatães empedernidos dirigiram-se aos comitês do *Racing-Club* e do *Stade français* incentivando-os para que não aceitassem nossas propostas. Eu havia observado desde o início certas reservas cujas causas não adivinhava. Essas se esclareceram e ganharam precisão com o voto de uma bela ordem do dia que o conselho da União tornou pública numa tarde de novembro de 1898 e pela qual declarava que dava antecipadamente seu apoio exclusivo a qualquer organização empreendida em 1900 pela cidade de Paris ou pelo Estado.

Por que *exclusivo*? Naquele momento, a U.S.F.S.A., que desejava obter uma subvenção do poder público, queria livrar-se com um golpe de efeito “dos condes e marqueses” dos que, segundo parecia, estava repleta. Isso me foi escrito no dia seguinte àquela memorável sessão por um dos seus membros, e acrescentou estas palavras sugestivas e maldosas: “Sua inferioridade está baseada no fato de que você não tem nenhuma fita para entregar”. O mais engraçado era que eu seguia, apesar de tudo, figurando há dois anos nas listas da U.S.F.S.A. como secretário geral. Depois disso, declarei que já era suficiente, e o Sr. de Janzé me lembrou que “não considerava nenhuma honra ser presidente da União e que somente havia aceito devido ao meu pedido insistente”, e também decidiu pedir demissão.

Por ser unicamente uma manobra, a ordem do dia votada pela União não tinha, por si mesma, nenhuma importância. Na carta citada acima, o Sr. de Janzé a declarava impossível de aplicar. Havia se apoiado numa hostilidade contra a Exposição que não existia. Quando organizamos os Jogos Olímpicos de 1900, algo a que tínhamos pleno direito, estávamos totalmente decididos a não colocar no estrangeiro nenhum obstáculo às iniciativas oficiais no caso de produzir-se posteriormente, eventualidade que, além disso, resultava cada vez mais incerta. Mas para este incidente também concorreu a agitação produzida por muitas e pequenas ambições pessoais decepcionadas, de muitos e pequenos ciúmes raivosos. Vários instigadores trataram de exagerar a importância do assunto. Começou então uma conspiração que acabou por atingir o Comitê organizador dos Jogos. Charles de La Rochefoucauld teve medo, e num momento em que perdeu a cabeça, coisa que lamentou depois, pediu demissão nos primeiros meses de 1899. Eu, de minha parte, desanimei com o que acabava de ocorrer. Além disso, apelando para o “patriotismo”, me molestavam para que o atletismo francês pudesse se apresentar em 1900 “unido e sem fissuras”. Cedi e me equivoquei.

Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908),
Paris, 1909, p. 136-145 (cap. XV).

4.2.2/11 A REUNIÃO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS (PARIS 1900)

Os Jogos Olímpicos da Antiguidade reuniam o mundo grego a cada quatro anos no belo vale de Olímpia para contemplar um espetáculo, cuja uniformidade parece haver constituído um encanto adicional aos olhos dos espectadores.

Desde o começo, sabiam quase com exatidão ao que iam assistir, e estavam encantados em saber disso. Nesse sentido, a tendência do mundo moderno é completamente diferente: nossos contemporâneos desfrutam com a variedade e a novidade por dois motivos – primeiro, porque a facilidade e a rapidez de nossos meios de transporte têm intensificado sua curiosidade; e, segundo, porque, como a duração de sua existência não se tem prolongado em proporção ao número de objetivos que exigem sua atenção, não dispõem de tempo para ver duas vezes o mesmo.

Quando há quase dez anos concebi o plano de ressuscitar os Jogos Olímpicos em versão moderna, foi necessário que eu observasse e considerasse esta tendência. Hoje, como no passado, os Jogos Olímpicos respondem a uma tendência natural e salutar da humanidade em todas as épocas e em todos os países. Se os homens jovens estão ativos e gozam de boa saúde, sentirão paixão pelos jogos e competições masculinas em que mostram sua força e agilidade, e incitados pelo instinto de emulação, desejarão competir em nome de seu país contra jovens de outros países. Porém, no que diz respeito à preparação desses festivais periódicos, a situação mudou, e o único meio para assegurar seu êxito e para apresentá-los do modo mais esplêndido e brilhante possível consiste em dar-lhes uma grande variedade de aspecto.

Esta é a razão pela qual o congresso internacional, que se reuniu em Paris em junho de 1894, decidiu, a meu pedido, que cada uma das novas Olimpíadas deveria ser realizada em uma cidade diferente do mundo, e Atenas foi escolhida para cenário da primeira reunião Olímpica em 1896, como Paris seria a segunda, quatro anos depois. Pessoalmente não posso reprimir um forte desejo de que os terceiros Jogos Olímpicos, os de 1904, devam ser realizados em Nova Iorque. Ao escolher Nova Iorque ficará claramente demonstrado o caráter com toda evidência o caráter cosmopolita da minha empresa.

No que concerne à variedade, tenho um bom motivo para me alegrar, porque nada se assemelhará mais aos festivais de Atenas de 1896 que os de Paris de 1900. Não fomos levados a cometer o erro de construir um estádio de placa de reboco para reproduzir o de Péricles, com a colina de Montmartre ao fundo para substituir a Acrópole sobre sua rocha. Isso teria sido ridículo e insignificante. Começamos considerando, com razão, que não havia necessidade de nos preocuparmos com a preparação de diversões e festividades especiais, porque a própria Exposição tinha por pressuposto um festival permanente cheio de atrações, e por isso o comitê organizador somente teria que se ocupar da parte técnica do esporte em questão. Parece que este ponto ficou em segundo plano em Atenas, porque o comitê também se ocupou com os interesses dos espectadores, e teve que tomar medidas para sua diversão, para a decoração das sedes e monumentos, e para a preparação de atrações de todo tipo, com o objetivo de conseguir e manter o maior número possível de espectadores. Essa mesma ansiedade não existe agora, e os interesses dos atletas predominam sobre quaisquer outros.

A organização Olímpica fundada pelo congresso de 1894 é muito simples. Consiste num Comitê Internacional, do qual tenho a honra de ser presidente, que conta com cerca de vinte membros pertencentes às principais nacionalidades da Europa e América. Entre eles figuram, por exemplo, o príncipe Sergio Beliosselsky pela Rússia, Lord Amptill pela Inglaterra, o conde Brunetta d'Usseaux pela Itália, o comandante Balck pela Suécia, o barão de Tullí pela Holanda, o professor William M. Sloane, da Universidade de Columbia, pelos Estados Unidos, etc. Toda atividade do Comitê Internacional consiste em proporcionar a realização dos Jogos e em decidir em que país devem acontecer. Feito isso, o Comitê Internacional deixa os preparativos imediatos dos Jogos ao subcomitê criado para tal fim, contentando-se em apoiar este subcomitê também no estrangeiro com todas as suas influências. O comitê que organizou os Jogos Olímpicos de Atenas em 1896 não foi nomeado pelo governo, mas pelo príncipe herdeiro, que o presidiu. O de 1900 foi criado pelo governo francês, e permaneceu sob a direção de um delegado geral, M. Merillon, um antigo deputado, agora magistrado, um homem altamente distinto, agradável e competente. Pode ser que meus leitores se interessem por uma exposição sobre os planos para a preparação das diversas competições.

Há dez seções. A primeira inclui os esportes atléticos e os jogos; a segunda, a ginástica; a terceira, a esgrima; a quarta, o tiro; a quinta, os esportes equestres; a sexta, o ciclismo; a sétima, as corridas motorizadas; a oitava, os esportes aquáticos; a nona, os exercícios dos bombeiros; a décima, as competições com balão. A essa classificação se poderia objetar que não inclui nem alpinismo nem patinação; que, por outro lado, os exercícios dos bombeiros não são um esporte, e que os balões e a arte de dirigi-los ainda estão em sua infância. Mas é impossível obter uma classificação sem erros, ou conseguir que todos os esportes, sem exceção, devam ser vistos na mesma reunião. Se, como se tem sugerido, a Suécia vai organizar algum dia os Jogos Olímpicos de inverno entre a neve e o gelo, incluirá tobogganing (trenós), raquetes de neve e esquis, mas se verão obrigados a excluir críquete, futebol, corridas a pé. É um paradoxo divertido considerar que, para levar a cabo completamente os Jogos Olímpicos, se teria de ir a St. Moritz em Engadin na Suíça, onde o sol e a neve são abundantes todo o inverno de forma que os homens patinam em sapatilhas de flanela e as mulheres abrem suas sombrinhas quando passeiam de trenó. Ali realmente se poderia, caso necessário, combinar os esportes de verão com os esportes de inverno.

A questão da primavera em Paris e as restrições impostas pelo lugar e pelo clima não devem ser esquecidos. Por outro lado, o programa atual é suficientemente completo para oferecer competições de máximo interesse. Assim, a primeira seção inclui esportes atléticos, corridas, saltos, etc., e jogos. As distâncias das corridas são as dos campeonatos franceses, nos quais os melhores corredores ingleses têm participado em várias ocasiões durante os últimos dez anos. Isso quer dizer que as distâncias são quase as mesmas. Se as 100 jardas se converteram em 100 metros, e “a milha” de 1.500 (em lugar dos 1.609, o equivalente exato da milha), a corrida com obstáculos equivale exatamente à distância inglesa; os obstáculos têm a mesma altura e estão colocadas da mesma maneira. Quanto às competições de corrida, os saltos em distância e em altura, o salto com vara e o lançamento de peso, são disputadas da mesma maneira. Os jogos



O programa oficial do campeonato de atletismo realizado em Paris em 1900 não menciona que, na verdade, estes foram os Jogos Olímpicos. Não obstante,

Coubertin não somente é mencionado como presidente deste acontecimento, mas também como presidente do COI. (Arquivos da cidade de Paris)

considerados internacionais são o futebol (rugby e associados), hockey, críquete, tênis, croquete, e golfe; também haverá balões. Todas essas especialidades são jogadas na França. Há outros, como o beisebol, lacrosse, etc., dos quais unicamente se poderá oferecer exhibições, já que não são jogados na França. Por exemplo, se os americanos que residem em Paris conseguem formar uma equipe de beisebol para jogar contra outra equipe da América, esse encontro receberá o patrocínio e o apoio do Comitê da Exposição, que poderia outorgar um prêmio; mas terá que conservar necessariamente um caráter americano, ou seja, puramente nacional.

A ginástica só está aberta a atletas estrangeiros individuais. As sociedades de ginásticas não serão convidadas para competir em grupos, mas enviarão seus melhores ginastas para participar do campeonato internacional, que será individual. Diversos festivais de ginástica reservados para as sociedades francesas somente serão realizados durante a Exposição. Esta é uma decisão prudente; ao se aderir a ela, não se fez nenhuma tentativa de excluir certas nações enquanto se admite outras, mas a intenção foi a de evitar problemas e disputas. As sociedades de ginástica, sejam de qual país forem, sempre se comportam de uma maneira mais ou menos marcial;

marcham em ordem militar, precedidas por sua bandeira nacional. Após as circunstâncias agitadas dos últimos anos, seria uma questão delicada reunir as bandeiras de adversários recentes no campo da competição desportiva.

A esgrima inclui, sem dúvida, combates com floretes, com sabres e com espadas. Pode-se prever uma boa competição, na qual as escolas francesas e italiana se enfrentarão e estabelecerão seus respectivos méritos de forma sensacional. O boxe estará dividido, claro, em boxe inglês e francês. É impossível combinar os dois métodos, o que ficou suficiente demonstrado pelo recente combate disputado em Paris entre Charlemont, nosso melhor campeão francês de boxe, e Driscoll, um boxeador inglês de segunda classe. Não há dúvida que a competição apresentará alguma dificuldade com relação às regras que terão de ser observadas, já que estas ainda não estão definidas com toda clareza desejável.

Em seguida vem os esportes equestres e aquáticos, por exemplo as competições de polo, remo, vela e natação. Tem havido algum debate acerca de ter uma competição equestre no verdadeiro sentido da palavra, porém as dificuldades para transportar cavalos valiosos, especialmente durante o tempo da Exposição, são tão grandes que a ideia foi abandonada. Haverá tiro ao alvo, tiro ao pombo, tiro com arco, e tiro com besta e com armas de fogo. Haverá uma semana inteira de corridas em pista, precedida de uma sensacional corrida de ciclistas de vinte e quatro horas. Finalmente, as seções sétima, nona e décima incluirão corridas de veículos motorizados, competições de pioneiros e bombeiros, corridas de balão e provas com pombos-correio. Tudo isso é realmente muito interessante; mas não é esporte puro, e por esse motivo, deixarei de tratar disso neste artigo.

II

A julgar pelo número de cartas que tenho recebido desde há muitos meses, parece que os atletas americanos estão querendo participar em grande número dos Jogos Olímpicos às margens do Sena, e como a *North American Review* me dá a oportunidade de compartilhar as informações, gostaria de aproveitar para responder, na medida do possível, a todas as perguntas que me foram feitas. Estas perguntas são, em geral, as seguintes: Em que consistirão as competições? Quem as organizará? Quando e onde acontecerão? Estarão reservadas para amadores? Quanto à primeira pergunta, já dei uma explicação. Sobre a segunda, somente resta acrescentar uma palavra, a iniciativa de organizar as competições de 1900 tem sido atribuída a pessoas e sociedades mais competentes. Durante um tempo, os organizadores da Exposição pareciam ter interesse pelo esporte. Consequentemente, formou-se um comitê privado com o propósito de organizar os Jogos Olímpicos, pois a Exposição parecia estar a ponto de renunciar a eles. Na primavera passada, ou talvez mais tarde, essa posição foi reconsiderada e se decidiu que as competições desportivas deveriam ser, de uma ou de outra forma, parte da Exposição.

Mas os diretores, por não ter a competência necessária, apelaram para as sociedades. Esta chamada ficou sem resposta, e com unanimidade impressionante foram feitas ofertas para ajudar o Comitê Organizador Oficial presidido por M. Merillon. Desse modo, o Clube de Polo de Paris chegou a preparar as partidas de polo; a

Sociedade de Fomento da Esgrima, da qual M. de Villeneuve é seu leal diretor, recebeu poderes para organizar os concursos de esgrima; os esportes atléticos foram entregues aos cuidados da União Atlética Francesa, que não é só a mais importante da França, mas que também está conectada por contrato com a famosa Associação Atlética de Amadores da Inglaterra. O tênis é dirigido pela Sociedade de l'Ile de Puteaux, fundada por M. de Janzé. Isso basta para mostrar que, em todos os ramos do esporte, teve-se o cuidado de recrutar ajuda competente, e este certamente não é um detalhe insignificante. Em quantas circunstâncias têm falhado essas mesmas competições atléticas por falta de competência daqueles que as organizam?

A pedido dos meus amigos americanos, insisti que o atletismo deveria ser realizado em meados de julho. Dessa forma, os atletas das universidades americanas, ao chegar a Europa, poderão participar dos campeonatos ingleses, que se realizam no primeiro sábado de julho, e então viajar ao continente para participar nos de Paris. O campeonato de ginástica também será realizado em julho. Para a esgrima, o período escolhido é entre 15 de maio e 15 de junho. As partidas de polo acontecerão sucessivamente entre 1 e 20 de junho. O ciclismo terá lugar em setembro, em torno do dia 8; as competições de remo em junho, a natação em julho. Em geral, as competições, com exceção do futebol, que é um jogo de inverno, serão realizadas entre 15 de maio e 15 de setembro. Este é, sem dúvida, um período muito longo; teria sido melhor que tudo tivesse acontecido durante o período de seis semanas, mas o comissário geral da Exposição insistiu que se prolongasse a duração o quanto fosse possível, e se atendeu ao seu desejo.

Do mesmo modo que as competições não acontecerão todas ao mesmo tempo, nem todas serão realizadas no mesmo lugar. Vincennes foi escolhido inicialmente como o lugar capaz de unir a todas; mas, ainda que possua um bosque capaz quase de rivalizar com o de Boulogne situado em outra parte de Paris, justo no outro extremo, Vincennes não oferece as condições indispensáveis para certos esportes. Está perfeitamente adaptado para o atletismo, a ginástica, o ciclismo e o tênis; uma pista de ciclismo de dimensões excelentes já está sendo construída; haverá pistas para as corridas a pé e boas quadras de tênis. Mas falta espaço para o golfe, o tiro e o polo; quanto aos lagos, não há dúvida quanto a poder disputar neles as competições de remo, muito menos as de vela. Por isso, está praticamente decidido que o tiro terá lugar em Satory, próximo a Versalhes, no terreno onde realizam ordinariamente seus exercícios as tropas estacionadas em Paris; que as partidas de polo acontecerão no campo do Clube de Polo no bosque de Boulogne; que as competições de remo terão lugar em Courbevoie, e as competições de vela em Meulan, dois belos lugares nos arredores de Paris, onde o Sena é largo e reto. Quanto às provas de golfe, para encontrar bons campos, terá de se ir a Compiègne, a uma hora de trem de Paris. A Sociedade Desportiva de Compiègne tem feito campos que podem satisfazer os desejos dos jogadores mais exigentes.

A questão mais importante, a do amadorismo, segue pendente. Porque em diferentes países não existe a mesma definição para amador, pode-se imaginar as dificuldades que surgem quando se propõe incluir representantes de todas as nações na mesma competição. Com relação a isso, as condições não são as mesmas para todos os tipos de esporte. Os cavalheiros que praticam tiro ao pombo ou que participam de uma corrida de iates buscam obter prêmios em dinheiro e não são desclassifica-

dos por isso. Na esgrima não há profissionais no sentido estrito da palavra, mas, por outro lado, os professores se enfrentam com amadores; e só recentemente se tem demonstrado que em todas as competições ambos participam em igual número, e nunca se tem dado prêmios de nenhum tipo, pois somente lutam pela honra. Pessoalmente, convencido como estou de que o amadorismo é uma das primeiras condições para o progresso e a prosperidade do esporte, nunca deixei de trabalhar por ele; e quando, em 1894, propus reviver os Jogos Olímpicos, foi com o propósito de que estariam sempre reservados unicamente a amadores. Desta vez, no entanto, prevaleceu uma ideia ligeiramente diferente. Decidiu-se que, se era necessário reservar a primeira categoria a amadores puros e se proteger de qualquer modo contra qualquer pessoa suspeita de que a mínima contaminação de profissionalismo se infiltrasse entre eles, seria correto ter também categorias para profissionais. Portanto, haverá competições especiais, porém a linha de demarcação entre amadores e profissionais será estritamente estabelecida e se será fiel a ela.

O motivo que, talvez, tenha influenciado esta decisão é o seguinte: nos encontramos no começo de um novo século, e a Exposição de Paris é certamente única, uma oportunidade quase excepcional para atrair e reunir representantes de nações estrangeiras de todas as classes. Portanto, é uma questão relevante estabelecer recordes que sejam uma espécie de ponto de partida atlético para o século XX. Os amadores e profissionais, sem misturar-se minimamente, poderão se ver em ação tanto uns quanto os outros, e as comparações, uma vantagem para o esporte, serão o resultado. Não digo que eu tenha me convertido a esta forma de pensar; não me cabe, e farei o que estiver ao meu alcance para que os próximos Jogos Olímpicos voltem para a verdadeira teoria do amadorismo, que declara a inutilidade do profissional e deseja seu desaparecimento. Agora porém estou explicando outro modo de ver a questão, que não carece de interesse, e que pode ser aceita, porque ao se manter uma separação absoluta entre amadores e profissionais, se previne àqueles de perder sua qualidade de amadores ao se misturar com os últimos. Os interesses diretos e pessoais dos amadores ficarão assim protegidos e resguardados em 1900, e isso é o que importa.

III

Espero ter caracterizado suficientemente as competições da Exposição de 1900 oferecendo esses detalhes. Poderá se ver que será, sobretudo, uma manifestação esportiva de grande interesse. O fato de coincidir com a Exposição tem a vantagem de aliviar os organizadores de toda outra preocupação. É certo que não faltarão espectadores, e também é certo que os atletas estrangeiros não considerarão como tediosa sua estada em Paris e que levarão consigo uma lembrança agradável dela. Pode ser que, nesse sentido, valha a pena ressaltar que não tem fundamento as afirmações exageradas sobre os gastos que terão os visitantes. Paris é uma das cidades que possui o maior número de hotéis, inclusive proporcional ao enorme número de estrangeiros que a visitam em ocasiões desse tipo. São de todas as classes; existem muitos desses hotéis modestos, pitorescos e confortáveis que nunca se encontram no Novo Mundo; por causa da Exposição, outros se somarão ao que já existem. Tudo isso constitui uma

garantia de que a competição evitará que os preços aumentem mais que os limites razoáveis. Porém não poderia recomendar com força suficiente às equipes que desejam participar nas competições atléticas que confiem o cuidado da preparação e da contratação de alojamentos e a realização dos preparativos necessários para a alimentação, etc., unicamente a encarregados que falem bem francês e estejam acostumados a vida em Paris ou a vida francesa em geral. Ao agir assim, a equipe não terá somente uma grande redução nos gastos, mas terá também a oportunidade de ser hospedado mais confortavelmente e será muito melhor atendido. É desnecessário mencionar que as sociedades esportivas, em especial a União Atlética Francesa, que tem seus escritórios em Paris, na rua St. Honoré 229, terá muito prazer em atender o melhor que possa aos estrangeiros que vêm de todo o mundo.

Vêm em grande número. Durante o verão passado, visitei várias cidades europeias com o objetivo de tratar dos preparativos com os membros de nosso Comitê Olímpico Internacional, e encontrei em todos os lugares um forte desejo de convencer os representantes de todas as modalidades de esporte para que possam competir em Paris. O que me chamou a atenção durante esta viagem foi o progresso assombroso realizado pelo esporte nos últimos dez anos. Os anglo-saxões têm alguns problemas em reconhecer que outras nações podem se dedicar com êxito ao atletismo. Posso entender isso, e o sentimento pode ser certamente desculpado, porque eles são os que, especialmente durante os últimos cinquenta anos, têm compreendido e melhor praticado os exercícios físicos. Mas se esta honra é incontestavelmente deles, isso não significa que jovens de outras raças, com sangue e músculos como os seus, não mereçam seguir seus passos.

Os países que mais me surpreenderam nesse avanço tão rápido foram a Alemanha e a Suécia. Berlim está realmente em vias de se transformar num grande centro desportivo. Visitei com interesse os clubes de remo, que se situam um ao lado do outro às margens do Spree, às portas da capital; são ricos e prósperos. É preciso ressaltar que o Imperador tem um grande interesse pelo remo; construiu por sua própria conta um clube para os estudantes da universidade de Berlim, e fundou regatas imperiais, às quais a cada ano concede prêmios importantes e que inclusive preside pessoalmente. Depois do que vi, ficaria muito surpreso se a Alemanha não tivesse um grande futuro desportivo diante de si. Já constrói e fabrica barcos e todo tipo de artigos desportivos, e esta indústria parece muito próspera, prova de que existe um mercado.

Nem os ingleses nem os franceses adquirem equipamentos esportivos da Alemanha. Quanto à Suécia, o progresso do esporte foi impedido durante muito tempo pelas pretensões exageradas da famosa ginástica sueca, que por ter curado numerosos inválidos e fortalecido inúmeras crianças, também reivindicava ser suficiente para os jovens e ocupar o posto dos jogos para adultos e os exercícios de força para eles. É claro que isso não é assim, e o fato de que pela ação do príncipe herdeiro e representantes da ginástica, liderados pelo major Balck, se pratique cada vez mais toda modalidade de esportes, indica claramente que nenhum sistema de ginástica, por mais completo e científico que seja, pode ocupar o lugar de sua ação benéfica. Existem notadamente dois estabelecimentos em Estocolmo, Tattersall e Idrottspacken, que abarcam todas as modalidades de esportes, da equitação à patinação, em condições absolutamente dignas dos melhores clubes americanos de Nova Iorque, Chicago ou Boston.

Em Viena, na Áustria, foi aberto recentemente um clube atlético no famoso Pra-

ter. O edifício, que é muito elegante, está rodeado por campos de futebol e de tênis, e por pistas para ciclismo e corridas a pé. Finalmente, inclusive em São Petersburgo, onde estão atrasados quanto a isso, percebe-se um movimento favorável aos exercícios físicos. Está claro, pois, que o esporte está se expandindo gradativamente no mundo inteiro e ocupando o lugar das diversões maléficas e dos prazeres nocivos à vida dos jovens. Este fato agradará a todos os verdadeiros amigos da juventude e do progresso. Não há dúvida que se pode encontrar e lamentar certos abusos. Estes podem ser encontrados em qualquer lugar; mas quando se compara os abusos causados pelo esporte com os que ele põe fim, alguém não pode se abster de cantar seus louvores e trabalhar para sua difusão.

É por esta razão que fiz reviver os Jogos Olímpicos, e tudo o que disse aqui me anima nesta tarefa. Tem inimigos, como qualquer outro trabalho livre e vivo, mas também tem amigos leais que são de grande ajuda. É a estes que apelo para preparar de agora em diante a realização na América dos Jogos Olímpicos de 1904, acreditando que serão um grande sucesso e que atravessando o oceano atrairão representantes qualificados de todas as sociedades esportivas do mundo, para uma manifestação que será digna do nobre e antigo passado Olímpico e do futuro glorioso da grande república americana.

The Meeting of the Olympian Games,
in *The North American Review*, vol. CLXX, junho de 1900, p. 802-811.

4.2.2/12 A SEGUNDA OLIMPIÁDA (PARIS 1900)

Os dirigentes da Exposição Universal de 1889, e principalmente Georges Berger e Alphand, me haviam demonstrado, onze anos antes, uma compreensão tão rápida, um sentido tão prático e procedimentos, enfim, tão liberais, que me fizeram pensar ingenuamente num apoio semelhante para 1900. Aqueles que então haviam consentido com a obra nascente para difundir o esporte escolar na França, poderiam agora voltar atrás quando se tratava de uma iniciativa que aspirava nada menos que a ressurreição Olímpica, após a esplendida realidade ateniense e o movimento da imprensa originado por ela? Mas em Paris o triunvirato flexível havia sido substituído por uma ditadura única, e por isso o comissário geral de 1900, Alfred Picard, como muitas outras personalidades importantes, detestava ficar em segundo plano. Na verdade, nossa única troca de impressões estava muito distante no tempo, posto que havia acontecido exatamente no dia 30 de janeiro de 1894, ou seja, poucos meses antes do restabelecimento dos Jogos Olímpicos. Desde o primeiro momento, ele não havia gostado do projeto de incluir a IIa. Olimpíada na Exposição Universal de Paris, nem tampouco da ideia, derivado do mesmo, de organizar ali uma secção desportiva diferente, ao mesmo tempo atual e retrospectiva. No mesmo dia comuniquei a ele esse projeto, assinado por mim e por G. Strehly, professor do “*Lycée Montaigne*”, helenista e ginasta renomado. O projeto consistia em construir dentro do recinto da Exposição, ou seus anexos, uma reprodução fiel da Altis de Olímpia. No interior dos monumentos seriam reunidos todos os objetos e documentação sobre os esportes, tanto os da antiguidade bem como os da Idade

As mulheres competiram pela primeira vez nos Jogos Olímpicos em 1900 em Paris, no golfe. (Extraído de La Vie au Grand Air, nº 109, 1900, p. 727)



Média e dos tempos modernos. Picard tinha, obviamente, “arquivado” o esquema no fundo de sua mente e só estava esperando a oportunidade de enviá-lo para algum arquivo empoeirado. Jamais recebemos a convocação anunciada, e quando, três anos mais tarde, apareceu o esquema oficial da Exposição, os desportistas aperceberam-se com verdadeiro estupor que a patinação fora enquadrada na cutelaria, o remo no salvamento, as sociedades esportivas na proteção social, etc. Muito antes de tudo isso, compreendi que, no que tangia ao Jogos Olímpicos, nada podíamos esperar de Alfred Picard, apesar das tratativas feitas com ele pelo nosso amigo A. Ribot, um ex-presidente do Conselho de Ministros.

Em função do ocorrido, resolvi organizar os Jogos Olímpicos independentemente de toda ingerência administrativa mediante um Comitê privado, do qual o visconde de La Rochefoucauld havia aceito, não somente a presidência efetiva, mas também, ao mesmo tempo, instalar os escritórios no Hotel de La Rochefoucauld, rue de Varennes, em Paris. O projeto aparentemente era dos mais temerários, mas em realidade o era muito menos. Minha explicação era esta: a administração da Exposição pretende organizar, segundo o pleonismo admirável de um burocrata qualquer, alguns “Concursos de Exercícios Físicos e Desportes”. Tal ideia não pode senão fracassar e, em todo caso, tanto pelo local escolhido (Vincennes) quanto pela multiplicidade de comissões e sub-comissões e a enormidade do programa – no qual se pretende incluir o bilhar, a pesca com vara e o xadrez – se transformará numa espécie de feira caótica e vulgar, ou seja, exatamente o contrário do que desejamos para os Jogos Olímpicos, a cujos participantes temos de procurar oferecer, por todos os meios, o que não podem encontrar noutro lugar. Se em Atenas entraram em contato com a antiguidade mais pura, Paris deve apresentar-lhes a velha França com suas tradições e seus quadros mais seletos e

refinados. A massa terá os concursos e as festas da Exposição, enquanto nós organizaremos jogos para a elite: a elite entre os atletas, pouco numerosos, mas que abarca os melhores campeões do mundo; a elite entre os espectadores, homens e mulheres da sociedade, diplomatas, professores, generais, membros do Instituto. O que poderia haver para eles de mais primoroso e delicado que um *garden-party* em Dampierre, uma festa noturna na rua de Varennes e excursões a Esclimont ou Bonelles?

No entanto, nossos recursos não estariam somente limitados a isso. Era preciso designar um comissário geral que mexesse com toda a organização, e consegui que Robert Fournier-Sarlovéze, cuja energia e inteligência ao mesmo tempo flexível e prática me eram bem conhecidas, aceitasse o posto. Com ele vinham a Société de Sport de Compiègne, seus belos campos para jogos, seu grupo de sócios amáveis e bem-dispostos. Os esportes atléticos, corrida e competições seriam confiados ao Racing Club em homenagem de gratidão pelo apoio prestado por esta entidade quando da eclosão dos esportes escolares. Pela mesma razão, o futebol pertencia por direito ao Stade Français. Assim, os dois clubes fundadores da U.S.F.S.A. colheriam os louros, depois de haver sofrido as penas. A Société d'Encouragement à l'Escrime prometia apoio; outras entidades ofereciam também o seu...

Para dar-se conta de que esse plano nada tinha de irrealizável, o leitor deverá fazer um esforço de imaginação e visualizar o estado de coisas de 30 anos atrás. Naquele tempo, nada havia de mais penoso que reunir numerosos espectadores ao redor de uma reunião desportiva. O atrativo era insuficiente. Somente os velódromos atraíam de vez em quando as multidões. Quando, alguns anos antes, o Racing Club recebeu a visita da estupenda equipe do Manhattan Athletic Club, de Nova Iorque, as entradas cobriram mal e mal dois terços do orçamento. No ano seguinte, o primeiro campeonato anglo-francês de futebol disputado na França teve um déficit considerável, apesar de ser presidido pelo novo embaixador na França, o famoso lorde Dufferin. E quando, pouco depois, a primeira regata a oito realizada em Andrézy contra o London Rowing Club, havia terminado com uma vitória francesa, ante a estupefação mais profunda e cortês dos nossos hóspedes, não se deu ao fato a menor importância. O que tinha de especial? O esporte, segundo a definição de um universitário, era um “recreio” e não deveria ser nada mais que isso. A opinião pública seguia imersa numa profunda rotina...

A primeira reunião do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de 1900 foi realizada no Hotel de La Rochefoucauld. Foi bem satisfatória. O Comitê era integrado por uns quarenta membros, dos quais dezoito foram designados como comissários e colocados como tais à frente dos distintos esportes. Entre eles estavam Marius Dubonnet e Ed. Caillat, para o remo; Bruneau de Laborie, para o boxe. Hebrard de Villeneuve e o conde Potocki, para a esgrima; Jaques de Pourtalés, para o golfe; Jean de Bellet, para o tênis, etc. O programa era o de Atenas, restabelecido em suas linhas originais, ou seja, acrescentando-lhe o boxe e o polo, e um pouco ampliado em alguns detalhes para os outros esportes. O tiro foi suprimido, mas se acrescentou o tiro com arco. Criou-se um prêmio de alpinismo para a escalada mais notável realizada em qualquer ponto do globo depois dos Jogos de 1896.

A imprensa, especialmente a de direita, mas também a de esquerda, acolheu favoravelmente a iniciativa. Os desportistas independentes estavam satisfeitos.

A partir de 16 de junho de 1898, Henri Desgrange colocaria o velódromo de *Parc des Princes* a nossa disposição, Giffard se encarregaria das competições de natação e Pierre Laffite oferecia seu Vie au Grand Air como órgão oficial. Molier planejava uma apresentação de gala em seu famoso circo, e o conde Potocki um carrossel na sociedade equestre l’Etrier. Quanto ao exterior, estávamos na paciente expectativa sobre os projetos oficiais. Logo adquirimos confiança, e a tarefa começou. Cartas de De Bousies e do general Boutowski anunciavam a criação de comitês na Bélgica e na Rússia; da Austrália, L.A. Cuff prometia “*a powerful team*”.

Íamos tratar do problema do alojamento dos participantes, em campos bem situados e com instalações adequadas (naquela época os desportistas não eram nada exigentes) quando estourou a bomba. Ninguém me julgue tão ingênuo por não tê-la previsto, embora imaginava que as federações, cujos regulamentos se aplicariam e que teriam a seu encargo a formação de jurados e a direção das competições, estariam com isso suficientemente satisfeitas para se interessar pela empresa. Mas, e as condecorações? Santo Deus! Havia esquecido as condecorações. Na França, que loucura, a não ser que criássemos por conta própria uma “ordem internacional”, não tínhamos sequer uma fita verde, amarela ou violeta para distribuir. Por outro lado, era impossível integrar uma condecoração como se fosse uma “promoção” Olímpica enquadrada na distribuição geral de prêmios da Exposição.

A agitação propagava-se. Caillat já me havia informado que na Fédération d’Aviron estavam muito inquietos. Alguém denunciou na Prefeitura a reunião de “condes e marqueses” com sede na rua de Varennes. Em 9 de novembro de 1898, a U.S.F.S.A. votou um acordo de ruptura, apesar dos esforços do nosso colega do COI, Ernest Callot, que desde a véspera nos havia advertido que os ânimos estavam acirrados. De fato, a U.S.F.S.A. atravessava uma crise interna provocada por certas ambições que não devo julgar aqui. A repercussão desse gesto foi muito fraca, mas a organização oficial das competições da Exposição não ia adiante, e ninguém confiava no Comissariado Geral nomeado para aquele fim. Nossas dificuldades aumentavam, embora não fossem insolúveis. No estrangeiro somente se conhecia o “Comité La Rochefoucauld”. Uma intervenção americana completamente inesperada criou novas complicações: o coronel H... havia desembarcado em Paris, portador de um projeto de organização de um Exposição desportiva que dependia do Comissariado dos Estados Unidos; nela havia campos de jogo, competições..., com o objetivo de “ensinar aos demais países o que era o verdadeiro esporte”. Nada mais disparatado que tal iniciativa. Lamentavelmente, o Comissariado americano parecia apoiá-la e Picard! (inesperadamente) mostrava-se a favor da mesma. Abstive-me de toda atitude hostil. Por outro lado, durante um ano havia tido contatos muito cordiais com o coronel. Seu projeto não me parecia viável. Não era preciso eu demonstrar esse desacordo, mas o assunto contribuía para aumentar a confusão geral. Quanto à Exposição, nada se delineava. “Toda competição é suspeita” – me disseram confidencialmente – “e somente os secretários do Comissariado têm, em seu entender (no entender do comissário geral), as qualidades necessárias para organizar bem as provas desportivas”. Finalmente, em 19 de fevereiro de 1899, decidiu-se nomear Daniel Mérillon como diretor geral das famosas competições. Não era sequer o homem mais indicado, mas era “alguém”. As pequenas rusgas antes relatadas não diminuíram em nada a cordialidade de nossas relações. Considerava que com ele

Le Petit Parisien

TOUS LES JOURS
SUPPLÉMENT LITTÉRAIRE
5 centimes

SUPPLÉMENT LITTÉRAIRE ILLUSTRÉ

TOUS LES JOURS
Le Petit Parisien
5 centimes



DISTRIBUTION DES RÉCOMPENSES DE L'EXPOSITION AU PALAIS-DE-L'INDUSTRIE
Le 24/10/89 devant le Tribunal du Président de la République.

Cerimônia de entrega dos prêmios da Exibição Universal celebrada no Palais de l'Indutrie de Paris em 1889. Desfile diante do presidente da

França. Vem a mente uma comparação com a cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos. Até 1932, as medalhas Olímpicas também eram

entregues ao final dos Jogos. Foram entregues pelos respectivos chefes de estado em 1896, 1912, 1920 e 1928. (Colección N. Müller)

poderíamos nos entender e, sem fundir os grupos, associá-lo para extrair de tudo isso uma realização decente da IIa Olimpíada. Houve uma nova tentativa a cargo de Ribot, mas chocou-se contra a oposição irredutível de Alfred Picard para com os Jogos Olímpicos, que qualificava de “anacronismo”.

Entrementes, Charles de La Rochefoucauld foi perturbado por uma surda campanha, em cujas causas jamais quis me aprofundar porque temo descobrir nelas a ação de um amigo que, sem dúvida, aos meus olhos, ficaria em questão. Às vezes, as rivalidades mundanas são compreensíveis, sem que ganhem com isso mais estardalhaço. O certo é que no dia 22 de abril a sessão foi repentinamente tumultuada e acabou da noite para a manhã com uma demissão sensacional. Poderíamos encontrar outro presidente, pois tínhamos um que se foi. Quanto ao nosso secretário geral, Fournier-Sarlovéze, não era dos que se dobravam com facilidade. Mas preferi verificar a situação do momento e, no pouco tempo que restava, avaliar os problemas agravados profundamente e o inconveniente de aparecer divididos nacionalmente numa circunstância internacional. Era preciso consultar o COI. O tempo urgia. Deixei, pois, que o Comitê votasse sua própria dissolução. Assim me encarregaram de escrever a Mérillon nos termos que considerasse mais adequados. Preveni-o em particular e ele me agradeceu imediatamente com linhas muito veementes. Em seguida nos colocamos de acordo sobre os termos de uma carta oficial que lhe enviei em 15 de maio. Haviam se passado muitos meses desde sua nomeação, mas com ela parecia se haver estancado a atividade do Comissariado. No entanto, Mérillon não estava inativo, e propôs certas medidas que considerava essenciais, sem obter resposta alguma. Conservo uma carta dele participando-me sua irritação e sua ameaça de retirar-se se não fossem aceitas suas propostas. Mais tarde, recebi outra carta, transbordando de alegria: tudo está assinado. Finalmente, vai se pôr mãos à obra. Finalmente!... Na verdade, já era demasiado tarde.

Em 5 de junho de 1899 mudamos de ideia em sua casa: Bikelas, o conde Brunetta d'Usseaux, que havia entrado no COI no ano anterior, e eu. Mérillon estava preocupado principalmente com o estrangeiro, onde os comitês constituídos para a Exposição não podiam ajuda-los em nada, enquanto por outro lado ele se dava conta de que somente nossos colegas o tirariam de apuros. Ele me pediu para que eu lhe enviasse uma circular, o que fiz imediatamente. Também propus a ele que aproveitasse uma próxima viagem aos países centrais e setentrionais para ativar os esforços dos membros do COI. Essa viagem teria por objetivo recolher documentação para uma série de estudos sobre “O porvir da Europa”, prometidos ao L'Indépendance Belge, e que foram, de fato, publicados a partir do outono. Mérillon teria desejado que eu estendesse minha viagem para nela incluir o maior número de países, o que beneficiaria amplamente a empresa cuja responsabilidade lhe incumbia, mas Picard recusou lhe dar algum crédito para tal fim. Assegurei a Mérillon que, por onde eu passasse, serviria a sua causa com todo o entusiasmo, porque, definitivamente, era também a minha desde o momento em que se acordou que “as competições da Exposição teriam um caráter de Jogos Olímpicos”, fórmula pobre e abstrata que aceitamos como o mal menor, esperando poder substituí-la pouco a pouco com algo mais elegante e razoável.

Minha primeira escala foi Berlim. No transcurso de uma estada algo prolongada, sem negligenciar o estudo de outra ordem que ali me levava, pude observar o estado de espírito dos dirigentes desportivos. Certamente não era excelente. No entanto, o governo imperial manifestava muito interesse pela Exposição de Paris e dava dele provas tangíveis. De fato, a secção alemã devia ser no ano seguinte uma das principais atrações da Exposição do Campo de Marte e contribuir em grande estilo a aproximação que se afirmava entre os países. Em 1899, parecíamos, todavia, estar longe de tal situação. Foi realizada uma reunião no Palast organizada pelo comissário geral alemão, que me convidou depois para um almoço. O almoço foi “frio” porque foi realizado depois de uma sessão espinhosa, não devido à má vontade, mas porque durante a mesma foram expostos sérios temores sobre a segurança moral dos atletas alemães que viriam a Paris “arriscando-se a ser insultados”. Assim escrevia certo alemão de Paris a um dos membros da reunião, que cometeu o erro de ler aquela mensagem. O príncipe Aribert d’Anhalt presidia, e cometeu outro erro maior ainda, ao não intervir abreviando o assunto. Claro que eu protestei. E embora ninguém tenha se abtido, estava claro que a ideia de participar não era muito boa. Se comparamos aqueles tempos com as confrontações franco-alemãs dos anos recentes, próximas, no entanto, a outros acontecimentos trágicos e sangrentos, então poderemos apreciar os progressos estupendos do espírito desportivo.

No entanto, em 1900 este espírito não existia mais que instintivamente entre os verdadeiros desportistas. A massa não tinha a menor ideia e, como é natural, a Administração Pública ainda menos. Por outro lado, se o espírito desportivo fracassava entre estes senhores do Campo de Marte, sua técnica não era muito melhor. Graças a seus esforços, circulavam de vez em quando notas circulares, vazias de informações e carentes de utilidade. Por um curioso paradoxo, foi a extinta comissão, que continuava a ter investida a confiança de outros países; e, nunca recebendo qualquer resposta - e com razão - foi para o presidente do COI de que as pessoas se dirigiam. As reclamações se multiplicavam. Em 11 de outubro – seis meses antes da abertura – Caspar Whitney manifesta o descontentamento dos americanos. No dia 23, é Jiri Guth quem declara que em Praga propaga-se o desânimo diante da falta de notícias, pois ninguém sabe o que pensar nem o que fazer. Pouco depois, o mesmo golpe procedente de Copenhague. Em todas as partes se manifesta a desconfiança em relação aos Jogos “organizados por todos estes incompetentes”, segundo escreve Sloane. Continuamente pede-se minha intervenção. Whitney reclama ingenuamente a sua embaixada em Paris para que obtenha da Exposição a renúncia ao plano oficial e que se dê “o dinheiro e a liberdade” às pessoas escolhidas pelo COI. E em 14 abril de 1900, o conde Thun Valsessina, o Camareiro-mor do rei Franz Joseph exigiu que deverá haver um membro austríaco do COI “para os Jogos de Paris”; os canadenses fizeram a mesma demanda.

O tempo continuava a correr. Nada saía das estruturas, nem dos escritórios, salvo novas subcomissões e copiosos regulamentos. Vincennes ficou abandonado; nada de dinheiro, nem estádio, nem terrenos. Da mesma maneira que se suplicava aos membros do COI que estivessem entre os jurados, também se recorria às entidades para obter a cessão de seus campos de jogos, especialmente o Racing Club para a jornada dos esportes atléticos. Na verdade, valia a pena repudiar veementemente meu projeto de 1898 declarando-o “mesquinho e indigno da nação”.

As competições atléticas – corridas, saltos e lançamentos – foram realizadas, então, no Bois de Boulogne em 19 de julho de 1900, sob a minha presidência e a presidência de honra do ministro do Comércio, Alexandre Millerand, que passou toda a tarde conosco e até pareceu se interessar pelas façanhas de alguns atletas, embora, de minha parte, me absteve de mantê-lo atualizado, vendo que dava pouca atenção às provas. A maioria dos políticos compartilhavam a opinião dos meios acadêmicos da época, que consideravam o esporte, em suma, como um aperitivo, que devia ser apreciado em caráter secundário, como toda diversão sadia. Não percebiam, por exemplo, diferença alguma entre o boliche e o futebol. Quanto ao Olimpismo, não viam nele mais que um neologismo excêntrico e supérfluo. Seis anos mais tarde, no transcurso de um banquete, esta palavra ainda produzia um risinho cheio de desdém e incredulidade nos lábios do ministro... que o continuava sendo ultimamente, embora eu suponho que ele deve ter mudado de opinião.

Das outras competições de 1900, nada tenho a dizer aqui. Se lhes dedicou uma grande dose de boa vontade. Os desportistas fizeram o que estava ao seu alcance para sair de modo elegante. Foram registrados resultados interessantes, embora nada tivessem de Olímpicos. De acordo com a frase de um de nossos colegas, haviam “utilizado nossa obra para tritura-la”. Expressão feliz que caracteriza a experiência de 1900 e que provava que no futuro seria preciso se precaver muito para jamais anexar os Jogos Olímpicos a uma dessas grandes feiras, no interior das quais seu valor filosófico se evapora e sua mensagem pedagógica torna-se inoperante. Lamentavelmente, o casamento recém acertado era mais sólido do que pensávamos. Por mais duas vezes, em 1904 e 1908, e devido a razões financeiras, nos veríamos obrigados a fazer contato com exposições. Tivemos de esperar até 1912 para que, graças ao esforço sueco, o divórcio se consumasse. Daquela união pesada, no mínimo produziu-se para o Olimpismo uma situação cada vez mais independente e, finalmente, a certeza de jamais ver-se reduzido à vassalagem humilhante a que foi submetido em Paris.

Memórias Olímpicas, Bourdon, G.
cap. V, Lausanne, COI, 1997, p. 58-69.

4.2.2/13 – 4.2.2/15 INTRODUÇÃO

Nem o período que vai de Paris 1900 até os primeiros Jogos Olímpicos em solo americano no ano de 1904 é profícuo em atividades Olímpicas. Após 1896, o COI reuniu-se para uma sessão pela segunda vez em Paris em 1901 com o objetivo de avaliar os acontecimentos passados, em especial os Jogos de 1900, e para determinar a sede de 1904. Os Jogos foram concedidos a Chicago, mas logo começou uma batalha com Saint Louis, que queria adornar com os Jogos Olímpicos a Exposição Universal de 1904, que iria ser realizada ali. O excerto da Campanha desportiva de Coubertin descreve os preparativos para 1904 desde uma perspectiva europeia e os problemas aos quais se viu exposta.

Com a concessão dos Jogos a uma cidade americana, a presidência do COI deveria ter passado estatutariamente durante quatro anos ao representante dos Estados Unidos. Mas o professor Sloan insistiu para que Coubertin continuasse dirigindo o COI. Em Paris decidiu-se além disso a convocação de um congresso Olímpico em Bruxelas sobre as questões da unificação do programa de competições e do regulamento. Mas este não foi realizado até 1905. Em seu lugar, Coubertin se ocupou do assunto do local da realização dos IV Jogos Olímpicos de 1908. Por Saint Louis estar situada demasiado longe como ponto de reunião, ele convocou o COI para sua terceira sessão em Londres em 1904. Então Roma deveria receber os Jogos de 1908. Após “três silenciosos anos, nos quais o COI somente se havia reunido e que estiveram repletos de abundante correspondência”, Coubertin acreditava que “era a hora de voltar à tona finalmente pronto para ser mostrado para o mundo (o COI)”.¹ Por isso, a reunião de Londres foi realizada com grande pompa.

É praticamente inexplicável que Coubertin não quisesse ressaltar sua predileção pela América com uma visita aos Jogos de Saint Louis. É de supor que com isso ele quis demonstrar sua chateação com o movimento Olímpico opositor surgido com o nome de “Union Internationale” sob a direção de J.E. Sullivan, o diretor das competições Olímpicas da Exposição Universal. Não existe nenhum artigo da pena de Coubertin sobre o desenvolvimento dos Jogos de 1904 em Saint Louis.

4.2.2/13 NOTÍCIAS DE CHICAGO

Recebemos de ultramar notícias excelentes sobre os preparativos que estão sendo feitos em Chicago para próxima Olimpíada. Nossos amigos americanos não demonstraram em pôr a obra. Tão logo se conheça a decisão do Comitê Internacional de realizar os Jogos Olímpicos de 1904 em Chicago, o Comitê local interino se tornará uma Sociedade definitiva. É preciso lembrar que este comitê era composto pelos cidadãos mais conhecidos e influentes da cidade, os quais se haviam comprometido, em caso de ser eleita sua cidade, a tomar as medidas necessárias para garantir a realização dos Jogos de 1904 nas condições exigidas para seu bom êxito. Uma primeira reunião, realizada no último dia 5 de junho, concluiu com a nomeação de cinco comissários, os Srs. H.J. Furber, o Dr. W. Harper, presidente da Universidade

1 Coubertin, P. de. *Memórias Olímpicas*, Lausanne, COI, 1997, p. 69.

de Chicago, Volney Foster, presidente da *Union League Club*, J.B. Payne, ex-juiz do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, E.A. Potter, presidente do *American Trust and Saving Bank Co.*

Esses comissários se reunirão no dia 5 de julho e decidirão pedir a incorporação imediata, ou seja, o reconhecimento por parte do Estado da Sociedade constituída com o nome *The International Olympian Games Association*. Seu capital inicial é de 200.000 dólares, e foi fixado para ela uma duração de dez anos. De acordo com a decisão tomada, foram concluídas as habituais formalidades na Secretaria de Estado, em Springfield, e uma assembleia geral tem dado plenos poderes aos cinco comissários para terminar a constituição legal da sociedade. Também foi decidido formar certo número de subcomissões para funcionamento imediato. Aqui está um quadro bastante completo da organização geral que já está implementado.

THE INTERNATIONAL OLYMPIAN GAMES ASSOCIATION
PRESIDENTE. – VICE-PRESIDENTE. – SECRETÁRIO. – TESOUREIRO.

COMITÊS
COMITÊ GERAL

1. Jurídico	12. Os prêmios
2. Finanças	13. A ordem pública
3. Publicidade	14. Convites
4. Auditoria	15. Transporte
5. Administração	16. Cerimonial
6. Atlético	17. Recepção
7. Programa	18. Banquetes
8. Concessões	19. Local
9. Música	20. Eliminatórias Atléticas
10. Exibição Espetacular	21. Construção
11. Decoração e Iluminações	

Comissões

Nacional – Interestadual – Internacional – Intercolegial

As primeiras subcomissões criadas foram as de Finanças e Publicidade. A primeira tem como presidente o Sr. B.G Rosenthal; tomam parte dela também os Srs. H.W. Hutchinson, diretor do *Art Institute* e o tesoureiro da Universidade. A subcomissão de Publicidade é presidada pelo Sr. Adisson C. Thomas, diretor da Associação de Imprensa do Oeste, que traz de forma completamente natural o valioso concurso desta poderosa associação.

A opinião pública continua aficionada à nossa causa e apoia acaloradamente aos que trabalham por ela. Se algo pode incrementar suas simpatias e excitar o zelo dos habitantes de Chicago, isso é, sem dúvida, os ataques torpes como os que a imprensa grega tem feito ultimamente por meio de certos jornais (certamente não os mais lidos) que têm falado de Jogos Olímpicos em termos desrespeitosos e que inclusive se têm atrevido a sugerir a existência de uma coalisão europeia assinada por diver-

sas sociedades desportivas para faze-los fracassar. Esses ataques têm sido ignorados; se reiniciassem, produziriam, sem dúvida, um efeito exatamente contrário o pretendido, mas há quem pensa que os jornais gregos voltarão a olhar as coisas de modo bem mais favorável, tanto mais que, no final das contas, a civilização helênica somente pode se beneficiar com a realização em países estrangeiros de Olimpíadas que lembram uma instituição de seu passado glorioso, do qual o povo grego está com razão orgulhoso. Além disso, seja qual for a atitude dos outros países neste assunto, seria conhecer muito mal os americanos pensar que se pode faze-los retroceder levantando diante deles o espectro de uma oposição por parte dessa velha dama chamada Europa.

A mudança que acaba de ser produzida na presidência da República não afeta o êxito dos Jogos. O presidente Roosevelt, um dos mais audaciosos e fervorosos sportsmen do mundo inteiro, acompanhará com especial atenção os preparativos e a implementação do programa para 1904. Os jornais estão repletos de notícias sobre as proezas atléticas do novo chefe de Estado, cujos êxitos, além disso, o tornam desde há muito tempo uma pessoa muito popular.

O Sr. Henri Bréal, que têm passado uma parte do verão em Chicago, têm tido uma acolhida excelente e têm podido ver com seus próprios olhos que a iniciativa que ele com grande habilidade defendera na sessão do Comitê Internacional em Paris durante o último mês de maio tem desde já assegurado um sucesso brilhante e completo.

“*Courrier de Chicago*”, em: *Revue Olympique*, 1901, n. 4, p. 55-57.

4.2.2/14 TRANSFERÊNCIA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1904 (CIRCULAR AOS MEMBROS DO COI)

Senhor e estimado colega:

A transferência dos Jogos Olímpicos de 1904 de Chicago para Saint Louis tem sido acolhida com grande entusiasmo nos Estados Unidos. Temos motivos para pensar que a realização da Olimpíada se revestirá de todo o esplendor desejável. O presidente Francis me prometeu que a direção da Exposição seria muito diligente na hora de determinar as datas e as condições das provas. Além disso, solicitei ao Comitê da Amateur Athletic Union, a mais poderosa organização desportiva estadounidense, que esteja atenta a isso.

Por outro lado, a abertura da IIIa. Olimpíada, coincidindo com o décimo aniversário do congresso de 1894, dará lugar a uma festa cuja data e programa serão fixados posteriormente e que será realizada em Paris. Ali se poderá admirar a maquete do monumento que o ilustre escultor Bartholdi aceitou fazer para comemorar a restauração dos Jogos Olímpicos. A partir de hoje abrimos uma subscrição para construir esse monumento que será erguido em algum lugar nos arredores de Paris. Esperamos de bom grado sua participação; as subscrições devem ser dirigidas em meu nome; elas serão depositadas no Crédit Lyonnais.

Peço-lhe que aceite, estimado Senhor e colega, minhas melhores e mais sinceras saudações.

Circular do presidente do COI, Paris, 30 de abril de 1903 (Arquivos do COI)

4.2.2/15 CHICAGO OU SAINT LOUIS

O Comitê Olímpico Internacional reuniu-se em Paris na terça-feira de 22 de maio de 1901 e nos dias seguintes. A cidade de Praga nos havia convidado a fazê-lo dentro de seus muros e teríamos aceito de bom grado sua hospitalidade, mas por razões pessoais de muitos colegas, decidimos por Paris. A reunião foi realizada no Automobile Club de France sob os auspícios do chefe de Estado – nesse momento o Sr. Emile Loubet –, que teve a deferência de nos receber no Eliseu no final de nossas sessões. Contrariamente ao que deveria ser, eu continuava como presidente do Comitê. Já mencionei a disposição estabelecida em 1884, pela qual, a meu pedido, a presidência devia ser ocupada durante um período de quatro anos por um dos representantes do país no qual fossem realizados os Jogos Olímpicos seguintes. Nessa altura tínhamos já a ideia de realizar a IIIa. Olimpíada na América, mas os incidentes de 1900 ainda não haviam tornado possível transformar a ideia numa resolução definitiva. Além disso, bem na hora, o professor W.M. Sloane negou-se energicamente a me suceder e declarou que se não se quisesse pôr em perigo a tarefa empreendida, o Comitê Internacional deveria seguir sendo presidido por seu fundador; ele inclusive fez da aceitação dessa proposta uma condição *sine qua non* de sua contribuição posterior. Não cabia negar o caráter razoável de alguns dos seus argumentos; diferentes direções sucessivas não iriam garantir a coesão e a unidade desejáveis. Mas eu não queria de forma nenhuma uma presidência vitalícia; eu pro-

pus um prazo de dez anos, e o regulamento foi então modificado. Nestas condições foi aberta a sessão de 1901. Seu principal objetivo era definir o lugar para os Jogos Olímpicos de 1904.

No dia 13 de fevereiro de 1901 havia sido realizado num dos clubes mais importantes de Chicago um banquete presidido pelo Dr. W. Harper, reitor da Universidade, que teve como consequência a formação de um comitê para reivindicar para Chicago a honra de organizar a IIIa. Olimpíada. Por certo, esse movimento não havia surgido espontaneamente. Já não me lembro como nasceu, mas o primeiro documento que tenho a respeito é um recorte do New York Sun, datado de 13 de novembro de 1900, no qual se faz referência a um despacho procedente de Paris pelo qual se dava como provável a escolha de Chicago para os Jogos de 1904. Isso provocou nos Estados Unidos os protestos do Sr. James Sullivan, secretário da Amateur Athletic Union. Numa veemente entrevista, ele fazia as declarações mais surpreendentes e inesperadas. Graças a elas pude entender: 1º., que o Comitê Olímpico Internacional já não existia; 2º., que eu já não tinha nada a ver com os assuntos desportivos; 3º., que em 1900 havia-se fundado em Paris uma “Union International” integrada pelo Sr. Sullivan representando os Estados Unidos, por Saint-Clair e Pierre Roy representando a França, pelo lugar-tenente Bergh representando a Suécia, etc., 4º., que em 1901 os Jogos Olímpicos seriam realizados em Búfalo, juntamente com uma Exposição Panamericana da qual o Dr. Sullivan era o comissário desportivo; 5º., que se veria depois... Essa entrevista não deixou de produzir um certo alvoroço. Um jornal de Nova Iorque publicou a lista dos membros do Comitê Internacional acompanhada por estas linhas maldosas: “O horror congelante da situação só pode ser plenamente apreciado quando é visto que James Sullivan não é o membro americano do COI.” O Sr. Sloane e eu nos informamos. Sloane me escreveu em 12 de dezembro de 1900: “Parece certo que se trabalha para construir uma comissão internacional com o objetivo de organizar Jogos em Búfalo no próximo ano, mas não consigo saber nada mais porque os que sabem das coisas se calam prudentemente ou estão muito reticentes”.

Aquela União Internacional da qual eu ouvia falar pela primeira vez havia tentado se formar às nossas costas durante a Exposição de Paris, com a ideia de monopolizar em seu proveito os futuros Jogos Olímpicos, mas o projeto havia fracassado. A entrevista do Dr. Sullivan assestou-lhe o golpe de misericórdia. O Sr. Bergh declarou a um jornalista do Chicago Record que não somente nunca havia participado de uma fundação desse tipo, mas também que desaprovava toda tentativa dirigida contra o Comitê Internacional, declaração a qual se seguiram outros desmentidos. O Sr. Sullivan ficou um tanto aturdido diante desse resultado e, além disso, o efeito que tudo aquilo produziu em Chicago era previsível. Desde o momento em que aparecia um movimento hostil procedente de Nova Iorque, o patriotismo local tomou a si o projeto, que a partir desse momento adquiriu para ele um enorme interesse. Além do mais, em 1904 Chicago comemorava seu centenário – o centenário de algumas cabanas construídas em seu solo por iniciativa de trapeiros audaciosos. Que melhor maneira haveria para chamar a atenção do mundo sobre aquele aniversário senão realizar nesse mesmo lugar os Jogos Olímpicos? O grupo que se formou imediatamente era muito representativo das energias ianques; compreendia os dirigentes dos três principais bancos de Chicago, o diretor do Art Institute, o reitor da Universidade, um representante qualificado da imprensa e, finalmente, cinco ou seis cidadãos “proeminentes”. Como

disse, isto acontecia em 13 de fevereiro. No dia 10 de maio eu estava de posse de um dossiê completíssimo para ser apresentado aos meus colegas do Comitê Internacional.

Esse dossiê continha a petição oficial assinada por quatorze membros do Comitê de Chicago, uma carta de seu “chairman”, o Sr. H.J. Furber, uma declaração do reitor da Universidade, o Dr. Harper, estipulando que os campos de jogos da Universidade eram oferecidos gratuitamente para a realização da IIIa. Olimpíada e, por fim, uma carta do ministro de Assuntos Exteriores da França na qual eram transmitidas ao Comitê Internacional as cópias desses documentos reconhecidas pelo Consul da França em Chicago.¹ Outros documentos menos oficiais apresentavam o plano financeiro (contava-se já de antemão com duzentos mil francos) e o programa provisório dos Jogos, congresso e manifestações artísticas cujo teatro podia ser Chicago em 1904; programa admiravelmente concebido e no qual caberia se inspirar proveitosamente no futuro. Mas o trabalho dos cidadãos de Chicago não parava por aqui. Para estar mais certos do sucesso, haviam escolhido um advogado: o Sr. Henry Bréal recebeu deles o encargo de defender sua causa, e o fez com tanta habilidade quanto ardor. Além do mais, nossos colegas americanos mostravam-se favoráveis: o Sr. Stanton preconizava abertamente a candidatura de Chicago, e o professor Sloane e o Sr. Whitney, que não puderam vir, a defenderam sem reservas. Somente poderia aparecer uma mancha negra. Começava a se falar da mais que provável realização em 1904 da Exposição Universal que deveria ter sido realizada em Saint Louis em 1903. As exposições americanas estão evidentemente destinadas a sofrer atrasos. Cristovão Colombo, em vez de ser festejado em 1892, teve de esperar por 1893. O mesmo aconteceria com o centenário da compra de Louisiana. Desde Saint Louis nos haviam anunciado a visita de um delegado encarregado de nos solicitar, prevendo essa mudança, que escolhêssemos eventualmente Saint Louis, mas não havia nenhum documento apoiando aquele pedido. O enviado não apareceu; limitou-se a me escrever. Premido por nossas perguntas, respondeu-me no último momento que em Saint Louis “não estavam ainda em condições de fazer uma proposta oficial”. Ante a enorme dianteira que havia tomado Chicago e a falta de segurança que continuava a pairar sobre a data definitiva da *World's Fair*, podíamos vacilar? Além do mais, sempre haveria tempo para autorizar uma mudança posterior se os acontecimentos obrigassem a isso. Enquanto isso, o exemplo excelente dado por Chicago, onde se havia constituído um comitê competente e poderoso com tempo de sobra e com todas as garantias desejáveis, merecia ser incentivado.

A votação foi realizada com esse propósito e a notícia, imediatamente telegrafada a Chicago, foi acolhida com entusiasmo. Dois mil estudantes da Universidade, aos quais se haviam unido competições de todas as escolas e instituições da cidade, formaram uma gigantesca procissão que se dirigiu ao Marshal Field. Ali, diante de cinco ou seis mil espectadores, foi acesa uma “fogueira gigantesca” sob cujo esplendor foram pronunciados discursos eloquentes e foram lidas cartas de simpatia enviadas pelos estudantes das cidades vizinhas. No dia seguinte a essa manifestação, os iniciadores do projeto puseram-se a trabalhar com afinco. Seu primeiro ato consistiu em transformar uma organização embrionária numa sociedade permanente, que foi em seguida incorporada, quer dizer, reconhecida legalmente; sua duração era de dez anos e seu capital

1 Abstenho-me de reproduzir aqui este documento, pois ele foi publicado na *Revue Olympique* de julho de 1901. (Nota original de Coubertin).

inicial de duzentos mil dólares. Os administradores eram os Srs. Furber, o Dr. Harper, J.B. Payne, ex-juiz da Corte Suprema dos Estados Unidos, Volney Foster, presidente da Union League Club e E.A. Posse, presidente do American Trust and Saving Bank Co. Foram nomeadas comissões competentes que começaram a funcionar. Naturalmente, a imprensa fez tudo o que pode para criar perspectivas ilusórias, abrindo seções Olímpicas cheias de visões sensacionalistas. Chegou-se inclusive a anunciar como certa a presença em Chicago do rei da Grécia. É certo que o cônsul heleno, um tal Sr. Salopoulo, estava na origem disso por sugerir aos organizadores, numa carta que se tornou pública, oferecer ao monarca a presidência dos Jogos. Esse torpe excesso de zelo não deixou de provocar fortes protestos, pois a opinião pública não admitia que um soberano estrangeiro pudesse ser chamado a exercer semelhante função, que correspondia por direito ao presidente dos Estados Unidos. O Sr. Mc Kinley, a quem eu havia escrito em 28 de maio de 1901, mostrava-se disposto a aceita-la. Após o assassinato do desafortunado presidente, as disposições de seu sucessor, o Sr. Roosevelt, não podiam dar lugar a dúvidas: o mais desportista dos chefes de Estado tinha, naturalmente, todas as simpatias pelos Jogos Olímpicos. Assim, quando foi para lá, o Sr. Furber encontrou em Washington a mais favorável acolhida. Em 6 de maio de 1902, ele me escreveu entusiasmado pela virada que as coisas estavam tomando. Além dos consideráveis recursos locais, contava-se também com uma forte subvenção do governo federal, e em 28 de maio o Sr. Roosevelt se comprometia a inaugurar pessoalmente a Olimpíada americana e a fazer com que participassem dela o exército e a marinha.² Desse modo, tudo estava correndo perfeitamente. No entanto, quando nesse mesmo verão de 1902, o Sr. Furber, que não poupava esforços e fazia um giro buscando adesões na Europa, veio me encontrar na Alsácia, eu lhe expus algumas preocupações que rondavam minha cabeça. Não fiquei surpreso em receber dele, em 26 de novembro, uma longa missiva oficial acompanhada por uma não menos longa missiva explicativa. Isto era o que havia se passado. Desde há algum tempo, a mudança de datas da Exposição de Saint Louis para 1904 era algo definitivo; aquele atraso enorme levava a crer que pouco em 1904 poderia ser realizada. Pois bem, as “ambições atléticas” germinavam na mente dos organizadores. Se os havia visto inclinados a um entendimento com o Comitê de Chicago para que participantes e espectadores dos Jogos Olímpicos fossem visitar Saint Louis. Mas evidentemente queriam mais que isso. Queriam os Jogos. As autoridades da Exposição esperavam que o Sr. Furber desembarcasse para lhe pedir que se renunciasse a Chicago, dando a entender que, em caso de necessidade, Saint Louis saberia competir com Chicago e colocaria toda uma série de provas dotadas de prêmios vultuosos. Aquela maneira de proceder era muito pouco desportiva, mas, acima de tudo, muito ianque. Como era de se esperar, o Sr. Furber respondeu que tudo dependia do Comitê Internacional, mas que o Comitê de Chicago, levado por um espírito amistoso, não se negava em princípio a discutir o assunto. Esta resposta era prudente, pois o Sr. Furber, que havia passado vários meses na Europa, não sabia se a opinião de seus próprios concidadãos havia mudado. Questionava-se, sobretudo, se os novos dirigentes da Amateur Athletic Union, cuja direção era escolhida anualmente, estariam a favor de Chicago ou, ao contrário, de Saint Louis. O presidente da

2 A *Revue Olympique* de julho de 1902 publicou a carta presidencial. (Nota original de Coubertin)

Exposição, o Sr. Dr. Francis, dirigiu-se, portanto, a Chicago, acompanhado por seus mais eminentes colaboradores, para conversar com o Comitê dos Jogos, ao mesmo tempo em que mandava fazer por meu intermédio as mais urgentes tratativas com o Comissariado francês, então dirigido pelo Sr. Michel Lagrave.

Logo ficou evidente que o Comitê de Chicago estava um tanto assustado com a força das reivindicações de Saint Louis. Por outro lado, a mudança seria uma humilhação. Os jornais repercutiam e, em 5 de dezembro, uma colossal manifestação de estudantes, a qual se juntaram os professores, votou uma convocação imediata do Comitê Internacional convidando-o a decidir. As eleições da A.A.U. haviam sido favoráveis a Chicago. O Sr. Furber propôs uma solução à qual se juntou Saint Louis. As duas cidades pediriam ao presidente dos Estados Unidos para que solicitasse ao Comitê Internacional um adiamento dos Jogos para 1905, os quais seriam realizados em Chicago. No entanto, e leais até o fim, os membros do Comitê de Chicago decidiram prosseguir com a execução do plano inicial, apesar da hostilidade de Saint Louis, antes que o Comitê Internacional o pedisse.

Agora a questão estava claramente colocada. Pessoalmente, eu era favorável à mudança, apesar da minha contrariedade em deixar que os Jogos mais uma vez fossem anexados a uma Exposição. Por outro lado, tomei minhas precauções tanto com as autoridades da Exposição de Saint Louis quanto com os dirigentes da Amateur Athletic Union para assegurar a autonomia dos Jogos e preservá-los de incidentes semelhantes aos de 1900. Quando havia recebido todas as garantias que desejava, propus aos membros do Comitê Internacional a autorização para a mudança, após ter pedido previamente de modo extraoficial a opinião do presidente Roosevelt. Este foram os resultados da votação. Foram vinte e um votos sobre um total de vinte e seis. Quatorze autorizaram a mudança; dois se opuseram; cinco se abstiveram. Em 10 de fevereiro de 1903 telegrafei o resultado ao Sr. Furber e o confirmei no dia seguinte numa carta aberta dirigida aos membros do seu Comitê. Imediatamente a seguir pedi ao presidente da Amateur Athletic Union dos Estados Unidos, então o Sr. Walter H. Liginger, e a seus colegas de direção que se entendessem diretamente com os dirigentes da Exposição de Saint Louis com vistas a um novo programa dos Jogos. Teria sido mais simples, sem dúvida, executar sem alterações o admirável programa elaborado pelo Comitê de Chicago. Mas pedir às pessoas de Saint Louis que aceitassem, assim, a tutela das pessoas de Chicago teria sido um atrevimento muito grande. Diante daquela conjuntura, me pareceu que o procedimento ao mesmo tempo mais seguro e mais rápido era provocar a intervenção da Amateur Athletic Union. Nos dias 10, 11 e 12 de agosto de 1903, uma delegação da A.A.U. entrevistou-se em Saint Louis com o novo diretor do “*Physical Cultural Department*” da *World’s Fair*, que não era outro senão o Sr. James E. Sullivan, o qual demonstrava agora um grande zelo pelos nossos Jogos e se apressava em trabalhar para o êxito da IIIa. Olimpíada.

Além disso, é preciso dizer que seu trabalho foi imenso e que o pequeno êxito que obteve foi considerável. Lamentavelmente, só um número relativamente pequeno de atletas europeus atravessaram o oceano. As despesas elevadas com a viagem e com a estada não permitiam em nenhum caso contar com equipes muito grandes. Mas é certo que a luta Chicago-Saint Louis e os titubeios decorrentes dela diminuíram ainda mais a cifra das boas vontades.

Aos Jogos de Saint Louis não faltou originalidade. O “cúmulo” do espetáculo, se assim se pode dizer, foi sem dúvida o que os americanos chamaram em sua linguagem pitoresca de “*anthropological day*”, dia que durou aproximadamente quarenta e oito horas. Durante aquelas reuniões desportivas inéditas, competiram no estádio índios sioux e patagões, cocopas mexicanos, moros das Filipinas e ainus do Japão, pigmeus da África, sírios e turcos, estes últimos um tanto lisonjeados pela companhia. Todos eles participaram nas competições habituais das nações civilizadas: corridas, luta, lançamento de peso e dardo, saltos, tiro com arco. Em nenhum outro lugar a não ser na América se teriam atrevido a incluir tais números no programa de uma Olimpíada, mas aos americanos tudo é permitido; seu ardor juvenil fez com que as sombras dos grandes antepassados helenos se inclinassem à indulgência, se por acaso tivessem vagado naqueles momentos entre a multidão divertida.

“Chicago ou Saint Louis”, em *Une Campagne de vingt-et-un ans* (1887-1908), Paris, 1909, p. 153-161 (cap. XVII)

4.2.2/16 A TERCEIRA OLIMPÍADA NOS ESTADOS UNIDOS E A REUNIÃO DO COI EM LONDRES

O próximo capítulo das *Memórias Olímpicas* comenta as atividades Olímpicas de 1904. Além dos Jogos Olímpicos de 1904 em Saint Louis, já descritos em textos anteriores, o texto de 1904 faz referência à reunião do COI em Londres na qual os Jogos Olímpicos de 1908 foram concedidos a Roma.

Da aventura de 1900, o COI não saiu nada debilitado. Os três círculos concêntricos: base-plantel-fachada, foram enriquecidos com alguns recrutas excelentes: Godefroy de Blonay (Suíça), o coronel Holbeck (Dinamarca), Clarence de Rosen (Suécia) e Sir Howard Vincent (Inglaterra) já estavam convencidos e bem-dispostos. O príncipe Georges Bibesco (Romênia), e os membros Reyntiens (Bélgica), De Beistegui (México), De Ribeaupierre (Rússia) e Hébrad de Villeneuve (França) podiam ser considerados simpatizantes, embora ainda mornos. Finalmente, os príncipes de Salm-Horstmar (Alemanha) e Sergio Beliosselsky (Rússia) eram a cereja no topo do bolo. Para a ideia Olímpica havia mais ganhos que perdas, pois ainda não havia terminado o ano de 1900 e não nos preocupávamos com o lugar onde deveriam ser realizados os Jogos da IIIa. Olimpíada. Desde 1894 havia-se chegado a um acordo tácito de que seria nos Estados Unidos. Grécia, França, Estados Unidos: trindade de princípio muito favorável para acentuar o caráter mundial da instituição e para estabelecê-la sobre bases indiscutíveis.

Chicago se dispôs em seguida a albergar os Jogos. O reitor da Universidade, doutor Harper, apoiava a iniciativa, e junto com várias personalidades ilustres, agrupadas ao redor, encontraram-se com o cônsul da França, Mérou, um ardoroso colaborador. Este último nos remeteu a Henri Bréal, filho do professor entusiasta e sábio, a quem me ligavam vínculos de amizade profunda. Chicago acreditava ver novamente, como em 1889, sentado atrás de seus papéis, Pullman, o filantropo e milionário com uma brilhante carreira nos Estados Unidos de então, e ao mesmo doutor Harper, explicando-me com frieza enfática que a superioridade de sua Universidade

Terceiros Jogos Olímpicos, 1904: a semana do atletismo no final de agosto de 1904 foi o principal foco do interesse. Os famosos atletas americanos foram apresentados ao público nos diários de Saint Louis. (Extraído do St. Louis Post Dispatch, 14 de agosto de 1904)



estava baseada no fato de que “funcionava como uma companhia ferroviária”. Mas a essa primeira visão da cidade dos matadouros, ruidosa e fumacenta, sobrepunha-se outra radiante. Diante da grandiosidade e da beleza autêntica da Feira Mundial de 1893 sentia-me cheio de admiração pelo aumento crescente de tal seiva.

Agradava-me a ideia de realizar os Jogos Olímpicos em Chicago. E os jornais americanos já começavam a falar em seu favor quando foi publicada uma carta fulminante de James E. Sullivan. Nela dizia-se que a convocação não tinha validade, pois o Comitê Olímpico e seu presidente havia passado suas atribuições a uma “união internacional” recentemente fundada em Paris, e citava-se, entre os “fundadores”, o conde Brunetta d’Usseaux, pela Itália; o professor Bergh-Petré, pela Suécia; G. De Saint-Claire e Pierre Roy, pela França, e o próprio Sullivan, pelos Estados Unidos. Brunetta, que a cada dia se mostrava mais zeloso pelo COI, e o professor Bergh não esperaram nem um instante para dar um sonoro desmentido a tal notícia. Pierre Roy decidiu fazer o mesmo. Após uma primeira carta, bastante áspera, Sullivan escreveu em 21 de março de 1901 uma segunda, na qual afirmava as palavras que o honram: “Estou sempre disposto, se eu acho que eu cometi um erro, a reconhecê-lo”. Por outro lado, no além-mar tínhamos somente amigos. Desde o final de 1900, o *Morning Telegraph* havia declarado que “tudo aquilo era uma campanha contra Chicago”, concluindo com esta frase mordaz: “O horror congelante da situação só pode ser plenamente apreciado quando é visto que James Sullivan não é o membro americano do COI.” As pessoas disputavam? Ótimo! Nada melhor para afiançar um comitê que ver lutar os candidatos ao seu redor. Aquilo me lembrava da frase manhosa de Jules Simon, quando alguns queriam reclamar a prioridade da iniciativa em favor dos esportes

escolares na França: “A fecundidade e a oportunidade de uma ideia são reconhecidas pelo número daqueles que atribuem para si sua paternidade”.

Em 21 de maio de 1901, reunido no Clube de Automobilismo em Paris o COI aceitava por unanimidade Chicago como sede dos Jogos de 1904. Os estudantes americanos comemoraram isso com estardalhaço quando receberam via cabo o resultado da votação. Pouco antes, eu havia escrito ao presidente dos Estados Unidos para lhe expor, com o histórico de sua renovação, a necessidade que tinha ele mesmo de patrocinar os Jogos e de proclamar pessoalmente sua abertura. Mas MacKinley foi assassinado. Este crime abriu automaticamente o acesso ao poder supremo ao vice-presidente Theodore Roosevelt. Este era um convicto, um amigo, e desde então iluminaram-se os horizontes da III^a. Olimpíada.

Tudo começou bem. Foi redigido um programa que, junto com o esporte, incluía manifestações literárias e artísticas, e foi editado luxuosamente em inglês, alemão e francês. No verão de 1901 tive como hóspede em minha casa de campo o Sr. Furber, presidente do Comitê Organizador, e nos pusemos de acordo sobre muitos detalhes. No entanto, até o final do ano percebi certa agitação e algumas reservas na nossa correspondência. A causa não tardou a aparecer. Em 1903 devia se realizar em Saint Louis (Missouri) uma exposição gigantesca por ocasião do centenário da cessão da Louisiana pelo primeiro cônsul Bonaparte para a República dos Estados Unidos. Mas, como a onze anos atrás, teve de ser adiada até 1893 a exposição na qual Chicago honrava, em nome de toda a América, o quarto centenário de seu descobrimento por Cristóvão Colombo, a manifestação de Saint Louis tampouco estaria preparada em seu devido tempo e seria transferida para 1904. Parecia natural que os organizadores dos Jogos de Chicago ficassem felizes com este adiamento, que assegurava seu êxito e uma maior afluência de espectadores. Desgraçadamente, existia uma rivalidade velada e ciumenta entre as metrópoles. Saint Louis reclamou os Jogos. Se eles não lhes fossem concedidos, a cidade organizaria, independentemente, competições desportivas. Essa ameaça, que no início foi rechaçada, ganhou força ao longo de 1902. Em Chicago foi montada uma “reunião em massa” para protestar contra qualquer mudança, embora aparecesse uma certa hesitação entre os organizadores. O presidente Harper escreveu afirmando que aceitavam de antemão nossa eventual decisão e que “iriam até o fim” se fosse preciso. Em sua carta podia-se perceber uma certa inquietude. De minha parte, antes de recebe-la já havia escrito ao chefe de Estado americano, que estava em melhor condições que ninguém para compreender a situação. Em 23 de dezembro de 1902, e depois de ter recebido as mensagens dos meus colegas, favoráveis em sua maioria (14 votos a favor, 2 contra e 5 abstenções), solicitei extraoficialmente a arbitragem do presidente Roosevelt, que como eu esperava pronunciou-se em favor da mudança. Os telegramas se multiplicaram. Chicago cedeu e David R. Francis, presidente da Exposição de Saint Louis, nos transmitiu via cabo seu profundo agradecimento. Quanto a Sullivan, entusiasmado e aficionado, me garantiu que aquilo seria “o conjunto mais esplêndido das façanhas desportivas que o mundo teria visto”.

E o que acontecia no mundo ante o acontecimento gigantesco que se aproximava? Nada. Naquele verão, escutando em Bayreuth os apaixonados acentos wagnerianos, tive a oportunidade de calibrar minhas impressões e perscrutar em paz os horizontes Olímpicos. A música e o esporte sempre tem sido para mim os “isolantes”

mais perfeitos, os instrumentos mais fecundos da reflexão e da percepção, ao mesmo tempo em que incitavam fortemente à perseverança, operando, com o perdão da expressão, como “massagens da mente”. Em suma, superadas dificuldades e perigos, havia se dissipado toda preocupação imediata. A III^a. Olimpíada seria realizada com toda pompa e circunstância. Uma equipe experiente era responsável por isso. Haveria muitas falhas, sem dúvida, mas não iria se repetir nenhum dos avatares de sua antecessora de 1900. O número de participantes, a presença do chefe de Estado, a autoridade do COI, cuja lista apareceria com destaque no programa diário... tudo isso estava garantido. O único ponto nebuloso era talvez que os americanos estavam imaginando uma atração muito superior que o previsto. Contavam, por exemplo, com os “príncipes” (eram três na época) e com todas as personalidades que faziam parte do COI. Ofereciam um salão magnífico para as nossas reuniões. Mas eu estava muito decidido, sem deixar transparecer isso no momento, a recusar o convite. Seríamos provavelmente seis ou sete ao redor de uma mesa preparada para trinta, e exclamariam: “Mas como? Este Comitê que faz tanto estardalhaço é somente isso?” Não. Na verdade, o COI se reuniria em 1904, pois havia chegado a hora de “se apresentar” e finalmente estava em condições de fazer-se conhecer, mas isso aconteceria em Londres, no velho palácio do lorde Mayor, na *Mansion House*, sob os auspícios do rei Eduardo, e solicitando para as nossas sessões a maior dose possível desse prestígio que destila a velha Inglaterra para as jovens instituições que necessitam disso. E desde Londres, o COI confiaria à cidade eterna, a gloriosa Roma, a tarefa de organizar, quatro anos mais tarde, os Jogos da IV^a. Olimpíada.

Tudo aconteceu de acordo com este plano. A sessão foi um sucesso, sob todos os pontos de vista, menos um, pois eu não tinha querido associar de certo modo o movimento Olímpico com as universidades de Cambridge e Oxford e também o velho colégio de Rugby, essa Meca da pedagogia do esporte. Mas meus queridos amigos R.S. Laffan e Sir Howard Vincent haviam planejado tão bem as coisas que, afora o trabalho, toda a semana de 19 a 27 de junho esteve ocupada por uma grande variedade de festivais: almoço em *Mansion House*, festas em Westminster e na famosa e luxuosa corporação dos Fishmongers, excursões a Windsor e Hurlingham, etc. Além disso, todos os meus colegas compreendiam provavelmente como eu o desejo de associar o mundo universitário ao renascimento Olímpico. Na América, onde, como disse antes, as universidades dominavam então o atletismo, era tarde demais. Na Europa, ao contrário, isso não se vislumbrava em nenhum lugar. Não quero julgar aqui os estudantes e muito menos sua mentalidade, associando-a com a mentalidade de seus professores. Esta digressão estaria fora de lugar, mas é muito evidente que sob múltiplos aspectos (o Olimpismo é somente um deles) a colaboração com os elementos universitários entre 1890 e 1930 tem fracassado de modo constante e estrondoso em manifestações públicas. Muitas vezes apareceram dispersos e, com muita frequência, espalhados sobre encruzilhadas irrelevantes ou metidos em empresas estereis, mas quase nunca trabalhando com empenho e continuidade junto ao amplo complexo dos grandes meios de comunicação mundiais. Quando muito tardiamente os estudantes vieram para o esporte, reclamaram inclusive Jogos Olímpicos especiais para eles. É certo que os operários fizeram o mesmo e fui censurado por ter tido, diante de um e outro caso, uma atitude contraditória. Explicarei isso no seu devido tempo.



Os primeiros Jogos Olímpicos no “novo mundo”, Saint Louis, 1904. Harry L. Hillman vence a corrida de 200 metros com obstáculo; o primeiro medalhista Olímpico negro. George C. Poage, terminou em terceiro, nos 400 metros com obstáculo. Sua atuação fez supor o início de uma trajetória longa e brilhante para os negros americanos nos Jogos Olímpicos. (Extraído de Spalding Official Athletic Almanac for 1905, Official Report 1904. Nova Iorque, A.S.P., 1905, p. 204)



Como parte do programa de acompanhamento dos Jogos Olímpicos de 1904, nativos de diferentes continentes disputaram diversas competições sob o título de “dias antropológicos”. Coubertin condenou este abuso do nome Olímpico como “desumano”. (Foto extraída de M. Bennitt; F. Stockbridge, *History of the Louisiana Purchase Exhibition, Saint Louis, World's Fair, 1905*, p. 573)

Foi em 24 de março de 1903 que o senador Todaro me comunicou oficialmente, na qualidade de presidente da Federazione Ginnastica Italiana, o acordo unanime formulado alguns dias antes pelos delegados das sociedades italianas de ginástica, solicitando que se designasse Roma para sede da IV^a. Olimpíada. Três anos haviam se passado, discretos e silenciosos, durante os quais o COI apenas se tinha reunido, mas nesse período houve troca intensa e apressada de correspondência destinada a consolidar a ligação entre seus membros e a posição do Comitê frente aos grupos desportivos e os Estados. A reunião de Londres colocava em evidência o feliz resultado de nossos esforços.

A candidatura romana, um pouco abandonada pelo presidente Todaro, havia conquistado um apóstolo entusiasta no secretário da federação italiana, F. Ballerini. O conde Brunetta d'Usseaux levou adiante, assim mesmo, o processo, atendendo ao meu pedido. Contra ela somente surgiam as tendências regionalistas, muito mais acentuadas naquele momento do que agora. Nem todos aceitavam a primazia de Roma. Milão considerava-se a única metrópole desportiva da península. E depois dela, Turim fazia prevalecer seus títulos.

Certamente, Jogos Olímpicos em Milão ou em Turim não seriam muito interessantes e de nada serviriam para a nossa causa. Eu desejava que fosse em Roma, porque somente ali, retornando de sua excursão pela América utilitarista, o Olimpismo vestiria novamente a toga suntuosa, adornada com arte e elevada categoria intelectual, com o que eu queria embelezá-lo desde o início.

Embalamos o acordo com muita solenidade, graças à qual meus colegas alemães retiraram sua proposta de fazer a indicação de Berlim. Apresentei a decisão como uma homenagem internacional a antiguidade romana, o que permitiria também lutar de modo eficaz no futuro contra toda tendência a dividir os Jogos entre muitas cidades. Até aquele momento, não havia nenhum mal-entendido sobre este ponto: Atenas, Paris, Chicago, Saint Louis haviam se apresentado como centros em todos os aspectos. Desta vez, diários e comitês falavam em conceder os Jogos de 1908 à Itália, deixando transparecer sua segunda intenção de dividir as competições entre várias cidades italianas. Um grave perigo que deveria ser descartado a qualquer preço, e que explica a razão da nossa insistência absoluta em falar de Roma e só de Roma com incansável tenacidade. Quando o acordo se tornou público, o comunicado foi repassado à embaixada da Itália. O embaixador o telegrafou ao soberano com nossas saudações, e fez o mesmo com o prefeito de Roma, o príncipe de Colonna. Já em 27 de fevereiro, reunida no Capitólio, a Junta Comunal se havia ocupado do assunto concordando com um patrocínio efetivo. A resposta do príncipe Colonna foi calorosa. O ministro da Casa Real telegrafou abertamente dizendo que o rei o havia encarregado de agradecer vivamente ao Comitê Internacional que “ao proclamar Roma como sede da IV^a. Olimpíada” dava à Itália “uma prova cabal de cordial simpatia”.

Pouco depois, nossos colegas Gebhart e Kemény embarcavam para os Estados Unidos, levando nossas melhores mensagens – ainda que discretas – aos organizadores dos Jogos. Enquanto se firmava na Europa, o COI tinha interesse em não ver diminuída sua posição na América. Os pontos essenciais indicados mais acima foram alcançados, e seria uma autêntica imprudência queimar etapas: “Paciência” permaneceu o nosso lema.

Sem dúvida, esses Jogos de Saint Louis não eram muito atrativos. Pessoalmente eu não tinha nenhum desejo de assistir, e experimentava inclusive certa antipatia para com

essa cidade cheia de desilusões, relacionada com a confluência do Missouri e o Mississippi que assim a colocam no mapa. Que Fennimore Cooper me perdoe, mas registre-se que jamais havia me imaginado numa paisagem de tal natureza, na qual se encontram esses rios, de nomes estranhos e sonoros! Nenhuma beleza, nenhuma originalidade. De minha parte, pressentia que a Olimpíada uniria sua sorte com a da cidade. Quanto à originalidade, o programa oferecia somente uma e, por certo, muito chocante. Eram os dois dias estranhamente batizados como “*anthropological days*”, com competições reservadas aos negros, índios, filipinos e ainos, aos quais se somaram ousadamente turcos e sírios. Isso se passou vinte e cinco anos atrás. Quem se atreverá a afirmar que o mundo não andou desde então, e que não fez progressos a ideia desportiva?

Memórias Olímpicas, cap. VI, Lausanne, COI, 1997, p. 72-79.

4.2.2/17 UM CONGRESSO PRÓSPERO E ALGUMAS REALIDADES TANGÍVEIS (1905)

Em 1905 o centro de atenção foi o congresso Olímpico de Bruxelas, precedido de uma sessão praticamente desconhecida para os investigadores Olímpicos.¹

O tema central de discussão do congresso, a unificação das regras desportivas para os Jogos Olímpicos, havia caído no esquecimento desde sua convocação em 1901. Assim, Coubertin voltou a aproveitar a oportunidade e substituiu a temática prevista em um princípio por uma análise do estado da educação física nos diversos âmbitos da vida e dos diversos países.² O congresso aprovou 63 recomendações.

Foi dado destaque para a incorporação dos Jogos estudantis à educação física escolar e à equiparação das correntes de ginástica da época. Solicitou-se a implementação de espaços para a prática de esportes, a formação de professores, o apoio ao esqui e de associações de defesa dos interesses dos clubes desportivos.

Para ele foi decisivo o fato de que em Bruxelas fora produzida pela primeira vez a colaboração de numerosos círculos de pessoas que até esse momento não haviam entrado em contato com o esporte.

O segundo ponto de interesse em 1905 é igualmente significativo, já que nos descreve em detalhe as atividades de Coubertin nesse ano tão importante para o movimento Olímpico. Entre elas se encontram, por exemplo, sua primeira visita a um Papa no Vaticano, nesse caso Pio X.

Dentro do panorama dos “anos Olímpicos” como eles passam em minha memória, o ano de 1905 não me parece muito brilhante, mas como um dos mais produtivos e fecundos em resultados sólidos.

Aquele ano começou para mim com uma estada bem prolongada em Roma que tinha um duplo objetivo: garantir a realização romana da IVa. Olimpíada em 1908,

1 Conhecemos alguns detalhes a respeito graças à correspondência de Jiri Guth, que foi disponibilizada pelo investigador Olímpico Jiri Kössl, como por exemplo a decisão sobre o nome dos Jogos Intermediários de 1906 em Atenas.

2 O anúncio oficial do programa que Coubertin havia redigido apresentava uma descrição detalhada de cada âmbito. Ver *Revue Olympique*, 1905, n. 1, p. 9-15. Junto com as deliberações da comissão foram realizadas seis conferências principais, que foram reproduzidas no informativo e às quais Coubertin fez referência com frequência, em especial no estudo de G. Stréhly “Ginástica na antiguidade”.

e obter do Vaticano a mitigação de uma espécie de proibição que imperava em muitos meios clericais no tocante à pedagogia desportiva. O primeiro ponto não foi alcançado; o segundo o foi plenamente.

Tudo parecia combinar para contribuir para o êxito dos próximos Jogos. Roma dispunha de todos os recursos que em princípio haviam faltado em Atenas. Quanto ao fator humano, desde o rei até o mais modesto funcionário pareciam favoravelmente dispostos. Para dizer a verdade, essa simpatia não se refletia na celeridade do trabalho, mas onde era necessário trabalhar para continuar a obra, como havia sido o entusiasmo helênico para fundá-la? Assim, não existia uma engrenagem de propulsão. Aquela que o conde Brunetta d'Usseaux havia formado no ano anterior ainda não tinha chefe, pois Brunetta não tinha condição para tal e, desde então, as tendências regionalistas que já mencionei, não puderam ser neutralizadas. Quando falo de regionalismo, não quero dizer com isso que a Itália de então não estivesse unida, e é completamente certo que entre os piemonteses, venezianos, romanos, napolitanos ou sicilianos não existia nenhuma das veleidades de então. Mas o caráter, o temperamento, os modos de conceber e executar seguiam sendo tão distintas que, afora os assuntos de interesse, verdadeiramente nacional, a colaboração era muito incomoda e os malentendidos, frequentes e duradouros. Não vou entrar aqui em detalhes sobre as negociações e conflitos ambiciosos que aconteceram. Sobre esse particular deixei já algo escrito num livro de memórias, publicado em 1908. Tal como aconteceu em Atenas onze anos antes, me vi obrigado a substituir com minha ação pessoal a muitos reticentes que demoravam em se manifestar, e a montar eu mesmo os planos e orçamentos dos Jogos. O rei e a rainha me indicaram amavelmente na praça de Siena, na Villa Borghese, um estádio natural de perfeita beleza que serviria muito bem para os esportes atléticos. Escolhi a praça das Armas para as competições de ginástica e as termas de Caracalla para os esportes de combate. Que maravilhosos cenários e que fácil adaptação! Tor di Quinto se oferecia para o hipismo, o Tibre, entre Ponte Molle e Ponte Margherita, para remo e natação; o Capitólio para as cerimônias e recepções. O orçamento inicial, contendo todos os dados conhecidos, foi dividido em doze capítulos, e seu montante chegava a 303.000 liras. Tempos felizes! Devo acentuar que, como em 1896 e em 1900, eu concebia os Jogos como destinados a uma seleção: quinhentos participantes e cerca de quinze a vinte mil espectadores. No orçamento estavam incluídos os prêmios, estatuetas, cujos moldes, destruídos no encerramento, aumentariam singularmente o valor (sempre reclamei em vão que se fizesse assim em cada Olimpíada) e a nomeação de um diretor geral, para cujo posto propus, com anuência dele, o secretário geral do *Racing Club* da França Gaston Raymond.

A negociação com o Vaticano exigiu menos esforços. Em Veneza, o Papa Pio X dotava de prêmios as regatas de seus queridos gondoleiros e o cardeal Merry del Val, secretário de Estado, que havia sido educado em Eton, não compartilhavam nem um pouco os preconceitos que tinham contra o esporte a maioria dos diretores de instituições e estabelecimentos religiosos. Refiro-me a esportes e competições desportivas, e não aos jogos recreativos e sem graça muito em voga até então em tais estabelecimentos. O Sumo Pontífice, interessado pelo projeto da Olimpíada romana, falou disso com extrema benevolência, prometendo nos dar além disso uma prova próxima e tangível de seus sentimentos. E no ano seguinte foi realizado um festival de ginástica durante uma peregrinação dos patronatos católicos franceses, belgas e de outros países, presidido pessoalmente pelo Papa no famoso pátio de São Damásio; espetáculo



Alguns dos participantes no Congresso Olímpico de 1905 em Bruxelas (Extraído de *L'éducation physique*, 1905, p. 317): da esquerda para a direita, sentados: senhor Dudok de Witt, capitão H. Angeli, G. Demeny, senhora Lefebure, senhora Kritchevsky,

coronel Derué, barão Pierre de Coubertin, coronel Victor Balck, barão F.W.C. Van Tuyll, conde A. Mercati, W.H. Grenfell, conde Brunetta d'Usseaux, Racine. De pé: senhores Bonamour, Jourdain, capitão Holbek, doutor Tissie, ?, E. Vestine, Ed. Etling, A.

Fringnet, reverendo de Courcy Laffan, doutor Demoor, A. Fosseppez, F. Zièrer, Dedet, ?, L. Kiel, Ch. Simon, Beltram, Ch. Lefebure, general de Butovsky, capitão Hutton, E. Rouzier-Dorcières, J. Dalbane, T. Vienne, E. Briotet, professor Van Aken.

muito sintomático que foi registrado em fotografias e que tem sempre um grande sucesso no conjunto das nossas projeções documentais Olímpicas.

Quando o COI se reuniu em Paris na primavera de 1901, foram discutidas três proposições convergentes sobre a convocação de um congresso internacional para a unificação de regulamentos desportivos. Uma delas procedia de nossos colegas alemães; outra de vários grupos suecos, e a terceira da Amateur Athletic Union, dos Estados Unidos. A primeira propunha redigir um código desportivo que deveria ser declarado obrigatório para todas as competições futuras. Era muito importante e, por outro lado, com que direito podia o COI tomar a iniciativa de uma legislação tão peremptória, à margem das federações e sociedades tecnicamente competentes? Aqui aparece de modo diáfano a confusão que deveria se estender durante tanto tempo entre os Jogos Olímpicos e os campeonatos internacionais ordinários. Os membros do COI deveriam carregar “a bandeira do ideal Olímpico” e era seu dever impregnar desse mesmo ideal as competições quadrienais dos Jogos; mas isso não os capacitava para substituir aos técnicos na implementação dessas mesmas competições e concursos. Evidentemente, isso era difícil de entender fora do Comitê, e em algumas ocasiões, inclusive em seu próprio seio.

A segunda proposição, como afirmei, vinha da Suécia, e se inspirava nesse sistema um tanto simplista e raivosamente lógico de considerar as coisas que, juntamente com certos completos imprevistos, transforma a mentalidade escandinava em algo difícil de entender, inclusive para os estrangeiros que são seus mais acirrados

defensores. Como tratava-se de restaurar os Jogos Olímpicos, devia se fazer isso integralmente, descartando sem piedade tudo aquilo que o programa contivesse de moderno, para representar exclusivamente os exercícios praticados na antiguidade. Acredito não ser necessário insistir sobre o caráter negativo, impraticável e, finalmente, destrutivo dessa proposta para a nossa obra.

Somente podia-se recomendar a terceira. Sheldon, delegado da *American Athletic Union*, foi admitido para que ele mesmo a defendesse ante o COI. Ele o fez com talento e moderação. Pedia para convocar uma troca de pontos de vista entre todos os que se interessavam pela regulamentação de competições, sancionando logo os acordos com o apoio da nossa autoridade. Por que não? Isso se encaixava plenamente com o espírito e os meios do COI.

Então aconteceu o congresso de Bruxelas. Em dezembro daquele mesmo ano de 1901, aproveitei uma viagem do rei Leopoldo a Paris para pedir-lhe uma audiência e obter seu patrocínio. Uma espécie de ancilose o havia acostumado a permanecer em pé, apoiado em sua bengala, e assim recebia com simplicidade inclusive no centro do salão. Se considerasse interessante, a conversação se prolongava durante um bom tempo. Sua estatura elevada, seu olhar sempre um tanto zombeteiro e sua acuidade ao intervir o tornavam temível. Quando o visitante não resultava simpático, podia chegar inclusive à ironia. Gostava de esportes? Ou, melhor dizendo: tinha alguma vez gostado de esportes? Não posso afirmar isso com certeza, mas posso dar testemunho de que aquilatava seu valor como instrumento para a formação de indivíduos que se destacassem em seus empreendimentos coloniais. Alguns anos mais tarde encarregou-me de fazer projetos, regulamentos e programas para um “*collège de préparation coloniale*” cuja execução realizei com vivo prazer e lhe remeti depois de documentá-los em detalhe. Naturalmente, o desenvolvimento dos esportes desempenhava ali um papel importante. O projeto fracassou: eu o havia previsto laico e o rei assim o aprovou, mas influências religiosas o fizeram malograr completamente.

O congresso previsto para 1904 foi adiado para 1905. Havíamos acrescentado um trunfo em nosso naipe na pessoa de um novo colega belga, o conde Henri de Baillet-Latour, que antes de me suceder após vinte anos na presidência do COI, deveria desempenhar conosco por muito um papel de primeiro plano, prestando destacados serviços à causa Olímpica. Seu predecessor, alarmado diante da responsabilidade do congresso, se havia retirado repentinamente, tão bruscamente que seu modo de proceder nos colocou à beira de um grave incidente que evitou a intervenção espontânea de um diplomata francês amigo do COI.

No dia 7 de outubro de 1904, o primeiro ministro da Bélgica, conde de Smet, a quem eu conhecia pessoalmente, me informou que seu colega para Assuntos Exteriores aceitava remeter os convites por meio das delegações belgas, o que era muito importante. Por outro lado, ele lamentava que o burgomestre de Bruxelas, De Max, recusara oferecer-nos a hospitalidade de seu famoso Agrupamento. Mas Baillet-Latour conseguiu o “*Palais des Académies*”, melhor situado e mais confortável.

Assim, o congresso foi aberto (junho de 1905) com uma sessão solene prestigiada por um discurso de Marcel Prévost, presidente da *Société des Gens de Lettres*, que tinha vindo de Paris para falar sobre o espírito na escola do esporte, apropriadíssima contribuição para uma das nossas sessões que, afora o discurso, somente trataram da técnica. Era seu momento oportuno, como o havia sido em Le Havre para a pedago-

gia. O programa era imenso. Pretendia abarcar todos os assuntos, apesar de sua complexidade e de seus aspectos tão diversos. Ocupava cinco ou seis páginas, formando um repertório completo. Nem é preciso dizer que se tratava de uma temática que não podia ser aprofundada, mas que iríamos desenvolver unicamente em seus aspectos mais importantes. Uma questão muito interessante para lembrar aqui é o papel do esporte no exército. Os representantes franceses começavam então a se mostrar favoráveis ao mesmo. Já os alemães e toda sua escola eram totalmente contra. Segundo eles, considerando a formação do soldado, o esporte nada mais seria que perda de tempo e oportunidade para o relaxamento da disciplina. Dez anos mais tarde, todos sabemos com que energia foram varridas tais prevenções por força dos fatos e como o valor da preparação desportiva alcançou de imediato uma importância de primeira ordem.

A sessão do COI realizada no decorrer do congresso foi fecunda em resultados felizes. O comitê alemão havia designado seu novo presidente, o general conde Von der Asseburg, para substituir o príncipe de Salm-Horstmar, que havia se retirado. Ele era contrário à própria essência do COI. Não houve como ceder. Mas quando tomou contato individualmente com meus colegas na qualidade de delegado para o congresso, o general declarou que era seu Comitê que havia se equivocado e que ele acreditava ser seu dever se apresentar livremente para nossa aprovação. Então o escolhemos encantados. Era um homem encantador e no qual podíamos confiar. O Olimpismo o havia entusiasmado desde o primeiro momento. Ele nos ajudou muito a manter em Bruxelas uma atmosfera agradável, posto que as circunstâncias eram difíceis. Delcassé acabava de se demitir como consequência do desembarque de Guilherme II em Tanger e os acontecimentos que se seguiram. Falava-se de uma guerra próxima. Os belgas desconfiavam; os escandinavos mostravam-se nervosos porque a brusca separação da Suécia, exigida pelos noruegueses, não ocorrera sem fricções. Mas tudo isso diluiu-se num bom clima desportivo. Essa reunião de mais de duzentos membros, ora divididos em comissões, ora agrupados na sessão plenária, deliberou com espírito aberto e preocupação só com o bem público.

Todos os acordos foram realizados por votação; mas naquele tempo, quando ainda não havia abusado dos congressos, os “votos” tinham um valor autêntico. Especialmente por sua amplitude, a manifestação honrava muito o COI. A criação recente da *British Olympic Association*, intimamente associada com o *Deutscher Reichsausschuss für Olympische Spiele*, nos dotava de dois aliados poderosos. De agora em diante, Londres e Berlim possuíam centros Olímpicos permanentes trabalhando conosco e, de certo modo, sob a nossa égide. Isso nos colocava, com relação à Atenas, numa situação muito mais forte. Nosso colega Mercati soube aproveitá-la em seguida para estabelecer uma aproximação que o príncipe herdeiro sempre havia apoiado com o maior interesse. Na Grécia foram anunciados, para 1906, Jogos fora do ciclo normal em comemoração ao décimo aniversário da restauração do Olimpismo, com os quais o COI concordou em prestar seu apoio e dos organismos já constituídos por seus membros em diferentes países. Assim, embora o congresso de Bruxelas havia-se realizado durante o período de tensão política mais perigoso que a Europa ocidental conheceu desde 1887, estávamos vivendo com a confiança de haver obtido a máxima paz Olímpica. No entanto, isso não queria dizer, nem um pouco, que nossos adversários tivessem renunciado à luta.

Memórias Olímpicas,
cap. VII, Lausanne, COI, 1997, p. 80-87.

4.2.2/18 – 4.2.2/20 INTRODUÇÃO

Com a concessão dos Jogos Olímpicos de 1908 a Roma, haviam se criado grandes expectativas. A cidade de Roma, com seus antigos tesouros artísticos, devia enaltecer o movimento Olímpico e dar um impulso definitivo ao internacionalismo desportivo. A quinta sessão do COI em Atenas, que tratou dos Jogos Intermediários de 1906, decidiu, na ausência de Coubertin, a transferência dos Jogos para Londres. A “circular” aqui reproduzida deu conhecimento disso aos membros do COI.

Além do número especial da *Revue Olympique* sobre o helenismo, Coubertin não se ocupou com os Jogos Intermediários de 1906 em Atenas. Ele admite em suas *Memórias Olímpicas* que os Jogos estavam melhor organizados, com mais brilhantismo que os primeiros. Mas o que o desagradou foi a falta de um princípio sólido, apesar de ter apresentado em Atenas em 1906 o compromisso de realização de jogos pan-helênicos a cada dois anos após os Jogos Olímpicos.

Os preparativos para os IV Jogos Olímpicos em Londres em 1908 foram bem sucedidos. O concurso Olímpico de arte previsto para 1908 foi afetado pelo exíguo tempo de preparação e pelas pautas demasiado rígidas. Surgiram algumas complicações políticas acerca do direito de participação das colônias da coroa britânica (*dominions*). O COI declarou-se supranacional pela primeira vez e criou uma geografia própria, de acordo com a qual os *dominions* podiam participar autonomamente por decisão própria. Assim, a disputa acabou sendo programada para 1912.

Outro problema consistia na exigência por parte do COI da adoção do sistema decimal. Aceita sem discussão em 1904 em Saint Louis, essa exigência encontrou forte resistência na Inglaterra.

As competições de atletismo transformaram-se numa verdadeira batalha anglo-americana. Choveram protestos sobre as vantagens oferecidas aos atletas britânicos; as campanhas da imprensa nos Estados Unidos e os desmentidos na Inglaterra lançaram sombras sobre esses Jogos.

Coubertin descreve esses problemas no capítulo “A quarta Olimpíada – Londres 1908” de suas *Memórias Olímpicas*, que é o segundo texto apresentado a seguir. Os detalhes acerca da realização dos Jogos, especialmente sobre os incidentes e acontecimentos concretos, encontram-se no artigo “A crônica dos Jogos de 1908”.

Os Jogos não foram realizados no contexto de uma Exposição Universal, mas em suas instalações e ligadas a uma grande exposição franco-britânica. Esses Jogos trouxeram consigo uma singularidade: em outubro de 1908, sob a denominação de “esportes de inverno”, foram realizadas competições autônomas de boxe, patinação artística, futebol e hockey. Desse modo, era criado o precursor dos Jogos Olímpicos de Inverno, tema que será tratado mais detalhadamente na seção 4.2.3.



“Reconstrução do passado aliado às novas formas de locomoção”. Visão do pintor Max Schaberschul (1875-1940), de Dresden, no período que antecede

aos Jogos Olímpicos intermediários realizados em 1906 em Atenas. (Extraído de *La Revue Sportive Illustrée*, n. 7, outubro de 1906, p. 14)

4.2.2/18 CIRCULAR AOS MEMBROS DO COI (DEZEMBRO DE 1906)

Prezado Senhor e Colega:

Tenho a honra de propor a admissão em nosso Comitê, como substituto do Sr. coronel Holbeck, o Sr. capitão Grut, representante da Dinamarca. O capitão Grut, antigo Auxiliar de Campo de Sua Majestade, o rei Christian IX, é atualmente Chefe do Estado Maior do corpo de Engenheiros, e teremos nele um colega tão competente quanto afável.

Em segundo lugar, de acordo com os desejos de nossos colegas britânicos, a atribuição para o ano de 1907 da taça Olímpica ao “*Henley Royal Regatta Committee*”, como testemunho de serviços amplos e preciosos feitos por este Comitê em favor dos Esportes. A taça Olímpica, que tive o prazer de criar no ano passado e cuja reprodução se encontra em anexo, foi entregue por você ao Touring Club da França para o ano de 1906.

Nossa próxima reunião será realizada durante a próxima primavera em Haia, em lugar de Berlim, a pedido dos nossos colegas alemães. De acordo com os compromissos assumidos em Atenas, nela elaboraremos os regulamentos das provas exigidas pelas próximas Olimpíadas.

Em razão de uma série de dificuldades de ordem particular que foram criadas em Roma e que tivemos de manter em segredo, o Comitê Internacional, em sua reunião de Atenas, ofereceu a *British Olympic Association* a organização dos Jogos de 1908. O convite foi aceito e o êxito da IVa. Olimpíada parece estar garantido.

Aceite, Senhor e querido colega, a expressão de meu sincero apreço.

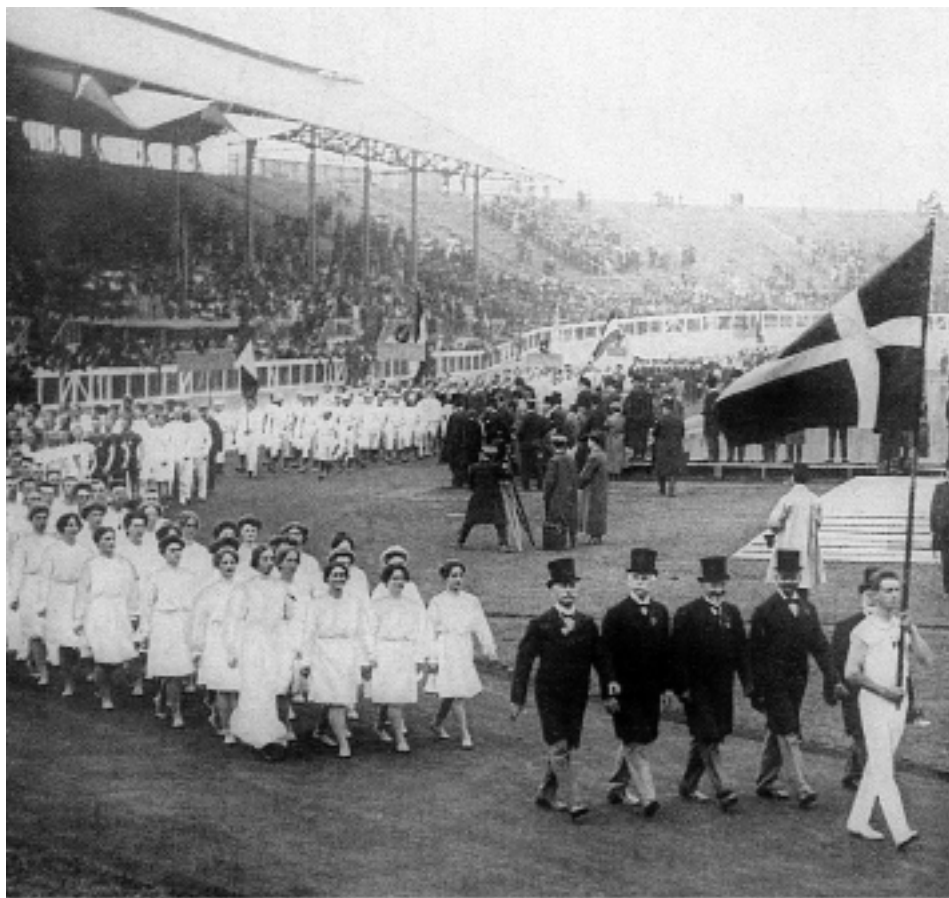
Presidente do Comitê Olímpico Internacional

Circular do Presidente do COI (Arquivos do COI)

4.2.2/19 A CRÔNICA DOS JOGOS DE 1908

Agora que os Jogos Olímpicos de Londres estão quase concluídos (ainda falta o futebol, o hockey, a patinação...) percebe-se claramente sua estrutura colossal. Perdoem-me o neologismo; com ele somente queremos expressar a impressão geral deixada pela IV^a. Olimpíada, com essa massa enorme de atletas vindos de todos os países. Desde logo, os poucos incidentes ocorridos durante as festas se esvanecem e fica muito clara a desproporção entre o ruído que pretendeu fazer com eles e a realidade dos mesmos. Certamente se buscava e se queria isso. Ninguém desconhece que haviam sido implementadas diversas conspirações para fazer fracassar os Jogos ou, ao menos, boicotar seu êxito em caso de não poder impedi-los. Esforço ingênuo do qual não resta quase nada, exceto a compreensão de que nenhum grupo nacional por mais poderoso que seja, ou que acredita sê-lo, pode levar consigo sem motivo algum a ação combinada dos outros.

Entre os incidentes que se pretendeu explorar há alguns indiscutíveis. Entre eles está a questão do limite de tempo imposto aos ciclistas. A união internacional de ciclismo apressou-se alguns dias depois, durante o congresso de Leipzig, a suprimir



A equipe dinamarquesa em Londres, 1908, liderada por ginastas senhoras envolvidas em demons-

trações como parte do programa de acompanhamento (Extraído do Sport im Bild, 1908, p. 923)

essa regra: decisão apressada e totalmente circunstancial sobre a qual talvez se tenha que voltar em breve e que, em todo caso, somente tem uma importância muito secundária. A desclassificação de Dorando Pietri, vencedor da maratona, afetou a opinião pública. Ninguém pode afirmar, definitivamente, que Dorando não seja moralmente o vencedor da prova, nem que seria possível, desde um ponto de vista técnico, evitar sua desclassificação. Chegou ao Estádio, mas não atingiu a meta. Foi preciso apoiá-lo porque desfalecia, e fosse qual fosse a causa de sua fraqueza – alimentação defeituosa ou emoção causada pela acolhida da multidão –, o desvanecimento, que se repetiu várias vezes, o deixou sem forças para chegar sozinho à meta. Então, quem poderá negar que, numa corrida de mais de 40 quilômetros, fracassar na chegada não equivale quase a uma vitória? Assim o haviam compreendido claramente os ingleses, e o belo

gesto de sua soberana graciosa não fez senão interpretar o sentimento unânime da nação. Pode-se discutir quanto se quiser sobre a oportunidade das “maratonas”. Não faltam bons argumentos em favor da tese de que uma maratona somente é admissível na Grécia como uma lembrança, mas que, em si mesmo, não é uma prova muito razoável. Uma vez admitido esse princípio, não pensamos que uma corrida semelhante possa ser organizada de forma mais notável do que foi a de 1908. Desde Windsor, onde Sua Alteza Real a princesa de Gales presidia a saída, até o Stadium, tudo havia sido previsto: automóveis, médicos, transporte de material, paradas possíveis e refrescos desejáveis. As regras que foram adotadas, tanto desportivas quanto de prudência, permaneceram como um modelo em seu gênero.

Na chegada, a pista foi invadida por algumas pessoas, mas não muitas. Existe a queixa de que isso aconteceu diariamente, e têm razão. Havia gente demais com acesso a ela; e é preciso dizer também que todos os estrangeiros queriam entrar e que mais de um organizou uma boa confusão quando parecia que iam barrar sua entrada. Não importa, mas foi um grande erro autorizar semelhante mudança; em certos momentos parecia que o gramado central se tivesse transformado num verdadeiro acampamento.

A experiência de um júri internacional, embora temperada pela existência de um “Comitê de Honra” composto por delegados estrangeiros, não satisfaz a todos. Aquilo não deixava de ter certa dificuldade. Em todo caso, apesar de seus defeitos, vê-se que o é defensável o princípio do júri internacional, que já havia sido provado e sobre o qual tem havido queixas. A escolha entre ambos não parece definitiva e, além disso, a decisão tomada a esse respeito somente se referia à última Olimpíada, sem que valesse para a seguinte.

Uma crítica muito difundida, aparentemente justa, atinge os pontos conquistados até agora pelo Reino Unido. À primeira vista, parece que os ingleses tenham tomado a dianteira no campo desportivo que desanima as outras nações. Eles têm conseguido um score alto. Mas não se pode esquecer que os coeficientes com os quais calculam os totais mal correspondem à realidade; ao menos não representam mais que no caso de se admitir o valor desigual dos diferentes grupos de esportes. O congresso de Paris nivelou a todos, e a tradição Olímpica está de acordo com o bom senso ao exigir que isso seja assim. A esgrima e os esportes náuticos são tão “Olímpicos” como as corridas. No entanto, em Londres, o coeficiente da esgrima era 4, pois havia quatro provas, enquanto as corridas, devido ao seu grande número, contavam com um coeficiente três vezes maior. Esta peculiaridade deverá ser considerada pelo Comitê Internacional em sua próxima reunião. Entretanto, vale indicar que a supremacia ridícula atribuída às corridas é muito prejudicial. A natação, a luta e a ginástica entraram no Estádio, para não falar do ciclismo, e isso é uma lição sumamente proveitosa ante a opinião, errônea, dos especialistas em corridas. Mas embora a igualdade tenha sido moralmente restabelecida, ela ainda não o está moralmente.

Entre as provas individuais de ginástica (o famoso heptatlo, tão digno de ser admirado e que esperamos se perpetue), os cinco primeiros lugares foram para um italiano, um inglês, um francês e dois alemães. As provas coletivas tiveram os seguintes resultados: Suécia, 438 pontos; Noruega, 425; Finlândia, 405; Dinamarca, 378; França, 319; Itália, 316; Holanda, 297; Inglaterra, 196. Lamentou-se a ausência de uma equipe alemã, cuja assistência tem sido impossível fazer coincidir com as

festas de Frankfurt, bem como o azar da belíssima equipe de exibição, cujos exercícios lamentavelmente foram realizados numa hora muito tarde para poder ser bem apreciados. Na esgrima, França e Hungria têm levado todos os louros, tirando-os dos ingleses, belgas, italianos e holandeses. No tiro, Bélgica, Suécia, Noruega e Canadá compartilharam a vitória com os Estados Unidos e a Inglaterra. As provas de salto de trampolim foram vencidas por um alemão e um sueco. Particularmente notáveis tem sido as provas de luta, que, em estilo greco-romano, reuniram ao menos 68 participantes, divididos em quatro categorias, de dez países diferentes. Hungria, Finlândia, Suécia e Itália levaram os troféus, enquanto na luta livre ficaram com eles a Inglaterra e os Estados Unidos. Esses detalhes são prova suficiente para demonstrar que a IV^a. Olimpíada não foi internacional só pela participação, mas também pelos resultados.

Foi “pura” no sentido “amador” do termo? Assim o desejamos de todo coração. No entanto, basta que paira a sombra de uma dúvida sobre alguns atletas para que se leve a cabo uma investigação séria. Como a mulher de César, os atletas Olímpicos não devem levantar suspeitas. Na verdade, não se trata tanto de individualidades, quanto de um “sistema” que parece combinar em certos meios devido aos hábitos esportivos perniciosos. Nesse caso, a grande culpada é a opinião pública, que com sua sede de vitórias nacionais, em certos países tem se deixado arrastar por um caminho execrável e já não sabe onde estão os justos limites entre amadores e profissionais. Como assinalamos anteriormente, os amadores correm o risco de ter entre suas filas mais que um profissional experiente e, ao inverso, entre os profissionais às vezes há verdadeiros amadores. Embora amadores entre os profissionais não podem ser autorizados para se qualificar, temos de ser implacável em desqualificar profissionais entre os amadores. Para fazer isso, é preciso começar por desmascará-los. Parece que a questão entrou numa fase crítica, e talvez seja um dos benefícios da IV^a. Olimpíada haver colocado essa questão com tanta clareza que agora é impossível evitar.

“La Chronique de Jeux de 1908”, em:
Revue Olympique,
agosto de 1908, p. 115-118.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

4.2.2/20 A QUARTA OLIMPIÁDA (LONDRES 1908)

Alguém poderia procurar em vão nesta mesma *Revue Olympique*, algum rastro ou sinal da mudança dos Jogos Olímpicos de Roma para Londres. Essa nova dificuldade nos recordava outra que nos levava a um silêncio prudente. Por isso, as decisões tomadas quando a *British Olympic Association* teve a certeza de um êxito mais que provável não foram comunicadas oficialmente a imprensa. A cortina desceu discretamente sobre a decoração do Tibre, para subir em seguida sobre o Tâmis. Tudo havia sido preparado durante os Jogos de Atenas, mais brilhantes e melhor organizados que os primeiros, mas que por não estarem apoiados em algum princípio estável, deixaram uma sequela de incerteza e desconcerto. Essa incerteza e esse desconcerto haviam penetrado até mesmo no interior do COI. Reunidos em assembleia, os nove ou dez colegas enviados a Atenas haviam perdido por um momento a orientação e Brunetta d'Usseaux viu-se impotente para dominá-los. Votaram uma espécie de resolução que implicava a próxima reorganização do COI, a ponto de oferecer a presidência de honra ao príncipe herdeiro. Este ficou um tanto constrangido com o presente. Presente absurdo, posto que helenizando de tal sorte o comitê, arrebataba-se sua independência internacional. Menos mal que tudo aquilo, exceto a última resolução, devia ser submetido à aprovação do presidente. E o presidente desautorizou todos os acordos, incluindo o cargo honorífico conferido a sua Alteza Real. Pouco depois, o príncipe manteve comigo em Paris uma longa conversa sobre o assunto. Não era muito agradável para ele nem para mim, mas a situação era tão grotesca, que ao final ambos rimos muito. De minha parte havia determinado expressar minha opinião com toda liberdade e franqueza, e a conversa conservou esse caráter até o fim. Quanto à “sessão” de Atenas, da qual não participaram Laffan, nem Baillet-Latour, nem Blonay, nem Sloane, não poderia ser considerada representativa da doutrina Olímpica de modo integral.

Mas havia ali um “observador”, como se diz agora, que ia se transformar em ator. Era W.H. Grenfell, recém convertido em Lord Desborough, quem, em contato com o COI fazia um ano, havia-se deixado conquistar pelo Olimpismo. Laffan e ele (sucedeu pouco depois a Herbert, enfermo e demissionário) integravam com Sir Howard Vincent, um trio magnífico de espírito prático, de vontade varonil e de impulso maravilhoso e entusiasta. Nas mãos de homens desta envergadura, a realização da IV^a. Olimpíada devia resultar verdadeiramente brilhante. Havia entremeio uma nova Exposição, mas sua missão reduzia-se a proporcionar os fundos. Revanche divertida das experiências precedentes.

E de fato, quando em 26 de novembro de 1906 foram inaugurados em Londres os preparativos da Exposição Franco-Britânica, todo mundo soube desde o primeiro momento, pelo discurso de Lord Desborough, o lugar único e preponderante que ali iriam ocupar os Jogos Olímpicos.

Num “manifesto à imprensa inglesa”, Desborough, cujo prestígio de chefe havia aumentado com a lenda que suas façanhas desportivas haviam criado em torno dele, sobretudo a travessia a nado das cataratas do Niágara, afirmou o seguinte: “É essencial para a Inglaterra, que tem sido berço de tantas modalidades atléticas, que o dia em que acontecerem em seu solo os Jogos Olímpicos, estes sejam organizados e realizados de uma maneira digna por sua reputação desportiva”.

E na realidade, foi assim em todos os aspectos. Apesar disso, verdadeiros absurdos foram escritos, como por exemplo, aquela que foi publicada por ocasião da cerimônia de inauguração dos Jogos de Londres assinada por um jornalista francês, certamente um bom desportista, F. Frank-Puaux, e reproduzida com complacência e comentários favoráveis em outros países: “Os Jogos têm dado um golpe de misericórdia na reputação da desportividade na Inglaterra: os ingleses nos têm demonstrado que, ao surgir agora autênticos rivais em outros países, passarão para história graças à imparcialidade e à independência, virtudes cujo patrimônio haviam persuadido ao mundo eram só deles”. Se buscássemos em meu arquivo material americano, cartas particulares, folhetos, artigos, etc., encontraríamos acusações ainda mais insidiosas.

O que havia acontecido? Simplesmente isso: que o absurdo dessa manifestação projetou o Olimpismo renascente à plena luz da realidade com feixe de forças vivas, que até então somente foram consideradas arqueologicamente, vale dizer, pelo que as paixões desportivas – estas sim, muito modernas – estavam muito exaltadas e elevadas a um diapasão jamais alcançado. Desde então, desfilaria diante dos nossos olhos muitos espetáculos análogos e grandiosos, mas sem conseguir embaçar jamais a lembrança do estádio de Londres. O lugar colossal, negro pela multidão que ali se apertava e vibrava com entusiasmo por toda parte, destilava uma sensação de potência orgânica que jamais voltei a reviver nem me foi proporcionada pelas outras multidões europeias e transatlânticas. Ao ressaltar que naquele momento as circunstâncias enfrentaram, com particular virulência, a duas juventudes anglo-saxãs, e fizeram nascer, no próprio seio dos Jogos, uma espécie de desafio do músculo entre seus campeões. Ao final, desde que se vislumbrou o êxito, as federações francesas armaram uma grande celeuma tentando interromper o funcionamento da engrenagem Olímpica, descartar o Comitê Internacional e negar seus privilégios. Todos esses elementos contribuíram para criar ondas furiosas que aos poucos foram se acalmando não sem provocar algumas pendências de tipo local. Ninguém poderá afirmar que os Jogos saíram prejudicados por aquela investida. Ao contrário, tais acessos de violência pareciam dar-lhes uma consistência e uma firmeza de conjunto ainda mais esplendorosas.

A partir da primavera de 1907, reunido em Haia, o Comitê Olímpico Internacional recebeu as informações dos organizadores britânicos, por certo muito satisfatórias. O trabalho realizado em menos de seis meses era realmente formidável. As bases do empreendimento firmavam-se em todos os domínios, inclusive naqueles, ainda inéditos, das Artes e das Letras. O programa havia sido comunicado com a antecipação oportuna, e sua análise foi distribuída entre três comissões formadas pelos membros do COI, o que permitiu uma resolução rápida e acertada. Foi preciso acertar concessões de ambas as partes. Era a primeira vez que as doutrinas sobre ginástica sueca e alemã se enfrentavam no mesmo cenário; também as regatas internacionais de remo no Tâmsa deviam ser acessíveis a todas as nações. Em Atenas, os jurados internacionais deixaram muito a desejar. Todos estavam inclinados para que em 1908 atuassem juizes ingleses, sob a supervisão de auxiliares dos “comissários”, medíocre combinação que não facilitou em nada a bom andar das provas. Ao contrário, não haviam surgido ainda as dificuldades diplomáticas e étnicas que na Olimpíada seguinte nos resultariam tão familiares. De todo modo, o assunto

Londres 1908: pouco após a largada da maratona no castelo de Windsor. Abaixo à direita: o italiano Pietro Dorando, desclassificado posteriormente depois de um protesto americano, cruza a linha de chegada no estádio ajudado por um juiz. (Extraído de Sport im Bild, 1908, p. 999)



Hiermit kann auch das Ziel der Marathon-Läufer im Blick gefasst werden. — Rechts: Der Amerikaner Dorando, der später auf einen Protest der Amerikaner hin disqualifiziert wurde. Das Bild im Stadion, ganz rechts, von Dickschulmeister übernommen, das Ziel im Stadion.

Die Läufer der jeweiligen Läufe im Stadion werden gefolgt. Links: Die Überwindung der letzten Meile, die letzten Kilometer der Welt zu sehen, hat durch das disqualifizierte Marathon-Läufer (rechts) einen schweren Schlag erlitten. Auch das kühnste Läufer hat der schweren Belastung, die als Aktivist selbst auf im Stadion auch einen rechtlichen Sport zum besten gab. Im Stadion verließen von P-Gesellschaft zu Licht das Ziel, schließlich überleben. Der Läufer hat seinen Augenblick in einem Londoner Stadion auf, wo er sich in weitläufige Dörfer und der Feld der Könige des langjährigen Fußballs stieg. Edy.



dos Domínios não estava muito claro. Desde a renovação dos Jogos, a Australasia (como era então denominada) havia tido um representante no COI. Em razão da distância enorme, ninguém estranhou, mas nem o Canadá nem a África do Sul se diferenciavam do império britânico e, no entanto, era certo que em Londres, suas equipes queriam por sua vez integrar-se ao império e figurar como nações distintas. Disso derivava a obrigação de definir as jurisdições territoriais para além do direito, mas sem contradizer excessivamente os princípios e considerando sobretudo a realidade desportiva. O problema era muito complexo, e não se resolveu de uma tacada só. Era preciso proceder com muita cautela. As considerações que seguem darão uma ideia de sua complexidade: Qual seria em Londres o status de um canadense residente na Inglaterra? Podia tomar parte, à vontade, da equipe canadense ou inglesa? Que decidir sobre os “nativos”, súditos ingleses nesta ou naquela colônia britânica? E a regra adotada para a Inglaterra, como poderia ser aplicada na Alemanha, por exemplo, se na Baviera ou na Saxônia ganhava corpo a ideia de reclamar uma representação separada? Ao fundar o COI fiz entrar no escritório um húngaro e um tcheco, baseando-me na importância e na autonomia desportiva desses países.

Mas a Hungria constituía um Estado com prerrogativas próprias; Boêmia, não. A tormenta viria em 1912, posto que em 1908 somente houve algum grunhido partindo de Viena. Quanto a Alemanha, o general Von der Asseburg havia sido consultado por mim confidencialmente. Creio que ele contou isso ao imperador; pelo menos ao chanceler.

A resposta foi que o Reich preferia, acima de tudo e sob o ponto de vista Olímpico, uma representação única, em bloco, mesmo considerando que a constituição especial do império britânico exigia representações separadas. Não havia, pois, dificuldades do lado alemão. Os Estados Unidos não estavam de acordo: Sullivan e seu grupo, muito poderoso, estavam indignados com os “privilégios” britânicos.

Outro assunto: o sistema métrico. Sua adoção era necessária. Indubitavelmente a transformação da corrida de 100 jardas em 100 metros (que resultavam 109, 3 metros) não era nada catastrófica para os atletas ingleses, tecnicamente falando; mas muitos tomaram isso como uma espécie de humilhação nacional. Tudo isso havia sido objeto de estudo prévio, tanto na *British Olympic Association* como no COI, o que deu ao informativo e às discussões de Haia muita agilidade e rapidez. Foi uma sessão deliciosa. Colocada sob o elevado patrocínio do príncipe consorte e inaugurada pelo ministro de Assuntos Exteriores, teve lugar no belo e tranquilo salão da Trégua, um dos mais “históricos” de Binnenhof. Ali vimos pela última vez um de nossos colegas mais queridos, Sir Howard Vincent, que a morte devia arrebatá-lo bruscamente pouco antes dos Jogos, e pela primeira vez encontramos um futuro colega húngaro muito estimado a partir de então. Jules de Muzsa, que teve de esperar quase um ano inteiro para estar conosco, pois seu governo o havia enviado para Haia “designado” como sucessor de F. Demény, que se retirava. Impossível fazer concessões. O dia em que o COI deixar de ser um “*selfrecruiting body*”, perderá sua arma essencial: a total independência. Agora todos os meus colegas estavam convencidos disso, e viam neste privilégio da livre escolha a pedra angular da nossa constituição.

Os Jogos da IV^a. Olimpíada foram abertos com grande pompa em 13 de julho de 1908. O rei, a rainha, os príncipes e as princesas da Suécia e da Grécia e o corpo diplomático assistiram a cerimônia, que resultou impressionante. Pela primeira vez,

o desfile dos mil e quinhentos atletas marchando atrás de suas dezenove bandeiras transformava em realidade um dos acordos da conferência da *Comédie-Française*: quase todos eles (exceto os americanos) haviam aceitado desfilar vestindo seus trajes esportivos, e o aspecto da parada foi transformado.

Mas a *Revue Olympique* de julho de 1908 escrevia: "... ainda mais perfeito ainda poderia resultar o conjunto se, em lugar dos acordes de hipódromo lançadas no ar pelas bandas marciais, tivessem se apresentado alguns desses corais que tanto abundam na Inglaterra, executando os admiráveis coros de Haendel". Não foi possível, e desde já uma das coisas mais estranhas com que me deparei foi esta resistência apática, durante anos, ao conjunto dos espectadores desportivos e o canto coral ao ar livre. Pode-se entender que escultores e pintores tenham duvidado em ultrapassar um umbral esquecido, mas é algo incompreensível que o público demore tanto em apreciar uma conjugação na qual duas belezas se completam tão harmoniosamente. Existe, no entanto, uma explicação. A deformação do gosto e o hábito do virtuosismo, ao desenvolverem-se paralelamente em nossos dias, debilitam o sentido eurrítmico de conjunto, o qual, junto com o desenvolvimento do virtuosismo, nos habitua à separação das impressões sensoriais. A educação artística popular deve ser refeita. Voltarei a insistir nisso e sobre meus esforços Olímpicos relacionados a isso.

Desde o ponto de vista artístico, Londres trouxe outras decepções. Os concursos de arte, cuja direção esteve a cargo da *Royal Academy*, no final não puderam ser realizados. Em vez de deixar aos eventuais concorrentes a livre escolha de motivos, pretendeu-se impô-los. Acrescente-se a isso as dificuldades inerentes ao transporte e à exposição de maquetes de esculturas. E foi verdadeiramente lamentável porque os escultores pareciam, nesta primeira oportunidade, os mais dispostos a responder ao chamado.

Nova decepção nos esportes equestres. Enfim, tudo seria superado quatro anos mais tarde, em Estocolmo. Não obstante, ficamos satisfeitos em muitíssimos aspectos. Em nenhum grupo dos distintos esportes foi tão evidente: a piscina para a natação foi colocada no mesmo estádio no qual foram instaladas também as plataformas para a luta. A piscina, com sua linda borda de pedras talhadas como uma pileta de Versailles, possuía um engenhoso dispositivo graças ao qual a torre metálica para os saltos se elevava mecanicamente desde o fundo para voltar a se retrair durante as provas a fim de não atrapalhar a visibilidade nas corridas a pé.

As provas de ginástica ocuparam em Londres um lugar de honra, sendo muito aplaudidas pelos espectadores. Para muitos constituíram uma revelação. Os ginastas escandinavos foram aclamados. "*Birds, they are like birds*" (São como pássaros!) gritava o público. A esgrima foi instalada em tendas gigantescas, em frente ao estádio, muito bem decoradas e perfeitamente equipadas desde o ponto de vista técnico. Todas essas provas mostraram, por seus resultados, o caráter internacional da competição. Os prêmios individuais de ginástica foram para um italiano, um inglês, um francês e dois alemães. Os quatro países escandinavos levaram a ginástica coletiva. França e Hungria dividiram os louros na esgrima. Os lutadores, em número de 68 participantes, pertenciam a dez nacionalidades. Resultaram vencedores um húngaro, um finlandês, um sueco e um italiano.

Mas a batalha anglo-americana concentrou-se no domínio do atletismo e ambas as partes fizeram uma luta tão dura e encarniçada que aquilo parecia o despertar de todas as lembranças históricas e inclusive a honra nacional parecia estar em jogo. Exceto o lançamento de dardo, cujo vencedor foi o sueco Lemming, os campeões ingleses e norte-americanos arrasaram no resto. Merecem destaque, no entanto, um sul-africano e um canadense entre os laureados. A divisão parecia muito lisonjeira para satisfazer ao amor próprio de todos, porém não foi assim. Quando as paixões chegam a ficar excitadas até aquele ponto, surgem forçosamente os incidentes. E os houve. Ambas as equipes se acusaram reciprocamente de quebrar as regras. Para dar uma ideia de como os ânimos estavam exaltados, basta um simples exemplo: ao regressar, quando os vencedores transatlânticos foram solenemente recebidos na Prefeitura de Nova Iorque, levavam arrastado... um leão britânico acorrentado. A gozação esteve a ponto de provocar um incidente diplomático. O rei Eduardo, desde o primeiro dia, não gostou nada nada dos atletas americanos em razão de sua atitude e de seus gritos ruidosos que ensurdeciam o estádio. Sob esse aspecto, não compreendo a atitude de Sullivan, que compartilhava a exaltação de seus compatriotas e não fazia nada para acalmá-los, o que no regresso se traduziu numa nova pirueta de sua parte. Fez a *Amateur Athletic Union* votar a designação de comissários encarregados de constituir um novo Comitê Olímpico Internacional e regulamentar o estatuto dos Jogos futuros. Mas desta vez ninguém lhe deu ouvidos, nem mesmo em sua tentativa de distinguir os Jogos Olímpicos “propriamente ditos” dos “outros esportes”. Na primeira categoria deviam entrar exclusivamente as corridas, os saltos e os lançamentos.

O COI nada tinha a temer com tais manobras. Sua constituição havia-se então consolidado plenamente. No grande banquete oferecido pelo governo britânico e presidido por Sir Edward Grey pude apresentar claramente sua política, seus projetos e os limites dentro dos quais nos propúnhamos a encerrar nossos próprios poderes e nossas ambições. Tudo estava claro como a luz do dia, e o êxito dos próximos Jogos estava garantido.

As festas de Londres foram numerosas. Somente para os atletas houve seis banquetes de 250 a 300 talheres, um grande baile, recepções por toda parte. No início dos Jogos foi realizada uma cerimônia religiosa na catedral de São Paulo, na qual o bispo da Pensilvânia proferiu um sermão com altos voos filosóficos.

Os Jogos tiveram um apêndice sob o título de “*Winter Sports*”, que foram realizados em outubro e compreendiam boxe, patinação sobre o gelo artificial, futebol, hockey... Não foi exatamente uma solução feliz, mas não houve outra saída senão organizá-los devido aos prejuízos das temporadas desportivas que imperavam na Inglaterra. A Olimpíada náutica (vela e remo) foi realizada na ilha de Wight e em Henley. A semana de Henley teve pouco interesse técnico, mas constituiu o mais sugestivo espetáculo que poderia se imaginar. Essas pequenas “mutilações” do programa geral foram muito importantes. Trataríamos de evita-las no futuro.

Memórias Olímpicas,
cap. IX, Lausanne, COI, 1997, p. 96-105.

4.2.2/21 – 4.2.2/25 INTRODUÇÃO

O informativo seguinte ocupa-se dos Jogos Olímpicos de 1912 em Estocolmo, os que tiveram o maior sucesso até o momento. Após os Jogos de 1908 em Londres, o COI e seu presidente Coubertin tiveram que enfrentar principalmente quatro questões relacionadas com o futuro programa desportivo dos Jogos Olímpicos, a renovação das regras do esporte amador, que haviam permanecido inalteradas desde 1894, disputas de competências com federações desportivas internacionais e de influência política.

As sessões do COI de Berlim (1909), Luxemburgo (1910) e Budapeste (1911) foram muito importantes para o futuro desenvolvimento dos Jogos Olímpicos; os distintos membros do COI tiveram, ao mesmo tempo, uma responsabilidade maior. Em 1911 o COI tinha 43 membros que representavam 41 países.

Os dois capítulos publicados nas Memórias Olímpicas mostram as múltiplas atividades do COI daqueles anos. Apesar de terem sido escritos em retrospectiva em 1930, a autenticidade do seu conteúdo tem sido comprovada.

Sobre os Jogos Olímpicos de 1912, em suas Memórias Olímpicas, Coubertin escreveu: “Nunca uma Olimpíada foi preparada com maior minúcia, atenção e cuidados.”¹ No capítulo intitulado “A quinta Olimpíada – Estocolmo (1912)”, ele analisa detalhadamente as primeiras reais implicações dos Jogos Olímpicos modernos com a política internacional. Ali ele escreve sobre muitos efeitos colaterais interessantes dos Jogos.

A organização por parte sueca estava nas mãos de Victor Balck, membro do COI desde 1894. Na opinião de Coubertin, os Jogos Olímpicos de Estocolmo foram basicamente um triunfo dele. Enquanto os Jogos de 1908 se perderam no barulho da grande cidade de Londres, Estocolmo ficou completamente encantada com eles.²

Antes dos Jogos de Estocolmo foi preciso solucionar alguns problemas um tanto complicados de nacionalidades, que desde então não abandonam o movimento Olímpico. A Áustria protestou contra a equipe da Boêmia e a Rússia apresentou alegações similares com relação à Finlândia.

Coubertin defendeu com veemência a ideia de uma “geografia desportiva” própria, que queria ver claramente diferenciada dos avatares da política de estado. Para tanto pensou especialmente nos serviços do membro fundador do COI Jiri Guth, que havia posto em marcha um movimento Olímpico na República Tcheca muito antes da Áustria e que teve de aceitar, ante as pressões de Viena, que unicamente se pudesse fazer referência à equipe da Boêmia acrescentando as iniciais de seu comitê (C.O.T.) ao nome da Áustria. A questão das bandeiras foi resolvida de forma que, em caso de vitória, se juntaria uma bandeirinha da nacionalidade sobre a bandeira do estado, o que no caso da Finlândia foi muito além, já que os finlandeses conseguiram nove vitórias em Estocolmo.

Em Estocolmo também foi realizado pela primeira vez um concurso Olímpico de arte, tema que será abordado no capítulo 5.3 deste livro.

Entre as disciplinas desportivas havia sido introduzido uma nova, o pentatlo moderno, que atendia a um desejo pessoal de Coubertin, ao qual se haviam oposto durante muito tempo os membros do COI. Esse pentatlo mantinha uma estreita relação com o esporte utilitarista (“*gymnastique utilitaire*”) propagado por Coubertin desde a virada do século.

1 Coubertin, P. de. *Memórias Olímpicas*, Lausanne: COI, 1997, p. 110.

2 Cf. *Ibidem*, p. 139.

4.2.2/21 O COI EM BERLIM (1909)

Era chegada a hora de realizar em Berlim esta sessão do COI sobre a qual se falava há muito tempo. Após os Jogos de Londres, onde os alemães haviam sido muito bem recebidos, e na antevéspera dos Jogos de Estocolmo, para cujo êxito iriam ser envidados todos os esforços, a ocasião se apresentava mais que propícia. A delegação alemã, formada pelo general conde von der Asseburg, o conde C. Wartensleben e o Doutor W. Gebhardt, era mais “Olímpica” que nunca. Especialmente o general, muito querido por seus amigos do COI, gozava por seu turno em Berlim de uma situação que lhe permitia garantir de antemão o máximo prestígio à reunião. Em dezembro de 1908 haviam ingressado novos membros no Comitê Internacional, eleitos todos eles num mesmo escrutínio: pelos Estados Unidos, substituindo James Hyde que havia passado entre nós como uma exalação, Allison V. Armoir, “*yachtman*” muito conhecido nas regatas de Kiel e amigo pessoal do imperador Guilherme; pela Romenia, George A. Plagino, atleta fantástico, muito francófilo embora tivesse servido sob as ordens de técnicos alemães. Estes recém-chegados ficariam muito satisfeitos se nossa reunião de 1909 fosse realizada na capital do império alemão. Naquele ano o esquema dos nossos trabalhos não despertou nenhum reparo nem mesmo de cunho político. O programa dos Jogos de Estocolmo de 1912, por um lado, e o informativo sobre o amadorismo, por outro, davam-lhe um caráter quase exclusivamente técnico. Todas essas condições, em suma, constituíam um conjunto favorável, e já no final de 1908 a sessão se anunciava muito brilhante: patrocínio do soberano, participação pessoal do príncipe herdeiro, realização das sessões da Câmara dos Lordes, tudo prenunciava um sucesso completo.

Este sucesso estava a ponto de fracassar completamente devido a morte do general von der Asseburg, falecido em 31 de março após dois dias de enfermidade. Esta situação complicada, totalmente imprevista, me afundou no desamparo nos primeiros dias. Wartensleben, muito jovem e não berlinense, teve muita serenidade para não solicitar nossa renúncia e se colocou corajosamente à disposição de seus colegas, o que muito me alegrou. Além disso, esta era a melhor solução. Ele lidou com os arranjos de forma soberba. Tudo foi organizado como havia sido planejado pelo general. Wartensleben o substituiu como anfitrião. De 27 de maio a 2 de junho sucederam-se as sessões e recepções. O príncipe, o chanceler Bethmann-Hollveg, o ministro de Assuntos Exteriores, então von Schoen, encheram o Comitê de atenções e delicadezas e ainda fomos recebidos pelo Imperador no último dia. Essa estada em Berlim em circunstâncias muito especiais me permitiu ver de perto certas coisas realmente muito interessantes, cuja descrição carece de espaço nestas memórias “Olímpicas”, que devo reservar ao comentário dos principais resultados técnicos da sessão. Durante seis reuniões bem proveitosas, ficou acertado um voto unânime em favor de Estocolmo e foi iniciado o estudo do programa dos Jogos de 1912. Então, a escolha da capital sueca foi decidida praticamente em Londres no ano anterior. Nossos colegas alemães retiraram a candidatura de Berlim, o que já sabíamos de antemão, transferindo-a desde então oficiosamente para 1916. Os suecos, que tem como norma não confiar nada na improvisação e a quem nada os toma de surpresa haviam preparado e apresentaram um anteprojeto bastante completo, mas que se prestava a discussão em muitos pontos importantes.

Talvez não seja fora de propósito explicar os procedimentos que regiam naquele tempo a preparação do programa dos Jogos Olímpicos, já que muitos desportistas não têm a menor ideia disso e têm aparecido também na imprensa muitas falsidades sobre isso.

A carta fundamental dos Jogos Olímpicos não comprometia nem aos organizadores, nem ao Comitê Internacional de um modo absoluto, salvo no que diz respeito às categorias desportivas obrigatórias. Esta carta havia sido promulgada pelo COI de acordo com as diretrizes emanadas do congresso da Sorbonne de 1894. As categorias em questão eram as seguintes: atletismo, ginástica, esportes de combate, esportes náuticos e esportes equestres. Mas não se especificavam distâncias, nem mesmo as subdivisões de cada categoria. Na minha opinião, no futuro deveria ser estabelecido um programa fixo, sempre o mesmo, cujos termos indicariam um congresso para o qual deveriam ser convocados os Comitês Olímpicos nacionais. Mas, em 1909, esses comitês estavam em período de formação, e em muitos lugares nem existiam. Somente a Hungria, a Suécia, a Alemanha, a Boêmia e a Inglaterra os havia, via de regra, organizado. Em muitos países, os Comitês Olímpicos já existiam, mas porque sua existência era precária ou porque sua autoridade era discutível, não apresentavam garantias suficientes. Quanto às federações, algumas internacionais eram ainda pouco numerosas e enfrentavam sérias dificuldades financeiras carecendo também, em sua maioria, de autoridade para se fazer obedecer. As outras, nacionais, mostravam-se em geral anti-Olímpicas, pensando que os Comitês Olímpicos nacionais eram organismos antagônicos para elas, o que fazia com que pretendessem tratar diretamente com o Comitê Organizador dos Jogos sem compreender as complicações que deveria trazer como resultado a prática de tal procedimento. Definitivamente, os Jogos Olímpicos constituíam um mosaico que abarcava todos os esportes, o que fazia com que os organizadores pudessem fazer contatos não somente com cada país, mas também dentro de cada país com cada grupo desportivo em separado.

O assunto dos comitês nacionais era muito complexo e seu modo de constituir-se totalmente livre. Num determinado momento tínhamos um comitê americano de cem membros e um comitê japonês de somente quatro. De nossa parte, não fazíamos nenhuma intervenção em sua formação nem em seu funcionamento. Outra complicação a considerar era a criação de muitos comitês que se opunham ou interferiam dentro de um mesmo país, o que já havia ocorrido na América do Sul. Como reconhecer então o que era bom? Afim de evitar incidentes deste tipo, fiz aprovar um texto muito ditatorial confiando que não deveríamos recorrer a sua implementação, mas que poderia, se necessário, ser referido pelos organizadores dos Jogos para tirá-los de uma situação difícil. De acordo com aquele anexo, o “reconhecimento” de um comitê nacional dependia do membro ou dos membros do COI para o país em questão, a quem se facultava dissolvê-lo mediante uma simples declaração a respeito. Munidos de tal recurso draconiano evitaríamos utilizá-lo na medida do possível, recorrendo antes a todos os procedimentos do oportunismo diplomático. Muitas vezes a situação parecia inextrincável, mas à medida em que os Jogos se aproximavam, tudo ficava mais claro graças ao desejo dos competidores selecionados para não perder os Jogos e a pressão exercida sobre os seus dirigentes para fazê-los ouvir a razão.



**XXI Sessão do COI,
Berlim, 1909: membros
do COI e convidados
durante a cerimônia de
inauguração. (Arquivos
do COI)**

Tudo isso explica por que, contrariamente aos meus pontos de vista iniciais, o COT sentia-se obrigado a desempenhar um papel ativo na preparação dos Jogos desde o ponto de vista técnico. Durante todo esse período, que durou de 1896 a 1914, incentivamos continuamente o Comitê Organizador para que apresentasse seu programa (sugerido por nós mesmos em 1896 e em 1900; de sua própria iniciativa em 1904, 1908 e 1912), que o discutiríamos em seguida, aprovando-o de comum acordo. Via de regra se lhes dedicava de 18 meses a dois anos, e considerávamos muito a opinião das federações e dos órgãos competentes. Estes últimos, ainda que indiretamente, eram consultados com verdadeiro interesse e tinham múltiplas maneiras de fazer-nos chegar seus reparos, que sempre levávamos em consideração na medida do possível, com a condição de formulá-los “dentro do marco da instituição” e deixando de lado qualquer possibilidade de romper a integridade de seus princípios.

Assim, foi preparado em 1909 em Berlim e em 1910 em Luxemburgo, até seus mínimos detalhes, o programa dos Jogos da Va. Olimpíada, ao qual demos os últimos retoques em Budapeste em 1911. Jamais alguma Olimpíada foi preparada tão minuciosa, atenciosa e cuidadosamente. Para a de Londres o tempo havia sido escasso e, no entanto, apareceram idênticas inquietudes na hora da preparação. Mas em relação a Estocolmo tudo estava bem preparado, embora de uma ou outra parte teve que se fazer sacrifícios. Não esqueçamos que nossa situação era mais ou menos a de quem se dirige a uma terceira pessoa e lhe diz: “Você tem belos salões. Permita-nos, por favor, que organizemos neles uma magnífica festa, cujos gastos correrão claro por sua

conta”. Essa formula humorística que muitos me ouviram pronunciar com sorrisos era e ainda segue sendo uma verdade como um templo. Mais adiante veremos como em 1920 e 1924 seguia vigente. Na Va. Olímpia, por exemplo, fomos obrigados a aceitar a supressão do boxe porque na Suécia não somente a opinião pública estava contra esse esporte, mas a própria lei proibia os combates. E já que o boxe não estava devidamente orientado pelos canais da moderação e da “pedagogia”, aos quais procurávamos conduzir e tinha falhas evidentes, tive de ceder. Suécia, por sua parte fez enormes concessões, muito particularmente no terreno da ginástica. Quando visitei aquele país pela primeira vez em 1899, não havia jamais acreditado que a intransigência dos discípulos de Ling iriam reverenciar doze anos mais tarde, a ponto de tolerar a glorificação de todos os esportes em pleno Estocolmo, enaltecendo inclusive os aparelhos, por eles tão vilipendiados, no centro do próprio estádio. Durante esses doze anos, a evolução sueca no âmbito esportivo, estancada desde muito tempo, havia-se acentuado enormemente graças à ação beneficente do rei e dos príncipes, e sobretudo do nosso querido e entusiasta colega Balck.

Além do boxe, o Comitê Sueco queria suprimir o ciclismo, o qual somente foi aceito para as provas de pista, por certo com grande satisfação de minha parte, mas deixando no programa as provas de circuito. Discutiu-se mais uma vez o princípio da maratona, mas se reconheceu que era inoportuno suprimi-la. Os esportes equestres e os concursos de arte ocuparam novamente seu lugar protocolar, que em Londres foi deixado de lado. A maior parte do tempo das sessões foi consagrada às discussões sobre o amadorismo, do qual me ocuparei no capítulo seguinte.

Pouco depois da sessão de Berlim, o Dr. W. Gebhardt, que havia esperado até então para se retirar, apresentou sua demissão, que foi substituída pelo barão de Venningen, um atleta completo que em pouco tempo deveria alcançar grande popularidade entre nós. Gebhardt, que havia ingressado em 1895, permaneceu quatorze anos e havia feito realmente um bom trabalho. Principal fundador do Comitê Olímpico Alemão, foi chefe das equipes alemãs em Atenas e Paris em 1896 e 1900, e havia representado o COI com Fr. Kemény em Saint Louis. Pouco depois foi escolhido, como segundo membro pela Itália, o conselheiro de Estado Attilio Brunialti, deputado e vice-presidente do Instituto de Educação Física.

Foi uma dupla aquisição excelente. Aqueles que haviam recém-chegado debutaram em muitas tarefas na reunião seguinte, ou seja, na primavera de 1910. Esta reunião deveria ser realizada em Budapeste, mas aceitei em seguida a petição de nossos colegas húngaros, motivada por conveniências locais, de transferi-la para 1911. Sabia que a sessão de Budapeste seria muito mundana e desejava intercalar entre Berlim e Budapeste uma reunião de trabalho numa cidade mais neutra. Luxemburgo já estava prevista para o caso. O governo do Gran Ducado e sua Prefeitura aceitavam nos receber. A gran duquesa regente, ausente na época, mandou nos oferecer um banquete esplêndido em seu nome. Uma festa no castelo de Septfontaines pelos senhores de Pescatore nos valeu mais um colega, já que escolhemos pouco depois, como membro para Luxemburgo, o deputado Maurice Pescatore, o mais desportista e ao mesmo tempo o mais encantador dos nossos colaboradores. Só uma morte muito prematura deveria arrebatá-lo de nós dezenove anos mais tarde, quando aquele cavaleiro e caçador indomável acabava de reeditar pela última vez, cruzando a África de Leste a Oeste, suas façanhas venatórias. Fiquei realmente sur-

preso quando o ministro de Estado e o chefe do Governo, Eyschen, pronunciou suas palavras de boas-vindas, ouvindo-o exaltar com plena convicção a constituição do COI. Até então, ao pôr em jogo sua ambição, somente havia sido objeto de críticas por parte dos dirigentes das federações. Mas Eyschen, que tinha um senso político muito estimado na Europa, ao se ver de certo modo obrigado a dar uma olhada nos artigos que resumiam aquela constituição, havia percebido e apreciado a originalidade de seu mecanismo, tão adequado para assegurar a completa independência do Comitê e a defesa do Olimpismo renovado para e contra todos. Aquela atitude foi para mim uma preciosa injeção de ânimo para resistir certas veleidades de timidez inquieta que surgia às vezes entre nós.

Memórias Olímpicas,
Cap. X, Lausanne: COI, 1997, p. 106-113.

4.2.2/22 BUDAPESTE (1911)

Como 1905, 1911 foi um dos nossos anos mais frutíferos. A reunião de Budapeste desempenhou um papel central, mas nossa atividade, quer por ali estar concentrada ou porque daí transbordava, se estendia para múltiplos domínios. Ao lembrar disso, fico imensamente grato em render homenagem a Hungria, que desde o primeiro momento se mostrou altamente compreensiva e que, até o momento atual, permaneceu como uma das nações mais fieis em matéria Olímpica. Para mim, a Polônia era um país amigo que havia deixado uma marca na minha infância, fruto da camaradagem de juventude. A Hungria foi o país da adolescência e da primeira juventude, como a Inglaterra e os Estados Unidos foram os países da minha iniciação na idade adulta, e mais tarde a Grécia e a Suíça os do meu apego definitivo. Devo muitíssimo a tantas amizades cosmopolitas, que, certamente, jamais prejudicaram em nada o culto ao meu próprio país. Mas, assim como acredito no valor deste tipo de cosmopolitismo, também considero que se deve desconfiar daquele que nasce de uma simples viagem e, por esse motivo, abre a porta para incompreensões e ilusões perigosas.

Para nos receber no mês de maio de 1911, Budapeste ofereceu uma generosa hospitalidade. Foram preparadas várias salas no Palácio da Academia de Ciências, e ali o arquiduque Joseph, representando o soberano ausente, nos dirigiu em 23 de maio suas palavras de boas-vindas após aquelas do primeiro ministro, o conde Khuen-Hedervary. Recepção na Corte, almoços oferecidos pelo governo e pela cidade, festejos de todos os tipos, combinam-se em minha memória com as músicas ciganas, que durante aquela semana nos impregnavam com seu estranho elixir, mistura de melancolia intensa e energia endiabrada.

O Comitê estava então formado por quarenta e três membros, pertencentes a trinta e uma nacionalidades distintas. Ele já estava definitivamente configurado ao ser reforçado poderosamente com a escolha de personalidades, como o barão de Venningen e o conde Sierstorpff, pela Alemanha; o conselheiro do Estado Brunialti (Itália); o professor, mais tarde senador, Jigoro Kano, renovador do jiu-jitsu (Japão); o barão de Villebrand (Finlândia); o general Sir Hanbury Williams (Canadá), e os seguintes membros: Sverre (Noruega), Bolanaki (Egito), Evert J. Wendell (Estados Unidos), a

quem logo se uniriam o príncipe Odon de Windischgraetz, e o conde Rodolfo Colloredo, pela Áustria. Todos ou quase todos eram desportistas no verdadeiro sentido da palavra, segundo a formula que adotei desde o princípio, ou seja, homens bastante competentes para poder se aprofundar, em qualquer tema, mas também bastante afastados de qualquer exclusivismo para nunca serem escravos de situação alguma; homens muito internacionais para jamais se deixar dominar injustamente em matéria internacional por seus preconceitos estritamente nacionais; homens, enfim, suscetíveis de enfrentar os quadros técnicos e certos de safar-se de toda dependência material em relação a eles. Entre todos esses homens, agora habituados a se relacionar e encantados pelo atrativo de sua reunião anual, haviam-se formado verdadeiros laços de amizade. Durante todo o ano, trocava regularmente cartas com eles.

Acreditou-se e afirmou-se – era uma calúnia fácil – que todos haviam sido “no-meados” por mim. Nada mais falso. Entre todos os que acabo de citar, somente um havia sido meu candidato pessoal. As eleições se têm realizado sempre de forma regular, mas as indicações são precedidas por consultas amplas e em muitos casos de correspondência direta com o próprio interessado ou com quem os patrocinam.

Também o orçamento do COI tem sido objeto de questionamentos. É evidente que não se assemelha a nenhum outro, e talvez por isso parecia misterioso a alguns; quando as pessoas ficavam sabendo que a cotização dos membros era só de vinte e cinco francos anuais, não queriam acreditar. Não entanto, era a pura verdade. E foi assim até a guerra. Desses vinte e cinco francos, vinte destinavam-se à *Revue Olympique* e cinco para a caixa do COI. O orçamento da *Revue*, cujas subscrições eram insuficientes e que era enviada a entidades e particulares cujo apoio interessava, era completado com publicidade encartada. As despesas com o escritório do COI, embora “mundiais”, eram relativamente modestos, já que corriam por minha conta de maneira pessoal. Fique bem claro que cada membro pagava seus próprios gastos anuais e também os extraordinários ocasionados pela sessão quando realizada em seu país. Essas condições decepcionavam afastando muitos candidatos mais ou menos indesejáveis. Quanto às subvenções, não entrava em nossos cofres nem um centavo sob tal rubrica. Quantas coisas se pode fazer com recursos medíocres, quando se tem prescindido deliberadamente do manto absurdo e pesado das rotinas administrativas, da papelada, dos documentos inúteis e do jugo insuportável do pedantismo datilográfico!

Essa reunião em Budapeste não brilhou unicamente por seu esplendor mundano. Suas oito sessões de trabalho foram muito cheias e apertadas. Ali foi delineada a implementação do programa de Estocolmo e se, por razões que já assinalai antes, tivemos de abandonar provisoriamente o boxe, foram registradas três realizações técnicas que até então não fora possível conseguir. Em primeiro lugar, os esportes equestres, que desde o princípio estavam inscritos, mas foram suprimidos do programa de Atenas ante a impossibilidade material de conseguir cavalos com o tempo disponível. Nem Paris, nem Saint Louis estavam maduros para incluir a equitação aos demais esportes. Em Londres, apesar da boa vontade dos organizadores, também faltou o tempo necessário, além de outros obstáculos intransponíveis. Nada disso aconteceu em Estocolmo. Mas faltava um esforço decidido e constante, realizado pelo nosso segundo colega sueco, o conde Clarence de Rosen, com zelo e uma dedicação formidáveis. No transcurso de uma viagem de propaganda pela

Europa, ganhou para sua causa governos e exércitos. E fruto dessa mesma viagem derivou-se, ainda que de modo camuflado, um caráter exclusivamente militar para estes primeiros “jogos equestres”, que inclusive deveria se estender nas Olimpíadas subsequentes. Mas isso não poderia ser evitado, ao menos no princípio.

Outra novidade foi a criação do “pentatlo moderno”, que eu já havia apresentado ao COI por duas vezes e foi acolhido com incompreensão, quase com hostilidade, pelo qual me absteve de insistir. Mas dessa vez o Espírito Santo desportivo iluminou meus colegas e eles aceitaram uma prova à qual eu dava um grande valor: autêntica consagração do atleta completo, o pentatlo moderno deveria ser composto por uma corrida atlética, uma corrida equestre, uma prova de natação, um assalto de espada e finalmente uma prova de tiro, que eu teria preferido substituir por uma regata de remo, mas a organização que já era um tanto difícil, ficaria ainda mais complicada. Desde sua implantação, o pentatlo moderno conheceu um sucesso crescente, apesar de que ele jamais se ajustou às minhas reais intenções: caminho desconhecido por cada participante, sucessão de provas sem nenhum intervalo, cavalos postos à disposição pelo país organizador e sorteados no último instante. Aqui está, na minha opinião, o que deveria dar ao conjunto um caráter pedagógico de primeira ordem. No entanto, sempre tem surgido uma permanente oposição de classe contra esse conceito, de modo que modernamente ficaram relegados ao esquecimento total os princípios estabelecidos pelo criador do pentatlo.

A terceira realização à qual gostaria de me referir foi a instituição de prêmios de caça e alpinismo destinados a recompensar a mais bela escalada e a maior façanha venatória realizada após o encerramento da Olimpíada precedente. A ideia surgiu já no congresso inicial de 1894, cuja assembleia nos deu um voto favorável. Eu pensava completa-la mais tarde com um terceiro prêmio Olímpico similar para a aviação desportiva. Tudo estava na mesma linha: “*all games, all nations*”. Tratava-se, na verdade, de uma organização fácil, com gastos insignificantes. No entanto, sob este tríplice aspecto tem-se manifestado uma indiferença apática e inclusive certa má vontade sem causa nem razão alguma. Se aquilo foi posto em prática, depois já não o foi, isto é, ali somente houve capricho e falta de continuidade aparentes. Mas espero que retornemos àquela formula, entre outras razões porque é boa.

Do mesmo modo, a implantação dos concursos de arte foi efetivada cinco anos depois de terem sido suspensos no programa da Conferência de Paris. Suas regras e prescrições, muito simples por certo, foram publicadas em alemão, inglês e francês (*Revue Olympique* de setembro de 1911), embora não sem reticências do Comitê Sueco, ao que o “escritório” do COI teve de prometer sua participação direta na difusão dos convites. Depois fiquei sabendo que os artistas e escritores suecos haviam manifestado uma violenta oposição, e tive a oportunidade de explicar a situação singular a qual nos levou sua atitude.

Para estimular os futuros participantes e criar, enquanto fosse possível, um movimento favorável, realizamos grandes esforços no COI durante o ano de 1911. Devo ressaltar que a maior parte dos meus colegas só se interessavam realmente por esse aspecto da obra, razão pela qual recaíram sobre mim a maior parte do trabalho e dos gastos. Primeiramente foi convocado um concurso especial de arquitetura em Paris, e pude conseguir que o presidente Fallieres o patrocinasse. Tratava-se de estabelecer os planos de uma “Olimpíada moderna”. Admitia-se a todos os par-

ticipantes do concurso sem distinção de nacionalidade ou de nenhum outro tipo. O motivo havia sido exposto e comentado previamente numa série de artigos da *Revue Olympique* publicados de outubro de 1909 a março de 1910. Sem dúvida, a convocação parecia estimulante ao colocar numerosos problemas técnicos e perspectivas variadas para atrair os jovens arquitetos, mas a correspondência, por sua vez, refletia muitas dúvidas e frieza.

Depois desses artigos reunidos num folheto para a propaganda, a *Revue* publicou uma segunda série sob o título: “Decoração, pirotécnica, harmonia e cortejos”. O texto foi enviado a sociedades, escolas, grupos artísticos e também aos pequenos cenáculos “intelectuais” suscetíveis de prestar atenção ao assunto.

Quando o júri do Concurso de “Olimpia moderna” presidido por Th. Homolle, antigo diretor da Escola de Atenas e atual diretor dos museus nacionais franceses, entregou o prêmio ao belíssimo projeto de dois arquitetos suíços, Eugène Monod e A. Laverrière, o COI deu uma festa em honra aos laureados. Festa original e, posso dizer, a mais estupenda a que jamais assisti, desde o ponto de vista eurítmico.

Foi realizada à noite no pátio da Sorbonne que, apesar da ameaça de mau tempo, transbordava com dois mil convidados. Por entre os pequenos bosques artificiais dissimulavam-se uma orquestra e vários corais. O pátio sumia na escuridão. Sob o peristilo, jogos de luz muito bem calculados permitiam mudanças e cores distintas. O programa musical, os movimentos de cem ginastas, que atuavam como coadjuvantes, portando tochas e palmas, e dezesseis efecos seminus, cujos exercícios silenciosos ocupavam a esplanada que se estende diante da capela de Richelieu, tudo estava devidamente planejado para manter uma harmonia constante de som, luz, silêncio e silhuetas. A beleza arquitetônica da decoração contribuía decisivamente para o espetáculo. Um intervalo com esgrima medieval e moderna, o pequeno cortejo de gaitas e gaitas de fole acompanhando a “Troca da guarda do rei John” de Saint-Saëns, as danças femininas helênicas e, finalmente, a representação do delicioso ensaio escrito ex-professo por Maurice Pottecher “O filósofo e os atletas”, que oferecia inclusive uma passagem de verdadeira luta. Todos estes números iam se sucedendo até o momento brilhante do encerramento, quando após os fogos de artifício terem saído para fora pelo topo do monumento, ao pé da cúpula, as obras de Rameau e Palestrina derramaram seus tons majestosos para um público atento e entusiasta. Para tudo isso foi necessário somente dispor de uma sociedade de ginástica, uma sala de armas e alguns conjuntos musicais de um distrito de Paris. No que me diz respeito, o espetáculo não foi somente a realização de um sonho maravilhoso, mas o convencimento do valor da arte popular. Nesse sentido, a civilização havia tomado o caminho errado, e somente o “retorno da euritmia” a colocaria novamente na direção certa: a euritmia, algo periclitante, sobre a qual se fala sem aprofundar em que consistia no passado!

O número da *Revue Olympique* que contem a resenha da festa de 16 de maio de 1911 e ao mesmo tempo as atas da sessão de Budapeste (aberta dois dias mais tarde), publica também o programa preliminar do congresso de psicologia do esporte, convocado em Lausanne para 1913, e o anúncio para a primavera de 1914 de grandes festas que teriam como cenário Paris, quando seria glorificado o vigésimo aniversário do restabelecimento dos Jogos Olímpicos, realizando-se ao mesmo tempo um congresso de delegados dos Comitês Nacionais que permitiria concretizar as

condições técnicas definitivas dos Jogos futuros. Assim, Budapeste simboliza para nós a solidez da base sobre a qual havíamos edificado o COI e a grandeza das esperanças que podíamos conceber para completar o edifício. Isso é o que tentei expressar fazendo gravar sobre a nova medalha a divisa que desejava plasmar de minha parte para substituir o eterno *Mens sana in corpore sano*, cujo ideal, indubitavelmente muito higiênico, continuava “excessivamente medicinal para as ambições dos jovens”. Definitivamente, o “*Mens fervida in corpore lacertoso*” partia disso. Um periódico publicou esse comentário jocoso a respeito: “Os senhores atletas deverão manter um equilíbrio risonho entre ardor petulante do espírito e a graciosa sutileza do corpo. Será algo parecido com um aeroplano com o qual alguém se espatifa e morre, mas o final é glorioso. E sobre as asas deste biplano, aqueles que não morrem têm a fortuna de alcançar talvez os mais altos picos do Olimpismo perfeito”.

Para finalizar o ano de 1911, devo mencionar minha visita a Holanda. Depois de ter visitado Bruxelas, Antu e, um pouco mais demoradamente, Haia e a Universidade de Leiden, assisti em Amsterdã a uma reunião de presidentes e sociedades desportivas holandesas, e ao final do jantar oferecido pelo nosso querido colega De Tuyll, mostrei, de acordo com ele, um primeiro sinal para uma futura realização dos Jogos Olímpicos na Holanda. Esta experiência parecia-me cheia de ensinamentos, pois as grandes metrópoles não eram apropriadas para tais manifestações. Haia e Amsterdã seriam muito mais adequadas. No entanto, os holandeses pareciam querer ver escolhidas suas cidades, embora intimidados ao mesmo tempo pelas responsabilidades que a demanda acarretava. O assunto foi apresentado num pequeno artigo escrito em holandês em nossa *Revue*. A partir daquele momento, a eventualidade permaneceu pairando no ar, e para sustenta-la tínhamos na pessoa de F.W. de Tuyll o mais convicto e convincente dos apóstolos. Dezoito anos mais tarde, a eventualidade se transformava, finalmente, em realidade efetiva. Mas, lamentavelmente, ele já não estaria mais ali para desfrutá-la.

Memórias Olímpicas,
cap. XIII, Lausanne: COI, 1997, p. 122-130.

4.2.2/23 A QUINTA OLIMPIÁDA (ESTOCOLMO 1912)

Já não restavam apenas traços das tentativas realizadas para suplantar o COI com a criação de um novo organismo internacional. Sloane me escreveu em 27 de fevereiro de 1911 que não somente Sullivan se havia dado conta plenamente da inutilidade de tal esforço senão que, convidado a se reunir com um grupo de obstinados rebeldes que ainda acalentavam aquele sonho, não somente havia recusado, mas também empregava agora todos seus esforços para convence-los de seus erros. Mas as federações, por seu turno, estavam mais relutantes em se resignar ante a força dos fatos. A União Internacional de Ciclismo havia proclamado em 1909 sua resolução de recusar toda participação dos “Jogos Olímpicos do Comitê Internacional”, reservando seus sorrisos eventuais “aos que seriam realizados em Atenas”. No entanto, o Comitê Heleno, que havia projetado realizar em 1910, ao pé da Acrópole, uns Jogos Intermediários, com os quais estávamos dispostos a colaborar tão lealmente

como em 1906, foi obrigado a renunciar aos mesmos. Questão financeira. Crise econômica. Recebemos de Atenas a proposta oficiosa de integrar a série ateniense em nosso próprio ciclo no sentido de que os Jogos fossem realizados a cada oito anos na Grécia e a cada oito anos em outro país, mas era impossível aceder a tal desejo, que equivaleria a torpedear nós mesmos nossa obra sem proveito para ninguém. A política internacional era muito instável para fixar com excessiva antecipação a cidade sede dos Jogos. Também nesse aspecto havia que resguardar totalmente a liberdade do COI.

Após os ciclistas, também os remadores tentaram uma manobra pouco limpa contra o COI num congresso realizado em Luzerna no final do ano de 1908. Fracasso absoluto. Enquanto as federações experimentavam a inutilidade de seus ataques, os Comitês Olímpicos Nacionais consolidavam seus poderes. Bolanaki e o conde Gautier-Vignal os haviam fundado no Egito e em Mônaco, onde o Vice-Rei e o príncipe de Mônaco aceitaram respectivamente a presidência de honra. Os comitês inglês e alemão permaneciam solidamente assentados, como na Hungria. O Comitê americano, sob a presidência do coronel Thompson e Sullivan como secretário, tomava configuração definitiva. Os comitês belga, dinamarquês e espanhol (este último de constituição recente graças ao nosso colega o marques de Villamejor, irmão do conde de Romanones) funcionavam bem. O coronel S.W. Djukitch acabava de fundar um na Sérvia. Havia comitês na Austrália, Canadá, Holanda, Itália, Japão, Noruega, Portugal e Romênia. Somente as versões francesa e suíça deixavam bastante a desejar, mas se encaminhavam para soluções satisfatórias contornando aqui as suscetibilidades de certas federações locais, e acolá as originadas por cantões independentes.

Mas também tínhamos o comitê tcheco e um comitê finlandês. O primeiro era inclusive dos mais antigos. Esboçado em 1899, formou-se definitivamente em 1903. Para constituí-lo, o doutor Jiri Guth-Jarkovsky empregou toda perseverança e tenacidade da qual era capaz seu patriotismo tcheco. Não havia somente conquistado a presidência de honra do prefeito de Praga, Sr. Srb, mas também a proteção do príncipe de Lobkowitz, Statthalter. Quanto a Finlândia, não por ser o mais recente, seu comitê estava menos associado à independência nacional, e em 1908 havíamos escolhido um colega finlandês na pessoa do barão de Willebrand. Mas o tempo havia passado e os Jogos Olímpicos se transformavam em assunto de Estado. As famílias reais intervinham e os governos também; de tal modo que em São Petersburgo e Viena a maré começava a subir.

Felizmente, na Áustria o tema foi mal enfocado, e em lugar de se meter somente com os tchecos o fizeram também com os húngaros. Questão de alfabeto. Para não serem tachados de favorecer o inglês ou o alemão mais que o francês, os suecos procuraram aduzir razões para usar a língua sueca, que ninguém entendia fora do seu reino. E isso fez com que os jornais se ocupassem com muita antecipação da ordem alfabética pela qual deveriam desfilar os participantes no dia da inauguração. Qualquer tenha sido o modo como alguém chamou prematuramente a atenção do ministro da Áustria em Estocolmo sobre esse ponto de importância secundária, este fez observar em Viena que, para fazer bem as coisas, os atletas austríacos e os húngaros deveriam desfilar juntos. A chancelaria imperial inteirou-se do assunto e informou Estocolmo que, de fato, deveria ser assim. Mas os húngaros reagiram ante

o que consideravam um atropelo aos seus direitos Olímpicos e em 19 de janeiro de 1912, o Sr. de Muzsa fez saber na Suécia, por parte do Comitê nacional, que seus homens se absteriam de participar dos Jogos se fosse mantida a exigência. Grande agitação, muita troca de notas diplomáticas. Finalmente, uma rendição tácita por parte da Chancelaria.

Aquela altura já fazia vários meses que os futebolistas austríacos haviam reclamado a exclusão dos times tchecos, e procuravam inclusive misturar os alemães em sua querela. Mas o que tornava a questão mais delicada era que nosso novo colega, o príncipe Windischgraetz, por seu matrimônio com a arquiduquesa Elisabeth, havia se tornado nada menos que neto do imperador Franz Joseph e quaisquer fossem seus pontos de vista e inclusive suas tendências conciliadoras, não podia, nesta circunstância, colocar-se contra sua Chancelaria, que reclamava o desaparecimento do nome da Boêmia da lista dos estados Olímpicos. Entretanto, recebi uma carta na qual o embaixador da Rússia em Paris, Sr. Iswolsky, reclamava a exclusão da Finlândia de parte do “Ministério Imperial de Assuntos Exteriores”.

O assunto apresentava três aspectos: a composição do Comitê Olímpico Internacional encontrava-se, de certo modo, em compasso de espera; logo, a formação e a ordem do desfile dos participantes nos Jogos e, finalmente, a cor da bandeira que deveria ser içada em caso de vitória de um atleta tcheco ou finlandês. O comitê sueco, colocado de sobreaviso pelos primeiros protestos, havia respondido muito corretamente que incumbia ao COI decidir, e que sua decisão seria respeitada. Meus colegas não teriam admitido que ninguém pretendesse forçar a demissão de dois deles, mas esse não era o caso. Nem o doutor Jiri Guth, nem o barão de Willibrand sentiam-se pessoalmente obrigados a chegar a tal extremo. Pedia-se, simplesmente, que após os seus nomes na lista do COI figurassem as palavras: Áustria, em vez de Boêmia, e Rússia em vez de Finlândia. Esperava-se, pois, a decisão do COI, e os membros do COI esperavam a de seu Presidente.

Eu estava perplexo, já que de uma parte existia um fato político certo, e de outra uma causa justa e a gratidão que deveríamos testemunhar a alguns países que nos haviam apoiado fielmente. Meus sentimentos pessoais deveriam ser refreados na medida em que o exigissem as minhas funções. Se fosse possível, se haveria de outorgar um lugar próprio não somente a Boêmia e a Finlândia, mas também a Polônia e a Irlanda. Tendo sido colocada a Finlândia espontaneamente, antes da chegada da carta russa, após a Rússia, e a Boêmia entre a Áustria e a Bélgica, eu comeci em uma longa troca de correspondência que foi tão diplomática quanto eu poderia fazer disso. Assim, disposto a fazer concessões, fiz observar que o czar ostentava o título de gran-duque da Finlândia, e o imperador da Áustria, o de rei da Boêmia, pelo qual tinham estes dois Estados um estatuto que os diferenciava de outros territórios de menor autonomia. Neste sentido, insisti algumas vezes na inegável existência de uma “geografia desportiva”, distinta da geografia política, contrastando, por exemplo, as razões que nos haviam levado a reconhecer os direitos da Boêmia e da Finlândia, com a negativa dada um ano antes aos Sokols croatas, cuja demanda não se apoiava em títulos indiscutíveis. Todo meu esforço tendia a ganhar tempo, e por isso enredava quanto podia a correspondência escrevendo a São Peterburgo ou a Viena diretamente, ou a Estocolmo, ou então aos comitês nacionais. Não demorei muito para perceber que tudo isso fatigava em grande medida não somente o em-

Um amplo leque de competições equestres fazia parte do programa dos Jogos Olímpicos de 1912, embora já fossem esportes desde 1894. Coubertin agradeceu muito a Suécia pela sua inclusão. Aqui: E.-H. Deloch (GER) na prova de salto. (Fotografia extraída de E. Petersen; S. Hermlin, *Dem Femte Olympiaden, Olympiska Spelen i Stockholm 1912 i bild och ord*. Gotemburgo, Ahlen & Akerlund, 1912, p. 297).



Coubertin tinha uma predileção especial pelo futebol, principalmente pelo rugby, devido ao esforço físico e a concentração emocional; mais tarde também pelo futebol inglês. Aqui, a final Olímpica de 1912 entre Grã-Bretanha e Dinamarca (4-2). (Fotografia extraída de E. Petersen; S. Hermlin, *Ibidem*, p. 57)



Por ser uma disciplina clássica, Coubertin também tinha admiração pela luta nos Jogos Olímpicos modernos. Aqui, em Estocolmo 1912: J.K. Salila (FIN) derrubando R. Fogelmark (SWE) no peso médio B. No peso médio A, a prova chegou a durar não menos de onze horas. (Fotografia extraída de E. Petersen; S. Hermlin, *Ibidem*, p. 151)



baixador Iswolsky, mas também o ministério russo e, na verdade, São Petersburgo acabou por os tranquilizar. Mas Viena foi mais teimosa e teve que ceder no final, de acordo com o próprio comitê tcheco, cujas iniciais (COT) continuaram, no entanto, figurando solitárias na lista como uma recordação e uma esperança. O assunto das bandeiras nacionais foi solucionado da seguinte forma: Em caso de vitória, seria colocada sobre a bandeira austríaca ou russa uma faixa com as cores tchecas ou finlandesas e graças a isso essas cores subiram ao mastro! Assim tive o prazer de fazer observar isso ao general Woyeikof no final dos Jogos. Esse famoso general da corte, cujo papel na revolução russa deveria ser tema de muitas discussões, apresentou-se como líder de uma robusta delegação de jovens oficiais, embarcados em um navio de guerra e acompanhados inclusive por uma orquestra militar de balalaikas, que muito agradou a gran-duquesa Maria, esposa e depois divorciada do príncipe Guilherme da Suécia, mas sempre russa no fundo de sua alma.

Esses detalhes, cuja descrição não vou estender ainda mais, servem para indicar claramente que a Va. Olimpíada teve, como os roseirais mais belos, seus ramos cheios de espinhos. De fato, que emaranhado de dificuldades diplomáticas, de pequenas intrigas pessoais, de suscetibilidades a atender, de vaidades feridas, de armadilhas camufladas! Tínhamos de viver em contínuo estado de alerta e adivinhar antecipadamente os incidentes para interceptá-los e impedir sua eclosão. Esses eram os espinhos. Mas, que dizer das rosas? Que belíssima florada! Jamais o verão sueco havia desdobrado suas magnificências com tanto esplendor. Foram cinco semanas ininterruptas de um desbordar da natureza toda, o sol que resplandecia através da brisa do mar, as noites radiantes, com belos tapetes multicoloridos, guirlandas floridas e uma iluminação matizada pelo esplendor de uma luz que jamais se extinguia. Dentro do quadro admirável da cidade, o regozijo geral da juventude em todas as partes. Não se dormia muito, porém ninguém queria dormir. As festas sucediam às festas sem minimizar as façanhas dos músculos. O estádio gótico, com suas ogivas e torres, sua perfeição técnica, a boa organização e o método de seus regulamentos, constituía um modelo em seu gênero. Vimos como foi transformado em gigantesco refeitório, em sala de concerto, em salão de baile, e sempre pronto na manhã seguinte para a competição desportiva. Certa noite cobriu-se de espessa grama à base de leivas justapostas, e sobre ela os obstáculos e maciços de arbustos para as competições de hipismo. Tudo era feito sem ruído, sem atrasos, sem nenhum erro. Enquanto em Londres a vida da grande metrópole permaneceu completamente alheia à influência do Olimpismo, toda Estocolmo estava impregnada dele. Toda cidade participava do esforço em honra aos estrangeiros, apresentando como que uma imagem do que deveria ser, em tempos antigos, a atmosfera de Olímpia, mas uma imagem engrandecida e embelezada com a presença de todas as facilidades e avanços modernos, que aqui não somente se entrecrocavam, mas que se conjugavam, de modo que Helenismo e Progresso pareciam se associar agora para receber conjuntamente aquela homenagem.

O príncipe herdeiro estava em todas as partes, infatigável, atento ao que se passava, prático, sorridente e o comitê parecia seu reflexo. Balck dominava o conjunto com sua conhecida silhueta. Ocupava-se de todos os detalhes, mesmo dos mais insignificantes. Na verdade, essa Olimpíada era seu triunfo, o coroamento de tantas lutas passadas para levar a seu país o himeneu do esporte em todas as suas formas,

sem repudiar por isso a ginástica tradicional. E se ainda existiam alguns pontífices austeros desse culto exclusivo que, segundo se dizia, haviam abandonado Estocolmo para não ser testemunhos da exaltação daquele novo culto mais completo e sublimado, a opinião pública estava com Balck em sua imensa maioria.

Volto à *Revue Olympique*, que em 1912 havia entrado já no sétimo ano de sua publicação semanal, e concentrada mais que nunca em sua missão educativa. O número de junho era totalmente dedicado à Suécia, sua história ascendente, seu equilíbrio atual, com reprodução de alguns fragmentos do belo ensaio recém publicado por André Bellesort, muito apropriados para torná-la conhecida. Contém também um resumo da organização desportiva sueca. O país se prepara para receber a juventude de ambos os mundos, embora esta não se preocupe muito de ser associada à Suécia. Esse ponto de vista foi comentado na abertura do número seguinte em inglês, sob o título “Pax Olímpica”; um estupendo artigo leve, jovem, saído da pluma de Laffan, clássico e ao mesmo tempo evocador do grande legado de tolerância e respeito mútuo que nos ofereceu o Olimpismo da Antiguidade: um sermão – ao pé da letra –, que dará seus frutos, posto que jamais havia reinado tanta harmonia entre tantos desportistas. Depois vem uma reportagem sobre os concursos artísticos e literários, de resultados pouco brilhantes e muito fracos para o primeiro lugar pela pretensão dos artistas suecos compor um capítulo à parte, organizando um segundo pequeno concurso entre eles, pretensão à qual tivemos a fraqueza de ceder, cuja incorreção teve de ser estritamente descartada. Mas o importante era convocar os primeiros concursos, dar os primeiros prêmios, expor as obras premiadas. Esse era o primeiro passo, o passo essencial.

O número de agosto contém a resenha da sessão do COI aberta em 4 de julho no Palácio do Riksdag, sala do Senado, na presença do príncipe herdeiro, da princesa e outros membros da família real; sessão muito concorrida na qual nossos colegas ingleses, americanos, alemães, italianos e austro-húngaros tinham delegações completas. Nosso colega japonês participa dos nossos trabalhos pela primeira vez.

A VIª Olimpíada seria realizada em Berlim; o chanceler do Império transcreve uma saudação do Kaiser. Tudo parecia estar bem. Antes dos Jogos, o congresso de Paris apresentará um programa e os regulamentos definitivos.

O número de julho publica os resultados dos Jogos. Estados Unidos conseguem 26 primeiros lugares, Suécia 23, Inglaterra 10, Finlândia 9, França 7, Alemanha 5. Depois seguem-se Itália, Hungria, Noruega, África do Sul, Canadá, Bélgica, Grécia, Holanda, etc.

Houve dois pentatlos: o “moderno” – o meu – cuja estreia foi brilhante e o clássico, cujo vencedor correu os 200 metros em 22,9 e os 1.500 em 4,44; saltou 7,60 e lançou o disco a 33,57 e o dardo a 46,71. O desempenho de cada vencedor dessas provas em separado foi o seguinte: 21,7, 3,56, 7,60, 45 e 60 metros. Comparação entre o “*all round*” e o especialista.

A equipe americana viajou em um grande navio que pôde atracar em Estocolmo e lhe servir de alojamento. Além disso, estava equipado para o treinamento contínuo com pistas sobre a ponte; bicicletas estáticas; piscina de lona na qual os nadadores estavam sujeitos a uma corda que os puxava para trás a cada braçada; discos e dardos amarrados a cordas, de modo que podiam cair no mar sem maiores problemas. Um esforço técnico de tal envergadura, completado com uma disciplina impecável,

merecia ser recompensada, e o foi. Sullivan, muito bem assessorado por uma equipe de colaboradores dirigia o conjunto com uma “maestria” e consciência absolutas e o coronel Thompson, que presidia a expedição desde seu iate, acrescentava pela cordialidade de sua acolhida as simpatias que despertavam seus jovens compatriotas.

Um recorde: uma sueca, a senhora Versäll, tinha seis filhos participantes nos Jogos, os benjamins na qualidade de “*boy-scouts*” encarregados de cuidar da ordem e transmitir as mensagens. Não é essa uma grande relíquia? No entanto, o COI lhe outorgou uma medalha Olímpica especial.

Duas inovações. Em Londres havia São Paulo. Em Estocolmo, nenhuma catedral digna de tal nome, e em vista disso, foi celebrada uma breve cerimônia religiosa no dia da inauguração: um simples salmo, uma oração em sueco pelo arcebispo de Upsala, seguida por outra em inglês, composta e recitada pelo P. Laffan, dez minutos no total. E, em meio ao grande silêncio de milhares de espectadores e participantes, aquilo foi algo sublime. Mas tive a sensação de que extrapolávamos nossos direitos.

Para evitar as condecorações, o rei criou uma especial: uma medalha de prata com uma fita azul e amarelo pálido, que era para ser entregue bastante livremente. No papel era uma solução perfeita, mas os caçadores de distinções trabalharam nos bastidores, e no final dos Jogos apareceu novamente o assunto irritante da atribuição dos títulos, as diferenças de tratamento entre o estabelecido para o país anfitrião e os países visitantes, os cambalachos, as hierarquias a quem se deveria atender...

A imprensa? Decididamente não estive ainda em sua condição quanto à imparcialidade e ao espírito crítico. No entanto, houve algum progresso desde Londres. Com toda malícia, a imprensa estrangeira anunciou que “calculava-se o déficit em 400.000 marcos” e dizia “que sempre seria assim”. Então solicitei a Balck que me facilitasse imediatamente uma prestação de contas para que eu pudesse dar-lhe publicidade: 776.000 coroas de despesas e 822.767 coroas de receitas. Superávit estupendo. Quanto à construção do estádio que, completamente concluído, custaria cerca de um milhão, era uma instalação permanente, cujo orçamento seria coberto com as subvenções do Estado e da cidade. Seja como for, Estocolmo saía ganhando.

O esplendor dos Jogos Equestres foi o último ato. Rosen queria que fossem magníficos e não deu bola para os gastos. E foram. Depois dessa apoteose, fechou-se a cortina. Então, a partida das delegações. Chegou a hora das despedidas, e enquanto o rápido verão do Norte agonizava e a luz começava a se tornar oblíqua, o último visitante partiu cheio de gratidão para com os seus amigos escandinavos, e de esperança no futuro Olímpico...

Memórias Olímpicas,

cap. XIII, Lausanne: COI, 1997, pp. 134-143.

4.2.2/24 UMA OLIMPÍADA VISTA POR ALTO

Um tempo radiante, multidões entusiasmadas, coordenação unânime de esforços e vontades: este é, em poucas palavras, o resumo fundamental da Va. Olimpíada, e isso basta para elogiar organizadores e participantes, mas não para a tarefa crítica que nos cabe. Esta Revista assumiu desde o início a resolução do Comitê Internacional expressada na famosa divisa *citius, altius, fortius*. Seja qual for o êxito de uma Olimpíada, pode-se e deve-se olhar ainda mais alto. Conseguir isso será às vezes difícil, e talvez ocorra que, devido a erros humanos ou às circunstâncias, alguns Jogos supõem um retrocesso em relação aos anteriores. Ao preparar os seguintes será preciso recuperar o caminho ascendente, e nada mais. Dessa vez não se produziu nada semelhante; ao contrário. Mas, ao evocar essa simples possibilidade, queremos destacar o espírito com o qual abordamos o estudo da Olimpíada que acaba de terminar.

Esta detém o recorde em número de participantes; cifra enorme e que não deixou de ter certos obstáculos que o Comitê sueco tem sabido sortear com toda habilidade. É certo que esse número incluía equipes de exibição. Pelo contrário, os espectadores e, especialmente, os que vinham de fora somam um total em absoluto não proporcional com o número dos atores. Está fora de dúvida que muitos possíveis viajantes desanimaram ante a insensata elevação dos preços que se produziu em determinado momento; logo baixaram e se mantiveram dentro dos limites geralmente razoáveis, mas o efeito produzido não pôde ser neutralizado. Por ter contido com prudência suas ambições iniciais, o comércio local incrementara seriamente alguns benefícios que, além disso, devem ter sido notáveis. Disso será preciso tirar lições úteis para outras cidades, pois é importante que não se considere os Jogos Olímpicos a galinha dos ovos de ouro. Não se assustem nossos leitores ao ver que nos ocupamos com a questão comercial. Seria muito infantil pensar que os Antigos não se ocupavam com a prosperidade que os Jogos engendram, nem lhes interessava o movimento de negócios ao redor de Olímpia!

A perfeição dos mecanismos de organização supera todos os louvores. Quase todos os detalhes haviam sido previstos, e isso da forma mais simples e prática. O funcionamento dos escritórios foi presidido por uma extrema engenhosidade, por uma ordem e um método admiráveis. Conseguir o máximo resultado com um mínimo de trabalhadores é algo que muitos governos e administrações deveriam ter estudado aqui. Um grande alento patriótico animava a todos e a cada um. O lema era “Honra a Suécia”. Um comitê de notáveis, presidido por personalidades tão poderosas como o coronel Balck ou o Sr. J.S. Edström, contava com o precioso reforço trazido pela presença do herdeiro do trono. Em nenhum momento tem diminuído ou desmentido o ativo interesse do qual tem dado prova em seu trabalho S.A.R. o Príncipe Real. O entendimento entre eles tem sido contínuo, e com esse motivo temos podido ver uma vez mais até que ponto “a União faz a força”.

O espírito desportivo tem aumentado entre os participantes, mas nem tanto entre a multidão. Esta, majoritariamente sueca, mostrava seu patriotismo da forma mais ingenuamente antidesportiva. Não era raro que no Estádio uma brilhante vitória estrangeira fosse acolhida com poucos aplausos, ao passo que os vencidos, se fossem suecos, recebiam ovações prolongadas. Ninguém ficou realmente chateado com essas manifestações torpes, em absoluto mal-intencionadas. Até agora faltou à Su-

écia uma vida desportiva internacional, e é muito natural que o ponto de vista patriótico tenha triunfado sobre o desportivo. Por outro lado, os ginastas continentais, que tem visto como se levantavam nesse mesmo estádio as barras fixas e as paralelas tão severamente boicotadas até esse momento pelos métodos suecos exclusivos, deve fazer justiça à grande tolerância com a qual tem sido recebidos. O espírito desportivo dos distintos grupos de atletas tem sido claramente maior que em 1908. Em alguns meios numerosos e sobrecarregados não cabe, evidentemente, esperar que se produza uma desqualificação sem que isso suscite críticas e polémicas. Entretanto, podemos esperar que decepções e ciúmes nunca produzam efervescências mais ou menos ruidosas. Não deixaremos de repetir que os atletas antigos não eram mais angelicais a este respeito do que os de hoje. Se tivessem sido angelicais não teriam sido atletas! Basta observar que os incidentes desagradáveis não têm sido muitos frequentes e tampouco durado muito, e que a chamada que apresentamos aqui mesmo¹ parece ter sido ouvida e ter produzido seus frutos. Embora a “Paz Olímpica” ainda não reine de forma absoluta, no entanto reina, o que significa muito.

Conta-se que quando o arquiteto do Estádio de Berlim visitou o de Estocolmo, tirou o chapéu e disse: “Parabéns ao meu colega sueco. Não é preciso fazer melhor que isso”. É um elogio lisonjeiro que procede de um homem cujo projeto tem sido justamente admirado. O Sr. Gurben Grut, sem dúvida, merece isso, e sua obra tem despertado todas as aprovações. Pessoa tão modesta como artista, o Sr. Grut declara-se discípulo do mestre francês Viollet le Duc, e quer juntar ao seu triunfo esse nome ilustre, mas a originalidade de suas ideias e sua habilidade de execução permanecem íntegras. Quando as esculturas adequadas adornarem o Estádio e derem um aspecto um tanto rústico, causará um grande impacto. Por outro lado, as instalações são perfeitas. Corredores, vestiários, duchas, serviço de imprensa, cabines de telégrafo e telefone, tribunas, saídas, tudo foi pensado da forma mais prática. Durante os Jogos, o Estádio tem sofrido transformações que pareciam um prodígio. Algumas vezes serviu como sala de concerto para quatro mil cantores, outras como restaurante para três mil convidados, no dia seguinte estava em perfeita ordem para as provas. A grama dava lugar à terra batida e vice-versa. Na tarde de 15 de julho se teria podido jogar futebol; no amanhecer do dia seguinte haviam surgido vinte obstáculos, e as pistas de equitação balizavam o terreno separadas por grandes maciços de hortênsias. Uma sábia preparação do subsolo e uma justaposição de grandes leivas de grama cortados com esquadro formando um perfeito mosaico permitiam essas rápidas mudanças.

Pela primeira vez desde o restabelecimento dos Jogos o luto veio para entristecer a celebração. Um português, o corredor Lázaro, que corria a maratona, sofreu uma insolação e morreu na manhã do dia seguinte. Entre milhares de atletas, uma morte em dezesseis anos não é muito, e nada demonstra melhor que o programa Olímpico não excede em absoluto as forças daqueles aos quais está destinado. Apesar da maratona ter sido realizada mais uma vez e por motivos alheios ao esporte durante as horas mais quentes do dia, não cabe lançar toda culpa à temperatura ambiente. Para a vítima seria mais fácil suportar o leve calor da Suécia que o seu clima natal. É mais

1 Ver a *Revista Olímpica* de julho de 1912. (Nota original de Coubertin).

provável que o acidente tenha sido causado por um problema intestinal. Em todo caso, é preciso que no futuro a maratona seja realizada pela manhã e, sobretudo, que sejam adotadas medidas severas para impedir que durante a corrida os participantes tomem alimentos prejudiciais. Lázaro deixa uma viúva que havia dado à luz recentemente. Um movimento unânime de simpatia permitiu organizar no Estádio ao final dos Jogos uma festa desportiva na qual foi arrecadada uma soma considerável destinada a ela.

A Vª. Olimpíada foi marcada por algumas inovações. Algumas de caráter desportivo; falaremos delas em nosso próximo número, o qual, juntamente com o quadro geral dos resultados, conterà as observações técnicas sugeridas por ocasião da realização dos Jogos de 1912. As outras inovações são de caráter mais geral. Duas são particularmente importantes. Uma é a criação por S. M. o rei Gustavo V de uma condecoração especial chamada medalha da Va. Olimpíada. Essa medalha, que tem na parte superior a coroa real e traz uma faixa azul claro com uma franja amarela, leva a efígie de Sua Majestade e, no reverso, as três coroas da Suécia entrelaçadas com palmas e louros, bem como as palavras: Femte Olympiaden Stokholm 1912. Como é costume, o rei tem se reservado o direito de concede-las.

A segunda inovação consistiu na cerimônia religiosa com a qual foram inaugurados os Jogos no Estádio. Uma oração rezada em sueco, um canto religioso ao qual se juntou o público e, por último, uma oração composta e pronunciada pelo reverendo Courcy Laffan deram a esse instante único uma grandeza infinita. Eis aqui o texto inglês da invocação:

O Lord, God of all the nations of the Earth in Whom we live and move and have our being, Our Father!

Thou hast called Thy children hither from all quarters of the Earth, from the East and from the West, from the North and from the South to show forth in frank and chivalrous contests Thy sacred gifts of manly prowess and to teach and learn by turns the secrets of manly strength and manly endurance.

Pour out, o Lord, the fullness of Thy Holy Spirit on all who take part in these Olympic Games.

Fill them with the spirit of friendship, the spirit of brotherhood, the spirit of International unity and concord.

Set far from us all misunderstanding, all bitterness, all jealousy, all ill will.

Give to those who conquer the temper of generous sympathy, give those who are conquered the temper of generous admiration.

And so bless this gathering of the chosen youth of all nations that our Olympiad may be an instrument in Thy Hand for the Peace of the world, for the goodwill of all peoples, for the building of Thy kingdom on Earth as it is in Heaven.

For thine, o Father, is the kingdom, the Power and the Glory for ever ande ver. Amen.

“Une Olympiade à vol d’oiseau”, em:
Revue Olympique,
agosto de 1912, p. 115-119.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

4.2.2/25 AS ORIGENS DO PENTATLO MODERNO

Uma das inovações mais interessantes dos Jogos Olímpicos de 1912 foi a instituição do pentatlo moderno, prova que perdurará não tanto por contar com um troféu que nessa ocasião foi conquistado pela Suécia, mas pela adesão universal que suscitou. Cabia temer que semelhante inovação não se impusesse de saída, e isso tanto mais que, quando a anunciou seu criador, o barão Pierre de Coubertin, levantou inúmeras objeções. Mas, de lá para cá, o movimento em favor do *all-round athleticism* tem adquirido muita força, tanto que o anúncio definitivo do novo pentatlo suscitou em seguida numerosas adesões. Inscreveram-se quarenta e dois atletas de doze países diferentes. Houve trinta e dois participantes, dinamarqueses, franceses, americanos, holandeses, noruegueses, russos, ingleses, suecos, alemães e austríacos. Desses trinta e dois, nove desistiram durante as provas e vinte e três chegaram até o final. Cabe dizer que se trata de um resultado magnífico, considerando, além disso, que as provas formavam um conjunto extremamente duro e que foram realizadas sem pompa, longe das tribunas e dos aplausos. Desde o ponto de vista estritamente desportivo, o pentatlo moderno representa o ponto alto da Olimpíada. Em nenhuma outra prova o esforço muscular foi tão intenso, nem o altruísmo dos atletas tão grande.

Queremos deixar registrado como se desenrolaram as coisas. No domingo 7 de julho foi realizada a prova de tiro de vinte e cinco metros; era preciso fazer vinte disparos, em quatro séries de cinco, sobre alvos de sete metros visíveis durante três segundos num intervalo de dez. Na segunda-feira 8 de julho, prova de natação de 300 metros livres. Nessa mesma tarde mostrava-se aos participantes o percurso da prova de equitação e se lhes entregava um mapa do terreno. Ao mesmo tempo realizava-se o sorteio, e os participantes sem cavalo tinham direito a provar os que foram postos à disposição. Na terça-feira 9 e na quarta-feira 10, provas de esgrima com espada, nas quais declarava-se vencedor ao primeiro que tocasse três vezes o seu adversário. Na quinta-feira 11, prova de equitação num percurso de quatro quilômetros e meio com vários obstáculos. Por último, na sexta-feira 12, *cross-country* de uns 4.000 metros.

Cabe criticar a ordem das provas, pois não foi levado em consideração nem o cansaço nervoso nem o muscular. Não é bom terminar com as duas provas que exigem mais fadiga, a equitação e a corrida. Sugerimos como ordem desejável: o tiro, a corrida, a esgrima, a natação e a equitação. Talvez se pudesse pensar em não limitar a prova de esgrima a uma arma somente, e permitir a escolha entre espada e sabre. O que em todo caso precisa ser modificado é o regulamento da prova de equitação e o modo de pontuação.

Há somente uma maneira verdadeiramente lógica e equitativa de organizar a prova de equitação, que é proporcionar a todos os participantes cavalos que não tenham tido a ocasião de montar até o momento e soltá-los num terreno desconhecido para eles. Esta última condição nem sempre é fácil de cumprir. Os terrenos adequados nas proximidades de uma cidade grande não são tão numerosos de modo que, embora a escolha seja mantida em segredo, não se possa descobrir aquele que foi escolhido. Isso supõe uma grande vantagem para os ginetes do país no qual se realiza a Olimpíada. O que em todo caso resulta inadmissível é que alguns tenham

direito a montar seu próprio cavalo e os demais somente possam provar de forma superficial e uma única vez as montarias que se lhes oferecem. A melhor solução seria colocar os obstáculos na última hora e sortear os cavalos.

A recontagem dos pontos tem sido feita contando as posições conquistadas nas cinco provas. Os primeiros obtinham 1 ponto, os segundos 2 e assim sucessivamente.

Mas, posto que o número de participantes varia de uma prova a outra em função das desistências, nesse modo de proceder é relativamente injusto. Por outro lado, no que se refere à prova de equitação, cada participante contava de saída com 100 pontos, dos quais iam sendo descontados 2 pelo primeiro obstáculo evitado ou não superado, 5 cada vez que isso se repetia, 5 pela queda do cavalo, 10 por cada queda do ginete e 2 para cada bloco de 5 segundos que excedesse ao tempo máximo estabelecido. Tudo isso supõe cálculos complexos e possivelmente inúteis.

Apesar dessas pequenas imperfeições, o pentatlo tem sido organizado de modo a satisfazer quem o preconizava, e entre os participantes reinou um perfeito espírito desportivo. Vencedores e vencidos demonstraram o mesmo entusiasmo com esta soberba instituição, verdadeiro critério de masculinidade e de perfeito atletismo.

Esse entusiasmo tem tido eco no além mar. Na verdade, o Sr. V. Skiff, que desempenhou um papel importante na organização da IIIa. Olimpíada como Diretor da grande Exposição de Saint Louis e que voltará a exercer funções análogas em São Francisco em 1915, acaba de oferecer ao Sr. de Coubertin, em nome dos “Curadores” desta última Exposição, um objeto de arte de grande valor para comemorar a criação do pentatlo moderno. E se tem estabelecido de comum acordo que esse objeto continuaria a ter o destino do troféu doado pelo próprio Sr. de Coubertin para o pentatlo. Trata-se de uma placa de ouro maciço adornada com baixo-relevos feitos pelo conhecido escultor sueco Lindberg, num de cujos lados figura a seguinte inscrição: *Doada pela Panama Pacific International Exposition a Pierre de Coubertin, restaurador das Olimpíadas, por ocasião da criação do pentatlo moderno, para ser entregue por ele em cada Olimpíada ao vencedor da prova, a qual se conservará até a próxima Olimpíada.* Outro exemplar dessa placa permanecerá com o Presidente do Comitê Internacional.

Assim, duplamente dotado, o pentatlo moderno inicia sua vida com todas as garantias de um amplo e grande êxito. Como acontece com a “maratona”, espera-se que nasçam “pentatlos modernos” em todos os lugares; a diferença está em que a organização desses últimos é mais delicada e cara..., mas seu resultado também é mais satisfatório e interessante.

“Les débuts du Pentathlon moderne”, em:
Revue Olympique,
outubro de 1912, p. 151-154.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

SAISON D'ÉTÉ 1912
COMITÉ INTERNATIONAL
OLYMPIQUE

Modern
Pentathlon
(part.)

20, Rue Oudinot.

Dear Mr. Helleström,

I enclose the draft of the Challenge Coupe form. I think it necessary to alter slightly the text as indicated. The one I suggest is safer for various reasons.

As to the Modern Pentathlon I am personally opposed to the admittance of ladies as competitors in the Olympic Games. But as they are this time admitted as tennis players, swimmers etc. I do not see on what ground we should stand to refuse them in the Pentathlon. However I repeat that I greatly regret the fact. Therefore I leave it to you to decide and if you refuse or accept the engagement, I shall agree with you.

Yours truly,

P.C.

It is my intention to arrive early in June.
I hope nothing will stop me from so doing.

Participação das mulheres no pentatlo moderno, Estocolmo 1912.
(Arquivos Nacionais, Estocolmo)

4.2.2/26 PALAVRAS DE ENCERRAMENTO (ESTOCOLMO 1912)

O texto aqui apresentado reproduz o discurso proferido por Coubertin no banquete de encerramento em Estocolmo em 26 de junho de 1912. Nele sugere a realização dos VI Jogos Olímpicos em Berlim, Jogos cuja celebração, bem como a transmissão simbólica da chama Olímpica da Suécia para a Alemanha, deveria impedir a Primeira Guerra mundial. O fogo Olímpico dos Antigos traz ao símbolo do inesgotável pensamento Olímpico dos Modernos uma ideia que deveria encontrar sua expressão mais bem elaborada na corrida da chama Olímpica em 1936.

Altezas reais, senhoras e senhores:

Chegou o momento no qual estão por terminar estas magníficas festas que ficarão tão profundamente marcadas na história Olímpica. Alguns instantes mais e a realização da Va. Olimpíada terá terminado.

Ela nos deixa uma lembrança luminosa, não somente porque a terra e a água suecas têm para nós todos os encantos de um verão radiante, mas porque a arte do espetáculo e a preocupação com a perfeição técnica foram combinados por vocês, senhores membros do Comitê Sueco, da maneira mais engenhosa e acertada.

Para fazer uma Olimpíada, não são suficientes o poder e o dinheiro; são necessárias também a perseverança, a paciência e a tolerância. E, especialmente, um conceito elevado e sereno do duplo papel que o esporte pode e deve desempenhar no seio das grandes democracias modernas: papel de harmonizador humano, herdeiro do atletismo antigo, e papel de educador social, herdado da cavalaria. Não devemos voltar nosso olhar tão somente para o ginásio de Olímpia, senhores, mas também para os torneios da Idade Média, demasiado esquecidos ou demasiado desconhecidos, cuja única falta foi a de ultrapassar, além do razoável, o culto elegante da honra, do estoicismo e da generosidade.

Não posso render maior homenagem à nação sueca, alteza, que dizendo aos que aqui a representam que muitas vezes na História tem sido admirada por inspirar-se nesse duplo ideal.

E agora, senhores, eis que por vosso intermédio um grande povo recebeu de vossas mãos a tocha das Olimpíadas e por isso se comprometeu a conservar e a avivar o quanto possível a preciosa chama.

Ficou estabelecido o costume de que a última palavra pronunciada ao final dos Jogos Olímpicos fosse para saudar o início dos próximos Jogos. Por isso quero propor, em nome do Comitê Olímpico Internacional, guardião supremo e estável da instituição renovada, que brindemos em honra a VI^a. Olimpíada.

Oxalá possa contribuir, como suas predecessoras, para o bem geral e o aperfeiçoamento da humanidade! E oxalá possa ser preparada com o labor fecundo dos períodos de paz! E que, quando chegar o dia, possa ser celebrada por todos os povos do mundo, na alegria e na concórdia.

“Paroles de clôture”, em:

Revue Olympique, vol. 12, setembro de 1912, p. 142-143.

4.2.2/27 – 4.2.2/32 INTRODUÇÃO

Em 1913 o COI organizou um congresso Olímpico em Lausanne, e um ano mais tarde outro em Paris sobre questões técnicas do esporte. Coubertin opina no artigo a seguir “Les Congrès olympiques” (1913) sobre a função dos congressos Olímpicos dentro do movimento Olímpico. A grande relevância que para ele tinham esses congressos fica demonstrada pela extensão com que tratou deles em suas *Memórias Olímpicas*.¹

É complicado determinar exatamente que congressos podem ser denominados congressos Olímpicos e as referências do COI, inicialmente denominadas “reunião” e mais tarde “sessão”. É até de se supor que Coubertin pudesse unicamente permitir-se regular e fixar estatutariamente as competências, e desse modo o procedimento, com o paulatino êxito de seu movimento.

Após a Primeira Guerra Mundial somente se utilizou a denominação “congresso Olímpico” para os congressos técnicos Olímpicos, comuns desde 1914, uma denominação que Coubertin introduziu em seu *Pédagogie Sportive*.²

O congresso de Lausanne aconteceu num momento em que o movimento Olímpico havia alcançado um primeiro ponto alto graças aos Jogos Olímpicos de Estocolmo, mas justamente essa comparação internacional do rendimento, razão de ser da ideia Olímpica, havia trazido consigo uma série de novos problemas.³

Coubertin viu uma ameaça para o esporte moderno em seu conjunto nas críticas da classe médica aos métodos exagerados de treinamento. Por isso, procurou voltar sua atenção a Medicina para questões psicológicas do exercício físico. O congresso de Le Havre de 1897 já havia se dedicado inicialmente a essa questão.

No programa de Lausanne, impresso adiante (4.2.2/28), utiliza-se pela primeira vez o conceito “psicologia desportiva”, embora este não possa ser entendido no sentido atual. Como demonstra claramente a relação de conceitos do programa, trata-se antes de questões de pedagogia desportiva, que Coubertin havia tratado durante os dez anos anteriores na *Revue Olympique* e que havia apresentado ao preparar o congresso de Lausanne na compilação *Essais de Psychologie sportive*.

Em suas *Memórias Olímpicas*, Coubertin descreve detalhadamente o trabalho desse congresso, e além disso num volume editado pelo COI são reunidas num informativo todas as contribuições apresentadas no congresso. Em 1914 Coubertin escreveu uma série de quatro capítulos para a *Revue Olympique* intitulada “Critiques du Congrès de Lausanne”, uma análise crítica de seu conteúdo.

O congresso teve indubitavelmente um nível técnico superior ao dos congressos Olímpicos de Le Havre e Bruxelas. Os temas tratados permaneceram por muito tempo sem ser desenvolvidos em razão da Primeira Guerra Mundial, e Coubertin somente pode seguir avançando nessa temática em 1928 por meio do Bureau Internationale de Pédagogie Sportive (B.I.P.S.), criado recentemente.⁴

1 Dos 24 capítulos, oito são dedicados aos Jogos Olímpicos, oito aos congressos Olímpicos e outros oito a outros temas Olímpicos.

2 Coubertin, P. de. *Pédagogie Sportive*, Lausanne: La Concorde, 1921, p. 57.

3 Coubertin já havia advertido e descrito isso em 1900 em seu artigo “La Psychologie du Sport”. Ver artigo 2.5.

4 Comparar com “La reprise des Travaux du Congrès de Lausanne”, em: Bulletin du B.I.P.S., n. 1 (1929), pp. 6-14.

O congresso Olímpico de Paris, realizado em 1914, um ano mais tarde, por ocasião do vigésimo aniversário do COI, foi realizado com a participação dos 32 Comitês Olímpicos existentes. O aniversário deveria acontecer de forma especialmente festiva, como correspondia a um movimento que já havia alcançado fama mundial. Ao mesmo tempo deveria transformar-se num triunfo silencioso para um Pierre de Coubertin que continuava a ser ignorado em sua pátria.

O COI e os representantes do CON deram forma neste congresso ao programa unificado dos futuros Jogos Olímpicos, uma necessidade desde muito tempo. Para isso foram analisados todos os esportes em relação à sua “maturidade Olímpica”, porém já era impossível chegar a um acordo sobre quais seriam descartados.

Coubertin nunca escondeu que os Jogos Olímpicos deveriam permanecer reservados a participantes masculinos, e o COI apoiou fielmente esse desejo. Foi por isso que o congresso rechaçou uma petição para aceitar mulheres nas competições de atletismo, pelo que elas continuaram a ser aceitas unicamente na natação e no tênis. Por outro lado, houve uma maioria que se manifestou a favor dos esportes em equipe.

De modo geral, o congresso de Paris havia transcorrido com êxito, já que foi possível solucionar um grande número de questões que, em parte, esperavam desde 1896. As competências do COI, dos CONs e das Federações Internacionais foram reguladas satisfatoriamente, e a autoridade do COI permaneceu intacta no resultado final. Coubertin manifesta sua opinião sobre as questões estruturais dentro do movimento Olímpico em numerosas publicações resumidas no capítulo 6.1.

Coubertin somente entra em mais detalhes sobre o congresso de Paris em suas *Memórias Olímpicas*, o que parece demonstrar que naquele momento ele já não mostrava interesse por questões técnico-organizacionais.

Tão logo terminara o congresso de Paris, começou a Primeira Guerra Mundial. Durante anos, o trabalho Olímpico foi dificultado, quando não impedido, a ideia Olímpica de um internacionalismo em favor da paz permaneceu esmagada pelo dia a dia da política, e os Jogos Olímpicos de Berlim, nos quais deveriam ter validade as regulações do congresso de Paris, não foram realizados. Existe tão somente um único informativo escrito por Coubertin acerca dos quatro anos de guerra, especificamente o capítulo publicado como “Os quatro anos de guerra” em suas *Memórias Olímpicas*.

Coubertin abandonou durante quase três anos seu cargo de presidente para não prejudicar desnecessariamente o COI em razão da sua entrada no exército francês. A circular 4.2.2/32 aqui reproduzida comunica essa decisão aos membros do COI.

4.2.2/27 OS CONGRESSOS OLÍMPICOS

Os Jogos Olímpicos são realizados a cada quatro anos. Todos os anos o Comitê Olímpico Internacional realiza uma sessão solene por ocasião da qual é oferecida uma festa. As sessões de Haia em 1907, de Berlim em 1909, de Luxemburgo em 1910, de Budapeste em 1911, por não mencionar senão estas, têm sido as mais brilhantes. Às vezes e de maneira imprópria, estas reuniões foram chamadas congressos. Contudo, nelas unicamente participam os membros do Comitê Internacional, de forma que neste caso não cabe empregar o termo congresso.

No entanto, o Comitê Internacional tem organizado congressos, mas não com data fixa e somente quando um motivo de grande importância o justificava. O regulamento diz que o Comitê “se propõe: 1) garantir a realização regular dos Jogos Olímpicos; 2) tornar essa realização cada vez mais perfeita, digna de seu passado glorioso e conforme os elevados ideais que inspiraram os seus renovadores; 3) provocar ou organizar todas as manifestações e, em geral, adotar todas as medidas oportunas para orientar o atletismo moderno por caminhos desejáveis”.

Estes são os motivos pelos quais foram convocados os congressos de 1897, 1905, 1906 e 1913. O primeiro, realizado na Prefeitura da cidade de Haia sob a presidência honorífica do presidente da República Francesa, o Sr. Félix Faure, proclamou os vínculos estreitos entre o esporte e a moral, tema então muito inovador e sobre o que não se havia discutido em público. Distintos oradores como o explorador Bonvalot e o ilustre pregador da ordem dos Dominicanos, o Padre Didon, trouxeram a esta fecunda tese o reforço de sua eloquência.

O segundo foi realizado no *Palais des Académies* de Bruxelas sob a presidência honorífica de S.M. o rei Leopoldo II. No programa encontra-se tudo o que diz respeito à técnica dos exercícios físicos, e o volume que contém as discussões e os trabalhos desse congresso, do qual participaram pessoas mui distintas e de capacidade indiscutível, mostra um movimento de um valor verdadeiramente excepcional. Seja qual for a perspectiva que se adote, esta enciclopédia o menciona e o quadro de problemas desportivos que nela se encontra é o mais claro e o melhor que jamais se tenha feito.

No ano seguinte foi realizado em Paris, no célebre *Foyer da Comédie Française*, uma espécie de congresso que reuniu, sob a égide do Olimpismo renascido, artistas preocupadas com a renovação da arte e os *sportsmen* ansiosos pelo enobrecimento do esporte. Daí partiu o grande movimento que se desenvolve dia a dia e que trará novamente o reino da antiga eurritmia.

O congresso de Lausanne foi convocado com o objetivo de fazer um batismo de notoriedade a uma nova ciência, ou para falar mais precisamente, a um ramo inédito da ciência: a psicologia desportiva. É conhecido o papel que desempenhou nossa Revista nessa iniciativa. Não faz muito, o célebre semanário francês *l'Opinion* nos homenageava muito lisonjeiro a esse respeito pela pena de um dos seus redatores mais argutos. Agora sabemos, dizia, “que a renovação dos Jogos antigos não era nem um pouco a fantasia asilada e fortuita de um aficionado, mas, ao contrário, o resultado de uma longa meditação: o ponto de sujeição, se quiser, o símbolo brilhante, a necessária publicidade cara ao público de toda uma pedagogia física intelectual, moral, estética... Esperamos ver como se desprende pouco a pouco dos

fatos técnicos e das cifras brutais essa filosofia do esporte, essa nova orientação para o esforço que se apoia no sangue frio e no ritmo, e que aparecia já nos artigos da *Revue Olympique*". E nosso grande colega nos felicita por ter "semeado essa boa semente". O congresso de Lausanne será, na verdade, a consagração dos amplos esforços da *Revue Olympique* em fazer do novo Olimpismo "toda uma pedagogia física, intelectual, moral e estética", no qual continuará e completará a obra dos congressos anteriores.

"*Les Congrès Olympiques*" em: *Revue Olympique*, fevereiro de 1913, pp. 19-20.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

4.2.2/28 PROGRAMA DO CONGRESSO OLÍMPICO DE LAUSANNE DE 1913

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL

—

CONGRESSO DE LAUSANNE

(Psicologia e Fisiologia Desportiva)

Maio de 1913

Sob o Alto Patrocínio do Conselho Federal da Confederação Helvética

Mens fervida in corpore lacertoso

MCMXIII

COMITÊ ORGANIZADOR

Presidente de Honra: Sr. DECOPPET, Conselheiro de Estado,

Diretor do Departamento de Instrução Pública do distrito de Vaud.

Presidente: Sr. Dr. MORAX, Diretor do serviço sanitário do distrito de Vaud.

Membros: Sr. Godefroy de Blonay, Dr. Centurier,

Prof. Larguier des Bancelis, Prof. Milliod, Dr. De Montet, Dr. Reinbold

Comissários: (Língua francesa) Dr. DE MONTET, Villa Alexandra, VEVEY.
(Língua alemã) Srs. Dr. MALLWITZ, 33 Kesselstrasse, BERLIM N.L., Dr. HANS
REBER, GSTAAD (distrito de Berna). (Língua inglesa)

Sr. ARTHUR IRELAND, 45, avenida d'Ouchy, LAUSANNE,
e Grove House, RAUNDS, Northamptonshire, Inglaterra.

Congresso de Psicologia e de Fisiologia desportivas

LAUSANNE 1913

PROGRAMAS

ORIGENS DA ATIVIDADE DESPORTIVA.

Atitudes naturais do indivíduo; atitudes gerais (flexibilidade, destreza, forma de exercício); atitudes especiais (facilidade inata para uma determinada forma de exercício). – Tarefa e influência do **ativismo** desportivo; observações e conclusões. – São suficientes as atitudes naturais para incitar o indivíduo, ou é também necessário o **instinto desportivo**? Natureza e função do instinto desportivo. Pode ser provocado ou suprido pelo espírito de *imitação* e por intervenção da *vontade*?

CONTINUIDADE E MODALIDADES.

Somente a continuidade que faz o verdadeiro esportista está assegurada quando se criou a **necessidade**. Pode a necessidade desportiva ser criada fisicamente pelo costume que deriva seja do **automatismo** muscular, seja da **necessidade de ar** provocada por um exercício intenso; e moralmente pela **ambição**, que porque esta procede do desejo vulgar por aplausos, ou bem porque pretenda um objeto mais nobre como a busca da beleza, a saúde ou o poder?

Particularidades fisiológicas e psicológicas de cada categoria ou espécie de exercícios: Qualidades *intelectuais* e *morais* desenvolvidas ou utilizadas para cada esporte. – Diferentes condições da prática do esporte: **solidão** e **camaradagem**; **independência** e **cooperação**; **iniciativa** e **disciplina**; formação e desenvolvimento de uma equipe.

RESULTADOS.

Do carácter rigorosamente exato dos resultados desportivos. – O **treinamento**; regras fundamentais; diferenças com o costume. – Do excesso de treinamento; a **fadiga**. – O treinamento normal pode ser puramente físico e não desembocar senão na **resistência**, mas pode também contribuir para o **progresso moral** graças ao desenvolvimento da vontade, do valor e da **confiança em si mesmo**, bem como o progresso intelectual graças à criação da **calma** e da **ordem mental**. Quais são as condições nas quais esse progresso não é factível? – Os **recordes**; estado de espírito do *recordman*.

Finalmente, contém a atividade desportiva o gérmen de uma **filosofia** prática da vida?

Brochure spéciale,
Lausanne, 1912, 4 p.
(Arquivos do COI).
Reimpresso em
Revue Olympique,
abril de 1912, p. 54-55.

4.2.2/29 O CONGRESSO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE (LAUSANNE 1913)

No final do século XIX a Suíça era muito pouco desportiva, ou, ao menos, poderia se dizer dela “que era a seu pesar”, a maneira de Toepffer, nada desdenhável, mas insularista e pouco internacional. A Suíça tinha seus ginastas, seus atiradores, seus lutadores alpinos, e pare você de contar. Não aspirava louros externos, e utilizava suas montanhas para a marcha, mas quanto aos esportes de inverno, nem falar. Politicamente era muito cantonalista e desconfiava intencionalmente de seus poderes federais. Por todas essas razões não manifestou nenhum interesse pelo restabelecimento dos Jogos Olímpicos e sua abstenção não me trouxe maiores aflições, posto que, na realidade eu mal conhecia o país. Tal como eu o via, de longe, assim também imaginava que deveria ser na realidade. Os turistas que a visitavam não percebiam nenhuma evolução interna, e comigo se passava o mesmo. Contudo, em 1903 tive de viajar para lá, por circunstâncias puramente fortuitas, para estudar suas instituições, e posto em contato com sua nova organização militar, graças a um de seus oficiais mais reputados, o coronel De Loys, descobri em seguida que existia no centro da Europa um pequeno estado cujos destinos, longe de se terem cumprido, projetavam um futuro transcendente; um país, enfim, que desempenhava silenciosamente o papel de laboratório experimental das nações civilizadas. Desde então, a Suíça me interessou infinitamente.

Sob o aspecto desportivo, mostrava-se tão favorecida pela natureza, as circunstâncias atávicas e outras, que não era possível entender sua lentidão em aproveitá-las. “*La Suisse, reine des sports*” é o título de um artigo publicado na *Revue Olympique* de novembro de 1906 e que, retrospectivamente, tem inclusive um caráter profético, embora a profecia ainda não se tenha cumprido completamente.

Um país com essas características estava predestinado a desempenhar um papel Olímpico considerável, mas era preciso convence-lo. E não era nenhuma desonra para seus filhos recordar-lhes que não se alcança facilmente o que eles estão dispostos a dar. Nosso colega suíço Godefroy de Blonay conhecia bem a situação e devia munir-se de paciência para edificar um Comitê Olímpico Nacional superando os complexos cantonais, quase sempre rebeldes a esse tipo de construção.

Mas não vou escrever aqui um ensaio sobre a Suíça. Ao redigir minha História universal pude dar prova com toda sinceridade da minha admiração para com ela. Gostaria somente de lembrar como, desejando iniciar a conquista da Suíça, comecei por Lausanne e porque, tentando conquistar Lausanne, recorri ao estratagema de um congresso científico.

Lausanne foi muitas vezes, no passado, uma cidade internacional desde o dia em que o Papa veio até ela para coroar Rudolph de Habsburgo, mas no início do século XIX parecia, sob esse ponto de vista, completamente letárgica. Sem dúvida, os pacientes iam consultar seus médicos eminentes, os turistas a incluíam em seus itinerários para deter-se nela com imenso prazer, e alguns inclusive permaneciam na cidade para prolongar deliciosamente seus ócios, mas carecia de uma missão concreta e definida. Sua Universidade, recentemente instalada num palácio cuja arquitetura tinha, pelo menos, o frescor e o esplendor da juventude, ocupava um lugar de honra no mundo dos estudos, mesmo sem nele exercer um papel preponderante. Deliciosamente situada na margem do lago, coroada de bosques, e sendo um potencial



Lausanne 1913:
inauguração do Con-
gresso Olímpico, presi-
dido por Coubertin, no
centro do estrado.
(Arquivos do COI)

para todas as possibilidades desportivas imaginárias, Lausanne era a cidade mais indicada para estabelecer (em seu recinto ou nas redondezas) a sede administrativa do Olimpismo. Mas para isso, primeiramente, tinha que ser aceita.

De minha parte, abrigava desde muito tempo o desejo de ver a medicina, embora seu caráter predominantemente fisiológico, ter mais interesse na psicologia. Mas como tinha muitos amigos médicos, começando pelo desportivo e simpático Fernand Lagrange, autor da *Fisiologia dos Exercícios do Corpo*, podia me permitir o luxo de falar mal deles. Não faz muito tempo, colaborei com *Praxis*, um periódico bilíngue dos médicos suíços, a propósito do “caso mórbido” que, em vez de ser considerado uma exceção como é na realidade, tendia a se impor cada vez mais como norma numa infinidade de domínios, e particularmente no desportivo. No entanto, não é este o lugar adequado para divulgar nem sequer um resumo de um tema tão delicado. Mas o que disse basta para conhecer a gênese do congresso de Lausanne, do qual falei aos meus colegas a partir de 1909, oferecendo-lhes dois anos mais tarde, na reunião de Budapeste, um programa que acolheram por certo com acentuado interesse e que foi publicado pouco depois em alemão, inglês, francês e italiano. É breve, e considero interessante reproduzir aqui o texto em questão:

ORIGENS DA ATIVIDADE DESPORTIVA

Atitudes naturais indivíduo; atitudes gerais (flexibilidade, destreza, força, dureza); atitudes especiais (disposição para uma determinada modalidade de exercício). – Tarefa específica e influência do *ativismo* desportivo; observações e conclusões dele derivadas. – São suficientes as atitudes naturais para estimular o indivíduo, ou

faz falta, além disso o *instinto desportivo*? Natureza e ação desse instinto. Pode ser provocado ou suprido pelo espírito de imitação e por intervenção da vontade?

CONTINUIDADE E MODALIDADES

Somente a continuidade, ou seja, o hábito do exercício, faz o verdadeiro esportista, e não é assegurada senão quando se criou a necessidade do mesmo. Esta *necessidade* desportiva não pode ser criada fisicamente pelo simples costume derivado do automatismo muscular, ou pelo mero prazer do ar puro originado por um exercício intenso, ou inclusive moralmente pela ambição, tanto se esta procede do desejo de ser aplaudido, quanto se aspira a algo mais nobre como, por exemplo, a beleza, a força ou a saúde.

Particularidades psicológicas de cada categoria de exercícios: qualidades *intelectuais* e *morais* desenvolvidas por si mesmas ou utilizadas para cada esporte. Condições propiciadas pela prática desportiva: solidão e camaradagem; ajuda mútua e competição; iniciativa e disciplina; formação e desenvolvimento de uma equipe.

RESULTADOS

Do caráter rigorosamente exato dos resultados desportivos. Treinamento: diferença em relação ao hábito. O treinamento normal pode ser puramente físico, com o único objetivo de conseguir a *resistência*, mas pode também contribuir para o *progresso moral* mediante a educação da vontade, do valor e da *confiança* em si mesmo, e mais ainda, ao o progresso intelectual pela produção de *calma* e *ordem mental*. Em que condições? Finalmente, não contém a atividade desportiva o gérmen de uma filosofia prática da vida?

Era preciso defender esse programa, por um lado, contra a ciência médica – se posso usar a expressão – e, por outro lado, atrair para ele filósofos e pedagogos, e além disso fazer tudo para que se interessassem os próprios desportistas. E paradoxalmente foi um médico quem mais me ajudou, um velho amigo de meus sogros, o doutor Morax, diretor do setor de Serviço Sanitário de Vaud, cujos três filhos tem se destacado por seus próprios méritos nas artes, nas letras e nas ciências. Levava em Morges uma vida patriarcal adornada por todos os reflexos de uma vida exemplar. Nada do que acontecia na Europa ou fora dela deixava de ter um eco simpático, judicioso e equilibrado no ambiente desse ancião rodeado de juventude e amigo das empresas mais arriscadas. O congresso despertou nele um autêntico interesse desde o início, captando com surpreendente rapidez de reflexos meus projetos, dos quais extraía seu oportunismo Olímpico e helvético ao mesmo tempo. Graças a ele obteve a colaboração do professor universitário Millioud – de quem Benito Mussolini, na época um estudante obscuro lutando corajosamente contra um destino adverso, – a do reitor De Felice; a do diretor de uma famosa escola privada, Auckenthaler. Assim foi constituída a equipe inicial. Para proferir o discurso de abertura garanti a participação de um historiador, filósofo de plantão, Guglielmo Ferrero, além do envio de uma mensagem escrita por Theodor Roosevelt. Depois disso, eu não nutria grandes ilusões com os debates da assembleia. Os temas indicados eram muito incomuns, eram muito desconhecidos para a maioria dos membros do Congresso

para que a totalidade do projeto não fosse condenada ao fracasso. Mas o programa permaneceria, o prestígio de certos nomes também, e a originalidade da experiência chamaria finalmente a atenção.

O congresso abriu suas portas na manhã de quinta-feira 8 de maio de 1913. Na antevéspera e na véspera havia sido realizada na sala do Senado Universitário a Sessão do COI com a entrada de três novos membros: o duque de Somerset pela Inglaterra; o conde de Penha-García por Portugal, e o barão da Laveleye pela Bélgica. A sessão inaugural foi realizada no Auditório. A cidade estava enfeitada. Os pequenos “*boy-scouts*” estavam perfilados na escadaria. Os famosos coros da “*Union Chórale et du Choeur d’Hommes*” de Lausanne colheram grandes aplausos, e seguidamente o conselho federal Decoppet tomou a palavra em nome do Conselho Supremo da Confederação. Em meu discurso de resposta me senti na obrigação, com pena, a proferir um elogio fúnebre do doutor Morax, falecido recentemente. Depois ouvimos o discurso de Perrero, original e de elevados voos filosóficos. Finalizados os discursos, o congresso confiou-me a presidência de seus trabalhos, designando como vice-presidentes os delegados dos governos belga e austríaco, e também o professor Millioud e Auckenthaler. Foi publicado um volume com todos os memorandos apresentados; muitos deles são interessantes, mas mostram, como disse antes, grandes dificuldades para manter-se no âmbito do concreto. A autobiografia de Roosevelt constituía uma lição eloquente: cabe destacar, mesmo assim, um ensaio profundo de Luis Dedet, ex-atleta, hoje diretor do famoso “*Collège de Normandie*”, sobre a equipe, sua formação, sua vida orgânica, sua dissolução...

A Prefeitura de Lausanne e seu prefeito, P. Maillefer, haviam inaugurado as festividades de 7 de maio. Ao amanhecer do dia seguinte e sobre o famoso terraço da Abadia do Arco, desde o qual se descortina, através das árvores centenárias, todo o panorama do lago Lemman, assistimos a uma festa que provavelmente não pode ter comparação em nenhum outro lugar. Sobre a grama, vinte e dois belos lutadores rodeados por camponeses e pastores vestidos com seus trajes típicos lutaram à luz das tochas de resina. Por trás de um fundo de arbustos cantavam os coros. Depois ressoaram os acordes de *Ranz des Vaches*, enquanto as tochas apagavam-se uma após a outra e as últimas fases da luta terminavam à luz da lua. A terceira noite nos ofereceu uma rápida revista no Kursaal, especialmente montada para o congresso, na qual foram repetidas muitas danças e canções. Também foi realizado um festival veneziano em Ouchy, um baile oferecido pelo barão e pela baronesa Godefroy de Blonay, que anteriormente já haviam dado uma recepção aos membros do COI no castelo de Grandson e, finalmente, para o encerramento, um almoço oferecido pelo Conselho do Estado de Vaud nos salões históricos do castelo de Chillon, estupendamente ambientado para a festa.

As consequências de ordem prática que aquele congresso podia trazer ao COI eram nulas. Sua obrigação havia-se limitado a patrocinar uma nova ordem sobre temas de estudos científicos, e com toda honestidade, aquele batismo foi celebrado em condições muito satisfatórias. Durante seu transcurso e após ter resolvido bastante bem grande quantidade de “assuntos atuais” – de acordo com a expressão consagrada para designar aqueles que, precisamente, permanecem por muito tempo parados porque nada tem de atuais – foram discutidos e submetidos à votação os programas e regulamentos do congresso de Paris convocado para o ano seguinte e, finalmente, o COI viu-se confrontado com o caso Thorpe.

Os Jogos da V^a. Olimpíada haviam terminado quando James Thorpe, vencedor do pentatlo clássico e o decatlo, foi acusado de flagrante profissionalismo. A informação foi passada pelo Comitê sueco e pelo Comitê americano ao COI, que pela primeira vez sentiu-se na obrigação de exercer uma arbitragem de tal natureza num caso tão comprometedor. Essa informação era composta por quatro peças: uma carta de James Thorpe a Sullivan; uma carta do diretor do Colégio de Carlisle, Pennsylvania, ao próprio Sullivan; uma nota de Sullivan ao Presidente do COI e, por fim, uma “declaração” do presidente e do secretário da *Amateur Athletic Union* dos Estados Unidos e do Comitê Olímpico, que, após ter examinado o caso, apresentavam suas razões por escrito. Haviam se passado vinte anos e a leitura desses documentos produziram em mim a mesma impressão de dignidade e lealdade perfeitas como a originada no primeiro momento, e não somente em mim, mas em todos os meus colegas, de tal modo que o COI tratou do assunto baseado na proposição dos membros ingleses presentes em 1913, o duque de Somerset e o Reverendo Laffan, parabenizando a seguir os dirigentes americanos por sua atitude “tão nitidamente desportiva” naquela circunstância. Não faltou quem insinuasse que Thorpe era um cidadão americano de origem indígena e que por isso havíamos tratado dele com rigor. Isso é uma calúnia. Este “tratamento rigoroso” resultou nos Estados Unidos caindo vários lugares inferiores no quadro de honras para 1912, e este foi um golpe para seu orgulho nacional. Sobre os fatos atribuídos a Thorpe, nada tenho a dizer. Na época, existia nos Estados Unidos um grande número de estudantes carentes de recursos e desportistas apaixonados que, no verão, aderiam às equipes profissionais de beisebol, muitas vezes com nomes fictícios. Em 1909 e 1910 Thorpe fez isso com seu próprio nome, sem medir as consequências de sua esperteza. Ninguém sabia disso e, reintegrado ao Colégio Carlisle, continuou sendo considerado amador. Lendo sua carta tão sincera e a do diretor do colégio, também muito emocionante, por certo, como não evocar certos jogadores de tênis que haviam procedido do mesmo modo ou pior sem ser molestados por isso? Mas não cabia a menor dúvida nesse caso, e Thorpe, desclassificado, teve de restituir os prêmios que lhe foram entregues em Estocolmo.

Memórias Olímpicas,
cap. XIV, Lausanne: COI, 1997, pp. 144-153.

4.2.2/30 O 20º ANIVERSÁRIO DO RESTABELECIMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS

Em 1910 me apresentaram no Ministério de Assuntos Exteriores um documento cujo conteúdo esqueci completamente, mas o que me lembro é que, destinado a outro departamento, foi devolvido ao Quai d’Orsay com uma anotação raivosa em letras garrafais, em diagonal, que dizia: “O governo francês não reconhece os Jogos Olímpicos”. Não teria sido muito difícil para mim identificar pela anotação o autor daquele miserável traço de mau humor. No entanto, se sua personalidade não me preocupava, a grosseria daquela afirmação me perturbava, e disse para mim mesmo: “Espera um pouco e verás se o governo francês não reconhece os Jogos Olímpicos!” Daquele dia em diante fiz o propósito formal de dar à comemoração

do XX Aniversário de seu restabelecimento, em junho de 1914, um caráter tal que “toda Paris” oficial e mundana participasse unanimemente da homenagem à renovada instituição.

Em princípio, existia somente um verdadeiro obstáculo, pois era preciso forçar de certo modo o governo e impor-lhe o alto patrocínio da comemoração, em vez de solicitá-la mecanicamente como de costume, o que teria dado origem aos respectivos informes, contra-informes, anúncios e toda a papelada normal para a nossa sacrossanta administração. O COI iria se reunir em Budapeste (em maio de 1911). O Presidente do Conselho e ministro do Interior, Monis, estava hospitalizado devido a um acidente. Por isso, dirigi meus passos para a praça Beauveau e fiz passar meu cartão de visita ao chefe ou subchefe de seu gabinete que, se bem me lembro, tinha o mesmo nome que o ministro e devia ser seu parente. Era um jovem elegante, homem do mundo e que em seguida tomou conta da situação. Eis aqui, mais ou menos, o que eu lhe disse: “um Comitê do qual fazem parte quatro franceses entre quarenta estrangeiros pertencentes a trinta países distintos, vai fazer um acordo importante. Esse acordo decidirá pela comemoração em Paris, em junho de 1914, do XX Aniversário do restabelecimento dos Jogos Olímpicos, e oferecerá o patrocínio dessa comemoração à República Francesa. Que mal-estar causaria se esse patrocínio não fosse aceito imediatamente ou se a resposta demorasse muito porque deve ser discutida pela direita e pela esquerda! Desde já, sei perfeitamente que nossos sistemas administrativos e políticos impõem esse circuito. Aqui está o texto da carta que vou dirigir ao presidente do Conselho enquanto se tenha realizado o acordo. Que lhe parece uma resposta concebida mais ou menos nestes termos?...” E então li minha carta e a resposta, cujos textos encontram-se na *Revue Olympique* de julho de 1911: “Acuso o recebimento de sua atenciosa carta na qual tem a gentileza de me comunicar o acordo do COI, que em sua reunião de Budapeste, etcétera (seguem os detalhes)... Tenho a honra de lhe agradecer tão interessante comunicação e lhe suplico que sirva para transmitir aos senhores membros do COI os sentimentos de viva gratidão e simpatia do Governo francês”.

Os fatos se desenvolveram como segue: o acordo foi estabelecido por aclamação em 25 de maio e não haviam se passado quatro semanas quando a carta do primeiro ministro, escrita em termos adequados, já estava em meu poder. Então resolvi dividir os trabalhos preparatórios do grande congresso de Comitês Nacionais, com uma comissão especial escolhida pelo COI, e guardar para mim exclusivamente a organização das festividades, cujos gastos também eram em grande parte de minha responsabilidade. Sob minha presidência, a Comissão era integrada por Brunetta d’Usseaux, de Blonay, Callot, Laffan, Sloane, de Tuyll e de Venningen. Tinha como principal missão preparar a representação numérica dos Comitês Olímpicos Nacionais para o congresso e estudar imediatamente as possíveis bases de um programa-modelo para futuras Olimpíadas. A Comissão reuniu-se oito meses mais tarde, nos dias 27 e 28 de março de 1912, em Basileia, para ouvir os informes do Professor Sloane sobre o primeiro parágrafo e do Reverendo Laffan sobre o segundo. Vários presidentes de Comitês Nacionais expuseram o critério de seus colegas, destacando as intervenções de Duvignau de Lanneau (França) e Laveleye (Bélgica). Também foram convidados para opinar o comitê das federações europeias de ginástica e o das internacionais de tiro, natação e remo. Quatro meses mais tarde, e no transcurso

da Sessão de Estocolmo, o COI aprovou com algumas emendas as proposições da Comissão, recomendando que prosseguisse seu trabalho. A Comissão, na verdade, aproveitou a presença na Suécia dos presidentes ou representantes dos Comitês Olímpicos alemão, americano, belga, russo, italiano, austríaco, dinamarquês, australiano, francês, grego, holandês, húngaro, japonês, luxemburguês, norueguês e finlandês para trocar impressões com eles e também com desportistas daqueles países, o que produziu farta documentação sobre os problemas e inquietudes dos meios técnicos. De minha parte, enviei a todos os Comitês o convite oficial para Paris. A Comissão se reuniu novamente em Lausanne às vésperas do congresso de 1913 e, após a aprovação definitiva de suas proposições pelo COI, foram publicados na *Revue Olympique* de junho de 1913 o programa e os regulamentos do congresso de Paris, em francês, inglês e alemão.

Os Comitês reconhecidos pelo COI tinham direito ao número máximo de delegados: Alemanha, Inglaterra, França, Estados Unidos, Itália e Rússia, 10; Áustria, Bélgica, Espanha, Grécia, Holanda, Hungria e Suécia, 6; demais países, 5, exceto os comitês da Finlândia, Luxemburgo, Mônaco e Tchecoslováquia, com 2 somente. Os membros do COI por ter voto qualificado não podiam ser delegados de seus Comitês Nacionais. Os países sem Comitê Olímpico Nacional podiam enviar três delegados apresentados por seu ministro de Assuntos Exteriores, que por sua vez tinham somente voto consultivo. Em seguida vinham a apresentação das credenciais, a mesa do congresso, as deliberações e discussões, os idiomas autorizados (francês, inglês, alemão), as sugestões propostas (qualificação: sexo, idade, nacionalidade, condição de aficionado dos participantes nos Jogos – número de inscritos por esporte – lista de provas obrigatórias, esportes facultativos – regulamentos técnicos – jurados e prêmios). Destaque-se que apresento somente o título de cada parágrafo. Tudo isso estava muito bem detalhado e, como se viu, era fruto de deliberações que haviam durado quase dois anos e estavam baseadas em informes competentes e profundas experiências.

Ao implementar o programa das festividades, quis esperar que cessasse o mandato de sete anos do presidente Fallières porque, de todos os chefes do Estado francês, e após a demissão de Jules Grévy, era o menos Olímpico, sem dúvida alguma. Enquanto fosse designado seu sucessor colocaríamos mãos à obra, embora algumas tratativas “mundanas” haviam começado a dar seus frutos. Na primavera de 1913 viajei a Paris e o novo presidente Raymond Poincaré me ofereceu uma gratíssima acolhida. Mesmo assim, visitei o ministro de Assuntos Exteriores, Pichon, a quem eu já conhecia como general residente em Túnis, a ao intendente de Paris. Tudo ficou acertado rapidamente. Encerrado o congresso e a sessão de Lausanne, voltei a Paris para entregar ao chefe de Estado um programa detalhado de quatorze dias de duração, que compreendia não menos de dezessete cerimônias ou festas. Ele mesmo figurava ali em três ocasiões: Sorbonne, Trocadero e... Eliseu. O presidente sorriu. Faltava exatamente um ano. “Isso é definitivo?” – perguntou. “Absolutamente” – lhe respondi... “Então vou tomar nota” – disse simplesmente –, e transcreveu na agenda as datas que lhe interessavam. E como eu lhe insinuasse algumas explicações sobre o caráter que queríamos emprestar àqueles atos, acrescentou rapidamente: “Entendo perfeitamente. Toda a França!” E um sorriso de satisfação indicou que seu patriotismo o aprovava por completo.

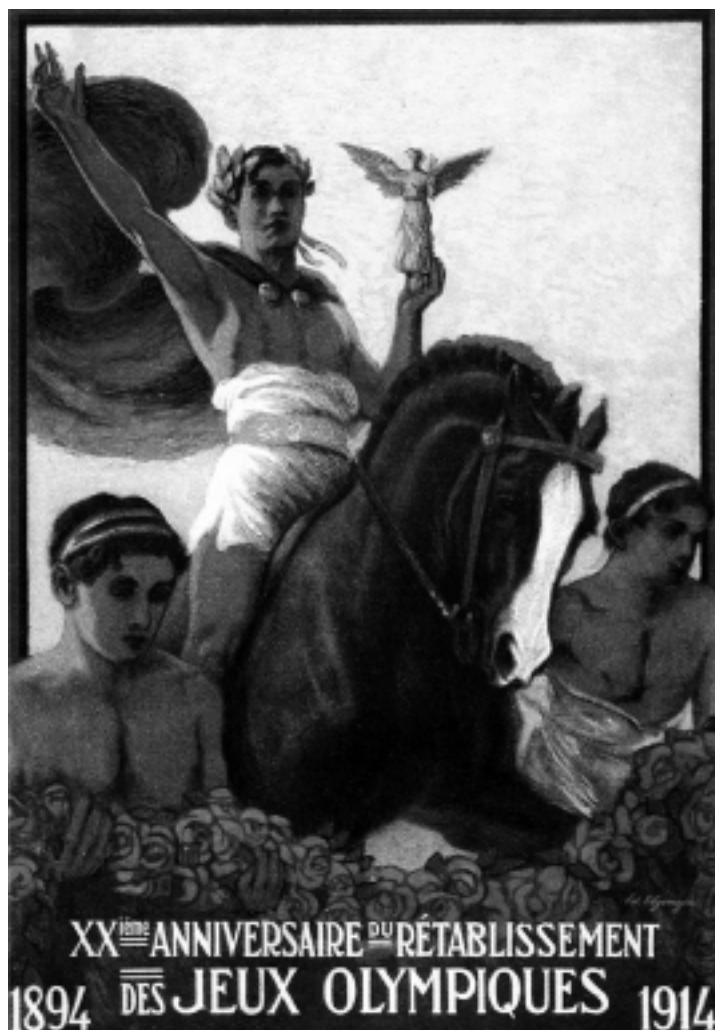
Toda a França? Há palavras que constituem por si mesmas uma recompensa. Na verdade, no programa que acabava de ser aprovado pelo Presidente, uma festa no Hotel La Rochefoucauld, oferecida pelos duques de Doudeauville, uma “*garden-party*” no Castelo Maintenon, residência dos duques de Noailles, e um “*manège-paré*”, oferecido pelo conde Potocki, coincidiam com as recepções do Eliseu, do ministro de Assuntos Exteriores e do Município. Além disso, estavam previstas umas rodadas de esgrima no Cercle Hoche, organizadas por seu presidente, o duque de Decazes; uma festa noturna em Bois de Boulogne e regatas de remo no Sena, a cargo de nossos colegas franceses, o conde Bertier e Albert Glandaz; uma recepção à luz de velas na embaixada da Alemanha; outra oferecida pelo conde Brunetta e um baquete típico no restaurante Ambassadeurs, gentileza do presidente do Comitê americano, o coronel Thompson.

Toda a França... uma representação da *Comédie Française*, que fazia parte da recepção pessoal a Madame de Coubertin e a mim, abrangia três etapas da arte francesa, do “*Franc Archer de Bagnolet*” a “*Flers et Caillavet*”.

Todos os programas ou cardápios foram impressos por Stern de acordo com os estilos das distintas épocas. A *Revue Olympique* dedicou um número com abundante informação histórica sobre os lugares e os monumentos parisienses que seriam visitados pelos congressistas, do Bois de Boulogne a Sorbonne, passando pelo Sainte Clotilde, o Panteão, o Eliseu, o Trocadero, as mansões particulares, a Prefeitura, etc. Mesmo assim, enviou a cada congressista um folheto luxuosamente editado sob o título: “*Notes sur la France contemporaine*”, para o qual havia colaborado uma dezena de assinaturas famosas, entre as quais figuravam A. Ribot, Léon Bourgeois, Edm. Perrier, etc. Talvez alguém se pergunte o que é eu queria com tudo isso. Confesso que naquele momento não suspeitava da proximidade nem da fatalidade da guerra. Provavelmente algum dia terei a oportunidade de expor os motivos dessa convicção, eu considerei que nada era mais suscetível de conduzir a guerra do que a paixão pela auto-depreciação que tinha atingido proporções absurdas entre os meus compatriotas. Mas me preocupava muito pouco em combater aquele mal, porque em meu entender carecia de objeto, posto que não estava justificado por nenhuma realidade concreta. Dois anos antes, conversando em Estocolmo com um alto oficial alemão, que escondia sob sua cortesia um imperceptível desdém para com a França republicana, lhe disse que, em minha opinião, em nenhum período de sua história contemporânea havia a França contado com um tesouro tão valioso de forças latentes e dispersas às quais bastaria uma comoção para constituir um bloco invencível. Lembro-me do estupor refletido em seu semblante ao escutar esta opinião da boca do chefe de um grupo ultra-aristocrático. Ele me viu perfeitamente convencido. Por isso, em junho de 1914, não precisei realizar nenhum esforço para reforçar minha convicção, formulada com toda sinceridade em 1912.

Mas como muitas vezes a sorte tem suas ironias, nos aplicou no momento mais inoportuno um truque tipicamente francês: uma dupla crise ministerial que bateu todos os recordes anteriores de instabilidade política. Em sua chegada em Paris, membros do Congresso testemunharam, no dia após a sua constituição, a queda do gabinete de Ribot, no qual o Sr. Léon Bourgeois ocupou o cargo de Ministro dos Assuntos Exteriores. Dois dias depois estava prevista a recepção no Quai d’Orsay. “Não será realizada, certo?” – me perguntavam vozes maliciosas, encobrendo sua

Vigésimo aniversário do restabelecimento dos Jogos Olímpicos. Cartaz oficial criado pelo pintor suíço Edouard Elzingre. (Arquivos do COI)



intenção perversa. “Por que?” “Porque não há ministro”. “Amanhã haverá outro”. E, de fato, o Sr. e Sra. Viviani, instalados naquela mesma manhã, se apresentaram na hora marcada na entrada dos salões, bem arrumados e sorridentes como se eles mesmos tivessem organizado até os mínimos detalhes da recepção. Naquela numerosa equipe internacional, integrada pelos membros do congresso (uns cento e quarenta), havia homens experientes, curtidos pela vida, na qual desempenharam cargos importantes. No entanto, mais de um surpreendeu-se vendo de perto o modo como eram derrubados e recompostos os gabinetes em Paris e, especialmente, o pouco caso que os franceses faziam de uma crise ministerial.

A cerimônia comemorativa da Sorbonne, presidida pelo chefe de Estado, cercado por todos os embaixadores, e em cujo transcurso foram lidas mais de cem notas e telegramas de adesão procedentes de soberanos, príncipes herdeiros, governos, universidades e sociedades, foi enaltecida pela audição de famosos cantores suecos, deslocados a Paris por ocasião das festividades. Pela primeira vez, apareceu em público a bandeira Olímpica, que havíamos confeccionado em grande quantidade, e fez um grande sucesso. Toda branca, com os cinco aros entrelaçados: azul, amarelo, negro, verde, vermelho, simbolizava as cinco partes do mundo unidas pelo Olimpismo e reproduzia as cores de todas as nações.

O Festival do Trocadero teve algumas falhas. A apresentação havia sido projetada sobre um plano de gradação rítmica. Após um preambulo executado por um septeto de harpas na penumbra azulada, o coral da Igreja Grega interpretou os Ecos do passado, hinos antigos e bizantinos. A seguir, e enquanto a luz renascia lentamente, as “Vozes do Norte”, ou seja, dos cantores suecos, evocavam a esperança do despertar Olímpico, cuja ressurreição celebrávamos com aquela atuação de massas compactas da Escola de Cantos Corais combinados com fragmentos de órgão, que acentuavam sua sintonia e jogavam com novos quadros refletindo a ideia diretriz até a apoteose final: um cortejo de moças trajadas à moda antiga, coroando as bandeiras das nações organizadoras das cinco primeiras Olimpíadas: Grécia, França, Estados Unidos, Inglaterra e Suécia. Soaram então os acordes majestosos da Marselhesa com arranjos de Gossec e acompanhada pelo soar de sinos. A parte musical foi perfeita, mas os jogos de luz deixaram muito a desejar e o cortejo estava um pouco desunido.

Para respeitar a eurritmia, o Presidente – que chegou um pouco atrasado – concordou em entrar no recinto às escuras e silenciosamente, para o horror do protocolo!

Estas festas de 1914, concluídas em Reims com uma representação esplendida, gentileza do Marquês de Polignac no “*College d’Athlètes*”, não prejudicaram em absoluto os trabalhos do congresso. Salvo o dia da excursão à Maintenon, duas sessões foram realizadas a cada dia, uma de manhã e outra à tarde, de 2 a 4 horas cada; quinze sessões no total. A boa vontade dos delegados foi incansável, e se esforçaram até o final. Presidi a todas as reuniões, exceto uma, e não tive nenhum problema. Os discursos foram sempre discretos e comedidos, e os extratos em francês ou em inglês facilitaram a rápida compreensão, melhor que as traduções. De minha parte, tratei principalmente de manter a diversidade nos debates e animá-los desde o início, além de cortá-los dentro do possível. Desse modo, apesar de sua extensão, todo programa pôde ser desenvolvido. Ninguém pensou por um momento que as atas do congresso nunca seriam publicadas. Foi nomeada uma comissão para comparar os textos, re-

digidos em três idiomas, a fim de evitar qualquer erro. Esta comissão devia reunir-se no mês de agosto e publicar o folheto no outono. Contudo, passaram-se cinco anos, até novembro de 1919, e foi então quando o COI publicou os acordos sobre as provas, os júris, os regulamentos especiais, as inscrições e classificações, etc. Tudo ficou parado ante os Jogos da VIa. Olimpíada, para os quais Berlim se preparava com o desejo evidente de superar tudo o que se havia visto até então. A participação seria algo sem precedentes e estavam previstos quase todos os esportes no programa geral dos Jogos de 1916, que uma tragédia mundial iria suprimir bruscamente.

Memórias Olímpicas,
cap. XV, Lausanne:
COI, 1997, pp. 154-163.

4.2.2/31 OS QUATRO ANOS DE GUERRA (1914 – 1918)

A guerra que colocou em confronto Alemanha, Inglaterra, Áustria-Hungria, Bélgica, França, Rússia e Sérvia, criou um estado de coisas que podia ameaçar a instituição Olímpica em sua própria essência, e cujo primeiro efeito consistiu em cortar pela raiz qualquer iniciativa de demissão de seu Presidente.

Na verdade, e embora eu não tivesse tomado nenhuma decisão concreta, meu desejo era renunciar às funções que vinha exercendo durante vinte anos, e mais de uma vez havia manifestado esta eventualidade a muitos dos meus colegas. Mas agora não podia falar em demissão antes de 1917, data em que expiraria o meu mandato decenal. Um capitão não abandona o convés do navio durante a tempestade.

Dois problemas surgiram imediatamente: um referente aos próximos Jogos, e o outro sobre a composição do COI.

No que diz respeito ao primeiro, não haviam se passado ainda duas semanas da invasão da Bélgica, quando recebi várias propostas de “transferência”. Primeiramente foram projetos vagos, mas logo ganharam consistência por uma intervenção favorável de Sullivan, que havia sido, por certo, um dos homens chave do último congresso, e cuja lealdade agora se mostrava inquebrantável. Solicitava “diretrizes”. Não havia a menor dúvida: uma Olimpíada pode não ser realizada, sua marca permanece. Essa é a antiga tradição. Os alemães, que então acreditavam numa guerra rápida e numa vitória segura, não podiam ser dispensados do mandato Olímpico. Tomar uma iniciativa sobre este ponto em favor dos Estados Unidos ou Escandinávia era meter-se antecipadamente em aventuras difíceis de prever e se expor a fissuras posteriores no bloco Olímpico, sem vantagem alguma para ninguém. Recusei de imediato qualquer ação nesse sentido.

A composição do Comitê não devia apresentar nenhum problema, mas aqui deparamos com a opinião pública britânica que, pela primeira vez, carecia de lógica e ponderação, exigindo a expulsão dos alemães que integravam determinadas associações internacionais de caráter acadêmico e científico. Nem a França, nem a Bélgica, nem a Rússia estavam dispostas a acompanhar essa posição. Por isso me pareceu que também aqui tomar decisões era semear cizânia em terreno desconhecido. A situação podia ter sido embaraçosa no caso de integrar o COI um alemão ou um austríaco, mas não havia nenhum. Podíamos continuar como estávamos com uma simples sus-

pensão das sessões. Mais tarde já se veria. Mas uma antecipação do futuro com decisões precipitadas seria uma torpeza inútil. Com a aprovação de meus colegas belgas e francês, recusei, pois, a requisição de Mister Cook, que apresentou sua demissão.

Solucionados esses dois pontos, surgiram outros dois que, ao contrário, na minha opinião, exigiam uma solução imediata. A sede social do COI não estava bem definida. Muitos acreditavam ser em Paris, associando-a com meu endereço particular. Mas existia um acordo desde nossas origens segundo o qual a sede seria transferida a cada quatro anos para o país da próxima Olimpíada; privilégio fictício, sem dúvida, mas poderia ser reclamado com toda razão por Berlim. Além disso, diante do atual estado da Europa, tornava-se indispensável uma estabilidade administrativa para o Olimpismo.

Sobre isso havíamos já falado no COI e meus colegas não pareciam aprovar meus projetos com excessivo entusiasmo. Mas ante a gravidade das circunstâncias, tendo convocado os membros disponíveis, decidi prescindir de objeções, e em 10 de abril de 1915, no salão de sessões da Prefeitura de Lausanne, foram colhidas as assinaturas que estabeleciam naquela cidade o centro administrativo mundial e os arquivos do renovado Olimpismo. De Blonay, membro pela Suíça, colaborou comigo nesse assunto. O intendente, Maillefer, e os conselheiros comunais receberam o depósito em nome da cidade. O Conselho de Estado do Distrito de Vaud associou-se a tão importante ato, ao qual também aderiu com um tocante telegrama do então Presidente Motta, em nome do Conselho Federal.

Minha segunda iniciativa apontava para a futura realização dos Jogos da VIIª Olimpíada (1920). A sessão do COI realizada em Paris, em junho de 1914, já havia se ocupado disso. Budapeste e Antuérpia haviam apresentado sua candidatura. Esta última cidade se fez representar por uma delegação que nos entregou um memorial eloquente, magnificamente impresso e encadernado. Mas ainda era muito cedo para decidir. Uma espécie de votação prévia de sondagem havia dividido os votos quase exatamente em duas metades, com leve vantagem para Budapeste.

Estávamos no mês de agosto de 1914 e o governo francês, desde sua instalação em Bordeaux, havia me confiado uma missão que me obrigava a percorrer a França em todas as direções, razão pela qual passei com frequência por Lyon. Ali, Eduardo Herriot me mostrou o magnífico estádio de cuja construção era a alma, me consultando sobre a possibilidade de uma candidatura da cidade de Lyon para 1920 ou 1924, que anotei sem nem ao menos contradizê-lo.

No decorrer do ano seguinte provoquei a assinatura de um acordo importante, em virtude do qual a cidade solicitante dos Jogos da VIIª Olimpíada (1920) declarava desistir em favor de Antuérpia, se Antuérpia mantivesse de fato sua candidatura e, em tal caso, Lyon transferia sua petição para 1924. Assinaram o acordo o intendente de Lyon e, pela Bélgica, o conde D'Assche. Pouco depois, uma carta eloquente do conde Baillet confirmou o acordo em nome do Comitê Olímpico Belga. Assim, quanto mais resoluto estava em impedir todo tipo de adiamento para 1916, tanto mais me preocupava em assentar, para 1920 e também para 1924, marcos firmes em locais diferentes. Por isso, não contente em ter na manga Antuérpia e Lyon, considerei pouco depois as propostas da América.

Não se tratava somente dos Estados Unidos. Sullivan havia falecido inesperadamente, mas nem por isso paravam de nos fazer ofertas interessantes. O prestígio do

COI era representado ali pelo chamado “*International Olympic Committee Day*”, instaurado para este fim pela Exposição de São Francisco. É preciso ressaltar que as exposições americanas têm por costume dedicar jornadas especiais aos países ou às instituições. Um dos seus organizadores, que se encontrava em Estocolmo em 1912, formou ali um elevado conceito sobre o Olimpismo. Especialmente o pentatlo moderno o entusiasmou extraordinariamente. Como os Jogos Olímpicos não podiam ser realizados em São Francisco em 1915, pediu ao menos o patrocínio do COI para uma prova de pentatlo. Nosso colega Allison Armour ficou encarregado de nos representar. E assim, em 18 de março de 1915, a bandeira Olímpica tremulou sobre a Exposição e, no grande pátio de honra, o presidente do certame proferiu um grandiloquente discurso alusivo, enquanto entregavam-se medalhas e condecorações.

Pouco depois, Cuba entrou em cena. Tínhamos feito a ideia de que os Jogos Olímpicos seriam realizados, embora constassem na lista, à maneira antiga. Nos ocupávamos exclusivamente com 1920. Atlanta, Cleveland e Filadélfia ofereciam a lua e as estrelas. O comitê constituído em Havana era menos ambicioso, mais consciente das dificuldades e ao mesmo tempo tinha assegurado o apoio do poder público, incluindo o chefe da República, presidente Menocal.

Quer o projeto se realizasse, quer se esfumasse, não havia dúvida que iria contribuir para a conquista da América do Sul, em cujos serviços de propaganda eu estava envolvido, e me servia de precioso apoio para os mesmos. Até aquele momento, os sulamericanos haviam proporcionados muitos dissabores: os membros argentinos falharam lamentavelmente um após o outro, e assim demonstravam uma total incompreensão ou bem veleidades de independência levadas ao extremo e muito desagradáveis. Houve um momento em que os clubes chilenos tornaram impossível a vida ao nosso colega, o professor García, que havia sido escolhido nada menos que por recomendação de seu governo, e o que menos posso dizer da delegação chilena que participou dos Jogos de Estocolmo é que estava enganada com respeito ao COI. Depois disso, quiseram montar em Buenos Aires uma “Olimpíada” independente. No Brasil, a organização desportiva se desenvolvia lentamente, embora tivéssemos na pessoa de Rio Branco, antigo capitão de futebol e atual ministro em Berna, um colaborador firme e seguro. Em 1916 pude criar, em Paris, um Comitê provisório do qual foi grande incentivador o cônsul geral de El Salvador, de Matheu, e graças a sua dedicação foi organizada uma propaganda muito ativa. Um folheto muito bem impresso, intitulado “*Qué es el Olimpismo?*”,¹ foi amplamente divulgado nos países sulamericanos, adiantando-se assim ao Comitê espanhol, para o qual, certamente, o zelo e a generosidade do Marques de Villamajor haviam insuflado nova vida.

Em Madrid tive a oportunidade de presidir, em 1916, uma reunião desse Comitê, e também ali surgiu um esforço propagandístico com a difusão de outro estupendo folheto sobre o Olimpismo. Mesmo assim, a retumbante homenagem feita ao COI em São Francisco teve uma repercussão muito bem recebida nas Filipinas em cujo território os americanos estavam preocupados em implantar o esporte desde o início de sua penetração. Já antes da guerra, fiz contato com a *Far Eastern Athletic Association*, com sede em Manila, e cujo presidente era, em 1915, o doutor

1 Reproduzido no item 6.5.5 deste volume.



Apesar de ter ultrapassado a idade para lutar em 1914, Pierre de Coubertin alistou-se e foi designado para o Serviço Nacional de Propaganda. Coubertin decidiu que durante seu serviço, o barão G. de Blonay deveria assumir como presidente interino do COI. (Coleção Navacelle)

Wu Ting Fang, de Xangai, cercado por excelentes conselheiros americanos. Com o apoio decisivo de pessoas da YMCA faziam um trabalho muito bom, e agora que o prestígio do COI havia chegado até suas costas, desejavam organizar, sob sua égide, os chamados “Jogos do Extremo Oriente”. Acreditavam ser chamados a regenerar China, Japão, Sião e para tal fim satisfaziam-se em misturar os números da população. Sem admitir em tal matéria as progressões estritamente matemáticas da avaliação americana frente ao futuro, estávamos dispostos, no entanto, a conquistar sua confiança. Segundo me comunicavam por carta, “tinham fundado um *Kindergarten* Olímpico”. Assim também nós o compreendíamos, e o que para nós se perdia por um lado, era sem dúvida recuperado por outro, de tal modo que não tive problema em escrever num dos últimos números da *Revue Olympique* que se alguma guerra impedia a realização de uma Olimpíada na Europa, a próxima seria realizada sem falta e que se a juventude de nosso velho continente deixava de manter viva a chama Olímpica, encontraríamos em outra parte do mundo uma nova juventude disposta a leva-la adiante.

A *Revue Olympique* foi uma das primeiras vítimas do furacão. Seu último número apareceu em julho de 1914. Impossível dar-lhe continuidade. Para falar a verdade, havia decidido suspender sua publicação a partir de dezembro, convidando meus colegas a substituí-la por um boletim de caráter mais técnico em três idiomas, porque considerava que, após a recente apoteose, sua missão estava cumprida e, por outro lado, desejava dedicar mais horas livres para meus trabalhos históricos. No entanto, de julho a dezembro publicaria comentários e esclarecimentos sobre os documentos e as atas do congresso. Mas a sorte decidiu de modo muito distinto. Imprimia-se em Gante, e na tormenta foi destruído um grande número de coleções até então cuidadosamente conservadas.

Durante a guerra morreram o conde Brunetta d’Usseaux, o Barão Venningen, caído no front nas primeiras semanas, e Evert Wendell. Além disso, o marquês de Polignac substituiu A. Ballif, que havia se demitido. Em 1918, pouco antes do armistício, foram escolhidos três americanos do Norte e do Sul: Barton Weeks, Dorn de Alsúa e P.J. de Matheu. Finalmente, foram renovados meus poderes, que expiravam em 1917, e que de Blonay já havia tomado para si a responsabilidade a partir de janeiro de 1916, aceitando assumir minhas funções oficiais, na verdade já muito reduzidas porque não podíamos realizar a reunião plenária nem sequer parcial, até que fosse assinada a paz. Essa era a situação, esperando o final da contenda.

Memórias Olímpicas,
cap. XVI, Lausanne:
COI, 1997, pp. 166-173.

4.2.2/32 GODEFROY DE BLONAY – PRESIDENTE INTERINO. CIRCULAR AOS MEMBROS DO COI (JANEIRO DE 1916)

Caro colega:

Você não ficará surpreso que, por prolongar-se a guerra, eu tenha tomado a decisão, apesar da minha idade, de tomar parte dela. Compreenderá também que, ao me incorporar às fileiras, considere incorreto que nosso Comitê seja presidido por um soldado. Pedi, pois, ao nosso Colega e amigo Barão Godefroy de Blonay que exerça as funções de presidente interino. Parece igualmente razoável que a direção do Comitê, cuja sede está em Lausanne, esteja em suas mãos enquanto durarem as hostilidades. Você conhece sua competência e seu denodo. Peço que lhe preste sua confiança e seu apoio, bem como ao nosso caro secretário, o Conde Brunetta d'Usseaux.

Trouxe-me um grande consolo comprovar que a maior parte de vocês está plenamente de acordo comigo no que diz respeito ao futuro Olímpico. Restauramos uma instituição secular e não passageira. Por mais terríveis que sejam as comoções presentes, o curso da história não pode ficar interrompido, e o Olimpismo entrou para a história.

Conto absolutamente que, comigo ou sem mim, você continuará dirigindo seu desenvolvimento, e aproveito esta oportunidade para expressar a todos, junto com meu leal afeto, minha profunda gratidão pelos vinte anos que temos vivido num esforço comum.

Com todo meu afeto
Pierre de Coubertin

*Circular do Presidente do COI,
(janeiro de 1916), Arquivos do COI*

N° 80. — 14 Août 1920.

26 ANNÉE

	France	Étranger
Par an	7 50	8 50
En six	4 50	5 50
En un	2 50	3 00

Les abonnements se font en francs
de la poste aux lettres.

Le Rire

JOURNAL HUMORISTIQUE PARODIANT LE SÉRIÉUX

60 Centimes

P. JEVY, éditeur,
1, rue de Valenciennes,
PARIS

Les changements d'adresse des
lecteurs doivent être accompagnés
de la somme de 1 franc.

Copyright 1920 by LE RIRE, Paris

LES OLYMPIADES D'ANVERS

A la lutte! A la lutte!!
L'INTERNATIONALE la vraie! la seule!
Ce n'est pas celle de MOSCOU! NON!!
C'EST CELLE d'ANVERS!



PLUS DE LUTTES DE CLASSES... VIVE LA LUTTE CLASSIQUE!

Dessein de Nour.

Capa da revista satírica francesa "Le Rire", na qual se afirma que a verdadeira "Internacional"

não é a de Moscou, mas a da Antuérpia. Legenda inferior: "Plus de luttes de classes... Vive la lutte

classique!" ("Não mais luta de classes... Viva a luta clássica!") (Extraído de Le Rire, n. 80, 1920)

4.2.2/33 – 4.2.2/36 INTRODUÇÃO

Os próximos quatro textos selecionados estão relacionados com os VII Jogos Olímpicos da Antuérpia em 1920. Neles Coubertin não somente descreve a preparação e o desenvolvimento desses Jogos, mas oferece também um esboço da situação do movimento Olímpico ao final da Primeira Guerra Mundial.

No primeiro texto, um capítulo extraído de suas *Memórias Olímpicas*, Coubertin esboça, antes de mais nada, a situação política no COI depois da Primeira Guerra Mundial. Quanto à descrição dos Jogos Olímpicos na Antuérpia, merecem uma atenção especial os comentários de Coubertin acerca da neutralidade do desenvolvimento do culto religioso.

No segundo texto, “A contribuição da sétima Olimpíada”, define os Jogos da Antuérpia, “de certo modo, como a Olimpíada da ressurreição”. Foi praticamente um milagre a cidade da Antuérpia sentir-se comprometida pela oferta que fez antes da guerra para albergar os Jogos de 1920, apesar da enorme destruição sofrida pela Bélgica durante a guerra.¹ Somente em 30 de novembro de 1918 Coubertin aceitou uma solicitação do governo belga com uma proposta de um programa adaptado às circunstâncias do pós-guerra. Ele se negou a adiar os Jogos até 1921.²

No terceiro texto, que conhecemos em inglês e em francês, Coubertin menciona com grande profusão de detalhes as dificuldades de organizar os Jogos tão pouco tempo após a Primeira Guerra Mundial. Explica as condições dos diferentes esportes.³

Após os Jogos, Coubertin relatou suas impressões sobre eles, em especial dos esportes individuais e o programa de apoio, num folheto de vinte e quatro páginas que oferece atualmente informações valiosas sobre a disputa dos sétimos Jogos Olímpicos. O folheto, impresso especialmente para a ocasião, tinha na verdade a intenção de dar mais a conhecer ao mundo o novo começo Olímpico.

O título do quarto texto aqui reproduzido, “A vitória do Olimpismo”, expressa o orgulho que Coubertin sentiu ao ter sido capaz de manter em funcionamento os Jogos Olímpicos em seu ritmo quadrianual, e de demonstrar a capacidade de permanência do movimento Olímpico, apesar do fracasso que levou ao cancelamento dos Jogos de Berlim de 1916. Aqui ele compara os Jogos Olímpicos de 1920 com todos os anteriores e vê neles a vitória final do Olimpismo.

4.2.2/33 A SÉTIMA OLÍMPIADA (AMBERES 1920)

Quando foi assinado o armistício, minha primeira preocupação foi convocar os colegas mais fáceis de reunir entre os dirigentes. Importava que esta sessão fosse realizada em Lausanne, transformada já no centro administrativo permanente do Olimpismo, cujos títulos era importante referendar ali. Na primavera de 1919 com-

1 Em junho de 1914, o governo belga deu seu consentimento à petição feita pela Antuérpia para 1920. A cidade competidora, Lyon, desistiu em 6 de setembro de 1915 mediante um acordo firmado oficialmente em favor da cidade da Antuérpia.

2 Ver Müller, N.; Giessler, S. *Olympische Spiele im Schatten des 1. Weltkrieges*, em Müller, N.; Messing, M. *Auf der Suche nach der Olympischen Idee*, Kassel: Agon, 1996, p. 135-156.

3 Ver Coubertin, P. de. *Autour de la VIII^e Olympiade*. Edição especial, Lausanne: La Concorde, 1920. Reimpresso em Coubertin, P. de. *Textes choisis*, Vol. II, Zurich, 1986, p. 268-276.

pletavam-se vinte e cinco anos do restabelecimento dos Jogos. Sem atribuir a esta coincidência uma importância que as circunstâncias não permitiam, podíamos, no entanto, buscar o modo de lhe assegurar o destaque que merecia. O poder público suíço aderiu à ideia. O presidente da Confederação, Sr. Gustave Ador, escolhido recentemente para o cargo, que elevou, contra sua vontade, a notoriedade universal de que gozava e o reconhecimento dos beligerantes por seus esforços em cicatrizar tantas feridas, aceitou em seguida presidir a cerimônia, que foi realizada com toda a solenidade exigida, mas em meio às inclemências de um inverno interminável. Nossos amigos de Lausanne, guiados pelo infatigável e consequente Dr. Messerli, ofereceram a nossa sessão um quadro brilhante e variado. As deliberações transcorreram tranquilamente, como deve ser entre amigos felizes por voltar a se encontrar e comprovar a solidez da armação Olímpica. Muito diferente disso, no exterior reinava a agitação. Paris era seu epicentro. Embora pareça inacreditável, ali tramava-se uma oposição, solapada e bastarda em seus procedimentos, contra Antuérpia. Se um gesto se impunha naquele momento, era precisamente o que insinuávamos ao escolher a Antuérpia como sede da VIIa. Olimpíada. Que candidatura poderia estar à sua altura? Não resta a menor dúvida que, devidamente advertida, a consciência do mundo havia-se manifestado com entusiasmo em seu favor. Na Bélgica, pelo menos, dependiam da nossa reunião, e o governo real, consciente da responsabilidade que representava a realização dos Jogos, declarou imediatamente que a aceitaria.

Ao conde de Baillet-Latour faltou tempo para uma audiência com o rei Alberto e os ministros. Com seu idealismo realista, havia examinado em profundidade todas as possibilidades e estava disposto a continuar até o fim. Embora no caminho alguém tenha tentado dissuadi-lo, confortado também pelo apoio que P. Laffan lhe enviava desde a Inglaterra, prometeu com firmeza que na Antuérpia tudo estaria pronto na hora prevista. E foi assim mesmo.

Cuba havia se esvanecido pouco a pouco. Frente a candidatura belga, as outras não podiam se manter. Surgia, porém, um problema grave: a participação dos “impérios centrais” como ainda eram chamados, posto que realmente haviam se passado poucos meses desde que o último soldado alemão havia abandonado o solo belga e que o canhão havia emudecido nas frentes de batalha. O bom senso aconselhava que os alemães não podiam, sem imprudência, pretender apresentar-se no estádio Olímpico antes de 1924. Por outro lado, proclamar um ostracismo qualquer, embora fosse um dia após terminado o conflito que acabava de ensanguentar a Europa, significaria fragmentar esta constituição Olímpica, tão resistente até então, além de ser um procedimento muito perigoso. A solução, porém, era muito simples: de acordo com a fórmula usada desde 1896, o Comitê Organizador de cada Olimpíada envia os convites. Essa distribuição é de sua total incumbência, sem que o princípio fundamental da universalidade sofra prejuízo por isso. E nesse caso, o COI não se via obrigado a fazer nenhum novo acordo. No entanto, e sem ouvir o conselho de muitos de nós, foi adotada uma solução intermediária que consistia em designar os países que deveriam ser convidados, sob o pretexto de que os outros não tinham representação no COI, o que constituía uma falta dupla, porque se a morte na Alemanha e as demissões em outros países provocaram estragos em nossas fileiras, restavam os húngaros, que não tinham morrido nem se demitido.

No decorrer da sessão de 1919, aterrissaram em Lausanne quatorze aviões mili-

tares franceses providos de Nancy, convidados pela *École Lausannoise d'Aviation Civile*. Uma carta do Presidente do Conselho e ministro da Guerra me comunicava que, ao enviar a esquadilha com autorização do Governo Federal e “por ocasião do XXV Aniversário do restabelecimento dos Jogos Olímpicos”, o Sr. Clemenceau deseja expressar a “alta estima” que merecia o COI e sua obra. Isso emudeceu alguns descontentes, mas eles continuaram a resmungar durante muito tempo, e aproveitavam qualquer oportunidade para manifestar seu despeito.

O que propunham? Nada concreto. Pressionado, finalmente, para apresentarem as suas queixas, os jornais que lhes apoiavam se calaram e a participação francesa, por sua vez, começou a tomar forma.

Na Antuérpia, a atividade dirigente, ditatorial às vezes, do nosso colega, produzia maravilhas. Era preciso criar tudo, e tudo foi criado, certamente sem a dimensão e a suntuosidade previstas no esquema original submetido ao COI antes da guerra, quando foi apresentada pela primeira vez a candidatura da cidade, mas de modo perfeitamente ordenado, com muita discrição e tato, e ao mesmo tempo com elegância e altivez. E quanto ao número e a qualidade das inscrições, o êxito também estava garantido. Uma das preocupações mais generalizadas entre nós era, sem dúvida, o desaparecimento brutal de tantos desportistas, e a falta de treinamento dos que restavam. A esse respeito, os “*Interallied Games*”, realizados em Paris na primavera de 1919 sob a égide do general Pershing – que mandou construir para os Jogos um estádio em Vincennes, que perpetuou o seu nome – foram extremamente úteis. As competições foram montadas com o objetivo de preencher de modo sadio e agradável o ócio forçado das tropas dos distintos exércitos cujo licenciamento e repatriação não era possível por múltiplas razões, e muitos dos seus contingentes encontravam-se em território francês. Naturalmente, certos meios se apressaram a desorientar a opinião pública falando de “Olimpíada Militar”, sugerindo inclusive que ocupasse o lugar da Olimpíada regular com um ano de antecedência, colocando mais uma vez sobre a mesa o já debatido assunto da cronologia e o do intervalo quadrianual. Tenho presente uma carta de J.J. Jusserand prestando-me conta de suas tratativas (o presidente Wilson encontrava-se então em Paris) e assegurando-me que os americanos não permitiriam de modo algum a utilização, naquela circunstância, dos termos “Olímpicos” ou “Olimpíada”. Como estava previsto, os Jogos Interaliados revelaram que o valor muscular e o impulso desportivo não haviam retrocedido nem um pouco.

Os Jogos da VII^a. Olimpíada foram inaugurados magnificamente em 14 de agosto de 1920 na presença do Rei e da Rainha dos Belgas, acompanhados pelo duque de Brabante, o príncipe Carlos e a princesa Maria-José. O desfile, a cerimônia de abertura, os corais, a soltura das pombas, as salvas... todo o prestígio daquele ato solene que, depois de Estocolmo, evidenciava aos olhos do mundo inteiro seu valor pedagógico, ressaltaram até que ponto o Olimpismo renascia intacto passada a tormenta, e como seus louros antepunham-se, no espírito da juventude, a todas as outras ambições desportivas. À noite, o rei e a rainha ofereceram, no palácio, um baquete exclusivamente em honra do Comitê Olímpico Internacional, seguido de uma recepção muito concorrida, e ao final da mesma os soberanos regressaram a Bruxelas. O cardeal Mercier, que os acompanhava, havia presidido pela manhã, na catedral, uma cerimônia religiosa planejada de forma distinta daquela de 1912. Sobre esse particular, não tenho tido ainda a oportunidade de me explicar e vou fazer

isso agora: por ter celebrado no próprio estádio, como em Estocolmo, um culto público imediatamente antes das competições desportivas, forçávamos a se integrar nele os participantes, que podiam não estar de acordo com tal ato. Porém convidando-os, fora dos Jogos, para uma cerimônia dentro de um templo, não fazíamos nada mais que associar a religião, com todas as outras forças morais humanas, com a realização dos Jogos Olímpicos. Afora isso, devíamos fazer com que a cerimônia resultasse suficientemente neutra em sua forma, para elevar-se *acima* de todas as confissões. Nada de missa, nem de presença sacerdotal no altar: o *De profundis* e o *Te Deum*, hino do triunfo e da esperança; hinos laicos, por assim dizer, que serviam como belas interpretações musicais, seguidos de um pronunciamento concedido livremente. Esse programa original conquistou imediatamente o espírito e o coração do Cardeal Mercier. No entanto, a cerimônia resultou mais emocionante devido à realidade trágica, pois nessa ocasião a longa lista de mortos Olímpicos revestia-se de particular grandeza. E estou convencido de que todos os participantes foram profundamente tocados pelas palavras pronunciadas na catedral pelo ilustre cardeal, dignamente complementadas pela execução de tão magníficas peças musicais.

Durante os Jogos, todas as autoridades políticas, civis e militares da cidade, da província e do Estado rivalizaram em seu nobre empenho de testemunhar um vívido interesse para conseguir o maior dos êxitos; neste quesito levou a palma o prefeito da Antuérpia, barão Gaston de Schilde, pessoa muito querida de todos. Antuérpia apresentava uma decoração multicolorida. Do centro urbano ao estádio, o caminho estava enfeitado por bandeiras Olímpicas, e os cinco aros com a divisa *Citius, Altius, Fortius* apareciam em toda parte. As festas foram numerosas e bem-sucedidas, e inclusive os “gaiteiros” de um regimento escocês davam com frequência um toque pitoresco.

Os mais antigos do COI, o general Balck, o professor Sloane, o reverendo Laffan, o doutor Guth Jarkovsky, o barão de Blonay, o barão de Tully e o conde Rosen, encontravam-se novamente reunidos, como antes, num ideal comum e, ao seu redor, um grande número de novatos formou o crescente esquadrão daqueles que acabariam por assumir e para quem eles iriam entregar a chama. Nesses novos quadros haviam colegas que vinham de muito longe: japoneses, hindus, sul-africanos, brasileiros; colegas eventuais de nações emancipadas, Irlanda, Polónia... que apresentavam suas candidaturas; um delegado da cidade de Los Angeles, com o encargo de solicitar para ela os próximos Jogos; representantes do YMCA, agora atraídos pela forte irradiação do Olimpismo, que tantas vezes haviam desconsiderado voluntariamente no passado. Entre esses últimos, um entusiasta, Elwood Brown, se converteria dentro de poucos anos num ardente defensor das doutrinas Olímpicas para o Oriente e Extremo-Oriente. Onde seriam realizados os Jogos de 1924? Todo mundo fazia suas apostas sem cessar. Na verdade, reinava uma autêntica incoerência entre os dirigentes do esporte. Todos tinham grandes ideias, mas não sabiam para onde iam... reformas, inovações e mudanças. O discurso que dirigi ao rei no dia em que ele honrou com sua presença a sessão de abertura da reunião do COI, mostrei que as perspectivas futuras deviam tender para a extensão democrática. O soberano era dos que escutavam com interesse e diante dele podia expressar livremente meu pensamento. Mas não podíamos apontar nada concreto ainda, e era aconselhável não se apressar. Propus adiar as decisões e convocar ao mesmo tempo um congresso em Lausanne para 1921, que revisaria, de acordo com a nova situação, as decisões



Alta sociedade Olímpica (da esquerda para a direita): o barão Pierre de Coubertin, o Chefe Escoteiro americano Welsh, o rei Alberto I da Bélgica e o conde Henri de Ballet-Latour entram no Estádio Olímpico para a cerimônia inaugural de 14 de agosto de 1920. (Extraído de R. Renson, *The VII Olympiad: Antwerp 1920. The Games Reborn*. Ambers; Gant: Pandora; Snoeck-Ducaju, 1996, p. 31)



O ponto de regresso, a metade da maratona, durante os Jogos Olímpicos de 1920 na Antuérpia. A bandeira Olímpica, com seus cinco anéis, tremulou pela primeira vez em todas as sedes Olímpicas. (Fotografia: C.F. Du Houx, Ambers, 1920, extraída de R. Renson, *The VII Olympiad: Antwerp 1920. The Games Reborn*. Ambers; Gant: Pandora; Snoeck-Ducaju, 1996, p. 91)

técnicas combinadas em Paris no ano de 1914, e para o qual se convocaria, dessa vez, os delegados das Federações Internacionais juntamente com aqueles dos Comitês Olímpicos Nacionais. Simultaneamente, eu tinha previsto um segundo congresso, de caráter pedagógico e social, dedicado a estudar as medidas oportunas para organizar os esportes populares. Esse movimento é o que eu havia sonhado para a França em 1906, e agora finalmente teria caráter mundial graças ao COI.

O COI aquiesceu. A atmosfera das nossas sessões manifestava alguma incerteza e inclusive excessivas dúvidas sobre a direção a seguir. Cheguei a experimentar um vago desejo de prescindir de acordos e agir por conta própria. Evidentemente impunha-se uma coisa: adiar a concessão dos próximos Jogos, embora, desde aquele momento, parecia evidente que a candidatura parisiense não podia prosperar. Persistia o mau humor entre os franceses, suas equipes careciam de popularidade, inclusive as dos eventos equestres. No seio do COI, a opinião dos “neutros” tendia a predominar e era francamente abstencionista porque, segundo eles, Paris iria perpetuar as lembranças da guerra. Mas, por outro lado, as federações francesas suspiravam por ficar com os Jogos, proclamando muito alto que então “demonstrariam como devem ser organizados os Jogos Olímpicos”, e não poucas federações estrangeiras escutavam esses projetos com benevolência. Um movimento da imprensa com um tom muito agressivo apoiava tais reivindicações. Quanto a mim, aqueles alardes não me convenciam nem um pouco, mas me parecia que talvez não seria nada mal tentar uma tal experiência. Minha mente amadurecia o detalhe de uma manobra inesperada, enquanto aguardava em silêncio o momento oportuno para executá-la.

Memórias Olímpicas,
cap. XVII, Lausanne: COI, 1997, p. 176-183.

4.2.2/34 A CONTRIBUIÇÃO DA SÉTIMA OLIMPÍADA

Embora algum participante, furioso pela falta de sucesso, algum jornalista espalhafatoso ou, simplesmente, um humorista mal-intencionado não tenha reconhecido a evidência do êxito, os Jogos Olímpicos da Antuérpia superaram tudo o que se esperava deles. De 14 de agosto a 12 de setembro, apesar das circunstâncias políticas, econômicas e climáticas desfavoráveis, a realização da VIIª Olimpíada se desenvolveu com verdadeira maestria, perfeição e dignidade, de acordo com o esforço pujante e tenaz dos seus organizadores.

Quais serão as consequências desse êxito? Cada uma das Olimpíadas anteriores foi marcada por um resultado de conjunto cuja sucessão resume a história do Neo-Olimpismo. Quando, dois anos após a proclamação de seu próximo restabelecimento, foram inaugurados em Atenas os Jogos Olímpicos restaurados, a instituição recebeu, aos pés da Acrópole, o batismo clássico que a vinculava a um passado ilustre. Era essencial receber tal batismo naquele lugar sem igual. A auréola, já colocada sobre sua cabeça, era o sinal das aspirações dos fundadores e do destino que buscavam. A IIª Olimpíada (1900), realizada em Paris em condições adversas, definiu o caráter moderno da empresa, pois, declarando ser da antiguidade, o Neo-Olimpismo queria, ao mesmo tempo, satisfazer plenamente as necessidades dos tempos

atuais. A IIIª. Olimpíada (Saint Louis, 1904) marcou as tendências universalistas do movimento que, para prosperar, devia se afastar do ambiente mediterrâneo, da própria Europa, e conquistar o Novo Mundo. Com a IVª. Olimpíada (Londres, 1908) afirmou-se a resolução de englobar não somente a todas as nações, mas também a todos os esportes: “*All games, all nations*”. Este havia sido o programa em seus começos, mas somente de modo progressivo podia alcançar toda sua amplitude. Nos Jogos de Londres quase se conseguiu isso. Os de Estocolmo confirmaram e legitimaram essa intenção. A Vª. Olimpíada, em 1912, transformou-se numa “questão de Estado”. Soberanos, governos e poderes públicos colocaram mãos a obra para honrar o nome sueco. Pouco a pouco, os Jogos Olímpicos da era moderna tendiam a igualar em importância e esplendor a seus memoráveis antepassados. Então chegou a prova. Uma cruz sangrenta marca o lugar da VIª. Olimpíada, para a qual Berlim já se preparava com munificência. A guerra se estendeu e se prolongou; passou 1916. Onde estará o Olimpismo quando a tormenta acabar? Somente aqueles que conheciam o poder histórico de seus princípios e as possíveis repercussões de sua ação pedagógica podiam estar confiantes. Mas estes não eram mais que um punhado de homens. A multidão já havia visto passar cinco Olimpíadas sucessivas, realizadas com uma pompa crescente, mas nós tínhamos a sensação de ter compreendido somente de forma vaga seu sentido e seu alcance.

Eis aqui o que nos trouxe a VIª. Olimpíada: a compreensão de todos; a certeza de ser daqui para frente compreendidos por todos. Por fim se deram conta do caráter primordial destas festas que são numa época de perigosa especialização e de classicismos enfadonhos, antes de tudo, festas da unidade humana. Numa síntese incomparável, reuniram-se num laço apertado, para um labor comum, o esforço dos músculos e do pensamento; a ajuda mútua e a competição; o patriotismo exaltado e o cosmopolitismo inteligente; o interesse pessoal de campeão e a abnegação de quem toma parte de uma equipe. Todos os esportes se associaram, saudados por todas as bandeiras nacionais, incentivados pela Igreja, honrados pelas Artes e pelas Letras. Toda a juventude, patricia ou plebeia, tem sido convidada para selecionar os mais rápidos, os mais fortes, os mais audazes.

Esta fórmula, pela qual temos trabalhado desde vinte e cinco anos atrás e que, por assim dizer, temos cinzelado lentamente, tem sido acolhida agora pela opinião pública que, ao perceber sua beleza, sua razão de ser e sua oportunidade, estará disposta a mantê-la. Esta é a contribuição da VIIª. Olimpíada; tem demonstrado ao mundo, com destaque luminoso, o dinamismo educativo, moral e social que traz dentro de si o Olimpismo ressuscitado e renovado.

“L’apport de la VIIe. Olympiade”,
em *Revue Sportive Illustrée Belgique*,
vol. 16, setembro de 1920, n. 3 (p. 10).

4.2.2/35 OS SÉTIMOS JOGOS OLÍMPICOS

Os atletas não decepcionaram e a opinião pública se acalmou: uma dupla prova que resume os efeitos que me deixam os Jogos Olímpicos de 1920. O último ponto se impõe de modo particularmente sensível. Pela primeira vez, ao tomar a pena no dia seguinte a uma manifestação parecida, não me sinto na obrigação de recordar num longo preâmbulo o que é o Neo-Olimpismo, por que e como foram estabelecidos os Jogos e quais são as características essenciais de sua realização quadrianual. Apesar do silêncio e das sucessivas mentiras com as quais determinada parte da imprensa a serviço de interesses pessoais têm rondado astuciosamente a instituição, esta acabou por se encontrar no centro da vida internacional devido a seus repetidos triunfos e a uma importância crescente.

Os Jogos Olímpicos, cujo programa, com alguns pormenores ainda por definir, começou a ser fixado no congresso de Paris de 1914 e que foi completado totalmente no de Lausanne de 1921, compreendem obrigatoriamente cinco categorias distintas de esportes: os esportes atléticos, a ginástica, as lutas, o hipismo e os esportes náuticos. A estes foram acrescidos os esportes mistos (o pentatlo antigo e moderno), o ciclismo e jogos diversos; e, por último, os concursos artísticos. Eis sua estrutura.

Os esportes atléticos (corridas, saltos, lançamento de disco, de dardo...) têm a particularidade de que quem os praticam se consideram os reis da arena Olímpica e os únicos herdeiros da época clássica. No entanto, também na época em que a indiscutível supremacia britânica se estendia no terreno desportivo, o remo e o críquete, dividiam, junto com as corridas, o gosto popular. O restabelecimento dos Jogos Olímpicos foi feito com base na completa igualdade entre as cinco modalidades de esportes, e contra essa igualdade não deixaram de sublevar-se algumas pessoas interessadas, particularmente na França. Ainda permanece algo disso nas relações entre os “atléticos” e seus companheiros ginastas, praticantes de esgrima, boxeadores ou remadores. Temos a sensação de que estão sempre dispostos a ficar lesionados e a restabelecer coalizões defensivas de um país a outro contra uma perseguição imaginária.

O desenvolvimento do atletismo na VII^a. Olimpíada foi magnífico. Foram realizadas proezas e marcas caíram. É preciso fazer uma menção especial à famosa corrida de maratona. Esta, que cobre a distância histórica de Maratona a Atenas, ou seja, 42 quilômetros, foi na verdade inventada por um membro do Instituto da França. Ao ter conhecimento do meu projeto de restabelecer os Jogos Olímpicos, o Sr. Bréal me anunciou entusiasmado que ofereceria uma taça de prata destinada a recompensar o corredor capaz de renovar a clássica façanha... sem morrer. Já sabemos como se desenvolveu a primeira corrida de maratona em Atenas em 1896, como treinou durante dias o vencedor, um pastor chamado Spiridion Louis, e como passou a noite em oração diante das imagens sagradas. Desde então não voltamos a ver entrar nos estádios Olímpicos nenhum corredor tão jovem como os de 22 de agosto de 1920. O primeiro era um finlandês, e o segundo um estônio: as duas jovens repúblicas conseguiram, assim, os louros desejados. O terceiro, um italiano, após ter alcançado a meta, deu na mesma pista e diante das tribunas estupefatas um salto duplo e perigoso querendo mostrar que não estava nem um pouco alquebrado; veio depois um belga que deu uma volta suplementar na pista carregando uma espécie de escudo

com as cores nacionais; essas belas fações foram objeto de ovações entusiásticas.

Em linhas gerais, temia-se um sensível enfraquecimento dos resultados, ao menos por parte dos países beligerantes que mais haviam sofrido com a guerra e as privações dela derivadas, o que não se pôde ser constatado, exceto talvez na marcha das equipes que participaram do desfile no dia da abertura solene dos Jogos. Esta perdeu algo de sua habitual elasticidade e as fisionomias resultaram menos juvenis, mas a resistência continuava sendo grande. Parece verossímil afirmar que não foi esse enfraquecimento o responsável pela relativa falta de êxito de certos grupos aos quais em 1920, como em 1912, faltou unidade de ação, perseverança na preparação e, sobretudo, a decisão de sacrificar rivalidades e disputas pessoais em favor do êxito coletivo.

Estas qualidades tão indispensáveis estão mais difundidas entre os ginastas. Nos Jogos Olímpicos a ginástica apresenta três formas diferentes: exercícios individuais em aparelhos, exercícios de conjunto por equipes, e trabalho com os pesos. A primeira e a terceira categorias padecem de um imerecido descrédito segundo as ondas da moda. Não é aqui o lugar para analisar seus méritos e defeitos. Apesar da falta de atenção da multidão, os ginastas têm sabido se mostrar em Anvers à altura de sua tradição. As fações realizadas graças a sua agilidade, a soberba obediência de seus músculos e nervos encheram de alegria os espectadores. Quando as flutuações da moda devolverem o devido lugar a estes jovens e se reconhecer seu direito legítimo à existência desportiva, o público se dará conta de que foi privado por esnobismo de um espetáculo singularmente atrativo por sua ousadia e sua beleza.

As produções de conjunto foram feitas, como de costume, em duas séries: de um lado, o “método sueco” e, de outro, os “métodos europeus”, divisão irritante não somente por sua inexatidão geográfica, mas também porque atribui ao fator “método” uma ação preponderante que não deveria ter. Pouco importam os procedimentos com os quais se forma um ginasta; somente é preciso ver o que ele é capaz de fazer e como ele faz isso. De fato, a tarefa do júri é difícil, mas é sempre assim quando entram interesses pessoais.

A esgrima com florete – para passar agora aos esportes de defesa – trouxe uma penosa surpresa para seus adeptos. Está numa decadência evidente. No que me concerne, não duvido que a responsabilidade disso sejam os atuais regulamentos. A Federação Internacional de Esgrima prestaria um grande serviço à causa que defende se fizesse uma reforma completa dos mesmos. Devolver seus plenos direitos e tradições à esgrima com florete suporia também a emancipação da esgrima com espada e com sabre. As três se prejudicam ao procurar se entender. Seria preciso, ao contrário, incrementar suas diferenças.

Tudo isso não equivale a dizer que os Jogos da Antuérpia não tenham reunido nobres esgrimistas à cuja testa está o campeão italiano Nedo Nadi, encarnação da graça e da força unidas. Os praticantes de espada e de sabre, para os quais se havia preparado um campo ao ar livre, não puderam utilizá-lo devido ao mau tempo. Na medida em que a prática ao ar livre é interessante para os treinamentos, nessa mesma medida é preferível que competições da importância das competições Olímpicas sejam realizadas em recintos cobertos.

O maior êxito da VII^a. Olimpíada talvez tenha sido o do boxe. Foi preciso lutar durante anos para introduzi-lo e mantê-lo. Na Suécia, o poder público exigiu que

fosse retirado. Ainda quando cedeu a essa exigência, o Comitê Internacional declarou por seu turno que, no futuro, se negaria a toda concessão sobre um aspecto tão essencial do programa Olímpico. A multidão lhe deu razão, e na Antuérpia apresentou-se uma numerosa juventude, entusiasmada, de modo que o boxe recebeu nessa ocasião sua certidão de natureza Olímpica. Seus campeões mostraram-se totalmente dignos da estima popular. De forma geral, seu espírito desportivo tem sido muito satisfatório; vimos como se combinavam a violência e a cortesia, o desprezo pelos golpes e a prudência, qualidades contraditórias adequadas para consagrar a masculinidade de um homem e que podem fazer do boxe, quando bem ensinado e praticado, o mais educativo dos esportes. Alguns lamentaram que o boxe francês estivesse ausente; atualmente passa por um período de relativa decadência, mas conta com pessoas fiéis que trabalham para colocá-lo novamente de pé, de modo que pode-se esperar que este belo exercício recupere logo o posto a que tem direito no apreço dos desportistas.

A luta (estilo greco-romano e estilo livre), que não pude acompanhar e que pessoalmente desconheço, parece ter satisfeito conjuntamente seu amplo círculo de adeptos. É parte essencial dos Jogos e não caberia separá-la dos demais esportes de defesa. Há um, a luta com bastão, que se desdenha tanto quanto o boxe francês e que, ao que me parece, poderia recuperar utilmente sua antiga fama. Atualmente não se pratica o suficiente para inscreve-lo na lista das competições Olímpicas.

Como é habitual, o hipismo é composto por provas de base em campo aberto, de provas de obstáculos e de provas de habilidade, mas além desse programa que não está totalmente pronto, tem havido provas de exercícios equestres. Não cabia separar por mais tempo um esporte cujas raras qualidades são com muita frequência desconhecidas e que constitui a mais bela das ginásticas. Apesar das atuais dificuldades inerentes a sua organização, as provas de polo puderam ser realizadas. A seguir, somente faltam as provas de esgrima a cavalo, cuja fórmula prática não se conseguiu encontrar; então os Jogos estarão completos.

As provas de natação, realizadas admiravelmente num “estádio náutico” que, em certos aspectos, pode ser considerado modelo para o gênero, tiveram seu êxito habitual com uma assistência muito numerosa. As mulheres eram admitidas, e têm brilhando rebaixando as marcas anteriores. O polo aquático nos tem mostrado equipes com agilidade e resistência.

As provas de remo foram realizadas em Bruxelas, num canal, e numa paisagem horrível: muros de oficinas, depósitos, gasômetros... Tão horroroso que se desistiu de dissimular sua feiura. Neste marco anti-Olímpico se encontraram magníficas equipes. A final da prova de oito remadores, disputada entre o Leander Club (Inglaterra) e a Escola Naval dos Estados Unidos, terminou com uma vitória apertada desta última, este incidente trouxe à tona a questão do “amadorismo”, uma questão difícil de desvendar; pois, como enfrentar normalmente duas equipes, uma militar, forçosamente homogênea e composta por homens cujo treinamento pode ser levado até o final de acordo com os desejos da autoridade, e a outra de origem individualista, formada por remadores voluntários que não podem conceder a sua preparação senão algumas horas de ócio, breves e nem sempre coincidentes?

O pentatlo clássico e o decatlo não são sempre, falando com propriedade, “esportes combinados”, pois a maior parte das provas que os compõem procedem da ca-

tegoria dos esportes atléticos. Não se passa o mesmo com o pentatlo moderno, que compreende provas de tiro, esgrima, natação, corrida e equitação. Esta prova, que me custou muito trabalho impor no início, porque supunha uma grande mudança dos costumes adquiridos, reuniu nessa ocasião numerosos participantes de diversas nacionalidades, mas a Suécia manteve a superioridade que estabeleceu em 1912 e conquistou os quatro primeiros lugares.

Temia-se muito aos suecos. Dizia-se deles que tinham muita vantagem por sua neutralidade, como os americanos, que dispunham de meios mais aperfeiçoados para treinar. Ambos conseguiram, certamente, grandes troféus, mas a admiração geral tem sido para a Finlândia. Este país, varrido pela guerra e pela revolução, que ainda ontem não tinha certeza de seu futuro, alcançou um recorde inaudito. Sobre um total de apenas 60 atletas que compõem o conjunto do contingente finlandês para os distintos esportes, conquistaram uma quinzena de primeiros prêmios, sem falar de segundos e terceiros. Quem diria que só os países grandes podem pretender que seus representantes conquistem medalhas, que os novatos não podiam ganhar nada e que os êxitos eram proporcionais ao dinheiro gasto, etc.?... Pois bem, a vitória da Espanha no futebol, a qualidade dos competidores suíços e egípcios, os participantes de esgrima portugueses e os remadores brasileiros, levaram para o alto algumas bandeiras que até agora se mantinham muito timidamente à margem dos Jogos. Que dizer da organização italiana? Escassamente subvencionada, vindo de longe, ainda sem tradição nem experiência Olímpica, os italianos se tem afirmado em todos os âmbitos por sua energia, sua decisão, seu comportamento, sua disciplina e seu espírito nacional. Eles têm sido soberbos.

Desse modo, ficou provado mais uma vez que o segredo para vencer não consiste unicamente na preparação técnica, mas acima de tudo no estado de espírito e a decisão moral unitária que inspira as equipes. Este tema foi desenvolvido em 1908 pelo bispo da Pensilvania quando exortou, na catedral de São Paulo em Londres, os atletas da IVa. Olimpíada. Foi retomado de modo magnífico pelo cardeal Mercier no ofício de inauguração celebrado na prestigiosa catedral de Anvers, onde se cantou com grande pompa um *De profundis* pelos atletas falecidos, bem como o habitual *Te Deum*.

Esta cerimônia inesquecível produziu naturalmente uma profunda impressão nos assistentes que lotavam o templo pintado por Rubens. Na tarde desse mesmo dia aconteceu a inauguração dos Jogos no Estádio, que foi realizada de acordo com o protocolo estabelecido: desfile de atletas por nações, discurso ao rei, resposta do soberano, que pronunciou a fórmula de abertura acolhida por trombetas, salva de canhões e soltura de pombas com as cores das nações participantes. Dessa vez houve duas novidades: em primeiro lugar, o juramento dos atletas, feito por um deles (um belga que levava a bandeira de seu país) em nome de todos e nestes termos: “Juramos nos apresentar nos Jogos Olímpicos como competidores leais e respeitosos para com as regras que os regem e desejosos de participar nobremente em honra aos nossos países e pela glória do esporte”. Assim, com a restauração sucessiva das cerimônias e dos símbolos, os Jogos modernos remontam pouco a pouco aos seus ilustres ancestrais que deram àqueles um significado tão elevado e profundo.

A segunda novidade foi o aparecimento da bandeira Olímpica, cujos cinco anéis entrelaçados, multicoloridos sobre um fundo branco, evocam as cinco partes do

Alleen Riggín (USA, primeira em salto de trampolim) e Nick Skoglund (SWE), as duas participantes mais jovens dos Jogos Olímpicos de Amsterdã 1920. (Extraído de *Spalding's Athletic Library* n. 94R: *Olympic Games Handbook*, Nova Iorque: ASP, 1922, p. 156)



mundo unidas pelo Olimpismo, ao tempo em que reproduzem as cores de todas as nações. Esta bandeira havia sido inaugurada em Paris em junho de 1914 por ocasião das festividades do XX aniversário da restauração dos Jogos Olímpicos, mas ainda não havia aparecido na realização de uma Olimpíada. Na Antuérpia, seu brilho alegre refletia-se por tudo e seu êxito foi grande, inclusive tão grande que um grupo de atletas tentou, numa bela noite, apoderar-se dela para levar para casa essa lembrança tangível da VIIª. Olimpíada. Por seu azar, a polícia estava vigilante: prisões, atestados, intervenção consular, etc.

Sem dúvida, não foi este o único incidente. Houve outros. Mas, é possível pensar que antigamente, em Olímpia, as coisas aconteciam sem disputas nem discussões? Como seria possível reunir para a convivência numa exultação física sadia centenas de jovens pertencentes a povos diversos, muitos dos quais olhavam-se com ar de suspeita até ontem, sem que não se produzisse de vez em quando alguma palavra demasiado forte ou um gesto um tanto brusco?

De acordo com o testemunho do Sr. Verdyck, o incansável e fiel secretário geral do Comitê organizador, os Jogos de 1920 apresentam no tocante a isso um mínimo de incidentes, e sua ação pacificadora fica clara, por exemplo, no fato de que as equipes holandesas e belgas se encontraram no estádio, para grande assombro de vários políticos, sem que em nenhum momento tenha deixado de haver entre eles uma elevada camaradagem esportiva.

Essa camaradagem internacional tem sido alimentada especialmente pelo modo de alojar os atletas. Foram postas à disposição dos distintos participantes escolas – em geral luxuosas, com grandes áreas e belos jardins – para que instalassem nelas seus contingentes. Foi criada, assim, a casa da Itália, a casa da Inglaterra, a casa da França, a casa americana, etc. Somente os pequenos contingentes tiveram que ficar em hotéis.

Entre essas casas, decoradas com as cores nacionais, estabeleceram-se imediatamente relações marcadas por uma emulação amistosa. Eram feitas visitas, recepções, eram oferecidos inclusive concertos e representações. O belo tom e a urbanidade dessas reuniões foram notáveis, e isso propiciou uma ocasião oportuna para lutar contra certo desleixo – compreensível herança da guerra – que às vezes se traduzia

no estádio nas formas de se vestir insuficientemente cuidadas e pouco estéticas.

Não falei dos concursos de arte. Seguem sem estar à altura, embora tenham feito um progresso se comparados com 1912. Os escritores parecem intimidados ante os temas desportivos; os músicos nada têm a ver com eles; os arquitetos dão voltas ao redor de seu “Palácio dos Esportes”, cuja silhueta eterna buscam: monumento já caduco antes de existir. Carente de conhecimentos técnicos, o júri descarta a reprodução de movimentos perfeitamente exatos, mas que não considera suficientemente “artísticos”. Esperemos que as competições da VIII^a. Olimpíada tragam a consagração definitiva do valor que inspira o esporte e façam com que os jovens talentos unam o gosto e a ousadia.

Antuérpia é exatamente a cidade na qual coincidem essas qualidades, por isso forneceu aos Jogos de 1920 um marco muito mais apropriado do que pensavam alguns. Com muita frequência se considera essa cidade um lugar unicamente consagrada aos negócios e no qual surgem de vez em quando alguns museus que fazem referência à glória passada. Mas a harmonia magnífica que se mostra na alternância de formas e ideias, suas construções, seu porto, suas avenidas, seus parques, suas instituições, e inclusive sua agitação, tudo isso parece conter tanta força e equilíbrio, tanta energia e beleza, que o visitante, por pouco tempo que disponha para observar, volta cheio de admiração e confiança. Neste mesmo espírito harmonioso foram organizados os Jogos. Considerando as circunstâncias, o Comitê encarregado disso fez maravilhas: o conde Henry de Baillet-Latour pode sentir-se orgulhoso da obra que presidiu e que, com bases financeiras sólidas, não deixou um só momento de combinar uma preocupação real com a perfeição técnica referente a um elevado ideal pedagógico.

Na Prefeitura de Antuérpia, exemplo soberbo da arte municipal e na qual faz as honras o mais amável dos burgomestres, o Comitê Olímpico Internacional realizou duas sessões. O rei Alberto fez-lhe a honra de estar pessoalmente na sessão de abertura. Participaram trinta membros, pertencentes a vinte e três nações. Um dia após a longa e terrível guerra, o “Senado Olímpico” está tão firme e unido como estava a seis anos atrás. Desse modo, não foi necessário fazer nenhum gesto defensivo ante o novo ataque que foi dirigido contra ele; simplesmente o ignorou. Contrariamente ao que pensam seus adversários, o Comitê Internacional não detém exclusivamente o poder; o compartilharia de boa vontade se não tivesse a convicção de que ao colocar uma parte nas mãos daqueles que o desejam, comprometeria seriamente o futuro de uma instituição próspera. E estes últimos não deixam de mostrar a cada dia a todo o universo, por sua torpeza crescente em conduzir seus próprios assuntos, quão fundada está esta convicção.

Onde seriam realizados, em 1924, os Jogos da VIII^a. Olimpíada? Quatorze cidades apresentaram sua candidatura, mas o Comitê Internacional postergou sua decisão devido à atual crise mundial. Daqui até o final do ano os acontecimentos tomarão, sem dúvida, uma direção mais concreta e se poderá delinear melhor o horizonte, horizonte muito carregado. No entanto, a opinião pública, que se distrai e se diverte, nem parece preocupada com isso. Confesso que ao longo dos Jogos senti uma surpresa inquietante ao observar entre tantos povos diversos uma espécie de visão inconsciente dos próximos perigos. Teme-se o improvável renascimento do perigo de ontem, mas ninguém se preocupa seriamente daquele que está sendo preparado a cada dia, e não ao longe, mas diante dos nossos passos.

Nem por isso deixamos de fazer plenamente confiantes, no encerramento dos Jogos da VII^a. Olimpíada, como de costume, o convite para participar dos Jogos da VIII^a. Essa cerimônia aconteceu em 12 de setembro com a pompa necessária. Até agora, o encerramento acontecia num banquete final. Desta vez, ao entardecer e com o estádio cheio de espectadores a fórmula revestiu-se do significado dos velhos tempos. Os esportes equestres acabavam de terminar: ante o grande silêncio da multidão, repentinamente atenta, ressoaram as palavras evocadoras dos Jogos de 1924: “Que possam ser realizados na alegria e na concórdia e que, desse modo, a chama Olímpica prossiga sua corrida através dos séculos para o bem de uma humanidade cada vez mais forte, mais valente e mais pura. Que assim seja!”

Então, como em 14 de agosto, soaram as trombetas e foram disparados os canhões, enquanto a bandeira Olímpica era arriada lentamente e ressoavam os primeiros acordes de uma cantata executada por 1.200 cantores e instrumentistas, composta pelo famoso Peter Benoît, tão querido pelos habitantes da Antuérpia, seus compatriotas. Assim, foram finalizados, na cidade de Rubens, os Jogos Olímpicos de 1920.

Autour de la VII^{me} Olympiade.

Publicação especial, Lausanne:

La Concorde, out. 1920.

Reimpresso em *Textes choisis*,

vol. II, Zurich, 1986, pp. 268-276.

4.2.2/36 A VITÓRIA DO OLIMPISMO

O Olimpismo é uma grande maquinaria silenciosa, cujas rodas não rangem e cujo movimento nunca cessa, apesar dos punhados de areia que alguns lançam contra ela, com tanta perseverança com falta de êxito, para tratar de impedir seu funcionamento. Quando chega o momento em que o Comitê Internacional tem de tomar uma decisão, o faz sem se preocupar com outra coisa que não seja o bem da instituição, cujo destino lhe foi confiado, e logo os acontecimentos lhe dão a razão quando se vê que o caminho procurado por ele era precisamente o melhor. Desse modo, se tem franqueado as diferentes etapas da restauração Olímpica, e o mundo moderno foi convidado para solenidades a cada quatro anos, que evocavam cada vez mais o antigo ideal helênico. As artes, as letras, um cerimonial grandioso, o contato com a religião, as convocações cada vez mais ardentes ao nobre espírito cavalheiresco – base de toda atividade desportiva, duradoura e pura – e, por último, as manifestações pedagógicas destinadas a evidenciar, de uma maneira sempre crescente, o papel educativo tão importante que pode ter o exercício físico intensivo; este é o programa que se tem realizado, estes são os picos que o Olimpismo têm escalado desde sua ressurreição há vinte e cinco anos. Entre aqueles que, respondendo ao meu chamado, votaram em 23 de junho de 1894 para o restabelecimento dos Jogos Olímpicos, não há ninguém, espero, que tenha sonhado um papel mais eminente no seio do mundo moderno, para a obra a qual se associou. Este mundo precisamente sentiu-se comovido por um cataclisma terrível, e a VI^a. Olimpíada (1916), não realizada, permanecerá ensanguentada nos anais universais. Mas como a paz está por

ser restaurada, eis que a juventude volta para o seu sonho interrompido e se prepara para os próximos Jogos. Que prova mais assombrosa da vitalidade do movimento podemos pedir?

A opinião pública mostrou-se surpresa... Surpresa de que a Bélgica tenha ousado se oferecer; de que o Comitê Internacional tenha ousado lhe confiar a realização da VIIª. Olimpíada; de que todas as dificuldades materiais ou políticas tenham podido ser superadas; de que, num dado momento, tudo se encontre preparado, um estádio magnificamente construído, uma organização zelosa sobre cada detalhe posto em prática.

Em nosso tempo, quando as palavras superam em muito a ação, se diria que o Olimpismo alcança um novo recorde. E, efetivamente, é assim. Estamos agradecidos e orgulhosos. Agradecidos ao povo belga que dá a humanidade um exemplo do que são capazes os corações indomáveis que, segundo a bela expressão de Tomás de Aquino, estão “sempre dispostos a lutar depois de cada tempestade”. E estamos também orgulhosos de nossa organização, que tem permitido e facilitado este prodígio. Em 1910 ao receber na sede do Palácio Municipal de Luxemburgo ao Comitê Olímpico Internacional, cuja sessão anual iria se realizar naquela cidade, o senhor Eyschen, ministro de Estado do Gran Ducado, nos dizia em seu discurso que, após ter examinado nossa constituição, sentia que não se aplicasse na política, pois não conhecia nada mais simples e fecundo ao mesmo tempo. Se as diversas especializações em que se funda o progresso moral e material dos Estados fossem modeladas no Olimpismo, ganhariam ao mesmo tempo em economia, rapidez e eficácia.

O elogio tinha mais valor na boca de um governante tão renomado. E, na verdade, por que o princípio, que é a fonte de nossa força, não poderia se estender para uma prática mais ampla?

Já foi aplicado, faz tempo, em Elis; em nossos dias se aplica em Henley, sem que haja nada exclusivamente desportivo. Além disso, não seria a primeira vez que o economista e o administrador estavam diante da necessidade de recorrer às fórmulas do desportista.

Esperemos que isso aconteça. Em todo caso, a situação é tal que a presente vitória combina três elementos dos quais procede, que são: a excelência do organismo Olímpico que demonstra, mais uma vez, sua superioridade após um quarto de século de múltiplas experiências; as qualidades belgas que se revelam na paz são as mesmas que a guerra de 1914 pôs em destaque de modo trágico e imortal; e, finalmente, a força vital da juventude, imutável, sempre enérgica, sempre pronta a subir, ardente, alegre. Foi a mesma coisa para os atletas em Olímpia. Agora, três mil anos depois, esta força vital está ainda lutando entre os jovens que se reuniram na Antuérpia para estabelecer o equilíbrio na humanidade.

“*La victoire de l'Olympisme*” em:
La Revue Sportive Illustrée Belgique,
vol. 16, julho de 1920, n. 2, [p. 2].

4.2.2/37 – 4.2.2/39 INTRODUÇÃO

No ano de 1921, definido no capítulo seguinte das *Memórias Olímpicas* de Coubertin como “A manobra de 1921”, foi realmente muito turbulento na história Olímpica. Não somente a convocação de um congresso Olímpico técnico em Lausanne, que devia concluir o trabalho do congresso de 1914, mas também decisões importantes como a concessão dos Jogos Olímpicos de 1924 a Paris, num pacote que incluía a concessão de 1928 a Amsterdã, foram únicas e justificam o título do texto. Além disso, em 1921 reuniram-se em Lausanne experts em diferentes especialidades como o hipismo, esportes de inverno e alpinismo para assegurar tecnicamente o futuro programa Olímpico. Autorizou-se que a França realizasse em 1924 a primeira semana Olímpica de esportes de inverno, os posteriores Jogos Olímpicos de inverno. O COI teve que se opor à exigência das federações internacionais de criação de uma associação mundial própria que competiria com o COI. Finalmente, produziu-se a primeira revolução contra o estilo autocrático de Coubertin com o estabelecimento de um Comitê executivo presidido por Godefroy de Blonay, substituto interino de Coubertin entre 1916 e 1918.

Coubertin descreve no segundo texto, intitulado “Um estádio e seis ministérios”, o estado caótico da administração francesa quanto à preparação organizativa dos Jogos Olímpicos de 1924 em Paris. O último parágrafo é importante, e nele Coubertin descreve por que ocupa há vinte e cinco anos o cargo de presidente do COI.

O terceiro texto, “O capitólio de Roma”, ocupa-se da 22ª. sessão do COI em 1923 em Roma, evento importante para a história Olímpica. Durante seu discurso de abertura, Coubertin abordou o conflito entre capital e trabalho. Todos aqueles que se comprometem com a limpeza do esporte, trabalhadores ou estudantes, são em igual medida “servos da ideia Olímpica”. Os membros do COI foram recebidos no Vaticano por Pio X.

Foram tratadas muitas questões relacionadas com os próximos Jogos Olímpicos, mas os principais temas abordados foram as participações alemã e russa, os jogos regionais, a propaganda na América do Sul a cargo do YMCA e a conquista desportiva da África. O tema da “perda de receita” iria confrontar o COI com novos e difíceis problemas relacionados com o amadorismo Olímpico.

4.2.2/37 A MANOBRA DE 1921

A situação exigia em primeiro lugar uma afirmação de unidade. Por isso, o piloto veterano sentia-se objeto de uma espécie de chamado especial para manejar o leme com particular atenção. O perigo não procedia de tal ou qual tentativa de intromissão no Olimpismo. Um político e um jornalista franceses iniciaram em vão uma campanha para que a Sociedade das Nações, recém-nascida e ainda mal orientada, tomasse conta dos Jogos. Outras propostas semelhantes também não podiam prosperar e era fácil lutar contra elas, ou mesmo contra os ataques de certas federações, impacientes por ver seus delegados sentados na mesa do COI. O verdadeiro perigo radicava na proliferação da ideia Olímpica, com o risco evidente de multiplicar os

Jogos regionais, surgidos desta espécie de impaciência geral que se sentia em todo lugar. Por toda parte criavam-se comitês e subcomitês, ou pelo menos recebíamos planos, programas e anúncios de sua formação.

Durante os últimos anos de guerra, tivemos latente a ameaça de uma secessão sobre o Olimpismo, e graças a uma ação indireta e oficiosa, pude sempre cortar o perigo. A “Liga neutra”, somente esboçada, não foi mais que um projeto sem consistência real. A “Liga de beligerantes do grupo germânico” foi outra invenção, e se queriam organizá-la agora teria mesmo assim uma vida efêmera porque a adesão da Hungria e Turquia era muito problemática. Ao contrário, se deixássemos implantar e consolidarem-se todos esses “Jogos” que pretendiam organizar na Irlanda, na Polônia, na Catalunha, nos Balcãs, na Índia, no Oriente Próximo, poderiam se originar fissuras no bloco Olímpico. Todas essas iniciativas reclamavam e pediam nosso patrocínio. Mas seus promotores eram completamente neófitos em matéria Olímpica e estranhos ao espírito do COI, e desejavam montá-las com fins nacionalistas ou confessionais, que desviariam fatalmente a homogeneidade do Movimento.

Deixei o ano de 1920 passar e extinguírem-se os detalhes polêmicos originados pelos Jogos da Antuérpia, prestação de contas, disputas técnicas, etc. Não esperávamos, na realidade, a boa impressão que, em conjunto, nos deixaram. Durante aquele tempo implementei o programa material do congresso de Lausanne. O governo federal aceitou que as delegações e os consulados da Suíça cuidassem da distribuição dos convites em cada país, razão pela qual deviam ser enviados com muita antecedência já que tal fórmula era bastante mais complexa que em 1914. Em Paris foram convocados os delegados dos Comitês Nacionais com a única finalidade de definir a lista definitiva e as condições técnicas das diferentes provas para cada esporte. Em 1921, esse assunto continuava de pé, porém acompanhado por muitos outros, razão pela qual não me parecia conveniente misturá-los numa espécie de salada de frutas confiada a uma única assembleia.

O quadro de “Congressos e Conferências Olímpicas” reflete bem essa preocupação. De fato, seriam realizadas num ciclo, escalonado de 26 de maio a 12 de junho de 1921. Primeiramente, uma Conferência Consultiva de esportes de inverno (26 e 27 de maio); depois uma Conferência de Alpinismo (28 de maio), seguida de uma Conferência de Esportes Equestres (29 e 30 de maio). Ali intercalavam-se um Congresso de Federações Internacionais, organizado graças aos cuidados de Paul Rousseau, que sonhava com a criação de uma espécie de super federação ou Conselho interfederal, engrenagem que podia resultar fecunda ou prejudicial, segundo o espírito que o concebesse, e sobre cujo princípio eu nada tinha a objetar, embora alguns assim o acreditassem. O congresso Olímpico propriamente dito foi definido para acontecer entre 2 e 7 de junho. Finalmente, estava prevista uma Conferência Consultiva das Artes e das Letras, e uma Conferência de Municípios, destinada simplesmente a colocar os primeiros fundamentos da futura organização do esporte popular e do “restabelecimento do ginásio clássico”, do qual falei pela primeira vez em Paris em novembro de 1912, e que continuavam – e ainda continuam – sendo objeto de toda minha simpatia.

Enquanto o COI aprovava esse copioso programa, redigi uma circular para meus colegas; enviei-a, e também uma cópia do texto para a imprensa. Estava datada de 17 de março de 1921. Após o anúncio da minha resolução de me demitir após os

Jogos de 1924, seguiam estes parágrafos: “A escolha da cidade que terá a incumbência de organizá-los (os próximos Jogos) se reveste dessa vez de particular importância pelo fato de que a VIIIª. Olimpíada coincidirá com o trigésimo aniversário de sua restauração. Foram apresentadas numerosas e inestimáveis candidaturas. Se analisamos os títulos das cidades aspirantes, o nome de Amsterdã parece o mais adequado. Mas, por outro lado, chegada a hora de sua substituição e por julgar que sua obra pessoal está longe de ter sido concluída, ninguém negará ao renovador dos Jogos Olímpicos o direito de pedir um favor excepcional para sua cidade natal, Paris, onde graças aos seus cuidados preparou-se e depois foi solenemente proclamado, em 23 de junho de 1894, o recomeço das Olimpíadas. Desejo, pois, adverti-los lealmente, meus caros colegas, que quando chegar nossa próxima reunião, pedirei vosso apoio para que nesta grande circunstância me ofereçais o sacrifício de vossas preferências e de vossos interesses nacionais, e concedeis a IXª. Olimpíada a Amsterdã, proclamando Paris a sede da VIIIª.”

Este era o golpe de Estado em toda sua beleza. E golpe duplo, porque tratava-se de enlaçar duas futuras Olimpíadas, decisão que nada impediria ao COI tomar, embora nunca o tivesse feito. Em Paris houve algum descontentamento, e também em outros lugares, porque ninguém esperava uma intervenção presidencial brusca e repentina. Era moralmente impossível recusar minha petição. E eis que, passado o primeiro momento de estupor, os meios desportivos franceses desertaram em massa da oposição em que se haviam colocado com relação a nós e, de repente, dissiparam-se as nuvens negras e brilhou o sol num céu límpido.

A série de “Congressos e Conferências Olímpicas” foi aberta numa atmosfera de compreensão e de boa vontade, o que pressagiava resultados excelentes. Esta atmosfera continuou a imperar ao longo de todas as sessões, apesar do caráter espinhoso de alguns assuntos e as discussões apaixonadas que forçosamente originavam, começando pelo problema dos “Jogos de Inverno”, que os escandinavos não aceitavam de jeito nenhum. Em 1894 incluiu-se a patinação entre os esportes facultativos. Londres, que tinha um “palácio de gelo”, pôde organizar, em 1908, provas satisfatórias. Mas em 1912, Estocolmo rapidamente se apropriou do argumento de que não tinha instalações adequadas, a fim de livrar-se do ônus da organização deste evento. Durante vinte e cinco anos, os esportes de inverno não somente se haviam extraordinariamente difundidos em muitos países, mas também ofereciam um caráter franco e puro de amadorismo e de dignidade desportiva, de tal modo que sua exclusão completa do programa Olímpico a privava de muita força e valor. Mas o que devíamos fazer então? Afora a resistência escandinava, existia o duplo inconveniente de que não podiam ser realizados nem ao mesmo tempo nem no mesmo lugar que os Jogos. Fabrica-se gelo artificial, mas não a neve e nem os picos. Podíamos exigir dos holandeses, em 1928, que instalassem uma cadeia de montanhas comprada de ocasião ou fabricada sob medida? A única solução, recheada de inconvenientes claro, era constituir uma espécie de ciclo autônomo mas por sua vez aliado ao seu irmão mais velho. Em vista disso, interrompi a discussão convocando um primeiro contato entre especialistas, e recebemos, em nome da Conferência Consultiva, a informação do Sr. Megroz que atenuou bastante o choque, combinando finalmente que a França, se fosse a designada – ainda não o fora mas não podia ser de outro modo – teria direito a organizar em 1924, em Chamonix, uma semana de

esportes de inverno, patrocinada pelo COI, mas que “não participaria dos Jogos”. Esta última cláusula seria anulada mais tarde. Assim foram fundados os “Jogos de Inverno”, apesar dos escandinavos, que por fim renunciaram à sua intransigência, aceitando mesmo assim que frente a Suíça e o Canadá, por exemplo, não podiam reclamar um monopólio que eles detinham a muito tempo.

O informativo da Conferência de Alpinismo foi redigido por um renomado escalador, o Dr. Jacot-Guillamord, célebre por sua expedição ao Himalaia. Na realidade colaboraram poucos clubes alpinos, e embora tenhamos recebido numerosas adesões de princípio, elas careciam de sinceridade. Então, é difícil classificar as ações para entregar um prêmio de tal natureza, porém como nada impedia em cada Olimpíada declará-lo vazio ou bem proclamar dois vencedores por igual, a proposta de convidar aos clubes alpinos para que enviassem os títulos de seus candidatos não resultava nem um pouco descabida. Em Chamonix, 1924, não houve a menor dúvida do posto que a façanha do Everest superava de longe a todas as outras.

Mas a partir de 1928 tivemos de renunciar à entrega deste prêmio de alpinismo e já disse antes que, em minha opinião, cometeu-se nesse aspecto um erro gravíssimo.

A Conferência de Esportes Equestres foi convocada por meio de um convite especial dirigido aos ministros da Guerra. Não dá para perder de vista que todas essas conferências tinham um caráter consultivo, pelo que sua missão consistia em aplainar o terreno tanto para os membros do COI quanto aos congressistas, quando se tratasse de assuntos relacionados com uma ou outra assembleia. A propósito das provas equestres da Vª. Olimpíada (Estocolmo de 1912) ressaltai já o esplendor que revestiu aquela parte do programa graças ao zelo e a competência do Conde de Rosen, mas que toda aquela ostentação tinha um caráter exclusivamente militar.

Tratava-se de um êxito infalível porque, salvo a caça a cavalo e o polo, esportes caros que somente podem ser praticados por um círculo restrito de milionários, a equitação civil tende cada dia mais a ser eclipsada pela equitação militar. Exceituando alguns países onde o cavalo é verdadeiramente popular, regiões coloniais nas quais se dedica ao transporte, ou territórios como a Califórnia, com uma larga tradição a respeito, o esporte hípico sempre foi prejudicado por dificuldades de organização, que não teriam razão de ser se o poder público interviesse em tal assunto com clareza e decididamente, mas esta intervenção jamais foi realizada na medida e no sistema necessários. É para mim totalmente impossível fazer aqui um exame da questão, o que exigiria muito tempo. Durante mais de vinte e cinco anos, não cansei de chamar a atenção sobre ela com artigos e iniciativas de toda índole, mas sempre dirigidas para o mesmo fim, a saber: a difusão do esporte equestre entre os “não iniciados”, ou seja, os que carecem de recursos para ter um cavalo próprio. A esse respeito obtive incessantes apoios, desde o *rough rider* Theodore Roosevelt, até aquele refinado cavaleiro que foi o Conde Maurice de Cossé-Brissac; mas quando se trata de realizações práticas sempre surgem mal querências mais ou menos inconscientes, como se fosse necessário abandonar um privilégio de casta, renunciar a um feudalismo precioso. Parece-me ainda ouvir o eco das aclamações que coroavam determinados discursos no banquete dos Jogos Equestres de 1912, em Estocolmo. Ali estavam todos, os príncipes, os grandes duques, os chefes de missão, os participantes nos concursos. Todos pareciam estar de acordo... mas a verdade era outra. Em seu conceito de equitação, os cavaleiros da Idade Média eram menos aristocráticos

que seus sucessores de hoje. Na Conferência de 1921, da qual participavam, entre outros, o general italiano Bellotti e o general belga Joostens, não consegui que se chegasse a um acordo efetivo sobre alguma das minhas propostas; somente algumas delas o obtiveram com vistas ao futuro, e consegui como mal menor que se publicasse uma nota resumida das mesmas, como anexo da ata das sessões. O programa Olímpico equestre permaneceu como estava, pelo menos a título provisório, mas essas interinidades duram indefinidamente.

Paul Rousseau não foi mais bem sucedido para criar sua super-federação. Como fruto da assembleia foi acertado unicamente organizar um *Bureau des Fédérations Internationales* ao qual se limitavam com espírito mesquinho os direitos de intervenção e os recursos para subsistência.

Não sei se este novo organismo podia dar de si tudo o que ambicionava seu promotor, mas desde o ponto de vista Olímpico teria prestado serviços excelentes ao COI tirando-lhe o peso de uma atividade cada vez mais complexa, cuja responsabilidade sempre desejei com verdadeira ilusão que passasse um dia para outras mãos. Em todo caso, o Congresso de Federações Internacionais, tanto na primeira sessão, que presidi a pedido dos organizadores, quanto no banquete de encerramento, demonstrou que entre elas e o COI a era das incompreensões havia passado para a história.

O congresso Olímpico propriamente dito, para o qual designei como presidente, em função de meus direitos, o nosso colega sueco J.S. Edström, foi muito movimentado, e em alguns momentos tempestuoso. Ao mesmo, Edström entregou-se totalmente, com sua habilidade inteligente... e uma força autoritária que me fez sorrir pensando nas reprovações de autoritarismo das quais eu havia sido acusado em determinadas ocasiões. A atmosfera era muito distinta daquela do congresso de 1914, apesar das influências tranquilizantes do ambiente do distrito de Vaud. A ação dos anos de guerra, ainda tão próximos, fazia-se notar positivamente. Os nacionalismos exasperavam-se por qualquer causa, e enquanto em 1914 nos havíamos reunido com o desejo de elaborar uma legislação Olímpica permanente, nesta ocasião predominava a ideia de instabilidade geral. Já desde o início se falou de um novo congresso para 1925, que poderia se dedicar a revisar os acordos de 1921, ou seja, um estado de autêntico desânimo, justificado em certa medida pelas circunstâncias. Tão logo foi aberto, o congresso definiu as sedes dos futuros Jogos como desejávamos. Já na primeira sessão, realizada na tarde de 2 de junho, o COI fez sua a minha demanda, atribuindo a Paris e a Amsterdã a realização da VIIIª. e da IXª. Olimpíadas.

Este acordo foi estabelecido ao aprovar a proposta de Guth-Jarkovsky, apoiado por Baillet-Latour e Polignac. Coloca em debate por pura formalidade, a votação resultou em idêntica maioria favorável à dupla atribuição. Eu me abstive posto que nunca como naquela ocasião podia coagir a liberdade de voto, e teria sido realmente lamentável privar Amsterdã – que por espírito esportivo e boa amizade internacional já havia desistido em favor da Antuérpia, e agora em 1921 em favor de Paris, em termos que me afetaram vivamente – de uma satisfação a tanto tempo acalentada e reclamada com tanta legitimidade. Quanto a Paris, todos estavam de acordo. Também o teriam estado para Amsterdã, se não tivessem aparecido, à medida em que se aproximava o congresso, sinais de mau humor na Itália e de impaciência na América. Repentinamente Roma acreditou-se com méritos para aspirar aos Jogos de 1924

ou pelo menos para os de 1928, e Los Angeles, ao se ver preterida no mínimo até 1932, considerou excessiva a espera da opinião pública americana, habituada às realizações imediatas. De uma e outra parte surgiam campanhas jornalísticas, que poderiam ter sido organizadas por ocasião da minha carta de 17 de março, mas precisamente então ninguém disse esta boca é minha. A agitação italiana chegou a adquirir em poucos dias tal diapasão, que o subsecretário de Ensino Técnico, Gastão Vidal, acreditou ser prudente encontrar um substituto para o cargo de delegado do Comitê Olímpico Francês no congresso de Lausanne. Também nosso colega Montu, decidiu retirar-se rapidamente após a votação. Quanto aos delegados americanos, manifestaram certa ojeriza que não sabiam como exteriorizar, mas que era, sem dúvida, completamente injustificada.

Após os acontecimentos de 1901 e 1905 (transferência dos Jogos de 1904 e 1908 de Chicago a Saint Louis e de Roma a Londres), o COI decidiu que no futuro somente seriam consideradas as candidaturas apoiadas respaldadas por uma organização já solidamente preparada, e por compromissos financeiros que tivessem a máxima garantia. Tal havia sido o caso para Estocolmo, Berlim e Antuérpia, e assim seria também para Amsterdã. Roma, ao contrário, não apresentava nenhuma garantia; carecia de recursos e de Comitê constituído. E além de todos estes argumentos era preciso acrescentar outro ainda mais importante naqueles tempos instáveis do pós-guerra, quando minha retirada ia se consumir em caráter definitivo, e era a preocupação que impedia a todos de assegurar o futuro imediato com uma base de solidez e estabilidade a fim de aplainar o caminho ao meu sucessor, quem quer que fosse, durante os primeiros tempos de seu mandato presidencial.

Com esta mesma finalidade, e sob o pretexto de que iria realizar uma longa viagem, fiz aprovar pelo COI a criação de uma Comissão Executiva, que na realidade não era outra coisa que o “Bureau” ampliado, ou seja, consagração de direito de um efetivo estado de coisas. A Comissão designada começaria a funcionar em 1 de outubro de 1921, e era formada por de Blonay, Guth-Jarkovsky, Baillet-Latour, Edström e Pognac.

Em Lausanne foram assentadas algumas bases sem muitas complicações e de forma bem incoerente. A organização material foi excelente, graças às autoridades locais e também ao zelo do comissário geral, meu amigo Eugène Monod, laureado no Congresso de Arquitetura de 1911. Tínhamos três anos para preparar os Jogos da VIIIª. Olimpíada, “os mais belos e perfeitos jamais realizados até então”.

Esta era a ambição dos organizadores, que acreditavam de boa fé em um sucesso completo.

Memórias Olímpicas,
cap. XVIII, Lausanne: COI, 1997, p. 184-193.

4.2.2/38 UM ESTÁDIO E SEIS MINISTÉRIOS

“Suas esperanças logo foram frustradas”. Este foi o título humorístico de um artigo publicado na primeira página do *Oeuvre*, no qual seu autor, Robert de Jouvenel, explica a aventura. Na verdade, num breve período de tempo, os Jogos Olímpicos se transformaram em proa de uma hidra administrativa de seis cabeças: os departamentos do Interior, Assuntos Exteriores, Guerra e Instrução Pública estavam automaticamente envolvidos na empresa, e também a Prefeitura de Paris. E porque devia-se recorrer ao departamento de Agricultura para os terrenos onde o Comitê Olímpico Francês projetava construir seu estádio, os implicados no momento eram seis. Desde 27 de junho de 1921, tão logo encerrado o congresso de Lausanne, o Conde Jean de Castellane apresentara na Prefeitura, da qual fazia parte, uma proposta, precedida de um breve e claríssimo informativo, que era suficiente para o fim proposto, a saber: de preparação dos Jogos orientada diretamente para essa meta, sem segunda intenção sobre vantagens pessoais ou interesses particulares. Mas não era esse o caso. Se repassamos o documento inicial que acabo de citar e que serviu de base para a ata da sessão do Conselho de 11 de março de 1922, tal como se encontra no *Bulletin Officiel Municipal* de 12 de março, veremos o alvoroço espantoso que, em oito meses, armou um tema tão simples, mas complicado com outro que não era tanto. Segundo informava Castellane, estava previsto um estádio para 80.000 lugares, uma instalação para os esportes náuticos e outra para os esportes de combate, com aproximadamente 15.000 lugares. Além disso, eles teriam de providenciar o acesso e transporte adequado e, finalmente, estimar os créditos totais necessários, depois bastaria colocar os fundos à disposição do Comitê Olímpico Francês atribuindo-lhe a tarefa de controle em nome do Estado e da cidade, associados pelo duplo compromisso de créditos solidários. A Câmara estava disposta a votar tais créditos. O município também estava disposto se não entrasse em jogo a preocupação de se aproveitar aquela oportunidade para construções permanentes. Quem conhece Paris, seus distritos, sua organização administrativa, o espírito de sua burocracia, a situação dos subúrbios, etc., sabe muito bem a influência profundamente distinta que requer qualquer projeto de edificação, caso tenha caráter transitório ou permanente. Neste último caso, os interesses, para não dizer os desejos, se manifestam com tal violência que apagam por completo o ponto de partida e a finalidade perseguida.

E foi isso que aconteceu precisamente na circunstância que nos ocupa. De dezembro de 1921 até abril de 1922 a situação foi piorando sem cessar, e em meados de março as coisas apresentavam uma aparência tão alarmante que o Comitê Olímpico Francês pensou seriamente em renunciar a sua tarefa. No COI já estávamos de sobre aviso da manobra, e embora eu jamais tenha imaginado que o conflito alcançaria tal dimensão, conhecia muito bem minha cidade natal, na qual havia vivido mais de sessenta anos, para que nada me tomasse de surpresa. Por isso estava tacitamente de acordo com Los Angeles, onde um de nossos novos colegas americanos, W. M. Garland, residia e tinha ali grande influência. Na urbe californiana estava quase concluído o enorme estádio, cuja construção iniciou quando se vislumbrou a possibilidade de realizar nele algum dia uma Olimpíada. Preparava-se uma reunião pré-Olímpica para sua inauguração, em 1923, razão pela qual era relativamente fácil, em caso de necessidade, postergá-lo para 1924, transformando-a em autênticos

Jogos Olímpicos. Isso era o que eu me permitia presenciar com aparente serenidade o que se passava em Paris e responder com evasivas aos repórteres que vinham me entrevistar, cujo número ia se multiplicando sem se preocupar muito pelo curso dos acontecimentos. O Conde Clary, presidente interino do Comitê Olímpico Francês, e Frantz-Reichel, que exercia com verdadeira vocação o cargo de Secretário General me deixavam informado, durante aquela crise, dos menores incidentes. O arquivo de suas cartas é muito instrutivo. Um dia, o prefeito do Sena leu na prefeitura um fragmento de uma carta confidencial minha a Poincaré, então ministro de Assuntos Exteriores, cuja odisséia desde o Quai d'Orsay à Prefeitura, sem que o destinatário soubesse, jamais pôde ficar claro. O município patinava cada vez mais. Um dos vereadores propunha convidar os Sokols, o que constituiria uma das principais atrações dos Jogos Olímpicos!

Finalmente, o governo tomou pé da situação evitando o naufrágio. O presidente da República, Millerand, demonstrou grande interesse para com os Jogos e não podia permitir o fracasso da capital francesa quando o mesmo incentivou o Comitê Olímpico Francês para que apresentasse sua candidatura. O presidente do conselho Raymond Poincaré estava por azar excessivamente preocupado com os problemas políticos para nos dedicar a devida atenção e, no entanto, uma só palavra dele teria bastado para colocar em marcha todo aquele complexo. Mas por fim começou a mover-se ainda que lentamente e foi decidida a construção do estádio... em Colombes. Se eu tivesse mandado, não se teria construído em nenhum dos lugares previstos, posto que havia outro no centro de Paris que apresentava vantagens muito maiores. Em frente à Escola Militar, no Campo de Marte, o desaparecimento da famosa “Galeria das máquinas” de 1889 deixava livre uma esplanada cuja sorte estava indubitavelmente lançada e não se construiria ali tão logo nenhum edifício permanente a fim de deixar livre uma das mais belas perspectivas parisienses. Dispor daquele terreno para o breve período dos Jogos Olímpicos, não trazia inconveniente algum. Naquela época, a Escola Militar, com suas construções enormes, seus espaços, seus pátios, estava quase desabitada. Fui vê-la para me pôr ao par de algumas coisas e tomar algumas medidas. Que lugar estupendo para desportistas poderem se instalar ali! Os gastos se reduziriam consideravelmente, sem contar que em nenhum outro lugar os transportes seriam mais fáceis, posto que podiam se prolongar até ali as linhas de trens, metrô e ônibus. Sob qualquer outro ponto de vista, esta solução superava todas as outras, mas não era da incumbência do COI intervir nem fazer prevalecer sua opinião. Fiz o que pude da minha parte para recomendá-la oficiosamente, porém sem sucesso.

Na primavera de 1922, o COI devia realizar sua sessão em Paris. Quando nos reunimos, a crise estava quase conjurada. Havíamos concordado em realizar uma sessão exclusivamente de trabalho, sem as festas habituais, que na verdade ficaram reduzidas a um almoço oferecido pelo Comitê francês, uma recepção íntima no Eliseu e uma refeição típica na qual nosso colega Glandaz mostrou uma cordial hospitalidade sobre a famosa “*péniche du marechal Joffre*”, uma embarcação amarrada perto da ponte da Concórdia, que se havia transformado num dos restaurantes da moda por sua reputação gastronômica, certamente merecida.

O COI havia aumentado seus efetivos com novos membros: o general Sherrill, pelos Estados Unidos; o doutor Alvear, pela República Argentina, que logo se torna-

ria chefe daquele Estado, dispensando-nos a honra de permanecer em nossa equipe; o coronel Kentish, pela Inglaterra; o barão de Güell, pela Espanha; J. J. Keane, pela Irlanda; o príncipe Lubomirski, pela Polônia, e o doutor Ghigliani, pelo Uruguai. O COI contava com 54 membros, pertencentes a quarenta e dois países.

A principal tarefa da reunião de 1922 consistiu em adaptar os novos mecanismos de trabalho e acrescentar algumas modificações necessárias aos textos do regulamento. A Comissão Executiva havia se reunido antes, e seus poderes e funções ficaram concretamente definidos. As principais modificações introduzidas nos estatutos do COI foram as seguintes: criação da Comissão Executiva com sede em Lausanne; designação do francês como idioma oficial do secretariado, e redução dos poderes presidenciais de dez para oito anos. Sobre esses poderes, creio que não expliquei ainda como foram modificados radicalmente em 1901. Em 1 de janeiro daquele ano, deviam passar às mãos do meu colega americano, W. M. Sloane. O regulamento que fiz aprovar em 1894 previa esta transmissão quadrianual, o que supunha ter chegado a um acordo sobre o lugar da realização dos Jogos seguintes. Naquela ocasião não tínhamos nenhuma dúvida de que a próxima Olimpíada seria realizada nos Estados Unidos, mas a iniciativa de Chicago somente começava a se esboçar. A demanda oficial não havia sido formulada e, por conseguinte, não havia acordo a respeito. Sloane não quis se aproveitar de modo algum de tal circunstância, mas enfocou o assunto em termos gerais e, inclusive sem me comunicar previamente seus projetos, surpreendeu o COI com uma proposta de modificação os estatutos declarando que, em sua opinião, o único meio de garantir a força e a fecundidade da obra Olímpica residia numa presidência estável e prolongada de dez anos, e consequentemente renunciava a me substituir. A adesão unânime dos nossos colegas teria me obrigado a ceder embora não tivesse estado de acordo, naqueles tempos difíceis, com a verdade e a lógica dos argumentos apresentados. Assim se estabeleceu a “monarquia Olímpica”, segundo a batizaram alguns, e é muito chocante que tenha nascido graças à intervenção de um cidadão da mais democrática das repúblicas. Minha presidência viu-se assim prolongada até 1907. Reeleito então, e depois outra vez em 1917, meu mandato não devia expirar até 1927. Mas como estava decidido a me retirar após os Jogos de 1924, meus colegas concordaram que meu sucessor seria eleito para um período de duas Olimpíadas, ou seja, oito anos, e que exerceria o mandato presidencial quando assumisse as funções. Nesse sentido, 1925 seria uma data favorável, um ano após os Jogos e três anos antes dos seguintes, e este foi o motivo pelo qual aceitei permanecer no meu posto até aquele ano.

Memórias Olímpicas,
cap. XIX, Lausanne: COI, 1997, pp. 194-199.

4.2.2/39 NO CAPITÓLIO ROMANO (1923)

Também tínhamos em Roma um divórcio a realizar após do ocorrido em 1906. As pequenas nuvens escuras surgidas em 1921 em Lausanne haviam se dissipado, razão pela qual tive um grande interesse em garantir que a sessão de 1923 resultasse realmente brilhante. Nossos colegas o coronel Montu e o marquês Guglielmi foram incansáveis para conseguir isso, e o sucesso foi magnífico. A sessão patrocinada pelo Rei e pela Rainha da Itália foi aberta na grande sala do Capitólio em 7 de abril de 1923 na presença do soberano, acompanhado pelos presidentes da Câmara e do Senado, os secretários de Assuntos Exteriores e de Belas Artes, o prefeito de Roma e numerosos convidados. Foi encerrada em 12 de abril. Os membros do COI levaram consigo uma grata e profunda lembrança da recepção real no Quirinal; da festa oferecida no Palácio Rospigliosi pelos marqueses de Guglielmi, e do banquete no Aventino, oferecido por Montu, em cujo transcurso foi apresentado o maravilhoso espetáculo das ruínas no palácio dos Césares. Também foram ao Vaticano, onde ao longo de uma demorada audiência prévia, seu presidente havia recebido de parte do Papa Pio XI palavras alentadoras de simpatia benevolente para o Olimpismo. Também apreciaram a hospitalidade da Associação Nacional de Turismo e do Comitê Olímpico Nacional Italiano. E quanto ao aspecto prático, tiveram a satisfação de ter realizado uma atividade importante no transcurso das numerosas sessões de trabalho.

Foram revisados muitos detalhes sobre os próximos Jogos, mas os principais assuntos foram as participações alemã e russa, os Jogos “regionais”, a propaganda na América do Sul e, finalmente, a conquista desportiva da África. A questão alemã foi solucionada muito simplesmente porque, por um lado, jamais se consumou ruptura alguma, e por outro, os membros alemães do COI haviam desaparecido. O secretário geral designado para a organização da VIª. Olimpíada (Berlim 1916) e que, como tal, participou ativamente nas deliberações de junho de 1914 em Paris, foi convidado para ir a Roma para deliberar com o COI sobre a eleição de novos membros, mas por causa de um mal-entendido não chegou a tempo, e no transcurso da sessão seguinte puderam ser eleitos finalmente os novos membros Lewald e O. Ruperti. Nossos colegas búlgaro, turco e os dois húngaros já haviam tomado novamente posse em seus cargos e eram, respectivamente, Stancioff, Selim Sirry Bey, o conde Geza Andrassy e J. de Musza. Restava por ocupar a vaga austríaca, para a qual não se havia apresentado nenhuma candidatura. Desta vez o COI pode aprovar a solução que pouco acertadamente recusou em 1921 em Lausanne, baseada no princípio duplo de manter, por um lado, a ideia integral e permanente do universalismo, e por outra, sua não intervenção no que se refere a emitir os convites, cuja total responsabilidade cabia às autoridades do país organizador dos Jogos.

Depois da Alemanha, Rússia; com autêntica emoção escutamos o relato do nosso colega, príncipe Leon Ouroussoff, ex-diplomata, expondo o caso de seus compatriotas divididos em dois grupos, para os quais solicitava, como total liberalismo, igualdade de direitos para participar dos Jogos de Paris: equipes soviéticas e equipes de sociedades desportivas de emigrados deviam ser admitidas em pé de igualdade. Sempre lamentei o modo como foi enfocada e rechaçada sua proposta, com pretexto “administrativo”. Ninguém conhecia, melhor que eu, as dificuldades de ordem prática que originaria aquela proposta, cuja aplicação apresentaria problemas tal-

vez insolúveis. Mas penso também que o COI honrou a si mesmo manifestando um vivíssimo interesse pela proposta, que transmitiu mais tarde ao governo francês, acompanhada de um comentário favorável.

A situação dos armênios era muito diferente, reclamando também sua admissão através de uma sociedade integrada por jovens imigrados. No momento, a Armênia não era mais que uma esperança e uma lembrança no coração de seus fiéis, e não podia reclamar um papel preponderante dentro da “geografia desportiva, como outrora o fizeram a Boêmia ou a Finlândia. As outras questões nacionais estavam resolvidas. O Estado Livre da Irlanda estava representado na sessão pela segunda vez. Seus documentos em língua céltica, que acompanhavam o texto inglês, tinham um ar deliciosamente arcaico. A criação do reino iugoslavo havia solucionado *ipso facto* a questão croata, e o governo americano acedeu com liberalidade ao desejo das Filipinas, cuja delegação pedia para marchar unida atrás de sua bandeira no desfile Olímpico. Às vésperas dos Jogos de Paris, o COI alcançaria os 62 membros e 45 Estados. O “pequeno velho irmão Lausanne”, já crescido, superava no momento em efetivos à “grande jovem irmã Genebra”.

Dentre o grande número de projetos surgidos após a guerra, voltados para a criação dos Jogos “regionais”, não havia nenhuma perspectiva, o que me deixava satisfeito, porque nunca vi neles nada de verdadeiramente fecundo, de tal modo que me pareceu prudente deixar que o movimento se fosse desgastando por si mesmo. Subsistiam somente os Jogos do Extremo Oriente, realizados agora sob o nosso patrocínio. Respondiam a uma verdadeira necessidade. Afora eles, atraía unicamente minha atenção o projeto de Jogos Africanos, dos quais falarei em seguida, e também os Sul Americanos, iniciados um ano antes (1922) pelo Brasil por ocasião das festas do centenário de sua independência. Não somente foram postos sob o patrocínio do COI, mas também o governo brasileiro me fez chegar um convite para presidi-los, convite que em princípio aceitei. No entanto, determinadas circunstâncias me impediram de preparar a viagem com a devida antecedência, e o conde Baillet-Latour aceitou me substituir. Durante um longo périplo através da maior parte do continente Sul Americano, o delegado do COI não somente foi objeto da mais calorosa acolhida frente à missão que ali chegava, mas também pôde se dedicar de maneira positiva a ganhar para o Olimpismo aqueles países novos e repletos de ambições desportivas ainda insatisfeitas. Ele também pôde, por sua vez, aplinar dificuldades, apaziguar conflitos, resolver assuntos espinhosos. Os Jogos do Rio podiam ou não se perpetuar até se transformar numa instituição verdadeiramente estável, mas existia um interesse claro para organizá-los no futuro, em benefício de outras cidades mais afastadas entre si que da própria Europa, por culpa da insuficiência dos transportes. Era preciso mobilizar centros pilotos como a Cidade do México. Havana, Santiago, Montevideo, Buenos Aires, como polos de atração onde poderiam se reunir os desportistas dos povos vizinhos, tanto da América Central como da América do Sul. Também ali poderia se organizar um excelente “*Kindergarten* Olímpico”, segundo a expressão usada em Manila.

O conde Baillet prestou contas ao COI daquela longa viagem e da atividade ímproba desenvolvida em seu nome; seu relato recebeu aplausos de todos. Obrigado a abreviar sua viagem, ele não pôde regressar pela Califórnia e pelo Japão, onde deveria presidir os Jogos do Extremo Oriente, realizados desta vez em Osaka. Também



Inauguração em 1923 da XXII Sessão do COI em Roma, na sala do Capitólio e na presença do rei Vitorio Emanuel III da Itália. Coubertin proclamou com entusiasmo: “Hoje devemos perfilar o primeiro passo da batalha final que temos de lutar se queremos completar a conquista desportiva do mundo”. (Arquivos do COI)

era aguardado com grande impaciência em Los Angeles, cujo estádio estava quase pronto, posto que graças a ele alimentavam a certeza quase absoluta de sediar os Jogos de 1932, pois os da VIIIª. e da IXª. Olimpíada já tinham sido concedidos. De minha parte, estava disposto a confirmar o gesto esboçado em Lausanne dois anos antes, e assegurar o futuro inclusive mais além dos horizontes atuais. Além do zelo e do entusiasmo de seu advogado, nosso colega W. M. Garland, Los Angeles contava com três trunfos importantes: primeiramente, o avançado estado de seus preparativos Olímpicos, o que constituía uma preciosa garantia de sucesso; depois sua situação privilegiada quanto a eventuais acontecimentos políticos ou sociais, perigo evidente que poderia se apresentar e cuja ameaça me preocupava num grau elevado, como se pode comprovar no conjunto de artigos, sob o título geral “Para onde vai a Europa?”, que publiquei exatamente em 1923 num jornal suíço. Finalmente, já havia soado a hora de testemunhar à juventude desportiva dos Estados Unidos nosso reconhecimento pelo esforço realizado a partir de Atenas e por sua participação sempre numerosa e brilhante em todos os Jogos.

Este triplo motivo fez com que os membros do COI se pronunciassem por unanimidade em favor de Los Angeles como sede da Xª. Olimpíada.

Nossas sessões estiveram repletas de discussões interessantes, cujos detalhes devo renunciar de apresentar aqui. É preciso advertir que, contudo, após o desaparecimento da *Revue Olympique*, as atas da sessão anual foram todas publicadas em folhetos especiais que nosso colega Albert Glandaz editava generosamente às suas custas, razão pela qual tais textos podem ser encontrados em todo o mundo. O tema dos jornais perdidos deu lugar a uma série de escaramuças prévias que mais tarde seriam reproduzidas com mais força mas sem degenerar em batalhas: porque é digno de nota e elogio o fato de que, desde sua criação, o COI jamais conheceu a menor disputa; disputas que não são grande coisa, mas que sempre deixam algum ressentimento.

mento entre seus protagonistas. Não vou insistir sobre esta nova faceta do problema do amorismo, que já tratei num capítulo precedente. No “jornal perdido” cristalizava-se o conflito fatal entre as tendências modernistas dos meios que evoluíam e o conservadorismo intransigente da velha fórmula desportiva inglesa. Ninguém era mais decididamente defensor da doutrina do esporte puro que o reverendo Laffan, e no entanto, este grande inglês, que conhecia profundamente o sentido da história, buscava a todo custo naquela circunstância como levar a bom termo a manhã de uma evolução social, frente a qual ele tinha pleno convencimento de que seria completamente inútil contrapor tão somente a fragilidade do tradicional *non possumus*.

Ainda me resta o tema daquela “conquista da África” que me mantinha em suspense no final da minha carreira Olímpica e constituía ao mesmo tempo um dos aspectos mais atuais da questão colonial.

No discurso dirigido ao rei Vitório Emanuel na sessão de abertura da reunião do COI no Capitólio, encontravam-se estas palavras: “E talvez parecerá prematuro sonhar com a implantação, num continente retardatário, entre povos que ainda carecem da cultura mais elementar, do princípio das disputas desportivas, e particularmente presunçoso esperar daquela extensão um reforço adequado para acelerar naqueles territórios a marcha da civilização. Reflitamos, no entanto, sobre o tormento da alma africana. Forças latentes, preguiça individual e uma espécie de necessidade coletiva de ação; rancores sem fim, invejas contra o homem branco e, no entanto, vontade de imitá-lo e assim compartilhar seus privilégios – interesses contraditórios de submeter-se a uma disciplina e de libertar-se dela – em meio a uma malemolência que tem sem dúvida seu encanto, o súbito irromper de violências ancestrais... tais são, entre muitas outras, algumas das características destas raças que tanto chamam a atenção de nossas novas gerações. Estas, precisamente, têm recebido grandes benefícios do esporte, que as tem fortalecido e lhes tem proporcionado o gozo saudável da aplicação muscular e um pouco deste fatalismo razoável próprio dos seres enérgicos, ou seja, a evidência do esforço realizado. Mas se o esporte dá forças, também tranquiliza e tonifica. Fazendo dele um meio e não um fim, nos proporciona equilíbrio e ilumina nossa mente. Não duvidemos, portanto, em entregar-lhe sua parte africana. Vários delegados vieram para cá com plenos poderes, e estão entre nós para nos falar disso...”.

Na verdade, à margem da sessão do COI se reuniu uma comissão consultiva da qual participaram um representante do ministério italiano de Colonias, delegados da Argélia, Marrocos, Tunísia, e o coronel Sée, portador de uma mensagem especial do Marechal Lyautey, então general residente. Nosso colega português, Conde de Penha-García, também trazia a adesão de seu país. Não vou detalhar as deliberações, mas sim o desejo de fazer constar em grandes linhas, para não voltar logo ao tema, qual foi o destino da iniciativa, destino provisório sem dúvida, posto que estou convencido que se insistirá no plano. Este plano projetava realizar a cada dois anos, na periferia do enorme continente, os “Jogos Africanos” à base de um programa muito restrito para começar e que, naturalmente, deveriam ter um caráter quase exclusivamente regional. Eu queria que fossem reservados somente aos aborígenes. Mas se considerou conveniente acrescentar competições para os colonos que estivessem residindo pelo menos a dois anos no país. Este ponto de vista era bastante razoável, mas complicava a implementação. As cidades reconhecidas como aptas para receber os primeiro Jogos fora as seguintes: Túnis, Rabat,

Casablanca, Dakar, pela África francesa; Trípoli, Bengasi e Asmara, pelas possessões italianas; Libreville, no Congo Belga; Luanda e Sumac, pela África portuguesa; Cidade do Cabo e Nairóbi, pelo sul da África. Cometi o duplo erro de considerar oportuna uma inauguração solene e muito prestigiosa em Argel no ano de 1925, e convencer além disso ao COI de que assim devia ser. Esta decisão encontrou em seguida eco favorável na Argélia, e o próprio governador geral, Th. Steeg, se interessou pelos Jogos. Porém não tardou em enfrentar uma oposição tanto mais temível quanto mais carecia de precisão e finalidades concretas. Tratava-se principalmente de perder tempo e torpedear nossos bons desejos. Eram em todo caso rivalidades pessoais, sempre de ordem administrativa. E graças a isso conseguiram atrasar a inauguração até 1929, e que Argel fosse substituída por Alexandria. Então as coisas se passaram de modo muito diferente, e se construiu um belo estádio. Nosso colega para o Egito, Ângelo Bolanaki, entregou-se à empresa com um ardor e uma generosidade que realçava sua competência, imediatamente reconhecida por todos... mas no *último momento*, uma manobra política inglesa, à qual a França prestou seu apoio, tornou estéril todo o esforço realizado e o rei Fuad teve de inaugurar o magnífico estádio de Alexandria de modo discreto e em plano local. Não posso me estender sobre assunto tão desagradável porque, quando aconteceu, eu já havia deixado a presidência do COI. Mas no fundo de tudo isso encontraríamos sem dúvida alguma o núcleo essencial, a luta de espírito colonial contra a tendência de emancipar o aborígene, tendência cheia de perigos frente aos estados maiores da metrópole. Os argumentos esgrimidos seriam indubitavelmente válidos..., outrora, porém pertenciam a um passado morto. Na verdade, já faz muito tempo que não tem força alguma. A *Revue Olympique* havia desenvolvido o tema apaixonante “Missão do esporte na colonização” em um número de janeiro de 1912. Vinte anos depois, acreditei de boa fé na evolução suficiente dos espíritos para passar à prática, mas pelo visto o fruto ainda não estava pronto. No entanto, acredito que no momento atual deve estar quase maduro e estou plenamente convencido que a África desportiva se organizará muito em breve apesar de tudo, possivelmente de forma mais deficiente que se a Europa tivesse sabido tomar, em tempo oportuno, a direção do movimento. Restava, em todo caso, a “Medalha Africana”, anualmente colocada à disposição de chefes de serviço, das missões, etc., para estimular os exercícios desportivos. Sem dúvida, isso já era algo, enquanto não chegavam tempos melhores. Representa um negro lançando um dardo, e na parte de trás, figura entre bambus esta inscrição em latim, porque a África é poliglota tanto para os colonos como para os aborígenes: *Athletae proprium est se ipsum noscere, ducere et vincere*. Conhecer-se, dominar-se, vencer-se, eterna beleza do esporte, aspirações fundamentais do autêntico desportistas e premissas de seu sucesso.

Memórias Olímpicas,
cap. XX, Lausanne: COI, 1997, pp. 200-207.

4.2.2/40 – 4.2.2/41 INTRODUÇÃO

Os dois textos seguintes tratam dos VIII Jogos Olímpicos de 1924 em Paris. Coubertin oferece um relato positivo do desenvolvimento de Jogos de Paris em 1924 no capítulo “A oitava Olimpíada (Paris 1924)” de suas *Memórias Olímpicas*. No último parágrafo fala de sua saída do COI, que havia anunciado para 1925, e de suas últimas atividades. Sua proposta de criação de um Comitê técnico para os Jogos Olímpicos, composto por três membros do COI, seis representantes dos CON e seis das federações internacionais, foi aceito em novembro de 1924 pelo Comitê executivo.

O segundo texto é o discurso de agradecimento de Coubertin em 24 de junho de 1924 na Prefeitura de Paris dirigido ao intendente e aos prefeitos. Nele, Coubertin, inclui Paris, sua cidade natal, no epicentro da história ocidental. Os problemas de organização são esquecidos, em primeiro plano fica o agradecimento.

4.2.2/40 A OITAVA OLIMPÍADA (PARIS 1924)

Os Jogos da VIIIª. Olimpíada foram inaugurados em Chamonix em fevereiro de 1924, e este prefácio branco foi um sucesso em todos os sentidos, apaziguando rancores e enfraquecendo os preconceitos escandinavos, cujos campeões – diga-se de passagem – se distinguiram notadamente. O degelo (que sempre será o grande “*drawback*” dos Jogos de Inverno e Saint Moritz pôde constar isso quatro anos depois) cedeu seu lugar na véspera da abertura a um frio intenso e penetrante. Teve espetáculos de grande beleza, como o encontro de hóquei sobre o gelo entre Canadá e Estados Unidos. Teve também um minuto emocionante, o que vivemos quando foi outorgada ao pé do Mont Blanc a medalha alpina a um dos chefes da famosa equipe do monte Everest, que jurou, em nome do valoroso povo inglês conjurado para a grande empresa, depositá-la um dia no pico mais alto do Himalaia. Em suma, esta primeira semana parecia um bom presságio para o futuro dos Jogos de Inverno e também para a organização Olímpica francesa.

Infelizmente, quatro meses depois produziu-se em Paris um novo desencanto. Pelo visto, os acontecimentos de 1922 deviam provocar infalivelmente uma repercussão prolongada e, até certo ponto, irreparável. Os obstáculos e a burocracia administrativa excederam a tudo o que se poderia imaginar. A paciência e a perseverança dos organizadores foram verdadeiramente extraordinárias; é um dever de estrita justiça reconhecê-lo aqui publicamente, e gostaria de estender este reconhecimento aos estrangeiros, cuja participação revestiu de fato o caráter de uma bela homenagem a França, mas nosso governo não soube entender nem tirou disso proveito algum. Um jovem empregado, subalterno de um serviço estatal me dizia modestamente: “Eu não posso opinar senão como homem comum, mas mesmo assim estou convencido de que o poder público não soube nem de longe aproveitar todas as vantagens que podiam tirar desta Olimpíada”. Que bela visão, e quão estupendamente resumia essa crítica as faltas cometidas! Não é este o lugar apropriado para expor e apreciar tais detalhes, que nos levariam a um estudo em profundidade sobre o estado de espírito dos dirigentes e da opinião pública da França, o que me levou a denominar “a vitória sem cabeça” num capítulo de minhas “outras” memórias, ainda inéditas.

Que bela ocasião para dirigir-se à juventude do mundo reunida em Paris e oferecer-lhe o ramo de oliveira da paz, coroado pela glória recente! Que ponto de partida para a nova era, tão desejada por todos os povos! Mas é inútil insistir agora com lamentos estéreis. Mas vale relatar simplesmente o que ocorreu durante aquele período Olímpico parisiense, anotando e sublinhando os fatos dignos de nota.

Indicarei primeiramente o bom humor dos participantes, referindo o belo exemplo dado por dois augustos personagens: o presidente Doumergue e o príncipe de Gales, cujos sorrisos transformaram-se imediatamente em lendas. Mas como tratamos do esporte, começarei pelos atletas. Aqueles que os criticam continuamente como entes dominados por complexos difíceis de satisfazer demonstram conhece-los muito pouco, sobretudo porque desconhecem os contínuos motivos de excitação produzidos numa circunstância tão solene como é a aglomeração, num lugar determinado, de alguns milhares de jovens para quem o louro Olímpico constitui sua suprema ambição muscular. Acrescente-se a isso o rigor do treinamento, os obstáculos superados, a aclimação física, o desacordo fatal entre a expectativa e a realidade, a má sorte, o nervosismo ante a próxima prova... Que sabeis, vós, disso tudo? Você, cavaleiro desconhecido, cujas opiniões simples e peremptórias são fabricadas em série de acordo com um informe prematuro e muitas vezes injusto (porque o jornalista, enviado especial, cuja missão tem tantas tretas, nem sempre resulta imparcial nem equilibrado), que sabe você do desperdício de vontade, de sangue frio, de domínio de si mesmo e de ajuda mútua generosa no ambiente desportivo? Tenha você pelo menos o pudor de homenagear a força do espírito desportivo, capaz de resistir às manifestações intemperantes desses espectadores, entre os quais talvez se encontre você, cavalheiro, que com frequência costuma falar para exaltar não a competição sadia e leal, mas a animosidade e os ciúmes doentios. Espectadores soltos, indiferentes e chatos ante as admiráveis proezas ginásticas ou náuticas que estão “fora de moda”, espectadores amontoados e histriônicos quando percebem que a técnica do futebol ou a luta de boxe prometem emoções sensacionais ou doentias. Diante desse tipo de público, quantas vezes os protagonistas da luta desportiva aparecem geralmente equilibrados e viris em seu porte e na serenidade da sua filosofia prática. Claro que existem muitas exceções. Mas a impressão de conjunto subsiste e de Estocolmo a Antuérpia, de Antuérpia a Paris, tem ampliado sua ação beneficente e alentadora. Em Paris, o exemplo dos bons desportistas se tem afirmado mais que nunca.

Somente após o presidente Gaston Doumergue haver se instalado no Eliseu, ao dirigir-se com sua escolta à Sorbonne para assistir a comemoração do XXX aniversário do restabelecimento dos Jogos Olímpicos. Ali recebeu um estojo que continha, uma ao lado da outra, duas medalhas; uma cunhada trinta anos antes na qual se liam estas palavras: “O Congresso Internacional de Paris anuncia o restabelecimento dos Jogos Olímpicos. 23 de junho de 1894”. E outra com idêntico motivo e a seguinte inscrição: “As nações unidas comemoram o trigésimo aniversário do Olimpismo renovado. 23 de junho de 1924”. Enquanto cumprimentávamos o chefe de Estado, meus colegas e eu evocamos muitas lembranças e, principalmente, a imagem da cerimônia de junho de 1914 às vésperas do cataclisma em cujo transcurso, e durante quatro anos, tantos jovens feitos para desfrutar da alegria do esporte, iam ser sacrificados; cerimônia muito parecida àquela que estávamos presenciando, como os coros, as bandas de música no grande átrio, as bandeiras Olímpicas, os discurs-

sos... tudo tão igual e, sem embargo, muitos detalhes demonstravam que a roda da história havia girado e que uma espécie de ansiedade coletiva tomava conta na esfera social, da tranquilidade e das convicções de uma época desaparecida.

À noite, o presidente ofereceu no Eliseu a primeira refeição importante em homenagem aos membros do COI aos quais se havia unido o intendente de Lausanne, enviado para representar na Sorbonne a cidade do Neo-Olimpismo. Na tarde do dia seguinte foi realizada uma esplêndida recepção na galeria de festas da Prefeitura, com representação teatral. A sessão do COI foi aberta em 25 de junho no Palácio do Louvre, nos suntuosos salões de gala do ministério da Fazenda. A assembleia reuniu-se em 25, 26, 27 e 28 de junho, e foi logo interrompida para que a Comissão Executiva, agora funcionando regularmente, pudesse preparar trabalhos distintos. A tarefa foi retomada em 7 de julho, até o dia 13, ou seja, dez sessões ao todo, participando delas alguns novos membros: Lorde Cadogan (Inglaterra), Kishi (Japão), Benavides (Perú) e Aldao (Argentina). Em 5 de julho foi realizada a inauguração solene dos Jogos no estádio, com a pompa habitual. Junto ao presidente da República, encontravam-se o príncipe regente da Etiópia; o príncipe Henry da Inglaterra; o príncipe Gustav Adolf da Suécia e os representantes do governo e do município de Paris. Pombas voaram, soou o canhão, os cânticos se elevaram enquanto era içada a gigantesca bandeira Olímpica, que devia tremular sobre o estádio até o encerramento. Pela manhã, havia-se celebrado em Notre Dame uma cerimônia lembrando a da Antuérpia, cuja “neutralidade” austera naquele cenário único se revestiu de uma majestade impressionante. O Ras Tafari, com sua enorme capa em forma de cone e seu grande chapéu não pode se encontrar com os atletas nos vestiários de Colombes, mas os jovens príncipes não faltaram ser nomeados. O príncipe de Gales gostava de falar com os campeões e não lhe escapava nenhum detalhe. Uma tarde, no gramado do estádio, consultava ansioso a hora, e me disse: “Há algum inglês inscrito nas corridas que faltam? Gostaria de jogar polo no Bois de Boulogne. Prometi isso, mas se há um inglês que ainda vai jogar, não posso ir”. Fui me informar: “Sim, Alteza. Há um”. E o príncipe renunciou ao seu polo, sem hesitar um momento, sem mostrar contrariedade. No grande banquete de duzentos convidados oferecido pela British Olympic Association e que ele presidia, apesar de estarem ali presentes embaixadores, ministros, o marechal Foch, etc., ele se levantou para oferecer um copo de champanhe para cada um dos doze “gaiteiros” que, após dar duas voltas no salão, postaram-se marcialmente atrás dele. Quando chegou a hora do brinde, dedicou o primeiro ao seu pai, o chefe de Estado francês e aos outros chefes de Estado das nações participantes. Ao sentar-se me disse: “Bom! Já vencemos o primeiro obstáculo...”. E pouco depois, levantando-se outra vez, proferiu um verdadeiro discurso para a glória do Olimpismo.

A simplicidade do príncipe Carol da Romênia não era menos impressionante. Vinha a Colombes dirigindo um automóvel aberto e geralmente acompanhado. Certa tarde ia sozinho. Um valente ordenança correu para me buscar na tribuna presidencial: “Senhor” – me disse –, “está aí um tipo que quer se fazer passar pelo príncipe herdeiro da Romênia. Deve ser um patife. Está sozinho em seu carro, que ele mesmo dirige. É preciso conduzi-lo até o comissariado, porque ele está infringindo a norma. Corri para lá. O príncipe estava encantado. “Por que você veio?” – me disse – “Iam me conduzir para o Comissariado, e teria sido tão divertido!” Certamente divertido para ele, mas não para os homens do corpo de guarda, a julgar por seus semblantes assustados.

Enquanto aconteciam com diversas alternativas os assaltos de esgrima, boxe ou luta, e no estádio as finais das corridas, saltos e lançamentos levantavam salvas de exclamações, e em outros cenários os nadadores, remadores e participantes no pentatlo moderno disputam a vitória, uma equipe silenciosa e atenta trabalha duro nos escritórios da rua Grammont para mover toda a maquinaria. Testemunha de seu labor tão desportivamente aceito e executado, considero um dever destacar isso aqui para aqueles que a compõe, encontrem aqui a manifestação da minha admiração e do meu reconhecimento. Ao mesmo tempo, quero sublinhar também a notória atividade do conde Clary, presidente do Comitê, e especialmente a chave mestra de todo aquele complexo, o infatigável e sempre jovem Frantz Reichel, a quem os membros do COI entregaram como homenagem um certificado assinado por todos eles.

O marquês de Polignac havia se especializado na organização dos concursos artísticos e, graças a ele, os de Paris foram por fim dignos do Olimpismo. Mas não contente com esse esforço, soube acrescentar ainda no teatro Champs Elysées uma “Sessão de arte da VIIIª. Olimpíada”. Em seu transcurso, os parisienses tiveram o prazer de se deleitar com nada menos que a Nona Sinfonia, que é, na minha opinião, a sinfonia Olímpica por excelência, executada pela orquestra e coros holandeses da famosa companhia Mengelberg, de Amsterdã. E não foi esta a única evocação da próxima Olimpíada, que devia ter Amsterdã como sede. O embaixador da Holanda, numa agradável recepção oferecida em sua Missão Diplomática, quis destacar adequadamente a “corrida da tocha”, evocada pelas palavras de encerramento dos Jogos. Quando desta vez chegou a hora de proferi-las, foram içadas três bandeiras nos mastros do estádio de Colombes: a da Grécia, a da França e a da Holanda, e os hinos dos três países a saudaram. Assim se continuará a fazer no futuro em homenagem ao helenismo imortal, e simultaneamente aos Jogos que terminavam e aos próximos Jogos. Com essa incorporação, completa-se para minha plena satisfação o protocolo do cerimonial Olímpico que construí peça por peça e por etapas para que ninguém, atores e espectadores, pudesse ser tomado de surpresa ou mal preparados para submeter-se ao mesmo. Atualmente ainda são muitos os que não compreendem seu valor pedagógico ou consideram seu simbolismo como algo antiquado. Mas temos nos acostumado aos espetáculos e as fórmulas que o Olimpismo traz consigo, e é pouco provável que se suprima alguma delas no futuro.

Assim ia completando, pouco a pouco, meus preparativos de retirada. Mas ainda restavam dois pontos importantes: em muitas ocasiões, fiz aprovar pelo COI o acordo de que os nomes dos vencedores seriam gravados, depois de cada Olimpíada, nas lápides de mármore que deviam ser fixadas nas paredes do estádio, para perpetuar suas façanhas. Se me objetará que os estádios Olímpicos não têm nenhum seguro de longevidade mas, em caso de demolição, não poderiam ser transferidas para a respectiva Prefeitura, por exemplo, aquelas lápides com a marca dos atletas que triunfaram? Exatamente, porque o desejo de vencer nesses torneios quadrianuais de músculos é a ambição mais elevada mantida pela juventude do mundo inteiro, convém assegurar-lhe uma forma de recompensa cívica concebida e realizada na antiguidade. As promessas retrospectivas que me foram formuladas com relação aos Jogos de Estocolmo e Antuérpia, não se transformaram em realidade, e nem Paris nem Amsterdã parecem tampouco se preocupar com isso. Na minha opinião, trata-se de uma falta grave, embora possa ser reparada no dia em que decidam fazer

isso com um pouco de vontade, de perseverança e de dinheiro.

Por outro lado, também me parecia chegada a hora de dar às federações internacionais, atualmente muito mais consolidadas e conscientes de sua vinculação ao Olimpismo, um papel mais destacado na organização técnica dos Jogos. Mas, em meu entender, podia deixar a meu sucessor, ainda desconhecido, a missão de dar aquele novo passo adiante. A Comissão Executiva reunia-se em Lausanne a cada outono, durante três dias para examinar os assuntos relacionados com o trâmite e a preparação da próxima assembleia do COI. Na reunião de novembro de 1924 enviei um projeto aos meus colegas, para que decidissem eles mesmos, mas ele recebeu tantas emendas que ficou realmente irreconhecível. Prevvia a criação de um Comitê Técnico de quinze membros, cujos poderes deviam se estender por um período de três anos, a partir de 1 de janeiro do ano II de cada Olimpíada até 31 de dezembro do ano IV. Integrariam este Comitê três delegados do COI, seis delegados dos Comitês Olímpicos Nacionais e seis delegados das federações internacionais. Durante o período preparatório dos Jogos, a Assembleia teria como missão controlar a preparação no aspecto técnico; recolher e transmitir as propostas de federações e comitês; assegurar a boa interpretação e aplicação dos regulamentos e, durante a realização, examinar as reclamações, canalizá-las e dar-lhe o devido curso, estudar e conduzir os informativos relativos às classificações, funcionamento dos júris, etc.

A finalidade de todo esse complexo, agora já desnecessário, era restituir ao COI a plenitude de sua tarefa de moderação e associar ao mesmo tempo mais estritamente à obra comum os elementos técnicos atribuindo-lhe a parte de poder e responsabilidade que por justiça lhe incumbia.

Memórias Olímpicas,
cap. XXI, Lausanne:
COI, 1997, p. 210-217.

4.2.2/41 DISCURSO DO BARÃO PIERRE DE COUBERTIN (PARIS 1924)

Senhor presidente do Conselho Municipal, senhor prefeito do Sena:

A cidade de Paris dispôs ao nos receber de tanta gentileza e calor que, de bom grado, juntaria à expressão de nossa gratidão certo embaraço se não me viesse à mente que ao honrar-nos, ela também de certo modo honra a si mesma, pois em nossas malas, que não contêm só os documentos que vamos utilizar durante nossa sessão, trazemos para a França e para Paris algumas páginas esquecidas de sua história.

Quando o rei Henry IV entrou aqui, usou seu segundo dia de estada e de reinado efetivo em praticar com fúria, diz a crônica, o futebol. E um inglês prudente que, na ocasião, era hóspede de nossa capital e que anotava com muito humor os incidentes diários, descreveu num caderno sua angustia, ao ver o modo tão fútil de começar um reinado. Não era um bom presságio, dizia ele, e ao mesmo tempo reprovava os franceses que difundiram na Inglaterra o gosto pelo esporte, ao qual nossa nação se aplicava, de acordo com ele, de modo irracional.

Mas vocês sabem como transcorreu aquele reinado: teve coisas excelentes, entre as quais estão a “galinha nossa de cada dia” e o Edito de Nantes, para citar as mais célebres.

Isto serve simplesmente para dizer que Paris já foi uma capital desportiva. Depois as coisas mudaram, e foi a Inglaterra que se tornou tão desportiva, que eu conheci, faz trinta e cinco anos, pessoas que não gostavam muito de copiar dos ingleses o costume e o gosto pelos exercícios desportivos e que os introduzisse neste país, arriscando-nos – diziam eles – a baixar o nível dos estudos. Parece que o oceano desportivo tem altos e baixos e ondas como o marítimo. Pois bem, o mutualismo desportivo – atrevo-me a usar esta expressão –, que está começando a vida, tem muito que fazer para controlar esse movimento. O mundo inteiro está, neste aspecto, numa situação melhor que o mundo antigo, porque o esporte é agora completamente internacional, e por isso, dessa vez, podemos esperar que o movimento jamais se deterá, posto que ao se debilitar num ponto, crescerá noutro.

Senhor presidente, senhor prefeito, em nome dos nossos colegas reitero nosso agradecimento. Estamos orgulhosos de lhes poder oferecer a homenagem do Comitê Internacional nesta Prefeitura tão ilustre e, deixando de lado por um instante que Paris é minha cidade natal, e sabendo com certeza que respondo aos sentimentos íntimos de todos os meus colegas de outros países, peço a vocês a permissão para gritar: Viva Paris!

"Discours de Monsieur le Baron Pierre de Coubertin (Hotel de Ville, Paris, 24 de junho de 1924) em Rapport officiel. VIIIe Olympiade. Paris: Librairie de France, 1924, p. 637.

4.2.2/42 PRAGA (1925)

Coubertin descreve aqui a última etapa de sua obra Olímpica como presidente do COI, a XXIV sessão do COI e a realização do congresso Olímpico técnico e pedagógico no final de maio de 1925 em Praga. O tema central foi a questão do amadorismo, mas não na mente de Coubertin. Seu *Manifesto Olímpico*, o discurso de abertura, encontra-se reproduzido no item 5.1/11.

Na verdade, em Praga foram realizados dois congressos: o COI, os vinte e quatro CON e dezessete federações internacionais debateram um grande número de questões concretas da organização dos IX Jogos Olímpicos a serem realizados em Amsterdã em 1928. Entre elas incluíam-se a redefinição de amador, um assunto que suscitou um interesse especial. O congresso Olímpico de educação ocupou-se com assuntos que nesse momento interessavam especialmente a Coubertin. Até o final de sua presidência queria voltar a tratar em nível Olímpico questões como a participação no esporte dos adolescentes e das mulheres, o esporte para todos e o comportamento adequado do desportista. Coubertin foi um dos participantes mais ativos. Falou com frequência durante os debates e ofereceu uma série de soluções.

O convite para realizar em Praga o congresso e a sessão do COI de 1925 nos foi entregue em Roma dois anos antes, e foi aceito imediatamente. Estava assinada pelo ministro das Relações Exteriores, Benes. Naquele ano visitei justamente o presidente Masaryk durante sua estada em Montreux, e pude comprovar o interesse que ele tinha pelo Olimpismo renovado. Por outro lado, era um ato de estrita justiça render homenagem a essa esplêndida cidade de Praga, certamente uma das mais prestigiosas por tudo o que nela acumularam a história e seus acontecimentos dramáticos e profundamente humanos.

Pierre de Coubertin, acompanhado por Jiri Guth-Jarkovsky (esquerda) e sua esposa, no Congresso Olímpico realizado em Praga em 1925, quando deixou a presidência do COI. A baronesa de Coubertin o apoiou com sua inteligência e afeto. (Arquivos do COI)



Para mim, que associei Boêmia ao movimento Olímpico desde sua origem nunca deixando de defender seus direitos, constituía um verdadeiro prazer deslocar-me até ali para dar fim ao meu prolongado mandato presidencial, e ao mesmo tempo uma excelente oportunidade para testemunhar ao meu fiel colaborador e amigo, Jiri Guth-Jarkovsky, único representante da primeira equipe, minha gratidão e minha amizade inquebrantável.

A sessão do COI foi aberta em 26 de maio de 1925, na Prefeitura. Entre os novos nomes encontravam-se o conde Bonacossa (Itália), o barão Schimmelpenninck (Holanda), o Secretário de Estado Lewald (Alemanha), Ivar Nyholm (Dinamarca) e o Dr. Haudreck (Áustria). Na primeira reunião, o capitão Scharroo trouxe boas notícias de Amsterdã. Em honra da verdade, graças a ele e a seus colaboradores, tudo corria bem com relação a IX^a. Olimpíada, mas surgiu um grave perigo porque... gente piedosa, protestando iradamente contra o caráter “pagão” dessa restituição Olímpica, conseguiu dificultar sua credibilidade. Será que esta Olimpíada iria conseguir um recorde sem precedentes de falta de juízo? Felizmente, a opinião pública rebelou-se contra as dúvidas dos governantes, e a subscrição pública indicou-lhes que andavam pelo mau caminho. As águas voltaram para o seu leito. Mas estávamos no século XX! Que lição tão eloquente para aqueles que acreditavam ter superado as múltiplas facetas do obscurantismo e “esmagado a hidra da ignorância”! O que mais me inquietava era exatamente o contrário: a extensão e a gravidade sempre crescentes dessa insuficiência intelectual dos tempos atuais. Porque o saber nada é sem a compreensão; e os estudos especializados, em cujas disciplinas está imerso o homem de hoje, estão, ao contrário, completamente desvirtuados. Depois de ter estudado durante um quarto de século esse problema, suas prováveis consequências e sua possível solução, estava impaciente para poder me dedicar a ele por completo, e por isso os trabalhos Olímpicos de Praga me encontraram pouco disposto e um pouco distraído. Dava-me perfeitamente conta de que, a este respeito, meu papel havia terminado e tinha plena convicção de deixar ao meu sucessor uma situação privilegiada e sem nenhum tipo de problemas.

Depois dos assuntos da Holanda, foram examinados de modo rápido os da Califórnia, certamente com uma antecipação sem precedentes até o momento. O fu-

turo da conquista africana, comprometido pela defecção argelina, foi consolidado porque Alexandria havia aceito aquela herança, à qual Angelo Bolanaki se dedicava completamente. Também podíamos cantar vitória sobre os Jogos de Inverno. Nossos colegas escandinavos, convencidos e convertidos, entregavam-se sem reservas, o que me alegrava sobremaneira, porque sempre havia desejado ver este anexo de inverno devidamente estruturado, embora tenha que me reprovar que fosse colocado em nossos códigos, sob o título de “Carta dos Jogos de Inverno”, um texto que pode se prestar a equívocos. Pelo contrário, deveríamos ter proibido qualquer cronograma à parte, e dar a estes concursos o número de ordem da Olimpíada em curso.

Como número final, abriu-se o depósito de cadáveres tirando de dentro dele, para estudá-la novamente, a múmia do amadorismo com suas sequelas: jornais perdidos, dinheiro, distinção entre professor e profissional, consequências do contato entre amador e profissional, etc. Tudo isso ia ser discutido uma vez mais no congresso, que não se apresentava nada tempestuoso quanto à sua ordem do dia, mas era ameaçado pelos empecilhos preparados pelos agitadores de sempre. Afora tudo isso, juntava-se uma ingerência completamente inesperada a propósito da escolha do novo presidente do COI. Tratava-se de evitar que a presidência passasse para mãos não francesas e, para conseguir isso, eu devia consentir em conservá-la por mais um ano e assim dar tempo para concluir a manobra. Considerava completamente desleal me prestar a tais procedimentos e consultei vários membros da Comissão Executiva, dentre eles o reverendo Laffan, e todos protestaram energicamente. No grande jantar após a recepção oferecida em 27 de maio por Benes e sua esposa no Palácio Hradschin, em sua famosa “sala branca”, o ministro me disse que haviam solicitado sua intervenção em tal assunto, ao que se opôs considerando incorreta qualquer intromissão sua, ainda que mínima, sobre a independência do COI.

No dia seguinte, 28 de maio, foi realizada a eleição. O número de votantes era de 40, portanto a maioria seriam 21. O primeiro escrutínio teve maioria de votos, apesar da minha renúncia ser irrevogável; tratava-se, sem dúvida, de um testemunho de simpatia. No segundo foi eleito o conde Baillet-Latour. Esta eleição foi recebida com calma e satisfação, porque demonstrava a firmeza da estruturação Olímpica e proporcionava a todos um sentimento de segurança e confiança. A sessão propriamente dita havia terminado na véspera da abertura do congresso. Houve festejos brilhantes quase todos os dias: “*garden-party*” presidencial; gala na Ópera; espetáculo pela manhã no famoso Palácio Wallestein; banquetes oferecidos pelo conselheiro e senhora Guth-Jarkovsky, pelo ministro de Higiene, o intendente de Praga, o Automóvel Clube, o Comitê Olímpico Tchecoslovaco, etc. No ato inaugural do congresso, atuaram magníficos corais, cujos cantos, graves e sonoros, evocavam naquele lugar histórico a memória de Jan Huss e do rei George de Podiebrad.

Concordou-se que a transmissão de poderes seria realizada em Lausanne, e que meu sucessor iniciaria seu mandato em 1 de setembro. Portanto, eu ainda era Presidente e podia fazer intervenções no congresso. Vale ressaltar que, de acordo com uma proposta do general Sherrill, meus colegas me nomearam: “Presidente de honra vitalício dos Jogos Olímpicos”, especificando que esta distinção não seria jamais outorgada a nenhuma outra pessoa. De todos os modos, e tal como eu já havia feito em 1921, designei F. S. Edström para dirigir os debates. A eleição foi outra vez bem recebida pelas federações, posto que Edström era ao mesmo tempo membro do COI e presidente da Federação Interna-

cional de Atletismo, e cumpriu sua tarefa, bastante delicada, com grande zelo e muito conscienciosamente, apesar de uma rudeza natural, mas revestida de justiça e bondade evidentes, e a satisfação de todos. No entanto, dessa vez estava frente a uma assembleia difícil de manejar e inclusive me manifestou seu desânimo nos primeiros dias, que tinha origem, na minha opinião, muito mais na natureza quase insolúvel do problema com o qual se enfrentava novamente, que no estado de espírito da maioria dos congressistas. Todos eles desejavam sinceramente o bem das instituições desportivas, mas ao mesmo tempo sentiam-se investidos por mandatos que muitas vezes resultavam contraditórios, segundo sua nacionalidade, por um lado, e por outro, segundo o esporte que representavam. A guerra havia exacerbado as paixões nacionalistas a ponto de mistificar muitos conceitos, enquanto procurava-se mais do que nunca, devido a um ambiente generalizado e também a um tipo de instinto secreto de conservação social, alardear o internacionalismo nos domínios mais diversos. Estranha condição do momento atual, que muitos dos nossos contemporâneos têm tido mesmo assim a oportunidade de assinalar.

Em Praga, simultaneamente ao técnico, realizava-se outro congresso. Era de ordem pedagógica e o havíamos convocado em concordância com o governo tchecoslovaco, com o cuidado de especificar que não tinha relação alguma “nem com o princípio, nem com as modalidades da educação física” e aquela assembleia, de nenhum modo “teria como missão a busca ou a adaptação de melhores métodos”, mas simplesmente “o estudo dos caminhos mais adequados para aperfeiçoar a organização desportiva em diversos aspectos, sem debilitar nem modificar seu caráter fundamental”. Esses pontos eram os seguintes: excesso de apresentações; lutas de boxe; restrições durante a adolescência; participação das mulheres; renascimento do “ginásio antigo”; participação do espírito cavalheiresco; colaboração das universidades; proteção ao desporte; luta contra os falsos desportistas. Tratava-se, obviamente, de um conjunto de ações aparentemente desarticuladas, mas na verdade entretecidas por um fio muito resistente e fundado numa preocupação comum, de ordem psicológica e filosófica. Cada ação era acompanhada por um parágrafo descritivo, redigido em termos que pareciam descartar toda possibilidade de ir além de sua própria problemática. No entanto, o congresso pedagógico derivou imediatamente para o clássico diálogo de surdos, no qual todos falam, mas com evidente incapacidade para tratar temas de forma objetiva e prática ao mesmo tempo, sem sucumbir ao chamariz de antepor ao autêntico problema autêntico opiniões particulares ou interesses puramente pessoais. De tudo isso resulta, em geral, uma eloquência desarticulada, e por trás dela não resta praticamente nada. E esse foi o caso do nosso segundo congresso. Por não intervir no técnico, meus escrúpulos impediam-me de participar ativamente no outro. Apesar disso, os temas que constavam no programa me deixavam em suspense, porque, definitivamente, fui eu quem os tinha planejado. Menos mal que tive a oportunidade de voltar ao assunto em circunstâncias mais favoráveis.

De acordo com o combinado, o conde Baillet-Latour assumiu as funções no 1 de setembro seguinte. Poucos dias depois, ele visitou oficialmente o Conselho de Estado de Vaud e a Prefeitura de Lausanne. O presidente do Conselho e o intendente da cidade ofereceram um almoço em sua homenagem. Depois, voltamos a Berna. Musy, presidente da Confederação, nos ofereceu uma refeição após a visita ao palácio federal e a protocolar troca de impressões.



Carta de despedida do presidente do COI, Pierre de Coubertin, a todos os membros, na qual anuncia a transmissão de suas obrigações oficiais ao seu sucessor, Henri Baillet-Latour, em 1 de setembro de 1925. (Arquivos do COI)

4.2.2/43 CIRCULAR DE DESPEDIDA (1925)

A circular seguinte de Coubertin foram suas últimas palavras oficiais como presidente do COI.

COMITÉ OLÍMPICO
INTERNACIONAL

*Lausanne, Julho de 1925
(Ano II da VIII^a. Olimpíada)*

Meu caro colega,

Na quinta-feira 28 de maio, ao término de nossa sessão de 1925 realizada na Prefeitura da cidade de Praga, o conde Henry de Baillet-Latour foi eleito presidente do Comitê Olímpico Internacional para o período 1925-1933. Ficou acertado que ele assumirá suas funções em 1 de setembro. Desse modo, peço-lhe que a partir dessa data dirija a ele suas comunicações.

Durante mais de trinta anos, a fiel amizade que você me professou e sua dedicação à nossa obra tem tornado mais fácil a minha tarefa. Quero lhe agradecer uma vez mais. Não necessito lhe dizer minha confiança de que tudo continuará igual com meu sucessor, cuja competência e atividade você conhece faz muito tempo. Você pode confiar plenamente no futuro. A instituição mundial que edificamos está em condição de enfrentar todas as eventualidades.

Aceite meus sentimentos de gratidão e afeto.

Pierre de Coubertin

Arquivos do COI

4.2.2/44 OLÍMPIA (1927)

Coubertin volta a visitar a Grécia e sua querida Olímpia trinta anos depois. Em suas *Memórias Olímpicas* descreve com pouco sentimentalismo suas sensações e sua despedida. Em Olímpia foi erigido em sua homenagem uma coluna na entrada ao Altis, na qual seria depositado seu coração em 1938. Ao seu redor foi alocada desde 1961 a Academia Olímpica, reunindo os jovens do mundo inteiro para seus estudos Olímpicos. Coubertin faz um apelo emocionado em Olímpia à juventude mundial, que aparece na epígrafe 5.1/12.

Em Atenas, Coubertin fala com o ministro da cultura da Grécia sobre o futuro do Olimpismo. Nesta ocasião surge a ideia dos novos Jogos panatenienses, que seriam realizados em 1930.

Em 16 de abril de 1927 saiu de Atenas com destino a Olímpia um trem especial, levando todo um cortejo inaugural, encabeçado pelo ministro de Instrução Pública, Sr. Argyros, e integrado pelo reitor da Universidade, o presidente da Academia de Atenas, o diretor da Escola Francesa de Arqueologia, os presidentes de numerosas entidades desportivas, professores e também vários convidados estrangeiros. O trajeto é longo. A estrada de ferro margeia a baía de Eleusis, segue pela costa em frente a Salamina, cruza o canal de Corinto e penetra no golfo até Patras; depois segue para o sul, até Pyrgos, e acaba em Olímpia, no pequeno vale que banha o Cladeu. As ruínas estão muito perto, ao pé do monte Kronion, quase na confluência do Alfeu e do Cladeu. O povoado e a pequena estação estão discretamente situados um próximo a outra, dissimulando seu modernismo de modo que entorpeçam a majestade da cidade sagrada e a piedosa contemplação de todos aqueles que a visitam como peregrinos da história.

Fiz aquela peregrinação há trinta e três anos, numa solidão propícia a todo tipo de reflexão, acompanhado somente por um membro que a Sociedade Panacaica de Patras se empenhou em designar para aquela tarefa. Numa tarde de novembro de 1894 regressei a Atenas, chegando à França, via Itália, consciente de uma parte dos resultados já obtidos e das perguntas tremendas que me esperavam no caminho empreendido. Lembro-me da vereda que subia serpenteando até a pequena colina, onde se encontram o museu e o hotel. Um ar puro, embalsamado de aromas, soprava das margens do Alfeu. O clarão da lua animou por um momento uma paisagem vaporosa, e logo caiu o manto da noite estrelada sobre os dois mil anos, cujo emocionante contato eu desfrutava. Ao despontar o novo dia, vi pela minha janela o nascer do sol, e enquanto seus primeiros raios traspassaram o vale, fui sozinho e apressado até as ruínas. Sua pequenez, originada em parte pelas breves proporções das construções, e por outra, por seu amontoamento (esta ausência de espaços livres tão característica das civilizações grega e romana, à qual se pode contrapor, com vivo contraste, a amplitude da dos persas) não me surpreendeu nem meu provocou decepção alguma. Era uma espécie de arquitetura moral, da qual eu iria extrair seus ensinamentos, o que superava toda dimensão. Minha meditação prolongou-se por toda a manhã, enquanto o silêncio do lugar somente era perturbado pelo tilintar dos sinos dos rebanhos no caminho da Arcádia.

As lembranças daquele momento vinham a galope em minha memória naquela

tarde de 16 de abril de 1927. Havia sido construídas muitas casas próximo à estação, mas nos arredores do hotel e do museu não haviam mudado nada. Passamos junto a uma espécie de obelisco coberto com grandes telas. Era um monumento erigido pelo governo helênico, no qual eu sabia que o meu nome estava gravado em grego e em francês. Houve um grande banquete, uma espécie de refeição à base de pratos típicos que tinham um sabor de antiguidade. E tudo se repetia novamente para mim: a vela na janela contemplando os raios de uma lua fugidia deslizando sobre as pradarias do Alfeu e, desde o amanhecer do dia seguinte, o errar vagaroso pelas ruínas, perseguindo as grandes imagens do passado.

A cerimônia de abertura teve lugar em 17 de abril, às dez da manhã. Cercados de numerosa audiência, vinda dos povoados próximos, nos reunimos ao pé do monumento, coberto por uma bandeira grega e outra francesa. Três sacerdotes, vestidos com seus paramentos, alternaram uma espécie de salmodia misturada com orações, e suas vozes trêmulas pareciam brotar do passado bizantino, herdeiro do helenismo cristianizado. Depois tomou a palavra o ministro, a cujo discurso respondi brevemente. A seguir, o encarregado de negócios da Suíça associou seu país e a cidade de Lausanne ao ato que se estava realizando, revestido de uma simplicidade somente compatível com a grandeza do lugar. O trem especial empreendeu o regresso a Atenas quando já era noite.

Quero reproduzir aqui o texto da mensagem radiofônica que foi transmitida naquele mesmo dia para a “juventude desportiva de todas as nações”. Este texto não foi reproduzido fielmente em todas as partes e algumas traduções interpretam mal um fragmento do mesmo.

Olímpia, 17 de abril de 1927 (Ano IV da VIIIª. Olimpíada)

“Hoje, em meio às ruínas ilustres de Olímpia, foi inaugurado o monumento em comemoração ao restabelecimento dos Jogos Olímpicos proclamado há trinta e três anos. Por este gesto do governo helênico, a iniciativa que ele quis homenagear entrou para a história. Cabe a vós mantê-la. Meus amigos e eu não trabalhamos para vos devolver os Jogos com o fim de fazer deles um objeto de museu ou de cinema, nem para que venham a ser subjugados por interesses mercantis ou eleitoreiros. Renovando uma instituição vinte e cinco vezes secular, quisemos que pudésseis vos converter novamente em adeptos da religião do esporte tal como a haviam concebido as grandes figuras do passado. No mundo moderno, repleto de poderosas possibilidades e ameaçado ao mesmo tempo por perigosas decadências, o Olimpismo pode constituir uma escola de nobreza e integridade morais, bem como de força e de energias físicas; mas isso exigirá como condição que eleveis e mantenhaiis sem cessar vosso conceito de honra e de desinteresse desportivo à altura do vosso impulso muscular. O futuro está em vossas mãos.”

Em Atenas haviam sido organizadas várias manifestações, promovidas por J. E. Chryssafis, diretor de Educação Física. Seu entusiasmo e sua produtiva atividade foram realizadas sem cessar no decorrer dos anos, a serviço do bem público. Tanto ele quanto o novo membro grego do COI, George Averoff (morto prematuramente há dois anos), pareciam se juntar para conseguir que se apagasse da minha mente a lembrança de certos episódios dos primeiros Jogos. No entanto, nada restava deles na verdade. Que minha tese levantasse então objeções, despertando inclusi-

ve suscetibilidades patrióticas com excessiva veemência, era o mais natural. Agora todos compreendiam que, concebendo os novos Jogos num plano totalmente internacional, e querendo dar-lhes como marco o mundo inteiro, não somente havia eu adotado o único meio prático capaz de garantir sua perenidade, mas também havia prestado, mesmo assim, ao helenismo o melhor serviço, de acordo com seus verdadeiros interesses. Em outras circunstâncias, jamais deixei de servir a ele procurando, mesmo assim, sempre uma maneira de exterioriza-lo e apresenta-lo, não como uma coisa do passado digno de reflexão e respeito, mas como algo do futuro, digno de fé e dedicação. No fundo do cadinho, onde se preparam os destinos da sociedade futura, existe uma espécie de conflito eliminatório latente entre o princípio do Estado romano e o da lei da cidade grega. Será vã a tentativa do orgulho futurista pretender criar algo novo. Estamos condenados à reconstrução partindo de uma dessas duas pedras angulares. As aparências estão a favor do Estado romano. Eu creio, porém, na cidade grega.

Peço desculpas por essas considerações, aparentemente estranhas ao Olimpismo. Mas ali, naquela última e prolongada estada em solo grego, causou-me uma satisfação contínua sentir que meu amor pelo helenismo era compartilhado e apreciado por todos os meus queridos amigos helenos. Por isso, entre as homenagens que me honraram, nenhuma me tocou tão vivamente como esta aplicação de um costume abandonado desde tempos remotos: a atribuição de uma poltrona de mármore no estádio com o nome do beneficiário gravado com letras de ouro em seu espaldar. Ocupei meu assento somente uma vez. Foi para assistir a uma festa desportiva ali organizada por ocasião da visita de uma equipe universitária inglesa: pista de carvão, calçados com cravos, estádio restaurado... Mas os atletas modernos saíam pela velha passagem subterrânea que já fora utilizada pelos seus antepassados vinte séculos antes; suas almas se irmanavam e sua juventude imbuía-se do mesmo impulso primaveril de alegria muscular.

Quando, após concluída a competição, tivemos a oportunidade de conversar um pouco, tratou-se do assunto do estádio e seu traçado. Problema de caráter insolúvel, como se sabe. As curvas são muito fechadas para as velocidades atuais, o que prejudica aos corredores, que podem inclusive se lesionar. O conceito moderno do esporte, que consiste em oferecer a máxima facilidade ao atleta para a conquista de recordes cada dia mais impressionantes, ajudando-o materialmente em seu esforço, é exatamente inverso ao conceito antigo, destinado a tornar este esforço mais meritório cercando-o de obstáculos a superar. Assim, a pista de areia macia e a pista de concreto flexível representam os dois extremos da ideia desportiva.

Problema insolúvel? Talvez, embora eu possa me equivocar. Alguns modernistas ao extremo haviam encontrado uma solução, que consistia em ganhar o terreno necessário, ou seja, um terço a mais de pista, sacrificando duas fileiras de arquibancadas. Mutilar assim o estádio de Péricles! Teria sido talvez um “bárbaro” o primeiro a conceber essa invenção sacrílega? Os estudantes do norte, instruídos no culto ao clássico e à história, rebelavam-se interiormente contra este utilitarismo já repudiado, seja dito em homenagem à verdade, pelo povo heleno. Em certa ocasião, vi um deles levantar os olhos para a divina Acrópole, ainda luminosa e ensolarada,



Pierre de Coubertin em Olímpia em 1927, acompanhado por sua filha Renée. Mulher de grande inteligência, ajudou seu pai em seu trabalho. (Coleção Navacelle)

enquanto a sombra se estendia ao nosso redor. O estádio ia ficando vazio. A brancura do mármore tomava novamente posse do recinto. O estudante, gozando a alegria de viver, o corpo repleto desta voluptuosidade da fadiga desportiva que enche o jovem de ambição e de esperança, parecia, com seu olhar suplicante, implorar a Atená e render-lhe homenagem ao mesmo tempo. Era como a representação escultural do Neo-Olimpismo, como o símbolo das futuras vitórias que esperavam o helenismo, sempre cheio de vida, e sempre adaptado às circunstâncias humanas.

Memórias Olímpicas, cap. XXIII, Lausanne: COI, 1997, p. 224-229.

4.2.2/45 O CAVALHEIRISMO MODERNO

Na introdução a este livro já foram apresentadas as iniciativas pedagógicas nas quais Coubertin havia embarcado após sua demissão do COI. Ao mesmo tempo, seus comentários sobre acontecimentos Olímpicos se tornaram cada vez mais raros. O breve texto a seguir é uma exposição em favor da “chevalerie moderne”, que ele esperava ver nos participantes dos Jogos de 1928. Dirigiu-se aos participantes em Amsterdã por meio de um apelo particular e exigiu deles, como se os movesse o pressentimento de sua própria morte, que respeitassem os princípios dos Jogos.

O número de abril de 1911 da *Revue Olympique* contém um texto que voltei a ler faz alguns dias. É o texto de um discurso, proferido em Amsterdã, em 29 de março daquele mesmo ano, por ocasião de um banquete que me foi oferecido, sob a presidência do nosso querido e saudoso amigo F. W. de Tuyll, pelos representantes das Federações e Sociedades Esportivas da Holanda. Ao final do discurso eu evocava a futura Olimpíada holandesa e insistia nela, apesar dos risos incrédulos ao meu redor. Sabíamos bem, o barão de Tuyll e eu, que chegaria um dia em que os Jogos Olímpicos da era moderna seriam realizados em Amsterdã.

Passaram-se dezessete anos, e esse dia vai chegar. Teria chegado antes se os desportistas da Holanda não tivessem se retirado, de maneira tão amável, faz quatro anos, para permitir que se realizasse meu desejo de ver realizar-se em Paris, em minha cidade natal, a VIII^a. Olimpíada, porque coincidia com o XXX aniversário do restabelecimento dos Jogos Olímpicos, anunciado na Sorbonne, em 23 de junho de 1894. Que meus amigos holandeses encontrem nisso a expressão renovada de minha gratidão por sua abnegação. Oxalá encontrem, igualmente, a recompensa no êxito que vai coroar, tenho certeza, seus esforços.

Na verdade, os cavalheiros somente existiam individualmente, aqui e ali, sem um código nem organização fraternal, sem oportunidade nem meios para se ajudar mutuamente..., até que, há cem anos, apareceram na Inglaterra esses “*muscular christians*”, nos quais se encontram em embrião todas as qualidades da cavalaria de outrora, seu ideal elevado, sua rudeza sadia, seu ardor generoso; tudo isso modernizado, afastado da guerra e do sangue, olhando para horizontes menos pitorescos porém mais amplos, os horizontes das novas democracias, em cujo seio o homem, aperfeiçoando sua própria individualidade, serve mais diretamente do que antes à causa do bem comum.

Quando, no dia de Páscoa de 1927, o ministro da Instrução Pública da Grécia levantou, entre as ruínas milenares de Olímpia, as bandeiras que cobriam o monumento comemorativo do restabelecimento dos Jogos Olímpicos e me dedicou a homenagem da lembrança que evocava, meu pensamento voou para Kingsley e Arnold, para aquela capela de Rugby, onde repousa o grande “clérigo” que foi, em meu entender, um dos fundadores da cavalaria desportiva. E senti a ausência de outro inglês, o colaborador mais fiel e mais abnegado, o reverendo De Laffan-Courcy, falecido, infelizmente, muito cedo.



Demonstração de desportividade moderna nos Jogos Olímpicos de 1928: a sueca Inga Gentzel, segunda colocada nos 800 metros, cumprimenta a ganhadora, Lina Radke (Alemanha). (Extraído de J. Waltzer; W. Dörr, *Welt-Olympia 1928 in Wort und Bild*. Berlin; Zürich: Conzett & Huber, 1928, p. 97)

E eis aqui agora, sobre estas margens imprecisas do Mar do Norte, onde tudo o que se vê foi conquistado, utilizado, retificado e transformado pelo trabalho humano – singular grandeza da paisagem holandesa –, os jovens cavalheiros vão realizar sua assembleia a cada quatro anos, com uma solenidade grandiosa, num estádio repleto por uma juventude cosmopolita; prestarão juramento e cada palavra os compromete e os vincula em nome da honra; depois, tenho certeza, farão o melhor possível. No entanto, como em toda atividade humana, portanto, imperfeita, haverá erros, falhas, faltas... Mas, se a grande maioria dos competidores puder ao final conscientemente dizer que lutou com toda lealdade, sem esmorecer um só instante, então se terá conquistado a vitória moral e a IX^a. Olimpíada marcará uma etapa, nobre e feliz, no caminho do progresso cavaleiresco. Oxalá seja assim. É meu desejo e minha esperança.

“La chevalerie moderne”, em: *Officieel Feestnummer. Olympische Spelen te Amsterdam 1928*. Textes recuillis par J. Feith; J. Hoven; W.J.M. Linden, Gouda, 1928, [p.8].

4.2.2/46 – 4.2.2/47 INTRODUÇÃO

Os próximos artigos estão relacionados com os X Jogos Olímpicos de 1932 em Los Angeles. No primeiro, “Aarau, Praga, Los Angeles” destaca-se ao alto nível desses Jogos e sua contribuição para a unificação pedagógica mundial. No segundo, Coubertin qualifica os X Jogos Olímpicos como “apoteose do Olimpismo”. A especificidade dos Jogos de Los Angeles foi a participação exitosa de uma equipe japonesa, na qual Coubertin acreditava ver o decolar do Olimpismo nessa parte da terra. Em 1934 dirigiu uma mensagem a juventude americana, na qual mais confiava para a realização de seus planos pedagógicos.

4.2.2/46 AARAU, PRAGA E LOS ANGELES

Os Jogos da “X^a. Olimpíada da era moderna”, segundo a expressão correta que nem sempre se emprega, umas vezes por inadvertência, outras por espírito caprichoso, foram realizados entre pompas das quais participava a natureza. Às vezes, a Califórnia do sul submete a provas um tanto duras os europeus nesta época do ano, e a abertura dos Jogos esteve concretamente precedida de uma “onda de calor” que foi atenuada com cortesia para a chegada dos atletas. Estes pareciam apreciar em boa medida as diversas comodidades ao seu redor. Eram consideravelmente numerosos, demonstrando que os louros Olímpicos, aqueles que para conquistar se está disposto aos maiores esforços e sacrifícios, continuam sendo os mais invejados no mundo inteiro. Isso não deixa de contrariar a muitos dirigentes de federações que consideram que seus campeonatos anuais fiquem prejudicados e diminuídos por esta preferência. Essa é razão pela qual algumas vezes eles tentam destruir os Jogos Olímpicos e outras, ao não conseguir isso, confiscar sua direção. Este é um assunto sobre o qual teremos de voltar, porque tem a maior importância desde o ponto de vista pedagógico.

As multidões que assistiram a abertura dos Jogos eram em sua maioria transatlânticas, e nunca haviam contemplado este espetáculo. Pareciam ter ficado enormemente impressionadas e, por sua parte, os organizadores pareciam ter alcançado o máximo de eurritmia Olímpica desejável nesta circunstância solene.¹ Todo o valor simbólico do desfile, a fórmula antiga, a bandeira e a chama coroando permanentemente o estádio... o juramento, a revoada de pombas com as cores das nações participantes, nada do que havia sido prescrito na velha Europa desde a primeira restauração foi descuidado nesse outro lado do mundo. Os corais foram mais poderosos e melhor combinados que nunca. Com toda justiça o atual presidente do Comitê Internacional pôde declarar que o diapasão Olímpico havia sido executado. “Os Jogos Olímpicos, escreveu seu fundador, não são meros campeonatos mundiais, mas, além disso, a festa quadrianual da juventude universal, da *primavera humana*, a festa dos esforços apaixonados, das múltiplas ambições e de todas as formas de atividade juvenil de cada geração que aparece no umbral da vida. Não foi o acaso o que reuniu e agrupou outrora em Olímpia em torno aos esportes antigos escritores

1 Ver o texto 5.2/9 deste livro.

e artistas; e daquela reunião incomparável surgiu o prestígio do qual gozou durante tanto tempo a instituição. Ao querer renovar não tanto a forma quanto o princípio dessa instituição milenar porque via nela, para meu país e para a humanidade, uma orientação pedagógica que se havia tornado necessária, procurava restituir as poderosas estruturas que outrora a haviam franqueado: a estrutura intelectual, a estrutura moral e, em certa medida, a estrutura religiosa, a qual o mundo moderno acrescia novas forças: o aperfeiçoamento técnico e o internacionalismo democrático”.

A realização da X^a. Olimpíada tornou, de certo modo, este ponto de vista tangível para toda uma parte do mundo, e suas consequências foram longe. A enorme participação japonesa, a extensão da compreensão asiática coincide com uma preparação impecável do conjunto e dos detalhes: este é o primeiro balanço dos Jogos de 1932. Haverá, sem dúvida, outras lições a tirar. Mas desde já fica claro que a unificação pedagógica mundial cumpriu mais uma etapa. O feito é capital. De que valem, ao lado disso, as lutas e os ditirambos sobre a qualificação de um determinado atleta ou a presença de alguém indesejável?

Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive,
n. 9, Lausanne (1933), pp. 6-7.

4.2.2/47 A APOTEOSE DO OLIMPISMO

A *Revue Sportive Illustrée* nos tem sido demasiado fiel para que eu recuse dar em seu nome uma opinião sobre os recentes Jogos e a maneira como acaba de ser realizada a X^a. Olimpíada do outro lado do globo. Estes Jogos de Los Angeles são os últimos nos quais me foi concedido, como presidente do Comitê Internacional, propor e fazer votar sua atribuição.

Foi no Capitólio romano durante nossa sessão de 1923. Com nove anos de antecedência! Se houvesse sido a Europa teria rechaçado uma decisão tão longínqua, pois a imprudência teria sido patente. Mas a terra da Califórnia, salvo em caso de alguma catástrofe sísmica, ainda estava, por muito tempo, livre das ameaças que já temiam os europeus clarividentes. Eu não queria ter terminado meu terceiro período decenal de presidente do Comitê Olímpico Internacional sem ter ressaltado, mediante este gesto, meus desejos de um novo Olimpismo, desejos que havia mostrado desde o primeiro dia, de um Olimpismo que desse a volta ao mundo, escapando de todo tipo de contingências regionais e estreitezas nacionalistas. Meus colegas compreendiam, como eu, o valor dessa orientação.

O acontecimento justificou plenamente nossa espera. Apesar das circunstâncias econômicas desfavoráveis e uma crise bancária de magnitude inesperada, apesar da mordaz campanha da imprensa, baseada numa deslealdade de concepção, digna do cálculo interesseiro que a inspirava, os Jogos da X^a. Olimpíada, às margens do Pacífico, revestiram-se com o aspecto de uma gloriosa apoteose. Tão logo chegou a Los Angeles, o conde Baillet-Latour teve a gentileza de me telegrafar sua satisfação por encontrar ali “uma organização e um espírito tão perfeitamente Olímpicos”. É verdade que ele mesmo tinha muito a ver com isso, já que durante o presente ano havia desenvolvido uma atividade especialmente assídua e sagaz a serviço da nossa causa; digo isto sem querer diminuir em nada o mérito dos dirigentes e organizadores dos Jogos.

O Olimpismo era, sem dúvida, já conhecido e apreciado na parte do mundo onde acaba de realizar duas sessões. Além disso, os americanos tiveram a sua primeira experiência de sediar os Jogos da Terceira Olimpíada (Saint Louis, 1904), que algumas pessoas hoje convenientemente difamam e denigrem em retrospecto, para atender as ambições de certos indivíduos. É claro que os americanos sempre participaram nos Jogos realizados na Europa. Mas desta vez é a própria Ásia (preparada pela realização de seus Jogos do Extremo Oriente, este “*Kindergarten* Olímpico”) quem está em contato com a plenitude de realidades da nossa obra renovadora.

As consequências serão imensas. Parece que já são vislumbradas pelo olhar daqueles que consideram os Jogos Olímpicos e os campeonatos internacionais em geral, desde o ponto de vista de seu interesse pessoal, pois seu despeito se traduz no surto de novas manobras, às quais muito provavelmente os Jogos da XIª. Olimpíada, em 1936, não proporcionarão o meio para se desenvolver de modo eficaz.

Neste terreno, como em muitos outros, o poder troca de mão, os princípios mudam de forma, se deslocam os centros de gravidade; uma unidade, feita de independências associadas, tende a substituir o sistema imperativo do qual a Europa tem-se beneficiado por muito tempo e que ela mesma com sua torpeza levou a ruína.

Ante as rachaduras que anunciavam as quedas mais ou menos próximas, a força do Olimpismo nasce do que ele tem em sua essência de simplesmente humano, e por isso, de universal, como é o caso da maioria das instituições que brotaram do puro helenismo. Servido por um colégio de sacerdotes desinteressados, aos quais não preocupa nem a ambição do proveito real nem a necessidade de elevar-se artificialmente acima de seu próprio valor, pode-se manter em cada ataque fora da linha de alcance dos assaltantes.

Estes são os pensamentos que vêm à mente após os Jogos recentes, desde que os preconceitos comuns são colocados de lado para avalia-los. Uma circunstância de consequências tão profundas esteve cercada por todos os esplendores do bendito solo da Califórnia, onde a natureza sabe demarcar o esforço refinado de seus habitantes: alguns habitantes, que desde muito tempo, tem orientado seu instinto pela arte e a beleza para destinos superiores.

... *Califórnia, oh, glorious/ and of labor, art and song!...*

Publicado em *La Revue Sportive Illustrée*.

4.2.2/48 – 4.2.2/49 INTRODUÇÃO

Coubertin participou ativamente desde Lausanne nos preparativos dos XI Jogos Olímpicos de Berlim de 1936.

Ele manteve um estreito contato com Carl Diem, o “*spiritus rector*” do movimento Olímpico na Alemanha. Esses dois homens uniram-se em razão de suas intenções compartilhadas com relação à educação desportiva e sua visão compartilhada acerca da forma artística e solene que deviam assumir os Jogos. Sua associação começou em 1913, durante os preparativos para os Jogos planejados em Berlim em 1916.

Os Jogos Olímpicos de Berlim propiciaram uma oportunidade excepcional para o desenvolvimento artístico, mas o COI subestimou os perigos resultantes da combinação esporte e política.¹

Coubertin não desautorizou nem os Jogos Olímpicos de 1936 nem aquele “estranho personagem”,² Adolf Hitler. Na seguinte mensagem de encerramento dos Jogos de Berlim, deu graças “ao povo alemão e a seu líder pelo que conseguiram”. Tampouco Carl Diem, seu “amigo genial e entusiasta” na Alemanha desde 1912, não foi capaz de informar objetivamente a Coubertin acerca das circunstâncias políticas, ao interpretar de forma equivocada naquele momento as intenções nazistas.

O estudioso francês, Yves-Pierre Boulogne,³ avalia a postura de Coubertin naquele momento da seguinte forma: “Não deveríamos esquecer Coubertin, em alguma medida prisioneiro de sua própria utopia, acreditava que quanto mais se espalhasse para o mundo a “epidemia do esporte”, maior seria a probabilidade para a paz. Desde este ponto de vista singular, a Alemanha era, de fato, uma nação desportiva. Este é obviamente um falso silogismo!”⁴

Quando os jornais franceses escreveram após os Jogos de Berlim que, tendo em vista os Jogos de 1936 e dos futuros Jogos Olímpicos de 1940 em Tóquio, a ideia Olímpica de Coubertin estava morta, este manifestou sua opinião no diário francês *Le Journal*.

4.2.2/48 MENSAGEM DE ENCERRAMENTO DOS JOGOS DE BERLIM

Esforçai-vos por manter a chama sagrada!

Os Jogos da XIª Olimpíada logo serão somente lembranças, mas que poderosas e diversas!

Em primeiro lugar, lembranças de beleza. Desde que, há trinta anos, reuni em Paris a Conferência das Artes, das Letras e do Esporte, para estabelecer um vínculo

1 O COI publicou uma declaração exigindo do governo alemão o reconhecimento da igualdade racial de todos os desportistas.

2 Ver “A sinfonia inacabada” no apêndice deste livro.

3 Yves-Pierre Boulogne, membro da Resistência Francesa contra Hitler desde 1939 e prisioneiro em Buchenwald (1943-1945).

4 Comentário de Yves-Pierre Boulogne em sua carta de 29 de novembro de 1999 ao editor (coleção N. Müller). Ver Boulogne, Y.-P. *La vie et l'oeuvre pédagogique de Pierre de Coubertin (1863-1937)*, Ottawa: Leméac, 1975. Ver também Boulogne, Y.-P. *Pierre de Coubertin, humanisme et pédagogie. Dix leçons sur l'Olympisme*. Lausanne: COI, 1999. Para uma avaliação do nacional-socialismo por parte de Coubertin, ver também Durry J. *Pierre de Coubertin. The Visionary. His Life – His Work – His Key Texts*. Paris: Comité Français Pierre de Coubertin, 1996, p. 77.

permanente entre o Olimpismo renovado e as manifestações do espírito, esforços inteligentes têm ajudado, desde Estocolmo até Los Angeles, a realização deste ideal. Berlim agora o tem consagrado para sempre, com iniciativas audazes, coroadas pelo êxito, tais como a Corrida da Tocha Sagrada, que saiu de Olímpia, e também o magnífico festival da primeira tarde dos Jogos, no estádio monumental, obras, uma e outra, concebidas por meu genial e entusiasta amigo Carl Diem.

Lembranças de valor, pois este tem sido necessário para fazer frente às dificuldades, às quais o Führer havia oposto de antemão a palavra imperativa de sua vontade: “*Wir wollen bauen*”, e para resistir os ataques desleais e pérfidos que tratavam de derrubar a construção que se iniciava...

Lembranças de esperança, enfim, pois sob a égide da bandeira simbólica dos cinco anéis, forjaram-se alianças musculares mais fortes que a morte.

... *Freude, schöner Gotterfunken*

Tochter aus...

A história continuará, com suas alternativas e lutas, mas, pouco a pouco, o conhecimento substituirá a temível ignorância; uma compreensão recíproca aplacará os ódios reflexivos. Assim se consolidará algo pelo qual tenho trabalhado durante meio século.

Que o povo alemão e seu chefe recebam a gratidão merecida pelo que acabam de realizar! E vós, atletas, lembrai-vos de que o fogo que, aceso pelo ardor do sol, vos tem levado de Olímpia para iluminar e acalentar a nossa época. Guardai-o zelosamente no fundo de vós mesmos, para que ressurgir vivo do outro lado da terra, quando, dentro de quatro anos, realizareis a XII^a. Olimpíada, nas longínquas margens do Oceano Pacífico.

Editado pelo autor. (Arquivos do COI)

4.2.2/49 JOGOS DE 1940 EM TÓQUIO? COMENTÁRIOS DO SR. PIERRE DE COUBERTIN, GRAVADOS POR ANDRÉ LANG

No último dia dos Jogos de Berlim, nosso excelente companheiro Jacques Goddet, chefe de redação do *L'Auto*, publicava como conclusão um artigo cheio de entusiasmo, uma espécie de “Eu acuso!”, denunciando os responsáveis pela perversão e desfiguração da ideia Olímpica.

Essa exigência pretendia demonstrar que o ideal do Sr. de Coubertin é hoje letra morta; que os Jogos servem somente de bandeira para as mais cínicas negociatas; e que em 1940, Tóquio verá o futuro da propaganda racista japonesa, tal como, em 1932, a cidade de Los Angeles viveu o da propaganda californiana e, em 1936, Berlim o da propaganda política hitlerista.

Sem ir tão longe, a maioria dos jornalistas desportivos expressaram temores análogos. Maravilhados pelo espetáculo, lamentam que o esforço humano seja somente um pretexto para uma montagem e temem que a ideia Olímpica esteja logo morta pelos Jogos, enterrada pelos seus fastos.

Eu quis conhecer o que pensava a pessoa a quem o mundo deve a restauração dos Jogos, desaparecido faz quinze séculos.

O Sr. Pierre de Coubertin é um personagem lendário. Leva seus 74 anos com tal facilidade que se poderia pensar que ele tinge o bigode e o cabelo, totalmente brancos, para aparentar uma certa idade.

Desde as minhas primeiras palavras, o Sr. de Coubertin mostra um certo enfado, mas com dignidade e sem deixar de sorrir:

– Como? “Desfigurados”? Os Jogos? A ideia Olímpica sacrificada pela propaganda? Totalmente falso! O grandioso êxito dos Jogos de Berlim contribuiu de modo magnífico para com o ideal Olímpico. Os franceses, que são os únicos, ou quase os únicos, a desempenhar o papel de Cassandra, cometem o maior erro ao não compreender isso. É preciso deixar que a ideia Olímpica se desenvolva livremente, e contar com a sabedoria de não ter nem a paixão nem o excesso que produzem o ardor e o entusiasmo necessários. Querer que o atletismo se dobre ante um regime de moderação obrigatória é perseguir uma utopia. No que se refere à luta em relação ao “amadorismo” e a indignação que alguns sentem pelo Juramento Olímpico, permita que eu ria. Primeiro, não há e nunca houve amadorismo. Segundo, no Juramento, cuidadosamente redigido por mim, não há uma só palavra que aluda a isso. Trata-se de disputas infantis. Só importa o espírito Olímpico. Todo o resto é literatura.

– O fato de que o atletismo, o único esporte Olímpico, permaneça um tanto sobrecarregado em cada Olimpíada, não o inquieta?

– Por que o haveria de fazer? Como sempre disse, o único verdadeiro herói Olímpico é o homem adulto individual. Consequentemente, nem mulheres, nem esportes em equipe. Mas como não admitir nas Olimpíadas as mulheres, nem os esportes em equipe, nem os outros jogos? Em Olímpia havia um recinto sagrado, o Altis, reservado somente ao atleta consagrado. Toda uma vida coletiva palpitava ao seu redor. Com as derrogações naturais que nos impõe a vida moderna, isso é o que aconteceu em Berlim. Em nome de que rigorismo poderíamos condenar isso?

– A indicação de Tóquio e a vontade dos japoneses de assombrar o mundo em 1940, não lhe parece algo carregado de consequências mais ou menos perigosas?

– Em absoluto. Tudo isso me alegra, e foi algo deliberado. Considero que a chegada dos Jogos à Ásia é uma grande vitória. No plano Olímpico, as rivalidades internacionais somente podem ser fecundas. É bom que cada nação tenha no mundo a honra de acolher os Jogos e realiza-los a seu modo, de acordo com a sua imaginação e os seus meios. Na França se preocupam porque os Jogos de 1936 ficaram iluminados pela força e pela disciplina hitlerista. Como poderia ser diferente? Ao contrário, é muito desejável que os Jogos se revistam, assim, com essa fortuna, com o traje que cada povo tece durante quatro anos com essa intenção. Quantas coisas pode acontecer! A realização dos Jogos operários talvez altere profundamente o caráter da XIII^a. Olimpíada. Tanto melhor! Tanto melhor! Os Jogos devem se casar com a vida do mundo e não ser os prisioneiros de uma regulamentação arbitrária.

– Portanto, pensa que se a França não fosse a Tóquio...

– ... Cometeria um grande erro? Sim! Comete-o já se rebelando contra a decisão do comitê internacional.

– Mas, como fazer para ocupar uma posição de honra na XII^a. Olimpíada?

– Trabalhar. O exemplo alemão está aí para nos provar o que se pode conseguir com a vontade. Se me dessem a tarefa de treinar os companheiros, lhe asseguro que se apresentariam em boa forma no estádio!

– De fato, por que não se lhe encarrega, ao menos, a direção desse treinamento?

– *Por que?*

O Sr. Coubertin diverte-se momentaneamente com a minha ingenuidade:

– *Porque nunca pedi nada. Porque nunca me propuseram nada. Porque não quero nada, exceto minha independência. Quando completei 70 anos, recebi preciosas manifestações de estima e amizade de todas as partes do mundo. Somente a França se esqueceu de mim. Bah!*, concluiu o Sr. de Coubertin com um movimento de orgulho tranquilo, *não é a mim que mais molesta isso.*

– Mas o que vão os jornalistas esportivos franceses, repudiados pelo fundador dos Jogos, fazer deles?

“Les Jeux à Tokio en 1940?...”

Déclarations de M. Pierre de Coubertin recueillies par André Lang,
em: *Le Journal*, Paris, 27 de agosto, 1936, n. 16019, p. 1

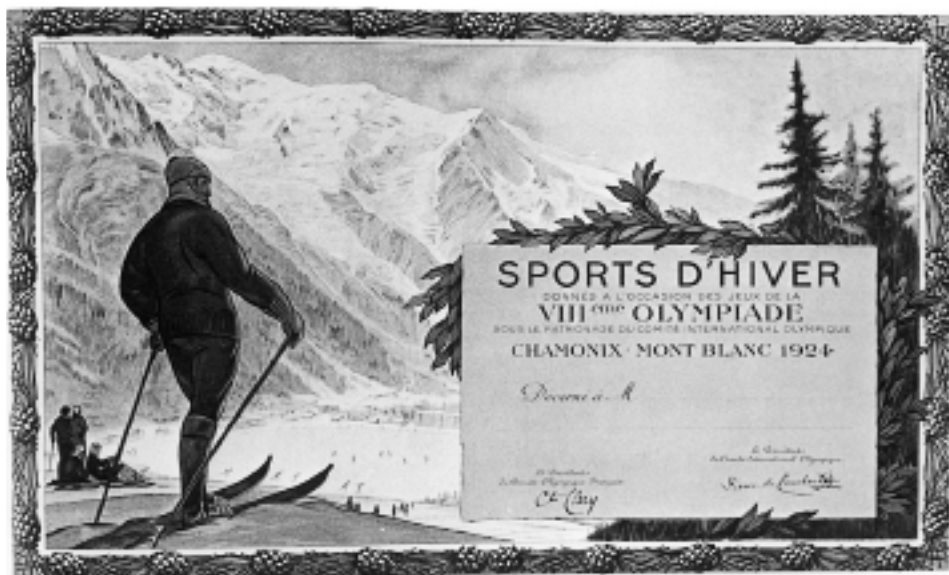
4.2.3 ASPECTOS HISTÓRICOS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO

Os próximos textos de Coubertin referem-se aos esportes de inverno e estão direta ou indiretamente relacionados com os Jogos Olímpicos.

A visão de futuro de Coubertin, de uma “Olimpia moderna”, que serviu como ponto de partida aos participantes no homônimo Concurso de arquitetura do COI em 1910, ocupa-se também com a possibilidade de competições Olímpicas de inverno. Já que os custos de um estádio de gelo artificial que permitisse realizar em Londres competições de patinação sobre o gelo seriam demasiado altos, Coubertin propôs em seu lugar: “Seria melhor adotar uma solução em que esses esportes especiais fossem agrupados no inverno, sob o título de “Jogos Nórdico”.¹

Quinze anos mais tarde foi realizada em Chamonix em 1924 uma Semana Olímpica de Esportes de Inverno, que constituiu o ponto de partida dos Jogos Olímpicos de Paris. A decisão do COI de 1925 de introduzir os Jogos Olímpicos de Inverno se deve a pressão de alguns países centro-europeus e do Canadá. O COI a reconheceu posteriormente como os I Jogos Olímpicos de Inverno. O discurso inaugural de Coubertin nesta Semana de Esportes de Inverno é reproduzida a seguir. Também uma carta ao jornal desportivo francês *L'Auto* na qual Coubertin esclarece a posição dos Jogos Olímpicos de Inverno em relação aos Jogos Olímpicos. O COI havia prescindido de alguns Jogos de Inverno próprios em respeito aos Jogos Nórdicos, e unicamente havia organizado competições de patinação em 1908 e 1912 e de hóquei sobre o gelo em 1920. Dessa forma também se tinha em mente Victor Balck, o destacado colega do COI, mas quando a Federação Internacional de Esqui (FIS) realizou adicionalmente campeonatos de esqui em Lathi (Finlândia), a atividade dos Jogos Nórdicos voltou a retroceder. Mas também as tensões políticas entre a Suécia e a Noruega contribuíram para quebrar o domínio dos Jogos Nórdicos. Os últimos foram disputados em 1930. Coubertin não era favorável à ideia dos Jogos Olímpicos de Inverno, o que se pode deduzir o escasso número dos textos escritos sobre o tema.

1 “Une Olympie moderne: III. Le programme des Jeux”. *Revue Olympique*, diciembre, 1990, p. 186-187. Ver o texto 4.1/3 deste livro.



Diploma de vencedor
da Semana Olímpica
de Esportes de Inverno
de 1924 em Chamonix,

desenhado pelo artista
francês Yves Plumerau.
(Arquivos do COI)

4.2.3/1 DISCURSO DURANTE A CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO DOS JOGOS DE INVERNO (CHAMONIX, 5 DE FEVEREIRO DE 1924)

Senhoras, Senhor Intendente, Senhores:

Penso que hoje muitas consciências não ficariam muito satisfeitas se eu não aproveitasse a oportunidade para expressar quanta admiração e gratidão sentimos pelo fato de dotar este primeiro torneio Olímpico de Esportes de Inverno do mais elevado grau de perfeição técnica.

Ontem um dos dirigentes escandinavos mais qualificados dizia que o que se havia visto poderia servir de modelo em muitos aspectos, inclusive para a organização, tão afamada, dos Jogos do Norte. Isso pode compensar, meus caros colegas do Comitê francês, algumas críticas nacionais acerbas e injustas.

Dentre os numerosos espectadores que assistiram às competições nesses últimos dias, há muitos para os quais tem sido uma revelação contemplar exercícios cuja beleza não suspeitavam. E ficaram estupefatos quicá por encontra-los tão rudes e tão violentos. Isso se deve ao fato de que vivemos em contato com um duplo erro. O primeiro é o dos higienistas e pedagogos, que confundem educação física e esporte: a educação física é algo bom para todos; deve ser científica e moderada. Ao Estado cabe garantir seu normal funcionamento. O esporte tem algo mais; é uma escola de audácia, de energia e de vontade perseverante. Tende, por natureza, ao excesso; necessita campeonatos e marcas, e sua bela e leal brutalidade torna os povos fortes

O subtenente francês C. Mandrillon, cercado pelas bandeiras das delegações nacionais, presta juramento Olímpico nos Jogos Olímpicos de Inverno de 1924 em Chamonix. (Arquivos COI)



e sadios. O outro erro é nosso e dos esportistas inclinados a pensar que o esporte se mantém por si mesmo e se propaga por sua própria natureza. Trata-se, pelo contrário, de uma planta muito delicada que é preciso cercar de muitos cidadãos para evitar que murche e se corrompa. Os Esportes de Inverno pertencem àqueles cuja pureza é maior; por isso que, no que me diz respeito, eu tenha desejado tanto vê-los ocupar um lugar definitivo nas manifestações Olímpicas. Eles não ajudarão a velar pela ideia desportiva a fim de preservá-la do mal. Na prática, há certas e grandes dificuldades na hora de implementar este projeto, mas a experiência inicial que acabamos de fazer aqui pressupõe uma vantagem inestimável.

Assim, que todos aqueles que prepararam seu magnífico êxito recebam o tributo de nossa gratidão.

VIII^a. Olympiade 1924. Rapport officiel.
Paris: Libr. de France, 1924, p. 721.



Pierre de Coubertin
gostava de caminhar
pelos Alpes franceses e
suíços. Também ten-
tou com o esqui. Aqui
se pode vê-lo em sua
atitude familiar.
(Coleção Navacelle)

4.2.3/2 FRANÇA E OS JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO DE 1928

Caro Diretor:

Leio em diversos periódicos uma nota que começa assim: “Os esportes de inverno fazem parte desde 1921 dos Jogos Olímpicos. É algo admitido pelo COI que, caso o país organizador de uma Olimpíada não possa assumir os esportes de inverno, essa parte do programa poderia ser confiada a outro país”.

Não há nenhuma palavra exata nessas afirmações. Nunca o Comitê Internacional admitiu semelhante infração das regras fundamentais do Olimpismo. A realização de uma Olimpíada é atribuída a uma cidade, não a um país; e não pode ser “dividida” sob nenhum pretexto. Portanto, a agitação atual carece de fundamento, e isso tanto mais se tiver como origem uma alegada gestão do Comitê holandês, gestão que, segundo me asseguram formalmente, *nunca existiu*.

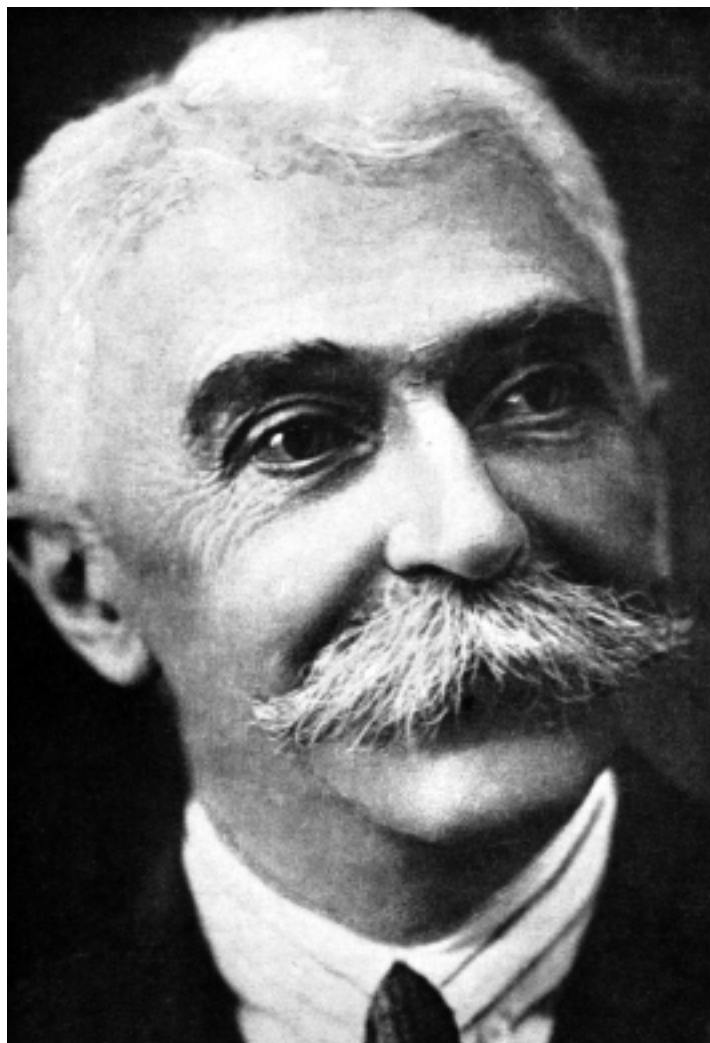
No que se refere ao programa dos Jogos, a patinação e o hóquei sobre o gelo sempre fizeram parte, de acordo com as possibilidades. Mas a Semana de esportes de inverno de 1924 realizada em Chamonix *por ocasião* da VIIIª. Olimpíada estava fora do programa, e isso por petição expressa dos escandinavos.

Creia, caro Diretor, em meus melhores sentimentos.

Pierre de Coubertin

“La France et les “Jeux” d’hiver en 1928”,
em *L’Auto*, 16 de janeiro de 1925, p. 1.

**Pierre de Coubertin
com aproximadamente
60 anos, quando dei-
xou a presidência do
COI para se dedicar às
suas tarefas dentro do
campo da educação.
(Fotografia: Arquivos de
Carl & Liselott
Diem, Colônia)**



5. A DIMENSÃO FILOSÓFICA E EDUCATIVA DO OLIMPISMO

O próximo capítulo sobre o Olimpismo é de uma importância capital. Nele reflete-se, através de quarenta e nove contribuições, da ideia Olímpica de Coubertin, sobre a qual se tem falado em numerosas ocasiões em todos os textos Olímpico-históricos. Na introdução deste volume já se analisou em profundidade o componente ideológico da renovação Olímpica de Coubertin.

Atualmente a discussão sobre a ideia Olímpica é realizada em muitas ocasiões partindo de premissas falsas. Acredita-se que existe “a ideia Olímpica” como tal. Os exemplos dos textos deste capítulo, cuja ordem cronológica foi respeitada sempre que tenha sido possível, mostram um processo evolutivo cujo resultado final não pode ser apreciado até seu discurso radiofônico de 1935 sobre “*Les Assises philosophiques de l'Olympisme moderne*”. O filósofo alemão e campeão Olímpico Hans Lenk analisou em 1964 num estudo exaustivo: os valores, os objetivos e a realidade dos Jogos Olímpicos.¹ Ele chegou à conclusão de que o Olimpismo representa uma “ação presente” de valores parciais. Para isso, Lenk analisou os textos mais importantes de Coubertin e delineou uma visão de conjunto de sua “ideia Olímpica”. Uma afirmação semelhante somente foi possível à distância, vinte e cinco anos após a morte de Coubertin. Os textos selecionados ilustram a evolução histórico-ideológica da filosofia Olímpica de Coubertin e justificam porque o conjunto de valores somente se torna evidente ao final de sua vida. Lenk formulou uma série de “valores Olímpicos importantes para o sistema” que poderiam tornar mais fácil a passagem para o capítulo seguinte:

- a desportividade: *fair play* e cavalheirismo
- a realização regular dos Jogos, tradição e paz Olímpica
- a internacionalidade e o nacionalismo
- “entendimento entre os povos”, e diversidade cultural
- coletividade de todos os esportes

1 Lenk, H. *Werte, Ziele, Wirklichkeit der modernen Olympischen Spiele*. 2. Ed., Schorndorf: Hofmann, 1972.

- o conceito de amador
- a independência Olímpica
- o ideal antigo e a figura moderna

É surpreendente ver como esse programa educativo sobreviveu ao longo de tantos anos, apesar de uma incompreensão tão difundida em relação às suas ideias fundamentais. Também surpreende ver as diferentes formas e maneiras nas quais este compromisso se expressa em tantos países e continentes no começo do segundo século Olímpico, entrelaçando as tradições Olímpicas e o estado atual da educação desportiva. A Academia Olímpica Internacional (AOI), que evolui regularmente desde 1961 em Olímpia como a Universidade do Olimpismo, professa uma dedicação integral ao mandato de Coubertin. As Academias Olímpicas Nacionais (AON), que têm aumentado desde 1966 até 146 em 2015, têm concedido, em diferente medida, uma nova ênfase ao conceito Olímpico em escolas e universidades e entre as organizações desportivas e Olímpicas.

A Carta Olímpica obriga os Comitês Olímpicos Nacionais (CON) a promover o Olimpismo em todas as áreas da educação. Movidos pelos trabalhos bem sucedidos da AOI, os CON reconheceram a necessidade de começar uma “educação Olímpica” desde a base. O movimento Olímpico é uma missão educativa que está se tornando cada vez mais atual como resultado da cobertura por parte dos meios de comunicação. O fato de que seus valores possam parecer inacessíveis não significa que a ideia seja obsoleta ou equivocada. O Olimpismo inclui pontos de vista que fornecem um âmbito sempre mutável de oportunidades aos atletas e a qualquer outro interessado. A retrospectiva filosófica de Coubertin de 1935, profusamente citada, “As bases filosóficas do Olimpismo”,² somente pode ser compreendida quando se imagina esta estrutura de valores do Olimpismo como o produto final de um processo que se prolongou por quarenta anos. Se somos obrigados a responder a pergunta do que pode significar o Olimpismo em termos educativos e o que pode conseguir uma “educação Olímpica”, devemos buscar de novo um ponto de partida em Coubertin, já que desde sua época não se tem feito nada para revisar seu conteúdo. Inclusive a Carta Olímpica adotou os princípios de Coubertin para tal fim.

Sob este cabeçalho, podemos agrupar estas cinco características pedagógicas de uma “educação Olímpica”:

- o conceito de desenvolvimento harmônico de todo ser humano
- a ideia de esforçar-se para alcançar a perfeição humana mediante o desempenho
- a atividade desportiva vinculada voluntariamente aos princípios éticos, tais como o *fair play* e a igualdade de oportunidades, e a determinação de cumprir com essas obrigações
- o conceito de paz e boa vontade entre nações, refletida no respeito e na tolerância nas relações entre as pessoas
- a promoção de ações para a emancipação no e pelo esporte.³

² Ver texto 5.1/17 deste livro.

³ Ver Müller, N. *Olympische Erziehung*, em: O. Grupe; D. Mieth (Eds.). *Lexikon der Ethik im Sport*. Schorndorf: Hofmann, 1998, pp. 385-395.

Na primeira seção (5.1) apresenta-se dezoito textos muito díspares com afirmações chave sobre o “Olimpismo”. Essas ideias básicas provêm em sua totalidade da época posterior à Primeira Guerra Mundial e documentam o longo processo de maturação.

A segunda seção (5.2) reúne dez textos sobre princípios específicos do Olimpismo, sem estar incluídos numa estrutura estável de valores. Durante toda sua vida, Coubertin orientou seus princípios para os desafios sociais e políticos e depurou ideologicamente a ideia Olímpica.

Coubertin atribuiu uma grande importância à organização em forma de culto e religiosa dos Jogos Olímpicos, que para ele tinha um valor constitutivo. Por isso, nesse parágrafo foram consideradas as afirmações de Coubertin sobre a origem e a importância de alguns símbolos Olímpicos.

Os testemunhos de Coubertin sobre a participação da arte nos Jogos Olímpicos e em acontecimentos desportivos locais (5.3) estão estreitamente relacionados a isso. Os doze textos relacionados com a arte representam uma parte da ânsia de Coubertin em conseguir por meio da união entre esporte e cultura uma acentuada consciência estética nos atletas e nos espectadores, o denominado ideal da eurritmia.

Na quarta seção (5.4) foram reunidas nove contribuições menores sobre a questão do amadorismo. Coubertin deu a ela uma importância menor do que comumente se pensa. O problema do amador nunca abandonou nem a Coubertin nem ao COI e sempre provocou novas disputas. Esta discussão era, em última instância, o reflexo da importância que tinham em cada país o esporte de alta competitividade e os Jogos Olímpicos.



A entrada para o antigo
estádio de Olímpia, com
uma vista do santuário.
(Fotografia: H.
Kaebenick)

5.1 O OLIMPISMO COMO ATITUDE ESPIRITUAL

5.1/1 – 5.1/2 INTRODUÇÃO

Trata-se de um discurso de agradecimento de Coubertin durante o banquete final do congresso de fundação de 1894. Nesse discurso fica claro que para Coubertin não se tratava somente do restabelecimento dos Jogos Olímpicos como acontecimento a ser celebrado a cada quatro anos, mas de introduzir de forma geral o esporte no modo moderno de viver segundo o ideal de harmonia da antiguidade grega.

Coubertin não “brinda” pelos Jogos Olímpicos, mas pela “ideia Olímpica... como reflexo de feliz esperança”.

O segundo discurso foi proferido por Coubertin em 16 de novembro de 1894 na sociedade literária “*Parnass*” em Atenas diante de um público numeroso. Nele procura adequar suas ideias Olímpicas ao ponto de vista dos ouvintes atenienses, para entusiasamá-los contra a postura de rechaço do governo grego pela realização dos Jogos Olímpicos de 1896. Fala da ausência de base filosófica no esporte moderno e o contrapeso ético, que deveria preservá-lo de perder-se na indecência.

5.1/1 DISCURSO PROFERIDO DURANTE A FESTA DE ENCERRAMENTO DO CONGRESSO DE PARIS (1894)

Senhores, entre as virtudes mais fáceis de praticar, é preciso contar com o agradecimento; é também o sentimento mais fácil de expressar. Se olho ao meu redor e procuro as pessoas às quais devo testemunhar minha gratidão ao final deste congresso que realiza a esperança dos dez primeiros anos de minha vida de adulto, pressinto que meu discurso vai se converter numa ladainha; assim, pois, senhores, espero que me desculpem se não nomeio ninguém, e se, após reunir num agradecimento emocionado a todos os que me têm ajudado e apoiado, os convido para olhar tudo o que neste mundo domina os homens e prestar um momento de atenção a um espetáculo profundo e estranhamente filosófico.

Este ano de 1894, nos permitiu reunir nesta grande cidade que é Paris – cujas alegrias e inquietudes compartilha todo o mundo, de modo que se pode dizer que é seu centro nervoso – a todos os representantes do atletismo internacional; e eles, unanimemente – como foi aceito no princípio –, votaram pela restituição de uma ideia que tem dois mil anos, que tanto hoje como então comove o coração dos homens e satisfaz um de seus instintos mais vitais e – embora se tenha dito o contrário – também os mais nobres. Esses mesmos delegados ouviram ressoar em seus ouvidos, no templo da ciência, uma melodia de dois mil anos, reconstruída por uma sabia arqueologia, graças aos trabalhos sucessivos de várias gerações. E à noite, a eletricidade tem levado a todas as partes a notícia de que o Olimpismo heleno tinha voltado a entrar no mundo, após um eclipse de muitos séculos.

A herança grega é tão grande, senhores, que todos aqueles que conceberam no mundo moderno a ideia do exercício físico em seus múltiplos aspectos, puderam referir-se legitimamente à Grécia, onde todos tinham guarida. Alguns conheceram a

preparação para a defesa da pátria; outros a busca da beleza física e a saúde pelo suave equilíbrio da alma e do corpo; outros, por fim, essa sadia embriaguez do sangue, à qual se tem chamado alegria de viver, que não existe em parte alguma tão intensa e requintadamente como no exercício físico.

Em Olímpia, senhores, tudo isso já existia, mas também havia algo mais, que ainda não se ousou formular, porque desde a Idade Média se cria uma espécie de descrédito sobre as qualidades do corpo e se as separa das qualidades do espírito. Recentemente, as primeiras foram admitidas para que sirvam às segundas, mas ainda se as trata como escravas, e se lhes recorda todos os dias sua dependência e inferioridade.

Isso tem sido um imenso erro, cujas consequências científicas e sociais são, por assim dizer, impossíveis de calcular. Em última análise, senhores, o homem não é um composto de duas partes: corpo e alma; há três: o corpo, o espírito e o caráter; o espírito não forma o caráter; este é modelado pelo corpo. Eis aqui o que os antigos sabiam, e o que a duras penas nós estamos voltando a aprender.

Os adeptos da velha escola têm suspirado ao nos ver realizar nossas sessões em plena Sorbonne: eles têm se dado conta de que éramos revolucionários e que acabariamos por derrubar o edifício de sua filosofia carcomida pelo tempo. É verdade senhores que somos rebeldes, e por isso a imprensa, que sempre apoiou as revoluções benfazejas, nos tem compreendido e nos tem ajudado. Por isso, de passagem, porém de todo coração, eu agradeço.

Pergunto-me e peço desculpas, senhores, por ter usado esta linguagem e tê-los levado a estas alturas; se continuasse, este alegre champanhe se evaporaria de tédio. Portanto, me apresso a lhe devolver a palavra, e faço um brinde à ideia Olímpica, que tem atravessado como um raio de sol onipotente a névoa dos tempos e volta para iluminar com luz de alegre esperança os umbrais do século XX.

Extrato do artigo "*Les Fêtes du Congrès*", em
Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques,
julho, 1894.

5.1/2 O NEO-OLIMPISMO. CONCLAMAÇÃO AO POVO DE ATENAS (16 DE NOVEMBRO DE 1894)

Senhoras e Senhores:

Todos vocês conhecem, pelo menos de nome, o palácio da Sorbonne de Paris. É a sede de nossa famosa Universidade, cuja história está há muito tempo estreitamente vinculada aos acontecimentos de nossa vida nacional. Os nomes ilustres ligados a ela, os trabalhos de erudição que dela tem saído, tudo contribui para tornar respeitável esta antiga casa cujas tradições conservam-se até hoje entre muros novos e suntuosos. No centro da nova Sorbonne foi construído um grande anfiteatro. Um dos nossos melhores artistas, Puvis de Chavannes, pintou nele um impressionante afresco. Na primavera de 1889 foram agrupados ali, em razão de uma festa internacional, os estandartes de todas as universidades do mundo; mais recentemente, a ciência universal aclamou ali o nome de Pasteur no dia em que o ilustre sábio completava setenta anos.

Por último, em 16 de junho último, o barão de Courcel, senador, e atualmente embaixador da França em Londres, inaugurou ali o congresso internacional para o restabelecimento dos Jogos Olímpicos. No recinto encontravam-se cerca de 2.000 pessoas. Estavam amplamente representados o governo, a Academia e a Universidade. Após o presidente ter proferido um discurso notavelmente bem construído sobre o papel do atletismo no mundo, o poeta Jean Aicard cantou em tom emocionado e vibrante a grandeza moral da luta e o vigor físicos. Então escutou-se em religioso silêncio o hino a Apolo, surgido há dois mil anos da terra de Delfos e que foi cantado pela primeira vez por um conjunto de coros. O efeito foi intenso: por uma dessas misteriosas portas que a música nos abre às vezes sobre os mundos desaparecidos, a assembleia parisiense percebeu durante alguns segundos a antiguidade grega em todo seu esplendor.

Deste momento em diante, Senhores, o gênio heleno esteve entre nós e transformou um modesto congresso de esportes atléticos numa empresa de aperfeiçoamento moral e de paz social, e meu objetivo foi alcançado.

I

Pessoalmente eu havia temido sobretudo o sarcasmo, ou ao menos essa benévola ironia com a qual em épocas de ceticismo se acolhe aos operários que não parecem estar à altura da obra. Faz precisamente um ano, encontrando-me nos Estados Unidos havia promovido uma reunião de representantes do atletismo americano. Mais tarde, havia me encontrado em Londres com os mais competentes homens do esporte: ao ter preparado assim os caminhos, pensei que o congresso de Paris teria algumas possibilidades de êxito, frente a muitas de fracasso. Contudo, Senhores, o prestígio da antiguidade – e mais particularmente dessa parte da antiguidade que representais – é tal que a opinião pública aderiu sem titubear a um projeto cuja amplitude podia surpreendê-la e deixá-la incrédula: inclusive entre aqueles que compreenderam mal, acreditando que pretendíamos fazer reviver no pensamento fundamental da instituição Olímpica somente sua forma exterior, inclusive entre esses não houve nem sorrisos nem menosprezo. E, no entanto, não seria ridícula

e penosa uma restituição completa do passado? Imaginem a procissão de algumas Panateneas fantasiadas escalando uma rocha artificial até alguns Propileus de papelão, enquanto arde em tripés de madeira pintada um incenso fabricado, com cantos de hinos do passado a alguns deuses que morreram e cujo culto foi substituído por uma religião mais austera, mais divina e mais pura. Isso seria de certo modo uma dupla blasfêmia.

O pensamento que me guiou é muito diferente. Para apresenta-lo melhor, permitam-me olhar para trás e lhes traçar rapidamente a história do atletismo.

Hoje sabemos que era desconhecido no Egito. Os hieróglifos, tão pródigos em pormenores de todas as circunstâncias da vida às margens do Nilo, nos têm ilustrado com seu silêncio sobre esse ponto. É certo que o exército egípcio era cuidadosamente treinado: a indicação de certas etapas e dos tempos para superar as distâncias que as separam permite comparar os soldados dos Faraós com os da infantaria moderna com relação à duração e à rapidez das marchas militares; e a comparação não resulta desfavorável para os antigos. Havia também a luta que era ensinada nos acampamentos e, curiosamente, as regras eram quase as mesmas que as de hoje: o vencedor deveria derrubar seu adversário, de modo que os dois ombros tocassem o solo, para obrigar a este declarar sua derrota.

Este é quase um resumo da batalha natural para o homem, cujos instintos sempre foram belicosos; mas não constitui um esporte propriamente dito. Com maior razão, tampouco há que se buscar seus indícios no Extremo Oriente, nas regiões nas quais Buda, com um sorriso estático, dorme sentado num lótus como uma imagem da inércia física e da indiferença muscular.

Homero é bastante vago a este respeito, e somente com Licurgo o esporte faz sua entrada na cena do mundo, onde aparece conduzido pela pedagogia: sob a mesma égide deveria voltar pela segunda vez no começo do século XIX.

Certamente, é algo absolutamente nobre e belo praticar exercícios masculinos com a ideia de defender melhor a pátria e de cumprir melhor os deveres da cidadania; mas existe algo mais propriamente humano, se assim se pode dizer, e isso consiste em buscar no esporte a maravilhosa consolidação da máquina humana, o delicado equilíbrio entre a alma e o corpo, a alegria de uma vida mais vigorosa e intensa, a harmonia das faculdades, a força tranquila e feliz. Considerado desde esta perspectiva, o esporte pode servir melhor aos interesses de uma nação e embelezar seus destinos. Sobre vós, Atenienses, recai a honra de haver dado ao mundo esta fórmula.

Não é necessário que vos lembre – os conheceis melhor que eu – os esplendores masculinos que engendrou. A vida do ginásio foi um compromisso admirável entre as duas ordens de força que o homem disputa e que é tão difícil, uma vez perdido o equilíbrio, recuperar novamente. Os músculos e as ideias se complementam fraternalmente, e parece que essa harmonia seria perfeita ao ponto de unir também a juventude com a velhice. Vossos ancestrais não conheceram, via de regra, nem as extravagâncias do adolescente, nem as displicências do ancião; o saber viver estava então em seu apogeu, e dele se derivava com naturalidade o saber morrer: sabia-se viver sem medo e morrer sem pena por uma cidade imutável e uma religião indiscutível, coisa que, lamentavelmente, hoje desconhecemos.

O gérmen da decadência apareceu depois de uma existência sadia, o mesmo que se não tivermos cuidado arruinará nossas esperanças que brotam: o dinheiro. O atleta de Olímpia estava, sem dúvida, resguardado até certo ponto pelo caráter sagrado dos exercícios aos quais se entregava, e a coroa de oliveira selvagem em sua cabeça vitoriosa era o emblema do desinteresse e do espírito cavalheiresco. Mas sua cidade natal, excessivamente contente com seu triunfo, o enriquecia desmesuradamente, cercando sua idade madura de um luxo fora de propósito: como podeis ver, o que hoje chamamos profissionalismo é algo muito antigo. Deve-se crer que muitos cidadãos lamentavam estas tendências, porém não souberam ou não puderam se opor a elas... A filosofia do esporte foi gradativamente se obscurecendo, até chegar a se apagar por completo; com o passar do tempo, o atletismo deveria perecer lamentavelmente na bestial embriaguez do circo romano.

O cristianismo combateu o circo romano, tanto por ser pagão quanto por sua crueldade. Um forte sopro do alto precedia à civilização antiga e disseminava seus frágeis restos. Uma nova lei, totalmente baseada na igualdade e na solidariedade, dura e grandiosa, era proclamada ante a face do universo. Com frequência tenho pensado na impressão de horror e de indignação que deviam produzir num pagão daquela grande época as palavras sublimes do sermão da montanha. A forma de anarquia mais violenta não resultaria a um capitalista dos nossos dias nem mais execrável nem mais insensata.

No entanto, não há nenhum tipo de incompatibilidade entre as esperanças cristãs e a cultura das faculdades do corpo. A Idade Média incorreu num erro grosseiro ao fazer do corpo um farrapo e ao ensinar aos homens o desprezo pela vida. E não obstante, inclusive numa época tão impregnada por um absolutismo honesto e, ao mesmo tempo, pueril, houve homens de esporte. A cavalaria era uma grande confraria atlética.

Pode-se ficar assombrado de que o absolutismo, mantido pelas façanhas de uns poucos, não participasse do grande movimento que se conhece com o nome de Renascimento. Ao compreender por fim as riquezas das quais se havia voluntariamente privado, a humanidade voltou atrás para recuperá-las. Conseguiu recuperar somente uma parte delas, da qual fez, certamente, um bom uso, mas outra parte permaneceu soterrada, como os afrescos, as estátuas, as colunas e os mosaicos que a arqueologia traz à luz do dia para nossa edificação e nossa instrução.

Por pouco que se estude, Senhores, a história do nosso século, ficamos surpresos pelo tipo de desordem moral que parecem produzir as descobertas da ciência industrial. A vida é transtornada, os povos percebem como habitualmente treme sob seus passos a terra sobre a qual se assentam. Não sabem a que se vincular, porque ao seu redor tudo se move e muda, e em seu mal-estar, como se fosse para opor algum contrapeso às forças materiais que se amontoam formando muros ciclópicos, procuram todas as forças morais dispersas no mundo. Penso que esta é a gênese filosófica do movimento de renascimento físico tão notável no século XIV.

Observai que na maioria dos países isso é determinado por algum tipo de movimento brusco. Depois de Jena, a Prússia se recupera, como a França depois de Sedán: em ambos os casos o desastre dos exércitos nacionais marca o início de uma era masculina na qual tudo se volta para a recuperação e, nessa obra, a ginástica ganha em seguida um lugar de destaque. Do mesmo modo, na América, o gosto

pelos exercícios desportivos começa a crescer após a terrível guerra de Secessão que abalou em seus próprios fundamentos a República dos Estados Unidos. Até então, a sociedade americana havia fingido menosprezá-los e crer na incompatibilidade entre a força física e a cultura intelectual.

Vede como a história se repete: se não há um novo Licurgo para escrever um código atlético, ao menos percebe-se muito claramente o reflexo de Esparta, e junto a ela Atenas renasce nas margens nevoentas do Tâmisia. Os dois sistemas, as duas teorias aparecem juntas: o exercício físico para a guerra e o esporte para o indivíduo.

A ideia ateniense abre caminho timidamente ou, ao menos, de forma muito modesta. O famoso Kingsley e um grupo de amigos seus começam a praticar esporte: isso acontecia há 60 anos; era uma novidade. A Inglaterra, que parece destinada a ser a pátria do esporte, na realidade nunca o havia conhecido: que a Inglaterra possa ser considerada a terra do esporte não se deve a que alguns senhores de costumes um tanto brutais cavalgassem o dia todo para caçar, nem a que alguns camponeses jogassem bola ou atirassem com o arco; sua juventude era apática, e seus prazeres nada tinham de elevado... Assim, a manifestação de Kingsley foi recebida com desprezo piedoso, e a ironia se tornou mordaz quando seus adeptos aumentaram; em seguida se tornou colérica, e os partidários da rotina gritaram... Na França aprendemos logo a conhecer o preço desses gritos.

Depois veio Thomas Arnold, o maior educador de todos os tempos, o responsável, mais que nenhum outro inglês, da prosperidade atual e da expansão prodigiosa de seu país. Com ele o atletismo entra num grande colégio e o transforma; no dia em que a primeira geração modelada por suas mãos concluiu os estudos, os assuntos do Império britânico mudaram de figura. Não há, quiçá, um exemplo tão chamativo de como um punhado de bons trabalhadores pôde transformar toda uma sociedade.

Sabeis em que se transformou o atletismo inglês: não reina somente na educação, onde propicia ao professor um instrumento muito poderoso e delicadíssimo de formação moral, mas invadiu todo o território do Império; hoje se encontra em toda parte, na França, na Alemanha, na Bélgica; encontra-se com a ginástica propriamente dita, e aparece como um irmão menor cheio de ambição. Colocou sua bandeira na Itália, na Hungria, na América do Sul e inclusive na Rússia e na Espanha. Encontra-se aqui mesmo: vossos ginásios, a sociedade de Remo do Pireu, o círculo de Esgrima, os clubes de ciclismo podem ser muito bem comparados com muitas sociedades conhecidas da Europa Ocidental.

O movimento é, portanto, universal e muito rápido, e é precisamente neste ponto que se deve lembrar das lições da Antiguidade. Evitemos as armadilhas que nos foram mostradas pela experiência de vossos antepassados.

O esporte moderno conta com algo mais e com algo menos que o antigo. Mais, com alguns instrumentos aperfeiçoados. Somente permaneceram intactos a natação, a luta e diversas formas de ginástica. Rema-se em botes ou em embarcações construídas com sábia leveza, roda-se numa bicicleta veloz que avança de um sucesso a outro, dispõe-se de raquetes, balões, patins e floretes que respondem a todas as exigências.

Porém tem de menos a base filosófica, o nível elevado dos objetivos, todo o aparato patriótico e religioso que cercava as festas da juventude. Antes das provas, o atleta passava por uma espécie de purificação que devia torna-lo digno de se

apresentar nelas e qualquer vício em sua vida era um empecilho irredutível. Hoje nos é muito difícil imaginar um ciclista que, para ser admitido num velódromo, vá pedir na prefeitura da cidade um certificado de bons antecedentes, nem mesmo a um praticante de esgrimista que vele as armas numa igreja como um cavaleiro da Idade Média. E, no entanto, sabemos que o atletismo está exposto a sérios perigos, que pode cair no mercantilismo e na lama, e que é preciso preservá-lo desse destino a qualquer preço. Se não conseguimos mantê-lo nas alturas, as esperanças que estão baseadas nele cairão; não desempenhará nenhum papel na escola, nem exercerá nenhuma ação na vida coletiva, senão que, ao contrário, contribuirá com um elemento a mais para a corrupção.

É impossível, pois, encontrar numa nova e adequada ordem de ideias as necessidades do momento o contrapeso moral tão necessário?

Senhores, o atletismo moderno apresenta duas tendências sobre as quais quero chamar a sua atenção: é democrático e internacional. A revolução social que dora-vante se produziu entre os homens, e quem sabe também se cumpra entre as coisas, explica a primeira destas características; a rapidez dos meios de transporte e a frequência das comunicações explica a segunda.

Não vou discutir aqui os méritos ou os defeitos da democracia. Tenho vontade de dizer como o padre Didon um dia em que alguém ante ele se lamentava do aumento da onda democrática, ao que o eloquente dominicano respondeu: “Nunca me preocupo com o tempo pela simples razão de que não posso muda-lo”. Sábia resposta. Eu poderia dizer o mesmo do pretenso internacionalismo, e isso se dá por suposto, no sentido do respeito e não da destruição das pátrias. É uma corrente que nasceu de um grande desejo de paz e de fraternidade decorrente das profundezas do coração humano. A paz se transformou numa espécie de religião cujos altares estão rodeados de um número crescente de fiéis. Como não mencionar o dia no qual acaba de entrar para o repouso eterno, acompanhado pelo respeito e pela dor do mundo inteiro, um de seus primeiros pontífices, o grande Imperador cujo poder tem sido tão suave e tão saudável sua autoridade? E já que faço menção a uma atualidade particularmente emotiva para vós e para nós, não posso deixar de evocar também a memória de um homem tão justo, tão correto e tão bom, para o qual, faz cinco anos, as bandeiras já estavam enlutadas, a cabeça querida e venerada da República Francesa. Nesses funerais caberia escrever, comum um epitáfio glorioso, as palavras da Sagrada Escritura: Bem-aventurados os pacíficos.

Tal é, Senhores, a ordem de ideias da qual extraio os elementos da força moral que deve guiar e proteger o renascimento atlético. A democracia sadia e o internacionalismo prudente e pacífico penetrarão no novo estádio e manterão nele o culto da honra e do desinteresse que permitirá ao atletismo uma tarefa de aperfeiçoamento moral e de paz social, bem como de desenvolvimento muscular.

Essas são as razões pelas quais é necessário que a cada quatro anos os Jogos Olímpicos restaurados sejam para a juventude mundial a oportunidade para um encontro feliz e fraterno no qual desapareça gradativamente a ignorância na qual vivem os povos em relação uns aos outros, ignorância que alimenta os ódios, acumula os mal-entendidos e precipita os acontecimentos no sentido bárbaro de uma luta sem trégua.

Que fazer para conseguir o que se espera deles e responder ao que devem ser os Jogos Olímpicos? Tendes tanto mais interesse em nos colocar essas perguntas quanto contareis com a honra de inaugurá-los logo.

Gostaria de insistir especialmente num ponto de fundamental importância porque pode levar a confusão. Certamente todos nós estamos de acordo em dar a esta celebração o maior brilho possível. Mas acrescentar ao Jogos alguns festejos de natureza completamente distinta, como exposições, concursos industriais, manifestações populares, seria comprometer seu êxito; o caráter dos jogos traz consigo inclusive certa sobriedade na forma que os tornará ainda mais solenes. E não pensem que ao fazer, assim, um tanto austero o programa prejudicais o conjunto, nem que afastareis os visitantes. A honra de lutar e a esperança de ser coroado em Atenas ao pé da Acrópole, a alegria de contemplar uma atmosfera tão pura, alguns horizontes que a natureza e a história tornam duplamente majestosos, de visitar algumas planícies e alguns vales dos quais a ciência tem conseguido arrancar seus segredos, ao exumar as cidades enterradas, tudo isso, acreditai, vale todos os atrativos que vosso intelecto poderia criar. A grande festa é vir a Atenas; que outro festival poderia ser igual a esse?

O programa dos Jogos de 1896, e me perdoem se uso aqui algumas expressões técnicas, tal como o proponho em nome do Comitê Internacional que represento, contém as seguintes provas, que podem ser divididas em três grupos.

Grupo 1: esportes atléticos, corridas, saltos e lançamento de peso.

Ginástica, exercícios individuais, aparelhos, provas de conjunto, etc.

São realizados no Estádio.

O segundo grupo terá como cenário a baía e a planície de Falero.

Na baía, os esportes náuticos, competições de vela, remo e natação.

Na planície, as provas de ciclismo e diferentes Jogos, críquete, tênis.

O terceiro grupo compreenderá esgrima, boxe e luta, que acontecerão na magnífica rotunda do Zappeion; o tiro, para o qual contaís com um espaço, e por último, uma prova de equitação no belo ginásio da Escola de cavalaria. Depois de pensar bem, não creio ser possível organizar um campeonato de polo; com relação às corridas de cavalos, estas foram excluídas do programa geral pelo congresso de Paris, por constituir-se num esporte no qual se tem como objetivo a melhoria do animal, mais que a do ginete.

Crede que este programa não foi decidido às pressas, mas este não é o lugar para explicar-lhes a harmonia que o constitui: somente posso resumir isso brevemente. A duração dos Jogos será de 30 dias.

As objeções, porque elas existem, se reduzem aos seguintes pontos:

1º.) Custará muito. É um equívoco. Os únicos gastos de alguma importância são a preparação do solo e as tribunas provisórias no Estádio, bem como a preparação em Falero de uma pista de ciclismo, cuja necessidade já foi percebida pelos ciclistas atenienses. Mencionaria também os prêmios, se o Sr. Michel Bréal, membro do Instituto da França, e o Sr. Alexander, Ministro dos Estados Unidos, não encabeçassem a lista dos generosos doadores, o que me leva a pensar que, neste ponto, os gastos

se reduziriam consideravelmente. De saída havia estimado um total aproximado de 200.000 francos; hoje, melhor informado sobre as facilidades oferecidas pelo país, o reduzo a 150.000 francos, e pode ser que não seja a última palavra em se tratando da economia. Tenho alguma ideia sobre como recuperar rapidamente essa cifra, e inclusive com os juros.

A segunda objeção tem a ver com a vossa inferioridade desde o ponto de vista desportivo, que é absolutamente relativa e teórica; pessoalmente, não apostaria duas dracmas que vossos representantes não conseguiriam algumas condecorações nos Jogos Olímpicos. E além disso, finalmente, Senhores, será que vossos pais pensaram e ponderaram suas possibilidades antes de enfrentar o Turcos? Se eles tivessem feito isso, atualmente não serieis livres. São coisas que não se discutem e são indignas de vós.

Quando nós começamos a jogar futebol contra os ingleses, não contávamos com a derrota; na sétima partida os havíamos vencido, e acabamos de voltar a fazer isso não faz quinze dias. A desonra não consistiria aqui em ser vencido, mas em não enfrentar-se.

III

Toco agora num ponto mais delicado que apareceu um pouco tarde, mas que nem por isso é menos respeitável. Perguntou-se se convém organizar em Atenas uma competição internacional, uma vez que a Grécia se encontra numa situação mais ou menos anormal com relação a certas potências europeias.

A modéstia, Senhores, é boa, mas, como diz a canção, não é preciso exagerar; o excesso é sempre um defeito. Sei muito bem que sois um país pequeno e, por outro lado, todos se ocupam em repetir isso. Mas, que mais me importa, se sois, por sua vez, uma grande raça? Será que a influência exercida pelos povos no decorrer das épocas nunca foi medida pela extensão de suas fronteiras geográficas? Será que o povo hebreu, que jamais brilhou nem pela perfeição nem pela grandeza de sua organização nacional não removeu os fundamentos do mundo, e vossos ancestrais, por divididos que estivessem, não inventaram o culto da beleza ideal que se chama arte?

Mas em que consiste propriamente o mal; vosso magnífico passado é tão pesado que esmaga o presente. No exterior, alguns se acostumaram a considerar-vos como uma mera sentinela que vigia um tesouro, e penso, e Deus me perdoe, que inclusive aqui há alguns helenos que foram convencidos que sua missão moderna não deveria ser senão essa. Muita literatura desenvolveu essa ideia de diversas formas, desde o sábio Fallmerayer e suas conclusões paradoxais, até o triste About, cujo panfleto parece ter sido escrito numa portaria por trabalhador de um teatro aposentado - amargo, espirituoso e míope.

Compreendo que quando se realiza essa subida ao Partenon que é, de alguma forma, a peregrinação fundamental da humanidade, alguém prefira se fazer acompanhar pelas sombras de Fídias e de Péricles; mas quando se empreende a descida para Atenas, até a Atenas moderna, para encontrá-la tão viva, tão forte, com tanta fogosidade e animação, quando sobretudo se pensa que 60 anos atrás não havia nada, senão alguns casebres, e que tudo isso é obra de poucas gerações, os nomes

de Ypsilantis, Capo d'Istria e Colocotronis vem aos lábios e alguém se inclina respeitosamente ante sua memória, ante esse cúmulo de sofrimentos, de trabalhos, de esperanças sempre desenganadas e nunca apagadas que constituiu vossa história nos dias tenebrosos do cativeiro.

Chegados a este ponto, a Europa volta a intervir para vos pedir gratidão. Parece que teria feito tudo e, realmente, quando alguém se dá conta de quão tardia foi sua cooperação e com que má vontade o fez, suas pretensões retrospectivas resultam um tanto ridículas. Sei muito bem que contaís com um Lord Byron, um Santa-Rosa, um Fabvier, para consolar-vos pela ingratidão e pela indiferença dos governos. Graças a eles podeis perdoar os austríacos por ter reabastecido os turcos, o lorde Comissário das Sete ilhas por haver perseguido a vossos irmãos jônios; podeis esquecer o menosprezo do Sr. de Villèle e as considerações grotescas do Sr. de Salab sobre a “legitimidade” do jugo otomano.

Na longa série de acontecimentos que tem assombrado o século XIX, desde brilhante epopeia que marcou seu início, até o grande movimento social que turva seu declive, há, Senhores, três acontecimentos aos quais se pode aplicar particularmente o adjetivo maravilhoso. Temos visto a unificação da Alemanha e da Itália, o crescimento colossal da República dos Estados Unidos, e a abertura do caminho para a luz da civilização no vasto continente africano. No campo científico, temos assistido a uma série de descobertas extraordinárias que quase modificaram as condições da vida humana; mas tudo isso não tem sido senão uma conclusão lógica de acordo com as leis do desenvolvimento universal. Era necessário ter mais ou menos perspicácia para prever isso, mas, em si mesmas, nada tinham de contrário à natureza das coisas. Ocorre de forma muito distinta com três acontecimentos sobre os quais quero falar, e que são: a França depois de 1870, e a transformação radical do império japonês. Uma raça submetida a todos os suplícios e que tem padecido a mais longa e terrível escravidão, alcançou por si mesma a liberdade graças a uma simples manifestação de vontade e de energia indomáveis: é o caso da Grécia. Um país cansado, esgotado por revoluções, cético pela derrubada de sucessivas combinações, conseguiu, após um desastre sem nome, riqueza, estabilidade e calma buscando-as nos antípodas de sua situação anterior: é o caso da França. Um grande povo, por fim, do qual se pensava que havia se cristalizado nas profundezas de uma civilização já muito antiga, rejuvenesceu subitamente e entrou de pleno direito na complexa existência do mundo ocidental: é o caso do Japão. Tudo isso é ilógico, ilógico como um tremor de terra ou uma erupção, cujas causas existem, mas tão cultas, tão internas, que não sabemos como adivinhar.

De qualquer modo, Senhores, e para voltar ao assunto que nos ocupa, haveis realizado uma das maiores tarefas do século; vossa perseverança tem reanimado o espírito de todos os cativos: haveis conseguido o triunfo da justiça, haveis forçado o destino; podeis agora olhar confiantemente para frente, recordando as palavras imortais de Gambetta: “Os grandes ressarcimentos podem advir do direito; nós e nossos filhos podemos esperar por eles, pois o futuro não está proibido a ninguém”.

Não deixai, portanto, de perceber através das vicissitudes passageiras de vossa vida nacional a Grécia eterna, e não rechaí a homenagem que um amigo vos preparou faz muito tempo e que vos foi feita sob as abóbadas da Sorbonne com unanimidade entusiasmada e com um tremor de reconhecimento e emoção.

Há em vós uma forma de patriotismo que somente tenho encontrado parcialmente desenvolvida nos Estados Unidos, e que, para o bom cidadão que tem vivido e enriquecido longe de sua pátria, consiste em nomeá-la herdeira de uma parte de seus bens. Atenas tem visto, assim, como foram construídos muitos de seus mais belos edifícios, como foram criadas muitas de suas mais úteis instituições. E se menciono aqui o nome de Zappas é porque os homens que lhe deram suporte, parecem ter sido particularmente inspirados recordando que a atividade comercial e o atletismo foram as grandes forças do vosso passado. Diante do monumento decorado por suas estátuas, o velho Estádio espera pela juventude do mundo inteiro. Ali há que se inaugurar na terça-feira de Páscoa de 1896 os Jogos Olímpicos modernos.

Quero vos lembrar, para terminar, um fato muito característico que procede de um dos últimos volumes da história do povo de Israel. Em sua linguagem incomparável, Renan nos faz assistir à curiosa tentativa de Antíoco o grande para helenizar Jerusalém. Para alcançar seu objetivo, Antíoco construiu, sobretudo... um ginásio.

Deixo-vos com esta ideia, Senhores. Os séculos transcorridos não proferiram uma sentença de divórcio entre o atletismo e o helenismo, cuja união foi tão estreita que jamais será proferida. Ao trabalhar para uma obra desportiva, tendes certeza de que trabalhais por vossa pátria.

“*Le Néo-olympisme*”, em
Le Messager d'Athènes, Atenas, 1894,
n. 39, pp. 287-288 (I);
n. 42, pp. 306-309 (II).

5.1/3 POR QUE RESTABELECI OS JOGOS OLÍMPICOS?

Neste artigo, escrito em 1908, Coubertin trata de relacionar o movimento Olímpico com os então iminentes Jogos Olímpicos de Londres de 1908. Como em seu artigo “Uma Olimpíada moderna”, embora de forma muito mais breve, analisa primeiro o modelo dos Jogos Olímpicos antigos para a época moderna e deriva disso a principal diferença com respeito aos campeonatos mundiais. É próprio daquela etapa criativa de Coubertin o desenvolvimento do sentido dos Jogos Olímpicos, desde o *fair play*, a beleza da luta e a representação nacional até uma ideia filosófica comum, o Olimpismo. Cita como ideia superior fundamental a “humanidade em geral”. Ali encontra-se a superioridade da raça branca. Na frase final do artigo dá uma atenção especial à contribuição das Artes. Este texto, que se conserva unicamente em sua versão inglesa, pode ser considerado a descrição precoce mais completa do Olimpismo da pena de Coubertin.

Se ao reviver os Jogos Olímpicos somente tivesse buscado restabelecer uma das instituições antigas mais nobres e interessantes, creio que não tivesse necessitado de nenhuma desculpa, já que uma ambição como esta teria sido certamente tanto compreensível quanto legítima. No entanto, com razão poderia ter sido caracterizada como uma empresa extravagante e supérflua. É preciso trabalhar tanto para satisfazer ao grande número de necessidades de nossos dias, que preferiríamos não nos perder em esforços desnecessários. Guardo na memória uma frase do grande Doutor Arnold sobre o cultivo de certas plantas raras. “Que interessante”, disse, “dedicar-se a isso se a vida de alguém pudesse ser duas vezes maior do que é na realidade!” Mas os Jogos Olímpicos não podem de nenhum modo ser comparados com o cultivo de plantas raras. Estou profundamente convicto de que são uma das pedras angulares do progresso e da saúde da juventude de nosso tempo. Fique claro que, se entre os leitores deste artigo há alguns que desprezam o esporte, e não veem nele nada mais que entretenimentos caros e pueris, não estou me dirigindo a eles, já que não temos base comum para a discussão. Mas não espero encontrar-me com um ponto de vista semelhante, já que estaria bastante antiquado. É certo que tem havido abusos, especialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, e sempre é justo combater os abusos; mas isto não afeta o valor do princípio fundamental que subjaz à prática desportiva – que não existe nada com o qual os jovens possam fazer uso de sua força durante suas horas livres e de lazer com tanto benefício, tanto moral quanto físico. Não é o momento, quando todo mundo civilizado, de São Petersburgo a Madrid e de Tóquio a Punta Arenas, está adotando as ideias anglo-saxãs nesta matéria, de os próprios anglo-saxões renunciarem a elas.

Então, a vida atlética da juventude moderna demanda a restauração dos Jogos Olímpicos; e plenamente convencido disso, fiz um apelo em favor de sua restauração, sem pensar unicamente na França ou na Inglaterra, na Grécia ou na Itália, senão na humanidade em geral. Mas, se me poderia perguntar, que diferença existe para você entre os Jogos Olímpicos e o que atualmente se denominam campeonatos mundiais? Eram os jogos da Antiguidade algo distinto do que nossas competições para os campeonatos mundiais, seguiam suas próprias diretrizes, e consideravam o significado da palavra “mundial”? Não nego isso, e concordo que os campeonatos

mundiais fazem parte dos Jogos Olímpicos; não obstante, os Jogos Olímpicos também são “outra coisa”, e é precisamente essa “outra coisa” que tem importância, já que não se encontra em nenhum outro tipo de competição desportiva.

Há dois modos de se referir ao esporte: primeiro, o ponto de vista individual, que é, por assim dizer, o melhor e o mais desejável. No dia em que existir uma nação na qual cada jovem tenha afeição suficiente pelos exercícios físicos para praticá-los de forma regular, seja individualmente ou junto com seus companheiros, buscando nos esportes sadios um meio admirável para aperfeiçoar sua saúde e incrementar sua força, então, nesse dia, a humanidade – ou parte dela, ao menos – terá alcançado a perfeição. Mas ainda não chegamos aí, e por isso nos sentimos constrangidos a nos referir ao esporte desde um segundo e bem diferente ponto de vista – o da competição organizada. O esporte com o objetivo de ganhar algo: este é o incentivo poderoso e o câncer perigoso com o qual temos de contar. Incentivo poderoso, não podemos negá-lo; o mais poderoso deles, de fato. A sociedade humana funciona baseada no princípio da competição; sempre foi assim e continuará sendo. A competição é cada vez mais e mais intensa, e apresenta riscos cada vez maiores de corrupção. A competição desenfreada traz consigo graves riscos para o espírito do *fair play*, faz com que em determinadas ocasiões se cometam atos dignos de censura, engendra uma atmosfera lamentável de ciúmes, inveja, vaidade e desconfiança. Isso pode ser visto em todos os ramos de atividade, e a vida desportiva não pode estar livre disso. É certo que as organizações, sociedades e federações desportivas não têm uma existência plácida e pacífica; são desgarradas por disputas violentas, e com muita frequência buscam prejudicar umas às outras, roubando-se as competições correspondentes. Esse estado de coisas vai continuar sendo, de fato, praticamente inevitável. Sou obrigado a reconhecer que a prática desportiva individual, realizada de modo regular e perseverante com fins de saúde, beleza e harmonia, é uma quimera. Pode ser que alguns indivíduos sejam capazes disso, mas nunca o serão as massas.

Por isso, devemos voltar ao sistema de competição organizada, e permitir que este domine o esporte. Mas devemos buscar um contrapeso, um regulador, tal e como fizeram os gregos antigos, que, segundo nossas investigações, tiveram que lidar com a maior parte dos problemas que nos deixam perplexos. Seu regulador foi Olímpia. Em Olímpia, a competição vulgar se transformava e, em certo sentido, se santificava, por meio do contato com o sentimento nacional, que se excitava de um modo que não podia ser superado.

Eu me atreveria dizer que se excitava em demasia; porque foi o excesso o que, em última instância, arruinou e corrompeu o esporte antigo. Porém o final chegou muito lentamente. Durante séculos, o esporte, cujo lugar era Olímpia, manteve-se puro e magnífico. Então, os estados e as cidades se reuniam, personificados em seus jovens, que imbuídos do sentido de grandeza moral dos Jogos, acudiam a eles com um espírito de reverência quase religiosa. Homens das letras e das artes, preparados para celebrar os triunfos de sua energia e dos seus músculos, reuniam-se em torno a eles; e estes espetáculos incomparáveis representavam por sua vez um deleite para o público. Não resta dúvida de que também estavam presentes as baixas ambições e as paixões mesquinhas; não existe agrupamento humano sem elas, nenhuma instituição humana a que não infectem. Porém, apesar delas, o resultado em seu conjunto era algo grandioso e vigoroso, que dominou a civilização helênica, influenciou alegre e gloriosamente a juventude do país, e por meio dela, toda a nação.

Os compassos iniciais do Hino Olímpico, com uma dedicação do compositor Spiridion Samara. Foi interpretado durante a cerimônia inaugural de 1896 e se transformou no hino do COI em 1958. A letra foi escrita por Kostas Palama. (Coleção Georgios Dollanitis)



Assim eram os Jogos Olímpicos da Antiguidade; e assim deveriam também ser os dos nossos dias. Percebi com clareza o perigo que corre o esporte na atmosfera de publicidade e mistificação, do mesmo modo que nosso clima moderno é adequado para uma sociedade na qual o esforço se aplica geralmente para a busca de conquistas materiais, na qual os esportes possam ser explorados comercialmente pelos organizadores das apresentações públicas. Vi a necessidade de restabelecer os Jogos Olímpicos como consagração suprema do culto ao esporte praticado com base no mais puro espírito do esporte verdadeiro, com orgulho, alegria e lealdade. Mas para chegar à realização da ideia, foi preciso superar muitas etapas e para isso foi, naturalmente, necessário um certo tempo. Os novos Jogos têm que ser, em primeiro lugar, exclusivamente modernos quanto a sua forma; reviver as corridas de carros, por exemplo, somente teria sido possível construindo um hipódromo, careceriam de interesse para as massas de jovens, e transformariam em meros espectadores os participantes; o resultado seria um programa sobrecarregado, já que os esportes modernos são muito numerosos. Em segundo lugar, os novos Jogos têm de ser internacionais; isto significa que os competidores devem ser os melhores representantes das nações civilizadas. Na Antiguidade já eram internacionais, no sentido de que a diferença entre os cidadãos das diferentes cidades da Grécia, da Itália e do Egito, era a mesma que poderia haver agora entre um inglês, um espanhol e um italiano. Aquelas cidades iam facilmente a guerra uma contra as outras, e inclusive em tempo de paz, suas rivalidades eram acentuadas. Porém em nossos dias, apesar da velocidade e do número de meios de transporte, não é fácil reunir com periodicidade os representantes de todos os países, devido às dificuldades que encontram para deixar suas ocupações cotidianas e para encontrar os recursos necessários para seus gastos, seja parcial ou totalmente.

Não obstante, isso foi feito em 1896, 1900 e 1904, para não mencionar a série dos Jogos Atenienses inaugurados em 1906. Por isso, podemos considerar que ven-

ceamos uma etapa, e que os Jogos Olímpicos de Londres terão um êxito definitivo. Nossos amigos ingleses têm preparado a IV^a. Olimpíada com um zelo e uma inteligência verdadeiramente admiráveis. Lord Desborough tem se mostrado um presidente sem igual, e como posso fazer para me referir suficientemente ao emotivo e efetivo espírito de organização, ao reverendo R. S. de Courcy Laffan, uma mente tão ilustrada, acostumada a se interessar pelas grandes questões da moral e da filosofia, que nos oferece um espetáculo de antiga virtude ao se dedicar à causa desportiva? Por isso, durante os doze anos em que foram realizados com êxito cada vez mais brilhante, os Jogos Olímpicos têm dado mostra de vitalidade suficiente para garantir seu futuro, e já não temos que temer nenhuma interrupção na continuidade de nossas revividas Olimpíadas.

Teria alcançado então esta empresa que tenho estado dirigindo seu ponto culminante? Longe disso; e não tenho dúvida em afirmar que, de acordo com o meu ponto de vista, somente foi completado o pedestal da estrutura. Quem quer que estude os Jogos antigos se dará conta de que seu significado profundo se devia a dois elementos principais: a beleza e a reverência. Se os Jogos modernos irão chegar a exercer a influência que eu lhes desejo, devem, por sua vez, mostrar beleza e inspirar reverência – uma beleza e uma reverência que superem infinitamente qualquer coisa realizada até agora nas competições desportivas mais importantes de nossos dias. A grandeza e a dignidade dos desfiles e atitudes, o esplendor impressionante das cerimônias, a presença de todas as artes, a emoção popular e o sentimento de generosidade, todos eles devem, de algum modo, colaborar juntos. Isso não pode ser conseguido com uma única Olimpíada, nem sequer com três ou quatro; será necessário, pelo menos, um quarto de século. Mas quando alguém deseja criar ou recriar instituições desta magnitude, a primeira condição é não ter pressa.

Aqui devemos voltar a ser decididamente modernos. Que não tenhamos respostas torpes e insensíveis. Mas é impossível buscar inspiração no passado sem copiar algo dele. Para escolher um dentre muitos exemplos: em Olímpia, os competidores – e não era, certamente, um dos episódios menos impressionantes dos Jogos – se reuniam diante da estátua de Zeus e prestavam juramento solene de que competiriam de forma limpa e leal, e prometiam também que estavam livres de reprovação e que eram dignos de enfrentar seus adversários. Zeus já não existe, e perdemos a fé nas estátuas, mas posso ver os atletas do futuro prestando juramento antes dos Jogos, cada um diante da bandeira de seu próprio país, e na presença das bandeiras dos outros países, afirmando solenemente que sempre foram leais e honrados no esporte, e que disputam as competições Olímpicas com espírito de lealdade e honra. Não seria esta uma cena de uma beleza cheia de dignidade, pronta para inspirar por igual com as mais nobres e generosas emoções os atores e os espectadores? E, de maneira semelhante, se substituíssemos os coros e as bandas vulgares que interpretam seleções de operetas por excelentes coros com peças mestras de Händel ou Gluck, não deveríamos estar confirmando por completo o matrimônio entre as artes e o esporte – para não falar daquele entre a força muscular e a criação imaginativa, esses dois polos da vida humana?

Dentro dessa ordem de ideais, tudo ainda está por fazer; mas muito já está preparado na senda do progresso. O Comitê Olímpico Internacional, resumindo uma conferência realizada na *Comédie Française* em Paris em 1906, que daí em diante debateu sobre os melhores meios para aproximar os esportes, as artes e as letras, deu sinal de

partida para um movimento de grande importância nessa direção. Portanto, os esforços isolados por parte dos artistas podem ser dirigidos para um objetivo concreto. Os escultores e os músicos já aproveitaram a oportunidade para buscar uma nova inspiração no esporte. Neste momento, Bruxelas inteira admira o esplêndido conjunto “*Lutteurs à Cheval*”, do grande escultor belga Jacques de Lalaing; Paris se emocionou com o magnífico oratório de Augusta Holmès intitulado “*Ludus pro Patria*”; e nos ouvidos dos atenienses continua a ressoar a melodia do “Hino Olímpico”, composto pelo músico grego Samara. Enquanto isso, há arquitetos que tentaram desenvolver projetos de ginásios, tomando por modelo os ideais da Antiguidade. Ao morrer, Bartholdi, o célebre escultor, legou ao Comitê Olímpico Internacional os desenhos de um “Monumento dos esportes”, que devia ser uma das peças de arte mais maravilhosas que o mundo tinha visto. Por outro lado, a arte dramática está se acostumando cada vez mais ao ar livre, e em muitos países são realizadas apresentações que rememoram o teatro da Antiguidade. Por fim, o conhecido músico Jacques Dalcroze está procurando reformar na Suíça com zelo admirável a arte da coreografia, que tem sido degradada pela vulgaridade e pela estupidez de nossas danças modernas.

Desse modo, os esforços individuais estão preparados em todas as partes para convergir num ideal de harmonia geral. As artes estão se unindo, o som, a linha, a cor e a forma parecem estar se preparando para se juntar mais uma vez no movimento, que é a beleza viva, e constituir desse modo o espetacular elemento que é a Olimpíada moderna. Pode ser que com sua ajuda, se estabeleça um marco digno para os Jogos – um cenário no qual os atletas devam se mover bem preparados para ajudar no grande festival, e sejam conscientes da glória especial que isso lhes confere. A regra diz agora que ninguém pode participar dos Jogos Olímpicos se não for como representante de seu próprio país. Este é um primeiro passo, já que anteriormente, a nacionalidade dos competidores nem sempre havia sido considerada, mas unicamente suas qualidades técnicas. Um artigo fundamental das regras gerais fixadas em 1894 reserva aos comitês organizadores o direito a rechaçar qualquer candidato cujo caráter ou histórico de conduta prévia possa se refletir de modo injurioso sobre a dignidade da instituição. Devemos destacar a tradição de que todo competidor deve demonstrar com seu porte, sua conduta de homem honrado e comportamento de cavalheiro, em que medida respeita os Jogos e que honra representa para ele participar deles. Portanto, devemos reviver, como já disse, a cerimônia do juramento; e deveríamos buscar os meios para concluir a Olimpíada com uma entrega de prêmios de acordo com a dignidade da ocasião. Atualmente, essa entrega de prêmios se realiza de um modo tremendamente indigno. Os vencedores, vestidos apressadamente, escutam algum discursinho entediante, e logo levam os prêmios sob o braço, em meio as aclamações exaltadas de seus companheiros. O tema da vestimenta é um tanto delicado. A forma moderna de vestir, pelo menos a dos homens, não é uma questão de beleza. Mas a vestimenta desportiva é para o atleta o que para o soldado é seu uniforme, e é com esse vestuário que ele deveria comparecer durante a cerimônia final. A cerimônia dos vencedores – ridículos com a roupa que vestem no cotidiano – ganharia mais encanto se imediatamente os esgrimistas carregassem suas armas e os tenistas suas raquetes, se os ciclistas empurrassem suas máquinas e os jogadores de polo tivessem em suas mãos seus *sticks*, todos vestidos com as prendas de seu respectivo esporte.

Este é, desde o meu ponto de vista, o desenvolvimento que deveria ter lugar na instituição dos Jogos Olímpicos modernos. Eu estou decidido a trabalhar por isso,

e estou certo da concordância de todos os meus leais colaboradores, entre os quais conto – e em primeiro lugar – com o próprio pai Tempo, porque sem ele nada de duradouro pode se conseguir nesse tipo de empresas. O trabalho tem de ser duradouro para exercer sobre os esportes do futuro essa influência necessária e benéfica que busco – uma influência que deve fazer deles o meio para que a juventude forte e promissora de nossa raça branca alcance a perfeição, contribuindo por sua vez desse modo para a perfeição de toda a sociedade humana.

Traduzido para o inglês por Helen Chisholm,
em *Fortnightly Review*, vol. LXXXIV, New Series, julho de 1908, pp. 110-115.

5.1/4 – 5.1/8 INTRODUÇÃO

No final de 1918 e durante a primavera de 1919, Coubertin publicou em *La Gazette de Lausanne* vinte *Cartas Olímpicas*, que deveriam ajudar para a compreensão por parte dos leitores do Olimpismo e das ideias realizadas por Coubertin em Lausanne, como era o caso do Instituto Olímpico. A seguir são reproduzidas quatro dessas cartas com afirmações capitais sobre o Olimpismo.

A *Carta Olímpica III* de 26 de outubro de 1918 começa com os princípios gerais da educação, que somente estão orientados para o espírito ou somente para o corpo. O Olimpismo, ao contrário, é aberto e universal.

A *Carta Olímpica IV* de 22 de novembro de 1918 inclui o importante enunciado do “Olimpismo como postura intelectual”.

Na *Carta Olímpica VII* de 11 de dezembro de 1918 se pergunta pela “receita” para “tornar-se Olímpico”. A resposta é surpreendentemente simples.

A *Carta XIII* destaca a força vital do Olimpismo, apesar ou precisamente por causa das experiências amargas da Primeira Guerra Mundial. Neste texto, Coubertin rechaça os planos do YMCA de antecipar os Jogos Olímpicos para 1919 em Paris. Somente o ritmo quadrienal assegura o futuro do movimento Olímpico. Dessa forma, Coubertin reage também ao desejo do general estado-unidense Pershing de realizar os planejados Jogos Interaliados de 1919 em Paris como “Olímpiada da guerra”.

Coubertin volta com maior clareza sobre este conteúdo em sua *Carta Olímpica XXI*. Como homem de princípios, Coubertin não quer ceder a pressões políticas.

5.1/4 CARTA OLÍMPICA III: OLIMPISMO E EDUCAÇÃO

Montaigne disse, não me recordo onde, que o corpo e a alma deviam ser considerados como dois cavalos atrelados ao mesmo jugo. Embora ele atrelasse dois, eu prefiro atrelar quatro e distinguir não somente entre o corpo e a alma, o que seria demasiado simplista, mas entre os músculos, o intelecto, o caráter e a consciência, o que corresponde ao dever quadruplo do educador. Mas tanto num caso quanto no outro, trata-se de um só jugo e o grande defeito da pedagogia moderna é, precisamente, que não sabe atrelar, ou seja, juntar as forças diversas numa convergência harmoniosa. Deixou-se arrastar e ela mesma se arrasta agora para um particularismo extremado. Cada força trabalha isoladamente, sem união nem contato com a vizinha. Se trata dos músculos, não se quer

ver mais que o funcionamento animal; se trata do cérebro, o distribui como se fosse composto de pequenos compartimentos estanques; a consciência revela exclusivamente a formação confessional e ninguém quer se ocupar do caráter. Se as coisas continuarem assim, o homem educado acabará por parecer um desses mosaicos primitivos, cujos pedaços desiguais formavam um conjunto rígido e severo. Que diferença observamos, comparando-a com a pedagogia grega, transparente e exemplar!

Pois bem, o Olimpismo é uma reação contra estas nefastas tendências e não escondemos isso. Nega-se a transformar a educação física em algo puramente fisiológico, e cada esporte em um exercício autônomo e isolado. Nega-se a catalogar os conhecimentos do espírito e a classificá-los em categorias estranhas. Nega-se a admitir a existência de um ensino de luxo, reservado às classes abastadas, que não seria acessível às classes trabalhadoras. Nega-se a condensar a arte em pílulas que têm de ser tomadas nos horários estabelecidos e a estabelecer horários para pensar, que lembram horários das linhas de trem. O Olimpismo derruba os tapumes, reclama ar e luz para todos. Preconiza uma educação desportiva generalizada, acessível a todos, adornada de valentia viril e de um espírito cavalheiresco, mesclada com manifestações estéticas e literárias e que sirva de motor à vida nacional e de ambiente à vida cívica. Este é seu programa ideal. Será que pode ser realizado?

“*Lettre olympique III*”, em *La Gazette de Lausanne*, n. 294, 26 de outubro, 1918, p. 1.

5.1/5 CARTA OLÍMPICA IV: O OLIMPISMO COMO ESTADO DE ÂNIMO

Terei apresentado anteriormente ao Olimpismo como imbuído de espírito revolucionário, ao dizer que tendia a derrubar os tapumes pedagógicos? Derrubar tabiques é transformar a disposição interior do edifício, mas não destruir seus muros, nem sequer modificar seu aspecto arquitetônico. Não queria incorrer nesta reprovação, pois sou daqueles que consideram as revoluções violentas quase sempre infecundas. A maior parte delas derruba portas que já estão abertas e a rapidez veemente do gesto faz com que a porta receba o golpe e se feche em seguida outra vez. Por outro lado, nada há nada tão realmente revolucionário como os movimentos que tendem a instaurar, de repente, instituições preparadas, nas quais todos os detalhes foram estudados com antecedência. Na pedagogia Olímpica não há nada disso. O Olimpismo não é um sistema, mas um estado de ânimo. Podem ser aplicados a ele as mais diversas fórmulas, e não pertence a nenhuma raça nem a nenhuma época seu monopólio exclusivo. O Olimpismo é um estado de ânimo surgido de um duplo culto: o do esforço e o da eurritmia. Vejam que conforme a natureza humana aparece a associação desses dois elementos – o gosto pelo excesso e pela moderação – os quais, de caráter contrário, se encontram, no entanto, na base de toda virilidade completa.

Por acaso é um homem, no sentido mais pleno da palavra, aquele que se preocupa incessantemente de poupar suas forças, de limitar suas iniciativas e não encontra prazer em chegar além do que dele se espera? E ao mesmo tempo, é um homem, no sentido pleno da palavra, aquele que não se diverte ao ver como a intensidade de seu impulso se embeleza de sorridente calma e de domínio de si mesmo e se incorpora na ordem, no equilíbrio e na harmonia?



“A alegria do esforço”, medalhão de bronze produzido para a competição Olímpica de arte pelo professor R. Talt MacKenzie, Estados Unidos, 1912. Fabricou-se uma peça de bronze que foi entregue pelo USOC à Suécia como lembrança dos quintos Jogos Olímpicos. Foi colocada num muro junto ao Estádio Olímpico a pedido de Pierre de Coubertin. (Extraído de E. Petersen; S. Hermlin. *Dem Femte Olympiaden, Olympiska Spelen I, Stockholm, 1912 I bild och ord*, Gotemburg, Ahlen & Akerlund, 1912, p. 358)

No entanto, nem a tendência ao esforço nem o hábito da eurritmia se desenvolvem espontaneamente em nós, senão que faz falta uma aprendizagem e um treinamento. Não contam com o quadrado da hipotenusa ou as fábulas de La Fontaine para conseguir isso. Essas virtudes entram em nossa natureza e nela se instalam pela prática e aqui está, precisamente, a superioridade da atividade desportiva organizada, que impõe àquele que a pratica, por sua vez, o excesso e a moderação.

“Lettre olympique IV”,
em *La Gazette de Lausanne*,
n. 319, 22 de novembro, 1918, p. 1.

5.1/6 CARTA OLÍMPICA VII: A RECEITA PARA “TORNAR-SE OLÍMPICO”

Se alguém me pedisse uma receita para “tornar-se Olímpico”, eu lhe diria: a primeira condição é ser alegre; e sem dúvida eu o surpreenderia. Este vocábulo Olímpico evoca falsamente uma ideia de equilíbrio plácido, de forças perfeitamente compensadas, de uma balança com pratos exatos. “Mens sana...”, o disparate dos discursos de entrega de prêmios. Mas isto não é humano, nem sequer próprio da juventude! Um ideal de velhos monges. Na vida o equilíbrio se apresenta como um resultado e não como um fim; como uma recompensa e não como uma busca; e não é obtido somando precauções, mas alternando esforços.

E o que é que alimenta o esforço senão a alegria? “Quando se sobe as montanhas – nos dizia certa vez Jules Simon – é preciso que se veja uma humanidade alegre... Sejam alegres!” Foi seu discurso inaugural do congresso de educação física de 1889, que tão felizmente serviu para orientar por novos caminhos a opinião pública francesa e, especialmente, a juventude dos liceus. Ele colocou sua mão em meu ombro, pontuando com um gesto enérgico sua peroração original. Este grande homem pregava com o exemplo. Havia conhecido dissabores e penas. As dificuldades da vida não se haviam mostrado avaras com ele e, em troca, os triunfos merecidos haviam fugido dele. Contudo, vê-lo olhar a vida desde uma perspectiva obstinadamente alegre, era prova de que no tocante a isso a saúde física não é tudo, e que a alegria de que se fala não é exclusivamente animal.

Os desportistas sabem realmente a satisfação que traz o bom humor muscular e a capacidade de contentamento que engendra, mas isso não basta para fazer viver a alegria completa na qual entra um outro elemento: o altruísmo.

Passamos assim do Olimpismo ao Evangelho. “Ama a teu próximo como a ti mesmo!”, ordena a Sagrada Escritura, ao ensinar os caminhos da salvação. “Alegra-te com a humanidade que renasce sem cessar!”, aconselha o Olimpismo. “Tenha fé nela, dedica-lhe teus esforços, confunde tuas esperanças com as suas!” A alegria egoísta não é mais que um sol intermitente; a alegria altruísta é um perpétuo amanhecer.

“*Lettre Olympique VII*”, em *La Gazette de Lausanne*, n. 388, 11 de dezembro, 1918, p. 1.

5.1/7 CARTA OLÍMPICA XIII: A PERIODICIDADE DOS JOGOS OLÍMPICOS

Há uma intensa agitação em Paris. Poderia ser o estribilho de uma canção popular, na qual os versos se sucederiam indefinidamente, porque seria mais rápido citar as coisas pelas quais não há agitação que enumerar aquelas que as provocam.

Há agitação a propósito dos Jogos Olímpicos. Ao saber que a nova administração do município de Estrasburgo, para dar trabalho aos desocupados, construía um estádio próximo da ponte de Kehl, os parisienses quiseram celebrar ali, em 1920, alguns campeonatos mundiais. Por outro lado, o comitê da YMCA – os grandes serviços que tem prestado em muitos campos a levam a se intrometer em muitas coisas – fala em organizar uma “super-Olimpíada” nesta primavera na região parisiense. Que é isso, a “super-Olimpíada”? Nem a Alexandre ao entrar vencedor na Babilônia pensara nisso, por mais ansioso que estivesse por helenizar o Oriente.

Nossos amigos ficam preocupados com essa desordem que ameaça o calendário Olímpicos e com todos esses projetos contraditórios. Podem ficar tranquilos. Recentemente, uma iniciativa generosa oferecia às universidades do Novo Mundo a bandeira Olímpica, inaugurada em 1914, cujos cinco anéis multicoloridos campeiam estrelados sobre o fundo branco como a neve. O governo grego vai se juntar ao XXV aniversário do restabelecimento dos Jogos, erguendo nas ruínas de Olímpia um monumento de mármore que consagrará a importância do acontecimento.

Tudo isso prova que a ideia Olímpica sai do cadinho da guerra, ainda mais viva de como havia entrado.

Esperemos que a VII^a. Olimpíada (que acontecerá em 1920, não em 1919) supor-te as efervescências suscitadas por sua própria proximidade. Isso não tem importância. Restaurando as Olimpíadas, não olhei ao meu redor, mas mais longe, e quis dar ao mundo moderno, de modo duradouro, uma instituição antiga, cujo princípio redundava em seu benefício. É esse princípio, precisamente, e as múltiplas aplicações que lhe permite a civilização contemporânea, o que procuro analisar nestas cartas das quais meus leitores testemunham sua simpatia e volto ao tema inicial.

“*Lettre olympique XIII*”, em *La Gazette de Lausanne*, n. 31, 1 de fevereiro, 1919, p. 1.

5.1/8 CARTA OLÍMPICA XXI: A OLIMPÍADA PERSHING

Após uma breve ausência ante meus leitores de *La Gazette*, sou compelido a acrescentar um breve adendo às minhas Cartas, arriscando competir com os comentários do senhor Philippe Godet sobre as atrocidades à quais está submetido todos os dias o idioma francês. Existe uma que diz respeito diretamente ao Olimpismo, e que os abusos recentes exigem que a coloquemos a público. Certo jornal francês, que por às vezes não tem medo de massacrar a gramática – para dizer a verdade, por desgraça, como tantos outros –, denomina as competições militares entre os aliados dirigidas pelo chefe do exército americano de “Olimpíada Pershing”. Isso resulta da ignorância histórica e técnica. Uma Olimpíada é uma data estabelecida no calendário, baseada em intervalos fixos e iguais de quatro anos. Por isso, é absurdo falar em organizar uma Olimpíada. Como as Olimpíadas foram reinstauradas a partir de 1896, nada poderá evitar que a sétima comece em 1920, a oitava em 1924, a nona em 1928 e assim por diante. A única discussão que se suscita é a de celebrar estas Olimpíadas com alguns Jogos. A sexta (1916) não pode ser realizada em Berlim como se havia pensado. A sétima (1920) está prevista para Antuérpia. As Olimpíadas, portanto, em nenhum caso podem ser equivalentes aos Jogos realizados tradicionalmente. Por seu turno, esses Jogos têm um programa que se resume de forma concisa com as palavras: todos os esportes, todas as nações. A própria essência dos Jogos Olímpicos é serem internacionais e incluir diferentes modalidades desportivas: esportes ginásticos e atléticos, esportes de combate, esportes aquáticos, esportes equestres, etc. O termo Olímpico é usado constantemente para descrever competições locais ou com limitações técnicas. Isso é um erro. Seria necessário ressaltar isso, e explicar mais uma vez o valor dos termos que são usados comumente.

“*Lettre olympique XXI*”, em *La Gazette de Lausanne*, n. 134, 17 de maio, 1919, p. 1.

5.1/9 O 25º ANIVERSÁRIO DA PROCLAMAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS

O discurso de Coubertin na festa do XXV aniversário do movimento Olímpico em 1919 em Lausanne esclarece a diferença entre o Olimpismo e o atletismo. Coubertin proclama ante os membros do COI a abertura definitiva do Olimpismo a todas as pessoas em todos os países¹ em razão das mudanças políticas em nível mundial, em especial da revolução soviética de outubro.

Discurso proferido pelo presidente do Comitê Olímpico Internacional na cerimônia comemorativa.

Lausanne, abril de 1919

Senhor presidente da Confederação, senhoras e senhores:

Passados cinco anos desde que em Paris, no mesmo lugar em que se proclamou, em 1894, o restabelecimento dos Jogos Olímpicos, reuniam-se os representantes de todas as nações para comemorar conosco o XX aniversário desse acontecimento... Passaram-se cinco anos e, nesse intervalo, o mundo foi derrubado. Mas o Olimpismo não está entre as vítimas da catástrofe. Ele a atravessou sem medo e sem problemas e repentinamente os amplos horizontes diante dele são testemunhas da importância do novo papel que o espera.

O Olimpismo é o culto da nova juventude, serena e confiante. A serenidade e a confiança se transformavam cada dia mais em auxiliares úteis da velha civilização de ontem, cujas forças às vezes decaíam, e são as bases indispensáveis desta jovem civilização de amanhã que vai nascer em meio às tormentas. E, no entanto, a serenidade e a confiança não são nossas companheiras naturais. Desde o berço, o ser humano se agita; ao longo de toda a vida o medo o assalta; já próximo da tumba, se esforça por vencê-lo. Contra esse inimigo tão hábil em perturbar seu trabalho e seu repouso, o homem soube colocar o valor, virtude nobre cuja homenagem atribuíam alguns somente aos antepassados, pensando que as gerações atuais têm deixado murchar essa flor entre os dedos; mas nós já sabemos o que dizer sobre tudo isso.

O valor é uma virtude de guerra que engendra heróis passageiros, como já indiquei em tratado pedagógico; o antídoto permanente contra o medo não é o valor, mas a confiança, e a confiança nunca está sem sua irmã, a serenidade. Assim, chegamos ao que lhes designava há pouco como a própria essência do Olimpismo, e como se diferencia do simples atletismo, ao qual contém em si, mas que o ultrapassa. Permitam-me precisar essa diferença: o atleta se satisfaz com seu esforço, gosta da sujeição que impõe aos seus músculos e nervos, graças ao qual ameaça a vitória, mesmo quando não a consiga. Esse prazer permanece dentro dele, egoísta em certo modo. Imaginem que se exterioriza, mesclando-se à alegria da natureza e aos impulsos. Imaginai-o com uma auréola de sol, exaltado pela música, enquadrado pela arquitetura dos pórticos. Assim foi quando nasceu, nas margens do Alfeu, o sonho resplandecente do antigo Olimpismo, cuja visão dominou durante tantos séculos a sociedade antiga. Encontrávamo-nos numa dessas guinadas da História em que o espírito humano, ávido de progresso, mas com frequência desviado pelo exagero de uma ideia justa, tendia a desequilibrar ao adolescente, impondo-lhe o jugo de uma pedagogia cinzenta e complicada; de uma moral na qual se alternavam a indulgência mal entendida e a severidade

1 Durante a comemoração do XXV aniversário produziu-se um acontecimento especial: o presidente do Conselho francês Georges Clemenceau enviou, com a aprovação do governo suíço, um esquadrão de honra de quatorze homens que devia fazer chegar a Coubertin a alta consideração que tinha do COI e de sua obra.

imprudente; e o jugo de uma filosofia duvidosa e mesquinha. Por isso, acreditamos que é chegada a hora de abrir de novo a era da Olimpíada, e dar assim uma consagração profunda à renovação muscular que se esboçava. Fizemos isso acrescentando ao utilitarismo desportivo dos anglo-saxões fórmulas prestigiosas e sonoras, legadas pela antiguidade grega. E depois de ter examinado com atenção em Nova Iorque e Londres as possibilidades práticas da empresa, pedi à Hélade imortal a dose de ideal necessária para esta síntese inesperada. Esta é, senhores, a obra hoje consolidada pelo êxito de um quarto de século, à qual acabam de prestar homenagem em termos que me deixariam confuso se tivessem dirigido ao seu artífice. Este, porém, não está consciente deste merecimento, pois não tem feito mais que obedecer a um instinto mais poderoso que sua própria vontade. Mas aceita de bom grado as palavras proferidas em louvor de uma ideia, da qual não tem sido mais que o primeiro servidor.

A pouco eu evocava as festividades de junho de 1914. Acreditávamos comemorar o sucesso completo dessa ideia. Hoje, no entanto, tenho a impressão de assistir, pela segunda vez, ao seu nascimento. Isso quer dizer que nada foi completamente realizado, enquanto o número seguir sendo restrito. Ontem podia ser suficiente; hoje, não. É necessário o impacto na massa. Porque, em nome de que se excluirá a multidão do Olimpismo? Em virtude de que decretos aristocráticos haverá um nexo entre a beleza física e a potência muscular de um jovem, entre sua perseverança no treinamento e sua vontade de vencer, por um lado, e a lista de seus antepassados ou quanto tem em sua carteira, por outro? Essas antinomias, ilegítimas no direito, na verdade sobreviviam à organização social que as havia engendrado. É moral que seja um gesto autocrático, apoiado na explosão de um militarismo bárbaro, o que lhe tenha acertado o golpe mortal.

Diante de um mundo novo que é preciso ordenar segundo princípios considerados até agora como utópicos e transformados em aplicáveis, a humanidade deve recolher na herança do passado todas as forças suscetíveis de serem empregadas para construir o futuro. O Olimpismo é uma delas. Para assegurar a paz social, não será suficiente, evidentemente, dividir entre os homens de maneira mais equitativa o esforço em produzir e a facilidade em consumir os objetos necessários para a vida material; nem mesmo abrir ao adolescente o livre acesso para um aperfeiçoamento intelectual, mais adequado às suas faculdades cerebrais que à condição de seus pais; é preciso que o prazer muscular, produtor de alegria, de energia, de calma e de pureza seja também colocado ao alcance dos mais humildes e sob as múltiplas formas com as quais foi revestido pelo aperfeiçoamento das indústrias modernas. Este é o Olimpismo integral e democrático cuja primeira pedra assentamos hoje.

Não podiam ser melhores os auspícios para esta cerimônia inicial. O Conselho Supremo da antiga Confederação Helvética e seu venerado chefe, os representantes qualificados dessa região de Vaud, preferida pelos deuses e pelos homens, os dirigentes de uma das cidades mais hospitaleiras, os distritos cuja fama ultrapassa as fronteiras de sua pátria, e uma elite de ginastas espertos e vigorosos, participam desta cerimonia de prestígio quántuplo, conferido pela História, civismo, natureza, juventude e arte.

Tomara que a Fortuna, que gosta da audácia, sorria ao gesto magnífico que acaba de ter a Bélgica, que solicitou o privilégio de tentar garantir, para o próximo ano, a realização da VIIª. Olimpíada da era moderna!

Os tempos ainda são difíceis; a aurora que se anuncia é a do dia seguinte da tormenta, mas até o meio dia o céu ficará claro e os braços dos ceifadores estarão novamente carregados de espigas douradas.

Special brochure (Arquivos do COI)

5.1/10 MENS FERVIDA IN CORPORE LACERTOSO (1924)

Coubertin ressalta enfaticamente na seguinte nota introdutória para o *Rapport officiel de la VIII^a. Olympiade (Paris 1924)* o caráter especial dos Jogos Olímpicos em comparação com os simples campeonatos mundiais. Para isso, seu aspecto intelectual deve ser destacado. Os Jogos Olímpicos, e com eles o Olimpismo, deveriam estar em última instância a serviço do espírito, uma ideia que Coubertin tem defendido em muitos lugares, mas que neste momento parece certamente acusadora.

Oito Olimpíadas: trinta e dois anos... um longo lapso de tempo para os indivíduos, mas um instante desde o ponto de vista da história! Suficiente, no entanto, para confiar na duração de uma instituição, sempre que essa se reafirma, mediante um progresso constante, durante esse período.

E esse é o caso.

Ninguém melhor que seu fundador pode evocar o panorama dos Jogos Olímpicos modernos desde o dia em que sua série foi inaugurada no Estádio de Atenas. Sua sucessiva realização dá provas de um desenvolvimento lento, mas seguro. Importa somente que à legítima sensação causada pelo êxito se acrescente o sentimento de alguns defeitos cuja correção se impõe. Ao dizer isso, não penso em absoluto em possíveis melhorias no terreno técnico: isso é inesgotável. Em manifestações de tal envergadura sempre haverá pormenores que claudicam; sempre se encontrará algo para corrigir; sempre se vai querer “fazê-lo melhor”, e é preciso buscar isso. Falo das características fundamentais do Olimpismo.

Após os Jogos da VII^a. Olimpíada (Antuérpia 1920), lembro ter falado sobre o meu desejo de um universalismo ainda mais completo e absoluto. Após a VIII^a. Olimpíada, minhas preocupações se voltam para o lado intelectual.

Apesar do esforço enorme e meritório para tentar dotá-los de arte e pensamento, os últimos Jogos acabaram se tornando demasiado “Campeonatos mundiais”. Assim, é preciso que o sejam. Os atletas, precedentes de todos as partes do mundo, têm direito a uma organização tão irrepreensível quanto seja possível. Mas juntamente com isso faz falta outra coisa: a presença de gênios nacionais, a colaboração das musas, o culto da beleza, todo o aparato que convém ao poderoso simbolismo que encarnavam, no passado, os Jogos Olímpicos e com o qual devem continuar em nossos dias. Aqueles que vierem, terão que buscar as fórmulas desejáveis. No que nos diz respeito, nossa tarefa consiste em indicar o caminho.

Desse modo, os Jogos Olímpicos serão o que devem ser, e somente isso: a festa quadrienal da primavera humana, mas de uma primavera ordenada e rítmica, cuja seiva está a serviço do Espírito.

Comité Olímpico Francês (Ed.). *Rapport officiel de la VIII^a. Olympiade*. Paris: Libr. de France, 1924, p. 4.

5.1/11 DISCURSO PROFERIDO DURANTE A INAUGURAÇÃO DOS CONGRESSOS OLÍMPICOS NA PREFEITURA DE PRAGA, 29 DE MAIO DE 1925

Este discurso é especialmente importante. Trata-se do discurso de despedida de Coubertin de seu cargo de presidente do COI diante dos dirigentes desportivos do mundo inteiro reunidos em Praga. No momento do seu discurso, a sessão precedente do COI já havia escolhido como novo presidente o belga Henri de Baillet-Latour. Coubertin aproveitou a oportunidade para reclamar uma nova consciência em relação aos valores pedagógicos básicos do esporte e do Olimpismo. A geração jovem devia voltar para um caminho pedagógico razoável, aos jovens desfavorecidos socialmente devia-se abrir o acesso à cultura e aos privilegiados devia-se fazer voltar a ver o uso conveniente dos valores culturais.

O discurso também se ocupa das então controversas regras Olímpicas do amadorismo e do papel do COI em relação às outras organizações desportivas.

Em Praga, Coubertin somente participou das deliberações do congresso Olímpico pedagógico; aparentemente queria permanecer à margem das discussões do Comitê Olímpico Técnico para o estabelecimento de uma normativa universal para o amadorismo dentro da regulamentação do COI e das disputas de competições relacionadas a isso. Pode também ter havido alguma lassidão de sua parte. Mais tarde, ele reconheceu que encontrou circunstâncias mais favoráveis para a reflexão sobre os assuntos levantados em Praga. Isto demonstra a pouca confiança de Coubertin na força educativa do COI. Em razão disso organizou congressos Olímpicos pedagógicos em 1897, 1905 e 1913. O fato de que, mais uma vez, no final de seu trabalho, ele foi capaz de participar de um congresso testemunha a sua ligação com a instituição.

Como já havia anunciado, mais tarde Coubertin se dedicou à “criação de uma pedagogia produtiva de ideias claras e crítica serena”. Poucas semanas depois de Praga criou a *Union Pédagogique Universelle* e em 1926 o *Bureau International de Pédagogie Sportive*. Em seu discurso durante o quadragésimo aniversário do movimento Olímpico, reproduzido no capítulo 6.5.4, aprofunda mais detalhadamente suas funções.

Mais tarde, o COI manifestou seu compromisso com o legado pedagógico de Coubertin, mediante publicação em sua página informativa de suas comunicações pedagógicas e ao incluir a questão da “educação esportiva” na ordem do dia de cada sessão do COI.

Sua Excelência, Senhores:

Aquele que vai se afastar da terra fértil na qual residiu muitos anos, que cultivou com suas mãos, e que o florescimento do sucesso e amizade tornaram bonitos para ele, gostaria de subir as alturas de onde há uma visão clara para o horizonte. Ali, pensando no futuro, se inquietará pelos trabalhos inacabados, os aperfeiçoamentos que podem ser realizados e as medidas que são necessárias preconizar contra os perigos eventuais. Ninguém se surpreenderá de que este seja meu estado de ânimo neste momento. E posto que o tema é amplo e o tempo breve, permitam-me descartar as cortesias úteis e me ater às palavras necessárias. Em lugar de um discurso florido, aceitarão um informe pessoal, claro e sincero.

Minha primeira preocupação é constituída por certas utopias das quais sinto não ter tido notícias até agora. Uma consiste em crer que o esporte, definitivamente

introduzido nos costumes, jamais irá abandoná-los. Erro crasso. O esporte é uma sujeição corporal, mantida pela prática apaixonada de um esforço supérfluo. Não é, pois, natural ao homem, que tende sempre a obedecer à lei do mínimo esforço. Neste momento, o esporte é mantido pela moda, potência irresistível, mas efêmera. Não é necessário saber muito de história para se dar conta de que a admiração das multidões atuais não durará para sempre. Esta admiração, que há quarenta anos ajudamos a provocar tanto meus amigos como eu, porque nos devia servir de alavanca adequada, desaparecerá como veio; a saciedade a matará. E nesse dia, o que permanecerá? Existe no indivíduo a necessidade do esporte? Não. O barulho que se faz em torno a certos campeões é impotente para cria-la. Não se afirmará até que o campeão deixe de se preocupar, por si mesmo, de se é visto ou não. O verdadeiro atleta é a pessoa para quem o espectador existe apenas em um estado de eventualidade.. De acordo com isso, quantos desportistas há na Europa?... Muito poucos.

Aqui está uma direção na qual é preciso trabalhar. Menos alarde, menos publicidade, menos organizações restritivas, menos sindicatos intolerantes, menos hierarquias de pressão. No entanto, colocar à disposição dos cidadãos, o mais gratuitamente possível, as diversas formas de esporte – de todos os esportes, incluída a equitação – será um dos deveres do poder público moderno. Por isso solicitei o restabelecimento do ginásio municipal da antiguidade, acessível a todos, sem distinção de opiniões, crenças ou classe social, e sob a única e direta autoridade da cidade. Somente assim se desenvolverá uma geração sadia e completamente desportiva.

Outra utopia é crer que o esporte pode estar, em nome da ciência, unido por decreto à moderação e obrigado a conviver com ela. Seria um matrimônio monstruoso. Não se pode transformar o esporte em algo medroso e prudente, sem compreender sua vitalidade. Faz-lhe falta a liberdade do excesso. Está é sua essência e sua razão de ser; este é o segredo de seu valor moral. Que se ensine a ser ousado com reflexão, está bem, mas que se ensine a temer ser ousado, é uma loucura. A audácia pela audácia, sem necessidade real, eis aqui como nosso corpo se sobrepõe a sua própria animalidade.

Isso não quer dizer que se deva descartar o controle científico, mas isto deve desempenhar o papel de conselheiro, não déspota. Além disso, o mesmo é suscetível de reforma, porque deixa de lado uma parte de seu domínio, obstinando-se em não ser mais que fisiologia, e esquecendo-se da psicologia. Mede-se o homem, mostra-se seus diferentes indícios... e eu diria que falta um elemento muito importante: sua figura mecânica; se poderia pedir ajuda à radiografia para apresentá-la; seria uma grande vantagem para o aperfeiçoamento técnico; mas continuaria sendo um elemento fisiológico e, repito, a fisiologia não daria mais que dados imperfeitos, embora não fossem completados por dados de ordem psíquica. Em quase todos os esportes, a decisão precipitada, por um lado, e a dúvida, por outro, são freios para o progresso e favorecem o fracasso. Geralmente a causa é o medo. Em que parte do corpo se esconde o medo? Reveste-se de diferentes formas de acordo com onde se localize nos nervos, provenha do cérebro ou permaneça, simplesmente nos músculos, pois a recordação de um fracasso muscular anterior é suficiente para provocá-lo. Todos os dias o percebemos no cavalo. Por que não vamos observá-lo no homem? Faz tempo que apontei para esses problemas, esperando que os especialistas os examinassem. Não o fizeram. Assim, se tem afirmado que – esta é a terceira utopia da qual queria

falar – a anatomia é suficiente para tudo e que na educação física deve exercer as funções de um diretor geral, com poderes ilimitados.

Seria certamente estranho para vós, senhores, que eu passasse por alto pela famosa questão do amadorismo. Não é tão insolúvel quanto se acredita. Antes da guerra, um pouco de boa vontade por uma parte e por outra teria bastado para solucionar-la. Hoje a questão ficou complicada, porque a carestia da vida transformou seus elementos, e a opinião pública não está disposta a deixar que o esporte chegue a ser um passatempo de pessoas ricas. Não creio que devamos buscar no presente congresso uma definição única para o amador, aplicável a todos os esportes, senão que se aplique honradamente o regulamento atual em cada federação; devemos nos esforçar para consegui-lo e isso é, precisamente, o que não se faz. De nada serve negar a evidência. Trapaceia-se e se mente muito. É a repercussão, no mundo desportivo, do relaxamento da moral. Os esportes se desenvolveram no seio de uma sociedade que ameaça apodrecer, até a medula, por causa da paixão pelo dinheiro. Cabe às sociedades desportivas dar agora o bom exemplo de um retorno ao culto da honra e da sinceridade, afastando de seus recintos a mentira e a hipocrisia. Antes de se preocupar em estabelecer uma definição perfeita do amador, deveriam começar por impor o respeito absoluto às definições imperfeitas atualmente em vigor, e as quais tornou-se um costume desobedecer descaradamente. Que desqualifiquem sem piedade a esses pseudo-amadores que recebem, mais ou menos diretamente, benefícios frutíferos de suas participações em concursos públicos, pessoas que geralmente são muito menos desportistas e, qualquer caso, muito menos respeitáveis que muitos profissionais. O juramento individual imposto a todos será o melhor meio para voltar a colocar as provas desportivas sob o controle da honra. Faz dezenove anos que preconizo esta medida e me alegro de comprovar que a opinião pública, por fim, veio para o meu lado.

O Olimpismo renovado será o artesão mais eficaz desta empresa de depuração, com a condição de que se deixe de querer transformar os Jogos Olímpicos a simples campeonatos mundiais. Imbuídos dessa ideia, certos técnicos tratam de destruir a constituição Olímpica, para esconder um poder que acreditam estar aptos de exercer plenamente. Voltei, uma vez mais, a chamar a atenção dos meus colegas do Comitê Olímpico Internacional sobre fazer quaisquer concessões nesta matéria. Se o Olimpismo moderno tem prosperado é porque a sua testa estava um conselho com independência absoluta, que ninguém jamais subvencionou e que ao recrutar a si mesmo, escapa a toda ingerência eleitoral e não se deixa influenciar por paixões nacionalistas, nem pelo peso dos interesses corporativos. Como um conselho superior composto por dois delegados dos Comitês Nacionais ou das Federações Internacionais, o Olimpismo morreria num prazo de poucos anos e, inclusive, hoje, se renunciasse a esta condição essencial de duração, o porvir permaneceria comprometido. O Comitê Internacional tem como função fixar o lugar da realização de cada Olimpíada e assegurar o respeito aos princípios e tradições, base para tal celebração. Somente ele, graças a seu método de recrutamento, tem a segurança de triunfar. Cabe aos Comitês Nacionais regular a participação de cada país nos Jogos a cada quatro anos. Quanto às Federações Internacionais, têm o direito perfeitamente legítimo, de exercer com toda liberdade a direção técnica dos concursos. O melhor meio para manter os Jogos Olímpicos em seu nível desejável é que reine a

harmonia entre os três poderes: Comitê Olímpico Internacional, Comitês Olímpicos Nacionais e Federações Internacionais.

É preciso lembrar que não são propriedade de nenhum país nem de alguma raça em particular, e que não podem ser monopolizados por nenhum grupo? São mundiais: todos os povos devem ser admitidos sem discussão, como todos os esportes devem ser tratados num plano de igualdade, sem se preocupar com as flutuações ou os caprichos da opinião pública. Além disso, o nome de atleta se aplica do mesmo modo ao ginasta de barra fixa, ao boxeador, ao ginete, ao remador e ao esgrimista, que ao corredor ou ao lançador de dardo. Não há escala de valores para estabelecer entre estes exercícios, sob o pretexto de que o público prefere momentaneamente mais a um que a outro. Pelo contrário, seria inútil multiplicar os exercícios coletivos. Os Jogos foram criados para a glorificação do campeão individual, cujas façanhas são necessárias para manter o ardor e a ambição gerais. As circunstâncias se prestam pouco a acrescentar muitos encontros de equipes, pois se reconheceu, em geral, a necessidade de restringir a duração dos Jogos e os gastos que eles provocam. Não acredito, no entanto, que as duas questões estejam tão unidas. Se realizariam grandes economias na celebração de uma Olimpíada, se esta fosse preparada com antecedência suficiente e com muito método, disciplina e desinteresse. Mas neste campo, como em todos, reinam os costumes do desperdício, engendradas por uma política equivocada, baseada na ideia de que um luxo desenfreado engendrará necessariamente o bem-estar e a prosperidade de todos. É preciso considerar a qualidade do luxo; sua vulgaridade o transformaria em estéril e somente tenderia a inutilizar as forças de tipo médio e a tornar mais irritantes os contrastes sociais. Organizações mais simplificadas; alojamentos mais uniformes e, por sua vez, mais tranquilos; menos festividades; sobretudo contatos mais íntimos e mais frequentes entre atletas e dirigentes, sem políticos nem oportunistas que os dividam; eis o espetáculo que ofereceremos, espero, nos Jogos da IX^a. Olimpíada.

É para mim um dever expressar ao final minha gratidão pela insistência com que todos os países têm tratado de me manter a frente do Comitê Olímpico Internacional. Essas simpatias me honram. Peço que as dispensem igualmente ao meu sucessor, para tornar mais fácil a sua tarefa. Não poderia aceitar em continuar; trinta anos constituem uma cifra que não seria prudente ultrapassar. E, sobretudo, quero consagrar o tempo que me resta para apressar, na medida em que eu possa, uma empresa urgente: o advento de uma pedagogia produtora de clareza mental e calma crítica. Em meu entender, o futuro da civilização não repousa, neste momento, nem sobre bases políticas nem sobre bases econômicas. Depende unicamente da orientação educativa que irá se delinear. A própria questão social não poderia encontrar uma solução duradoura fora deste campo. Por isso, a primeira nação ou classe que der o sinal garantirá para si o governo da nova Europa. O que está em jogo, merece o esforço.

A pedagogia atual com seu erro obstinado tem sido a que tem desviado as gerações atuais para o beco sem saída de uma especialização extremada, onde não encontrarão mais que obscuridade e desunião. Creem-se muito poderosas porque são muito ambiciosas, e muito sábias, porque dispõem de grande número de dados científicos. Na realidade, estão mal preparadas para as dificuldades que se aproximam. A compreensão, asfixiada pelo saber; o espírito crítico, degenerado pelo amálgama de

conhecimentos; o adolescente, acostumado a uma mentalidade de formigueiro; por todas as partes o artificial e convencional, nomenclaturas e estatísticas, a idolatria das cifras, uma busca doentia pelo detalhe e pela exceção... Tenhamos cuidados para que o espírito europeu, exasperado e alucinado, não acabe por provocar uma reação asiática, para a qual não está preparado e tampouco suportaria.

A Europa goza de uma cultura magnífica, formada lentamente, mas já não permanece nenhum fio condutor que guie através dela ao privilegiado pela condição social; ao não privilegiado está simplesmente proibido o acesso a esta cultura. Chegou o momento de construir um edifício pedagógico, cuja arquitetura seja mais apropriada às necessidades da época.

Estender-se sobre este ponto seria ultrapassar os limites impostos pelo caráter da assembleia. Ostentando tendências revolucionárias, numa idade na qual é normal que se acentue o espírito conservador, sem dúvida, já tenho surpreendido, se não molestado, a alguns ouvintes. Mas devia aos meus colaboradores e fieis amigos uma explicação sincera sobre meus projetos. Quisera lhes dizer também que empreendo a nova obra com o espírito desportivo que temos cultivado juntos, ou seja, com a alegria do esforço, o gosto pelo risco e o culto ao ideal desinteressado.

Quanto a eles, continuarão com o mesmo espírito de ascensão à colina na qual queremos erguer um templo, enquanto na planície se organizará um grande mercado. O templo perdurará, e o mercado passará. Os desportistas terão que escolher: mercado ou templo; não podem pretender frequentar ambos de uma vez... Que escolham!

Separata, Imprensa do Estado, Praga.

5.1/12 MENSAGEM À JUVENTUDE DESPORTIVA DE TODAS AS NAÇÕES (1927)

Coubertin permaneceu na Grécia algumas semanas em abril de 1927. O motivo aparente foi a inauguração de uma coluna em memória do restabelecimento dos Jogos Olímpicos modernos em Olímpia, para a qual Coubertin havia sido convidado oficialmente pelo Estado da Grécia. Em princípio, Coubertin unicamente aceitou o convite após os pedidos insistentes do professor Cryssafis, seu amigo e colega na U.P.U.¹ Numa espécie de relação amor-ódio, Coubertin não havia voltado a visitar a Grécia desde os Jogos Olímpicos de 1896.

Em 17 de abril enviou desde Olímpia a mensagem *A la jeunesse sportive du toutes les nations*, publicada a seguir. É um apelo de ajuda e de despedida ao mesmo tempo. Coubertin dirige-se diretamente aos jovens desportistas de todo o mundo e explica as possibilidades do Olimpismo para a reconstrução do esporte a nível mundial.

Coubertin proferiu dois discursos memoráveis durante sua estada na Grécia: em 31 de março de 1927 falou sobre as tarefas da U.P.U. na sociedade literária “*Parnass*”, que em 1894 já fora cenário de seu apelo aos cidadãos de Atenas com vistas à celebração dos Jogos de 1896. Em 14 de abril de 1927 apresentou na Academia de Atenas uma conferência sobre o tema *De la transformation et de la diffusion des études historiques*, muito importante para entender sua interpretação histórica.

Coubertin descreve em suas *Memórias Olímpicas* suas impressões ao rever a Grécia e Olímpia depois de trinta anos.²

Olímpia, 17 de abril de 1927
Ano IV da VIIIª. Olimpíada

Hoje, em meio às ilustres ruínas de Olímpia, foi inaugurado o monumento comemorativo do restabelecimento de Jogos Olímpicos trinta e três anos atrás. Por este gesto do governo grego, a iniciativa que ele quis honrar, ganhou um lugar na história. A vocês cabe mantê-la. Meus amigos e eu não trabalhamos para lhes dar Jogos Olímpicos como objeto de museu ou de cinema, nem para que se apoderem deles os interesses mercantis ou eleitores. Ao renovar uma instituição que tem vinte e cinco séculos, quisemos que vocês voltem a ser adeptos da religião do esporte, tal e como a conceberam nossos antepassados. No mundo moderno, cheio de grandes possibilidades e, ao mesmo tempo, ameaçado por perigosas decadências, o Olimpismo pode constituir uma escola de nobreza e pureza morais, bem como de energia física e resistência; mas com a condição de que vocês elevem sem cessar sua concepção de honra e de desinteresse desportivo à altura de seu impulso muscular. O futuro depende de vocês.

Pierre de Coubertin

Extraído do *Bulletin Officiel du Comité International Olympique*, junho, 1927.

1 Como diretor da academia desportiva grega, o professor Cryssafis foi um dos protagonistas Olímpicos mais destacados da Grécia. Escreveu, entre outras, uma História dos Jogos Olímpicos e foi um dos poucos que tratou de continuar o trabalho da U.P.U. (Cfe. Coubertin, *In Memoriam Frantz Reichel et Jean Cryssafis*. Bulletin du B.I.P.S., n. 10, pp. 8-9, Lausanne, 1933).

2 *Mémoires Olympiques*, cap. XXIII, “Olympie (1927)”, pp. 205-210.



Olympie, 17 Avril 1927.
(Au IV de la VIII^{ème} Olympiade.)

À la Jeunesse sportive de toutes les nations

Aujourd'hui, au milieu des ruines illustres d'Olympie, a été inauguré le monument commémoratif du rétablissement des Jeux Olympiques, proclamé voici trente-trois ans. Par ce geste du gouvernement hellénique, l'initiative qu'il a bien voulu honorer a pris rang dans l'histoire. C'est à vous de l'y maintenir. Nous n'avons pas travaillé, mes amis et moi, à vous rendre les Jeux Olympiques pour en faire un objet de musée ou de cinéma, ni pour que des intérêts mercantiles ou électoraux s'en emparent. Nous avons voulu, rénover une institution vingt-cinq fois séculaire, que vous puissiez redevenir des adeptes de la religion du sport telle que les grands ancêtres l'avaient conçue. Dans le monde moderne, plein de possibilités puissantes et que menacent en même temps de périlleuses déchéances, l'Olympisme peut constituer une école de noblesse et de pureté morales autant que d'endurance et d'énergie physiques, mais ce sera à la condition que vous éleviez sans cesse votre conception de l'honneur et du désintéressement sportifs à la hauteur de votre élan musculaire. L'avenir dépend de vous.

PIERRE DE COUBERTIN.

Edição especial da mensagem de Coubertin "À juventude desportiva de todas as nações", escrita em francês, em 1927. (Coleção N. Müller)

5.1/13 O ESPÍRITO DESPORTIVO DEVE SOBREPOR-SE A QUALQUER OUTRA CONSIDERAÇÃO

Para as seguintes linhas, Coubertin toma como pretexto a impressão que lhe causaram à distância os Jogos de 1928. Ressalta que deveria prevalecer o “espírito desportivo” e não a “organização técnica”.

Por não ter podido assistir, pois estava enfermo, aos Jogos da IX^a. Olimpíada, somente me é possível apreciá-los com conhecimento de causa. Saberá muito pouco sobre eles se somente me tivesse informado pelas notícias dos jornais. A questão do papel da imprensa nos Jogos Olímpicos acabará por se impor. Incitados pela viagem, ocorre que chegam muitos repórteres improvisados, ignorantes dos assuntos desportivos e incapazes de se interessar por eles. Seu tédio se traduz então em certas recriminações sobre os detalhes que tiram todo valor a sua colaboração.

Por meio dos meus amigos e meus antigos colegas, creio saber que a organização técnica foi notável – o que não me surpreendeu em absoluto – e que, por outro lado, o espírito desportivo dos competidores resultou excelente. Este último ponto de vista é o que principalmente me interessa. Fico sempre admirado que jovens procedentes de todos os países do mundo e reunidos para uma competição que realça aos seus olhos a sua singularidade, seu esclarecimento histórico, a solenidade de seu marco... encontrem em si mesmos a suficiente força moral para aceitar sem despeito aparente uma derrota que hão de sentir com dureza e apertar com franca simpatia a mão do vencedor. Tenho contemplado esse espetáculo mais de cem vezes sem nunca me cansar. Encanta-me. Porém é preciso estar entre desportistas para apreciar sua beleza viril. Se passamos para a fila dos espectadores, comprovamos a carência, sempre crescente, desse mesmo espírito desportivo. As multidões modernas estão cada vez mais desprovidas do sentimento de cavalheirismo que animava na Idade Média aos espectadores dos torneios e justas populares. Neste ponto, como em muitos outros, é preciso voltar a educa-los por completo. Ao tratar os atuais espectadores como crianças grandes, gostaria que tivessem grandes cartazes ensinando-lhes como se deve apreciar uma bela façanha esportiva e quão fora de lugar está em tais casos a explosão desses nacionalismos grosseiros que empresta a nossa época um ar de semi-barbárie.

*“L’esprit sportive doit dominer toute autre considération”, em
La Revue Sportive Illustrée, ano 24, n. 3, 1928, p. 24).*

5.1/14 OLÍMPIA. CONFERÊNCIA PROFERIDA EM PARIS NO SALÃO DE FESTAS MUNICIPAL DO 16º. DISTRITO

Por trás do título da conferência “Olímpia” se esconde uma “ádua tarefa, já que esse conceito é um dos mais amplos da história”. O discurso que vem a seguir, carregado de conteúdo e proferido por Coubertin em 6 de março de 1929 em Paris na presença do embaixador grego, torna compreensível essa árdua tarefa. Porque Coubertin volta a relacionar com ela, num enfoque retrospectivo, sua visão do helenismo com o renascimento dos Jogos Olímpicos e as diferentes dimensões de sua doutrina, o Olimpismo. Nele descreve o Olimpismo como uma “doutrina filosófico-religiosa”.¹

As longas digressões históricas poderiam induzir a catalogar o seguinte texto como uma narrativa histórica, mas na verdade é o contrário. A comparação com a Grécia antiga estabelece as posições desde as quais analisa o esporte moderno, e com a descrição do movimento Olímpico moderno desde 1894 presta contas do êxito ou fracasso de seu programa.

Conferência proferida em Paris, no salão de atos da Prefeitura do XVI distrito

Ao aceitar – temo que imprudentemente – tratar de um tema que resume um nome de três sílabas e de sete pobres letras, me impus uma tarefa difícil, pois este nome é um dos mais amplos da história.

Talvez muitos de vocês não se deem conta. Sem dúvida, esperam de mim uma visão da técnica desportiva antiga, uma rápida enumeração dos tesouros artísticos exumados pelo esforço meritório da escola alemã de arqueologia, inclusive uma lembrança dos rudimentares golpes de picareta, dados há cem anos pela missão francesa que acompanhava a expedição de Morea e à qual devemos a descoberta de Olímpia; pois durante séculos havia-se perdido seus rastros. A lama depositada pelo Alfeu e pelo Cladeu, cuja união se dá aos pés das ruínas, havia rematado a obra das convulsões da natureza e da barbárie dos homens. E nada indicava a localização de tanta glória, de tanta paixão, de tantas energias dispendidas.

Tudo isso, e outros temas afins, necessitariam de uma série de lições e, quem sabe, talvez alguma Sorbonne do futuro incluirá em seu programa um curso de Olimpismo.

Como existe um Olimpismo, existe também uma doutrina. Sinto muito por aqueles – e são muitos – que me têm atacado, quando acrescentei este neologismo à linguagem cotidiana, porém era preciso. Toda doutrina filosófico-religiosa, como esta, necessita de um nome que a evoque e a designe.

Aqui está, pois, meu auditório, ciente dos meus projetos e talvez um pouco decepcionado; esperava um relato de festas, anedotas, um voo panorâmico sobre esse passado, duas vezes e meia milenar; e eu o convido para um duro estudo de filosofia. Deixando a outros a tarefa de detalhar o esplendor escultural e arquitetônico que adornava os monumentos e lugares de Olímpia, remetendo a vocês, para o detalhe das competições, às múltiplas notícias publicadas, das quais nenhuma é completamente exata nem completamente errônea; gostaria de me esforçar em fazer-lhes compreender por que e como este lugar de nome memorável, sobre o qual vou lhes falar, foi o berço de uma concepção da vida propriamente helênica, em sua fórmula, e fornece a parte fundamental de sua importância para a história do Helenismo.

1 Para a qual cunhou o neologismo “Olimpismo”. (Nota dos Editores).

Tal exposição não se encerra de bom grado entre os muros de um recinto como este, por mais simpático que seja. Assim, pois, convido-os a sair daqui, e vir comigo a sentar nas ladeiras, cobertas de bosques, do monte Cronos na hora em que, do outro lado do Alfeu, o sol nascente começa a adornar de ouro as colinas ondulantes, e dourar os verdes prados a seus pés.

Desfrutei desse espetáculo duas vezes, com trinta e três anos de intervalo. Numa manhã de novembro de 1894, neste lugar sagrado, me dei conta do enorme trabalho que me atribuí ao fazer proclamar, cinco meses antes, o restabelecimento dos Jogos Olímpicos, interrompidos há mil e quinhentos anos, e imaginei todos os obstáculos que encontraria pelo caminho. Numa manhã de abril de 1927, em meio a um piedoso recolhimento, esperava ali o momento em que, pela mão do ministro de Instrução Pública, iam cair as bandeiras grega e francesa que recobriam o mármore brilhante, erigido para dar testemunho do êxito. E quando no transcurso da cerimônia tive que responder à homenagem do representante do governo heleno, meu primeiro pensamento foi para saudar aqueles que na vida não têm tido êxito, apesar de seus esforços, porque o destino armou emboscadas contra eles; a lembrança desse cortejo perturbador ensina a modéstia interior e a vaidade do que chamamos de mérito...

Desde este belo bosque de pinheiros que escala o monte Cronos (como maravilhosa miniatura do famoso monte Pentélico), podem ser evocadas as grandes avenidas de plátanos, por onde vinham antes os atletas e peregrinos, as embaixadas e os mercadores, todo o tráfego e toda a ambição, os apetites e a vaidade equivocados de uma civilização que era ao mesmo tempo complexa e claramente definida, mais do que qualquer outra desde aquela época. Pode-se reconstruir também as cercanias do templo, sua escadaria e suas colunas e as múltiplas construções que o rodeavam: *ex-votos*, oratórios, lugares de oferenda e de sacrifícios..., e, em seguida, o Altis – o recinto sagrado – afirma-se como um lugar religioso, um centro de culto. É difícil imaginar, e sobretudo naqueles tempos, que esse povo tivesse uma religião que não estivesse embasada em nenhuma concepção filosófica positiva.

Busquemos sua base. Se de fato não era uma religião de atletismo cujos altares foram posteriormente levantados, em várias ocasiões, com maior ou menor graça e por períodos mais longos ou mais curtos de tempo, vamos tentar entender por que foi na Grécia que esta religião criou raízes, e se o ideal grego a este respeito ainda é adequado para o resto da humanidade. De acordo com a resposta que dermos a esta pergunta, ou bem Olímpia não passa de um esplendido acidente histórico, ou bem representa uma das bases mais firmes do progresso humano. Como vocês podem ver, a alternativa vale a pena ser examinada.

O que era um atleta antigo comparado com o que hoje chamamos por um nome agradável, flexível, elegante, mas infinitamente menos profundo, como um desportista? Pode que a mesma definição não seja utilizada para ambos? Aqui está aquela que foi dada pelo professor Millioud, da Universidade de Lausanne, por ocasião do primeiro congresso de psicologia desportiva, realizado em 1913: “O esporte é uma forma de atividade muscular que vai do jogo ao heroísmo e que é suscetível de preencher todos os graus intermediários”. Esta é, por assim dizer, uma definição filosófica. E aqui está também uma menos eloquente, porém mais técnica. É a que se encontra no início do meu pequeno manual de pedagogia desportiva: “O esporte é o culto voluntário e habitual do exercício muscular intensivo, apoiado no desejo de



**Vista do templo de
Zeus em Altis, Olímpia.
(Fotografia: N. Todt)**

progresso e que pode chegar até o risco”. Há, pois, cinco características: iniciativa, perseverança, intensidade, busca de aperfeiçoamento e desprezo do perigo eventual, que são essenciais e fundamentais.

Não creio que, se nossos grandes antepassados se encontrassem hoje entre nós, teriam de modificar essas definições. Não, evidentemente, em sua base; talvez dariam uma forma mais elástica às frases que acabo de ler. Mas achariam estranho não ver nelas, nem sequer sugerida, a ideia religiosa de purificação e santificação.

Para eles, essa ideia ia muito longe. No século XI ainda se podia ver em Olímpia, gravado sobre um disco, o texto do acordo firmado por Licurgo e Ifito, rei de Elis, para estabelecer a “trégua sagrada” durante os Jogos. Devia cessar então toda disputa armada e todo combate entre os helenos. O território de Olímpia, declarado neutro, era inviolável.

O competidor dos Jogos devia ser de raça pura, não ter cometido nem crime, nem impiedade, nem sacrilégio. Uma vez “aceito” como candidato, depois de um período de treinamento de dezoito meses, tinha que permanecer trinta dias em período de prova no ginásio de Elis antes de ser levado para a ginásio em Olímpia. Todas estas garantias étnicas, morais, sociais e técnicas foram enquadradas num contexto claramente religioso.

“Os deuses são amigos dos Jogos”, disse Píndaro, usando esse termo em sentido mais atlético. Tudo isso datava de muito antes, pois a sociedade grega aparece já na *Ilíada* fortemente desportiva e religiosamente desportiva. Assim, para honrar os deuses com seus corpos bem treinados e equilibrados, os jovens helenos foram incitados, durante séculos, a esculpir esses corpos mediante o exercício muscular intensivo.

Aqui encontramos a rocha profunda sobre a qual se assentava a sociedade helenica. Permitam-me que eu me explique com esta passagem extraída do segundo volume da minha História Universal: “O helenismo é, antes de tudo, o culto da humanidade em sua vida presente e seu estado de equilíbrio”. E não nos enganemos; significou uma grande novidade na mentalidade de todos os povos e de todos os tempos. Em qualquer outro lugar, o culto baseava-se na aspiração a uma vida melhor, na ideia da recompensa e da felicidade após a morte, e o medo do castigo para aquele que ofendeu os deuses. Mas aqui a existência presente é a felicidade. Para o além da morte só permanece o pesar de um sobreviver diminuído. Portanto, faz falta uma “consoladora dos mortos” para esses prisioneiros do além, para esses “filhos da terra e do céu estrelado”, no exílio, longe das flores e da claridade. É muito conhecido o verso de Lamartine: “O homem é um deus caído que se recorda do céu”, e, por seu turno, Nietzsche fala da “natureza que geme por sua divisão em indivíduos”. São dois conceitos opostos em estilo e pensamento, mas nos quais se refletem os fundamentos da maior parte das religiões, individualistas ou panteístas. Pois ambas são anti-gregas em seu mais alto grau. Vejam os deuses gregos: homens magníficos, porém homens, imperfeitos, portanto; para a maioria, sábios; pessoas que pensam, mas também que agem. Se reúnem, são sociáveis, desportistas, muito individualistas, pouco contemplativos, e, todavia, menos teóricos. “Para o egípcio, o judeu, o persa, o muçulmano, escreve Thibaudet, a vida religiosa consiste em aprender de cor a escritura, mas a religião grega é uma religião sem livros.”

E aqui está o paganismo com sua companheira desejada, mas que escapa de suas mãos, a eurritmia. Nosso costume de catalogar as coisas nos leva a chamar paganismo a adoração dos ídolos; como se toda religião, inclusive a mais material, não tivesse espiritualistas; como se toda religião, inclusive a mais mística, não tivesse adoradores de ídolos; vejam, então, o eterno bezerro de ouro, hoje mais incensado e mais poderoso que nunca. Mas existe um paganismo autêntico, do qual a humanidade nunca conseguirá se desfazer e do qual, me atrevo a dizer esta aparente blasfêmia, não seria bom que se libertasse por completo; é o culto do ser humano, do corpo humano, espírito e carne, sensibilidade e vontade, instinto e consciência. Tão pronto triunfam a carne, a sensibilidade e o instinto; tão pronto o espírito, a vontade e a consciência; pois estes são os dois déspotas que disputam a primazia em nós, e cujos conflitos nos dilaceram muitas vezes de modo cruel. É necessário atingir o equilíbrio. Pode ser alcançado, mas não pode ser conservado. O pêndulo só passa pelo justo meio entre os dois extremos, entre os quais oscila. Do mesmo modo, a humanidade – indivíduo e sociedade – não consegue se manter por muito tempo a meio caminho em sua corrida de um extremo a outro. E quando se tende a restabelecer, seja individual ou coletivo, com muita frequência não há outra maneira de proceder que tender ao extremo contrário. Quantas vezes se tem praticado inconscientemente essa receita, para melhorar ou simplesmente para transformar-se!

A glória imortal do Helenismo foi a de conceber a codificação da busca do equilíbrio, e transformá-la em receita para alcançar o prestígio social. Estamos aqui, em Olímpia, sobre as ruínas da primeira capital do reino da eurritmia; pois a eurritmia não só pertence ao domínio da arte; também há uma eurritmia da vida.

Assim, pois, viemos meditar sobre as ruínas de Olímpia, ruínas ainda vivas, como sugere a cerimônia que recordava a pouco. E daqui percebemos essas alternâncias pagãs e ascéticas que constituem uma espécie de trama da história, trama esquecida

pelos historiadores, porque para percebê-la é necessário escavar sob os acontecimentos que a recobrem, e mostrar-se nisso mais arqueólogo que historiador.

Continuemos, se quiserem, nossa meditação, enquanto a glória do dia substitui as carícias da alvorada, sobre a paisagem cujo infinito encanto tratei de evocar com minhas pobres palavras. Rebanhos com sinetas e pastores da Arcádia circulam por esses caminhos; não se parecem com as fábulas de Florian, mas são muito antigos; e uma coluna de fumaça que se levanta ao longe, me leva a pensar nas ações de graça de um vencedor recente ou na súplica de um efebo, ansioso por uma vitória futura.

Olímpia viveu oficialmente 1.168 anos, posto que a primeira Olimpíada que se conhece data do ano 776 a.C., e os Jogos foram suprimidos por um edito do imperador Teodósio em 392 (ante um auditório como este não preciso lembrar que uma Olimpíada é um intervalo de calendário, um intervalo de quatro anos, cuja abertura se celebra com os Jogos). Este princípio foi restaurado integralmente. O monumento inaugurado em 1927, em Olímpia, indica que a primeira Olimpíada da era moderna foi celebrada em Atenas, em 1896; os Jogos de Amsterdã, em 1928, foram os da IX^a. Olimpíada, como em 1932, os de Los Angeles, serão os Jogos da X^a. Olimpíada, já que, fiel às indicações do meu tempo, ao restaurar a instituição em seu antigo espírito, quis lhe dar a forma mundial que responde às aspirações e necessidades do presente. É, portanto, incorreto, histórica e gramaticalmente, fazer da palavra Olimpíada o equivalente dos Jogos Olímpicos, e quando dizem, como alguns o fazem vulgarmente, “as Olimpíadas de Amsterdã”, nos ferem os ouvidos com um duplo barbarismo; essa observação, já formulada, está destinada a passar por cima de vocês, para chamar a atenção dos apressados que não têm tempo de pensar.

Assim, pois, Olímpia viveu quase doze séculos, mas uma vida a qual não faltaram, como é lógico, nem desigualdades nem agitações. É preciso admirar a magnífica continuidade da celebração dos Jogos. Nem os mais graves acontecimentos a interromperam. Inclusive em tempos da ameaça persa, os helenos se reuniram às margens do Alfeu para as festividades quadrianuais. Mas também houve graves incidentes. Durante a VIII^a. Olimpíada houve discussões entre os organizadores. A centésima quarta Olimpíada, três séculos antes, viu, inclusive, um atentado contra a trégua sagrada. A fama dos Jogos dependeu, segundo se pode pensar, da habilidade dos seus dirigentes, das somas que foram gastas e também da qualidade dos atletas, de seu número, de seu entusiasmo e sua preparação. Houve festas esplêndidas, êxitos rotundos, espetáculos inesquecíveis e, outras vezes, vulgaridades, desordens, cerimônias mal organizadas, cortejos sem uniformidade.

É preciso reconhecer que somos simplistas em nossa forma de imaginar a antiguidade. Estas ruínas sublimes nos decepcionariam se pudéssemos contemplá-las em sua juventude integral e, ao contrário, quantos monumentos contemporâneos, cujos ornamentos nos ofendem justamente, fascinarão os nossos descendentes quando vierem a exumar seus elementos e seus restos. Sem querer obscurecer nossas belas visões antigas, pode-se pensar que a poeira, o ruído discordante, as harmonias mal-dispostas, as telas desgastadas e o mau gosto de algumas aglomerações são algo que não é precisamente de hoje. Este pensamento nos mune de uma certa capacidade de indulgência com relação aos artistas modernos, gente, às vezes, tratada muito injustamente pela crítica posterior, após haver sido exaltados pela crítica anterior (não necessariamente desinteressada) muito além dos limites do bom senso.

O Λ Υ Μ Π Ι Α,
 DAT IS
OLYMP-SPEELEN
 DER
G R I E K E N,
 nagebootst van den ROMEINEN,
 uit oude Griekse en Romeinse Schryvers opgehaalt
 DOOR
THEODORUS ANTONIDES,
 in zyn leven Prædikant te Westerwytwert en Menkeweer.
Na zyn doot uitgegeven door deszelfs Zoon
MEINART ANTONIDES,
 Prædikant te Onderwierum en Westerdixhorn.
Vermeerdert met eenige
KORTE AANMERKINGEN,
 neffens de voorname Inhoud der Hoofstukken en wydlopige Re-
 gitters, opgemaakt door een oud Medeleerling des Schryvers;
 EN EEN
V O O R R E D E N
 van eenig licht door de Olymp-Jaaren en Olymp-Speelen aan
 het H. Woord toe te brengen
 VAN
A L B E R T U S V O G E T,
 Doctor en Professor der Heilige Godgeleertheid,
 en Academie Prediker te Groningen.



Te GRONINGEN,
 By de WED. J. COST, Boekverkoopster aan de Markt. 1732.

Frontespício da primei-
 ra monografia completa
 sobre os antigos Jogos
 Olímpicos escrita por
 Theodorus Antonides,

publicada em holandês
 em Gröningen, 1732:
 "Olympia – São os Jogos
 Olímpicos dos gregos".
 (Coleção N. Müller)

Olímpia manteve até o final seu caráter de lugar sagrado, de centro religioso pagão. Foi o cristianismo que acabou por extinguir a chama de seus altares. É preciso distinguir a supressão da destruição. E o edito sacrílego de Teodósio II não tem nenhuma relação com o de Teodósio I, trinta anos antes. No intervalo haviam passado as hordas de Alarico. Todos os tesouros haviam sido saqueados, as riquezas dispersas, porém subsistiam os edifícios e, quem sabe, quicá mais belos que nunca. Com a pátina do tempo, em semiabandono, solitários e silenciosos, Teodósio II ordenou destruí-los. Isso não foi feito mais que parcialmente e, sem dúvida, de modo relutante, porém o abandono se acentuou. Deixou-se de manter os diques, e os aumentos repentinos do Cladeu fizeram sua parte. Depois, no século VI sobrevieram dois tremores de terra. Os pórticos e as colunatas foram derrubados. O sudário do esquecimento recobriu as ruínas e reinou a incompreensão.

A palavra que acabo de pronunciar exigiria um comentário, uma conferência somente para ela. Olímpia não desapareceu tão somente da superfície da terra, desapareceu também do seio das inteligências. Reinava o ascetismo. Com isso não quero dizer que a Europa se encontrasse subitamente povoada por ascetas; isso não é como o termo deve ser entendido. Porém infiltrou-se uma crença, consciente ou não, precisa ou não, mas reconhecida e respeitada inclusive pelos que não ajustavam sua conduta a ela; o corpo era inimigo do espírito, a luta entre eles era um regime fatal e normal e não se devia buscar nenhum convênio que lhes permitisse associar-se para governar o indivíduo.

Esta volta ao ascetismo (a palavra é defeituosa, reconheço, mas de todas as formas o é menos que as demais) era desejável para o bem geral? Não tenho dúvida em responder que sim. Lembro-me de ter entristecido, não faz muito, a um auditório desportivo, dizendo que se existe a metempsicose e por ela, eu voltar a existência em cem anos, quicá me veriam empregar todo meu esforço para destruir o que em minha existência atual havia lutado para edificar. Paradoxo, porém paradoxo sincero. O Olimpismo, doutrina da fraternidade do corpo e do espírito, e o ascetismo, doutrina da inimizade entre eles, jamais chegaram a se compreender, nem a se respeitar; portanto, e posto que uma e outra encerram gérmenes de abuso, suscetíveis de degenerar em autênticos males, estão destinadas a se ferir, a suceder-se no poder como simples partidos políticos, absolutos e violentos. É apenas que, neste caso, estamos a falar de evolução e alternâncias seculares. Esta sucessão é útil, na falta de algo melhor. A moderação e o meio termo são utopias em todas as áreas. A lei do pêndulo se aplica a tudo. O mundo antigo estava demasiado embebido de Olimpismo para poder trazer novas colheitas, assim como o homem de ontem foi profundamente absorvido pelo ideal ascético para estar suscetível a frutificar sem primeiro ter sido libertado desse jugo.

A Idade Média, na opinião de muitos, foi um período de tendências ascéticas predominantes. Isto é verdade, mais para a época que antecede ao feudalismo que à própria época feudal. De todo modo, é do seio da sociedade feudal que surge uma restauração Olímpica nitidamente caracterizada, a Cavalaria. Tenho duvidado muito em proclamar este parentesco. Isso não aparece à primeira vista, e foi percebido ainda menos pelos próprios cavaleiros, que nem sequer o suspeitavam. Olímpia não existia para eles. No entanto, quando se estuda suas andanças, quando se trata de buscar seu moventes, revela-se neles a paixão desportiva; e logo se os vê fluir como

uma corrente caudalosa. Então aparece a Igreja e, mediante uma inesperada reconsideração, contribui para restabelecer o que havia abatido. Com outro espírito, dirão vocês. Sem dúvida, porém bendizendo as armas do cavaleiro, dando a sua entronização um preâmbulo piedoso; colorindo suas façanhas de um destino generoso (pois o prepara para a justiça e o direito, e lhe confia “a proteção do fraco, a defesa das viúvas e dos órfãos”), santifica, como antes a religião pagã, seu treinamento e seus esforços musculares, e os apresenta como agradáveis a Deus.

O atletismo cristianizado não se manteve dentro dos limites que a Igreja lhe havia indicado. A paixão pelo esporte tomou conta da juventude, a sublevou, se estendeu por toda a Europa ocidental, da Alemanha à Espanha, da Itália à Inglaterra, servindo a França de encruzilhada para ambos os caminhos. E degenerou rapidamente.

Vocês querem continuar comigo a ficção desde o lugar em que havíamos acampado para contemplar o panorama dos anos desaparecidos? Imaginemos que estávamos fazendo um piquenique na êxedra de Heródes Ático e que a fumaça de nossos cigarros acabou de subir em espirais, como se fosse se juntar às nuvens que correm lá em cima, destacando no azul do céu suas fantasmagorias transparentes. O dia vai passando, a atmosfera se torna um pouco lânguida; pressentimos ainda um pouco distante, a fadiga da natureza ao cair da tarde. Por um momento, um de nós, que cochilava, cedendo à doce incitação da terra e do céu, acreditou ouvir os gritos de alegria dos efebos no ginásio e ver um sacerdote subindo a escadaria do santuário principal, para alimentar com incenso o tripé colocado aos pés da imagem de Zeus, obra do imortal Fídias. Esse viajante, que faz anotações mais além, será Pausânias, redator benévolo de um guia turístico “Joanne”, que permitirá mais tarde, muito mais tarde, identificar e encontrar o Hermes de Praxíteles, no mesmo lugar onde ele disse que estava...

Deixemos que essas fantasias se dissipem docemente, como os sonhos ao despertar, e caiamos na realidade, para ver nascer a III^a. Olimpíada, muito longe dali e muito distinta! E é aqui que entra novamente a religião: uma Igreja, desta vez a anglicana, preside esse renascimento. Os dois clérigos que o provocam, Kingsley e Thomas Arnold, são letrados. Nada ignoram do passado clássico. No entanto, se o mencionam, é de modo superficial e sem considerar suas experiências. Mas, de certo modo, o ultrapassam. Arnold faz dos músculos os servidores mais instruídos, mais minuciosos e mais constantes da formação do caráter. Estabelece – bem depressa, pois sua corrida é curta, somente quatorze anos para transformar o colégio de Rugby que ele dirige – as regras fundamentais da pedagogia desportiva. Pelo contágio do exemplo, Rugby modificou sem palavras sonoras nem ingerências indiscretas os demais colégios; e logo a pedra angular do Império britânico já está assentada. Este ponto de vista, eu sei, ainda não é aquele dos historiadores nem aquele dos próprios ingleses, mas me conformo em ter conseguido que fosse aprovado por um dos mais importantes sobreviventes do período arnoldiano, Gladstone. Quando lhe perguntei, pensando poder estar equivocado, pediu-me um tempo para refletir e então me disse: “Exato, as coisas se passaram assim”.

Quando se trata da Inglaterra pensamos de modo simplista. Cedendo a tendência humana de sempre considerar como permanente o espetáculo que nos rodeia, trate-se da paisagem ou dos homens, identificamos o inglês como o tipo ponderado e equilibrado que tivemos ante nossos olhos desde o último terço do século anterior a guerra. Mas esse equilíbrio, às vezes mais aparente que real, tem sido desejado e aprendido; a disciplina dos músculos, fenômeno relativamente recente, foi o que o engendrou.

Não existe vínculo aparente entre a iniciativa pedagógica arnoldiana e o restabelecimento dos Jogos Olímpicos; e já que nos últimos tempos têm sido publicadas as histórias mais fantásticas no que concerne às origens do renascimento desportivo em geral e da renovação Olímpica em particular, vocês certamente irão desculpar que eu aproveite a ocasião para me explicar melhor.

É verdade que, por algum tempo, quis dar vida ao Olimpismo numa Olímpia restaurada. Seria impossível, desde todos os pontos de vista. E quando, em 16 de junho de 1894, foi aberto o grande anfiteatro da Sorbonne, o congresso internacional universitário e desportivo, convocado para aprovar o projeto, este projeto já tinha, até em seus mínimos detalhes, o mesmo aspecto que apresenta hoje sua implementação. Além disso, desde o ano anterior, havia me dedicado a fazer contato em Nova Iorque como meus amigos de além-mar, capazes de me ajudar nessa tarefa. Quatorze nacionalidades estavam representadas, quando em Paris foi colocado em votação o projeto inicial, votação sem grande entusiasmo por parte de muitos, porque as dificuldades pareciam insuperáveis.

No final do século XIX, século profundamente evolucionista, porém cheio de realizações idealistas, a Europa continental e, especialmente, a França, sentiam a imperiosa necessidade de uma renovação pedagógica. À juventude masculina não faltava nem saúde nem valor, mas impulso e paixão. Vivia na mediania, permitam-me a expressão. Faltava-lhe esse jardim para o cultivo da vontade, que constitui o esporte organizado. Não encontrava isso nem no colégio nem quando se formavam. E já que ao falar disso menciono um tema que necessitaria uma conferência a parte, e que, por não poder fazê-la, deixo numa espécie de imprecisão uma grande quantidade de temas afins ao meu. Por acaso não tem vocês o direito a ficar chateados porque quero tratar de tantos temas que apenas posso indicar de passagem, como se fosse um guia da agência de viagens Cook? Mas, pelo menos, trato de não deixá-los perder o fio condutor da minha ideia central e me sentiria feliz se quisessem ficar com sua parte essencial, a saber, que Olímpia tem representado algo que tem sobrevivido, que continua vivendo e viverá através da história, alternativamente exaltada e rechaçada por nossa natureza, que tende ao equilíbrio, um equilíbrio que somos capazes de alcançar mas incapazes de manter.

Esta incapacidade era, em nossos tempos, mais forte que nunca. O cosmopolitismo ameaçava por todos os lados. Começava a aparecer a embriaguez da velocidade e as pessoas já repetiam “*time is money*”, fórmula genial e estúpida que agora nos esmaga.

Vocês sabem como tenho me empenhado em introduzir o esporte no liceu francês: derrubando a porta, ou melhor, fazendo com que os alunos a derrubem desde dentro. Meu fiel companheiro Franz Reichel, que era um deles, contou isso muitas vezes. “Com que entusiasmo” – escreveu – “ouviram seu chamado os que estavam exasperados com tantas travas, impostas por um sistema já prescrito. Como poderia explicar a surpresa e a grande alegria que este chamado causou em toda a juventude dos liceus de Paris, desde que – e com o resultado de que – nós fomos capazes de realizar o que você desejava: a livre criação dessas associações desportivas escolares. Nossa capacidade de iniciativa, livre e despertada por você, serviria apaixonadamente para fundar, dirigir, e gerenciá-los, mesmo quando participamos de suas atividades.



**Educação Olímpica no
Altis de Olímpia. Estu-
dantes da Academia**

**Olímpica Internacional
no antigo ginásio.
(Fotografia: R. Steeb)**

Isso aconteceu a quarenta anos. No ano anterior, ao estudar a questão do esgotamento por cansaço excessivo que começava a despertar interesse, a Academia de Medicina havia indicado como remédio o aumento do tempo do intervalo e do descanso semanal. Pareceu surpresa com a nossa proposta. “Nunca! – dissemos. As horas de intervalo e o descanso são muito mal-empregadas; não há nelas nada de esporte. Começemos por organizar seu uso: depois se poderá aumentar sua duração.” Jules Simon havia se declarado a favor da nossa proposta, que foi vencedora.

Existiam, dirão vocês, as Sociedades de Ginástica. Concordo, mas muito inferiores em número e competência às que vieram depois; naquele tempo não eram mais que uma parte muito reduzida e localizada das classes populares. Os estabelecimentos de educação lhe fechavam suas portas. A solução era, no continente como havia sido na Inglaterra, a criação da associação desportiva escolar, autônoma e livre. Essa era a célula reformadora por excelência.

Depois da eloquência de Jules Simon e do entusiasmo dos jovens interessados, a moda tomou conta de nós. Mas eu nunca gostei dessa senhora. Excessiva e caprichosa, destrói ela mesma seu futuro. Que se pode edificar, apoiando-se na moda, que seja duradouro? Parecia-me que o restabelecimento dos Jogos Olímpicos – dessa vez completamente internacionalizados – era a única solução oportuna para escorar o frágil edifício que acabava de construir. O único meio para garantir uma relativa duração do renascimento desportivo, ainda em seu alvorecer, era acrescentar o imenso prestígio da antiguidade à anglomanía efêmera; desarmar um pouco, fazendo isso, a

oposição dos discípulos do classicismo, e impor ao mundo inteiro uma fórmula cujo prestígio possa ultrapassar todas as fronteiras; transformar o cosmopolitismo, que aumentava e constituía um perigo, num baluarte e uma salvaguarda.

Por isso, neste século laico, tínhamos a nossa disposição uma religião: a bandeira nacional, o símbolo do patriotismo moderno, que sobe ao mastro da vitória para recompensar o atleta vencedor. Assim continuaria o culto no lugar novamente reavivado.

Continuamos aos pés do monte Cronos, mas a noite vai chegar. Atenuam-se os reflexos ardentes do sol poente. No céu, coberto de nuvens, aparecem as primeiras estrelas, ao mesmo tempo em que, ali, à direita, se acendem as luzes da pequena cidade, agrupada do outro lado da colina onde se eleva o museu. Atravessamos o Cladeu e, para regressar, passaremos diante do novo monumento. O raio pálido de lua que roça o mármore, ilumina as últimas linhas da inscrição, em grego e francês, gravada no monumento: “... portanto – diz essa inscrição, após mencionar o restabelecimento dos Jogos –, ... portanto, a primeira Olimpíada da era moderna foi celebrada gloriosamente no estádio restaurado de Atenas, por todos os povos do mundo, no ano de 1896, sob o reinado de George I, rei dos helenos”.

O estádio restaurado de Atenas! Gostaria muito de lhes mostrar uma projeção do estado em que se encontrava em novembro de 1894. Devo ser um dos poucos que conservam essa imagem, pois não era para tentar aos compradores; somente subsistiam os declives, arredondados pelo desgaste das intempéries. Como gostaria de mostra-lo depois sob seu aspecto marmóreo triunfante, cheio de operários ocupados em concluir suas arquibancadas, como nos tempos de Péricles. Dezoito meses haviam sido suficientes para a transformação da paisagem. Há pessoas que censuram essa ressurreição, pessoas que deploram a disposição não uniforme dos antigos taludes. São as mesmas que lançam invectivas contra o monumento a Vitória Emanuele em Roma, tachando de bárbaros aos que não pensam como elas; e estão persuadidas de que se atribuem título de artistas irredutíveis por si, se rebelam quando se reergue uma coluna caída.

No recinto restaurado desenvolveram-se as cenas históricas de 1896, que nenhum dos que as têm presenciado esqueceu e que fizeram estremecer a Grécia inteira. O rei George foi o primeiro a pronunciar ali as palavras sacramentais: “Proclamo abertos os Jogos da primeira Olimpíada da era moderna”, como o fizeram depois outros soberanos e chefes de Estado a cada quatro anos. Ali vimos entrar, pela primeira vez, os atletas, agrupados por nações, desembocando nessa mesma galeria, sob o arco do qual já havia desaparecido a silhueta do último competidor, destruído pela decadência e pela maldição da Igreja. Ali se têm oferecido, para setenta mil espectadores, o espetáculo da chegada do primeiro corredor da maratona, o pastor Spiridon Louis, que, após se ter preparado com a abstinência e a oração diante dos ícones, ultrapassou os atletas ocidentais e transatlânticos, treinados cientificamente, e chegou ao fim da grande prova sem fadiga anormal, conquistando a taça oferecida por um membro ilustre do Instituto da França, o senhor Michel Bréal. Entusiasmado com o restabelecimento dos Jogos, Bréal me havia dito na tarde da votação: “Ofereço uma taça para a corrida da maratona”. Mais de quarenta e dois quilômetros! Eu duvidei em aceitar tal distância, mas a história a impunha e o destino legitimou a audácia. Quando Louis apareceu na entrada do estádio, ergueram-se ruidosas aclamações que saudavam, ao mesmo tempo, o passado e o presente; e para o distinguir, o pastor dos excessos de uma mocidade delirante, o príncipe herdeiro e seu irmão lhe estenderam seus vigorosos braços e o conduziram até a escadaria de mármore onde se encontrava o rei.

Pouco a pouco os Jogos Olímpicos renovados foram instalados em seu enquadramento moderno: com o espírito antigo que deveria animá-los. Tive muito cuidado em não ir depressa demais. Primeiro foi preciso definir os direitos essenciais do Comitê Olímpico Internacional e fazer com que fossem admitidos por todas as nações. Não foi fácil, porque sua constituição estava em flagrante oposição às ideias da época. Essa constituição repudia o princípio da delegação, tão querido por nossas democracias parlamentaristas, e que, após ter prestado grandes serviços, parece perder eficácia dia a dia. Os membros do Comitê Olímpico Internacional não são, de nenhum modo, delegados dentro do Comitê. Inclusive lhes é proibido aceitar de seus concidadãos qualquer mandato imperativo que possa cercear sua liberdade. Devem ser considerados como embaixadores da ideia Olímpica em seus respectivos países. Seu mandato é ilimitado. Alguns estão aí faz vinte, vinte e cinco e, inclusive, trinta anos. Ninguém os subvenciona: sua independência é absoluta. Não faz muito, uma alta personalidade lamentava em Genebra que a Sociedade das Nações não tenha podido receber uma organização semelhante.

Foram inúmeros os problemas de ordem técnica que foram preciso resolver por meio de negociações, concessões recíprocas e, às vezes, por legislação imposta. A guerra não destruiu nada. O Comitê interrompeu suas sessões anuais e as retomou na paz. A VIª. Olimpíada (1916) não foi realizada. A VIIª. teve lugar na Antuérpia (1920), com todo o esplendor desejado. Em 1906 haviam sido convocadas as Artes e as Letras. Uma conferência na Comédia Francesa – cujos decanos, a senhora Bartet e o senhor Mounet-Sully, cercavam o senhor Jules Claretie – aprovou a instituição dos cinco concursos, de pintura, escultura, arquitetura, música e literatura; depois de não tê-los visto com bons olhos, os artistas e escritores começaram a se interessar por estes concursos, acessíveis a toda obra inédita, diretamente inspirada pela ideia desportiva.

Desde sua primeira celebração, a abertura e o encerramento dos Jogos haviam se revestido do aspecto solene desejado, mas o cerimonial somente esteve pronto quando se começou a prestar o juramento dos atletas, com sua fórmula breve e impressionante, sob as bandeiras de todas as nações participantes. Não deixei nas mãos de meu sucessor a direção efetiva do Olimpismo renovado, até não julgar que a obra de renovação estava completamente pronta, respondia em seus menores detalhes às necessidades atuais e estava de acordo, ao mesmo tempo, com as lembranças e os ensinamentos do passado; e com a aprovação universal garantindo a sua sobrevivência a longo prazo.

Das hostilidades iniciais, tão numerosas e às vezes tão violentas, não resta nada ou quase nada. No início, a Igreja Católica mostrou-se mais que desconfiada. Num dia de 1905 fui ao Vaticano para dissipar o mal-estar. Diziam-me que o piedoso Papa Pio X, totalmente ocupado com a salvação das almas, não iria me escutar. Mas o antigo patriarca de Veneza havia incentivado as proezas de seus gondoleiros, e eu não duvidava de sua benevolência. Foi grande na verdade. Depois de abençoar a renovação daquelas atividades pagãs, o Papa me disse que logo me daria uma prova tangível de sua simpatia; e no ano seguinte, realmente, reuniu no Vaticano os ginastas dos Patronatos Católicos da França, da Bélgica, da Itália e de outras nações; e no pátio de São Damásio, sobre o suntuoso estrado construído para a ocasião, o Soberano Pontífice presidiu seus exercícios.

Apesar de tudo, prolonga-se uma querela que a Olímpia antiga conheceu perfeitamente e que se produzirá sempre e em todas as partes. É a disputa da educação

física contra o esporte. É sedutor que algum dia os homens serão judiciosos o suficiente para buscar os benefícios de uma sem o concurso do outro. Na verdade, a lei fundamental segue sendo: “Para que cem se dediquem à cultura física, é preciso que cinquenta pratiquem esporte. Para que cinquenta pratiquem esporte, é preciso que se especializem vinte, e para que vinte se especializem é necessário que cinco sejam capazes de proezas extraordinárias”. Impossível sair disso. Tudo se relaciona e se encaixa. Contra essa regra que impõe nossa humana natureza, levantaram-se, antes como agora, os médicos, em nome da higiene; os chefes militares, em nome da formação nos regimentos; e também os técnicos, que partem do princípio de que a ponderação é natural ao homem.

Que tenha havido abusos deploráveis, e que continuem a existir? Com certeza. Não há nada de estranho nisso. Ninguém o nega. Mas é preciso saber se é possível evitar ou não esses abusos, e se é possível conseguir e conservar sem abusos o benefício que procura o exercício físico, praticado desportivamente, ou seja, com tendência ao excesso.

Isso nos leva a perguntar: pode uma religião viver sem que entre seus adeptos haja exaltados e apaixonados que arrastem e dominem mediante o exemplo para a massa? Colocar a questão já é responder a ela.

Estamos aqui, novamente, diante da ideia central que apresentei muitas vezes e que gostaria de deixar em seus espíritos como conclusão dessa breve conversa. Como o atletismo antigo, o atletismo moderno é uma religião, um culto, um impulso passional, capaz de chegar ao “jogo do heroísmo”. Contemplem com atenção esse princípio essencial e chegarão a considerar os desportistas, cujos excessos de hoje criticam e censuram, como uma elite de treinadores de energia, muito mais idealistas (e por isso necessários ao bem comum) que aqueles que pretendem limitar-se a uma mera educação física para assegurar o futuro: fé sem impulso esta, fé que, abandonada a si mesma, amanhã ficaria sem fiéis e depois de amanhã sem altares.

Por isso, Olímpia continua viva. Todos os santuários helenos se extinguíram. Não se farão mais curas em Epidauro, ninguém será mais iniciado em Eleusis; a senhora de Sikelianos devolverá a vida artística a Delfos, mas o colégio sacerdotal já não dirigirá a política. A pitonisa emudeceu, como o oráculo de Dodona..., mas Olímpia continua viva, porque o Olimpismo se espalhou pelo mundo.

Podemos ver nisso o símbolo da permanência helena; pois seu país, senhor ministro, mudou as leis da história, porque contradisse o que se tinha por certo, a saber, que as nações vivem fatalmente uma juventude, uma maturidade e uma velhice, como os indivíduos. A Grécia do século passado demonstrou à humanidade que isso não era assim, que um povo pode estar encerrado por três séculos num sepulcro e sair não somente vivo, mas rejuvenescido, de sorte que esta verdade é agora a lei histórica suprema: “Somente se mata os povos que querem morrer”. A visão dos destinos humanos mudou.

Na Grécia saída da tumba, acreditou-se ver uma nova Grécia, distinta das que a haviam precedido. Não se queria reconhecer o vínculo que existe entre a antiguidade, o que se chama período bizantino, e o inesperado modernismo que estava se revelando. Mas hoje os mais precavidos e os menos avisados começam a compreender o poder da unidade helênica e que a seiva do helenismo atual é igual a de outrora. Esta seiva é a que necessitam a Europa e o mundo. Que suba, que fertilize, que embriague! Zito Ellas!

Olympie, conferência proferida em Paris, no salão de atos da Prefeitura do XVI^o. distrito, Genebra: Burgi.

5.1/15 MENSAGEM À JUVENTUDE AMERICANA

Esta mensagem à juventude americana foi enviada a *Associated Press* por ocasião da comemoração do quadragésimo aniversário da restauração dos Jogos Olímpicos. Coubertin ressaltou a importância do ritmo quadrienal dos Jogos Olímpicos, exigindo uma melhor educação escolar em todos os países como base para a paz entre os povos.

Publicado pela *Associated Press*, por ocasião da comemoração do XL aniversário do renascimento dos Jogos Olímpicos

Carta do Barão de Coubertin

Nesta ocasião solene que, provavelmente, colocará fim às minhas atividades públicas, quero fazer um apelo especial à juventude americana, para que aceite a herança que lhe deixo e a faça frutificar. Ao fazê-lo, evoco a memória de Theodore Roosevelt, de William M. Sloane e de tantos amigos americanos que trabalharam de bom grado comigo, que me compreenderam e apoiaram durante o longo período em que tive de lutar em todo o mundo – especialmente na França, meu próprio país – contra a falta de compreensão de uma opinião pública que ainda não estava madura para apreciar o valor do renascimento Olímpico.

Diga-se o que se quiser, a devoção da juventude do mundo inteiro pelo aperfeiçoamento muscular nada tem de excessiva. Se dedicam-se a ele com paixão, é uma paixão sadia. Mas é no crescimento do número de competições e de campeonatos internacionais onde reside o exagero. Por isso, seria necessário um esforço contínuo para limitar o número desses encontros. Os Jogos Olímpicos a cada quatro anos são necessários e adequados para manter o justo nível do espírito de emulação entre as nações. Também se impõe uma reforma não menos urgente no ensino secundário, sobrecarregado e atulhado por cursos especiais que na verdade são próprios para o programa da Universidade. O ensino secundário de todos os países deveria ser um período de alçar voos intelectuais, destinado a sobrevoar o campo dos conhecimentos, para dar a cada um a oportunidade de ver tão vasto panorama antes de aterrissar no ponto particular onde pensar realizar seu esforço criador.

Há uma estreita relação entre essa questão e a paz entre as nações e os indivíduos. Todavia há muitas pessoas que não querem reconhecer isso. Estou orgulhoso de ter podido colocar as bases de uma reforma que acabará por se impor a todos, e também de ter delineado o programa e sintetizado o fim e os métodos.

Caros amigos de além-mar, espero que vocês apoiem o que eu estabeleci e completem o que deixei inacabado.

Muito obrigado. Tenho a mais profunda confiança no futuro do seu grande país, que admiro e quero neste crepúsculo da minha vida tanto quanto em seu amanhecer.

Pierre de Coubertin

Lausanne, 23 de junho de 1934 (ano III da Xª. Olimpíada).

MESSAGE TO AMERICAN YOUTH

SENT THROUGH THE ASSOCIATED PRESS

ON THE OCCASION OF THE CELEBRATION OF THE 40th ANNIVERSARY OF
THE REVIVAL OF THE OLYMPIC GAMES

On this solemn occasion which probably closes the cycle of my public activities, I specially desire to send an appeal to American youth to take up and help to make fruitful the inheritance I pass on to them.

In doing so I evoke the memory of Theodora Roosevelt, of William M. Sloane, of many American friends who have worked willingly with me, understood me and sustained me throughout that long period in which I have had to struggle all over the world — and particularly in France, my own country — against the lack of understanding of public opinion, ill prepared to appreciate the value of the Olympic revival.

Whatever may be said, there is nothing excessive in the devotion of youth everywhere to muscular perfection. If it is pursued with passion, it is a healthy passion. But where there is exaggeration is in the increase of international competitions and championships. That is why sustained effort should be made to limit the number of these meetings. The quadrennial Olympic Games are necessary and adequate to maintain at the right level the spirit of emulation among nations.

A reform so less urgent is that of secondary education overloaded and obscured by special courses rightly belonging to the University curriculum. Secondary education in all countries should be a period of intellectual aviation destined to fly over the domain of Knowledge so that each one may have at least the chance to perceive the vast panorama before landing on the particular points where he will make his productive effort.

The relation between that question and peace between nations, and between individuals, is a close one. Too many people are as yet unwilling to recognize this. I am happy to have been able to lay down the bases of a reform which will end by forcing itself on everybody, to have drawn up the program, to have summed up the aim and the methods.

Dear friends beyond the seas, I hope that you will work to strengthen what I have accomplished and to complete what I will leave unfinished.

I thank you. I have the deepest faith in the destiny of your great country which I still admire and love in the twilight as I did in the dawn of my life.

PIERRE DE COUBERTIN

*Louvain, June, 23, 1934,
(Ann. 117, Olympique 308.)*

**Mensagem à juventude
americana, impressão
especial publicada pela
Associated Press na
comemoração do qua-**

**dragésimo aniversário
do restabelecimento
dos Jogos Olímpicos,
1934, uma página.
(Coleção N. Müller)**

5.1/16 MENSAGEM AOS CORREDORES OLÍMPIA – BERLIM

Coubertin queria que em cada estádio Olímpico ardesse a chama Olímpica, como era tradição na Olímpia antiga. Esse desejo se tornou realidade pela primeira vez em 1928. Carl Diem concebeu a ideia de uma corrida de revezamento através da Europa, desde Olímpia até Berlim. Desse modo, devia-se alcançar tanto a conexão da antiguidade com a modernidade, bem como a participação e a celebração internacional dos países envolvidos. Coubertin recebeu com entusiasmo essa ideia, como a proposta de Carl Diem de prosseguir com a escavação de Olímpia para também trazer por completo à luz do dia o estádio antigo. A mensagem seguinte, que Coubertin qualificou como a última, do que se deduz uma certa premonição da morte que, no seu caso, já se manifestava desde 1928 em razão de sua velhice, era dedicada aos milhares de corredores do revezamento da tocha.

Ao fazer arder o fogo em Berlim, incitava-os a transmitir à juventude ali reunida sua herança, que de acordo com seus princípios pedagógicos devia selar definitivamente a unidade de corpo e alma para o desenvolvimento e a glória da humanidade.

Atletas que ides levar em vossas mãos ardentes a chama simbólica de Olímpia a Berlim. Já que sou o primeiro em vos dirigir a palavra, como fundador e presidente de honra dos Jogos Olímpicos modernos, quero vos dizer com que firmeza meus pensamentos vos acompanham e que significado atribuo ao vosso esforço.

Vivemos momentos solenes, pois em todas as partes levantam-se ao nosso redor espetáculos inesperados. E embora tomem forma, como numa bruma matinal, as figuras da Europa e da Ásia, parece que a humanidade vai finalmente reconhecer que a crise na qual se agita é, acima de tudo, uma crise de educação.

Vi passar cinquenta anos desde aquele dia de 1886 em que, alheio a toda preocupação pessoal, dediquei o esforço da minha vida a preparar uma retificação educativa, convencido de que, sem uma reforma pedagógica prévia, não se poderá obter estabilidade política nem social.

Tenho consciência de ter cumprido minha missão, mas não completamente.

Dos numerosos estádios espalhados pela superfície do globo elevam-se agora os clamores da alegria muscular, como antes se elevaram desde os ginásios helenos. Nenhuma nação, nenhuma classe, nenhuma profissão estão excluídas. O culto do atletismo restabelecido não somente tem consolidado a saúde pública. Ele difunde uma espécie de estoicismo sorridente disposto a ajudar o indivíduo em sua resistência às provas e depressões diárias da existência.

Felicitemo-nos por tais resultados; porém, nesse aspecto, não se tem alcançado tudo. É preciso que o Espírito se sinta completamente liberto dos laços impostos pelas especializações extremadas, que escape à estreiteza deprimente das profissões exclusivas. Os vastos panoramas permitidos ao nosso tempo devem ser mostrados a todos, no umbral da vida ativa, ainda que seja numa visão rápida. O futuro cabe aos povos que se atrevem ser os primeiros a transformar a instrução do jovem adulto.

Porque é este quem guarda e rege o destino, e não a criança.

Assim se estabelecerá a Paz vigorosa e reflexiva, como convém a uma época desportiva, ambiciosa e cheia de vontade.



Corredor grego vestido em traje nacional durante a primeira corrida de revezamento da tocha Olímpica dos Jogos Olímpicos de Berlim. (Extraído de P. Wolff, *Was ich bei den Olympischen Spielen sah*. Berlin: Specht, 1936, n. 4)

Confio-vos minha mensagem, a última, sem dúvida, que poderei expressar. Que vossa corrida seja feliz. Para concebe-la e organiza-la, o comitê alemão tem dispensado os cuidados que todas as nações apreciam. Por outro lado, ela começa num lugar ilustre entre todos, sob o signo desse Helenismo eterno que não cessou de iluminar a rota dos séculos e cujas antigas soluções ainda podem ser aplicadas a muitos problemas atuais.

Pedi em meu nome à juventude reunida em Berlim, que aceite a herança do meu trabalho e termine o que eu comeci, e que a rotina e o pedantismo do ambiente me impediram de realizar até o final, para que definitivamente seja selada a união entre os músculos e o pensamento, para o progresso e para a dignidade humana.

Pierre de Coubertin

Editado pelo autor.

5.1/17 OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DO OLIMPISMO MODERNO

Na introdução deste volume e capítulo definiu-se o discurso de Coubertin de 1935 *Les assises philosophiques de l'Olympisme moderne* como o testemunho mais relevante de seus últimos anos. Nele, Coubertin volta a resumir uma vez mais o que para ele são as características essenciais do Olimpismo. Com essa dissertação, Coubertin inaugurou em 4 de agosto de 1935, um ano antes do início dos XI Jogos Olímpicos de Berlim, uma série de discursos radiofônicos internacionais desde a sede da emissora em Genebra. Com setenta e dois anos, Coubertin viu nela uma oportunidade que não podia deixar escapar para voltar a explicar suas ideias a um amplo círculo de ouvintes. O discurso complementa a conferência precedente *Olympie* de 1929, já que nela se estabelecia a relação do Olimpismo com a antiguidade e o desenvolvimento da história das ideias, porém nesta estrutura acabada do seu pensamento. Por meio desse discurso, Coubertin deixou seu testamento Olímpico para a posteridade, em virtude do qual se medem ainda hoje os próprios valores do Olimpismo.

Convidado para inaugurar, como fundador e presidente de honra dos Jogos Olímpicos, as mensagens radiofônicas que vão comentar seu significado, aceito com presteza essa honra e não creio poder responder melhor que expondo aqui meu pensamento inicial e as bases filosóficas sobre as quais tenho tratado de embasar minha obra.

Acompanho com grande interesse, neste ano IV da Xª. Olimpíada da era moderna, a preparação dos Jogos da XIª. Olimpíada. É realizada seguindo um plano magnífico, com uma perfeita concepção de conjunto e uma preocupação, não menos perfeita, pelo detalhe. Tenho a impressão de que toda Alemanha, desde seu chefe até o mais humilde de seus estudantes, deseja ardentemente que a realização de 1936 seja uma das melhores que o mundo viu, embora no passado Londres, Estocolmo, Amsterdã e Los Angeles já realizaram verdadeiras maravilhas neste aspecto.

Dentro de um ano, os sinos de Páscoa anunciarão a próxima entrada no estádio de Berlim dos atletas vindos de todas as partes do mundo. Desde já quero agradecer ao governo e ao povo alemão o esforço realizado em honra da XIª. Olimpíada.

A primeira característica essencial do Olimpismo antigo, como do moderno, é a de ser uma religião. Ao cinzelar seu corpo pelo exercício, como faz um escultor com uma estátua, o atleta antigo “honrava os deuses”. Ao fazer o mesmo, o atleta moderno exalta a sua pátria, sua raça, sua bandeira. Penso, pois, que tenho tido razão ao restaurar, desde o princípio, juntamente com o Olimpismo renovado, um sentimento religioso, transformado e aumentado pelo Internacionalismo e a Democracia que caracterizam os tempos atuais, porém o mesmo, no entanto, que conduzia os jovens helenos, ambiciosos pelo triunfo de seus músculos, ao pé dos altares de Zeus.

Disso derivam todas as reformas rituais que compõem o cerimonial dos Jogos Olímpicos. Foi preciso que eu as impusesse, uma após a outra, à opinião pública que resistiu durante muito tempo e que não via nelas mais que manifestações teatrais, espetáculos inúteis, incompatíveis com a seriedade e dignidade das competições musculares internacionais. A ideia religiosa desportiva, a *religio athletae*, penetrou muito lentamente no espírito dos competidores e muitos deles não a praticam ainda que de modo inconsciente; porém pouco a pouco aderirão a ela.

Não somente o Internacionalismo e a Democracia, base da nova sociedade humana em vias de edificação nas nações civilizadas, mas também a Ciência está interessada

nisso. Mediante seus progressos contínuos, ela tem dotado o homem de novos meios de cultivar seu corpo, de guiar e melhorar a natureza, e de separar o corpo das paixões desmedidas às quais, sob o pretexto de liberdade individual, são abandonadas.

A segunda característica do Olimpismo é o fato de ser uma aristocracia, uma elite; mas, desde logo, uma aristocracia de origem totalmente igualitária, posto que não está determinada mais que pela superioridade corporal do indivíduo e por suas possibilidades musculares, multiplicadas até certo ponto por sua vontade de treinamento. Nem todos os jovens são chamados a ser atletas. Mais tarde se poderá, seguramente, chegar – com uma higiene privada e pública melhor, e mediante medidas inteligentes, com vista ao aperfeiçoamento da raça – a aumentar muito o número daqueles que podem receber uma maior educação esportiva; não é provável que esta possa algum dia alcançar mais da metade da população ou, pelo menos, dois terços de cada geração. Atualmente, em todos os países, estamos ainda muito longe de conseguir isso; inclusive, se tal resultado fosse obtido, não quer dizer que todos os jovens atletas sejam “Olímpicos”, homens capazes de disputar recordes mundiais.

É o que eu quis dizer neste texto, já traduzido para diversos idiomas, sobre uma lei aceita inconscientemente em quase todo o mundo: “Para que cem se dediquem à cultura física, é preciso que cinquenta pratiquem esporte; para que cinquenta pratiquem esporte, é necessário que vinte se especializem; e para que vinte se especializem, é preciso que cinco sejam capazes de proezas extraordinárias”. Tratar de reduzir o atletismo a um regime de moderação obrigatória é perseguir uma utopia. Seus adeptos necessitam da “liberdade do excesso”. Por isso, se lhes tem dado esta divisa: *Citius, altius, fortius*; mais rápido, mais alto, mais forte. É a divisa daqueles que ousam bater recordes.

Porém não é suficiente que haja uma elite; é preciso que esta elite seja cavalheiresca. Os cavalheiros são, acima de tudo, “irmãos de armas”, homens valentes, enérgicos, unidos por um vínculo mais forte que o da simples camaradagem, já poderoso por si mesmo; no cavaleiro à ideia de ajuda mútua, base da camaradagem, se sobre põe a ideia da competição, do esforço oposto ao esforço por amor ao esforço, de luta cortês e, no entanto, violenta. Assim era o espírito Olímpico da antiguidade em seu princípio puro; facilmente se percebe qual pode ser a imensa consequência que pode ter a difusão desse princípio em competições internacionais. Há quarenta anos pensaram que era uma ilusão querer restaurar este princípio ativo nos Jogos Olímpicos modernos. Mas é evidente que este princípio não somente pode e deve existir na circunstância solene da celebração Olímpica quadrienal, mas que se manifesta já em circunstâncias menos solenes. De nação em nação, seu progresso foi lento mas ininterrupto. Agora é preciso que sua influência ganhe os espectadores, e também isso produziu-se já, em Paris, por ocasião da partida de futebol de 17 de março passado. Deve-se conseguir que os aplausos em tais ocasiões – e mais ainda nos Jogos Olímpicos – sejam proporcionais ao esforço que se tem realizado, desterrando toda preferência nacional. Deve-se dar trégua a todos os sentimentos nacionais exclusivos; por assim dizer, umas “férias provisórias”.

A ideia da trégua é outro elemento essencial do Olimpismo; está estreitamente associada à ideia do ritmo. Os Jogos Olímpicos devem ser celebrados com um ritmo de rigor astronômico, porque constituem a festa quadrienal da primavera humana e honram o advento sucessivo de novas gerações humanas. Por isso, o ritmo deve

Coubertin no estúdio da Rádio Suisse Romande, desde onde foi transmitido em 4 de agosto de 1935 seu discurso "Os fundamentos filosóficos do Olimpismo moderno". (Arquivos do COI)



ser mantido rigorosamente. Hoje, como na antiguidade, uma Olimpíada poderia não ser realizada, se circunstâncias imprevistas viessem a se opor, mas não se pode mudar nem a ordem nem o número.

A primavera humana não é a criança, nem sequer o adolescente. Em nossos dias e em muitos países, senão em todos, cometemos um erro muito grave, o de dar demasiada importância à infância e reconhecer-lhe uma autonomia, atribuir-lhe privilégios exagerados e prematuros. Assim acreditamos ganhar tempo e aumentar o período de produção útil. Isso provém de uma falsa interpretação do *time is money*, fórmula que foi não de uma raça ou de uma forma de civilização determinadas, mas de um povo, o povo americano, que então atravessava um período de possibilidades produtivas excepcionais e transitórias.

A primavera humana se expressa no jovem adulto, que podemos comparar com uma excelente máquina, cuja engrenagem acabou-se de montar e que está pronta para entrar em movimento. Os Jogos Olímpicos devem ser celebrados em sua homenagem; e seu ritmo de ser mantido e organizado, porque desse jovem adulto dependem o futuro próximo e a conjunção harmoniosa do passado com o futuro.

Que melhor homenagem haveria senão que proclamar ao seu redor, em intervalos regulares, fixados para tal fim, o cessar temporário das querelas, disputas e incompreensões? Os homens não são anjos e não creio que a humanidade se beneficiasse se a maioria se convertesse em anjos. Mas é autenticamente forte o homem cuja vontade é suficientemente poderosa para impor a si mesmo e à coletividade uma parada na perseguição de interesses ou paixões de domínio e de posse, por mais legítimas que sejam. De minha parte, eu me alegraria se, em plena guerra, exércitos contrários interrompessem por um momento seu combate para celebrar Jogos musculares leais e cortesias.

Do que acabo de expor se deve concluir que o autêntico herói Olímpico é, em meu entender, o adulto masculino individual. Devemos, pois, excluir os esportes de equipe? Não é indispensável, se aceitamos outro elemento essencial do Olimpismo moderno, que existiu no antigo: a existência de uma Altis ou recinto sagrado. Em Olímpia eram

muitos os acontecimentos fora do Altis; toda uma vida comunitária palpitava ao seu redor, sem, no entanto, ter o privilégio de se manifestar em seu interior. O próprio Altis era como um santuário, reservado somente ao atleta consagrado, purificado, admitido para as provas principais e convertido assim numa espécie de sacerdote celebrante da religião muscular. Do mesmo modo, concebo o Olimpismo moderno com uma espécie de Altis moral em seu centro, uma cidade sagrada onde se haviam reunido para enfrentar suas forças os competidores dos esportes masculinos por excelência, esportes cujo objetivo é a defesa do homem, seu domínio sobre si mesmo, sobre o perigo, sobre os elementos, sobre o animal, sobre a vida: ginastas, corredores, ginetes, nadadores e remadores, esgrimistas e lutadores. E depois, ao seu redor, todas as demais manifestações da vida desportiva que se queira organizar: torneios de futebol e outros jogos, exercícios de equipe, etc. Assim terão o lugar que lhes corresponde, mas em segundo lugar. Também as mulheres poderiam participar, se é que se considera necessário. Pessoalmente, não aprovo a participação de mulheres em competições públicas, o que não significa que se devam abster de praticar um grande número de esportes, com a condição de que não sejam um espetáculo. Seu papel nos Jogos Olímpicos deveria ser, essencialmente, como nos antigos torneios, o de coroar os vencedores.

Por último, outro elemento: a beleza, mediante a participação nos Jogos das Artes e do Pensamento. Pode-se celebrar a festa da primavera humana sem convidar o Espírito? Surge então a elevada questão da ação recíproca do músculo e do espírito, do caráter que deve revestir sua aliança, sua colaboração.

Sem dúvida, domina o Espírito; o músculo deve seguir sendo seu vassalo, mas com a condição de que se trate das formas mais elevadas da criação artística e literária, e não das inferiores, as que uma licença que aumenta sem cessar tem permitido se multiplicar em nossos dias, para desgraça da Civilização, da Verdade e da Dignidade Humana, bem como das relações internacionais.

De acordo com o desejo que se me permitiu formular, sei que os Jogos Olímpicos da XIª. Olimpíada se abrirão com as notas incomparáveis do final da Nona Sinfonia de Beethoven, cantada pelos corais mais poderosos. Nada poderia me alegrar mais, pois desde a minha infância este final me tem exaltado e arrebatado. Por suas harmonias, me parecia próximo ao divino. Espero que, no futuro os cantos corais, tão adequados para traduzir a força das aspirações e alegrias da juventude, acompanhem cada vez mais o espetáculo das façanhas Olímpicas. E espero também que a História terá um lugar preponderante, ao lado da Poesia, nas manifestações intelectuais, organizadas em torno e por ocasião dos Jogos. Isto é lógico, pois o Olimpismo pertence à História; celebrar os Jogos Olímpicos é reviver a História.

Também ela será a que possa assegurar melhor a Paz. É uma ingenuidade pedir aos povos que se amem uns aos outros. Pedir-lhes que se respeitem não é uma utopia; mas, para respeitar-se, faz falta que se conheçam primeiro. A História universal, tal e como se pode ensinar agora, considerando suas exatas proporções seculares e geográficas, é o único e autêntico fundamento da verdadeira paz.

No declinar da minha vida, tenho aproveitado a proximidade dos Jogos da XIª. Olimpíada para expressar-lhes meus melhores desejos e meus agradecimentos, e, ao mesmo tempo, testemunhar-lhes minha fé inquebrantável na juventude e no futuro.

Extraído de *Pax Olympica*, publicado por *Organisationskomitee für die XI Olympiade*, Berlim, 1936.

5.1/18 OLIMPISMO E POLÍTICA

Coubertin deixa categoricamente clara sua posição sobre a influência política no esporte nestas linhas na *Revue Illustrée Sportive Belge* em razão da mudança de 1935/1936. Rechaçou claramente o boicote Olímpico planejado desde os Estados Unidos para 1936, que também encontrou apoio na França.¹

Na opinião de Coubertin, o princípio do Olimpismo não se deixa influenciar por manifestações passageiras e tem de permanecer independente dos acontecimentos políticos cotidianos.²

Na “Declaração” que fez recentemente, ao voltar da Alemanha, para acalmar algumas inquietudes nem todas espontâneas e sinceras, o conde de Baillet-Latour sintetizou, com toda força lógica e em termos excelentes desde todos os pontos de vista, o que é preciso pensar e dizer da campanha anti-Olímpica surgida do outro lado do oceano e difundida artificialmente em mais de um país da Europa. Ele tem condenado justamente o emprego das forças Olímpicas a serviço de interesses eleitorais. Em seguida, os verdadeiros “Olímpicos” sabem a que se ater e pode se dizer que, nas circunstâncias atuais, o ataque desleal dirigido contra a celebração da XIª Olimpíada em Berlim tem sido rechaçado. Sem dúvida se repetirá de um ou de outro modo e fracassará outra vez; mas é necessário ficar surpreso diante de semelhantes manobras?

Muito bem acostumado a viver no seio da História geral e a perscrutar seus meandros, incapaz de ignorar o valor do conceito de evolução, não poderia me surpreender, e ainda menos me indignar, de encontrá-la em qualquer lugar. Toda instituição, toda criação por viva que seja, evolui de acordo com os costumes e as paixões do momento. Hoje a política penetra o âmago de qualquer problema. Como pretender que escape disso o esporte, o cuidado dos músculos e o Olimpismo?

Mas os destroços que neste âmbito pode causar são somente aparentes. Na realidade, numa instituição quase sempre se produzem *duas* evoluções: a do rosto e a da alma. A primeira procura se associar com as tendências da moda e se transforma segundo os caprichos desta última; a segunda permanece tão constante como os princípios sobre os quais repousa a instituição; somente evolui de forma lenta e sadia, de acordo com as próprias leis humanas.

O Olimpismo pertence a esta segunda categoria.

“L'Olympisme et la politique”, em
La Revue Sportive Illustrée, ano 32, 1936, número especial, p. 38.

1 Coubertin teve a mesma posição em relação a uma ameaça de boicote Olímpico em 1916, como mostra o artigo “*La critique est aisée*”, *Revue Olympique*, 1912, n. 10, p. 151.

2 Cf. “*Déclarations*” de Coubertin de 27 de agosto de 1936 em *Le Journal*, 4.2.2/49.

5.2 PRINCÍPIOS E SÍMBOLOS OLÍMPICOS

No capítulo 5.2 estão reunidos dez textos de Coubertin com declarações básicas sobre o movimento Olímpico. Estes complementam as explicações sobre o Olimpismo e atualmente são para nós valiosas interpretações sobre as divisas Olímpicas mais importantes.

O mais famoso é o lema Olímpico mais antigo, “*citius, altius, fortius*”. O padre dominicano Henri Didon colocou-o no centro de seu discurso durante uma entrega de prêmios em 7 de março de 1891 diante da associação desportiva de alunos da “*Ecole Albert-le-Grand*” por ele dirigida em Archeuil, próximo de Paris. Coubertin, que estava presente, tratou disso numa breve nota na revista *Les sports athlétiques*.¹ Posteriormente voltaria com frequência a esse lema,² já que respondia com bastante exatidão a sua concepção da pedagogia desportiva. Essa foi a razão que permitiu ao congresso fundador de 1894 escolher essas três palavras como lema do novo movimento Olímpico.³

Em 1925, Coubertin afirmou que o esporte não pode ser praticado tímida ou moderadamente. O recorde coroa o esporte, eliminá-lo significaria destruí-lo totalmente.

Como evidenciam as numerosas afirmações de Coubertin sobre o Olimpismo, este lema não deve ser visto unicamente desde perspectivas técnico-desportivas, mas também filosófico-técnicas:

“*Citius*: não somente mais rápido na corrida, mas também no sentido da rapidez de compreensão, da vivacidade da inteligência.

Altius: mais alto, não somente em relação a uma desejada meta, mas também para o aperfeiçoamento moral do indivíduo.

Fortius: não somente mais ousado nas lutas dentro do âmbito esportivo, mas também na luta vital.”⁴

Os outros textos deste parágrafo são de uma importância similar. Contêm afirmações sobre o internacionalismo do movimento Olímpico, sobre a igualdade de importância dos esportes nos Jogos Olímpicos, enfatizam a utilidade de uma “geografia esportiva” própria, destacam como imprescindível o *fair play* (espírito cavalheiresco) e atribuem mais importância à participação nos Jogos Olímpicos que a vitória.

O cerimonial Olímpico, que com a crescente importância dos Jogos Olímpicos tornava-se cada vez mais variado, está à mesma altura que os lemas quanto ao seu valor simbólico; aqui é preciso incluir também os aros Olímpicos.

1 Ver Coubertin, “Championnats de l’A.A.A.G.” in: *Les Sports Athlétiques*, n. 50, March 14, 1891, p. 4.

2 O lema era originalmente “*Citius, fortius, altius*”. O motivo pelo qual Coubertin trocou mais tarde a segunda e a terceira palavra escapa ao nosso conhecimento.

3 Aparece já na primeira edição do *Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques* de julho de 1894; a partir de 1898, Coubertin somente utilizou a denominação “*Comité International Olympique*”.

4 Martin, P em *Bulletin du C.I.O.* (1953), n. 65, p. 58.

“A mesma posição”,
ilustração que destaca
a igualdade entre diver-
sos esportes Olímpicos.
(Extraído de *La Revue
Sportive Illustrée*. Abril,
1906, n. 1, p. 5)



5.2/1 A MESMA CATEGORIA

Em 1906 Coubertin viu-se obrigado a declarar oficialmente a igualdade de importância nos Jogos Olímpicos de todos os esportes. O motivo para isso foi sua valorização diferenciada na imprensa americana após os Jogos intermediários de 1906, descrita com detalhe no texto a seguir.

O anexo da *Revue Olympique*, publicada mensalmente desde janeiro de 1906, foi usado como *Bulletin du C.I.O.* para comunicações desse tipo.

Na França produziram comoção, e fora surpresa, alguns artigos publicados nos periódicos transatlânticos, de acordo com os quais e sem considerar a classificação oficial estabelecida e proclamada pelo júri, o primeiro lugar nos Jogos Olímpicos de Atenas haveria sido atribuído à equipe americana. O próprio delegado americano teria comunicado este resultado aos Estados Unidos. Diante desses fatos, estamos autorizados a dizer que o chefe de Estado e o embaixador da França escreveram desde Washington ao presidente do Comitê Olímpico Internacional para se informar sobre ele. A expressão que produziu o enigma foi finalmente descoberta com a publicação numa das principais revistas de Nova Iorque de um artigo sobre os Jogos Olímpicos; nele encontra-se a tese singular de que as Olimpíadas modernas são compostas por duas partes: primeiro os Jogos Olímpicos *propriamente ditos*, ou seja, os “*athletic sports*” (corridas e saltos), e então os “outros esportes” (esgrima, tiro, natação, remo, etc.). Evidentemente, consideradas as coisas desse modo, os americanos têm triunfado nos Jogos Olímpicos propriamente ditos, mas nada autoriza a fazer essa distinção entre as competições que compõem a Olimpíada. Todos têm a mesma categoria e não há razão para que a ginástica, os esportes náuticos e a esgrima devessem perder para as corridas e serem considerados exercícios de ordem inferior. Isso é contrário à tradição antiga, que admitiu desde o início o boxe e, mais tarde, o esporte hípico e, em todo caso, isso é contrário aos regulamentos que vigoram atualmente. Assim, resulta inadmissível que se permita, sob qualquer pretexto, modificar a classificação estabelecida pelo júri de Atenas, a única legal e a única exata.

“*Le même rang*”, em *Revue Olympique*, Agosto, 1906, p. 127-128.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

5.2/2 OS COMISSÁRIOS FIÉIS À IDEIA OLÍMPICA

O discurso a seguir sobre a recepção do governo britânico aos hóspedes Olímpicos em 1908 é uma das declarações mais citadas de Coubertin. Nele encontram-se observações especialmente significativas: na primeira, Coubertin fala da perda do *fair play* que ameaça o movimento Olímpico. A segunda é de uma importância ainda maior, mas não é de Coubertin, embora a ele com frequência erroneamente atribuída: “*L’important dans ces olympiades, c’est moins d’y gagner que d’y prendre part*”. Esta frase foi usada poucos dias antes como ponto central de seu discurso durante a missa para os participantes dos Jogos Olímpicos de Londres na catedral de São Paulo pelo bispo anglicano da Pensilvânia. Coubertin a fez sua, mas acrescentou outra frase que complementa sua visão pedagógica: “*L’important dans l’avie, ce n’est point le triomphe mais le combat; l’essentiel, ce n’est pas d’avoir vaincu mais de s’être bien battu*”.

Discurso proferido pelo presidente do Comitê Olímpico Internacional no jantar oferecido pelo governo britânico em 24 de julho, em Londres, e na qual fizeram as honras o senhor Hartcourt e o ministro de Assuntos Exteriores, sir Edward Grey.

Excelências, senhores:

Em nome do Comitê Olímpico Internacional expresso meu mais sincero agradecimento pela homenagem com a qual fomos contemplados. Guardaremos uma comovida lembrança dela e também dessa IV^a. Olimpíada, na qual, graças ao zelo e ao trabalho de nossos colegas ingleses, foi possível comprovar um esforço colossal no caminho da perfeição técnica. E se o resultado foi satisfatório, espero não demonstrar demasiada ambição dizendo que esperamos que será ainda melhor no futuro, se for possível, pois queremos seguir progredindo. Aquele que não avança, retrocede.

Senhores, os progressos do Comitê, em cujo nome tenho a honra de falar, têm sido até agora consideráveis e rápidos. E quando penso nos numerosos ataques de que têm sido objeto, nas emboscadas e obstáculos que, há quatorze anos, cabalas incríveis e ciúmes furiosos colocam em seu caminho, não posso deixar de pensar que a luta é um belo esporte, inclusive quando, abandonando as chaves clássicas, os adversários chegam a praticar contra vocês as surpresas do *catch as catch can*. Esse é o regime ao qual têm estado submetido, desde seu nascimento, o Comitê Olímpico Internacional, e parece ter alcançado, graças a ele, uma compleição firme e robusta.

A razão desses combates? Oh, meu Deus! Vou dizê-la em duas palavras: Não somos eleitos, recrutamos a nós mesmos e nossos mandatos não têm limite. Falta algo mais para irritar a opinião pública acostumada a ver como ao princípio da eleição estende seu poderio e pouco a pouco põe sob seu jugo a todas as instituições? Em nosso caso, há uma violação da lei ordinária, dificilmente tolerável, não é verdade? Pois bem, suportamos de boa vontade e sem inquietude a responsabilidade dessa anomalia.

De minha parte, aprendi já faz tempo nesse país muitas coisas, e entre elas que o melhor meio para salvaguardar a liberdade e servir à democracia não é sempre deixar tudo para a eleição, mas manter, ao contrário, no meio do grande oceano eleitoral, ilhotas onde se possa assegurar, em certas especialidades, a continuidade de um esforço independente e estável.

Desde esse púlpito da catedral de São Paulo de Londres, o bispo Ethelbert Talbot se dirigiu aos participantes dos Jogos Olímpicos de 1908 com essas palavras significativas: "Nestas Olimpíadas o importante não é ganhar, mas participar". (Fotografia: N. Müller)



A independência e a estabilidade, eis senhores o que nos tem permitido realizar grandes coisas; isso é o que falta com muita frequência, preciso confessar, nas agremiações de hoje e, particularmente, nas agremiações desportivas. No que nos concerne, essa independência teria inconvenientes inquestionáveis se tratasse, por exemplo, de ditar regulamentos estritos, destinados a serem obrigatórios, mas não é esse o nosso papel. Não nos colocamos acima dos privilégios das sociedades. Não somos um conselho de polícia técnica. Somos simplesmente os depositários da ideia Olímpica.

A ideia Olímpica é aos nosso ver a concepção de uma cultura muscular avançada, apoiada, por um lado, no espírito cavalheiresco que vocês tão graciosamente chamam de *fair play*, e por outro, na noção estética, no culto ao que é belo e gracioso. Não direi que os antigos não tenham faltado com esse ideal alguma vez. Essa manhã lia em um de seus grandes periódicos, a propósito de um incidente ocorrido ontem que causou certa inquietação, uma expressão de desalento ao pensar que certos traços de nossos costumes esportivos atuais nos impediam aspirar a alcançar o nível clássico. Ah, senhores! Vocês acreditam que incidentes como esses não têm manchado a crônica dos Jogos Olímpicos, Píticos, Nemeos, de todas as grandes reuniões desportivas da antiguidade? Seria ingênuo pretender isso. O homem sempre foi apaixonado, e que os céus nos preservem de uma sociedade na qual não haja excessos e na qual a expressão dos sentimentos ardentes se encerre nos moldes demasiado estreitos das conveniências.

Pode-se dizer, portanto, que em nossos dias, nos quais o progresso da civilização material (eu acrescentaria, o da civilização mecânica) tem louvado todas as coisas, existem alguns caprichos que ameaçam a ideia Olímpica, que produzem inquietações. Se, não quero em absoluto ocultar isso, o *fair play* está em perigo; e o está sobretudo em razão do desenvolvimento desse câncer ao qual se têm permitido expandir-se imprudentemente: a loucura do jogo, da aposta, do *gambling*. Pois bem, se faz falta uma cruzada contra o *gambling*, estamos dispostos a empreende-la, e

estou certo de que neste país a opinião pública nos apoiará: a opinião de todos os que amam o esporte em si, por seu grande valor educativo e porque pode ser um dos fatores mais importantes do aperfeiçoamento humano. No domingo passado, na cerimônia em honra aos atletas, organizada em Saint Paul, o bispo da Pensilvânia ressaltou isso em termos acertados: “O importante nessas Olimpíadas não é ganhar, mas participar.” Retenhamos, senhores, essas palavras. Elas se difundem a todos os campos para formar a base de uma filosofia serena e sadia. O importante na vida não é o triunfo, mas o combate; o essencial não é ter vencido, mas ter lutado bem. Difundir essas ideias é preparar uma humanidade mais valente, mais forte e, portanto, mais escrupulosa e mais abnegada.

Essas são as ideias predominantes no seio de nossa organização. Continuaremos nos inspirando nelas. Elas são citadas para celebrar a V^a. Olimpíada, dentro de quatro anos, sem esquecer que, no interregno, serão celebrados novamente os Jogos de Atenas e que, outra vez, o mundo se voltará para a Grécia, a Hélade imortal, na qual o culto é inseparável de toda nobre aspiração. Permitam-me, em nome de todos os meus colegas, saudar desde aqui suas respectivas pátrias e, em primeiro lugar, a velha Inglaterra, mãe de tantas virtudes, inspiradora de tantos esforços. O internacionalismo, tal como o compreendemos, é formado pelo respeito às nações e à nobre emulação que faz tremer o coração do atleta quando vê subir ao mastro da vitória, como fruto de seu labor, as cores de seu país.

Por seus países, senhores, pela glória de seus soberanos, pela grandeza de seus reinos, pela prosperidade de seus governos e de seus concidadãos.

“*Les ‘trustees’ de l’idée olympique*”, em:
Revue Olympique, julho, 1908,
pp. 108-110.

5.2/3 GEOGRAFIA ATLÉTICA

Nesta carta ao editor dirigida a Victor Silberer, editor da *Allgemeine Sportzeitung* em Viena, Coubertin enuncia dois princípios Olímpicos essenciais com referência ao problema levantado por consagrar nacionalidades e bandeiras durante os preparativos para os Jogos de 1912 em Estocolmo: “All games, all nations” e a definição de uma “geografia desportiva”. Todo esporte e toda nação tem seu lugar nos Jogos Olímpicos. Na opinião de Coubertin e do COI, a nações como a Finlândia ou a Boêmia, que em 1912 não gozavam de soberania de acordo com o Direito Internacional, se lhes dava o direito de participar.

Senhor Diretor:

Devo assinalar que o artigo que foi publicado em seu periódico em 26 de fevereiro pode produzir mal-entendidos problemáticos. O programa dos Jogos Olímpicos de Estocolmo ainda não é em absoluto definitivo, e de modo algum cabe ao comitê sueco “definir a lista dos países admitidos a participar dos Jogos Olímpicos”. A regra fundamental das Olimpíadas modernas baseia-se em duas palavras: *All games*, *all nations*, e nem sequer está em poder do Comitê Olímpico Internacional, auto-



**“Geografia desportiva”:
os tchecos chegaram
a Estocolmo em 1912
formando uma equipe
independente. Foi**

**acordado usar o nome
“Áustria tcheca” e as
bandeiras da Áustria-
Hungria e Boêmia.
(Coleção J. Kössl)**

ridade máxima nessa matéria, mudar nada a respeito. Acrescento que uma nação não é necessariamente um Estado independente, e existe uma geografia desportiva que em certas ocasiões pode diferir da geografia política. Assim ficou estabelecido já faz muito tempo o precedente da Agência Europeia de Federações de Ginástica, presidida pelo Sr. Cupérus, da Antuérpia, e nós acreditamos agir com prudência ao seguir seu exemplo.

No que diz respeito ao seu país, se nenhum austríaco figura *neste* momento na lista dos membros do Comitê Internacional, essa lamentável lacuna não nos pode ser imputada, lacuna que, além disso, vamos a preencher, e tenho a esperança de que nossa próxima reunião, que será realizada no mês de maio em Budapeste a convite do governo húngaro e sob o patrocínio de Sua Majestade Imperial e Real Apostólica, não acontecerá sem que o posto vacante seja novamente ocupado. Em todo caso, contamos com a participação de numerosos atletas austríacos na Vª. Olimpíada, e nos alegramos por isso.

Por favor aceite, etc.

“*Géographie sportive*”, em: *Revue Olympique*, abril, 1911, pp. 51, 53.

5.2/4 NOVOS LEMAS

Coubertin havia mencionado pela primeira vez a origem do lema “*mens fervida in corpore lacertoso*” em um artigo de 1911 na *Revue Olympique*. Dessa forma, ele queria corrigir o caráter, demasiadamente médico, sob seu ponto de vista, da expressão do escritor romano Juvenal “*obtandum est, ut sit mens sana in corpore sano*”, que tratava de incentivar a ambição da juventude. Enquanto a expressão “*citius, altius, fortius*” tem como fim máximo o rendimento, do qual se pode derivar a elaboração das classificações dos recordes Olímpicos, em “*mens fervida in corpore lacertoso*” evoca-se o antigo ideal de harmonia entre corpo e mente. Esse lema não é muito conhecido, inclusive no âmbito Olímpico.

A terceira expressão “*athletae proprium est se ipsum noscere, ducere et vincere*” reafirma a transmissão do corporal às capacidades intelectuais e morais, no sentido da pedagogia desportiva coubertiana. Esse lema, cunhado em 1923, tampouco foi amplamente aceito; sua utilidade original é descrita neste texto.

Seria necessário discutir muito tempo sobre a origem dos lemas e suas diversas fórmulas. Elas respondem a uma necessidade, a um instinto da humanidade, pois bárbaros e civilizados as têm empregado com a mesma frequência, e o mundo moderno, herança do mundo antigo, não parece em absoluto disposto a prescindir delas.

As sociedades desportivas, divididas um pouco por todos os países, têm suas divisas inscritas nos cabeçalhos de seus estatutos, nas insígnias que levam seus membros, nos programas das festas que organizam, etc. Não haveria como esses lemas não se repetirem com frequência. O número de ideias que as inspiram é muito limitado. Trata-se sempre de um incentivo ao esforço, à constância, ou ao equilíbrio. Dessa última categoria surge a famosa *Mens sana in corpore sano*, à qual recorrem tantos oradores com pouca imaginação e da qual se tem feito tal abuso que cabe qualifica-la sem exageros de etiqueta insuportável.

CITIUS, ALTIUS, FORTIUS

Nossa época, na qual não se tem aprendido latim e na qual se acredita poder esquecê-lo sem inconvenientes – equívoco, sem dúvida, passageiro –, continua, no entanto, a recorrer a ele para forjar seus lemas por necessidade de prestígio e de concisão, que é a primeira qualidade que requer um lema.

O mais antigo dos lemas esportivos recentes data aproximadamente de trinta e cinco anos. Seu autor é o famoso padre Didon, dominicano, então diretor do colégio de Arcueil, próximo de Paris. Esse grande apóstolo da energia masculina se deu conta em seguida de que o renascimento do esporte era uma poderosa alavanca escolar, e não teve dúvidas em emprega-lo. Num discurso proferido durante a entrega de prêmios de uma reunião atlética interescolar organizada por seus alunos, lançou de repente esses três superlativos. A partir desse momento, o recorde foi glorificado em estilo clássico: suas características essenciais foram fixadas por três palavras lapidárias. O destino da nova divisa foi mais amplo e excelso do que pensou seu autor. O Olimpismo se apropriou dela e a difundiu pelo mundo. Hoje, seu apelo sonoro repercute na juventude de todos os países. E é possível lê-la, juntamente com os cinco

aros simbólicos, em qualquer lugar que se tenha instalado, triunfante, o esporte. Em torno dela são classificadas, empurrando-se entre si, as marcas sucessivas de velocidade, resistência e vigor, ante os protestos platônicos de moderadores inquietos, mas aplaudidos pela multidão que sabe que as marcas são necessárias para a vida desportiva como as proezas excepcionais são indispensáveis para a atividade geral.

MENS FERVIDA IN CORPORE LACERTOSO

Esse lema não nasceu de um discurso improvisado. Foi algo pensado e buscado. O renovador dos Jogos Olímpicos fixou seus termos com um latinista apaixonado, grande amigo dos esportes e antigo diretor dos liceus de Marselha, de Troyes e de Vannes, próximos de Paris, o Sr. Morlet. A *Revue Olympique* de julho de 1911 contou sua gênese e discutiu sobre seu valor. Voltou a ela depois, porque outro eminente latinista, membro do COI, não estava plenamente satisfeito com o emprego do termo *lacertoso*. Mais tarde aconteceu novamente que, ao apreciar, por sua vez, a nova fórmula durante uma conversação no Vaticano, o papa Pio XI ficou preocupado com o ideal *fervidus*. Em ambos os casos produzia-se uma substituição da ideia de excesso pela de equilíbrio, que era o que havia pretendido seu iniciador, cuja doutrina a esse respeito é conhecida. Espírito ardente, corpo treinado, vivacidade do espírito frente a dos músculos ou, ainda melhor, seu complemento: assim se definia de maneira audaz a pedagogia moderna, uma pedagogia de aviadores, de arriscar tudo... Assim o quiseram as circunstâncias, a evolução geral e as paixões atuais. Evidentemente, sempre haverá quem proteste, mas quem não se dá conta de que atualmente o *mens sana* carece de prestígio porque não diz a verdade? O estado de coisas de ordem individual que sugere é magnífico, mas se trata de um resultado, e não de um objetivo. Se quiserdes alcançar o objetivo, dizia um educador, aponte mais longe. No seio da inevitável agitação contemporânea, o equilíbrio somente pode ser engendrado pela combinação ou pela oposição dos excessos. Somente se chegará a fazer *bastante* buscando *demasiado*.

Assim, o *Mens fervida in corpore lacertoso*, ideal de aspecto imoderado, contém o germen de uma discussão filosófica do mais alto interesse, de um interesse que nunca se esgota, tanto histórico quanto pedagógico.

ATHLETAE PROPRIUM EST...

Em 1923, sob os auspícios do Comitê Olímpico Internacional e graças à ilustre generosidade do Sr. A. Bolanachi, membro do COI pelo Egito, criou-se uma “medalha africana” destinada à difusão da atividade desportiva entre a juventude aborígine: tema importante que levantou tempestades em certos meios governamentais e sobre qual teremos de voltar. A medalha leva de um lado a vigorosa silhueta de um negro lançando um dardo e, de outro, alguns bambus entre os quais encontra-se uma inscrição. Que língua deveria levar essa inscrição?... Não poderia ser nos dialetos africanos, infinitamente variados. O inglês, o francês, o alemão, o italiano e o português são na África línguas regionais de acordo com o caráter da colonização local. Por que uma em vez de outra? O latim, se quiser, não é compreendido ali por ninguém, mas os oficiais e missionários o conhecem e podem traduzir, cada um para

a língua que entendem seus subordinados, a inscrição da medalha. A isso se acresce o prestígio de uma antiga ilustração. Não havia dúvida: foi escolhido o latim, e foi gravado, entre a folhagem exótica e em poucas palavras, todo um programa educativo. Este é o texto: *Athletae proprium est se ipsum noscere, ducere et vincere*. “O dever e a essência do atleta é conhecer, guiar e vencer a si mesmo”. Naturalmente, em todas as línguas do mundo a tradução exige duas vezes mais que o texto inicial. Mas nele encontra-se toda uma lição de pedagogia desportiva masculina, e isso é o mais importante. A transposição do plano muscular ao plano moral – base da pedagogia desportiva – é indicada em termos de uma clareza e uma nitidez superiores. Pode-se pensar que, como as outras duas, esse lema se difundirá pelo mundo, e que na hora de comentá-lo e de aplicá-lo, os mestres gozarão de uma compreensão mais sólida do princípio fundamental de seu ensino, e os discípulos uma convicção mais profunda do valor desse ensino.

“*Devises nouvelles*”, em: *Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive*, Lausanne, n. 4, 99, 1929, p. 12-14.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

5.2/5 PENSAMENTOS DE ATLETAS

Coubertin reuniu as passagens seguintes para o *Almanach Olympique* de 1918 e 1920. A primeira volta a explicar o lema “*citius, altius, fortius*”. O competidor Olímpico se converte num exemplo, Coubertin vê nele uma “regra instintiva” que justifica o esporte de alta performance, além disso, que inclusive o torna necessário.

A segunda passagem é de *Roman d’un rallie*, publicado em 1899 com o pseudônimo de Georges Hohrod¹ na *Nouvelle Revue*. Continha a mesma ideia que a referência feita pelo bispo da Pensilvânia: “importante na vida não é o triunfo, mas a luta. O importante não é ter ganhado, mas ter lutado bem.”

“Para que cem pessoas se dediquem à cultura física, é preciso que cinquenta pratiquem esporte. Para que cinquenta pratiquem esporte, é necessário que vinte se especializem. Para que vinte se especializem, cinco devem ser capazes de grandes proezas. Tudo isso se realiza e se encaixa, e explica a razão pela qual as campanhas dos teóricos contra o atleta especializado são pueris e sem alcance”.

“A vida é simples porque a luta é simples. O bom lutador retrocede, mas não desiste; cede, mas nunca renuncia. Se o impossível se ergue diante dele, desvia e vai mais longe. Se lhe falta alento, descansa e espera. Se é posto fora de combate, anima seus companheiros com suas palavras e sua presença. E ainda quando afunda ao seu redor, a desesperança não o invade”.

“*Pensées d’athlètes*”, em:
Almanach Olympique para 1918.
Lausanne, 1917, p. 15.

1 Com esse pseudônimo havia publicado juntamente com M. Eschbach a *Ode ao esporte*, com a qual obteve a medalha de ouro no concurso literário dos Jogos Olímpicos de 1912 em Estocolmo.

5.2/6 O EMBLEMA DA BANDEIRA DE 1914

Este texto é um dos primeiros documentos para ilustrar a criação e o sentido dos aros Olímpicos. Embora Coubertin não reclame a autoria com exclusividade, é preciso supor que este símbolo também foi ideado por ele. Inicialmente os aros Olímpicos foram tão somente o símbolo do congresso Olímpico de Paris de 1914, o acontecimento Olímpico mais importante até a data posterior aos Jogos Olímpicos. Eles são mostrados no caderno com o programa juntamente com o lema Olímpico “*citius, altius, fortius*”. Não se pode negar uma certa semelhança com o símbolo criado em 1890 para a primeira união de associações de Coubertin, a U.S.F.S.A., ou seja, dois aros entrelaçados com o lema “*ludus pro pátria*”.¹

Mas o texto inclui uma segunda afirmação no mesmo sentido: o Olimpismo não é um acontecimento local ou passageiro, é universal e secular.

Como uma premonição da Primeira Guerra Mundial, que iria estourar um ano mais tarde, Coubertin explica que uma guerra não pode deter nem mudar o curso do Olimpismo; a guerra, como na Antiguidade, poderia impedir a festa da Olimpíada, mas a Olimpíada como tal seria contabilizada.

O emblema escolhido para ilustrar e representar esse congresso mundial de 1914, que selará definitivamente a renovação Olímpica, começou a aparecer em diversos documentos preliminares: cinco aros regularmente entrelaçados, cujas cores distintas – azul, amarelo, negro, verde e vermelho – destacam sobre o fundo branco do papel. Esses cinco aros representam as cinco partes do mundo conquistadas a seguir pelo Olimpismo e dispostas a aceitar a rivalidade fecunda que implica. Além disso, as seis cores assim combinadas reproduzem as de todas as nações sem exceção. O azul e o amarelo da Suécia, o azul e branco da Grécia, as três cores francesas, inglesas, americanas, alemãs, belgas, italianas, húngaras, o amarelo e o vermelho da Espanha convivem com as inovações do Brasil ou da Austrália, com o antigo Japão e a jovem China. Trata-se, na verdade, de um emblema internacional. Era totalmente indicado para fazer com ele uma bandeira, e sua estética é perfeita. Quando tremular, essa bandeira será leve, iridescente e espiritual; tem um sentido amplamente simbólico, e seu êxito está garantido, tão garantido inclusive que o congresso poderia facilmente emprega-la de forma habitual e ser hasteada nas solenidades Olímpicas. Seja como for, as festas de 1914 contam desde já com os mensageiros eurrítmicos adequados para anuncia-los. O grande pôster, cujos primeiros exemplares foram enviados aos Comitês Olímpicos Nacionais e que já está à disposição, produziu uma admiração geral. Sua reprodução reduzida em cartões postais é algo que também deu muito certo em seu gênero. Mesmo assim, cabe apreciar os cinco anéis e suas variadas aplicações.

Estão os cinco anéis solidamente fixados entre si? Não há o perigo de que a guerra rompa algum dia a armadura Olímpica? Essa é uma questão que nos foi colocada e a qual, tendo em vista a ocasião que se apresenta, não nos incomoda responder. O Olimpismo não reapareceu no seio da civilização moderna para desempenhar um

1. Como informado pelo herdeiro de Coubertin, seu sobrinho-neto Geoffroy de Navacelle, o próprio Coubertin desenhou esses símbolos e os decorou de forma diferente segundo sua utilização. (Nota dos Editores).



Os aros Olímpicos com o lema Olímpico “*citius-altius-fortius*”, desenhados pelo próprio Pierre de Coubertin em 1914. (Coleção Navacelle)

papel local ou passageiro. A missão que lhe tem sido confiada é universal e secular. É ambiciosa; necessita todo o espaço e todo o tempo. É preciso reconhecer que seus primeiros passos o marcaram para tal corrida. Sendo assim, uma guerra somente poderia contrariar sua marcha, mas não detê-la. Como indica o preâmbulo dos regulamentos do próximo congresso, “cabe não celebrar uma Olimpíada, mas nem a ordem nem os intervalos podem ser mudados”. Se, Deus não o queira, a VIIª. ou a VIIIª. Olimpíada não puderem ser realizada, a IXª. certamente o seria. Se algumas lembranças sangrentas e demasiado próximas ainda proibissem a organização em alguma outra parte do mundo das festas necessárias, no outro lado da terra haveria povos dispostos a honrar a eterna juventude humana.

Embora haja uma tendência para uma concepção mais desportiva da guerra – o termo não é extemporâneo –, isso não tornará menos duro o desfile das armas, mas certamente tornará o futuro mais suportável. Os povos aprenderão a grande lição do esporte: a saber, que o ódio sem batalha é pouco digno do homem e que a injúria sem golpes é totalmente indigna.

Nos desviamos um pouco do nosso assunto. Voltemos a ele repetindo que a guerra não poderia influenciar o futuro Olímpico e que a paz, uma vez restabelecida, voltaria a encontrar o Comitê Internacional no seu posto, disposto a continuar a obra mundial. Essa é a razão pela qual o novo emblema, em sua linguagem eloquente, não somente evoca o espaço conquistado, mas também assegura a duração.

“*L’emblème et le drapeau de 1914*”, em:
Revue Olympique,
agosto, 1913, p. 119-120.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

5.2/7 – 5.2/9 INTRODUÇÃO

No desenho de Coubertin de uma Olímpia moderna ideal,¹ várias vezes citado, também é apresentado um parágrafo exaustivo sobre as cerimônias dos Jogos Olímpicos. Muitas das ideias ali reunidas têm sido implementadas e se mantêm até hoje, embora atualmente já quase ninguém fala da autoria de Coubertin.

O juramento Olímpico dos atletas ocupa um lugar destacado dentro da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos. Na antiguidade, os participantes também tinham que jurar o cumprimento das regras diante da estátua de um Zeus lançando raios.

Coubertin não queria obrigar aos participantes Olímpicos modernos a seguir as regras devido à ameaça de sanções, em especial o acatamento da normativa sobre o amador, mas obriga-los por meio de sua palavra. Na seguinte carta de 1906 a Charles Simon, secretário geral da Federação ginástica e desportiva dos patronatos da França, Coubertin formula pela primeira vez a proposta de introduzir um juramento Olímpico.

Coubertin não podia saber ainda que teria que esperar até os Jogos Olímpicos da Antuérpia de 1920 para que Victor Boin fizesse pela primeira vez o juramento Olímpico em nome de todos os atletas.

O terceiro texto foi escrito por Coubertin mais de vinte anos depois. Isso já fica claro no título, porque a ênfase está agora nos “valores pedagógicos” do cerimonial Olímpico. Coubertin adverte que o protocolo Olímpico foi pensado exclusivamente para os Jogos Olímpicos e que simboliza a ideia religiosa que se encontra e “maior festa da primavera humana”.

5.2/7 AS CERIMÔNIAS

Como se sabe, o tema das “cerimônias” é de praxe um dos mais importantes. A Olimpíada deve distinguir-se de uma mera série de campeonatos mundiais especialmente pelas cerimônias. Ela traz consigo uma solenidade e um cerimonial que não podem ficar à margem do prestígio conferidos por seus títulos de nobreza.

Por outro lado, convém evitar a armadilha de um vão desfile e manter-se estritamente nos limites do bom gosto e da moderação.

Se consultamos a história, vemos como o antigo Altis era marcado durante os Jogos por cortejos de todo tipo, mas aos quais com muita frequência um ato religioso servia de pretexto. Atletas, espectadores e funcionários ofereciam sucessivos sacrifícios às divindades simbólicas cujas imagens e altares salpicavam o recinto sagrado. É muito difícil determinar o grau de majestade e de verdadeira beleza que alcançavam aquelas evoluções, mas, em qualquer caso, eram realizados com a seriedade desejada. Os antigos possuíam, evidentemente, o *sentimento da evolução coletiva* que nós perdemos, mas que seria fácil de recuperar, sem que haja razão alguma para atribuir-lhes a esse respeito uma superioridade imanente; esta foi adquirida e desenvolvida em virtude do costume. É preciso confessar que o caráter particularmente humano do qual se revestiam os cultos então em vigor facilitava sua aquisição e seu desenvolvimento. Atualmente existe apenas o culto público possível e quaisquer sejam suas manifestações não se prestariam

1 Para os participantes no Concurso de arquitetura do COI do mesmo nome em 1910. Ver o texto 4.1/3 desta obra.

para nada equivalente. No que diz respeito às festas civis, em nenhum lugar conseguiu-se ainda dar-lhe um aspecto de verdadeira nobreza e de euritmia.

No entanto, a experiência da antiguidade pode nos ser útil. Os “sacrifícios” cuja lembrança evocávamos há alguns instantes, somente eram formulas expressivas de um duplo sentimento de caráter elevado. Em Olímpia reuniam-se para fazer ao mesmo tempo uma peregrinação ao passado e um ato de fé no porvir. Isso seria, mesmo assim, conveniente para as Olimpíadas restauradas. Sua tarefa e seu destino é unir através do momento fugaz o que foi e o que será. São por excelência as festas da juventude, da beleza e da força. Assim pois, é preciso buscar nesse mesmo sentido o segredo das cerimônias que devemos instaurar.

Há uma cerimônia de outrora que pode ser transladada para o presente quase tal qual: o juramento. Antes da abertura dos Jogos, os atletas que eram aceitos na competição dirigiam-se ao templo de Zeus e juravam cumprir totalmente a lei dos Jogos. Declaravam não ter vícios e ser dignos de se apresentar no Estádio. Se cada um substituir a imagem pela bandeira de seu país, a cerimônia com certeza não fará senão ganhar em grandeza, e essa “modernização” resulta tão conveniente que não vale a pena insistir nisso.

Nas Olimpíadas recentes, a proclamação da abertura dos Jogos se realiza procurando uma solenidade muito apropriada. E dizemos “procurando”, porque a presença dos Soberanos ou dos Chefes de Estado que, em 1896, 1904 e 1908, proferiram as palavras sacramentais, não era suficiente para dar à circunstância toda sua amplitude.

Em Atenas, alguns coros admiráveis e a liberação de pombas acompanharam a proclamação feita pelo rei George. Em Londres, um desfile bem sucedido de atletas constituiu o “ponto máximo” do dia. Para dizer a verdade, o desfile pareceu resultar mais adequado para a entrega de prêmios que para a abertura dos Jogos. Até agora, a entrega de prêmios foi feita da forma mais vulgar e horrorosa, com os laureados vestidos em trajes comuns, em desordem e sem a menor preocupação estética. Londres trouxe alguma inovação a esse respeito. Muitos jovens apareceram vestidos com a roupa usada em seus respectivos exercícios, e esse simples fato transformou completamente o aspecto da cerimônia. Porém, durante todos os Jogos de 1908, a música foi esquecida, limitando-se ao estrépito dos metais e a habitual insistência excessiva dos corais. A alternância dos grandes corais e das fanfarras distantes constitui a base por excelência das sinfonias Olímpicas que os músicos do futuro quiserem, sem dúvida, compor. De certo modo, necessitarão da colaboração dos arquitetos. Os problemas de acústica não serão resolvidos pelo fato de estar ao ar livre. Os “telões” desempenham um grande papel e, além disso, não se deveria esquecer que a falta de visibilidade dos executores foi um dos dogmas inovadores da estética wagneriana, dogma que conta com adeptos cada vez mais convencidos.

Assim, as cerimônias serão pouco numerosas, mas importantes: o juramento dos atletas, a proclamação da abertura dos Jogos, a entrega de prêmios... compõem as principais jornadas, as jornadas obrigatórias, ao que é preciso acrescentar a entrega eventual de diplomas Olímpicos, cuja concessão não será frequente.

Essas festas trarão consigo cortejos, formação de grupos como “quadros vivos”, discursos, audições musicais...

“*Une Olympie moderne*”, cap. VI: *Les cérémonies*, em: *Revue Olympique*, março, 1910, p. 41-44.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin nesse texto sem assinatura.

O esgrimista belga Victor Boln (1886-1974) foi a primeira pessoa a prestar o Juramento Olímpico: “Prometemos participar dos Jogos Olímpicos como competidores leais, respeitando e seguindo as regras que os governam, ansiosos por demonstrar o verdadeiro espírito da desportividade, pela glória do esporte e pela honra de nossas equipes.” (Extraído de R. Renson, *The VII Olympiad: Antwerp 1920. The Games Reborn*. Ambores; Gante: Pandora; Snoeck-Ducaju, 1996, p. 33)



5.2/8 O JURAMENTO DOS ATLETAS

Carta ao senhor Charles Simon

Meu caro secretário geral:

Gostaria de lhe dizer quanto me tem agradado responder ao amável convite do doutor Michaux e assistir à festa maravilhosa organizada outro dia por sua jovem Federação. Poderia situar ali – quero dizer entre vocês – o início da terceira etapa da minha obra, e sinto-me feliz por isso.

As Olimpíadas de outrora tinham um tríplice caráter: eram periódicas, artísticas e religiosas. Ressuscitando-as, restabelecemos, em primeiro lugar, sua celebração regular. Doze anos mais tarde, as letras e as artes puderam ser convidadas a reatar os laços, há tanto tempo interrompidos, como o esporte; esse tem sido o sentido do esforço que acaba de se realizar e para o qual a Comédia Francesa tem sido o terreno apropriado. Ainda resta por escalar a terceira muralha, a mais alta e a menos acessível. Mas é preciso que antes apresente minha opinião sobre o termo “religioso”, que tem aqui um significado especial. A verdadeira religião do atleta antigo não consistia em oferecer um sacrifício solene ante o altar de Zeus; isso não era mais que um gesto tradicional. Consistia em prestar um juramento de lealdade e desinteresse e, especialmente, em esforçar-se para mantê-lo estritamente. Aquele que participava dos Jogos devia estar purificado de alguma maneira pela profissão e pela prática dessas virtudes. Assim era como se demonstrava a beleza moral e o profundo alcance da cultura física.

É necessário voltar a algo parecido. É necessário, se não queremos ver como se acelera a decadência de nossos esportes modernos, ameaçados por elementos corruptores. Por que negar isso? Esses elementos começaram a cumprir sua tarefa nefasta. Aqui, na França, temos visto declinar moralmente um dos esportes mais nobres, a esgrima, ao mesmo tempo em que aumentava seu valor técnico; o belo espírito cavalheiresco que sem dúvida reinava há alguns anos sem questionamento, é cada vez mais escasso e uma “hierarquia de botão de pressão” (seja-me permitido esse significativo jogo de palavras) está se organizando sob nossos olhos. Em outros esportes, os prêmios em espécie, ou os objetos de arte revendidos, confundem de fato categorias e os títulos de amador e profissional já não têm nenhum significado. Deixemos que as coisas sigam esse rumo e logo um esnobismo repugnante, o hábito da mentira e o desejo de lucro invadirão nossas associações.

Uma reação se impõe. Terá como bases necessárias, por um lado, a adoção de uma definição mais inteligente, mais ampla, e sobretudo mais exata, do amador; por outro, o restabelecimento de um juramento prévio. Desse modo, foram introduzidos nos esportes modernos o espírito de alegre camaradagem e um sincero desinteresse que os renovarão e farão do exercício muscular coletivo uma autêntica escola de aperfeiçoamento moral. Entre as grandes federações suscetíveis de ajudar para a consecução desse objetivo, não há nenhuma mais capaz que a sua; na minha opinião é a que está mais imbuída por um desejo generoso; de qualquer modo, é a mais democrática, e, o afirmo com convicção, a democracia é a única capaz de realizar esses trabalhos de saneamento, quando necessários. Permitam-me fazer um apelo aos seus jovens, para lhes pedir que divulguem esse programa de depuração moral, cujos princípios lhes tenho comunicado e que logo reuniremos detalhadamente em fórmulas de aplicação prática.

Receba, caro secretário geral e amigo, meu mais sincero agradecimento.

Pierre de Coubertin

“Le serment des athlètes. (Lettre à Charles Simon), em: Revue Olympique, julho, 1906, pp. 107-109.

5.2/9 O VALOR EDUCATIVO DA CERIMÔNIA OLÍMPICA

Apesar das circunstâncias desfavoráveis, os Jogos da X^a. Olimpíada são preparados em Los Angeles com muito método e vontade, apoiados por uma propaganda bem organizada e cujas medidas, longe de diminuir sua eficácia, provavelmente a reforcem. Na Europa tem sido amplamente difundido um comunicado desse serviço de propaganda. Nele fazia-se referência à cerimônia de abertura e eram detalhados seus sucessivos eventos. Vários jornais têm apresentado essa descrição, que contém inovações interessantes, como o resultado das decisões tomadas pelo Comitê Organizador. Contudo, trata-se de um programa imutável que constitui o primeiro ato de um “protocolo Olímpico”. Em 1924, o presidente do Comitê Olímpico Francês apresentou os detalhes deste protocolo ao Sr. A. Briand, hoje ministro de Assuntos exteriores da França, dizendo-lhe: “Me submeteria com prazer a ele; por complexo

que seja, deve ser menos que o meu”. Ao dizer isso, o homem de Estado aludia ao protocolo diplomático, mas, em ambos os casos, a origem e o caráter são muito diferentes. O protocolo diplomático procede de tradições de cortesia e traduz-se em uma gradação infinita de precedência. O protocolo Olímpico é de natureza puramente pedagógica, e nesse sentido nos ocuparemos dele aqui.

Como se tem repetido muitas vezes, os Jogos Olímpicos não são meros campeonatos mundiais nos quais predomina a ideia de conseguir os melhores resultados técnicos. Se for desejável, são também isso. Porém são outra coisa, e algo mais. Representam a festa quadrienal e internacional da juventude, a “festa da primavera humana”, que une ao mesmo tempo todas as formas de atividade muscular e todas as nações do mundo. Com eles, cada geração celebra seu advento, sua alegria de viver, sua fé no futuro, suas ambições, sua vontade de ascender. Por isso, como no mundo antigo, as artes e as letras têm sido convidadas a embelezar com sua colaboração uma celebração tão solene.

Quando o Comitê Olímpico Internacional, zelador supremo e permanente da instituição, designa – seu privilégio principal e essencial – a cidade (e não o país) onde deve ser celebrada a Olimpíada seguinte, um Comitê organizador, ao qual incumbe a preparação das provas, das festividades e do cerimonial, é investido dos poderes necessários, seja pelo governo nacional, seja pelas autoridades municipais, seja pelo Comitê Olímpico do país em questão; não importa. A essa comissão é reconhecida uma grande liberdade. É forçado apenas pelas disposições fundamentais da Carta Olímpica que enumera concretamente a série de esportes obrigatórios: ginásticos e atléticos, equestres, náuticos, esgrima, esporte de inverno, bem como certames artísticos... e também o cerimonial referido principalmente à abertura e encerramento solenes dos Jogos.

A abertura traz consigo o desfile de todos os participantes, os quais, classificados por nações, entram no Estádio precedidos por suas respectivas bandeiras e se perfilam diante da tribuna presidencial onde se encontra o chefe do Estado, soberano ou presidente da República chamado a proclamar a abertura da Olimpíada. Até agora nenhum deles têm faltado, salvo o presidente Loubet em 1900. Os reis da Grécia, da Suécia, da Inglaterra, os presidentes Roosevelt e Doumergue e o rei dos belgas têm repetido sucessivamente a fórmula breve e prestigiosa que George I proferiu pela primeira vez há trinta e cinco anos: Proclamo aberta a I^a. Olimpíada da era moderna... Nesse momento são soltas as pombas (em geral, tantas quantas sejam as nações representadas, e com suas respectivas cores), são disparados os canhões, e coros e fanfarras saúdam a grande bandeira Olímpica que é hasteada no mastro central e que tremulará enquanto durarem os Jogos. Então os portadores das bandeiras nacionais formam um semicírculo ao pé da tribuna e um atleta do país organizador presta em nome de todos o juramento Olímpico, cujos termos são os seguintes: “Juramos que nos apresentamos nos Jogos Olímpicos como competidores leais, respeitando as regras que os regem e desejosos de participar com um espírito cavaleiresco pela honra dos nossos países e pela glória do esporte”.

Como se sabe, a bandeira Olímpica é totalmente branca, com cinco aros entrelaçados no centro, de cor azul, amarelo, preto, verde e vermelho; o aro azul no alto e à esquerda do lado da haste. Assim desenhada, resulta um símbolo; representa as cinco partes do mundo unidas pelo Olimpismo, enquanto as seis cores reproduzem



O príncipe herdeiro Gustavo Adolfo da Suécia ao entregar o segundo prêmio na prova de revezamento de 400 metros de natação feminina dos Jogos Olímpicos de Estocolmo 1912. (Extraído de E. Bergvall, *The Official Report of the Olympic Games of Stockholm 1912*, Estocolmo: Wallström & Windstrand, 1913, p. 784)



A equipe brasileira entra desfilando no estádio da Antuérpia em 1920. (Extraído do Arquivo do COI)

as de todas as bandeiras nacionais que tremulam no mundo atual. Essa bandeira não é a primeira. Foi inaugurada em Paris em junho de 1914, durante as grandes festividades do XX aniversário do restabelecimento dos Jogos Olímpicos, coincidindo com o primeiro congresso dos Comitês Olímpicos Nacionais.

A cerimônia de encerramento não é menos impressionante que a de abertura, porque então, após a entrega de medalhas (a simples medalha tem substituído à antiga coroa de louro, e somente seu valor artístico é real), o presidente do Comitê Internacional pronuncia a clausura dos Jogos e, após agradecer, como é habitual, ao chefe do estado e à cidade organizadora, convida “a juventude de todos os países a se reunir dentro de quatro anos” em lugar designado para celebrar os Jogos da seguinte Olimpíada. “Que podem ser celebrados”, diz, “com alegria e concórdia e que, desse modo, a chama Olímpica possa prosseguir sua corrida através das épocas para o bem de uma humanidade sempre mais ardente, mais valorosa e mais pura. Que assim seja!” Ante essas palavras, soam as trombetas, a bandeira Olímpica é arriada do mastro central e saudada por cinco salvas de canhão, e os coros cantam a cantata final.

Durante os Jogos, as vitórias finais são saudadas com o hasteamento num mastro especial da bandeira do país ao qual pertence o vencedor e pela execução do seu hino nacional. Ao final dos Jogos, entre a última prova e a proclamação do encerramento, são hasteadas três bandeiras e são executados três hinos nacionais: o da Grécia, em memória do glorioso Olimpismo antigo, o do país organizador dos Jo-

gos que se encerram e o do país ao qual pertence a metrópole na qual se celebrarão os Jogos seguintes. Assim, em Los Angeles, será feita uma homenagem à Grécia, aos Estados Unidos e a Alemanha.

Desse modo, no Olimpismo renovado e modernizado tudo gira em torno às ideias obrigatórias de continuidade, de interdependência e de solidariedade. Se admitirá facilmente que essa forma de proceder constitui uma lição do mais alto valor pedagógico e um ensino filosófico e histórico de alcance poderoso.

Mas o que resulta conveniente para uma circunstância como a celebração dos Jogos quadrianuais, pode não sê-lo para qualquer outra circunstância da vida desportiva cotidiana. Há uma tendência de abusar desse cerimonial prestigioso aplicando-o a simples encontros, a simples partidas disputadas por atletas de dois ou três nacionalidades diferentes. Essa extensão não se justifica em absoluto, e longe de incrementar, mais provavelmente diminuirá seu alcance pedagógico.

“La valeur pédagogique du cérémonial olympique”, em: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, n. 7, Lausanne, 1931, p. 3-5.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

5.2/10 MENSAGEM A TODOS OS ATLETAS E PARTICIPANTES REUNIDOS EM AMSTERDÃ PARA A NONA OLIMPIÁDA

Esta mensagem de Coubertin aos participantes dos Jogos Olímpicos de 1928 em Amsterdã volta a reunir os pontos mais importantes que segundo o fundador do movimento Olímpico é preciso seguir respeitando inclusive depois da sua morte. O texto evidencia quão importante para Coubertin são os “signos simbólicos” na hora de configurar os Jogos Olímpicos. O apelo adquire um significado mais profundo já que Coubertin voltou a publicá-lo quase sem correções no ano de sua morte.¹

Com muito pesar devo renunciar, em razão da minha enfermidade, a me reunir com vocês. Quando, dentro de quatro anos, forem celebrados em Los Angeles os Jogos da X^a. Olimpíada, tampouco estarei em condições de ir. Assim, pois, aqui me despeço de vocês.

Peço-lhes que conservem e mantenham entre vocês a chama do Olimpismo renovado e os princípios e as instituições que lhe são necessários:

- Primeiro, a igualdade das grandes categorias de esportes individuais: esportes de atletismo e ginástica, esportes de combate, esportes náuticos, esportes equestres...

- Em seguida, os concursos artísticos que associam à bela atividade muscular as obras do pensamento, inspirada pela ideia esportiva.

- O juramento dos atletas que, fundado no sentimento de honra, traz consigo o gérmen da única solução eficaz ao problema do amadorismo.

- O uso da bandeira Olímpica, que reúne as cores de todas as nações e simboliza as cinco partes do mundo, unidas pelo esporte.

1 A fonte é desconhecida. Mas o texto encontra-se no arquivo do COI como recorte de imprensa.

– O cerimonial e as fórmulas de abertura e encerramento dos Jogos, com a saudação final ao Helenismo, a partir do qual eles vêm.

– E, por último, a autoridade do Comitê Internacional, cuja independência garante a manutenção das tradições, sem que isso deva implicar a intromissão em questões técnicas.

Acredito que, cada vez mais, os grandes torneios organizados à margem dos Jogos, devem ter plena autonomia e não ser confundidos com os Jogos, cujo primeiro objetivo é a glorificação do atleta individual.

Espero que, cada vez mais, a sucessão regular das Olimpíadas, ajudará a dar ritmo a vida desportiva, a mantê-la e preservá-la de seus próprios excessos. Por isso, é desejável que desapareçam os preconceitos que continuam separando o ginasta do atleta. São dois irmãos que se ignoram, com muita frequência, por culpa de seus dirigentes.

Pessoalmente, gostaria de ver o pentatlo moderno sob as diretrizes que lhe impus ao criá-lo. Quanto à participação feminina nos Jogos, sou contrário a ela. É contra minha vontade que tem sido admitida em um número de provas cada vez maior.

Como o Olimpismo tem passado sem grandes perdas à Guerra Mundial, sobreviverá às revoluções sociais. Em qualquer caso, nada tem a temer com as atuais tendências corporativas. Tenho visto com alegria como as organizações operárias foram impregnadas pelo ideal Olímpico; sem dúvida, os estudantes, por sua vez, irão querer lhe conceder uma parte mais definida dentre de suas preocupações universitárias. O que importa é que em todos os níveis, desde a adolescência à idade adulta, trabalha-se para estender o espírito desportivo, feito de lealdade espontânea e de desinteresse cavalheiresco.

Quero agradecer mais uma vez aos que me têm acompanhado e ajudado nessa tarefa, perseguida desde quarenta anos atrás, em meio a tantas emboscadas e hostilidades.

Pierre de Coubertin

*“Message à tous les athlètes et participants aux Jeux Olympiques d’Amsterdam”,
em: Bulletin Officiel du Comité International Olympique, outubro, 1928.*

5.3 A CONTRIBUIÇÃO DAS ARTES

Em 1906 Coubertin orientou o movimento Olímpico numa direção que para ele fazia parte desde o início do conteúdo elementar da ideia Olímpica: a união dos Jogos Olímpicos com a arte.

Esse aspecto não foi observado suficientemente durante os primeiros momentos do movimento Olímpico, uma vez que em sua vasta e duradoura empresa Coubertin queria ir por etapas.¹

Após os congressos Olímpicos de Le Havre e Bruxelas terem estabelecido em certo sentido a relação com as ciências, ainda faltava a incorporação da arte. Com a alegria prévia aos Jogos Olímpicos de Roma em 1908, Coubertin escreveu a respeito em 1904 em *Le Figaro*:

“Chegou a hora de entrar numa nova etapa, na qual queremos restaurar os Jogos Olímpicos em todo seu esplendor original. Na idade de ouro de Olímpia... as Belas Artes, que se relacionavam em harmonia com o esporte, marcavam a grandeza dos Jogos Olímpicos. Assim há de ser também no futuro.”²

Coubertin tinha inicialmente a esperança de que o preceito do regulamento do COI de “organizar os Jogos cada vez com maior dignidade”³ forjaria por si só essa relação.

Na circular aos membros do COI de 2 de abril de 1906 que se reproduz aqui, comunicava-lhes a convocação de um congresso em forma de conferência consultiva e os instava a nomear para isso artistas e escritores de seus países. No mesmo mês escreveu o convite oficial, também reproduzido aqui, cujo tema concreto de debate para a conferência prevista é: “Em que medida e de que forma podem ser chamadas as belas artes a participar das Olimpíadas modernas?” A ideia de envolver consideravelmente a arte e a vida intelectual na festa Olímpica foi tomada por Coubertin da antiga Olímpia: a ciência e as artes asseguravam através da sua harmonia com o esporte a grandeza dos Jogos Olímpicos. Por isso, em seu muito difundido discurso de 1935 “*Les assises philosophiques de l'Olympisme moderne*”, Coubertin faz a si mesmo a justificada pergunta: “Pode-se celebrar realmente a festa da juventude sem convidar o intelecto, a beleza, com o objetivo de que participem o pensamento e as artes?”

É claro que não, já que a convocação da Conferência consultiva de 1906 em Paris aconteceu para “voltar a unir os divorciados num matrimônio de direito: o corpo e a mente”.⁴

O segundo bloco de questões que devia ser tratado pela conferência dizia respeito às possibilidades de colaboração entre a arte e o esporte no âmbito restrito dos acontecimentos desportivos locais. A arte devia ajudar por um lado a “mitigar o caráter especializado e técnico do esporte”,⁵ e por outro lado dar destaque à festa quadrienal da juventude, de modo que qualquer forma de expressão juvenil, portanto

1 Ver “*Une Olympie moderne*”, *Revue Olympique*, n. 10, 1910, p. 10.

2 *L'Olympiade romaine*, citado de *Revue Olympique*, agosto, 1904, p. 77.

3 No primeiro estatuto do COI, que Coubertin esboçou e mandou aprovar em 1894, já se incluía o seguinte ponto: “*But 2: “De rendre cette célébration de plus en plus parfaite...”*”

4 Citado do seguinte texto: “*Un Grand Mariage*”, *Revue Olympique*, junho, 1906, p. 83.

5 Coubertin, P. de. *Une Campagne de vingt-et-un ans, (1887-1908)*, Paris: Librairie de l'Education physique, 1909, p. 192.

A interpretação que Coubertin fazia da euritmia era muito influenciada por suas ideias sobre a estética: o filósofo inglês John Ruskin (1819-1900). (Arquivos Carl & Lise-lott Diem, Colônia)



também a arte, tivesse sua importância.

As sugestões teóricas a respeito foram tomadas da obra do inglês John Ruskin (1819-1900), cujo esteticismo definia a beleza exterior como analogia da beleza interior, como na Antiguidade. Ruskin queria embelezar a civilização moderna, por exemplo mediante as cidades-jardim; Coubertin transferiu essas ideias para o esporte.

A união entre o esporte e a arte, desejada desde 1904, devia ir mais além da personificação estética do atleta durante a competição e embelezar os campeonatos de modo que os participantes e os espectadores vivessem uma harmonia absoluta, que Coubertin descrevia com o conceito de “euritmia”.

O que se pode ler nos escritos de Coubertin é seu talento para a configuração artística das celebrações. Não há acontecimento no qual ele não incorporasse detalhes especialmente festivos e planejados até o último detalhe. Até os convites e programas correspondentes eram confeccionados de uma forma artística especial; na maioria das vezes foi Coubertin quem projetou e desenhou os esboços.

Os textos aqui reproduzidos aqui sobre esporte e arte somente refletem de modo parcial as ideias, os planos e as iniciativas de Coubertin nesse campo. A contribuição da arte, a euritmia, é provavelmente o valor mais decisivo para o conjunto do seu Olimpismo. É por isso que todos os outros textos deste volume sobre o Olimpismo buscam referências mais ou menos extensas para o significado das artes na doutrina filosófica de Coubertin.

5.3/1 CIRCULAR AOS MEMBROS DO COI (MARÇO DE 1906)

28 Mars 1906

10, Boulevard Flandrin,
PARIS.

Monsieur et Cher Collègue,

Vous trouverez ci-joint une invitation à assister aux Jeux d'Athènes que j'ai le plaisir de vous remettre de la part du Comité Athénien. Vous serez bien aise de me dire s'il est dans vos intentions de vous rendre à Athènes; je ne pourrai malheureusement pas m'y rendre.

Je profite de l'occasion pour vous faire savoir que la remise solennelle du Diplôme Olympique à S. A. R. le Duc des Abruzzes et à Mr. le Commandant Lanzenec, ainsi que de la Coupe Olympique au Touring-Club de France aura lieu à Paris dans le grand amphithéâtre de la Sorbonne, le Samedi 26 Mai prochain. Je souhaite qu'il vous soit possible de prendre part à cette fête.

Elle coïncidera avec une Conférence consultative composée d'hommes de lettres et d'artistes (peintres, sculpteurs, architectes, musiciens, artistes dramatiques) à laquelle nous demanderons de vouloir bien étudier "dans quelle mesure et sous quelle forme les arts et les lettres pourraient être appelés à participer aux Olympiades modernes." Cette Conférence se tiendra les 23, 24 et 25 Mai au foyer de la Comédie Française mis gracieusement à notre disposition par Mr. Jules Claretie.

En prévision de sa réunion vous seriez bien aise de m'envoyer le plus tôt possible les noms et adresses des dix personnalités littéraires et artistiques de votre pays que vous jugeriez utiles d'y convier.

Veuillez agréer, Monsieur et Cher Collègue, l'expression de mes sentiments les plus distingués et dévoués.

Le Président du Comité,

P. de Coubertin

Circular de Coubertin aos membros do COI sobre os Jogos Olímpicos Intermediários realizados em Atenas em 1906. Ao mesmo tempo, anuncia uma Conferência Consultiva para tratar da inclusão da arte no Olimpismo moderno e pede aos seus colegas do COI que indiquem artistas relevantes de seus diferentes países. (Arquivos do COI)

29 de março de 1906
10, Boulevard Flandrin, Paris

Prezado senhor e colega:

Anexo a esta carta você encontrará um convite para assistir os Jogos de Atenas, que tenho o prazer de lhe enviar em nome do Comitê Ateniense. Peço a gentileza de me informar se você considerar em ir a Atenas; lamentavelmente, eu não poderei fazê-lo.

Aproveito a oportunidade para informar que a entrega solene do diploma Olímpico a S.A.R. o duque dos Abruzzos e ao Sr. Comandante Lancrenon, e da taça Olímpica ao Touring-Club da França acontecerá em Paris no grande anfiteatro da Sorbonne, no sábado, dia 26 do próximo mês de maio. Desejaria que pudesse participar dessa festa.

Coincidirá com uma Conferência consultiva composta por homens de letras e artistas (pintores, escultores, arquitetos, músicos, artistas dramáticos) aos quais pediremos que estudem “em que medida e de que forma as artes e as letras podem ser convocadas a participar das Olimpíadas modernas”. Essa conferência será celebrada nos dias 23, 24 e 25 de maio na *Comédie Française*, amavelmente posta a nossa disposição pelo Sr. Jules Claretie.

Tendo em vista essa reunião, peço-lhe a gentileza de me enviar logo que possível os nomes e os endereços de dez personalidades literárias e artísticas de seu país aos que julgue conveniente convidar.

Aceite, caro senhor e colega, a expressão de minhas mais cordiais e respeitosas saudações.

O Presidente do Comitê

Circular do Presidente do COI
(Arquivos do COI)

5.3/2 CONVITE AOS ARTISTAS (ABRIL DE 1906)

Paris, 10, Boulevard Flandrin
Abril de 1906

Senhor

Em nome do Comitê Internacional Olímpico tenho a honra de solicitar sua participação na Conferência consultiva que se reunirá na *Comédie Française* (hall de entrada) nos dias 23, quarta-feira, 24, quinta-feira, e 25, sexta-feira, de maio de 1906, sob a presidência de honra dos Srs. DEJARDIN-BEAUMETZ, Sub-Secretário de Estado de Belas Artes, e do Sr. Jules CLARETIE, Administrador da *Comédie Française*, com o objetivo de estudar **em que medida e de que formas, as Artes e as Letras poderiam participar da celebração das Olimpíadas modernas e, em geral, unir-se à prática dos Esportes afim de beneficiá-los e enobrece-los.**

Em anexo encontrará o programa desta Conferência para a qual seremos particularmente honrados em vê-lo trazer a preciosa contribuição de sua competência e de sua autoridade.

Aceite, senhor, a expressão dos meus mais sinceros sentimentos.

O Presidente do Comitê Olímpico Internacional



PARIS, 10, Boulevard Flandrin

Avril 1906.

**Convite aos artistas
para a Conferência
Consultiva de 1906 em
Paris. (Arquivos do COI)**

Monsieur

J'ai l'honneur de vous prier, au nom du Comité International Olympique, de bien vouloir prendre part à la Conférence consultative qui se réunira à la Comédie-Française (Foyer du public), les Mercredi 23, Jeudi 24 et Vendredi 25 Mai 1906, sous la présidence d'honneur de M. DUARHIN-BRAUNETZ, Sous-Secrétaire d'Etat des Beaux-Arts et de M. Jules CLARETIE, Administrateur de la Comédie-Française, à l'effet d'étudier dans quelle mesure et sous quelle forme les Arts et les Lettres pourraient participer à la célébration des Olympiades modernes et, en général, s'associer à la pratique des Sports pour en bénéficier et les ennoblir.

Vous trouverez ci-joint le programme de cette Conférence à laquelle nous serons particulièrement heureux de vous voir apporter le précieux concours de votre compétence et de votre autorité.

Veuillez agréer, Monsieur, l'expression de nos sentiments les plus distingués.

Le Président du Comité International Olympique,

M _____

T. S. V. P.

Programa da Conferência

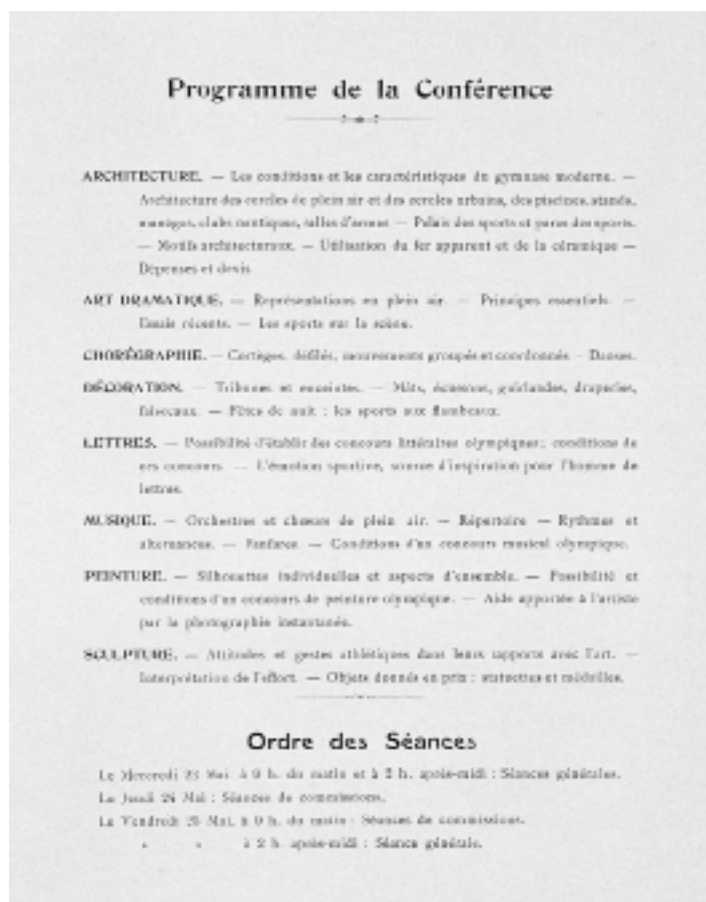
ARQUITETURA – Condições e características do ginásio moderno – Arquitetura de espaços externos e urbanos, piscinas, campos de tiro, centros de equitação, clubes náuticos, salão de exercícios – Pavilhões e pistas desportivas – Desenho arquitetônico – Uso de ferragem visível e cerâmica – Despesas e orçamentos

ARTE DRAMÁTICA – Produções externas – Princípios essenciais – Composições recentes – “Sports” no palco

COREOGRAFIA – Procissões e desfiles, movimentos em grupo e coordenados – Bailes

DECORAÇÃO – Arquibancadas e recintos - esteiras, insígnias, guirlandas, cortinas, *clusters* – Festivais noturnos: “sports” iluminados por tochas

Programa da Conferência Consultiva de 1906 em Paris. (Impressão especial, arquivo do COI)



LITERATURA – Possibilidade de estabelecer concursos literários Olímpicos; condições para esses concursos – Emoção desportiva, fonte de inspiração para o homem de letras

MÚSICA – Orquestras e coros externos – Repertório – Ritmo e revezamento – Fanfarras – Condições para um concurso musical Olímpico.

5.3/3 DISCURSO DURANTE A ABERTURA DA CONFERÊNCIA CONSULTIVA SOBRE ARTE, LITERATURA E ESPORTE (23 DE MAIO DE 1906)

O discurso de abertura da Conferência consultiva¹ contém as ideias que haviam levado Coubertin ao projeto audacioso de relacionar as Olimpíadas com a arte. O local da conferência reflete o cuidado na sua preparação por parte de Coubertin: o foyer da Comédia Francesa. Para conquistar a ciência a favor de seu plano de renovação dos Jogos Olímpicos havia escolhido em 1894 como cenário a antiga universidade parisiense da Sorbonne; para dirigir-se aos artistas, o teatro mais famoso de Paris, a Comédia.

Senhores, nos reunimos neste lugar único no mundo para celebrar uma cerimônia singular. Trata-se de unir novamente, com os vínculos de um matrimônio legítimo, antigos divorciados: o músculo e o espírito. Correria o risco de distorcer a verdade se dissesse que uma inclinação ardente os leva a reunir a partir de hoje a vida conjugal. Sem dúvida alguma, seu entendimento durou muito e foi fecundo, mas separados por circunstâncias adversas, chegaram a se ignorar completamente; a ausência engendrou o esquecimento. Contudo, aqui Olímpia, sua fundamental morada de outrora, foi restabelecida, ou melhor, renovada, de formas diversas, todas elas modernas e, não obstante, com um ar semelhante. Desse modo, podem voltar para sua casa, e, entretanto, nos cabe preparar sua volta. Por isso, esta Conferência Consultiva foi convocada para estudar “em que medida e de que forma as Artes e as Letras podem participar na celebração das Olimpíadas modernas e, em geral, unir-se à prática dos esportes para beneficiá-los e enobrecê-los”. Temos, pois, um duplo objetivo: por um lado, organizar a colaboração brilhante das Artes nos Jogos Olímpicos restaurados e, por outro, buscar sua colaboração cotidiana, modesta e restrita às manifestações locais da atividade desportiva. Não tenhamos dúvidas, Senhores, de que vamos conseguir isso; não duvidemos tampouco que precisaremos de muito tempo e paciência.

Um primeiro ponto do nosso programa para o qual solicitamos vosso parecer e vosso conselho é o projeto de criação de cinco concursos de arquitetura, de escultura, de pintura, de música e de literatura, destinados a coroar a cada quatro anos algumas obras inéditas e diretamente inspiradas na ideia desportiva. Talvez no início a participação nesses certames corra o risco de parecer pequena em quantidade e inclusive pobre em qualidade. No início somente tentarão, sem dúvida, artistas e escritores amadores pessoalmente dedicados a prática esportiva. Não deveria o escultor sentir algo em seu próprio corpo para interpretar bem a tempestade muscular que o esforço levanta no corpo do atleta? Como! Deixaremos nos abater por esse preconceito sem fundamento e já inócuo que consiste na incompatibilidade do esporte com certas profissões? O poder e a universalidade conseguidos em tão pouco tempo graças ao renascimento desportivo, nos protegem contra esse medo. A próxima geração verá trabalhadores do espírito que são ao mesmo tempo desportistas. Não está já ocorrendo isso com os praticantes de esgrima?

1 Publicada pela primeira vez na seleção de textos publicada por ocasião do seu septuagésimo aniversário em 1933 com o título *Antologia* (Aix-en-Provence, pp. 166-168).

O vestibulo da *Comédie Française* em Paris. Aqui aconteceu a abertura da Conferência Consultiva sobre as artes. (Extraído de *21 Years of Sports Campaign*, p. 193)



Nesse sentido, o tempo atua conosco e em nosso favor. Seria imprudente esperar demais dele no que diz respeito à aliança entre atletas, artistas e espectadores. Neste ponto, tudo está por fazer. Pois a euritmia foi esquecida. A multidão atual não é capaz de apreciar gozos artísticos diferentes. Ela se acostumou a fragmentá-los, seriá-los e especializá-los. A feiura e a vulgaridades dos resultados não a incomodam. A beleza da música a faz vibrar, mas que ressoe no centro da nobre arquitetura é algo que a deixa indiferente. E não parece rebelar-se ante essas decorações miseravelmente rotineiras, esses ridículos cortejos, essa abomináveis cacofonias e todos esses equipamentos que compõem o que hoje se chama uma festa pública, na qual sempre falta um convidado: o gosto.

Essa é a casa do gosto por excelência, e assim é reconhecida no mundo inteiro. A pedra angular do edifício que tentamos colocar não poderia ser talhada em outra parte com tantas garantias de êxito. Agradeço em nome do Comitê Olímpico Internacional, ao Sr. Jules Claretie como administrador da *Comédie Française*, bem como a Madame Bartet e ao Sr. Mounet-Sully, seus ilustres decanos, haver tido por bem participar dessa sessão e ao mesmo tempo dou as boas-vindas às personalidades eminentes que responderam ao nosso chamado. Há poucos instantes me reprovavam ter restringido a lista. Pessoalmente, acredito na solidez das empresas que começam discretamente. Sejam bons guias, saibamos colocar aqui e acolá os marcos oportunos e a opinião obedecerá ao impulso que demos.

Antologia, Aix-en-Provence, 1933, pp. 166-168.

5.3/4 ARTE, LITERATURA E ESPORTE

A Conferência consultiva de Paris em 1906 ocupa um lugar de destaque na Campanha desportiva¹ de Coubertin. Esta reunião de escritos autobiográficos compreende a época entre 1887 e 1908, quando Coubertin deu por concluída a campanha. A introdução das artes nos Jogos Olímpicos era o último ato da campanha. O parágrafo seguinte descreve com detalhe a história prévia, o desenvolvimento e as decisões da Conferência de Paris.²

Nos dias que se seguiram à reunião realizada pelo Comitê Olímpico Internacional em Londres (junho de 1904), eu escrevia no *Le Figaro* as seguintes linhas: “Chegou a hora de iniciar uma nova etapa e restaurar a Olimpíada em beleza primeira. Na época do esplendor de Olímpia – e inclusive depois, quando Nero, vencedor da Grécia, ambicionava recolher nas margens do Alfeu alguns louros sempre invejados – as letras e as artes, harmoniosamente combinadas com o esporte, garantiam a grandeza dos Jogos Olímpicos. No futuro deve acontecer o mesmo. Distante de nós, hoje como ontem, o pensamento, infantil e sacrílego ao mesmo tempo, de tentar a restituição de um passado magnífico. Mas se o século exige que, para sejam vivas e duradouras, as Olimpíadas modernas revistam as formas que inspiram suas leis, nada nos proíbe tomar do passado tudo o que continha de humano, ou seja, de imutável. A importância nacional do esporte, sua função internacional, o perigo de deixá-lo corromper pela sedução do lucro, a necessidade de vinculá-lo intimamente a outras formas de atividade, são certezas que sobreviveram à destruição de Olímpia e ao eclipse momentâneo do ideal radiante com o qual foi edificada aquela cidade maravilhosa. Desde o início quisemos a restauração completa desse ideal sob um aspecto e em algumas condições propícias às necessidades do momento. Mas no início era necessário que um atletismo rejuvenescido e viável nos proporcionasse seus elementos, que fossem realizadas consultas regulares aos povos e que uma nova série de Olimpíadas indicasse o caminho a seguir. Uma vez feito isso, é possível e desejável que nas festas futuras se unam, como ocorrera nas festas de outrora, os músculos e o pensamento... Alguns puderam indubitavelmente observar que se os poetas iam em outros tempos a Olímpia para ler suas obras inéditas e os pintores a expor seus quadros recentes, essa publicidade agora é irrelevante para uns e para outros. Assim, não se trata de publicidade, mas simplesmente de atenuar o caráter excepcional e técnico do qual se reveste atualmente o atletismo, para devolver-lhe seu lugar na vida em geral; e por outro lado, talvez os artesãos da caneta tinteiro e do pincel aos quais temos chamado, nos agradeçam algum dia por ter convocado seus talentos, ansiosos pela renovação das fontes esquecidas da nobreza e da beleza”.

Baste essa passagem para explicar por que foi convocada pelo Comitê Olímpico Internacional no mês de maio de 1906 uma Conferência consultiva com o objetivo de estudar “em que medida e de que forma as Artes e as Letras podem participar na celebração das Olimpíadas modernas e, em geral, unir-se à prática dos esportes para beneficiá-los e enobrecê-los”, e por que essa conferência foi realizada em Paris, na

1 Esta é a chamada “Campanha de vinte e um anos”. (Nota dos Editores).

2 Pode-se prescindir do artigo “Arts, lettres et sports” em *La Chronique de France 1906* (Ano 7, Paris, 1907, pp. 191-204), pois as informações coincidem em grande medida com o capítulo precedente da *Campagne de vingt-et-un ans*.

Comédie Française, sob a presidência do Sr. Jules Claretie. O amável administrador da *Comédie Française*, acompanhado “pelo decano e pela decana” dos sócios, o Sr. Mounet-Sully e Madame Bartet, abriu e encerrou a conferência com dois desses discursos encantadores cujo segredo ele conhece. As sessões gerais foram realizadas no famoso *hall* de entrada. A falta de locais apropriados, as sessões da comissão foram realizadas na sede do Touring-Club, amavelmente colocado à disposição do Comitê Internacional.

A *Revue Olympique* de junho de 1906 apresentou um informativo muito detalhado daquelas sessões, e nos números seguintes publicou *in extenso* os trabalhos importantes apresentados pelos Srs. Maurice Pottecher, Bourgault Ducodray, Frantz Jourdain, Émile Blémont, Max d'Ollone, Pierre Roche, etc. Desse modo, aqui não farei senão recordar – junto com a dedicação à conferência do Sr. Truffier (da *Comédie Française*) e do Sr. Pierre-Gaston Mayer, que desempenhou a delicada função de secretário – as principais conclusões adotadas.

Tratava-se, definitivamente, de preparar, por um lado, “a sonora colaboração das artes e das letras nas Olimpíadas restauradas” e, por outro, “sua colaboração cotidiana, modesta e restrita às manifestações locais da cultura física”. No que diz respeito ao primeiro ponto, a conferência aprovou por unanimidade a ideia de instituir cinco concursos de arquitetura, de escultura, da pintura, da literatura e da música, que seriam anexadas a seguir às Olimpíadas e fariam parte delas com o mesmo nível que as provas atléticas. As obras apresentadas deveriam se inspirar na ideia desportiva ou referir-se diretamente às coisas do esporte. Seriam examinadas por júris internacionais. Na medida do possível, as obras premiadas seriam expostas, publicadas ou executadas (já que se tratavam de obras pictóricas, arquitetônicas, de escultura ou de literatura, ou finalmente, musicais ou dramáticas) no decorrer dos Jogos.

O segundo ponto se presta a discussões mais profundas. Em arquitetura é preciso considerar dois tipos de edificação: de um lado, o ginásio, um lugar de exercícios; de outro, o estádio, lugar de provas. Desde uma perspectiva arquitetônica, a conferência se pronunciou a favor do tipo de ginásio antigo desejado pela ginástica utilitarista; ou seja, sugeriu um tipo de construção que reunisse na medida do possível todos os esportes e que fosse composto por espaços ao ar livre cercados por outros cobertos discretamente. O estádio antigo não pareceu ser adequado para as necessidades modernas. Decidiu-se que nem desde o ponto de vista artístico, nem do ponto de vista prático suas linhas e suas formas podiam ser tomadas como exemplo. O verdadeiro estádio moderno devia ser um campo aberto cercado de verde com elegantes e espaçosas tribunas adornadas de flores. Era tão desejável que o estádio ateniense voltasse a se levantar de suas ruínas, como lamentável parecia ver nas cidades novas tentativas semelhantes carentes de ilustração histórica e da beleza especial de uma paisagem única.³

No que diz respeito à arte dramática, a conferência indicou às sociedades de ginástica e desportivas que algumas representações apropriadas, sobretudo ao ar livre, seriam um belo acompanhamento para as festas musculares; recomendo-lhes que elas mesmas cultivassem a arte dramática, especialmente a comédia, sob a for-

3 O “stadium” de Londres tem sido assim chamado de forma imprópria; tem a forma elíptica da arena. Ver, em *La Revue Olympique*, um artigo sobre o tema. (Nota original de Coubertin).

ma de uma revista anual que colocasse em cena de forma imaginativa os principais feitos que interessavam aos seus membros – sob a condição, claro, de que tais práticas não adquirissem mais protagonismo que o exercício físico, nem desviassem a sociedade de sua função essencial.

A arte da dança evoluiu de tal forma que serão necessários esforços consideráveis para voltar a introduzi-la entre os esportes. Não caberia senão louvar as tentativas realizadas nesse sentido, mas seu caráter titubeante e fragmentário ainda não permite codificar seus resultados. Ao contrário, o cortejo não desapareceu dos costumes. Forma-se de modo espontâneo na multidão de circunstâncias da vida moderna, mas, exceto no militar, não apresenta coesão nem harmonia. No entanto, o cortejo atlético é mais fácil de organizar e aquele cujo aspecto e razão de ser se impõem com maior presteza. Bastaria, em última análise, imitar os ginastas, que conservaram o hábito de desfilar com seus trajes esportivos, para que os praticantes de esgrima, boxeadores, jogadores e ciclistas aparecessem com suas respectivas vestimentas, levando ou conduzindo os aparatos, floretes, raquetes e bicicletas que usam;⁴ isso os manteria em formação, e é evidente que os atletas, melhor do que os outros, iriam entender como dar aos seus movimentos e a marcha a elegância marcial apropriada. Para a entrega dos prêmios, o cerimonial mais atraente parece ser o da Idade Média, na qual o vencedor, ajoelhando-se diante de uma dama, recebia desta o prêmio conquistado. Se fosse restabelecido o juramento de lealdade que outrora prestavam os participantes antes de um certame, teríamos uma cena, sempre fácil de formar, com evoluções muito simples e gestos muito eficazes.

Em matéria de decoração, a conferência se apressou em condenar os tecidos e veludos vermelhos, as franjas douradas, os escudos em tecido pintado e, de modo geral, a trivialidade rotineira dos materiais em uso na maioria dos países. Defendeu a introdução de tecidos leves e claros, a volta à decoração em xadrez tão em voga na época de Luís XV e tão adequado para ressaltar a menor guirlanda como elemento de adorno e, finalmente, o emprego para as festas esportivas de panóplias militares semelhantes às usadas em festas militares, porém feitas com instrumentos desportivos em lugar de armaduras e escudos. Remos, malhos, uma roda de bicicleta, balões e raquetes entrelaçadas com folhagem se prestariam aos mais pitorescos arranjos. Palmas de grandes dimensões que a rapidez dos transportes permite hoje, são encontradas por um bom preço sem que tenham perdido seu frescor, também compõem, juntamente com bandeiras e lenços, motivos graciosos. As flores, por fim, não são usadas o suficiente. Para os exercícios ao ar livre são um acompanhamento natural. Outrora eram jogadas aos vencedores, e nada tinha provavelmente mais valor aos seus olhos que essa homenagem poética. As sociedades de floristas, a que se pediria apoio para as grandes solenidades desportivas, as preparariam de modo a realçar seu brilho com decorações inéditas e harmoniosas.

Ainda restam as festas noturnas nas quais a pirotecnia moderna tem aberto perspectivas inesperadas. Os esportes à luz das tochas constituem um espetáculo novo muito atrativo e nada difícil de organizar. Na verdade, os jogos de luz e sombras dissimulam as imperfeições dos detalhes, enquanto os espectadores são mais fáceis

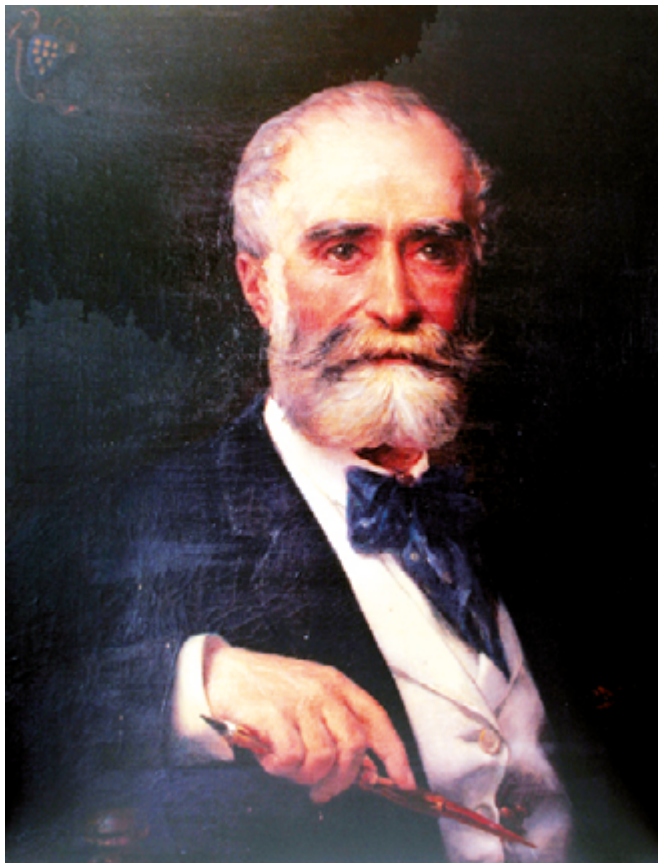
4 Esse desejo foi parcialmente levando em conta no encerramento dos Jogos Olímpicos de Londres. (Nota original de Coubertin).

de satisfazer e os atores estão mais separados deles e menos preocupados em ser vistos. Assim, tudo leva a impulsionar as sociedades desportivas por esta via, muito apropriada para conseguir adeptos e fazer amigos.

Se o esporte pode fornecer materiais ao ator dramático, com maior razão pode fazer isso com o homem de letras. A emoção desportiva procede tanto da psicologia quanto da fisiologia. Mas, para a interpretar bem, é preciso que alguém a tenha sentido em si mesmo. Todavia são raros os escritores que cultivam os esportes, e não há que se procurar fora a causa de suas dúvidas para tratar alguns temas cuja riqueza não conhecem. Isso também vale no caso dos poetas, que encontrariam no poema atlético a oportunidade para uma renovação saudável, mas somente no dia em que conhecessem por si mesmos as poderosas sensações que procuram exaltar em seus versos.

Ao contrário do que ocorre com as Letras, a Música é capaz de prestar aos esportes um apoio imediato. Sobre esse tema, a conferência tomou decisões importantes. Considerou que a base dessa fecunda colaboração é o canto coral ao ar livre, e pediu ao Comitê Olímpico Internacional que enviasse um convite a todas as sociedades desportivas, inclusive as sociedades equestres (em certos regimentos russos os soldados cantam a cavalo), para que formassem departamentos de coros. Ressaltou-se, precisamente, a esse respeito, o valor do canto desde o ponto de vista do aperfeiçoamento respiratório, tão útil para a prática da maioria dos esportes. Enquanto isso, as sociedades desportivas e corais que coexistem numa mesma localidade, e que na maior parte das vezes ignoram-se mutuamente, serão convidadas a entrar em acordo com o objetivo de prestar-se ajuda recíproca nas festas por elas organizadas. Por último, uma Comissão presidida pelo Sr. Bougault-Ducodray aceitou escolher as peças antigas e modernas que pudessem formar um repertório apropriado (no que concerne às sociedades francesas) para solenidades semelhantes. Será feito um chamamento aos compositores para que orientem seu trabalho nessa direção e escrevam odes e cantatas em honra ao atletismo e aos esportes. A Conferência não considerou apropriado delimitar, mediante qualquer tipo de indicação, a plena independência que os artistas devem conservar, mas, não obstante, assinalou o interesse que esses teriam em estudar os ritmos desportivos, o efeito produzido pela alternância de cantos e músicas marciais e, finalmente, pelo tipo de cantata adotado pelo excelente compositor grego Samara para seu hino Olímpico, que consiste em coros sem um acompanhamento repetido *ad libitum* e apoiados por uma ou várias músicas militares.

A ginástica moderna não somente proporcionaria a pintores e escultores modelos inéditos, mas também espaços apropriados para suas obras de arte, e essas contribuiriam, por sua vez, com a educação e o aperfeiçoamento eurrítmico dos jovens atletas. Também nesse ponto há uma só maneira de alcançar o objetivo: é necessário que os artistas frequentem os meios desportivos; além disso, alguns exemplos recentes mostraram sua incapacidade para suprir, com informações de segunda mão ou com observações apressadas, os documentos vividos, os únicos que podem procurar o conhecimento do exercício físico em suas diversas formas. A Conferência pareceu convencida de que o gesto atlético – pelo qual a escultura antiga parece ter-se deixado com frequência intimidar, porque demonstrou uma clara tendência a reproduzir o atleta em repouso –, poderia hoje satisfazer à dupla necessidade de movimento e novidade que perturba os artistas.



Autoretrato de Charles Coubertin, um pintor renomado em seu tempo e pai de Pierre. Este quadro de 1878 traz o escudo de armas dos Coubertin, seis conchas douradas sobre fundo azul celeste (acima à esquerda). (Coleção Navacelle).

A respeito disso recebeu a comunicação de um projeto devido ao gênio do grande escultor Bartholdi. Dois anos antes eu havia pensado em comemorar com um monumento apropriado à renovação da ginástica e dos esportes, e falei com ele sobre isso. Bartholdi se apaixonou pela ideia, e após haver se aprofundado nela, me disse numa carta um pouco antes de morrer: “Eu colocaria no centro a *Meta*, o limite fatídico em torno do qual, ao se avivar no Estádio, a luta se torna mais audaciosa e mais dura, esse limite no qual o terror supersticioso dos Antigos colocava a divindade subalterna, malvada e manhosa, diligente para enganar e fazer perder os competidores. Contra o mármore polido se precipitaria o tumulto dos esportes, a esgrima e o futebol, a patinação e o boxe, o hipismo e o ciclismo, inclusive um automóvel último modelo, pois a tempestade muscular muda de aspecto com as épocas, mas sua alma permanece idêntica e sua expressão similar, e sempre a *Meta* dominando, esboço tosco, inexorável e, por isso mesmo, atraente e compreensível”. Bartholdi queria que a *Meta* fosse de pórfiro, alta e larga, com imagens brancas de efébo e de atletas enroscados ao seu redor. “Isso seria”, continuava, “uma lição de história e de filosofia ao mesmo tempo, uma recordação da Hélade eterna, mãe de toda civilização, e uma advertência de que o choque com o esforço e o destino segue sendo a lei suprema da vida”.

Lamentavelmente, o projeto é muito amplo e caro para poder ser realizado neste momento. Apesar disso, espero que possa ser realizado algum dia.

Essa foi a conferência consultiva de 1906. Terminou com uma festa celebrada no grande anfiteatro da Sorbonne por ocasião da entrega solene do diploma Olímpico ao Monsenhor duque dos Abruzzos e ao comandante Lancrenon, bem como da taça Olímpica ao Touring-Club da França. Naquele recinto maravilhoso ouviu-se sucessivamente Madame Barthet e os Srs. Mounet-Sully e Truffier recitarem versos de Victor Hugo, a Sociedade coral de Aficionados, dirigida pelo Sr. Griset, cantar admiráveis estrofes antigas e modernas, ao Dr. Léon Petit proferir uma palestra científica e, por último, os professores Dubois e Decanchy cruzaram suas espadas em combates de cores clássicas, enquanto no vestíbulo do palácio ressoavam fanfarras de caça. A euritmia daquela festa, a primeira a reunir os esportes, as ciências, as letras e as artes, deixou na plateia uma impressão inesquecível.

Pouco depois e por ocasião de um de seus grandes prêmios anuais, o Racing-Club da França deixou o costumeiro coro de metais vulgares e o substituiu pela Escola de canto coral dirigida com tanto zelo pelo Sr. Radiguer; a plateia aplaudiu as obras corais da época revolucionária escritas por Gossec e por Cherubini – para serem interpretadas precisamente ao ar livre – e que acabavam de voltar a serem interpretadas depois de cem anos. Naquela ocasião, o Comitê Internacional outorgou ao Racing-Club da França a medalha Olímpica em reconhecimento aos seus importantes serviços à causa desportiva. Ofereceu-se igualmente a medalha Olímpica à *Comédie Française*, que o Sr. Jules Claretie depositou nos arquivos da Sociedade.

No mês de agosto, em Bussang, o Sr. Maurice Pottecher, que participou ativamente nos trabalhos da Conferência, introduziu nas representações, sempre apreciadas, de seu famoso “teatro do povo”, uma parte desportiva, esgrima, corridas, etc., que fez muito sucesso. Finalmente, em 4 de outubro, graças ao trabalho incansável de Th. Vienne e ao apoio inteligente da municipalidade, Toircoing, que encerrava uma exposição, deu uma festa Olímpica presidida pelo subsecretário de Estado de Belas Artes, o Sr. Dujardin-Beaumetz. Uma cantata de Alexandre Georges, uma exposição de obras de arte desportivas, a restauração de um combate antigo e diversas danças gregas completavam de modo magnífico as provas atléticas.

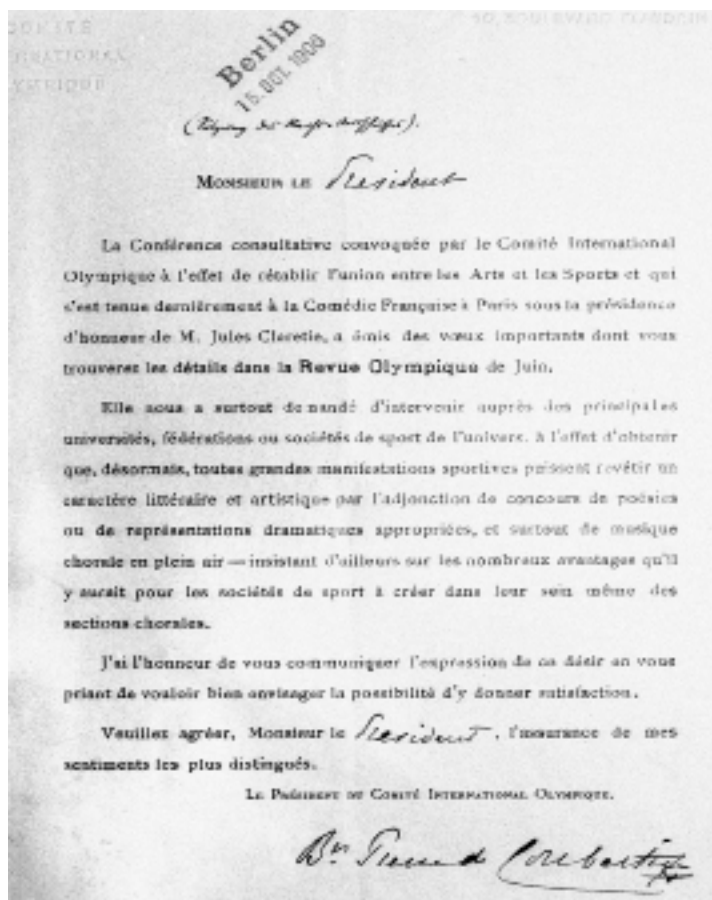
Assim foi celebrada, no ano da graça de 1906, a união que juntava novamente antigos divorciados, o músculo e o espírito.

“Arts, lettres et sports”, em:

Une Campagne de vingt-et-un ans,

Paris: Libr. Hachette, pp. 192-200 (cap. XXI).

5.3/5 CONFERÊNCIA CONSULTIVA. CIRCULAR (JULHO DE 1906)



Circular enviada aos dirigentes universitários, federações desportivas e clubes, na qual são destacados os aspectos literários e artísticos em todos os acontecimentos desportivos de maior relevância. Aqui: carta ao Comitê Olímpico Alemão/DRAFOS. (Arquivos Carl & Lise-lott Diem, Colônia).

A Conferência consultiva convocada pelo Comitê Olímpico Internacional com o objetivo de restabelecer a união das Artes e os Esportes recentemente celebrada na *Comédie Française* sob a presidência honorífica do Sr. Jules Claretie, expressou desejos importantes cujos detalhes você encontrará na *Revue Olympique* de junho.

Ela nos pediu sobretudo que interviéssemos junto às principais universidades, federações ou sociedades desportivas do mundo, com a finalidade de conseguir que a seguir todas as grandes manifestações desportivas possam adquirir um caráter literário e artístico mediante a inclusão de concursos de poesia ou de representações dramáticas apropriadas e, especialmente, de música coral ao ar livre, e insistir, além disso, nas numerosas vantagens que as sociedades desportivas teriam com a criação, inclusive em seu próprio seio, de departamentos corais.

Tenho a honra de lhe comunicar este desejo, pedindo que considere a possibilidade de realizá-lo.

Aceite, Senhor Presidente, minhas mais sinceras saudações.

Circular dirigida ao D.R.A., o Comitê Alemão da época, em Berlim.

5.3/6 A CONVOCAÇÃO DAS LETRAS E DAS ARTES (1906)

Especialmente interessantes são as análises apresentadas por Coubertin em suas *Memórias Olímpicas*, vinte e cinco anos depois da Conferência Consultiva. A inclusão das Artes não pressupôs nenhuma forma de sucesso retumbante, razão pela qual Coubertin volta a insistir outra vez em seu papel especial para fazer dos Jogos Olímpicos algo mais que alguns campeonatos mundiais.

Não se tratava realmente de apresentar ao senhor prefeito de Paris (que era então Jules Claretie, exercendo suas funções no histórico *foyer* da *Comédie Française*, entre Madame Bartet e Mounet-Sully) “o Músculo e o Espírito, velhos divorciados...” mas que evidentemente deveriam ter sucessores, considerando que foi longa a espera já que os filhos começaram a nascer vinte anos depois, em 1926. E entre os frutos daquela união incipiente, quantos nasceram mortos ou defeituosos! Mas, em 1906, tratava-se simplesmente de aproximar dois entes, que pareciam se empurrar um contra o outro e que, para dizer a verdade, não se preocupavam muito um com o outro. Importava que essa reconciliação ocorresse e, sobretudo, que a união resultasse fecunda.

Já repeti muitas vezes, que quase me envergonho como minha insistência, mas ainda há muitos que não entenderam! Os Jogos Olímpicos não são meros campeonatos mundiais, mas uma autêntica festa quadrianual da juventude mundial, da “primavera humana”, a festa dos esforços apaixonados, das múltiplas ambições e de todas as formas de atividade juvenil celebrada por cada geração que chega no limiar da vida. Não foi o acaso que reuniu há séculos em Olímpia e juntou em torno dos esportes antigos escritores e artistas, surgindo dessa junção incomparável o prestígio de que tanto tempo gozou a instituição. No meu desejo de renovar, não a forma, mas o princípio dessa instituição milenar, porque via nela uma orientação pedagógica necessária para o meu país e para a humanidade, devia procurar também a restauração dos poderosos pilares ou suportes nos quais se havia apoiado em outros tempos: o suporte intelectual, o suporte moral e, em certo sentido, o suporte religioso aos quais o mundo moderno acrescentava duas forças novas: o aperfeiçoamento técnico e o internacionalismo democrático.

Em Atenas, 1896, o ambiente e a solenidade do primeiro contato entre a juventude contemporânea e o estádio de Péricles reconstruído, realmente proibia, ou ao menos dificultava, a introdução da busca de novas obras artísticas e literárias inspiradas pela ideia esportiva.

Teria sido uma infantilidade e, por outro lado, não poderiam ser apresentadas tantas inovações de uma só vez. Proceder por etapas sempre me pareceu o melhor para toda empresa de grande envergadura que aspirasse sobreviver. Em Paris, 1900, além das circunstâncias desfavoráveis que descrevi, a Exposição Universal deu origem a uma torrente muito exuberante de formas e ideias para encontrar a abertura na qual poderia se introduzir um esforço de detalhe e natureza especiais... Mas Chicago se interessou vivamente por esse aspecto da questão Olímpica. Os programas aos quais me referi anteriormente dedicavam um espaço, um tanto escasso, porém sincero e ardente, à arte e ao pensamento. Sob esse aspecto, a transferência para Saint Louis havia sido negativa. A iniciativa em tal sentido teve de sofrer um novo

adiamento. Agora Roma tendia a desaparecer do horizonte. Surgiam dúvidas, e o desejo e a confiança retrocediam em razão de um regionalismo muito mais patente ainda que sob aparências de unidade. Impunha-se uma nova mudança, possivelmente em favor de Londres. Como o tempo urgia, era necessário improvisar muitas coisas, e a parte artística ficaria prejudicada...

O temor de retardar novamente a eclosão necessária desse movimento fez com que eu me decidisse a convocar uma “Conferência consultiva das Artes, das Letras e do Esporte” para a primavera de 1906, que constituiria ao mesmo tempo um pretexto para não me deslocar a Atenas, viagem que estava realmente interessado em evitar. Estávamos decididos a manter boas relações com o Comitê Helênico, embora tal aproximação fosse mais fruto de uma resolução tomada em comum acordo por ambas as partes que de uma autêntica adequação dos fatos. Porque, definitivamente, qual seria o título dos Jogos “fora de série” de 1906? Que periodicidade iriam anunciar? A ideia de uma série quadrianual intercalada no ciclo dos Jogos clássicos, à qual aderi sem acreditar em seu êxito, havia sido descartada. Agora se pensava em Atenas numa série decenal, o que faria as duas séries coincidir em 1916. Tudo aquilo era precário, e resultava evidente que a situação seria sempre um pouco falsa. Em todo caso, iriam se produzir fricções, e surgiriam dificuldades durante as competições. Seria melhor para tudo e para todos que eu estivesse ausente. O conde Brunetta d’Usseaux me substituiria, e reservaria sua opinião para me consultar sempre que isso fosse necessário; assim as discussões comprometedoras seriam adiadas e se evitaria por certo qualquer decisão precipitada.

Parece-me ainda estar vendo o sorriso encantador de André Beaunier – escritor autêntico e ameno prematuramente desaparecido – quando lhe mostrava em seu escritório do *Le Figaro* a convocação da Conferência da *Comédie Française*. Dizia textualmente que “convidava-se para estudar em que medida e de que forma as artes e as letras podiam participar na celebração da Olimpíadas modernas e em geral, associar-se à prática dos esportes para se beneficiar deles e enobrece-los”. “Que bela frase!” – repetia André – “e como se encaixa bem no marco escolhido!” Marco um tanto inesperado sem dúvida, cuja escolha havia surpreendido a muitos, começando pelo próprio Jules Claretie. Mas se habitou ao mesmo e, sorridente, presidiu a abertura de uma conferência à qual convidamos a imensa maioria de artista e escritores destacados. Somente uns sessenta foram os que a assistiram, mas aqueles que vieram no primeiro dia também frequentaram as sessões de estudo e debates dos dias seguintes e participaram na elaboração do plano. Jean Richepin, Bourgault-Ducoudray e Poilpot aderiram plenamente. Cortejos, coros, grandes afrescos e odes triunfais aqueciam sua imaginação. Outros aderiam com mais frieza ou denunciavam as dificuldades. O principal problema podia ser resumido em quatro palavras: temor ante o clássico. Os jovens artistas, para os quais clássico e o estereotipado eram sinônimos, constituíam a base da qual dependia o êxito da iniciativa. Mas aquele medo os deslocava. Acrescente-se a isso que na arquitetura ninguém havia manifestado inquietude alguma; que na pintura as cenas desportivas reclamavam mais linha que cor, ou seja, o contrário das tendências que então imperavam; que na música a massa havia perdido por completo o hábito das cantatas ao ar livre, e que na literatura os escritores, pessoalmente estranhos em sua maioria às manifestações musculares violentas, eram incapazes de descrevê-las para um público pouco ou nada preparado para compreendê-las.

Tudo isso podia ser amenizado de certo modo pedindo a participação de outros países, precaução que por equívoco não considerei devidamente pelo simples fato de ter enviado alguns convites que não foram respondidos e nos valeram numerosos telegramas de simpatia mas nenhuma ajuda eficaz. Somente a *Royal Academy of Arts* de Londres, mostrava-se verdadeiramente favorável, o que, em vista dos próximos Jogos (Londres tornava-se mais e mais sua sede provável) constituía um bom sinal. Na sessão de abertura, Laffan havia proferido novamente um dos seus belos discursos franceses, e Madame Bartet, encantada, surgindo por trás de Claretie, me puxava pela manga: “Quem é esse?”, perguntava com uma intensa curiosidade e admiração. “Quem é aquele?”

A Conferência de 1906 cumpriu perfeitamente seu principal objetivo, propondo ao COI criar “cinco concursos de arquitetura, escultura, música, pintura e literatura com obras sempre inéditas, diretamente inspirados pela ideia desportiva, cujos concursos deveriam no futuro ser incorporadas à celebração de cada Olimpíada”. Se o COI tivesse criado por conta própria tais concursos, provavelmente se teria coberto de ridículo. Convidado a fazê-lo por um grupo competente integrado por personalidades de alto nível, o COI estava respaldado ante a opinião pública.

Sob essa perspectiva, a Conferência consultiva, que foi encerrada com um atraente Festival do Esporte e Arte na Sorbonne, havia atingido sua finalidade primordial. Agora a carta renovada do Olimpismo estava completa.

Não obstante, ainda faltava algo. Entre os acordos firmados pelo congresso inicial de 1894 constava um convite ao COI (que acabava de ser criado) para que “introduzisse em seus regulamentos uma cláusula outorgando-lhe o direito de excluir das competições todo aquele que, por seus atos prévios, pudesse atentar contra o prestígio da instituição”. Não creio que essa pequena frase tivesse alegrado nem mesmo ao bom Beaunier. Sem dúvida, permanecia um tanto imprecisa, mas foi ali introduzida com o objetivo de deixar eventualmente a porta aberta para qualquer defesa moral, polarizando de novo o Olimpismo em sua versão moderna para a ideia da purificação do participante, que havia sido uma das bases do Olimpismo de outrora.

De que forma? Nada me ocorria a respeito, porém já decididamente não se remediavam as dificuldades surgidas do problema do amadorismo, tive a ideia inicial de estabelecer o juramento, que daria lugar a um cerimonial emocionante e comprometeria a honra do participante, simplificando de passagem as investigações relativas ao seu estatuto.

Uma vez que a mentalidade daquele momento não estava nem um pouco preparada nos meios desportivos para uma novidade de tal natureza, e minhas tentativas prévias somente provocaram sorrisos ou protestos, me dirigi à *Fédération des Patro-nages* para lhe apresentar minha primeira proposta pública. A *Fédération* contava então com cinquenta mil afiliados. Foi continuamente perseguido, mas conseguiu sobreviver e mesmo assim obter campos de jogo sem que ninguém realmente soubesse como. No fim das festividades da Federação, na primavera de 1906, dirigi ao seu secretário geral, Charles Simon, destacado organizador e ao mesmo tempo discípulo entusiasta, uma carta cujo texto pode ser lido no número de julho da *Revue Olympique*, na qual se preconizava a instituição do juramento. A ideia iria abrir caminho mais rapidamente do que podíamos esperar, e justamente nesses meios laicos que pareciam então ser os mais refratários.

OLYMPIC COMPETITIONS IN PAINTING, SCULPTURE AND ARCHITECTURE FOR 1908

REGULATIONS

1. Competitions in Painting, Sculpture and Architecture will be held as an integral part of the Olympic Games of London, 1908.

2. The subjects selected are the following :-

I. PAINTING

CLASS A

Cartoons in black and white accompanied by a coloured sketch representing either-

(a) A triumphal procession; or

(b) The battle of the Greeks and Amazons;

either subject to be treated as a frieze 10 ft. long by. 4 ft. high.

The coloured sketch to be $\frac{1}{4}$ full size.

Prize : The Gold Olympic Medal.

CLASS B

Canvases representing either-

(a) (Modern Athletics) A Football Match : or

(b) (Classical Athletics) Discus throwers (not less than four, nor more than six, principal figures); or

(c) Hercules and Antaeus.

These subjects to be treated on canvases not more than 7 ft. 6 ins. and not less than 6 feet in the widest dimension.

Prize : The Gold Olympic Medal.

Anúncio das competições Olímpicas de arte. Embora estivessem programadas para os Jogos Olímpicos de 1908 em Londres, estas competições não foram realizadas devido à falta de tempo para sua preparação. (Extraído de *Revue Olympique*, outubro, 1907, p. 343-345).

5.3/7 A COMPETIÇÃO OLÍMPICA DAS ARTES DE 1908

A convocação para os concursos artísticos, publicada em outubro de 1907 na *Revue Olympique*, é um documento de tamanha importância histórico-Olímpica que também deve ser reproduzido neste momento.

Sabe-se que os concursos artísticos de 1908 não chegaram a se realizar. Na introdução deste livro foram elencados os motivos para esse curto período de preparação e a grande limitação temática. No informativo especial do Comitê Olímpico Britânico dos Jogos de 1908 afirma-se que nos próximos Jogos Olímpicos se deveria tornar pública a convocação, pelo menos com três anos de antecedência e que os resultados deveriam ser mostrados numa exposição durante os Jogos.¹

1 The British Olympic Council (Ed.), *The fourth Olympiad – Official Report*, Londres, 1903, p. 383.

II. SCULPTURE

CLASS A

A frieze in relief 10 ft. long by $\frac{1}{2}$ ft. wide representing either-

- (a) A triumphal procession; or
- (b) The battle of the Greeks and Amazons.

Prize : The Gold Olympic Medal.

CLASS B. Open to all artists.

Any one of the following subjects to be treated either in the round or in relief-

- (a) A Football Match.
- (b) Discus throwers.
- (c) Hercules and Antauros.

The size of the reliefs to be not more than 7 ft. 6 ins. and not less than 6 feet in their widest dimension.

The figures in groups in the round to be not less than $\frac{1}{2}$ ft. 6 in. high.

Prize : The Gold Olympic Medal.

III. ARCHITECTURE.

Open to all architects.

- (a) A swimming bath 100 feet long by 83 feet wide surrounded by a colonnade and dressing rooms with a domed hall at one end and a vestibule at the other.

To include a plan, elevation and section on separate sheets to $\frac{1}{8}$ th. in. scale, and a sheet of details to $\frac{1}{2}$ in. scale.

- (b) A town house with front to a street 50 feet wide and provision for a fully fitted private gymnasium. To include a plan, elevation and section on separate sheets to $\frac{1}{8}$ th. in. scale and a sheet of details

to $\frac{1}{2}$ in. scale.

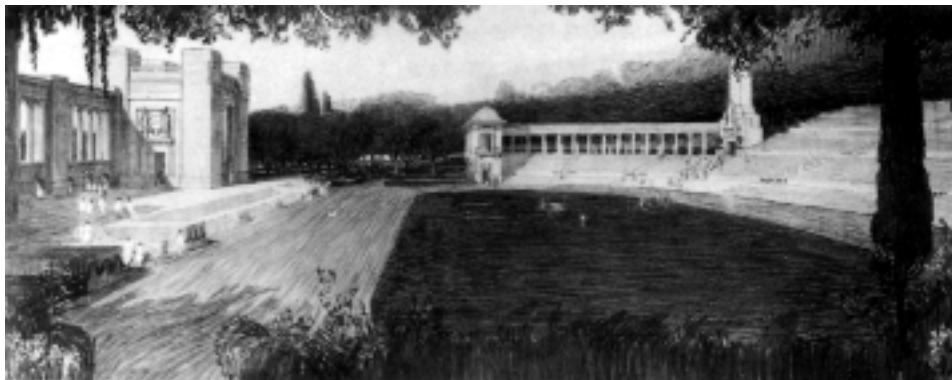
- (c) A Sports Club for a country town of 20,000 inhabitants. The building to stand in its own grounds of one acre, to include Fencing Hall, Gymnasium, Swimming Bath and Shooting Gallery and Fives Courts (2) and accommodation for as many other sports as possible, and to be capable of being constructed for £ 2,000.

To include a plan elevation and section on separate sheets to $\frac{1}{8}$ th. in. scale and a sheet of details to $\frac{1}{2}$ in. scale.

Prize : The Gold Olympic Medal.

3. In addition to the Prizes each competitor will receive the Olympic Diploma and commemorative medal.

4. There is no limit to the number of entries in these competitions.



“Uma Olímpia moderna”.
Dois arquitetos de Lausanne, Eugène Monod e Alphonse Laverrière, ganharam o primeiro prêmio na Competição Internacional de Arquitetura organizada pelo COI

em 1910 e a medalha de ouro em arquitetura da Competição Olímpica de Arte de 1912, por sua representação de uma Olímpia moderna às margens do lago Lemman. (Arquivos do COI)

5.3/8 PROGRAMA DA COMPETIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA

O primeiro resultado definitivo da Conferência de Paris foi uma competição de arquitetura publicada pelo COI em 1910. O objetivo era construir uma Olímpia moderna.

Em maio de 1911, a competição foi supervisionada pelo Colégio de Arquitetura de Paris, e foi concluída com a entrega pública do prêmio aos dois arquitetos de Lausanne, Monod y Laverrière.

Por razões documentais também se reproduz aqui o texto da convocação oficial do Concurso de arquitetura.

PROGRAMA DO CONCURSO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA

Paris 1910

organizado pelo “Comitê Olímpico Internacional”

sob o alto patrocínio do

PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA

I. *O concurso tem por objetivo elaborar os planos de uma OLÍMPIA MODERNA que compreende:*

- 1º. Os edifícios, os pórticos, as arenas, as pistas, etc..., adequados para as provas desportivas e artísticas inscritas no programa dos Jogos Olímpicos modernos;¹
- 2º. A acomodação dos espectadores;
- 3º. Os edifícios ou espaços necessários para as cerimônias anexas aos Jogos;

1 Ver *Revue Olympique* de dezembro de 1909. (Nota original de Coubertin)

4°. As instalações para a administração, os atletas, etc.

Os participantes do concurso terão também que definir as particularidades topográficas do lugar escolhido ou imaginado por eles.

- II. *Os participantes do concurso deverão enviar no mínimo quatro e no máximo seis projetos suscetíveis de ocupar um total de dois metros e cinquenta de largura e quatro metros de altura. Num deles deverá figurar um mapa geral da cidade. Os participantes do concurso poderão anexar um memorial explicativo que não deverá exceder quatro mil palavras.*
- III. *Todos os participantes do concurso receberão um diploma comemorativo; seus trabalhos serão expostos ao público e serão tema de um Relatório geral dos resultados do congresso; esse relatório conterá a lista dos participantes. A medalha Olímpica, que somente foi outorgada 17 vezes desde 1894, será também concedida ao vencedor do concurso. O julgamento será feito por um júri internacional composto por pessoas de reconhecida competência, em número de 5, representando os distintos pontos de vista: arte, técnica e esporte.*
- IV. *Solicita-se aos participantes que se inscrevam na medida do possível antes de 1 de maio de 1910. A lista será encerrada em 1 de outubro e deverá ser enviada antes de 15 de novembro de 1910 ao Sr. Gaston TRÉLAT, Diretor da Escola de Arquitetura, Comissário geral do Concurso, 254, Boulevard Raspail, Paris, a quem se pede sejam enviadas todas as comunicações relativas ao concurso.*

5.3/9 - 5.3/10 INTRODUÇÃO

Os organizadores dos V Jogos Olímpicos de 1912 em Estocolmo haviam aprendido com os erros dos cinco Concursos artísticos convocados em 1908. A *Revue Olympique* publicou em setembro de 1911 a convocação oficial reproduzida a seguir. Dela se depreende que os trabalhos apresentados individualmente podiam ser inéditos e estar inspirados numa ideia desportiva.

O próprio desenvolvimento dos Jogos é comentado por Coubertin no texto reproduzido no capítulo 4.2.2, “Uma Olimpíada vista por alto”.¹ Em nenhum momento ele se refere ao seu triunfo no concurso Olímpico de literatura com a *Ode ao esporte* apresentada em francês e alemão sob o pseudônimo Georges Hohrod/M. Eschbach. Ele havia apresentado seu trabalho como se fosse representar a Alemanha somente para proteger seu anonimato. A participação foi particularmente escassa. Isso também poderia acontecer nos outros concursos, pois somente no concurso de esculptura foi concedida uma medalha de prata. Como demonstra o informativo oficial do Comitê organizador sueco, as respectivas associações de artistas suecas foram muito céticas na hora de assumir esses concursos, de modo que em última instância a responsabilidade recaiu sobre o COI e o Comitê organizador de Estocolmo.²

A *Ode ao esporte* de Coubertin é reproduzida adiante. Aqui se transcreve o veredito sobre sua ode por parte do júri:

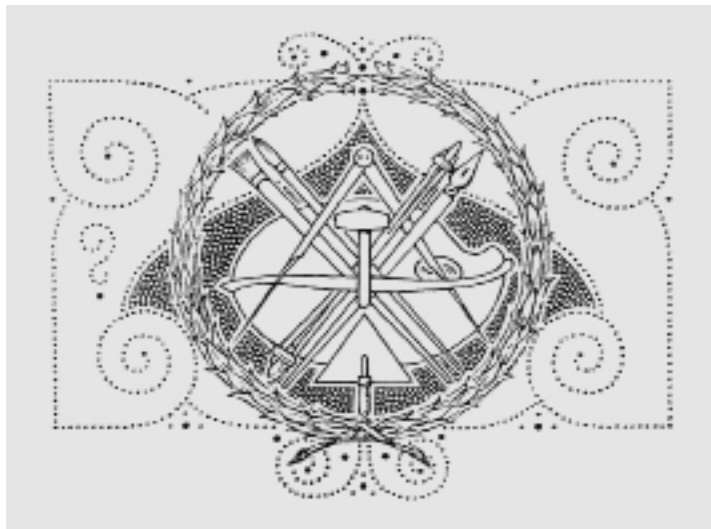
*“A Ode ao esporte de Hohrod (Alemanha) e Eschenbach (França) cumpre, no que se refere a sua inspiração, com as exigências do programa. Expressa a ideia do esporte da forma mais natural possível. Exalta o esporte de forma artística e desportiva. A percepção vital do esporte que flui em todas as estrofes da Ode a coloca acima de outro poema, meritório por outra parte, que canta a aviação. Embora a Ode não se destaque por suas ricas imagens, está baseada numa abundância de ideias originais, cujo desenvolvimento lógico e harmônico é inatacável. A única crítica que se pode fazer à obra é o duplo texto alemão e francês. Dessa forma se expressam escassamente o país e o idioma no qual se criou a Ode. A forma deixa entrever um caráter românico, o idioma uma origem germânica. É possível que os autores quisessem assinalar que a literatura Olímpica deveria aproximar os povos por meio do seu cultivo das Belas Artes. A intenção parece boa, mas traz consigo um perigo. Porque seria desejável que num concurso internacional as obras literárias apresentassem também a marca de um gênio nacional e não tratassem de esvanecer as peculiaridades aos povos.”*³

1 *Revue Olympique*, agosto, 1912, pp. 115-119.

2 Cfe. The Swedish Olympic Committee (Ed.). *The Official Report of Stockholm 1912*, Estocolmo, 1913, pp. 806-811.

3 Reproduzido em Wagner, J. *Olympische Spiele Stockholm 1912*, Zurique; Munique, 1972, p. 120.

Emblema da competição artística no Informativo Oficial de Estocolmo 1912.



5.3/9 BASES PARA OS CONCURSOS LITERÁRIOS E ARTÍSTICOS DE 1912

Vª. OLIMPÍADA – ESTOCOLMO 1912

Bases dos Concursos literários e artísticos de 1912

- 1º. Por ocasião da Vª. Olimpíada, convocam-se cinco concursos de *Arquitetura, Escultura, Pintura, Música e Literatura*.
- 2º. Todas as obras apresentadas devem ser inéditas *e estar diretamente inspiradas na ideia desportiva*.
- 3º. Cada um dos laureados dos cinco concursos receberá a medalha da Vª. Olimpíada. Na medida do possível, as obras vencedoras serão expostas, publicadas ou executadas durante os Jogos.
- 4º. Roga-se que os artistas ou escritores que desejam participar dos concursos se inscrevam até 15 de janeiro de 1912. As obras apresentadas deverão estar à disposição do Júri antes de 1 de março de 1912.
- 5º. Não há nenhuma limitação quanto a dimensão ou a forma das obras apresentadas: manuscritos, projetos, quadros, etc... Pede-se somente aos escultores que apresentem maquetes cujas dimensões totais não ultrapassem oitenta centímetros.
- 6º. Roga-se que os pedidos de informação e as inscrições sejam dirigidas ao Presidente do Comitê Olímpico Internacional, rua Oudinot, 20, Paris, ou para: *Olympiska Spelen*, Estocolmo.

Revue Olympique,
setembro, 1911, pp. 131-132.

5.3/10 ODE AO ESPORTE

I

Oh, esporte, prazer dos deuses, essência da vida! Apareceste de repente, em meio a claridade cinza na qual se agita o labor ingrato da existência moderna, como mensageiro radiante dos anos passados, anos aqueles em que a humanidade sorria. E sobre o cume dos montes, pousou um resplandecer de aurora, e raios de luz iluminaram a selva escura.

II

Oh, esporte, tu és a Beleza! És o arquiteto deste edifício que é o corpo humano e que pode transformar-se em abjeto ou sublime, segundo seja degradado por paixões vis ou cultivado de modo sadio pelo esforço. Não existe beleza sem equilíbrio e sem proporção e tu eras o mestre incomparável de ambos, porque engendras a harmonia, emprestas ritmos aos movimentos, transformas a força em graça e infundes poder no que é frágil.

III

Oh, esporte, tu és Justiça! A equidade perfeita, perseguida em vão pelos homens em suas instituições sociais, se estabelece ao teu redor. Ninguém poderia ultrapassar em um só centímetro a altura que podes saltar, em um só minuto o tempo que podes correr. Suas forças físicas e morais combinadas, determinam por si só o limite de seu triunfo.

IV

Oh, esporte, tu és a Audácia! Todo sentido do esforço muscular se resume numa palavra: ousar. Para que servem os músculos, para que sentir-se ágil e forte e cultivar a agilidade e a força, se não é para provar fortuna? E, no entanto, a audácia que inspiras nada tem da temeridade que anima o aventureiro, quando deixa ao acaso toda sua jogada. És uma audácia prudente e meditada.

V

Oh, esporte, tu és a Honra! Os títulos que conferes não têm nenhum valor se não forem conseguidos com lealdade absoluta e desinteresse perfeito. Aquele que, por uma artimanha inconfessável, tenha chegado a enganar seus camaradas, sofre a vergonha em si mesmo, e teme o epíteto infame que será colocado junto ao seu nome, se for descoberta a trapaça da qual procurou se valer.

VI

Oh, esporte, tu és a Alegria! Ao teu chamado o corpo sente-se em festa e os olhos sorriem; o sangue circula abundante e rápido pelas artérias. O horizonte das ideias se faz mais límpido e mais claro. Podes, inclusive, levar uma diversão saudável às penas dos que estão tristes, enquanto aos felizes permites gozar a plenitude da alegria de viver.

Placas indicativas na entrada das localidades alsacianas de Hohrod e Eschbach, não muito longe da casa da família da mulher de Coubertin, Marie Rotham, em Luttenbach, nas cercanias de Münster. Aqui Pierre de Coubertin passou com frequência suas férias de verão junto à sua família até 1914. Ele adotou esses dois nomes como pseudônimo ao assinar sua "Ode ao esporte".
(Foto: N. Müller)



VII

Oh, esporte, tu és a Fecundidade! Tendes ao aperfeiçoamento da raça por caminhos retos e nobres, destruindo os germens nocivos e corrigindo os vícios que ameacem sua necessária pureza. Inspiras no atleta o desejo de ver crescer ao seu redor filhos robustos que o sucedam na palestra e que tragam, por sua vez, os melhores louros.

VIII

Oh, esporte, tu és o Progresso! Para bem te servir é necessário que o homem seja melhor em seu corpo e em sua alma. Impões-lhe a observância de uma higiene superior; lhe exiges que se guarde de todo excesso. Ensina-lhes regras sagazes que darão o máximo de intensidade ao seu esforço, sem comprometer o equilíbrio de sua saúde.

IX

Oh, esporte, tu és a Paz! Estabeleces boas relações entre os povos, aproximando-os com o culto à força controlada, organizada e mestra de si mesma. Por ti aprende a respeitar-se a juventude do mundo inteiro e assim a diversidade das qualidades nacionais se transformam em fonte de emulação generosa e pacífica.

Ode au Sport, por G. Hohrod e M. Eschbach (pseudônimo), premiada no concurso de literatura desportiva da Vª. Olimpíada, 1912. Impresso especial em alemão e francês, Ghent: Van Dooselaere, 1912.



Pierre de Coubertin
por volta de 1907 com
sua família na mansão
de seus sogros em
Luttenbach, próximo de
Münster, na Alsácia.
Coubertin tem entre as
pernas sua filha Renée

(1902-1968), ao seu
lado está sua mulher
Marie (1861-1963)
com seu filho Jacques
(1896-1952), e ao
lado deles, sua sogra,
Madame Rotham.
(Coleção Navacelle)

5.3/11 UM GRANDE CASAMENTO

Apresentamos esta introdução ao informativo da Conferência consultiva, publicada no número de junho de 1906 da *Revue Olympique*, ao final da série de textos relativos às Belas Artes. Seu título, “Um grande casamento”, é o símbolo que se pretendia acompanhar o Olimpismo para sempre. As competições Olímpicas artísticas continuavam sendo parte dos programas dos Jogos Olímpicos de Londres de 1948. Foram eliminados pelo COI em 1951. Nos Jogos seguintes foram substituídas por exibições e um requerimento de que se fundissem a arte e o esporte para comemorar os Jogos Olímpicos.

O sucesso que desde então tem tido nos Jogos os acontecimentos artísticos reafirma esse acordo, inclusive apesar de que, desde o ponto de vista de Coubertin, as competições artísticas tinham um grande valor no contexto de seu sistema geral. Felizmente, Coubertin não viveu o suficiente para ver abolidas essas competições.

“Senhores: nos reunimos neste lugar, único no mundo, para celebrar uma cerimônia singular. Trata-se de unir novamente, com os vínculos de um casamento legítimo, antigos divorciados: o músculo e o espírito”. Essas palavras, que repercutiram na imprensa do mundo inteiro, foram pronunciadas durante a abertura da Conferência consultiva que acaba de ser realizada na *Comédie Française*. Expressam com toda precisão o que aconteceu ao longo dessa conferência cujos trabalhos vamos resumir, enquanto aguardamos a publicação de seus documentos mais importantes. As revistas de Paris gostam da expressão “grande casamento” referindo-se a algumas cerimônias às quais dedicam descrições abundantes. Nunca foi melhor aplicada que nas atuais circunstâncias. O casamento do qual se trata é, sem dúvida, o maior de todos, e será também o mais fecundo.

“Une ‘grand mariage’”, em:
Revue Olympique,
Junho, 1906, p. 83.

5.3/12 CARTA OLÍMPICA II: A CONTRIBUIÇÃO DAS ARTES, HUMANIDADES E CIÊNCIAS PARA A RESTAURAÇÃO DO GINÁSIO GREGO

Coubertin oferece uma pequena retrospectiva sobre as etapas mais destacadas do movimento Olímpico moderno na segunda *Carta Olímpica* de 18 de outubro de 1918 dirigida aos leitores da *Gazette de Lausanne*. Para ele ocupa claramente um lugar de destaque junto à restauração dos Jogos Olímpicos em 1986 em Atenas o convite aos escritores e artistas, bem como aos cientistas. Ele quer recuperar a unidade de corpo e mente por meio dos centros desportivos comunitários e conseguir mediante esse equilíbrio a necessária paz social.

Tenho o costume de desorientar meus amigos. Estes, graças a Deus, são numerosos, como meus inimigos. Neste mundo, não existem uns sem os outros.

A inimizade é como o forro da amizade. Um bom tecido precisa ser forrado e isso o mantém; o mesmo se passa com a amizade.

Por isso, se alguma vez desorientei meus amigos, foi por sobrepor, ou melhor, por relacionar ideias entre as quais não parecia haver nenhum nexo útil. Remediar o cansaço escolar introduzindo nas escolas a educação física, há trinta anos parecia uma boa ideia e foi aprovada. Houve oponentes recalcitrantes, mas eram poucos, e a opinião pública os fez calar... Mas para que restabelecer os Jogos Olímpicos? Singular ambição, totalmente marcada pela ideologia clássica! Victor Duruy, Jules Ferry, grandes defensores da primeira iniciativa, não estavam dispostos a manter a segunda. Outros hesitavam em se pronunciar. Até Jules Simon tinha dúvidas... E, no entanto, foi feito; as Olimpíadas voltaram ao seu curso, depois da queda, na Grécia, do Ministro Tricoupis, que não desejava sua restauração.

Após alguns anos, os escritores e os artistas foram convidados a se reunir em torno a esse Olimpismo renascido, não somente para realçar seu êxito, mas para fomentar inspirações fecundas. Pareciam surpresos de que se pudesse sonhar com voltar a associar no mundo moderno o músculo e o espírito. O casamento desses antigos divorciados foi celebrado na *Comédie Française*, divertido congresso do qual eram testemunhas a senhora Bartet e o senhor Maunet-Sully e que era oficiado pelo Senhor Claretie. A plateia ouvia sorridente e divertida.

E logo, chegou a vez dos acadêmicos. Pedimos que se dedicassem ao estudo da psicologia desportiva, uma ciência por criar. No início, mantiveram-se à sombra, reservados, e, no entanto, as contribuições de Marcel Prévost, Ferrero e Roosevelt lhes interessaram e a psicologia desportiva começou a fazer algumas conquistas entre as pessoas sérias.

E é aqui agora que se trata de edificar a paz social, restaurando o ginásio antigo, no qual os filósofos davam suas lições... Como isso será possível, santo Deus? E, de modo especial, que relação pode haver entre tudo isso e o Olimpismo?

Uma relação estreita e intensa, caro leitor. Não são mais que as diferentes fases de uma única empresa, os diferentes aspectos de um só problema. Vou tentar explicar isso na próxima vez.

“*Lettres Olympiques II*” em:
La Gazette de Lausanne, vol. 286,
18 de outubro, 1918, p. 1.

Congrès International Athlétique de Paris.

Vœux émis par le Congrès dans sa séance
plénière du 23 Juin 1894.

après lecture du rapport de la Commission

Amateurisme.

Définition.

Est amateur en athlétisme

toute personne qui n'a jamais pris part à une
course publique ouverte à tous venants ni
concouru pour un prix en espèces; ou pour une
somme d'argent de quelque source qu'elle
proviene, notamment des admissions sur le terrain,
ou avec des professionnels, ou qui n'a jamais été à
aucune période de sa vie, professeur ou moniteur
salarié d'exercices physiques.

Très exceptionnellement, les Unions ou fédérations
de Sociétés pourront autoriser la rencontre entre
amateurs et professionnels, pourvu que les prix offerts
ne soient pas des primes en espèces.

Toute infraction aux règles de l'amateurisme
entraîne la disqualification d'amateur.

Definição de
amador aprovada pelo
Congresso de Fundação
do COI em 1894 duran-
te a sessão plenária re-
alizada em 23 de junho,
após estudar o informa-
tivo da Comissão.
(Arquivos do COI)

5.4 A QUESTÃO DO AMADORISMO

O próximo parágrafo contém nove textos que compreendem todo o período criativo Olímpico de Coubertin, embora em suas *Memórias Olímpicas* escreva “que esse tema jamais me apaixonou”,¹ mas seu enfoque retrospectivo atribua muita importância a esse problema, que para Coubertin foi importante durante toda sua vida.

A questão do amadorismo foi num primeiro momento o motivo para reunir em 1894 em Paris a todas as federações desportivas do mundo, de onde surgiu a decisão para a restauração dos Jogos Olímpicos.

A opinião pública, especialmente a imprensa, declarou a regra sobre o amadorismo da Carta Olímpica de vital importância para o movimento Olímpico, desde 1896 até hoje, e mediu em virtude dela a transcendência da ideia Olímpica. Para Coubertin tratava-se em princípio de uma questão pedagógica e acreditava, acertadamente, que muito frequentemente dava-se mais importância à letra que ao espírito.²

A busca do “verdadeiro amador Olímpico” tem-se mostrado uma ilusão, já que este não está definido em nenhuma regra. O ambiente sociocultural determina em cada país e em cada esporte um tipo diferente de participante Olímpico, de modo que toda mudança das regras não seria mais que uma solução parcial. O próprio Coubertin admite que para compreender o conceito de amador é preciso voltar aos costumes desportivos de cinquenta anos atrás na Inglaterra.³

Em 1931 Coubertin fala com ironia em suas memórias da “honrosa múmia”, referindo-se com isso à discussão sobre o amadorismo, que reiteradamente se coloca e que sempre enlouquece os membros do COI. “Como uma cachoeira se lhes escapa repetidamente das mãos e reaparece zombeteira – intangível, sempre fiel a si mesma.”⁴

O fato de que a questão o perseguisse até o final de sua vida é demonstrado pelas reflexões que fez em seu discurso de despedida em Praga diante dos que estavam ali presentes: “Mercado ou templo! Aqueles que se envolvem com o esporte devem escolher. Não podem querer as duas coisas, têm de optar por uma. Envolvidos com o esporte, escolhei!”⁵

5.4/1 A CARTA DO AMADORISMO

Este texto é fundamental para compreender o debate no seio do movimento Olímpico sobre o amadorismo, embora a originalidade de Coubertin encontre pouca expressão nele. Ao reproduzir as resoluções que foram tomadas com relação ao amadorismo no congresso fundacional de 1894, Coubertin tratou de reunir por escrito para seus colegas do COI e para determinados oficiais do mundo do esporte o estado do debate sobre essa questão naquele momento. Assumiu, corretamente,

1 Cf. Coubertin, p. de. *Memórias Olímpicas*, Lausanne: COI, 1997, p. 114.

2 Cf. Coubertin, P. de. *Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908)*, Paris: Librairie de l'Education physique, 1909, p. 91.

3 Ver também o texto 1.1 deste livro “A educação na Inglaterra”.

4 Cf. Coubertin, P. de. *Memórias Olímpicas*, Lausanne: COI, 1997, cap. IX: O amadorismo, pp. 114-121.

5 Coubertin, P. de. *Discours à Prague*. Edition spéciale. Praga: Imp. d'Etat, 1925, p. 7. Ver o texto 5.1/1 deste livro.

como ficou demonstrado depois, que eram leitores da *Revue Olympique*. O título “A carta do amadorismo”, escolhido por Coubertin, pretende demonstrar a natureza “imutável” desses princípios.

Os comentários de Coubertin nesse texto revelam muito sobre a história do esporte, em especial sobre determinadas questões. Esse texto nos diz exatamente quem foi o autor das diversas resoluções.

Em nosso número de janeiro de 1901 resumimos o trabalho dos seis anos transcorridos desde a fundação do Comitê Olímpico Internacional; naturalmente, dedicamos um importante parágrafo ao congresso de Paris de 1894, que tão brilhantemente inaugurou o renascimento Olímpico. Mas não pudemos reproduzir, por falta de espaço, os desejos expressados pelo congresso e que constituem de certo modo a Carta do “Amadorismo”.

Hoje é muito importante lembrar que, desde esse ponto de vista, o congresso de Bruxelas é chamado a modificar e refazer o trabalho do congresso de Paris. Desse modo, cremos prestar um serviço a todos reimprimindo a última parte do relatório geral da 1894 como consta do número 1 do Boletim do Comitê Internacional, com data de julho de 1894.

“Após a leitura dos Informativos dos Senhores Mangeot e Borel, o congresso manifestou no sábado 23 de junho os seguintes desejos:

I. Que o atletismo seja considerado amador:

A todo aquele que nunca tenha participado de uma prova aberta nem competido por um prêmio em espécie ou por dinheiro, seja qual for a fonte da qual provenha, especialmente dos ingressos – ou com profissionais – e que nunca tenha sido em nenhum momento de sua vida professor ou monitor assalariado de educação física.

Essa definição é a que, de um modo ou de outro, rege as principais Federações atléticas mundiais. A *Victorian Rowing Association* (Melbourne) apresentou um texto mais completo, mas muito longo e confuso; no entanto, viu-se com interesse o parágrafo no qual se exclui toda pessoa cujos êxitos esportivos lhe tenham trazido qualquer vantagem financeira.

Que as Uniões ou Federações de Associações possam autorizar excepcionalmente o encontro entre amadores e profissionais, sempre que os prêmios não forem em espécie.

Essa proposta da *Liga Velocípede Belga* foi adotada após uma discussão acirrada. Uma proposta do Sr. Roussel, vice-presidente da *União Velocípede da França*, pretendia que o encontro entre amadores e profissionais fosse livre. Reconhecendo com isso a utilidade dos profissionais, que com frequência promovem o progresso graças à emulação, os Srs. Gondinet, Todd e Sloane insistiram no perigo de deixar que os jovens amadores entrassem em contato com os profissionais de forma regular e continuada; ao invés disso, pareceu interessante permitir que em determinados casos se levantasse a barreira que os separa.

Que toda infração às regras do “amadorismo” acarrete a desqualificação do amador.

II. *Que aquele que tenha sido desqualificado somente possa ser requalificado quando a União, Federação ou Associação da qual depende em última instância decida que a desqualificação o seja por erro, ignorância ou boa-fé.*

(Fórmula proposta pela National Cyclist's Union).

III. *Que aquele que conseguir dinheiro mediante os prêmios ganhos perca por isso sua qualidade de amador.*

Que o valor dos objetos artísticos não seja forçosamente limitado, mas que também não tenha, como regra geral, uma cifra demasiadamente alta.

O New York Athletic-Club havia pedido a limitação, bem como as Associações australianas, que propunham fixar um máximo de 3 libras (75 francos). O Sr. Todd propôs 15 guinéus (260 francos). O congresso não pensou ser conveniente seguir por esse caminho, uma vez que expressava seu desejo vivo de que os prêmios somente fossem “lembranças”, e não recompensas.

IV. *Que o dinheiro procedente dos ingressos possa ser dividido a título de compensação por despesas de viagem entre as Associações participantes, mas nunca entre os competidores.*

Que nenhum competidor possa ser autorizado a viajar sozinho, em troca de uma compensação paga por uma associação adversária, exceto em caso de designação expressa da Associação da qual participa.

Que de nenhum modo os fundos possam ser diretamente entregues ao participante, mas remetidos à Associação da qual participa.

Essa é provavelmente a única maneira pela qual atualmente pode-se regulamentar a questão do *gate money*¹, e sobre isso a unanimidade foi total.

V. *Quando as apostas públicas forem incompatíveis com o “amadorismo”, as Associações as impeçam ou as restrinjam com todos os meios ao seu alcance e especialmente se opondo a sua organização oficial nos locais das provas.*

Algumas pessoas consideraram esse desejo um tanto audacioso. No entanto, pareceu muito tímido aos nossos correspondentes da América e da Austrália, que haviam determinado a absoluta supressão das apostas. Estes últimos desejavam inclusive que uma lei permitisse conseguir um atestado contra todos os apostadores apanhados *in fraganti*, tanto no espaço público quanto no espaço privado.

VI. *Que a tendência de todos os esportes, sem exceção, seja o “amadorismo” puro, sem que exista algum motivo permanente em nenhum esporte que legitime os prêmios em espécie; mas que, no que diz respeito às corridas de cavalo, o tiro e a vela, a definição geral de “amadorismo” não lhe seja aplicada momentaneamente.*

1 Esta expressão refere-se ao montante total de dinheiro pago por pessoas para ver um evento esportivo. (Nota dos Editores).

Este item do programa provocou uma discussão particularmente brilhante. Os Srs. Conde de Villers, Todd e muitos de seus colegas insistiram em que o argumento dos elevados gastos necessários para determinados esportes não tinha nenhum valor. Por que se eximiria as pessoas ricas de pagar muito se os menos favorecidos tinham a obrigação de pagar pouco? O “amadorismo” não muda de natureza em razão da fortuna das pessoas, e ganhar dinheiro com o tiro ao pombo é não respeitar suas leis. Mas o Sr. Conde de Pourtalès observou prudentemente que determinados esportes tinham uma tradição muito arraigada, tanto na França quanto nos demais países, para que pudessem ser modificados absoluta e imediatamente todos os regulamentos em vigor, por mais defeituosos que fossem.

Alguns foram então da opinião de evitar a dificuldade limitando a competência do congresso aos esportes atléticos propriamente ditos. Mas a assembleia considerou que isso seria ter uma conduta pouco digna do congresso e proclamou bravamente que os prêmios em espécie não eram indispensáveis em parte alguma.

VII. Que não se possa ser amador em um esporte e profissional em outro.

“*La Charte de l'Amateurisme*” em:
Revue Olympique, janeiro, 1902, pp. 14-15.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

5.4/2 ESTUDO SOBRE O AMADORISMO

Com as experiências feitas pelo COI nos Jogos Olímpicos de 1908 com as regras para o amadorismo que ali foram aplicadas, a sessão do COI de 1909 em Berlim quis estabelecer um critério unificado para os Jogos Olímpicos seguintes. Esse tema foi discutido em público por meio de uma enquete da revista inglesa *Sporting Life* sobre a aplicação das normas do amadorismo, mas o COI não foi capaz de se decidir por uma posição final definitiva. O questionário da enquete é reproduzido na sequência.¹

A notícia de que o Comitê Internacional iria discutir em Berlim um informativo do conde Albert de Bertier sobre a enquete da Sporting Life foi assunto da imprensa inglesa e parece ter sido muito apreciado. Ao elogiar o informante, a *Sporting Life* faz menção ao seu livro sobre o tiro ao arco, transformado em clássico. Também observou a maestria com que preside o destino de uma das equipes de cavalos mais bem treinadas da França, e sua prática de uma grande variedade de esportes, como a luta, esgrima, remo, e conclui que poucas pessoas estão melhor preparadas para um trabalho como esse. Mas, por outro lado, foram manifestadas ocasionalmente certas inquietações ante a ideia de que o Comitê Internacional estivesse a ponto de regulamentar de forma precisa e definitiva uma questão que tem permanecido por tanto tempo em suspenso e sobre a qual ainda não se está seguro de que ainda seja possível um entendimento pleno. Se o Comitê redige uma definição sobre o amador pensando que ela entre em vigor nas próximas Olimpíadas, os países ou federações que não a aceitarem total ou imediatamente se encontrariam, uma vez iniciada a Olimpíada, numa situação muito singular e falsa. Não nos é possível prever o que acontecerá em Berlim, e carecemos definitivamente de dados que nos permitam prejulgar as decisões que serão tomadas. Mas não ficaríamos muito surpresos se a maioria não estivesse a favor de um procedimento mais lento, mais prudente e mais fecundo. O primeiro é reunir as opiniões apresentadas na enquete com o objetivo de chegar ao coração da questão, por assim dizer, e compor um conjunto homogêneo e esclarecedor. Feito isso, não seria necessário escutar e que inclusive opinassem livremente sobre o assunto os principais interessados – clubes e federações? O pior é que atualmente essa questão *não está colocada*; ao menos não o está em termos e de uma forma que possa ser resolvida. Que não haja esforço para resolver essas questões antes mesmo que sejam levantadas. A maior vantagem da enquete será, precisamente, permitir coloca-la de uma maneira definitiva e total. Depois, e uma vez convenientemente examinadas as distintas soluções possíveis, o acordo será sem dúvida muito mais fácil do que cabe esperar enquanto não se tenha feito o trabalho preliminar.

“*L'enquête sur l'Amateurisme*”, em:
Revue Olympique, maio 1909, p. 67-68.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

1 O resultado foi publicado na *Revue Olympique* de junho de 1910, em preparação à sessão de Luxemburgo. Cf. “La question de l'Amateurisme”, *Revue Olympique*, junho de 1910, pp. 89-95.

QUESTIONÁRIO SOBRE O “AMADORISMO”

Senhor:

Em conformidade com as decisões tomadas em Berlim, o escritório do Comitê Internacional estabeleceu o seguinte questionário relativo ao “amadorismo”, questionário que será enviado às federações e sociedades esportivas dos diversos países:

1º Você concorda que não se deva ser profissional em um esporte e amador em outro?

2º Você concorda que um professor possa, ao contrário, ser amador nos esportes que ensina?

3º Você concorda que o amador que se transformou em profissional não deva recuperar sua qualidade de amador? Você admite exceções a essa regra? Quais?

4º Você admite o reembolso aos amadores das despesas com transporte e hospedagem? Com que limite?

5º Você admite que se possa perder a qualidade de amador pelo simples contato com um profissional?

As respostas deverão ser enviadas: para Europa continental ao Sr. Jules de Muzsa, 25 Mester Utez, Budapeste; para o Império britânico ao Sr. Théodore A. Cook, 54 Oakley Street, Chelsea, Londres; para o continente americano, ao Sr. Professor W.M. Sloane, 105, East 69 Street, Nova Iorque.

Em: *Revue Olympique*,
agosto de 1909, p. 126.

5.4/3 A POSSÍVEL UNIFICAÇÃO DA DEFINIÇÃO DE AMADOR

O movimento pela unificação da definição de amador progrediu muito desde que a investigação iniciada pela “*Sporting Life*” há alguns anos colocou o assunto no contexto da política prática. As tentativas anteriores de obter dados nos quais pudesse basear uma solução para um problema tão complexo, demonstraram ser infrutíferos, mas o dossiê extraordinário de provas reunidas por esse diário apresentava opiniões expressadas por parte de representantes do esporte de todo o mundo, e quando o Comitê Olímpico Internacional assumiu o assunto, teve diante de si um conjunto de opiniões que não podiam senão se demonstrar de suma validade na hora de lhe permitir chegar a uma decisão definitiva sobre o tema. O relatório exaustivo preparado pelo conde de Bertier de Sauvigny, enviado ao Comitê Olímpico Internacional em 1909, concluiu com a sugestão de que se perguntasse às federações, associações e sociedades principalmente interessadas acerca de seus pontos de vista sobre a questão, e foram-lhe remetidas cinco perguntas. Suas respostas, publicadas na “*Revue Olympique*”, constituem outra valiosa contribuição para chegar a um acordo sobre a questão, e embora o progresso para uma solução das diferenças expostas sobre isso é um tanto lento, não pode ser menos correto. É preciso dizer que os diferentes critérios em torno das questões das despesas, das reabilitações e das desqualificações, não acabam com o clamoroso princípio geral de que um amador é o desportista que se dedica ao esporte pelo esporte em si mesmo, não por algum tipo de incentivo pecuniário. Esse é o aspecto mais amplo do amadorismo que sempre esteve vigente onde prevalece o esporte amador, e não existe o menor sinal de que nenhum dos órgãos que responderam desejem desviar-se dele.

As respostas das associações e universidades americanas talvez sejam as mais interessantes de todas, porque apresentam as diferenças de detalhes que podem ser associadas a um acordo de princípios. As perguntas formuladas pelo professor Sloane não são idênticas às cinco enviadas pelas associações europeias, porém desenvolvem as mesmas opiniões. A questão preliminar quanto a conveniência de uma definição geral de amador e o conselho de restringir o esporte internacional mediante essa definição revela uma ampla maioria favorável a um movimento em favor da unificação, ao mesmo tempo em que todos se mostram de acordo com que nenhum esportista pode obter benefício direto em dinheiro ou em equivalente ao dinheiro e continuar sendo amador. No entanto, quando chegamos ao discutível terreno dos gastos, nos deparamos com que, embora cinco universidades estejam de acordo em princípio com a limitação dos gastos, duas universidades e seis associações não o estão. Devemos lembrar que Estados Unidos é um país extenso, e que as dificuldades inerentes ao desenvolvimento do esporte amador, foram traduzidas num certo afrouxamento com relação à necessária limitação rápida e dura. Mas foram suspensos muitos atletas que exigiram um dinheiro pouco razoável para cobrir os gastos, e pode-se considerar que as associações, ao limitar os gastos aos desembolsos dos esportistas, não estão preparadas para fixar um limite definitivo ao total de gastos nos quais possa incorrer um desportista, devido à magnitude das viagens que ele pode ver-se obrigado a realizar. Geralmente, na Europa são reconhecidos os gastos com viagem e hospedagem, mas muitas vezes se observa uma sábia precaução de fazer os reembolsos por meio de um clube, e não diretamente ao competidor.

A questão do contato poderia ter sido resolvida de maneira mais satisfatória, dividida em duas partes: 1. Competição individual; 2. Criação de equipes em esportes como críquete, futebol e beisebol.

Existe uma diferença marcante entre a competição em esportes nos quais estão em jogo os interesses de uma equipe, nos quais não há benefício pessoal dentro da equipe vencedora, e as competições de atletismo, ciclismo, natação e equivalentes, nas quais é preciso recompensas individuais para o vencedor. A superioridade do jogador profissional sobre o amador médio não prejudica de nenhum modo os interesses gerais do futebol ou do críquete; mas se fosse permitido ao corredor ou ciclista profissional competir livremente contra os amadores nesses esportes, ele monopolizaria os prêmios e também as honras. O homem que pode dedicar todo seu tempo ao treinamento está destinado a vencer o homem que não tem essa oportunidade em nove entre dez ocasiões, e haveria grande quantidade de bons pretextos para que o amador se desviasse dos verdadeiros princípios do amadorismo ao ser ameaçado com a competição injusta do homem que fez do esporte seu modo de vida.

Também é complexa a questão do professor que compete com o amador em esportes diferentes do que ensina. Existe, por exemplo, uma grande diferença entre o professor de colégio que inculca a aprendizagem da ginástica ou da natação, e os jogadores profissionais de futebol ou de críquete que ganham a vida praticando esses esportes. Poderia se dizer que os dessa última categoria seriam considerados, com razão, amadores em atletismo ou natação, mas, em primeiro lugar, o profissional dispõe de oportunidades excepcionais para entrar em forma; e, em segundo lugar, ao gozar da possibilidade de obter vantagens financeiras em um esporte, não deveria se considerar impossível que se lhes oferecessem benefícios semelhantes em outro, ele os fosse depreciar. A posição de professor de colégio é completamente diferente, e não é descabido considera-lo como um médico, ao ter como objeto o bem-estar físico de seus estudantes e não seu próprio progresso dentro do esporte que está ensinando.

Quanto à reabilitação do profissional para ser considerado amador, as opiniões são diversas. O ponto de vista generalizado é que um ato de profissionalismo não fecha completamente as portas das filas do amador, mas que cada caso deveria ser visto com base em seus próprios méritos. Alguns dizem que as requalificações não deveriam ser autorizadas exceto por um tribunal internacional, mas isso presumivelmente somente seria válido em competições internacionais.

Os pontos de vista frouxos sobre o tema mantidos por determinadas sociedades inglesas não encontram muito apoio em outros lugares, mas é preciso considerar que, em muitos casos, suas reabilitações não são de profissionais em tempo integral, mas de homens cuja ofensa consiste em competir em reuniões ou acontecimentos que não estejam sob seu controle, e esse aspecto da questão, por ser completamente doméstico, não se levanta na discussão sobre a definição internacional. Mas o desportista que entrou numa carreira profissional com pleno conhecimento disso não deveria ser considerado uma pessoa desejável dentro das filas do amadorismo, mesmo que se retrate, e enquanto as autoridades de cada esporte em todos os países possam reservar-se o direito a reabilitar sob circunstâncias excepcionais, as federações, se a questão lhes foi apresentada, provavelmente estariam de acordo com que a um profissional reabilitado não se deveria permitir competir no esporte internacional, a não ser que sua reintegração fosse confirmada por um comitê internacional pelo menos doze meses antes das inscrições para os Jogos correspondentes.

Voltando às questões relacionadas com as respostas às perguntas formuladas pelo Comitê Olímpico Internacional sobre o tema do amadorismo, deveríamos assinalar que o Comitê já tem aplainado o caminho para dar um novo passo adiante, ao

ter selecionado para uma discussão especial dos esportes – a esgrima, sobre a qual a França está se encarregando de estabelecer uma definição, e o atletismo, cujo estudo de caso foi deixado aos representantes do Reino Unido. Poderia se questionar o motivo para selecionar dois esportes tão distantes quanto ao seu aspecto, mas uma análise cuidadosa sugere que, ao escolher a esgrima, o mais aristocrático de todos os esportes Olímpicos, e o atletismo, o mais democrático, o Comitê agiu com grande sabedoria. Se for possível encontrar uma fórmula que una os extremos, não deveria ser um problema afrontar as opiniões intermediárias.

No entanto, a pergunta pertinente que se coloca por si mesma é: que posição deve se adotar com relação aos Jogos Olímpicos de 1912? De acordo com o informativo do senhor Theodore Cook, parece que a intenção é aceitar para Estocolmo em 1912 a definição de amador apresentada pelo país no qual vão ser celebrados os Jogos, do mesmo modo que se fez em Londres em 1908. Há muita lucidez nos argumentos do senhor Cook de que uma rigidez excessiva no que diz respeito a qualquer tentativa de unificação somente produzirá fricções. Mas é preciso dar-se conta de que, até que não estabeleça uma definição normalizada, a postura será a mesma que a de 1908 – que o país no qual se disputem os Jogos, ao mesmo tempo que mantém estritamente a seus próprios desportistas dentro de sua própria definição, terá que aceitar participantes de outros países sobre a base da definição do amador desses países, e para os esportes específicos dentro de cada país. Essa é a natureza específica da queixa que provocou a demanda de unificação.

É de esperar que, devido ao fato que as regras britânicas para atletas e ciclistas negam ao amador o direito a solicitar ou a receber compensações para seus gastos, os países que admitam esse direito se abstenham de apresentar àqueles de seus homens que se tenham aproveitado dessa autorização? Se é aceito que o Comitê Olímpico Internacional não pode dar ordens nítidas às federações dos diferentes países que o compõem, não deveria haver objeção sólida ao estabelecimento de determinados regulamentos que orientem os Jogos Olímpicos que controla. Talvez seja demasiado tarde para estabelecer algo dessa natureza em 1912, mas se as duas delegações que estão tratando dos temas indicados informam com tempo suficiente e de descobre que existe um acordo substancial entre elas, não deveria haver inconveniente em negociar com a Suécia com vistas a assegurar a adoção da fórmula acordada para os Jogos de Estocolmo. Essa definição teria a força que nunca teriam os pronunciamentos divergentes dos corpos que governam cada ramo do esporte.

Além disso, no caso de se produzir qualquer tipo de disputa, o júri internacional teria algo definitivo no que se basear e, por último, não existiria a anomalia dos desportistas que competem num ramo do esporte e que não reúnem os requisitos para tomar parte noutro, com base na definição que orientaria os Jogos. Não é necessário dizer que toda fórmula que seja por sua vez aceitável e efetiva deve ser apresentada com bastante generalidade, mas parece que o progresso efetivo estaria melhor garantido ao se assegurar a aceitação de alguns princípios amplos, em lugar de debater as questões problemáticas. A política esboçada acima pode ser recomendada a qualquer preço para sua consideração por parte do Comitê Olímpico Internacional, quem com certeza dedicará a ela a maior das atenções, como fez com toda questão da definição do amador.

Em: *Revue Olympique*, setembro de 1910, pp. 138-142.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

5.4/4 OUTRA VEZ O ASSUNTO THORPE

O *affaire* Jim Thorpe foi o primeiro grande escândalo do amadorismo da história Olímpica. O fato de que o Comitê Olímpico Americano e a Federação tenham desqualificado posteriormente ao seu maior herói de Estocolmo, o vencedor do decatlo e do pentatlo modernos, por ter jogado beisebol em 1909/1910 em troca de uma pequena remuneração, comoveu toda América. Na imprensa europeia também foi discutido amplamente o tema, uma vez que Thorpe era índio e o problema do racismo acirrou a discussão. O caso foi apresentado ao COI para sua resolução definitiva em sua sessão de 1913 em Lausanne. Coubertin viu-se obrigado a publicar a troca de cartas no número de março de 1913 da *Revue Olympique* e a expressar sua opinião no número seguinte de abril com o artigo que é apresentado a seguir. Como sempre, a Coubertin não bastou uma descrição do caso concreto, mas desenvolveu ideias básicas para soluções futuras. Destacou a necessidade de novas regras para o amadorismo, que foram formuladas em 1914 pelo congresso Olímpico de Paris, e voltou a expor a utilidade da ideia que perseguia há anos da introdução de um juramento Olímpico. Desde esse ponto de vista, o caso Jim Thorpe lhe havia sido útil ao movimento Olímpico.

O COI decidiu respeitar a decisão das federações americanas e declarou legal a desqualificação de Jim Thorpe.

A publicação dos documentos relativos ao assunto Thorpe no último número da *Revue Olympique* parece ter produzido certa comoção entre nossos leitores. Vários deles manifestaram seu assombro ao ver desqualificado por um “pequeno erro” um homem que havia recusado ofertas consideráveis e dado provas peremptórias de seu espírito de “amador”. É bem verdade que toda carta dirigida pelo infrator à J.E. Sullivan está como que impregnada de sentimento desportivo. A simplicidade, e inclusive a ingenuidade com a qual expõe seu caso fizeram com que conquistasse a simpatia de mais de um “*sportsman*”, e as duas frases com as quais fala sem rancor e com total lealdade de seus colegas “que estavam a ganhar dinheiro por jogar bola durante suas férias e que foram considerados como amadores em casa”, e pede desculpas por ter feito “que eu sabia que vários outros homens da faculdade tinham feito exceto que eles não usaram seus próprios nomes”, ambas frases recordam com uma ironia involuntária, porém moderna, uma fábula de La Fontaine intitulada: Os animais afetados pela peste.

Por outro lado, se a indulgência à qual incitam essas considerações triunfa sobre a estrita aplicação dos regulamentos, não se abre a porta para perigosos acertos com a lei? Não devem ser absolutamente evitados tais acertos, sempre prejudiciais, quando se trata dos Jogos Olímpicos? Basta lembrar o cuidado que a antiguidade tinha para que nas Olimpíadas somente participassem atletas de caráter ilibado. Não deve ocorrer o mesmo no esporte moderno?

Não nos cabe intervir nesse assunto. Ao expor algumas apreciações interessantes que nos foram apresentadas, não fazemos senão trazer elementos ao processo, se ele houver. A única conclusão que nos permitimos tirar é que se impõe absolutamente uma revisão dos regulamentos que regem o amadorismo. E ninguém ficará surpreso por nos ouvir novamente insistir sobre um assunto cuja importância crucial temos demonstrado muitas vezes. Esses regulamentos transformaram-se numa rede cujos fios impotentes há



Jim Thorpe, o grande atleta americano que ganhou o decatlo dos Jogos Olímpicos de 1912 em Estocolmo. Foi desqualificado um ano mais tarde pelo USOC, porque durante muitos anos havia ganho alguns dólares como jogador de beisebol. (Extraído de E. Petersen; S. Hermlin, *Dem Femte Olympiaden. Olympiska Spelen i Stockholm 1912 i bild och ord*, Gotemburgo: Ahlen & Akerlund, 1912, p. 228).

muito deixam passar profissionais experientes sob o falso nome de amadores e consideram profissionais *sportsmen* cujo caráter de amadores está claramente demonstrado. Se o assunto Thorpe convence a todo mundo da necessidade de uma mudança, não resta senão confessar que terá prestado aos esportes um serviço inestimável.

Dentre os jornais que têm discutido o caso, há alguns que têm mencionado a possibilidade de estabelecer um juramento, afirmando que esse meio de verificar o passado de um atleta contava com muitas possibilidades de evitar incidentes como esse. Haverá que se chegar, sem dúvida, a essa solução, o que nós sempre preconizamos. Thorpe se considerava um amador, e apresentou-se (ou se permitiu ser apresentado) como tal. Como pensar que nem por um momento sequer que, chamado a jurar sobre a bandeira de seu país que nunca havia faltado aos regulamentos dos amadores, se tivesse arriscado a prestar um juramento falso que não somente o tivesse afastado como “*sportsman*”, senão desonrado como homem por toda sua vida? Colocar a questão é já responde-la, e juntamente com seu grande valor moral, o juramento acaba sendo o único meio prático de pôr fim a um estado de coisas intolerável.

“*Encore l'affaire Thorpe*”, em: *Revue Olympique*, abril de 1913, p. 58-59.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

5.4/5 NOVOS ASPECTOS DO PROBLEMA

A discussão sobre o amadorismo já havia começado muito tempo antes do caso Thorpe. Para Coubertin foram decisivas as questões de fundo. No texto a seguir, ele trata do papel dos espectadores, aos quais define como os maiores inimigos do amadorismo. Parece que Coubertin quer proteger os atletas e não permitir acusações sem considerar os motivos psicológicos desencadeadores.

Seria, sem dúvida, imprudente pensar que, desde 1910, os elementos do problema relativos à índole do amador se tornam mais simples. Isso equivaleria a fechar os olhos a uma evidência lamentável, mas absurda. De fato, impõe-se o que ganha destaque diante dos recentes esforços da nova *International Amateur Federation*, ou seja, que considerando o caminho tomado, não resta alternativa senão aumentando as dificuldades. A definição com a qual se puseram de acordo os dirigentes desse agrupamento é extremamente complexa, e somente os entendimentos baseados na simplicidade são sólidos e duradouros.

Há outros fatos que resultam decepcionantes. Embora os esportes chamados atléticos andem lutando com dificuldades crescentes porque neles abundam os profissionais disfarçados de amadores – a natação e o boxe estão diretamente ameaçados por um perigo semelhante –, as federações de ginástica e de remo, que temem muito menos ao profissional e inclusive permitem determinados contatos com ele ou com seus princípios, são de longe as que estão menos afetadas. Logicamente, deveria produzir-se a situação inversa, mas isso não acontece em absoluto. Quando se procura as causas ocultas dessas anomalias, se as encontra no fato de que o “espectador”, que é o grande inimigo do “amadorismo” e o principal agente do espírito profissional, desempenha nesses esportes um papel menor e impotente. Somente assiste a façanhas de conjunto, raras e distantes. Desconhece a preparação da pessoa, os detalhes de seu treinamento e sua personalidade. Entre eles se ergue uma barreira benéfica. Assim, cabe concluir que o perigo para o amador não é externo, mas interno, e que não são os contatos com o profissional o que há principalmente que evitar, senão, ao contrário, as circunstâncias desmoralizadoras nas quais é exercida sua própria atividade desportiva. Esta é uma grave comprovação, pois disso deriva que esse assunto não é uma questão de fórmulas, mas de estado de espírito, e que nenhuma fórmula produzirá efeito algum enquanto não se tenha criado e difundido o estado de espírito desejável.

Além disso, o Olimpismo evoca, especialmente desde o ano passado, o espectro de um novo tipo de profissionalismo que caberia denominar como profissionalismo patriótico. A Grécia antiga o conheceu, e não sabemos bem se pode solucioná-lo. As aparências indicam bem que se acomodou a ele como um mal necessário. Ao ressurgir, o entusiasmo Olímpico provoca de forma completamente natural apelos dos atletas aos poderes públicos de seus respectivos países com o objetivo de conseguir subvenções vultuosas que permitam formar e enviar às Olimpíadas as melhores equipes. E já se usa inclusive a expressão “preparar”, expressão que até agora somente era entendida no sentido de reunir e transportar, mas cabe prever que as coisas irão mais longe. E se o atleta a ser mantido a expensas da nação durante seu período de treinamento, não é isso abrir a porta a todos os abusos?

A menos que isso não suponha, finalmente, abrir a porta a uma revolução que mude totalmente os pressupostos dos que partimos ontem e sobre os quais nos apoiamos ainda hoje. Por trás do uniforme do soldado não há nem amador nem profissional. Se é soldado e nada mais. Por trás do uniforme do competidor Olímpico que se prepara para lutar pela honra nacional, não haveria uma unificação análoga a ponto de ser produzida?... Mas, por outro lado, tal estado de coisas, não seria prejudicial em última instância para o verdadeiro esporte, e que não quebraria pouco a pouco o nacionalismo os impulsos de uma iniciativa privada que resultam indispensáveis para seu progresso?

“*Nouveau aspects du problème*”, em:
Revue Olympique, novembro de 1913, pp. 178-179.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

5.4/6 SOLUÇÕES MÚLTIPLAS

Após Coubertin ter exposto no artigo anterior novos aspectos do problema do amadorismo, apresentam-se aqui algumas propostas para sua solução. O número de novembro de 1913 da *Revue Olympique* era dedicado exclusivamente ao problema do amadorismo. Incluía, além do texto presente e do anterior, o informativo apresentado ao COI em 1909 sobre a situação do amadorismo e a resposta ao questionário enviado em 1910. Coubertin trata de resolver essa discussão com as seguintes reflexões, mediante as quais quis com certeza deixar claro seu ponto de vista ante as iminentes reuniões do congresso Olímpico de 1914 em Paris.

A explicação minuciosa apresenta duas propostas: a introdução de uma licença internacional que devia ser concedida ao atleta por um tribunal Olímpico independente especial para o caso. Além disso, Coubertin tem uma ideia pedagogicamente simples, mas ainda assim efetiva, que é verificar o comportamento amador de um participante Olímpico por meio das pessoas que convivem com ele.

É para nós completamente proibido considerar a possibilidade de discutir atualmente uma evolução semelhante. É preciso buscar outras soluções, talvez provisórias, mas que não devem ser consideradas aqui. Nas atuais condições da vida e da organização desportiva no mundo, há somente três soluções dignas de serem examinadas seriamente, sobretudo desde a perspectiva Olímpica.

A primeira seria a de uma Licença internacional, outorgada por um tribunal único, independente e permanente. A criação dessa Licença certamente supõe um acordo universal prévio sobre as bases da definição do amador, mas não necessariamente um texto uniforme. Seria necessário que os juízes se encarregassem de buscar o “amador” puro não somente verificando datas e fatos, mas também considerando em sua alma e em sua consciência se uma determinada falta deve ser ou não perdoada. Só então a Licença teria pleno valor. Embora o funcionamento de semelhante tribunal seria difícil, não o seria, em vez disso, sua criação. Poderiam ser encontradas pessoas competentes e honradas para o integrar. Em troca, os mecanismos administrativos seriam caros e lentos.

Pensamos que os juízes chegariam logo por si mesmo a preconizar a solução do

juramento. Em tal caso, por que não recorrer diretamente a ele sem incorrer nos gastos de um tribunal? O juramento traria consigo a criação de uma espécie de tábuas da lei com os “mandamentos do amador”. O atleta que jura sobre a bandeira do seu país não ter faltado nunca, pode ser admitido nos Jogos Olímpicos, pois um juramento falso feito em circunstâncias semelhantes lançaria sobre o culpado uma desonra cujo peso vergonhoso arrastaria por toda sua vida. Desse modo, o culto à honra, tão necessário para o esporte, voltaria a ocupar seu lugar no centro das instituições desportivas.

Há uma terceira solução, um tanto chata, um tanto vulgar, que tem suas vantagens, mas que conta com o gravíssimo inconveniente em matéria Olímpica de facilitar, e inclusive de avivar os conflitos internacionais. Seria o método cada qual em sua casa, ou seja, a admissão sem possíveis recursos de todo amador que tenha sido apresentado como tal por seus concidadãos...

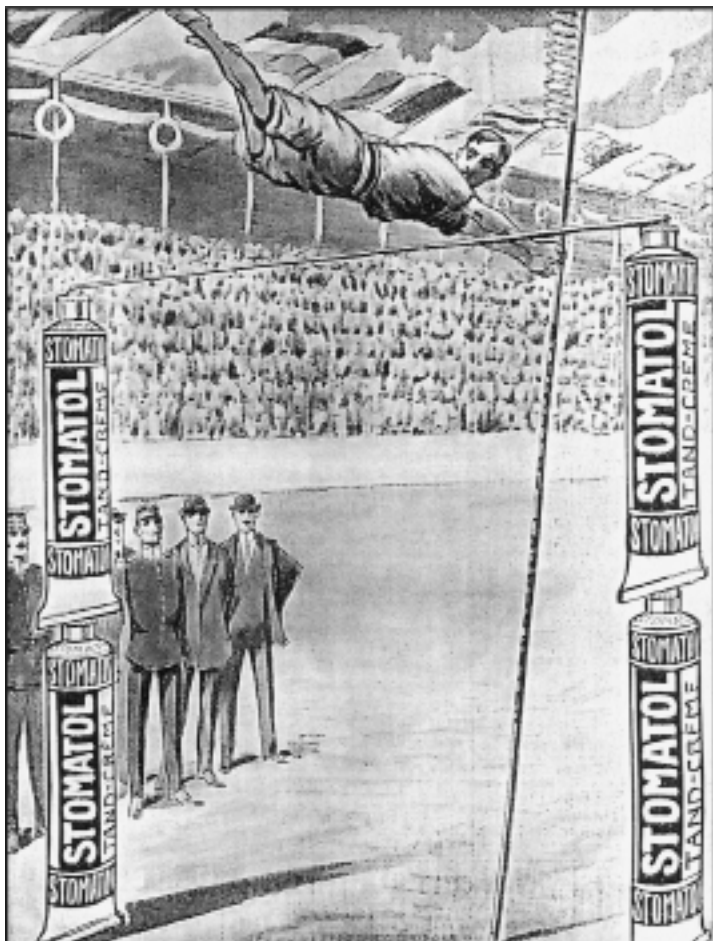
“*Solutions diverses*”, em: *Revue Olympique*, novembro de 1913, pp. 179-180.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

5.4/7 A QUESTÃO FINANCEIRA

As questões financeiras preocuparam o movimento Olímpico desde o primeiro momento. Os Jogos Olímpicos de 1896 somente puderam ser realizados graças às generosas doações de gregos vivendo no exterior. A imprensa descobriu imediatamente um tema interessante nos investimentos financeiros dos Jogos Olímpicos. Por isso, Coubertin viu-se obrigado a dar sua opinião sobre o financiamento dos Jogos Olímpicos e a ajuda material para a preparação dos participantes Olímpicos no seguinte texto para a *Revue Olympique*. Esse tema segue suscitando o mesmo interesse noventa anos mais tarde.

Em torno dos Jogos Olímpicos começou um verdadeiro baile de milhões: milhões imaginários, mas também reais, pois se algumas vezes a imprensa aumentou ou citou de forma inexata as cifras em circulação, essas, no entanto, se baseavam num dado exato, a saber, o grande esforço que se mostram dispostos a fazer governos, municipalidades e grupos desportivos para garantir a celebração das Olimpíadas. O pobre jornalista que exclamava irado ao final da IV^a. Olimpíada: “Que os lobos me devorem se voltarmos a ver dentro de quatro anos os Jogos Olímpicos...” deve estar preocupado com a sua pele. Felizmente, o lobo o esqueceu ou não se preocupou com ele. Voltará a ver os Jogos Olímpicos dentro de três anos, e depois dentro de sete, e depois dentro de treze, se Deus quiser. A questão que se coloca não é a sua celebração, mas como eles serão e com que custos. Os “pequenos países”, os quais, dito entre parênteses, são com frequência mais ricos e vivem mais *folgadoamente* que os grandes, ficaram um tanto impressionados ante a ideia de que se necessitará tanto dinheiro para organizar as Olimpíadas modernas, e inclusive somente para se preparar a participação nelas. Mas isso não tem freado seu impulso. Basta escolher como prova um fato muito característico. Das três cidades que apresentaram sua candidatura para os Jogos de 1920, uma somente é capital, e a capital de um país



Essa gravura mostra como a questão dos negócios foi abordada pelos organizadores de Estocolmo. Trinta construções do órgão oficial do Comitê Olímpico Sueco incluíam anúncios de enxagues bucais e pasta de dentes, fazendo referência direta a todo um conjunto de disciplinas e sedes Olímpicas em Estocolmo, por exemplo, o salto com vara. (Extraído de *Olympiska Spelens Tidning. The Olympic News. Official Organ of the Swedish Olympic Committees*, Estocolmo, 10 de julho de 1912, p. 7)

médio; as outras duas não o são. Então, Budapeste, Amsterdã e Antuérpia rivalizam em entusiasmo e generosidade sobre os planos que implementam com vistas a essa possibilidade ainda distante. Mas nesses países também não se preocupam ao ouvir os franceses pedirem ao seu governo 600.000 francos para “ir a Berlim” e aos ingleses dizer à opinião pública: “Tratem de reunir 1.200.000 francos porque sem isso não teremos bom desempenho na VIª. Olimpíada”. Preocupam-se com o elevado das quantias solicitadas, e se preocupam também com essa maneira de “preparar” os atletas a golpe de dinheiro, procedimento que não vai precisar muito para cair num profissionalismo inegável.

O presidente do Comitê Internacional aproveitou a ocasião que lhe foi oferecida outro dia em Londres, durante o banquete celebrado em sua homenagem pelo *British Olympic Council*, para colocar as coisas em ordem e lembrar que, qualquer fosse a importância da questão financeira, não devia evidentemente ser mais importante que a “questão muscular”, que sem dúvida parece ser esquecida em alguns momentos. Não se criam eventuais campeões amontoando ingressos. A verdade – e não temos nenhuma razão para a ocultar, senão que, ao invés disso, há motivos para anuncia-la francamente – é que as associações esportivas estão vorazmente ávidas por dinheiro, e a ocasião lhes pareceu boa para receber fortes subvenções.

O império alemão é poderoso e rico. No entanto ainda é novo em grande número de esportes. O movimento que se esboça resulta um dos mais legítimos. Todos entendem que, se uma Olimpíada será realizada em Berlim, isso deve ser feito de uma forma esplêndida. O projeto financeiro concebido foi feito de maneira muito sábia. Ele faz com que o principal esforço recaia inteiramente na organização das provas e dos festejos. Porém juntamente com isso prevê uma ajuda – séria, porém muito mais modesta do que se tem dito – para as jovens sociedades desportivas que ainda carecem de terrenos ou de lugares de treinamento. Os outros países não têm as mesmas possibilidades de gasto, e os que desde há muito tempo já estão conquistados para o esporte, necessitam, para trazer a Berlim os louros de 1916, que se os proveja de uma mercadoria que não pode ser comprada e que se chama “vontade de vencer”. Na hora de fazer a viagem e de acampar às margens do estádio imperial, resulta sem dúvida desejável solicitar aos governos que apoiem as jovens equipes encarregadas de defender nessas circunstâncias as cores de suas respectivas pátrias. Mas não se vê com muita clareza como poderiam esses mesmos governos vigiar o treinamento prévio dos atletas sem que esses se transformem em profissionais declarados. Indiscutivelmente, esse é o ponto mais delicado desse assunto e o que o torna suspeito. Um vago brilho de profissionalismo escapa dele e obriga a lembrar que há uma multidão de falsos amadores circulando pelos esportes – muito menos desportivos que muitos supostos profissionais, cujo espírito desportivo é infinitamente mais puro. Então, se quer – e é necessário – que os Jogos Olímpicos sejam reservados a jovens verdadeiramente animados pelo espírito desportivo. Como conseguir isso?

Se olharmos com atenção, na origem desses conflitos encontramos somente uma causa: a invasão do âmbito desportivo por aqueles aos quais já havíamos tido a oportunidade de chamar “estrangeiros do esporte”, jornalistas em busca de notícias, médicos em busca de clientes, candidatos ambiciosos em busca de eleitores, ociosos em busca de distração, gente de todo tipo em busca de notoriedade. Esse populacho ruim tem dado à “questão financeira” uma importância que não tem comparação com seu papel. Devido ao alvoroço que se levantou em torno desse assunto, perdeu-se uma receita que é, no entanto, a única que cabe empregar na preparação de um vencedor dos Jogos Olímpicos. Para isso, necessita-se primeiro músculos; depois, energia; e em terceiro lugar, perseverança. Daí depois o dinheiro necessário, mas se careceis dos outros três ingredientes, a operação se torna inútil...

“*La question d'argent*”, em: *Revue Olympique*, dezembro de 1913, pp. 183-185.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

5.4/8 O AMADORISMO NO CONGRESSO DE PRAGA

O congresso Olímpico de Paris de 1914 regulamentou novamente a responsabilidade para a comprovação do *status* de amador. Nos Jogos Olímpicos somente deveriam ser aceitos desportistas que atendessem aos requisitos das federações da especialidade esportiva de seu respectivo país. No caso dos esportes que, em 1914, não tivessem federações internacionais foi solicitada a criação desse tipo de associações até 30 de junho de 1915. Os CON deviam garantir no futuro o *status* de amadores dos desportistas que enviassem.

Desse modo, se retirou a responsabilidade do COI e se fortaleceu a personalidade própria dos demais sócios. A Primeira Guerra Mundial, irá inevitavelmente interromper por anos a discussão sobre amadorismo. Mas ela voltou a fazer parte do COI com mais força, por assim dizer, após os Jogos da Antuérpia em 1920.

A observação seguinte de Coubertin no Congresso Olímpico de 1925 em Praga trata do estado do debate sobre o amadorismo naquele momento, que não obstante apenas interessava então a Coubertin. Para ele, tratava-se mais de um problema da imprensa que do movimento Olímpico. Ao mesmo tempo, Coubertin demonstrou uma postura sem compromissos. Ao mesmo tempo, ele manteve sua intransigência, protestando contra o pagamento ou gestão de contas de hotel de luxo.

O Congresso de Praga estabeleceu acordos mínimos para o amador Olímpico, que foram fixados nos estatutos do COI. A novidade foi que cada participante Olímpico devia assinar uma declaração juramentada sobre o cumprimento da normativa sobre o amadorismo.

Os congressos que serão realizados em Praga no próximo Pentecostes (31 de maio de 1925) têm a particularidade de permitir o estabelecimento de um inventário completo da questão desportiva tal como se apresenta atualmente no mundo. Suas ramificações são numerosas, tanto no que diz respeito à técnica, quanto à pedagogia geral. Por isso, há dois congressos que se realizam em separado, mas que estarão vinculados entre si. O primeiro será o congresso Olímpico ordinário que o Comitê Internacional costuma convocar durante o ano que segue a realização de uma Olimpíada. A experiência recente está ainda muito próxima e, no entanto, a agitação e as querelas (se é que as tenha havido) puderam se apaziguar e o espírito objetivo foi restaurado na mente das pessoas. Estatutariamente, o congresso compreende: os membros do Comitê Internacional, que são aproximadamente 65 pertencentes a 45 nações; os delegados dos Comitês Olímpicos Nacionais, na razão de um comitê por país e dois delegados por comitê; por fim, os delegados das federações desportivas internacionais, na razão de dois delegados por federação. Embora essa assembleia não seja ideal, aproxima-se sensivelmente disso. Sob a égide dos representantes da grande ideia Olímpica que se esforçam em olhar além dos interesses de uns e de outros graças a um internacionalismo e a um ecletismo próprios, se revela uma divisão justa dos interesses nacionais e dos interesses técnicos.

O problema principal que se discutirá em Praga nesse congresso será o da condição de “amador”. O leitor tem o direito de rir. Ouve-se falar desse problema há trinta anos. O fato de que nós a vemos reaparecer periodicamente sobre as agendas de reuniões solenes, e dar lugar durante o intervalo e tantas polêmicas na imprensa, é prova suficiente de que ele mal se aproximou de sua solução.

E, no entanto, fizemos isso. Porque a seguir estará claramente estabelecido o que não resulta trivial. Todos sabem que há falsos “amadores” e que esses são em grande medida desportistas afortunados que não desdenham nenhum modo de acrescentar frutíferos ganhos ocasionais aos seus recursos. E quando esse “ganho ocasional” adquire a forma de uma estada gratuita e de certa duração num hotel de primeira classe por ocasião de um campeonato de ténis..., cabe se perguntar o que resta do “amadorismo” naquele que se beneficia de semelhante vantagem. Então, frente a ele se levanta agora o desportista que ganha duramente a vida e para o qual todo deslocamento traz consigo o risco de representar uma perda salarial ou, como se diz, “deixa de ganhar”. O jogador de futebol, por exemplo, tem com frequência mulher e filhos sobre os quais pesa mesmo a menor série de partidas comprometidas pelo clube ao qual pertence. Deverá, pois, abster-se de jogá-las? Aqui está o problema do “amadorismo” colocado em nível da questão social: nem mais, nem menos. Representa um dos inúmeros aspectos da luta entre os que possuem e os que não possuem, cujo princípio pode ser negado em belas discussões benevolentes, mas cuja realidade não deixa de constituir a seguir a engrenagem central na qual toda atividade acaba por desembocar ou por se renovar. O desportista que recebe uma indenização abusiva, e aquele que é indenizado por seu salário perdido, são ambos amadores, nenhum dos dois, e se somente um deles o é, qual será?

Além disso, essa “socialização” da questão desportiva reveste-se, por outro lado, de um caráter, inesperado por certo, de rivalidade étnica. A concepção britânica e a concepção “latina” do esporte se confrontam. É preciso confessar – o que constitui um curioso paradoxo – que no país no qual o grande educador Thomas Arnold foi o primeiro a esboçar os princípios de uma pedagogia desportiva, o papel educativo do esporte é deixado de lado; não interessa. Os ingleses da Inglaterra e, seguindo seus passos, as autoridades Inglesas são muitas vezes condescendentes em se ocupar com a pedagogia esportiva, mas isso os aborrece. Aos seus olhos, um bom clube desportivo é aquele cujos membros são cavalheiros da mesma condição. Esse é o primeiro requisito. E não chegam a se separar dele. Por isso, no remo, por exemplo, declararam outrora como profissional a todo trabalhador manual. Os remadores das universidades queriam que seu exercício favorito mantivesse seu selo aristocrático. Foi necessário muito tempo para triunfar em teoria sobre uma legislação tão medieval. Na prática, não se pode dizer que tenha desaparecido por completo.

O esporte “latino” inspira-se numa concepção distinta. Procura acima de tudo a união muscular com vistas a alcançar um resultado, a obter uma vitória. Tende a constituir uma vasta “república desportiva” de interesses solidários, a competições sem dúvida apaixonadas, cujo sistema é, no entanto, suscetível de se sobrepor momentaneamente inclusive às paixões nacionais mais fortes. Por isso é chamado latino. Claro que existem aqui muitos matizes, mas são matizes que se convertem em cores e em cores bem definidas. Então, esse tipo de esporte domina já quase todo o continente, incluindo alemães e eslavos. A América do Sul é considerada um reforço importante. Percebe-se com clareza que sua influência ganha terreno paulatinamente e com bastante rapidez e que nos encontramos na fronteira de uma rivalidade anglo-latina na qual as forças numéricas e morais estão do lado latino, enquanto que o lado britânico contará com as forças da tradição, asseguradas por uma posição adquirida e uma longa rotina. A opinião pública desportiva europeia começa a se conscientizar dessa antinomia fatal. Daqui a rebelar-se contra a orientação britânica não há mais que um

passo, passo que será dado com mais firmeza se os britânicos continuarem a se arrogar uma superioridade dogmática em matéria de lealdade desportiva e prática do *fair play*. Como em outros aspectos, a intervenção dos Estados Unidos será a esse respeito essencial, senão decisiva. Os desportistas americanos são facilmente menosprezados. Essa é uma das consequências gerais da ignorância e da incompreensão europeias com relação à América. Não são, claro, cordeiros sem mancha. Mas com frequência têm bem mais espírito desportivo que muitos dos que os atacam.

Este é o clima no qual serão realizados os debates do congresso de Praga. Seu principal problema consistirá no perigo de perder-se num labirinto de regras e distinções. Se alguém pretende chegar e resolver todos os “casos” que apareçam ante a sagacidade dos delegados, corre-se o risco de fracassar. Não há que jactar-se em encontrar uma fórmula que possa ser aplicada a todos nem que agrada a todos, mas seria de grande proveito ter podido colocar algumas diretrizes, determinar uma orientação e escapar, assim, do lamaçal no qual se tem estado chapinando por tanto tempo. A carta do verdadeiro amadorismo não poderá ser redigida até que não se esteja bem de acordo sobre os princípios que devem inspirar seu texto.

Junto ao congresso técnico, em Praga se celebrará um congresso educativo para o qual cada país será convidado pelo governo tcheco-eslovaco, em seu nome e em nome do Comitê Olímpico Internacional, a designar certo número de delegados. Além disso, haverá observadores livres. Esse congresso pedagógico estudará nove questões relativas ao excesso de apresentações desportivas, as lutas de boxe, as restrições durante a adolescência, a participação feminina nos esportes violentos, o restabelecimento eventual do “ginásio antigo” municipal, o desenvolvimento do jogo limpo e de espírito cavalheiresco, a colaboração das universidades, a “terapia desportiva” e a luta contra falsos desportistas. Para ser preciso, essas questões interessam a categorias muito distintas de indivíduos: estudantes, moralistas, higienistas, feministas, etc. Igualmente, cada Estado terá direito a enviar até dez delegados cujas opiniões, cuidadosamente recolhidas, levarão a reformas úteis e a iniciativas fecundas.

“*L'amateurisme au Congrès de Prague*”, em:
Biblioteca Universal y Revue de Genève,
janeiro de 1925, pp. 106-110.

5.4/9 AMADORISMO (1909)

Para Coubertin, o tema do amadorismo na primeira década do século XX era de uma importância tal que, em retrospectiva, lhe dedica todo um capítulo de suas *Memórias Olímpicas*. Nesse capítulo, ele enumera os diferentes estados e iniciativas do percurso para a definição do status de amador nos Jogos Olímpicos, e explica porque considera que o juramento Olímpico é a única solução educativa com sentido.

Sempre o amadorismo! Há dezesseis anos havíamos pretendido ingenuamente acabar com o problema, e eis que aqui segue candente, idêntico e inalcançável: uma autêntica bola de polo aquático com essa maneira peculiar de resvalar e escapar sob a pressão da mão, como o gato, afastando-se alguns metros. Pessoalmente, isso não me incomoda; hoje me atrevo a confessar com franqueza que esse assunto jamais me

atraiu. Mas me serviu de pretexto para convocar o congresso destinado a restabelecer os Jogos Olímpicos. Vendo a importância que lhe era atribuída nos meios desportivos, dediquei-lhe a máxima atenção, porém era um zelo sem convicção real. Meu conceito do esporte sempre foi muito distinto daquele de muitos, talvez a maioria, dos desportistas. Para mim, o esporte era uma religião com igreja, dogmas, culto, mas sobretudo com sentimento religioso e me parecia tão infantil relacionar tudo isso com o fato de ter recebido algum dinheiro, como o sair falando por aí que o sacristão da paróquia é necessariamente um incrédulo porque recebe uma gratificação para garantir o serviço do santuário. Hoje, ao alcançar, e inclusive passei, a idade na qual alguém pode praticar e proclamar livremente suas heresias, eu não hesito nem um momento em tornar público esse ponto de vista. No entanto, e na falta de algo melhor, estava bem de acordo que se devia haver determinadas regras e levantar certas barreiras mais ou menos fictícias, e registre-se que me dedicava a isso na medida do possível. Especialmente os ingleses mostravam-se enraivecidos com isso. Era, pois, um sinal e um presságio de força para o COI que dirigissem para ele suas atenções reclamando sua intervenção.

O questionário em três idiomas, enviado em 1902 a todas as sociedades, não havia produzido realmente respostas numerosas nem, em especial, bem claras sobre o assunto. Após os Jogos de Londres, a *Sporting Life* que gozava de certo prestígio na Inglaterra assumiu o assunto e fez uma nova enquete. Declarando que em todo mundo só o COI gozava de uma situação adequada, graças à independência que lhe era assegurada por sua composição e seu sistema de recrutamento, o periódico inglês realizou uma campanha baseada numa série de consultas úteis.

Alguns meses mais tarde, nos remeteram um enorme relatório composto por mais de 150 páginas. Após tê-lo examinado com atenção e com o desejo de encontrar algo novo, tive de reconhecer que nada havia de particular. E cheguei à conclusão de que o defeito inicial consistia em que a questão não era colocada em termos e de um modo tal que permitissem ser resolvida. Em outras palavras: obstinavam-se em resolver a questão antes de a ter colocado.

Um dos meus colegas franceses, o conde Albert de Bertier, muito competente em matéria desportiva, e sobretudo, diria eu, um espírito desportivo, aceitou apresentar na reunião de Berlim um informativo no qual trabalhamos em conjunto em sua casa de Compiègne, redigindo as considerações e as conclusões.

A definição do amador que havia servido de modelo para a maior parte das definições continentais ou transatlânticas já havia periclitado. Procedia da Inglaterra, e estabelecia que se deixa de ser amador:

1. Quando se aceita um prêmio em dinheiro;
2. Quando se compete com um profissional;
3. Quando se recebe um salário como professor ou monitor de educação física;
4. Quando se participa de concursos abertos a todos (“*all comers*”).

O que chama a atenção em seguida é a evidente desigualdade desses quatro pontos. O segundo é muito discutível por seu absolutismo. O terceiro confunde professor e profissional (o que de minha parte jamais admiti) de uma forma tal que o mínimo que se pode dizer é que resulta excessivamente simplista. O quarto carece hoje totalmente de significado, pois o que significa “concurso aberto a todos”? Para entender isso é preciso retroceder aos hábitos desportivos ingleses de cinquenta anos atrás. Trata-se, em suma, da barreira social, da preocupação de classe.



Humor holandês referindo-se ao mau uso dos aros Olímpicos. O parlamento holandês negou-se a dar apoio financeiro aos Jogos Olímpicos de 1928 em Amsterdã, em parte devido à obsessão com a participação individual, que a Igreja considerava

injustificada. Por isso, os Jogos tiveram que ser financiados de forma privada, dando lugar na Holanda a numerosos exemplos de sátiras. (Extraído de *Olympische Spiele 1928 in Amsterdam*, edição especial da revista *Leibesübungen*, 1928, p. 523)

Por mais arcaica que fosse tal enumeração, podia nos servir para o estudo do tema, que devíamos considerar em seguida: o dinheiro, os contatos, o professorado, as relações do indivíduo e do grupo.

Há alguns dias, após haver transcorrido um bom punhado de anos, li esse informativo de 1909 novamente superando toda a resistência. Suas conclusões eram francas e transparentes. Se tivessem sido adotadas, quantos incidentes, quantas disputas e complicações teriam sido evitadas! E especialmente, se não eliminado por completo, pelo menos se teria enfraquecido bastante essa espécie nefasta, os falsos amadores, que temos visto pulular desde então, como aquelas heresias dos tempos bizantinos que, de acordo com Tertuliano, pululavam como os escorpiões no verão às margens do Nilo. Denunciava-se toda fonte de lucro direto, contínuo e de valor apreciável, enquanto se pedia muita indulgência para os pequenos pecados.

Admitia-se o princípio da requalificação sob a condição de que, para que fosse aplicado, houvesse um tribunal único absolutamente independente que oferecesse, além disso, toda sorte de garantias; uma espécie de Tribunal de Haia para os esportes. O juramento se havia transformado em hábito: juramento detalhado e por escrito para os concursos ordinários; juramento oral realizado sobre a respectiva bandeira nacional, em solenidades Olímpicas. A compensação em dinheiro era admitida em circunstâncias legítimas, mas com a condição de cobrir somente o deslocamento e a estada, não o dinheiro para os outros gastos nem dinheiro para o bolso.

Não podemos absolutamente aceitar que um amador possa perder sua condição pelo simples fato de ter competido com um profissional, e menos ainda por ter competido com um atleta suspenso por sua federação ou participado em um concurso “não autorizado” por ela. Pretensão surpreendente e absurda que mais de uma federação conseguiu impor.

O caráter professoral era nitidamente distinto do caráter profissional. Foram sugeridas determinadas disposições para utilizá-las como base de uma legislação estabelecida sobre todas essas premissas revolucionárias, porém sábias e convenientes, ante o futuro democrático e cosmopolita que se desenhava, e diante das próximas exigências para as quais queria chamar a atenção de meus colegas do COI, muito menos rebeldes em admiti-las do que se poderia pensar, e registre-se que os mais aristocráticos do grupo não eram os mais retrógrados, muito ao contrário.

Ao invés disso, muitos eram tímidos, e ao fazer contato com a opinião dos meios desportivos de seus países, temiam ser confrontados violenta e abertamente com o problema. Foram pedidos atenuantes, especialmente formais, sobre muitas partes do informativo. O texto publicado na *Revue Olympique* de agosto de 1909 é um texto revisado, adaptado. Teria sido muito mais interessante o primeiro texto, ou seja, o que foi apresentado ao COI em Berlim, mas não o encontrei. Não se encontra em seu lugar nos arquivos e não consegui encontra-lo.

Essa timidez à qual fiz alusão, fez com que o Comitê extraísse do informativo um pequeno número de perguntas para submetê-las às federações e grupos interessados. Aqui está o questionário tal como saiu de nossas mãos algumas semanas mais tarde:

1. Você acredita compatível ser profissional em um esporte e amador em outros?
2. Você acredita, ao contrário, que um professor pode ser amador nos esportes que ensina?
3. Você acredita que o amador que se tornou profissional não deve poder recuperar sua condição de amador? Você admite exceções a essa regra? Quais?
4. Você admite que os amadores tenham compensação financeira pelos gastos com transporte e hotel? Até que limite?
5. Você admite que possa se perder a condição de amador pelo simples contato com um profissional?

As respostas deviam ser enviadas: para a Europa continental, ao nosso colega húngaro, J. de Muzsa; para o Império Britânico, a Thomas A. Cook; para o continente americano, ao professor W.M. Sloane.

Esse era o mesmo sistema de distribuição que eu havia inaugurado em 1894 e que então me pareceu prático.

Foi dado um longo prazo para estudar e justificar as respostas com total liberdade. Foi no ano seguinte, no transcurso da sessão que tivemos em Luxemburgo (junho de 1910) quando nossos colegas nos prestaram contas sobre os documentos recebidos. A respostas, ai!, eram disparatadamente contraditórias. Nem dentro de um mesmo país de um a outro esporte, nem entre países distintos no mesmo esporte, ninguém parecia nem mesmo se aproximar a um acordo. Afirmações; nada de argumentos. Fantasias; nenhuma autêntica reflexão. Ao constatar isso, apreciei retrospectivamente a timidez dos colegas que haviam temido “ser ousados”. Com suas atitudes possivelmente nos teriam salvo de muitas complicações. Mas desde então, os problemas do amadorismo perderam para mim o pouco interesse que ainda conservavam. Estava convencido mais do que nunca de que professor e profissional não devem ser medidos pelo mesmo critério; que o juramento, não o da palavra ou do desfile, mas o detalhado e assinado, é a única maneira de projetar uma verdadeira luz sobre o passado desportivo de um homem, posto que um falso juramento o desqualifica em tal caso para sempre e em todos os campos; que as distinções de classes não devem desempenhar nenhum papel no esporte; que passou o tempo no qual podia se pedir aos atletas que pagassem suas próprias passagens e alojamentos; que a condição de amador nada tem a ver com os regulamentos administrativos de um determinado grupo desportivo, etc., etc., e também que existem muitos falsos amadores que devem ser perseguidos e muitos falsos profissionais que devem ser perdoados, etc., etc. Mas, o que acabo de escrever? Que blasfêmias! Deveria exclamar, como o pároco de Alfonso Daudet surpreendido em plena canção da bebida; “Misericórdia! Se meus confrades me escutaram!”

Memórias Olímpicas, cap. XI,
Lausanne: COI, 1997, pp. 114-120.

**Pierre de Coubertin,
quase no final de sua
vida, com sua filha
Renée, com a qual
costumava trabalhar.
(Coleção Navacelle)**



6. O MOVIMENTO OLÍMPICO

O sexto capítulo apresenta textos sobre questões predominantemente estruturais e de organização do movimento Olímpico. Para sua organização é preciso levar em conta que poucas vezes em suas declarações Coubertin se limitou a um único ponto de vista, mas sempre estabeleceu uma ampla relação pedagógica para então tentar esclarecer a questão.

Os textos a seguir voltam a demonstrar que Coubertin, além de uma discussão teórica de um problema, também pensava na forma de levá-lo à prática. O movimento Olímpico só podia prosperar dessa forma, já que Coubertin desde o início decidiu detalhadamente sua estrutura e desenvolvimento. Ele se opôs de forma agressiva aos avanços equivocados, porém não se limitou a atacá-los, mas ofereceu propostas de solução e projetos financeiros e organizacionais elaborados em detalhe, como demonstra o esboço do plano dos IV Jogos Olímpicos previstos para Roma em 1908.

Para Coubertin era muito importante garantir a independência do COI. Seguindo o exemplo do Comitê de Regatas de Henley, em 1894 fundou o COI como um “*self-recruiting body*”, cuja importância é explicada em diferentes textos do item 6.1.

Os textos sobre o desenvolvimento e a expansão do movimento Olímpico do item 6.2 evidenciam enormes dificuldades para a criação de uma “infraestrutura Olímpica”. A terceira parte desse capítulo 6.3 reúne as opiniões de Coubertin sobre o programa esportivo dos Jogos Olímpicos. Para ele era fundamental a igualdade de todos os esportes, exposta em numerosos textos.

Poucas vezes Coubertin se ocupou do desenvolvimento prático de esportes específicos, e isso só acontecia quando existia um motivo especial. Os textos deste capítulo completam de modo conveniente a retrospectiva histórica oferecida no item 4.2.1, entre eles se inclui uma tomada de posição sobre a aceitação das mulheres nas disciplinas esportivas mais importantes dos Jogos Olímpicos.

O último item reúne dois artigos de Coubertin sobre Lausanne como centro do movimento Olímpico, que se tornou definitivo em 1982 com a união contratual do COI com a Suíça e a cidade de Lausanne.

6.1 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

Os próximos dez textos datam de todo o período da fundação do COI até o ano de 1922. A partir de então, Coubertin se ocupou apenas de questões organizacionais e estruturais do movimento Olímpico, tal como vimos nos capítulos precedentes.

Os textos foram escolhidos dentre uma grande variedade de possíveis documentos e se buscou sua representatividade embasada em conteúdos similares. Em quase todos os números da *Revue Olympique*, publicada por Coubertin entre 1901 e 1924, cujo conteúdo ele definiu em grande medida, apareceram alusões e sugestões organizacionais, que apesar de não estar assinadas com seu nome, respondiam com toda probabilidade à “voz do presidente do COI”. Para tanto, Coubertin não só utilizou o anexo “*Bulletin du C.I.O.*”, que começou no número de janeiro de 1906, mas especialmente as seções “*Echos et nouvelles*” e “*Chronique du mois*”. A isso é preciso acrescentar, como já foi descrito no prólogo deste capítulo, as circulares oficiais aos membros do COI.

O item 6.1 contém principalmente textos sobre a estrutura do COI, dos CON e das federações desportivas internacionais. Junto a eles se reproduzem dissertações típicas sobre questões organizacionais, as quais pertencem a introdução dos prêmios Olímpicos “diploma Olímpico” e “taça Olímpica”.

6.1/1 CRÔNICA – O CARÁTER DO NOSSO EMPREENDIMENTO

Coubertin esclarece a seu novo círculo de leitores suas ideias sobre a implementação organizacional dos acordos do congresso de fundação do COI de junho de 1894 em Paris no segundo número do boletim do Comitê Internacional dos Jogos Olímpicos de outubro de 1894. É surpreendente a concretude das ideias de Coubertin nessa fase avançada de seu Movimento, as quais seguiu desenvolvendo posteriormente.

Este texto inclui surpreendentemente a proposta da fundação de comitês nacionais para o envio de equipes aos Jogos Olímpicos. Coubertin não fala de comitês limitados temporalmente aos respectivos Jogos Olímpicos – neste caso para Atenas 1896 – mas parte já da longevidade de sua ideia e da necessidade de estruturas organizacionais. Neste texto é interessante observar a última afirmação de Coubertin referente ao financiamento. Aqui ele equipara o trabalho do COI com o de um “*véritable bureau international d`athlétisme*”, o que é certo para a época em que viveu.

Se nos pedem para precisar com exatidão o caráter de nosso empreendimento e indicar os meios que contamos para realiza-lo. Esta é, em poucas linhas, a resposta.

Os Jogos Olímpicos são concursos internacionais, verdadeiros campeonatos mundiais, nos quais encontram-se representados todos os esportes e exercícios físicos praticados atualmente. Terão lugar em 1896 em Atenas, em 1900 em Paris, e depois, a cada quatro anos, nas diferentes capitais do mundo. De acordo com os desejos expressados pelo congresso de Paris, esses concursos estarão abertos somente aos adultos; o segmento escolar não estará representado. Para participar é preciso ser amador, quer dizer, aqueles que não tiram de seu êxito atlético nenhum provei-

Comité International Olympique

Reglements ~~Statuts et règlements~~ 3

BUT — Le Comité International Olympique auquel le Congrès International de Paris a confié la mission de veiller au développement des Jeux Olympiques solennellement rétablis le 23 juin 1894 se propose :

- 1° d'assurer la célébration régulière des Jeux — 2° de rendre cette célébration de plus en plus parfaite digne de son glorieux passé conformément aux idées élevées dont s'inspirent ses rénovateurs — 3° de provoquer ou d'organiser toutes les manifestations et en général de prescrire toutes les mesures propres à vivifier l'athlétisme moderne dans les vieilles sociétés.

Princípios fundamentais da primeira Carta Olímpica, manuscritos por Pierre de Coubertin por volta de 1899, editados pela primeira vez em 1908 (Arquivos do COI): “Estatutos do Comitê Olímpico Internacional. Objetivo: o Comitê Olímpico Internacional, ao qual o Congresso

Internacional de Paris confiou a tarefa de supervisionar o desenvolvimento dos Jogos Olímpicos, restabelecidos solenemente em 23 de junho de 1894, é responsável por: 1. Assegurar a celebração regular dos Jogos; 2. Fazer com que essa celebração seja cada

vez mais perfeita, digna de sua história gloriosa e conservando os ideais elevados que inspiraram aqueles que os restabeleceram; e 3. Fomentar ou organizar eventos de todos os tipos e, em geral, dar todos os passos para guiar o esporte moderno por caminhos desejáveis.”

to financeiro. Nenhum país poderá ser representado por outros que não sejam as nações que o constituem. Finalmente, a celebração dos jogos se fará com a maior solenidade possível; em qualquer lugar que se celebrem, se solicitará aos respectivos governos que prestem seu apoio oficial.

Ao fazer reviver uma instituição desaparecida após tantos séculos, nossa ideia é a seguinte: há trinta anos, o atletismo adquiriu uma importância que cresce ano a ano; seu papel parece ser tão considerável e duradouro no mundo moderno como o foi no antigo, e ressurge, por outro lado, com características novas; é internacional e democrático, apto, por conseguinte, para as ideias e as necessidades da época atual. Mas tanto hoje como ontem sua ação será benéfica ou prejudicial segundo o que se saiba tirar dele e a direção na qual se o estimule. O atletismo pode colocar em jogo as paixões mais nobres, assim como as mais vis; pode desenvolver o desinteresse e o sentido de honra, bem como o afã pelo lucro; pode ser cavalheiresco ou estar corrompido, ser viril ou bestial; cabe, finalmente, utilizá-lo para consolidar a paz quanto para preparar a guerra. Pois bem, a nobreza de sentimentos, o culto pelo desinteresse e pela honra, o espírito cavalheiresco, a energia viril e a paz são as primeiras necessidades das democracias modernas, sejam republicanas ou monárquicas.

Nossas intenções não parecem ter passado despercebidas; no mundo do esporte perceberam a visão ampla que presidia a elaboração dos programas. Nenhuma forma de exercício físico foi deixada de lado, nem se privilegiou nenhuma escola, nem, com maior razão, nenhuma sociedade, nem nenhum país: apelamos a todos, e estimamos que não é nosso comitê quem deva discutir as questões referentes a superioridade de um determinado sistema sobre outro, da ginástica sobre o esporte, dos exercícios sobre os Jogos. Por outro lado, aqueles que se interessam mais pelo aspecto moral, não deixaram de nos animar. Era de se esperar algum ceticismo, mas em lugar disso, o que encontramos foi entusiasmo. A imprensa tem feito algo mais que nos encher de elogios: tem divulgado ampla e fielmente nossos trabalhos, o que era sem dúvida a melhor maneira de nos ajudar e nos trazer adeptos.

No entanto, esses êxitos não devem nos fazer esquecer que somente se escreveu o prólogo, e que o já feito não é nada perto do que ainda temos por fazer.

Aqui estão apenas mais algumas palavras sobre nossa organização:

O congresso de Paris deixou como retaguarda um Comitê Internacional composto por pessoas que aceitaram encabeçar o movimento em seus respectivos países. Essas pessoas são de certa forma nossos representantes e correspondentes no exterior. A administração tem sido estabelecida em Paris, junto com a secretaria geral e a tesouraria, mas a presidência pertence por direito ao país no qual irão ser celebrados os Jogos Olímpicos; desse modo, será exercida por um heleno até 1896, por um francês de 1896 até 1900, por um americano de 1900 a 1904 se os jogos de 1904 forem celebrados nos Estados Unidos.

Em cada país deve ser constituído um comitê nacional cuja tarefa consiste em assegurar a participação desse país nos Jogos Olímpicos a cada quatro anos, até que chegue o momento dele organizá-los em casa.

Pensamos que, dentro dos limites estabelecidos pelo congresso e que acabamos de resumir, é necessário dar plena e total liberdade aos Comitês Nacionais. Não é em absoluto desejável que em cada Olimpíada se veja passar sucessivamente o mesmo quadro com diferentes molduras. O gênio peculiar de cada povo, sua maneira de organizar as festas e de praticar exercício físico é o que dará aos Jogos Olímpicos modernos seu verdadeiro caráter e o que talvez os faça superiores aos precedentes. É claro, portanto, que aqueles que se celebram em Roma não possam ser parecidos com os que terão lugar em Londres ou Estocolmo.

É possível nos ajudar de duas maneiras:

Primeiro, nos tornando conhecidos, difundindo nosso *Boletim*, fazendo circular nosso programa. Não faltam pessoas que pensam que os Jogos Olímpicos são um novo entretenimento, verdadeiros jogos importados do estrangeiro que queremos tornar moda e cuja nacionalidade de origem não distinguimos sob esse nome de caráter geral. Existem outros que não veem em nosso projeto senão uma torpe e mesquinha restituição do passado, algo como quadros vivos num teatro. É preciso desapontar toda essa gente.

Em segundo lugar, a caixa do nosso tesoureiro nunca estará suficientemente cheia, e todas as ofertas e subscrições serão aceitas. Com efeito, seria importante que pudéssemos organizar um autêntico Escritório nacional de atletismo, e semelhante organização representa um gasto anual considerável.

Estes são nossos projetos e nossas necessidades. Apelamos a todos os que apreciam verdadeiramente o esporte, bem como a todos aqueles que desejam ver reunida a juventude de todos os países no mais pacífico dos campos de batalha, o campo do jogo.

“*Le caractere de notre entreprise*”, em:
Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques,
ano 1, outubro de 1894, n. 2, p. 1.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

6.1/2 A ORGANIZAÇÃO OLÍMPICA

Neste artigo para a *Revue Olympique*, redigido em 1903, Coubertin expõe seus projetos sobre a colaboração do COI com as organizações desportivas nacionais. Esse texto é de uma relevância especial, já que Coubertin enfatiza aqui com muita clareza que o COI não reclama para si mesmo nenhum poder diretivo, mas que ao contrário, entende a este como incompatível com sua própria natureza. Mais adiante, Coubertin deixa clara a posição dos membros do COI em cada país. O presente texto confirma as posições de Coubertin de outubro de 1894 em relação à fundação de Comitês Olímpicos Nacionais considerando as experiências acumuladas até o momento.

Uma questão que tem se apresentado com frequência ao Comitê Olímpico Internacional é a de saber que tipo de relações devem existir entre este e as federações nacionais que regem os esportes em cada país. De diversas formas foi expresso o desejo de que essas relações se tornem o mais estreitas possível e que o Comitê faça às vezes de uma espécie de conselho superior cuja ação diretiva se exerça de forma liberal, porém eficaz, sobre as federações.

Não acreditamos que isso seja nem desejável, nem possível. Em primeiro lugar, porque o internacionalismo desportivo que tão felizmente se desenvolve ao nosso redor, baseia-se no sentido de rivalidade e no espírito de emulação, e de modo algum sobre essa espécie de cosmopolitismo e de amor à humanidade cujo advento é menosprezado por alguns políticos. Nessas condições, por mais populares que sejam as competições, mais decididamente intolerável há de lhe parecer às pessoas que terão de suportar a ingerência estrangeira na administração dos esportes nacionais. Isso se

aplica ao princípio da própria instituição, à margem de todas as dificuldades, quase insuperáveis, que se opõe a execução de um projeto semelhante. Quiçá no futuro se tente fazer assim; estamos convencidos que terminará num grande fracasso. A época que está amanhecendo é muito mais uma era de “acordos comerciais” aplicadas ao esporte. Cabe as federações se aproximarem umas das outras, estabelecer convênios que facilitem as competições, cujas cláusulas, por outro lado, possam ser publicadas em ocasião oportuna, ou modificadas segundo as necessidades do momento. Esse é o objetivo que temos de perseguir, juntamente com uma razoável unificação dos regulamentos dos jogos e das provas.

O Comitê Olímpico Internacional ao qual devem se dirigir para tanto ficaria feliz em poder ajudar para essa benéfica unificação. Por isso tomou a iniciativa de convocar um congresso que foi inicialmente proposto para 1903 e que logo, com a autorização de S.M. o rei Leopoldo, presidente de honra desse congresso, proposto para 1905, de modo que coincidisse com a exposição de Liège e permitisse usar as experiências as quais dão lugar os Jogos Olímpicos de Saint Louis em 1904. Se o Comitê Olímpico acreditou poder entrar por esse caminho, isso se deve precisamente a seu caráter neutro, e porque toma muito cuidado com qualquer ingerência nos assuntos das diferentes federações, cuja participação é necessária para o êxito de um empreendimento semelhante. De antemão tem declinado, e o continuará fazendo, de qualquer responsabilidade sobre os resultados, mínimos ou consideráveis, que venham ser alcançados.

Assim pois, desde o nosso ponto de vista, não há nada para modificar no atual estado das coisas. O Comitê Olímpico Internacional deve seguir se mantendo nos limites que se impõem com uma prudente descrição. Isso quer dizer, no entanto, que não há que se fazer nada para complementar e aperfeiçoar a organização Olímpica? Não é essa em absoluto nossa ideia. Aos membros do Comitê lhes cabe uma tarefa considerável, mas compete a cada um cumpri-la segundo as facilidades que dispoña e a situação que se encontre.

Os membros do Comitê tampouco são delegados das federações desportivas de seus países na instituição Olímpica; pelo contrário, são os representantes dessa instituição diante das federações de seus países; de certa forma são seus embaixadores. Para ter a primeira qualidade seria necessário que as diferentes federações de um mesmo país estivessem de acordo em nomear um único delegado, coisa que na maior parte dos países se torna impossível. Muitos esportes vivem afastados um dos outros e se ignoram por completo; outros têm ciúmes e brigam entre si; por fim, acontece que um mesmo esporte pode ser regido por várias federações rivais. Como coordenar tantas forças e eleger uma delegação única? Por outro lado, não é seguro que essa inversão de papéis seja vantajosa e favoreça o êxito dos Jogos Olímpicos. Até agora, para fazer com que a obra prospere, acreditamos que os membros do Comitê Internacional se encontrarão numa situação melhor considerando-se como seus representantes diante das federações esportivas do que colocando-se posição inversa.

Que deveres lhes impõem sua missão? O primeiro consiste em manter relações frequentes e próximas com os centros que dirigem o movimento esportivo em seus próprios países. Precisamente por representar uma instituição que não está vinculada a nenhum grupo, que nem mesmo preconiza nenhuma forma de esporte frente à outra, lhes é fácil viver se entendendo bem com todo o mundo e procurar as simpa-

Confidentielle.

8 avril 1912.

Monsieur et cher collègue,

Vous savez que, dans sa réunion de Budapest, le Comité International olympique a décidé de convoquer à Paris au printemps de 1914 à l'occasion du vingtième anniversaire du rétablissement des Jeux olympiques un congrès international des Comités olympiques nationaux en vue d'arrêter, conformément au vœu général, le programme obligatoire et définitif des Olympiades futures.

La commission désignée, désignée par le Comité International pour préparer le règlement dudit congrès, s'est assemblée ces jours-ci à Bâle et elle a pensé qu'il était opportun de vous renseigner l'urgence de constituer dans votre pays si ce n'est déjà fait – ou de rendre au moins s'il n'était que provisoire – un Comité olympique national dans lequel il est évidemment désirable que soient représentées, directement ou indirectement, les principales fédérations ou sociétés sportives du pays.

Tout naturellement dans cette occasion de vous recommander de travailler ainsi avec nous en vue du grand congrès de 1914 qui sera véritablement le couronnement de l'œuvre accomplie depuis sa fondation par le Comité International.

Veuillez agréer, Monsieur et cher collègue, l'expression de nos meilleures sentiments.

*Pierre de Coubertin, Eugène Brunetta d'Usseaux,
Godefroy de Blonay, W. M. Sloane, R. C. de Courcy Laffan,
F. W. de Tuyl, C. de Venningen*

**Circular de Coubertin
aos membros do COI,
apelando para o estabe-
lecimento de Comitês
Nacionais permanentes.
8 de abril de 1912.
(Arquivos do COI)**

Confidencial

8 de abril de 1912

Estimado Senhor e colega,

Você sabe que, durante sua reunião em Budapeste, o Comitê Olímpico Internacional decidiu convocar em Paris durante a primavera de 1914, por ocasião do vigésimo aniversário do restabelecimento dos Jogos Olímpicos, um congresso internacional para Comitês Olímpicos Nacionais com o objetivo de redigir, em conformidade com a vontade geral, o programa obrigatório e definitivo das futuras Olimpíadas.

A Comissão abaixo assinada, designada pelo Comitê Olímpico Internacional para preparar as regras do referido congresso, reuniu-se recentemente em Basiléia, e pensou que seria oportuno lembrá-lo da necessidade de constituir em seu país, se já não o tenha feito – ou de torná-lo permanente em vez de ser somente esporádico – um Comitê Olímpico Nacional, no qual evidentemente é desejável que estejam representadas, direta ou indiretamente, as principais federações ou associações desportivas do país.

Gostaríamos, portanto, de aproveitar a oportunidade para recomendar-lhe trabalhar conosco para o êxito do grande congresso de 1914, que será efetivamente o coroamento do trabalho realizado desde a fundação do Comitê Internacional.

Atenciosamente, estimado Senhor e colega, com nossas melhores saudações.

Pierre de Coubertin, Eugène Brunetta d'Usseaux, Godefroy de Blonay, W.M. Sloane, R.C. de Courcy Laffan, F.W. de Tuyl, C. de Venningen

tias gerais para a obra comum. Para isso – e este é seu segundo e não menos sério dever – convém que tenham entendido profundamente o espírito dessa obra, seu objetivo e seu alcance, que vejam nos Jogos quadrianuais, solenemente celebrados a cada vez nas principais cidades do mundo, o coroamento lógico e útil da grande corrente de renascimento físico produzida no século XIX e que deve se completar e aperfeiçoar no século XX. Assim, os membros do Comitê Internacional podem ser hábeis advogados do Olimpismo para quem os escutam.

No entanto, podem ser capazes de mais, e aqui entra o lado prático de sua missão. Para que os Jogos alcancem o grau de valor técnico que devem ter, é preciso que cada país se acostume a enviar seus melhores homens. Então, as distâncias podem ser longas e caras, não somente para os europeus quando as provas se realizem em Saint Louis, mas para todo mundo quando aconteçam em Atenas ou em Roma. É importante conseguir em cada país apoio financeiro e moral dos governos, o patrocínio das autoridades, subvenções dos poderes públicos e, sobretudo, interessantes e sérias provas eliminatórias... Acreditamos que chegará um dia em que as provas eliminatórias para as Olimpíadas serão as mais importantes para cada nação. É desejável que se organizem desde já e não necessitem uma constante aprovação das federações. Para designar a seus representantes, os nadadores não têm nenhuma necessidade de entrarem em acordo com os corredores, mas é preciso sim que o façam entre eles e se preparem a tempo. Isto implica toda uma série de questões que não são vitais, por assim dizer, mas fornecendo respostas para elas contribuirão muito para o sucesso dos Jogos.

Os membros do Comitê Internacional que se dedicam a esta tarefa têm geralmente experimentado a necessidade de serem ajudados por zelosos colaboradores, assim foram constituídos Comitês Olímpicos Nacionais em diversos países. Essa fundação é excelente e responde desde todos os pontos de vista às necessidades atuais. Mas pensamos que, para tornar uma tarefa eficaz, os comitês nacionais, do mesmo modo que o Comitê Internacional, não devem ser uma emanção das principais federações ou associações desportivas do país e, via de regra, devem se manter cuidadosamente à margem das lutas intestinas que existem em maior ou menor medida em todas as partes. Assim pois, devem ser compostas por personalidades competentes, ilibadas e alheias a qualquer grupelho.

É muito vantajoso que esses comitês sejam permanentes, de modo que possam se reunir cada vez que o considerem necessário, inclusive durante o intervalo das Olimpíadas; mas essas reuniões não têm por que ser longas ou frequentes. Não caberia insistir muito no perigo que existe em que um Comitê Olímpico Nacional se transforme num mecanismo básico e diretor da atividade esportiva de um país. Disso derivariam necessariamente situações de discórdia, pois as federações não poderiam ver com bons olhos semelhante usurpação de suas prerrogativas. A tarefa do comitê nacional consiste em ajuda-las e em facilitar a participação de seus representantes nos Jogos Olímpicos.

Toda obra Olímpica se baseia verdadeiramente na concórdia. Desde o maior ao menor, trabalhar para ela consiste em apagar as lembranças de conflitos anteriores, ou impedir que se produzam novos conflitos. Qualquer forma de exercício é admitida nos Jogos, e não deve se privilegiar nenhuma em detrimento de outras. Se todos os que participam da organização Olímpica estão fortemente imbuídos da

ideia de que a concórdia em tudo é o melhor meio para alcançar seu objetivo, seus esforços serão prontamente coroados de êxito. Os Jogos não podem fazer sombra a ninguém; devem ser ocasião de emulação geral, e uma perspectiva gloriosa para os aficionados aos prêmios.

Desde nosso ponto de vista, essas são as bases que resultam desejáveis para complementar a organização Olímpica, de modo que os jogos modernos alcancem o brilho e o valor que os façam dignos de seu ilustre passado.

“L'organisation Olympique”, em:
Revue Olympique,
julho de 1903, pp. 35-38.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

6.1/3 O SINDICALISMO DESPORTIVO

Com essas explicações fica demonstrado em que medida Coubertin enfrentou, desde o início, um uso interessado dos desportistas e como tratou de garantir sua liberdade frente aos excessivamente poderosos aparatos organizacionais. A atualidade dessas explicações não necessita ser destacada expressamente, mas sim o fato de que este texto fora publicado em janeiro de 1907. O texto mostra por parte de Coubertin um modo de observação bastante distanciado e crítico da organização esportiva criada e dirigida por ele mesmo. O pedagogo Coubertin nunca deixou que o funcionário desportivo Coubertin o corrompesse.

Estamos na época das grandes partidas de futebol e dos salões de automóvel. Todo mundo fala disso e, mais do que repetir o que já se disse, preferimos dedicar nossa crônica a um rápido estudo de um fenômeno singular que se propaga entre os esportes em diversos países. Caberia dar a esse fenômeno um nome muito apropriado, ainda que procedente da linguagem política: poderia chamar-se o sindicalismo esportivo. Na verdade, a mania do sindicalismo penetra desde a vida política na vida esportiva.

Por que se produz essa penetração? Por necessidade ou por analogia? Aqui seria difícil explicar de que tipo de necessidade se trata. Não se deve perder de vista, efetivamente, que a política sindical está em maior ou menor medida construída sobre a luta de classes, que é uma luta pela vida. Para certos economistas, a luta de classes é uma lei inexorável; para outros, uma tática lamentável. Em qualquer caso, ninguém pode negar sua existência atual; isso é claro. O sindicalismo devia surgir da luta de classes. Entretanto, que tipo de discórdia existe no esporte? Onde estão os interesses contrários? Por que teriam que lutar? Não existe, realmente, nenhuma necessidade e, no entanto, a tendência ao sindicalismo está muito presente e se acentua. Enquanto os pequenos grupos buscam uns aos outros, como se um mal-estar interno os impelisse a se unir, a se aliarem contra um perigo invisível, as alianças já formadas se apressam a estreitar todos os seus vínculos. Levantam barricadas de regulamentos e projetam labirintos de proibições. Tudo isso não se faz com o objetivo de facilitar os encontros de *“sportsman”*, nem de aplainar as inevitáveis divergências; em absoluto; se faz sobretudo com o objetivo de perturbar os independentes para forçá-los a se unir à coalizão ou a desaparecer deixando diante de si um espaço vazio. E cabe ver, por exemplo,

esse despropósito: uma federação que pretende incentivar a prática do futebol e que proíbe, em todos os campos que pode indiretamente dispor, uma partida determinada porque os membros pertencem a clubes que não estão entre seus afiliados. Trata-se de um tipo de costume que há dez anos nos teria deixado perplexos, mas que tende a se transformar em algo habitual em alguns grandes países.

Isso vai de mãos dadas com outro sintoma sindicalista: o aumento de um tipo de gente que torna sua profissão de “governar”, de “administrar” as associações esportivas, e que de fato cumpre essa tarefa, sem que haja em seus atos nenhum outro motivo que o interesse pessoal. Não são “*sportsman*”; frequentemente sua incompetência é total, e não têm nem o gosto, nem o hábito do exercício. Em qualquer caso, o espírito esportivo lhes é estranho; não o possuem, nem o compreendem. Tratam simplesmente de se fazerem importantes e de preparar para si escadas cujos degraus podem subir. Todos esses cultivadores do sindicalismo voltam naturalmente seu olhar para os poderes públicos, dos quais esperam subvenções e, sobretudo condecorações, nos lugares onde se as concedem.

Sua força procede da repugnância que sente o “*sportsman*” na hora de dedicar-se à papelada. Esta se deixa suprir com gosto pelo administrador que se oferece a pegar a caneta em seu lugar e, a partir desse momento, carece de energia para reagir contra a crescente invasão desse personagem. Assim, se deixa arrastar a contragosto por um caminho desastroso. Termina por ter o administrador a seu serviço e por estar ele mesmo a serviço daquele. Pouco a pouco o administrador se torna um empreendedor e o patrão cujo empregado é o “*sportsman*”.

A pior consequência desse estado das coisas é que este perde pouco a pouco sua independência, não só a independência do gesto esportivo, mas também do instinto que o impulsiona a realizá-lo. Transforma-se num autômato. Embora seu esforço não proceda da ordem do administrador, deriva sim ao menos de sua sugestão. Tudo o que o atletismo tem de espontâneo, de venturoso e arrojado, desaparece: a natureza foge diante do cálculo. E no clube esportivo se produz pouco a pouco o mesmo que no colégio. Quantos professores têm a tendência – por mais compreensível em até certo ponto, desculpável – a se ocupar somente com os alunos privilegiados e a esquecer o restante da classe. Os melhores, os que têm possibilidades de triunfar nos exames são objeto de todas as atenções do professor; os encoraja e os incentiva a conquistar prêmios, diplomas, primeiros lugares, menções honrosas, numa palavra, a todas as distinções que esses jovens podem conquistar; do restante se desinteressa do fundo do seu coração. O clube esportivo sindicalizado oferece um aspecto semelhante. Pelos possíveis campeões e futuros campeões, os administradores estão dispostos a fazer grandes sacrifícios; pelos demais tem um coração de pedra e se limitam às medidas estritamente necessárias para retê-los dentro do clube, pois representam número e cotas.

Em suma, o sindicalismo esportivo desemboca tanto nos clubes, quanto nas federações, no intento de reunir o maior número possível de membros inativos que pagam diante de um pequeno número de atletas de renome, cuja atividade se monopoliza em benefício do clube.

Como lutar contra um estado de coisas tão nefasto e tão antiesportivo? A resposta é bem simples: expulsando os mercadores do templo, ou seja, nesse caso, apartando do clube ou da federação os burocratas e eliminando sua papelada. Mas isso é mais fácil de dizer do que de fazer. Temos enfatizado há pouco como o “*sportsman*”, em

sua negligência mental, se deixava dominar facilmente pelo administrador, em cujas mãos abandonava a direção dos assuntos do clube ou da federação. Não se pode contar com as poucas exceções que às vezes aparecem quando se encontram antigos desportistas que se dedicam por devoção a essa tarefa e nela perseveram. Em geral, a invasão acontecerá enquanto a causa subsistir. Para fazer bem as coisas, seria necessário suprimir a papelada, único meio de eliminar os que vivem dela e cuja tendência e interesse consistem em multiplicá-la. Portanto, é preciso ampliar os regulamentos, destruir uma boa parte deles e conceber o restante de maneira mais liberal, preservado sempre a independência do “*sportsman*” em relação ao clube e a do clube em relação à federação em todas as circunstâncias em que for possível. Seria necessário limitar estritamente o número de provas, diminuir o valor dos prêmios e, nos assuntos de amadorismo e de qualificação, substituir a enquete pelo juramento. Por último, seria sobretudo necessário – como já ocorre na Inglaterra –, que os juízos em matéria de pleitos ou de aplicação do regulamento estivessem a cargo de comitês absolutamente independentes, compostos por antigos “*sportsman*” e incapazes de se deixar influenciar por qualquer tipo de camaradagem.

Seria preciso tudo isso. Mas não é esperar muito? No entanto, a reforma deve ser feita ou o esporte perecerá; e está muito vivo para morrer. Algum dia encontrará em si mesmo a força para eliminar os micróbios que o consomem. De todos os perigos, o sindicalista é o mais ameaçador. Talvez na antiguidade já existisse, mas a ausência da imprensa e a lentidão das comunicações não permitiam que se desenvolvesse como acontece em nossos dias.

“*Le syndicalisme sportif*”, em:
Revue Olympique,
janeiro de 1907, pp. 202-205.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

6.1/4 O PAPEL DAS FEDERAÇÕES

Após condenar o “sindicalismo” no esporte, Coubertin explica neste texto o papel que deveriam desempenhar as federações enquanto representantes dos atletas e dos clubes. Propõe uma estrutura que poderia corresponder a esta tarefa. Segundo sua opinião, a estrutura administrativa dentro das federações é muito pesada, o que restringe a liberdade dos esportistas.

Com muitas federações desportivas aconteceu o mesmo que a muitos governos. Produziu-se uma mudança na concepção de seu papel. Da mesma forma que a noção de Estado-servidor tem sido substituída aqui pelo Estado-ídolo, assim a federação esportiva passou a ter seu papel utilitário ao tornar-se dominadora, de ter um papel de secretariado e outro de polícia. Preocupa-se menos em incentivar do que em ordenar e proibir. Mostrar seu poder parece ser a última palavra das preocupações de seus dirigentes. Ao dizer isso, nós estamos levando as coisas ao extremo. Certamente existem graus, mas em muitos países as federações caminham para esse objetivo repugnante e algumas quase o alcançaram. A Inglaterra é o único lugar que tem até hoje resistido seriamente a esse contágio.

A primeira e mais necessária tarefa de uma federação esportiva consiste em organizar-se juridicamente. Esta deve ser, com efeito, por sua vez, um conselho de Estado, uma corte de apelação e um tribunal que coloque fim aos conflitos. A ela cabe manter os regulamentos, interpretá-los e, em última instância, julgar, ratificar ou anular as exclusões, intervir entre as associações e impor a paz nos conflitos coletivos. Pois bem, se há uma qualidade que deva ter o aparato jurídico, esta é, sem dúvida, a independência. Nesse caso, a independência é conquistada pela constituição no interior da federação de um conselho jurídico do qual não podem tomar parte nenhum dos que pertencem ativamente a qualquer das agremiações cujos interesses estejam em jogo. Tem de ser composto por antigos “*sportsman*”, homens maduros e com suficiente experiência. A federação pode colocar em suas mãos seu próprio recrutamento, ou fazê-lo ela mesma, sob a condição de nomeá-los por determinado tempo, ao menos de três a cinco anos. Uma organização similar existe nos países anglo-saxões, mas ainda é muito rara em outro lugar. Contudo, qualquer um que reflita sobre esse assunto percebe claramente a absoluta necessidade de recorrer a esse procedimento, por menor que seja a preocupação com uma justiça mais básica. Como admitir que sejam os delegados das associações, juízes e parte ao mesmo tempo, os que avaliam a equidade das medidas que dizem respeito diretamente os seus camaradas e as suas associações?

Quem estabelecerá os regulamentos por cuja estrita e leal aplicação deve velar um conselho jurídico? Será um comitê administrativo composto por representantes de determinado número de associações? Dizemos “determinado número”, pois o pleno direito exige que todos estejam representados; mas como conseguir isso? Se a sede da federação encontra-se na capital, as associações que estão localizadas em outra parte do país terão as maiores dificuldades para estar diretamente representadas; para que seu voto não se perca, elegerão qualquer mandatário, em geral pouco informado de seus assuntos e exposto em maior ou menor medida a servir a uns interesses, senão adversos, pelo menos muitos distintos dos seus. Em determinadas federações existem personagens ambíguos, que para fazer parte do comitê se oferecem para “representar” as associações distantes que só conhecem por correspondência. Isso não deixa de lembrar em certo sentido os famosos “burgos corruptos” do antigo parlamentarismo britânico. Tudo isso está cheio de inconvenientes, e não se vê para que serve quando existe esse admirável instrumento de consulta chamado *referendum*. A política ainda não sabe usá-lo – nem sequer na Suíça – porque se empenha em dirigir o indivíduo em vez de fazer intervir nas agremiações de primeiro grau formadas por este. No esporte essas agremiações são as associações. O *referendum* será de pleno direito se os estatutos definem que determinado número de associações se coloca de acordo para *propor* qualquer incorporação ou modificação do regulamento. Do *referendum* se encarregará o secretário geral da federação, um funcionário contratado conhecedor dos meios esportivos, mas sem interesses pessoais neles. Toda a parte administrativa deve repousar nele; é a chave mestra, e se a papelada for convenientemente reduzida, deve ser suficiente para o trabalho geral, realizado com a supervisão de três a cinco comissários, nomeados por um ano e por sorteio a partir de uma lista elaborada pelas associações, um dos quais deve se encarregar do serviço de tesouraria.

Um conselho jurídico, o *referendum*, o secretário geral e os supervisores são todos os mecanismos necessários para uma boa federação esportiva. Tudo o mais é supérfluo. E nos dirão: o que você faz com a organização dos campeonatos? Meu Deus, poderíamos responder que não faremos nada. Muitos campeonatos entre as federações e internacionais têm uma razão de ser e um interesse; muitos campeonatos puramente federativos nos parecem ter uma preparação difícil e resultados pouco precisos, tendo em vista o número de associações que participam. Somente são aceitáveis em todos os casos e em países de certa extensão com a condição de trocar de sede a cada ano. Em tal caso, não cabe prever uma comissão permanente que se encarregue disso: quem deve fazê-lo são as associações da região designadas para esse ano, segundo seus meios e de acordo com os regulamentos da federação. Isso acontece assim, especialmente na França, com as festas federativas de ginástica, e é inegável que esse princípio, o único racional e normal, tem contribuído muito para o desenvolvimento homogêneo e regular das associações francesas de ginástica.

Tudo o que propomos aqui se aplica, claro, às federações que caberiam denominar de pleno exercício, e somente a elas. Existem outras que poderiam se chamar federações de fomento; criadas prematuramente e mais com a ideia de organizar um movimento favorável aos esportes em geral, ou a um esporte em particular, que necessitam mostrar uma fachada; lhes faz falta proteção e centralização. Membros de honra e membros honorários, uma hierarquia de presidentes e vice-presidentes e, ao mesmo tempo, um governo forte e muito coerente lhes permite chamar a atenção e criar sólidos mecanismos necessários para seu funcionamento posterior. Mas não há que se ocupar com casos desse tipo, porque são absolutamente passageiros. Das duas possibilidades uma acontecerá: ou bem se chega ao êxito e a federação termina logo com esse período delicado, ou então se produz um estancamento, que nesse caso equivale ao fracasso. Não podemos considerar as federações de fomento ou de promoção, a não ser somente aquelas que têm mecanismos definitivos e estão a caminho de prosperar. Se essas demoram na conservação de algumas instituições apropriadas talvez para começar, mas não em seu estado atual, é totalmente possível que surja esse sindicalismo esportivo cuja natureza podre analisava justamente num dos números anteriores dessa revista. E como primeira consequência, em lugar de um livre intercâmbio, que é a lei geral indispensável das agremiações verdadeiramente imbuídas de bom espírito esportivo, aparece uma política protecionista com todo seu cortejo de regulamentações, proibições, sumários, caracterizados pela mesquinhez das concepções e a sistemática oposição dos procedimentos.

“*Le rôle des fédérations*” em:
Revue Olympique,
março de 1907, p. 231-234.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

6.1/5 CARTA AOS MEMBROS DO COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL (FEVEREIRO DE 1920)

A circular oficial de Coubertin aos membros do COI demonstra o que para muito era a situação confusa do ano de 1920. Antes e depois dos Jogos Olímpicos da Antuérpia produziu-se uma inquietação geral entre as federações, como Coubertin apontou em suas *Memórias Olímpicas*. Produziram-se sérias disputas de competências entre o COI e as federações internacionais desportivas criadas até o momento. Por isso, Coubertin se ocupa numa circular de fevereiro de 1920 da nova organização do movimento Olímpico, propondo pela primeira vez a realização de campeonatos classificatórios regionais e uma unificação da estrutura dos Comitês Olímpicos Nacionais.

Prezado colega:

Nosso comitê se reunirá na Antuérpia durante os Jogos da VII^a. Olimpíada. As sessões acontecerão na prefeitura, de acordo com o convite do prefeito municipal e os políticos da ilustre cidade. Provavelmente acontecerão entre 17 e 27 de agosto. Definiremos as datas o mais rápido possível, mas desde já quero chamar sua atenção sobre a extrema importância desta sessão.

I

Em primeiro lugar, nos ocuparemos de um grande número de temas relacionados com o funcionamento e a melhora do andamento da engrenagem Olímpica. Será preciso, se não fixar a sede da VIII Olimpíada (1924), ao menos examinar e apreciar o valor das diferentes candidaturas apresentadas. É possível que façamos uma proposição com o objetivo de associar, de modo permanente, a organização dos Campeonatos Mundiais com a celebração dos Jogos Olímpicos. A autorização que você deu ao Comitê belga é somente provisória. Se os interessados aceitam os resultados do julgamento, será necessário, desde já, acertar com cuidado e precisão os detalhes do acordo entre as partes.

Além disso, a questão das provas eliminatórias, que, embora sejam da incumbência dos Comitês Nacionais, sempre nos tem preocupado, fez surgir uma ideia engenhosa, segundo o modelo americano. Tratar-se-ia de dividir o mundo em “regiões Olímpicas” como Inglaterra, Bélgica e França; Dinamarca, Noruega e Suécia; Canadá e Estados Unidos; Argentina, Chile, Brasil e Uruguai; etc.; regiões cujos Comitês se entenderiam para realizar, com recursos próprios, suas respectivas eliminatórias e associar depois seus esforços a fim de transportar os atletas. Trabalhando assim haveria vantagens consideráveis. Como o custo do transporte aumentou muito (sem que se possa prever, ao menos a curto prazo, a volta às tarifas anteriores), o princípio da cooperação vai ter em termos Olímpicos uma feliz aplicação. Resta saber se tecnicamente os detalhes do projeto seriam difíceis de coordenar. Ignoro se seus promotores têm considerado outros pontos de vista, além dos cortes que se deve realizar, em todo caso, isso é digno de se levar em conta. Será bem recebido qualquer sistema que permita aos Comitês Nacionais depender menos no futuro das subvenções que agora, pois em quase todos os países, se vem obrigados a reclamar aos poderes públicos. Essas subvenções esporádicas, desigual e tardiamente concedidas,

parecem algumas vezes excessivas à opinião pública, sendo em realidade insuficientes. Aqueles que não são esportistas imaginam que o princípio é incompatível com as leis do amadorismo e concluem que a realização de uma Olimpíada supõe gastos exagerados; são erros que é necessário não deixar que se propaguem.

Do mesmo modo deveremos estudar a constituição e o funcionamento dos Comitês Olímpicos Nacionais, bem como a natureza dos laços que os unem ao Comitê Internacional. Sem subtrair nada à independência dos Comitês Nacionais, que deve permanecer íntegra, se lhes poderia sugerir, talvez, um pouco mais de uniformidade em sua forma de se constituir. Se alguns estão conformes à lógica e ao espírito prático, existem outros em cuja formação parece que a cooperação entre os diferentes esportes não tem sido suficientemente estudada.

Isso nos leva à questão das Federações Internacionais, com as quais desejamos caminhar em perfeita harmonia. É justo que as provas dos Jogos Olímpicos aconteçam conforme seus regulamentos e sejam julgadas, na medida do possível, por seus representantes. Mas, para isso, é preciso que os exageros da política ou os ódios do momento não as conduzam para exigências não razoáveis, como aconteceu recentemente no caso de uma delas.

II

Ao lado desses problemas especiais estão os mais gerais, cujo estudo cabe mais exclusivamente a nós. O Olimpismo moderno, separado do seu glorioso antepassado por tantos séculos de indiferença muscular, se desenvolve, no entanto, de uma maneira semelhante, passando pelas mesmas etapas.

À medida que os grandes Jogos periódicos, que eram como as assembleias do atletismo, ganhavam em importância e esplendor, também a instituição local, destinada a alimentar a chama, progredia por sua vez. Em todas as partes, o ginásio municipal havia recebido como missão facilitar o treinamento da juventude e difundir os princípios da pedagogia esportiva. Ali, num quadro que a Arte embelezava, com os melhores recursos da cidade, tinha, de certo modo, seu centro a vida cívica. O Pensamento se associava à Força, e os esforços do adolescente e do adulto recebiam o apoio dos mais velhos. Autêntico templo da primavera humana, o ginásio era, ao mesmo tempo, uma das células primordiais da atividade democrática.

A restauração do ginásio não parecia útil até quando comecei a preconizá-la há quase dez anos. Mais adiante não será suficiente que os municípios de boa vontade coloquem a disposição das associações ginásticas e esportivas existentes alguns terrenos ou salas. É necessário algo mais. É necessário que construam edifícios adequados para a realização do programa, cuja fórmula, que já lhes apresentei no ano passado, foi acolhida por vocês com tanto entusiasmo: “todos os esportes, todas as nações”. Não se trata de educação física; deixemos para as autoridades escolares a preocupação de realizá-la. Trata-se do prazer físico intensivo, necessário ao equilíbrio do adulto, e que somente os esportes proporcionam de maneira saudável. Esse é o preço da saúde pública, o preço da vitória sobre o alcoolismo e o preço da paz social.

O Instituto Olímpico de Lausanne ficou encarregado de preparar os caminhos para essas reformas. Cabe agora ao Comitê Internacional o papel de lhe dar um impulso vigoroso.

Quatro presidentes do COI diante do Cassino de Montbenon em Lausanne. Da esquerda para a direita: Siegfried Edström (SWE), Pierre de Coubertin (FRA), o conde Baillet-Latour (BEL) e o Barão de Blonay (SUI). (Arquivos do COI)



III

O ano de 1921 oferece a oportunidade de fazer progredir ao mesmo tempo esses dois tipos de questões: as especiais e técnicas e as gerais e sociais. Foi convocado, neste ano em Lausanne, um duplo congresso destinado a estudá-las. Em 22 de dezembro passado reuniram-se na prefeitura de Lausanne os representantes do Conselho do Estado e do grande Conselho de Vaud, os do município de Lausanne, o reitor da Universidade e os presidentes das associações locais, para decidir as primeiras medidas a tomar; a nós, em Antuérpia, nos incumbe a elaboração dos programas dos congressos e da convocação destinada aos que devem participar.

Por essas indicações superficiais você verá que não estou equivocado ao considerar como excepcionalmente importante nossa sessão de 1920. Se existe algum outro tema cuja discussão você gostaria de ver inscrita na ordem do dia, lhe agradeceria que informasse o mais rápido possível a Secretaria.

Aproveito a ocasião para lhe informar que o conselheiro sênior Jiri Guth (um dos quatro que exercem o mandato Olímpico entre nós, há quase vinte e seis anos) aceitou suceder definitivamente nosso amigo Eugene Brunetta d'Usseaux na qualidade de secretário de nossas sessões.

Receba, caro colega, minhas saudações cordiais.

Pierre Coubertin

Editado pelo autor:
Impresso especial.
(Arquivos do COI)

6.1/6 PLANEJAMENTO ECONÔMICO DA IVª OLIMPIÁDA EM ROMA

Dentro dos problemas da organização Olímpica tratados por Coubertin, o texto seguinte ocupa um lugar especial. Nele, Coubertin tentou enumerar os possíveis problemas econômicos e de organização na hora realizar os Jogos Olímpicos. Trata-se de um informativo que Coubertin redigiu em final de 1905 como argumento contra as reservas que surgiram em Roma contra a realização dos Jogos de 1908. Deveria dissipar os receios dos organizadores romanos, que para Coubertin eram mínimos. O trabalho não apareceu impresso, pois foi unicamente copiado para seu uso interno. A enumeração tão exata, não só dos custos, demonstra a boa visão administrativa de Coubertin. O texto inclui, além disso, uma cronologia da história da planejada “Olimpiada romana”, que completa as teses históricas.

Em várias oportunidades surgiram certas dúvidas e inquietações nos Círculos italianos sobre a organização dos próximos Jogos Olímpicos que devem ser realizados em Roma em 1908. Acredito poder ajudar aos organizadores desse ato solene esperado por todo mundo redigindo um Memorando no qual me propus resolver o seguinte problema: diante dos recursos que Roma dispõe, quais são os meios necessários para garantir, nas condições mais vantajosas para a cidade e mais satisfatórias para a instituição Olímpica, a realização dos Jogos de 1908.

HISTÓRIA

Em 24 de março de 1903, o senhor Todaro, na qualidade de presidente da *Federazione Gimnastica Italiana*, me fez chegar a petição oficial formulada por essa Federação para que Roma fosse escolhida sede da IVª. Olimpíada. Creio que a ideia havia sido lançada pelo zeloso Secretário Geral da Federação, o Sr. F. Ballerini, e o Conselho havia aceito em sua sessão de 14 de março anterior, encarregando ao escritório que realizasse os trâmites necessários. Parecia que os ginastas italianos estavam muito entusiasmados com a ideia de realizar essa solenidade em 1908, e a carta do senador Todaro refletia isso. A reflexão se transformou depois dessas disposições. É verdade que a tarefa de organizar uma Olimpíada não cabe somente a uma Federação, por mais poderosa que seja, porque, quando se trata de competições nas quais concorrem todas as formas de esporte, não só os ginastas devem ter espaço. A *Federazione Gimnastica Italiana* ficou apavorada diante de um trabalho tão pesado e diante das responsabilidades que dele são derivadas, e se retirou com o pretexto de que o município de Roma negava seu patrocínio. Hoje esse patrocínio é do Imperador. Mas não é menos certo que sobre ele recai a honra de uma iniciativa que tem dado frutos. De fato, no início de 1904 foi constituído um Comitê composto pelos representantes mais qualificados de todas as grandes Associações esportivas da Itália para realizar o projeto concebido pela *Federazione Gimnastica Italiana*. O Comitê realizou várias sessões no Grande Hotel de Roma e, quando outras cidades também o postularam, encarregou o Conde E. Brunetta d'Usseaux que propusera ao Comitê Olímpico Internacional a escolha de Roma como sede da IVª. Olimpíada de 1908. Avisado dessa decisão pelo Conde E. Brunetta d'Usseaux e me lembrando de que o que havia levado ao senador Todaro a retirar a petição formulada em nome da *Federazione Gimnastica Italiana* fora a recu-

sa da municipalidade romana em patrocinar a empresa, escrevi ao prefeito de Roma para saber se as disposições do município seguiam sendo as mesmas; em tal caso, nos teria sido, efetivamente, difícil acolher a petição do Comitê italiano. No dia 10 de março de 1904 recebi como resposta, por meio do Príncipe Colonna, então prefeito de Roma, que, na sessão de 27 de fevereiro, a Junta Comunal se “alegrava em poder dar o patrocínio da administração municipal para a genial e fecunda iniciativa” de organizar em Roma os Jogos de 1908. Pouco depois, o Príncipe Colonna aceitava a presidência do Comitê italiano.

No mês de junho seguinte, o Comitê Olímpico Internacional se reuniu em Londres sob o patrocínio de S.M. o rei da Inglaterra no Palácio de Maison-House, posto à disposição do Comitê pelo Lorde Major. Após uma discussão bastante longa, decidiu-se por unanimidade aceitar a petição da cidade de Roma, apesar das vantagens que oferecia em certos aspectos a escolha de Berlim. Os delegados alemães tiveram a cortesia de retirar no último momento a proposta em favor de Berlim, previamente aceita por S.A.I. o Konprinz, para que a escolha de Roma se fizesse por unanimidade. Esse resultado, imediatamente comunicado a S.E. o Cav. Pansa, Embaixador da Itália em Londres, foi telegrafado por ele a S.M., rei Vittorio Emanuele, o qual se dignou a expressar sua satisfação através de um generoso despacho dirigido ao presidente do Comitê Olímpico Internacional. Igualmente avisada, a municipalidade de Roma expressou ao Comitê sua gratidão e seus melhores desejos.

Lamentavelmente, depois se perdeu muito tempo em discussões infantis; dando a impressão, inclusive, de que certos grupos tentavam colocar obstáculos à organização dos Jogos, e surgiram conflitos de interesse. Estando em Roma no mês de fevereiro tive a dupla certeza de que a realização da IV^a. Olimpíada contava com todas as simpatias, sem distinção de grupos, e por outro lado, de que sua organização material seria muito mais fácil que na maioria das cidades da Europa.

A Municipalidade designou uma Comissão executiva para realizar, juntamente com o Grande Comitê presidido pelo Príncipe Colonna, a tarefa de organizar os Jogos de 1908 com o suficiente brilho. Dirijo a essa Comissão o presente trabalho, que creio ser adequado, se não me engano, para servir-lhe de ponto de partida.

PROGRAMA GERAL

Para estar completo e adequar-se às decisões do Congresso Internacional de Paris (1894), pelo qual se proclamou a restauração dos Jogos Olímpicos, o Programa de uma Olimpíada deve compreender os seguintes exercícios: ginástica – corridas e esportes atléticos –, jogos (futebol, tênis, críquete, polo), tiro, esgrima, boxe, luta, natação, remo, equitação, ciclismo, vela, arco, automobilismo, balonismo, tiro com arco, marcha, alpinismo, caça e pesca. Não deve se ocupar com os esportes no gelo. Se fosse o caso, seria preciso que na IV^a Olimpíada entrassem os jogos de inverno, que seriam seu preâmbulo e poderiam ser realizados, por exemplo, em Turim; mas desde a fundação (1901) dos Jogos Olímpicos do Norte, que são verdadeiras Olimpíadas boreais, já não se tem que tratar de incluir os esportes de inverno no Programa dos Jogos Olímpicos. Vou, portanto, passar em revista a cada um dos

exercícios que acabo de mencionar, indicando, junto com as exigências particulares que trazem consigo, o lugar no qual me parece preferível organizá-los e a quantia de dinheiro que acredito ser útil destinar a cada um. Quero especificar aqui de uma vez por todas que essas quantias foram calculadas por alto, mais que por baixo, do que seria necessário. Pessoalmente tenho organizado muitas vezes provas internacionais sem chegar nunca a cifras semelhantes.

GINÁSTICA

A ginástica não deve ocupar nos Jogos Olímpicos o lugar que tem numa Festa de Federações; a ginástica por equipes, especialmente, somente figura como algo acessório e, se for o caso, poderia ser eliminada, embora isso fosse, não obstante, lamentável e não o poderia aconselhar. Mas creio que convém limitá-la a um Programa de exercícios de conjunto muito simples e aceitável para todas as escolas; cada equipe deveria ser formada, no mínimo, por oito e, no máximo, por doze ginastas. A ginástica individual compreenderia pesos, barra fixa e corda; saltos e rotações constam, na verdade, de outras partes do Programa. Sei que essa classificação e essas ideias parecerão novas e, por conseguinte, resultarão chocantes para muitos ginastas, mas é preciso dar-se conta de que a ginástica representa somente a décima oitava parte de uma Olimpíada moderna. O centro da praça de Siena (Villa Borghese) é indicado para a ginástica e os esportes atléticos, e a pista de grama que a circunda pode ser usada para as corridas. Proponho dedicar 12.000 francos para os arranjos necessários.

CORRIDAS E ESPORTES ATLÉTICOS

As corridas devem considerar as seguintes distâncias: 100 metros, 400 metros, 800 metros, 1.500 metros, 110 metros com obstáculos e 400 metros com obstáculos, ou seja, quatro corridas livres e duas com obstáculos (o termo “barreira” é impróprio, porque em todos os países o obstáculo é uma leve bandeirinha plantada no solo de modo que possa ser facilmente derrubada quando o corredor se chocar com ele). Além disso, é preciso organizar uma corrida com um percurso de 12 a 16 quilômetros; essa prova pode ter a saída e a chegada na praça de Siena, ou então pode ser realizada na região de Tor di Quinto, ou na Via Appia. É preferível adotar distâncias métricas, que praticamente coincidem com as distâncias inglesas, pois os ingleses estão acostumados a correr essas distâncias na França e na Bélgica.

Os esportes atléticos compreenderão: salto em altura, salto em distância, salto com vara (como se sabe, todos esses saltos devem ser feitos sem trampolim), lançamento de peso e de disco.

A soma de 8.000 francos é mais que suficiente para os preparativos. Somada aos 12.000 da ginástica, a cifra dos trabalhos que é preciso fazer na praça de Siena sobe para 20.000 francos.

JOGOS

Os Jogos para serem incluídos no Programa são: futebol (*Rugby Football Association*), críquete, tênis sobre a grama e polo. No futebol e no críquete não é preciso esperar que se apresentem muitas equipes; 4 ou 5 partidas no total; não convém esperar mais. Penso que não é difícil encontrar um lugar para os Jogos na Villa Borghese; se não for assim, poderiam ser realizados, junto com o polo, no Novo Hipódromo. Considero que para o futebol e o críquete 2.000 francos são suficientes, e 3.000 para o polo, que além disso se beneficia com os gastos que forem feitos para as provas de equitação (ver mais adiante). O tênis sobre a grama conta com um marco já existente, o Círculo que está situado fora das muralhas próximo à Porta del Popolo. Compreende dois tipos de provas: simples, para jogadores individuais, e duplas para equipes de dois jogadores: 4.000 francos.

TIRO

As observações que fiz a respeito da ginástica se aplicam inteiramente ao tiro, que tampouco representa mais que a décima oitava parte da Olimpíada. Exclui, portanto, qualquer Festa das Federações no sentido habitual do termo. Quando se realiza uma Festa das Federações na Olimpíada, é preciso fazer isso com uma organização e um orçamento separados. Somente consideramos, portanto, o tiro individual, que deve compreender tiro ao alvo e tiro em movimento. Este último substitui o tiro ao pombo, demasiado caro e que traz consigo necessariamente prêmios em dinheiro. O campeonato de tiro ao alvo pode ser realizado perfeitamente no Polígono de Tor di Quinto. Pode-se organizar facilmente o campo de tiro em movimento na mesma zona. É preciso copiar a instalação, tão simples e completa, da escola de tiro de Malden, próxima de Londres; nada mais fácil. Essa escola maravilhosa não é muito conhecida fora da Inglaterra; como se sabe, os aparelhos baratíssimos que utiliza permitem limitar o voo sucessivo dos alvos mais variados. Para o tiro é preciso contar com uma quantia de 15.000 francos.

ESGRIMA

A esgrima deve constar de um campeonato coletivo de espada para a chamada taça dos “Horácios e Curiáceos”, fundada pelo Sr. W.H. Grenfell (ver mais adiante). Cada Nação tem direito a ser representada por uma equipe de três esgrimistas. Além disso, haverá campeonatos individuais de espada, de sabre, de florete, de bastão e de palio. É possível que destes últimos somente haja dois ou três combates, e inclusive nenhum. Ao contrário, os outros têm um êxito garantido. A organização desse tipo de provas é muito fácil. Não hesito em recomendar que sejam realizadas nas Termas de Caracalla. Não faltam, sem dúvida, lugares apropriados, nem salas adequadas que seria possível utilizar, por exemplo, em caso de mau tempo. Mas me parece que é um bom momento para fazer uma reforma que exige a higiene e que conta com a aprovação da opinião pública, a saber, a transformação da esgrima num esporte ao

ar livre. Por outro lado, após tê-las escolhido mentalmente visitei com mais atenção as Termas de Caracalla, e penso que nenhum concurso de esgrima jamais se realizará em melhores condições, tanto desde o ponto de vista estético, quanto desde o técnico. 6.000 francos permitem realizar este projeto.

BOXE E LUTA

Boxe e luta podem ser realizados no mesmo lugar, com um gasto suplementar de 2.000 francos. O boxe incluiria dois campeonatos, o boxe francês e o inglês. A luta se subdivide em três: luta romana, luta suíça e jiu-jitsu.

NATAÇÃO

As provas de natação devem ser quatro: uma prova de velocidade, outra de meio fundo, outra de fundo e outra de salto. Não é possível fixar previamente de forma absoluta as distâncias dessas provas, porque é preciso considerar as circunstâncias materiais, neste caso a configuração do Tibre no lugar escolhido, e que me parece poderia ser a zona compreendida entre a Ponte Molle e a Ponte Margherita. É preciso calcular uma quantia de 3.000 francos para essas provas.

REMO

Esse mesmo percurso pode servir para as provas de remo que, naturalmente, devem ser quatro, a saber: as clássicas provas de um remador, de dois, de quatro e de oito; caberia acrescentar, como algo acessório, uma prova de canoa leve, outra de canoas canadenses e outra de gôndolas. Calculo 6.000 francos para essas provas.

EQUITAÇÃO

Não se trata aqui de concursos de hipismo, e menos ainda de corridas de cavalos no sentido habitual do termo, mas de uma verdadeira prova de equitação na qual somente será julgado o talento do ginete e não será considerado o cavalo senão para considerar em que medida sua estrutura, seus gestos e sua resistência pressupõem um *handicap* favorável ao ginete. É preciso contar também com um campeonato coletivo. Voltas, saltos de obstáculos, alta escola, e um campeonato coletivo para o trabalho de equipe que deve constar de no mínimo quatro e no máximo oito ginetes. Parece indicado que as provas de equitação sejam realizadas no Novo Hipódromo ou no Tor di Quinto. 18.000 francos serão suficientes para cobrir amplamente as despesas.

CICLISMO

As três corridas de ciclismo: fundo, velocidade e pista são fáceis de organizar, e não é preciso se ocupar muito com elas. Basta uma quantia de 4.000 francos.

VELA E AUTOMOBILISMO

Parece evidente que as corridas de automóveis possam ser realizadas tanto em Milão, quanto de Milão a Roma, e a vela em Nápoles. Ao Automóvel Clube de Itália, por um lado, e ao *Royal Yatch Club* italiano, por outro, cabe toda a organização dessas provas e seu programa financeiro. Proponho que ambas as associações recebam para tal fim uma subvenção de 18.000 francos para a vela, e outra de 21.000 francos para o automobilismo, que os ajudem a dar todo brilho desejável a essas manifestações.

TIRO COM ARCO

Não há nenhuma prova mais fácil de organizar, já que somente necessita comprar os alvos e de uma vasta esplanada. Constitui, por outro lado, um precioso espetáculo e atrai, com toda certeza, ingleses, franceses, belgas e suíços. A Villa Borghese é o local adequado, e é preciso contar com uma quantia de 1.000 francos.

MARCHA

Duas provas de marcha (individuais, claro), uma de 1.000 metros e outra de 20 quilômetros. Não mais de 500 francos. É importante deixar muito claro que se admite a nova inflexão.

CAÇA E PESCA

Propomos conceder também dois prêmios Olímpicos às façanhas de caça e pesca realizadas desde 1 de junho de 1904 que se considerem superiores às demais.

ARTES

É algo acertado, e já anunciado, que, por ocasião da IV^a. Olimpíada, sejam convocados cinco concursos de Arte: Pintura, Escultura, Música e Literatura. Para a impressão do volume ou da peça, bem como para a execução, se possível, da obra musical, e para a exposição das obras de pintura, de escultura e de arquitetura premiadas reservamos uma cifra de 40.000 francos. A constituição dos júris internacionais deverá ser feita o mais breve possível.

ÉPOCA E DURAÇÃO

Para o êxito internacional da Olimpíada é absolutamente indispensável que a maior parte das provas sejam realizadas na Páscoa, durante um período de doze a quinze dias. Em vez disso, as corridas de automobilismo e de balonismo podem ser realizadas antes, e as de vela depois.

REGULAMENTOS

Não convém elaborar regulamentos especiais para os Jogos Olímpicos. É preferível seguir o sistema adotado nas Olimpíadas anteriores, ou seja, indicar após cada prova os regulamentos adotados. Recomendamos particularmente os do *Rowing Club* italiano para o remo; os do *Royal Yacht Club* italiano para a vela; os da *Union des Sociétés Française des Sports Athlétiques* para as corridas e os esportes atléticos e os da *All England Lawn Tennis Association* e do *Manglebun Cricket Club* e da *Rugby Union* para os Jogos; o dos *Aero Club* da França para o balonismo, etc.

PRÊMIOS

Por serem as provas Olímpicas campeonatos, e não *handicaps*, cada prova tem somente um prêmio: num campeonato não há prêmios para o segundo lugar. Por outro lado e devido a motivos sobre os quais é desnecessário insistir, convém que ninguém volte para casa com as mãos vazias. Sugiro, portanto, a criação de três prêmios: 1º. Um diploma a ser entregue a cada um dos participantes mencionando as provas nas quais tenha participado e, eventualmente, dos resultados que obteve; 2º. Uma taça para os campeonatos coletivos; 3º. Uma estatueta para os campeonatos individuais. Esses três objetos de arte deverão ser encomendados a autênticos artistas, que receberão, respectivamente, a quantia de 4.000, 1.500 e 500 francos pela taça; de 4.000, 1.500 e 500 francos pela estatueta, e de 3.000, 1.000 e 500 francos pelo diploma. Cada uma das taças, feitas de acordo com o modelo escolhido, terá um valor material em torno de 300 francos. Do mesmo modo, cada uma das estatuetas terá um valor em torno de 100 francos. Ao terminar os Jogos, placas e moldes deverão ser destruídos, de modo a que os objetos tenham, assim, um considerável valor artístico e histórico. Dessa forma, ficará garantido o desejo que manifestou o congresso de 1894 relativo aos prêmios, os quais deveriam ter um valor intrínseco pequeno e, se possível, um valor artístico uniforme. Convém, no entanto, assinalar que o Sr. W.H. Greenfell, membro da Câmara dos Comuns e amigo pessoal do Rei Edward VII, criou uma taça chamada dos “Horácios e Curiáceos” para um campeonato coletivo de esgrima com espada, e madame de Montgomery um prêmio para o lançamento de disco. A distribuição dos prêmios deverá acontecer, com a devida solenidade, no encerramento dos Jogos no Capitólio.

DECORAÇÃO

As cifras mencionadas para a organização incluem, em geral, a decoração. No entanto, prevejo para tanto um crédito suplementar de 30.000 francos. Os lugares que é preciso decorar são: a praça de Siena, o Círculo de Tênis, o Polígono de Tor di Quinto, as Termas de Caracalla, as margens do Tibre, o Novo Hipódromo... Geralmente, a decoração com mais graça e mais barata é a que não envolve telas e cartonagem, e é composta exclusivamente de guirlandas, folhagens e profusão de bandeiras de todas as Nações artisticamente entrelaçadas. Desse modo, pode-se fazer combinações muito variadas e novas. É evidente que um lugar como as Termas de Caracalla não pode ter outra decoração que maciços de plantas.

Na quadra de tênis cairia perfeitamente bem uma decoração à moda antiga; ali e na Praça de Siena poderia se fazer um esforço para criar uma decoração cuja lembrança permanecesse. Não é preciso erguer em nenhum caso tribunas modernas; na Praça de Siena há belas tribunas naturais que convém diminuir. Eu seria favorável a realizar nestas últimas um concurso com prêmios de 1.000, 800 e 500 francos para a mais bela decoração.

GASTOS COM ESCRITÓRIO, CONVITES, ETC.

Nas Olimpíadas anteriores os gastos com material de escritório atingiram cifras espantosas. A quantia de 10.000 francos prevista para este ponto supera sensivelmente as necessidades. Pessoalmente, eu me encarregaria de fazer tudo com 6.000 ou 7.000 francos. Devem ser assinados e enviados convites oficiais aos governos e as principais federações de cada país através das Embaixadas, Representações e Consulados da Itália a partir da Páscoa de 1907. Em 1906, o Programa preliminar das Provas deve ser enviado a todas as grandes Associações do mundo. É preciso enviar cerca de 8.000 exemplares. A *Revue Olympique* pode se encarregar disso por 2.500 francos.

NOMEAÇÃO DE UM DIRETOR GERAL

Penso que é possível fazer consideráveis economias e conseguir os melhores e mais rápidos resultados se a Direção Geral de todos os trabalhos mencionados for confiada a alguém cuja competência tenha ficado demonstrada, e economista de profissão. A pessoa indicada seria o Sr. Raymond, Secretário Geral do *Racing Club de France*. Não há outro igual no mundo, mas não posso garantir sua presença sem o consultar. Anoto uma quantia de 7.000 francos para o Diretor Geral.

DESPESAS PARA O DESLOCAMENTO

Porque os Jogos Olímpicos não oferecem prêmios em dinheiro, é prudente separar uma quantia de 30.000 francos para as “despesas para o deslocamento” de honra e, especialmente, para uma ajuda de material para os esportes caros, ou para aqueles praticados por Associações mais populares e menos abastadas.

RECAPITULAÇÃO DAS DESPESAS

A recapitulação das despesas previstas no presente Memorial fica assim:

Ginástica	12.000 frs.
Corridas e esportes atléticos	8.000 frs.
Jogos	9.000 frs.
Tiro	15.000 frs.
Esgrima	15.000 frs.
Boxe e luta	2.000 frs.
Natação	3.000 frs.
Remo	6.000 frs.
Equitação	18.000 frs.
Ciclismo	4.000 frs.
Subvenções para vela e automobilismo	30.000 frs.
Tiro com arco	1.000 frs.
Marcha	500 frs.
Alpinismo, caça e pesca	500 frs.
Artes	40.000 frs.
Total:	155.000 frs.

Ao que há de se acrescentar:

Para os prêmios	28.000 frs.
Crédito suplementar para a decoração	30.000 frs.
Gastos com escritório	10.000 frs.
Diretor Geral	7.000 frs.
Despesas de deslocamento	30.000 frs.

TOTAL GERAL: 260.000 frs.

A QUESTÃO ALOJAMENTO

Uma comissão especial deve se ocupar desse assunto importantíssimo, que no entanto é mais fácil de resolver em Roma que em outros lugares. A Associação Nacional Italiana para o Movimento de Estrangeiros está totalmente indicada para se ocupar disso.

AVALIAÇÃO DA RECEITA

Dois tipos de receita. Os direitos de participação (direito mínimo de 5 frs. e máximo de 20 frs.) para o total da provas, mais os direitos de entrada aos locais com espectadores poderão ascender a um total de não mais que 30.000 ou 40.000 francos.

Projet financier de la IV^e. Olympiade à Rome du Baron Pierre de Coubertin, Président du CIO.
Policopia, Paris, 1905. (Arquivos do COI)

6.1/7 UMA ORGANIZAÇÃO PADRÃO PARA AS OLIMPIÁDAS

Este ensaio provavelmente foi escrito sobre o pano de fundo dos problemas pessoais de Coubertin com o comitê organizador de Estocolmo 1912. Uma questão era que, totalmente contrária à sua vontade, o boxe e ciclismo não puderam ser disputados na Suécia em 1912; outra era que a introdução do pentatlo moderno e das competições artísticas foi discutida durante muito tempo por razões conceituais. Não obstante, Coubertin contempla a primeira disputa dos Jogos equestres como um grande passo adiante. Faz um apelo em favor de um programa oficial para os próximos Jogos Olímpicos em 1916, que realmente foi aprovado no congresso Olímpico de Paris de 1914. Insiste que somente o COI é competente para tomar decisões a respeito, enquanto a responsabilidade da organização recai exclusivamente sobre o comitê organizador do país anfitrião. No entanto, no segundo século dos Jogos Olímpicos modernos, a definição de Coubertin, publicada exclusivamente em inglês, continua a ter uma grande relevância.

Havia-se pensado que seria possível que a Olimpíada realizada em Londres em 1908 se convertesse em padrão, o modelo, a partir do qual se orientassem os organizadores de futuras Olimpíadas; mas pelo que se sabe até o momento do programa que se esboçou para os Jogos de Estocolmo do ano que vem, está claro que não tem sido assim. A principal diferença entre a quarta (Londres) e a quinta (Estocolmo) Olimpíada estará no tema das competições equestres, pois, graças à cooperação ativa do conde de Rosen, um ginete qualificado e um organizador ideal desse tipo de competição, a série de competições importantes que vai ser incluída, promete ser um traço muito importante dos Jogos. Por outro lado, grande parte das competições incluídas no programa de Londres foi suprimida, citando-se por parte dos organizadores de Estocolmo como motivo para não incluí-las o terreno inapropriado, o clima e as condições.

É uma verdadeira lástima que exista falta de uniformidade com relação às competições em Olimpíadas sucessivas; e é por isso que o anúncio de que o Comitê Internacional irá definir em breve um programa que deveria servir como norma geral para futuras Olimpíadas será recebido com satisfação geral. Esse programa modelo ou padrão será um guia para os futuros organizadores, e terá um valor inestimável, já que será um modelo ao qual todos os países organizadores terão que aderir de agora em diante. Para tanto, como em outras questões delicadas referentes ao controle, é impossível não admirar a sabedoria com a qual o Comitê Olímpico Internacional introduziu essa importante mudança. O lema do Comitê é “lento mas seguro”, e é por isso que o trabalho que progride é realizado minuciosamente, já que a precipitação seria fatal. Durante as fases experimentais, enquanto os Jogos Olímpicos foram sementeiros que se aclimatavam a terras estranhas, foi necessária a maior das precauções, e aos organizadores foi-lhes permitido muita liberdade; mas agora que estão firmemente consolidados (bem enraizados, para continuar com a metáfora) é justo e necessário que se determinem certas normas de referência estritamente estabelecidas, porque somente deste modo os Jogos poderão tornar realidade seu destino.

O mais importante é fixar uma lista de competições obrigatórias, que nenhum país organizador deveria ter a possibilidade de alterar – nem de cancelar nem de

aumentar. Em segundo lugar, é imperativa a padronização das distâncias, de forma que se elimine a anomalia do sistema atual; até o momento, devido à diferença entre os diferentes padrões de medidas, é impossível conseguir a uniformidade, e corridas que se supõe que deveriam ter uma distância padrão, diferem consideravelmente em distância em função do lugar em que aconteçam. E, por sua vez, uma vez que se tenha admitido (tal e como deve ser) uma competição, como o boxe, não existe motivo pelo qual essa deva ser eliminada do programa das Olimpíadas seguintes. Ao mesmo tempo, está claro que a independência de cada país organizador deve ser rigorosamente mantida e respeitada. A adoção de qualquer outro tipo de rumo seria nada menos que desastrosa, já que estrangularia a iniciativa nacional e individual, à qual os Jogos tanto devem, e a privaria de celebrar a originalidade e a diversidade que constituem um de seus maiores encantos. Também seria contrária ao ideal ao qual aspiram os organizadores das Olimpíadas modernas: que cada país deve impregnar sua celebração com sua própria individualidade nacional, de modo que cada Olimpíada apresente a marca da genialidade, do pensamento, dos costumes e da civilização daqueles que a organizam.

Assim se verá que, ao fixar regras gerais, o Comitê Olímpico Internacional não buscará interferir em nenhum dos detalhes de organização. De fato, isso estaria de antemão fadado ao fracasso... e, se pudesse ser imposta, exercer essa autoridade seria uma das formas mais lamentáveis de proceder. Decidir até que ponto devem ser fixadas as regras e em que medida deveriam os organizadores ter liberdade para seguir suas próprias ideias, é portanto um assunto muito delicado, que requer o exercício de uma fina diplomacia. E está claro que o Comitê Olímpico Internacional é o único ente competente e com poder suficiente para realizar com êxito uma tal tarefa. Com a ajuda e o conselho dos Comitês Nacionais ativos e mais úteis, modelados e trabalhando nas mesmas linhas como o Conselho Olímpico Britânico, é que se têm formado na maior parte dos países no quais são praticados esportes, a organização Olímpica tem muita força, e o Comitê Internacional pode muito bem assumir a responsabilidade de conceber o que deve ser aceito como uma Olimpíada padrão. Na verdade, já se tem progredido satisfatoriamente nessa empresa, mas embora isso tenha sido feito com rapidez graças ao fato dos Comitês Nacionais estarem compostos por homens capazes para dar forma às exigências dos países que representam enquanto delegados de suas associações e de seus clubes, é evidente que a tarefa não poderia ser completada a tempo para que o “padrão” entre em vigor antes que se celebre a Olimpíada de Estocolmo. E é por isso que os Jogos não serão organizados com base no programa padrão até que se celebre a VIª. Olimpíada em 1916. No entanto, dessa celebração em diante, estará em vigor, e então o alcance das Olimpíadas modernas ficará estabelecido clara e definitivamente, de forma que seu objeto, seu destino e sua utilidade cada vez maior, poderão ser apreciados com maior justiça.

Em: *Revue Olympique*, maio de 1913, pp. 67-69.

6.1/8 BOAS NOVAS DESDE BASILÉIA

Em suas *Memórias Olímpicas*, Coubertin escreve que, tendo recebido a confirmação por parte do governo francês de que aceitava o patrocínio do congresso Olímpico de Paris de 1914, nomeou uma subcomissão para tratar das questões relativas aos procedimentos do congresso e o programa dos futuros Jogos Olímpicos. Essa comissão, encabeçada por Coubertin, era composta da seguinte forma: Eugene Brunetta d'Usseaux (Itália), Godefroy de Blonay (Suíça), Ernest Callot (França), Robert de Courcy-Laffan (Grã Bretanha), William Sloane (Estados Unidos), Christian van Tullí (Holanda) e Karl von Venningen-Ullner (Alemanha).

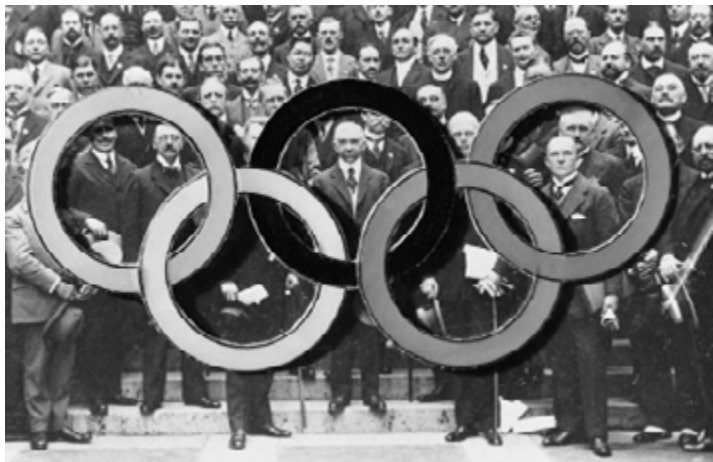
A comissão reuniu-se em Bruxelas nos dias 27 e 28 de março, e os resultados são descritos no artigo a seguir, que foi publicado exclusivamente em inglês. A responsabilidade da comissão era a de preparar um informe que pudesse ser apresentado na sessão do COI de 1912 em Estocolmo.

O tom de cordialidade que parece ter prevalecido durante a reunião do subcomitê de 1914, que se reuniu em Basiléia na quarta 27 e na quinta 28 de março de 1912, não pode deixar de ter efeitos de longo alcance.

Esse encontro não somente reuniu os elementos com cujo apoio o movimento Olímpico sempre pôde contar, mas também aqueles que, no passado, têm sido, se não abertamente hostis, extremamente contrários. E dado que a mudança de atitude que se produziu nessa ocasião é um fato digno de ser mencionado com verdadeiro prazer, não é nenhum exagero afirmar que o encontro de Basiléia foi um acontecimento que marcará época dentro da história do movimento Olímpico.

A proposta americana, remetida pelo professor W.M. Sloane, a respeito da representação dos Comitês Olímpicos Nacionais durante o congresso de Paris de 1914, que foi amplamente discutida e cuidadosamente examinada, foi aceita por unanimidade. No que diz respeito aos detalhes dessa proposta, que se ocupa minuciosamente do número e da nomeação dos delegados, entre outras coisas, nada se pode saber atualmente, pois o assunto deve ser levado ao Comitê Olímpico Internacional para sua aprovação final antes de ser publicado; mas a importância e o valor da proposta vêm endossados pela reputação de seu patrocinador. A influência do professor Sloane nos Estados Unidos é muito grande, e atua com o total consentimento dos senhores Allison V. Annour e Evert J. Wendell, seus dois compatriotas colegas no Comitê Olímpico Internacional, e com a total aprovação e todo o apoio do Comitê Olímpico Americano, que é um ente muito poderoso, pleno de vitalidade e completamente dedicado ao trabalho Olímpico.

Uma vez esclarecida essa questão, o Comitê discutiu a importante questão do estabelecimento de um programa Olímpico padrão, como base no qual deverão regular-se todas as futuras Olimpíadas. Foram examinadas as condições gerais sob as quais se celebram os Jogos, e depois a questão do estabelecimento de um padrão, de acordo com as diretrizes sugeridas pelo reverendo De Courcy-Laffan. As dificuldades de uma tarefa como a redação de um programa padrão são fáceis de imaginar – de fato, parecem quase intransponíveis – devido ao fato que é preciso contentar a tanta gente e respeitar tantas suscetibilidades absolutamente justificadas, que somente um homem de tato e sabedoria pouco habituais poderia dirigi-la



Os participantes do Congresso Olímpico de 1914 reunidos em torno a Pierre de Coubertin. (Arquivos do COI)

e desenvolver algo que fosse aceitável para todos indistintamente. Felizmente, o reverendo de Courcy-Laffan é um homem assim: seu profundo conhecimento do esporte em geral o autoriza a falar com a voz da autoridade. E o fato de que, junto com o Lord Desborough, tenha conduzido a um final feliz a Olimpíada de Londres de 1908, é prova positiva de que seu tato está acima do normal.

A tarefa – nada simples – de preparar um informe sobre os procedimentos que devem ser apresentados ao Comitê Olímpico Internacional em Estocolmo foi delegada ao Barão de Venningen, que disfruta da merecida reputação de ser um dos atletas completos mais destacados da Alemanha. Pode se prever os resultados que terá, quando esse informe for remetido ao Comitê Olímpico Internacional. Certamente se chegará a firmar acordos muito importantes, que terão influência sobre a pauta de Olimpíadas futuras e futuros congressos; e provavelmente a consequências servirão para justificar em toda a regra a afirmação de que a reunião de Basileia permanecerá como um acontecimento que marcou época dentro dos anais do movimento Olímpico.

Os três países que formam a base do movimento Olímpico têm estado representados, sem dúvida alguma, com muita força. A Inglaterra, com suas velhas tradições, é o berço reconhecido do esporte, e esteve representada pelo esquema preparado pelo reverendo de Courcy-Laffan; os Estados Unidos, com seu entusiasmo e independência, estiveram representados pela proposta do professor Sloan; e a Alemanha, com seu *status* dentro do continente, esteve representada pela escolha do Barão von Venningen para preparar o informe que o Comitê Olímpico Internacional deverá apresentar em Estocolmo. Esses três países, é preciso reconhecer, têm feito mais que nenhum outro para promover o movimento Olímpico, ao que já não basta denominar por Jogos Olímpicos, e dessa combinação justifica-se esperar grandes coisas; e o convite para estar presente em determinadas reuniões, estendido aos presidentes dos Comitês Olímpicos Francês, Belga e Austríaco, tampouco carece de importância. Demonstra que o Comitê Olímpico Internacional deseja receber pontos de vista, opiniões e informação de todos os âmbitos e de todas as fontes – daqueles que uma vez foram adversários e daqueles que sempre têm sido partidários incondicionais.

O ambiente harmonioso das reuniões volta a merecer algumas palavras. Nada do que poderia ter acontecido teria sido melhor recebido; e os sinais de que as diferenças estão desaparecendo, de que a espada – porque em alguns casos se tratava quase de uma guerra – está sendo embainhada, são muito alentadoras para todos os que levam no coração o fomento do verdadeiro objetivo do movimento Olímpico.

Que a paz e o progresso continuem sendo a chave das futuras reuniões, já que somente assim se poderá desfrutar por completo de todo o bem originado pelo movimento Olímpico. A verdadeira realidade dessa convicção ficará demonstrada mediante a participação de atletas britânicos e americanos na Olimpíada de 1916 –, se, como parece muito provável, forem celebradas em Berlim.

Existe uma antiga expressão a respeito, segundo a qual a força de uma árvore deve ser julgada com base na profundidade de suas raízes e não pela largura ou altura de seus galhos, que pode ser muito bem aplicada ao crescimento do movimento durante os anos desde o memorável dia em que se proclamou formalmente o restabelecimento dos Jogos Olímpicos na Sorbonne de Paris.

Quando foi realizada essa reunião, em 23 de junho de 1894, já se havia realizado muito trabalho, embora até esse momento se tenha sentido pouco ou nada os seus efeitos. Se me for permitido seguir com a metáfora da árvore – que parece se aplicar tão bem –, havia-se cavado e preparado bem o solo, mas a semente excelente que se havia plantado, apenas havia começado a crescer dentro da terra. Não obstante, a visão profética dos criadores do movimento já havia previsto que tipo de planta iria crescer ao final, e todos os esforços se concentraram então na realização do ideal ao qual aspiravam, como tem seguido sendo sempre desde então; mas, arriscando-me muito a aventurar uma opinião, me atrevo a afirmar que nem o autor dessa ideia podia prever as dimensões até as quais iria crescer a pequena semente que plantou, porém estou igualmente convencido de que seu ideal tem permanecido inalterado. A única coisa que mudou é que a escala de suas ideias teve que mudar para se ajustar às inesperadas demandas criadas pela maravilhosa ampliação do movimento. A semente foi plantada num vaso de flores, porém a jovem árvore, que cresce tão rápido, teve de ser transplantada para o campo aberto, para que suas raízes que precisam de espaço possam chegar a todos os rincões da terra – sem que as detenham nem as cordilheiras, nem os grandes rios ou sequer o próprio oceano.

“*Good News from Basle*”, em:

Revue Olympique, vol. 12, maio de 1912, pp. 67-70.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

6.1/9 A CERIMÔNIA DE ENTREGA DOS DIPLOMAS OLÍMPICOS

Na *Revue Olympique* de junho de 1909, é possível ler o seguinte: Para se seguir com o programa que tinha sido combinado há muito tempo, na época em que o Conde von der Asseburg ainda estava vivo. A sessão foi aberta em 27 de maio às 16 horas na Câmara Alta da Prússia. A “sala de conferências”, colocada à disposição do Comitê ocupa, no primeiro piso, o centro deste magnífico edifício, e suas cinco janelas emolduradas por altas colunas, se abrem à fachada do palácio que dá para a Leipziger Strasse. A sala, muito grande, é de mármore; a abóboda está adornada com dourados sóbrios, rodeada por sacadas amplas em cada extremidade, fechadas pelos lados. No centro está o retrato do Imperador Guilherme II. Duas grandes lâmpadas de teto a iluminam. Para a ocasião, nos cantos foram colocados dois enormes arranjos de flores, entre as janelas foram pendurados estandartes com as cores da Alemanha, da Suécia e da França em honra aos três laureados do dia. Estavam presentes o ministro sueco, o Sr. de Trolle e o Barão de Berckheim, encarregado de negócios da França, assim como Sua Excelência o general von Schenk, decano geral de Sua Alteza Imperial o Konprinz, que representava o príncipe, e o Sr. Pecker, vice-presidente da Câmara dos Lordes, a qual ele representava. Estava também presente Sua Excelência o Senhor von Studt, ministro da Cultura, assim como os vice-presidentes do *Deutscher Reichsausschuss für Olympische Spiele*, os Srs. Von Oertzen e o Barão von Hünefeld, o D’Martin, secretário, e vários membros do Comitê.

O presidente do Comitê procedeu à entrega dos diplomas Olímpicos nos seguintes termos:

“Excelências, senhoras e senhores,

Não creio que haja no mundo um pergaminho menos difundido do que o nosso, desde o ano de 1905 em que foi criado, o diploma Olímpico foi concedido em seis ocasiões. Se compararmos os méritos dos laureados atuais com os que, em Bruxelas, inauguraram esta série, certamente não parece que a instituição esteja se degenerando. O Comitê Internacional tinha a ideia de criar um diploma cujo prêmio consistisse em sua singularidade, e que não recompensasse uma determinada conquista, uma façanha especial, mas sim, um conjunto de qualidades atléticas, físicas e morais que aparecesse continuamente na vida de alguém.

Se nos pareceu que o presidente Roosevelt, o Dr. Nansen, o Sr. Santos Dumont¹, W. H. Greenfell, Monsenhor Duque dos Abruzos e o Comandante Lancrenon mereciam este diploma em mais alto grau, ninguém pensará que o conde Zeppelin seja menos digno dele. Em sua existência há mais de uma página consagrada à produção de energia. Certamente, porém, que a energia nunca foi expressa mais brilhante do que no dia memorável que a natureza infligiu a quem acabava de conquistá-la uma derrota imerecida, quando as chamas impiedosas devoraram seu trabalho e parecia desferir um golpe fatal para suas esperanças. O incêndio ainda não tinha se acabado quando já era possível ler nos traços faciais do conde a luta de uma nascente determinação contra a dor infecunda. Nas almas bem-nascidas, disse o poeta, o mérito não aguarda a passagem dos anos. Aparece quando o número de anos resulta, por sua vez, impotente frente ao valor. E esta comprovação é mais bonita e relevante que a anterior.

1 Ver no posfácio: Histórias inusitadas dos primórdios do Movimento Olímpico no Brasil.

DIPLOME OLYMPIQUE



Décerné à *Fridtjof Nansen*

Libre-état 2000

Paris 1900

Diploma Olímpico con-
cedido ao explorador
polar norueguês Fridtjof
Nansen, desenhado pelo
pintor francês André
Slom. (Arquivos do COI)

Rogamos-lhe, Senhor, que comunique ao seu ilustre parente a admiração que neste momento expresso em nome de meus colegas e que inspirou o voto unânime com o qual o Comitê Internacional decidiu conceder o diploma Olímpico a ele, junto com nossa felicitação, transmita a ele nossos desejos *ad multos annos*”.

O conde Ferdinand Zeppelin, representando seu tio, veio até a frente e, depois de ter recebido o diploma, agradeceu ao Comitê Internacional com os melhores termos. Ressaltou a pena que o conde Zeppelin sentia por não poder, em função de sua ausência, demonstrar sua satisfação em receber a honraria que o Comitê estava lhe concedendo. O Sr. De Coubertin então voltou a ter a palavra:

“Às vezes nossos defeitos realçam nossas qualidades. Digo isto me referindo ao coronel Balck, pois, lamentavelmente, tem o grande defeito, o qual, entretanto, seus colegas esperam que nunca seja corrigido, de pertencer ao nosso Comitê, e creio que este obstáculo – partindo-se do ponto de vista do diploma Olímpico – não é pequeno. Para nos decidirmos a superá-lo tem sido necessário que as qualidades do laureado fossem tais que, por comparação, o defeito sobre o qual acabo de me referir resultasse irrelevante, tornando-se até mesmo imperceptível. Neste sentido, o axioma se justifica. É o senhor, meu querido Balck, o Gustavo Adolfo do exercício físico. O senhor ama a batalha, e não contente em guerrear até os limites de suas fronteiras, avança longe com a guerra. Nem o triunfo, tampouco a adversidade lhe apressam. Sua missão é ir por todos os países sacudindo a preguiça e impondo a iniciativa. Conserve esse diploma como uma lembrança de sua luta pela glória e pela independência dos esportes.”

Ao receber o diploma, o coronel Balck expressou para seus colegas sua afetuosa gratidão pela excepcional honraria a qual lhe tinha sido concedida e assegurou que, até o fim de sua vida, a prosperidade e a honra do Comitê Internacional, para ele, seriam fundamentais. Por último, o Sr. Coubertin finalizou com estas palavras:

“As últimas notícias recebidas pela madame Jean Charcot relativas a seu marido e aos companheiros de seu marido estavam datadas em uma distante baía perdida na solitária tristeza do mundo austral. Alguns baleeiros noruegueses que pescavam naquele lugar inóspito se encarregaram dessa heroica correspondência, e Charcot, com sua sóbria e pitoresca linguagem, contava que naquele mesmo momento seu chefe de gabinete descansava de seus penosos trabalhos esquiando em extensões nevadas. Ele, seu chefe quis lhes acompanhar desde o início, mas ficou retido em seu pequeno gabinete pela tentativa de esclarecer uma série de cálculos complexos. Esta pequena imagem, Senhores, retrata uma alma. Permite captar todo o equilíbrio interior de uma das mais belas naturezas humanas de nossa civilização atual, de um caráter aprumado nestes três nobilíssimos fundamentos: o sentimento, o esforço e o dever. Já era assim quando, sendo um simples estudante, Jean Charcot se dedicava efusivamente a difundir os esportes entre seus camaradas. Isto é, Senhores, o que pretendemos lhe recompensar. Ignoro tanto os êxitos quanto as decepções que lhe esperam neste Polo Sul, cujo nome não posso, por outro lado, pronunciar, sem recordar o valoroso inglês que chegou tão longe para que todos os recordes anteriores fossem frustrados de um só golpe. Deixemos a outros o cuidado de glorificar o explorador, nós saudamos em Charcot o homem que, decidida e metodicamente, de forma deliberada e contínua, tem buscado no esporte a formação total do ser

humano que nós preconizamos. Ama e pratica nossas doutrinas como um verdadeiro apóstolo. É justo que usemos seu exemplo para os jovens e para as próximas gerações.”

A pedido da madame Charcot, o diploma de seu marido foi entregue a um representante da Embaixada da França. Na ausência do embaixador, o Barão de Berckheim, encarregado de negócios, quis representar pessoalmente seu compatriota e manifestar sua gratidão.

Imediatamente depois, a medalha Olímpica foi entregue à Câmara dos Senhores da Prússia, que o Comitê Internacional tinha decidido outorgar em comemoração à sessão de 1909. Em um eloquente improviso enunciado no mais puro alemão, o reverendo de Courcy Laffan recordou que o imperador Guilherme II tinha sido um dos primeiros titulares da medalha. Agradeceu pela suntuosa hospitalidade concedida ao Comitê Internacional e expressou sua esperança de ver que a Câmara dos Lordes, tão eminente pelo patriotismo de que tinha dado mostras ao longo de sua história, estendia a mão a uma empresa de caráter internacional, e prova mais uma vez que, longe de se prejudicarem mutuamente, o amor à pátria e o amor à humanidade devem se completar e edificar um ao outro. O Sr. Laffan concluiu expressando seus mais sinceros votos pela prosperidade da Câmara dos Lordes e da cidade de Berlim.

Sua Excelência o Sr. Pecker, vice-presidente da Câmara dos Lordes, agradeceu em nome desta assembleia e declarou que a medalha seria depositada nos arquivos do palácio. Falou sobre o papel benfazejo do esporte e expressou, por sua vez, seus melhores votos pelo futuro do Comitê Internacional.

A sessão terminou com a entrega da taça Olímpica à Associação dos Turners. O Barão Godefroy de Blonay, valendo-se da língua alemã, a ofereceu a seus novos destinatários, lembrando de que havia passado pela França, pela Inglaterra e pela Suécia indicando as condições nas quais o Comitê a outorgava anualmente. Pediu aos Turners que vissem aquilo como uma homenagem à sua antiguidade e à grandeza dos serviços que tinham prestado à causa da Educação Física.

A Associação estava representada pelo Sr. Professor Reinhardt e pelo Sr. Rechnungsrat Atzrott. Depois de ter esboçado superficialmente o desenvolvimento dos Turners e sua poderosa organização, o primeiro expressou o reconhecimento de seus colegas e declarou que os ginastas alemães estariam sempre dispostos a responder à chamada do Comitê Internacional e a participar das provas Olímpicas organizadas sob seus bons auspícios.

“La remise des Diplômes olympiques”, em
Revue Olympique, junho de 1909, pp. 84-87.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

6.1/10 A SESSÃO DE 4 DE JULHO DE 1912 (ESTOCOLMO)

O próximo texto complementa os comentários anteriores de Coubertin sobre a estrutura do COI. É o discurso de Coubertin durante a festa de inauguração da sessão do COI de 4 de julho de 1912 em Estocolmo anterior ao começo dos Jogos Olímpicos. Dirige-se ao rei da Suécia, que se encontra presente, tentando lhe explicar as vantagens da Carta Olímpica.

Alteza, não vamos dar conta aqui de sua benévola acolhida que me atrevera a qualificar, com a licença de sua alteza real, de simpática cordialidade, por ela estamos infinitamente agradecidos. Ao se dignar em presidir hoje a abertura de nossa 14ª sessão plenária, sob o alto patrocínio de seu augusto pai, sua alteza real demonstra, da maneira mais delicada, o quanto se interessa por nossos trabalhos, sobre os quais está perfeitamente bem informado.

Não são, portanto, os de Hércules, pois são coletivos, mas talvez acabem se aproximando deles em função das dificuldades que precisam ser superadas. Sua majestade fez bem em evocar, no outro dia, a lembrança de uma visita que eu lhe fiz neste mesmo lugar, há treze anos, o ano 4º da primeira Olimpíada, para reavivar um calendário cujo uso o mundo já se esquecera, e, como gostamos de recorrer de vez em quando, de maneira passageira e moderada. Era uma época de névoas e inquietudes para nossa obra. Surgiam imposições injustificadas e malévolas por todas as partes, a IIª Olimpíada se preconizava mal e alguns nem sequer se atreviam a idealizar a terceira. Uma série de emboscadas se abria, todas tão obstinadamente renovadas que, procurando bem, nas circunstâncias presentes, encontraríamos os restos de um último fosso que pretendia abrir uma recalcitrante hostilidade sob nossos pés.

Entretanto, o desalento em nós não encontrou eco, pelo menos no que diz respeito a mim, bastava-me ver como aumentava, de semestre em semestre, esta plêiade de homens apaixonados pelo esporte e preocupados com suas tarefas, que me faziam a honra de se reunirem ao meu redor para renovar e modernizar o atletismo. Seria ridículo agora louvar a constituição de nosso grupo. Há dois anos, um primeiro-ministro se comprazia em nos fazer comentários ofensivos sobre os méritos que descobria. Todo o mundo se dá conta e reconhece até que ponto a total independência que esta constituição nos assegura tem contribuído para o êxito de nossas empresas, as comunidades desportivas que nossa demasiadamente notável independência tem, com frequência, transformado em receosas e combativas, são as primeiras em compreender que, sob um regime diferente, os Jogos Olímpicos teriam fracassado desde o princípio.

Mas há outro elemento de êxito: diz-se que as constituições valem, sobre tudo, pelos que as aplicam. As qualidades diplomáticas as quais meus queridos colegas fazem gala há vinte anos asseguraram uma vitória difícil. Nosso regulamento lhes proíbe ser, sob quaisquer aspectos, delegados de uma coisa ou outra; fazendo deles autênticos embaixadores, e veja o poder da ideia Olímpica, que se atreve a se apoiar em embaixadores que pertencem à mesma nação em que estão creditados. Não obstante, que facilmente surgiriam conflitos dos contatos que resultam desta situação original! É necessário contar com um tato delicadíssimo para servir aos interesses gerais do Olimpismo sem prejudicar os interesses particulares do país ou conjunturas especiais cujo concurso é indispensável para o Olimpismo. Os membros do Comitê Internacional se portam como excelentes diplomatas, pois têm paciência, a paciência política



Décima quarta sessão do COI, Budapeste, 1911: membros do COI e convidados (Arquivos do COI)

facilitada pela permanência e estabilidade do mandato a eles confiado, a paciência social, advinda geralmente, de sua situação no mundo. Não têm pressa, ao contrário de seus adversários: suma inferioridade; mas é que, além disso, têm brio, e alguns deles, levantam fortalezas sólidas, e redutos defendidos com profusão em campanhas rápidas. Esta maneira de agir, alteza, deve ser de seu agrado. Está em mais de um capítulo da história deste maravilhoso reino, cujo cetro suas mãos um dia sustentarão. Uma paciência sossegada e inabalável, longas meditações e depois o amontoamento brusco de façanhas que assombram o mundo. Espero que sua alteza real não encontre oponentes à minha comparação. Certamente é pretensiosa, mas desde o princípio, nos anais da humanidade, os mesmos resultados são obtidos pelos mesmos métodos, e esta lição é daquelas que nunca devemos de nos cansar de explicar à juventude. Qualquer ocasião é apropriada para lhes recordar esta receita de sucesso, melhor que nenhuma outra: vigorosas ofensivas encasteladas em esperas vigilantes.

Convém reconhecer e proclamar, nestes dias de triunfo, o mérito dos que foram obreiros perseverantes da poderosa fundação, sobre a qual se edificou a presente Olimpíada, quinta em número, e tão perfeitamente escandinava, sem que por isso tenha deixado de ser perfeitamente internacional. Não esqueceremos, alteza, que a devemos à sua alteza e a seus colaboradores, entre os quais nos é muito grato encontrar o cuidado, sempre jovial, de Viktor Balck, e o impetuoso ardor de Clarence de Rosen, nossos queridos colegas.

Pedimos, alteza, que aceite a medalha Olímpica, modesta em sua forma, preciosa pelo número restrito de titulares, grandiosa pelo feito e data que evoca: o restabelecimento dos Jogos Olímpicos, que, proclamado em Paris, em 23 de junho de 1894, será objeto de uma comemoração solene dentro de dois anos.

E agora, se sua alteza assim desejar, começaremos a trabalhar.

“La séance du 4 juillet 1912 (Discours à Stockholm)”, em: *Revue Olympique*, agosto de 1912, pp. 120-121.

6.2 CRESCIMENTO E EXPANSÃO

O próximo capítulo contém textos sobre a contínua expansão do movimento Olímpico por todo o mundo. Partindo dos países europeus, que formam os primeiros que entraram em contato com a ideia Olímpica de Coubertin, o movimento Olímpico está alcançando, um após outro, os mais diversos países e continentes, na maioria das vezes através de iniciativas seletivas de Coubertin. A bandeira Olímpica representa isso, seus cinco aros simbolizam as cinco partes da Terra, enquanto que as diferentes cores são, segundo uma observação de Coubertin, a base de todas as bandeiras nacionais.

6.2/1 UMA OLIMPIÁDA NO EXTREMO ORIENTE

Neste artigo intitulado “Uma Olimpíada no Extremo Oriente”, Coubertin expressa suas esperanças de ver como os países orientais se incorporam ao movimento Olímpico, somando-se assim à expansão do movimento desportivo moderno. Contrariamente, Coubertin critica neste trabalho os “tempos antropológicos”, tempos os quais, dentro do marco das exibições desportivas da Feira Mundial de Saint Louis de 1904, os asiáticos, entre outros, foram chamados para fazer “demonstrações”. Todas essas demonstrações aconteceram sob o título de “Eventos Olímpicos”, mas não foram parte dos verdadeiros Jogos Olímpicos. Coubertin aproveitou essa oportunidade para destacar a universalidade do movimento Olímpico, que está aberto a todas as raças e nações.

Suas esperanças de ver os países do Extremo Oriente participando em grande número nos Jogos Olímpicos de 1916 em Berlim de nada valerem, pois esses Jogos não aconteceram. Muito tempo teve que passar até o sucesso da equipe japonesa em 1932 em Los Angeles, que ocasionou a atenção ao esporte na Ásia.

Temos aqui interessantes relatos sobre os começos do atletismo exótico, embora, para dizer a verdade, em absoluto não são exatamente seus inícios. As festas recém realizadas na capital das Filipinas contavam com um precedente. Nas provas da IIIª Olimpíada, que aconteceu em Saint Louis em 1904, um ou mais dias foram reservados para apresentações de asiáticos. Os norte-americanos se veem claramente como preceptores de atletismo no Extremo Oriente. As festividades em St. Louis não tinham nada de lisonjeiro para os povos dessa parte do mundo. Os descendentes dessas civilizações muito antigas e refinadas eram chamados para competir junto com representantes de tribos há pouco afastadas da barbárie primitiva. Isto era um equívoco. O Comitê Internacional, muitas vezes discriminado por ter uma composição muito aristocrática, é, sem dúvida, muito mais democrático em seus procedimentos. Tenta difundir o atletismo no mundo sem catalogar as raças, e não limita o recrutamento de seus membros à Europa e América. O Japão já está representado, a China e a Tailândia estarão em breve, tão logo se abram ao esporte.

E é muito provável que queiram estar. A respeito disso, a iniciativa norte-americana nas Filipinas está sendo muito feliz. No mês de janeiro de 1911 foi fundada a *Philippine Amateur Athletic Federation*, com sede em Manila, e que inclui, salvo

**Esportes Olímpicos
no Extremo Oriente.
Corrida ciclística de dez
milhas no parque Uyeno
de Tóquio, 1906. (Ex-
traído de *Sport im Bild*,
1908, p. 735)**



engano, uma dúzia de clubes. O Governador Geral W. C. Forbes foi seu presidente e assinalou imediatamente o interesse que tinha nesta empresa e até que ponto percebia com clareza seu lado eminentemente civilizador. O *Bureau of Education*, ou seja, o Departamento de Instrução Pública não deixou de ir pelo mesmo caminho, ao invés de ser uma simples união de clubes desportivos que egoisticamente se juntaram para defender seus interesses técnicos, a jovem federação afirmou assim uma característica do espírito norte-americano, bem conhecida no estrangeiro: o apostolado coletivo com vistas ao bem público.

No mês de fevereiro de 1912, aconteceu, em Manila, um importante encontro “internacional”. 37 competidores vieram da China e 17 do Japão. Já os filipinos, por sua vez, enviaram por volta de 70 representantes. A associação internacional criada naquela ocasião tem como presidente o Dr. Wu Ting Fang, e os próximos campeonatos devem ser realizados em Xangai. Deve se destacar que embora os filipinos, mais bem preparados por seus educadores norte-americanos, conseguiram o primeiro lugar por equipes, os japoneses foram vitoriosos na maratona e no baseball, e a China venceu o decatlo. Tudo isso é muito promissor.

Muito orgulhosos de seus êxitos, os organizadores se dirigiram ao Comitê Internacional solicitando a aprovação de sua empresa. Ainda não é possível ver com exatidão como se pode fazer, mas está fora de dúvida que o COI vê com grande interesse essa longínqua extensão de sua doutrina e de sua influência.

Nós, simples cronistas, não vemos nada neste assunto que possa nos preocupar, tampouco nos surpreender. Sempre pensamos que o esporte, em muito pouco tempo, chegaria ao Extremo Oriente, e estamos convencidos que terá um papel primordial e decisivo. Estamos dispostos a apostar que as associações desportivas proliferarão nestas paragens dentro de vinte anos. Os asiáticos, individual e coletivamente, nos parecem estar admiravelmente preparados para se beneficiarem da cruzada atlética

que se esboça. Individualmente, porque a resistência, a tenacidade, a paciência, uma flexibilidade racial, o costume de se controlar, de se calar e de esconder o sofrimento e o esforço formam seus corpos com total eficácia. Coletivamente, porque seu imperialismo jovem, que ainda não se cansou de exercer uma função de domínio, deve incitá-los a saborear, em todo seu frescor, a alegria das vitórias desportivas e a honra que reportam às cores nacionais.

Por algum tempo, a Ásia desportiva sem dúvida crescerá e se fortalecerá um pouco durante a caminhada. Além disso, indubitavelmente, farão contatos com o Ocidente e, em Berlim de 1916, as equipes asiáticas poderão mostrar do que são capazes. E se isso é uma “revelação”, todos aqueles que se importam com o futuro e a difusão mundial do atletismo deverão se alegrar sem reservas, sem titubear.

“*Une Olympiade extrême orientale*”, em:
Revue Olympique,
maio de 1913, pp. 77-78.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

6.2/2 UNIFICAÇÃO ATLÉTICA

Também o quinto continente, Austrália e Nova Zelândia, foi imediatamente incluído no âmbito de interesses Olímpicos de Coubertin. O seguinte artigo compara os esforços levados a cabo para a expansão do esporte e a aceitação do movimento Olímpico com a situação no Canadá, na Suécia, na Inglaterra, na Alemanha e na Rússia. Além disso, inclui uma breve retrospectiva dos primeiros vinte anos do movimento Olímpico.

O grande movimento de unificação desportiva que determinou o Olimpismo progride a cada dia. Assistimos à aproximações totalmente inesperadas em quase todas as gamas do esporte por parte da geração de atletas anterior à atual, o que talvez seja a característica mais assinalada do ano que termina e, em particular, deste final de ano. A convocação do congresso de Paris precipitou também o movimento ao lhe dar um prazo obrigatório, e, em todas as partes, são feitos preparativos visando a ele.

Assim, o Lorde Mayor de Sidney presidia, no *Town Hall* da grande metrópole australiana, uma assembleia para concretizar a organização eficaz de todos os esportes. Em Melbourne, no próximo mês, se reunirão os delegados dos Subcomitês Olímpicos Australianos e Neozelandeses para eleger os representantes australianos no congresso de Paris e estabelecer alguns critérios. Feitos análogos acontecem no Canadá, enquanto que na velha Europa, a concentração desportiva se estabelece cada vez mais. Na Suécia, o entendimento entre escolas rivais e até então inimigas, que se deu com a Vª Olimpíada, resistiu e sobreviveu ao passageiro interesse internacional que o provocou. Os pessimistas continuam com seus prognósticos desencorajadores, mas consta claramente que as duas partes estão satisfeitas com a aproximação e dispostas a uma efetiva e futura cooperação. Apesar da alteração manifestada na Inglaterra sobre o valor (até agora admitido sem discussão) da educação esportiva. Cabe ver como os partidários da ginástica resultam, se não muito mais numerosos, se ao menos muito mais entusiasmados e ativos em seu trabalho de

Telephone 2861
Box 770, 4, P.O.

The Amateur Athletic Union of Australasia.

HEADQUARTERS—Sydney, N.S. Wales.

K. CONNORS,
President.

424 Referee Office, Connaught Rd., Sydney

H. S. MARKS,
Honorary Secretary.

STANLEY BOWLEY,
Honorary Treasurer.

Address:

c/o N.S. WALES SPORTS CLUB, Ltd.,
10, 12 & 14 HUNTER STREET.

AFFILIATED ASSOCIATIONS

N.S.W. Amateur Athletic Association.

W. L. Alexander, Hon. Sec., Box 219, G.P.O., Sydney.

New Zealand Amateur Athletic Association.

J. R. Green, Hon. Sec., Box 10, Christchurch, New Zealand.

Victoria Amateur Athletic Association.

H. A. Smith, c/o Amateur Sports Club, Collins Street, Melbourne, Vic.

Queensland Amateur Athletic Association.

G. Crawford, Hon. Sec., 234 Upper St., Petrie's, Eagle, Brisbane, Q.

Tasmania Amateur Athletic Association.

M. H. Brooke, Hon. Sec. c/o A.S.S. Society, Hobart, Tasmania.

South Australia Amateur Athletic Association.

G. Elton Mayo, Hon. Sec. c/o J. H. Sheering & Co., Light St., Adelaide, S.A.

Western Australia Amateur Athletic Association.

Sydney, 12th Feby. 1912

Objects:

(1) The encouragement of wholesome physical exercise and recreation in Australia.

(2) The improvement and promotion of athletic exercise amongst women.

(3) The introduction of all athletic Amateur Athletic Associations in the Union with membership and representation as at to advance the cause of Amateur Athletics throughout the Australian Colonies, and to promote and foster the interests of the several members.

(4) The establishment and maintenance by strict membership of adherence of alliances with other associations (covering kindred sport) devoted to physical culture or to some specialty in Amateur Athletics.

(5) The establishment and maintenance throughout the Australasian Colonies of an uniform code of Amateur playing and uniform laws for the government of all athletic matches within the jurisdiction.

(6) The institution, institution, and execution of all amateur athletic championships of Australasia.

(7) To deal with appeals of other committees or tribunals from the judgment of any member as to the amateur status of any athlete, or on any appeal may submitted to it on voluntary appeal by or with the sanction of any member.

Kristian Hallstrom Esq.,
Secretary,
Fifth Olympiad, Stockholm.

Dear Sir,

I beg to acknowledge receipt of programmes and posters and have circulated same. It may interest you to know that Australasia will be represented in the following branches: Rowing, Swimming, Athletics, Lawn Tennis and most likely Rifle Shooting and Cycling.

Our representatives, totalling about 25, purpose leaving by the R.M.S. "Osterley", due in London May 26th and I understand purpose going at once to Stockholm. The following well known men in Sport will most likely accompany the team:

Q.L. Deloitte, President N.S. Wales Rowing Association,
A. Thompson, Hon. Secretary N.S. Wales ..
W.B. Alexander, Hon. Secretary N.S. Wales Amateur }
Athletic Association }
A. Watson, Hon. Secretary Manly Surf Club
G.E. Upward, late Captain Victorian Rowing Association
C. Helsham, Member Committee N.S. Wales Rowing Assoc.
Dr. Newman, President New Zealand Amateur Athletic }
Association }

and

Registro da equipe da
Australásia no Jogos
Olímpicos de 1912.
Nova Zelândia e Austrália
formaram uma única
equipe. (Arquivos Nacio-
nais, Estocolmo)

proselitismo. Na Alemanha, todos colaboram com o mesmo espírito para o sucesso da VI^a Olimpíada. Na Rússia, foi criada uma espécie de ministério dos esportes, cuja curiosa tarefa consiste em difundir nesse imenso país, e com todos os meios disponíveis, a prática dos exercícios físicos.

Faz exatamente vinte anos que, ante a primeira chamada do Olimpismo renascido, a concentração desportiva necessária para o sucesso das Olimpíadas dava seus primeiros passos. Quando começou a avançar paulatinamente por esse caminho, levada por forças circunstanciais, reticências e resistências foram produzidas. Ao longo desses vinte anos, é possível salientar bem nitidamente três períodos. No primeiro há um recíproco desdém dos esportes entre si e uma atitude de condescendência em relação às instituições Olímpicas. Não há crença em sua vitalidade, mas se aceita a originalidade dessas grandes assembleias adornadas por uma antiga reputação. A vista destas assembleias, fica consentido, portanto, o estabelecimento de colaborações esporádicas e carentes de importância técnica. Logo vem um segundo período, o da boa vontade quadrienal. As Olimpíadas se impuseram. Admite-se que para delas participar, os diferentes esportes devem se colocar de acordo, e inclusive, fazer mutuamente até mesmo alguns sacrifícios. Então, uma vez concluída a Olimpíada, cada qual deve recuperar sua liberdade e voltar a tocar sua rotina sem se preocupar mais com o trabalho feito em comum na véspera. Aparece, por fim, um terceiro período. Já é possível compreender os benefícios da cooperação desportiva. Uma espécie de instinto de cooperação mútua está substituindo os desprezos e invejas de antigamente. Os esportes mais alheios entre si, técnica e inclusive socialmente considerados, parecem se procurar. Nada leva a pensar que deva suceder, como reação, um novo período de suspeitas e distanciamento. Intervém, assim mesmo, um fenômeno que há de se ter em conta. Dada a importância que os Jogos Olímpicos atualmente têm adquirido, a preparação dos participantes não podem ser feitas em alguns meses. Isso pôde ser visto claramente na V^a Olimpíada, cuja preparação três anos antes já preocupa muito a opinião desportiva. Por conseguinte, o entendimento entre os esportes não pode ser provisório, é preciso que seja permanente. Trata-se de uma necessidade sentida em todas as partes.

Com o congresso de Paris e os Jogos de Berlim em perspectiva, o ano de 1913 terá, a esse respeito, uma influência decisiva na mentalidade desportiva.

“L’unification sportive”,
na “Crônica do mês” da *Revue Olympique*,
dezembro de 1913, pp. 188-190.

6.2/3 – 6.2/4 INTRODUÇÃO

Coubertin dá umas pinceladas sobre a expansão do movimento Olímpico em uma circular de 15 de setembro de 1921 dirigida aos membros do COI. Tinha planejado fazer uma longa viagem pela América do Sul, a qual, em última instância, não aconteceu. Em sua carta, Coubertin anunciou que o Comitê Executivo começaria com o trabalho apesar de sua ausência. Estava encantado com o sucesso dos quatro Jogos Olímpicos do Extremo Oriente, e ressaltou que estava trabalhando para incorporar os “jogos continentais” ao movimento Olímpico.

Os Jogos Africanos, previstos para 1925 na cidade de Argel não foram realizados. O chamamento de Coubertin que vem a continuação estava dedicado ao lançamento de uma medalha comemorativa dos jogos previstos para 1927 em Alexandria, aos quais seus ingressos deviam ser destinados. Neste chamamento é importante o desejo do COI de difundir o esporte também na África. O fato de que tinha considerado a difusão do esporte na África uma tarefa primordial do COI está provado em seu discurso inaugural da sessão do COI em Roma em 1923.

6.2/3 CARTA AOS MEMBROS DO COI (1921): “MEU TRABALHO ESTÁ FEITO”

Comitê Olímpico Internacional

Lausanne, 15 de setembro de 1921

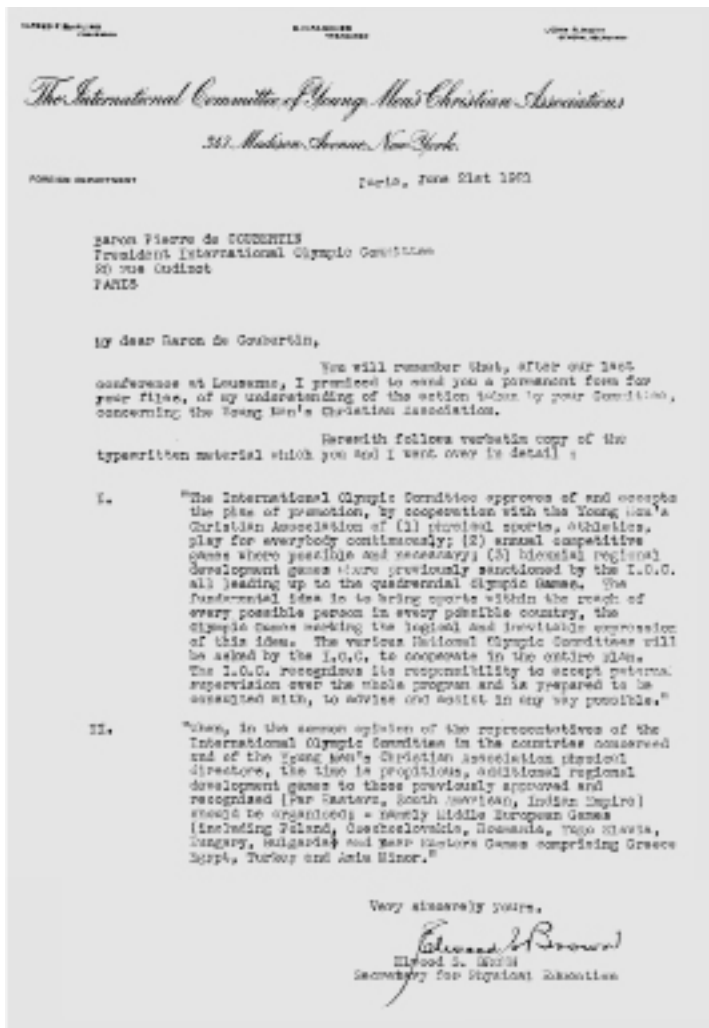
Aos Senhores membros do Comitê Olímpico Internacional.

Prezados Colegas:

No dia 1º de outubro entrará em atividade a Comissão Executiva designada pelos senhores, a meu pedido, para garantir o funcionamento do nosso comitê em minha ausência. Esta Comissão, que compreende os Senhores de Blonay, Guth-Jaorkovsky, de Baillet-Latour, Edström e de Polignac, une a competência à entrega. Podemos prever claramente o feliz êxito de seus trabalhos.

A situação Olímpica é satisfatória em todos os pontos de vista. A VIIIª e a IXª Olimpíadas foram estabelecidas de acordo com os interesses gerais, cuja atenção é o único aspecto que deve inspirar nossas decisões. O Comitê Internacional, que conta com 52 membros divididos entre 41 Estados da Europa, da África, da América e da Ásia, é verdadeiramente “mundial” e sua autoridade nunca esteve nem mais bem asentada, tampouco mais justificada. Um entendimento fecundo existe entre seus membros, os Comitês nacionais ante os que nos representam e as Federações nacionais.

Eu poderia, portanto, considerar que o objetivo já foi alcançado e que minha obra está concluída; mas, de acordo com o desejo dos senhores, continuo dirigindo o Comitê até 1924, para que todos juntos possamos comemorar esse ano em Paris, junto à VIIIª Olimpíada, o XXXº aniversário do reestabelecimento dos Jogos Olímpicos. A partir de então, trabalharei, de acordo com minha promessa, no desenvolvimento dos Jogos regionais que, organizados periodicamente sob o patrocínio dos senhores em diferentes países, proporcionam preciosos reforços humanos ao Olimpismo. Assim, os IVº Jogos do Extremo Oriente que acabam de acontecer em Xangai perante uma multidão de 150.000 espectadores obtiveram em todos os aspectos resultados extremamente notáveis.



Uma parte importante da carta de entendimento (21 de junho de 1921) referente à cooperação entre o COI e o YMCA, especialmente no que se refere aos Jogos Regionais. A carta foi assinada por Elwood S. Brown (Secretário de Educação Física), amigo e conselheiro para a promoção do esporte de Pierre de Coubertin (1919-1925). YMCA recebeu a Copa Olímpica em 1929. (Arquivos do COI)

Como ainda conservo a presidência nominal do Comitê, pretendo recuperar desde agora a liberdade para esforçar-me em atender o ensino popular, pois, convencido como estou de que a Sociedade atual não se levantará das ruínas acumuladas por suas ambições e injustiças e de que diferentes formas sociais vão se impor dentro de nada, percebo na difusão prévia da cultura, e principalmente dos estudos históricos, a única garantia de um progresso geral.

Permitam-me lhes expressar, queridos colegas, minha gratidão, meu afeto e minha leal abnegação.

Pierre de Coubertin

Circular do presidente do COI (Arquivos do COI)

6.2/4 O ESPORTE QUER CONQUISTAR A ÁFRICA

COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE

The time has come for sport to advance to the conquest of Africa, that vast continent which it has as yet hardly touched and to bring to its people the enjoyment of ordered and disciplined muscular effort, with all the benefits which flow from it.

With this object in view the International Olympic Committee has adopted two resolutions :

1^o It has instituted the **"Games of Africa"** (to be in the main reserved for natives) which will be celebrated for the first time at Alexandria in Egypt, in 1927, and thereafter every two years in some town of the African coast ;

2^o It has resolved to institute a medal for the propaganda of sport in Africa. A large number of these medals will be distributed annually to native associations of sport as a recognition of their work and as a stimulus to effort. It has been thought well that this medal should be a gift presented to the youth of Africa by the Olympic representatives of the world assembled in Paris for the games of the VIIIth Olympiad.

We appeal therefore to the athletes and all who take part in the Games to contribute their mite, however small it may be, to this work of drawing together the whole world into one brotherhood of sport and sympathy.

July 8th has been specially set apart for this subscription which the President of the French Republic has kindly consented to head.

Each separate nation should organize its own subscription list and kindly send the amount subscribed to Mr A.-C. BOLANACHI, commissioner general for the Games of Africa or pay it into his account at the Banque Imperiale Ottomane, 7, rue Meyerbeer, Paris, compte "Sports d'Afrique".

With my best thanks for your help.

Very cordially yours.

PIERRE DE COUBERTIN.

PRESIDENT OF THE INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE.

"Todos os esportes – Todas as nações": Coubertin começou a pedir a entrada da África no Movimento Olímpico em

1923 através da Solidariedade Olímpica, o que infelizmente não teve êxito. Aqui, o presidente do COI faz um apelo

em favor de uma coleta para os Jogos Africanos que iriam ser realizados em 1927 em Alexandria. (Arquivos do COI)

Le sport veut conquérir l'Afrique. Appel du Président du CIO (1923).
(Arquivos do COI)

6.2/5 COLONIZAÇÃO DESPORTIVA

Este texto para o boletim do B.I.P.S. mostra o quanto Coubertin valoriza o êxito do movimento Olímpico em relação à divulgação do esporte. A palavra “colonização” não deve, de maneira nenhuma, atribuir a Coubertin uma ideologia racista, muito pelo contrário, Coubertin neste texto remete a suas afirmações formuladas em 1912, de que não pode haver nenhuma vitória de uma raça sobre outra.

Em seus esforços para divulgar o esporte moderno e o movimento Olímpico, Coubertin pareceu deixar em segundo plano a questão de que cada raça e cada nação tenham sua própria cultura, também desportiva, e que devam cultivá-la. Hoje em dia, esse aspecto continua muito vigente graças ao trabalho de solidariedade Olímpica.

Em 1923, durante a seção ocorrida em Roma, no Capitólio, sob o patrocínio do rei da Itália, o Comitê Olímpico Internacional decidiu “conquistar a África” e criou os Jogos Africanos, que deveriam ser realizados na periferia desse enorme continente e ir ensinando os benefícios da atividade esportiva aos povos autóctones. Todos que posteriormente se lembram dos perigos que pairavam sobre a vida dos africanos e que perceba o valor desta abordagem, se assombrarão com a acolhida dispensada a essa nova ideia. Já havia os Jogos do Extremo Oriente, cuja influência pedagógica na China, no Japão e nas Filipinas foi rápida e profunda. Em outros pontos do planeta apareciam inovações semelhantes. Na Índia se falava dos Jogos Hindus. Tudo isso era o “jardim de infância” do Olimpismo, pelo que o COI tinha mostrado especial interesse desde o princípio. A *Revue Olympique* de janeiro de 1912 tratava deste assunto e denunciava a falsa ideia de que “uma vitória da raça dominada sobre a raça dominante poderia tomar um rumo perigoso e correr o risco de ser explorada pela opinião local como fomento à rebelião”. Em suas colônias na África, muito bem equipadas, os alemães não temeram introduzir o esporte entre os autóctones. Na Índia, os ingleses, sem alentar muito o movimento, também não se opuseram. A Itália aceitava a ideia com benevolência sem ter tido tempo de pensar muito. A França se opôs. Foi decidido que Argel teria a honra de inaugurar os Jogos Africanos. Apoiados pela metrópole, ou por ela impelidos, os argelinos declinaram essa honra. Foi decidido então atrasar a inauguração em dois anos e confiá-la ao país decano, o Egito. Um estádio magnífico foi construído em Alexandria. O Comitê Organizador, dirigido pelo Sr. A. Bolanachi, fez maravilhas para que tudo estivesse concluído no tempo previsto, o que realmente aconteceu. De repente se soube que as potências fraquejavam com qualquer pretexto e renunciavam a facilitar a ida de suas equipes coloniais. Os Jogos não aconteceram... esperam desde então.

Os segredos dessa aventura não nos dizem respeito. Resulta claro que na base de uma oposição que não se distinguiu, nem por sua franqueza, nem por sua lealdade, subsistia a ideia de um prestígio metropolitano ferido pelos êxitos coloniais. Pois bem, como se poderia imaginar que no mundo moderno fosse possível travar por muito tempo a expansão esportiva e limitar seu progresso a determinadas raças e países? Só se passaram três anos e a grande exposição colonial de Paris, destinada a celebrar o centenário da África francesa, foi obrigada a dedicar um espaço considerável ao esporte.

Entretanto, não nos enganemos, ainda não é algo claro nem definitivo, trata-se, principalmente, de espetáculos desportivos. Isso não significa, em absoluto, que nestes países se vá, sucessivamente, incentivar os autóctones a praticar exercícios viris, nem facilitar sua aprendizagem, tampouco lhes fazer compreender em toda sua profundidade filosófica e pedagógica a divisa, por nós anteriormente citada, que leva a “medalha africana” criada em 1923 pelo COI, medalha de incentivo na qual se leem estas palavras: *Athletae proprium est se ipsum noscere, decere et vincere*.

Aqui somente consideramos este assunto com relação aos preceitos essenciais da Pedagogia desportiva. São aplicáveis às raças autóctones, à sua existência geralmente primitiva? Sem dúvida, e inclusive integralmente. Aí está sua beleza: que contam com a suficiente radicalidade humana como para resultar apropriados à condição do homem desde seu estado semisselvagem até seu estado ultracivilizado.

Em sua aplicação, logicamente, há que se levar em conta determinados temperamentos. O Gabão e a Polinésia não têm o mesmo regime. Parece que, de forma geral, devem ser preponderantes os jogos atléticos, e principalmente o futebol, pois são jogos simples de serem executados e envolvem um grande número de participantes. Se em alguns países da Europa chegamos ao ponto de reconhecer os excessos dos esportes de equipe, ou seja, o limite além do qual a equipe prejudica o indivíduo – fronteira que por muito tempo passou despercebida – não estamos ainda em uma situação similar nos países colonizados, mas isto não quer dizer que para isso tenha que se descuidar dos esportes individuais. Todavia subsistirá por algum tempo o preconceito o qual aludíamos há pouco e que resultou no fracasso dos “Jogos Africanos”, talvez esse preconceito não seja tão forte contra os esportes individuais em relação aos de equipe, os quais sempre evocam uma ideia de batalha e de vitória terminal conseguida por uma tropa representativa do país ou da cidade. As corridas, todas as variedades de salto, de subida, de lançamento, os esportes náuticos e os exercícios de ginástica com aparelhos compõem, inclusive se descartando a esgrima, um programa suficientemente amplo para dar suporte a uma abundante atividade desportiva colonial.

Por outro lado, existem certas formas desportivas autóctones localizadas em uma região específica, e às vezes em um distrito, que devem ser estimuladas, mas que nunca passarão de diversão e lazer. Se quisermos estender aos autóctones dos países colonizados o que atrevidamente chamamos de benefícios da “civilização desportiva”, é necessário fazê-los entrar no vasto sistema desportivo de regulamentos codificados e de comparação de resultados que constitui o fundamento obrigatório dessa civilização.

Diante desse passo decisivo, ainda recuam mais de uma administração metropolitana. Terão, portanto, que se decidir... ou os autóctones chegarão a se organizar sozinhos; e depois de tudo, talvez não seja tão ruim para eles do que para seus dirigentes.

“Colonisation sportive”, em:
Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, n. 5,
Lausanne, 1931, pp. 12-14.

THE LAST MESSAGE OF BARON DE COUBERTIN

"The task of celebrating the XIIIth Olympic Games will be the greatest ever given to a country, for it does not mean merely to pursue the Olympic Torch through the universe and to unite the whole of Asia with the modern Olympism in a most cordial manner, but also to combine Hellenism, the most precious civilization of ancient Europe, with the refined culture and art of Asia."

"It is a most enjoyable thought to me to be able to promote the rapprochement of world interest."



Geneva, 29, July, 1937

Pouco antes da sua morte, Coubertin escreveu esta última mensagem para um folheto

promocional do Comitê Organizador dos Jogos de 1940, que iriam ser realizados em Tóquio.

(Extraído de *The Organizing Committee of the XII Olympiad*, Tóquio, 1938, p. 3)

6.2/6 OS PRÓXIMOS JOGOS SERÃO REALIZADOS EM TÓQUIO

Nesta breve nota de imprensa de dezembro de 1936, Coubertin saúde com muita veemência a realização dos Jogos Olímpicos de 1940 em Tóquio, pois assim se torna possível a expansão do Olimpismo por partes remotas da terra. Os Jogos de Tóquio foram, lamentavelmente, mais uma vítima da guerra entre a China e o Japão, e na sede substituta, Helsinki, não aconteceram até 1952 por causa da Segunda Guerra Mundial.

Ao concluir este primeiro ano da IXª Olimpíada, só responderei a suas chamadas com palavras breves, mas cuja importância não necessita ser destacada. Nestes momentos, não resulta preponderante um fato a partir do ponto de vista Olímpico? Já por outro lado, o resto carece de importância, pois suas consequências serão enormes: o Olimpismo se penetra na Ásia!

No Extremo Oriente, já existe a preocupação de se levar, quando chegar o momento, a chama simbólica acesa no solo sagrado da Hélade. Talvez isso não seja indispensável. Não bastou a façanha do mês de julho passado, a corrida dos que levavam a tocha revezando-se de Olímpia até Berlim, neste gesto demonstrando toda sua amplitude e um alcance definitivo e permanente? Tanto faz se a chama circula na realidade ou em imagens, pois seu significado continua o mesmo do que o daquela chama cujo poder evoca. Com o Olimpismo restaurado, todo o Helenismo estará presente durante quatro anos no pensamento do império japonês, e selará as relações entre a mais pura das civilizações europeias e uma das mais ilustres civilizações asiáticas.

Esta é uma data profícua e serena que, uma vez estabelecida no destino da humanidade, não se repetirá.

"*Les prochains Jeux auront lieu à Tokio*", em:
La Revue Sportive Illustrée,
ano 32, 1936, n. 3, p. 17.

6.3 OS DIVERSOS ESPORTES DO PROGRAMA OLÍMPICO

É compreensível que Coubertin, em função de seus muitos trabalhos como publicitário, expressasse com frequência sua opinião sobre as disciplinas desportivas do programa Olímpico.

Os textos sobre este aspecto foram redigidos quase sempre por um motivo concreto, por exemplo, pela inclusão ou supressão de algum esporte dos Jogos Olímpicos; mas às vezes não eram mais que questões parciais dentro de um contexto mais amplo. Coubertin não tinha interesse pelos detalhes técnicos, mas sim pelo resultado pedagógico que se derivava dos diferentes esportes.

Um segundo grupo de textos trata, em linhas gerais, da situação dos esportes no programa Olímpico. Coubertin muitas vezes ressalta a igualdade de todos os esportes, algo que naquela época deve ter causado um impacto revolucionário. Pela primeira vez, o atletismo devia compartilhar sua primazia com esportes menos estendidos, as vezes, completamente desconhecidos. Com isso, o movimento Olímpico, até o dia de hoje, fomenta decisivamente a expansão das novidades esportivas a nível mundial.

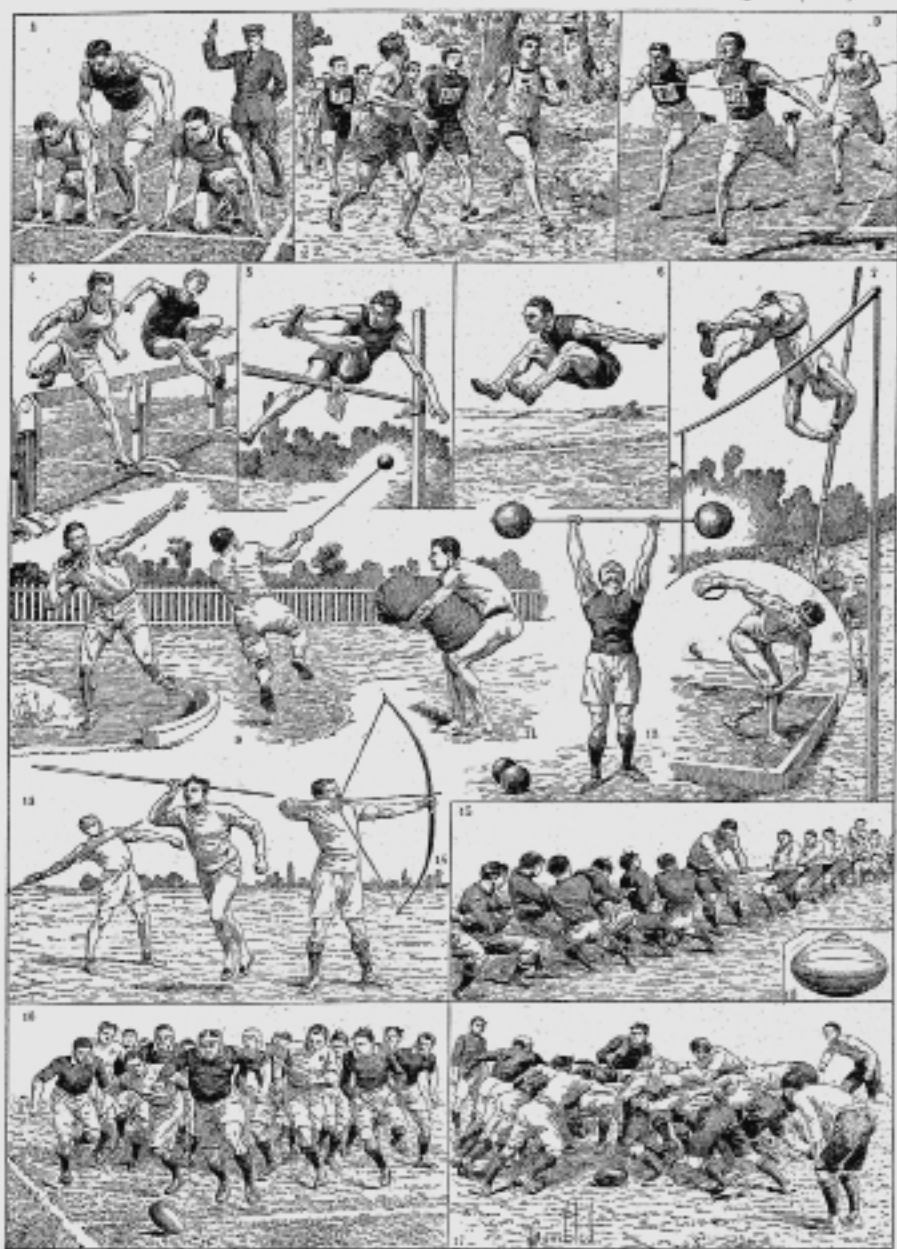
Este esboço para uma sede Olímpica permanente, também abarca reflexões sobre o programa dos esportes Olímpicos, dos atletas e dos espectadores por ele afetados. O ponto de vista de Coubertin em 1909 é uma mescla de tradição e progresso.

6.3/1 O PRINCÍPIO DE IGUALDADE

6.3.1/1 TODOS OS ESPORTES

As reflexões de Coubertin apresentadas a seguir versam sobre o princípio básico do Olimpismo de igualdade de direitos entre todos os esportes, e são especialmente relevantes pelo seu conteúdo. No artigo, redigido em 1910, Coubertin discorre sobre o significado e a aplicação deste princípio desde o começo do movimento Olímpico. Salienta que esta questão é uma das páginas mais importantes do movimento Olímpico.

Parece que vários países têm dificuldades para entender uma verdade primordial e essencial: os Jogos Olímpicos abarcam o conjunto de todos os esportes. Entretanto, isto era assim no passado e, sem ser eu um grande erudito, é sabido que em Olímpia as competições equestres e as lutas se alternavam com as corridas, portanto, ninguém ficou assombrado com a carta fundamental da restauração das Olimpíadas, que novamente proclama um princípio tão lógico e legítimo. Desde o primeiro momento, ficou claro que os Jogos modernos incluiriam, na medida do possível, todas as formas de exercícios praticados no mundo atual. Atenas, Paris, Saint Louis e Londres, por meio dos fatos, confirmaram esta decisão teórica; mas, ainda é possível ver – e inclusive o ano de 1910 se distingue neste aspecto por um irritante recrudescimento de iniciativas similares – simples “*meetings*” de corridas qualificadas pelos seus organizadores como Jogos Olímpicos. Isto nem sempre tem êxito. Um grande clube belga acaba de fazer a prova. Por teimar no uso desta de-



JEUX OLYMPIQUES. — Concours de pied : 1. Départ; 2. Course normale; 3. Arrivée; 4. Course de haies. — Course : 5. Course en haies; 6. Course longue; 7. Haie à la perche. — Lancement : 8. Le poids; 9. Le javalot; 10. Le disque. — Course : 11. En son tour; 12. En son tour; 13. En son tour; 14. En son tour; 15. En son tour; 16. En son tour; 17. En son tour; 18. En son tour.

O princípio de igualdade
de todos os esportes
nos Jogos Olímpicos foi
reconhecido pelo Gran-

de Larousse no
início do século XX.
(Coleção N. Müller)

nominação imprópria, ficou sem o apoio tanto da Exposição universal, quanto da União belga de Associações de esportes atléticos. Seu presidente, para quem foi oferecida a presidência de honra daquelas provas, rechaçou o título. Concernente à Exposição de Bruxelas, o comissário do governo garantira previamente ao Comitê Internacional que não toleraria a expressão Jogos Olímpicos nos certames dependentes da administração. O Comitê Internacional foi muito sensato a esta mostra de apreço, mas, tal como consta na discussão ocorrida em Luxemburgo, estes abusos não parecem lhe afetar muito. “Qualquer um pode organizar uma corrida de asnos ou de mulas e chamá-la de *Derby*, pois não existem meios para evitar que as pessoas se façam de asnos a si próprias”, nos escreveu um amigo nosso comentando esses incidentes. Efetivamente, quando se levam em conta os gigantescos esforços feitos para realizar as quatro Olimpíadas, as de 1896, 1900, 1904 e 1908, só nos resta sorrir ante a pretensão de tornar Olímpicas reuniões esportivas restritas e especiais.

Mas a questão não é esta. Este tipo de competições não são uma ameaça. São fundamentalmente ocasionadas e inspiradas por um equívoco histórico e técnico, e como todo equívoco desta natureza deve ser combatido, não é plausível se trabalhar muito para extirpá-lo. É muito fácil compreender sua origem. Observemos que nos discursos que acompanham uma entrega de prêmios ou um banquete, o esporte que ocasiona essas cerimônias ou essas ágapes é regularmente proclamado “o mais belo” e o “mais nobre” de todos. Este lugar comum se transformou no companheiro do famoso *mens sana in corpore sano*, que os humanistas não deixam de recorrer quando uma molesta aventura os obriga a louvar a atividade física, a qual, com muita frequência, lamentavelmente permanecem alheios. Então assim, algumas vezes a esgrima e outras o cavalo, umas o remo e outras o esqui, obtêm as honras da máxima “beleza” e da máxima “nobreza”, aspectos conferidos por alguns adeptos entusiastas; mas, no passado próximo, os praticantes dos diferentes esportes se desconheciam e se desprezavam mutuamente. Pois bem, a restauração dos Jogos Olímpicos resultou em imprevistos e fecundos contatos de todos os esportes entre si. Um dos maiores ápices da obra Olímpica é ter trabalhado em uma unificação tão valiosa. A apaixonada hostilidade que encontrou em certos grupos procede, precisamente, de que, por motivos inteiramente pessoais, seus dirigentes rechaçavam a ideia de unificação. Contrariamente a isso, a grande maioria dos esportistas se mostrou claramente favorável. Ainda falta muito para que o princípio alcance o ponto a que deve chegar, e principalmente, para que as lógicas consequências possam ser compreendidas. Produzimos uma boa colaboração para assegurar as participações nacionais nos Jogos Olímpicos, mas cada um conservava *in petto* o sentimento de sua indubitável superioridade em relação ao vizinho e considerava que o interesse máximo da Olimpíada deveria se concentrar no que se refere ao seu esporte, sem que os outros sequer merecessem um interesse acessório. Entre os especialistas, os corredores ruidosamente mantêm a opinião mais elevada sobre seu próprio valor. Com a força da repetição, conseguiram convencer os ignorantes de que eram os herdeiros diretos e únicos da antiguidade. Os boxeadores certamente poderiam dizer o mesmo, e não lhes faltaria razão, mas não fazem isso. A natação é muda por natureza, entretanto, era considerada primordial em uma época que, para contar como homem, convinha saber “ler e nadar”. No que se refere aos esportes equestres, mesmo que as formas externas tenham se modificado enormemente, o panorama

permanece idêntico. Aqueles que hoje os praticam se esquecem de que estes esportes antigamente figuravam no programa Olímpico.

Em suma, a superposição de todos estes estados de espírito, algo bastante explicável, faz compreender que no intervalo das Olimpíadas modernas aconteçam encontros de grupos dispostos a usurpar, com boa fé plena, um título inapropriado e designar a parte pelo todo, inclusive houve programas de conjunto em que figuravam “Jogos Olímpicos” com provas de esgrima e de natação. É como se em uma enumeração de diferentes provas se pudesse ler: boxe – ginástica – exercícios físicos – remo. E por acaso o boxe, a ginástica e o remo se transformaram em exercícios mentais? Não seria um problema se corifeus de aldeia errassem dessa maneira, mas é inadmissível quando se trata de um grande círculo como o que há pouco aludimos, de agrupamentos sérios e muito respeitáveis pelo valor de seus afiliados e os numerosos serviços que já fizeram pela causa esportiva.

Não cabe então ficar repetindo exageradamente: o termo Olímpico só pode e deve ser aplicado a conjuntos de esportes variados. É um termo que pertence ao domínio público. Empregado sem que haja o temor de se passar por ridículo, se o seu esforço é suficientemente grande para poder ser comparado com o que a organização de uma Olimpíada regular necessita. Ninguém tem o direito de lhes impedir, mas, por favor, não cometam a heresia de aplicá-lo a apenas uma categoria de esportes e de celebrar cultos de capelinha sobre o vocábulo de uma grande igreja. O Olímpico é universal. Os Jogos Olímpicos são o templo da atividade muscular em suas mais diversas formas sem que haja lugar para graduá-los em uma hierarquia de formosura e de nobreza. O que resulta belo e nobre, não é um determinado esporte em si mesmo, mas sim a forma de praticá-lo, o espírito com o qual se ama, e a alma que o homem põe no próprio homem. Não pode existir nada Olímpico fora do contato e da colaboração entre os diversos tipos de esportes unidos em perfeita igualdade para o aperfeiçoamento da humanidade.

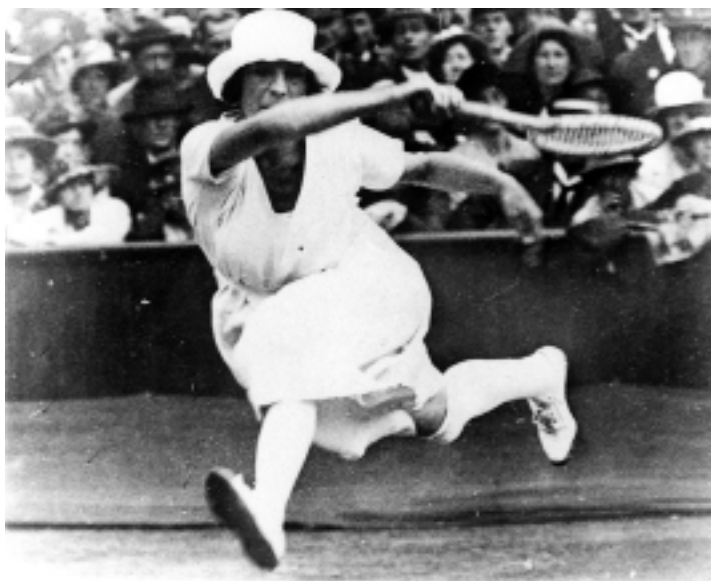
“*Tous les sports*”, em:
Revue Olympique,
agosto de 1910, pp. 115-118.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

As mulheres competiram pela primeira vez nas competições Olímpicas de natação em 1912. Aqui, a equipe britânica que ganhou o revezamento 4x100 metros. (Extraído de E. Petersen; S. Hermlin, *Dem Femste Olympiaden, Olympiska Spelen i Stockholm 1912* i bild och ord. Gotemburgo, Ahlen & Akerlund, 1912, p. 248)



A “divina” Suzanne Lenglen foi a grande estrela das quadras de tênis. Ganhou as medalhas de ouro em 1920 em individuais femininas e em duplas mistas. (Arquivos do COI)



6.3.1/2 AS MULHERES NOS JOGOS OLÍMPICOS

As reservas de Coubertin relacionadas à participação das mulheres nos jogos Olímpicos são claras em várias passagens. A opinião de Coubertin em 1912, que vem a continuação, continua sendo toda uma expressão de seu pensamento tradicional, consideravelmente influenciado pelo ideal da Antiguidade.

Apesar de suas ideias de reforma social, especialmente na década de 1920, sua atitude não se modificou, sua única preocupação era a aparência das mulheres no estádio Olímpico durante as competições, não suas atividades no marco da educação física.

A questão da admissão das mulheres nos jogos Olímpicos está sem regulamentos. Não é possível atribuir-lhe sentido negativo, aduzindo que a antiguidade assim tinha decidido, nem em sentido afirmativo pelo fato de que os participantes femininos terem sido admitidos em natação e em tênis em 1908 e 1912. Recentemente chegou um compromisso de participação assinado por uma neoamazona que pretendia participar do pentatlo moderno, e o Comitê sueco, livre de se pronunciar a respeito pela ausência de uma legislação estabelecida, se negou. Como é possível ver, a discussão permanece aberta.

É melhor que não se tenha produzido uma decisão demasiadamente precipitada e que o assunto não tenha ficado resolvido. Será solucionado de forma inteiramente natural durante o congresso de Paris, que dará às Olimpíadas sua fisionomia definitiva. Em que sentido? Não podemos prever, mas, no que diz respeito a nós, não tememos tomar partido pelo lado negativo. Pensamos que os Jogos Olímpicos devem ficar reservados aos homens. Em primeiro lugar, como aplicação do famoso provérbio ilustrado por Musset: “É preciso que uma porta se abra ou se feche.” Cabe permitir às mulheres o acesso a *todas* as provas Olímpicas? Não?... Então, por que lhes permitir umas e lhes proibir outras? E sobre tudo, em que se basear para estabelecer uma fronteira entre provas permitidas e provas proibidas? Não há somente jogadoras de tênis e nadadoras, há também amazonas e praticantes de esgrima, e na América, remadoras. É possível que haja em um futuro próximo corredoras e até mesmo mulheres que joguem futebol? A prática destes esportes por mulheres seria um espetáculo recomendável ante a multidão que uma Olimpíada reúne? Não pensamos assim.

Mas há outro motivo, esta vez de ordem prática. Serão organizadas provas separadas para as mulheres? Ou a mescla sem distinção de sexo será aceita? Já que se trata de uma prova individual ou por equipes. Este último procedimento seria lógico, posto que o dogma da igualdade de sexos tende a se estender. Para isso se supõe a existência de clubes mistos, que hoje em dia só abarcam o tênis e a natação. Pois bem, mesmo com clubes mistos, em noventa por cento das vezes as eliminatórias favorecerão os homens. Não nos esqueçamos de que os Jogos Olímpicos não são desfiles de exercícios físicos, mas sim tem como objetivo a superação, ou, pelo menos, a manutenção das marcas. *Citius, Altius, Fortius*. Mais rápido, mais alto e mais forte constitui o lema do Comitê Internacional e a razão de ser de todo o Olimpismo. Sejam quais forem as ambições atléticas femininas, não podem ter a pretensão

As mulheres participaram desde 1904 nas competições Olímpicas de tiro com arco. Aqui, a campeã feminina S.F. Queenie Newall (GBR) nos Jogos de 1908 em Londres. (Extraído de BOA (Ed.), The Fourth Olympiad. Official Report, Londres, 1909, p. 114)



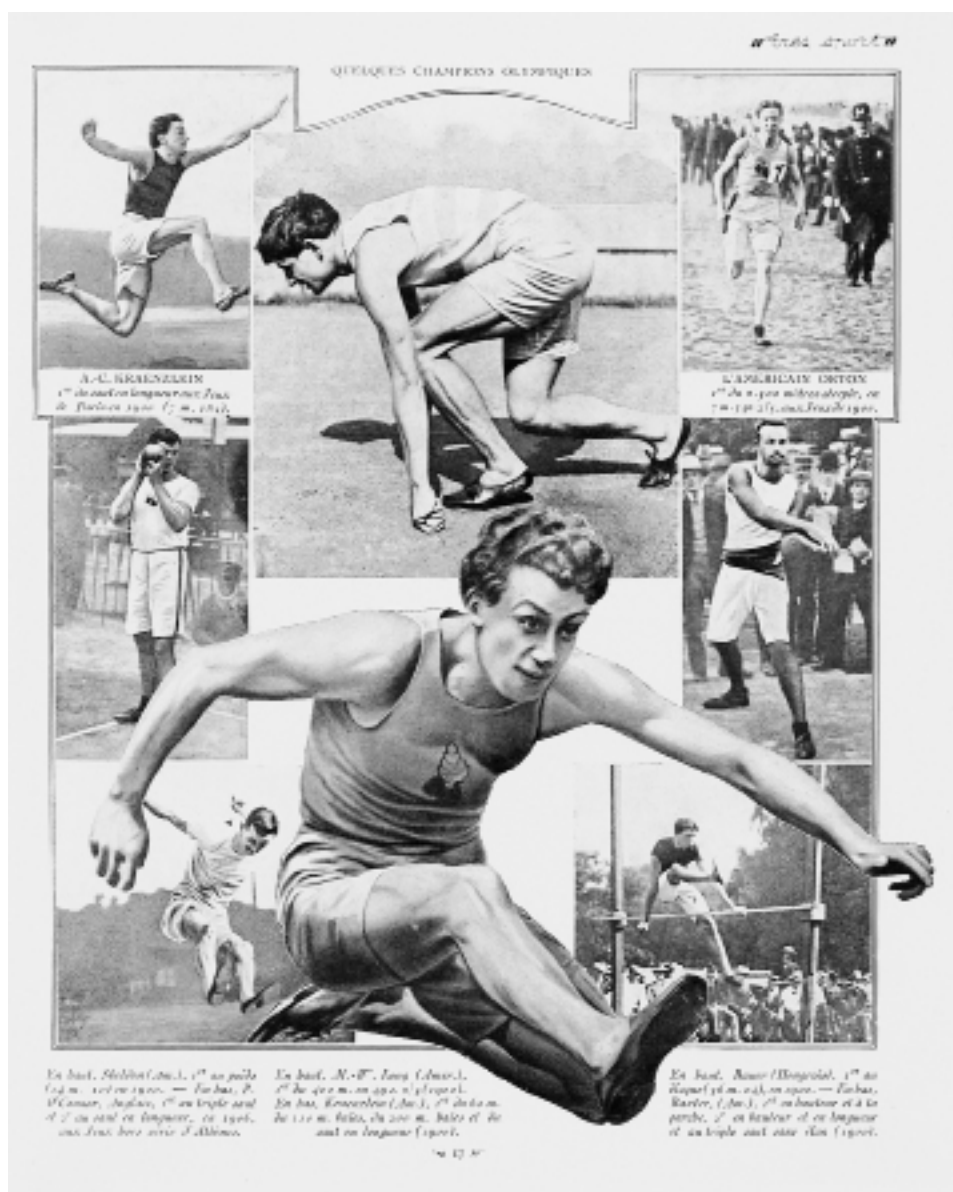
de ganhar dos homens em corridas, em esgrima, em equitação... Portanto, fazer que aqui intervisse o princípio da igualdade teórica dos sexos equivaleria a incorrer em uma manifestação platônica carente de sentido e de alcance.

Haveria uma outra alternativa, que seria duplicar as provas masculinas com outras para mulheres naqueles esportes que se declarem aberto a elas. Uma pequena Olimpíada fêmea ao lado de uma grande Olimpíada macho. Qual seria seu interesse? Os organizadores já estão sobrecarregados, os prazos já são muito curtos, as dificuldades de alojamento e classificação já são imensas, os gastos também já são excessivos, e haveria de se duplicar isso tudo? Quem gostaria de se encarregar disso?...

Nada prático, nada interessante, nada estético, e não tememos acrescentar: incorreto; como seria a partir do nosso ponto de vista essa Olimpíada feminina. Não é esta a nossa concepção de Jogos Olímpicos, sobre os quais pensamos que temos alcançado e continuamos alcançando a realização da seguinte fórmula: a exaltação solene e periódica do atletismo de varões, tendo o internacionalismo como base, a lealdade como meio, a arte como marco e o aplauso feminino como recompensa.

Essa fórmula, que combina o ideal antigo e as tradições de cavalaria, é a única alternativa sã e satisfatória. E por si mesma se impõe à opinião.

“*Les femmes aux Jeux Olympiques*”, em:
Revue Olympique,
julho de 1912, pp. 109-111.



Campeões Olímpicos do início do século XX. (Extraído de *Très Sport, Édition spéciale sur les Jeux Olympiques de Paris 1924*, p. 17)
M. Long, 1900, 400m (49'4); G.W. Orton,

1900, 2500m com obstáculos; R. Sheldon, 1900, lançamento de peso (14,10m); P.G. Connor, 1906, salto triplo (14,075m); A. Kraenzlein, 1900, 60m (7'0), 110m com obstá-

culos (15'4), 200m com obstáculos (25'4), salto em distância (7,185m); R. Bauer, 1900, disco (36,04m); J.H. Baxter, 1900, salto em altura (1,90m), salto com vara (3,30m).

6.3.1/3 RECORDES OLÍMPICOS

A relação dos recordes Olímpicos vigentes no começo de 1920, antes dos Jogos Olímpicos da Antuérpia, oferece, por um lado, uma explicação sobre o nível de rendimento da época, e, por outro lado, a aprovação de Coubertin para a elaboração de listas de recordes segundo o lema *Citius, Altius, Fortius*.

As marcas Olímpicas de corridas são as seguintes: 100 metros em 10,3/5 segundos; 200 metros em 21,3/5 segundos; 400 metros em 48,1/5 segundos; 800 metros em 1 minuto, 56 segundos; 1.500 metros em 3 minutos 56,4/5 segundos; 5.000 metros em 14 minutos, 36,3/5 segundos; 10.000 metros em 31 minutos 20,4/5 segundos; 110 metros com barreiras em 15 segundos.

As marcas de saltos são as seguintes: salto em altura com impulso, 1 metro 93; sem impulso, 1 metro 65; salto em distância com impulso, 7 metros 60; sem impulso, 3 metros 48; salto com vara, 3 metros 95.

As marcas de lançamento de peso, de disco e de dardo são respectivamente de 15 metros 34,45 metros 21 e 61 metros.

Quase todas estas marcas são recordes do mundo; observemos, entretanto, que em salto com vara foram alcançados 4 metros 3 centímetros, e o lançamento de dardos e de disco, 62 metros 32 centímetros e 48 metros 27 centímetros, em lançamento de peso, 15 metros 64 centímetros, e, por último, em salto em distância com impulso chegou a 7 metros 61 centímetros.

É conveniente fazer duas observações muito interessantes a respeito disso. Em primeiro lugar, do ponto de vista das datas, os recordes Olímpicos seguem a seguinte proporção: um é da II^a Olimpíada (1900); três da III^a (1904); três da IV^a (1908) e onze da V^a (1912). O que nos reserva a 7^a? Sem dúvida, um leve retrocesso, pois os atletas não estão em tão boa forma, mas será curioso ver se a gradação continua em 1924. Em segundo lugar, os recordes Olímpicos batidos (acabamos de citar quatro) aconteceram nos anos imediatamente posteriores aos Jogos Olímpicos, ou seja, em 1901, em 1909 e em 1913, o que corresponde evidentemente à rivalidade que originam.

“Les records olympiques” em:
Almanach olympique pour 1920,
Lausanne (1919), pp. 6-8.
Extrato do artigo *“Propos divers”*, pp. 3-8.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

6.3.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DE DETERMINADOS ESPORTES OLÍMPICOS

6.3.2/1 OS JOGOS OLÍMPICOS E A GINÁSTICA

A posição da ginástica permaneceu intacta desde os Jogos Olímpicos de 1896. Ainda assim, algumas vezes existiram disputas, já que a ginástica que era praticada especialmente na Alemanha, na Áustria e na Suíça, bem como os exercícios ginásticos da escola sueca, reivindicavam um lugar próprio dentro do programa Olímpico. Coubertin justifica neste texto a posição intacta dos campeonatos Olímpicos de ginástica e defende o programa desportivo único de repreensão de uma anglofilia exagerada.

Um dos últimos números do órgão da União das associações de Ginástica da França contém cartas que parecem ter sido trocadas pelo presidente da Federação Internacional de Ginástica e pelo presidente do Comitê Olímpico Internacional. Esta correspondência poderia levar à conclusão de que, até agora, as competições individuais de ginástica foram excluídas do programa dos Jogos Olímpicos, e que somente serão admitidos em Los Angeles através de uma concessão provisória, e entrarão por uma porta lateral como “parentes pobres”, como diz um comentarista suíço; e esta expressão estaria completamente justificada se as premissas de seu raciocínio fossem corretas. No entanto, esse não é o caso, e parece-me haver tempo para restaurar a verdade, não mediante uma retificação sensata, como anteriormente fiz, mas de maneira que não se possa cometer, neste sentido, mais equívocos que os voluntários, o que, infelizmente, não está excluído, pois a franqueza e a lealdade não constituem o signo diferenciador do tempo presente.

Os esportes ginásticos, como os chamo desde aquele dia, e que compreendem a barra fixa, as paralelas, a corda lisa, os pesos e halteres, aos que quis acrescentar as anilhas, o trapézio volante e o cavalo, estão inscritos no programa obrigatório e intangível dos Jogos Olímpicos com a mesma categoria que os esportes chamados atléticos, náuticos, equestres e os esportes de defesa. O programa citado, votado por unanimidade na Sorbonne, em Paris, em 23 de junho de 1894, faz parte da Carta Fundamental do Olimpismo Moderno. Eis o ponto de partida.

Ao redigir este programa, permaneci fiel à conduta adotada desde o princípio da campanha a favor dos esportes escolares na França.

Neste momento, o conjunto de todos os esportes que deviam servir de base à renovação Olímpica já estava indissolivelmente formado em meu espírito (refiro-me a um período superior a quarenta anos).

Quando, na ocasião da Exposição de 1889, aconteceram as primeiras competições interescolares de corridas, equitação, ginástica, esgrima e natação, estabeleceu-se entre elas uma equivalência completa. Estas competições subsistiram: as corridas se transformaram em um campeonato regular da jovem União de Esportes Atléticos; a equitação passou à Sociedade Hípica Francesa, que sempre manteve a tradição; a ginástica foi recomendada a um Comitê dirigido por um de seus decanos, o senhor Sansboeuf.



Os Jogos Olímpicos de 1912 em Estocolmo contaram com ginástica sueca e alemã. (Extraído de E. Petersen; S. Hermlin, *Dem Femste Olympiade, Olympiska Spelen I Stockholm 1912 i blid och ord*, Gotemburgo, Ahlen & Akerlund, 1912, p. 127)

Assim, a opinião pública estava preparada, quando houve o restabelecimento dos Jogos Olímpicos, para ver os ginastas participar, em plano de igualdade com os representantes dos outros esportes. E, de fato, brilharam em Atenas, Saint Louis, Londres, Estocolmo...

Mas, que ginastas?

Os ginastas com aparelhos, ou seja, os individuais.

Foi para eles que quis renovar o Olimpismo: os Jogos Olímpicos foram criados para a exaltação do atleta individual, cuja existência é necessária para a atividade muscular da coletividade, e suas proezas, para a manutenção do incentivo geral.

Mas agora estamos sendo invadidos – e de boa vontade nos deixamos invadir – pelos jogos de equipe e as demonstrações de conjunto. As associações de ginástica, entre si, também sofrem este inconveniente e por isso tem sido difícil manter, nos Jogos Olímpicos, o programa de ginástica como foi desde o princípio e deveria continuar sendo um programa estritamente individual. Os remédios contra as dificuldades do momento atual, tanto em matéria técnica, quanto moral e financeira, indiquei, depois de uma reflexão amadurecida, ao redigir a Carta da Reforma Es-

portiva, apresentada em Genebra setembro passado, e que já deu a volta ao mundo, traduzida para muitas línguas e publicada em muitos países.

Talvez esgrimam contra mim algumas críticas formuladas em 1888, sobre as Associações Francesas de Ginásticas, e uma polêmica amigável, mas viva, com um dirigente de ginástica, por então muito conhecido, o senhor Eugene Paz; ao seu redor a disciplina se exaltava sem trégua, mas na verdade, em suma, o que se buscava era a preparação militar.

Minha ideia era de que a França parecia a causa de seu culto pela disciplina, que toda sua pedagogia dela estava infestada e que nossa República, jovem ainda, só viveria se chegássemos a libertar a juventude das amarras que a torturavam e a impediam de se preparar para o “*self-government*” (autogoverno). Daí a minha tendência ao anglo-saxão, nunca fui um admirador irreduzível nem da Inglaterra tampouco dos Estados Unidos, como disse, mas considerava, que em matéria pedagógica, a França deveria seguir seus ensinamentos, na condição de agir comedido.

Quando, mais tarde, Edmond Demolins quis ir mais longe e criar, na França, autênticos colégios livres de tudo que é inglês, não me mostrei partidário disso. Minha opinião é que era preciso transformar os métodos do liceu francês, era preciso “arejar” estas construções sombrias, humanizar sua administração, amenizar e libertar a vida dos alunos, todo um plano que não foi seguido até o final, mas nem fazia mais falta... Voltando à ginástica, ainda que as associações escolares, que na época se multiplicaram nos liceus, receberam um verniz de liberdade anglo-saxã, conforme o que acabo de expressar – Franz Reichel recorda essa época de lutas diárias sobre as quais ele gosta de mencionar –, os esportes ginásticos jamais foram excluídos. Para mim, um ginasta de aparelhos era um tipo admirável de atleta; Hubert de La Rochefoucauld, muito sobressalente, parecia um anúncio vivo, e com ele, também nossos esgrimistas de então, tão elegantes, e nossos boxeadores franceses, muito escassos...

É preciso que os esportes ginásticos individuais, mais acima enumerados, sejam tratados (não somente nos Jogos Olímpicos, mas a cada dia e em todos os lugares) como companheiros naturais e iguais dos esportes chamados atléticos. Não é tão necessária uma nova legislação para elaborar um estado de ânimo e estabelecer um ambiente, e é importante que se trabalhe nisso com gosto e retidão. Mas não é este o caso, nem de um lado, nem de outro... Às vezes se poderia pensar que por trás das oposições se ocultam suspeitas de casta, preconceitos sociais. Fará falta também, neste terreno, uma revolução para acabar com as travas postas ao progresso?

Em todo caso, o Olimpismo permanece incólume da atualização – repetida sem consideração a torto e a direito –, de ter colocado e mantido os esportes ginásticos em um patamar inferior.

Nada fica dessa acusação..., apenas uma mentira deliberada, se alguém a repetir.

Pierre de Coubertin

“*Les Jeux Olympiques et la gymnastique*”, em:
Le Sport Suisse, Vol. 27,
Genebra, 8 de julho de 1931, p. 1

6.3.2/2 CARTA OLÍMPICA IX: O PENTATLO MODERNO

O pentatlo moderno, uma das ideias preferidas de Coubertin, ocupa um lugar especial dentro da história do Olimpismo moderno. Vimos sua introdução nos Jogos Olímpicos de 1912. As disciplinas do pentatlo também devem ser vistas tendo como base a ginástica utilitária apregoada por Coubertin. No breve artigo para a imprensa do ano de 1918, que figura a seguir, o pentatleta é descrito como o “atleta perfeito”.

Alguém me escreveu me perguntando: “O que o senhor pensa do atleta completo? É um ‘Olímpico’?” Querido comunicante, seu atleta completo é, a meus olhos, notoriamente incompleto. Acima de tudo, isso é o que lhe distingue. Como alguém se atreve a outorgar esse título a um jovem que talvez nem saiba conduzir uma embarcação, nem montar a cavalo, nem manejar uma arma, nem se defender com os próprios punhos? Todas essas são as bases fundamentais do atletismo. Ainda que os ingleses, ao renovar a corrida e os saltos, tenham designado esses exercícios com o nome de “*athletic sports*”, isso não quer dizer que o termo geral do atletismo deva ficar restrito em todas as línguas a um significado tão especial, e que se rechace a qualificação de atleta àquele que dá voltas a cavalo ou rema em uma equipe, porque estes são atletas no melhor sentido da palavra. Assim, pois, antes de tentar chegar ao Olimpismo, que seu “atleta completo” inicie por completar a si próprio.

O que realmente merece esta qualificação é o participante do pentatlo moderno, instituído na Vª Olimpíada, em Estocolmo, em 1912. Eram exigidas as seguintes provas: tiro com pistola a 25 metros com alvos visíveis, em três segundos; 300 metros de natação, estilo livre; 4 quilômetros a cavalo em uma pista com obstáculos; uma prova de esgrima com espada e uma corrida em campo aberto por 4.000 metros.

Eis aqui o atletismo completo, embora nele não figurem algumas provas importantes.

Todo esse movimento de evolução ao ecletismo desportivo ainda está em seu começo, mas chega em um momento oportuno, porque estávamos afundando – tanto neste terreno quanto em muitos outros – em uma especialização das menos fecundas a partir do ponto de vista do aperfeiçoamento viril.

Pierre de Coubertin

“*Le Pentathlon moderne*”, em:
La Gazette de Lausanne,
n. 355, 20 de dezembro, 1918, p. 1.

6.4 LAUSANNE: CIDADE OLÍMPICA

Ao final dos textos do presente volume encontram-se três textos que tentam documentar a tradição Olímpica da Suíça, em especial, da cidade de Lausanne.

O COI realizou em Lausanne uma sessão e um Congresso Olímpico em 1913, de onde pode ter nascido a predileção de Coubertin por esta cidade; por sua conta, em 1915, trasladou a sede do COI de Paris a Lausanne. Sua alocução durante a festa de traslado está reproduzida logo a seguir. Na primeira de suas “Cartas Olímpicas”, das quais existem umas vinte, e que foram escritas para a Gazette de Lausanne, Coubertin descreveu as diferentes instituições Olímpicas desta cidade.

O segundo texto retoma o projeto de uma Olímpia moderna às margens do lago Léman. Coubertin resumiu suas ideias a esse respeito em um pequeno folheto, no qual destaca Lausanne como “a metrópole da educação física”. O status atual de Lausanne como “cidade Olímpica”, responde, portanto, aos desejos de Coubertin, ainda que, com o avanço da idade, ia com muita frequência à Genebra, onde faleceu em 2 de setembro de 1937.

O terceiro texto é parte de um folheto escrito por Coubertin em 1919 intitulado “*La pays vaudois, son âme et son visage*”.¹

Além de ser um ensaio histórico a respeito da importância da história da cidade, este ensaio é encerrado com uma declaração de amor à cidade.²

6.4/1 A CERIMÔNIA EM LAUSANNE

O número 2 do boletim do COI de 1915 contém a descrição desse importante acontecimento, que teve lugar na Primeira Guerra Mundial, com as seguintes frases imemoriais:

O estabelecimento definitivo da sede social do Comitê Olímpico Internacional em Lausanne ocorreu na manhã de sábado, 10 de abril. A cerimônia foi muito simples. Na sala de conferências, primorosamente decorada com flores, a municipalidade, encabeçada pelo prefeito da cidade, o Senhor professor Maillefer, recebeu os representantes do Comitê Internacional, o Barão Pierre de Coubertin, presidente; e o Barão Godefroy de Blonay, membro da junta, que acompanhavam os membros da comissão do congresso de 1913. Esta comissão, reconstituída, terá o encargo de velar, sob o controle da junta do Comitê, pela conservação dos arquivos e do museu Olímpico, cuja criação já foi considerada. O Sr. Chuard, presidente do Conselho de Estado, foi detido por uma reunião da referida Assembleia, e enviou suas desculpas.

O Sr. de Coubertin tomou a palavra nestes termos:

Senhor Prefeito,
Senhores membros do Conselho municipal:

O ato que está acontecendo neste momento tinha sido preparado há bastante tempo. Desde 1907 se preverá que este país se transformaria em um ponto nuclear

1 Coubertin, P. de. *La pays vaudois, son âme et son visage*. Lausanne: Libr. F. Rouge & Cia. 8, rue Haldimand, 6.

2 Sobre as relações de Coubertin com a cidade de Lausanne, ver C. Gilliéron, *Les relations de Lausanne et du Mouvement Olympique à l'époque de Pierre de Coubertin (1894-1939)*. Lausanne: COI, 1993.

de nossa atividade internacional. O congresso que desde então reúne, em Lausanne, sob vossos auspícios, os amigos dos esportes e no qual os poderes públicos participaram de forma tão eficaz, não podia senão fortalecer uma decisão que o mundo inteiro estava de acordo. Esta bela cidade, em que a Grécia e a França contam com tantos amigos, não é, de maneira nenhuma, alheia a nenhuma das diferentes formas adquiridas pela civilização contemporânea. Sua hospitalidade é proverbial e mundial é sua fama. O trabalho em pró do equilíbrio e da beleza empreendido e dirigido pelo Comitê Internacional, há vinte anos, poderá nela continuar de maneira frutífera. O Olimpismo encontrará na atmosfera de orgulho e independência que aqui se respira, a garantia da liberdade que necessita para progredir.

Nossos arquivos, já consideráveis, precisam de guardiões fiéis. Tenho a honra de vos apresentar os membros da comissão que nos ajudará daqui por diante a nos encarregar deles. As lembranças do recente congresso nos vinculam a seus membros, e a dedicação que demonstram à nossa obra não nos surpreende.

Aceitai, senhores, a expressão de nossa maior gratidão pela acolhida que a nobre e ilustre cidade de Lausanne dá ao Comitê Olímpico Internacional, em cujo nome declaro que, terá seu domicílio entre seus muros e nela estabelecerá nossa sede social.

*“La cérémonie de Lausanne”, em:
Bulletin du Comité International Olympique,
Lausanne, 1915, n. 2, p. 2.*

6.4/2 CARTA OLÍMPICA I: OLIMPISMO E LAUSANNE

O Olimpismo vive em Lausanne sob um aspecto tríplice e sob uma forma tríplice. O Comitê Olímpico Internacional, fundado em 1894, e que celebrará, por conseguinte, no próximo ano, seu jubileu de prata, tem aqui sua sede, em virtude de uma convenção que foi a seu tempo solenemente registrada pela municipalidade, com a aprovação do Governo Federal. Ao Comitê Internacional, centro mundial de toda a organização, compete o cuidado de assegurar a realização das Olimpíadas a cada quatro anos, de acordo com os Comitês Olímpicos Nacionais que gravitam ao seu redor e servem, em cada país, de laço de união entre ele e as federações desportivas e ginásticas.

Junto ao Comitê Internacional, mas totalmente independente, encontra-se o Instituto Olímpico de Lausanne, de fundação mais recente e dirigido por um grupo reduzido o qual domina absolutamente o elemento local. O Instituto mantém uma obra pedagógica e municipal ao mesmo tempo, e se propõe a restabelecer o ginásio antigo, o qual, modernizado, será – no seio da comunidade – o lar do civismo, a fábrica da paz social. Esta foi sua obrigação nos tempos antigos, o que infelizmente é esquecido com frequência, pois é a instituição menos estudada e menos conhecida da antiguidade. Voltemos a ela; o desaparecimento da escravidão facilita sua restauração e a presença da praga do álcool a torna duplamente desejável. Por fim, a Sociedade de Amigos do Olimpismo, de Lausanne, está destinada, como seu nome indica, a apoiar o movimento em todos seus aspectos e a fazer com que Lausanne e o Distrito de Vaud tirem o máximo proveito. Funciona desde o ano passado e representa o esforço individual, a colaboração dos cidadãos à obra de conjunto.

Essas são as engrenagens e tais são as ideias matrizes. Não me estranha sua lentidão em penetrar na opinião pública, já que esta é, no que se refere a novidades, como um duro solo em que a gota d'água se infiltra pouco a pouco. Não há nada que supere a ação do tempo, a condição de se renovar a gota d'água à medida que se evapora. Agradeço à Gazeta por me proporcionar o meio de ajudar o progresso de uma empresa que a ela também interessa. Aproveitarei isso para explicar alguns pontos que ainda estão obscuros e para esclarecer os mal-entendidos que possam ter persistido aqui e acolá sobre o Olimpismo, sua doutrina, os resultados já obtidos e suas esperanças para o futuro.

Pierre de Coubertin

*“Lettres Olympiques I, L'Olympisme à Lausanne”, em:
Gazette de Lausanne, 14 de outubro, 1918, n. 282, p. 2.*

6.4/3 LAUSANNE

A capital do Distrito de Vaud tem sido alternadamente, ao longo dos séculos, uma cidade romana e uma cidade episcopal, um centro de férias, uma cidade autônoma e uma cidade cativa; assim se formou sua pitoresca personalidade – e o espírito intenso do lugar permeia sua atmosfera de maneira muito perceptível, apesar da modernidade de suas transformações mais recentes.

A antiga Losonium estava situada na parte baixa da planície, na bifurcação das estradas que levavam de Vevey a Besançon e de Genebra a Avenches. Ocupava trinta hectares rodeados de casas de campo. Na Salle des Pas-Perdus do Hotel de Ville, é possível ver uma inscrição que relata como o “*curateur*” daqueles dias, um tal Publius Clodius Primus, da tribo Cornélia, implorava ao sol e à lua, em nome daqueles a quem governava, pelo “bom cuidado”, como diriam os valdenses de hoje em dia, do imperador Marco Aurélio.

É provável que, por ter sofrido uma pilhagem e ser queimada em torno do século V pelos bárbaros, cujas reiteradas invasões arrasaram com a paisagem, os habitantes de Losonium abandonaram um local que estava muito exposto, e foram se agrupar nas zonas elevadas dos arredores, tão chamativamente ladeirantes e relativamente fáceis de serem defendidas. Mas não era um espírito quase guerreiro que os movia. A Cristandade tinha progredido muito na área limítrofe, e logo um poder eclesiástico incontestável se formou em torno da primeira catedral e seu conjunto de mosteiros. Para ser exato, a princípio houve três grupos diferentes; a um lado do barranco, os burgúndios formaram um grupo na parte esquerda, daí o nome de uma das principais ruas da Lausanne da atualidade, Bourg; mais adiante, à direita do barranco, formou-se outra aglomeração sob a proteção de São Lourenço; entre estes dois cumes fluíam dois arroios ao pé do barranco, na volta dos quais se desenvolviam modestas indústrias ainda em processo de elaboração. A pantanosa confluência das duas correntes pouco a pouco foi sendo enxugada e recebeu o nome de *Quartier de la Palud*, onde mais tarde foi construído o Hotel de Ville.

A Lausanne episcopal nunca esteve muito densamente povoada; uns sete mil habitantes aproximadamente, nem muito ricos nem pobres, já que muito tempo depois, quando em 1582 a renda da cidade foi somada, alcançou apenas 48.877

O cassino de Montbenon no centro de Lausanne foi colocado à disposição do COI em 1921 e 1922 para seus escritórios e como sala de exposição. (Arquivos do COI)



Réplica do escritório de Coubertin no primeiro e modesto Museu Olímpico (1926-1970) na Villa "Mon-Repos", sede do COI, Lausanne. (Arquivos do COI)



francos. Mas os próprios bispos possuíam fortunas consideráveis e a catedral, cada vez mais suntuosa, dominava a rede de ruas pequenas, estreitas e mal pavimentadas, e a justaposição de pequenas casas de um piso, cujo único luxo era um pedacinho de jardim junto a cada uma delas.

Em torno do ano 1000, Rodolphe III, o último rei da Borgonha Transjura, presenteou o bispo de Lausanne, Henri de Lenzburg, com o Condado de Vaud. Há que se recordar, que a partir de 1125, os bispos eram chamados de príncipes do Império, e que de fato governavam como soberanos, se bem que, “em nome da bem-aventurada Virgem Maria”, considerada a verdadeira depositária do poder, e da qual se proclamavam administradores-delegados.

Também durante essa época, os indivíduos começaram, quase sem querer, a arrancar concessões de seus senhores. Em 1144, houve alguns “Quadros Gerais”, uma espécie de assembleia de estados formada por deputados da nobreza, do clero e burgueses.

Esses representantes se reuniam anualmente durante os três primeiros dias do mês de maio, em uma taberna da Rua de Bourg e, apesar do cenário pouco atrativo, o apoio deste poder crescente era essencial para o bispo na hora de ditar leis e de cunhar dinheiro.

O bispo dispunha de um pequeno exército, mas era mais por aparência do que pela ação. Isto conduziu a uma perigosa situação de ter que se chegar a acordos com alguns senhores feudais das proximidades para obter proteção. Os condes de Genevois, os duques de Zaehringen, os senhores de Faucigny e, por último, o conde de Saboia, foram sucessivamente os protetores interessados de Lausanne. Desses, os mais sólidos ou decididos estabeleciam sua influência através de enfrentamentos, e foram capazes de provocar e apoiar, em 1282, uma insurreição da população de Lausanne contra o poder episcopal, possivelmente fomentada pelos anticlericais da época, que eram humilhados por esse jugo. Apesar disso há que se admitir que o povo de Lausanne, naqueles dias, era relativamente livre e feliz. Sua cidade era visitada por personagens importantes, que gastavam dinheiro com generosidade. Assim foi em 20 de outubro de 1275, quando o Papa Gregório X abençoou a catedral reconstruída, na presença de Rodolphe de Habsburgo, que nela foi consagrado imperador, acompanhado de trinta e sete arcebispos e uma magnífica corte de nobres e abades. Outro período feliz foi quando, dois séculos mais tarde, o duque de Borgonha, depois da batalha de Grandson, veio para acampar seu exército próximo à cidade, na qual residia a duquesa Yolanda de Saboia. Durante dois meses, numerosos príncipes e diplomatas compareceram. O bispo nessa época não era outro senão o futuro Papa Júlio II.

A “*cité*” e a “*ville*” sempre estiveram separadas, apesar de se encontrarem rodeadas e protegidas pelas mesmas muralhas. Um pequeno “golpe de estado” municipal as uniram finalmente em 1841, e os burgueses, em vista dos múltiplos favores obtidos dos imperadores, de imediato exigiram o título e o privilégio de cidade imperial! Pairava o crepúsculo do poder eclesiástico. Além disso, mesmo sendo pessoas que permaneceram por tempo sob a jurisdição da mitra e do báculo pastoral, os habitantes de Lausanne não eram sérios em absoluto. Tinham muito gosto pelas festas e pelas celebrações. Os cônegos, recrutados entre os jovens endinheirados do país, eram tão alegres e agressivos como os demais, para o desespero do pobre São Bonifácio, que foi bispo de Lausanne por nove semanas, e foi embora ao comparar a cidade com a Babilônia.

A diplomacia ilustrada talvez fosse capaz de obter grandes benefícios pela proximidade de Saboia e de Berna, tendo o fruto da discórdia no meio delas: Genebra. Lausanne, por se opor às invejosas ambições de ambas, se fez rica à sua custa. Mas se colocou na boca do lobo quando, em 1525, assinou uma aliança deplorável com Berna e Friburgo. Esta foi a época em que os cavalheiros de Vaud, de tendências saboias, se agruparam formando os Cavalheiros da Colher, assim chamados porque, ao levantar suas colheres, juravam “tragar” Genebra, mas Lausanne é que foi tragada. Cinco anos mais tarde, sob pretexto de socorrer Genebra, os berneses sitiaram Lausanne, e ao se estabelecerem como déspotas, impuseram a Reforma.

A resignação com que os habitantes cederam sob este jugo que pesava sobre eles demonstrou que até então lhes faltou ardor, para não dizer capacidade de resistência. Entretanto, houve naquela época um “*Abbaye*”, o clube de homens jovens, que se dedicava a exercícios bélicos duas vezes por semana que, desgraçadamente, com frequência terminavam em uma Saturnália, e aqueles jovens costumavam correr pela cidade completamente nus cantando canções indecorosas em certo bairro onde os cortesãos, reconhecíveis pelo distintivo costurado nas mangas, viviam todos juntos amontoados. A rigidez bernesa por fim acabou com essa efervescência pagã. Uma época cinza e sombria se iniciou. Os senhores de Berna reservaram todos os trabalhos remunerados para si próprios, os únicos que foram permitidos aos habitantes de Lausanne foram o ensino e o sacerdócio. Aqueles que conseguiram fugir se dedicaram aos negócios ou à guerra, e alguns conseguiram fazer fortuna ou glória, ou ambas.

A chegada dos refugiados franceses, expulsos de seu país pela revogação do decreto de Nantes, foi o sinal para um despertar generalizado, o comércio e a agricultura se beneficiaram em grande medida, indústrias se estabeleceram, o espírito empreendedor se manifestou por todas as partes, mas o patriotismo local continuou em letargia, a generosa tentativa do comandante Davel (1723) de emancipar seus concidadãos e seu país, pela qual pagou com a vida, não teve continuação. Isto foi sobretudo mais surpreendente por ainda estar latente a lembrança das promessas falazes feitas pelo governo bernês durante a Guerra dos Camponeses. Cinco mil valdenses ajudaram seus senhores com determinação, mas de forma ingênua, e Lausanne não obteve nenhuma das vantagens que tinham sido combinadas. Mas o povo não seguiu Davel, foi necessário um impulso do exterior, por parte de seus vizinhos, para se alcançar a vitória. Não foi até 24 de janeiro de 1798 que a bandeira auriverde da *Republique Lemanique* tremulou sobre Lausanne, cujas características modernas já eram visíveis no século XVIII. Em grande número, aqui chegava gente de várias partes do mundo para permanecer. Jovens ingleses e jovens alemães aqui terminaram sua educação.

O célebre doutor Tissot, cujos serviços disputaram o rei da Polônia, o príncipe de Hannover, o duque de Choiseul, o senado de Veneza e o imperador Joseph II, foi assombrado pelas consultas que lhe fizeram. A sociedade tornou-se muito culta e erudita; a tragédia *Zaire*, de Voltaire, foi representada em Mont-Repos. Haller e Gibbon também contribuíram para o prestígio da cidade. Havia escassos hotéis, exceto o famoso Lion d’Or, mas era moda na época se hospedar na casa dos habitantes locais.

Uma lista de forasteiros que estiveram em Lausanne em 1773 nos mostra a presença na casa do senhor de Chandieu da duquesa reinante de Württemberg, enquan-



**Lausanne: A capital
Olímpica na atualidade.
(Arquivos do COI)**

to que o senhor de Mezery deu abrigo ao príncipe d'Elbeut, à senhora de Brionne e a muitos outros nobres. O Barão de Manteuffel e o conde de Wedel, “junto a seus tutores”, estiveram com o senhor d'Arnay, e na casa do conselheiro senhor Polier eram esperados o príncipe de Carignan e sua filha, assim como o duque da Rochefoucauld, o cavalheiro Brugton com “sua senhora esposa”, a condessa de Clermont-Tonnerre, o bispo de Castres, o conde Razomovsky, uma “*chanomesse*” de Remiremont com muitos cavalheiros, etc. Alguns anos mais tarde vieram o mesmo Joseph II, e o cavalheiro de Boufflers, e a senhora de Stael, e Benjamin Constant, e La Harpe, e Joseph de Maistre.

Então chegou a avalanche de imigrantes, durante o *Terror*, estavam entre os refugiados um arcebispo, dois bispos, cento e sessenta padres, duzentos nobres e outros tantos mercadores e artesãos.

Certo dia, na cozinha pública do Hotel de Ville, foram vistas “três duquesas comendo na mesma vasilha”. A estância de pessoas arruinadas foi uma fonte de prosperidade. “Lausanne se transformou em uma cidade comercial”, escreveu o pastor Bugnion em 1797 para seu sobrinho, um estudante em Leipzig. “Todos os dias novas casas são construídas. Não há mais do que corretores de dinheiro, cheques, dinheiro a oito por cento, transporte de mercadorias, feiras, agências, lojas, movimento de multidões que sonham enquanto caminham, levando nas mãos um cheque ao portador ou uma letra de câmbio. Se isso se mantiver, vão dizer que somos como a velha Genebra, onde só conjecturas são feitas e ninguém ri.”

Não! Nunca dirão isso. Os bancos, pequenos e grandes, fizeram bem em vir e se estabelecer em um círculo em torno na Praça de St. François, mas sua presença não fez as risadas desaparecerem. Nem suas cotizações, tampouco seus balanços silenciaram as alegres discussões. A alegria que reina neste foro de Lausanne transborda para todas as direções, invade igualmente os bairros finos de Ouchy, com suas ladeiras que sobem repentinamente da cidade antiga. Sobe pelas escadas antigas lavradas na rocha viva, cujos corrimões polidos suportam o rastro dos séculos de uso e ainda assim se mantêm sólidos, serpenteia ao redor da augusta catedral; do velho castelo, com suas paredes em mal estado onde está a sede do Conselho de Estado; da antiga academia, onde Sainte-Beuve adorava ensinar. Estende-se na direção de Beaulieu, coroado por seus bangalôs, e também na direção de Chailly, repleto de aprazíveis casas de campo. A alegria pode ser encontrada em todas as partes, nos cafés e salões de chá, ao longo de suas avenidas à sombra das árvores, ante as sedutoras vitrines das lojas, em qualquer lugar tem o mesmo teor de malícia sossegada, de filosofia sorridente, de pleno amor à vida.

Pergunte ao trabalhador e a esse estudante com cujos olhares acaba de cruzar a Grand Pont, pergunte a esse radical adiantado e a esse notório reacionário que estão conversando tão amigavelmente, pergunte a esse comerciante e a esse autor dramático que vão passeando juntos pela ladeira de Petit-Chêne. Discutem algo, só para não perder o hábito e porque abre o apetite, mas todos estão de acordo. “Não há nenhum lugar como Lausanne para viver. É melhor que qualquer outro lugar do mundo.”

The Suisse Monthly, novembro de 1925, pp. 34-39.

Extrato de “*Le pays vaudois, son âme et son visage.*”

Lausanne: Libr. Rouge, 1919, pp. 5-10.

6.5 RESTROSPECTIVAS OLÍMPICAS

6.5.1 – 6.5.5 INTRODUÇÃO

Os artigos de Coubertin agrupados nesta sessão “Retrospectivas Olímpicas” referem-se ao crescimento do movimento Olímpico durante suas diferentes etapas.

Era inevitável que, ao tratar de acontecimentos Olímpicos, fossem reproduzidas repetições, devido ao tempo transcorrido até que cada um desses artigos fosse publicado; e Coubertin não somente modifica seu estilo de escrita, mas também altera seus pontos de vista, desta forma, estes artigos oferecem um importante testemunho sobre o desenvolvimento histórico do movimento Olímpico.

O primeiro texto, “*L’oeuvre du Comité International Olympique*” foi publicado em 1901 no primeiro volume da *Revue Olympique*. Seu propósito era apresentar imediatamente aos novos leitores o que tinha sido conseguido até aquele momento. Estas descrições se desdobram em parte com os capítulos correspondentes de *Une Campagne de vingt-et-un Ans*. O COI, desde sua fundação, era por vezes acusado de ter uma estrutura antiquada e antidemocrática. Coubertin, ao longo de sua vida, questionou essa crítica continuamente.

O segundo texto, uma carta do leitor ao jornal *Times* de Londres, datada de 13 de julho de 1908, explica que a única maneira de garantir a independência do COI e de seus membros é pela estrutura que escolheu. Descreve os membros do COI como “Embaixadores do Comitê”.

Já em 1907, expressou-se na *Revue Olympique*.¹ Repetiu a mesma ideia em 1928 em sua “Mensagem a todos os atletas e participantes em Amsterdam pela nona Olimpíada”, que está publicada neste volume.² Nela informa seus sucessores que “a autoridade do COI, seu recrutamento livre de compromissos, garante que as tradições serão mantidas”.

A resposta do editor do *Times*, aqui editada, é interessante, pois é discutido o papel de Coubertin na realização dos primeiros Jogos Olímpicos, em 1896.

O quarto texto é uma espécie de trabalho retrospectivo especial. Em junho de 1919, Coubertin escreveu aos membros do COI dando-lhes as linhas mestras do COI depois da interrupção forçada por causa da Primeira Guerra Mundial, e exortando-lhes a fazer parte de atividades futuras.

A última retrospectiva Olímpica aqui publicada é a conferência dada por Coubertin durante o quadragésimo aniversário da fundação do COI, celebrado em Lausanne em 1934. O discurso contém uma grande quantidade de feitos, além de autocríticas e recomendações. Aqui Coubertin se encontra com setenta anos de idade, voltando a traçar a história do movimento Olímpico e fazendo balanços.

1 Ver Coubertin, P. de: “*Critiques et calumnies*”, em: *Revue Olympique*, 1907, n. 1, pp. 197-198.

2 Ver texto 5.2/10.

6.5.1 A OBRA DO COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL

Em 1901, o Comitê Olímpico Internacional entra em seu sétimo ano de existência. O momento é, sem dúvida, muito adequado para recordar as circunstâncias que precederam e acompanharam sua criação e para resumir o trabalho realizado até hoje.

Em 25 de novembro de 1892, um numeroso público se reuniu no anfiteatro da antiga Sorbonne de Paris para ouvir uma conferência tríplice sobre o atletismo na Antiguidade, na Idade Média e na Era Moderna, proferida pelos Srs. Georges Bourdon, Jusserand – Ministro da França em Copenhague – e Pierre de Coubertin. Esta conferência fazia parte de uma série de festividades e reuniões oferecidas pela *Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques* para celebrar o quinto aniversário de sua fundação e os rápidos progressos conseguidos neste breve espaço de tempo. Ao concluir sua conferência, o Sr. de Coubertin declarou que, sem se desinteressar em absoluto pela *Union*, passaria a se dedicar ao que considerava ser a segunda metade da tarefa a qual se havia proposto: “o restabelecimento dos Jogos Olímpicos sobre bases e condições condizentes às necessidades da vida moderna”. Consequentemente, pouco depois propôs ao Conselho da *Union des Sports Athlétiques* a convocação de um congresso internacional atlético em Paris em 15 de junho de 1894, que tentasse, em um período de oito dias, a aproximação da grandes Associações Desportivas do mundo inteiro, colocar seus regulamentos de acordo (sobretudo no que se refere ao delicado problema do “amadorismo”) e tornar possível a organização das novas Olimpíadas.

A preparação do congresso foi confiada a três comissários: o Sr. de Coubertin, secretário geral da *Union des Sports Athlétiques*, pela Europa Continental; ao Sr. C. Herbert, secretário da *Amateur Athletic Association*, pela Inglaterra e suas colônias, e ao Professor W. M. Sloane, da Universidade de Princeton (Estados Unidos), pelo continente americano. Aconteceu uma reunião preliminar no *University-Club*, em Nova Iorque, em 27 de novembro de 1893, e outra em Londres, no *Sports-Club*, em 7 de fevereiro de 1894.

O CONGRESSO DE PARIS

O congresso foi iniciado no sábado, 16 de junho de 1894, no grande anfiteatro da nova Sorbonne, ante um auditório de duas mil pessoas. Encabeçando a grande lista de membros honoríficos figuravam Sua Majestade o Rei dos Belgas, Sua Alteza Real o Príncipe de Gales, o Príncipe Real da Suécia e da Noruega e o Príncipe Real da Grécia, Sua Alteza Imperial o Grão-Duque Vladimir da Rússia, Suas Excelências os ministros de Instrução Pública da Áustria, da Hungria, etc., o Presidente do Conselho Municipal de Paris, Monsenhor Duque de Aumale, etc. Após o notável discurso do Sr. Barão de Courcel, Senador e Presidente do congresso, e uma conferência do simpático poeta Jean Aicard, Madame Jeanne Remacle interpretou o hino a Apolo, descoberto recentemente nas ruínas de Delfos, que repetiu um coro da Ópera, com acompanhamento de harpas. O efeito resultou comovedor, digno da cerimônia e do grandioso marco.

Outras festividades foram exitosamente celebradas ao longo do congresso. A de quinta-feira, 21 de junho, de noite, oferecida pelo *Racing-Club* da França em sua sede do *Bois de Boulogne* foi de um sucesso clamoroso. As corridas e os tiros a distância sobre o gramado iluminados pelas luzes das girândolas, enquanto que uma orquestra e fanfarras de caça se duelavam no bosque, constituindo um espetáculo inédito e muito atraente. Outras reuniões foram organizadas pela *Société de Longue Paume* de Paris, pela *Société de Sport de l'île de Puteaux* e pela *Société d'Encouragement aux Sports Nautiques*. Os membros do congresso foram igualmente recebidos na Intendência de Paris pelo Presidente do Conselho Municipal, e no Ministério do Interior pelo Sr. Charles Dupuy, então Presidente do Conselho de Ministros. Na noite de sábado, 23 de junho, foi celebrado um banquete de encerramento no palmário do Jardim da Aclimação, seguido por um desfile ciclista com tochas.

Não podemos sintetizar aqui todos os trabalhos que participaram do congresso, além de seus membros dirigentes, 79 delegados, representantes de associações desportivas ou universitárias pertencentes a treze nacionalidades diferentes: franceses, gregos, russos, italianos, holandeses, ingleses, australianos, suecos, belgas, espanhóis, húngaros, tchecos e norte-americanos. Em um próximo número, reproduziremos os votos emitidos pelo congresso por sugestão de seus dois comissários, um grupo estudava as questões relativas ao “amadorismo”, enquanto que o outro grupo se ocupava do restabelecimento dos Jogos Olímpicos. O primeiro grupo, presidido pelo Sr. M. Gondinet, presidente do *Racing-Club* da França, tinha como vice-presidentes os Srs. o professor W. M. Sloane, delegado do *New York Athletic Club* e da Universidade de Princeton, e R. Todd, delegado da *National Cyclist's Union*, da Inglaterra. O segundo tinha como presidente o Sr. Bikelas, delegado da *Sociedade Pan-Helênica de Ginástica*, e como vice-presidente, o Sr. Barão de Carayon-La Tour, delegado da *Société Hyppique Française*. Tanto pela amplitude dos temas tratados, quanto pela competência dos participantes nas discussões, as conclusões destas comissões constituem o estudo mais profundo no âmbito do esporte que até agora já foi feito por um grupo internacional. Renovações são convenientes ao mundo desportivo, e estes estudos proporcionam um ponto de partida natural para esforços e aperfeiçoamentos posteriores.

Antes do término do congresso, houve a nomeação de um Comitê Internacional permanente, encarregado de pôr seus acordos em prática no que for relativo aos Jogos Olímpicos, cujo restabelecimento foi votado por unanimidade. Este Comitê compreendia os Srs. de Coubertin e Cayot, pela França; Bikelas, pela Grécia; o General de Boutowsky, pela Rússia; Lorde Amptill e C. Herbert, pela Inglaterra; e o Professor W. Sloane, pelos Estados Unidos; o Comandante Balck, pela Suécia; o Conde Lucchesi-Palli, pela Itália. Kemény, pela Hungria; o Dr. Jiri Guth, pela Boêmia; L.A. Cuff, pela Austrália; o Dr. Zubiaur, pela América do Sul. Pouco depois, entraram no comitê o Dr. Gebhardt, pela Alemanha; e o Conde de Bousies, pela Bélgica. O Conde Lucchesi-Palli, ao ter apresentado sua demissão, foi substituído pelo Dr. d'Andria Carafa. A primeira preocupação do comitê foi trabalhar pela realização dos Jogos Olímpicos de 1896, em Atenas.

OS JOGOS OLÍMPICOS DE 1896

A coisa não foi fácil. Apesar do telegrama no qual Sua Majestade o Rei dos Helenos se dignava em se unir à obra do congresso de Paris e mesmo o entusiasmo produzido em Atenas com a proclamação do reestabelecimento dos Jogos, o governo grego, presidido pelo Sr. Tricoupis, logo se mostrou desfavorável ao projeto, e sob sua inspiração dirigiu uma carta ao Sr. Coubertin no mesmo momento em que este se dispunha a ir para a Grécia, sugerindo a ele que não fosse e declinando a honra que o congresso fazia pelo povo heleno. Decidido a não levar estas disposições em conta, o Sr. de Coubertin chegou em Atenas no mês de outubro e se dedicou imediatamente a reanimar o entusiasmo popular. O Sr. Bikelas, que lhe sucedeu dois meses depois, conseguiu vencer todas as resistências e retirar todos os obstáculos. Um comitê de organização, presidido por Sua Alteza Real o Príncipe Real da Grécia logo pôs as mãos à obra, e em 5 de abril de 1896, no estádio de Atenas restaurado pela imensa generosidade de um patriota grego, o Sr. Averof, o Rei Jorge solenemente abriu a primeira Olimpíada, na presença da família real, dos ministros, do corpo diplomático e de uma grande multidão, que nos dias seguintes aumentou até o ponto de alcançar, em 10 de abril, na chegada do corredor da maratona, a inesperada cifra de 70.000 espectadores. O Rei da Sérvia, o Grão-Duque Jorge da Rússia e a Arquiduquesa Maria Teresa da Áustria honraram os festejos com suas presenças. As provas de esgrima foram realizadas na rotunda do Palácio de Zappeion, as corridas de bicicleta no velódromo Phaliron, os esportes náuticos na Baía de Zea, o tiro em seu local específico e os outros exercícios no maravilhoso espaço do estádio. As iluminações dos monumentos públicos e da Acrópole, e a festa noturna no Pireu alternavam-se com as brilhantes recepções oferecidas no palácio real e nas missões diplomáticas. O encerramento dos jogos aconteceu com grande pompa na quarta-feira, 15 de abril.

Essa semana inesquecível deixou uma lembrança tão viva no coração do povo heleno que logo em seguida surgiu uma corrente para transformar os Jogos Olímpicos restaurados pelo congresso de Paris em uma instituição puramente grega, com sede permanente em Atenas. O Comitê Internacional não podia aceitar essa ideia, e ao mesmo tempo em que desejava o renascimento, em solo grego, de jogos pan-helênicos que pudessem acontecer em intervalos regulares, considerou que seu dever, assim como os interesses do trabalho de restauração Olímpica, obrigavam-lhe a seguir fielmente o programa de 1894. Esse ponto de vista, indicado em uma carta de agradecimento do Sr. de Coubertin à Sua Majestade o Rei dos helenos no encerramento dos Jogos de Atenas, foi desenvolvido em numerosas comunicações à imprensa internacional.

O CONGRESSO DE LE HAVRE

O congresso Olímpico realizado em Le Havre, de 23 de julho a 1º de agosto de 1897 não tinha como finalidade revisar ou ampliar a obra do congresso de Paris, mas, sobretudo, estudar questões de saúde e de pedagogia desportiva referentes aos exercícios físicos. Aconteceu na Prefeitura de Le Havre sob a presidência de honra do Sr. Presidente da República Francesa, que recebeu os congressistas em duas ocasiões. Estes participaram por duas excursões marítimas e em uma série

de festividades, exercícios de ginástica com tochas, desfile de velocípedes com a indumentária apropriada, iluminação das falésias do Cabo de Hève, etc. Entre os oradores mais aplaudidos convém citar R. P. Didon, prior do Colégio de Arcueil, o célebre explorador Gabriel Bonvalot, e o reverendo de Courcy-Laffan, “diretor” do Colégio de Cheltenham e delegado da Conferência de Diretores da Inglaterra. Numerosos trabalhos e debates produziram uma série de decisões sobre as quais voltaremos no momento adequado, as quais talvez caberia criticar a falta de um caráter não suficientemente geral, posto que, apesar da presença de muitos delegados estrangeiros, o ponto de vista francês se impôs ao ponto de vista internacional em duas ocasiões. O governador do Departamento do Sena Inferior, o subintendente e a municipalidade de Le Havre, além do delegado do ministro de Instrução Pública participaram no congresso de 1897, cujos debates foram dirigidos pelo presidente do Comitê Olímpico Internacional.

OS JOGOS OLÍMPICOS DE 1900

Diversos mal entendidos e indecisões irritantes estiveram a ponto de comprometer o bom êxito da grande manifestação desportiva que devia coincidir com a Exposição de Paris, e agora é momento de explicitar a real incumbência do Comitê Internacional, pois há diferentes enganos a esse respeito. O Comitê Internacional não tem como missão organizar os Jogos Olímpicos, mas sim promover sua ocorrência regular, de acordo com os desejos manifestados no Congresso de Paris, que não lhe impede, por outro lado, de patrocinar uma determinada manifestação de caráter claramente Olímpico que possa acontecer no intervalo, ou tomar a iniciativa de fazer uma reunião tal como a que aconteceu em Le Havre em 1897. Uma vez constituído e em funcionamento o comitê *nacional* encarregado de organizar os jogos nos países em que serão realizados, o Comitê Internacional só pode apoiá-los no melhor que seja possível, sem que nenhuma outra ingerência seja produzida por sua parte nos pormenores do evento. Desde 1894, os promotores do restabelecimento dos jogos não deixaram de insistir sobre o fato de que não somente era justo deixar que cada país agisse com a maior liberdade na organização dos jogos que prepara, mas também que a diversidade disso derivada seria uma condição indispensável para o sucesso de cada uma das festividades e, conseqüentemente, para a permanência da obra Olímpica.

Desde 1896, depois de ter prestado uma séria atenção a esta parte do programa da Exposição, seu Comissariado geral, sobrecarregado pelas tarefas mais importantes, pareceu se desinteressar disso paulatinamente, de modo que, na primavera de 1898, não havia nada organizado, o que motivou a expressar, em diferentes ocasiões, tanto na França quanto no estrangeiro, os mais fundamentados temores sobre o êxito dos jogos de Paris. Inclusive foi apresentada a ideia de que a Exposição, de última hora, renunciaria organizá-los. O Sr. de Coubertin promoveu então a criação de um comitê de organização presidido pelo Visconde de La Rochefoucauld e composto pelos esportistas mais conhecidos. Este comitê redigiu e publicou o programa dos jogos e decidiu convocar para realizá-los as principais associações desportivas de Paris, assim como a sociedade de golfe de Compiègne, as quais decidiram em seguida colocar seus terrenos e seus materiais à disposição dos organizadores.

Pierre de Coubertin encantava-se com as montanhas e visitou com frequência a Alta Savóia na França. Aqui, próximo de Combloux em 1934, recolhe flores, ervas e pedras, que preparou com cuidado em forma de lembrança. (Coleção Navacelle)



Essa mesma combinação foi aplicada pelo Comitê da Exposição quando, uma vez que o Comissariado geral se pôs a trabalhar ainda um tanto tarde, pode finalmente se constituir; ficando sob a direção de um homem insigne e capacitado, o Sr. Merillon, antigo deputado, presidente da União nacional de sociedade de tiro. O Comitê Internacional prestou aos organizadores oficiais a mesma ajuda diligente e desinteressada que prestaria a uma organização particular. Seus membros foram os Srs. Sloane, Herbert, Jiri Guth, Kemény, o Coronel Balck, o Conde Brunetta d'Usseaux, o Doutor Gebhardt, o Conde Mercati e o Capitão Holbeck, os quais garantiram a participação de atletas estrangeiros nas provas, e em sua maioria, acompanharam seus compatriotas. Desde a primavera de 1899, o Sr. de Coubertin lhes convidava a trabalhar nesta participação, com tanto fervor que sobrava pouco tempo para prepará-la. Com este objetivo e ante a petição do Sr. Mérillon, ele mesmo foi à Alemanha e aos países escandinavos, onde aconteceram as reuniões prepa-

ratórias, uma em Estocolmo e a outra em Berlim, sob a presidência do comissário imperial alemão, o Doutor Richter. Assistiram a essa última sessão Suas Altezas o Príncipe Aribert d'Anhalt e o suplente geral, Príncipe de Salm-Horstmar.

Independentemente das imperfeições que pudessem acontecer, as provas de 1900 foram uma importantíssima manifestação desportiva cuja influência sobre o atletismo será benéfica. Tomara que os Jogos de 1904 possam continuar a fazer a obra Olímpica progredir e, ao mesmo tempo conquistar mais e mais jovens ao redor do mundo, permitindo que servam cada vez melhor à causa da paz e da amizade internacionais.

“L’Oeuvre du CIO”, em *Revue Olympique*, janeiro de 1901, pp. 5-11.

Os editores reconheceram a autoria de Coubertin neste texto sem assinatura.

6.5.2 AO EDITOR DO THE TIMES: OS JOGOS OLÍMPICOS (13 DE JULHO DE 1908)

Os Jogos Olímpicos
Ao editor do *The Times*

Senhor, parece-me uma verdadeira lástima que o autor do artigo sobre os Jogos Olímpicos modernos não tenha solicitado informações sobre sua restauração ao Comitê Olímpico Internacional, pois desta forma, um grande número de equívocos cometidos ao resenhar esse assunto poderia ter sido evitado. Por exemplo, sou completamente incapaz de ver como meus planos poderiam estar de algum modo influenciados pela decisão do senhor Averoff de reconstruir o estádio ateniense, já que quando o senhor Averoff decidiu levar essa construção a cabo, o Congresso Internacional que eu convoquei já tinha se reunido na Sorbonne de Paris (1894), e a restauração dos jogos já tinha sido decidida por 79 representantes de numerosas instituições e associações de destaque provenientes de 13 diferentes países da Europa e da América.

Foi esse mesmo Congresso de Paris que escolheu Atenas como sede da primeira Olimpíada, em 1896 – um estádio de mármore em absoluto não parecia necessário para o êxito dos jogos – assim como escolheu Paris a sede da segunda Olimpíada, em 1900. Além disso, o Congresso de Paris de 1894 criou o Comitê Olímpico Internacional como órgão permanente, que não deixou de existir nem de trabalhar. Ocasionalmente sou perguntado por que os membros do Comitê Olímpico Internacional não são delegados fixos nomeados pelas organizações desportivas mais destacadas de cada país. Efetivamente não são. O privilégio do comitê de nomear seus próprios membros é fundamental. Atuam em seus respectivos países como “embaixadores” do comitê e, se me permite utilizar a expressão, como “fiduciários da ideia Olímpica”. Sua independência e estabilidade respondem ao grande trabalho que o comitê tornou realidade entre 1894 e 1908. Nenhuma organização internacional poderia ter tido êxito de estar por cima das pequenas disputas e das discussões cotidianas das federações e clubes desportivos.

O Comitê Internacional nunca se opôs à ideia da realização das Olimpíadas Gregas separadas da série original; mas resistiu a qualquer sugestão para desistir do plano original e abandonar a realização de suas próprias Olimpíadas internacionais.

No que se refere à conexão com as exposições, esta foi meramente acidental. Além da conexão ser mais aparente que real, já que os Jogos estão sob o controle total da Associação Olímpica Britânica, formada em 1904, depois que o Comitê Olímpico Internacional fez a sua reunião daquele ano na *Mansion House* de Londres, com o patrocínio de sua Majestade o Rei.

Permita-me remeter seus leitores, caso estejam interessados em saber mais a respeito da história das Olimpíadas Modernas, aos artigos publicados no jornal francês *L'Education Physique* (31 de maio, 31 de agosto, 19 e 30 de setembro de 1907; 30 de abril, 19 e 31 de maio de 1908), assim como o artigo I publicado por mim mesmo no último número da *Fortnightly Review*.

Apresenta-lhe, Senhor, as mais cordiais saudações

BARON PIERRE DE COUBERTIN

Presidente do Comitê Internacional
Harrow on the Hill, 9 de julho de 1908

Comentário a cargo do editor do *The Times*:

Ninguém poderia ou desejaria questionar os eminentes serviços que o Barão Pierre de Coubertin presta à causa do esporte internacional, mas poderíamos ressaltar que sua carta, na qual se queixa de “um grande número de equívocos”, se refere em uma única instância a algum dos supostos equívocos que critica do artigo. Não dissemos que seus planos para reestabelecer os Jogos Olímpicos fossem influenciados pela decisão do senhor Averoff de reconstruir o estádio ateniense, ou que a decisão do senhor Averoff precedesse ao Congresso Internacional em que o reestabelecimento foi decidido. Meramente observamos que foi uma combinação dos planos do senhor de Coubertin junto ao trabalho do senhor Averoff o que traduziu em êxito os primeiros Jogos Olímpicos em Atenas. O resto de sua carta trata de questões de opinião.

The Times, Londres,
13 de julho de 1908, p. 23.

6.5.3 CARTA AOS MEMBROS DO COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL (JANEIRO DE 1919)

Ao voltar a ocupar, depois de três anos, a presidência do Comitê Olímpico Internacional, para a qual fui reeleito para um terceiro período de dez anos, devo expressar minha gratidão por esta nova mostra de confiança e amizade, assim como agradecer a nosso colega e amigo Godefroy de Blonay o cuidado e a sensibilidade que teve na administração do nosso comitê desde 1915 até hoje.

Dentro de poucas semanas, celebraremos o XXVº aniversário de sua fundação. Aqueles que trabalharam na primeira época, os de 1894, continuam representados entre nós e ainda são quatro. São, contando comigo, o General Balck (Suécia), o professor Sloane (Estados Unidos) e o Doutor Jiri Guth (Boêmia), mas não tínhamos esperado os recentes acontecimentos para reconhecer e manter ante todos a independência desportiva dos tchecos.

Essa celebração resultará outra vez em manifestações de simpatia e doações – a do Conselho de Estado de Vaud e a do presidente da República Francesa já foram anunciadas –, também será uma ocasião propícia para examinarmos o trabalho realizado durante o quarto de século transcorrido desde nossa fundação, assim como debatermos quais tarefas ainda nos faltam realizar.

Seria supérfluo recordar o esplendor e o sucesso crescentes que tiveram as cinco primeiras Olimpíadas da era moderna: Atenas (1896), Paris (1900), Saint Louis (1904), Londres (1908) e Estocolmo (1912). O número de atletas, a qualidade das provas, assim como a pompa das cerimônias marcam uma progressão que poucas instituições conseguiram realizar em grau semelhante e tão rapidamente. Todos os povos do mundo estavam se preparando para participar dignamente da 4ª Olimpíada, em 1916, em Berlim, mas o império alemão preferiu desencadear uma guerra espantosa, e assim, marcar com uma cruz sangrenta a data reservada ao culto da juventude e da paz.

Enquanto os Jogos aconteciam, deixando para trás monumentos grandiosos, como os estádios de Atenas e Estocolmo, uma série de congressos internacionais, convocados pelo nosso Comitê, reuniram em Le Havre (1897), Bruxelas (1905), Paris (1906) e Lausanne (1913), educadores, técnicos, artistas e sábios, a quem pedimos que estudassem conosco os contatos da pedagogia muscular e da pedagogia moral; as leis da saúde desportiva; os laços suscetíveis de unir novamente Letras, Artes e Esportes; o papel da psicologia desportiva, etc. Estes congressos, nos quais colaboraram personalidades como Theodore Roosevelt, o padre Didon, G. Ferrero, Marcel Prévost, o General Dodds, que reuniram documentos úteis e, sobretudo, permitiram realizar este ecletismo desportivo que é, ao mesmo tempo, a base indispensável e o maior benefício do Olimpismo renovado; pois até então, os adeptos dos diferentes esportes tinham se ignorado ou se combatido mutuamente, pensando que, de maneira recíproca, seus exercícios preferidos se excluía ou se prejudicavam, vivendo então isolados. O Olimpismo obrigou-lhes a colaborar, desta maneira, o movimento desportivo não só se intensificou, mas também abriu novos e fecundos caminhos à educação física.

Agora não é o momento de recordar detalhes do nosso trabalho, cujo resumo se encontra nos números – um pouco mais de cem – que a Revista Olímpica publicou desde que se tornou mensal. Seus artigos, sempre anônimos, estão sendo utilizados há anos por muitos escritores, que os têm como fonte de informação e inspiração.

A taça Olímpica, esta grande viajante, continua viajando. No começo da guerra estava na América, pois tinha sido concedida à *Amateur Athletic Union*, dos Estados Unidos; de lá, voltou à Inglaterra, ao colégio de rúgbi, que a obteve em 1915. Depois os senhores quiseram concedê-la à Confraria de St. Michel, de Gante, a célebre Sociedade de Esgrima, conhecida de todos, depois, à *Nederlandsche Voetbal Bond*, que tantos serviços tem prestado na Holanda pela causa esportiva; e por fim, neste ano, a destinam ao Instituto Olímpico de Lausanne, obra de pedagogia desportiva de mim muito próxima e cuja atividade integral foi, durante 1917, a favor dos oficiais e soldados franceses e belgas internados, promovendo neles maravilhosas recuperações físicas e morais.

Atendendo a proposta do Comitê Olímpico Americano, designamos o juiz Bartow S. Weeks, secretário geral da *Amateur Athletic Union*, posto que tinha sucedido James E. Sullivan, para ocupar o lugar de nosso falecido colega Evert J. Wendell. O senhor Bartow S. Weeks, delegado no congresso de Paris, de 1914, já era nosso amigo e nos alegramos por sua chegada entre nós, tal como a do excelentíssimo senhor Dorn y de Alsua, ministro do Equador, e do senhor J. P. Matheu, cônsul geral de El Salvador, já tendo ocupado o cargo de presidente e secretário geral do Comitê de Propaganda Olímpica da América Latina, há um ano fundado sob nossos patrocínios. As publicações desta agrupação, juntamente com o folheto tão amplamente difundido pelo Comitê Olímpico da Espanha, têm ajudado eficazmente a estender a ideia Olímpica nos países de língua espanhola. Neste mesmo sentido, o Comitê Americano está fazendo com que sejam tecidas muitas bandeiras Olímpicas, e as tem oferecido às universidades e associações do Novo Mundo como símbolo da eternidade do Olimpismo e da próxima retomada de suas solenes reuniões.

Mediante estas recentes eleições, novos países ocupam, em nossas filas, o lugar daqueles que deixaram de estar representados e nosso efetivo se mantém.

Isto é tudo, ao que se refere ao passado. Mas é, sobretudo, em direção ao futuro que nossos olhares devem se dirigir. Em função dos acontecimentos, surgem circunstâncias completamente novas. Na primeira fila dos artífices da vitória, estão os esportes. É a eles que a Inglaterra e os Estados Unidos devem as magníficas recuperações, que lhes permitiram transportar, ao cenário da guerra, exércitos que ninguém esperava. Graças aos esportes, os valentes membros do movimento esportivo Sokol levaram inúmeras láureas às suas pátrias, antes mesmo de suas fronteiras serem delimitadas e suas liberdades serem asseguradas. Graças aos esportes, a França, tão heroica, mas infinitamente mais forte que em 1870, soube levantar uma potente muralha muscular ante a invasão. Depois de ter preparado soldados incomparáveis, o atletismo também soube direcionar seu entusiasmo e consolar seus sofrimentos. Jogou futebol, praticou esgrima e lutou boxe muito perto das frentes de batalha ou longe delas, nos tristes campos de prisioneiros. A opinião pública sabe dessas coisas e as aprecia. Um merecido entusiasmo consagra o valor da educação física e proclama o triunfo dos esportes.

Entretanto, alguns perigos são intrínsecos ao êxito, e quanto mais completo for o êxito, mais atenção deve ser dada às suas consequências. Todo excesso é suscetível de provocar uma reação que comprometa os resultados conseguidos. O primeiro toque de alerta é o abuso das competições públicas. Já antes da guerra era algo inquietante. Ninguém pensa preconizar a supressão, pois seu princípio é indispensável

para que a atividade esportiva se mantenha, mas a proliferação das competições é um grave perigo, porque tendem a engendrar um sem-número de aficionados do espetáculo esportivo que, inativos, permanecem agrupados em torno de um número restrito de virtuosos, exaltados e ébrios de aplausos, e cujas marcas se transformam em material para apostas e mercantilismo.

A maior parte da responsabilidade em relação a isso tudo é das federações; algumas perderam de vista o papel pedagógico que lhes estava reservado e se dedicaram muito a um sindicalismo sectário apoiado em uma legislação cuja base é a exclusão. Com a finalidade de forçar associações e indivíduos a se alinharem sob suas bandeiras, algumas federações, unidas a outras por tratados, tendiam a organizar um verdadeiro boicote, impedindo seus membros de competir com os independentes, e inclusive, negando o direito aos proprietários de terrenos esportivos de alugá-los a estes últimos. Assim se estendeu o costume de uma espécie de excomunhão esportiva, mais ridícula do que mal-intencionada. Por outro lado, sob pretexto de preservar a doutrina e o amadorismo puro, desqualificações eram feitas contra os pretensos profissionais, cujo espírito desportivo e desinteresse eram muito superiores aos de tantos falsos amadores, com certificados em ordem. Os dirigentes das federações, entorpecidos pelas dificuldades de aplicação de uma legislação em que faltavam lógica e franqueza, tinham descuidado também do trabalho da unificação dos regulamentos desportivos, com vistas a distanciar os motivos de conflitos técnicos e facilitar o curso das provas, a homologação dos records, etc.

O esforço, iniciado neste sentido pelo congresso Olímpico de 1914, foi continuado na França por um dos comissários deste congresso, o senhor Paul Rousseau, e é possível que vejamos o resultado algum dia.

No que se refere aos demais, nada indica que as federações se deem conta da necessidade de se aplicar uma política ampla e tolerante. Pois bem, a época que começa assim o exige. Durante muito tempo, o atletismo, renovado no século XIX, não foi mais do que um passatempo da juventude rica e semiciosa.

Nosso Comitê tem lutado mais do que ninguém para fazer do atletismo o prazer habitual dos jovens da pequena burguesia; e agora, deve se tornar completamente acessível ao adolescente proletário. Todos os esportes para todos, esta é a nova fórmula, utópica de maneira nenhuma, a cuja realização devemos nos empenhar. As potências ocidentais venceram a guerra que termina graças a uma “união sagrada” baseada na convicção de que o duplo objetivo da luta era a liberdade política dos Estados e o equilíbrio social dos indivíduos. Se, uma vez conseguido o primeiro, fosse esquecido o segundo, a civilização saltaria como uma caldeira sem válvula de escape.

Na realização das reformas sociais, o atletismo possui uma das funções mais dignas de serem levadas em conta. Fiz esforço para demonstrar isso em minha conferência à Associação dos Helenos Liberais de Lausanne (fevereiro de 1918). Uma associação desportiva é, de certo modo, a célula da democracia, porque somente nela subsiste a desigualdade que procede da natureza, enquanto que a desigualdade artificial, introduzida pelas pessoas, é rechaçada; porque a ajuda mútua e a competência, bases comuns de toda sociedade democrática, nela convivem obrigatoriamente; porque o esporte, nivelador de classes, é também um poderoso derivativo de todos os maus instintos, um antídoto do alcoolismo, um perseguidor da tuberculose, um agente inigualável, no momento atual, da saúde física e moral; e, finalmente, porque

engendra germens de observação, de espírito crítico, de autocontrole, de cálculo de esforço e de gasto de energia, de filosofia prática na derrota, qualidades que a geração atual está muito necessitada, e sabe que sem elas não pode cumprir sua função.

É compreensível que, frente a necessidades tão amplas, o mundo desportivo necessita se renovar, ampliar suas bases, transformar seu mecanismo. Todos os esportes para todos, é algo que não pode ser realizado somente pelas agrupações atuais. As associações ginásticas e desportivas têm proporcionado o melhor instrumento de propaganda; continuam sendo um importante fator de progresso, mas não o único: pois a eficácia de sua ação estará em relação direta com o liberalismo de seus regulamentos. Seu dever atual consiste em se colocar a serviço da massa, sem lhe pedir nada em troca, pois aqueles que nos interessam não têm nem dinheiro para gastar, tampouco tempo a perder, mas, apesar de tudo, é necessário despertar neles a necessidade do esporte, pois dele depende a saúde física e moral das nações.

Nesse sentido, Suécia e Estados Unidos uma vez mais nos aportam fecundas iniciativas a serem desenvolvidas. Limito-me a recordá-las aqui, pois logo vamos convidar os interessados para um exame mais profundo da questão. Os senhores já conhecem essa instituição sueca na forma de uma ordem de cavalaria desportiva que compreende três graus, correspondentes a uma insígnia de ouro, prata ou bronze, autorizada pela lei. As provas estão divididas em cinco grupos: no primeiro estão a ginástica e a natação; no segundo, os saltos; no terceiro, as corridas; no quarto, a esgrima e os lançamentos. O quinto compreende as provas de fôlego: corridas de 10 a 20 quilômetros, a pé, sobre esquis, de bicicleta..., em um tempo pré-determinado. É necessário passar uma prova de cada grupo. Qualquer um que faz isso recebe a insígnia de bronze. Se ele faz isso por quatro anos consecutivos (ou não), ele recebe a insígnia de prata; oito anos e é o ouro. Se o candidato tem mais de trinta e dois anos, recebe imediatamente a de ouro. Aqui há elementos para uma intensiva propaganda popular. Acessíveis a qualquer um, sem condições, sem investigações inúteis, concursos como este podem modificar os costumes e o espírito de toda uma geração.

Não menos sugestiva é a maneira que a *Amateur Athletic Union*, dos Estados Unidos, organiza, desde 1910, em Nova Iorque, a realização da festa nacional de 4 de julho. Nos anos procedentes ocorreram numerosos acidentes e irritantes abusos; foi pedido um “*Safe and sane Fourth*”. Sullivan tomou as rédeas da questão, e em 4 de julho de 1912, mais de trinta mil participantes se reuniram, em quarenta e duas assembleias, nos parques e jardins públicos de Nova Iorque e seus arredores. 1.492 medalhas foram distribuídas entre os vencedores das corridas, provas de salto, lançamentos, etc. Mil membros das associações ginásticas e desportivas asseguraram o bom funcionamento do evento. Acrescentemos que, em muitas cidades norte-americanas já existem lugares específicos para atividades físicas: pistas, aparelhos de ginástica, barreiras, etc., que estão à disposição gratuita do público. Na Escandinávia, são oferecidos, aos aficionados, espaços para luta engenhosamente preparados ao ar livre, com ajuda de lonas estendidas sobre uma camada de areia.

Chegou o momento de se comprometer com determinação no caminho que estas interessantes inovações se balizam. O atletismo abrirá um grande caminho, que o separará dos marcos que já ficaram estreitos, dando-lhe condições de renunciar as distinções obsoletas, de reprovar, sobretudo, as conjeturas egoístas e as dedicações interessadas. Já ostenta nobres recordes pedagógicos, cabendo-lhe agora prestar um

concurso eficaz à transformação social que a guerra tornou inevitável e que todos devem participar com o coração leal e alegre.

Este engrandecimento do horizonte desportivo, no qual já tínhamos trabalhado antes, chega a um momento que nos concede uma apreciável consagração de nossos esforços precedentes. O embaixador da Grécia em Berna acaba de me informar que o governo heleno erigirá, nas ruínas de Olímpia, um monumento de mármore que evoque o reestabelecimento dos Jogos Olímpicos e glorifique a obra que, por vinte e quatro anos, tenho a felicidade de dedicar todos os meus esforços. Baseando-me no contínuo apoio caloroso e fiel dos senhores, encaro sem medo a possibilidade de uma retomada de certas hostilidades, pois elas estão condenadas ao fracasso. Não há de se estranhar se nosso ideal se sobrepõe ao ideal de muita gente e, nem se contrariam numerosos interesses. Independentes e unidos, já há tempos, temos fé em nós mesmos e temos nossos olhos voltados para a altura que o Olimpismo restaurado pode e deve se elevar.

Pierre de Coubertin

“Lettre à Messieurs les membres du CIO”,
impresso especial, Lausanne,
janeiro de 1919. (Arquivos do COI)

6.5.4 QUARENTA ANOS DE OLIMPISMO, 1894-1934

Observações feitas pelo Barão de Coubertin, fundador e presidente de honra dos Jogos Olímpicos, durante a celebração do quadragésimo aniversário da restauração dos Jogos Olímpicos, em 23 de junho de 1934, na Universidade de Lausanne.

Discurso do Barão de Coubertin

Senhor conselheiro de Estado, senhor prefeito, senhor pró-reitor, querido secretário geral e amigo, estou emocionado pelos elogios que acabo de ouvir. Agradeço de todo o coração. Rodeados dessa calorosa simpatia que emana da autêntica amizade, confortam-me infinitamente.

Senhoras e senhores:

Nesta festa de recordações, meu pensamento retorna às manifestações precedentes nas quais, em intervalos regulares, já foi comemorado o Reestabelecimento dos Jogos Olímpicos.

Em 1904 – faz trinta anos –, somente o recordamos entre nós. A instituição tinha apenas dez anos. Dez anos! Que são dez anos para uma instituição que foi milenar e pretende voltar a ser? Entretanto, a celebração – significativa pelos feitos – foi feita sob o signo do êxito. Naquele ano o Comitê Internacional se reuniu em Londres, sob o patrocínio do Rei Edward, no antigo palácio do Senhor Prefeito da Cidade de Londres: seis dias de sessões produtivas, intercaladas com festas agradáveis. Já naquela época, o Comitê Olímpico Internacional era tratado como um grande poder internacional, como testemunharam os telegramas do Rei da Itália e do Príncipe de Colonna, Prefeito de Roma, agradecendo a decisão de eventualmente escolher a capital da Itália como sede dos Jogos da 4ª Olimpíada. Em outra ocasião já contei por que a Olimpíada romana foi postergada; desde então, permanece inelutável no horizonte.

Enquanto que o Comitê Olímpico Internacional realizava suas sessões às margens do Tâmbisa, eram preparados, às margens do Mississipi, os Jogos da 3ª Olimpíada; imperfeitos em muitos aspectos, mas destacaram que, desde o princípio, era indiscutível o caráter geral e mundial do Neo-Olimpismo. “*All games, all nations*”. Todos os jogos, todas as nações. Posteriores traições em vão se esforçaram em fazer predominar a noção de uma criação incerta, cujas etapas tinham se sucedido timidamente e ao acaso das circunstâncias. A verdade é diferente. Esta vez o Olimpismo nasceu completamente equipado, como Minerva, com seu programa completo e sua geografia integral; seu domínio abrangeria o planeta todo.

Junho de 1914. Dez anos mais tarde. No intervalo, os Jogos da 4ª e da 5ª Olimpíadas obtiveram, em Londres e em Estocolmo, o êxito completo, pela magnitude e regularidade do marco, o entusiasmo das multidões e a perfeição dos detalhes. Agora parece muito simples glorificar o Neo-Olimpismo. No frescor de seus vinte anos, é possível reconhecer a auréola de seu prestigioso passado. Para se reunir em Paris, foram convocados os representantes dos Comitês Nacionais, já formados na maioria dos países. Quatorze dias de festividades são um quadro digno da grande metrópole para aquela assembleia. Os poderes públicos rivalizam com a antiga aristocracia monárquica para oferecer-lhes a estadia mais agradável, a hospitalidade mais suntuosa, espetáculo inédito, pois tal cooperação nunca fora produzida em um

regime republicano. Ao conceder a autonomia desportiva à Boêmia e à Finlândia, que os impérios Habsburgo e Romanov a princípio negaram reconhecer, o Comitê Olímpico Internacional já demonstrou seu poder. Por outro lado, uma conferência especial, em 1906, estabeleceu o programa dos Concursos de Arte, deste “Pentatlo das Musas”, que, a partir de então, não pode mais se separar dos Jogos quadrienais. A bandeira, projetada recentemente com seus cinco anéis multicolores sobre um fundo branco, tremula ao vento e o protocolo completa as fórmulas prestigiosas que cinzelam a solenidade.

Estranha coincidência. No dia seguinte ao Reestabelecimento dos Jogos Olímpicos, o presidente Carnot foi assassinado, e eis que os festejos de 1914, que celebram o 20º aniversário, terminam à luz trágica das catástrofes próximas. Mal tinham os participantes tomado seus rumos, o Arquiduque François-Ferdinand sucumbe em um atentado; mas o Olimpismo não teme as tragédias e pode enfrentar o perigo, por isso, atravessará incólume, sem um arranhão, quatro anos de guerra mundial, durante os quais, receberá na Exposição de São Francisco, onde se refugiaram as obras de paz, a homenagem de uma jornada especial “dada”, de acordo com a moda norte-americana, em sua honra, e não para de registrar candidaturas com vistas às Olimpíadas futuras. Recém estabelecida a paz de fato, mas ainda não de direito, o Comitê Olímpico Internacional, convocado em Lausanne (que neste meio tempo se tornou sua sede permanente), celebra seus vinte e cinco anos de idade em presença de Gustave Ador, presidente da Confederação Helvética. Intrigas culposas de supostos esportistas, que ignoram que a lealdade dos ataques de frente é a primeira das qualidades desportivas, trataram de transtornar a ordem das Olimpíadas e de se apropriar da sua direção... Destas intrigas, não fica nada. O General Pershing, com o traço de sua honrada pena, cunhou o termo “Olímpico”, com o qual queriam adornar seus Jogos Militares interaliados; e o presidente Clemenceau, ao enviar uma esquadrilha de aviões franceses a Lausanne, rogou ao Comitê Olímpico Internacional que visse nesse gesto a expressão de toda sua simpatia.

Cinco anos mais e o Olimpismo renovado alcançará a trintena (junto com o Príncipe de Gales, nascido no mesmo dia). Serão anos bem produtivos. Em Antuérpia, a 7ª Olimpíada retoma a cadeia. Liberada recentemente, a cidade aparece brilhante e serena. Na Intendência, o rei Albert preside a abertura da sessão do Comitê Olímpico Internacional e no estádio, quase improvisado pela energia e a inteligente atividade do Conde De Baillet, inaugura solenemente os Jogos. Em 1921, um congresso em Lausanne continua a obra de 1914, desta vez com a participação de delegados das federações internacionais, surgidas no fim de um longo período de preparação. Os Jogos de Inverno foram criados. Em 1923, no Capitólio Romano, o Comitê Olímpico Internacional realiza sua sessão, aberta pelo Rei da Itália e que continua com a tradição das magníficas reuniões de Londres, Le Havre, Estocolmo e Budapeste.

1924. A celebração do trigésimo aniversário coincide com os Jogos da VIIIª Olimpíada, em Paris, revestida do esplendor desejado, mas talvez não se iguale ao encanto harmonioso das festividades de 1914. Neste momento o renovador dos jogos – julgando que depois de trinta anos seu trabalho estava feito – optou por abandonar a gestão do dia-a-dia dos Jogos Olímpicos. Em resposta à extrema confiança de seus colegas, ele trocou em sua antiga posição para uma presidência honorária. Para facilitar certos detalhes, a eleição de seu sucessor se prorroga até 1925. Este

ano o escrutínio acontece em Praga. Não é o momento de felicitar e agradecer aqui o eleito de 1925 (já reeleito desde então) pelo seu esforço? Esforço abundante e múltiplo, também digno de honra, pois não há nada que o seja mais que saber limitar-se à continuação do existente, com a única preocupação de assegurar seu funcionamento cada vez com maior perfeição. Quantas vezes sentimos a tentação de demolir aqui um parapeito, e ali um muro, para refazê-los e colocar neles nossa assinatura! E, por fim, acabamos de fazê-los quase idênticos aos que antes lá estavam.

Entretanto, não há tempo suficiente para se fazer tudo. Comprometido em um trabalho técnico que vai aumentando cada vez mais, o Comitê Olímpico Internacional não tem tido como prosseguir com a tarefa pedagógica, que surgiu nos congressos de 1897 e 1913, cujo órgão autorizado foi, por oito anos, a *Revue Olympique*. Prescindia que o intelectualismo Olímpico não fosse interrompido, daí, como também do desejo de salvaguardar certos direitos adquiridos por Lausanne, foi criado o Escritório Internacional de Pedagogia Esportiva (*Bureau International de Pédagogie Sportive*). Não é o momento de resumir sua obra. O relatório final, que será apresentado na Intendência de Lausanne, em breve dará seu balanço. Por isso, essa quarta década Olímpica (1924 – 1934) ainda pertence um pouco a quem lhes fala; e também pelo fato de ter levado pessoalmente a responsabilidade de fazer recair em Paris, sua cidade natal, os Jogos de 1924, e também, com muitos anos de antecedência, contrariamente ao costume prudente e justificado, os Jogos de 1928 e 1932, nas cidades de Amsterdam e Los Angeles. Por motivos diversos, em que a conjectura e o sentimento cruzavam seus meandros, tinha especial interesse na Olimpíada holandesa e na californiana. Esta década, além disso, viu aparecer, em forma de Memórias, a história dos Jogos Olímpicos modernos, redigida pelo único que tinha possibilidade de fazê-lo, já que possuía, além de todos os arquivos oficiais, cuidadosamente colecionados desde o primeiro dia (em uma época em que a mecanografia não reinava no mundo), arquivos particulares, ricos em informação desconhecida pelo público... Também viu abrir o museu Olímpico, e depois, recentemente, se esboçar uma tentativa de ensino, cujos princípios, como correntes de ar fresco, penetrarão todos esses “cursos superiores”, geralmente tão simplistas, e de aspecto ingenuamente científico, em cujo restrito programa pretende-se encerrar a formação dos professores de Educação Física.

O período sobre o qual falamos chegou, finalmente, nestas admiráveis festas helênicas, cujo cenário são Atenas e o Peloponeso, e que acabaram aos pés do monumento erguido em Olímpia, com a emocionante homenagem dos pequenos colegiais da região, que sob a vigilância de seus professores, vieram depositar o antigo ramo de oliveira sobre o mármore. Talvez entre eles houvesse um futuro Corebo... Para concluir, devo honrar a figura do atleta moderno, pois é também sua festa, seu dia de renascimento, sob a sombra protetora de seu antepassado, o atleta antigo.

O que não foi dito contra ele? Continuo lhe considerando o grande caluniado e fazendo responsáveis por suas quedas os pais, professores, políticos, a imprensa e os dirigentes das federações, admirando-me de que aquelas ainda não sejam mais numerosas.

Continuo pensando que o contato com o atletismo feminino é prejudicial, e que este atletismo deveria ser excluído do programa Olímpico, pois as Olimpíadas foram reestabelecidas para a glorificação única e solene do atleta individual, não sendo o lu-



**Pierre de Coubertin
aos setenta anos.
(Coleção Navacelle)**

gar dos esportes de equipe, que devem ser realizados em torneios anexos separados do “*Altis*” (valendo-me da distinção antiga), ou seja, fora do recinto sagrado. Continuo julgando excelente a constituição do Comitê Olímpico Internacional baseada no princípio que eu chamaria de “delegação invertida”, o que significa que o mandato surge da ideia de atrair discípulos, e não da massa para criar a ideia; princípio que poderia ser aplicado em muitos terrenos e encerraria, se não a salvação da sociedade atual, pelo menos, uma forte atenuação de seus males; tal como o princípio de intermitência proporcionaria o único alívio seguro para suas finanças deploráveis.

Como podem ver, minha voz setuagenária continua impregnada de obstinação; assim, que não seja mais dito, ao primeiro que chega, que minha obra se desenca-minhou e que eu não me apeno nem me alarmo por causa destes supostos desvios.

Já faz quarenta anos que, na Sorbonne, o reestabelecimento dos Jogos Olímpicos foi solenemente proclamado. Seu destino posterior responde completamente ao meu trabalho e à minha esperança. Faço constar sem orgulho, pela simples necessidade de reestabelecer a verdade que a ignorância e as conjeturas deturparam.

Não sejamos sempre injustos com nossa época, que a respeitemos mais.

Em 1919, durante a celebração de que acabo de falar, dizia em minha resposta ao presidente Gustave Ador: “Os tempos ainda são difíceis; a aurora que se anuncia é a do dia seguinte à tormenta, mas até o meio-dia, o céu se desanuviará, e os braços dos camponeses novamente estarão carregando espigas douradas”. O meio-dia ainda não chegou, senhores. Os dias da história são longos. Sejam pacientes e tenhamos confiança.

“*Quarante années d'Olympisme*”, em:
Le Sport Suisse,
Vol. 30, 4 de julho, 1914, p. 1.

6.5.5 O QUE É O OLIMPISMO?

Em plena guerra mundial, os Jogos Olímpicos que deviam ter sido realizados em Berlim em 1916 foram anulados, pois qualquer atividade Olímpica era impossível.

Em 1915, Coubertin transferiu a sede do COI para a Suíça, país neutro. Em seus estudos para a edição em vários volumes de sua “História universal”, Coubertin ocupou-se intensamente da história da América do Sul. Este continente, rico em cultura e tradições, lhe impressionava. Se a América do Norte há muito tempo tinha um papel ativo no movimento Olímpico, por que a América do Sul ainda continuaria na retaguarda?

Entre os membros fundadores do COI havia um sul-americano, o Doutor José Benjamin Zubiaur, catedrático de Pedagogia argentino a quem Coubertin conheceu em Paris em 1890. Mas o interesse seu e dos outros membros sul-americanos do COI eram insuficientes para aclimatar o movimento Olímpico neste grande continente. Além disso, as inumeráveis publicações em francês de Pierre de Coubertin não podiam chegar aos leitores de língua espanhola.

A apresentação em 1916 da candidatura de Havana para a sede dos Jogos Olímpicos de 1920 significou a entrada consciente da América Latina no movimento Olímpico.

Sobre esse assunto, Coubertin escreve em suas “Memórias Olímpicas”:

Tanto se o projeto fosse ou não fosse realizado, não resta dúvida de que contribuiria à conquista da América do Sul, em cujos serviços de propaganda eu me encontrava envolvido, e me serviria de grande apoio para os mesmos.

Para intensificar este trabalho de propaganda na América do Sul, Coubertin criou em 1916, em Paris, um comitê especial cujo eixo foi o Senhor Pedro Jaime Matheu, cônsul-geral de El Salvador e que, graças a ele, foi feita uma propaganda mais ativa.

O folheto “*Qué es el Olimpismo?*” é devido à exclusiva iniciativa do Senhor Matheu, que o traduziu e o distribuiu. Coubertin diz em suas “Memórias Olímpicas” que este folheto foi profusamente difundido na América do Sul. O Senhor Matheu, em 1918, ingressou no COI para a América Central, e nele permaneceu até 1941.

O conteúdo do folheto reflete as intenções pedagógicas de Coubertin, e pode ser considerado um estudo preliminar de sua obra “*Pédagogie Sportive*”, publicada em 1921.

Ainda que nela o movimento Olímpico não ocupe um lugar preponderante, nessa obra Coubertin quis tornar mais precisas sua concepção de Olimpismo e seus fenômenos determinantes. Esta foi sua preocupação durante os anos da destruição da Europa: remodelar a humanidade com a ajuda das virtudes morais do esporte. Como aparece claramente nesse folheto, para Pierre de Coubertin, o Olimpismo não era um sistema, mas um estado de espírito.

Essa primeira publicação em espanhol de Coubertin está totalmente esquecida. Sua reimpressão recorda um capítulo da história Olímpica muito significativo para a América Latina; contudo, em muitas passagens, apesar de seu estilo obsoleto, seu conteúdo é muito atual.

À intrépida juventude da América Latina,
dedico estas páginas, escritas com o
objetivo de incitá-la a se preparar por uma cultura
muscular contínua e tenaz, ao futuro esplendor
dessas regiões privilegiadas.
Paris, dezembro de 1917.
Pierre de C O U B E R T I N

Ao eminente Senhor Barão Pierre de Coubertin,
renovador e apóstolo dos Jogos Olímpicos
Modernos, como uma homenagem aos esforços
que consagrou à França e a todos os
países na propaganda do OLIMPISMO.

O atletismo tem provado sua grande utilidade na guerra, e sairá dela, não somente glorificado pela opinião pública, mas reconhecido oficialmente sob o ponto de vista prático e utilitário, e no futuro, obterá os apoios necessários de todas as classes sociais para sua consagração como o símbolo das forças coletivas e da união pela paz social.

As energias que o cultivo dos músculos dá ao indivíduo desenvolvem todas as suas faculdades concomitantemente, e fazem-lhe suportar melhor as privações e os cansaços, ser mais atento e submisso à disciplina, e nos momentos decisivos, ter mais sangue frio, sentir-se mais viril e chegar ao abnegado heroísmo.

O futuro de um país depende da virilidade de sua raça: exemplos notáveis nos deram, na antiguidade, a Grécia, e nos tempos modernos, os povos anglo-saxões. – A França, que se despertou ao amor ao atletismo, desde a enérgica e benéfica campanha que o Barão Pierre de Coubertin empreendeu, pode, com orgulho, mostrar seus heróis.

Os cidadãos não devem se preparar somente para a guerra, mas também para as lutas pacíficas; e assim, todos os países devem se preocupar em levar a seus programas educativos a “cultura física” como indispensável para formar “corpos sãos, vigorosos, esbeltos e ágeis”.

A fórmula de Pierre de Coubertin, *Mens fervida in corpore lacertoso*, devia estar gravada em todas as escolas, assim como o lema do ilustre padre dominicano Didon: *Citius, Altius, Fortius*, para manter em todos os espíritos a filosofia e a beleza do atletismo.

É chegado o momento de se combater o erro do senso comum: de que a educação esportiva deprime as partes moral e intelectual do indivíduo: é o contrário. – Ao mesmo tempo em que os músculos se fortificam, o caráter se vigora, e sua influência benéfica é moralizadora para o cidadão, em particular, e para as associações, em geral.

O cultivo dos esportes obriga a um método de vida, distante dos vícios e maus hábitos: o indivíduo regulariza a sua existência, se disciplina e adquire saúde e alegria. – Esta influência se reflete na sociedade e os povos avançam sucessivamente em sua melhora material e moral.

Como nosso ilustre apóstolo Pierre de Coubertin disse sobre a concepção dos gregos: *Civium, vires civitatis vis*, que os latinos herdaram. Pensem em todo o bem que a América Latina pode obter com o lema *Civium vires hodie cras civitatis vis*, se desde agora despertarmos o entusiasmo pelos esportes para fortificar os músculos, enobrecer os gestos e engrandecer os caracteres pela prática de um *atletismo alegre, regular e tenaz*.

Nós, latino-americanos, não podemos ficar indiferentes ao generoso chamado que nos é feito, por todo o bem, a utilidade e a grandeza que isto trará ao nosso belo continente.

O Barão Pierre de Coubertin pode ficar seguro que suas *palavras* terão um grande eco na América e mais tarde voltarão em *elogios* por sua bela e altruísta obra.

Paris, dezembro de 1917.

Pedro Jaime MATHEU

O Olimpismo é, por excelência, a glorificação da juventude. Era para glorificar a juventude que se reuniam, de quatro em quatro anos, os antigos em Olímpia e os que já há vinte e cinco anos assistem à realização das Olimpíadas Modernas podem se dar conta da alta significação dessas festividades, em Atenas, Paris, Saint Louis, Londres e Estocolmo, que foram sucessivamente os lugares privilegiados para sua realização.

De que maneira a juventude pode ser glorificada? Pelo culto ao esforço, pelo desprezo ao perigo, pelo amor à pátria, pela generosidade e o espírito cavaleiresco, pelo contato com as Artes e as Letras; tais são as bases fundamentais do Olimpismo.

Consequentemente, uma distinção essencial se impõe entre o simples exercício físico e o exercício desportivo. – Todos podem compreender que o Olimpismo não pode ser feito somente com o exercício físico, o esporte é necessário.

O esporte, ou seja, o culto habitual do esforço muscular intensivo, aspirando ao progresso, é suscetível de ser levado até o risco. Esta é a definição de esporte. É necessário que seja um culto, e não um culto passageiro, ocasional, mas voluntário, reflexivo, regular: é indispensável que o culto seja aplicado um pouco a um esforço muscular qualquer, mas se concentre no esforço intensivo, que tenha por objetivo o aperfeiçoamento através do exercício e do entretenimento; é necessário, por fim, que o esportista não tenha nenhum medo, que deseje o risco, e que este seja, por assim dizer, mais um atrativo ante seus olhos. Assim a ideia de continuidade e de progresso, a ideia de intensidade, a ideia de risco, são inseparáveis da verdadeira esportividade. Daí se compreende que o entretenimento sistemático, a energia intensa e o perigo eventual são os elementos fundamentais do Olimpismo.

Por outro lado, a prática de exercícios feita assim de maneira viril e apaixonada conduz a ferrenhas rivalidades e é onde as belas leis do espírito desportivo exigem que os competidores disputem com todo o coração, que o vendedor triunfe com modéstia e que o vencido aceite sua derrota sem desagrado, esperando a revanche que deverá tomar sobre seus rivais.

Assim as mais elevadas qualidades morais devem servir para o engrandecimento. A modéstia e a abnegação são indispensáveis e meritórias. Quando se trata de concursos internacionais em que o primeiro efeito da vitória alcançada é fazer ser içada no mastro e aclamada pelos espectadores a bandeira nacional do país a que pertence o vencedor, de acordo com o regulamento estabelecido pelos Jogos Olímpicos Modernos.

Enfim, para salientar melhor que a cultura muscular deve estar em concordância com o aperfeiçoamento geral do indivíduo, e que o músculo deve estar sempre a serviço do espírito. As Olimpíadas Modernas são, desde seu berço, cercadas como suas ilustres antepassadas por refinamentos artísticos e literários. A arquitetura, a música, a poesia e a eloquência são convidadas a nobremente fazer parte das manifestações Olímpicas.

Não é possível, nessas breves linhas, fazer referência à história do restabelecimento dos Jogos Olímpicos e todos os progressos desportivos realizados no mundo, que são consequência deste restabelecimento.

Esta empresa, a qual estou sumamente satisfeito de ter consagrado mais de trinta anos da minha vida, resultou em todo o bem que eu esperava, e aos senhores pouco a pouco se tornará familiar. Meu objetivo neste momento é unicamente de impulsioná-los a colaborar desde agora e de representar um papel em consonância com a grandeza do que está reservado para a América Latina na evolução próxima da civilização geral.

Até agora, efetivamente, os senhores ficaram um pouco afastados do Olimpismo. O seu continente, vasto, belo, banhado pelo sol e repleto de todas as riquezas da natureza, adormeceu-lhes, meus caros amigos! A vida se abre ante seus olhos, tão cheia de promessas, que na realidade é perdoável que se abandonem à simples doçura da existência, sem se inquietarem com normas rígidas nem rivalidades, mas vejam que um forte alarme soou sobre o mundo inteiro para lembrar os povos, os mais pacíficos, que todos são solidários ante a grande causa do progresso, portanto, não podem se desinteressar uns dos outros.

Cultivar as energias, ter ânimo, sentir orgulho de seu país, este é o dever de todos. O Olimpismo, assim como acabo de mostrar, recordando as bases sobre as quais se apoia, representa uma das grandes escolas do aperfeiçoamento do indivíduo, da equipe e da nação.

Chegou o momento da América Latina juntar as forças necessárias para o papel magnífico que a espera.

A VONTADE

A primeira reforma, se os senhores quiserem chegar a fazer, de uma só vez, algo prático e duradouro, é a reforma individual. É necessário modificar a maneira como cada um dos senhores entende a prática do esporte: isto é, como uma diversão ou como um passatempo. Evidentemente o que lhes peço é uma coisa um pouco auste-

ra, e é possível que primeiramente muitos se neguem, mas é necessário que escutem o que digo para que respondam! Eles serão os Apóstolos em volta dos quais logo se agruparão os discípulos cada vez mais numerosos.

O que proponho a esses pioneiros voluntários de uma grande ideia é trabalhar neles mesmos para fortalecer e desenvolver sua própria vontade por meio do exercício desportivo; é de perpetuamente impor esse esforço além do que têm se desejado, ou do que seria suficiente para distraí-los; aqueles que têm a menor atração por eles, de levar a seu próprio aperfeiçoamento técnico toda a tenacidade de que sejam capazes: é de voltar a começar até o resultado, a façanha na qual foram frustrados. – Vejam aí o estoicismo desportivo, primeira etapa que precisa ser franqueada. – Penosa no começo, esta empresa imediatamente lhes revelará encantos desconhecidos. – Os senhores encontrarão rápidos estímulos que os ajudarão a suportar os descabros inevitáveis. – Aos poucos, sentirão que seu ânimo estará mais firme, mais espontâneo, mais “usual” por assim dizer; e desta maneira, colocarão em si mesmos as maiores doses de muitas qualidades viris, tais como ser senhor de si, saber tomar decisões rapidamente, ter perseverança, resistência, etc.

O esporte não tem rival para esta tarefa. É um verdadeiro jardim de exercícios para a alma. Os terrenos da virtude pura e simples são de difícil acesso, não estão ao alcance de todo o mundo; mas o esporte, em sua varonil elegância, se oferece a todo homem são a partir do momento que tem a inquietude de sua virilidade, e esta inquietude deve existir em cada um dos senhores: “Se estiver adormecida, despertem-na!

A EMULAÇÃO

Propus aos senhores um trabalho individual de aperfeiçoamento, tenho que lhes dizer que ninguém pode esperar pelo ápice pessoal sem companheiros, sem modelo e sem emulação. Bem raros são aqueles que encontram em si mesmos a força necessária para continuar trabalhando os músculos cotidianamente visando à conservação da saúde, e ainda mais raros são os que investem a energia suficiente para aperfeiçoar seus músculos tecnicamente. – Mas tão logo os grupos são formados, a emulação nasce, a princípio entre os membros do mesmo grupo, depois em grupos diferentes, e assim se forma como o alvéolo do organismo desportivo nacional.

Mas estas associações estão expostas a diversos perigos, os quais devo agora lhes indicar: “*o luxo, a política e o profissionalismo*”. O luxo exagerado é um grande perigo para a sociedade desportiva, e não somente porque debilita as energias e tende a diminuir o esforço muscular com menos frequência, menos duração e menor intensidade, mas também e principalmente porque não é possível obtê-lo a não ser sacrificando o espírito de classe.

Assim corre-se o risco de estabelecer categorias sociais separadas e tão exclusivas que fica impossível se estabelecer pontos de contato entre elas. – É necessário não contar muito com os “clubes de milionários” para ajudar na virilização de um Estado: os “Clubes Operários” seguramente podem ter mais êxito nesta tarefa. – Muito longe do meu pensamento está o fato de que o meio social deve ficar isolado da constituição de uma sociedade esportiva; isto não seria possível, assim como tampouco que as associações se encontrem todas no mesmo nível, sob o ponto de vista dos recursos que dispõem. – Mas o que absolutamente importa é que os graus entre

elas não sejam tais que não se possa franquear na colaboração de todas em conjunto ou na comparação entre elas quando acontecer uma disputa.

Várias vezes li um velho manuscrito que data da época da Guerra dos Cem Anos, que é o diário de um senhor normando da França, Senhor de Gouberville. – Sua mansão se encontrava na região de Cherburgo. – Grande fã do “*soule*” (antepassado distante do futebol), costumava convidar tanto seus colonos quanto os soldados do forte vizinho para jogar com ele nas tardes de domingo e depois fazia uma confraternização à mesa.

Divertiam-se muito nestas reuniões, que acabaram ficando rotineiras. – Vejam os belos costumes desportivos, sem querer copiá-los, tratemos de deles nos aproximar.

Como já escrevi no *Le Figaro* de 6 de novembro de 1902: “aqueles que são livres para se entregar ao prazer do espírito do espírito ou da carne, devem, sob pena de uma decadência rápida e completa, criar jardins de coragem e mergulhar nas piscinas da rudeza! Estando livres para cercar os jardins e piscinas como arte e fortuna alcançados pela elegância e requinte, mas é necessário que em seu centro estejam os elementos de vigor, de sacrifício e de ânimo, que formam nossa saúde moral sem que haja nada que possa ocupar seu lugar.

Dessa forma, esses elementos não subsistirão em uma sociedade, a não ser que ela tenha uma forte emulação organizada a princípio entre seus membros, e depois pelas outras associações, quaisquer que sejam seu caráter social e sua composição.

A POLÍTICA E A IMPRENSA

No capítulo anterior salientei o perigo do grande luxo e do espírito de classe. – Há outros perigos, notoriamente, o de se ter na liderança de uma sociedade ou uma união de associações, personalidades políticas que pretendam se aproveitar dessa situação em benefício de seu partido ou em benefício de seus próprios interesses eleitorais.

É digno de mencionar a Inglaterra, que quase sempre se distanciou desse perigo porque a maior parte dos dirigentes de associações desportivas são os próprios esportistas antigos, que se mantendo arraigados ao esporte, mantêm-se atualizados e com o desejo de cooperar na manutenção de um bom espírito desportivo entre as jovens gerações. – É no continente europeu onde os esportes se desenvolveram mais recentemente, o mesmo não aconteceu em relação à política, que muitas vezes serviu-se da sociedade causando-lhe moléstias e contratempos. – Se for possível ignorar subvenções financeiras concedidas pelo Estado através da intervenção de partidários políticos, seria melhor. – Sem dúvida, isto nem sempre seja exequível, embora seja conveniente, para uma sociedade que queira executar um bom trabalho, permanecer afastada da política até onde for possível.

Também convém desconfiar da imprensa. A “imprensa desportiva” é um mal necessário, e digo um mal porque os “jornais esportivos” não se contentam em apenas defender os interesses do esporte e fazer propaganda a seu favor, mas forçosamente enaltecem as façanhas dos campeões ou semicampeões, o que acaba por suscitar a vaidade e, às vezes, tendências ao “teatralismo”. O melhor conselho que posso dar sobre esse assunto é que se recorra à imprensa somente nas grandes ocasiões, nas

reuniões solenes, festividades desportivas, e não lhe dar a oportunidade de fazer crônicas sobre as reuniões, chamadas de “preparação ou entretenimento”, e assim se evitará que penetre na vida íntima da sociedade.

OS CAMPEÕES

Acabo de vos falar dos “Campeões”. São necessários. Acreditar que é possível prescindir deles é uma utopia. Infelizmente esta utopia tem sido propagada até mesmo por estudiosos, que neste aspecto ignoram uma das principais leis físicas que a humanidade obedece, que é o “pêndulo”. O equilíbrio humano não pode ser diretamente atacado, só é passageiramente sobre um ponto do trajeto que vai de uma extremidade à outra, já que, no que concerne ao aperfeiçoamento corporal, os períodos de ascetismo e de cultura corporal têm se alternado no decorrer da História de acordo com o tempo, as raças, as circunstâncias e a orientação do espírito público.

Por essa razão, igualmente existe a ideia pueril de imaginar que sempre haverá homens fortes e saudáveis que poderão servir para tudo (particularmente no esporte) na dose racional.

Na “*Revue Olympique*” de julho de 1913, escrevi as seguintes palavras que nada tenho que modificar: “por *cem* que se entregam à cultura física, é necessário que ‘cinquenta’ pratiquem algum esporte; para que *cinquenta* pratiquem algum esporte, é indispensável que vinte se especializem, para que vinte se especializem, é indispensável que *cinco* sejam capazes de proezas admiráveis.” É impossível sair desta fórmula, pois tudo está unido, tal qual uma corrente.

“*Mens sana in corpore sano*” é uma bela fórmula filosófica quase inacessível e marcada de utopia pelo nosso ponto de vista. A verdadeira tendência do ginasta antigo era a que bem formulei e criei para o Instituto Olímpico de Lausanne: “*Mens fervida in corpore lacertoso*”, ou seja: “Espírito ardente em corpo preparado”. Vejam que isso é totalmente cabível na época presente e era assim que se expressava meu ilustre amigo, o Padre Didon, o célebre dominicano, que deu, aos jovens atletas do colégio em que era diretor, em Arcueil, nas imediações de Paris, o lema: *Citius, Altius, Fortius*, ou seja “Mais rápido, mais alto e mais forte”. Nestas palavras toda a filosofia e a beleza do atletismo estão compreendidas.

Se for conveniente estimular os campeões, ajudá-los, facilitar sua preparação e seu entretenimento, é necessário que os dirigentes de uma sociedade, saibam bem e ponham em prática que somente pelos campeões se deve sacrificar os interesses dos outros membros da sociedade. Sobretudo convém evitar tudo que possa engendrar ou favorecer o “profissionalismo”, isto é, em primeiro lugar, os prêmios em dinheiro ou em objetos de grande valor suscetíveis de serem vendidos, e entre os espectadores ou companheiros, o costume de apostar nos campeões, como corriqueiramente é feito nas corridas de cavalos.

Uma vez que o “espírito profissional”, ou seja, a convicção arraigada de ganhar dinheiro por meio do esporte é introduzida no ambiente esportivo, este poderá ser muito respeitável se for composto de pessoas honráveis, leais e francas, mas a *possibilidade de formar a força moral com a ajuda da cultura desportiva* se perde para sempre. Recomendo que sempre se lembrem disso!

Até mesmo para os campeões vale lembrar que aquele que se especializa em um esporte com a ambição de chegar a ser o primeiro não deve se limitar à prática exclusiva deste esporte. Assim como os antigos temiam o “homem de um só livro”, também é necessário temer o “homem de um só esporte”, pois se tornam sectários dos músculos, se assim se pode dizer, e não melhoram moralmente. Seria muito longo, nas curtas páginas deste folheto, explicar o motivo, embora não seja difícil explicá-lo.

É necessário considerar não somente o aperfeiçoamento humano geral, mas a partir do simples ponto de vista técnico, há uma vantagem em se praticar vários esportes. – O remador terá benefícios em praticar corrida; e o jogador de futebol aperfeiçoará sua resistência, seu sangue frio e sua visão quando lutar boxe.

Um dos maiores obstáculos que se apresentaram no meu caminho quando quis reestabelecer os Jogos Olímpicos foi o estado de indiferença, de ignorância e até de hostilidade que existia entre os diferentes esportes. Os cavaleiros, por exemplo, desdenhavam dos “caminhantes”, e o boxe era mal visto pelos esgrimistas... De modo algum queriam se encontrar e menos ainda colaborar! Foi necessário muito tempo para conseguir que se compreendessem mutuamente, que seus exercícios não eram outra coisa senão formas diversas de um mesmo princípio, inspirados ou tendendo a se inspirar em um mesmo espírito desportivo.

É verdadeiramente recomendável que as associações desportivas sejam “eccléticas” e não sejam “exclusivas”. Não há nenhuma objeção se tiverem um esporte principal, aquele em função do qual foram fundadas, mas, ao lado desse esporte, devem se esforçar em estabelecer a prática de outros, de maneira anexa.

Seus praticantes, com essa variedade de exercícios à sua disposição, poderão encontrar os meios para uma atividade mais pertinaz, mais completa, e, além disso, a convocação da sociedade será mais fácil, seus horizontes e seus meios de ação terão maior alcance.

ESPORTES ATLÉTICOS E GINÁSTICOS

Agora quero dizer algumas palavras sobre diferentes esportes, e farei isso os passando em revista, pelo menos os principais, segundo a classificação adotada pelo Congresso Olímpico de Paris, ocorrido em junho de 1914. Há diferentes maneiras de classificar os esportes, eu inclusive já indiquei vários. – Se tomarmos por base a característica psíquica, é possível fazer a distinção entre esportes de equilíbrio e esportes de combate: uma dessas duas características vai dominar. Mas, se ao contrário, considerarmos a utilidade prática tendo como parâmetro salvamento, defesa e locomoção, parece ser a divisão mais lógica. – Entretanto, tecnicamente a divisão normal é a seguinte: esportes atléticos, ginásticos, esportes de combate, esportes náuticos, esportes equestres, esportes de turismo, esportes de gelo, jogos e esportes combinados (Pentatlo, etc.). – Ao aceitar esta divisão para as Olimpíadas futuras, o congresso de Paris conseguiu consagrá-la definitivamente.

Entre “atletas e ginastas” a fronteira é imprecisa e pode ser esta a causa de que por muito tempo as relações tenham sido muito ácidas. Há aqueles que notoriamente praticam corridas e se repreendem mutuamente, por fazê-las de maneira artificial.

O mesmo acontece em relação aos saltos: o atleta que corre com sapatos bicudos em uma pista de carvão, não é menos “artificial” do que o ginasta que salta com a ajuda de um trampolim. – A corrida, os saltos em suas diferentes formas (saltos em altura, em distância, com vara, em altura e distância, com o apoio das mãos, em profundidade, etc.), os arremessadores e os escaladores: vejam os exercícios que são a base de todo ginasta e sem os quais um atleta não é atleta. – As acrobacias sobre muretas ou barras é uma forma muito essencial de subir ou escalar. Tudo isso pode ser feito ao ar livre e não há necessidade de um ginásio coberto. Os desentendimentos entre as associações esportivas e associações ginásticas devem ser considerados como meras infantilidades e convém eliminá-los com acordos quando ameçarem surgir.

No meu pequeno volume “*Gymnastique Utilitaire*” (Alcan, editor, Paris) e um folheto escrito para os instrutores e monitores (*Leçons de Gymnastique Utilitaire*, Payot, editor, Paris) expliquei os detalhes dos “Esportes Atléticos e Ginásticos” e notoriamente sobre as “Corridas”. Meus leitores me permitirão que lhes convide à leitura destas publicações, pois aqui devo evitar fornecer explicações técnicas, limitando-me aos conselhos de ordem geral.

ESPORTES DE LUTA

Não é aceitável que um atleta ou um “aspirante a atleta” não entre em contato com algum dos esportes de luta. Deixando de lado o tiro, posto que o manejo de armas de fogo está submetido a condições especiais, quero falar da esgrima, do boxe e da luta. Existem a esgrima de florete, de espada, de sabre, de vara e de bastão; há o boxe inglês e o boxe francês (este último permite o golpe com o pé, com o mesmo título que o soco), e no que refere à luta, existem a greco-romana, muito convencional; a luta livre, ou “*catch-as-catch-can*”, e por fim o jiu-jítsu, uma luta japonesa. São muitas as variedades. Indicarei alguns pontos de vista gerais.

É inadequado começar muito jovem a praticar lutas, principalmente a esgrima, caso isso aconteça, que seja com muita prudência e sempre com o acompanhamento de um professor. Estes exercícios exigem que o corpo já esteja formado, e assim, na esgrima de arma branca, não se obriga a praticá-la com as duas mãos, quando se arrisca, sempre gera um certo desvio. Já o boxe é diferente, a ele, os rapazes podem se dedicar impunemente. Esta luta é, na minha opinião, junto com o remo duplo, o exercício mais perfeito fisicamente, ou seja, o mais completo do ponto de vista corporal, tanto pelo emprego total das forças musculares, quanto pelo pequeno gasto de forças nervosas. – Expliquei esse assunto na “*Revue Olympique*” (1913) e anteriormente, sobre a necessidade de se praticar os esportes de combate ao ar livre. – Uma rotina compadecedora faz predominar o uso da “Sala de Armas” sobre o “Terreno de Exercícios” e não há nenhuma boa razão para se praticar esgrima em locais fechados.

É importante que um atleta pratique, se não vários, pelo menos um dos esportes de combate. – Uma característica única os distingue: a ofensiva. Um bom esgrimador, boxeador ou lutador jamais será bem formado se for habituar-se somente à defensiva... É necessário o “espírito de ataque”. Não é possível imaginar como o hábito de atacar se generalize no organismo e o virilize sem que este necessariamente tenda ao gosto pela violência ou ao uso da brutalidade. O homem deve saber

atacar e é indispensável que tome gosto pela ofensiva. O ensino moral ou intelectual corresponde a amenizar os ardores, sem descuidar de desenvolver, paralelamente, a comisseração, a bondade e o altruísmo.

ESPORTES NÁUTICOS

Os “Esportes Náuticos” se reduzem a dois: *nadar* e *remar*. Saber sair da água em um apuro e ajudar ao próximo em caso de perigo, e, por outro lado, ser sempre capaz de conduzir uma barca. – Vejam aí os dois mandamentos essenciais do homem “lito”, ou seja, segundo a fórmula que já mencionei em “*Gymnastique Utilitaire*”, (página 6) “do homem destro de suas mãos, pronto ao esforço, rápido nos músculos, resistente à fadiga, de olhar rápido, com decisões firmes, e acostumado desde sempre às mudanças de lugar, de ofício, de situação, de costumes e de ideias, o que necessariamente obriga a fecunda instabilidade das associações modernas”.

A grande inferioridade dos esportes náuticos é exigirem a proximidade a águas tranquilas e apropriadas, nem sempre os rios e o mar são assim, mas não é uma inconveniência a ausência de um belo lago onde seja possível remar caso se faça um.

O Imperador Guilherme II, diferentemente de seu filho, não é um grande partidário da propagação dos esportes, mas faz uma exceção em relação ao remo. Desde o ano de 1899, estimula os estudantes de Berlim a praticarem esse exercício, e em 1909, em uma conversa que tive com ele em Potsdam, expressava sua admiração por esse esporte, que combina perfeitamente a intensidade do esforço individual com a disciplina exigida pelo resultado coletivo que precisa ser obtido quando se rema em equipe; e o Imperador tem muita razão ao dizer isso. O bom remador desenvolve sobre a água preciosas qualidades psíquicas, sem falar da perfeição fisiológica dos movimentos.

ESPORTES EQUESTRES

Na América Latina existem cavalos magníficos e a montaria é muito corrente. A resistência equestre dos pampeanos ou gaúchos é proverbial, e o gosto pelo aperfeiçoamento hípico se mantém de geração em geração. Desta forma, não devo insistir neste particular, somente quero recomendar os “jogos equestres” e principalmente a esgrima. A esgrima a cavalo educa maravilhosamente, e ao contrário da crença que existe, é um exercício em que a dificuldade pode ser muito bem graduada, e pode ser praticado até pelos jovens, que se aperfeiçoarão muito rapidamente nos contatos com a sela, com a agilidade, a audácia e os golpes de vista.

Em relação aos esportes equestres, como a todos os outros, desejo combater um estado de espírito malíssimo que consiste em se abster de treiná-los, sob pretexto de que não haverá oportunidade nem os meios para se treinar habitualmente.

É como se um adolescente dissesse: “Como me dedicarei à indústria química, é inútil eu aprender História ou Literatura.” Evidentemente não há necessidade de aprofundar o estudo se não se está destinado ao ensino ou às carreiras literárias, mesmo assim, é útil saber algo, portanto, um jovem “completo” deve conhecer os esportes equestres, náuticos e combativos, nem que seja como admirador e de forma passageira!

OUTROS ESPORTES, JOGOS

Peço que me desculpem por abordar essas questões de modo geral, pois não estou escrevendo um manual. Entre outros esportes, mencionarei a bicicleta para dizer que seu uso é excelente, desde que não se abuse nas distâncias. Aconselho prescrevê-la acertadamente sobre a pista. O velódromo é uma invenção deplorável e não conheço nada mais humilhante para a humanidade que a famosa Corrida de Madison Square, em Nova Iorque, que, se não me falha a memória, durou seis dias!

Entre os jogos viris há muitos, e muito interessantes. O futebol é o que supera a todos em valor esportivo. Pessoalmente considero o rúgbi superior à Associação, ao ponto de vista duplo da técnica do jogo e das qualidades que exige; mas as grandes dificuldades que existem para se formar uma boa equipe de rúgbi, naturalmente tendem a estender ainda mais a Associação.

É absolutamente necessário se resignar e colocar o tênis em um lugar aparte. É uma deliciosa distração, mas uma grande perda de tempo, pois não é um jogo viril em nenhum grau. Um campeão de tênis que não é outra coisa e que passa a vida nos torneios indo da direita para a esquerda não deve se orgulhar. O tênis é considerado um exemplar medíocre de forma esportiva.

SAÚDE E TRABALHOS MANUAIS

As questões de saúde estão intimamente ligadas às de esporte. Quando um médico quiser praticar Atletismo, deve fazer isso não como médico, mas como atleta, como no passado fez o Doutor Fernand Lagrange, cujas obras são tanto científicas quanto desportivas.

A saúde desportiva é muito simples e geralmente não precisa da intervenção de um médico.

Em primeiro lugar, no que se refere à vestimenta, à alimentação e à habitação, não há regras especiais para o atleta: o que é bom para um é bom para os outros, e assim reciprocamente. Estas são matérias de Programas Escolares gerais e fica a questão da prática da *hidroterapia*, da *aeroterapia* e da *helioterapia* consecutivas em concordância ao exercício esportivo.

A helioterapia deve, em regra geral, ser considerada como do domínio da ciência mais do que da saúde. O banho de sol é um remédio e um remédio violento, por isso não se deve recorrer a ele sem orientação médica. Já a aeroterapia é diferente, as atividades esportivas com o corpo nu são altamente recomendáveis tanto pelo aspecto técnico quanto de saúde; é muito mais proveitoso exercitar o corpo nu do que o corpo vestido, mesmo utilizando-se trajes leves, pois estando nu, a elasticidade, a agilidade e a harmonia do corpo são otimizadas. Este resultado não está claramente explicado, mas tem sido rotineiramente constatado e a experiência pode ser verificada por aqueles que se dispuserem a fazê-la.

A prática constante do banho de ar, de uma grande resistência ao frio, faz a circulação mais ativa e regular; entretanto, não há vantagem em exagerá-la além do que for necessário para criar o hábito. Os que creem que o ser humano foi feito para viver sempre nu e que o uso de trajes é resultado do processo civilizatório, se esquecem de que a natureza, neste caso, teria coberto as pessoas com penas ou pelagens espessas.

É necessário considerar a aeroterapia como a companheira da hidroterapia; o ar atua sobre o organismo da mesma maneira benéfica, mas mais doce do que a água.

A hidroterapia em suma não é mais indispensável ao atleta do que a qualquer outra pessoa. Todos devem se valer das diferentes formas de uso terapêutico da água conforme a sua necessidade. As formas de hidroterapia mais adequadas ao atletismo, além do banho de piscina, são o banho de ducha e o banho de banheira. O banho de ducha, ou “*shower bath*”, tem todas as qualidades: é prático, rápido, barato e permite um ensaboamento perfeito depois do exercício. O banho de banheira é, que em geral supõe o uso de água fria, é particularmente eficaz e agradável. Convém salientar que pode ser tomado sobre ervas, com ajuda de um balde d’água e de uma esponja.

Mencionei os “trabalhos manuais”. Em nossa época de crescente democracia, é muito necessário que todos saibam manejar os utensílios, por outro lado, sempre pensei que a ideia de um estudante aprender o ofício de carpinteiro ou de chaveiro ao mesmo tempo em que aprende latim ou trigonometria seria pouco prático; mas o domínio dos esportes permite uma realização ampla. De fato, um verdadeiro esportista deve saber se exercitar e colocar em ordem tudo que serve a seus exercícios; desmontar um fuzil, trocar uma lâmina de espada, sangrar um cavalo, calafetar um barco, etc.

Esses são casos de trabalho manual completamente naturais, mas no decorrer de uma incursão, ou de uma excursão, até mesmo durante uma temporada em um campo esportivo, saber tudo isso é necessário.

ARTES E LETRAS

Agora passaremos a um assunto muito importante, pois o que têm feito por excelência a beleza e o poder do atletismo grego é estar em estreito contato e em colaboração efetiva com o espírito.

O famoso pensamento de Herbert Spencer: “O homem é um animal e o importante para uma nação é que seja composta de bons animais.” Este pensamento é nefasto, pois ao parecer alentar a educação física, lhe faz o maior mal a enclausurando no materialismo, e é precisamente por intermédio dos Jogos Olímpicos que tenho trabalhado para derrubar as muralhas da prisão, ou pelo menos abrir a brecha e fico satisfeito ao constatar os resultados obtidos pelo esporte.

Desde as primeiras Olimpíadas foi solicitado um concurso de Arte, em qualquer de suas formas. Em 1906, sob os auspícios do Comitê Olímpico Internacional, foi convocada uma conferência para se estudar como “As artes e as Letras” poderiam, a partir de então, participar nas Olimpíadas e em geral, serem associadas aos esportes para enobrecê-los e beneficiá-los. Para melhor reportar o caráter desse pequeno congresso, foi celebrado no *foyer* da Comédia Francesa, reputado como o Templo da Arte Dramática. Muitos artistas e escritores participaram, mas se tratava de ideias muito novas, ou pelo menos vindas de muito longe para que sua prática se espalhasse rapidamente. O movimento ficou extremamente lento, mas não se paralisou e está progredindo (lembremos que o discurso de abertura do congresso Olímpico de Bruxelas, em 1905, foi feito por Marcel Prévost, e o do congresso de Lausanne,

em 1913, por G. Ferrero).

A América Latina pode fazer muitíssimo nesse aspecto, por isso, não perderei a oportunidade para expor os diversos enfoques da questão.

A primeira coisa imposta na festa de um espetáculo desportivo é o cenário. Antes dos atores entrarem em cena, é o palco que é visto. Quando os atores aparecem, o que surpreende inconscientemente o olho do espectador é a maneira como se enquadram e como os movimentos vão se harmonizando com o recinto, com a paisagem e com a decoração. Já foram feitas grandes obras decorativas, mas nem sempre foram exitosas, e em outras circunstâncias, efeitos surpreendentes foram realizados com meios insignificantes e poucos gastos. Os trabalhos são feitos geralmente tendo as ideias de Ruskin como inspiração, ou seja, agrupando os arranjos do detalhe, suscetíveis de ajudar na impressão rítmica de um conjunto, e fazendo desaparecer tudo o que prejudique esta impressão. O que deve inquietar antes da produção não é somente a beleza, que frequentemente se encontra fora de alcance, é o ritmo, ou seja, a proporção, a medida e a graça de cada detalhe em relação ao conjunto.

Conselhos práticos foram reunidos em um pequeno folheto (*Decoration, Pyrotechnie, Harmonie, Cortège*), cujo texto está na *Revue Olympique* e que compus com o desejo de ajudar os organizadores de solenidades desportivas nesta tarefa nova para eles. Está exposta a arte de dispor as guirlandas, as bandeiras, os velames, a construção das tribunas e dos pórticos, a formação dos cortejos e grupos; mas tudo na medida modesta e restrita que a festa desportiva, a qual tem sempre lugar em condições técnicas bastante especiais, que limitam a liberdade do organizador, porque, em geral, são assim os recursos financeiros colocados à disposição.

Há um ponto cuja importância é capital e sobre o qual quero insistir, porque nele é possível improvisar, e é indispensável estar preparado de antemão.

O acompanhamento harmônico que sempre e por todas as partes enquadra melhor as façanhas musculares é, indubitavelmente, o “canto coral”. Ao ar livre, o *Coro*, com ou sem acompanhamento, entre todas as manifestações de arte, é a mais completa e apropriada ao espetáculo desportivo. Por outro lado, o repertório é de uma grande riqueza: depois de vários séculos, segue em evolução. França, Alemanha, Itália, Espanha, Inglaterra, Países Baixos, Escandinávia e Rússia têm colaborado muito a este tesouro sem par, e é verdadeiramente uma lástima que seja pouco conhecido.

Eu sempre inculquei nas “Associações de Esporte e de Ginástica” um esforço a favor do canto coral. Sugiro que em cada sociedade seja constituído um pequeno quarteto vocal, que com os progressos da sociedade, rapidamente se torne “duplo quarteto” e assim sucessivamente até chegar a um verdadeiro coral. Um simples quarteto permite se obter bons efeitos e exerce a mais nobre influência sobre os atletas. Não fiquei espantado por não ter tido todo o sucesso que eu esperava ter sobre esse particular, pois esta ideia é muito estranha às preocupações e aos hábitos modernos para que se estenda mais rapidamente, mas confio no futuro e tenho grande esperança que meus amigos latino-americanos, rodeados de uma bela e misteriosa natureza que convida aos prazeres do espírito, sejam os destinados a tomar gosto pelo esporte e pelas artes.

Uma vez, em 11 de maio de 1911, foi realizado um espetáculo de uma “eurritmia” verdadeiramente antiga. Foi de noite, ao resplendor das tochas, no admirável

pátio do Palácio da Sorbonne, em Paris, e aquilo foi uma obra mestra de beleza. Os movimentos dos atletas nus, os coros invisíveis, uma pirotecnia simples, mas grandiosa, e para finalizar, a representação de um ato intitulado “O Filósofo e os Atletas”, composto para aquele evento por Maurice Pottecher, o fundador do Teatro do Povo. Esta festa deixou na memória dos espectadores a imagem de uma radiante colaboração do atletismo e das Musas.

O GINÁSIO ANTIGO

É muito interessante observar que nós temos os meios, entre nossa civilização moderna, para voltar a tomar a fórmula do Ginásio Antigo. Quando se pensa no papel representado por esta instituição no passado e se reflete como este papel é apropriado às necessidades dos tempos presentes, ficam explícitas as realidades desta importante constatação.

O Ginásio Antigo era composto pelos esportes do ensino, da saúde e da arte, desta forma, temos tudo à nossa disposição de forma popular. O canto coral e o teatro campal, os banhos de ducha e o campo de exercícios com pista, aparelhos, etc., estes são os três elementos fundamentais. O quarto, “o ensino”, não menos essencial, pois simboliza a cooperação dos músculos e do espírito na obra do aperfeiçoamento humano, que no passado era representada pela Filosofia, e hoje, pela História, pode ser mais bem representada.

Estariam perfeitamente em seu lugar as belas e abrangentes lições de história, ensinadas no Ginásio Moderno, o Ginásio seria o que foi em outras épocas: uma “*colmeia*” de força coletiva e também de paz social. As diversas gerações se acotovelavam sob a égide da “*Cidade*”, uns chegando para aprender, outros para ensinar, ou simplesmente para ver a sucessão dos fatos. Centro de atividade municipal, alvéolo da atividade nacional, o Ginásio restaurado desempenhará um papel proporcional às dificuldades e às esperanças dos séculos modernos.

“*CIVIUM VIRES HODIE, CRAS CIVITATIS VIS.*”

Meus queridos amigos, concluo com os conselhos que rapidamente lhes dou, muito feliz se eles lhe incitarem a um vigoroso trabalho nos caminhos os quais eu me esforço para colocá-los! – Pensem em todos os benefícios que seus países podem obter! – Os latinos que herdaram esta concepção dos Gregos diziam: “*Civium, vires civitatis vis*”. Posto que isso é bem conhecido e correntemente repetido, por que o aplicamos tão pouco?

É indispensável ainda fazer uma adição: “*Civium vires hodie, cras civitatis vis.*”, ou seja, *com as forças que adquire hoje, o cidadão prepara o amanhã, as forças da cidade.*

E efetivamente, não se pode esquecer que o tempo não pode ser recuperado, por isso *os dias não podem ser perdidos*, se os senhores querem assegurar para o futuro a absoluta grandeza de suas Repúblicas da América, juntos com seus filhos, ponham-se logo à obra, fortifiquem seus músculos, enobreçam seus gestos e engrandecem seus caracteres pela prática de um “*Atletismo alegre, regular e tenaz*”.

AS OLIMPÍADAS MODERNAS

O reestabelecimento dos “Jogos Olímpicos”, sobre as bases e condições de acordo com as necessidades da vida moderna, foi proclamado no Palácio da Sorbonne, em Paris, em 23 de junho de 1894 e o XXº aniversário desse grande acontecimento foi celebrado no mesmo lugar, em 17 de junho de 1914, na presença do Presidente da República Francesa, assistido por todos os Embaixadores e Ministros de diferentes Estados.

Nesse intervalo foram realizadas as seguintes Olimpíadas:

- 1ª Olimpíada – Atenas, 1896;
- 2ª Olimpíada – Paris, 1900;
- 3ª Olimpíada – Saint Louis, 1904;
- 4ª Olimpíada – Londres, 1908;
- 5ª Olimpíada – Estocolmo, 1912;
- 6ª Olimpíada – , 1916.

Esta última, atribuída a Berlim, não aconteceu por causa da guerra. As 7ª. e 8ª. Olimpíadas estão marcadas, respectivamente, para 1920 e 1924.

Os princípios seguintes regulam a realização das Olimpíadas:

1º Os Jogos Olímpicos reúnem os amadores de todas as nações sob um pé de igualdade até onde for possível conseguir;

2º São realizados de quatro em quatro anos. Pode acontecer de uma Olimpíada não ser realizada, mas nem a ordem, tampouco os intervalos, poderão ser alterados.

3º É ao Comitê Internacional que pertence a autoridade de determinar, em tempo oportuno, o lugar da realização de cada Olimpíada;

4º De maneira geral, devem ser qualificados para participar dos jogos somente os atletas nacionais ou devidamente naturalizados, e também na condição de serem amadores reconhecidos pelos Comitês Olímpicos de seus respectivos países e de honra incontestável.

A organização Olímpica compreende:

1º Um Comitê Internacional Olímpico, criado em 1894, permanente e recrutado por conta própria, composto de um a três membros por país representado. Na época das Olimpíadas de 1914, o comitê reuniu 50 membros, pertencentes a 33 países diferentes. Os membros do Comitê não são em nenhum grau os Delegados das Associações de seus países, mas sim os representantes do “Comitê Internacional” próximos a esses países e de suas Associações. O Presidente do Comitê é eleito por dez anos. O Barão Pierre de Coubertin, renovador dos Jogos Olímpicos, é o presidente pela terceira vez.

2º Os Comitês Olímpicos Nacionais, na razão de um por cada país, colaboram com o Comitê Internacional por meio dos membros deste Comitê para os países em questão.

Uma “Olimpíada” compreende obrigatoriamente as seguintes categorias:

Esportes atléticos: corridas, saltos, arremessos.

Esportes ginásticos: ginástica coletiva e individual e de aparelhos.

Esportes de luta: esgrima, boxe e lutas.

Esportes náuticos: navegação a remo e natação.

Esportes equestres: salto com obstáculos e volteio.

Pentatlos: antigo e moderno, e facultativamente os “esportes nacionais”.

Além disso, há 5 concursos: para as obras inéditas de arquitetura, literatura e música, pintura e escultura, que sejam diretamente inspiradas pela ideia desportiva. Os prêmios consistem em medalhas e objetos de arte.

No intervalo entre as Olimpíadas, o Comitê Internacional organizou os seguintes Congressos:

Le Havre, 1897, Saúde e Pedagogia desportivas.

Bruxelas, 1905, Técnica dos Esportes.

Paris, 1906, Artes, Letras e Esportes.

Lausanne, 1913, Psicologia desportiva.

Paris, 1914, Reunião dos Delegados dos Comitês Olímpicos Nacionais para a unificação dos Regulamentos Desportivos.

Folheto em espanhol.

Paris, Ed. Rirachowski, 1917.

6.5.6 LENDAS

O último texto, o capítulo final das *Memórias Olímpicas* de Coubertin, de 1930, é de extraordinária importância, pois resume seus sentimentos e pensamentos em uma espécie de testamento intelectual. Ao redigi-lo, não somente aborda seu trabalho Olímpico de toda uma vida, mas também o “Esporte para todos”. A formulação da famosa frase é a seguinte: “O esporte é patrimônio de todas as raças.”

Essa é a razão pela qual Coubertin publicou no final de seu texto a “Carta pela reforma do esporte”.

Para Coubertin, a ideia Olímpica se mantém firme e sólida, sobre fundamentos sólidos que vislumbram um amplo horizonte. É por isso que a tocha que aqui se apaga será acesa em outro lugar. Os ventos do momento serão suficientes para soprar a chama.

Todos sabem que existem lendas relacionadas aos Jogos Olímpicos. As de antigamente eram invenções poéticas que graciosamente deformavam a realidade. As de hoje em dia, com frequência, não são mais do que um procedimento prematuro de reverter erros cometidos por falta de reflexão, que ninguém se preocupa em comprovar antes de propagá-las e nem mesmo muito depois disso. Surgem como necessidade de certa crítica interessada ou porque obedecem a algum rancor mesquinho, e inclusive, com maior frequência, porque simplesmente levam a entendimentos rápidos, fáceis, revestidos de uma lógica aparente que se presta a cômodos exageros. Neste último aspecto, convém classificar a lenda do meu “arrependimento”. Quantas vezes, aqui e acolá, já explicitiei as alusões, piedosas ou um tanto irônicas, em relação à minha “decepção”, às minhas “desilusões”, ao “desvio” de meus planos iniciais, à forma como os acontecimentos “traíram as minhas esperanças!”

Tudo isso não é mais que pura imaginação. E existe uma contradição evidente quando, em termos exagerados, o antigo Olimpismo é exaltado apenas a partir do ponto de vista estético, para afirmar em seguida que somente produziu profissionais, e assim mesmo sobre o Neo-Olimpismo, considerando, por um lado, a nobre rivalidade internacional que suscita, e por outro lado, seu materialismo, indispensável para sua subsistência, tal como ocorre em tantos outros aspectos da vida. Os termos “profissionais” e “amadores”, aplicados à antiguidade, carecem totalmente de significado. O que mais aproxima ambas as épocas olímpicamente é o mesmo espírito religioso, este espírito que floresceu também como um intervalo no jovem atleta da Idade Média. *Religio athletae*: os antigos conheciam muito bem o sentido desta expressão, mas os modernos ainda não o recuperaram, estão indo neste propósito, tenho esta impressão graças a escritores como Montherlant e Kessel, mencionando apenas os da minha língua.

Na falta de ciência, apenas uma boa capacidade de entendimento já é o suficiente para se dar conta de que não faltaram aos Jogos antigos nem incidentes desagradáveis, tampouco períodos tempestuosos, muito menos ataques alimentados por adversários irredutíveis. Olímpia passou por períodos de desunião. O Olimpismo os superou sem vacilar. O Neo-Olimpismo evoluciona da mesma forma. Os Jogos

restaurados têm sobre seus antecessores esta dupla vantagem: seu caráter mundial e sua realização em países diferentes, o que lhes proporciona maior flexibilidade e solidez. Os riscos surgiram no início, mas agora, a seiva tem muito vigor para não murchar. A guerra de 1914-1918 não abalou os Jogos. A revolução social tampouco lhes afetará no futuro. A esse respeito, é curioso comprovar que além da organização “capitalista”, também funciona a organização “proletária”, e com êxito foram realizadas “Olimpíadas obreiras” em intervalos regulares. Enquanto escrevo estas linhas, parece que em Moscou está sendo construído um estádio gigantesco onde a próxima será realizada. Segundo rumores, se aproveitará a manifestação para modificar seu nome, o que seria uma lamentável puerilidade, embora caia de cheio na linha mais frequente da ação revolucionária. Quando tantas instituições necessitam se renovar, o único que é feito é modificar seus nomes: palavras, em vez de atos...

De todo modo, essa difusão do esporte no mundo do trabalho constitui uma inegável garantia de sobrevivência para o Olimpismo, seja qual for o final do duelo entabuado para o desfrute do poder em todo o mundo entre duas fórmulas sociais totalmente opostas. E também implica o reconhecimento deste fato primordial, exasperadamente negado até muito pouco tempo. O esporte não é nenhum objeto de luxo, nem uma atividade para ociosos, nem sequer uma compensação muscular do trabalho cerebral. É, para todas as pessoas, uma fonte eventual de aperfeiçoamento interior, não condicionado pela ocupação laboral. É patrimônio de todos por igual, e sua ausência não pode ser substituída por nada.

Do ponto de vista étnico, é possível afirmar exatamente o mesmo: o esporte é patrimônio de todas as raças. Há relativamente pouco tempo, foi dito que os asiáticos, por causa de sua natureza, ficavam excluídos das práticas esportivas. No ano passado, em Genebra, um alto funcionário japonês da Sociedade das Nações, disse-me: “Ninguém consegue imaginar até que ponto o restabelecimento dos Jogos Olímpicos está transformando meu país. Desde que deles participamos, nossa juventude está se renovando por completo.” Eu poderia citar testemunhos equivalentes, também entusiastas, da Índia e da China.

Evidentemente, há de se reconhecer a superioridade desta singular instituição, que pode assim propagar-se tanto em profundidade social quanto em extensão internacional. Então, valendo-me de palavras francas, que importância posso atribuir aos pequenos míopes inspiradores de prognósticos derrotistas? Em cada Olimpíada, leio que seria a última porque... Vamos nos referir às coisas pelo seu nome verdadeiro! Porque o cronista estava mal posicionado, ou foi mal tratado nos restaurantes, ou as instalações telegráficas e telefônicas funcionavam defeituosamente. Na minha crença, tudo isso resulta muito humano, e é evidente que os organizadores deveriam se preocupar em assegurar tais serviços; mas sua relação com os autênticos destinos do Olimpismo é tão remota e indireta! Porque se afirma inalterável sobre sólidos cimentos, frente a vastíssimos horizontes.

Assim a tocha, aqui apagada, arderá novamente em outro lugar, e bastará uma brisa leve para que a chama se propague e se estenda pelo mundo todo. Alguém talvez objetará que estes propósitos estão inspirados pelo orgulho. Devo esclarecer que tenho grande estima e sinto-me orgulhoso de verdade desta obra que me foi

confiada a qual não consigo reconhecer para mim nenhum mérito. O mérito começa quando o indivíduo, obrigado a lutar contra si mesmo ou contra circunstâncias farratamente desfavoráveis, consegue triunfar sobre seu próprio temperamento e “dominar o destino”. Agraciado pela sorte em muitas ocasiões, e absorto continuamente em meus trabalhos, com uma espécie de força interior da qual em vão tento escapar, nunca considere tais vitórias como minhas.

Este foi o espírito que informou as Memórias que estou terminando. Havia duas maneiras de escrevê-las: vestir o argumento, salpicá-lo de acontecimentos circunstanciais, esmaltar o relato com super façanhas que implicavam o perigo de modificar consideravelmente o aspecto retrospectivo das coisas, ou manter a fidelidade aos fatos, respeitando seu valor proporcional e seu estrito encadeamento natural. Este segundo método obrigava-me a multiplicar fastidiosamente os “eu” e os “me”, isto é, usar a primeira pessoa, e assim é o método mais sincero e exato. Adotando-o, me propus a não deixar de lado nada essencial, e, sobretudo, não esquecer de ninguém entre os colaboradores fundamentais que me secundaram ao longo do meu caminho, prestando-me sempre seu incondicional apoio. Como não há como eu redigir aqui o nome de todos os colaboradores, lhes escrevo, antes de concluir, algumas linhas de sincero agradecimento.

Agora me declaro muito satisfeito com a evolução do Neo-Olimpismo. Isso significa que fecho meus olhos ante a evidência de coisas desagradáveis? Creio que minha melhor desculpa será reproduzir aqui o texto de um último documento, que considero de suma importância. Trata-se da “Carta da reforma desportiva”, dada a conhecer em 13 de setembro de 1930, em Genebra, no decorrer de uma sessão que o conselheiro federal, Motta, presidiu em pessoa. Esta carta foi traduzida para um grande número de línguas. Exemplares dela foram impressos em francês e alemão em forma de cartazes, que tiveram muito êxito na última exposição de Berna; mereceu aprovação geral, mesmo exigindo grande abnegação e sacrifício por parte dos interessados, que se dispunham a se resignar colocando em prática suas prescrições. Na realidade, isto só pode ser produzido lentamente, passo a passo.

Eis aqui o texto:

Três tipos de males são repreendidos nos esportes:

Treinamento físico excessivo;

Contribuição ao retrocesso intelectual;

Difusão do espírito materialista e amor ao lucro.

A existência desses males não pode ser negada, mas os sportistas não são responsáveis por eles. Os culpados são:

Os pais, os professores, os poderes públicos, e também os dirigentes de federações e a imprensa.

As medidas apropriadas que devem ser colocadas em prática são as seguintes:

Estabelecimento de uma distinção precisa entre a cultura física e a educação desportiva, por um lado, e por outro lado, a educação desportiva e a competição.

Criação de um “bacharelado muscular”, segundo a fórmula sueca, com provas variadas e de acordo com a dificuldade, a idade e o sexo. Campeonatos internacio-

nais somente de dois em dois anos, nos anos 1 e 3 de cada Olimpíada.

Supressão de todos os campeonatos pseudoesportivos organizados por cassinos e hotéis para exposições e festejos públicos.

Supressão de todos os jogos mundiais que constituem uma duplicidade dos Jogos Olímpicos, e os que tenham caráter étnico, político, confessional...

Supressão das lutas de boxe com prêmios em dinheiro.

Introdução de exercícios com aparelhos entre os esportes individuais em pé de perfeita igualdade.

Unificação desejável das associações denominadas ginásticas e desportivas.

Adaptação da distinção entre professor e profissional, e que o primeiro possa ser considerado como amador em todos os esportes que não ensina.

Direito a recorrer ao juramento individual por escrito detalhando as diferentes fontes de renda suscetíveis de comprovação.

Supressão da admissão de mulheres em todos os concursos com participação masculina.

Renúncia por parte das prefeituras à construção de enormes estádios destinados exclusivamente aos espetáculos desportivos, substituindo-os por instalações que, sob um plano moderno, correspondam ao antigo ginásio heleno.

Proibição de qualquer tipo de concurso para espectadores com idade inferior a dezesseis anos.

Criação de associações desportivas escolares, em cujas competições só poderão participar os alunos que defendem suas cores.

Diminuir a idade mínima de admissão dos escoteiros.

Desenvolvimento de uma medicina desportiva que tenha como base o estado de saúde ao invés do caso mórbido, focada muito mais intensamente ao exame das características psíquicas do indivíduo.

Estimular de todas as maneiras a prática de exercícios desportivos por adultos individuais, como contrapartida aos adolescentes, cujas atividades convêm ser freadas neste aspecto.

Intellectualização do escotismo por meio da astronomia geral, da história e da geografia universais.

Intellectualização da imprensa desportiva, proporcionando-lhe crônicas dedicadas à política exterior e aos acontecimentos mundiais.

É óbvio que, nesta Carta, nenhuma proposta que afete os Jogos Olímpicos é apresentada. Pelo contrário, sua preocupação é limpar o caminho a seu redor para lhes dar maior destaque, protegê-los e engrandecê-los. Efetivamente longe de representar a exaltação perniciosa do campeonato, são indicadíssimos para freá-la. Longe de propagar a tendência ao excesso, restringem-na, mas a ideia de suprimir o excesso é uma utopia dos não esportistas.

“Para que cem pratiquem a cultura física, é preciso que cinquenta façam algum esporte; para que cinquenta façam algum esporte, é preciso que vinte se especializem, para que vinte se especializem, é preciso que cinco sejam capazes de proezas admiráveis.” Impossível sair desta proporção em que tudo se encadeia; e por esta razão, o recorde permanece na parte mais alta do edifício desportivo, como o “axioma eterno” de que falava Taine sobre a lei de Newton. Não abrigueis a pretensão

de derrubá-lo sem destruí-lo todo; por isso, resignem-se os adeptos da utopia *contra-natura* da moderação para ver como seguimos colocando em prática o lema dado antigamente pelo padre Didon a seus discípulos, e depois usado como lema do Olimpismo.

CITIUS • ALTIUS • FORTIUS

Memórias Olímpicas,
cap. XXIV, Lausanne:
COI, 1997, pp. 230-236.

Nesta foto, feita pouco antes de sua morte, podemos ver a bem-humorada expressão facial de Coubertin. (Coleção Navacelle)



APÊNDICE

A SINFONIA INACABADA

O texto a seguir é uma “sinfonia inacabada” num duplo sentido, já que se trata do único fragmento de texto que se conserva do volume V das Memórias de Coubertin, previsto como parte final. Justifica-se evidentemente referindo-se à “Inacabada”-de Beethoven a razão de ter escolhido um título tão significativo como “A sinfonia inacabada”. Nele Coubertin descreve o Olimpismo como a metade de sua vida, sendo a outra metade a reforma educativa a ele relacionada. Sua interpretação do título não o mostra resignado, mas providente. Confia à posteridade o legado de concluir a parte incompleta de sua “sinfonia educativa”.

Estamos em 1936. Faz cinquenta anos que minha vida permaneceu vinculada à questão da reforma pedagógica que começava a entender como a necessidade primordial e essencial do meu tempo. Renunciei definitivamente a tudo o que teria podido me seduzir em outras carreiras e me orientei desde então exclusivamente para esse lado. Contudo, a obra não está acabada. Estou com setenta e quatro invernos, sumido em grandes agitações e penas que têm obscurecido o final da minha vida, e minhas forças cerebrais correm risco de enfraquecer. Por isso, interrompi o curso regular que tivesse querido dar a minhas memórias e intercalo aqui o quinto e último desses pequenos volumes, ainda que o quarto e inclusive o terceiro somente estejam em preparação. O primeiro, intitulado “Lembranças de infância e de juventude”, apareceu em 1932, enquanto eram realizados os Jogos da X^a. Olimpíada em Los Angeles. O terceiro deve chamar-se “Política, experiência e propaganda nacional”, e trata de diversos assuntos. Não é, sem dúvida, senão a amizade de Th. Delcassé o que lhe dará algum interesse, ou seja, a amizade de um homem que apreciava e admirava enormemente e com o qual gostava muito de falar sem que estivéssemos de acordo, pois eu via a Europa e os interesses da França de maneira muito distinta dele. Por último, o quarto, que intitulei “A vitória sem cabeça”, descreve a guerra – e sobretudo a paz – tal como acredito tê-las visto.

Cabe, talvez, pensar que me agradam os apelos fantásticos ao querer batizar esse último volume como “A sinfonia inacabada”. Lembro de me ter explicado a respeito numa conferência proferida no Politécnico de Zurique em 1^o de novembro de 1935. Todo ser humano, dizia eu, faz parte da grande orquestra da humanidade. Certamente a maioria desempenha um papel muito modesto. Nem todos conseguem ocupar uma posição, e alguns nunca chegam a encontrar um lugar ao sol. Aqueles aos quais o destino concede compor uns fragmentos são alguns privilegiados. Mas raros são os que podem executá-los em vida. Eu sei que se me encontro entre estes é em razão do Olimpismo, cujo crescimento ininterrupto parece produzir muito espanto. No início foi acolhido com risos, logo com ironia e depois com descontentamento e hostilidade. Nada o pôde enfraquecer, nem mesmo os quatro anos de guerra mundial, que atravessou incólume.

Coubertin durante uma de suas últimas aparições em público, falando no *Politechnikum* de Zurique em 1º de novembro de 1935, quando se referiu a sua Sinfonia Inacabada. Explicou que o Olimpismo constituía tão somente metade de sua obra vital. (Arquivos do COI)



Mas o Olimpismo não representa senão uma parte de minha empresa, mais ou menos a metade. Portanto, minha “sinfonia” pedagógica se compõe de uma parte acabada e de outra que não o está. Naturalmente, vou me dedicar sobretudo a esta nas páginas que se seguem.

Elas terão grandes vícios de forma e, sem dúvida, também de fundo. Vai me faltar tempo para refletir suficientemente e força cerebral para polir de modo conveniente a forma. Mas o que mais me preocupa é encontrar continuadores que retomem e prossigam a tarefa empreendida. Isto é, a meu ver, o ponto importante. Desculpe-se, portanto, a possível falta de unidade nestas notas, bem como as redundâncias e repetições. O que especialmente me preocupa é que meu pensamento seja claro.

Em absoluto teria desejado viver um período histórico tão pleno, tão diverso e tão poderoso como aquele do qual fui testemunho e, em certos aspectos, ator. Minha mais antiga lembrança de vida pública remonta a Napoleão III e à Exposição Universal de 1867; e eis que no umbral da celebração da décima primeira das Olimpíadas (1936), cujo curso restitui, aparece a estranha figura de Adolf Hitler, uma das mais curiosas e inesperadas com as quais tenho me encontrado ao estudar a história,

A história universal, pela qual tenho estado apaixonado desde o colégio, permaneceu até o final vinculada ao meu pensamento e às minhas reflexões e nunca pensei que se pudesse prescindir dela ao querer compreender o conjunto da vida coletiva. Para mim não somente tem sido uma constante fonte de luz, mas também o verdadeiro consolo nas horas de dor.

Alguns espíritos favoráveis que tem tido por bem se interessar pelo meu trabalho os veem em duas séries distintas e sucessivas, e isso muito mais quando os procedimentos aos quais recorri tenham sido muito distintos. O atletismo – e sobretudo o Olimpismo, seu coroamento – tem sido de minha parte objeto de um desenvolvimento um tanto ruidoso – se quiserdes, inclusive enganoso e agitado. Era necessário

que assim fosse. Ao contrário, a reforma do ensino tem sido objeto de estudos lentos, silenciosos, fragmentados e refletidos longamente. O Olimpismo passeou pelo mundo como um dirigível rutilante; a reforma do ensino tomou emprestadas suas maneiras às toupeiras, e escavou aqui e ali autênticas tocas. Mas há algo que os aproxima: quer se trate do treinamento muscular ou de ativar as forças cerebrais, o esforço sempre foi claramente delimitado e localizado, se assim posso dizer. A insuportável lógica francesa incitava meus amigos a me dizer: trabalhas para o adolescente, para o jovem... que vais fazer para a criança e para a jovem?... Pois bem, nada em absoluto. Não são estes dos quais me ocupo. A reforma que persigo não está a serviço da gramática ou da higiene. É uma reforma social ou, melhor, o lançamento das bases de uma nova era que vejo chegar e que não terá nem valor nem força se não estiver assentada no princípio de uma educação renovada.

Já faz meio século que percebia intuitivamente as coisas assim. 1886 foi o ano de minhas estadas mais longas como observador nas universidades inglesas. Considerava, escutava, e falava pouco. Para que me servissem as estatísticas e outros documentos? O olhar da Inglaterra, bem como a da França de então, não ia muito longe. Tampouco a da Alemanha. E da Itália ainda menos. Todas as nações do final do século XIX trabalhavam no imediato, perseguiram fins práticos e especiais, por outro lado inteligentes e razoáveis. Nenhuma se preocupava com a necessidade de algum tipo de “renovação”. Somente em matéria religiosa, alguns grupos místicos e exaltados pensavam nela, ou alguns adeptos de uma reforma social, de uma organização de mecanismos sociais, e isso, naquele momento, ainda era uma mera utopia.

Por que não haveria de chegar um tempo no qual essa utopia pudesse ser realizada? Pessoalmente, tinha um enorme interesse em anotar os signos dispersos de uma evolução que parecia produzir-se claramente nesse sentido, mas com extrema lentidão. Em todo caso, essa evolução supunha uma reforma prévia da educação popular, a criação de um neo-enciclopedismo, programas ampliados, métodos simplificados...

Ninguém queria pensar nisso.

P. de C.

“*La symphonie inachevée*”, em:
Boulongne, Y.-P. *La vie et l'oeuvre pédagogique de Pierre de Coubertin*.
Ottawa: Leméac, 1975, pp. 462-464.

Coubertin, aos quarenta anos de idade, em seu escritório. Ele deixou mais de 16.000 páginas impressas, que ilustram sua incansável criatividade, sua visão de futuro intelectual e seu grande talento jornalístico. (Coleção Navacelle)



Monumento comemorativo a Coubertin na Academia Olímpica Internacional, na antiga Olímpia (Grécia) onde, de acordo com seu desejo, está enterrado seu coração. (Fotografia: N. Todt).



HISTÓRIAS INUSITADAS DOS PRIMÓRDIOS DO MOVIMENTO OLÍMPICO NO BRASIL

Christian Wacker^{1*}

Marcia De Franceschi Neto-Wacker^{2**}

Desde o princípio do *Movimento Olímpico*, Pierre de Coubertin buscou a inclusão da América Latina, da África e da Ásia. De fato, esses esforços foram considerados excepcionais, se comparados com os de outras instituições do início do século XX.³

Embora houvesse interesse em ampliar a esfera de atividade do *Movimento Olímpico*, não era ainda possível falar de um movimento de abrangência internacional durante as duas primeiras décadas do século XX. Os dirigentes vieram, em sua maioria, do ambiente pessoal de Pierre de Coubertin, dos círculos diplomáticos predominantemente ativos na Europa, ou eram simplesmente cosmopolitas.

No que se refere à América Latina, Coubertin podia contar com o companheiro Elwood S. Brown, Diretor norte-americano do *Comitê Internacional da Associação Cristã de Moços* (ACM), que ofereceu grande apoio ao desejo de realizar os *Jogos Olímpicos* na América Latina. O livreto “*Qué es el Olimpismo?*”⁴, publicado em espanhol em 1917, serviu para apoiar essa aspiração.

Entre 1896 e 1922, foi somente graças à dedicação de atletas e outros idealistas que os países latino-americanos finalmente participaram dos *Jogos Olímpicos*. Os participantes dos países latinos eram, sem exceção, membros da classe mais alta e tinham pouco ou nenhum contato com o esporte em seus países de origem.

Na sessão do COI, em Roma, em 1923, ainda como membro da Bélgica no COI, Henri de Baillet-Latour relatou as suas próprias experiências na América do Sul, baseado no tour que fez pela região em 1922/1923. Referindo-se aos *Jogos Olímpicos Regionais da América do Sul*, em 1922, no Rio de Janeiro, lamentou as deficiências e imperfeições das disputas, que refletiam a situação político-esportiva naquele Continente.

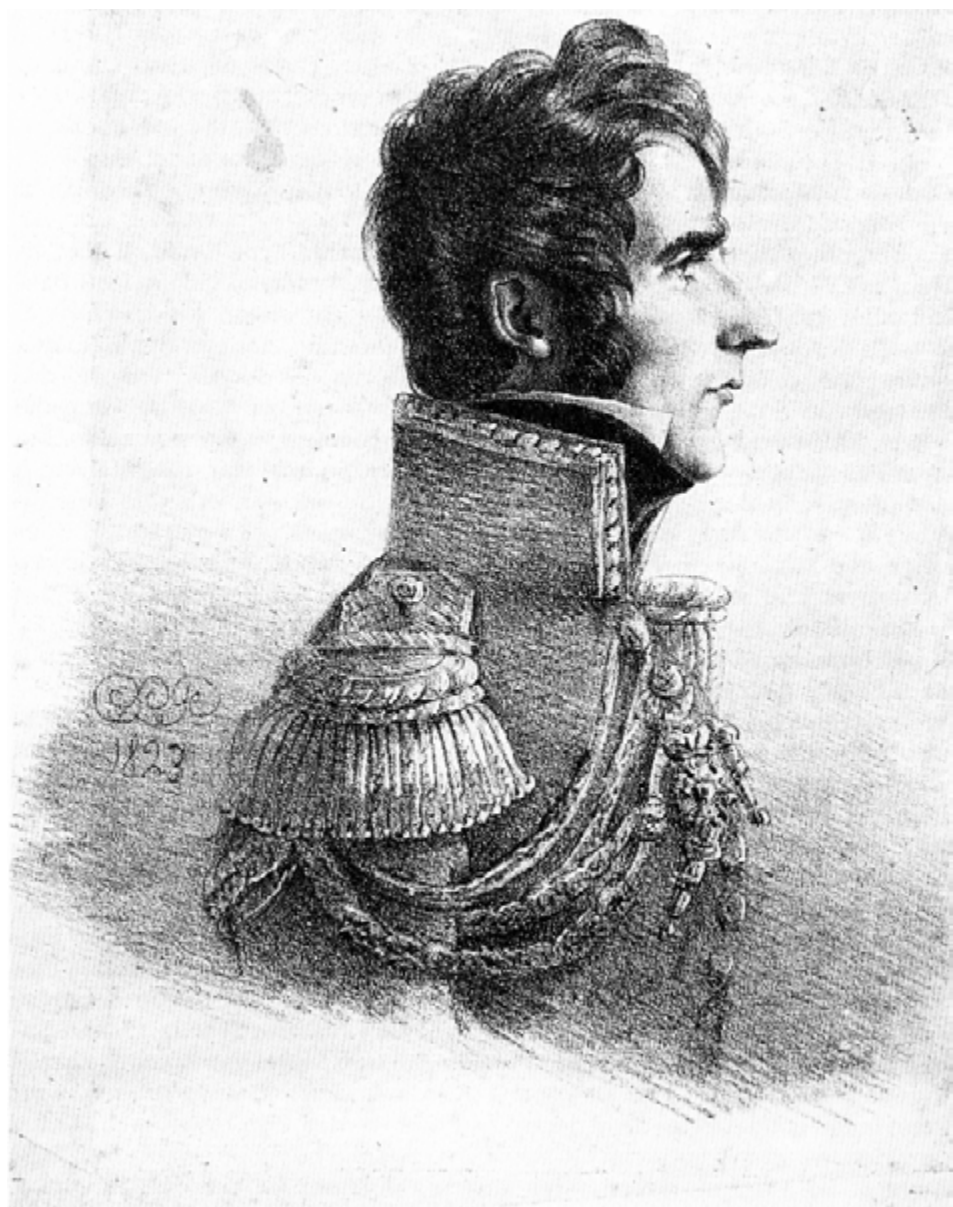
Mencionou também uma completa ignorância das regras, que eram mudadas e interpretadas conforme a conveniência dos interesses em jogo. Devido à falta de educação esportiva dos atletas e do público, não havia qualquer respeito aos árbitros; o chauvinismo de alguns atletas fazia com que uma derrota esportiva fosse interpretada como desonra nacional. Henri de Baillet-Latour propôs então que Comitês Olímpicos, com contato direto com o COI, fossem estabelecidos em todos os países sul-americanos, e que um Diretor de *Jogos da América Latina* fosse nomeado.

1 *Diretor Científico do Projeto FRAMAS da Universidade de Freiburg, Alemanha.

2 **Diretora da Sport+Culture, Alemanha.

3 Este artigo foi escrito com base no conteúdo do livro Neto-Wacker, M./Wacker, C.: *Brazil goes Olympic*, Kassel, 2010. Todas as referências documentais e bibliográficas podem ser encontradas na citada publicação.

4 O livreto “*Que és el Olimpismo?*” foi escrito por Pierre de Coubertin em 1917 e traduzido para o espanhol por Pedro-Jaime Matheu a fim de propagar o Olimpismo na América Latina (reproduzido no item 6.5.5 deste volume).



**Julien de Bonaventure
de Coubertin em 1823.
(Gravura de Charles-É-
douard Le Prince)**

Até mesmo o envolvimento dos primeiros poucos membros do COI na América do Sul era dúbio ou simplesmente ineficaz. Os dois primeiros argentinos membros do COI foram excluídos do Comitê. O membro fundador, José Benjamim Zubiaur (1894-1907), não teria participado nem da reunião inaugural, em 1894, nem de qualquer outra sessão subsequente. Manuel Quintana (1907-1910) usou a filiação ao COI para promoção pessoal.

Apesar desses esforços, os princípios do “Olimpismo” permaneceram desconhecidos até depois de 1922, embora o *Movimento Olímpico* estivesse progressivamente se popularizando na América do Sul.

Assim, não surpreende que os episódios que se seguem sejam sobre indivíduos e instituições que, mais ou menos por acaso, estiveram envolvidos com os *Jogos* ou com o *Movimento Olímpico* nos seus primórdios.

As oito pequenas histórias a seguir, mostram uma série de coincidências que envolveram a participação do Brasil no Movimento Olímpico Internacional. A mais inusitada de todas, foi a visita de Julien Bonaventure de Coubertin ao Brasil, avô de Pierre de Coubertin, exatamente 200 anos antes dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.¹

1816: JULIEN BONAVENTURE DE COUBERTIN O PRIMEIRO COUBERTIN NO BRASIL

A história da visita do primeiro membro da família Coubertin ao Brasil não está diretamente relacionada a história dos Jogos Olímpicos, nem representa uma análise histórica do patrimônio esportivo. Ela está relacionada a diplomacia francesa e as artes.

No entanto, ela lança luz sobre a história cultural do Rio de Janeiro, sede dos Jogos Olímpicos de 2016 e pode ser entendida como herança cultural do Movimento Olímpico Internacional uma vez que Julien Bonaventure de Coubertin, o avô de Pierre de Coubertin, viveu por cerca de seis meses a sombra do “Pão de Açúcar”, exatamente 200 anos antes do grande evento que ocorrerá no Rio de Janeiro.²

Pierre de Coubertin talvez tenha ouvido falar sobre o “exótico” Rio de Janeiro dentro de sua família ou pelo menos teve oportunidade de apreciar as aquarelas, com temas do Rio de Janeiro, pintadas por seu avô Julien Bonaventure de Coubertin (1788-1871).

Julien Bonaventure de Coubertin nasceu um ano antes da Revolução Francesa. Foi oficial e diplomata do governo francês. No âmbito privado ele se dedicava a pintura e a música, fato que pode ser percebido pelas suas aquarelas e a paixão pelo violino.

Logo após a abdicação de Napoleão, a França enviou ao Brasil o Duque de Luxembourg acompanhado de Julien Bonaventure de Coubertin na condição de Embaixador Extraordinário (*Ambassadeur Extraordinaire*) para dar posse ao primeiro Consul Geral francês, Jean-Baptiste Maler, como representante Bourbon. O visto de Julien Bonaventure de Coubertin é datado de fevereiro a dezembro de 1816.

Desde a sua chegada ao Brasil, o príncipe regente Dom João VI havia desencadeado um

1 Maiores informações sobre o tema podem ser obtidas no artigo de WACKER, C. “Baron de Coubertin and Brazil”, in: *Journal of Olympic History* (2015), vol 23, p. 12-15. Todas as referências documentais e bibliográficas podem ser encontradas na citada publicação.

2 A maior parte do que se sabe sobre Julien Bonaventure de Coubertin deriva de uma crônica escrita por Paul de Coubertin (1847-1933), irmão de Pierre, no ano de 1925 e algumas poucas fontes secundárias ligadas a diplomacia francesa e a história da arte.

processo de melhoria completa da infraestrutura do Rio de Janeiro com a criação do Banco Nacional, Imprensa Régia, Biblioteca Real, Teatro Real de São João, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Museu Real, Escola Real de Ciências Artes e Ofício, entre outras.³

Um grande número de artistas e cientistas franceses que tinham sido ligados a Napoleão estavam desempregados e desesperados por conseguir novos trabalhos após a derrota do Imperador em 1815. Na época, Dom João estava em busca de artistas e cientistas europeus para desenvolver a Escola Real de Ciências, Artes e Ofício.

A chance de desenvolver uma academia de artes e ciência no Rio de Janeiro e ser remunerado por isso era altamente atrativo para os artistas franceses. Cerca de 40 artistas e cientistas chegaram de Le Havre no Rio de Janeiro em 26 de março de 1816, no mesmo dia em que estavam acontecendo o enterro de D. Maria I, rainha do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve, que havia falecido no dia 20 de março de 1816.⁴

Joachim Lebreton foi o líder intelectual e organizacional do grupo de artistas e cientistas que passou a ser chamado de “Colônia Lebreton”. Os mais famosos membros foram o próprio Lebreton (ex-secretário do Instituto Francês de Artes), Nicolas Antoine Taunay (pintor no mesmo Instituto), Jean-Baptiste Debret (pintor histórico), Grandjean de Montigny (arquiteto) e François Ovide (engenheiro).

Jean-Baptiste Maler, representante diplomático e oficial do novo reino Bourbon no Brasil, desconfiava profundamente da “Colônia Lebreton” bem como o Duque de Luxembourg e seus seguidores, incluindo Julien Bonaventure de Coubertin e o compositor austríaco Neukomm.

Eles ficaram no Rio de Janeiro durante os primeiros meses após a chegada dos artistas, provavelmente para se certificarem e controlarem a implementação da academia. Concretamente nada se sabe sobre as atividades políticas e administrativas de Julien Bonaventure de Coubertin no Rio de Janeiro.⁵

No entanto, ele produziu uma série de pelo menos 23 aquarelas, principalmente paisagens, durante julho e agosto de 1816.⁶ Talvez a “Colônia Lebreton” tenha servido como estímulo para as suas aquarelas.

Essa breve história não altera de forma alguma a história Olímpica, mas serve para dar luz sobre uma personalidade muito interessante: um oficial altamente qualificado, que foi atraído pela arte, música e cultura. O filho de Julien Bonaventure de Coubertin, Charles, tornou-se um pintor famoso em Paris. Seu neto Pierre, um universalista envolvido no esporte, arte e cultura, educação, política e muito mais.

3 Em 1808 o príncipe regente de Portugal Dom João VI e sua corte foram forçados por Napoleão a sair de Portugal para o Brasil. Ao contrário de outros governantes europeus que decidiram regressar aos seus reinos, Dom João VI permaneceu no Brasil até 1821. Em 1815 Dom João VI assinou um decreto que criava o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve. A partir deste decreto o Brasil saiu da condição de Colônia e passou a ter o mesmo status que Portugal.

4 Apesar de usar o título de Rei desde o falecimento de D. Maria I, Dom João VI somente foi coroado no dia 6 de fevereiro de 1818 devido ao longo processo para o recebimento do juramento legal e eclesiástico vindo de Portugal.

5 A fundação Escola Real de Ciências Artes e Ofício no Rio de Janeiro em 1816 aconteceu mais ou menos independente da visita do Duque de Luxembourg e Julien Bonaventure de Coubertin no Brasil.

6 As aquarelas atualmente são parte de acervo de um colecionador privado, por este motivo não estão publicadas, exceto dois desenhos que fizeram parte de um catálogo de vendas da casa de leilões Christie's. O catálogo é do leilão: *Exploration and Travel*, London, Friday, 27 September 1996, 10.30 am.



Baía de Botafogo, 17 de Julho de 1816. Aquarela de Julien Bonaventure de Coubertin. (Catálogo do leilão da Christie's, Exploration and Travel, London 1996)



Casa do Duque de Luxembourg 1816. Aquarela de Julien Bonaventure de Coubertin. (Catálogo do leilão da Christie's, Exploration and Travel, London 1996)



**Adolpho Christiano
Klingelhoef.**

1900: ADOLPHO CHRISTIANO KLINGELHOEFER O PRIMEIRO ATLETA BRASILEIRO NOS JOGOS OLÍMPICOS

Adolpho Christiano Klingelhoef foi, provavelmente, o primeiro atleta brasileiro a participar dos *Jogos Olímpicos*. Entretanto, até os dias atuais, ele é erroneamente considerado francês nas listas de participantes.

Ele competiu em diversas modalidades do atletismo, no *Concours Internationaux d'exercices physiques et de sports* (Concurso Internacional de Exercícios Físicos e de Esportes), realizados por ocasião da *Exposição Universal de Paris* em 1900. Por mais de seis meses, muitos desses eventos esportivos e de entretenimento foram organizados, desde os esportes tradicionais, como jogos com bola e atletismo, as corridas de carro, motocicleta e barcos a motor, e até balonismo. Muitos desses eventos, entre os quais as provas de atletismo das quais Klingelhoef também tomou parte, foram mais tarde denominadas *Jogos Olímpicos*. Klingelhoef competiu nos 60m e 200m.

Adolpho Christiano Klingelhoef nasceu em Paris em 5 de maio de 1880, filho do vice-cônsul da Embaixada Brasileira, e morreu em 1956. Embora não tenha nascido em solo do Brasil, o que normalmente é o critério básico para a nacionalidade brasileira, era filho de um diplomata brasileiro no exterior, razão pela qual lhe deveria ter sido concedida a cidadania brasileira, como reza no artigo 6 da Constituição Brasileira de 1824.

Os atletas que competiram em Paris, em 1900, não representaram seus países de origem, como aconteceria nos *Jogos* futuros, mas sim seus clubes ou universidades. Adolpho

Christiano Klingelhoefer competiu pelo famoso *Racing Club de Paris*, do qual foi, por muitos anos, um dos melhores atletas. Por ser membro desse tradicional clube francês, foi registrado nas listas de participantes como francês, embora fosse, de fato, brasileiro.

A carreira esportiva de Adolpho sempre esteve ligada ao *Racing Club de Paris*, pelo qual se tornou campeão francês em 1899, 1902 e 1904 nos 110 m com barreiras. Em 1901 e 1902, ele se tornou campeão francês nos 400 m com barreiras e, em 1902, estabeleceu um novo recorde mundial. Em 1902, ele também competiu pela equipe de *rugby* do *Racing Club de Paris*, que ganhou o Campeonato Francês.

Embora Adolpho Christiano Klingelhoefer possa nunca ter pisado em solo nacional durante a sua vida, e tenha provavelmente vivido e se identificado como francês quando se tratava de esporte, segundo a legislação, ele pode ser considerado o primeiro atleta brasileiro a competir nos Jogos Olímpicos.

1905: SANTOS DUMONT O PRIMEIRO DIPLOMA OLÍMPICO

Na quarta reunião do Comitê Olímpico em 1901 em Paris, Coubertin propôs homenagear, com um Diploma Olímpico de Mérito, algumas personalidades que haviam prestado serviços relevantes à “*Causa Olímpica*”, ao esporte ou à educação física.

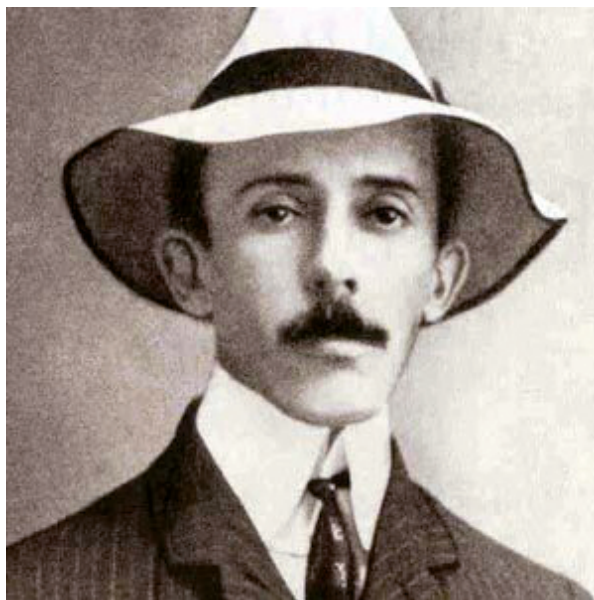
Em 1905, os primeiros diplomas foram concedidos a Theodore Roosevelt, Fridjoff Nansen, William-Hippolyte Grenfell e Santos Dumont. O prêmio não era destinado a uma realização esportiva específica, mas aos serviços ao esporte em geral. A cerimônia festiva de entrega do diploma foi realizada em 13 de junho de 1905, no *Palais des Académies*, em Bruxelas, sob a direção de Coubertin.

A entrada foi decorada, entre outras coisas, com as bandeiras da Bélgica, dos Estados Unidos, da Noruega, da Inglaterra e do Brasil, refletindo o anfitrião e os países dos homenageados. Deve ter sido lamentável e decepcionante para os organizadores o fato de que, com exceção de William-Hippolyte Grenfell, nenhuma das celebridades homenageadas compareceu à cerimônia pessoalmente. Herny Wilson, embaixador dos Estados Unidos na Bélgica, representou Roosevelt; Fridjoff Nansen enviou Henrik Angell, representante norueguês na Bélgica; e Santos Dumont foi representado por uma amiga, Brunetta Dusseaux, que recebeu o diploma sob os acordes do Hino Nacional Brasileiro. A razão de conceder o diploma a Santos Dumont é definida em citações importantes.

“O que nós vemos no sr. Santos Dumont, cavalheiros, é o espírito da perseverança. Ele se forçou até seus limites. Ninguém jamais tinha ido além naquela direção. Perseverança, cavalheiros, é um dos princípios mais essenciais do esporte. A perseverança requer falhas; as vitórias musculares são, de um ponto de vista educacional, sempre o resultado de uma série de reveses e quase necessariamente levam ao sucesso. Portanto, a perseverança pode se sobrepor a outras qualidades necessárias.”¹

1 COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, *Congrès International de Sport et d'Education physique* (1905), p. 242-245.

Santos Dumont.



**Santos Dumont
contornando a
Torre Eiffel em Paris.**





Santos Dumont e o prêmio Deutsch. (Le Populaire de 15 de Dezembro de 1901)

Roosevelt e Nansen enviaram mensagens de agradecimentos por meio de seus representantes, mas Santos Dumont se absteve de fazê-lo. Além disso, seu diploma também não foi encontrado, o que se pode considerar outra evidência de que Santos Dumont teve pouco interesse nesse prêmio. Para o COI naquela época, seria um privilégio poder homenagear tais personalidades, e não o contrário.

Fora o Diploma Olímpico de Santos Dumont, conferido no início do século XX, não houve nem o mais remoto contato seu com o COI e com os *Jogos Olímpicos*. Pode-se descrever Santos Dumont como um “herói Olímpico relutante” que, junto com personalidades importantes da época, fora agraciado com o primeiro Diploma Olímpico.

1913: RAUL DO RIO BRANCO

O PRIMEIRO BRASILEIRO MEMBRO DO COI

Em 1913, um Congresso Olímpico foi convocado em Lausanne, e as representações diplomáticas em Berna, na Suíça, foram convidadas para a sua abertura. Entre os convidados estava também Raul do Rio Branco, embaixador brasileiro no País, amigo de longa data de Pierre de Coubertin. Este aproveitou a oportunidade para indicá-lo como um membro do COI.¹

Raul do Rio Branco era filho do famoso chanceler Barão do Rio Branco, que, entre outras ações relevantes, definiu as fronteiras do Brasil. Além disso, era considerado um dos mais proeminentes militantes pelo reconhecimento internacional do Brasil, e assegurou a participação do País na II *Conferência Internacional pela Paz*, em 1907.

Raul do Rio Branco aceitou a indicação como membro do COI, uma vez que desejava ser útil à sua terra natal. Como primeiro ato oficial, em 30 de abril de 1914, enviou uma carta-circular a vários dirigentes esportivos do Brasil, a fim de encorajá-los a promover o conceito Olímpico em sua pátria. Na introdução dessa carta-circular, reproduzida a seguir mantendo a grafia da época, o recém-nomeado membro do COI parecia obviamente surpreso:

“O Barão de Coubertin, que me tinha conhecido outrora nos terrenos do Sport e do atletismo e que tinha deixado de me ver durante vários annos, encontra-me de novo agora como Ministro do Brasil na Suissa, declarou-me, com certa surpresa minha, que ele resolvia apresentar a minha candidatura a membro do Comité Olympico Internacional de que elle é Presidente, como delegado do Brasil...”

Antes de aceitar a nomeação, Raul do Rio Branco levantou algumas objeções, como o fato de que tinha pouco conhecimento sobre o esporte no Brasil e dificilmente estaria apto a conciliar suas atribuições diplomáticas em Berna com a filiação ao COI. Coubertin respondeu que muitos outros membros também estavam trabalhando nos serviços diplomáticos e que ele já tinha dado prova de seu senso de responsabilidade e de sua competência. Seria, de qualquer modo, testemunha do renascimento da cultura esportiva no mundo e poderia prestar um verdadeiro serviço ao Brasil.

Obviamente, após a hesitação inicial, Raul do Rio Branco levou seu compromisso a sério e participou de inúmeras sessões e discussões do COI, que foram confirmadas por importantes documentos dos arquivos oficiais. Segundo os registros, ele demonstrou de fato um enorme entusiasmo pela causa do Movimento Olímpico e pela promoção do internacionalismo.

1 A carta pertinente pode ser encontrada no arquivo do sr. Raul do Rio Branco no Museu Olímpico, em Lausanne.



A família Rio Branco
(Raul do Rio Branco
em pé)

Berne le 3 Février 1914

Monsieur et cher collègue,

Je vous remercie de la communication
que vous m'avez faite par votre lettre
à la date du 27 janvier dernier, par
laquelle vous m'avez informé de
votre participation à l'Exposition de
l'Art et de l'Industrie de 1914, organisée
par le Comité international de l'Exposition de
l'Art et de l'Industrie de 1914.

Je vous en félicite et vous prie de
lui faire mes vœux de succès et de
bonheur et de lui adresser mes
salutations les plus cordiales.

Mon cher collègue,

Je vous envoie ci-joint de ma part
un petit souvenir en souvenir
de son p. de son amitié et de son
participation à l'Exposition de 1914.

Je vous prie de lui faire mes
salutations et de lui adresser mes
vœux de succès et de bonheur.

Je suis, cher collègue,
votre dévoué et fidèle
ami,

Raul do Rio Branco

(Léon) de Rio Branco

A primeira carta de
Raul de Rio Branco para
Pierre de Coubertin em
3 de Fevereiro de 1914.
(Arquivo do COI,
pasta COB)

1914: FUNDAÇÃO DO COMITÊ OLYMPICO NACIONAL NO BRASIL

No início do século XX, o cenário dos esportes brasileiros não contava com organizações dirigentes e era caracterizado por ações independentes e, claro, pelos inevitáveis conflitos daí decorrentes. A ética aplicada era ambivalente, pois apesar de haver regras oficiais para a prática esportiva, os clubes raramente as adotavam.

O Governo e os dirigentes esportivos raramente seguiam os passos uns dos outros, já que o Governo não contribuía financeiramente com o esporte. As despesas dos clubes com instalações esportivas e equipamentos eram pagas geralmente por simpatizantes bem-sucedidos.

Com o intuito de encontrar uma solução para tais problemas, foram fundados a *Federação Brasileira de Sports* e o *Comitê Olympico Nacional* (CON), em 1914. Essas instituições tinham o objetivo de desenvolver uma política esportiva conjunta para o Brasil.

A *Federação Brasileira de Sports* buscou primeiramente, com êxito, o reconhecimento das associações internacionais, com exceção da FIFA. Somente em 1917 essa nova organização esportiva foi reconhecida pela FIFA com restrições e, em 1923, irrestritamente.

O *Comitê Olympico Nacional* foi oficialmente fundado em 8 de junho de 1914 na sede da *Federação Brasileira das Sociedades do Remo, no Rio de Janeiro*, com o objetivo de levar o Brasil aos *Jogos Olímpicos* de 1916, então marcado para Berlim. As seguintes associações foram representadas: Liga Metropolitana de Sports Athleticos, *Federação Brasileira das Sociedades do Remo*, Automóvel Clube do Brasil, Comissão Central de Concursos Hípicos, Clube Ginástico Português, Centro Hípico Brasileiro, Jockey Club Brasileiro, Aeroclube Brasileiro.

Cumprir registrar que o *Comitê Olympico Nacional* foi fundado pelos seguintes senhores: dr. Fernando Mendes de Almeida e dr. Ernani Pinto (esportes a motor), coronel James Andrew, Raul de Carvalho e tenente Armando Jorge (esportes hípicos), dr. Candido Menezes de Almeida (turismo), comandante Jorge Moller e segundo-tenente Ricardo Kirck (aviação), dr. Álvaro Zamith, dr. Mario Pollo e G. de Almeida Brito (atletismo), comandante Raul Oscar de Faria Ramos, capitão Ariovisto de Almeida Rego, dr. Antonio de Oliveira Castro e Alberto de Mendonça (natação e remo), major Bernardo de Oliveira e dr. Alberto Pereira Braga (tiro), J. Pinheiro Barbosa e J. Pedro Dias (ginástica, levantamento de peso).

O dr. Fernando Mendes de Almeida, eleito Presidente do Comitê Executivo, foi apoiado pelos dois vice-Presidentes, dr. Álvaro Zamith e capitão Ariovisto de Almeida Rego. G. de Almeida Brito tornou-se secretário nacional, J. Pinheiro Barbosa, secretário de protocolo, e Raul de Carvalho, tesoureiro.

Em 1916 o Governo brasileiro fundou a *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD), colocando-a sobre as duas associações. As equipes para os *Jogos Olímpicos*, até o ano de 1932, foram selecionadas pela CBD. Em 1936 duas equipes brasileiras foram enviadas para os Jogos Olímpicos. Uma organizada pela CBD e outra pelo recém fundado Comitê Olímpico Brasileiro (1935).

Pode-se dizer com segurança que o *Comitê Olympico Nacional*, fundado em 1914, sobreviveu até 1924. No entanto, raramente atuou, e sempre em conjunto com a CBD. Infelizmente, não temos informação alguma sobre qualquer atividade do Comitê no período de 1925 a 1935.



**Medalha comemorativa
dos 50 anos da Confe-
deração Brasileira de
Desportos (CBD)**

1922: JOGOS OLÍMPICOS REGIONAIS NO RIO DE JANEIRO

Os *Jogos Olímpicos Regionais da América do Sul*,¹ em total conformidade com a tradição Olímpica, foram realizados como parte das comemorações do Centenário da Independência do Brasil, na mesma época da Exposição Internacional. Combinados com o *Campeonato Sul-Americano* e com os *Jogos Navais*, foram realizados como parte dos *Jogos do Centenário*. O *Campeonato Sul-Americano* foi posteriormente renomeado como *Campeonato Latino-Americano* após o anúncio da participação do México. Entretanto, para a imprensa da época, o termo *Jogos do Centenário* geralmente significava apenas *Jogos Regionais da América do Sul*, o que explica o mal-entendido e a confusão na nomenclatura que persiste até os dias de hoje.

A delegação brasileira recebeu a aprovação Olímpica para realizar os *Jogos Olímpicos Regionais da América do Sul*, por ocasião dos *Jogos Olímpicos* de 1920 na Antuérpia.

Oficialmente, o Governo brasileiro mandou a CBD organizar os *Jogos do Centenário*. Em junho de 1922, uma comissão especial do Departamento de Esportes do Exército Brasileiro foi nomeada para apoiá-la na organização dos Jogos. Naquela época, o Coronel Estellita Werner, Presidente do Departamento de Esportes Militares, tornou-se também chefe do Comitê organizador. Sua área de responsabilidade cobria todos os eventos esportivos dos *Jogos do Centenário*, isto é, dos *Jogos Regionais da América do Sul*, do *Campeonato Sul-Americano de Futebol* e dos *Jogos Navais*.

Diversas nações também tomaram parte em várias modalidades nos *Jogos do Centenário*. As equipes do Brasil, da Argentina, do Chile e do Uruguai foram representadas em todas as provas das três competições, enquanto o Paraguai participou somente do futebol. As equipes do Japão, da Inglaterra e dos Estados Unidos também chegaram para participar dos *Jogos Navais*.

1 Os *Jogos Regionais da América do Sul* foram chamados por comentaristas contemporâneos e em literatura secundária como *Jogos de Centenário*, *Jogos Olímpicos do Centenário*, *Jogos Regionais*, *Jogos Regionais da América Latina*, *Jogos da Exposição Internacional do Rio de Janeiro*, etc.

Os detalhes dos *Jogos*, como programa e procedimentos, dificilmente podem ainda ser reconstituídos. Certamente as seguintes modalidades foram oferecidas nos Jogos Regionais: boxe, natação, atletismo, tênis, cabo de guerra, esgrima, tiro, basquete, remo, hipismo e saltos ornamentais. Alguns esportes, como provas de hipismo, atletismo e esgrima, foram oferecidos duas vezes nos *Jogos Olímpicos Regionais da América do Sul* e nos *Jogos Navais*. Paralelamente, houve um programa de corridas de cavalo.

A cerimônia de abertura foi realizada em 13 de setembro de 1922, no Estádio do Fluminense. Originalmente, pretendia-se finalizar os *Jogos Olímpicos Regionais da América do Sul* em 18 de outubro de 1922, com uma cerimônia de encerramento; entretanto, isso foi adiado. As mudanças no horário da programação e os procedimentos podem ser descritos como sintomáticos desses jogos. A espontaneidade era a palavra de ordem do Comitê organizador e, assim, competições foram adiadas ou canceladas e outras, tais como polo aquático, incluídas de última hora.

Apesar do reconhecimento dos *Jogos Regionais* pelo COI, este não participou da organização nem contribuiu com os custos dos mesmos. Esse comportamento também se aplica à ACM, que definiu sua tarefa como um órgão supervisor. O patrocínio dos *Jogos Regionais* foi também discutido na sessão do COI, em Roma, em 1923; entretanto, com o falecimento de Elwood S. Brown, o assunto foi deixado em segundo plano.

Como resultado direto de sediar os *Jogos Olímpicos Regionais da América do Sul*, Arnaldo Guinle e José Ferreira dos Santos foram nomeados membros do COI. Ambos foram recomendados por Henri de Baillet-Latour, que os conhecera em seu *tour* americano e os considerava como notáveis companheiros de campanha Olímpica. Essas nomeações foram realizadas em Roma, em 1923. Arnaldo Guinle entrou para os anais do COI com um recorde memorável, pois durante seu mandato, de 1923 a 1961, faltou a 36 sessões. Contudo, graças aos esforços pessoais de Avery Brundage, ele se tornou membro honorário do COI.

Arnaldo Guinle foi o primeiro Presidente da CBD e, de 1947 a 1950, Presidente do COB. José Ferreira dos Santos foi Presidente do COB de 1951 a 1962. Ambos tinham razões pessoais, para apoiar o movimento Olímpico, que nada tinham a ver com carreiras no esporte, pois Guinle era um homem de negócios e Ferreira dos Santos, médico. Para ambos, a ideia Olímpica e sua promoção tinham importância afetiva.

Infelizmente, Roberto Trompowsky Jr., um dos principais protagonistas do *Movimento Olímpico na América do Sul*, ficou no esquecimento, visto que faleceu logo após os *Jogos*, em dezembro de 1922.



Vista aérea do Pavilhão de Exposição da Feira Internacional do Rio de Janeiro (1922)



A construção do estádio para os Jogos de 1922. (Arquivos do Fluminense Football Club – Rio de Janeiro)



Time de Remo do Brasil nos Jogos Regionais de 1922. (Atlas do Esporte no Brasil, Rio de Janeiro, 2005, p. 873 – Editor L. DaCosta)

1924: L. ALVAR DA SILVA O PRIMEIRO ARTISTA BRASILEIRO NO CONGRESSO DE ARTES OLÍMPICAS

Em 1906, em Paris, Pierre de Coubertin organizou um Congresso de Artes Olímpicas, apesar de não ter obtido o apoio da maioria dos seus colegas do Comitê Olímpico Internacional. Independente da falta de apoio, em 1912 ele organizou pela primeira vez uma competição de Artes Olímpica, com cinco categorias: Pintura, Escultura, Arquitetura, Música e Literatura.

Os trabalhos tinham que ser inspirados e relacionados com temas esportivos e contavam com juris especializados. As competições aconteceram regularmente até os Jogos Olímpicos de 1948.

Nos Jogos Olímpicos de 1924 em Paris, um brasileiro participou pela primeira vez de competições de arte. L. Alvar da Silva competiu na categoria “Literatura” e chegou às finais. No entanto, ele não obteve nenhuma medalha.



Diploma da premiação da Taça Olímpica – *Coupe Olympique*. (Arquivos do Fluminense Football Club, Rio de Janeiro)

1949: FLUMINENSE FOOTBALL CLUB RECEBE A COUPE OLYMPIQUE

Apesar do Fluminense ter sido agraciado com a *Coupe Olympique* (Taça Olímpica) no ano de 1949, ela representou um reconhecimento formal do Comitê Olímpico Internacional aos esforços pela realização dos Jogos Olímpicos Regionais de 1922, uma vez que o *Fluminense FC* foi o verdadeiro organizador dos jogos.

O Governo brasileiro tinha decidido que os *Jogos* deveriam ser realizados de qualquer maneira, com ou sem o apoio financeiro internacional. Devido ao reconhecimento pelo COI, esses *Jogos* já tinham se tornado um projeto internacional, então, o cancelamento com base em uma situação de dificuldade econômica, pelas quais o Brasil passava, era impensável.

A CBD foi oficialmente nomeada pelo Governo para realizar os *Jogos*, mas não havia nem estádios necessários nem a infraestrutura apropriada para uma competição internacional dessa natureza.

O Fluminense já tinha assumido a responsabilidade de sediar o torneio de futebol e parecia razoável também confiar ao clube a organização de outros torneios. Em 5 de maio de 1922, a Diretoria do clube assinou um contrato correspondente com o Governo, que se comprometia a pagar a ampliação do Estádio e todas as outras despesas necessárias à realização do evento.

Vale salientar que Arnaldo Guinle, era o presidente do tradicional *Fluminense Football Club*. Ele ocupou a presidência de 1916 a 1930. Ele também havia sido presidente da CBD entre 1916 e 1920. Após 1920, Oswaldo Gomes, ex-jogador do Fluminense, dirigiu a CBD.

Logo depois que o trabalho de construção foi iniciado, em 1º de julho de 1922, tornou-se evidente que o orçamento era inadequado. Embora o início da construção tenha sido oficialmente autorizado pelo Coronel Estellita Werner, Presidente do Comitê organizador, o Governo brasileiro escapou de suas obrigações financeiras. Contudo, o Fluminense realizou grande parte dos *Jogos*, levantando uma hipoteca sobre seus bens. No final do evento o clube assumiu as dívidas financeiras do evento.

O envolvimento do Clube de futebol foi calorosamente aprovado pelo COI, e Henri de Baillet-Latour prestou homenagem ao Fluminense por seus serviços à pátria, e por não ter poupado esforços nem despesas para realizar os *Jogos* em nome do Governo, de várias associações esportivas e do público.

O reconhecimento formal somente aconteceu em 1949, com a entrega da *Coupe Olympique* (Taça Olímpica) pelo COI ao Fluminense. A taça era concedida anualmente a instituições que prestavam destacados serviços ao Movimento Olímpico desde 1906, e a partir de 1998 de forma intermitentemente. Em geral, a taça é concedida a associações e comunidades, mas, somente uma única vez, concederam-na a um clube de futebol: o *Fluminense* em 1949.

O clube já tinha se candidatado à *Coupe Olympique* em 1924, o que foi recusado naquela época, quando o COI era ainda presidido por Pierre de Coubertin. Uma segunda tentativa também falhou em 1936, antes que o membro brasileiro do COI, José Ferreira dos Santos, finalmente tivesse êxito ao garantir a taça para o *Fluminense*, em 1948. A propósito, após essa premiação, o COI decidiu que a *Coupe Olympique* não poderia, no futuro, ser novamente concedida a clubes.

Afora estas pequenas histórias, o Brasil participou dos Jogos Olímpicos desde 1920. Todos esses acontecimentos serviram para pavimentar o caminho do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016.



**Atleta e bandeira
brasileira durante jura-
mento dos atletas na
cerimônia de abertura
dos Jogos Olímpicos de
Paris em 1924. (Raul
do Rio Branco em pé)**

BIBLIOGRAFIA DOS ESCRITOS DE PIERRE DE COUBERTIN

Por Norbert Müller y Otto Schantz

Livros

1888

L'Education en Angleterre.

[Education in England.]

Collèges et Universités.

Paris, Hachette, 1888 (327 pages).

Later reprinted, in excerpts (pp.1-23, 63-85, 141-163, 286-326) in: Textes choisis, vol.I, pp.38-80.

xL'Education Anglaise en France.

[English Education in France.]

Paris, Hachette, 1889 (207 pages).

Later reprinted, in excerpts (pp.3-20, 91-107, 108-120, 199-202, 204-206) in: Textes choisis, vol.I, pp.81-112.

(121-142) in: Textes choisis, vol.III, pp.210-221.

1890

Universités Transatlantiques.

[Transatlantic Universities.]

Paris, Hachette, 1890 (381 pages).

Later reprinted, in excerpts (pp.27-29, 84-90, 94-98, 117-121, 133-136, 222-227, 231-233, 257-259, 266-267, 307-311, 361-379) in: Textes choisis, vol.I, pp.113-139.

1896

L'Evolution Française sous la Troisième République.

Paris, Plon-Nourrit, 1896 (432 pages).

[Série d'articles parue dans la "Nouvelle Revue" de 1896.]

Traduction anglaise: The evolution of France under the Third Republic. New York/Boston, Thomas Y. Crowell & Company, 1897 (traduit par Jasabel F. Hapgood); 2^e édition: Londres, James Bowden, 1898 (430 pages).

1897

Souvenirs d'Amérique et de Grèce.

[Memories of America and Greece.] Paris, Hachette, 1897 (183 pages).

[Articles de revues et de journaux parus entre 1894 et 1896.]

Later reprinted, in excerpts (pp.101-120, 139-159) in: Textes choisis, vol.II, pp.85-96, 148-162.

1900

France since 1814.

London, Chapman and Hall, 1900 (281 pages). [Série d'articles de revue publiés dans le "Fortnightly Review" de 1899.]

1900-1906

La Chronique de France. (I-VII).

[A Chronicle of France.]

Published under the direction of Pierre de Coubertin.

Auxerre, A. Lanier, 1900-1906 (7 volumes).

1901

Notes sur l'Education publique.

[Notes on Public Education.]

Paris, Hachette, 1901 (320 pages).

German translation: Schule - Sport - Erziehung.

Gedanken zum öffentlichen Erziehungswesen. Published, translated, and with an introduction by E. Hojer in cooperation with R. Anselmet K. Ashtari. Schorndorf, Hofmann, 1972 (210 pages).

Later reprinted, in excerpts in: (pp.3-54, 152-173, 217-310) in: Textes choisis, vol.I, pp.195-273. (pp.174-197) in: Textes choisis, vol.II, pp.147-157. (pp.198-216) in: Textes choisis, vol.III, pp.375-383.

1902

Le Roman d'un Rallié.

Auxerre, A. Lanier, 1902 (322 pages). [Series of articles published in "Nouvelle Revue" 1899, signed with the pseudonym Georges Hohrod.]

1905

L'Education des Adolescents au XX^e siècle.

[The Education of Adolescents in the XXth Century.]

I: L'Education physique: La Gymnastique utilitaire.

Sauvetage - Défense - Locomotion. [Physical Education: Life-Saving, Self-Defense, Locomotion.] Paris, Alcan, 1905 (154 pages). Deuxième édition: Paris, Alcan, 1906.

Later reprintd in in: Textes choisis.Vol.III, pp.481- 555.

Troisième et quatrième édition: Paris, Alcan, 1906.

Dutch translation: Praktische Lichaamsoefening. Naar het Fransch bezorgd, door den Nederllandschen Bond voor Lichamelijke Opvoeding. Baarn, J.F. van Ven, 1912 (100 pages).

1909

Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908).

[A Twenty-One Year Campaign.]

Paris, Librairie de l'Education physique, 1909 (220 pages). [Series of articles published in l'"Education physique" from December 1906 to October 1908.]

Chap.XX "La gymnastique utilitaire" later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.561-568.

Chap.XXI "Arts, lettres et sports" later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.485-492.

Chap.XXII "La IV^{me} Olympiade ... et après" later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.238-241. German edition: Einundzwanzig Jahre Sportkampagne (1887-1908), published by the Carl-Diem-Institut, Cologne, under the direction of Bernd Wirkus, Ratin-gen, Henn, 1974. Translated by Wissenschaftlicher Sprachendienst G. Klitscher.

Pages d'Histoire contemporaine.

[Some Aspects of Contemporary History.]

Paris, Plon-Nourrit, 1909 (306 pages).

1912

L'Education des Adolescents au XXe siècle.

[The Education of Adolescents in the XXth Century.]

II: Education intellectuelle. [Intellectual Education.]

Analyse universelle. Paris, Alcan, 1912 (155 pages).

Later reprinted, in excerpts (pp.1-35, 96-155) in: Textes choisis, vol.I, pp.274-314.

1913

Essais de Psychologie sportive.

[Sports Psychology.]

Lausanne Paris, Payot, 1913 (266 pages).

[Contains most of the sport psychology articles published in the Revue Olympique from 1906 to 1913.]

Nouvelle édition présentée par Jean-Pierre Rioux.

Grenoble, Editions Jérôme Millon, 1992.

1915

L'Education des Adolescents au XXe siècle.

[The Education of Adolescents in the XXth Century.]

III: Education morale. [Moral Education.] Le Respect mutuel. Paris, Alcan, 1915 (104 pages).

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.316-350.

German edition: Die gegenseitige Achtung. Published by the Carl-Diem-Institut, Cologne, under the direction of Hildegard Müller. St. Augustin, Academia, 1988.

German edition: Die gegenseitige Achtung. Published by the Carl-Diem-Institut, Cologne, under the direction of Hildegard Müller. St. Augustin, Academia, 1988.

1916

Leçons de Gymnastique utilitaire. Sauvetage - Défense - Locomotion. A l'usage des Instituteurs, Moniteurs, Instruteurs militaires, etc. Paris, Payot, 1916 (47 pages).

[Useful Sports.]

[Weekly chronicles "Excelsior" published from October 1914 to juillet 1915.]

1921

Leçons de Pédagogie sportive.

[Lessons in Athletic Education.]

Lausanne, La Concorde, 1921 (124 pages).

Other editions, published under the title: "Pédagogie Sportive":

1) Paris, G. Crès, 1922;

2) Lausanne, Bureau International de Pédagogie Sportive, 1934 (157 pages);

3) Paris, J. Vrin, 1972, avec une préface de Georges Rioux (157 pages). [Reprint of the 1934 edition.]

Later reprinted in excerpts (pp.127-154), in: vol.I, 433-

451;

(pp.56-58, 146-154), in: vol.II, 669-670, 537-542;

(pp.24-63, 71-77, 77-84, 84-85, 87-90, 90-92, 92-94,

94-96, 96-99, 116-117) in: Textes choisis, vol.III, pp.27-

51, 137-146; 158-162, 191-192, 206-209, 233-234,

248-249, 260-261, 272-273, 349-350).

German edition: Sportliche Erziehung, edited by A.

Mallwitz et translated by Else Hoffmann, Stuttgart,

Dieck, 1928 (91 pages).

Hungarian edition: Sportpedagógia. Budapest, Fordito

Kiadása, 1931 (90 pages).

1926-1927

Histoire Universelle (I-IV).

[World History.]

Aix-en-Provence, Société de l'Histoire universelle, 1926-

1927.

Tome I: Les Empires d'Asie (92 pages); [Asian Empires.]

Tome II: Le Drame Méditerranéen (190 pages);

[The Mediterranean Drama.]

Tome III: Les Celtes, les Germains et les Slaves (157

pages); [Celts, Ancient Germans, and Slavs.]

Tome IV: La Formation et le Développement des Démo-

craties modernes (220 pages). [Beginnings and Develop-

ment of the Modern Democracies.]

With a General Index in a special brochure (19 pages).

Forward of tome I later reprinted, in: Textes choisis,

vol.I, pp.352-359.

La Confédération helvétique, later reprinted in excerpts, in: Anthologie, Aix-en-Provence, P.Roubaud, 1933, pp.113-

115.

Textes choisis, vol.II, pp.724-725.

1930

Notre France.

[Our France.]

Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1930 (206 pages).

[Reprint of the following four brochures published in

1916: Les grandes divisions de l'histoire de France;

Cinq siècles et demi d'activité coloniale (1365 - 1915);

La France à travers le XIX^e siècle (1800 - 1900);

L'évolution de la France républicaine (1870 - 1914).]

(Nouveau avant-propos: p.3; nouvelle postface p.206).

1932

Mémoires Olympiques.

[Olympic Memoirs.]

Lausanne, Bureau International de Pédagogie Sportive,

1932 (218 pages). [Series of articles published in the

journal "L'Auto" in 25 chapters, from September 8,

1931 to March 27, 1932.]

2th edition by the IOC with an introduction by G. de

Navacelle. Lausanne, IOC, 1979. (140 pages)

3th edition by the IOC with an introduction by

G. de Navacelle. Lausanne 1996 (236 pages).

English translation:

Olympic Memoirs. Edited by: IOC with introduction by G. Navacelle. Lausanne 1979 (141).

Lausanne 1997 (236 pages).

Spanish translation:

Memorias Olímpicas. Edité par le CIO avec une introduction de G. Navacelle.

Lausanne 1979 (140 pages).

Lausanne 1997 (236 pages). German translations:

– Ein Leben für die Olympische Idee (extraits). traduit par Curt Riess. In: Die Woche, 34 année, 1932, pp.1013-1016(I), pp.1043-1046 (II), pp.1075-1078 (III), n° 37, pp. II-IV.

Olympische Erinnerungen. Traduction autorisée de Gertrud John. Avec une préface de Theodor Lewald et une postface de Carl Diem. Berlin, W. Limpert, 1936 (242 pages). 2e édition avec une préface de Carl Diem, Frankfurt/Main, W. Limpert, 1959 (223 pages); 3e édition Frankfurt/Main, W. Limpert, 1961. Reprint: Wiesbaden 1996.

– Olympische Erinnerungen, traduit par Erhard Höhne. Annotations par Volker Kluge. Berlin, Sportverlag, 1987.

Czech translation:

– Olympijské Paměti. Traduit par Jirí Kroutil, Prague, Edition Olympia, 1977.

Japanes translation:

Orinpikku no Kaisou. Edited by Carl Diem. Prefaces by Carl Diem and Kenkichi Oshima. Translated by Kenkichi Oshima. Tokyo, Baseball Magazine Ed., 1962

1933

Anthologie.

[Anthology.]

Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1933 (184 pages).

Comité d'édition A. Reymond, M. Bauer, J. Chrysafis, Hirschy, G.-L. Magnat, F. Messerli, M. Pottecher.

Edited on the occasion of the author's 70th birthday with a preface by Maurice Pottecher (pp.5-8).

Catalógos

1889

L'Education athlétique.

[**Athletic Education.**]

Conférence faite le 26 janvier 1889 à l'Association pour l'Avancement des Sciences. Paris, Impr. Chaix,
[Off-print, 23 pages, from: Association Française pour l'Avancement des Sciences. Compte rendu de la 18^e session. Paris 1889, Masson, 1889, pp.15-25.]
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.159-173.

1898

Lettre aux Electeurs de l'arrondissement du Havre.

[**Letter to the Citizens of the Le Havre District.**]

Le Havre, Librairie Havraise, mars 1898 (9 pages).

1900

L'avenir de l'Europe.

[**The Future of Europe.**]

(Enquête entreprise à la demande du journal "L'Indépendance Belge".) Bruxelles, Impr. Deverver Deweuwe, 1900 (48 pages). Series of articles published in "L'Indépendance Belge" in 1899.]

1904

L'Amérique française et le Centenaire de la Louisiane.

[**French America and the Centenary of Louisiana.**]

s.d., s.l. [Paris, 1904].

1905

Projet financier de la IV^e Olympiade à Rome.

[**Financial Planning for the IVth Olympics in Rome.**]

Polycopie, Paris, IOC, déc. 1905.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.630-639.

1906

Traité d'escrime équestre.

[**Fencing on Horseback.**]

(In collaboration with Louis Pascaud.) Auxerre, A. Lanier, 1906.

Off-print from la Revue Olympique de 1906 (8 pages).

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.250-257.

1910

Nouveaux programmes d'enseignement secondaire.

[**New Programmes for Secondary Education.**]

Edited by l'Association pour la Réforme de l'Enseignement. Paris 1910 (31 pages).

Later reprinted, in L'Education des Adolescents au XIX^e siècle. In: Education intellectuelle. Analyse universelle. Paris, Alcan, 1912.

Une Olympie moderne.

[**A Modern Olympia.**]

Auxerre, Jattefaux, 1910 (24 pages).

Later reprinted, in:

1) L'Idée Olympique. Edited by: Carl-Diem-Institut, pp.20-35.

2) Textes choisis, vol.II, pp.54-71, pp. 464-465. in English, in: The Olympic Idea, pp.22-36.

in Deutsch, in: Der Olympische Gedanke. Edited by Carl-Diem-Institut, Pp24-43.

In Spanish, in: Ideario Olímpico, 1973, pp.42-66.

Les Sports à l'Hôtel.

[**Sports at the Hotel.**]

Edition de la Société des Sports Populaires, s.l. 1910 (8 pages).

[Published in the Revue Olympique of May and juillet 1910.]

1911

Décoration, Pyrotechnie, Harmonie, Cortèges.

[**Decoration, Pyrotechnics, Harmonies, Processions.**]

Essai de Ruskinianisme sportif à l'usage des Sociétés de Gymnastique et de Sport. Publication de la Société des Sports Populaires, s.l., s.d. [1911] (22 pages). [Series of articles published in the Revue Olympique of 1911.]

1912

Ode au Sport/Ode an den Sport.

[**Ode to Sport.**]

(Published under the double pseudonym: Georges Hohrod and M.Eschbach.) Gand, Impr. Van Dosselaere, 1912 (12 pages). Edition in French/German.

French version is later reprinted, in: Textes choisis, vol. III, pp.665-667.

[Also published in the Revue Olympique of December 1912.]

Un collège modèle. Le Collège Léopold II. Projet rédigé pour S.M. le roi des Belges à l'occasion du Congrès d'Expansion mondiale de Mons. Gand/Paris, Van Dosselaere/E.Basset, 1912 (23 pages). [Published in the "Revue pour les Français" in 1906.]

[**A Model College.**]

Later reprinted, in: Textes choisis, Vol.I, pp.452-472.

German edition: Ein Kolleg-Modell. Das Kolleg Léopold II. Edited by Carl-Diem-Institut, Cologne, sous la direction de B. Wirkus. Cologne, Barz & Beienburg, 1971.

1915

Amélioration et développement de l'éducation physique. Rapport présenté à S.E.M. le Ministre de l'Instruction publique. Lausanne, Impr. de la Société suisse de Publicité, mars 1915 (35 pages).

[**Improvement and Development of Physical Education.**]

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.405-427.

1916

Les grandes divisions de l'Histoire de France.

[Landmarks of French History.]

Petite Bibliothèque "Pour mieux comprendre la France",
Brochure I (Redaction committee: P. de Coubertin,
H. Didier, P. Géraudy, P. Rival). Paris, H. Didier, s.d.
[1916].

Later reprinted, in:

Notre France. Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1930,
pp.5-52.

Cinq siècles et demi d'activité coloniale (1365-1915).

[Five and a Half Centuries of Colonial Activities.]

Petite Bibliothèque "Pour mieux comprendre la France",
Brochure II (Redaction committee: P. de Coubertin,
H. Didier, P. Géraudy, P. Rival). Paris, H. Didier, s.d.
[1916].

Later reprinted, in:

1) Notre France. Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1930,
pp. 53-110.

2) Cinq siècles et demi d'activité coloniale française.

Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1930.

(Brochure, 68 pages.)

La France à travers le XIXe siècle (1800-1900).

[France in the XIXth Century.]

Petite Bibliothèque "Pour mieux comprendre la France",
Brochure III (Redaction committee: P. de Coubertin,
H. Didier, P. Géraudy, R. Rival). Paris, H. Didier, s.d.
[1916].

Later reprinted, in: Notre France. Aix-en-Provence, P.
Roubaud, 1930, pp.111-156.

L'évolution de la France républicaine (1870-1914).

[The Evolution of France as a Republic.]

Petite Bibliothèque "Pour mieux comprendre la France",
Brochure III (Redaction committee: P. de Coubertin,
H. Didier, P. Géraudy, R. Rival). Paris, H. Didier, s.d.
[1916].

Later reprinted, in: Notre France. Aix-en-Provence, P.
Roubaud, 1930, pp.157-206.

Les œuvres de la pensée française.

[French Thought.]

Petite Bibliothèque "Pour mieux comprendre la France",
Brochure V (Redaction committee: P. de Coubertin,
H. Didier, P. Géraudy, R. Rival). Paris, H. Didier, s.d.
[1916].

Ier fasc.: Des origines à la fin du XVIIe siècle. [From the
Beginnings to the End of the XVIIIth Century.]

II^e fasc.: Du XVIIIe siècle à nos jours.

[From the XVIIIth Century until Today.]

Les grandes époques de l'art français.

[Great Eras of French Art.]

Petite Bibliothèque "Pour mieux comprendre la France",
Broch. VI (Redaction committee: P. de Coubertin,
H. Didier, P. Géraudy, R. Rival). Paris, H. Didier,

I^{er} fasc.: Des origines à la fin du XVIe siècle. Oct. 1916
(60 pages). [From the Beginnings to the End of the
XVIth Century.]

II^e fasc.: Du XVII^e siècle à nos jours. Nov. 1916 (46
pages). [From the XVIIth Century until Today.]

III^e fasc.: La Musique et les Arts décoratifs. Déc. 1916
(64 pages). [Music and the Decorative Arts.]

A travers l'histoire sud-américaine.

[On South-American History.]

Offerte par la municipalité de Lyon en souvenir de la
première semaine de l'Amérique latine, Lyon Décembre
1916. Paris, Plon-Nourrit, 1916 (24 pages).

1917

Qué es el Olimpismo?

[What Is Olympism?]

Paris, Rirachowski, 1917 (30 pages).

Almanach Olympique pour 1918.

[Olympic Almanac for the Year 1918.]

Lausanne, Impr. Réunies, 1917.

[Edited by Pierre de Coubertin in the name of IOC and
Institut Olympique de Lausanne.]

1918

Ce que nous pouvons maintenant demander au Sport...

[What We Can Now Ask of Sport.]

Conférence faite à l'Association des Hellènes Libéraux
de Lausanne, le 24 février 1918. Lausanne, Edition de
l'Association des Hellènes Libéraux de Lausanne, 1918
(22 pages).

Later reprinted in French, in:

1) L'Idee Olympique, pp.42-51.

2) Textes choisis, Vol.III, pp.598-609.

Later reprinted

in English, in: The Olympic Idea, pp.43-51.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.51-61. in

Spanish, in: Ideario Olímpico, 1973, pp.76-91.

A travers l'histoire grecque.

[On Greek History.]

Edition de l'Association des Hellènes Libéraux de
Lausanne. Lausanne 1918 (14 pages).

[Publiée aussi dans la Revue Olympique d'avril 1906.]

Le projet d'Olympie moderne et l'avenir de Lausanne.

[Modern Olympics and the Future of Lausanne.]

Edité par la Société Lausannoise des amis de l'Olympis-
me. Lausanne, Impr.La Concorde, s.d. [1918] (3 pages).

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.738-741.

Almanach Olympique pour 1919.

[Olympic Almanac for the Year 1919.]

Lausanne, Impr. Réunies, 1918.

[Edited by Pierre de Coubertin in the name of the IOC et
de l'Institut Olympique de Lausanne.]

1919

Le pays vaudois, son âme et son visage.

[**The Vaud Region: Its Spirit and Its Character.**]

Lausanne, Libr. Rouge, 1919 (31 pages).

Later reprinted, in: Vevey, Editions de l'Air, 1995.

Les étapes de l'astronomie. [**Stages of Astronomy.**]

L'unité mécanique et l'unité chimique du monde.

La vie des astres.

[**Mechanical and Chemical Unity of the World.**

– **The Life of the Stars.**]

Leçon d'ouverture de la IV^e session de l'Institut Olympi-

que de Lausanne, donnée à Lausanne le 8 octobre 1919.

Lausanne, Impr. La Concorde, 1919 (27 pages).

Almanach Olympique pour 1920.

[**The Olympic Almanac for the Year 1920.**]

Lausanne, Imprimerie Réunies, 1919.

[Edited by Pierre de Coubertin in the name of IOC et de l'Institut Olympique de Lausanne.]

XXV^e Anniversaire des Jeux Olympiques. Discours prononcé par le Président du IOC à la Cérémonie commémorative. Lausanne, avril 1919.

[**XXVth Anniversary of the Olympic Games. Address delivered by the President of the International Olympic Committee at the Commemorative Ceremony, April 1919.**]

Later reprinted,

in French, in:

1) L'Idée Olympique. pp.72-74.

2) Textes choisis, vol.II, pp.388-390.

in English, in: The Olympic Idea, pp.73-75.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.86-88. in

Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.124-128.

1920

Autour de la VII^e Olympiade.

[**The VIIth Olympiad.**]

Lausanne, Impr.La Concorde, 1920 (24 pages).

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.268-276.

Le sport est roi. Discours prononcé à la Séance d'Ouverture de la XVIII^e Session plénière du IOC tenue à l'Hôtel de Ville d'Anvers en présence de S.M.le Roi des Belges le mardi 17 août 1920. Anvers 1920. Brochure spéciale, s.d. s.l. [Anvers 1920]. (6 pages).

[**Sport Is King. Address delivered at the Opening Meeting of the XVIIIth Plenary Session of the International Olympic Committee, Antwerp, August 1920.**]

Later reprinted,

in French, in:

1) L'Idée Olympique. pp.81-85.

2) Textes choisis, Vol.I, pp.622-626 et Vol.III, pp.611-616.

in English, in: The Olympic Idea, pp.82-85.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.96-100. in

Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.138-144.

1921

Les Universités Ouvrières.

[**Labor Universities.**] [**Popular Universities.**]

Lausanne, Impr. Populaire, 1921 (8 pages).

Later reprinted in, in: Textes choisis, Vol.I, pp.519-527.

Published under the title: "Les Universités populaires", in: Pages de Critique et d'Histoire, V^e fascicule, Lausanne 1919.

1923

Comité International Olympique (Ed.): Session de 1923 tenue au Capitole, à Rome. Discours prononcé par le président du Comité à la séance inaugurale en présence de S.M. le Roi d'Italie, le 7 avril 1923. Lausanne, Impr. La Concorde, 1923. (Off-print from 7 pages).

[**Address delivered by the President of the Committee at the Opening Session, April 1923.**]

Later reprinted, in: Textes choisis, Vol II, pp.398-402.

Mémoire concernant l'instruction supérieure des travailleurs manuels et l'organisation des universités ouvrières, s.l. 1923 (11 pages).

[**Report on the Higher Education of Manual Laborers and the Organization of the Labor Universities.**]

Later reprinted, in: Textes choisis, Vol.I, pp.528-536.

Où va l'Europe?

[**Where to, Europe?**]

Paris, Ed. G. Grès, 1923 (31 pages).

[Serie of articles in the "Tribune de Genève" 1918-1923.]

1924

Les responsabilités et la réforme de la presse.

[**Responsibility and Press Reforms.**]

Conférence donnée à la Ligue Française à Lausanne.

Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1924 (15 pages).

1925

Discours prononcé à l'ouverture des Congrès Olympiques à l'Hôtel de Ville de Prague le 29 mai 1925 par le Baron Pierre de Coubertin.

[**Address delivered at the Opening of the Olympic Congresses, Prague, May 1925.**]

Prague, Imprimerie d'Etat, 1925 (8 pages). Later reprinted, in:

1) *L'Idée Olympique. Edited by: Carl-Diem-Institut, pp.95-99.*

2) Textes choisis, Vol.II, pp.404-410.

1927

De la transformation et de la diffusion des études historiques: caractère et conséquences.

[**On the Transformation and Spread of Historical Studies: Their Character and Consequences.**]

Communication faite à l'Académie d'Athènes à la séance du jeudi 14 avril 1927, s.l. 1927 (8 pages).

Later reprinted, in: Textes choisis Vol.I, pp.360-369.

1928

L'utilisation pédagogique de l'activité sportive.

[**Educational Use of Sports Activities.**]

Conférence donnée par M. le Baron Pierre de Coubertin à l'Aula de l'Université de Lausanne, Genève 1928 (8 pages).

[Excerpted from the columns of the "Sport Suisse" of novembre 1928].

Later reprinted, in: Textes choisis, Vol.I, pp.475-487.

La cure d'aviron.

[**The Cure of Rowing.**]

Ouchy, 1928 (15 pages).

[Published in "Praxis – Revue Suisse de Médecine", July 1928].

Later reprinted, in: Textes choisis, Vol.III, pp.226-231.

1929

Olympie. Conférence donné le 6 mars à la Mairie du XVI^e Arrondissement, à Paris. Genève, Impr.Burgi, 1929 (12 pages).

[**Lecture given at Paris, in the banqueting chamber of the Town Hall of the XVIth ward.**]

[Published in "Le Sport Suisse", July 1929]. Later reprinted, in:

1) *L'Idée Olympique. Edited by: Carl-Diem-Institut, pp.106-119.*

2) Textes choisis, Vol.II, pp.414-429.

1930

La Charte de la réforme sportive.

[**The Charter for Sports Reform.**]

Lausanne, Bureau International de Pédagogie Sportive, s.d. [1930], (7 pages). German, English, Spanish, French and Italian versions.

Later reprinted in French, in:

1) Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, n° 3, Lausanne [1930], pp.3-9.

2) Textes choisis, Vol.I, pp.636-637.

1932

Les Assises de la Cité prochaine.

[**The City of the Future.**]

Conférence donnée à Berne, le 19 avril 1932. Genève, Impr. Burgi, 1932 (8 pages).

Later reprinted, in:

Le Sport: Suisse, 28^e année, 4-18 mai 1932. Textes choisis, vol.I, pp.638-650.

Lettre à S.E. le Président du Conseil de la Société des Nations.

[**Letter to the President of the League of Nations.**]

(Lettre adressée par Pierre de Coubertin à M. Hymans, Président des Sociétés des Nations) s.l. [Genève], s.d. [1932], (7 pages).

Pour l'avenir de la civilisation.

[**For the Future of Civilization.**]

Publiée par l'Union Pédagogique Universelle (1925- 1930), Commission de Propagande. Genève- ve/ Paris/Athènes/ Lausanne/Aix-en-Provence, s.d. [1932], (3 pages).

1934

Quarante années d'Olympisme 1894]-1934. [Forty Years of Olympism 1894-1934.] Allocution prononcée lors de la célébration du 40^e

Anniversaire du Rétablissement des Jeux Olympiques par le baron de Coubertin le samedi 23 juin 1934 à l'Aula de l'Université de Lausanne. Genève, 1934.

Off-print (4 pages) of Sport Suisse, June 1934.

Later reprinted, in: Textes choisis, Vol.II, pp.346-351.

1935

Les Assises philosophiques de l'Olympisme moderne.

Message radiodiffusé de Berlin le 4 août 1935. Genève 1935.

[**The Philosophic Foundation of Modern Olympism.**]

Message broadcast from Berlin, August 1935.]

Off-print (4 pages) by Sport Suisse, August 1935. Later reprinted, in French, in:

1) L'Idée Olympique.

Edited by: Carl-Diem-Institut, pp.129-133.

2) Textes choisis, Vol.II, pp.4435-439.

in English, in: The Olympic Idea, pp.130-134.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.150-154.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.212-218.

1936

Note sur l'évolution du Philhellénisme.

[**Note on the Evolution of Philhellenism.**]

s.l., s.d. [1936], (4 pages).

Folhetos, pôsters, etc.

1894

Circulaire annonçant le Congrès International Athlétique. Paris, 15 janvier 1894 (1 page).
[Circular Announcing the International Athletic Congress in Paris.]
[Archives of the Czech Olympic Committee Prague].

Note pour la presse.
[A News Item.]
Paris, 1894 (1 page).

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.107-108.
Congrès International de Paris. Programme Préparatoire.
[The International Congress of Paris. Preparatory Programme.]
Paris, USFSA, 1894 (2 page).
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.106-107.

Congrès International Athlétique de Paris. 16-24 Juin 1894.
[The International Athletic Congress of Paris.]
Paris, USFSA, juin 1894 (4 pages).
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.111-114.

1905

Chronologie de l'Histoire de France.
[A Chronology of French History.]
s.l., s.d. [1905], gymnastique utilitaire s.l., s.d. [1980], (1 feuille A 3).
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.554-555.

1908

Gymnastique Utilitaire.
[Useful Sports.]
s.l., s.d. [1908], (1 feuille A 3).
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.554-555.

1912

Congrès de Lausanne. Psychologie et Physiologie Sportive. Lausanne, IOC, 1912 (4 pages).
[The Lausanne Congress. Sports – Psychology and Physiology.]
Later reprinted, in: Textes choisis, Vol.II, pp.259-260.

1913

To the Editor of the Morning Post.
Gand, Van Dosselaere, 1913 (1 page).
Later reprinted,
in French, in: L'Idée Olympique, edited by: Carl-Diem-Institut, pp.40-41.
in English, in: The Olympic Idea, pp.39-40.
in German, in: Der Olympische Gedanke, p.49. in
Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.73-74.

1915

Le Décalogue de 1915.
[The Decalogue of 1915.]
s.l., s.d. [1915], (une feuille A3).
[Published by Excelsior, January 1915; 1 page.]

La France depuis 1870.
[France after 1870.]
Paris 1915, (2 feuilles A 3).
Feuille 1: I^{ère} Période (1870-1897).
Feuille 2: II^e Période (1897-1914).

1918

Notice sur l'Institut Olympique de Lausanne.
[The Institut Olympique (Olympic Institute) in Lausanne.]
Lausanne 1918 (2 pages).
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.734-737

1919

Feuille d'Information de la Société de l'Histoire universelle.
[Information Leaflet of the Society of World History.]
s.l., s.d. [1919], (une feuille).

Lettre à Messieurs les membres du C.I.O.
[Letter to the Honourable Members of the International Olympic Committee.]
Off-print, [Lausanne, January, 1919].
Later reprinted, in French, in: 1) L'Idée Olympique.
Edited by: Carl-Diem-Institut, pp.67-72.
2) Textes choisis, Vol.II, pp.340-345.
in English, in: The Olympic Idea, pp.67-72.
in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.80-85, in
Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.116-124.

Circulaire aux membres du C.I.O. (sept. 1919).
[Circular to the Members of the IOC.]
Off-print, Lausanne, sept.1919 (2 pages).
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.709-710.

Circulaire aux membres du C.I.O. (Lausanne, 6 déc. 1919) [Circular to the members of the IOC: Boxing as olympic sport].

1921

Plan de Conférences Populaires.
[Plan for Popular Conferences.]
s.l., s.d. [1921], (une page).

Circulaire aux membres du C.I.O. (15 sept.1921), 1 page.
[Circular to the Members of the IOC.]
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.672.

1923

Le sport veut conquérir l'Afrique.
[Athletics Want to Conquer Africa.]
s.l. [Rome], s.d. [1923], (une page).
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.675.

1925

Message par radio transmis à l'occasion de l'inauguration des travaux de l'Union Pédagogique Universelle.

[Radio Broadcast Concerning the Inauguration of the Union Pédagogique Universelle (Universal Educational Union).]

Aix-en-Provence 1925 (une page).

Later reprinted, in: Textes choisis, Vol.I, p.627.

1927

A la Jeunesse sportive de toutes les nations.

[To the Sporting Youth of All Nations.]

Olympie, 17 avril 1927 (une page).

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.412.

1928

Message à tous les athlètes et participants aux Jeux Olympiques, assemblés à Amsterdam pour la célébration de la IX^e Olympiade.

[Message to the Athletes and Participants of the Olympic Games, meeting in Amsterdam for the Celebration of the IXth Olympiad.]

s.l., s.d. (2 pages). Later reprinted, in:

Bulletin Officiel du IOC, oct. 1928, p.31-32; Textes choisis, vol.II, pp.476-477.

Note sur le but et le fonctionnement du Bureau International de Pédagogie Sportive.

[Goal and Function of the International Bureau of Sports Pedagogy.]

Lausanne, avril 1928 (4 pages). Later reprinted, in:

Bulletin Officiel du CIO, mai 1929, p.13; Textes choisis, Vol.I, pp.633-635.

1932

Lettre ouverte à Armand Massard.

[Open Letter to Armand Massard.]

La Croix (Var), 19 mai 1932 (une page).

Lettre ouverte à S.E. Monsieur Hymans, Président de l'Assemblée de la Société des Nations

[Open Letter to S.E. Mr Hymans, President of the League of Nations.]

(une page).

1934

A mes amis hellènes.

[To My Greek Friends.]

s.l., avril 1934 (une page).

Later reprinted, in: Textes choisis, Vol.II, p.73.

Message imprimé adressé par Pierre de Coubertin au Comité de l'Organisation de la X^e Olympiade.

[A Printed Message Addressed to the Organisational Committee of the Xth Olympiad, by Pierre de Coubertin.]

s.l., 29 janvier 1934.

Message to the American Youth sent through the Associated Press on the occasion of the celebration of the 40th Anniversary of the Revival of the Olympic Games. Lausanne, 23 juin 1934 (une page).

Later reprinted, in French, in:

1) L'Idée Olympique, Edited by: Carl-Diem-Institut, pp.39-40, et la version française pp. pp.125-126.

2) Textes choisis, vol.I., pp.488-489.

in English, in: The Olympic Idea, pp.125-126.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.144-145.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.204-205.

Version française: Message à la Jeunesse américaine, publié par "Associated Press" lors de la célébration du 40^e anniversaire de la renaissance des Jeux Olympiques, 1934 (une page).

Later reprinted, in:

1) L'Idée Olympique. Edited by: Carl-Diem-Institut, pp.123-124.

2) Textes choisis, vol.I, pp.488-489.

1935

Le devoir des Philhellènes.

[The Philhellene's Duty.]

A Monsieur le Docteur Fr.-M. Messerli, président des amitiés gréco-suisse. Lausanne, 25 mars 1935.

Later reprinted, in Textes choisis, Vol.II, p.72.

1936

Aux coureurs d'Olympie - Berlin.

[To the Olympia - Berlin Runners.]

s.l., s.d. [juillet 1936].

Published in "Sport Suisse", July 1936 (1 page). Later reprinted, in French, in:

1) L'Idée Olympique. Edited by: Carl-Diem-Institut, pp.133-134. 2) Textes choisis, Vol.II, pp.430-434.

in English, in: The Olympic Idea, pp.134-135.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.154-155.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.218-220.

Discours du Baron de Coubertin pour la clôture des Jeux Olympiques de Berlin. s.l., s.d. (1936).

[Speech by Baron de Coubertin at the Close of the Berlin Olympic Games.]

Later reprinted,

in French, in: 1) L'Idée Olympique. Edited by: Carl-Diem-Institut, pp.134-135 (manuscrit).

2) Textes choisis, Vol.II, p.305.

in English, in: The Olympic Idea, pp.135-136.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.155-156.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.220-221.

L'Olympisme pénètre en Asie.

[Olympism Seeps into Asia.]

s.l., 1^{er} décembre 1936 (une page).

Artigos

* Ce texte, non signé, a été reconnu par l'équipe de rédaction comme un texte dont Coubertin est l'auteur.

1886

1^{er} nov. Les collègues anglais, Harrow School.

[English Schools: Harrow.]

In: La Réforme Sociale, 6^e année, 2^e série, tome II,

1^{er} novembre 1886, pp.466-473.

1^{er} déc. Les universités anglaises, Cambridge.

[English Universities: Cambridge.]

In: La Réforme Sociale, 6^e année, 2^e série, tome II, 1^{er}

décembre 1886, pp.593-604.

1887

15 fév. Courrier d'Irlande. Les difficultés de la situation.

[Ireland: The Difficulties of the Present Situation.]

In: La Réforme Sociale, 7^e année, 2^e série, tome III, 15

février 1887, pp.235-240.

10 mai Victorian Era 1837-1887.

In: Le Correspondant, nouvelle série, tome III,

3^e livraison du 10 mai 1887, pp.405-424.

1^{er} juin L'éducation anglaise.

[English Education.]

[Conférence faite à la Société d'Economie Sociale, séance du 18 avril 1887.] In: La Réforme Sociale, 7^e année, 2^e série, tome III, 1^{er} juin 1887, pp.633-648.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.142-158.

25 août Souvenirs d'Oxford et de Cambridge.

[Memories of Oxford and Cambridge.]

In: Le Correspondant, nouvelle série, tome 112, 4^e

livraison du 25 août 1887, pp.705-727.

Reprinted, in the special brochure: Extraits du Correspondant, Paris, J. Gervais, 1887, pp.7-30.

30 août Le surmenage.

[Overworking.]

In: Le Français, 30 août 1887.

Later reprinted, in excerpts in: L'Education Physique, 5^e année, 15 décembre 1906, n^o 22, pp.591-595.

And slightly modified in L'Education en Angleterre, Paris 1888, pp.295-308.

1^{er} sept. Toynbee Hall. Le patronage social à Londres et les étudiants anglais.

[Toynbee Hall. Charity in London and the English Students.]

In: La Réforme Sociale, 2^e série, tome III, 1^{er} sept. 1887, pp.227-233.

Reprinted with some editorial changes, in: L'Education en Angleterre, Paris, Hachette, 1888, pp.265-285.

Textes choisis, vol.I, pp.500-506.

14 nov. Un Programme: Le Play.

[A Programme: Le Play.]

Conférence faite le 14 novembre 1887 à la Société Nationale Française à Londres.

[The complete typed manuscript of this lecture is housed in the archives of the IOC]

Later reprinted, in excerpts, under the title: "Une Conférence à Londres", in:

1) La Réforme Sociale, 7^e année, 2^e série, tome IV, 15 décembre 1887, pp.621-622.

2) Textes choisis, vol.I, pp.543-559.

1888

1^{er} juin Paysages Irlandais.

[The Irish Countryside.]

Vol. 52 de l'Anthologie Contemporaine des Ecrivains Français et Belges. Paris 1888, 5^e série, n^o 4, 12 pages.

Later reprinted, in excerpts, in: Revue Athlétique, 2^e année, 25 mars 1891, n^o 3, pp.161-171.

1^{er} juin Statistiques irlandaises.

[Irish Statistics.]

(Enquête présentée à la Société d'Economie Sociale, séance du 9 avril 1888.) In: La Réforme Sociale, 8^e année, 2^e série, tome V, 1^{er} juin 1888, pp.661-668.

1^{er} juil. Visite du Lycée Lakanal.

[A Visit of the Lycée Lakanal.]

In: La Réforme Sociale, 8^e année, 2^e série, tome VI, 1^{er} juillet 1888, pp.37-38.

15 août Lettre aux Présidents des Sociétés d'aviron de Paris et de la province.

[Letter to the President of the Sociétés d'aviron (Rowing clubs) of Paris and the Provinces.]

In: L'Education Anglaise en France. Paris, Hachette, 1889, p.203.

1^{er} sept. Le remède au surmenage et la transformation des lycées de Paris.

[A Cure for Overworking and the Transformation of the Schools of Paris.]

Conférence faite à la réunion annuelle le 29 mai 1888.

In: La Réforme Sociale, 8^e année, 2^e série, tome VI,

1^{er} septembre 1888, pp.240-249. Later reprinted, in:

1) L'Education Anglaise en France. Paris, Hachette, 1889, pp.3-20.

2) Off-print: Paris, Impr. de Chaix, 1888 (19 pages).

3) Textes choisis, vol.I, pp.82-91.

1^{er} sept. Lettre aux membres de la Société d'Economie Sociale et des Unions.

[Letter to the Members of the Société d'Economie Sociale and the Unions.]

In: La Réforme Sociale, 8^e année, 2^e série, tome VI, 1^{er} septembre 1888, pp.249-252.

Later reprinted under the title: "Lettre aux membres de la Société d'économie sociale et des Unions de la paix

sociale, Paris 1^{er} août 1888", in:

1) L'Education Anglaise en France. Paris, Hachette, 1889, pp.199-202.

2) Textes choisis, vol.I, pp.108-110.

1^{er} oct. L'université catholique américaine.

[The American Catholic University.]

In: La Réforme Sociale, 8^e année, 2^e série, tome VI,

1^{er} octobre 1888, pp.349-351.

27 oct. La Ligue Nationale de l'éducation physique.

[The National League of Physical Education.]

In: L'Education Anglaise en France. Paris, Hachette, 1889, pp.204-206.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.111-112.

1889

26 janv. L'Education athlétique.

[Athletic Education.]

Conférence faite le 26 janvier 1889 à l'Association Française pour l'Avancement des Sciences. In: Association Française pour l'Avancement des Sciences. Compte rendu de la 18^e session. Paris, Masson, 1889, pp.15-25. Off-print: Paris, Impr. Chaix, 1889 (23 pages).

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.159-173.

mars Préface.

[Foreword.]

In: Manuel des Jeux Scolaires et des Exercices Athlétiques. Publié par le Comité pour la Propagation des Exercices Physiques dans l'Education. Paris, Delalain Frères, 1889, p.3.

5 juin Les exercices physiques.

[Physical Exercise.]

(Conférence faite le 19 mai au Prytanée de La Flèche.)

In:: La Revue Prytanéenne.Organe des anciens élèves de La Flèche, 7^e année, 5 juin 1889, n° 22, pp.1035-1038.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.569-574

15 juin Les exercices physiques dans les écoles d'Angleterre, d'Amérique, d'Australie et dans les Colonies anglaises.

[Physical Exercise in Schools in England, America, Australia, and the English Colonies.]

In: Exposition Universelle de 1889. Congrès des Exercices Physiques. Compte rendu des séances et concours. Paris, Publications des Annales Economiques, 1889.

16 sept. L'éducation de la paix.

[An Education for Peace.]

In: La Réforme Sociale, 2^e série, tome VII, 16 septembre 1889, pp.361-363.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.174-177.

30 nov. Athletics and Gymnastics. Discours au Physical Training Congress de Boston.

In: Barrows, Isabel (Ed.): Physical Training. A Full Report of the Papers and Discussions of the Conference

held in Boston in novembre, 1889. Boston, Press of George H. Ellis, 1890, pp.112-115.

1890

Préface.

[Foreword.]

In: Charles, J-B.: Ma Méthode. Paris, Maison Quantin, 1890, pp.1-5.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.181-182.

25 janv. Le Boniment.

[Marketing.]

In: La Revue Athlétique, 1^{ère} année, 25 janvier 1890, n° 1, pp.1-5.

25 janv. Rapport. Présenté à l'Assemblée Générale du Comité de Propagation des Exercices physiques tenue à la Sorbonne le 15 janvier 1890.

[Report to the General Assembly of the Committee for the Propagation of Physical Exercise. Sorbonne, Paris, 15 January 1890.]

In: La Revue Athlétique, 1^{ère} année, 25 janvier 1890, n° 1, 15 pp.43-47.

fév. A Monsieur Eusèbe Martincourt.

[To Eusèbe Martincourt.]

In: Revue Athlétique, 1^{ère} année, 15 février 1890, n° 2, pp.81-82.

5 avr. Causerie d'Avril.

[April Small Talk.]

In: Les Sports Athlétiques, Paris, 1^{ère} année, 5 avril 1890, n° 1, p. 1.

25 avr. L'Université Cornell à Ithaca

(Etat de New York).

[Cornell University at Ithaca (State of New York).]

In: La Revue Athlétique, 1^{ère} année, 25 avril 1890, n° 4, pp.193-202.

25 mai L'Exposition Athlétique.

[Athletic Exposition.]

In: La Revue Athlétique, 1^{ère} année, 25 mai 1890, n° 5, pp.259-264.

25 juil. Rapport du Secrétaire Général.

[Report of the Secretary General to the General Assembly of the USFSA.] In: La Revue Athlétique, 1^{ère} année, 25 juillet 1890, n° 7, pp.387-393.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.545-550.

23 août Causerie.

[Small Talk.]

In: Les Sports Athlétiques, 1^{ère} année, 23 août 1890, n° 21, p.3.

25 août Les Collèges d'Australie.

[**Australian Colleges.**]

Documents du Congrès des exercices physiques.

In: La Revue Athlétique, 1^{ère} année, 25 août 1890, n° 8, pp.449-462.

6 sept. Aux bains de mer.

[**At a Seaside Resort.**]

In: Les Sports Athlétiques, 1^{ère} année, 6 septembre 1890, n° 23, pp.3-4.

20 sept. Le Duel.

[**The Duel.**]

In: Les Sports Athlétiques, 1^{ère} année, 20 septembre 1890, n° 25, p.3.

11 oct. Un peu de zèle, s.v.p.

[**Some Zeal, If You Please!**]

In: Les Sports Athlétiques, 1^{ère} année, 11 octobre 1890, n° 28, pp.1,4.

25 oct. Louvain.

[**Louvain/Leuven.**]

In: La Revue Athlétique, 1^{ère} année, 25 octobre 1890, n° 10, pp.577-589.

nov. Appel pour la création d'un enseignement universitaire ouvrier.

[**Appeal for the Establishment of Worker Education.**] In: Anthologie, Aix-en-Provence, Impr. P. Roubaud, 1933, pp.165-166.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.507-508.

9 nov. Equitation.

[**Horse-Riding.**]

In: Les Sports Athlétiques, 1^{ère} année, 9 novembre 1890, n° 32, pp.1,4.

22 nov. Changement de direction.

[**A Change of Direction.**]

In: Les Sports Athlétiques, 1^{ère} année, 22 novembre 1890, n° 32, pp.1-2.

25 nov. Un Athlète.

[**An Athlete.**]

In: La Revue Athlétique, 1^{ère} année, 25 novembre 1890, n° 11, pp.641-650. [Critique d'un livre.]

13 déc. Deux douches.

[**Two Showers.**]

In: Les Sports Athlétiques, 1^{ère} année, 13 décembre 1890, n° 37, pp.5-6.

25 déc. Les Jeux Olympiques à Much Wenlock. Une page de l'histoire de l'athlétisme.

[**The Olympic Games at Much Wenlock.**]

In: La Revue Athlétique, 1^{ère} année, 25 décembre 1890, n° 12, pp.705-713.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.78-84.

27 déc. Mensonge.

[**A Lie.**]

In: Les Sports Athlétiques, 1^{ère} année, 27 décembre 1890, n° 39, p.4.

1891

8 janv. Le Conseil Supérieur de l'Education Physique.

[**The Council for Physical Education.**]

Rapport présenté à la troisième session annuelle du Comité de Propagation des Exercices Physiques, tenue à la Sorbonne le 8 janvier 1891.

In: La Revue Athlétique, 2^e année, 25 janvier 1891, pp.24-31. There is an 8 pages off-print of this work.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.575-580.

10 janv. Bonne année.

[**Happy New Year.**]

In: Les Sports Athlétiques, 2^e année, 10 janvier 1891, n°41, p.3.

24 janv. Correspondance.

[**Correspondence.**]

In: Les Sports Athlétiques, 2^e année, 24 janvier 1891, n° 43, p.6.

14 fév. Correspondance.

[**Correspondence.**]

In: Les Sports Athlétiques, 2^e année, 14 février 1891, n° 46, p.9.

21 fév. Bons points.

[**Some Good Points.**]

In: Les Sports Athlétiques, 2^e année, 21 février 1891 n°51, pp.2-3.

25 fév. Au Prytanée de La Flèche.

[**At the Prytanée de La Flèche College.**]

In: La Revue Athlétique, 2^e année, 25 février 1891, n° 2, pp.65-72.

7 mars- Bons poings (I et II).

[**Good Fists. (French Pun on "Good Points".)**]

14 mars In: Les Sports Athlétiques,

1^{ère} partie: 2^e année, 7 mars 1891, n° 49, pp.2-3. 2^e

partie: 2^e année, 14 mars 1891, n° 50, pp.3-4.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.169-173.

21 mars La Ligue et l'Union.

[**The League and the Union.**]

In: Les Sports Athlétiques, 2^e année, 21 mars 1891, n° 51, p.3.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.581-582.

11 avr. L'Athlétisme, son rôle et son histoire.

[**Athletism. Its Role and Its History.**]

Conférence faite le 11 avril à l'Union Chrétienne de Jeunes Gens de Paris. In: La Revue Athlétique, 2^e année, 25 avril 1891, n° 4, pp.193-207.

Later reprinted (slightly modified), in: *L'Education Physique*,

I. 9^e année, 31 mars 1910, n° 6, pp.145-150.

II: 9^e année, 15 avril 1910, n° 7, pp.159-172.

25 mai La vie scolaire au Cap.

Documents du Congrès des Exercices Physiques (1889).

[*School Life at the Cap. Documents of the Physical Exercise Congress* (1889).]

In: *La Revue Athlétique*, 2^e année, 25 mai 1891, n° 5, pp.257-265.

13 juin Attaques & Riposte.

[*Attacks and Answers.*]

In: *Les Sports Athlétiques*, 2^e année, 13 juin 1891, n° 63, pp.2-3.

13 juin Correspondance.

[*Correspondence.*]

In: *Les Sports Athlétiques*, 2^e année, 13 juin 1891, n° 63, p.8.

25 juin L'Egypte athlétique.

[*Sports in Egypt.*]

In: *La Revue Athlétique*, 2^e année, 25 juin 1891, n°6, pp.368-370. [Regarding its authenticity, see Notes sur l'Education publique. Paris, Hachette, 1901, pp.128-130.]

25 juil. Assemblée Générale de l'Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques [USFSA]. Rapport du Secrétaire Général.

[*General Assembly of the USFSA. Report of the Secretary General.*]

In: *La Revue Athlétique*, 2^e année, 25 juillet 1891, n° 7, pp.385-388.

Later reprinted, in:

Les Sports Athlétiques, 2^e année, 1^{er} août 1891, n° 70, p.2, et 8 août 1891, n° 71, p.2.

Textes choisis, vol.

25 juil. Un concours littéraire entre athlètes.

[*A Literary Competition between Athletes.*]

In: *Les Sports Athlétiques*, 2^e année, 25 juillet 1891, n° 69, pp.2-3.

Later reprinted, in: *Textes choisis*, vol.I, pp.567-568.

5 sept. En bicyclette.

[*Riding a Bike.*]

In: *Les Sports Athlétiques*, 2^e année, 5 septembre 1891, n° 75, pp.1-2.

Later reprinted, in: *Textes choisis*, vol.III, pp.262-263.

10 sept. La Renaissance universitaire.

[*A University Renaissance.*]

In: *La Grande Revue*, 5^e année, 10 septembre 1891, pp.465-472.

10 oct. Un sport exotique.

[*An Exotic Sport.*]

In: *Les Sports Athlétiques*, 2^e année, 10 octobre 1891, n° 80, p.2.

Later reprinted with slight editorial changes, under the title: "Le pêcheur de tortues". In:

1) *Revue Olympique*, 7^e année, février 1907, pp.215-217.

2) *Anthologie*. Aix-en-Provence, Impr. P. Roubaud, 1933, pp.146-147.

25 oct. Les Ambitions du Docteur Lagrange.

[*Doctor Lagrange's Ambitions.*]

In: *La Revue Athlétique*, 2^e année, 25 octobre 1891, n° 11, pp.577-584. [Critique d'un livre.]

25 nov. Dans la Hague.

[*The Hague.*]

In: *La Revue Athlétique*, 2^e année, 25 novembre 1891, n° 11, pp.641-647.

Later reprinted, in: *Revue du Pays de Caux*, 1^{ère} année, juillet 1902, n° 3, pp.113-115.

28 nov. Correspondance. (Lettre à Monsieur Stock.)

[*Correspondence: Letter to Monsieur Stock.*]

In: *L'Aviron*, 6^e année, 28 novembre 1891, p.79.

5 déc. Ceci tuera cela!

[*This Will Kill That!*]

In: *Les Sports Athlétiques*, 2^e année, 5 décembre 1891, n° 88, pp.2-3.

10 déc. Dans les Universités transatlantiques.

La Promotion de 1860 à Harvard. Un discours du Président Preston Johnston - Etudiants de Chicago.

[*In Transatlantic Universities: Harvard, 1860. A Speech by President Preston Johnston. Students from Chicago.*]

In: *La Grande Revue*, 5^e année, 10 décembre 1891, pp.476-483.

26 déc. Union. Rapport de la Commission de Football.

Présenté au Comité et adopté dans sa dernière séance.

[*Report of the Commission de Football. Presented to the Committee and Accepted at Its Last Meeting.*]

In: *Les Sports Athlétiques*, 2^e année, 19 décembre 1891, n° 90, pp.2-3, et 26 décembre 1891, n° 91, p.2.

1892

2 janv. Aux Champs-Élysées.

[*Olympics in the Netherworld.*]

In: *Les Sports Athlétiques*, 3^e année, 2 janvier 1892, n° 92, pp.10-11.

Later reprinted, in:

1) *Revue Olympique*, 7^e année, avril 1907, pp.252-254.

2) *L'Education physique*, 10^e année, 31 mai 1911, n° 10, pp.260-262.

3) *Textes choisis*, vol.III, pp.656-657.

9 jan.-27 fév.

* Caractères sportifs.

[**Sportsmen.**]

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année,

I. 9 janvier 1892, n° 93, pp.6-7;

II: 16 janvier 1892, n° 94, pp.4-5;

III: 30 janvier 1892, n° 96, pp.5-6;

IV: 6 février 1892, n° 97, pp.3-4;

V: 13 février 1892, n° 98, pp.3-4;

VI: 20 février 1892, n° 99, p.4;

VII: 27 février 1892, n° 100, p.5.

13 fév. Correspondance.

[**Correspondence.**]

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année, 13 février 1892,

n° 95, p.12.

23 janv. Causerie du samedi.

[**Saturday Small Talk:** Union membership figures].

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année, 23 janvier 1892,

n° 95, pp.4-5.

6 fév. Causerie du samedi.

[**Saturday Small Talk:** Believing and Acting]

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année, 6 février 1892,

n° 97, pp.2-3.

20 fév. Causerie du samedi.

[**Saturday Small Talk:** The Philosophy of Football.]

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année, 20 février 1892,

n° 99, p.3.

Later reprinted (slightly modified) in articles, in:

“Les Associations Athlétiques. Organisation et fonctionnement dans les lycées et les collèges français (pp.523-525)”. In: Revue Universitaire, 1^{ère} année, tome 1, 15 mai 1892, pp.521-543.

12 mars Causeries du samedi.

[**Saturday Small Talk:** To Alphonse Daudet.]

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année, 12 mars 1892,

n° 102, pp.2-3.

3 avr. Causerie du samedi.

[**Saturday Small Talk:** Voyage of Capt. Lancrenon.

Sports Exhibition at Scheveningen.]

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année, 2 avril 1892, n° 105,

pp.3-4.

15 mai Les Associations Athlétiques. Organisation et fonctionnement dans les lycées et les collèges français. (Rapport présenté à la séance du Comité de propagation des exercices physiques à la Sorbonne, le 7 mars 1892.)

[**The Athletics Associations. Organization and Functionings in French Schools and Colleges. Report presented at the Meeting of the Committee for the Propagation of Physical Exercise at the Sorbonne.**]

In: Revue Universitaire, 1^{ère} année, tome 1, 15 mai 1892, pp.521-542.

Off-print Paris, Armand Colin, 1892 (24 pages).

28 mai Causerie du samedi.

[**Saturday Small Talk:** On an article published in the “Soleil”.]

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année, 28 mai 1892,

n° 113, pp.3-4.

10 juil. Union. Assemblée Générale. Rapport du Secrétaire Général.

[**General Assembly . Report of the Secretary General.**]

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année, 23 juillet 1892,

n° 121, pp.1-3.

27 août Causerie du samedi.

[**Saturday Small Talk:** Excessive competitions.]

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année, 27 août 1892,

n° 126, p.2.

10 sept. Causerie du samedi.

[**Saturday Small Talk.**]

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année, 27 août 1892,

n° 128, p.2-3.

19 sept. L'enseignement de la géographie.

[**Teaching Geography.**]

(Communication du congrès de l'Association Française pour l'Avancement des Sciences à Pau, le 19 septembre 1892.)

In: Association Française pour l'Avancement des Sciences, Congrès de Pau, 1892. Paris 1892, pp.871-880.

Later reprinted, in excerpts under the title “Géographie nouvelle”, in: Anthologie. Aix-en-Provence, Impr. P. Roubaud, 1933, pp.11-12.

29 oct. Causerie du samedi.

[**Saturday Small Talk:** Letter of Mr. Brookes.]

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année, 29 octobre 1892

n°135, pp.2-3.

25 nov. Les exercices physiques dans le monde moderne. Conférence faite à la Sorbonne, 25 novembre 1892, in: Pierre de Coubertin: Le Manifeste Olympique, introduit par François d'Amat, Lausanne, Les Editions du Grand Pont, 1994, pp.45-58.

English version: **Physical Exercises in the Modern**

World. Lecture given at the Sorbonne, novembre 1892, pp.66-79.

31 déc. Souhais du Nouvel An.

[**Good Wishes for the New Year.**]

In: Les Sports Athlétiques, 3^e année, 31 décembre 1892,

n° 144, p.3.

1893

Californie d'autrefois.

[**The California of the Past.**]

In: Anthologie. Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1933, pp.133-136.

1^{er} avr. A travers l'Athlétisme.

[**On Athletism.** Introduction of sports in France. International role.]

In: Journal des Débats Politiques et Littéraires, 105^e année, 1^{er} avril 1893, pp.1-2.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.264-266.

16 avr. Les petits Alps.

In: Les Sports Athlétiques, 4^e année, 16 avril 1893, n° 160, p.7.

6 mai A travers l'Athlétisme. [**On Athletism.** Polo on horseback.]

In: Journal des Débats Politiques et Littéraires, 105^e année, 6 mai 1893, p. 1.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.298-302.

6 juin A travers l'Athlétisme.

[**On Athletism.** Voyage of Capt. Lancrenon. Limits of modern sport.]

In: Journal des Débats Politiques et Littéraires, 105^e année, 6 juin 1893, pp.1-2.

1^{er} juil. La Politique de l'Union.

(Discours prononcé par le secrétaire de l'Union, le 25 juin 1893 à Chartres.) In: Les Sports Athlétiques, 4^e année, [**The Policies of the Union. Speech by the the Secretary of the Union. (Union of French Athletic Sports Associations/ USFSA).**]

1^{er} juillet 1893, n° 170, pp.3-5.

9 juil. A travers l'Athlétisme.

[**On Athletism.** At Henley. Gladstone.]

In: Journal des Débats Politiques et Littéraires, 105^e année, 9 juillet 1893, p. 1.

15 juil. Union. Assemblée Générale. [Speech M. de Coubertin, July, 11, 1893.]

In: Les Sports Athlétiques, 4^e année, 15 juillet 1893, n° 172, pp.2-4.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.99-103.

15 juil. Correspondance.

[**Correspondence.**]

In: Les Sports Athlétiques, 4^e année, 15 juillet 1893, n° 172, p.18.

7 août A travers l'Athlétisme. [**On Athletism.** Cycling.]

In: Journal des Débats Politiques et Littéraires, 105^e année, 7 août 1893, pp.1-2.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.

8 sept. A travers l'Athlétisme.

[**On Athletism.** Tennis.]

In: Journal des Débats Politiques et Littéraires, 105^e année, 8 septembre 1893, p.3.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.275-278.

9 sept. Correspondance.

[**Correspondence.**]

In: Les Sports Athlétiques, 4^e année, 9 septembre 1893, n° 180, pp.19-20.

16 sept. Correspondance.

[**Correspondence.**]

In: Les Sports Athlétiques, 4^e année, 9 septembre 1893, n° 181, pp.1-2.

16 sept. Correspondance.

[**Correspondence.**]

In: Les Sports Athlétiques, 4^e année, 16 septembre 1893, n° 181, pp.19-20.

14 oct. Lettre d'Amérique.

[**Letter from America.**]

In: Les Sports Athlétiques, 4^e année, 2 octobre 1893, n° 185, pp.13-14.

28 oct. Chicago Chronique.

[**A Chicago Chronicle.**]

In: Les Sports Athlétiques, 4^e année, 28 octobre 1893, n° 187, pp.3-4.

2 déc. Lettre d'Amérique.

[**Letter from America.**]

In: Les Sports Athlétiques, 4^e année, 2 décembre 1893, n° 192, p.15.

1894

13 janv. Napoléon et le football.

[**Napoleon and Football.**]

In: Les Sports Athlétiques, 5^e année, 13 janvier 1894, n° 198, pp.24-26.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.283-286.

3 mars Lettre ouverte aux potaches de France..

[**An Open Letter to the Students at French Schools.**]

In: Les Sports Athlétiques, 5^e année, 3 mars 1894, n° 205, pp.160-161.

14 avr. La Bataille de Caen.

[**The Battle of Caen.**]

In: Les Sports Athlétiques, 5^e année, 14 avril, n° 211, p.291.

15 avr. Sur la côte de Californie.

[**On the Californian Coast.**]

In: La Revue de Paris, 15 avril 1894, pp.204-224. Later reprinted, in: Souvenirs d'Amérique et de Grèce. Paris, Hachette, 1897, pp.33-59.

15 juin Le Rétablissement des Jeux Olympiques.

In: La Revue de Paris, 15 juin 1894, pp.170-184.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.551-564.

English translation: The Reestablishment of the Olympic Games. In: The Chautauquan, A Monthly Magazine, Vol. XIX, New Series, Volume X, April 1894, pp.696-700.

[Partie I & III similar to the speech at the Sorbonne, november, 25, 1892.]

23 juin Lettre à M. A. Fleuret, président de la Fédération des Sociétés nautiques parisiennes.

[Letter to M.A. Fleuret, the President of the Nautical Societies of Paris.]

In: Les Sports Athlétiques, 5^e année, 23 juin 1894, n° 221, p.520.

30 juin Congrès International de Paris.

[Discours au Banquet de clôture.]

[The International Congress of Paris.

Speech at the Closing Dinner.]

In: Les Sports Athlétiques, 5^e année, 30 juin 1894, n° 222, p.537.

Later reprinted, in:

1) Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques, 1^{ère} année, juillet 1894, no 1, p.3.

2) Textes choisis, vol.II, pp.362-363.

juil. Le Congrès de Paris.

[The Congress of Paris.]

In: Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques, 1^{ère} année, juillet 1894, n° 1, p. 1.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.104-105.

14 juil. USFSA. Assemblée Générale. [Speech.]

In: Les Sports Athlétiques, 5^e année, 14 juillet 1894, n° 224, pp.572-573.

28 juil. Championnats "nationaux".

["National" Championships.]

In: Les Sports Athlétiques, 5^e année, 28 juillet 1894, n° 226, pp.673-674.

11 août Exercices de sport.

[Exercises.]

In: Association Française pour l'Avancement des Sciences. Compte rendu de la 23^e session. 1^{ère} partie. Paris, Mas- son, 1894, pp.241-251.

[Speech at the Caen conference of the Association Française pour l'Avancement des Sciences, session of August 11, 1894.]

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.429-442.

11 août Un tennis dans les roses.

[Playing Tennis Surrounded by Roses.]

In: Les Sports Athlétiques, 5^e année, 11 août 1894, n° 228, pp.711-712.

25 août Le bilan du Congrès de Caen.

[Summing up the Caen Congress.]

In: Les Sports Athlétiques, 5^e année, 25 août 1894, n° 230, pp.752-753.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.583-585.

oct. Chronique. [The character of our enterprise].

In: Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques, 1^{ère} année, octobre 1894, n° 2, p. 1.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.593-595.

27 oct. Interpellation.

[Objection.]

In: Les Sports Athlétiques, 5^e année, 27 octobre 1894, n° 239, pp.931-932.

16 nov. Le Néo-olympisme. Appel à l'opinion athénienne. Conférence faite à la société littéraire "Le Parnass" à Athènes.

[Athletics in the Modern World and the Olympic Games.]

In: Le Messager d'Athènes, Athènes/Paris, 1894, n° 39, pp.287-288, et 1894, n° 42, pp.306-309.

Later reprinted under the title "Jeux Olympiques.

Discours à Athènes (16 nov.1894)", in:

Textes choisis, vol.II, pp.364-375.

Later reprinted in excerpts under the title: "L'Athlétisme dans le monde moderne et les Jeux Olympiques", in:

2) Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques, 2^e année, janvier 1895, n° 3, p.4.

3) L'Idée Olympique, pp.6-9. Later reprinted,

in English, in: The Olympic Idea, pp.7-10.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.7-10. in

Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.19-24.

1895

Avant-propos.

[Foreword.]

In: USFSA (Ed.): Manuel d'Hygiène athlétique. Paris, F. Alcan, 1895, pp.5-8.

1896

Il est d'ordinaire... [Les Jeux Olympiques modernes.]

[The Olympic Games of 1896.]

In: Les Jeux Olympiques 776 av. J.-C. - 1896.Second part: Les Jeux Olympiques de 1896. Rapport officiel.

Edition grecque-française: Athènes/Paris, Ch. Beck/H. Le Soudier, 1896, pp.1-7.

Edition allemande-anglaise: Athens/Leipzig/London, Ch. Beck/F.Volckmar/H.Grevel, 1897, pp.1-8.

Later reprinted, in:

1) L'Idée Olympique, pp.9-13.

2) Under the title: "Les Jeux Olympiques modernes", in: Textes choisis, vol.II, pp.124-128.

Later reprinted,

in English, in: The Olympic Idea, pp.10-14.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.11-15. in

Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.24-30.

15 fév.-15 mars

L'évolution française sous la troisième république.

In: La Nouvelle Revue,

1^{ère} partie, 18^e année, tome 98, 15 février 1896, pp.705-723;

2^e partie, 18^e année, tome 99, 1^{er} avril 1896, pp.52-69;
3^e partie, 18^e année, tome 99, 15 avril 1896, pp.265-284.
Reproduit sous forme de livre: Paris, Plon & Cie, 1896.
Traduction anglaise: The evolution of France under the
third republic. New York, Boston, Th. Y. Crowell, 1897.

mars The Government of France
and its recent changes.
In: The Review of Reviews, vol. XIII, mars 1896,
pp.307-310.

avril La préface des Jeux Olympiques.
[Preface for the Olympic Games.]
In: Cosmopolis, vol. II, avril 1896, n° 4, pp.146-159.
Later reprinted, in:
1) Souvenirs d'Amérique et de Grèce. Paris, Hachette,
1897, pp.101-120.
2) Textes choisis, vol.II, pp.85-96.

18 avr. Lettre à son Altesse Royale.
[Letter to His Royal Highness.] Athènes, le 3/15 avril
1896.
In: Les Jeux Olympiques. Supplément n° 15 of the
Messager d'Athènes, 18 avril 1896, n° 6, p.67.

18 avr. Protocole des décisions adoptées par le Comité.
[Protocol of the Decisions Taken by the Committee.]
In: Les Jeux Olympiques. Supplément n° 15 du Messager
d'Athènes, 18 avril 1896, n° 6, p.69.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.596-597.

30 avr. To the Editor of the Times.
In: The Times, New York, 30 avril, 1896, p.12. Later
reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.163.

juin The Franco-Russian Alliance.
In: The Review of Reviews, vol. XIII, juin 1896,
pp.700-702.

13 juin Jules Simon.
In: Les Sports Athlétiques, 7^e année, 13 juin 1896,
n° 324, pp.443-444.

oct. Jules Simon.
In: The Review of Reviews, vol. XIV, octobre 1896,
pp.450-454.

1^{er} oct. La mission des va-nu-pieds.
[The Mission of the Barefoot Runners.]
In: La Nouvelle Revue, 18^e année, tome 102, 1^{er} octobre
1896, pp.364-370.
Later reprinted, in: Souvenirs d'Amérique et de Grèce.
Paris, Hachette, 1897, pp.89-98.

22 oct. Le mouvement universitaire aux Etats-Unis.
Au directeur du "Temps".
[The University Movement in the US.

To the Editor of "Le Temps".]
In: Le Temps, n° 12 927, 22 octobre, 1896, p. 1.

nov. The Olympic Games of 1896.
In: The Century Illustrated Monthley Magazine, vol.
LIII, nouvelle série, vol. XXXI, nov. 1896, pp.39-53.

15 déc. La formation des Etats-Unis: I. La vie coloniale.
[History of the United States I: Life in the Colonies.]
In: La Nouvelle Revue, 18^e année, tome 103, 15
décembre 1896, pp.712-732.

1897
janv. A Typical Englishman: Dr. W.P. Brookes of
Wenlock in Shropshire.
In: The Review of Reviews, vol. XV, janvier 1897,
pp.62-65.

1^{er} janv. La formation des Etats-Unis: II. Une guerre de
cent ans.
[History of the United States II: A One-Hundred-Years
War.]
In: La Nouvelle Revue, 19^e année, tome 104, 1^{er} janvier
1897, pp.55-79.

7 janv. Aux Associations Athlétiques Scolaires de
l'USFSA.
[To the School Associations of the USFSA.]
In: Les Sports Athlétiques, 8^e année, 7 janvier 1897,
n° 553, pp.19-20.

15 janv. La formation des Etats-Unis:
III. Depuis l'indépendance.
[History of the United States III: Independence.]
In: La Nouvelle Revue, 19^e année, tome 104, 15 janvier
1897, pp.319-342.

1^{er} fév. La formation des Etats-Unis: IV. Les influences
étrangères et les ambitions nationales.
[History of the United States IV: Foreign Influences and
National Ambitions.]
In: La Nouvelle Revue, 19^e année, tome 104, 1^{er} février
1897, pp.495-516.

mars L'Amérique universitaire.
[American Universities.]
In: Cosmopolis, vol. V, mars 1897, n° XV, pp.780-794.

15 mars Un mensonge historique.
[A Historical Lie.]
In: La Nouvelle Revue, 19^e année, tome 105, 15 mars
1897, pp.243-248.

29 mars Médecin, précepteur et homme politique.
[Sport: Physician, Teacher, and Politician.]
In: Tous les Sports, 8^e année, 29 mars 1897, n° 409, p. 1.

mai The Chancellor of the French Republic - Gabriel Hanotaux.
In: The Review of Reviews, vol. XV, mai 1897, pp.545-548.

juil. The Revival of the French Universities.
In: The Review of Reviews, vol. XVI, juillet 1897, pp.52-56.

1^{er} juil. La formation des Etats-Unis: V. L'effervescence religieuse.
[History of the United States V: The Upsurge of Religion.]
In: La Nouvelle Revue, 19^e année, tome 107, 1^{er} juillet 1897, pp.459-481.

sept. Royalists and Republicans. Notes of a Parisian.
In: The Century Magazine, vol. LIV, septembre 1897, n° 5, pp.643-654

15 sept. Sigismond de Justh.
In: La Nouvelle Revue, 19^e année, tome 108, 15 septembre 1897, pp.261-270.

1^{er} déc. A French View of the British Empire.
In: The Fortnightly Review, vol. LXII, nouvelle série, 1^{er} décembre 1897, n° 372, pp.803-816.

1898

28 janv. La question des scolaires.
[School Matters.]
In: Tous les Sports, 9^e année, 28 janv. 1898, n° 453, p. 1.
Later reprinted, in: Bulletin Officiel de l'U.S.F.S.A., 9^e année, 30 janvier 1898, n° 409, pp.33-34.

1^{er} mars Contradictions of Modern France. The Military Paradox.
In: The Fortnightly Review, vol. LXIII, nouvelle série, 1^{er} mars 1898, n° 375, pp.341-353.

avril Does Cosmopolitan Life Lead to International Friendliness?
In: The Review of Reviews, vol. XVII, avril 1898, n° 4, pp.429-434.

mai Die Beziehungen zwischen Europa und den Vereinigten Staaten im 20. Jahrhundert.
[Relations between Europe and the United States in the Twentieth Century.(German Text)]
In: Deutsche Revue, 23^e année, mai 1898, n° 5, pp.222- 231.

juin Contradictions of Modern France.
The Political Paradox. In: The Fortnightly Review, vol. LXIII, nouvelle série, juin 1898, pp.977-991.

4 juin La philosophie de l'histoire des Etats-Unis.
[The Philosophy of History of the United States.]
Ve leçon donnée à l'Ecole des Sciences Politiques à Paris, le mercredi 18 avril 1898.

In: Revue Bleue, 35^e année, 4^e série, tome IX, 4 juin 1898, n° 23, pp.708-715.
Reprinted in the form of a brochure, on the occasion of the author's 70th birthday, by his friends in America, s. 1. 1933, (16 pages).

9 juil Nos Lycéens.
[Our Students.]
In: La Revue Bleue.
I. 35^e année, 4^e série, tome IX, 25 juin 1898, n° 26, pp.801-810;
II: 35^e année, 4^e série, tome X, 2 juillet 1898, n° 1, pp.17-21;
III: 35^e année, 4^e série, tome X, 9 juillet 1898, n° 2, pp.47-52.

août The Present Problems and Politics of France. In: The American Monthly Review of Review, vol. 18, août 1898, n° 2, pp.186-194.

sept. The Redemption of Athletics.
In: Monthly Building, vol. V, septembre 1898, pp.167-168.

nov. Building up a World's fair in France.
In: The Century Illustrated Monthly Magazine, vol. LVII, novembre 1898, pp.114-126.

1899

fév.-déc. France since 1814.
In: Fortnightly Review, vol. LXV, nouvelle série, 1899, pp.186-211, 572-585, 817-834, 1026-1037; vol. LXVI, nouvelle série, 1899, pp.241-255, 843-855, 977-990.
Reprinted in book form. New York, Mac Millan, 1900, (281 pages).

15 fév.-15 avr.
Le Roman d'un Rallié.
In: La Nouvelle Revue,
I. 21^e année, tome LXVI, 15 février, pp.577-601;
II: 21^e année, tome LXVII, 1^{er} mars, pp.44-68;
III: 21^e année, tome LXVII, 15 mars, pp.222-247;
IV: 21^e année, tome LXVII, 1^{er} avril, pp.452-482;
V: 21^e année, tome LXVII, 15 avril, pp.650-684; [signed with the pseudonym Georges Hohrod].
Reprinted, in book form: Auxerre, A. Lanier, 1902.

mars Dépôtsions de M. de Coubertin.
[Contribution by Baron de Coubertin.]
In: Ribot, M: Enquête sur l'enseignement secondaire. Procès-verbaux des dépositions. Paris 1899, pp.433-435.

avril Some notes on the new French President.
In: The American Monthly Review of Reviews, vol. 19, avril 1899, pp.423-426.

1^{er} avr. L'Urgente Réforme. [An Urgent Reform.] In: La Nouvelle Revue, tome 117, 1^{er} avril 1899, pp.385-401.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol. I, pp.178-193.

15 mai L'éducation en Hollande. Collégiens et étudiants.
In: La Revue des Deux Mondes, vol. 154, 4^e période, 69^e année, 15 mai 1899, pp.359-378.

juin Die religiöse Frage in den Vereinigten Staaten und in Europa.

[The Question of Religion in the United States and Europe. (German Text)]

In: Deutsche Revue, 24^e année, juin 1899, n° 6, pp.287-296.

juil. Modern History and Historians in France.

In: The American Monthly Review of Reviews, vol. 20, juillet 1899, pp.43-50.

12 nov.-13 déc.

L'avenir de l'Europe.

[The Future of Europe.]

In: L'Indépendance Belge, 70^e année,

12 nov. 1899, p.1: L'empire allemand (I);

[The German Empire.]

19 nov. 1899, p.1: L'imbroglio hongrois (II);

[Hungarian Chaos.]

22 nov. 1899, p.1: Le problème russe (III);

[The Russian Question.]

13 nov. 1899, p.1: Esprit public et nationalisme (IV);

[Public Spirit and Nationalism.] Le monde anglo-saxon (V); [The Anglo-Saxon World.] Conclusion (VI).

[Conclusion.]

Brochure spéciale: Bruxelles, Impr. Deverver-Deweuwe, 1900 (48 pages). In: Anthologie, Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1933, pp.119-120.

1900

14 janv.-29 oct.

Lettres d'un indépendant I - XLII.

[Letters of an Independent.]

In: L'Indépendance Belge, 71^e année, 1900. 14 janv. p.1: I [Peace];

24 janv. p.1: II [Stead and his pacifist movement]; 26

janv. p.1: III [Austro-Hungary];

28 janv. p.1: IV [Kipling in the Transvaal]; 1^{er} fév. p.1:

V [The French, arbiters of peace]; 2 fév. p.1: VI [The French, arbiters of peace]; 11 fév. p.1: VII [South Africa];

17 fév. p.1: VIII [Letter from Jordan, President of the University of Palo Alto, on democracy];

19 fév. p.1: IX [Sweden and Norway] 28 fév. p.1: X [A new Triple];

4 mars pp.1-2: XI [Jacobinism];

14 mars p.1: XII [A letter from Sienkiewicz]; 21 mars p.1: XIII [France and Italy];

26 mars p.1: XIV [The Episcopate]; 3 avril p.1: XV [Arbitration];

11 avril p.1: XVI [Father Didon];

18 avril p.1: XVII [Queen Victoria in Ireland];

22 avril p.1: XVIII [Anglo-Saxonism];

1^{er} mai p.1: XIX [Marchand, Colonel de Villebois, the Anglophobia of the French];

9 mai p.1: XX [India];

18 mai p.1: XXI [Contact between civilizations];

28 mai p.1: XXII [Boers and Hellenes];

12 juin p.1: XXIII [The English Government];

16 juin p.1: XXIV [The new French municipalities];

24 juin p.1: XXV [French democracy and monarchy];

29 juin p.1: XXVI [Mrs. Gladstone];

4 juil. p.1: XXVII [The regulation of marriage];

9 juil. p.1: XXVIII [Imbert de St-Amand];

18 juil. p.1: XXIX [The voyage of Li-Hung-Chang];

3 août p.1: XXX [South Africa];

5 août p.1: XXXI [China, France]; 19 août p.1: XXXII [The anarchists];

23 août p.1: XXXIII [French novelists];

6 sept. p.1: XXXIV [England, France, and Asia];

9 sept. p.1: XXXV [The renewal of Greece]

10 sept. p.1: XXXVI [European diplomacy];

25 sept. p.1: XXXVII [The Priests' Conference and the Feminist Conference at the 1900 World's Fair];

9 oct. p.1: XXXVIII [Australia]; 10 oct. p.1: XXXIX [The Balkans];

14 oct. p.1: XL [The state of mind of the French army and the risk of an Anglo-French conflict];

25 oct. p.1: XLI [The electoral fight of Bryan-Mac Kinley]; 29 oct. p.1: XLII [Adrien Pauly and Paul Blanchet].

22 janv. Les Jeux Olympiques et le Congrès d'Education Physique de 1900.

[The Olympic Games and the Congress for Physical Education of 1900.]

In: L'Indépendance Belge, 71^e année, 22 janv. 1900, p.2. Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.187-190.

fév. A French View of the German Empire. In: The Review of Reviews, vol. XXI, février 1900, pp.177-183.

1^{er} mai The Possibility of a War between England and France.

In: The Fortnightly Review, LXVII, nouvelle série, 1^{er} mai 1900, n° 401, pp.719-729.

juin The Meeting of the Olympian Games.

In: The North American Review, vol. CLXX, juin 1900, pp.802-811.

1^{er} juil. La Psychologie du Sport.

[Sports Psychology.]

In: La Revue des Deux Mondes, 70^e année, 4^e période, tome 160, 1^{er} juillet 1900, pp.167-179.

Later reprinted avec quelques changements rédactionnels, In: 1) Notes sur l'Education Publique. Paris, Hachette, 1901, pp.152-173.

2) Essais de Psychologie Sportive. Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.9-16.

3) Textes choisis, vol.

1901

janv. L'Œuvre du Comité International Olympique.
[The Work of the International Olympic Committee.]
In: Revue Olympique, 1^{ère} année, janvier 1901, pp.5-11
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.325-330.

avr. Correspondance et faits divers. [Nordic Games.
New IOC-members.Chicago 1904. IOC-Session 190].
In: Revue Olympique, 1^{ère} année, avril 1901, pp.24-25.

avr. France on the Wrong Track.
In: The Review of Reviews, vol. XXIII, avril 1901,
pp.447-450.

avr. Olympiades Boréales. Les Jeux du Nord à
Stockholm.
[Boréales Olympics. The Nordic Games at Stockholm.]
In: Revue Olympique, 1^{ère} année, avril 1901, pp.17-24.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.311-317.

15 avr. Une Expérience Sportive.
[A Sports Experience.]
In: Revue Mensuelle du Touring-Club de France, 15
avril 1901, pp.148-149.

22 mai Everyday Training.
Not a Difficult Feat to Keep One's Muscles in Good
Working Order. Baron Coubertin's Views. Describes His
Remarkable Achievement of Six Hours' Continuous and
Difficult Exercise.
In: The New York Herald, European Edition, Second
section, Paris, 26 mai 1901, p.2.

juin England and France.
The Conditions of Franco-British Peace.
In: The Fortnightly Review, vol. LXIX, nouvelle série,
juin 1901, pp.1013-1021.

juil. * La réunion du Comité International Olympique.
[The Reunion of the International Olympic Committee.]
In: Revue Olympique, 1^{ère} année, juillet 1901, pp.29-37.

oct. The Problem of Central Europe.
In: The Fortnightly Review, vol. LXX, nouvelle série,
octobre 1901, pp.605-614.

oct. * Solidarité internationale.
[International Solidarity.]
In: Revue Olympique, 1^{ère} année, octobre 1901, p.47.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.444.

oct. * Courrier de Chicago.
[A Message from Chicago.]
In: Revue Olympique, 1^{ère} année, octobre 1901, pp.55-57.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.192-194.

oct. * L'année sportive
[Sports Throughout the Year.]

In: Revue Olympique, 1^{ère} année, octobre 1901, p.47-54.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.267-270.

1902

janv. * Le Congrès de Bruxelles.
[The Brussels Congress.]
In: Revue Olympique, 2^e année, janvier 1902, pp.3-6.

janv. * Une Rectification nécessaire.
[A Necessary Correction.]
In: Revue Olympique, 2^e année, janvier 1902, pp.10-12.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.164-165.

janv. * La charte de l'amateurisme.
[The Charter of Amateurism.]
In: Revue Olympique, 2^e année, janvier 1902, pp.14-16.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.565-567.

janv. M. Delcassé: A Character Sketch.
In: Fortnightly Review, vol. LXX, nouvelle série, janvier
1902, pp.71-80.

15 fév. La Force Nationale et le Sport.
[Sports and the Army.]
In: La Revue des Deux Mondes, 72^e année, 15 février
1902, pp.916-924.

mars * Voir loin, parler franc, agir ferme.
[See Far, Speak Openly, Act Firmly.]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{ère} année, mars 1902, n° 1,
pp.3-4.

mars * Ce qui se passe dans le monde.
[Goings-on in the World.]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{ère} année, mars 1902, n° 1,
pp.4-15.

mars * Questions pédagogiques.
[Educational Questions.]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{ère} année, mars 1902, n° 1,
pp.16-21.

mars * Le problème de l'Europe Centrale.
[The Central Europe Question.]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{ère} année, mars 1902, n° 1,
pp.21-29.

mars * La dernière gerbe de Victor Hugo.
[A Last Book by Victor Hugo.]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{ère} année, mars 1902, n° 1,
pp.29-33.

mars * Hygiène et propreté.
[Hygiene.]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{ère} année, mars 1902, n° 1,
pp.33-35.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.625-627.

mars * La fille sauvage.

[The Savage Girl.]

In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, mars 1902, n° 1, pp.36-39.

mars * Questions financières.

[Financial Questions.]

In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, mars 1902, n° 1, pp.39-40.

20 mars Une Nouvelle Formule d'Education Physique.
[A New Formula for Physical Education.]

(Conférence faite à la Salle de la Société de Géographie le jeudi 20 mars 1902.)

In: Revue Mensuelle du Touring-Club de France, 20 mars 1902, pp.146-151.

Later reprinted, in:

1) Le Stand, 23^e année,

12 juin 1902, n° 1049, p.181;

31 juillet 1902, n° 1055, p.237;

14 août 1902, n° 1056, p.246;

21/28 août 1902, n° 1058 et 1059, pp.255-256;

4 septembre 1902, n° 1060, p.265.

2) Le Sport Suisse, 26^e année, 4 juin 1930, p.1, (I);

11 juin 1930, p.1, (II).

3) Textes choisis, vol.III, pp.453-463.

mai * Ni perdus ni sauvés.

[Neither Lost Nor Saved.]

In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, mai 1902, n° 2, pp.43-44.

mai * Ce qui se passe dans le monde.

[Goings-on in the World.]

In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, mai 1902, n° 2, pp.45-55.

mai * Un procès électoral aux Etats-Unis.

[Elections in the United States.]

In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, mai 1902, n° 2, pp.56-57.

mai * Le drame sud-africain.

[The South-African Drama.]

In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, mai 1902, n° 2, pp.57-70.

mai * Cecil Rhodes.

In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, mai 1902, n° 2, pp.70-75.

mai * Les Français en Chine.

[The French in China.]

In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, mai 1902, n° 2, pp.75-78.

mai * Questions financières.

[Financial Questions.]

In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, mai 1902, n° 2, pp.78-79.

juil. * Echos et Nouvelles. [Prince Georges Bibesco.

IOC News. Fondation of NOCs. Roosevelt and St.Louis. IOC and Physical Education].

In: Revue Olympique, 2^e année, juillet 1902, pp.43-47.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.655-666; pp.694-695.

juil. * Le coq et l'habit.

[The Cock and the New 20 Centimes Coin.]

In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, juillet 1902, n° 3, pp.83-84.

Later reprinted, in: Revue pour les Français, 2^e année, juin 1907, pp.683-685.

juil. * Ce qui se passe dans le monde.

[Goings-on in the World.]

In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, juillet 1902, n° 3, pp.85-100.

juil. L'éducation physique de vos fils.

[Your Sons' Physical Education.]

In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, juillet 1902, n° 3, pp.100-113.

Later reprinted, in:

1) L'Education Physique,

I. 7^e année, 31 juillet 1908, n° 14, pp.390-391;

II: 7^e année, 31 août 1908, n° 16, pp.447-448;

III: 7^e année, 15 septembre 1908, n° 17, pp.474-476;

IV: 7^e année, 31 décembre 1908, n° 24, pp.670-671;

V: 8^e année, 15 janvier 1909, n° 1, pp.24-25.

2) Textes choisis, vol.III, pp.464-475.

14 juil. Le dilemme.

[The Dilemma.]

In: Le Figaro, 48^e année, 14 juillet 1902, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.1-4.

25 juil. La politique extérieure des Etats-Unis.

[Foreign Policy of the United States.]

In: Le Figaro, 48^e année, 25 juillet 1902, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.5-9.

16 août L'Education physique au XX^e siècle: La

débrouillardise.

[Physical Education in the XXth Century: Unraveling.]

In: Le Figaro, 48^e année, 16 août 1902, p.3. Later

reprinted, in:

Le Stand, 23^e année, 21 et 28 août 1902, n° 1058 et 1059, pp.254-255.

Textes choisis, vol.III, pp.476480.

21 août L'Education physique au XX^e siècle: La mémoire des muscles.
[Physical Education in the XXth Century: The Memory of Muscles.]
In: Le Figaro, 4^e année, 21 août 1902, pp.1-2.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.335-338.

sept. * Le cadeau de la méchante fée.
[The Gift of the Bad Fairy.]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, septembre 1902, n° 4, pp.123-124.

sept. * Ce qui se passe dans le monde.
[Goings-on in the World.]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, septembre 1902 n°4, pp.124-135.

sept. * Que faut-il penser du socialisme ?
[What Should We Think of Socialism?]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, septembre 1902, n°4, pp.136-146.

sept. * Un milliardaire américain - Andrew Carnegie.
[An American Billionaire: Andrew Carnegie.]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, septembre 1902, pp.146-151.

1^{er} sept. L'Espagne et ses filles.
[Spain and Her Daughters.]
In: Le Figaro, 48^e année, 1^{er} septembre 1902, p.1. Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.10-14.

8 sept. L'Education physique au XX^e siècle. Le raid et la gymkhana.
[Physical Education in the XXth Century: Endurance.]
In: Le Figaro, 48^e année. 8 septembre 1902, pp.1-2.

23 sept. Les étapes d'une illusion.
[Stages of an Illusion.]
In: Le Figaro, 48^e année, 23 septembre 1902, p. 1. Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.15-20.

oct. * Le tableau de l'éducation physique au XX^e siècle.
[A Preview of Physical Education in the XXth Century.]
In: Revue Olympique, 2^e année, octobre 1902, pp.51-65.
Later reprinted, in:
Textes choisis, vol.III, pp.384-396.
Last paragraphe "Les obstacles et les aides", in: Textes choisis, vol.II, pp.568-569.

15 oct. La résurrection des peuples.
[The Rebirth of Greek Democracy.]
In: Le Figaro, 48^e année, 15 octobre 1902, p.1. Later reprinted, in: Pages d'Histoire contem- poraine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.21-25.

24 oct. Le Prestige français.
[French Prestige.]
In: Le Figaro, 48^e année, 24 septembre 1902, p. 1. Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.26-31.

nov. * Mer ou continent.
[Sea or Continent.]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, novembre 1902, n° 5, pp.163-165.

nov. * Ce qui se passe dans le monde.
[Goings-on in the World.]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, novembre 1902, n° 5, pp.165-185.

nov. * L'Indo-Chine française.
[French Indo-China.]
In: Revue du Pays de Caux, 1^{re} année, novembre 1902, n° 5, pp.185-197.

6 nov. L'Education physique au XX^e siècle: la peur et le sport.
[Physical Education in the XXth Century: Fear and Sports.]
In: Le Figaro, 6 novembre 1902, pp.1-2.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.372-374.

14 déc. Notre épopée lointaine.
[Colonialism.]
In: Le Figaro, 48^e année, 14 décembre 1902, p. 1.,
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.32-36.

déc. Are the Public Schools a Failure? A French View.
In: Fortnightly Review, vol. LXXI, décembre 1902, pp.979-986.

1903

janv. * Récapitulation.
[Summary.]
In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, janvier 1903, n° 1, pp.3-5.

janv. * Ce qui se passe dans le monde.
[Goings-on in the World.]
In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, janvier 1903, n° 1, pp.5-20.

janv. L'évolution de la démocratie.
[The Evolution of Democracy.]
In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, janvier 1903, n° 1, pp.21-29.
Later reprinted, in: Revue pour les Français, 2^e année, novembre 1907, pp.895-903.

janv. * Histoire d'un archipel brumeux (I et II).

[**History of a Foggy Island.**]

In: Revue du Pays de Caux,

I. 2^e année, janvier 1903, n° 1, pp.29-39.

II. 2^e année, mai 1903, n° 3, pp.112-118.

8 janv. Le Problème de l'Europe centrale.

[**The Central Europe Question.**]

In: Le Figaro, 49^e année, 8 janvier 1903, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.

Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.37-41.

10 janv. L'Education physique au XX^e siècle: le record.

[**Physical Education in the XXth Century: Records.**]

In: Le Figaro, 10 janvier 1903, pp.1-2.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.375-377.

14 janv. Que ferons-nous?

[**What Are We Going to Do?**]

In: Le Figaro, 49^e année, 14 janvier 1903, p.1. Later

reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris,

Plon-Nourrit, 1909, pp.42-46.

2 fév.-20 oct.

Lettres d'un indépendant (XLIV - LVIII)

[**Letters of an Independent.**]

In: L'Indépendance Belge, 74^e année, 1903,

2 fév., p.1: XLIV [Théroigne de Méricourt];

9 fév., p.1: XLV [Naturalizations];

24 fév., p.1: XLVI [The Paris Congress of 1856];

9 mars, p.1: XLVII [The catechism of the Walloon, by

Albert du Bois];

30 mars, p.1: XLVIII [Delcassé];

6 avr., p.1: XLIX [The chicken of the "mousquetaires".];

4 mai, p.1: LII [On the resignation of Colonel

de Coubertin];

19 mai, p.1: L [Bohemia];

4 juin, p.1: LI [The essays of Max Nordau];

8 juin, p.1: LIII [Shakespeare and Victor Hugo];

15 juin, p.1: LIV [Events in Serbia];

13 juil., p.2: LV [The sympathy of the English for

France]; 2 août, p.1: LVI [Pius IX and Leo XIII];

20 oct., p.1: LVIII [Travel].

fév. * Les Jeux du Nord à Kristiania.

[**The Nordic Games in Kristiania.**]

In: Revue Olympique, 3^e année, février 1903, pp.13-14.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.318-319.

13 fév. La Louisiane française.

[**French Louisiana.**]

In: Le Figaro, 49^e année, 13 février 1903, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.

Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.47-50.

mars * Notre alliée.

[**Our Ally.**]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, mars 1903, n° 2,

pp.43-45.

mars * Ce qui se passe dans le monde.

[**Goings-on in the World.**]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, mars 1903, n° 2,

pp.45-58.

mars * Un passé compliqué.

[**A Complicated Past.**]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, mars 1903, n° 2,

pp.59-69.

mars * L'impasse russe.

[**The Russian Dead End.**]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, mars 1903, n° 2,

pp.69-77.

mars * Deux mots sur la Finlande.

[**Some Remarks about Finland.**]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, mars 1903, n° 2,

pp.77-78.

13 mars Le Rêve de la Grèce.

[**The Greek Dream.**]

In: Le Figaro, 49^e année, 13 mars 1903, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.

Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.51-55.

31 mars Le prochain pontificat

[**The Next Pope.**]

In: Le Figaro, 49^e année, 31 mars 1903, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.

Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.60-64.

avril * Rome pour 1908.

[**Rome for 1908.**]

In: Revue Olympique, 3^e année, avril 1903, pp.22-23.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.218-219.

23 avril La Transformation de la Méditerranée.

[**The Transformation of the Mediterranean.**]

In: Le Figaro, 49^e année, 23 avril 1903, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.

Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.56-59.

mai * Semailles et récoltes.

[**Sowing and Reaping.**]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, mai 1903, n° 3,

pp.83-84.

mai * Ce qui se passe dans le monde.

[**Goings-on in the World.**]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, mai 1903, n° 3,

pp.85-99.

mai * Le voyage présidentiel en Algérie et en Tunisie.

[**The Journey of the French President to Algeria and**

Tunisia.]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, mai 1903, n° 3,

pp.99-110.

mai * Sur les pentes du Pincio et du Parnasse.

[On the Hillside of Pincio and Parnassos.]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, mai 1903, n° 3, pp.110-112.

13 juin Responsabilités nationales.

[National Responsibilities.]

In: Le Figaro, 49^e année, 13 juin 1903, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.

Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.65-68.

juil. * L'organisation olympique.

[The Olympic Organization.]

In: Revue Olympique, 3^e année, juillet 1903, pp.35-38.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.598-601.

juil. * Le parapluie.

[The Umbrella.]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, juillet 1903, n° 4,

pp.123-124.

juil. * Ce qui se passe dans le monde.

[Goings-on in the World.]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, juillet 1903, n° 4,

pp.124-140.

juil. * Jules Simon.

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, juillet 1903, n° 4,

pp.141-151.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.588-596.

juil. * La vie et la mort.

[Life and Death.]

Revue du Pays de Caux, 2^e année, juillet 1903, n° 4,

pp.151-153.

juil. * Le conclave.

[The Conclave.]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, juillet 1903, n° 4,

pp.153-159.

2 juil. L'incertitude magyare.

[The Hungarian Kind of Independence.]

In: Le Figaro, 49^e année, 2 juillet 1903, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.

Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.69-73.

23 juil. L'entente cordiale.

[The Entente Cordiale.]

In: Le Figaro, 49^e année, 23 juillet 1903, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.

Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.74-78.

10 août Le redressement de l'axe.

[The French-Russian Axis.]

In: Le Figaro, 49^e année, 10 août 1903, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.

Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.79-83.

31 août L'ère des vice-rois.

[The Era of Vice-Kings.]

In: Le Figaro, 49^e année, 31 août 1903, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.

Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.84-87.

5 sept. Roosevelt et Tolstoï.

[Roosevelt and Tolstoy.]

In: Le Figaro, 49^e année, 5 septembre 1903, p.1. Later

reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris,

Plon-Nourrit, 1909, pp.88-92.

26 sept. La question nègre.

[The Negro Question.]

In: Le Figaro, 49^e année, 26 septembre 1903, p.1. Later

reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris,

Plon-Nourrit, 1909, pp.93-97.

oct. * Notes sportives. [Santos Dumont. Automobi-

lism. Nordic Games. Pelota. Golf].

In: Revue Olympique, 3^e année, oct. 1903, pp.58-63.

18 oct. Un empire latin.

[A Latin Empire.]

In: Le Figaro, 49^e année, 18 octobre 1903, p.1. Later

reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris,

Plon-Nourrit, 1909, pp.98-102.

nov. * Ce qui se passe dans le monde.

[Goings-on in the World.]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, novembre 1903,

n° 5, pp.163-177.

nov. * La France et l'Italie.

[France and Italy.]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, novembre 1903,

n° 5, pp.178-191.

nov. * La richesse italienne.

[Italian Wealth.]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, novembre 1903,

n° 5, pp.191-195.

nov. * L'union latine.

[The Latin Union.]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, novembre 1903,

n° 5, pp.195-198.

nov. * Changements prochains.

[Changes in the Near Future.]

In: Revue du Pays de Caux, 2^e année, novembre 1903,

n° 5, pp.198-199.

12 nov. La revanche de Tammany.

[The Revenge of the Tammany.]

In: Le Figaro, 49^e année, 12 novembre 1903, p.1. Later

reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris,

Plon-Nourrit, 1909, pp.103-107.

25 nov. La Campagne de l'Education physique.

[**The Campaign for Physical Education.**]

In: Le Correspondant, tome 177, nouvelle série,
4^e livraison du 25 novembre 1903, pp.701-717.

28 nov. Nos historiens.

[**Our Historians.**]

In: Le Figaro, 49^e année, 28 novembre 1903, p.1. Later
reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris,
Plon-Nourrit, 1909, pp.108-112.

23 déc. L'œuvre de paix.

[**The Work of Peace.**]

In: Le Figaro, 49^e année, 23 décembre 1903, p.1. Later
reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris,
Plon-Nourrit, 1909, pp.113-117.

1904

8 janv. La visite.

[**The Visit.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 8, 8 janvier 1904, p.1. Later
reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris,
Plon-Nourrit, 1909, pp.118-121.

12 janv. Les bases de la pédagogie prochaine:

I. Le retour de Dieu.

[**The Foundations of the New Education I: The Return
of God.**]

In: Le Gaulois, 37^e année, 12 janvier 1904, p.1.

18 janv. Le cercle de fer.

[**The Ring of Fire.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 18, 18 janvier 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.122-126.

28 janv. Les bases de la pédagogie prochaine:

II. La paix armée.

[**The Foundations of the New Education II: Peace in Arms.**]

In: Le Gaulois, 37^e année, 28 janvier 1904, p.1.

9 fév. Les bases de la pédagogie prochaine:

III. La revanche des Anciens.

[**The Foundations of the New Education**

III: The Revenge of Classical Antiquity.]

In: Le Gaulois, 37^e année, 9 février 1904, p.1.

13 fév. L'entr'acte australien.

[**Australian Interlude.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 44, 13 février 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.127-130.

24 fév. La marche arrière.

[**Backward Movement.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 55, 24 février 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.131-134.

10 mars Le sens critique.

[**The Critical Sense.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 70, 10 mars 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.135-138.

26 mars Renaissance navale.

[**Nautical Renaissance.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 86, 26 mars 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.139-142.

6 avr. Grains de riz et rayons de gloire.

[**Rice Grains and Halos.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 97, 6 avril 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.143-146.

15 avr. Regrets et espérances.

[**Hopes and Regrets.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 106, 15 avril 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.147-151.

30 avr. La lumière du Nord.

[**Northern Lights.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 121, 30 avril 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.152-156.

18 mai Les leçons d'un cortège.

[**Lessons of a Parade.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 139, 18 mai 1904, p.1. Later
reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris,
Plon-Nourrit, 1909, pp.157-160.

27 mai Les Français en Océanie.

[**The French in Oceania.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 148, 27 mai 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.161-165.

10 juin Donner sans retenir.

[**Giving Without Holding Back.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 162, 10 juin 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.165-169.

28 juil. L'Angleterre nouvelle.

[**The New England.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 210, 28 juillet 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.170-174.

4 août L'Olympiade romaine.

[**The Roman Olympiad.**]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 218, 4 août 1904, p.1.

Later reprinted, in:

1) Revue Olympique, 4^e année, août 1904, pp.75-78.

2) Textes choisis, vol.II, pp.220-222.

août * Notes sportives. [International activities].
In: Revue Olympique, 4^e année, août 1904, pp.78-80.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.657-659.

27 août Le carrefour néerlandais.
[Dutch Colonialism.]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 240, 27 août 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.175-178.

22 sept. Chimères.
[Fantasies.]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 266, 22 septembre 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.179-182.

oct. The Statesmen of the Third Republic.
In: Fortnightly Review, vol. LXXVI, octobre 1904,
pp.623-633.

5 oct. L'usine britannique.
[The British Factory.]

In: Le Figaro, 50^e année, n° 280, 5 octobre 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.183-186.

15 nov. La triple bataille de Bohême.
[The Threefold Fight of Bohemia.]
In: Le Figaro, 50^e année, n° 320, 15 novembre 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.187-190.

30 nov. Les conditions du progrès scandinave.
[The Conditions of Scandinavian Progress.]
In: Le Figaro, 50^e année, n° 335, 30 novembre 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.191-194.

13 déc. Le flambeau à sept branches.
[The Seven-Branched Candelabrum.]
In: Le Figaro, 50^e année, n° 348, 13 décembre 1904, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.195-198.

1905

Avant-propos. [The results of Brussels].
[Foreword.]
In: IOC (Ed.): Congrès International de Sport et d'Edu-
cation physique. Auxerre, Lanier, 1905, pp.5-8.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.214216.

Discours à la séance d'ouverture.
[Speech given at the opening session.]
In: IOC (Ed.): Congrès International de Sport et d'Edu-
cation physique. Auxerre, Lanier, 1905, pp.15-16.

Séance solennelle pour la distribution des Diplômes
Olympiques. (Laudationes)
[Ceremony at the Distribution of the Olympic Diplomas.]

In: IOC (Ed.): Congrès International de Sport et d'Edu-
cation physique. Auxerre, Lanier, 1905, pp.237- 246.

janv. * Programme du Congrès.
[Congress Programme.]

In: Revue Olympique, 5^e année, janvier 1905, pp.9-15.

26 janv. L'homme des Nouvelles-Hébrides.
[The Man from the New Hebrides.]
In: Le Figaro, 51^e année, 26 janvier 1905, p.1. Later
reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris,
Plon-Nourrit, 1909, pp.199-202.

14 fév. Le partage nécessaire.
[The Necessary Division.]
In: Le Figaro, 51^e année, 14 février 1905, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.203-207.

8 avr. L'ennemi.
[The Enemy.]
In: L'Auto, 51^e année, 8 avril 1905, p.1.

10 avril L'hellénisme.
[Hellenism.]
In: Le Figaro, 51^e année, 10 avril 1905, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.208-211.

17 avr. Un évangile germanique.
[A German Gospel.]
In: Le Figaro, 51^e année, 17 avril 1905, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.212-215.

21 avr. France et Allemagne.
[France and Germany.]
In: Le Figaro, 51^e année, 21 avril 1905, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.216-219.

24 mai 1453 et 1905.
[1453 and 1905.]
In: Le Figaro, 51^e année, 24 mai 1905, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.220-223.

11 juin Der olympische Kongreß in Brüssel.
[The Olympic Congress of Brussels.]
In: Die Zeit, Wien, 11.6.1905, Nr. 978, p.29.

7 juil. Le Comité des missions.
[Church Missions.]
In: Le Figaro, 51^e année, 7 juillet 1905, p.1.
Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.
Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.224-227.

25 juil. L'Afrique française.

[**French Africa.**]

In: Le Figaro, 51^e année, 25 juillet 1905, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.228-231.

6 août La Fortune de l'Hellade.

[**Greek Financial Circumstances.**]

In: Le Figaro, 51^e année, 6 août 1905, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.232-235.

5 sept. Le langage, la race et l'unité.

[**Language, Race, and Unity.**]

In: Le Figaro, 51^e année, 5 septembre 1905, pp.1-2.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.236-239.

18 sept. La récompense.

[**Reward.**]

In: Le Figaro, 51^e année, 18 septembre 1905, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.240-243.

6 oct. Nos amis roumains.

[**Our Romanian Friends.**]

In: Le Figaro, 51^e année, 6 octobre 1905, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.244-247.

18 oct. Victoires dédaignées.

[**Spurned Victories.**]

In: Le Figaro, 51^e année, 18 octobre 1905, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.248-251.

1er nov. Toutes les Russies.

[**All Russias.**]

In: Le Figaro, 51^e année, 1er novembre 1905, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.252-255.

22 nov. L'erreur initiale.

[**The Initial Mistake.**]

In: Le Figaro, 51^e année, 22 novembre 1905, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.256-259.

26 nov. Les diplomates contre les consuls?

[**Diplomats Against Consuls?**]

In: Le Figaro, 51^e année, 26 novembre 1905, p.1.

1er déc. Les Devoirs des Hellènes et des Philhellènes.

[**The Duties of Hellenes and Philhellenes.**]

In: L'Hellénisme, Paris, 2^e année, 1er décembre 1905, n° 12, pp.1-2.

6 déc. Ni Rome ni Carthage?

[**Neither Rome Nor Carthage?**]

In: Le Figaro, 51^e année, 6 décembre 1905, p.1. Later

reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.260-263.

18 déc. Maintenant... renouons.

[**And Now ... Let's Take It Up Again.**]

In: Le Figaro, 51^e année, 18 décembre 1905, p.1. Later

reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.264-267.

Circulaire aux membres du C.I.O. (déc.1905) [**Circular: Olympic Cup.**]

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.648-649.

1906

Le Play, réformateur et sociologue.

[**Le Play: Reformer and Sociologist.**]

In: La Chronique de France, 7^e année, pp.158-173. Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.560-566.

janv. A propos du Jiu-Jitsu.

[**About Jiu-Jitsu.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, janvier 1906, pp.5-7.

janv. Le souci de l'hygiène est-il un signe de décadence?

[**Are Hygienic Worries A Sign of Decadence?**]

In: Revue Olympique, 6^e année, janvier 1906, pp.7-9.

janv. Chronique du mois: La royauté du football.

Prouesses nautiques et autres. Les Salons de

l'Automobile. La revanche du fleuret.

[**Chronicle of the Month: Football is King. Nautical Success and Others. Automobiles. Rapier Revenge.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, janvier 1906, pp.9-14.

janv. Révolution mentale.

[**Mental Revolution.**]

In: Revue pour les Français, 1^{re} année, janvier 1906, pp.3-6.

Later reprinted, in:

1) Le Figaro, 52^e année, 10 janvier 1906, p.1.

2) Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.268-271.

janv. La Pologne inconnue.

[**Unknown Poland.**]

In: Revue pour les Français, 1^{re} année, janvier 1906, pp.14-25.

28 janv. Le contact de l'arme.

[**Fighting for Peace.**]

In: Le Figaro, 52^e année, 28 janvier 1906, p.1. Later

reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.272-275.

fév. L'équitation populaire.

[**Horse-Riding.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, février 1906, pp.20-22.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 7^e année, 31 octobre 1908, n° 20, pp.554-557.

2) Textes choisis, vol.III, pp.194-196.

fév. Traité d'escrime équestre.

[**Fencing on Horseback.**]

Revised by Pierre de Coubertin et Louis Pascaud.

In: Revue Olympique, 6^e année, février 1906, pp.27-32.

Off-print: Editions de la Revue Olympique. Auxerre, Lanier, 1906, 8 pages.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.250-257.

fév. * La présidence de la République française.

[**The Presidency of the French Republic.**]

In: Revue pour les Français, 1^{re} année, février 1906, pp.43-46.

fév. Français et Romains en Afrique.

[**The French and the Romans in Africa.**]

In: Revue pour les Français, 1^{re} année, février 1906, pp.62-70.

Publié antérieurement, in: La Chronique de France, 6^e année, 1905, pp.150-167.

fév. Paysages de Californie.

[**Californian Landscapes.**]

In: Revue pour les Français, 1^{re} année, février 1906, pp.74-78.

Later reprinted, in excerpts, under the title: "Californie d'autrefois", in: Anthologie. Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1933, pp.133-135.

14 fév. Le balancier britannique.

[**The British Pendulum.**]

In: Le Figaro, 52^e année, 14 février 1906, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.276-280.

mars La houle.

[**The Swell.**]

In: Revue pour les Français, 1^{re} année, mars 1906, pp.83-84.

mars La nudité dans les sports.

[**Nudity and Sports.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, mars 1906, n° 3, pp.35-38.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 6^e année, 15 octobre 1907, n° 19, pp.515-518.

2) Textes choisis, vol.III, pp.628-631.

mars Chronique du mois: Jeux artificiels. Ingérence inattendue. Encore ces prix en espèces. Entre boxeurs. Le train Renard.

[**Chronicle of the Month: Artificial Games. Interference. Still Those Money Prizes. Among Boxers. The Train Renard.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, mars 1906, pp.43-47.

mars Les premières épreuves de Gymnastique utilitaire.

[**The First Tests for Useful Lifetime Sports.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, mars 1906, pp.39-43.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.556-560.

14 mars Faute d'un chemin de fer.

[**A Railway in the Desert?**]

In: Le Figaro, 52^e année, 14 mars 1906, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.281-284.

avr. A travers l'histoire grecque.

[**Greek History.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, avril 1906. (Special edition on the occasion of the International Olympic Games of Athens), pp.51-57.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.26-31. Off-print: Auxerre, Lanier, 1906.

avr. * L'Hellénisme.

[**Hellenism.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, avril 1906. (Special edition on the occasion of the International Olympic Games of Athens), p.57.

avr. * Propos sur l'art grec.

[**On Greek Art.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, avril 1906. (Special edition on the occasion of the International Olympic Games of Athens), pp.57-58.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.53.

avr. * En fait d'athlétisme.

[**Concerning Athletism.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, avril 1906. (Special edition on the occasion of the International Olympic Games of Athens), pp.58-59.

avr. * Le devoir d'un Philhellène.

[**The Philhellene's Duty.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, avril 1906. (Special edition on the occasion of the International Olympic Games of Athens), p.64.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.47.

avr. * Programme électoral.

[**Electoral Programme.**]

In: Revue pour les Français, 1^{re} année, avril 1906, pp.123-125.

avr. * Olympie.

[Olympia.]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, avril 1906, pp.135-139.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.41-45.

avr. * Les précurseurs de la puissance anglaise:

I. Elisabeth.

[The Forerunners of English Power: I. Elizabeth.] In:

Revue pour les Français, 1^{ère} année, avril 1906, pp.139-147.

avr. * A propos du sauvetage.

[Life-Saving.]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, avril 1906, pp.151-154.

10 avr. Terre de Californie.

[California.]

In: Le Figaro, 52^e année, 10 avril 1906, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.285-288.

23 avr. La renaissance olympique.

[The Olympic Renaissance.]

In: L'Indépendance Belge, 77^e année, 23 avril 1906, p.3.

Later reprinted, in:

1) Revue Olympique, 6^e année, mai 1906, pp.68-75.

2) Textes choisis, vol.II, pp.331-337.

30 avr. France et Roumanie.

[France and Romania.]

In: Le Figaro, 52^e année, 30 avril 1906, n° 120, p.1.

mai * Deuxième étape.

[The Next Step.]

In: Revue Olympique, 6^e année, mai 1906, pp.67-68.

mai * Notre sœur roumaine.

[Our Romanian Sister.]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, mai 1906, pp.176-184.

mai Les précurseurs de la puissance anglaise:

II. Cromwell,

III. Guillaume.

[The Forerunners of English Power:

II. Cromwell III. William.]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, mai 1906 pp.184-194.

23 mai Discours d'ouverture de la Conférence consultative des arts, lettres et sports prononcé au Foyer de la Comédie Française, à Paris le 23 mai 1906.

[Speech for the Opening of the Advisory Conference on the Arts, Literature, and Sports, delivered in Paris.]

In: Anthologie, Aix-en-Provence, P.Roubaud, 1933, pp.166-168.

Later reprinted in french, in:

1) L'Idée Olympique, pp.15-16.

2) In excerpts under the title: "Un grand mariage"

In: Revue Olympique, 6^e année, juin 1906, p.83.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.543.

3) Textes choisis, vol.II, pp.483-484. Later reprinted in

English, in: The Olympic Idea, pp.16-18. German, in: Der Olympische Gedanke, edited by: Carl-Diem-Institut, pp.17-19.

Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.33-36.

juin * Arts, Lettres et Sports.

[Arts, Letters, and Sports.]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, juin 1906, pp.211-215.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.493-496.

juin * L'Amérique aux Américains (I et II).

[America to the Americans.]

In: Revue pour les Français.

I: 1^{ère} année, juin 1906, pp.215-220. II: 1^{ère} année, juillet 1906, pp.269-273.

juin * L'Ethiopie aujourd'hui.

[Ethiopia Today.]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, juin 1906, pp.222-235..

juin * Le Festival de la Sorbonne.

[The Sorbonne Festival.]

In: Revue Olympique, 6^e année, juin 1906, pp.93-96.

3 juin Cosas de España.

[On Spain.]

In: Le Figaro, 52^e année, 3 juin 1906, pp.1-2. Later reprinted, in:

Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.289-292.

[Excerpts from speeches by Pierre de Coubertin given on May 26, 1906 on the occasion of the awarding of the Olympic Cup and the Olympic Diploma].

2) Education physique, 5^e année, 15 juin 1906, n° 10, pp.255-256.

15 juin Lois sociales.

[Social Law.]

In: Le Figaro, 52^e année, 15 juin 1906, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.293-296.

24 juin Maison de poupée...

[A Doll's House.]

In: Le Figaro, 52^e année, 24 juin 1906, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine. Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.297-300.

juil. Le serment des athlètes. (Lettre à Monsieur Charles Simon).

[The Oath of the Athletes. Letter to Charles Simon.] In: Revue Olympique, 6 Vol., July 1906, pp.107- 109. Later reprinted, in:

1) L'Idée Olympique, pp.13-14.

2) Textes choisis, vol.II, pp.466-468.

In English, in: The Olympic Idea, pp.15-16.

In Deutsch, in: Der Olympische Gedanke, pp.16-17. In

Spanish, in: Ideaio Olimpico, pp.31-32.

juil. La conférence consultative.

(Circulaire du Président du C.I.O.).

[Advisory Conference. Circular Letter of the President of the IOC.]

In: Bulletin Officiel du IOC, in: Revue Olympique, 6^e année, juillet 1906, p.112.

Off-print, s.l., s.d. [1906], (une page).

20 juil. La "La Course en section".

[One Step at a Time.]

In: Figaro, 52^e année, 20 juillet 1906, p.1.

Later reprinted, in: Pages d'Histoire contemporaine.

Paris, Plon-Nourrit, 1909, pp.301-304.

31 juil. Tournées d'Artistes.

In: Le Figaro, 52^e année, 31 juillet 1906, p.1.

août * La cloison étanche.

[England Educates Gentlemen.]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, août 1906 pp.283-284.

août * L'Anglicanisme à son point d'arrivée.

[Anglicanism Reaching Its Goal.]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, août 1906, pp.292-298.

août * L'Île Crète.

[Crete.]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, août 1906, pp.298-302.

août * Henley Royal Regatta.

In: Revue Olympique, 6^e année, août 1906, pp.115-116.

août L'équitation et la vie.

[Life and Horse-Riding.]

In: Revue Olympique, 6^e année, août 1906, pp.125-126.

Later reprinted, in:

1) Essais de psychologie sportive. Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.21-22.

2) Anthologie, Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1933 p.23 [in excerpts].

Textes choisis, vol.I, p.379.

août Bulletin officiel du Comité International Olympique. [The same rank]

In: Revue Olympique, 6^e année, août 1906, pp.127-128. Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.445.

août Lauréats Olympiques.

[The Olympic Prizewinners.]

(Discours prononcé à la Sorbonne par Pierre de Coubertin pour la remise des diplômes olympiques à S.A.R. le duc des Abruzzes et à M. le commandant Lancrenon.)

In: Revue Olympique, 6^e année, août 1906, pp.122-125.

13 août A Bayreuth.

[In Bayreuth.]

In: Le Figaro, 52^e année, 13 août 1906, n° 225, p.1.

sept. * Myopie.

[Myopia.]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, septembre 1906, pp.323-324.

sept. * Charlemagne et son empire.

[Charlemagne and His Empire.]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, septembre 1906, pp.332-343.

sept. La bastille mathématique.

[New Ways in Mathematics Teaching.]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, septembre 1906, pp.355-358.

Later reprinted, in extraits, in: Anthologie, Aix-en-Provence, Impr. P. Roubaud, 1933, p.24.

sept. Le sabre à deux mains et l'infanterie montée.

[The Heavy Sword and the Riding Infantry.]

In: Revue Olympique, 6^e année, septembre 1906, pp.132-135.

sept. Chronique du mois.

(Le triomphe de l'eau; Les regrets d'un baigneur; l'Eglise et les sports; Me voilà, monsieur; Records aériens; Les Fêtes d'Agram.)

[Chronicle of the Month: Regrets of a Swimmer. The Church and Sports. Here I am, Monsieur. Records in the Air. The Festival of Agram.]

In: Revue Olympique, 6^e année, septembre 1906, pp.140-144.

sept. * A propos du festival de Berne.

[On the Berne Festival.]

In: Revue Olympique, 6^e année, septembre 1906, pp.137-140.

oct. La chaise longue de l'athlète.

[Athletes Must Relax.]

In: Revue Olympique, 6^e année, oct.1906, pp.147-150. Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 10^e année, septembre 1911, n° 17, pp.456-459.

2) Essais de psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.23-31.

3) Textes choisis, vol.III, pp.329-332.

oct. Le vent, l'homme et la mer.

[**The Wind, Man, and the Sea.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, oct. 1906, pp.151-154.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.325-327.

oct. Chronique du mois [La "Coupe de Paris", etc.].

[**Chronicle of the Month: The "Coupe de Paris" etc.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, oct. 1906, pp.154-157.

oct. La fête de Tourcoing.

[**The Festival in Tourcoing.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, oct. 1906, pp.157-160.

oct. Notre prochain numéro.

[**Our Next Number.**]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, oct. 1906, p.363.

oct. Les origines humaines.

[**The Origins of Man.**]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, octobre 1906,

p.371-376.

oct. Foire normande.

[**Norman Fair.**]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, octobre 1906,

pp.376-379.

oct. Un Collège modèle.

[**A Model College.**]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, octobre 1906, pp.379-399.

Later reprinted in brochure form: Gand/Paris, Impr. Van Doosselaere / E. Basset, 1912.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.1, pp.452-472.

15 oct. Lettre du Baron Pierre de Coubertin à Monsieur Th. Vienne.

[**Letter by Pierre de Coubertin to Th. Vienne.**]

Luttenbach, 5 octobre 1906.

In: L'Education physique, 5^e année, 15 octobre 1906, n° 18, p.484.

nov. La Suisse, reine des sports.

[**Switzerland, Queen of Sports.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, novembre 1906, pp.163-165.

nov. A propos d'une émeute.

[**On an Upheaval.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, novembre 1906, pp.165-168.

nov. Une société hippique modèle.

[**A Modern Riding Society.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, novembre 1906, pp.170-172.

nov. Chronique du mois.

[**Chronicle of the Month: The formation of a federation, etc.**].

In: Revue Olympique, 6^e année, novembre 1906, pp.172-174.

déc. * Arènes fin de siècle.

[**Arenas of the End of the Century.**]

In: Revue Olympique, 6^e année, décembre 1906, p.179.

déc. * Une nouvelle étape.

[**A New Step.**]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, décembre 1906, pp.443-444.

déc. * Une guerre de cent ans (1689-1783), (I et II).

[**A One-Hundred Years War.**]

In: Revue pour les Français,

I: 1^{ère} année, décembre 1906, pp.460-471.

II: 2^e année, janvier 1907, pp.493-506.

déc. * La déclaration des devoirs.

[**Declaration of Duties.**]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, décembre 1906, pp.470-471.

déc. La presse française à l'étranger.

[**The French Press Abroad.**]

In: Revue pour les Français, 1^{ère} année, décembre 1906, pp.472-473.

31 déc. La Campagne de l'Education physique:

I. La pédagogie sportive.

[**Campaign for Athletic Education: I. Sports Pedagogy.**]

In: L'Education physique, 5^e année, 31 décembre 1906, n° 23, pp.619-623.

Later reprinted, in:

1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908).

Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.1-7.

2) Textes choisis, vol.III, pp.52-58.

1907

Avant-propos.

[**Foreword.**]

In: Congrès d'Education physique sous le patronage de Monsieur le Ministre de la Guerre, Hôtel de Ville de Tourcoing, 5-6 octobre 1906. Lille, Bigot Frères, 1907, pp.7-8.

janv. L'œuvre du Touring-Club de France.

[**The Achievements of the Touring Club of France.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, janv. 1907, pp.195-197.

janv. Critiques et calomnies.

[**The Independency of the IOC.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, janv. 1907, pp.197-199.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.602-603.

janv. La paix par la guerre.

[**Peace Through War.**]

In: Revue pour les Français, 2^e année, janvier 1907, pp.483-484.

janv. La valeur morale du football.

[**The Moral Values of Football.**]

In: Revue pour les Français, 2^e année, janvier 1907, pp.506-510.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.289-292.

janv. * La réforme de l'enseignement.

[**School Reform.**]

In: Revue pour les Français, 2^e année, janvier 1907, pp.510-516.

janv. * La déchéance d'un mets national.

[**Die Dismissal of a National Dish.**]

In: Revue pour les Français, 2^e année, janvier 1907, pp.516-517.

janv. The Conditions of Franco-German Peace.

(Translation by Helen Chisholm.)

In: Fortnightly Review, vol. LXXXI, nouvelle série, pp.223-229.

janv. La renaissance athlétique aux Etats-Unis.

[**The Athletic Renaissance in the United States.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, janv. 1907, pp.199-202.

Later reprinted, in: L'Education physique, 10^e année, 15 janvier 1911, n° 1, pp.6-9.

janv. Chronique du mois: Le syndicalisme sportif.

[**Chronicle of the Month: The Union Problem.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, janvier 1907, pp.202-205. Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.612-615; also in: Vol.III, pp.351-354.

janv. * Le comité français pour 1908.

[**The French Committee for 1908.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, janv. 1907, pp.206-208.

15 janv. La Campagne d'Education physique:

II. L'état des choses en France.

[**Campaign for Athletic Education:**

II: The State of Things in France.]

In: L'Education physique, 6^e année, 15 janvier 1907, n° 1, pp.1-5.

Later reprinted, in:

1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908).

Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.8-14.

2) Textes choisis, vol.III, pp.59-64.

31 janv. La Campagne d'Education physique:

III. Les Précurseurs.

[**Campaign for Athletic Education:**

III: The Forerunners.]

In: L'Education physique, 6^e année, 31 janvier 1907, n° 2, pp.29-33.

Later reprinted under the title: "Ouvriers de la première heure", in:

Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.15-22.

Textes choisis, vol.III, pp.65-70.

fév. Le retour à la vie grecque.

[**Back to a Greek Lifestyle.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, fév. 1907, pp.211-215.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 9^e année, 31 juillet 1910, n° 14, pp.384-388.

2) Sports populaires, 4^e année, 28 sept. 1910, n° 92, p.1.

3) Essais de psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.32-41.

4) Textes choisis, vol.I, pp.380-384 and vol.II, pp.48-52.

fév. Questions d'amateurisme.

[**Questions of Amateurism.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, fév. 1907, pp.217-219.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.570-572.

fév. Chronique du mois: Sports de glace. Endurance

italienne. En Espagne. Les deux boxes. A l'occasion d'un centenaire.

[**Chronicle of the Month: Ice-Sports. Italian Endurance.**

In Spain. Two Kinds of Boxing. A Centenary.]

In: Revue Olympique, 7^e année, fév. 1907, pp.220-223.

fév. Le tunnel sous la Manche.

[**The Channel Tunnel.**]

In: Revue pour les Français, 2^e année, février 1907, pp.547-550.

15 fév. La Campagne d'Education physique:

IV. La fondation du Comité.

[**Campaign for Athletic Education:**

IV: Founding the Committee.]

In: L'Education physique, 6^e année, 15 février 1907, n° 3, pp.57-63.

Later reprinted under the title: "La fondation du Comité et l'accueil de l'opinion", in:

1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.23-32.

2) Textes choisis, vol.III, pp.71-77.

28 fév. La Campagne d'Education physique:

V. Le Congrès de 1889.

[**Campaign for Athletic Education:**

V: The Congress of 1889.]

In: L'Education physique, 6^e année, 28 février 1907, n° 4, pp.85-91.

Later reprinted under the title: "Le congrès et les concours de 1889", in:

1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.33-42.

2) Textes choisis, vol.III, pp.78-85.

mars Automatisme, obéissance et initiative répétée.
Les classifications sportives.

[**Automatism, Reaction, and Repetition. Classifications of Sports.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, mars 1907, pp.227-231.
Later reprinted, in:

- 1) L'Education physique, 9^e année, 31 octobre 1910, n° 20, pp.553-556.
- 2) Sports populaires, 4^e année, 21 décembre 1910, n° 98, p.1.
- 3) Essais de psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.43-52.
- 4) Textes choisis, vol.III, pp.127-130.

mars * Le rôle des fédérations.

[**The Role of the Federations.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, mars 1907, pp.231-234.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.355-357.

mars * Chronique du mois

[**Chronicle of the Month: Nature. Air. Nutrition.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, mars 1907, pp.234-238.

mars * A propos de rallies.

[**About Rallies.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, mars 1907, pp.238-240.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.333-334.

mars * Nécrologie.

[**Obituary.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, mars 1907, p.240.

mars * Ce qui restera du socialisme.

[**What Will Remain of Socialism.**]

In: Revue pour les Français, 2^e année, mars 1907, pp.580-586.

15 mars La Campagne d'Education physique:

VI. Le Comité, l'Union et la Ligue.

[**Campaign for Athletic Education:**

VI. The Committee, the Union, and the League.]

In: L'Education physique, 6^e année, 15 mars 1907, n° 5, pp.113-120.

Later reprinted under the title "Le Comité, la Ligue et l'Union", in:

- 1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.43-53.
- 2) Textes choisis, vol.III, pp.86-94.

31 mars La Campagne d'Education physique:

VII. Tous les sports.

[**Campaign for Athletic Education: VII. All Sports.**]

In: L'Education physique, 6^e année, 31 mars 1907, n° 6, pp.141-148.

Later reprinted, in:

- 1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.54-64.
- 2) Textes choisis, vol.III, pp.95-102.

avr. * Pacifisme et nationalisme.

[**Pacifism and Nationalism.**]

In: Revue pour les Français, 2^e année, avril 1907, pp.603-604.

avr. L'hellénisation de Rome.

[**The Hellenisation of Rome.**]

In: Revue pour les Français, 2^e année, avril 1907, pp.611-617.

avr. Les sanatoriums pour bien-portants.

[**Sanatoriums for the Healthy.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, avril 1907, pp.243-248.
Later reprinted, in:

- 1) L'Education physique, 9^e année, 30 septembre 1910, n° 18, pp.498-503.
- 2) Sports populaires, 5^e année, 15 mars 1911, n° 104, pp.1-2.
- 3) Essais de psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.53-65.
- 4) Anthologie, Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1933, pp.28-32.
- 5) Textes choisis, vol.III, pp.638-643.

avr. * Mauvais exemples.

[**Bad Examples.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, avril 1907, pp.248-251.

avr. * Architecture sportive.

[**Sports Architecture.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, avril 1907, pp.251-252.

avr. * Chronique du mois: Le football en Amérique.
Le foot-ball en Europe.

[**Chronicle of the Month: Football in America. Football in Europe.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, avril 1907, pp.254-256.

15 avr. La Campagne d'Education physique:

VIII. Une année prospère.

[**Campaign for Athletic Education:**

VIII. A Successful Year.]

In: L'Education physique, 6^e année, 15 avril 1907, n° 7, pp.169-176.

Later reprinted, in:

- 1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.65-76.
- 2) Textes choisis, vol.III, pp.103-111.

30 avr. La Campagne d'Education physique:

IX. D'Andrézy à Henley.

[**Campaign for Athletic Education:**

IX. From Andrézy to Henley.]

In: L'Education physique, 6^e année, 30 avril 1907, n° 8, pp.197-204.

Later reprinted, in:

- 1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.77-88.
- 2) Textes choisis, vol.III, pp.112-119.

mai * L'art arabe.

[Arab Art.]

In: Revue pour les Français, 2^e année, mai 1907, pp.661- 667.

mai * La France aux Indes après Duplex (1754-1782).

[France in India after Duplex.]

In: Revue pour les Français, 2^e année, mai 1907, pp.672- 677.

mai Renaissance choréographique.

[A Choreography Renaissance.]

In: Revue Olympique, 7^e année, mai 1907, pp.259-263. Later reprinted, in:

- 1) L'Education physique, 12^e année, 31 mai 1913, pp.158-161.
- 2) Textes choisis, vol.III, pp.309-314.

mai Trop de concours.

[Too much Competition.]

In: Revue Olympique, 7^e année, mai 1907, pp.264-267. Later reprinted, in:

- 1) L'Education physique, 10^e année, 15 juillet 1911, n° 13, pp.357-359.
- 2) Sports populaires, 5^e année, 19 juillet 1911, n° 113, p.1.

mai * Les origines de la gymnastique allemande.

[The Origins of German Gymnastics.]

In: Revue Olympique, 7^e année, mai 1907, pp.267-270.

31 mai La Campagne d'Education physique:

X. Le Congrès de la Sorbonne.

[Campaign for Athletic Education:

X. The Congress of the Sorbonne.]

In: L'Education physique, 6^e année, 31 mai 1907, n° 10, pp.281-287.

Later reprinted, in:

- 1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.89-98.
- 2) Textes choisis, vol.II, pp.115-123.

juin * L'impôt global dans l'antiquité.

[Taxes in Classical Antiquity.]

In: Revue pour les Français, 2^e année, juin 1907, pp.711-715.

Later reprinted, in: Pages de Critique et d'Histoire, 1^{er} fascicule, 1918, pp.5-8.

juin * L'Achilleion de Corfou.

[The Achilleion at Corfu.]

In: Revue pour les Français, 2^e année, juin 1907, pp.715- 717.

La réunion de la Haye (1907): Les règlements de Londres.

[The Meeting of La Haye: The Rules for London.]

In: Revue Olympique, 7^e année, juin 1907, pp.279-281. Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.696-698.

juin * Le bain d'air et la convalescence.

[Fresh Air and Convalescence.]

In: Revue Olympique, 7^e année, juin 1907, pp.282-284.

juin * Chronique du mois

[Chronicle of the Month: Expositions. Sports, etc.].

In: Revue Olympique, 7^e année, juin 1907, pp.285-287.

15 juin La Campagne d'Education physique:

XI. La Bataille de Caen.

[Campaign for Athletic Education:

XI: The Battle of Caen.]

In: L'Education physique, 6^e année, 15 juin 1907, n° 11, pp.281-287.

Later reprinted, in:

- 1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.99-107.
- 2) Textes choisis, vol.III, pp.120-125.

30 juin La fête de la Sorbonne. (Speech).

[The Sorbonne Festival.]

In: L'Education physique, 6^e année, 30 juin 1907, n° 3, pp.338-340.

Later reprinted under the title: "La philosophie du débrouillard" dans:

- 1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.216- 220.
- 2) Textes choisis, vol.III, pp.569-573.

juil. * Fausse honte.

[False Modesty.]

In: Revue pour les Français, 2^e année, juillet 1907, pp.734-737.

juil. * La question de la Chambre des Lords.

[The House of Lords.]

In: Revue pour les Français, 2^e année, juillet 1907, pp.755-758.

juil. * Une relique.

[A Relic.]

In: Revue Olympique, 7^e année, juillet 1907, pp.291-292.

juil. * L'homme qui boxe.

[The Boxing Man.]

In: Revue Olympique, 7^e année, juillet 1907, pp.292-293.

juil. * Les frontières sportives de l'aviation.

[The Limits of the Aviator Sports.]

In: Revue Olympique, 7^e année, juillet 1907, pp.293-298. Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.318-321.

juil. Chronique du mois. Autour des Sokols - Les régates de Kiel - Circuits automobiles - Paris-Pékin - Les débrouillards à la Sorbonne.

[Chronicle of the Month: The Sokols. Regattas at Kiel. Motor Racing. Paris-Peking. The Smart Lads at the Sorbonne.]

In: Revue Olympique, 7^e année, juillet 1907, pp.298-302.

août Festivités transatlantiques: La cérémonie du Richmond, la folie du pétard.
[Transatlantic Festivities: The Ceremony of Richmond.]
In: Revue pour les Français, 2^e, août 1907, pp.773-779.

août * Coup d'œil sur l'histoire chilienne.
[A Look at Chilean History.]
In: Revue pour les Français, 2^e, août 1907, pp.794-800.
Later reprinted, in: Pages de Critique et d'Histoire, 2^e fascicule, 1918, pp.4-8.

août Les sports en Camargue.
[Sports in the Camargue.]
In: Revue Olympique, 7^e année, août 1907, pp.307-308.
Later reprinted, in:
1) L'Education physique, 9^e année, 30 novembre 1910, n°22, pp.594-596.
2) Sports populaires, 5^e année, 10 mai 1911, n°108, p.1.

août Votre chambre de Gymnastique.
[Your Home Gymnasium.]
In: Revue Olympique, 7^e année, pp.309-312. Later reprinted, in:
1) L'Education physique, 9^e année, 15 novembre 1910, n°21, pp.565-568.
2) Sports Populaires, 5^e année, 15 mars 1911, n°104, pp.1-2.

août * La question des prix.
[The Trouble With Prizes.]
In: Revue Olympique, 7^e année, août 1907, pp.312-315.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.573-575.

août Les Sokols. In: Revue Olympique, 7^e année, août 1907, pp.315-518.
[The Sokols.]

31 août La Campagne d'Education physique.
XII. La résistance de la Grèce.
[Campaign for Athletic Education:
XII: Greek Resistance.]
In: L'Education physique, 6^e année, 31 août 1907, n°16, pp.421-427.
Later reprinted, in:
1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de L'Education physique, 1909, pp.108- 117. Textes choisis, vol.II, pp.131138.

sept. Bains de mer en toute saison.
[Bathing in the Sea Throughout the Year.]
In: Revue Olympique, 7^e année, septembre 1907, pp.335-336.
Later reprinted, in: L'Education physique, 10^e année, 15 octobre 1911, n° 19, pp.524-525.

sept. Les caractéristiques de l'esprit américain.
[Characteristics of the American Spirit.]
In: Revue pour les Français, 2^e année, septembre 1907, pp.818-826.

sept. La Bulgarie contemporaine.
[Contemporary Bulgaria.]
In: Revue pour les Français, 2^e année, septembre 1907, pp.826-839.

15 sept. La Campagne d'Education physique:
XIII. La première Olympiade.
[Campaign for Athletic Education:
XIII. The First Olympiad.]
In: L'Education physique, 6^e année, 15 septembre 1907, n° 17, pp.451-458.
Later reprinted, in:
1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.118- 128.
2) Textes choisis, vol.II, pp.139-147.

30 sept. La Campagne d'Education physique:
XIV. [Campaign for Athletic Education:
XVI: The Congress at Le Havre.]
In: L'Education physique, 6^e année, 30 septembre 1907, n° 18, pp.482-485.
Later reprinted, in:
1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.129- 135.
2) Textes choisis, vol.II, pp.166-172.

oct. * L'exposition franco-anglaise de 1908.
[The Anglo-French Exposition of 1908.]
In: Revue pour les Français, 2^e année, octobre 1907, pp.916-917.

oct. Le camping scolaire aux Etats-Unis.
[School Camps in the United States.]
In: Revue Olympique, 7^e année, octobre 1907, pp.346-348.
Later reprinted, in: L'Education physique, 11^e année, 30 juin 1912, n° 13, pp.347-349.

oct. * La question du Cervin.
[The Matterhorn Question.]
In: Revue Olympique, 7^e année, octobre 1907, pp.349- 350.

oct. * Cavaliers pêcheurs.
[Gentleman Fishers.]
In: Revue Olympique, 7^e année, octobre 1907, pp.351- 352.

nov. * Art sportif.
[Sports Art.]
In: Revue Olympique, 7^e année, novembre 1907, pp.355- 357.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.498-500.

déc. * Opium et alcool.

[**Opium and Alcohol.**]

In: Revue pour les Français, 2^e année, décembre 1907, pp.942-944.

déc. Sa Majesté la neige.

[**Majestic Snow.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, décembre 1907, pp.371-373.

Later reprinted, in: L'Education physique, 7^e année, 15 décembre 1908, n° 23, pp.625-627.

déc. * Les progrès de la locomotion.

[**The Progress of Locomotion.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, décembre 1907, pp.374-376.

déc. * Chronique du mois.

[**Chronicle of the Month: Aeronautic, etc.**]

In: Revue Olympique, 7^e année, décembre 1907, pp.376-379.

1908

janv. * Récapitulation.

[**Summary.**]

In: Revue Olympique, 8^e année, janvier 1908, pp.3-5.

janv. * Les excès du syndicalisme.

[**Athletic Associations Behaving Like Unions.**]

In: Revue Olympique, 8^e année, janvier 1908, pp.5-8.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.358-361.

janv. Les sports de neige: I. Luges, toboggans, bobsleighs.

[**Winter Sports: I. Luge, Toboggan, Bobsleigh.**]

In: Revue Olympique, 8^e année, janvier 1908, pp.9-14.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 11^e année, 31 décembre 1912, n° 24, pp 658-664.

2) Textes choisis, vol.III, pp.235-240.

25 janv. La réforme de l'enseignement secondaire (I and II).

[**The Reform of Secondary Education.**]

In: Revue pour les Français, 3^e année,

I: 25 janvier 1908, pp.35-40;

II: 25 avril 1908, pp.211-216.

fév. A propos du Pentathlon.

[**On Pentathlon.**]

In: Revue Olympique, 8^e année, février 1908, pp.19-22.

Later reprinted, in: L'Education physique, 7^e année,

15 mars 1908, n° 5, pp.133-135.

fév. * Simplicité princière.

[**Lavish Simplicity.**]

In: Revue Olympique, 8^e année, février, 1908, pp.22-23.

fév. Les sports de neige: II. Le ski.

[**Winter Sports: Skiing.**]

In: Revue Olympique, 8^e année, février 1908, pp.23-28.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 12^e année, 15 janvier, 1913, n° 1, pp.12-20.

2) Textes choisis, vol.III, pp.240-245.

fév. * Chronique du mois: Le knock-out.

[**Chronicle of the Month: Knock-Out.**]

In: Revue Olympique, 8^e année, février 1908, pp.28-30.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.174-176.

mars * L'automobile aux Etats-Unis.

[**The Car in the United States.**]

In: Revue Olympique, 8^e année, mars 1908, pp.35-38.

mars * Groupements sportifs.

[**Free Sports Groups.**]

In: Revue Olympique, 8^e année, mars 1908, pp.38-41.

mars * Chronique du mois: Un sport éternel -

Le pigeon olympique - Entêtement comique.

[**Chronicle of the Month: An Eternal Sport.**]

The Olympic Pigeon. Funny Stubbornness.]

In: Revue Olympique, 8^e année, mars 1908, pp.44-47.

The chapter "Un sport éternel" was later reprinted under the title "La chasse" in: L'Education physique, 12^e année, 15 janvier 1913, n° 1, pp.11-12.

mars * Les préliminaires du Jiu-Jitsu.

[**Jiu-Jitsu Preliminaries.**]

In: Revue olympique, 8^e année, mars 1908, pp.41-44.

avr. * Sir Howard Vincent.

In: Revue Olympique, 8^e année, avril 1908, pp.51-53.

avr. * Un gymnase... presque olympique.

[**A Near-Olympic Gymnasium.**]

In: Revue Olympique, 8^e année, avril 1908, pp.53-55.

avr. * Vers la Chevalerie.

[**Towards Chivalry.**]

In: Revue Olympique, 8^e année, avril 1908, pp.55-60.

Later reprinted, in: L'Education physique, 12^e année, 30

novembre 1913, n° 22, pp.605-610.

avr. Chronique du mois: L'aviron.

[**Chronicle of the Month: Rowing.**]

In: Revue Olympique, 8^e année, avril 1908, pp.60-63.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.222-224.

30 avr. La Campagne d'Education physique:

XV. Les apprêts de la II^e Olympiade.

Campaign for Athletic Education:

XV: Preparations for the IInd Olympiad.]

In: L'Education physique, 7^e année, 30 avril 1908, n° 8, pp.197-203.

Later reprinted, in:

- 1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.136- 145.
 2) Textes choisis, vol.II, pp.174-181.

mai L'éperon.

[Spurs.]

In: Revue Olympique, 8^e année, mai 1908, pp.67-68.

Later reprinted, in:

1) Essais de psychologie sportive. Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.66-70.

2) Textes choisis, vol.I, pp.385-386.

mai Une lettre de M. Ch. Diehl.

[A Letter from C. Diehl.]

In: Revue Olympique, 8^e année, mai 1908, pp.74-75.

mai * Les sports et l'armée.

[Sports and the Army.]

In: Revue Olympique, 8^e année, mai 1908, pp.70-74.

mai * Chronique du mois.

[Chronicle of the Month: International events. Cecil Rhodes. Aviation].

In: Revue Olympique, 8^e année, mai 1908, pp.76-78.

15 mai La Campagne d'Education physique:

XVI. Sports officiels.

[Campaign for Athletic Education:

XVI: Official Sports.]

In: L'Education physique, 7^e année, 15 mai 1908, n° 9, pp.225-230.

Later reprinted, in:

1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.146-152.

Textes choisis, vol.II, pp.182-186.

31 mai La Campagne d'Education physique:

XVII: Chicago ou Saint Louis.

[Campaign for Athletic Education:

XVII: Chicago or Saint Louis?]

In: L'Education physique, 7^e année, 31 mai 1908, n° 10, pp.253-260.

Later reprinted, in:

1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.153- 161.

Textes choisis, vol.II, pp.196-202.

juin Anarchas à Olympie.

[Anarchas at Olympia.]

In: Revue Olympique, 8^e année, juin 1908, pp.83-85.

Later reprinted, in: L'Education physique, 12^e année, 15 mai 1913, pp.120-122.

juin La nouvelle pierre philosophale et le néo-empirisme.

[The New Philosophers' Stone and Neo-Empirism.] In: Revue Olympique, 8^e année, juin 1908, pp.85-88. Later reprinted, in:

Essais de Psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.71-72.

Textes choisis, vol.III, pp.397-400.

juin * Dumferline.

In: Revue Olympique, 8^e année, juin 1908, pp.89-91.

juin * Appareils de natation.

[Swimming Aids.]

In: Revue Olympique, 8^e année, juin 1908, pp.91-93.

juin * Chronique du mois.

[Chronicle of the Month.]

In: Revue Olympique, 8^e année, juin 1908, pp.93-95.

juil. * L'ouverture de la IV^e Olympiade.

[The Opening of the IVth Olympiad.]

In: Revue Olympique, 8^e année, juillet 1908, pp.99-102.

juil. * La réunion du Comité International Olympique.

[The IOC Session.]

In: Revue Olympique, 8^e année, juillet 1908, pp.103-105.

juil. * Autour des Jeux Olympiques.

[Around the Olympic Games.]

In: Revue Olympique, 8^e année, juil. 1908, pp.105-107.

juil. Les "Trustees" de l'idée olympique.

[The Trustees of the Olympic Idea.]

In: Revue Olympique, 8^e année, juillet 1908, pp.108-110.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 7^e année, 31 août 1908, n° 16, pp.440-441.

2) L'Idée olympique, pp.17-19.

3) Textes choisis, vol.II, pp.448-450. Later reprinted, in English, in: The Olympic Idea, pp.18-20.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.20-22. in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.36-39.

juil. * La distribution des récompenses.

[Prize-Giving.]

In: Revue Olympique, 8^e année, juillet 1908, pp.111-112.

juil. Why I Revived the Olympic Games.

In: Fortnightly Review, vol. LXXXIV, nouvelle série, juillet 1908, pp.110-115.

13 juil. To the Editor of the Times:

The Olympic Games.

In: The Times, London, juillet 13th 1908, p.23.

28 juil. Autour des Olympiades. Déclarations du Baron Pierre de Coubertin. [Interview]

[About the Olympiads.]

In: La Presse, 28 juillet 1908.

août * La chronique des Jeux de 1908.

[Chronicle of the 1908 Games.]

In: Revue Olympique, 8^e année, août 1908, pp.115-118.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.233-237.

août * L'Olympiade nautique.

[Water Olympics.]

In: Revue Olympique, 8^e année, août 1908, pp.123-125.

août * En l'air.

[In the Air.]

In: Revue Olympique, 8^e année, août 1908, pp.125-127.

sept. * Demetrius Bikelas.

In: Revue Olympique, 8^e année, septembre 1908,

pp.131-132.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.356-357.

sept. * Paroles sages et paroles folles.

[Wise Words, Foolish Words.]

In: Revue Olympique, 8^e année, septembre 1908,

pp.132-134.

sept. * Le lancement du javelot.

[Throwing the Javelin.]

In: Revue Olympique, 8^e année, septembre 1908,

pp.138-140.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.142-144.

sept. * Chronique du mois.

[Chronicle of the Month: Strasbourg. C.V.Peel. Aviation School. Alphonse XIII].

In: Revue Olympique, 8^e année, septembre 1908,

pp.141-144.

30 sept. La Campagne d'Education physique:

XVIII. Londres et Bruxelles.

[Campaign for Athletic Education:

XVIII. London and Brussels.]

In: L'Education physique, 7^e année, 30 septembre 1908, n° 18, pp.477-483.

Later reprinted, in:

1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908).

Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.162-171.

2) Textes choisis, vol.II, pp.204-212.

oct. * Statistiques à méditer.

[Statistics to Contemplate.]

In: Revue Olympique, 8^e année, oct. 1908, pp.147-148.

oct. * La lutte islandaise.

[The Icelandic Wrestling.]

In: Revue Olympique, 8^e année, oct. 1908, pp.148-152.

Later reprinted, in: L'Education physique, 7^e année, 30 novembre 1908, n° 22, pp.604-608.

oct. A travers les vieux livres.

[In Old Books.]

In: Revue Olympique, 8^e année, oct. 1908, pp.152-154.

Later reprinted, in: L'Education physique, 12^e année, 31 janvier 1913, pp.47-48.

oct. En voulez-vous, des Marathons?

[Do You Want Marathons?]

In: Revue Olympique, 8^e année, octobre 1908,

pp.154-155.

oct. Chronique du mois: Sports pontificaux - Paris

- Francfort - En Suisse - Athlétisme Ottoman.

[Chronicle of the Month: Sportsmen Performing for the Pope. Paris. Frankfurt. In Switzerland. Ottoman Athletics.]

In: Revue Olympique, 8^e année, oct. 1908, pp.156-159.

Later reprinted, in excerpts, in: Textes choisis, vol.I, pp.597-598.

15 oct. La Campagne d'Education physique:

XIX. Au pied du Capitole.

[Campaign for Athletic Education:

XIX: At the Capitol.]

In: L'Education physique, 7^e année, 15 octobre 1908,

n° 19, pp.505-512.

Later reprinted, in:

1) Une Campagne de vingt-et-un ans (1887-1908). Paris, Librairie de l'Education physique, 1909, pp.172-181.

2) Textes choisis, vol.II, pp.223-230.

25 oct. Rien de changé en Angleterre.

[Nothing New in England.]

In: Revue pour les Français, 3^e année, 25 octobre 1908, pp.596-604.

nov. Les Wintergames.

[The Winter Games.]

In: Revue Olympique, 8^e année, novembre 1908,

pp.163-166.

nov. * Les droits du baigneur.

[The Swimmer's Rights.]

In: Revue Olympique, 8^e année, novembre 1908,

pp.171-173.

nov. Chronique du mois

[Chronicle of the Month: Outstanding achievements of celebrities].

In: Revue Olympique, 8^e année, novembre 1908,

pp.173-175.

déc. * American ambitions.

In: Revue Olympique, 8^e année, décembre 1908,

pp.179-181.

déc. * La route.

[The Course.]

In: Revue Olympique, 8^e année, décembre 1908, pp.181-184.

déc. 1908 - fév. 1909

Autour des costumes de sport (I, II, III).

[Sportswear.]

Costume général et costumes spéciaux.

In: Revue Olympique, 8^e année, décembre 1908, pp.184-187.

II: Le point de vue hygiénique.

In: Revue Olympique, 9^e année, janvier 1909, pp.8-10.

III: La psychologie du costume sportif.

In: Revue Olympique, 9^e année, février 1909, pp.26-29.

Part III later reprinted, in:

1) Essais de psychologie sportive. Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.80-88.

2) Textes choisis, vol.I, pp.387-389.

déc. * Chronique du mois

[Chronicle of the Month: J.P Müller].

In: Revue Olympique, 8^e année, décembre 1908, pp.187-188.

1909

janv. * Une Souveraine.

[A Sovereign.]

In: Revue Olympique, 9^e année, janvier 1909, p.3.

janv. * L'Ecole de Springfield.

[Springfield College.]

In: Revue Olympique, 9^e année, janvier 1909, pp.3-7.

Later reprinted, in: L'Education physique, 10^e année, 30 septembre 1911, n° 18, pp.487-492.

janv. * L'oiseau artificiel.

[The Artificial Bird.]

In: Revue Olympique, 9^e année, janvier 1909, pp.10-13.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.322-324.

7 janv. Dopo le Olimpiadi di Londra. [Interview]

[After the London Olympiad. (Italian Text.)]

In: Gli Sports, Roma, 2^e année, 7 janvier 1909, n° 3, p.1.

fév. * La conquête du Rouvenzori (I et II).

[The Conquest of Ruvenzori.]

In: Revue Olympique, 9^e année, février 1909, pp.19-24

(I), et mars 1909, pp.36-42 (II).

fév. * Chronique du mois: Le ski en Europe - Bains

d'hiver - Une formule sans reproche.

[Chronicle of the Month: Skiing in Europe. Winter Batching. A Perfect Formula.]

In: Revue Olympique, 9^e année, février 1909, pp.29-32.

15 fév. * Fernand Lagrange.

In: L'Education physique, 8^e année, 15 février 1909,

n° 3, pp.57-58.

mars * Le cyclisme aux Jeux Olympiques.

[Cycling and the Olympic Games.]

In: Revue Olympique, 9^e année, mars 1909, pp.35-36.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.718-719.

mars * De la danse à la philosophie.

[From Dancing to Philosophy.]

In: Revue Olympique, 9^e année, mars 1909, pp.43-45.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.315-317.

mars Patineurs, jouez au hockey.

[Ice-Skaters, Play Hockey!]

In: Revue Olympique, 8^e année, mars 1909,

pp.45-47. Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 12^e année, 31 janvier 1913, n° 2, pp.35-38.

2) Textes choisis, vol.III, pp.295-297.

mars * Chronique du mois

[Chronicle of the Month: President Taft].

In: Revue Olympique, 9^e année, mars 1909, pp.47-48.

avr. * Le général von der Asseburg.

[General von der Asseburg.]

In: Revue Olympique, 9^e année, avril 1909, pp.51-52.

avr. * Le préjugé des saisons.

[Seasonal Prejudices.]

In: Revue Olympique, 9^e année, avril 1909, pp.52-53.

avr. L'homme et l'animal.

[Men and Animals.]

In: Revue Olympique, 9^e année, avril 1909, pp.53-56.

Later reprinted, in:

1) Essais de psychologie sportive. Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.87-93.

2) Textes choisis, vol.I, pp.390-392.

avr. * Extravaganza.

In: Revue Olympique, 9^e année, avril 1909, pp.56-59.

avr. * Chronique du mois: Autour d'un vélodrome.

Lignes aériennes. La névrose administrative.

Point de vue culinaire.

[Chronicle of the Month: A Velodrome. Overhead Cables. Administrative Neurosis. From the Culinary Point of View.]

In: Revue Olympique, 9^e année, avril 1909, pp.59-62.

25 avr. A propos des démocraties antiques.

[On Classical Democracy.]

In: Revue pour les Français, 4^e année, 25 avril 1909,

pp.292-296.

mai * L'enquête sur l'amateurisme.

[An Expert Inquiry of Amateurism.]

In: Revue Olympique, 9^e année, mai 1909, pp.67-68.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.576-577.

mai Un plaidoyer pour le jeu.

[A Plea for Games.]

In: Revue Olympique, 9^e année, mai 1909, pp.68-72.

Later reprinted, in: L'Education physique, 10^e année, 30 novembre 1911, n° 22, pp.608-614.

mai * Mere bigness.

In: Revue Olympique, 9^e année, mai 1909, pp.72-73.

mai La philosophie de la culture physique.

[The Philosophy of Physical Culture.]

In: Revue Olympique, 9^e année, mai 1909, pp.73-76.

Later reprinted, in:

1) Essais de psychologie sportive. Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.94-102.

2) Textes choisis, vol.I, pp.393-396.

mai * Chronique du mois: La pelota.

[Chronicle of the Month: Pelota.]

In: Revue Olympique, 9^e année, mai 1909, pp.77-79.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.303-305.

juin La réunion du IOC à Berlin.

La séance inaugurale. Remise des diplômes olympiques.

[The IOC Meeting in Berlin. Opening Session. Presentation of Diplomas.]

In: Revue Olympique, 9^e année, juin 1909, pp.83-88.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.650-653.

juil. * Une brochure et un livre.

[A Booklet and a Book.]

In: Revue Olympique, 9^e année, juillet 1909, pp.99-102.

juil. * Die Entwicklung der Olympischen Spiele. Die schwedisch-germanische Periode.

[Development of the Olympic Games: The Swedish-German Era.]

In: Revue Olympique, 9^e année, juillet 1909, pp.102-105.

juil. Savoir dételer.

[How to Relax.]

In: Revue Olympique, 9^e année, juillet 1909, pp.105-108.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 9^e année, 15 juin 1910, n° 11, pp.292-294.

2) Sports populaires, 4^e année, 28 sept. 1910, n° 92, p.2.

3) Essais de psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1910, pp.103-110.

juil. * Votre gymnase de plein air.

[Your Open-Air Gymnasium.]

1) In: Revue Olympique, 9^e année, juillet 1909, pp.108-110.

août Les sports à Monaco.

[Sports in Monaco.]

In: Revue Olympique, 9^e année, août 1909, pp.122-124.

août Sportsmen malgré eux.

[Reluctant Sportsmen.]

In: Revue Olympique, 9^e année, août 1909, pp.125-126.

Later reprinted, in:

1) Essais de psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.111-113.

2) L'Education physique, 8^e année, 15 octobre 1909, n° 19, pp.523-524.

août * Chronique du mois

[Chronicle of the Month: Louis Blériot, etc.].

In: Revue Olympique, 9^e année, août 1909, pp.126-128.

août Questionnaire sur l'amateurisme.

[Questionnaire Concerning Amateurism.]

In: Revue Olympique, 8^e année, août 1909, p.128. Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.577.

sept. L'architecture sportive en Allemagne.

[Sports Architecture in Germany.]

In: Revue Olympique, 9^e année, septembre 1909, pp.131-135.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 9^e année, 31 janvier 1910, n° 2, pp.39-42.

2) Sports populaires, 4^e année, 2 mars 1910, n° 70, pp.1-2.

sept. Le rythme et la vitesse.

[Rhythm and Speed.]

In: Revue Olympique, 9^e année, septembre 1909, pp.135-137.

Later reprinted, in: Essais de psychologie sportive. Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.114-118.

sept. * The grammar of rowing.

In: Revue Olympique, 9^e année, septembre 1909, pp.137-141.

sept. * Chronique du mois. Armée anglaise: le sport préparateur - Armée française: le sport réparateur.

[Chronicle of the Month: The English Army: Sports as Preparation. The French Army: Sports as Repair.]

In: Revue Olympique, 9^e année, septembre 1909, pp.141-144.

oct. * En vue du concours international d'architecture.

[Regarding the International Architecture Competition.]

In: Revue Olympique, 9^e année, oct. 1909, pp.147-148. Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.503-504.

oct. * Les gammes musculaires quotidiennes.

[Training All Muscles.]

In: Revue Olympique, 9^e année, oct. 1909, pp.148-153. Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 8^e année, 15 novembre 1909, n° 21, pp.581-585.

2) Textes choisis, vol.III, pp.547-578.

oct. Une Olympie moderne (I-VI).

[A Modern Olympia.]

1909- In: Revue Olympique,

mars I: 9^e année, octobre 1909, pp.153-156;

1910 II: 9^e année, novembre 1909, pp.167-170;

III: 9^e année, décembre 1909, pp.184-187;

IV: 10^e année, janvier 1910, pp.9-13;

V: 10^e année, février 1910, pp.26-28;

VI: 10^e année, mars 1910, pp.41-44.

Later reprinted in French, in:

1) In brochure form: Auxerre, E. Jattefaux, 1910 (24 pages);

2) L'Idée olympique, pp.20-35.

3) Textes choisis, vol.II, pp.54-71; pp.683-691. Later reprinted,

in English, in: The Olympic Idea, pp.22-36.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.24-43.. in

Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.42-66.

oct. * Chronique du mois: A propos du pôle.

[Monthly Chronicle: On the Pole.]

In: Revue Olympique, 9^e année, octobre 1909, pp.158-

160.

25 oct. Tout est changé en Allemagne.

[Everything Has Changed in Germany.]

In: Revue pour les Français, 4^e année, 25 octobre 1909,

pp.812-817.

nov. Les trois âges.

[The Three Ages.]

In: Revue Olympique, 9^e année, novembre 1909, pp.163-

164.

Later reprinted, in:

1) Sports populaires, 4^e année, 16 mars 1910, n° 78, p.1.

2) Essais de psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.119-122.

3) Textes choisis, vol.I, pp.397-398.

nov. La limite du record.

[The Limits of Records.]

In: Revue Olympique, 9^e année, novembre 1909, pp.164-

166.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 9^e année, 15 mars 1910, n° 5, pp.115-118.

2) Sports populaires, 4^e année, 30 mars 1910, n° 79, p.1.

3) Essais de psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.123-128.

[Chronicle of the Month: A Church Without Church-Goers: All of Them Priests!]

In: Revue Olympique, 9^e année, novembre 1909, pp.174-

176.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.362-363.

1910

janv. * Hier et demain.

[Today and Tomorrow.]

In: Revue Olympique, 10^e année, janvier 1910, pp.4-6.

janv. * Chronique du mois: De Los Angeles à Héliopolis.

[Chronicle of the Month: From Los Angeles to Heliopolis.]

In: Revue Olympique, 10^e année, janvier 1910,

pp.13- 15.

05 janv. La S.S.P. en 1910.

[The Société des Sports Populaires.]

In: Sports populaires, 4^e année, n° 73, 5 janvier 1910, p.1.

fév. Le sport et la morale.

[Sports and Ethics.]

In: Revue Olympique, 10^e année, février 1910, pp.19-22.

Later reprinted, in

1) L'Education physique, 9^e année, 30 avril 1910, n° 8, pp.202-204.

2) Essais de Psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.129-137.

3) Textes choisis, vol.I, pp.399-402.

fév. * Une page de littérature sportive.

[A Page in Sports Literature.]

In: Revue Olympique, 10^e année, février 1910, pp.22-25.

fév. * Les perfectionnements du Bob.

[Improving the Bob.]

In: Revue Olympique, 10^e année, février 1910, pp.25-26.

Later reprinted, in: L'Education physique, 11^e année, 29 février 1912, n° 4, pp.94-96.

fév. * Chronique du mois: A propos des inonda- tions.

L'unique rescapé.

[Chronicle of the Month: On Floods. A Unique Survivor.]

In: Revue Olympique, 10^e année, février 1910, pp.29-31.

2 fév. La croisade des partageux.

[A Crusade: Sports for Everyone.]

In: Sports populaires, 4^e année, 2 février 1910, n° 75, p.1.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 9^e année, 15 mars, n° 5. pp.132-134.

2) Textes choisis, vol.III, pp.584-565.

mars * La revanche du bon sens.

[The Revenge of Common Sense.]

In: Revue Olympique, 10^e année, mars 1910, pp.35-36.

mars * La carte cynégétique du globe.

[A Hunter's Map of the World.]

In: Revue Olympique, 10^e année, mars 1910, pp.36-41.

mars * Chronique du mois

[**Chronicle of the Month: Sports.** Spitzberg, Jean Charcot]. In: *Revue Olympique*, 10^e année, mars 1910, pp.46-47.

2 mars Le délégué-éponge.

[**A Sponge Delegate.**]

In: *Sports populaires*, 4^e année, 2 mars 1910, n° 77, p.1.

avr. Méfiance et confiance.

[**Trust and Mistrust.**]

In: *Revue Olympique*, 10^e année, avril 1910, pp.51-54.

Later reprinted, in:

- 1) *L'Education physique*, 9^e année, 15 juillet 1910, n° 13, pp.351-358.
- 2) *Sports populaires*, 4^e année, 23 novembre 1910, pp.1-2.
- 3) *Textes choisis*, vol.I, pp.403-405.

avr. Les Vikings.

[**The Vikings.**]

In: *Revue Olympique*, 10^e année, avril 1910, pp.54-56.

Later reprinted, in:

- 1) *Sports populaires*, 4^e année, 20 juillet 1910, n° 87, pp.1-2.
- 2) *L'Education physique*, 9^e année, 15 août 1910, n° 15, pp.418-419.

avr. * Stades anciens et modernes.

[**Ancient and Modern Stadiums.**]

In: *Revue Olympique*, 10^e année, avril 1910, pp.56-60.

avr. * Un remède sportif: le dermatol.

[**A Sports Remedy: Dermatol.**]

In: *Revue Olympique*, 10^e année, avril 1910, pp.60-61.

avr. Chronique du mois: Le triomphe du sport.

Contre le duel.

[**Chronicle of the Month: The Triumph of Sport. Against Duelling.**]

In: *Revue Olympique*, 10^e année, avril 1910, pp.61-64.

25 avr. L'évolution française vue du dehors.

Un programme d'action nationale.

[**The Development of France Seen from Abroad. A Programme for National Action.**]

In: *La Revue pour les Français*, 5^e année, 25 avril 1910, pp.279-291.

mai Le faux sportsman. (D'après Labruyère).

[**The False Sportsman. Adapted from Labruyère.**]

In: *Revue Olympique*, 10^e année, mai 1910, pp.67-70.

Later reprinted, in:

- 1) *L'Education physique*, 9^e année, 15 septembre 1910, n° 17, pp.461-464.
- 2) *Sports populaires*, 4^e année, 12 octobre 1910, n° 93, p.1.
- 3) *Textes choisis*, vol.III, pp.658-661.

mai * Lutteurs à cheval.

[**Fighters on Horseback.**]

In: *Revue Olympique*, 10^e année, mai 1910, pp.70-71.

Later reprinted, in: *Sports populaires*, 4^e année, 16 mars 1910, n° 78, p.2.

mai La Face.

[**The Bourgeois Society.**]

In: *Revue Olympique*, 10^e année, mai 1910, pp.72-74.

Later reprinted, in:

- 1) *L'Education physique*, 10^e année, 15 août 1911, n° 15, pp.397-400.
- 2) *Essais de Psychologie sportive*, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.146-153.

mai-juil. Les Sports à l'Hôtel (I et II).

[**Sports at the Hotel.**]

In: *Revue Olympique*, 10^e année.

I: mai 1910, pp.76-78.

II: juillet 1910, pp.105-108. Later reprinted, in:

- 1) *L'Education physique*, 11^e année, 15 août 1912, n° 15, pp.404-405 et 408.
- II: 31 août 1912, n° 16, pp.430-433.
- 2) *Edition spéciale de la Société des Sports populaires*, s.l., 1910 (8 pages).

mai * Chronique du mois.

[**Chronicle of the Month: Hunting.** Edward VII. Baden Powell. The Dresden Hygiene Exposition].

In: *Revue Olympique*, 10^e année, mai 1910, pp.78-80.

juin * La question de l'amateurisme.

[**On Amateurism.**]

In: *Revue Olympique*, 10^e année, juin 1910, pp.89-95.

22 juin Fête artistique et sportive au gymnase

Christmann. [Excerpts of a speech].

[**Arts and Sports Festival at the Christmann Gymnasium.**]

In: *Sports populaires*, 4^e année, 7 décembre 1910, n° 85, p.1.

juil. Le comte d'Artois, sportsman.

[**The Count of Artois, a Sportsman.**]

In: *Revue Olympique*, 10^e année, juillet 1910, pp.99-101.

Later reprinted, in: *L'Education physique*, 11^e année, 15 janvier, n° 1, pp.4-5.

juil. Psychologie, internationalisme, démocratie. (Extraits d'une conférence faite à l'Exposition de Bruxelles).

[**Psychology, Internationalism, Democracy.**]

In: *Revue Olympique*, 10^e année, juillet 1910, pp.101-104.

Later reprinted under the title: "L'Avenir des sports", in:

- 1) *L'Education physique*, 9^e année, 30 septembre 1910, n° 18, pp.486-489.
- 2) *Sports populaires*, 4^e année, 26 oct. 1910, n° 94, p.1.
- 3) *Textes choisis*, vol.I, pp.423-426.

juil. * Chronique du mois: Duel de races -
Le mépris de la mort - Défense aux femmes - Palais des
sports - Le prix d'un athlète.

[**Chronicle of the Month: Duel. Despising Death.
Against Women Participation. Palais des sports. The
Price of an Athlete.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, juillet 1910, pp.108- 111.

20 juil. * Deux morts.

[**Two Deaths.**]

In: Sports populaires, 4^e année, 20 juillet 1910, n° 87, p.1.

août Tous les sports.

[**All Sports.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, août 1910, pp.115-
118. Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 11^e année, 30 mars 1912, n° 8,
pp.216-218.

2) Textes choisis, vol.II, pp.699-701.

août L'apôtre des harmonies viriles.

[**The Apostle of Virile Harmony.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, août 1910, pp.118-
120.

août Le jeu de "Pallone".

[**The Game of "Pallone".**]

In: Revue Olympique, 10^e année, août 1910, pp.120-
122.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 10^e année, 31 janvier 1911,
n° 2, pp.39-41.

2) Textes choisis, vol.III, pp.306-307.

août La question des parfums.

[**A Matter of Smell.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, août 1910, pp.123- 125.

Later reprinted, in: L'Education physique, 11^e année,
15 mai 1912, n° 9, pp.369-372.

août * Chronique du mois: Un sujet scabreux... et
oiseux.

[**Chronicle of the Month: A Tricky and Superfluous
Subject.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, août 1910, pp.125-
128.

3 août Non ! Non ! Pas ça !

[**No! No! Not That!**]

In: Sports populaires, 4^e année, 3 août 1910, n° 88, p.1.

Later reprinted, in: L'Education physique, 9^e année,
30 septembre 1910, n° 18, pp.477-478.

sept. * Trop d'argent.

[**Too Much Money.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, septembre 1910,
pp.131-132.

sept. La Rhompaia.

[**A Weapon from Byzantium.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, septembre 1910,
pp.132-134.

Later reprinted, in: L'Education physique, 11^e année, 30
avril 1912, n° 8, pp.302-303.

sept. Notes sur le lawn-tennis.

[**On Lawn Tennis.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, septembre 1910,
pp.134-138.

Later reprinted, in:

L'Education physique, 10^e année, 15 mars 1911, n° 5,
pp.122-128.

sept. * The possible unification of the amateur
definition.

In: Revue Olympique, 10^e année, septembre 1910,
pp.138-142.

sept. * Chronique du mois: L'aviron et le Pactole - Le
fisc rapace.

[**Chronicle of the Month: Rowing. The Greedy
Government.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, septembre 1910,
pp.143-144.

oct. * Le cheval à bascule.

[**The Rocking-Horse.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, octobre 1910, pp.147-
149.

oct. Le sport peut-il enraye la névrose universelle?

[**Can Sports Stop Neurosis?**]

In: Revue Olympique, 10^e année, octobre 1910, pp.149-
156.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 10^e année, 15 février 1911,
n° 3, pp.68-73.

2) Sports populaires, 5^e année, 12 avril 1911, n° 106, p.1.

3) Essais de Psychologie sportive. Lausanne/Paris, Payot,
1913, pp.154-171.

oct. * La conduite d'un haras de pur-sang.

[**A Stud-Farm.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, octobre 1910, pp.156-
158.

oct. * Chronique du mois: Un drame dans les airs.

[**Chronicle of the Month: Dramatic Goings-On in the Air.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, novembre 1910,
pp.158-160.

nov. * Une piscine dans une cave.

[**A Swimming-Pool in the Basement.**]

In: Revue Olympique, 10^e année, novembre 1910,
pp.163-164.

nov. * Gibt es ein französisches System der körperlichen Erziehung ?
[Is There a French System of Physical Education?] In: Revue Olympique, 10^e année, novembre 1910, pp.164-168.

nov. Nouveaux programmes d'enseignement.
[New Teaching Programmes.]
In: Revue Olympique, 10^e année, novembre 1910, pp.168-172.
Later reprinted, in: L'Education physique, 10^e année, 15 juin 1911, n° 11, pp.285-288.

nov. * Le sport du piano.
[Piano Sports.]
In: Revue Olympique, 10^e année, novembre 1910, pp.172-173.

nov. * Chronique du mois: En Amériques - En Hollande.
[Chronicle of the Month: In the Americas. In the Netherlands.]
In: Revue Olympique, 10^e année, nov. 1910, n° 95, pp.173-175.

9 nov. L'Amiral de Maigret.
[The Admiral Maigret.]
In: Sports populaires, 4^e année, 9 novembre 1910, n° 95, p.1.

23 nov. Le Comte de Cossé Brissac.
[The Count de Cossé Brissac.]
In: Sports populaires, 4^e année, 23 nov. 1910, n° 96, p.1.

déc. Le concours olympique d'architecture.
[The Olympic Architecture Competition.]
In: Revue Olympique, 10^e année, décembre 1910, pp.179-180.

déc. Les deux skieurs. Conte de Noël.
[The Two Skiers. A Christmas Carol.]
In: Revue Olympique, 10^e année, décembre 1910, pp.181-183.
Later reprinted, in: L'Education physique, 10^e année, 31 décembre 1911, n° 24, pp.651-654.

déc. In memoriam.
[Obituaries: Léon de Janzé. Maurice de Cossé-Brissac. Angelo Mosso. Octave Chanute. Leo N. Tolstôï].
In: Revue Olympique, 10^e année, décembre 1910, pp.183-186.
Later reprinted, in:
1) L'Education physique, 9^e année, 31 décembre 1910, n° 24, pp.660-662.
2) Sports populaires, 5^e année, 4 janvier 1911, n° 98, p.2.

déc. * Chronique du mois: L'odyssée de deux prix.
[Chronicle of the Month: The Odyssey of Two Prizes.]
In: Revue Olympique, 10^e année, décembre 1910, pp.186-188.

7 déc. Toile d'Araignée.
[Spiderweb.]
In: Sports populaires, 4^e année, 7 décembre 1910, n° 97, p.1.

1911

janv. * La campagne contre les Jeux Olympiques.
[The Campaign Against the Olympic Games.]
In: Revue Olympique, 11^e année, janvier 1911, pp.3-5.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.616-618.

janv. Réflexions dans un gymnase.
[Thoughts in a Gymnasium.]
In: Revue Olympique, 11^e année, janvier 1911, pp.5-9.
Later reprinted, in:
1) L'Education physique, 11^e année, 31 janvier 1911, n° 2, pp.34-37.
2) Essais de Psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.172-181.
3) Textes choisis, vol.I, pp.406-409.

janv. Le reflet de l'athlétisme dans les œuvres d'Horace.
[Athletism in Horace's Works.]
In: Revue Olympique, 11^e année, janvier 1911, pp.9-13.
Later reprinted, in: L'Education physique, 10^e année, 15 avril 1911, n° 7, pp.173-177.

janv. Ce que nous souhaitons à nos lecteurs.
[What We Wish Our Readers.]
In: Revue Olympique, 11^e année, janvier 1911, pp.13-14.
Later reprinted, in:
1) L'Education physique, 11^e année, 31 janvier 1911, n° 2, pp.28-29.
2) Sports populaires, 5^e année, 8 février 1911, n° 102, p.1.

janv. * Chronique du mois
[Chronicle of the Month: Mayor. Berthelot. Flammarion].
In: Revue Olympique, 11^e année, janvier 1911, pp.14-16.

25 janv. Ce qu'il y a de changé aux Etats-Unis.
[What Has Changed in the United States.]
In: La Revue des Français, 1^{re} année, 25 janvier 1911.

fév. La rapière.
[The Rapier.]
In: Revue Olympique, 11^e année, février 1911, pp.19-20.
Later reprinted, in:
1) L'Education physique, 11^e année, 28 février 1911, n° 4, pp.120-122.
2) Essais de Psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.182-186.

fév. Croquis d'hiver sur la montagne.

[A Winter Sketch of the Mountains.]

In: Revue Olympique, 11^e année, février 1911, pp.21-26.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 10^e année, 15 mars 1911, n° 5, pp.122-128.

2) Sports populaires, 5^e année, 22 mars 1911, n° 105, pp.1-2.

Under the title: "En hiver dans le pays d'En-Haut", in: Le pays vaudois, son âme et son visage, Lausanne, 1919, pp.23-27.

Textes choisis, vol.III, pp.668-671.

fév. * Chronique du mois: Un point d'histoire à propos d'un match de football.

[Chronicle of the Month: Historical Remarks Triggered Off By a Football Match.]

In: Revue Olympique, 11^e année, février 1911, pp.29-31.

25 fév. Sir Charles Dilke.

In: Revue des Français, 6^e année, tome X, 25 février 1911, pp.132-135.

mars * Les concours d'art de 1912: suggestions aux concurrents.

[The 1912 Art Competition: Suggestions for the Competitors.]

In: Revue Olympique, 11^e année, mars 1911, pp.35-38.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.508-511.

mars La Haute-Ecole.

[Haute Ecole.]

In: Revue Olympique, 11^e année, mars 1911, n° 63, pp.38-41.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 10^e année, 30 juin 1911, n° 12, pp.520-523.

2) Essais de Psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.187-192.

3) Textes choisis, vol.I, pp.410-412.

mars * Encouragement au pillage.

[Encouragement to Theft.]

In: Revue Olympique, 11^e année, mars 1911, pp.41-42.

mars * La crise évitable.

[The Avoidable Crisis.]

In: Revue Olympique, 11^e année, mars 1911, pp.42-44.

mars * Chronique du mois: Assez d'accidents - Prouesses de skieurs - La défense de l'Alpe.

[Chronicle of the Month: Accidents. Triumphant Skiers. Defence for the Alpe.]

In: Revue Olympique, 11^e année, mars 1911, pp.45-47.

avr. * Géographie sportive.

[Athletic Geography.]

In: Revue Olympique, 11^e année, avril 1911, pp.51-52.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.452.

avr. * L'Exposition de Dresde.

[The Dresden Exhibition.]

In: Revue Olympique, 11^e année, avril 1911, pp.52-54.

avr.-oct. Décoration, Pyrotechnie, Harmonies, Cortèges. Essai de ruskinianisme sportif (I - V).

[Decoration, Pyrotechnics, Harmonies, Processions: Essay on Athletic Ruskinianism.]

In: Revue Olympique, 11^e année,

I: avril 1911, pp.54-59;

II: mai 1911, pp.71-76;

III: juillet 1911, pp.106-110;

IV: août 1911, pp.122-124;

V: octobre 1911, pp.149-153.

Reprinted, in bochure form by the Société des Sports populaires, s.l., s.d. [1912] (22 pages).

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.517-535.

avr. Pour l'Honneur!

[For the Honour of It!]

[The speech was held by P.de Coubertin in Amsterdam, march 29, 1911.] In: Revue Olympique, 11^e année, avril 1911, pp.59-62.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 11^e année, 15 mai 1911, n° 9, pp.232-234.

2) Sports populaires, 5^e année, 24 mai 1911, n° 109, pp.1-2.

3) Textes choisis, vol.II, pp.391-394.

mai * A standard organisation for the Olympiads.

In: Revue Olympique, 11^e année, mai 1911, pp.67-69.

mai La bicyclette et l'hésitation.

[Hesitation and the Bike.]

In: Revue Olympique, 11^e année, mai 1911, pp.69-71.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 10^e année, 31 octobre 1911, n° 20, pp.538-541.

2) Essais de Psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.199-204.

3) Textes choisis, vol.I, pp.413-414.

mai * Les étapes de la compréhension.

[Stages of Understanding.]

In: Revue Olympique, 11^e année, mai 1911, pp.76-78.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.415-416.

mai * Chronique du mois: L'escrime et les femmes.

[Chronicle of the Month: Women and Fencing.]

In: Revue Olympique, 11^e année, mai 1911, pp.78-80.

juin * La fête olympique de la Sorbonne.

[The Sorbonne Olympic Festival.]

In: Revue Olympique, 11^e année, mai 1911, pp.83-85.

juin La XIII^e réunion plénière du Comité International Olympique.

[The XIIIth General Meeting (Session) of the IOC.]

In: Revue Olympique, 11^e année, juin 1911, pp.85-92.

juin * Le vingtième anniversaire des Jeux Olympiques.
[The Twentieth Anniversary of the Olympic Games.]
In: Revue Olympique, 11^e année, juin 1911, pp.93-94.

juil. Mens fervida in corpore lacertoso.
In: Revue Olympique, 11^e année, juillet 1911, pp.99- 100.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.603-604.

juil. Fauchez donc vos prés.
[Mow Your Lawns.]
In: Revue Olympique, 10^e année, juillet 1912, pp.104- 105.
Later reprinted, in:
1) L'Education physique, 10^e année, 15 septembre 1911, n° 17, pp.467-469.
2) Essais de Psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.211-215.

15 juil. M. A. Fringnet.
In: L'Education physique, 10^e année, 15 juillet 1911, n° 13, p.338.

août * La chasse et l'alpinisme aux Jeux Olympiques.
[Hunting and Alpinism at the Olympic Games.]
In: Revue Olympique, 11^e année, août 1911, pp.115- 116.

août * Chronique du mois
[Chronicle of the Month: Holland. Independence Day in New York. Women and Ballooning].
In: Revue Olympique, 11^e année, août 1911, pp.125- 127.

25 août Y a-t-il quelque chose de changé en Autriche-Hongrie?
[Any Changes in the Austro-Hungarian Empire?]
In: Revue des Français, 1^{ère} année, 25 août 1911, pp.297- 302.

sept. Où en est l'aviron ?
[What About Rowing?]
In: Revue Olympique, 11^e année, septembre 1911, pp.139-142.
Later reprinted, in: L'Education physique, 11^e année, 15 avril 1911, n° 7, pp.174-178.

sept. Chronique du mois: Sports et pouvoirs publics.
[Chronicle of the Month: Sports and the Authorities.]
In: Revue Olympique, 11^e année, septembre 1911, pp.142-144.

oct. Chronique du mois.
[Chronicle of the Month: Crossing the Channel].
In: Revue Olympique, 11^e année, oct. 1911, pp.156-158.

oct. L'initiative du Comité Olympique français.
[Suggestion from the French Olympic Committee.]
In: Revue Olympique, 11^e année, octobre 1911, pp.147-148.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.707-708.

oct. Communication du Président du C.I.O. [From the President of the IOC: The Stadiums].
In: Bulletin du C.I.O. Annexe de la Revue Olympique, 11^e année, octobre 1911, pp.158-160.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.641-642.

25 oct. L'éducation des adolescents au XX^e siècle.
[Educating the Youth in the Twentieth Century.]
In: Revue des Français, 1^{ère} année, 25 octobre 1911, pp.297-302.

28 oct. Coubertin Scores English President of International Olympic Committee Makes Statements.
In: The New York Times, 27 octobre 1912, p.4.

nov. * Le Pentathlon moderne.
[Modern Pentathlon.]
In: Revue Olympique, 11^e année, novembre 1911, pp.163-165.

nov. * Philosophie de sportsman.
[A Sportsman's Philosophy.]
In: Revue Olympique, 11^e année, novembre 1911, pp.165-166.

nov. Les bienfaits et les méfaits de l'automobilisme.
[Good and Bad Effects the Car Has on Our Lives.]
In: Revue Olympique, 11^e année, novembre 1911, n° 71, pp.166-169.
Later reprinted, in:
1) L'Education physique, 11^e année, février 1912, n° 3, pp.62-65.
2) Textes choisis, vol.I, pp.417-419 and vol.III, pp.339-341.

nov. * Journées de chasse en Floride (1 et II).
[Hunting in Florida.]
In: Revue Olympique, 11^e année. I: novembre 1911, pp.169-174; II: décembre 1911, pp.180-184.

nov. * La semaine d'un original.
[An Odd Person's Week.]
In: Revue Olympique, 11^e année, novembre 1911, pp.174-175.

déc. * Les réflexions du bonhomme Noël.
[Santa's Thoughts.]
In: Revue Olympique, 11^e année, décembre 1911, pp.184-186.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.662-664.

déc. * Chronique du mois.
[Chronicle of the Month: The Fencing Federations].
In: Revue Olympique, 11^e année, décembre 1911, pp.186-188.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.364-365.

1912

Die Arbeit des Internationalen Olympischen Komitees.

In: Wagner, J. (Ed.): Olympische Spiele Stockholm 1912, Zurich et Munich, Verlag von Julius Wagner, 1912, pp.4-5.

In English: Swedish Olympic Committee (Ed.): Olympic Games, Stockholm 1912 (June 29th - July 22nd).

Stockholm, Centraltryckeriet, 1912, p.1.

janv. * Un inventaire.

[An Inventory.]

In: Revue Olympique, 12^e année, janvier 1912, pp.3-6.

janv. * Concertation latine.

[Interpreting the Meaning of “Mens fervida...”]

In: Revue Olympique, 12^e année, janvier 1912, pp.6-7.

janv. Les sports et la colonisation.

[Sports and Colonialisation.]

In: Revue Olympique, 12^e année, janvier 1912, pp.7-10.

Later reprinted, in: L'Education physique, 11^e année, 31 mars 1912, n° 6, pp.145-147.

janv. * Le judo (I et II).

[Judo.]

In: Revue Olympique, 12^e année,

I: janvier 1912, pp.11-13;

II: février 1912, pp.24-27.

janv. * Chronique du mois: Une nouvelle formule de récompenses musculaires.

[Chronicle of the Month: A New Formula for Muscular Rewards.]

In: Revue Olympique, 12^e année, janvier 1912, pp.13-15.

fév. * De la condition des sports en Suisse.

[Sports in Switzerland.]

In: Revue Olympique, 12^e année, février 1912, pp.19-21.

fév. Remèdes sportifs pour les neurasthéniques.

[Sports as a Remedy for Neurasthenics.]

In: Revue Olympique, 12^e année, février 1912, pp.27-30.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 11^e année, 31 mai 1912, n° 10, pp.275-279.

2) Essais de Psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.242-250.

3) Textes choisis, vol.III, pp.644-647.

fév. * Chronique du mois. [Chronicle of the Month: The English and Continental snow].

In: Revue Olympique, 12^e année, février 1912, pp.30-31.

mars L'escrime est-elle énervante ou pacifiante?

[Does Fencing Trigger Off Or Quench Aggression?]

In: Revue Olympique, 12^e année, mars 1912, pp.37-40.

Later reprinted, in:

1) Psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.251-257.

2) Textes choisis, vol.I, pp.420-422.

mars * La classification des sports.

[Classification of Sports.]

In: Revue Olympique, 12^e année, mars 1912, pp.40-42.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.702-704.

mars Hydrothérapie et aérothérapie (I et II).

[Hydrotherapeutics and Aerotherapeutics.]

In: Revue Olympique, 12^e année,

I: mars 1912, pp.42-45;

II: avril 1912, pp.61-63.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 13^e année,

I: 15 mai 1914, n° 9, pp.232-236;

II: (under the title: “Aérothérapie et Hydrothérapie”), 31 mai 1914, n° 10, pp.257-259.

2) Textes choisis, vol.III, pp.632-637

mars * Chronique du mois.

[Chronicle of the Month: Ski, Mouillard].

In: Revue Olympique, 12^e année, mars 1912, pp.45-47.

avr. Congrès de psychologie et de physiologie sportives.

[Sports Psychology and Physiology.]

In: Revue Olympique, 12^e année, avril 1912, pp.51-56.

avr. * Une vocation. Conte de Pâques.

[A Vocation. An Easter Story.]

In: Revue Olympique, 12^e année, avril 1912, pp.56-58.

avr. Le sport et la guerre.

[Sports and War.]

In: Revue Olympique, 12^e année, avril 1912, pp.58-61.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 11^e année, 30 novembre 1912, n° 22, pp.612-614.

2) Essais de Psychologie sportive, Lausanne/Paris, Payot, 1913, pp.258-264.

mai * Good News from Basle.

In: Revue Olympique, 12^e année, mai 1912, pp.67-70.

mai Educations de princes.

[Princely Education.]

In: Revue Olympique, 12^e année, mai 1912, pp.70-74.

Later reprinted, in: L'Education physique, 11^e année,

15 octobre 1912, n° 19, pp.526-529.

mai L'art de la canne.

[French Fencing: “Canne”.]

In: Revue Olympique, 12^e année, mai 1912, pp.74-76.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 11^e année, 30 juin 1912, n° 12, pp.328-330.

2) Textes choisis, vol.III, pp.183-185.

mai * Chronique du mois.

[Chronicle of the Month: Sports and strikes, etc.].

In: Revue Olympique, 12^e année, mai 1912, pp.76-78.

mai Lettre à Monsieur le Maire de Prague.

[Letter to the Mayor of Prague.]

In: Revue Olympique, 12^e année, mai 1912, pp.79-80.

juin * Le rôle éducatif des Olympiades.

[The Educational Role of the Olympiads.]

In: Revue Olympique, 12^e année, juin 1912, pp.83-84.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.376-377.

juin * A travers l'histoire suédoise.

[On Swedish History.]

In: Revue Olympique, 12^e année, juin 1912, pp.86-90.

juin * Upsal.

[Uppsala.]

In: Revue Olympique, 12^e année, juin 1912, pp.90-92.

juin * L'organisation sportive en Suède.

[Sports Organisation in Sweden.]

In: Revue Olympique, 12^e année, juin 1912, pp.92-95.

juil. * Les femmes aux Jeux Olympiques.

[The Women at the Olympic Games.]

In: Revue Olympique, 12^e année, juillet 1912, pp.109-111.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.705-706.

août * Une Olympiade à vol d'oiseau.

[A Bird's Eye View of an Olympiad.]

In: Revue Olympique, 12^e année, août 1912, pp.115-119.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.244-248.

août La séance du 4 juillet 1912.

[Speech at Stockholm, in the Swedish Parliament, July 4, 1912]

In: Revue Olympique, 12^e année, août 1912, pp.119-122.

Later reprinted in French, in:

1) L'Idée Olympique, pp.35-37.

2) Textes choisis, vol.II, pp.605-607. Later reprinted,

in English, in: The Olympic Idea, pp.36-38.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.43-45. in

Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.66-69.

sept. Histoire à retenir.

[History to Keep.]

In: Revue Olympique, 12^e année, septembre 1912,

pp.140-142.

Later reprinted, in: L'Education physique,

11^e année, 15 septembre 1912, n° 17, pp.458-459.

sept. Paroles de clôture.

[Closing Words.]

In: Revue Olympique, 12^e année, septembre 1912,

pp.142-143.

Later reprinted, in:

1) L'Idée Olympique, pp.38-39.

2) Textes choisis, vol.II, pp.252-253.

3) Later reprinted,

in English, in: The Olympic Idea, pp.38-39.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.45-46. in

Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.69-70.

oct. * La critique est aisée...

[On a Speech.]

In: Revue Olympique, 12^e année, octobre 1912,

pp.147-151.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.451.

oct. * Les débuts du Pentathlon moderne.

[The Origins of Modern Pentathlon.]

In: Revue Olympique, 12^e année, octobre 1912, pp.151-

154.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.249-251.

oct. * L'Art à l'Olympiade.

[Fine Arts at the Olympics.]

In: Revue Olympique, 12^e année, octobre 1912,

pp.154-157.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.513-515.

oct. Sport et diplomatie.

[Sports and Diplomacy.]

In: Revue Olympique, 12^e année, octobre 1912,

pp.157-159.

Later reprinted, in: L'Education physique, 11^e année,

15 juin, n° 11, pp.294-297.

23 nov. Discours de M. de Coubertin.

[Speech by Pierre de Coubertin.]

(Lors de la remise de la coupe olympique à l'Union des Sociétés de Gymnastique.) In: Le Gymnaste,

23 novembre 1912, pp.905-907.

Later reprinted, in excerpts under the title: "Vers le gymnase antique", in:

1) Revue Olympique, 12^e année, décembre 1912, pp.184-186.

2) Also under the title: "Le rétablissement du Gymnase municipal de l' antiquité", in: Le Gymnaste Suisse,

5^e année, 10 septembre 1926, n° 7, p.2. 3)Textes choisis,

vol.III, pp.586-589.

nov. * L'Eugénie.

[Eugenics.]

In: Revue Olympique, 12^e année, novembre 1912,

pp.163-166.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.599-602.

nov.-janv. 1913

* L'équitation populaire: but, conditions, moyens (I, II and III).

[Horse-Riding as a Popular Sport: Goal, Conditions, Devices.]

In: Revue Olympique,

I: 12^e année, novembre 1912, pp.170-173;

II: 12^e année, décembre 1912, pp.181-184;

III: 13^e année, janvier 1913, pp.8-11.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.197-205.

nov. * Chronique du mois: Découvertes successives.
[Chronicle of the Month: Successive Discoveries.]
In: Revue Olympique, 12^e année, novembre 1912,
pp.173-175.

déc. Ode au Sport.
[Ode to Sport.]
[Under the double pseudonym of Georges Hohrod and
M. Eschbach, Gold medal in the literature competition
of the Olympic Games in Stockholm].
In: Revue Olympique, 12^e année, décembre 1912,
pp.179-181.
Brochure form: Impr. Gand, Van Dooselaere, 1912.
Later reprinted in French, in:
1) L'Education physique, 12^e année, 15 janvier 1913,
n° 1, pp.22-24.
2) L'Idée Olympique, pp.38-39.
3) Textes choisis, vol.III, pp.665-667. Later reprinted,
in English, in: The Olympic Idea, pp.39-40. in German,
under the Title: "Ode an den Sport. 1. Literaturpreis der
Stockholm Olympischen Spiele", in: Athletik-Jahrbuch
1914, Berlin 1915, pp.47-48.
Der Olympische Gedanke, pp.47-48.
in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.70-73.

déc. * Chronique du mois.
[Chronicle of the Month: Youth and Sports].
In: Revue Olympique, 12^e année, décembre 1912,
pp.186-187.

20 déc. La crise de l'Histoire de France et l'initiative de
la Ligue d'Education Nationale.
[The Crisis of French History and the Initiative of the
National League of Education.]
In: Revue des Français, 7^e année, 20 décembre 1912,
pp.329-331.

1913

janv. * Ernest Callot.
In: Revue Olympique, 13^e année, janvier 1913, p.3.

janv. * Le docteur Morax.
[Doctor Morax.]
In: Revue Olympique, 13^e année, janvier 1913, p.4.

janv. * Les mètèques du sport.
[Immigrant Sportsmen.]
In: Revue Olympique, 13^e année, janvier 1913, pp.6-8.

janv. * Chronique du mois. [Chronicle of the Month:
The Sports Year 1912].
In: Revue Olympique, 13^e année, janvier 1913, pp.11-15.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.663-666.

fév. Les Congrès olympiques.
[Olympic Congresses.]
In: Revue Olympique, 13^e année, février 1913, pp.19-20.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.257-258.

fév. * La psychologie sportive.
[Sports Psychology.]
In: Revue Olympique, 13^e année, février 1913, pp.20-23.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol. I, pp.427-429.

fév. Lausanne.
In: Revue Olympique, 13^e année, février 1913, pp.24-
29. Later reprinted, in: Le Pays Vaudois, son âme et son
visage, Lausanne, F. Rouge, 1919, pp.5-10.

mars * Règlement pour une coupe de sabre à cheval.
[Rules for Fencing on Horseback.]
In: Revue Olympique, 13^e année, mars 1913, pp.40-42.

mars * A l'hippodrome de Byzance.
[The Hippodrome at Byzantium.]
In: Revue Olympique, 13^e année, mars 1913, pp.42-44.

mars De la volupté sportive.
[Enjoyment of Sports.]
In: Revue Olympique, 13^e année, mars 1913, pp.44-46.
Later reprinted, in: L'Education physique, 12^e année, 15
septembre 1913, n° 17, pp.474-475.

avr. * Le roi des Hellènes.
[The King of the Hellenes.]
In: Revue Olympique, 13^e année, avril 1913, pp.51-52.

avr. * L'organisation olympique en Allemagne.
[The Olympic Organisation in Germany.]
In: Revue Olympique, 13^e année, avril 1913, pp.52-55.

avr. Les méfaits de l'accoutumance.
[Consequences of Sticking to One's Habits.]
In: Revue Olympique, 13^e année, avril 1913, pp.55-58.
Later reprinted, in:
1) Education physique, 13^e année, 15 avril 1914, n° 7,
pp.169-172.
2) Textes choisis, vol.III, pp.339-341.

avr. * Encore l'affaire Thorpe.
[The Thorpe Affair Once Again.]
In: Revue Olympique, 13^e année, avril 1913, pp.58-59.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.578-579.

avr. * Chronique du mois.
[Chronicle of the Month: Advances in Physical
Education, etc.].
In: Revue Olympique, 13^e année, avril 1913, pp.60-62.

mai * A la veille du Congrès de Lausanne.
[Before the Lausanne Congress.]
In: Revue Olympique, 13^e année, mai 1913, pp.67-68.

mai Olympisme et utilitarisme.

[**Olympism and Utilitarianism.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, mai 1913, pp.68-73.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 12^e année, 31 août 1913, n° 16, pp.438-441.

2) Textes choisis, vol.II, pp.378-382.

mai * Récits d'escrime.

[**Fencing.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, mai 1913, pp.73-76.

Later reprinted, in:

L'Education physique, 13^e année, 31 mars 1914, n° 6, pp.165-168.

mai * Chronique du mois: Une Olympiade extrême-orientale.

[**Chronicle of the Month: An Olympiad in the Far-East.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, mai 1913, pp.77-78.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.660-662.

juil. Les journées de Lausanne.

[**The Days of Lausanne.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, juillet 1913, pp.103-

112 (Coubertin's speech: pp.106-109).

juil. * Une campagne contre l'athlète spécialisé.

[**A Campaign Against Specialized Athletes.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, juillet 1913,

pp.114-115.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.590-591.

août L'emblème et le drapeau de 1914.

[**The Emblem and the Flag of 1914.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, août 1913, pp.119- 120.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.460-461.

août * Le sport et la question sociale.

[**Sports and the Social Question.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, août 1913, pp.120- 123.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.607-609.

août * Le handicapage de l'idée de retour.

[**The Problem of Returning.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, août 1913, pp.126- 128.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.430-432.

août * Chronique du mois: Le record de l'heure - Des envolées merveilleuses - Variante pour le Pentathlon - Opinions d'Australie.

[**Chronicle of the Month: Records. – Fantastic Thoughts. – Pentathlon Variations. – Australian Opinions.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, août 1913, pp.128-131.

sept. L'œuvre Olympique et ses rouages.

[**How the Olympics Work.**]

(Rapport au Congrès mondial des Associations internationales tenu à Gand et Bruxelles du 15^e au 18 juin 1913.)

In: Revue Olympique, 13^e année, septembre 1913, pp.136-140.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.608-611.

sept. * Les échelons d'une éducation sportive.

[**Echelons of Sports Education.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, septembre 1913,

pp.142-145.

Later reprinted, in:

1) L'Education physique, 13^e année, 15 mai 1913, n° 9, pp.242-246.

2) Textes choisis, vol.III, pp.443-446.

sept * Chronique du mois

[**Chronicle of the Month: A likable European...**].

In: Revue Olympique, 13^e année, septembre 1913,

pp.146-147.

oct. * En vue du Congrès de Paris.

[**Looking Ahead to the Paris Congress.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, octobre 1913, pp.151.

oct. * Le sport, passeport de vertus.

[**Sport, Virtue's Passport.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, octobre 1913,

pp.151-152.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.605-606.

oct. * Sports carolingiens.

[**Carolingian Sports.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, octobre 1913,

pp.158-160.

oct. * Chronique du mois.

[**Chronicle of the Month: International shooting competition, etc.**].

In: Revue Olympique, 13^e année, octobre 1913,

pp.160-162.

nov. * Nouveaux aspects du problème.

[**New Aspects of the Problem.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, novembre 1913,

pp.178-179.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.580-581.

nov. * Solutions diverses.

[**Several Solutions.**]

In: Revue Olympique, 13^e année, novembre 1913,

pp.179-180.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.582-583.

30 nov. Gymnastique équestre préparatoire à l'équitation.

[**Acrobatics on Horseback as a Preparation for Horse-Riding.**]

In: L'Education physique, 12^e année, 30 novembre 1913, n° 22, pp.611-613.

déc. * La question d'argent.

[The Matter of Money.]

In: Revue Olympique, 13^e année, décembre 1913, pp.183-185.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.584-586..

déc. * La requête des haltérophiles.

[The Weight-Lifters' Request.]

In: Revue Olympique, 13^e année, décembre 1913, pp.185-186.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.720-721.

déc. Le sport et l'art de vieillir.

[Sports and the Art of Aging.]

In: Revue Olympique, 13^e année, décembre 1913, pp.187-188.

Later reprinted,

in French, in: Textes choisis, vol.I., pp.473-474,

in German, in: Rheinisch-Westfälische Sportzeitung, 3^e année, 30 juin 1914, n° 27, pp.12-13.

déc. Chronique du mois. [Chronicle of the Month: Worldwide extension of Olympism].

In: Revue Olympique, 13^e année, décembre 1913, pp.188-190.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.667-668.

1914

janv. * Un congrès oublié.

[A Forgotten Congress.]

In: Revue Olympique, 14^e année, janvier 1914, pp.4-8.

janv.-avr.

* Philosophe, sportsman et neurasthénique.

[Philosopher, Sportsman, and Neurasthenic.]

In: Revue Olympique, 14^e année, janvier 1914, pp.8-10.

janv.-avr.

Critique du Congrès de Lausanne (I - IV).

[Critique of the Lausanne Congress.]

In: Revue Olympique, 14^e année,

I: janvier 1914, pp.10-12;

II: février 1914, pp.28-29;

III: mars 1914, pp.42-45;

IV: avril 1914, pp.54-58.

janv. * Chronique du mois [Chronicle of the Month: The Athens Interim Games, etc.].

In: Revue Olympique, 14^e année, janvier 1914, pp.12-15.

fév. * Amoros et Arnold.

[Amoros and Arnold.]

In: Revue Olympique, 14^e année, fév. 1914, pp.25-27.

fév. * Chronique du mois [Chronicle of the Month: A minister of Sports].

In: Revue Olympique, 14^e année, février 1914, pp.30-31.

mars * La leçon et l'assaut en boxe et en escrime.

[Lessons and Attacking in Boxing and Fencing.]

In: Revue Olympique, 14^e année, mars 1914, pp.35-39.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.177-180.

mars * La décadence des sports d'hiver.

[The Decline of Winter Sports.]

In: Revue Olympique, 14^e année, mars 1914, pp.39-40.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.246-247.

mars * Hydrothérapie japonaise.

[Japanese Hydrotherapeutics.]

In: Revue Olympique, 14^e année, mars 1914, pp.41-42.

mars * Chronique du mois: Le jargon sportif.

[Chronicle of the Month: Sports Jargon.]

In: Revue Olympique, 14^e année, mars 1914, pp.45-46.

avr. * Le Collège d'athlètes de Reims.

[The Athletes' College at Reims.]

In: Revue Olympique, 14^e année, avril 1914, pp.52-54.

avr. * Statistique sportive.

[Sports Statistics.]

In: Revue Olympique, 14^e année, avril 1914, pp.58-59.

avr. * Chronique du mois [Chronicle of the Month: Dueling].

In: Revue Olympique, 14^e année, avril 1914, pp.59-61.

mai * Les pourvoyeurs du royaume d'utopie.

[A Utopian Kingdom.]

In: Revue Olympique, 14^e année, mai 1914, pp.75-77.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.610-611.

juin Pour bien comprendre la France.

[Understanding France.]

In: Notes sur la France d'aujourd'hui. (Brochure offerte aux délégués des Comités Olympiques Nationaux à l'occasion des fêtes du XX^e anniversaire du rétablissement des Jeux Olympiques.) Paris, juin 1914, pp.7-9.

Also published, in: Revue des Français, 9^e année, 20 juin 1914, pp.435-438.

juin * Le vaisseau de Lutetia.

[The Boat from Lutetia.]

In: Revue Olympique, 14^e année, juin 1914, pp.83-84.

juin * Dix-neuf cents ans d'histoire.

[Nine Hundred Years of History.]

In: Revue Olympique, 14^e année, juin 1914, pp.84-89.

juin * A la mode de Paris.

[Following Paris Fashions.]

In: Revue Olympique, 14^e année, juin 1914, pp.89-90.

juin * Paris invisible.

[Invisible Paris.]

In: Revue Olympique, 14^e année, juin 1914, pp.90-91.

juin * Le Congrès Olympique à travers Paris.
[The Olympic Congress in Paris.]
In: Revue Olympique, 14^e année, juin 1914, pp.91-95.

20 juin Le Sport et la Société moderne.
[Sports and Modern Society.]
(Discours prononcé en Sorbonne, en présence de Raymond Poincaré, Président de la République, à l'occasion du XX^e anniversaire du rétablissement des Jeux Olympiques.)
In: La Revue Hebdomadaire, 23^e année, 20 juin 1914, pp.376-386.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.612-619.

juil. * Les fêtes et le congrès de 1914.
[The 1914 Festival and Meeting.]
In: Revue Olympique, 14^e année, juillet 1914, p.99.

juil. * Les fêtes olympiques de Paris.
[The Olympic Festival in Paris.]
In: Revue Olympique, 14^e année, juil. 1914, pp.100-110.

juil. * Les fêtes olympiques de Reims.
[The Olympic Festival in Reims.]
In: Revue Olympique, 14^e année, juil. 1914, pp.110-111.

8 oct. 1870-1914.
In: La Petite Gironde, 35^e année, 8 octobre 1914, p.1.

26 oct. Appel à tous.
[Appeal to Everyone.]
In: Excelsior, 5^e année, 26 octobre 1914, n° 1441, p.2.

2 nov. L'esprit nouveau.
[The New Spirit.]
In: Excelsior, 5^e année, 2 novembre 1914, n° 1448, p.2.

9 nov. Un exemple en chair et en os.
[A Model in Flesh and Blood.]
In: Excelsior, 5^e année, 9 novembre 1914, n° 1455, p.3.

16 nov. L'air et l'eau.
[Air and Water.]
In: Excelsior, 5^e année, 16 novembre 1914, n° 1462, p.3.
Later reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.36-38.

23 nov. Une sanction.
[A Sanction.]
In: Excelsior, 5^e année, 23 novembre 1914, n° 1469, p.3.

30 nov. Un ton plus haut s.v.p.
[Louder, Please!]
In: Excelsior, 5^e année, 30 novembre 1914, n° 1476, p.3.

7 déc. Du jeu à l'héroïsme.
[From Play to Heroism.]
In: Excelsior, 5^e année, 7 décembre 1914, n° 1483, p.3.

11 déc. Chronique pour après: Crise salutaire.
[A Chronicle for the Future: A Healthy Crisis.]
In: La Petite Gironde, 35^e année, 11 décembre 1914, p.1.

14 déc. Juste hommage.
[A Just Tribute.]
In: Excelsior, 5^e année, 14 décembre 1914, n° 1490, p.3.

17 déc. Chronique pour après: Nos pacifistes.
[A Chronicle for the Future: Our Pacifists.]
In: La Petite Gironde, 35^e année, 17 décembre 1914, p.1.

21 déc. Au pied des remparts de Carcassonne.
[At Carcassonne.]
In: Excelsior, 5^e année, 21 décembre 1914, n° 1497, p.3.

28 déc. Equilibre et combat.
[Balance and Fight.]
In: Excelsior, 5^e année, 28 décembre 1914, n° 1504, p.3.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.131-132.

30 déc. Chronique pour après: Acquérir pour donner.
[A Chronicle for the Future: Gathering for Giving.]
In: La Petite Gironde, 35^e année, 30 décembre 1914, p.1.

1915

4 janv. Le Décalogue de 1915. Aux jeunes Français.
[A 1915 Decalogue: To the Youth of France.]
In: Excelsior, 6^e année, 4 janvier 1915, n° 1511, p.3.
Later reprinted, in: Le Gymnaste Vaudois, 2^e année, 25 janvier 1915, n° 22, pp.173-174.
Also published in poster form by Excelsior, january 1915.

11 janv. De quelques détails et précisions nécessaires.
[Some Necessary Details.]
In: Excelsior, 6^e année, 11 janvier 1915, n° 1518, p.3.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.594-596.

14 janv. Chronique pour après: Notre philosophie.
[A Chronicle for the Future: Our Philosophy.]
In: La Petite Gironde, 36^e année, 14 janvier 1915, p.1.

15 janv. Un'intervista col Presidente del Comitato Olimpico internazionale.
[Interview given to Gustavo Verona, director of the "Stampa Sportiva". (Italian Text.)]
In: Rivista degli sports, 15 janvier 1915, pp.7-8.

18 janv. Qu'est-ce qu'un collège d'athlètes ?
[What Is an Athletes' College?]
In: Excelsior, 6^e année, 18 janvier 1915, n° 1525, p.3.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.366-367.

22 janv. Chronique pour après: Nos journalistes.
[Chronicle for the Future: Our Journalists.]
In: La Petite Gironde, 36^e année, 22 janvier 1915, p.1.

25 janv. Pourquoi donc, cette manie de nudité?

[Why Is There a Nudomania?]

In: Excelsior, 6^e année, 25 janvier 1915, n° 1532, p.3.

Later reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.40-42.

1^{er} fév. La marche.

[Walking.]

In: Excelsior, 6^e année, 1^{er} février 1915, n° 1539, p.3.

Later reprinted, in:

1) Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.23-25.

2) Le Gymnaste Vaudois, 5^e année, 25 avril 1917, n° 8, pp.63-64.

3 fév. Chronique pour après: Nos diplomates.

[Chronicle for the Future: Our Diplomats.]

In: La Petite Gironde, 36^e année, 3 février 1915, p.1.

8 fév. La course.

[Running.]

In: Excelsior, 6^e année, 8 février 1915, n° 1546, p.3.

Later reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.5-6.

12 fév. Chronique pour après: Plus de dénigreurs.

[Chronicle for the Future: No More Liars.]

In: La Petite Gironde, 36^e année, 12 février 1915, p.1.

15 fév. Le saut.

[Jumping.]

In: Excelsior, 6^e année, 15 février 1915, n° 1553, p.3.

Later reprinted, in:

1) Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.6-8.

2) Le Gymnaste Suisse, 2^e année, 6 avril 1923, n° 8, pp.1-2.

22 fév. L'escalade.

[Mountain-Climbing.]

In: Excelsior, 6^e année, 22 février 1915, n° 1560, p.3.

Later reprinted, in:

1) Le Gymnaste Vaudois, 3^e année, 25 avril 1915, n° 4, pp.43-44.

2) Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.8-10.

3) Le Gymnaste Suisse, 2^e année, 5 janvier 1923, n° 1, pp.1-2.

1^{er} mars Le lancer.

[Throwing.]

In: Excelsior, 6^e année, 1^{er} mars 1915, n° 1567, p.3. Later

reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.11-12.

4 mars Chronique pour après: Nos gens de lettres.

[Chronicle for the Future: Our Writers.]

In: La Petite Gironde, 36^e année, 4 mars 1915, p.1.

8 mars Porter.

[Carrying.]

In: Excelsior, 6^e année, 8 mars 1915, n° 1574, p.3. Later

reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.13-14.

15 mars Ramper.

[Crawling.]

In: Excelsior, 6^e année, 15 mars 1915, n° 1581, p.3. Later

reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.14-16.

22 mars Dans l'eau.

[In the Water.]

In: Excelsior, 6^e année, 22 mars 1915, n° 1588, p.3. Later

reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.16-18.

29 mars A l'arme blanche.

[Call to Arms.]

In: Excelsior, 6^e année, 29 mars 1915, n° 1595, p.3. Later

reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.18-20.

5 avr. A poings nus.

[With Naked Fists.]

In: Excelsior, 6^e année, 5 avril 1915, n° 1602, p.3. Later

reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.20-22.

10 avr. La cérémonie de Lausanne.

(Speech, April 10, 1915.)

[The Ceremony at Lausanne.]

In: Bulletin du Comité International Olympique, 1915, n° 2, p.2.

Later reprinted, in French, in:

1) L'Idée Olympique, pp.41-42.

Textes choisis, vol.II, 731-732. Later reprinted, in

English, in: The Olympic Idea, pp.41-43.

German, in: Der Olympische Gedanke, pp.49-51.

Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.74-76.

12 avr. Le tir.

[Shooting.]

In: Excelsior, 6^e année, 12 avril 1915, n° 1609, p.3. Later

reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.22-23.

19 avr. L'équitation populaire.

[Horse-Riding as a Popular Sport.]

In: Excelsior, 6^e année, 19 avril 1915, n° 1616, p.3. Later

reprinted, in:

1) Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916, pp.25-27.

2) Le Gymnaste Suisse, 2^e année, 20 avril 1923, n° 16, p.1.

3 mai A cheval.

[On Horseback.]

In: Excelsior, 6^e année, 3 mai 1915, n° 1630, p.3.

Later reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire.

Paris, Payot, 1916, pp.29-31.

10 mai L'aviron.

[Rowing.]

In: Excelsior, 6^e année, 10 mai 1915, n° 1637, p.3. Later

reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire. Paris,

Payot, 1916, pp.31-33.

24 mai Vélo, auto, ski, etc.

[Bike, Car, Ski, etc.]

In: Excelsior, 6^e année, 25 mai 1915, n° 1644, p.3. Later

reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire. Paris,

Payot, 1916, pp.33-34.

31 mai Travaux manuels.

[Handicraft.]

In: Excelsior, 6^e année, 31 mai 1915, n° 1651, p.3.

Later reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire.

Paris, Payot, 1916, pp.35-36.

7 juin La supériorité du football.

[The Superiority of Football.]

In: Excelsior, 6^e année, 7 juin 1915, n° 1658, p.3.

Later reprinted, in:

1) Leçons de gymnastique utilitaire. Paris, Payot, 1916,

pp.42-43.

2) Textes choisis, vol.III, pp.293-294.

14 juin Dans votre chambre.

[In Your Room.]

In: Excelsior, 6^e année, 14 juin 1915, n° 1665, p.3.

Later reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire.

Paris, Payot, 1916, pp.38-40.

21 juin Comment se servir du record?

[What Can We Do With a Record?]

In: Excelsior, 6^e année, 21 juin 1915, n° 1672, p.3.

Later reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire.

Paris, Payot, 1916, pp.44-45.

28 juin N'oubliez pas!

[Don't Forget!]

In: Excelsior, 6^e année, 28 juin 1915, n° 1679, p.3.

Later reprinted, in: Leçons de gymnastique utilitaire.

Paris, Payot, 1916, pp.45-46.

5 juil. La restauration du Gymnase antique.

[The Restoration of the Classical Gymnasium.]

In: Excelsior, 6^e année, 5 juillet 1915, n° 1686, p.3.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.592-593.

12 juil. Le Gymnase "Excelsior".

[The "Excelsior" High School – A Fictitious Institution of Adult Education.]

In: Excelsior, 6^e année, 12 juillet 1915, n° 1693 p.2.

juil. Les néo-encyclopédistes et la guerre.

[The Neo-Encyclopedians and the War.]

In: Bibliothèque universelle et Revue suisse, tome

LXXIX, juillet 1915, pp.49-59.

19 juil.-27 déc.

Leçons dans le Gymnase d' "Excelsior".

[Lessons at the "Excelsior" High School.]

In: Excelsior, 6^e année,

19 juillet 1915, n° 1700, p.2: I. Notre France;

[Our France.]

26 juillet 1915, n° 1707, p.2: II. Vous n'êtes qu'une

pièce du mur...; [You're Just a Brick in the Wall.]

2 août 1915, n° 1714, p.2: III. Cérémonies désirables;

[Desirable Ceremonies.]

9 août 1915, n° 1721, p.2: IV. Des origines du sport;

[The Origins of Sport.]

16 août 1915, n° 1728, p.2: V. Des origines du sport

(fin); [The Origins of Sport II.]

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.25-26.

23 août 1915, n° 1735, p.2: VI. Connais-toi toi-même;

[Know Yourself.]

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.620-621.

30 août 1915, n° 1742, p.2: VII. Sur la côte de Californie;

[At the Californian Coast.]

6 septembre 1915, n° 1749, p.2: VIII. L'histoire se

répète...; [History Repeats Itself.]

13 septembre 1915, n° 1756, p.2: IX. Le triomphe

africain; [The African Triumph.]

20 septembre 1915, n° 1763, p.2: X. Encore de

l'histoire; [More History.]

27 septembre 1915, n° 1770, p.2: XI. Erreurs concernant

la Pologne; [False Impressions of Poland.]

4 octobre 1915, n° 1777, p.2: XII [sic]. Pourquoi donc

tant d'histoire?; [Why So Much History?]

11 octobre 1915, n° 1784, p.2: XIII. Pour la santé

publique; [For Public Health.]

18 octobre 1915, n° 1791, p.2: XIV. Le chapitre de la

propreté; [Hygiene.]

25 octobre 1915, n° 1798, p.2: XV. Ceux à qui je

m'adresse; [Those I Am Talking to.]

2 novembre 1915, n° 1805, p.2: XVII [sic]. L'équilibre;

[Balance.]

8 novembre 1915, n° 1812, p.2: XVIII. L'esprit du corps;

[Esprit de Corps.]

15 novembre 1915, n° 1819, p.2: XIX. Le silence;

[Silence.]

22 novembre 1915, n° 1826, p.2: XX. L'arrivisme;

[Over-Ambition.]

29 novembre 1915, n° 1833, p.2: XX [sic]. L'esprit

critique; [Criticizing.]

6 décembre 1915, n° 1840, p.2: XXII. Du calme;

[Calmness.]

13 décembre 1915, n° 1847, p.2: XXIII. L'eurythmie;

[Eurhythmics.]

20 décembre 1915, n° 1854, p.2: XXIV. La logique;

[Logic.]

27 décembre 1915, n° 1861, p.2: XXV. La délation.

[Denunciation.]

déc. Extracts from a letter received from Baron Pierre de Coubertin.
In: American Physical Education Review, vol. XX, décembre 1915, pp.568-569.

1916

3 janv. Leçons dans le gymnase d' "Excelsior". Un bon système nerveux.

[Lessons at the "Excelsior" High School: A Stable Nervous System.]

In: Excelsior, 7^e année, 3 janvier 1916, n° 1868, p.9.

25 nov. A travers l'histoire sud-américaine.

[On South-American History.]

In: La Revue Hebdomadaire, 25^e année, 25 novembre 1916, n° 48, pp.451-473.

Later reprinted, in brochure form: Paris, Plon-Nourrit, 1916. (Brochure spéciale de 27 pages éditée à l'occasion de la première semaine de l'Amérique latine, Lyon - décembre 1916.)

1917

Calendrier olympique.

[Olympic Calendar.]

In: Almanach olympique pour 1918. Lausanne, Impr. Réunies, 1917, pp.1-4.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.339-340.

Les Jardins de l'Effort.

[The Gardens of Effort.]

In: Almanach olympique pour 1918. Lausanne, Impr. Réunies, 1917, pp.4-7.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.446.

L'histoire se répète...

[History Repeats Itself.]

In: Almanach olympique pour 1918. Lausanne, Impr. Réunies, 1917, pp.9-14.

Pensées d'athlètes.

[Thoughts of Athletes.]

In: Almanach olympique pour 1918. Lausanne, Impr. Réunies, 1917, pp.14-16. [Coubertin quotes excerpted from books and articles.]

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.458.

Pour avoir chaud cet hiver.

[How to Keep Warm This Winter.]

In: Almanach olympique pour 1918. Lausanne, Impr. Réunies, 1917, pp.16-19.

Later reprinted, in: Le Gymnaste Vaudois, 8^e année, 10 novembre 1920, n° 21, p.188.

Le chant choral.

[Hymns.]

In: Almanach olympique pour 1918. Lausanne, Impr. Réunies, 1917, pp.19-20.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.536.

Regards rétrospectifs.

[Looking Back.]

In: Almanach olympique pour 1918. Lausanne, Impr. Réunies, 1917, pp.20-24.

Proclamation de Hugues Capet (1^{er} juin 987).

[Proclamation of Hugo Capet.]

In: Anniversaires historiques à célébrer entre bons Français. Paris, Delagrave, 1917, pp.45-56.

1^{er} mars Ceci tuera cela!

[This Will Kill That!]

In: La Revue, vol. LXVII, 28^e année, 1^{er} mars 1917, VIII^e série, n° 5-6, pp.513-518.

mai L'Institut Olympique de Lausanne.

[The Olympic Institute at Lausanne.]

In: Bibliothèque universelle et Revue suisse, tome LXXXV, mai 1917, n° 257, pp.185-202.

Off-print, entitled "A l'Institut Olympique de Lausanne": Lausanne, Bibliothèque universelle et Revue suisse, 1917 (20 pages).

juin La troisième République et la politique capétienne.

[The Third Republic and Capetian Politics.]

In: Bibliothèque universelle et Revue suisse, tome LXXXVI, juin 1917, n° 258, pp.363-375 (published under the pseudonym Georges Hohrod).

1918

Les étapes de l'Olympisme: le nouvel échelon.

[Stages of Olympism: The New Echelon.]

In: Almanach olympique pour 1919. Lausanne, Impr. Réunies, 1918, pp.1-6.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.395-397.

* Springfield.

In: Almanach olympique pour 1919. Lausanne, Impr. Réunies, 1918, pp.6-8.

Les découvertes de l'année.

[Discoveries of the Year.]

In: Almanach olympique pour 1919. Lausanne, Impr. Réunies, 1918, pp.8-12.

Dialogue vaudois.

[A Dialogue in the Vaude Region.]

In: Almanach olympique pour 1919. Lausanne, Impr. Réunies, 1918, pp.13-14.

La gamme du sauvetage.

[Aspects of Life-Saving.]

In: Almanach olympique pour 1919. Lausanne, Impr. Réunies, 1918, pp.14-20.

Later reprinted, in: Le Gymnaste Vaudois, 9^e année, 10 janvier 1921, n° 3, pp.18-19.

La chevalerie du sport.

[**Chivalry of Sports.**]

In: Almanach olympique pour 1919. Lausanne, Impr. Réunies, 1918, pp.20-24.

L'évolution de la boxe.

[**The Evolution of Boxing.**]

In: Pages de Critique et d'Histoire, 2^e fascicule, s.d. [1918], pp.2-4.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.165-168.

Ouvrez les portes du temple.

[**Open the Doors of the Temple.**]

In: Pages de Critique et d'Histoire, 3^e fascicule, s.d. [1918], pp.1-2.

Later reprinted, in:

Anthologie. Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1933, pp.120-122.

Textes choisis, vol.I, pp.509-510.

L'individualisme sportif.

[**Sport and Individualism.**]

In: Pages de Critique et d'Histoire, 3^e fascicule, s.d. [1918], pp.2-3.

Later reprinted, in:

- 1) Le Gymnaste Suisse, 3^e année, 5 septembre 1924, n° 36, p.1.
- 2) Textes choisis, vol.III, pp.342-343.

Cataclysmes sidéraux.

[**A Siderian Catastrophe.**]

In: Pages de Critique et d'Histoire, 3^e fascicule, s.d. [1918], pp.4-5.

La courbe de l'histoire de France.

[**The Change in French History.**]

In: Pages de Critique et d'Histoire, 3^e fascicule, s.d. [1918], pp.5-8.

14 juin Bonaparte, président de la République italienne.

[**Bonaparte, President of the Republic of Italy.**]

In: Tribune de Genève, 40^e année, 14 juin 1918, n° 141, p.4.

13 juil. A propos des Tchécoslovaques.

[**About the Chekhslovakians.**]

In: Gazette de Lausanne, 121^e année, 13 juillet 1918, n° 190, p.1.

24 août La Belgique devant l'histoire.

[**Belgium and History.**]

In: Tribune de Genève, 40^e année, 24 août 1918, p.2.

7 sept. Un nouveau chapitre de l'histoire d'Angleterre.

[**A New Chapter in English History.**]

In: Tribune de Genève, 40^e année, 7 septembre 1918, p.2.

14 oct.-28 déc.

Lettres olympiques (I - IX).

[**Olympic Letters.**]

In: Gazette de Lausanne, 121^e année,

14 octobre 1918, n° 282, p.2: I. [Lausanne, I.O.C. headquarters and the 'Institut Olympique];

18 octobre 1918, n° 286, p.1: II. [Apparent contradictions. Restoration of the ancient gymnasium];

26 octobre 1918, n° 294, p.1: III. [Olympism]; Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.384.

22 novembre 1918, n° 319, p.1: IV. [Olympism]; Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.319.

28 novembre 1918, n° 325, pp.1-2: V. [The gymnasium of the city];

4 décembre 1918, n° 331, p.3: VI. [Panem et circenses];

11 décembre 1918, n° 338, p.1: VII. [Joy in sports];

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.386.

14 décembre 1918, n° 341, pp.1-2: VIII. [The formation of character];

28 décembre 1918, n° 355, p.1: IX. [The complete athlete and the modern pentathlon].

All these Olympic Letters were later reprinted in French, in: L'Idée Olympique, pp.51-58.

in English, in: The Olympic Idea, pp.52-59.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.62-70. in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.91-102.

Letters I, III, IV, VII, IX were later reprinted in French, in: Textes choisis, vol.II, p.733 (I), p.384 (III), p. 385 (IV), p.386 (VII), pp.716-717 (IX). Letter Olympic IX

were later also reprinted, in: Textes choisis, vol.III, p.258 (IX).

23 nov. L'épopée coloniale française.

[**The French Colonial Epic.**]

In: Tribune de Genève, 40^e année, 23 novembre 1918, p.4.

29 déc.-30 déc.

Idéalisme dans l'histoire des Etats-Unis.

[**Idealism in the History of the United States.**]

In: Tribune de Genève, 40^e année, 29 et 30 décembre 1918, n° 309, p.3.

1919

Les noces d'argent de l'Olympisme.

[**The Silver Wedding Anniversary of Olympism.**]

In: Pages de Critique et d'Histoire, 4^e fascicule, s.d. [1919], pp.1-3.

Un discours sur l'histoire universelle.

[**On World History.**]

In: Pages de Critique et d'Histoire, 4^e fascicule, s.d. [1919], pp.5-6.

La cure de sport.

[**The Cure of Sports.**]

In: Pages de Critique et d'Histoire, 4^e fascicule, s.d. [1919], pp.7-8.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol. III, pp.648-649.

Les universités populaires.

[**Labor Universities.**]

In: Pages de Critique et d'Histoire, 5e fascicule, s.d. [1919], pp.1-8.

Later reprinted,

1) in brochure form, under the title: "Les Universités Ouvrières", Lausanne, Imprimerie populaire, 1921.

2) in: Textes choisis, vol.I, pp.519-527.

La VII^e Olympiade.

[**The VIIth Olympiad.**]

In: Almanach olympique pour 1920. Lausanne, Impr. Réunies, 1919, pp.1-3.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.263-264.

* Propos divers. [**Miscellany: Olympics. The ball**]

In: Almanach olympique pour 1920. Lausanne, Impr. Réunies, 1919, pp.3-8.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.459; p.711; Vol.III, p.274.

Leçons du passé.

[**Lessons of the Past.**]

In: Almanach olympique pour 1920. Lausanne, Impr. Réunies, 1919, pp.8-12.

L'avenir de l'agriculture.

[**The Future of Agriculture.**]

In: Almanach olympique pour 1920. Lausanne, Impr. Réunies, 1919, pp.13-18.

Art sportif.

[**Arts and Sports.**]

In: Almanach olympique pour 1920. Lausanne, Impr. Réunies, 1919, pp.18-20.

* La cure de sport.

[**The Cure of Sports.**]

In: Almanach olympique pour 1920. Lausanne, Impr. Réunies, 1919, pp.20-24.

janv.-avril

Lettre à Messieurs les membres du IOC (janv. 1919), [**Letter to the Honourable Members of the IOC.**]

In French, in: L'Idée Olympique, pp.67-72.

in English, in: The Olympic Idea, pp.67-72.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.80-85.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.116-

Lettre No 2 à Messieurs les membres du IOC Off-print, Lausanne, avril 1919. (4 pages) Later reprinted, in: Textes choisis, vol.

5 janv.-17 mai

Lettres Olympiques (X-XXI).

[**Olympic Letters.**]

In: Gazette de Lausanne, 122^e année,

5 janvier 1919, n° 4, p.1: X. [Sport in the Universities];

13 janvier 1919, n° 12, p.1: XI. [The social mission of sport];

26 janvier 1919, n° 25, p.1: XII. [Theodore Roosevelt]; 1^{er} février 1919, n° 31, p.1: XIII. [The periodic nature of the Olympic Games];

11 février 1919, n° 41, p.1: XIV. [Boxing];

22 février 1919, n° 52, p.1: XV. [English boxing and French boxing];

3 mars 1919, n° 61, p.1: XVI. [Equestrian sports];

6 mars 1919, n° 64, p.1: XVII. [Physical exercises and duty];

20 mars 1919, n° 76, p.1: XVIII. [Gymnastics apparatus];

17 avril 1919, n° 104, p.1: XIX. [Athletic pleasure];

29 avril 1919, n° 116, p.1: XX. [Reason for the citizens of Lausanne to engage in rowing];

17 mai 1919, n° 134, p.1: XXI. [The Pershing Olympiad] Olympic Letters X to XX were later reprinted, in: L'Idée Olympique. Edited by: Carl-Diem-Institut, pp.59-67.

Olympic Letters XI, XV, XX were later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, p.610 (XI), pp.163-164 (XV), p.225 (XX).

Olympic Letter XVIII was later reprinted, in:

Le Gymnaste Vaudois, 7^e année, 10 avril 1919, no 7, p.52.

Olympic Letters I – XX were later reprinted in English, in: The Olympic Idea, pp.59-66.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.70-79. in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.102-116.

avr. XXV^e anniversaire des Jeux Olympiques. Discours prononcé par le Président du Comité International Olympique à la cérémonie commémorative.

[**Address Delivered By the President of the IOC at the Commemorative Ceremony.**]

Off-print: Lausanne, avril 1918. Later reprinted,

in French, in: L'Idée Olympique, pp.72-74. in English, in: The Olympic Idea, pp.73-75.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.86-88. in

Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.124-128.

6 oct. Les bases de l'Education populaire.

[**The Basis of Education for Everyone.**]

In: Gazette de Lausanne, 122^e année, 5 et 6 octobre 1919, n° 272, p.1.

Off-print: Lausanne, octobre 1919 (une page).

8 déc. Le dilemme.

[**The Dilemma.**]

In: Tribune de Genève, 41^e année, 8 décembre 1919, p.1.

Off-print: Lausanne, décembre 1919 (3 pages).

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.537-540.

11 déc.-28 déc.

Correspondance de Monsieur le Baron de Coubertin et Monsieur G. Chaudet.

[**Correspondence by Baron de Coubertin and Monsieur G. Chaudet.**]

In: L'Idée Olympique, pp.75-77. Later reprinted,

in English, in: The Olympic Idea, pp.75-77.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.88-90. in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.128-131.

1920

La Suisse, reine des sports.

[Switzerland, Queen of Sports.]

In: Barthou, Louis M. (Ed.): La Suisse et les Français, Paris, Editions G. Grès, 1920, pp.383-393.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.726-730.

7 janv. Les conférences de M. de Coubertin. (Compte rendu des conférences sur la Troisième République française.)

[Lectures by Monsieur de Coubertin, Regarding the Third French Republic.]

In: Feuille d'avis de Lausanne, 159^e année, 7 janvier 1920, n° 5, p.3.

fév. Lettre No 3 à Messieurs les membres du C.I.O. Off-print. (4 pages)

[Letter No. 3 to the Members of the IOC.]

Off-print: Lausanne, Impr.La Concorde, février 1920.

Later reprinted, in:

1) L'Idee Olympique, pp.77-79.

2) Textes choisis, vol.II, pp.620-623.

in English, in: The Olympic Idea, pp.77-80.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.91-93. in

Spanish, in: Ideario Olímpico. Edited, pp.131-135.

déc. Lettre No 4 à Messieurs les membres du C.I.O. Off-print. (4 pages)

[Letter No. 4 to the Members of the IOC.]

Lausanne, décembre 1920.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.624-629.

juin Le rôle des Jeux Olympiques.

[The Role of the Olympic Games.]

In: Revue des Sports, Bruxelles, 1^{ère} année, juin 1920, n° 15, pp.197-198.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.473-475.

juil. La victoire de l'Olympisme.

[The Victory of Olympism.]

In: La Revue sportive illustrée, 16^e année, juillet 1920, n° 2, p.2.

Later reprinted, in:

1) L'Idee Olympique, pp.80-81.

2) Textes choisis, vol.II, pp.277-278.

in English, in: The Olympic Idea, pp.80-81.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.94-95. in

Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.135-138.

sept. L'apport de la VII^e Olympiade.

[The Contribution of the VIIth Olympiad.]

In: La Revue sportive illustrée, 16^e année, septembre 1920, n° 3, p.1.

Later reprinted, in:

1) L'Idee Olympique, pp.85-86.

2) Textes choisis, vol.II, pp.265-267.

in English, in: The Olympic Idea, pp.86-87.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.100-102.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.144-146

oct. Quelle fut la performance la plus extraordinaire réalisée au cours de la VII^e Olympiade ?

[What Was the Most Remarkable Performance at the VIIth Olympiad?]

In: La Revue sportive illustrée, 16^e année, octobre 1920, n° 3, p.20.

1921

31 juil. Les chances de l'Allemagne.

[Germany's Chances.]

In: Journal de Genève, 92^e année, 30 juillet 1921, n° 208, p.1.

1922

20 janv. Entre deux batailles.

De l'Olympisme à l'université ouvrière.

[Between Two Battles: From Olympism to the Labor University/Popular University.]

In: La Revue de la Semaine, 3^e année, 20 janvier 1922, n° 1, pp.299-310.

Reprinted as 12-pages off-print.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.511-518.

5 mai La cité olympique.

[The Olympic Capital.]

(Lettre de Pierre de Coubertin au directeur du journal.)

In: La feuille d'avis de Lausanne, 16^e année, 5 mai 1922.

15 nov. Le sport et l'intelligence.

[Sport and Intelligence.]

(Enquête de la Revue Mondiale.)

In: La Revue Mondiale, 33^e année, 15 novembre 1922, n° 22, pp.146-148.

22 déc. Correspondance.

(Lettre à J.-O. Frischknecht, président de la société fédérale de gymnastique, 15 décembre 1922.)

[Letter to J.-O. Frischknecht.]

In: Le Gymnaste Suisse, 1^{ère} année, n° 51, 22 décembre 1922, p.1.

1923

1^{er} juin Une campagne de trente-cinq ans.

[A Thirty-Five Years Campaign.]

In: La Revue de Paris, 30^e année, 1^{er} juin 1923, n° 11, pp.688-694.

3 oct. Pour l'instruction des prolétaires.

[Educating the Working Class.]

In: Le Droit du peuple, 15^e année, n° 231, 3 octobre 1923, p.1.

Part of: Mémoire concernant l'instruction supérieure des travailleurs manuels et l'organisation des Universités Ouvrières, s. 1. 1923.

3 déc. A propos des Olympiades.

[On Olympiads.]

In: La Suisse, 3 décembre 1923.

1924

Discours de Monsieur le Baron Pierre de Coubertin.

(Discours à l'Hôtel de Ville de Paris, le 24 juin 1924.)

[Address by Baron de Coubertin.]

In: Rapport officiel. VIII^e Olympiade. Paris, Librairie de France, 1924, p.637.

Later reprinted

in French, in:

1) L'Idée Olympique, p.89.

2) Textes choisis, vol.II, p.403.

in English, in: The Olympic Idea, p.91.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.107-108.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.150-151.

Mens fervida in corpore lacertoso.

In: Rapport officiel. VIII^e Olympiade. Paris, Librairie de France, 1924, p.4.

Later reprinted, in:

1) L'Idée Olympique, p.60.

2) Textes choisis, vol.II, p.403.

in English, in: The Olympic Idea, p.92.

in German, in: Der Olympische Gedanke, p.106. in

Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.151-153.

Je pense que...

(Discours prononcé au Stade de glace de Chamonix avant la clôture des Jeux, mardi 5 février 1924.)

[I Think That... (Speech at the Ice Rink before the End of the Games.)]

In: Rapport officiel, VII^e Olympiade. Paris, Librairie de France, 1924, p.721.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.320-321.

Per orbem terrarum.

In: Wagner, J./Eicherberger, G. (Ed.): Die Olympischen Spiele Paris 1924. Erinnerungswerk. Zürich/ München, Verlag J. Wagner, 1924, p.2.

Réponse du Baron Pierre de Coubertin.

[Response by Baron de Coubertin.]

(Réponse au discours du Mgr le Prince de Galles, lors du banquet de la British Olympic Association, le 7 juillet 1924.)

In: VIII^e Olympiade (Paris, 1924). Banquet de la British Olympic Association présidé par S.A.R. le Prince de Galles (7 juillet 1924), s.l., s.d. (1924) (pp.3-4).

28 avr. Avant les Jeux Olympiques. La formule d'une organisation.

[Before the Olympic Games: The Formula of an Organisation.]

In: Le Gaulois, 28 avril 1924, pp.1-2.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.673-674.

9 mai Correspondance. (Lettre au Gymnaste Suisse.)

[Correspondence: Letter to the Editor of Le Gymnaste Suisse.]

In: Le Gymnaste Suisse, 3^e année, n° 19, 9 mai 1924, p.3.

2 juil. Een onderhoud met Baron de Coubertin I.

[An Interview with Baron de Coubertin I. (Dutch Text)]

In: De Olympiade, 2 juillet 1924, p.2.

9 juil. Een onderhoud met Baron de Coubertin II.

[An Interview with Baron de Coubertin II. (Dutch Text)]

In: De Olympiade, 9 juillet 1924, p.2.

5 sept. Autour des Jeux de la VIII^e Olympiade.

[On the VIIIth Olympiad.]

In: La Revue de Genève, 5^e année, 5 septembre 1924, n° 51, pp.262-269.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.281-288.

1925

janv. L'amateurisme au Congrès de Prague.

[Amateurism at the Prague Congress.]

In: Bibliothèque Universelle et Revue de Genève, 130^e année, janvier 1925, pp.106-110.

Later reprinted, in:

1) L'Idée Olympique, pp.90-93.

2) Textes choisis, vol.II, pp.587-590.

in English, in: The Olympic Idea, pp.93-95.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.108-111.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.153-157.

16 janv. La France et les «Jeux» d'hiver en 1928.

[France and the 1928 Winter "Games".]

Lettre à la rédaction de "L'Auto".

In: L'Auto, 26^e année, 16 janvier 1925, p.1. Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.322.

21 fév. Le dualisme français.

[French Dualism.]

In: Gazette de Lausanne, 128^e année, 21 février 1925, p.1.

mai Les sanatoriums pour bien-portants.

[Sanatoriums for the Healthy.]

In: Bibliothèque Universelle et Revue de Genève, 130^e année, mai 1925, pp.633-636.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.639-643.

29 mai Discours prononcé à l'ouverture des Congrès olympiques à l'hôtel de ville de Prague le 29 mai 1925.

[Address Delivered/Speech Given at the Opening of the Olympic Congress.]

Prague, Imprimerie de l'Etat, 1925. Later reprinted, in: L'Idée Olympique, pp.93-98. Textes choisis, vol.II, pp.404-410.

3) De Olympiade, supplément, Amsterdam 30 déc. 1925, p.1.

in English, in: The Olympic Idea, pp.95-99.

in German, in: 1) Jahrbuch der Leibesübungen, Berlin 1926, pp.9-17. 2) Der Olympische Gedanke, pp.111-115. in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.157-164.

21 août On ne peut être à la fois sportif et fêtard.
[**You Cannot Be a Sportsman and a Playboy.**]
In: Le Gymnaste Suisse, 4^e année, 21 août 1925, n° 34, p.1.
Publié en néerlandais, en français, en anglais et en allemand, in: De Olympiade, supplément, Amsterdam, 30 septembre 1925, p.1.

28 août Le domaine des "sports gymniques".
[**Gymnastics.**]
In: Le Gymnaste Suisse, 4^e année, 28 août 1925, n° 35, p.1.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.133-135.

25 sept. Ne troublons pas l'équilibre des saisons...
[**Let's Not Upset the Balance of the Seasons.**]
In: Le Gymnaste Suisse, 4^e année, 25 septembre 1925, n° 39, p.1.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.447-448.

1926

Message par radio transmis à l'occasion de l'inauguration des travaux de l'Union Pédagogique Universelle.
[**Radio Broadcast Concerning the Inauguration of the Union Pédagogique Universelle (Universal Educational Union).**]
(Aix-en-Provence., 15 novembre 1925.)
In: Union Pédagogique Universelle I, année 1925-1926, p.5.
Later reprinted, in:
Anthologie. Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1933, pp.172-173.

1^{er} janv. Les annales méditerranéennes.
(Le drame méditerranéen - La crise de l'hellénisme - Les Jeux Olympiques.)
[**Mediterranean Annals: The Mediterranean Drama. – The Crisis of Hellenism. – The Olympic Games.**]
In: Le Feu, 20^e année, 1^{er} janvier 1926, pp.3-6.

29 déc. Jeux Olympiques d'hiver.
[**Winter Games.**]
In: De Olympiade, supplément, 29 décembre 1926, p.1.
(In French, English, German, and Dutch.)

1927

Rapport annuel. Présenté au conseil d'administration et au comité de perfectionnement de l'Union Pédagogique
[**Annual Report to the Administrative Council and the Committee of the Union Pédagogique.**]
Universelle.
In: Union Pédagogique Universelle II, année 1926-1927, p.5.

Les résultats de la conférence de Lausanne.
[**Results of the Lausanne Meeting.**]
(Letter to the president of the Union Internationale des Villes, signed by P. de Coubertin and G.E. Magnat.)
In: Union Pédagogique Universelle III, années 1926-1927, pp.6-7.

23 janv. La Fête de l'Empire espagnol.
[**Spanish Festival.**]
In: Le Figaro, 73^e année, 23 janvier 1927 p.1.

5 avr. L'œuvre de l'Union Pédagogique Universelle. La renaissance du gymnase hellénique. La conférence de M. de Coubertin au Parnassos (jeudi, 31 mars 1927).
[**The Work of the Union Pédagogique Universelle (Universal Educational Union): The Renaissance of the Hellenic Gymnasium. Lecture by Coubertin.**]
In: Le Messager d'Athènes, 5 avril 1927, p.3.
Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.628-632.

22 avr. La peur.
[**Fear.**]
In: Le Gymnaste Suisse, 6^e année, 22 avril 1927, n° 17, p.1.
Extrait de: L'Education des Adolescents au XX^e siècle. I. L'Education physique. La Gymnastique utilitaire, Paris, Alcan, 1905, pp.78-83.

juin A la jeunesse sportive de toutes les nations. Olympie, 17 avril 1927.
[**Address from Olympia to the Youth of the World.**]
Off-print, s.d.s.l. (une page). Later reprinted, in:
1) De Olympiade, 11 juin 1927, p.3. Published in French, English, and Dutch under the title: "Een brief van Baron Pierre de Coubertin aan de jeugd van alle landen".
2) Bulletin Officiel du IOC, juin 1927, p.5, (French, German, English).
3) Le Gymnaste Suisse, 6^e année, 3 juin 1927, n° 23, p.2.
4) Anthologie. Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1933, p.176.
5) L'Idée Olympique, p.98.
Textes choisis, vol.II, p.412.
Later reprinted, in English, in:
The Olympic Idea, p.100,
under the title "To the Sporting Youth of All Nations",
in: British Olympic Journal, vol. 1, autumn 1927, n°7, p.127.
in German, in: Der Olympische Gedanke, p.116. in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.164-165.

8 juil. La vérité sportive. Les idées de Pierre de Coubertin.
[**The Truth of Sports: The Ideas of Pierre de Coubertin.**]
(Lettre à Frantz Reichel, juin 1927.)
In: Le Figaro, 73^e année, 8 juillet 1927, p.2.

Later reprinted,
in French, in: L'Idée Olympique, pp.98-100. in English,
in: The Olympic Idea, pp.100-102.
in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.116-118.
in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.165-168.

22 juil. La vie est un match...

[Life Is a Game.]

In: Le Gymnaste Suisse, 6^e année, 22 juillet 1927, n° 30,
p.1.

27 août A propos d'une «Histoire Universelle».

[Concerning a "World History."]

(Lettre au directeur de la Gazette de Lausanne.)

In: Gazette de Lausanne, 130^e année, 27 août 1927, p.2.

sept. Les nouvelles Panathénées.

[The New Panathenean Games.]

In: Bulletin Officiel du Comité International Olympique,
septembre 1927, pp.5-6.

Publié en anglais sous le titre «The New Panatheneae»,
in: De Olympiade, 19 oct. 1927, p.4.

Later reprinted,

in French, in: L'Idée Olympique, pp.102-103.

in English, in: The Olympic Idea, pp.104-105.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.120-122.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.170-173.

31 déc.-1^{er} janv.

Paterne, Pierrefeu, Hellenus et moi, (I et II).

[Paterne, Pierrefeu, Hellenus, and I.]

In: L'Auto,

I: 28^e année, 31 décembre 1927, p.1;

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.

II: 29^e année, 1^{er} janvier 1928, p.1.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.672-680.

1928

Hommage à Chavez.

[Tribute to Chavez.]

In: Anthologie. Aix-en-Provence, P. Roubaud, 1933,

p.177.

L'Esprit sportif doit dominer toute autre considération.

[The Athletic Spirit Must Dominate All Other Issues.]

In: La Revue Sportive Illustrée, 24^e année, n° 3, 1928
[p.24].

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.413.

«La Cure de Sport la Santé à ceux qui la suivent».

[The Cure of Sports: From Sports to Health.]

In: La Revue Sportive Illustrée, 24^e année, 1928, numéro
spécial [p.41].

La chevalerie moderne.

[Modern Chivalry.]

In: 1) Officiel Feestnummer. Olympische Spelen te
Amsterdam 1928. Textes recueillis par J. Feith/J. Hoven/
-W.J.M. Linden-Gouda 1928 [p.8].

Later reprinted, in:

2) L'Idée Olympique, pp.100-102.

3) Textes choisis, vol.II, pp.290-291.

Later reprinted,

in English, in: The Olympic Idea, pp.102-103.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.118-120.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.168-170.

18 janv. De Toekomst der Olympische Spelen.

[The Future of the Olympic Games. (Dutch Text)]

In: De Olympiade, 4^e année, no 29, 18 janvier 1928, p.1.

18 janv. La confédération helvétique.

[Confederatio Helvetica.]

In: Le Gymnaste Suisse, 7^e année, 18 janv. 1928, n° 30,
p.2.

24 janv. La médecine sportive et le «cas morbide».

[Sports as a Medicine and the "Sick Case".]

In: Praxis - Revue Suisse de Médecine, 17^e année, n° 4,

24 janv. 1928, pp.1-2.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.650-653.

3 avr. La création du BIPS.

[The Founding of the Bureau International de Pédagogie
Sportive. (International Office of Athletic Educa- tion./
International Bureau of Sports Pedagogy.)]

In: Sport Suisse, 24^e année, 3 avril 1928, p.1.

3 juil. La cure d'aviron.

[The Cure of Rowing.]

In: Praxis - Revue Suisse de Médecine, 17^e année, n° 27,

3 juillet 1928, p.1-2.

Later reprinted, in

1) Off-print, Ouchy 1928, (15 pages).

2) Le Gymnaste Suisse, 8^e année, 14 juin 1929, n° 24, p.1.

3) Textes choisis, vol.III, pp.226-231.

15 juil. Internationale Bedeutung der Olympischen Spiele.

[International Relevance of the Olympic Games.

(German Text)]

In: Prager Presse, 15 juillet 1928, p.4.

18 juil. Olympische Gedachte.

[Olympic Ideas.]

In: De Telegraaf, 36^e année, Amsterdam, 18 juillet 1928, s.p.

27 août A la rédaction de Pro Sport, Lausanne. (Letter)

[Letter to the Editor of Pro Sport, Lausanne.]

In: Pro Sport, 5^e année, 27 octobre 1928, n° 36, p.1.

oct. Message à tous les athlètes et participants aux
Jeux Olympiques d'Amsterdam.

[Message to the Athletes and All Taking Part in the
Olympic Games at Amsterdam.]

In: Le Gymnaste Suisse, 2^e année, 14 août 1928, p.3.

Later reprinted, in:

1) Bulletin Officiel du Comité International Olympique,
octobre 1928, pp.31-32.

2) Off-print (one page).

3) Comité Olympique Hollandais (Ed.): Rapport officiel des Jeux de la IX^e Olympiade Amsterdam 1928. Amsterdam 1928, pp.11-12.

4) L'Idée Olympique, pp.103-104.

5) Textes choisis, vol.II, pp.476-477.

Publié en allemand sous le titre: Das Olympische Testament, in: Mainzer Journal, 81^e année, 3 août 1928, n° 180, p.6.

Published in English under the title "Farewell Message from Baron Coubertin", in: British Olympic Journal, vol. 1, décembre 1928, n° 11, p.210.

Later reprinted,

in English, in: The Olympic Idea, pp.105-106.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.122-123.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.173-174.

21 nov.-28 nov.

L'utilisation pédagogique de l'activité sportive (I et II).

[Educational Uses of Sports.]

In: Le Sport Suisse, 24^e année,

I: 21 novembre 1928, n° 1074, p.1;

II: 28 novembre 1928, n° 1075, p.1.

Off-print, 7 pages: Genève, Sport Suisse, 1928.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.475-487.

déc. Die Schweiz und die Olympische Bewegung.

[Switzerland and the Olympic Movement.]

In: Wagner, J./Klipstein, F./Messerli, Fr. (Ed.):

Die Olympischen Spiele 1928 St. Moritz-Amsterdam.

Zürich/Stuttgart, Verlag Julius Wagner, 1928, p.6.

20 déc. Silhouettes disparues.

[The Dear Departed: Viktor Balck. William M.Sloane. Courcy Laffan].

In: La Gazette de Lausanne, 31^e année, 20 décembre 1928, p.1.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.352-355.

1929

* Religio athletae.

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1929], n° 1, pp.5-6.

Le domaine de l'activité musculaire.

[Muscular Activity.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1929], n° 1, pp.3-4.

La reprise des travaux du Congrès de Lausanne.

[Resumption of the Work of the Lausanne Congress.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1929], n° 1, pp.6-14.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.449-451.

mai Note sur le but et le fonctionnement du Bureau International de Pédagogie Sportive.

[Goal and Function of the Bureau International de Pédagogie Sportive. (International Office of Athletic Education./International Bureau of Sports Pedagogy.)

In: Bulletin Officiel du Comité International Olympique, 4^e année, mai 1929, n° 13, pp.13-14 et en allemand pp.31-32.

(Signed by Pierre de Coubertin, Paul Rosset, Col. Div. Guisan and Jean Rubattel.)

Off-print, (4 pages), Lausanne, avril 1928. Later reprinted, in: Textes choisis, vol.

mai Propagation des exercices physiques.

[Propagation of Physical Exercises.]

In: Excelsior, 20^e année, mai 1929.

juin Le principe de l'intermittence appliqué à la pédagogie sportive.

[The Principle of Variety in Physical Education.

Summary of a lecture.]

In: Congrès national d'Education physique et d'Education morale de l'Athlète. Lausanne, 1929, pp.61-62.

10 juil.-31 juil.

Olympie.

[Olympia.]

(Conférence donnée le 6 mars à la mairie du XVI^e arrondissement, à Paris.)

[Lecture Given in the Town Hall of the XVIth Ward of Paris.]

In: Le Sport Suisse, 25^e année,

I: 10 juillet 1929, n° 1112, p.1;

II: 17 juillet 1929, n° 1113, p.1

III: 24 juillet 1929, n° 1114, p.1;

IV: 31 juillet 1929, n° 1115, p.1.

Off-print, 12 pages, Genève, Imprimerie Burgi, 1929.

Later reprinted,

in French, in: 1) L'Idée Olympique, pp.98-100.

2) Textes choisis, vol.II, pp.414-429.

in English, in: The Olympic Idea, pp.106-119.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.123-137.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.175-195.

18 août Monsieur le Ministre, ... [Lettre à Henry Pathé].

[To the Minister, Henry Pathé.]

In: Eyquem, M.-T.: Pierre de Coubertin. Paris, Calmann-Lévy, 1966, p.284.

nov. Union Pédagogique Universelle IV.

[Universal Education Union IV.]

Rapport général et conclusions. Lausanne, novembre 1929 (22 pages).

1930

“L’or du Rhin”. Quelques souvenirs du temps passé...
[Rhinegold.]

In: La Revue Sportive Illustrée, 26^e année, 1930, numéro spécial [p.44].

Erkenne Dich selbst.

[Know Yourself. (German Text)]

In: Internationale Lehrfilmschau, Roma, 2^e année, 1930, n° 7, pp.745-747.

Later reprinted, in French under the title “Le Sportif et le cinéma”, in: Bulletin du Bureau International de Pédagogie sportive, Lausanne, s.d. [1932], n° 8, pp.7-9. Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.344-347.

Les remèdes. I. La question des stades.

[Remedies: I. Stadiums.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1930], n° 2, pp.3-6.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.643-646.

Croquis sportifs.

[Sports Sketches.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive Lausanne, s.d. [1930], n° 2, pp.9-12.

Angst und Sport.

[Sports and Fear.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1930], n° 2, pp.12-14.

La charte de la réforme sportive.

[Charter of Sports Reform.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1930], n° 3, pp.3-9.

Later reprinted, in:

- 1) Off-print, 7 pages: Lausanne, Bureau International de Pédagogie Sportive, s.d. [1930].
- 2) Le Sport Suisse, 26^e année, 17 septembre 1930, p.1.
- 3) Le Gymnaste Suisse, 9^e année, 3 octobre 1930, n° 40, pp.1-2.
- 4) Textes choisis, vol.

La gamme gymnique.

[The Scale of Gymnastics.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1930], n° 3, pp.10-12.

Later reprinted, in Spanish under the title “La gama gimnastica”, in: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1932], n° 8, pp.9-12.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.579-582.

Le sport peut-il enrayar la névrose universelle?

[Can Sport Stop Neurosis?]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1930], n° 3, p.14.

10 janv. Je ne veux pas tarder...

[I Don't Want to Delay Things...]

(Billet de Pierre de Coubertin au Gymnaste Suisse.)

In: Le Gymnaste Suisse, 9^e année, n° 2, 10 janvier 1930, p.3.

15 févr. Une lettre du Baron Pierre de Coubertin.

[A Letter by Baron de Coubertin.]

In: Le Sport Nautique. 1^{re} année, no 23, 15 février 1930, p.706-707.

26 fév. Olympisme.

[Olympism.]

In: Le Sport Suisse, 26^e année, n° 1145, 26 février 1930, p.1. [Excerpt from a message sent to the President of the Hellenic Committee, Mr. Georges Averoff.]

26 mars Vers l'unité sportive.

[Towards a Unity of Sports.]

In: Le Sport Suisse, 26^e année, 26 mars, n° 1151, p.1.

1931

Une première victoire.

[First Victory.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 4, p.3.

Athlète complet.

[The Complete Athlete.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 4, pp.3-5.

* Zorn und Sport.

[Anger and Sport.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 4, pp.6-9.

* Les remèdes. II. La réforme des parents et des maîtres.

[Remedies: II. The Reform of Parents and Teachers.] In:

Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 4, pp.9-11.

* Is it true?

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 4, pp.11-12.

* Devises nouvelles.

[New Mottoes.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 4, pp.12-14.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.453-456.

* España en la cultura física y los deportes.

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 5, pp.3-5.

* La bataille continue.

[The Battle Continues.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 5, pp.5-7.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.292-294.

* Les remèdes. III. Les institutions.

[Remedies: III. The Institutions.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 5, pp.7-12.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.368-372.

* Colonisation sportive.

[Athletic Colonialisation.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 5, pp.12-14.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.676-678.

* Heart disease.

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 5, p.14.

* L'école psycho-physiologique.

[The Psycho-Physiological School.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 6, pp.3-5.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.401-404.

* Delphi und Olympia.

[Delphi and Olympia.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 6, pp.5-7.

* Les fléaux du jour affectent-ils la vie sportive et comment? (I et II).

[Do the Scourges of Today Affect Sports?]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 6, pp.7-11, et n° 7, [1931], pp.7-10.

* La valeur pédagogique du cérémonial olympique.

[The Educational Value of the Olympic Ceremony.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 7, pp.3-5.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.469-472.

* A forgotten side of the question.

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 7, pp.5-7.

* Archéologie intellectuelle.

[Intellectual Archaeology.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 7, pp.10-11.

* Les trois carrières obligatoires.

[Three Ages.]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive, Lausanne, s.d. [1931], n° 7, pp.11-12.

23 avr. La mission d'un Journal sportif.

[The Mission of a Sports Newspaper.]

Lettre de M. le Baron Pierre de Coubertin.

In: La Suisse Sportive, 35^e année, 23 avril 1931, n° 1, p.5.

8 juil. Les Jeux Olympiques et la Gymnastique.

[The Olympic Games and Gymnastics.]

In: Le Sport Suisse, 27^e année, 8 juillet 1931, n° 1239, p.1. Later reprinted in French, in:

1) Le Gymnaste Suisse, 10^e année, 24 juillet 1931, n° 30, pp.300-301.

2) Textes choisis, vol.II, pp.712-715.

3) L'Idée Olympique, pp.117-119.

in English, in: The Olympic Idea, pp.119-122.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.138-140.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.195-198.

20 juil. Gedanken über die Erziehung zur individuellen Höchstleistung.

[Thoughts about an Education Leading to an Individual Supreme Performance. (German text)]

In: Neue Züricher Zeitung, 20 juillet 1931.

24 juil. Die Tendenz der modernen Sportbewegung.

[Tendencies in the Modern Sports Movement. (German text)]

In: Neue Züricher Zeitung, 24 juillet 1931, p.3.

8 déc.-27 mars

Mémoires Olympiques. [Chapitres 1-25.]

[Olympic Memoirs.]

In: L'Auto, 1932

1 - 32^e année, 8 décembre 1931, n° 11315, p.1;

2 - 32^e année, 12 décembre 1931, n° 11319, p.2;

3 - 32^e année, 18 décembre 1931, n° 11325, p.2;

4 - 32^e année, 23 décembre 1931, n° 11330, p.2;

5 - 32^e année, 29 décembre 1931, n° 11336, p.2;

6 - 33^e année, 1^{er} janvier 1932, n° 11339, p.2;

7 - 33^e année, 5 janvier 1932, n° 11343, p.2;

8 - 33^e année, 8 janvier 1932, n° 11346, p.2;

9 - 33^e année, 14 janvier 1932, n° 11352, p.2;

10 - 33^e année, 19 janvier 1932, n° 11357, p.2;

11 - 33^e année, 24 janvier 1932, n° 11362, p.2;

12 - 33^e année, 29 janvier 1932, n° 11367, p.2;

13 - 33^e année, 2 février 1932, n° 11371, p.2;

14 - 33^e année, 6 février 1932, n° 11375, p.2;

15 - 33^e année, 10 février 1932, n° 11379, p.2;

16 - 33^e année, 14 février 1932, n° 11383, p.2;

17 - 33^e année, 20 février 1932, n° 11389, p.2;

18 - 33^e année, 24 février 1932, n° 11393, p.2;

19 - 33^e année, 28 février 1932, n° 11397, p.2;

20 - 33^e année, 2 mars 1932, n° 11400, p.2;

21 - 33^e année, 6 mars 1932, n° 11404, p.2;

22 - 33^e année, 10 mars 1932, n° 11408, p.2;

23 - 33^e année, 13 mars 1932, n° 11411, p.2;

24 - 33^e année, 20 mars 1932, n° 11418, p.2;

25 - 33^e année, 27 mars, 1932, n° 11425, p.2.

Published in book form by the B.I.P.S.:
Mémoires Olympiques, Lausanne, B.I.P.S., 1932.
[Imprimé chez P. Roubaud, Aix-en-Provence.]
German translation by Gertraud John: Olympische
Erinnerungen, Berlin, Limpert, 1936.
Erman translation in excerpts: Ein Leben für die
Olympische Idee.
In: Die Woche, 34^e année, 1932, pp.1013-1016 (I),
pp.1043-1046 (II), pp.1075-1078 (III), n° 37, pp. II-IV.

1932

L'apothéose de l'Olympisme. Le magnifique succès des
Jeux de la X^e Olympiade.

[**The Apotheosis of Olympism.**]

In: La Revue Sportive Illustrée, 28^e année, 1932, n° 3,
[p.26].

Later reprinted, in:

1) L'Ideé Olympique, pp.121-123.

2) Textes choisis, vol.II, pp.298-299.

in English, in: The Olympic Idea, pp.124-125.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.142-144.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.201-204.

* Le "Gymnase antique" rénové.

[**Restoration of the Ancient Gymnasium.**]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie

Sportive, Lausanne, s.d. [1932], n° 8, pp.3-4.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.617-619.

Introduction.

[**Introduction.**]

In: Souvenir photographique officiel de la X^e Olympiade,
1932, p.11.

Préface.

[**Foreword.**]

In: Pescatore, M.: Chasses et voyages au Congo. Paris,
Ed. de la Revue Mondiale, 1932, pp.5-9.

Discours de Monsieur le Baron de Coubertin prononcé
au cours de la cérémonie en l'honneur de Monsieur le
Baron de Coubertin à l'occasion de son 70^e anniversaire.

[**Address by Baron de Coubertin, Delivered at the
Ceremony of His 70th Anniversary.**]

In: 70^e Anniversaire de Pierre de Coubertin, Publication
du Comité Olympique Suisse et du Bureau International
de Pédagogie Sportive, Lausanne 1932.

Later reprinted,

in French, in: l'Ideé Olympique. pp.120-121. in English,
in: The Olympic Idea, pp.122-123.

in German, in: Der Olympische Gedanke, pp.140-142.

in Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.199-201.

4 mai-18 mai

Les assises de la cité prochaine.

[Conférence faite à Berne.]

[**City of the Future.**]

In: Le Sport Suisse, 28^e année, 4 mai 1932, p 1 (I), 11
mai 1932, p.1 (II, III), 18 mai 1932, p.1, (IV).

Also published in brochure form.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.I, pp.638-650.

5 août Après la Fête fédérale, n'oubliez pas les bonnes
fées...

[**Don't Forget the Good Fairies after the Festival Is over.**]

In: Le Gymnaste Suisse, 11^e année, 5 août 1932, n° 32,
p.365.

9 nov. La vérité sur la composition et le
fonctionnement du Comité international olympique.

[**The Truth about the Composition and the Functioning
of the IOC.**]

In: Sport Suisse, 28^e année, 9 novembre 1932, p.1.

(Excerpted from the "Mémoires Olympiques" published
at the request of Pierre de Coubertin.)

7 déc. Sports et divertissements.

[**Sports and Diversion.**]

In: Le Sport Suisse, 28^e année, 7 décembre 1932, p.1

14 déc. La modération dans les Sports.

[**Sports and Moderation.**]

In: Sport Suisse, 28^e année, 30 novembre 1932, p.1.

1933

* Aarau, Prague, Los Angeles.

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie

Sportive, Lausanne, s.d. [1933], n° 9, pp.3-7.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.296-297.

Le jiu-jitsu est-il un sport?

[**Is Jiu-Jitsu Sport?**]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie

Sportive, Lausanne, s.d. [1933], n° 9, pp.11-13.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.186-189.

Bibliographie.

[**Bibliography.**]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie

Sportive, Lausanne, s.d. [1933], n° 9, pp.13-14.

* L'hostilité européenne.

[**European Hostility.**]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie

Sportive, Lausanne, s.d. [1933], n° 10, pp.5-8.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.300-303.

* In Memoriam.

[**Obituary.**]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie

Sportive, Lausanne, s.d. [1933], n° 10, pp.8-9.

* Sports équestres antiques.

[**Horse-Riding in Classical Antiquity.**]

In: Bulletin du Bureau International de Pédagogie

Sportive, Lausanne, s.d. [1933], n° 10, pp.11-14.

An expression.

In: Xth Olympiad Committee (Ed.): The games of the Xth Olympiad. Official Report. Los Angeles 1933, p.11.

30 nov. Le Sport soutien ou péril pour l'esprit.

[Sports: Support of or Danger for the Spirit.]

In: Sport Suisse, 28^e année, 30 novembre 1932, p.1

23 nov. Le rôle du corps.

[The Role of the Body.]

In: Sport Suisse, 28^e année, 23 novembre 1932, p.1

1934

J'ai été bien touché...

[I was moved...]

(Lettre à M. le Dr Messerli, président des Amitiés Gréco-Suisses, Lausanne, le 7 juillet 1934.)

In: Célébration du 40^e Anniversaire du Rétablissement des Jeux Olympiques.

Publication de l'Association des Amitiés Gréco-Suisses et du Bureau International de Pédagogie Sportive, s.1. [1934], p.19.

L'Olympisme à l'école. Il faut l'encourager.

[Olympism at School: It Must Be Encouraged.]

In: La Revue Sportive Illustrée, 30^e année, 1934, numéro exceptionnel, [p.36].

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.679-680.

Le XL^e anniversaire de la rénovation des Jeux Olympiques.

[The XLth Anniversary of the Modern Olympic Games.]

In: La Revue Sportive Illustrée, 30^e année, 1934, n° 2, [p.28].

31 janv. Le Bureau International de Pédagogie Sportive. Son but et sa doctrine.

[The Bureau International de Pédagogie Sportive.

(International Office of Athletic Education./

International Bureau of Sports Pedagogy).]

In: Le Sport Suisse, 30^e année, 31 janvier, n° 1371, p.1.

14 fév.-23 mai

Chronique du B.I.P.S. (II-IX).

[Chronicle of the Bureau International de Pédagogie Sportive. (International Office of Athletic Education./ International Bureau of Sports Pedagogy).]

In: Le Sport Suisse, 30^e année,

14 février 1934, n° 1373, p.1: II. Réforme du vocabulaire; [Reform of the Terminology.]

28 février 1934, n° 1375, p.1: III. Le sport et la politique; [Sports and Politics.]

14 mars 1934, n° 1377, p.1: IV. [sic] L'enfant contre l'adulte; [The Grown-Up – the Child.]

23 mars 1934, n° 1379, p.1: VI. Pierre angulaire; [Corner-Stone.]

18 avril 1934, n° 1383, p.1: VII. La science contre le progrès; [Science against Progress.]

2 mai 1934, n° 1385, p.1: VIII. Impolitesse et jargons; [Impoliteness and Jargon.]

23e mai 1934, n° 1388, p.1-2: IX. Le B.I.P.S. et l'Olympisme. [The International Bureau and Olympism.]

4 juil. Quarante années d'Olympisme 1894-1934.

(Allocution prononcée lors de la célébration du 40^e anniversaire du rétablissement des Jeux Olympiques par le baron de Coubertin, le samedi 23 juin 1934 à l'aula de l'université de Lausanne.)

[Forty Years of Olympism, 1894-1934.]

In: Le Sport Suisse, 30^e année, 4 juillet 1934, n° 1394, p.1.

Off-print from 3 pages: Genève, Le Sport Suisse, 1934.

Later reprinted, in:

1) Célébration du 40^e anniversaire du Rétablissement des Jeux Olympiques. Publication de l'Association des Amitiés Gréco-Suisses et du Bureau International de Pédagogie Sportive, s.1. [1934], pp.15-18.

2) Bulletin Officiel du Comité International Olympique, 9^e année, déc. 1934, n° 27, pp.7-9.

3) Textes choisis, vol.II, pp.346-351.

4) In French, in: l'Idée Olympique, pp.125-129. In

English, in: The Olympic Idea, pp.126-130.

In German, in: Der Olympische Gedanke, pp.145-149.

In Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.205-212.

1935

Le sport est pacificateur...

[Sport Is a Peacemaker.]

In: La Revue Sportive Illustrée, 31^e année, 1935, numéro spécial [p.44].

Later reprinted, in excerpts, in:

1) L'Echo du Littoral et du Var, 24 février 1935.

2) Textes choisis, vol.I, pp.651-652.

Ver sacrum...

(Lettre du 29 janvier 1934.)

In: Diem, C.: Das Olympiade-Buch. Leipzig, Reclam, 1935, p.6.

5 août Pax olympica.

In: Pro Sport, 5 août 1935, p.1.

7 août Les Assises philosophiques de l'Olympisme moderne.

(Message radiodiffusé de Berlin, le 4 août 1935.)

[The Philosophical Foundation of Modern Olympism.]

In: Le Sport Suisse, 31^e année, 7 août 1935, p.1. Off-print: Genève, Le Sport Suisse, 1935 (4 pages).

Later reprinted, in:

1) Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936 (Ed.): Pax Olympica. Brochure spéciale, Berlin 1935, pp.8-16 (in French); pp.17-26 (in German).

2) Pro Sport, 13^e année, 5 août 1935, n° 31, p.1. (In excerpts, under the title: "Pax Olympica".)

3) L'Idée Olympique, pp.129-132.

4) Olympische Rundschau, 3^e année, juillet 1940, n° 10, p.1-3. [Excerpts published in German under the title: "Olympische Gedanken"].

5) Textes choisis, vol.II, pp.435-439.

6) In English, in: The Olympic Idea, pp.130-134.

In German, in: Der Olympische Gedanke, pp.150-154.

In Spanish, in: Ideario Olímpico, pp.212-218.

8 août Moralische und Soziale Wirkung des Sports.

[The Ethical and Social Impact of Sports.]

In: Neue Freie Presse, Vienne 8 août 1935, n° 25469, p.7.

déc. L'Olympisme et la Politique.

[Olympism and Politics.]

In: La Revue Sportive Illustrée, 31^e année, décembre 1935 [p.14].

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.440-441.

1936

L'Olympisme et la politique.

[Olympism and Politics.]

In: La Revue Sportive Illustrée, 32^e année, 1936, numéro spécial [p.38].

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.440-441.

Les prochains Jeux auront lieu à Tokio.

[The Next Games Will Be Held in Tokyo.]

In: La Revue Sportive Illustrée, 32^e année, 1936, n° 3 [p.17].

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, p.681.

mars Pourquoi j'ai rétabli les Jeux Olympiques.

[Why I Revived the Olympic Games.]

In: Olympische Spiele 1936. Off. Organ der XI. Olympischen Spiele Berlin 1936 und der IV. Olympischen Winterspiele Garmisch-Partenkirchen, Berlin, März 1936, n° 10, p.27. [Facsimile of a letter dated 1913-14.]

24 juin Quellen und Grenzen sportlichen Aufstiegs (I-IV).

[The Origins and Limits of Athletic Progress.

(German text)]

In: BZ am Mittag [Sportteil],

23 juin 1936, n° 150, (I);

24 juin 1936, n° 151, p.11, (II);

25 juin 1936, n° 152, (III);

26 juin 1936, n° 153, (IV).

Later reprinted in French under the title:

"Les sources et les limites du progrès sportif", In:

1) Olympische Rundschau, 1^{re} année, 1938, n° 1, pp.1-2 (I); n° 3, pp.1-2 (II); n° 4, pp.1-2 (III); n° 5, pp.1-2 (IV).

Textes choisis, vol.I, pp.490-498.

Textes choisis, vol.II, pp.74-76. (chap.IV)

juil. Gespräch mit Baron Pierre de Coubertin.

(Interview accordé à Otto Kriegk.)

[An Interview with Baron de Coubertin.]

In: Europäische Revue, 12^e année, juillet 1936, n° 7, pp.609-614.

22 juil. Le Message du Rénovateur des Jeux

Olympiques aux coureurs d'Olympie-Berlin.

[To the Olympia-to-Berlin Runners.]

[To the Bearers of the Olympic Torch from Olympia to Berlin.]

In: Le Sport Suisse, 32^e année, 22 juillet 1936, p.1. Off-print: Genève, Le Sport Suisse, 1936 (une page). Later reprinted, in:

1) Pro Sport, 14^e année, 3 août 1936, p.1.

2) L'Idée Olympique, Schorndorf, Hofmann, 1966, n° 56, pp.133-134.

3) Textes choisis, vol.II, pp.430-434.

27 août Les Jeux à Tokio en 1940?...

[The Games in Tokyo in 1940? Comments by Baron de Coubertin, Recorded by André Lang.]

Déclarations de M. Pierre de Coubertin recueillies par André Lang.

In: Le Journal, 27 août 1936, n° 16019, p.1.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.II, pp.306-308.

11 sept.-9 oct.

Comment M. de Coubertin conçoit ses Jeux Olympiques.

[How Monsieur de Coubertin Understands His Olympic Games.]

(Interview accordée à Fernand Lomazzi.) In: Le

Gymnaste Suisse, 15^e année,

I: 11 septembre 1936, n° 37, pp.398-399;

II: 9 octobre 1936, n° 41, pp.437-439.

sept.-nov.

Erinnerungen (I-III).

[Memories.]

In: Europäische Revue, 12^e année 1936,

n° 9, septembre 1936, pp.703-710: I. Erste Begegnung mit Deutschland / Innere und äußere Politik / Nationale Propaganda / Mein Programm / Aufbruch;

[A First Impression of Germany – Home and Foreign Policies. – National Propaganda. – My Programme. – Awakening. (German texts)]

n° 10, octobre 1936, pp.792-797: II. Die Gewinnung Amerikas; [America.]

n° 42. novembre 1936, pp.857-865: III. Frankreich und Deutschland. [France and Germany.]

déc. Les universités, le sport et le devoir social.

[Universities, Sports, and Social Duties.]

In: Schweizer Hochschulzeitung, Zurich, décembre 1936, pp.45-47.

Later reprinted, in: Textes choisis, vol.III, pp.620-622.

1938

Die letzte Botschaft Baron de Coubertins.

[A Last Message by Baron de Coubertin.]

In: Olympische Vorbereitungen für die Feier der XII.

Olympiade in Tokyo 1940. Edité par: The Organizing Committee of the XIIth Olympiad Tokyo 1940. Tokyo 1938, p.3.

En anglais: Olympic Préparation for the Celebrations of the XIIth Olympiad Tokyo 1940. Tokyo 1938, p.3.

En français: Les préparations pour la célébration de la XII^e Olympiade, Tokyo 1940. Tokyo 1938, p.2.

ÍNDICE DE NOMES

- Abruzzos, Duque dos (ver Savóia) 600, 610
Adam, A.C. 175
Adler, F. 243
Ador, G. 464, 735, 738
Aicard, J. 295, 310, 525, 722
Alberto I, Rei da Bélgica 464, 467, 475
Aldao, R. C. 494
Alexander, E. 530
Alexandre Magno (o grande) 106, 208, 542
Alexandre, Rei da Sérvia 106, 208, 542
Alfeu 32, 241, 244, 245, 502, 503, 544, 555, 556, 559, 605
Allou, E. 67
Alsace, P. (de) 368
Alvear, M.T. (de) 485
Amat, F. (de) 279, 288
Amorós, F. 287
Amphill, A.O. (Villiers Russel Amphill) 312, 345, 373, 723
Andrassy, G. (von) 487
Angell, H. 403
Anhalt, A. (von) 385, 727
Annuzio, G. (di) (D'Annunzio, G.) 171
Antíoco, o grande 262, 533
Antonides, T. 560
Argyros, A. 502
Armour, A.V. 458
Arnold, R.B. 49
Arnold, T. 42, 68, 71, 90, 95, 97, 98, 99, 102, 103, 105, 107, 108, 111, 128, 130, 141, 175, 176, 199, 208, 211, 232, 263, 264, 265, 274, 280, 286, 287, 356, 364, 506, 528, 534, 562, 644
Assche, E. (de) 457
Asseburg, E.H. (von der) 405, 415, 419, 681
Atzrott, O. 684
Auckenthaler, M. 448, 449
Averoff, G. (Averof, Alexandria) 327, 343, 727, 728
Averoff, G. (membro do COI) 503
Baillet-Latour, H. (de) 36, 271, 404, 412, 464, 475, 482, 483, 488, 499, 500, 501, 509, 547, 576, 666, 692, 765, 778, 781
Baillod, A. 366
Balck, V. (Balk) 302, 312, 320, 338, 345, 353, 356, 364, 373, 378, 403, 418, 422, 431, 432, 433, 434, 466, 514, 683, 686, 723, 726, 729
Ballet, J. (de) 368
Baltazzi, S. 337
Bartet, J.-J. 566, 604, 606, 612, 614, 625
Basedow, J.B. 263
Batholdi, F.-A. 247, 390, 538, 609
Baugrand, G. 368
Beaunier, A. 613, 614
Beethoven, L. (van) 37, 147, 575, 761
Beistegui, M. (de) 395
Beliosselsky de Berliozersk, S. 373, 395
Bellesort, A. 432
Bellotti (Gen.) 482
Beltram 403
Benavides, A. 494
Benes, E. 497, 499
Bennet, G. 368
Benoît, P. 476
Berckheim (de) 681, 684
Beresford, C. 276
Berger, G. 366, 379
Bergh, F. (Bergh-Petre) 295, 311, 391, 396
Berthelot, P. 194
Bertier, A. (de Savigny) 360, 368, 453, 631, 633, 646
Bert, P. 50
Bibesco, G. (de) 395

- Bikelas, D. (Vikelas, tradução moderna do grego) 30, 295, 303, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 320, 335, 336, 340, 341, 342, 349, 353, 357, 361, 384, 723, 724
 Blémont, E. 606
 Blonay, G. (de) 35, 395, 412, 444, 446, 449, 451, 457, 459, 460, 461, 466, 478, 483, 657, 666, 678, 684, 692, 712, 729
 Blouet, A. 244
 Boin, V. 588
 Bois de Boulogne 171, 386, 453, 494, 723
 Bolanaki, A.-C. 423, 428, 491, 499
 Bonacossa, A. 498
 Bonamour 403
 Bonvalot, P.-G. 358, 362, 364, 443, 725
 Bordat, G. 238
 Borel, M. 310, 628
 Borghi, R. 317
 Bossuet, J.B. 218, 305
 Boucher, H.H. 367
 Boulanger, G. 58
 Boulay (de) 49
 Boulogne, O. (de) 368, 376
 Boulogne, Y.-P. 52, 171, 361, 386, 453, 494, 511, 723
 Boulongne, Y.-P. 763
 Bourdon, G. 306, 368, 386, 722
 Bourgault-Ducoudray, L.-A. 613
 Bourgeois, L. 453
 Bourget, P. 118, 132, 162, 192, 337
 Bousies, M. (de) 312, 338, 382, 723
 Boussod 368
 Bouthillier-Chavigny, C. 68
 Boutovski, A. (de) (Boutowski) 302, 345, 382
 Bowen, J.B. 49
 Bréal, H. 389, 392
 Bréal, M. 324, 330, 334, 337, 346, 358, 395, 470, 530, 565
 Briailles, C. (de) 368
 Briand, A. 591
 Briotet, E. 403
 Brissac, M. (de) 368, 481
 Bristol 176
 Brookes, W.P. 29, 273, 274, 275, 276, 277, 278
 Brouardel, P. 57
 Brown, E. 130, 466, 693, 765, 778
 Brunetta d'Usseaux, E. 373, 384, 396, 400, 402, 403, 412, 451, 460, 461, 613, 657, 678, 726
 Brunialti, A. 422, 423
 Byron, G.G. (Lord Byron) 532
 Cadogan, G.O. (Lorde) 494
 Caillat, E. 381, 382
 Caldwell, M.G. 87
 Callandreau 196
 Callot, E. 312, 313, 320, 382, 451, 678
 Camp, M. (du) 116
 Carafa, R. (Duque) (Andrea Carafa) 723
 Carayon La Tour, H. (de) 295, 368, 723
 Carlos, Duque de Brabant 465
 Carlos V, Rei da França 263
 Carnot, M.F.S. (de) 314, 735
 Carol, Príncipe herdeiro da Romênia 494
 Caron, J. (Padre) 27
 Casimir-Périer, J. 308, 361
 Castaigne, A. 219, 331
 Castellane (de) 484
 Cavell, E. 178
 Centurier, H. 444
 César (Caio Julio) 106, 274, 306, 411
 Champ, P. 307
 Chandler, R. 27, 243, 244
 Chaplain, J. 332, 336, 350
 Charcot, J. 683, 684
 Chasseloup-Laubat, A.E. (de) 368
 Chavan, A. 232
 Chávez 183, 184
 Cherubini, L. 610
 Chisholm, H. 539
 Choiseul-Gouffier, M.-G. (de) 244
 Christian IX, Rei da Dinamarca 408
 Christmann, P. 171

- Chryssafis, J. 227, 503
 Chuard, E. 712
 Cícero (Marco Túlio) 202
 Claretie, J. 566, 600, 604, 606, 610, 611, 612, 613, 614, 625
 Clary, J. (Conde) 485, 495
 Clemenceau, G. 465, 544, 735
 Cohn, A. 76
 Colloredo, R. (von) (Colloredo-Mansfeld) 424
 Colombo, C. 392, 397
 Colonna, P. (Duque) 400, 668, 734
 Combes (Coombes, R.) 327
 Constant, B. 720
 Constantino (Príncipe herdeiro da Grécia) 313, 325, 342, 351
 Cook, Theodore A. (Sir) 632, 635, 649
 Cook, Thomas A. 323
 Cooper, J.A. (Sir) 29
 Cooper, J.F. 401
 Cooper's Hill 41, 49
 Coquelin 190
 Cornish, L.J. 49
 Cossé-Brissac, M. (de) 481
 Coubertin, C. (de) (Charles Louis, pai de Pierre) 236, 609
 Coubertin, J. (de) (filho de Pierre) 623
 Coubertin, M. (de) (irmão de Pierre) 623
 Coubertin, R. (de) (filha de Pierre) 505, 623, 650
 Courcel, A. (de) 295, 302, 308, 310, 321, 337, 525, 722
 Courcy-Laffan, R.S. (de) 356, 678, 679, 725
 Croslegh, C. 49
 Cuff, L.A. 312, 314, 369, 382, 723
 Cuperus, N.S. 310
 Curtius, E. 28, 243, 244

 Dalbane, J. 403
 Damala, P. 337
 Dante Alighieri 223
 Dario 262

 Daryl, P. (pseudônimo de Pascha Gousset) 111
 Daudet, A. 649
 Davel 718
 Decanchy 610
 Decazes 453
 Decoppet, C. 444, 449
 Dedet, L. 175, 307, 403, 449
 Delcassé, T. 405, 761
 Deloch, E.-H. 430
 Delyanni, N. 335
 Delyanni, T. (Delyannis) 315, 316, 319, 336, 345, 356, 357, 853
 Demény, G. 415
 Demolins, E. 710
 Demoor, J. 403
 Derué, F. 295, 403
 Desborough of Taplow, Lorde William Henry (Grenfell) 412, 537, 679
 Desgrange, H. 369, 370, 382
 Desruelles 167
 Didon, H. (Padre) 30, 138, 176, 200, 201, 328, 334, 345, 358, 360, 362, 363, 364, 443, 529, 577, 583, 725, 729, 740, 745, 759
 Diehl, C. 241
 Diem, C. 23, 28, 31, 37, 82, 175, 271, 511, 512, 518, 570, 598, 611
 Diem, L. 518, 598, 611
 Djukitch, S.W. (Djukic) 428
 Dodds, A. 729
 Dollanitis, G. 536
 Dorando, P. 409, 414
 Dorn y de Alsua, E. (Alsua) 460, 730
 Doudeauville (de) 453
 Doumergue, G. 493, 592
 Dragounis, S. 315
 Drakenberg, S. (von) 295
 Dubois, P. 610
 Dubonnet, M. 368, 381
 Dudok de Witt 403
 Dufferin and Ava, Lorde Frederik 381
 Du Houx, C.E. 467

- Dujardin-Beaumetz, H. 610
 Dupanloup, F. 43, 96, 97, 101, 112
 Dupuy, C. (Dupury) 723
 Dupuytrem, R. 368
 Durier 295
 Durry, J. 197, 511
 D'Usseaux, E. (Brunetta d'Usseaux)
 373, 384, 396, 400, 402, 403, 412,
 451, 460, 461, 613, 657, 678, 726
 Du Teil du Havel 295
 Duvignau de Lanneau 451

 Edström, J.S. 434, 482, 483, 499, 500,
 666, 692
 Eduardo III, Rei da Inglaterra 263
 Elzingre, E. 454
 Epicteto 119
 Eschbach, M. (pseudônimo de Pierre de
 Coubertin) 585, 619, 622
 Esterno (Conde) 368
 Estournelles de Constant, P.H. 337, 358
 Etling, E. 403
 Eyschen, P. 423, 477

 Fabens, R. 321, 338
 Fallières, A. 68, 425, 452
 Fallmerayer, J.P. 531
 Faure, F. 337, 358, 443
 Fauré, G. 310
 Fauvel, S. 244
 Felice (de) 448
 Felipe da Macedônia 245
 Felipe IV, Rei da França 263
 Ferrero, G. 181, 232, 448, 625, 729, 751
 Ferry, J. 625
 Fídias 242, 243, 244, 350, 531, 562
 Fleury, A. (de) 368
 Foklanos 311
 Forbes, W.C. 688
 Fosseprez, A. 403
 Foster, V. 388, 393
 Fournier-Sarlovèze, R. 368
 Francisco Fernando, Arquiduque da
 Áustria 735

 Francisco José, Imperador
 austro-húngaro 385, 429
 Francis, D.-R. 232, 353, 390, 394, 397
 Frank-Puaux, F. 413
 Frederich Wilhelm III, Rei da Prússia 244
 Frédy (Barão de Coubertin, Fredy) (ver
 Coubertin)
 Fringnet, A. 403
 Fuad, Rei do Egito 491
 Furber, H.-J. 387, 392, 393, 394, 397

 Gafner, R. 22
 Gallard, A. 368
 Gambetta, L. 359, 532
 García, O.N. 449, 458, 490
 Garrett, R. 325, 346
 Gebhardt, W. 31, 321, 322, 334, 339,
 345, 353, 354, 361, 419, 422, 723,
 726
 Gentzel, J. 507
 George de Podiebrad, Rei da Boêmia 499
 George I, Rei da Grécia 565, 592
 Georges, A. 610
 Georgiadis, K. 313
 Ghigliani, F. 486
 Gibbons, J. 87
 Giessler, S. 463
 Giffard, P. 368, 369, 382
 Gladstone, W. 103, 130, 562
 Glandaz, A. 453, 485, 489
 Gluck, C.W. 271, 272, 537
 Godart, A. 54, 55
 Goddet, J. 512
 Godet, P. 543
 Goethe, J.W. (von) 233
 Gondinet, M. 310, 628, 723
 Gossec, F.-J. 455, 610
 Gréard, O. 57, 59, 197, 289, 302, 305,
 337
 Gregório X (Papa) 717
 Grenfell, W.-H. (Desborough) 403, 412,
 670, 771
 Grévy, J. 452
 Griset 610

- Grousset, P. (Daryl, P.) 111
 Grut, T. 408, 435
 Guébriant, A. (de) 368
 Güell y López, S. (de) 486
 Guglielmi, G. (di) 487
 Guizot, F.P.G. 43
 Gustavo V, Rei da Suécia 436
 Gutenberg, J. 20
 Guth, J. (Guth-Jarkovsky) 312, 345, 353, 361, 385, 401, 418, 428, 429, 466, 482, 483, 498, 499, 666, 692, 723, 726, 729
 Habsburgo 446, 735
 Hanbury Willians, J. (Sir Willians) 423
 Händel, G.F. 537
 Harper, W. 387, 391, 392, 393, 395, 397
 Haudreck, M. 498
 Hébert, G. (Hebert) 157, 159
 Hébrand de Villeneuve, H. (Villeneuve, H. de) 368, 395
 Hecker, G. 27
 Henrotin, B. 359
 Herbert, C. 276, 290, 294, 302, 307, 308, 312, 315, 412, 722, 723, 726, 750
 Herbet, J. 321
 Herodes Ático 562
 Herriot, E. 457
 Hillman, H.L. 399
 Hitchcock, E. 76, 129
 Hitler, A. 511, 762
 Hohenlohe, P.E. (von) (Hohenlohe Schillingsfürst) 338
 Hohrod, G. (pseudônimo de Pierre de Coubertin) 33, 585, 619, 622
 Holbeck, N.V.S. (Holbek) 395, 408, 726
 Holmès, A. 538
 Homero 275, 526
 Hughes, T. 42
 Hugo, V. 610
 Hünefeld, J. (von) 681
 Huss, J. (Jan Huss) 499
 Hutchinson, C.L. 388
 Hutton, C.F. 403
 Ifito de Elis 557
 Isabel, Arquiduquesa da Áustria 130
 Jacquemin, C. 359
 Jacques-Dalcroze, E. 147, 178
 Jahn, F.L. 199, 208, 263
 Janssen, J. 305
 Janzé, L. (de) 305, 360, 371, 376
 Joana D'Arc 178
 Joffre, J. 485
 Johnston, W.P. 274
 Joostens (Gen.) 482
 Jorge, Grã-Duque da Russia 724, 776
 Jourdain, F. 403, 606
 Júlio II (Papa) 717
 Jusserand, J.J. 306, 368, 465, 722
 Juvenal 202, 583
 Kano, J. 423
 Keane, J.J. 87, 486
 Kemény, F. (Kemeny ou Kémény) 320, 338, 353, 354, 361, 363, 400, 422, 723, 726
 Kentish, R.J. 486
 Khuen-Hedervary, C. (de) 423
 Kiel, L. 403, 419
 Kingsley, C. 176, 199, 211, 274, 286, 287, 506, 528, 562
 Kishi, S. 494
 Kössl, J. 292, 401, 582
 Kremlim 280
 Kritchevsky, Dr. (Doutor) 403
 Labbé, L. 57
 Laborie, B. (de) 368, 381
 Lafaurie, G. 359
 La Fontaine, J. (de) 541, 636
 Lafreté, G. (de) 151, 307
 Lagrange, F. 89, 126, 135, 137, 273, 285, 447, 749
 Lagrave, M. 394

- Lalaing, J. (de) 538
 Lancrenon, M.P.M. 600, 610, 681
 Landry, F. 69
 Landry, M. 69
 Lane-Poole 49
 Lang, A. 512, 514
 Langstaff, W. 359
 Larguier des Bancel, J. 444
 Larroumet, G. 340
 Laveleye, E. (de) (Lavelly) 449, 451
 Laverrière, A. 617
 Lavis, E. 126
 Lázaro 435, 436
 Lebaudy, P. 337
 Lebedeff, A. 295, 369
 Lee, R. 49
 Lee-Warner 49
 Lefebvre, C. 403
 Lefèvre-Pontalis, G. 338
 Lejeune, P. (de) 368
 Lemming 417
 Lenglen, S. 702
 Lenk, H. 519
 Lennartz, K. 27, 273
 Lenzburg, H. (de) (Bispo) 717
 Leopoldo II, Rei da Bélgica 404, 443, 656
 Le Play, F. 41, 42, 52, 65, 68
 Lermusiaux, A. 346
 Leroy-Beaulieu, A. 217
 Lewald, T. (von) 487, 498
 Licurgo 45, 526, 528, 557
 Liger 394
 Ling, P.H. 208, 263, 284, 422
 Lippmann, G. 195
 Lobkowitz (Príncipe) 428
 Lorge (Duque) 368
 Loubet, E. 390, 592
 Louis, Spiridon (Louès ou Louys) 334, 350
 Loys (de) 446
 Lubomirski, C. (Príncipe) 486
 Lucas, J. 164
 Lucchesi-Palli, F. (di) 295, 723
 Luce, S. 280
 Lugeon 232
 Luís XVI, Rei da França 28, 75, 145
 Luís XV, Rei da França 607
 Lyautey, M. 175, 490
 MacAloon, J.J. 23
 MacKenzie, R.T. 541
 MacKinley, W. 397
 Maillé, F. (de) 368
 Maillefer, P. 449, 457, 712
 Malter, R. 28
 Mandrillon, C. 516
 Maneuvrier, E. 143
 Mangeot, A. 310, 628
 Mano, C. 319, 338
 Mano, T. 316
 Marcadet, J. 307
 Marco Aurélio (Marcus Aurelius) 119, 715
 Maria, Princesa da Grécia 345
 Marion, H. 90, 143
 Martin, P. (Berlim) 577
 Martin, P. (Lausanne) 681
 Masaryk, T. 497
 Masson, P. 123, 347
 Matheu, P.-J. 458, 460, 730, 739, 765
 Maurovard 315
 Max, A.E.J. (de) 404
 Mayer, P.-G. 606
 Melas, G. 316
 Menocal 458
 Mercati, A. (de) 316, 403, 405, 726
 Mercier, D. (Cardeal) 465, 466, 473
 Méryllon, D. 321, 337, 382, 384, 726
 Mérou 395
 Merry del Val, R. (Cardeal) 402
 Messerli, F. 232, 238, 464
 Messing, M. 463
 Metaxas, M. 343
 Meyer, A. 353
 Michaux, P. 590
 Mieth, D. 520
 Millerand, A. 386, 485
 Millioud, M. 183, 448, 449, 556

- Molier 382
 Monis 451
 Monod, E. 33, 426, 483, 617
 Montaigne, M.E. (de) 43, 315, 379, 539
 Montfaucon, B. (de) 27, 244
 Montherlant, H. (de) 174, 755
 Montu, C. 483, 487
 Monzie (de) 208
 Morax, J. 444, 448, 449
 Morbach, A. 313
 Morel, G. 57
 Morlet, A. 175, 202, 584
 Morley, J. 277
 Motta, G. 457, 757
 Mounet, J.S. (Mounet-Sully) 566, 604, 606, 610, 612
 Müller, N. 3, 7, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 107, 124, 201, 205, 209, 231, 240, 242, 271, 347, 361, 383, 463, 511, 520, 553, 557, 560, 569, 580, 622, 699
 Musset, A. (de) 703
 Musy, J.-M. 500
 Muzsa, J. (de) 415, 429, 632, 649

 Nadi, N. 471
 Nansen, F. 32, 681, 682, 771, 773
 Napoleão (Bonaparte) 280, 767, 768
 Napoleão III 762
 Navacelle, G. (de) (Navacelle de Coubertin) 5, 7, 18, 19, 20, 38, 48, 79, 94, 120, 160, 172, 203, 239, 459, 505, 517, 586, 587, 609, 623, 650, 726, 737, 760, 764
 Nénot, H.-P. 304
 Nicolau II, Czar da Rússia 348
 Nicolau, Príncipe da Grécia 351
 Nietzsche, F.W. 158, 558
 Noailles (Conde) 453
 Noblemaire, J. 338
 Norris 49
 Nyholm, J. 498

 O'Connor, A. 368
 O'Hare 49
 O'Rell, M. 79
 Obolensky (Príncipe) 305
 Oberdorfer, D. 73
 Oertzen, U. (von) 681
 Ollone, M. (de) 606
 Oswald, K.H. 14
 Otho, Rei da Grécia 301, 332, 349

 Palama, K. 536
 Palestrina, G.P. (da) 426
 Pallisaux, A. (de) 290, 307
 Pasteur, L. 47, 525
 Patinot, G. 57
 Paulo (São) 176, 417, 433, 473, 579, 580
 Pausânias 562
 Payne, J.-B. 388, 393
 Paz, E. 710
 Pecker 681, 684
 Penha-Grácia, J.C. (de) 449, 490
 Péricles 223, 319, 372, 504, 531, 565, 612
 Perrier, E. 453
 Pershing, J.J. (General) 465, 539, 543, 735
 Pescatore, J.-M. 422
 Pestalozzi, J.H. 263
 Petit, G. 178
 Petit, L. 610
 Peyronny, J. 174
 Philemon, M. 319, 320, 321, 322, 324, 335, 337, 339, 343
 Philemon, T. 319
 Picard, A. 366, 367, 379, 380, 382, 384
 Pichon, S. 452
 Picot, F.-F. 57
 Picot, G. 65, 305
 Pietro, D. 414
 Pio XI (Papa) 487, 584
 Pio X (Papa) 401, 402, 478, 566
 Pitágoras 224

- Plumerau, Y. 515
 Plutarco 275
 Poage, G.C. 399
 Podbielski, V. (von) 309
 Poilpot 613
 Poincaré, R. 452, 485
 Polignac, M. (de) 455, 460, 482, 483, 495, 692
 Posada, A.G. 295
 Potocki, N. 368, 381, 382, 453
 Pottecher, M. 426, 606, 610, 752
 Potter, E.-A. 388
 Pourtalès, J. (de) 368, 630
 Prévost, M. (Prevost) 171, 404, 625, 729, 750
 Príncipe de Gales 276, 295, 302, 493, 494, 722, 735
 Pullman, G.M. 83, 84, 395
 Puvis de Chavannes, P. 304, 310, 346, 525

 Queenie Newall, S.F. 704

 Rabelais, F. 263
 Racine, J. 403
 Radiguer, H. 610
 Radke, L. 507
 Rameau, J.P. 426
 Rangabé, K. 321, 338, 339
 Ras Tafari (Príncipe) (Hailé Sélassié)
 Raoul-Duval, R. 295
 Raymond, A. 674
 Raymond, G. 307, 402, 452, 485
 Reber, H. 444
 Reichel, F. (Frantz-Reichel) 175, 225, 307, 308, 485, 495, 552, 563, 710
 Reiffenstein, E. (von) 339
 Reims 263, 455
 Reinach, T. 310
 Reinbold, P. 444
 Reinhardt, O. 684
 Remacle, J. 722
 Rembrandt 146
 Renan, E. 533

 Renson, R. 214, 467, 590
 Retzinas, T. 316
 Reymond, A. 232
 Reyntiens, G. 395
 Ribeaupierre, G. (de) 395
 Ribot, A. 380, 453
 Ribot, T. 367, 384, 453
 Richefeu, C. 368
 Richelieu, A. (Duque de) 127, 426
 Richepin, J. 613
 Richter, Dr. (Doutor) 727
 Rigglin, A. 474
 Rio Branco, R. (de) 458

 Rioux, G. 18, 20, 24
 Robertson, G.S. 350
 Rochard, E. 53, 57, 65
 Rochefoucauld, C. (de la) 295, 367, 368, 369, 371, 380, 381, 382, 384, 710, 720, 725
 Rochefoucauld, H. (de la) 453
 Rodolphe de Habsburgo 424, 717
 Rodolphe III, Rei da Borgonha 717
 Romanov 735
 Roosevelt, T. 7, 32, 164, 165, 166, 181, 215, 232, 389, 393, 394, 397, 448, 449, 481, 568, 592, 625, 681, 729, 771, 773
 Rosen, C. (von) 395, 424, 433, 466, 481, 676, 686
 Rosenthal, B.-G. 388
 Rotham, M. (nome de solteira de Marie de Coubertin, esposa de Pierre) 622, 623
 Rousseau, J.-J. 43, 158, 263
 Rousseau, P. 479, 482, 731
 Roussel, F. 628
 Rouzier, E. 403
 Roy, P. 307, 391, 396
 Rubens, P.-P. 473, 476
 Ruperti, O. 487
 Ruskin, J. 32, 33, 145, 149, 598, 751
 Rutherford, G. 49

- Saint-Clair, G. (de) 288, 305, 391
 Sainte-Clair Deville, H. 115
 Sala, A. 295
 Salila, J.K. 430
 Salm-Horstmar, E. (von) 395, 405, 727
 Salopoulo 393
 Samara, S. 322, 328, 536, 538, 608
 Samaranch, J.A. 15, 18
 Sansboeuf, J. 310, 708
 Santos Dumont, A. 32, 681, 771, 772, 773
 Sapountzakis, C. 357
 Sargent, L.-W. 72, 129, 287
 Satnhope, S. (Lorde) 244
 Savoia, Príncipe Luis Amadeu, Duque dos Abruzos (ver Abruzos) 717, 718, 726
 Schaberschul, M. 407
 Schantz, O. 20, 21, 23, 66, 80
 Scharroo, P.W. 498
 Schilizzi 335
 Schimmelpenninck van der Oye, A. 498
 Scoulodis, E. 316, 317
 Sedley-Taylor 49
 Selim Sirry Bey (Tarcán, S.S.B.) 487
 Sêneca 262
 Shakespeare, W. 223
 Sheldon, L.P. 404, 706
 Sherrill, C.H. 485, 499
 Sierstorpff, A.F. (von) 423
 Sikelianos (Sra.) 567
 Silberer, V. 581
 Simon, C. 403, 590, 591, 614
 Simon, J. (Suisse, J.) 50, 57, 65, 125, 168, 264, 289, 396, 542, 564, 588, 625
 Skiff, V. 438
 Skoglund, N. 474
 Skouses, P. 340
 Slom, A. 682
 Sloane, W.M. 28, 69, 290, 294, 302, 307, 308, 309, 310, 312, 313, 325, 338, 345, 373, 385, 390, 391, 392, 412, 427, 451, 466, 486, 568, 628, 632, 633, 649, 657, 678, 722, 723, 726, 729
 Smet de Nayer, P. (de) (Smet) 404
 Sócrates 176, 217
 Somerset (Duque de) 449, 450
 Sorel, R. 217, 359
 Souter 49
 Soutzo 316
 Spalding, M.J. (Bispo) 87, 88, 187, 399, 474
 Spencer 244, 750
 Spuller, E. 337
 Srb, V. 428
 Stael, G. 720
 Stanley, A.P. 102
 Stanton, T. 392
 Stephanopoli 340
 Strehly, G. 315, 368, 369, 379
 Streit, G. (von) 319
 Studt, K. (von) 681
 Sullivan, J.E. 72, 387, 391, 394, 396, 397, 415, 417, 427, 428, 433, 450, 456, 457, 636, 730, 732
 Sverre, J.T. 423
 Syngros, A. 335
 Taconet, M. 359
 Taine, H. 41, 45, 97, 106, 109, 758
 Talbot, E. 580
 Teodósio II, Imperador romano 223, 242, 561
 Teodósio I, Imperador romano 561
 Tertuliano 648
 Thomas, C.A. 49, 388
 Thomassin, F.A. 57, 65
 Thompson, R.M. 428, 433, 453
 Thorpe, J. 449, 450, 636, 637, 638
 Thring, E. 112
 Ting Wu Fang (Doutor) 460, 688
 Tissié, P. 154, 403
 Tocqueville, A. (de) 68
 Todaro, F. 400, 667,
 Todd, R. 295, 310, 628, 629, 630, 723
 Tomás de Aquino (São) 477

- Toutain, A. 368
 Tricoupis, C. (Tricupis) 314, 315, 316,
 317, 331, 335, 336, 342, 625, 724
 Trolle (de) 681
 Truffier, J. 606, 610
 Trystram 196
 Tulane, P. 85
 Turner, C. 274
 Tuyll, F.W.C. (de) (Tuyll van Serooske-
 rken) 403, 427, 451, 506, 657

 Varigny, C.V. (de) 83
 Venningen, K. (von) (Venningen-Ullner
 von Diepurg) 422, 423, 451, 460,
 657, 678, 679
 Verdyck, A. 474
 Versåll (Sra.) 433
 Vestine, E. 403
 Vienne, T. 403, 610
 Vigny, P. 167
 Vikelas, D. (transliteração do nome
 grego “Bikelas”) 313
 Villeneuve, H. (de) (Hébrard de Ville-
 neuve) 368, 376, 381, 395
 Villers, M. (de) 630
 Vincent, H. (Sir Howard) 395, 398,
 412, 415
 Vitória 276
 Vitória, Rainha da Inglaterra 276, 300
 Vitorio Emanuel III, Rei da Itália 489,
 490
 Vitorio Emanuel II, Rei da Itália 565,
 668
 Vladimir, Grão-Duque da Rússia 302,
 722
 Voltaire 718

 Waddington 302
 Wagner, R. 33, 619
 Waldstein, C. (Sir Charles) (Walstom) 49
 Wartensleben, C. (von) 419
 Webster, N. 162, 264
 Weeks, B.-S. 460, 730
 Welsh, A.R. 467

 Wendell, E.J. 423, 460, 678, 730
 Whitney, C. 370, 385, 392
 Willebrand, R.F. (von) 428
 Wilson-Lynch 49
 Wilson, T.W. 465
 Winckelmann, J.J. 244
 Windischgraetz, Otto (von)
 (Windisch-Grätz) 424, 429
 Wirkus, B. 27
 Wolseley, J.G. (Sir) 276
 Wright, W. 184

 Xerxes 262

 Yolanda de Saboia 717
 Young, D.D. 313

 Zaimis, A.T. 319
 Zappas, E. 340, 346, 533
 Zappas, K. 340, 346, 533
 Zeppelin, F. (von) 681, 683
 Zieràer, F. 403
 Zubiaur, J.-B. 312, 723, 739, 767

ÍNDICE DE ASSUNTOS/TEMAS/ MATÉRIAS

- Academia Olímpica Internacional 20,
22, 23, 37, 520, 564, 764
- Acrópole 223, 240, 261, 270, 271, 315,
328, 330, 332, 336, 343, 349, 350,
372, 427, 468, 504, 530, 724
- Adolescência 44, 131, 153, 167, 179,
223, 310, 423, 500, 596
- Aeroplano (Avião) 202, 427
- Agilidade 134, 185, 202, 253, 276,
327, 332, 352, 372, 415, 471, 472,
621, 748, 749
- Alcoolismo 269, 665, 731
- Alegria 32, 37, 50, 95, 117, 118, 170,
179, 206, 213, 231, 233, 267, 268,
281, 288, 306, 314, 328, 329, 331,
340, 384, 440, 471, 476, 493, 504,
505, 524, 526, 530, 536, 541, 542,
544, 545, 551, 562, 563, 570, 592,
594, 596, 597, 621, 689, 720, 741
- Alemães 28, 68, 70, 71, 128, 169, 173,
192, 230, 243, 283, 310, 321, 327,
332, 334, 339, 349, 350, 352, 360,
385, 400, 403, 405, 408, 410, 416,
419, 429, 432, 437, 456, 464, 487,
644, 668, 684, 695, 718
- All games, all nations* 425, 469, 581, 734
- Alpinismo 132, 253, 373, 381, 425,
478, 479, 481, 668, 675
- Altis 241, 244, 245, 247, 248, 251,
258, 349, 366, 379, 502, 513, 556,
557, 564, 574, 588, 738
- Amador 26, 290, 294, 308, 348, 352,
363, 376, 411, 418, 450, 497, 499,
520, 521, 549, 588, 591, 626, 627,
628, 629, 630, 631, 632, 633, 634,
635, 636, 637, 638, 639, 640, 643,
645, 646, 648, 649, 652, 758
- Amadorismo 26, 182, 307, 308, 309,
310, 311, 332, 376, 377, 419, 422,
472, 478, 480, 490, 497, 499, 513,
521, 547, 549, 595, 614, 627, 628,
629, 630, 631, 632, 633, 634, 636,
638, 639, 643, 644, 645, 649, 661,
665, 722, 723, 731
- Amateur 290, 302, 348, 370, 390, 391,
393, 394, 403, 417, 450, 638, 687,
722, 730, 732
- Ambição 114, 148, 150, 153, 176, 225,
248, 284, 291, 293, 301, 423, 445,
448, 483, 493, 495, 505, 510, 528,
534, 550, 556, 579, 583, 625, 746
- Americanos 52, 68, 69, 70, 71, 74, 75,
76, 83, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 136,
161, 283, 303, 327, 329, 330, 332,
334, 335, 340, 342, 346, 348, 349,
350, 359, 370, 374, 375, 376, 378,
385, 387, 389, 392, 395, 396, 397,
398, 399, 416, 417, 432, 437, 450,
458, 460, 465, 473, 483, 484, 510,
568, 578, 645, 680, 687, 688, 723,
739, 741, 751, 765
- Amizade 17, 69, 116, 168, 170, 201, 307,
364, 365, 395, 424, 482, 498, 501,
514, 547, 625, 727, 729, 734, 761
- Anglo-saxão 18, 68, 710
- Anglomania 564
- Antiguidade 27, 28, 29, 34, 119, 342,
343, 344, 346, 352, 372, 432, 528,
534, 536, 538, 586, 598, 703, 722
- Antiguidade grega 523, 525, 544
- Aparelhos de ginástica 55, 170, 186, 732
- Apostar 688, 745
- Aristocracia 75, 141, 168, 573, 734
- Armas de fogo 3875, 747
- Arqueologia 156, 502

- Arquiteto(s) 33, 246, 250, 252, 254, 258, 259, 260, 288, 343, 426, 435, 475, 538, 589, 600, 617, 621, 768
- Arquitetura 28, 33, 35, 43, 218, 238, 247, 251, 254, 256, 260, 268, 332, 425, 446, 483, 502, 514, 544, 551, 566, 588, 601, 603, 604, 606, 613, 614, 617, 618, 620, 672, 742, 754, 780
- Arte 131, 614, 617, 665, 672, 735, 750
- Arte dramática 538, 606
- Artista(s) 5, 145, 148, 188, 190, 220, 236, 247, 256, 262, 267, 304, 314, 328, 332, 336, 337, 350, 360, 370, 425, 432, 435, 443, 509, 515, 525, 538, 559, 565, 566, 597, 599, 600, 601, 603, 604, 608, 612, 613, 619, 620, 625, 673, 729, 750, 768
- Artística(s)
- Beleza 263
 - Campeonatos 33
 - Certames 592
 - Comissão 148
 - Competição(ões) 33, 620, 624, 676
 - Configuração 598
 - Cultura 145
 - Educação 416
 - Expressão 147
 - Forma 511, 598, 619
 - Manifestações 392
 - Nota 598
 - Obra(s) 33, 612
 - Perspectivas 244
 - Propaganda 149
- Asceta(s) 561
- Ascetismo 84, 180, 262, 561, 745
- Asiáticos 687, 688, 756
- Associação (esportes) 48, 50, 84, 105, 111, 117, 123, 129, 138, 140, 141, 177, 183, 195, 261, 287, 290, 388, 478, 511, 540, 629, 688
- Associações esportivas 50, 177, 564, 577, 731
- Associações alemãs 345
- Athletae proprium est...* 176, 491, 585, 696
- Atitude 26, 101, 104, 135, 166, 291, 293, 310, 329, 340, 382, 389, 398, 417, 423, 425, 450, 517, 678, 691, 703
- Atividade esportiva 267, 658, 695, 731
- Atleta(s) alemão(ões) 385
- Atleta(s) americano(s) 375, 396, 417
- Atletismo 7, 31, 64, 78, 90, 91, 104, 120, 121, 138, 162, 164, 171, 176, 199, 202, 213, 238, 241, 246, 252, 253, 256, 262, 269, 272, 273, 274, 275, 277, 280, 286, 287, 289, 291, 293, 294, 300, 301, 303, 308, 314, 319, 327, 328, 329, 337, 338, 343, 356, 366, 368, 371, 374, 376, 378, 396, 398, 406, 417, 420, 438, 440, 442, 443, 470, 500, 513, 523, 525, 526, 527, 528, 529, 533, 544, 556, 562, 567, 570, 573, 595, 605, 608, 628, 634, 635, 654, 655, 660, 665, 685, 687, 689, 698, 705, 711, 722, 727, 730, 731, 732, 736, 740, 741, 745, 749, 750, 752, 762, 770, 776, 778
- Atletismo americano 308, 525
- Atletismo (antigo) 241, 272, 440, 567
- Atletismo grego 213, 752
- Atuação 21, 174, 262, 353, 399, 455
- Australiano 189, 214, 346, 369, 452
- Automóvel 135, 328, 494, 499, 609, 659, 672, 776
- Bailes gregos (Danças gregas) 351
- Bandeira francesa 326
- Bandeira grega 350, 503
- Barra fixa 170, 306, 315, 319, 349, 369, 550, 669, 708
- Barras paralelas 319, 349, 369
- Beisebol 253, 274, 287, 374, 450, 633, 636, 637
- Beleza 32, 33, 145, 148, 149, 192, 201, 223, 241, 244, 245, 247, 252, 254, 257, 258, 259, 260, 263, 344, 396,

- 401, 402, 426, 445, 448, 469, 471, 475, 480, 491, 492, 510, 511, 515, 524, 531, 534, 535, 537, 538, 545, 546, 554, 575, 588, 589, 590, 597, 598, 604, 605, 606, 621, 696, 700, 714, 740, 745, 750, 751, 752
- Belga 36, 230, 308, 344, 404, 428, 449, 452, 457, 463, 464, 470, 473, 477, 482, 491, 538, 547, 590, 628, 664, 679, 698, 700
- Benefício 117, 196, 202, 275, 340, 488, 534, 543, 567, 633, 634, 660, 729, 744
- Biblioteca(s) 71, 130, 238, 248, 250, 277
- Bilheteria 257
- Bizantino 503, 567
- Bois de Boulogne 171, 386, 453, 494, 723
- Bote (barco) 133
- Boxe 66, 91, 101, 125, 126, 132, 134, 135, 137, 165, 166, 167, 173, 179, 181, 186, 197, 214, 215, 226, 227, 252, 268, 306, 316, 368, 375, 381, 406, 417, 422, 424, 471, 472, 493, 495, 500, 530, 578, 609, 638, 645, 668, 671, 675, 676, 677, 701, 730, 746, 747, 754, 758, 778
- Boxe francês 167, 472, 671
- Boxe inglês 167, 369, 375
- Bureau International de
Pédagogie Sportive (B.I.P.S.) 21, 36, 174, 229, 233, 238, 509, 547, 585, 595, 696, 736
- Calendário grego 349
- Camaradagem (companheirismo, coleguismo) 108, 132, 155, 206, 267, 423, 445, 448, 474, 573, 591, 661
- Campeonato(s) 33, 177, 225, 255, 227, 255, 258, 370, 373, 376, 403, 508, 510, 514, 515, 534, 542, 546, 568, 588, 598, 612, 663, 664, 670, 671, 673, 688, 708, 757, 758
- Campeonato(s) mundial(is) 546, 549, 592, 652, 664
- Campo de Marte 280, 385, 485
- Campos de jogo 67, 71, 91, 226, 274, 382, 614
- Candidatura 392, 400, 419, 457, 464, 465, 468, 475, 485, 487, 640, 739, 774
- Capacidade 95, 119, 122, 140, 154, 155, 158, 185, 188, 223, 241, 315, 368, 443, 463, 542, 559, 563, 718, 755
- Carabina 319, 349
- Carta (Olímpica, COI) 20, 35, 161, 164, 165, 169, 170, 210, 326, 514, 520, 539, 592, 625, 698
- Carta para a Reforma do Esporte/
Carta para a Reforma atlética) 227
- Carta(s) circular(es) 357
- Cavalo (animal) 54, 55, 63, 64, 68, 84, 87, 118, 132, 133, 136, 168, 233, 241, 242, 251, 253, 261, 265, 276, 277, 294, 308, 375, 424, 425, 437, 438, 472, 481, 530, 539, 548, 608, 629, 631, 671, 700, 711, 745, 748, 750, 778
- Cavalo (aparelho) 170, 226, 319, 349, 369, 708
- Celtas 196, 220
- Cerimônias 35, 232, 259, 270, 331, 334, 350, 383, 413, 417, 421, 433, 436, 455, 464, 465, 466, 467, 473, 476, 493, 494, 503, 536, 538, 544, 545, 556, 558, 588, 589, 591, 594, 603, 624, 712, 722, 771, 778, 782
- Certames (campeonatos) artísticos 592, 603, 700
- Chama (Chama Olímpica, também Tocha, Tocha Olímpica) 237
- Ciclismo 91, 132, 134, 160, 252, 253, 294, 302, 315, 319, 333, 336, 337, 347, 349, 368, 369, 370, 373, 376, 379, 408, 410, 422, 427, 470, 528, 530, 609, 634, 668, 672, 675, 676

- Cidade americana 84, 387
 Cidade moderna 207, 343
 Cidades europeias 378
 Ciência(s) 17, 22, 29, 32, 51, 58, 72, 79, 87, 88, 89, 111, 112, 114, 126, 131, 139, 152, 158, 162, 218, 222, 223, 247, 267, 269, 289, 325, 330, 423, 443, 448, 523, 525, 527, 530, 572, 573, 597, 603, 625, 749, 755, 768
Citius, altius, fortius 138, 434, 573, 577, 583, 585, 586, 577, 583, 585, 586
 Civilização 85, 92, 127, 132, 133, 138, 157, 163, 175, 192, 198, 200, 221, 245, 258, 261, 262, 264, 269, 275, 300, 389, 426, 490, 527, 532, 535, 543, 544, 550, 574, 575, 576, 580, 586, 598, 609, 677, 683, 696, 714, 731, 742, 752
 Civilização grega 300, 342
 Civilização helênica 157, 275, 389, 535
 Classe operária 196, 197, 225
 Classe social 548
 Classe trabalhadora 198, 214
 Classicismo 28, 565
 Colegas alemães (também membros do COI) 400, 403, 408, 419
 Comédie Française (Comédia Francesa) 443, 453, 537, 600, 604, 606, 610, 611, 612, 613, 624, 625
 Comissão 148, 250, 306, 314, 315, 451, 483, 486, 494, 496, 499, 608, 626, 657, 668, 692, 776
 Comissário 32, 326, 366, 367, 368, 370, 376, 379, 381, 382, 385, 391, 483, 532, 618, 700, 727
 Comitê Alemão (também Comitê Olímpico) 338, 345
 Comitê Grego (também Comitê Helênico = Comitê organizador de 1896) 271
 Comitê Heleno (também Comitê Helênico ou Grego) 337, 340, 357, 360, 427
 Comitê Internacional (=COI) 15, 17, 18, 20, 22, 23, 30, 246, 250, 252, 254, 303, 309, 311, 337, 341, 354, 355, 356, 357, 360, 369, 370, 373, 387, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 400, 408, 410, 413, 419, 434, 438, 443, 472, 475, 476, 477, 497, 508, 509, 517, 530, 549, 582, 587, 594, 596, 600, 606, 610, 628, 631, 632, 642, 643, 652, 656, 657, 658, 665, 676, 677, 681, 683, 684, 685, 687, 688, 692, 700, 703, 712, 714, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 734, 753, 754, 765
 Comitê Internacional Pierre de Coubertin (CIPC) 4, 15, 22, 361
 Comitê Nacional (=CON) 420, 654, 658, 725
 Comitê Olímpico Francês 5, 483, 484, 485, 546, 591, 598
 Comitê Olímpico Heleno 318
 Comitê Olímpico Internacional (COI) 4, 7, 15, 22, 23, 30, 35, 174, 198, 208, 253, 260, 270, 378, 390, 391, 408, 413, 417, 429, 440, 443, 465, 475, 477, 501, 509, 537, 538, 544, 549, 550, 566, 578, 579, 581, 584, 592, 600, 604, 605, 608, 611, 617, 620, 628, 633, 634, 635, 645, 653, 655, 656, 657, 667, 668, 676, 677, 678, 679, 692, 695, 708, 712, 714, 722, 725, 727, 728, 729, 734, 735, 736, 738, 750, 780, 781
 Comitê organizador 251, 313, 334, 371, 474, 592, 619, 777, 778, 781
 Companheirismo (Coleguismo) 130
 Competição atlética 274, 287, 376, 378
 Competição esportiva 375, 431, 535
 Competição(ões) 51, 73, 90, 106, 133, 138, 150, 151, 176, 178, 190, 204, 206, 227, 265, 274, 276, 278, 286, 289, 305, 325, 328, 346, 348, 349, 352, 375, 382, 416, 448, 469, 493, 504, 531, 535, 541, 554, 573, 589, 598, 617, 620, 676

- Competidor 34, 328, 538, 557, 565, 585, 629, 633, 639
 Compiègne 368, 370, 725
 Compositor grego 322, 346, 608
 Compreensão 26, 27, 145, 192, 237, 247, 267, 379, 408, 455, 469, 480, 498, 509, 512, 539, 550, 568, 577, 585
 Concursos artísticos 251, 254, 432, 470, 495, 595, 615, 619
 Conferência consultiva 32, 33, 253, 597, 600, 603, 605, 610, 611, 613, 614, 624
 Confiança em si mesmo (Auto-confiança) 20, 43, 45, 63, 64, 69, 71, 77, 84, 97, 111, 118, 127, 129, 130, 134, 135, 137, 142, 146, 157, 173, 190, 198, 206, 218, 224, 250, 264, 285, 287, 321, 324, 357, 362, 408, 421, 428, 455, 458, 471, 496, 512, 523, 554, 579, 608, 642, 686, 733, 739, 743, 778
 Conflito 196, 322, 365, 464, 478, 484, 490, 504
 Congresso 32, 51, 125, 165, 292, 296, 297, 298, 299, 310, 312, 359, 364, 366, 403, 444, 447, 448, 453, 479, 482, 483, 493, 498, 626, 643, 653, 668, 679, 712, 725, 727, 728, 746, 774, 780
 Congresso atlético internacional 301
 Congresso fundacional (inaugural) 27, 627
 Consciência 44, 72, 115, 148, 152, 153, 158, 179, 180, 188, 213, 220, 270, 327, 341, 364, 433, 464, 521, 539, 540, 547, 558, 570, 639
 Conselho jurídico 662, 663
 Continente americano 221, 290, 308, 632, 649
 Cooperação 139, 140, 141, 142, 143, 267, 269, 324, 342, 445, 532, 664, 665, 676, 689, 691, 693, 734, 752
 Coral 197, 268, 416, 455, 608, 610, 611, 751, 752
 Coreografia 601
 Corpo 43, 44, 57, 63, 72, 74, 78, 84, 103, 104, 105, 114, 119, 120, 125, 129, 139, 140, 151, 153, 154, 158, 165, 171, 176, 180, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 195, 202, 203, 204, 283, 284, 285, 288, 300, 330, 345, 350, 408, 415, 427, 447, 494, 505, 524, 526, 527, 539, 548, 558, 561, 570, 572, 573, 584, 597, 603, 621, 622, 724, 745, 747, 749
 Corpo e mente 29, 583, 625
 Correr 71
 Corridas 42, 56, 74, 91, 134, 226, 253, 272, 276, 280, 283, 285, 287, 295, 308, 315, 342, 348, 349, 351, 366, 369, 373, 375, 376, 379, 385, 410, 416, 470, 494, 495, 530, 578, 629, 669, 671, 672, 673, 677, 696, 708, 724, 732, 745, 746, 747, 754, 770, 778
 Corridas a pé 241, 252, 268, 319, 346, 348, 369, 373, 395, 410, 417, 470, 578, 610, 668, 669, 673, 675, 698, 705, 707, 723
 Corridas de automóvel 536
 Corrupção 105, 106, 174, 175, 184, 213, 529, 535
 Cosmopolita 342, 372, 507, 648
 Cosmopolitismo 150, 423, 469, 563, 565, 655
 Críquete 55, 56, 84, 98, 101, 253, 262, 276, 277, 373, 374, 470, 530, 633, 634, 668, 670
 Cristandade 715
 Crítica 21, 58, 109, 153, 198, 204, 217, 410, 411, 434, 441, 492, 547, 550, 559, 619, 721, 755
 Croquete 374
 Culto ao esforço 34, 207, 287, 741
 Cultura 145, 178, 227, 271, 681
 Cultura física 7, 153, 155, 158, 159, 227, 262, 263, 277, 357, 567, 573, 585, 590, 606, 740, 745, 757, 758

- Cultura intelectual 118, 162, 190, 192, 193, 528
- Decatlo 450, 472, 636, 637, 688
- Decoração 260, 343, 349, 372, 388, 412, 426, 466, 607, 674, 675, 751
- Delegação alemã 419
- Delegado(s) 30, 303, 310, 313, 356, 358, 363, 369, 373, 392, 404, 405, 466, 483, 488, 578, 656, 723, 725, 730, 774
- Democracia(s) 68, 92, 131, 139, 141, 142, 144, 147, 204, 206, 210, 211, 215, 222, 264, 265, 300, 330, 349, 529, 579, 591, 731, 750
- Depressão 72, 135
- Desenho 48, 148, 344, 588, 601
- Desenvolvimento físico 96, 158
- Desqualificação (Desclassificação) 308, 435, 629, 636
- Dia(s) antropológico(s) da Antropologia 399, 687
- Dinamarquês 428, 452
- Diploma 515, 682, 771, 773, 780
- Disciplina 53, 61, 67, 89, 96, 106, 142, 213, 225, 230, 280, 283, 284, 287, 405, 430, 432, 445, 448, 473, 490, 513, 550, 562, 710, 740, 741, 748
- Disco 186, 242, 252, 254, 319, 325, 346, 349, 432, 470, 557, 669, 673, 706, 707
- Diversão 48, 75, 78, 91, 210, 279, 351, 372, 386, 621, 696, 742
- Ecole Albert-le-Grand (Escola Alberto Magno) 577
- Ecole Alsacienne (Escola Alsaciana) 52, 57, 62
- Ecole Monge 54, 62
- Educação 19, 22, 59, 111, 128, 131, 283, 289, 307, 313, 320, 326, 416, 422, 503, 564, 684, 693, 736
- Educação americana 71
- Educação atlética 7, 111, 112, 120, 121, 122, 280
- Educação (d)esportiva 547, 573, 689, 741, 765
- Educação física 7, 31, 32, 50, 51, 89, 90, 95, 109, 111, 128, 136, 139, 151, 155, 161, 162, 169, 187, 197, 212, 227, 262, 273, 280, 284, 286, 288, 301, 401, 500, 515, 540, 542, 549, 566, 567, 625, 628, 646, 665, 703, 712, 729, 730, 750, 771
- Educação francesa 41, 43, 61, 65, 111
- Educação moral 60, 61, 95, 300
- Educação popular 763
- Educação secundária 41, 128, 142, 143
- Educação social 7, 106, 131, 139, 143, 144
- Educação superior 128
- Educador 121, 149, 176, 180, 200, 265, 286, 440, 528, 539, 584, 644
- Elite 71, 109, 215, 225, 255, 381, 545, 567, 573
- Embaixador(es) 668, 767
- Emblema 66, 212, 262, 527, 586, 587, 591
- Energia 34, 41, 65, 93, 106, 110, 114, 121, 133, 151, 158, 166, 179, 185, 205, 215, 251, 253, 263, 278, 281, 285, 300, 314, 324, 368, 381, 405, 423, 473, 475, 515, 532, 535, 545, 552, 567, 583, 642, 654, 660, 681, 732, 735, 741, 743
- Entrada (Ingresso) 55, 82, 141, 148, 177, 276, 293, 310, 325, 328, 329, 343, 345, 410, 442, 449, 455, 502, 522, 526, 565, 572, 600, 606, 622, 675, 694, 739, 771
- Equilíbrio 50, 57, 72, 104, 132, 133, 134, 135, 136, 151, 157, 160, 168, 180, 185, 186, 187, 202, 206, 211, 213, 218, 262, 265, 270, 284, 317, 351, 352, 363, 427, 432, 490, 524, 526, 540, 541, 558, 559, 563, 586, 587, 628, 629, 632, 665, 683, 714, 731, 746
- Equilíbrio humano 132, 138, 176, 475, 745

- Equipe alemã 411
 Equipe(s) 34, 72, 74, 90, 95, 106, 119, 155, 169, 174, 189, 225, 230, 240, 245, 256, 267, 294, 307, 308, 315, 319, 329, 338, 348, 374, 378, 381, 394, 398, 409, 410, 415, 417, 418, 422, 432, 433, 434, 436, 438, 442, 444, 445, 448, 449, 450, 455, 468, 469, 471, 472, 473, 474, 486, 487, 492, 495, 498, 504, 508, 513, 574, 575, 576, 580, 581, 582, 588, 594, 634, 637, 640, 641, 646, 650, 652, 669, 670, 671, 687, 688, 689, 690, 695, 696, 702, 703, 709, 711, 738, 742, 748, 749, 771, 776, 777
 Equitação 54, 55, 92, 132, 133, 136, 137, 168, 186, 188, 268, 276, 319, 337, 378, 424, 435, 437, 438, 473, 481, 530, 548, 607, 668, 670, 671, 675, 705, 708
 Esboço (Projeto) 196, 463, 618, 651, 698
 Escandinavos 134, 139, 140, 208, 268, 405, 416, 433, 480, 481, 492, 499, 515, 517, 726
 Escavação 28, 570
 Escola Alemã de Arqueologia 555
 Escola Americana de Atenas 329
 Escola(s) Pública(s) (ver Public Schools) 41, 45, 48
 Escolas secundárias 68
 Escritor(es) 15, 25, 92, 168, 200, 202, 340, 361, 583, 613
 Escultor(es) 390, 416, 438, 538, 572, 600, 603, 609, 620
 Escultura 33, 242, 247, 254, 608, 613, 617, 620, 622, 627, 628, 672, 754, 780
 Esforço físico 34, 169, 202, 283, 430
 Eslavos 196, 220, 242, 246
 Espada 135, 141, 167, 252, 317, 319, 369, 370, 425, 437, 471, 670, 673, 680, 711, 747, 750
 Espanhol 17, 18, 20, 21, 37, 227, 428, 458, 536, 740, 754, 765
 Espectador(es) 26, 34, 78, 136, 174, 175, 179, 185, 188, 189, 190, 229, 241, 246, 251, 252, 254, 256, 257, 258, 260, 276, 286, 307, 322, 325, 327, 328, 330, 334, 338, 343, 344, 346, 372, 377, 381, 392, 393, 397, 402, 416, 433, 434, 471, 476, 493, 495, 515, 521, 536, 537, 548, 554, 575, 595, 605, 609, 614, 625, 638, 645, 675, 692, 698, 724, 742, 745, 751, 752, 758
 Espetáculo 36, 62, 71, 82, 84, 100, 125, 134, 158, 179, 232, 258, 302, 322, 326, 328, 349, 368, 370, 372, 395, 402, 417, 426, 440, 471, 487, 499, 508, 512, 523, 537, 550, 554, 556, 563, 565, 576, 614, 672, 703, 723, 731, 734, 751
 Espírito 7, 28, 32, 33, 34, 36, 43, 44, 53, 57, 58, 59, 60, 68, 69, 81, 92, 96, 97, 104, 105, 106, 107, 114, 122, 127, 132, 138, 141, 150, 155, 162, 165, 170, 176, 180, 189, 193, 194, 200, 202, 203, 206, 208, 213, 217, 218, 220, 222, 223, 226, 227, 239, 262, 263, 264, 267, 271, 284, 286, 291, 293, 301, 306, 311, 314, 330, 344, 348, 361, 368, 385, 393, 404, 405, 412, 425, 427, 433, 434, 435, 438, 445, 448, 465, 466, 472, 473, 475, 476, 479, 482, 484, 491, 492, 493, 500, 508, 509, 512, 513, 524, 527, 532, 535, 536, 537, 539, 540, 544, 546, 550, 551, 554, 558, 559, 570, 572, 573, 575, 576, 578, 583, 584, 587, 597, 600, 603, 608, 612, 618, 619, 631, 632, 633, 644, 645, 646, 650, 654, 655, 658, 660, 663, 665, 688, 691, 701, 708, 715, 718, 731, 732, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 750, 751, 752, 755, 757, 771

- Espírito esportivo 7, 162, 206, 226,
 263, 385, 434, 435, 438, 472, 482,
 493, 551, 554, 596, 642, , 645, 646,
 660, 663, 731, 742
 Espírito sectário 170
 Esporte para todos 755
 Esportes 17, 34, 48, 66, 91, 111, 128,
 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136,
 137, 140, 142, 151, 159, 162, 163,
 166, 167, 168, 173, 177, 182, 183,
 184, 186, 188, 189, 194, 196, 202,
 213, 214, 215, 216, 225, 226, 227,
 230, 231, 232, 251, 252, 253, 254,
 255, 256, 257, 268, 273, 274, 278,
 287, 288, 290, 294, 295, 301, 302,
 306, 308, 309, 310, 314, 315, 319,
 320, 321, 324, 329, 337, 342, 344,
 346, 349, 351, 352, 360, 366, 368,
 369, 370, 371, 373, 375, 376, 378,
 379, 381, 385, 396, 401, 402, 404,
 406, 408, 410, 416, 417, 420, 422,
 424, 430, 442, 446, 452, 456, 463,
 468, 469, 470, 471, 472, 473, 475,
 476, 478, 479, 480, 481, 484, 508,
 513, 514, 515, 516, 517, 519, 525,
 530, 535, 536, 537, 538, 539, 543,
 548, 549, 574, 575, 576, 577, 578,
 584, 591, 592, 595, 600, 603, 605,
 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612,
 613, 619, 629, 630, 631, 632, 633,
 634, 635, 637, 638, 642, 643, 645,
 648, 649, 651, 652, 655, 656, 659,
 663, 665, 668, 669, 673, 674, 675,
 677, 683, 688, 689, 691, 694, 696,
 698, 699, 700, 701, 703, 705, 708,
 709, 710, 714, 724, 729, 730, 731,
 732, 738, 741, 744, 746, 747, 748,
 749, 750, 752, 754, 757, 758, 770,
 777
 Esporte(s) atlético(s) 129, 130, 184,
 274, 288, 308, 349, 369, 373, 376,
 381, 385, 402, 470, 473, 525, 530,
 630, 668, 669, 673, 675, 700, 746
 Esporte(s) de combate (luta(s)) 132,
 134, 135, 167, 402, 420, 484, 543,
 595, 746, 747
 Esportes de defesa 471, 472, 708
 Esportes equestres 373, 375, 416, 420,
 422, 424, 476, 543, 595, 603, 700,
 746, 748, 754
 Esporte(s) escolar(es) (estudantis 125,
 306, 379, 381, 396, 708
 Esportes náuticos 252, 256, 329, 337,
 369, 410, 420, 470, 484, 530, 578,
 580, 603, 696, 724, 746, 748, 754
 Esporte(s) popular(es) 197, 468, 479
 Esportistas 32, 120, 132, 516, 640, 661,
 665, 700, 725, 735, 744, 757, 758
 Esportividade (Desportividade) 162,
 199, 413, 507, 519, 590, 741
 Esqui 401, 514, 517, 700
 Estádio de Olímpia (Estádio antigo)
 241, 522, 571, 613
 Estádio(s) 33, 37, 174, 175, 180, 184,
 189, 198, 204, 217, 229, 241, 242,
 243, 244, 252, 258, 259, 271, 307,
 314, 315, 316, 319, 320, 322, 325,
 326, 327, 329, 330, 332, 335, 340,
 343, 344, 345, 346, 349, 350, 352,
 356, 366, 372, 385, 395, 402, 409,
 410, 413, 414, 416, 417, 422, 431,
 433, 434, 435, 436, 457, 464, 465,
 466, 467, 470, 472, 473, 474, 475,
 476, 477, 478, 484, 485, 489, 491,
 494, 495, 504, 505, 507, 508, 512,
 513, 514, 522, 529, 530, 533, 541,
 542, 546, 565, 570, 572, 589, 592,
 600, 606, 609, 612, 642, 695, 703,
 724, 727, 728, 729, 735, 756, 758,
 778, 779, 781
 Estado mental 194
 Estatutos (ver também Carta,
 Regulamentos) 275, 281, 289, 335,
 486, 586, 662
 Estética 246, 258, 259, 443, 444, 521,
 583, 591, 596, 598, 605
 Estudos 20, 22, 209

- Europeus 84, 89, 161, 162, 187, 323, 330, 342, 394, 471, 508, 509, 514, 551, 658, 687, 744, 768
- Eurritmia 26, 34, 192, 198, 207, 218, 239, 260, 310, 426, 443, 455, 508, 521, 540, 541, 558, 559, 595, 598, 605, 609, 618, 751
- Excesso 34, 51, 69, 90, 137, 138, 150, 157, 158, 202, 207, 264, 393, 445, 500, 513, 515, 531, 535, 540, 541, 548, 567, 573, 584, 622, 645, 730, 758
- Exercício físico (Atividade física) 59, 64, 65, 67, 97, 132, 154, 155, 162, 211, 261, 262, 263, 277, 285, 286, 287, 300, 344, 351, 363, 441, 476, 523, 524, 528, 567, 607, 608, 654, 683, 741
- Exibição (Exposição, Apresentação) Panamericana 391
- Exibições (Apresentações) de ginástica 343
- Exposição 30, 31, 111, 125, 128, 130, 286, 287, 309, 342, 346, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 374, 375, 376, 377, 379, 380, 381, 382, 384, 385, 387, 390, 391, 392, 393, 394, 397, 406, 412, 438, 458, 620, 700, 708, 725, 726, 735, 762, 770, 777, 779
- Exposição Universal 30, 31, 111, 125, 365, 366, 379, 387, 392, 406, 620, 762, 770
- Expressão 24, 33, 41, 53, 96, 114, 119, 132, 134, 137, 140, 141, 147, 150, 153, 170, 174, 175, 179, 202, 208, 213, 259, 273, 309, 358, 363, 364, 386, 398, 408, 440, 448, 449, 477, 488, 496, 497, 506, 508, 563, 580, 583, 586, 605, 606, 618, 631, 633, 635, 646, 680, 700, 703, 708, 714, 727, 735, 755, 760
- Expressão artística 147
- Fábrica(s) 35, 83, 139, 173, 207, 251, 262, 287, 714
- Fair play* 519, 520, 535, 577, 579, 580
- Família 4, 45, 47, 61, 72, 100, 169, 239, 328, 346, 361, 432, 622, 623, 724, 767, 775
- Federação de Ginástica 338
- Federação Internacional de Esqui (=FIS) 514
- Federação (locais, nacionais) 428, 692
- Federação(ões) 30, 31, 33, 36, 174, 177, 184, 216, 227, 250, 274, 290, 291, 302, 310, 337, 344, 370, 382, 400, 403, 413, 418, 420, 421, 423, 427, 428, 451, 468, 478, 479, 482, 492, 496, 497, 500, 508, 535, 549, 591, 611, 627, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 638, 643, 648, 652, 655, 656, 657, 658, 660, 661, 662, 663, 664, 674, 688, 714, 727, 731, 735, 736, 757
- Federação(ões) internacional(ais) 31, 33, 36, 471, 478, 492, 496, 497, 500, 514, 643, 664, 708, 735
- Federações americanas 636
- Federações atléticas 291, 628
- Feminino 178, 214, 705, 736
- Festival(ais) 33, 124, 250, 342, 372, 374, 398, 455, 614
- Fideicomissário (Comissário fiel) 32
- Filohelenismo 27, 28, 237, 239, 240
- Filohelena 40
- Filosofia de vida 164
- Filosofia do esporte 287, 444, 527
- Filosofia (ver também filosofia Olímpica, filosofia prática) 15, 18, 22, 223, 752
- Financiamento 640, 652
- Finlandês/finlandeses 416, 418, 428, 429, 452, 470, 473
- Fisiologia/fisiológico 133, 137, 153, 154, 155, 170, 213, 447, 540, 548, 608

- Força 16, 41, 45, 57, 63, 67, 72, 79, 80, 85, 102, 104, 105, 114, 120, 121, 122, 126, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 140, 141, 143, 151, 152, 154, 160, 165, 166, 168, 170, 173, 175, 179, 185, 187, 190, 192, 193, 200, 201, 205, 211, 213, 214, 215, 219, 230, 232, 242, 259, 262, 263, 264, 272, 274, 275, 277, 287, 295, 309, 316, 317, 322, 325, 338, 348, 350, 351, 352, 363, 364, 372, 378, 394, 397, 405, 427, 434, 437, 447, 448, 471, 475, 477, 480, 482, 486, 489, 491, 493, 503, 510, 513, 526, 528, 529, 534, 535, 537, 539, 547, 554, 575, 576, 589, 621, 622, 635, 643, 646, 660, 661, 665, 677, 679, 680, 700, 743, 745, 752, 757, 762, 763
- Francês 7, 15, 17, 20, 21, 24, 27, 28, 30, 35, 42, 56, 57, 59, 68, 69, 81, 84, 89, 104, 110, 117, 128, 143, 167, 169, 180, 192, 200, 227, 242, 244, 247, 285, 293, 301, 304, 310, 316, 321, 324, 326, 334, 337, 338, 342, 346, 348, 349, 350, 354, 356, 358, 360, 361, 363, 369, 370, 371, 373, 375, 378, 381, 394, 397, 404, 410, 413, 416, 425, 428, 435, 442, 443, 447, 450, 451, 452, 453, 455, 457, 463, 465, 472, 484, 485, 486, 488, 494, 503, 511, 514, 515, 516, 543, 544, 553, 563, 565, 584, 619, 622, 654, 671, 678, 679, 682, 710, 725, 728, 739, 747, 757, 767, 768, 770, 771
- Função 49, 69, 96, 106, 118, 132, 133, 166, 206, 216, 217, 218, 219, 260, 343, 380, 393, 438, 441, 445, 482, 549, 605, 606, 607, 677, 683, 685, 689, 698, 730, 732, 746
- Fundo 45, 56, 112, 120, 126, 145, 161, 183, 204, 208, 225, 239, 241, 310, 315, 322, 328, 330, 336, 365, 372, 380, 416, 431, 449, 473, 491, 504, 512, 542, 586, 609, 638, 660, 671, 672, 676, 735, 762
- Futebol (americano) 71, 73, 78, 135, 136, 140, 143, 301, 306
- Futebol (canadense) 253
- Futebol (soccer) 46, 101, 132, 163, 174, 175, 179, 183, 186, 188, 189, 197, 214, 253, 254, 263, 267, 277, 289, 333, 373, 376, 379, 381, 386, 406, 408, 417, 430, 435, 458, 473, 493, 496, 531, 573, 575, 609, 633, 634, 644, 659, 660, 668, 670, 696, 703, 730, 744, 746, 777, 781
- Futebol (ver também Rugby) 374, 430, 670, 749
- Garantia 52, 189, 199, 265, 268, 378, 483, 489, 693, 714, 756
- Geografia 217, 220, 229, 256, 308, 406, 418, 429, 488, 577, 581, 582, 734, 758
- Geografia esportiva (também atlética) 256, 577, 581
- Ginásio(s) 35, 57, 59, 68, 69, 70, 71, 74, 77, 89, 91, 101, 125, 129, 134, 136, 170, 180, 197, 207, 225, 226, 229, 245, 262, 263, 264, 267, 268, 269, 277, 287, 288, 342, 366, 367, 440, 479, 500, 526, 528, 530, 533, 538, 548, 557, 562, 564, 570, 601, 606, 625, 645, 665, 714, 747, 758
- Ginasta(s) 138, 147, 167, 174, 301, 310, 321, 339, 344, 374, 409, 416, 426, 435, 446, 470, 471, 545, 566, 575, 607, 667, 669, 684, 709, 746
- Ginastas alemães 684
- Ginástica 55, 63, 72, 74, 77, 78, 89, 115, 132, 138, 140, 152, 167, 170, 171, 177, 184, 185, 186, 189, 226, 227, 252, 256, 263, 269, 277, 278, 280, 281, 283, 284, 285, 287, 301, 302, 310, 311, 315, 319, 321, 338, 343, 344, 349, 351, 359, 366, 367, 368, 369, 373, 374, 376, 378, 400,

- 401, 402, 410, 413, 416, 420, 422, 426, 432, 451, 470, 471, 527, 528, 530, 564, 582, 585, 588, 595, 606, 608, 609, 634, 638, 654, 663, 668, 669, 670, 675, 689, 696, 701, 708, 709, 710, 711, 723, 725, 732, 751, 754, 776
- Ginástica sueca 284, 285, 378, 413, 709
- Ginástica utilitarista 185, 606
- Gladiador 291, 293
- Globo 84, 88, 91, 135, 152, 218, 300, 381, 509, 570
- Golfe 368, 369, 374, 376, 380, 381, 725
- Governo francês 128, 301, 373, 450, 451, 457, 488, 678, 767
- Governo grego 227, 523, 542, 552, 724
- Gregos 28, 32, 118, 138, 244, 255, 261, 262, 271, 291, 293, 320, 324, 328, 330, 334, 340, 343, 346, 349, 351, 357, 358, 389, 535, 558, 560, 640, 723, 741
- Guerra 25, 26, 34, 35, 36, 161, 205, 207, 210, 238, 261, 264, 283, 440, 441, 442, 463, 465, 481, 484, 521, 539, 586, 590, 596, 603, 643, 697, 712, 718, 721, 744
- Guerra de Secessão 71, 264, 283
- Halterofilia (ver também levantamento de peso) 63, 349, 776
- Harmonia 26, 29, 32, 34, 84, 132, 133, 134, 156, 213, 245, 247, 270, 310, 317, 329, 426, 432, 475, 523, 526, 530, 535, 538, 540, 550, 583, 597, 598, 607, 621, 665, 749
- Harvard 75, 77, 78, 129
- Helenismo 27, 34, 157, 192, 223, 224, 237, 238, 239, 240, 261, 262, 270, 310, 312, 357, 364, 406, 431, 495, 503, 504, 505, 510, 533, 555, 558, 571, 572, 596, 697
- Helenos 278, 302, 724, 731
- Herança grega 523
- Higiene (Saúde) 34, 52, 53, 89, 92, 100, 105, 118, 139, 140, 144, 152, 174, 202, 225, 267, 268, 279, 287, 306, 358, 363, 567, 573, 622, 670, 763
- Hino 37, 295, 303, 306, 310, 314, 317, 327, 345, 346, 350, 466, 525, 536, 538, 594, 608, 722, 771
- Hino a Apolo* 295, 303, 310, 314, 317, 346
- Hino nacional grego 345
- Hipódromo 92, 242, 244, 306, 307, 416, 536, 670, 671, 674
- História 22, 27, 28, 29, 37, 69, 169, 199, 202, 217, 248, 258, 262, 264, 268, 273, 440, 446, 552, 558, 575, 576, 577, 739, 745, 748, 752
- História (contemporânea) 453
- História do Olimpismo 237, 711
- História (geral) 575
- História grega 28, 237, 241
- História (mundial) 81
- História (ocidental) 492
- História (Olímpica) 26, 214, 279, 334, 356, 361, 440, 478, 636, 740, 768
- História (universal) 196, 198, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 237, 289, 762
- Holandês 427, 452, 517, 560, 647
- Homem adulto 180, 513
- Homens de letras (literatos, escritores) 600
- Hóquei 492, 514, 517
- Hóquei sobre o gelo 492, 514, 517
- Humanidade 34, 35, 127, 139, 148, 160, 180, 184, 210, 215, 220, 222, 262, 269, 270, 275, 372, 440, 476, 477, 509, 527, 531, 534, 535, 542, 545, 556, 558, 567, 570, 574, 581, 583, 594, 612, 621, 655, 684, 686, 697, 701, 740, 745, 749, 761
- Humanismo 28
- Húngaro 202, 308, 363, 415, 416, 452, 582, 649

- Idade Média 27, 83, 84, 208, 211, 213, 243, 263, 276, 279, 306, 366, 380, 440, 481, 529, 554, 561, 562, 607, 614, 722, 755
- Ideal grego 556
- Ideia do esporte 202, 254, 619
- Ideia dos Jogos Olímpicos 27, 281, 282, 514
- Igreja 45, 85, 87, 200, 210, 243, 246, 262, 263, 328, 455, 469, 529, 562, 565, 566, 567, 646, 701
- Igualitarismo 204, 205, 206
- Império alemão 280, 419, 642, 729
- Imprensa 29, 57, 87, 91, 175, 212, 221, 225, 227, 229, 287, 309, 316, 320, 324, 326, 334, 339, 340, 341, 345, 355, 369, 379, 381, 388, 391, 393, 406, 412, 420, 433, 435, 468, 470, 479, 509, 524, 551, 554, 578, 595, 624, 627, 631, 636, 640, 643, 654, 661, 697, 711, 724, 736, 744, 757, 758, 768, 777
- Imprensa alemã 345
- Imprensa europeia 355, 636
- Imprensa grega 339, 388
- Independência 28, 30, 36, 69, 81, 90, 105, 113, 115, 122, 246, 313, 361, 362, 368, 412, 413, 415, 423, 428, 445, 458, 488, 499, 514, 520, 549, 566, 580, 596, 608, 646, 651, 660, 661, 662, 665, 677, 679, 683, 685, 714, 721, 727, 729, 777
- Infância 44, 45, 63, 97, 98, 105, 125, 168, 179, 280, 316, 368, 373, 423, 574, 575, 695, 761
- Inglês 17, 20, 27, 29, 32, 42, 44, 45, 49, 81, 95, 96, 100, 103, 104, 105, 109, 113, 128, 129, 130, 136, 142, 167, 190, 227, 233, 247, 262, 263, 279, 280, 283, 286, 308, 322, 324, 329, 334, 354, 356, 363, 369, 375, 397, 410, 416, 425, 428, 430, 432, 433, 436, 447, 452, 455, 463, 488, 490, 492, 494, 496, 506, 528, 536, 539, 562, 584, 598, 646, 671, 676, 678, 683, 710, 747
- Inglêses 41, 43, 44, 47, 57, 67, 71, 74, 81, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 118, 126, 130, 141, 144, 173, 254, 274, 275, 281, 284, 286, 300, 301, 303, 338, 344, 352, 359, 363, 373, 376, 378, 409, 410, 411, 413, 415, 417, 432, 437, 450, 497, 531, 537, 562, 579, 641, 644, 646, 669, 672, 695, 711, 718, 723
- Iniciativa 15, 17, 24, 30, 36, 37, 50, 58, 62, 65, 67, 81, 95, 101, 105, 110, 121, 122, 143, 144, 145, 148, 151, 181, 193, 197, 199, 209, 210, 225, 261, 264, 286, 288, 291, 293, 309, 315, 322, 324, 340, 345, 358, 361, 371, 375, 379, 382, 389, 391, 395, 396, 403, 421, 443, 445, 448, 456, 457, 479, 481, 486, 490, 503, 506, 512, 540, 542, 552, 557, 563, 598, 612, 613, 625, 639, 645, 656, 667, 668, 677, 683, 687, 698, 725, 732, 739
- Injustiça 51, 52, 265
- Instinto desportivo 131, 138, 168, 170, 208, 261, 262, 263, 445, 448
- Instituto Carl Diem (também Carl-Diem-Institut = CDI) 28
- Instrução 35, 43, 49, 50, 68, 70, 81, 89, 90, 96, 97, 103, 106, 128, 141, 301, 359, 444, 484, 502, 506, 527, 556, 570, 688, 722, 725
- Instrutor 167, 170, 188
- Intelecto 530, 539, 597
- Internacionalismo 17, 29, 34, 35, 199, 291, 293, 300, 330, 406, 442, 500, 509, 572, 573, 577, 581, 612, 643, 655, 705, 774
- Irlandês 103
- Italiano 227, 319, 410, 414, 416, 447, 452, 470, 471, 482, 487, 490, 536, 584, 668, 672, 673

- Japonês 420, 432, 452, 532, 697, 756
 Jiu-Jitsu 423, 671
 Jogos africanos 488, 490, 692, 694, 695, 696
 Jogos continentais (também Jogos regionais) 479, 692
 Jogos escolares (Jogos estudantis) 111, 112, 113, 367
 Jogos Interaliados 465, 539
 Jogos Nórdicos (também Jogos do Norte) 253, 514, 515
 Jogos Olímpicos (antigos) 26, 266, 534
 Jogos Olímpicos de inverno 373, 406, 478, 514, 516, 517
 Jogos Olímpicos (intermediários, ver também Olimpíadas Gregas) 32, 238, 407, 599
 Jogos Olímpicos (modernos)
 - Atenas 1896, Jogos da primeira Olimpíada 36, 37, 177, 199, 506, 559, 647
 - Paris 1900, Jogos da segunda Olimpíada 29, 372, 379, 387
 - Saint Louis 1904, Jogos da terceira Olimpíada 399
 - Londres 1908, Jogos da quarta Olimpíada 406, 408, 412,
 - Estocolmo 1912, Jogos da quinta Olimpíada 427, 430, 440, 593, 619, 676
 - Berlim 1916, Jogos da sexta Olimpíada (suspensos) 487
 - Antuérpia 1920, Jogos da sétima Olimpíada 463, 467, 474
 - Paris 1924, Jogos da oitava Olimpíada 492, 497, 546
 - Amsterdã 1928, Jogos da nona Olimpíada 36, 37, 177, 199, 506, 559, 647
 - Los Angeles 1932, Jogos da décima Olimpíada 37, 508, 509, 595, 687, 736
 - Berlim 1936, Jogos da décima primeira Olimpíada 37, 185, 511, 575
 - Tóquio 1940, Jogos da décima segunda Olimpíada 511, 514, 697
 Jogos Olímpicos de inverno 373, 406, 478, 514, 516, 517
 Jogos Panatenaicos 271
 Jogos Pan-helênicos 28, 406, 724
 Jogos populares 286, 366
 Jogos regionais 479, 692
 Jornal francês 543, 728
 Jornal grego 389
 Juramento 33, 227, 241, 259, 473, 507, 508, 513, 516, 537, 538, 549, 566, 588, 589, 590, 591, 592, 595, 607, 614, 636, 637, 640, 645, 648, 649, 661, 758, 768, 782
 Juvenal 202, 583
 Juventude 18, 33, 34, 36, 37, 42, 57, 68, 71, 112, 117, 122, 142, 144, 157, 161, 162, 166, 170, 173, 178, 179, 191, 198, 210, 212, 213, 216, 225, 230, 232, 257, 259, 264, 267, 268, 269, 271, 278, 280, 286, 300, 303, 327, 345, 352, 368, 379, 423, 431, 432, 446, 448, 460, 465, 469, 472, 477, 489, 493, 495, 502, 503, 504, 507, 508, 526, 528, 529, 533, 534, 535, 539, 541, 542, 544, 545, 553, 559, 562, 563, 567, 568, 570, 571, 575, 583, 584, 587, 589, 592, 594, 597, 612, 622, 655, 665, 686, 710, 729, 731, 740, 741, 756, 761
 Juventude americana 36, 264, 508, 568, 569
 Kremlin 280
 Lançamento 17, 18, 186, 242, 272, 319, 346, 348, 349, 373, 395, 417, 470, 530, 669, 673, 692, 696, 706, 707, 763
 Lançamento de dardo 417, 707
 Lançamento de peso 346, 348, 349, 373, 395, 530, 669, 706, 707
 L'Auto 514

- Lendas 493, 755
- Liberdade 42, 43, 58, 60, 61, 67, 68, 69, 74, 81, 87, 89, 90, 93, 95, 100, 101, 103, 107, 108, 113, 118, 129, 141, 142, 143, 162, 180, 193, 207, 213, 226, 258, 263, 264, 265, 267, 270, 278, 283, 312, 322, 342, 385, 412, 428, 482, 532, 548, 549, 566, 573, 579, 592, 649, 654, 659, 661, 676, 677, 691, 693, 710, 714, 725, 731, 751 Lições
- Literárias
- Corridas 748
 - Estéticas 540
 - Manifestações 397, 540
 - Obra(s) 612, 619
 - Personalidades 600
 - Produções 275
- Literatura 28, 33, 76, 143, 171, 194, 204, 237, 238, 254, 513, 531, 566, 603, 606, 613, 614, 619, 620, 628, 672, 748, 754, 777, 780
- Ludus pro patria* 538
- Luta 25, 34, 50, 64, 67, 71, 80, 84, 102, 106, 114, 119, 120, 121, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 146, 150, 155, 161, 167, 196, 200, 204, 206, 221, 226, 227, 230, 241, 242, 252, 253, 256, 268, 272, 274, 277, 280, 283, 288, 291, 293, 319, 349, 351, 369, 394, 395, 405, 410, 411, 416, 417, 426, 430, 431, 449, 462, 470, 472, 491, 493, 495, 500, 509, 512, 513, 525, 526, 528, 529, 530, 534, 561, 573, 577, 579, 585, 609, 631, 644, 645, 658, 659, 668, 671, 675, 681, 683, 698, 710, 731, 732, 740, 747, 754, 758, 868
- Maratona (corrida, corredor, vencedor) 185, 262, 319, 324, 330, 332, 334, 346, 349, 350, 409, 410, 414, 422, 435, 436, 438, 467, 470, 565, 688, 724
- Materialismo 68, 78, 750, 755
- Medalha 33, 106, 176, 204, 332, 336, 350, 370, 427, 433, 436, 491, 492, 584, 585, 594, 610, 617, 618, 619, 620, 684, 686, 692, 696, 777, 780
- Medicina 57, 229, 273, 275, 288, 441, 447, 564, 758
- Médico 29, 72, 74, 152, 202, 224, 285, 448, 583, 634, 749, 778
- Mens fervida in corpore lacertoso* 165, 202, 203, 427, 444, 584, 740
- Mens sana in corpore sano* 104, 202, 274, 427, 583, 700, 745
- Método (racional) 146
- Método sueco 301, 471
- Militarismo 281, 284, 545
- Ministro de Instrução Pública 50, 89, 502, 556, 725
- Ministro/ministério francês 68, 89, 128
- Missão social 162
- Moderação 34, 66, 105, 207, 258, 404, 422, 496, 513, 540, 541, 548, 561, 573, 588, 759
- Montar a cavalo 168, 226, 711
- Moral 7, 30, 36, 37, 41, 51, 53, 60, 61, 65, 66, 68, 70, 78, 83, 95, 96, 98, 104, 105, 106, 109, 110, 111, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 143, 148, 149, 157, 158, 159, 171, 175, 176, 180, 182, 193, 201, 211, 213, 255, 263, 270, 274, 300, 358, 361, 362, 363, 367, 385, 443, 444, 445, 448, 469, 473, 477, 502, 507, 509, 525, 527, 528, 529, 534, 535, 537, 544, 545, 548, 549, 554, 575, 577, 585, 590, 591, 612, 614, 637, 654, 658, 709, 729, 731, 732, 741, 744, 745, 748
- Moralidade 84, 106, 118, 130, 148
- Mulher 47, 60, 84, 86, 178, 239, 276, 277, 307, 411, 505, 622, 623, 644

- Mulheres 34, 44, 47, 62, 69, 79, 149, 177, 179, 214, 227, 241, 328, 345, 346, 373, 380, 381, 439, 442, 472, 497, 500, 513, 575, 651, 702, 703, 704, 705, 758
- Municipalidade(s) (Município(s)) 142, 144, 197, 216, 229, 268, 277, 484, 485, 494, 542, 610, 665, 666, 667, 668, 712, 714, 725
- Muscular 63, 91, 104, 119, 132, 135, 137, 152, 154, 155, 159, 160, 168, 170, 171, 176, 179, 181, 185, 186, 188, 192, 205, 233, 246, 255, 264, 285, 351, 352, 437, 445, 448, 465, 490, 493, 503, 504, 506, 526, 529, 537, 542, 545, 548, 552, 556, 557, 568, 570, 575, 580, 585, 591, 592, 595, 603, 609, 621, 642, 644, 665, 701, 709, 729, 730, 740, 741, 742, 743, 756, 757, 763
- Muscular Christianity 104
- Músculo 132, 154, 208, 263, 413, 575, 603, 612, 619, 624, 625, 742
- Música 28, 33, 77, 84, 92, 146, 248, 254, 259, 271, 327, 328, 344, 346, 350, 388, 397, 493, 525, 544, 566, 589, 603, 604, 606, 608, 613, 614, 620, 628, 672, 742, 754, 767, 768, 780
- Musical 148, 426, 455, 602, 672
- Músicos 259, 475, 538, 589, 600
- Nacionalismo 35, 150, 322, 519, 639
- Nações europeias (Países europeus) 28, 329, 687
- Nações (Países) 15, 17, 20, 22, 24, 27, 28, 30, 68, 87, 89, 111, 125, 131, 145, 168, 178, 194, 195, 198, 199, 204, 206, 217, 220, 225, 230, 233, 255, 256, 263, 264, 268, 272, 274, 287, 291, 293, 300, 301, 302, 303, 311, 329, 331, 334, 337, 338, 340, 342, 345, 346, 348, 352, 357, 358, 363, 372, 374, 376, 377, 378, 382, 384, 385, 389, 395, 401, 402, 405, 408, 410, 411, 413, 415, 416, 418, 420, 423, 429, 433, 437, 446, 451, 452, 455, 458, 464, 466, 469, 471, 473, 474, 475, 480, 481, 486, 488, 493, 494, 495, 497, 503, 508, 514, 520, 527, 536, 537, 538, 543, 544, 550, 553, 554, 565, 566, 567, 568, 570, 571, 572, 573, 574, 581, 583, 586, 592, 594, 595, 597, 599, 607, 614, 630, 631, 632, 634, 635, 638, 640, 641, 642, 643, 648, 649, 653, 654, 655, 656, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 669, 676, 677, 679, 683, 687, 692, 694, 695, 696, 698, 710, 725, 726, 727, 730, 732, 734, 740, 752, 753, 756, 763, 765, 770, 771, 777
- Natação 66, 129, 132, 134, 136, 137, 205, 252, 254, 306, 319, 329, 349, 367, 368, 369, 375, 376, 382, 402, 410, 416, 425, 437, 442, 451, 472, 473, 528, 530, 578, 593, 634, 638, 668, 671, 675, 700, 701, 702, 703, 708, 711, 732, 754, 776, 778
- Natureza 43, 50, 69, 93, 96, 103, 106, 132, 134, 141, 142, 147, 155, 158, 166, 169, 178, 179, 191, 209, 213, 215, 222, 232, 233, 247, 265, 267, 268, 283, 328, 344, 346, 401, 431, 445, 446, 448, 450, 472, 481, 500, 508, 510, 515, 516, 530, 532, 540, 541, 544, 545, 555, 558, 562, 563, 567, 573, 592, 612, 614, 628, 630, 635, 655, 660, 663, 665, 681, 700, 731, 742, 749, 751, 756, 781
- Neo-Olimpismo 199, 468, 470, 494, 505, 734, 755, 757
- New York Times 335, 355
- Nobreza Moral 503
- Nona sinfonia (de Beethoven) 495, 575

- Olímpia (antiga) 23, 24, 25, 27, 28, 32, 33, 36, 37, 199, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 251, 252, 254, 259, 260, 266, 273, 291, 293, 306, 317, 326, 342, 350, 366, 372, 379, 426, 431, 434, 440, 474, 477, 502, 503, 505, 506, 508, 512, 513, 514, 520, 522, 524, 527, 535, 537, 542, 552, 555, 556, 557, 558, 559, 561, 563, 564, 566, 567, 570, 574, 588, 589, 597, 603, 605, 612, 617, 697, 698, 712, 733, 736, 741, 755, 764, 868
 Olimpíada Pershing (ver também Jogos Interaliados) 543
 Olimpíadas gregas 357, 727
 Olímpia (moderna) 33, 238, 246, 247, 248, 251, 252, 254, 426, 514, 588, 617, 712
 Olímpico/a(s)
 - Aros 577, 586, 587, 647
 - Bandeira 455, 458, 467, 473, 476, 494, 542, 592, 594, 595, 687
 - Calendário 542
 - Carta 7, 20, 35, 161, 164, 169, 210, 326, 520, 539, 592, 625, 627, 653, 685
 - Cerimônia(s) 591
 - Chama 199, 266, 440, 460, 476, 570, 594
 - Competições 31, 33, 387, 471, 472, 514, 537, 615, 624, 702, 704
 - Competidor(es) 585, 639
 - Congresso 30, 32, 33, 35, 36, 153, 164, 170, 171, 204, 232, 387, 401, 441, 442, 478, 479, 482, 497, 547, 586, 636, 639, 643, 676, 678, 724, 731, 750
 - Constituição 464, 549
 - Copa 693
 - Diploma 32, 600, 610, 652, 681, 683
 - Educação 34, 35, 208, 520
 - Espírito 36, 513, 573
 - Esportes 578, 635, 698
 - Estádio 464, 570, 703
 - Estudos 17, 20, 209
 - Evento(s) (ver também manifestações, acontecimentos) 21, 22, 25, 202, 237, 506, 516, 687, 721, 742
 - Filosofia 34, 519
 - Hino 536, 538
 - História 26, 214, 279, 334, 356, 361, 440, 478, 636, 740, 768
 - Ideal 35, 403, 513, 596
 - Ideia 26, 34, 36, 37, 395, 441, 442, 478, 511, 512, 513, 519, 521, 523, 524, 542, 566, 580, 597, 627, 643, 685, 687, 727, 730, 755, 778
 - Juramento 516, 588, 592, 636, 645
 - Lema 200, 577, 586, 587
 - Medalha 33, 204, 433, 610, 618, 684, 686
 - Movimento 15, 164, 364, 681, 694, 765, 767, 774, 778, 781
 - Museu 310, 712, 736
 - Organização 370, 373, 492, 656, 658, 659, 667, 677, 753
 - Participante(s) 588, 627, 639, 640, 643
 - Paz 34, 405, 435, 519
 - Pedagogia 207, 540
 - Princípios 581
 - Programa 32, 256, 435, 472, 478, 480, 482, 678, 698, 701, 708, 736
 - Protocolo 588, 591, 592
 - Record(es) (ver récord) 583, 707
 - Revista 159, 174, 182, 236, 260, 435, 729
 - Sede 238, 698
 - Senado 244, 250, 475
 - Símbolos (ver símbolo) 521, 577
 - Tocha (ver também Chama) 37, 571
 - Tribunal 639
 - Valores 20, 26, 519
 Olimpismo popular 163
 Organização social 51, 88, 148, 171, 206, 545

- Pacificador 166, 167, 204
 Padres 720
 Padronização das regras 401
 País 45, 51, 53, 55, 76, 92, 96, 98, 100, 101, 115, 117, 140, 166, 169, 175, 178, 184, 200, 215, 262, 310, 361, 531, 545, 736, 757
 Países europeus 687
 Países sul-americanos 765
 Paixão 106, 114, 119, 180, 200, 220, 230, 326, 372, 453, 513, 549, 555, 561, 562, 563, 568, 767
 Paixão sensual 180
Panem et circenses 210
 Partenon 317, 326, 328, 332, 349, 350, 531
 Patinação 132, 133, 134, 136, 171, 253, 284, 367, 373, 378, 380, 406, 408, 417, 480, 514, 517, 609
 Patriotismo 67, 87, 93, 270, 283, 310, 329, 335, 371, 391, 428, 434, 452, 469, 533, 565, 684, 718
 Paz Olímpica 34, 405, 435, 519
 Paz social 7, 50, 161, 163, 176, 204, 217, 222, 261, 264, 265, 268, 525, 529, 545, 625, 665, 714, 740, 752
 Paz (ver também paz Olímpica, pax olympica, trégua) 7, 17, 29, 34, 35, 50, 103, 123, 125, 126, 127, 161, 163, 167, 176, 204, 206, 217, 222, 223, 230, 231, 261, 264, 265, 268, 271, 279, 283, 289, 301, 303, 314, 331, 352, 358, 397, 405, 440, 442, 460, 476, 477, 493, 511, 519, 520, 525, 529, 536, 545, 566, 568, 575, 587, 625, 654, 662, 665, 680, 714, 727, 729, 735, 740, 752, 761
 Pedagogia 17, 18, 21, 22, 24, 25, 30, 33, 35, 36, 41, 71, 90, 95, 114, 131, 139, 143, 147, 178, 179, 180, 194, 207, 209, 212, 227, 238, 264, 265, 267, 398, 402, 404, 422, 441, 443, 444, 526, 539, 540, 544, 547, 550, 556, 562, 577, 583, 584, 585, 643, 644, 665, 696, 710, 724, 729, 730, 736, 739, 754
 Pedagogia esportiva (ver educação atlética, educação física) 24, 25, 30, 35, 178, 179, 180, 194, 212, 238, 265, 267, 402, 441, 556, 562, 577, 583, 585, 644, 665, 724, 730
 Pedagogo 18, 24, 26, 34, 171, 200, 659
 Pentatlo 242, 369, 418, 425, 437, 438, 439, 450, 458, 470, 472, 473, 495, 596, 636, 676, 703, 711, 735, 746
 Pentatlo das musas 735
 Pentatlo (moderno) 418, 425, 437, 438, 439, 458, 473, 495, 596, 676, 703, 711
 Periodicidade 174, 309, 330, 363, 536, 613
 Periódico francês (jornal francês) 321, 326
 Periódico (ver também jornal, revista) 74, 83, 110, 127, 204, 250, 287, 301, 320, 321, 326, 338, 345, 365, 367, 369, 372, 427, 447, 517, 578, 580, 581, 646, 665
 Personalidade 50, 58, 60, 309, 358, 362, 450, 566, 638, 643, 715, 768
 Pesca 380, 668, 672, 675
 Peso(s) 60, 61, 63, 72, 134, 136, 252, 262, 265, 272, 319, 346, 348, 349, 369, 370, 373, 395, 430, 471, 482, 530, 549, 640, 669, 706, 707, 708, 776
 Pintura 5, 33, 83, 125, 236, 247, 254, 326, 566, 603, 606, 613, 620, 628, 672, 754, 767, 780
 Pista(s) 56, 74, 91, 135, 186, 190, 252, 253, 271, 272, 276, 305, 307, 319, 320, 327, 329, 343, 344, 347, 348, 369, 375, 376, 379, 410, 422, 432, 435, 470, 504, 530, 601, 617, 669, 672, 711, 732, 747, 749, 752
 Poesia 138, 275, 350, 575, 611, 742

- Política 26, 27, 34, 67, 90, 91, 103,
115, 130, 139, 142, 144, 146, 165,
190, 196, 197, 212, 213, 214, 215,
221, 222, 229, 230, 256, 305, 315,
319, 340, 351, 365, 405, 406, 417,
418, 428, 429, 442, 453, 463, 466,
468, 477, 491, 511, 512, 514, 539,
544, 550, 567, 570, 576, 582, 633,
635, 659, 662, 663, 665, 685, 731,
743, 744, 758, 761, 768, 776
- Político 81, 213, 217, 218, 227, 238,
267, 323, 351, 357, 365, 419, 423,
429, 478, 758, 765
- Polo 134, 136, 252, 253, 261, 295, 319,
337, 367, 368, 369, 370, 375, 376,
381, 472, 481, 494, 530, 538, 645,
668, 670, 683, 778
- Polo aquático (Waterpolo) 252, 369,
472, 645, 778
- Pombas mensageiras (Pombos-correio)
375
- Potências europeias 28, 531
- Povo alemão 511, 512, 572
- Prazer do esforço (Alegria do esforço,
Satisfação pelo esforço) 551
- Prazer do esporte 170
- Preparação técnica 473
- Presidente interino 459, 461, 485
- Primavera humana 34, 508, 546, 573,
574, 575, 588, 592, 612, 665
- Primeira Guerra Mundial 25, 34, 35, 36,
161, 205, 207, 210, 238, 441, 442,
463, 521, 539, 586, 643, 712, 721
- Princípios 601, 653
- Princípios fundamentais 311
- Procissão 276, 280, 326, 392, 526
- Produções 601
- Professor 7, 18, 19, 20, 23, 27, 28, 29,
42, 47, 53, 55, 59, 60, 69, 76, 90,
98, 100, 102, 112, 113, 114, 115,
121, 122, 143, 145, 148, 153, 155,
167, 181, 183, 188, 223, 227, 237,
280, 290, 294, 302, 307, 310, 312,
315, 325, 338, 345, 366, 373, 379,
387, 390, 392, 395, 396, 403, 423,
448, 449, 451, 458, 466, 499, 528,
541, 552, 556, 628, 632, 633, 634,
639, 646, 649, 660, 678, 679, 684,
712, 722, 723, 729, 747, 758
- Profissionalismo 291, 293, 309, 352,
377, 450, 527, 634, 638, 641, 642,
743, 745
- Progresso desportivo 185
- Proletariado 212, 215, 226
- Promessa 153, 193, 692
- Protocolo 290, 315, 320, 324, 334, 354,
455, 473, 495, 588, 591, 592, 735, 776
- Provas de habilidade 472
- Psicologia 22, 33, 131, 153, 362, 444,
754
- Psicologia desportiva 131, 153, 164,
170, 181, 185, 204, 232, 441, 443,
556, 625, 729, 754
- Psicológico 51, 100, 132, 137, 154, 182
- Psíquico 208, 222, 325
- Public Schools (Escolas públicas) 45,
49, 70, 96, 97, 98, 102, 105, 106,
108, 109, 110, 143, 176, 300
- Pugilismo 342
- Pureza 119, 336, 516, 545, 552, 622
- Questionário 287, 301, 631, 632, 639,
646, 648
- Raça 43, 47, 49, 81, 109, 110, 121,
142, 160, 179, 190, 192, 201, 210,
225, 240, 241, 327, 351, 531, 532,
534, 539, 540, 550, 557, 572, 573,
574, 622, 695, 740
- Racing Club de France 120, 674
- Racismo 636
- Ramo de oliveira 242, 332, 349, 493,
736
- Recorde(s) (Récord) 150, 183, 212,
215, 226, 230, 265, 272, 324, 377,
433, 434, 445, 453, 473, 477, 498,
504, 573, 577, 583, 683, 707, 731,
732, 758, 771, 778

- Referendum 662, 663
- Reforma 24, 27, 52, 56, 64, 65, 66, 90, 92, 111, 118, 122, 123, 128, 130, 131, 140, 161, 168, 176, 181, 193, 194, 195, 196, 227, 228, 232, 291, 293, 300, 471, 548, 568, 570, 661, 670, 703, 709, 718, 742, 755, 757, 761, 763
- Reforma educacional 128, 130, 131, 193, 761
- Reforma escolar 92
- Regata 119, 154, 381, 425
- Regras 30, 31, 69, 73, 91, 96, 109, 130, 140, 142, 157, 218, 281, 301, 302, 343, 348, 352, 353, 363, 375, 401, 410, 417, 418, 425, 445, 473, 517, 526, 538, 547, 562, 588, 590, 592, 622, 627, 629, 631, 635, 636, 645, 646, 657, 677, 749, 765, 776
- Regulamento geral 256
- Reich alemão 415
- Religião 34, 60, 61, 69, 96, 123, 199, 208, 223, 246, 466, 476, 503, 526, 529, 552, 556, 558, 562, 565, 567, 572, 575, 590, 646
- Religio athletae* 34, 572, 755
- Remo 50, 53, 57, 66, 71, 130, 132, 133, 135, 154, 166, 168, 172, 173, 186, 197, 252, 277, 286, 287, 294, 302, 308, 319, 337, 351, 367, 368, 369, 375, 376, 378, 380, 381, 402, 413, 417, 425, 451, 453, 470, 472, 528, 530, 578, 631, 638, 644, 668, 671, 673, 675, 700, 701, 747, 748, 754, 776, 778, 779
- Renascimento físico 274, 279, 527, 658
- República francesa 232, 337, 443, 451, 529, 724, 729, 753
- Requalificação (Reclassificação) 294, 308, 648
- Resistência 31, 101, 133, 139, 140, 148, 151, 164, 169, 175, 181, 185, 200, 213, 222, 272, 274, 277, 315, 324, 332, 406, 416, 445, 448, 471, 472, 480, 511, 552, 570, 584, 648, 671, 689, 718, 743, 746, 748, 749
- Responsabilidade 20, 31, 33, 47, 58, 67, 95, 97, 101, 110, 116, 141, 161, 178, 193, 312, 354, 365, 384, 404, 418, 451, 460, 464, 471, 482, 487, 496, 579, 619, 643, 656, 676, 677, 678, 731, 736, 774, 777, 781
- Restauração 17, 27, 29, 69, 189, 211, 241, 267, 271, 275, 279, 289, 300, 302, 303, 317, 322, 324, 339, 340, 356, 390, 405, 473, 474, 476, 480, 508, 512, 534, 561, 568, 605, 610, 612, 625, 627, 665, 668, 698, 700, 714, 724, 727, 734
- Resultado desportivo 265
- Revista 21, 24, 67, 84, 110, 159, 174, 182, 236, 260, 285, 434, 435, 443, 578, 624, 729
- Revista Olímpica (ver também *Revue Olympique*) 159, 174, 182, 236, 260, 435, 729
- Revista satírica 336, 462
- Revue Olympique* (ver também *Revista Olímpica*) 21, 25, 32, 37, 153, 155, 159, 168, 173, 185, 202, 206, 208, 238, 240, 246, 260, 389, 392, 393, 401, 406, 411, 412, 416, 424, 425, 426, 432, 436, 438, 440, 441, 444, 445, 446, 451, 452, 453, 460, 489, 491, 506, 514, 576, 578, 581, 582, 583, 584, 587, 589, 591, 597, 606, 611, 614, 615, 616, 617, 619, 620, 624, 628, 630, 631, 632, 633, 635, 636, 637, 639, 640, 642, 648, 652, 655, 659, 661, 663, 674, 677, 680, 681, 684, 686, 689, 691, 695, 701, 705, 721, 727, 736, 745, 747, 751
- Rifle 328, 346
- Ritmo 32, 133, 141, 192, 257, 444, 463, 539, 568, 573, 574, 602, 607, 751
- Rivalidade 68, 142, 397, 586, 644, 655, 707, 755

- Romano(s) 118, 210, 244, 247, 262, 320, 328, 330, 402, 411, 472, 504, 509, 527, 583, 667, 735
- Royal Academy of Arts 614, 621
- Rudeza (Aspereza) 45, 79, 500, 506, 744
- Rugby (ver futebol-rugby) 41, 44, 49, 95, 96, 97, 99, 102, 107, 108, 109, 128, 130, 141, 264, 274, 398, 506, 562, 670, 673
- Ruínas de Olímpia 241, 243, 542, 552, 558, 733
- Russo(s) 303, 306, 349, 369, 431, 437, 452, 608, 723
- Saltar 63, 184, 283, 621
- Salto 72, 75, 77, 91, 166, 186, 205, 208, 215, 242, 253, 265, 319, 349, 369, 373, 411, 430, 470, 474, 641, 669, 671, 696, 706, 707, 732, 754
- Salto com cavalo 319
- Salto com vara 91, 349, 373, 641, 669, 706, 707
- Salto de trampolim 411, 474
- Salto em altura 349, 669, 706, 707
- Salto em distância 91, 349, 669, 706, 707
- Salto triplo 349, 706
- Satisfação corporal 166
- Saúde (Higiene) 57, 77, 81, 105, 118, 131, 132, 140, 151, 179, 199, 202, 206, 211, 229, 239, 263, 278, 284, 285, 288, 372, 448, 524, 534, 535, 542, 563, 570, 622, 665, 697, 724, 729, 731, 732, 741, 743, 744, 749, 752, 758
- Saúde mental 445
- Secretário geral 30, 67, 225, 250, 251, 290, 292, 293, 294, 313, 319, 334, 337, 343, 353, 354, 368, 371, 384, 402, 474, 487, 588, 590, 591, 614, 662, 663, 667, 674, 722, 730, 734
- Segunda Guerra Mundial 26, 697
- Self-recruiting body 314, 651
- Ser humano 33, 69, 134, 151, 158, 169, 192, 520, 544, 558, 683, 749, 761
- Símbolo(s) 156, 210, 242, 344, 440, 443, 473, 505, 521, 565, 567, 586, 592, 624, 730, 740
- Soccer (ver futebol)
- Sociedade (democrática) 140, 265, 267, 731
- Sociedade de Nações 199
- Sociedade (helena) 558
- Sociedade (humana) 535, 539, 572
- Sociedade (moderna) 195, 270
- Sociologia 22, 131, 139, 141
- Sócrates 176, 217
- Sokol 429, 485, 730
- Solidariedade 141, 144, 155, 158, 206, 270, 286, 527, 595, 694, 695
- Sorbonne 16, 18, 29, 125, 126, 143, 195, 197, 202, 261, 281, 288, 289, 295, 302, 304, 305, 306, 308, 310, 337, 338, 346, 355, 366, 420, 426, 452, 453, 455, 493, 494, 506, 563, 600, 603, 606, 608, 610, 614, 618, 622, 680, 708, 722, 727, 738, 752, 753
- Sprint (velocidade) 347
- Stade Francais (Stade Français) 280, 305, 371, 381
- Subcomitê 373, 678
- Superioridade 42, 69, 71, 81, 157, 158, 259, 329, 342, 395, 473, 477, 534, 541, 573, 588, 634, 645, 654, 700, 756
- Super-Olimpíada 542
- Teatro 83, 85, 87, 146, 248, 254, 268, 271, 359, 392, 495, 531, 538, 603, 610, 655, 752, 768
- Tênis 54, 56, 66, 71, 77, 91, 101, 118, 132, 135, 253, 276, 280, 283, 295, 306, 328, 333, 344, 349, 368, 369, 374, 376, 379, 381, 442, 450, 530, 644, 668, 670, 674, 702, 703, 749, 778
- Tênis sobre a grama 54, 91, 333, 368,

- 369, 670
- Tiro 119, 252, 263, 294, 302, 308, 319, 321, 328, 332, 337, 344, 346, 349, 368, 369, 373, 375, 376, 381, 395, 411, 425, 437, 451, 473, 530, 578, 601, 629, 630, 631, 668, 670, 675, 704, 711, 724, 726, 747, 776, 778
- Tiro ao alvo 375, 670
- Tiro ao pombo 119, 294, 308, 375, 376, 630, 670
- Tiro com arco 263, 369, 375, 381, 395, 668, 704
- Tobogganing 91, 135, 373
- Tocha 37, 266, 440, 495, 570, 571, 697, 755, 756
- Touring Club da França 408
- Toynbee Hall 41, 193
- Trabalhador(a) 83, 103, 138, 193, 198, 214, 269, 531, 644, 720
- Tradição 43, 223, 232, 254, 286, 410, 456, 471, 473, 481, 777
- Traje (ver também vestimenta) 305, 513
- Trapézio 134, 135, 170, 180
- Trégua (Paz Olímpica) 114, 241, 287
- Treinadores 315, 319
- Treinamento 54, 69, 74, 90, 121, 129, 131, 133, 136, 140, 152, 157, 167, 176, 182, 183, 185, 186, 191, 213, 243, 245, 262, 265, 269, 325, 327, 329, 432, 441, 445, 448, 465, 472, 493, 514, 757
- Treinamento físico 131
- Tribunal 388, 648
- União 28, 31, 50, 57, 70, 71, 78, 163, 176, 180, 210, 211, 227, 267, 282, 285, 288, 289, 290, 302, 310, 321, 337, 360, 363, 369, 371, 376, 378, 386, 391, 396, 408, 427, 434, 628, 629, 700, 708, 726
- União Pedagógica Universal (Union Pédagogique Universelle = U.P.U.) 36, 176
- Unificação 32, 207, 222, 227, 387, 401, 403, 508, 509, 758
- Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques (=USFSA ou U.S.F.S.A.) 29, 30, 31, 279, 282, 289, 290, 292, 305, 307, 313, 365, 371, 381, 382
- Universalismo/universalidade 464, 487
- Universidade Popular (Universidade dos Trabalhadores) 193
- Universidade(s) 4, 7, 15, 17, 18, 19, 20, 23, 28, 29, 35, 41, 42, 49, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 89, 90, 91, 106, 122, 123, 125, 128, 129, 142, 149, 152, 154, 161, 162, 163, 174, 193, 198, 217, 225, 232, 286, 288, 289, 290, 294, 295, 301, 302, 305, 307, 309, 313, 325, 360, 365, 373, 376, 387, 388, 391, 392, 395, 398, 427, 446, 455, 500, 502, 765, 770
- Universidades americanas 70, 77, 152, 365, 376
- Utilidade 92, 125, 129, 145, 146, 159, 216, 255, 294, 302, 308, 385
- Utilitarismo 158, 504
- Valores 17, 20, 26, 69, 75, 193, 290, 519, 520, 521, 547, 550, 572, 588
- Vela 135, 252, 319, 337, 368, 369, 375, 376, 417, 503, 530, 629, 668, 672, 673, 675
- Vencer 57, 106, 120, 133, 134, 176, 220, 301, 344, 371, 473, 491, 495, 545, 585, 634, 642, 724
- Vestimenta (ver também traje, indumentária) 92, 538, 749, 874
- Vida escolar (vida estudantil) 98, 142, 194, 300
- Violência 180, 204, 212, 413, 472, 484, 747

Vitória 106, 150, 155, 191, 262, 272,
276, 290, 325, 332, 346, 352, 361,
381, 409, 411, 418, 429, 431, 434,
456, 463, 472, 473, 477, 492, 495,
499, 507, 513, 544, 559, 565, 577,
581, 644, 665, 685, 695, 696, 718,
730, 742, 761

Volteio 319, 754

Water-polo (Polo aquático) 136, 319

Xadrez 103, 380, 607

YMCA (Young Men's Christian Association)
460, 466, 478, 539, 542, 693

Zappeion 314, 315, 316, 320, 328,
337, 346, 530, 724

Zeus (templo de) 27, 242, 243, 244,
259, 557, 589

ÍNDICE GEOGRÁFICO

- Aarau 508
África 85, 176, 178, 199, 200, 218,
221, 274, 395, 415, 422, 432, 478,
487, 490, 491, 584, 692, 694, 695,
765
África francesa 491, 695
África negra 221
Albany 74
Alemanha 14, 27, 28, 33, 89, 132, 142,
145, 199, 226, 244, 264, 268, 276,
280, 283, 284, 285, 300, 303, 309,
310, 321, 338, 344, 349, 353, 378,
395, 415, 420, 423, 432, 440, 452,
453, 456, 464, 487, 498, 507, 511,
528, 532, 562, 572, 576, 595, 619,
678, 679, 681, 689, 691, 708, 723,
726, 751, 763
Alexandria 262, 319, 335, 343, 491,
499, 692, 694, 695
Alfeu (rio) 32, 241, 244, 245, 502, 503,
544, 555, 556, 559, 605
Alsácia 239, 393, 623
Amberes (Antuérpia) 214, 463, 467,
474, 590
América 18, 28, 52, 68, 69, 70, 71, 76,
85, 90, 91, 93, 109, 125, 128, 130,
131, 133, 142, 145, 151, 199, 204,
221, 225, 277, 283, 300, 301, 326,
329, 338, 349, 370, 373, 374, 379,
387, 390, 395, 397, 398, 400, 420,
457, 458, 478, 482, 487, 488, 527,
528, 629, 636, 644, 645, 687, 692,
703, 723, 727, 730, 739, 740, 741,
742, 748, 751, 752, 765, 767, 777,
778
América do Norte 70, 128, 131, 301,
739
América do Sul 69, 277, 420, 458, 478,
487, 488, 528, 644, 692, 723, 739,
765, 767, 777, 778
América Latina 18, 730, 739, 740, 741,
742, 748, 751, 765, 777
Amherst (Ma.) 76, 77, 78, 129, 175
Amiens 263, 309
Amsterdã 36, 37, 177, 179, 198, 427,
478, 480, 482, 483, 495, 497, 498,
506, 559, 572, 595, 641, 647
Arcueil 56, 138, 176, 362, 583, 725,
745
Argel 491, 692, 695
Argélia 490
Argentina 312, 485, 494, 664, 777
Armênia 488
Ásia 27, 178, 196, 199, 208, 218, 220,
221, 362, 369, 510, 513, 570, 687,
689, 692, 697, 765
Asmara 491
Atenas 28, 29, 30, 32, 118, 156, 186,
217, 219, 223, 226, 238, 239, 241,
252, 256, 258, 259, 262, 270, 271,
273, 277, 278, 290, 301, 303, 306,
311, 312, 313, 314, 315, 316, 317,
318, 319, 320, 321, 322, 323, 324,
325, 326, 327, 328, 329, 330, 331,
332, 334, 335, 336, 337, 338, 340,
342, 343, 344, 345, 346, 347, 348,
349, 350, 351, 352, 353, 354, 355,
356, 357, 361, 366, 369, 372, 373,
380, 381, 400, 401, 402, 405, 406,
407, 408, 412, 413, 422, 424, 426,
427, 468, 470, 489, 502, 503, 523,
528, 530, 531, 533, 546, 552, 559,
565, 578, 581, 589, 599, 600, 612,
613, 625, 652, 658, 698, 709, 723,
724, 727, 728, 729, 736, 741, 753
Atlanta 458
Atlântico 69, 142, 326
Australásia 690
Austrália 130, 274, 277, 283, 284, 287,
303, 349, 382, 428, 586, 629, 689,
690, 723
Áustria 349, 378, 418, 424, 428, 429,
452, 456, 498, 582, 708, 722, 724
Auxerre 260

- Balcãs 479
 Baltimore 7, 69, 87, 88, 313
 Basileia (Basileia) 178, 451, 657, 678, 679
 Bayreuth 33, 397
 Bélgica 32, 132, 178, 212, 264, 277, 287, 295, 302, 312, 338, 344, 382, 395, 404, 411, 429, 432, 449, 451, 452, 456, 457, 463, 464, 467, 477, 528, 545, 566, 664, 669, 723, 765, 771
 Berlim 28, 37, 185, 192, 230, 252, 279, 280, 302, 308, 321, 338, 342, 354, 355, 358, 361, 378, 384, 400, 405, 408, 418, 419, 421, 422, 432, 435, 440, 442, 443, 456, 457, 463, 469, 483, 487, 507, 511, 512, 513, 543, 570, 571, 572, 575, 576, 611, 631, 632, 641, 642, 646, 648, 668, 680, 684, 687, 689, 691, 697, 727, 729, 739, 748, 753, 776
 Berna 227, 444, 458, 500, 718, 733, 757, 774
 Besançon 715
 Birmingham 277
 Boêmia 312, 345, 353, 415, 418, 420, 429, 488, 498, 581, 582, 723, 729, 735
 Boston 74, 75, 76, 128, 130, 346, 378
 Brasil 15, 20, 23, 458, 488, 586, 664, 681, 767, 768, 770, 771, 774, 776, 777, 779, 781
 Brest 61
 Bristol 176
 Bruxelas 32, 171, 182, 387, 401, 403, 404, 405, 427, 441, 443, 465, 472, 538, 597, 628, 678, 681, 700, 729, 750, 754, 771
 Budapeste 202, 320, 354, 418, 421, 422, 423, 424, 426, 443, 447, 451, 457, 582, 632, 641, 657, 686, 735
 Buenos Aires 458, 488
 Burdeos (Bordeaux) 289, 309, 457
 Bussang 254, 610
 Cabo 20, 130, 287, 491, 725
 Califórnia 168, 309, 481, 488, 499, 508, 509, 510
 Cambridge 46, 47, 48, 49, 71, 74, 78, 106, 274, 286, 287, 398
 Cambridge (Ma.) 71, 74
 Canadá 7, 68, 69, 70, 80, 81, 89, 130, 134, 164, 253, 411, 415, 423, 428, 432, 481, 492, 514, 664, 689
 Canadá (britânico) 69, 80
 Canadá (francês) 80, 81
 Casablanca 491
 Catalunha 479
 Caux (região) 238
 Chamonix 480, 481, 492, 514, 515, 516, 517
 Chicago 23, 31, 82, 83, 84, 190, 226, 274, 287, 309, 366, 367, 378, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 394, 395, 396, 397, 400, 483, 486, 612
 China 130, 247, 274, 460, 586, 687, 688, 695, 697, 756
 Clifton 176
 Cidade do Cabo 491
 Compiègne 368, 370, 725
 Constantinopla (Istambul) 244, 335, 343
 Cooper's Hill 41, 49
 Copenhague 336, 344, 385, 722
 Corinto 502
 Creta 322, 357
 Cuba 458, 464
 Dakar 491
 Danúbio 247, 280
 Dinamarca 226, 344, 349, 395, 408, 410, 430, 498, 664
 Distrito de Vaud 162, 173, 232, 444, 448, 449, 457, 482, 500, 545, 666, 714, 715, 717, 718, 729, 888
 Domodossola 183
 Douvres 110
 Egito 208, 247, 261, 262, 366, 423, 428, 491, 526, 536, 584, 695

- Elis 241, 477, 557
 Elmira 182
 Equador 730
 Escandinávia 134, 456, 732, 751
 Escócia 369
 Espanha 268, 280, 295, 452, 473, 486, 528, 562, 586, 730, 751
 Esparta 528
 Estados Unidos 19, 28, 52, 68, 69, 70, 71, 76, 77, 79, 81, 83, 87, 89, 92, 132, 143, 161, 162, 164, 169, 187, 230, 264, 283, 284, 286, 290, 294, 300, 302, 305, 309, 312, 329, 330, 345, 365, 370, 373, 382, 387, 388, 390, 391, 393, 394, 395, 396, 397, 400, 403, 406, 411, 415, 419, 423, 432, 450, 452, 455, 456, 457, 472, 485, 486, 489, 492, 528, 530, 532, 533, 541, 576, 578, 595, 633, 645, 654, 664, 678, 679, 710, 722, 723, 729, 730, 732, 771, 777
 Estocolmo 33, 166, 204, 279, 285, 320, 342, 354, 355, 358, 378, 416, 418, 419, 421, 424, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 435, 439, 440, 441, 450, 452, 453, 458, 465, 469, 480, 481, 483, 493, 495, 512, 572, 581, 582, 585, 593, 619, 620, 635, 636, 637, 641, 654, 676, 677, 678, 679, 685, 690, 709, 711, 727, 729, 734, 735, 741, 753
 Estrasburgo 23, 542
 Eton 41, 49, 50, 96, 98, 118, 130, 262, 274, 402
 Europa 28, 29, 32, 62, 70, 76, 83, 85, 87, 125, 127, 128, 131, 132, 145, 162, 199, 207, 220, 221, 225, 240, 263, 264, 289, 290, 300, 308, 340, 358, 365, 369, 373, 376, 384, 389, 393, 398, 400, 405, 423, 425, 446, 448, 457, 460, 464, 469, 488, 489, 491, 508, 509, 510, 528, 532, 548, 550, 551, 561, 562, 563, 567, 570, 576, 591, 632, 633, 649, 668, 687, 689, 692, 696, 722, 727, 740, 761, 765
 Extremo Oriente 199, 261, 460, 488, 510, 526, 687, 688, 692, 695, 697
 Filadélfia 369, 458
 Filipinas 395, 458, 488, 687, 695
 Finlândia 410, 418, 423, 428, 429, 432, 452, 473, 488, 514, 581, 735
 Flórida 7
 França 7, 20, 27, 28, 31, 33, 35, 42, 43, 47, 48, 49, 50, 57, 67, 68, 75, 89, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 103, 108, 110, 111, 112, 114, 116, 117, 118, 122, 126, 128, 129, 130, 132, 142, 145, 169, 170, 171, 175, 176, 194, 199, 200, 201, 225, 226, 263, 264, 268, 274, 276, 277, 279, 280, 283, 286, 287, 289, 291, 293, 300, 302, 306, 307, 308, 310, 312, 313, 315, 321, 324, 327, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 349, 353, 358, 364, 365, 368, 369, 374, 376, 379, 380, 381, 382, 383, 391, 392, 395, 396, 402, 408, 410, 416, 432, 451, 452, 453, 455, 456, 457, 468, 470, 474, 478, 480, 491, 492, 495, 496, 502, 513, 514, 525, 527, 528, 530, 532, 534, 562, 563, 565, 566, 568, 576, 578, 588, 591, 600, 610, 619, 628, 630, 631, 635, 663, 664, 669, 673, 678, 681, 684, 695, 708, 710, 714, 722, 723, 725, 726, 730, 731, 740, 744, 751, 761, 763, 767
 Frankfurt 411
 Gabão 696
 Gales 273, 276, 295, 302, 410, 493, 494, 722, 735
 Genebra 37, 167, 184, 199, 227, 229, 239, 488, 566, 567, 572, 710, 712, 715, 718, 720, 756, 757
 Grã-Bretanha 71, 280, 430
 Grécia 23, 27, 28, 30, 32, 84, 119, 145,

- 146, 157, 211, 224, 226, 238, 239,
240, 244, 247, 268, 271, 272, 273,
276, 277, 278, 280, 286, 287, 295,
301, 302, 312, 313, 314, 315, 316,
320, 321, 322, 329, 330, 332, 334,
336, 337, 338, 340, 341, 342, 343,
344, 345, 349, 351, 352, 353, 355,
356, 357, 358, 364, 366, 367, 393,
395, 405, 410, 415, 423, 428, 432,
452, 455, 495, 502, 506, 523, 531,
532, 534, 536, 552, 555, 556, 565,
567, 581, 586, 592, 595, 605, 625,
638, 714, 722, 723, 724, 733, 740
- Harrow 41, 46, 48, 49, 96, 102, 109,
118, 728
- Havana 458, 488, 739
- Heliópolis 247
- Helsinki 697
- Henley 302, 314, 408, 417, 477, 651
- Holanda 277, 287, 303, 373, 410, 427,
428, 432, 452, 495, 498, 506, 647,
678, 730
- Hong Kong 287
- Hudson 79
- Hungria 302, 312, 320, 338, 345, 349,
353, 359, 411, 415, 416, 420, 423,
428, 432, 452, 456, 479, 528, 582,
722, 723
- Índia 103, 247, 277, 287, 366, 479,
695, 756
- Inglaterra 7, 19, 24, 28, 29, 41, 42, 44, 45,
47, 49, 68, 70, 71, 75, 76, 80, 84, 89,
90, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 102, 103,
108, 113, 114, 117, 118, 130, 132,
142, 144, 151, 157, 168, 169, 175,
176, 199, 253, 263, 268, 274, 275,
277, 278, 286, 290, 300, 302, 307,
312, 315, 319, 320, 327, 345, 349,
358, 366, 369, 373, 376, 395, 398,
406, 410, 412, 413, 415, 416, 417,
420, 423, 432, 444, 449, 452, 455,
456, 464, 472, 474, 486, 494, 496,
497, 506, 528, 534, 562, 564, 581,
592, 627, 644, 646, 661, 664, 668,
670, 679, 684, 689, 710, 722, 723,
725, 730, 744, 751, 763, 771, 777
- Irlanda 41, 43, 295, 369, 429, 466,
479, 486, 488
- Israel 88, 533
- Itália 32, 142, 145, 268, 277, 288, 295,
312, 373, 396, 400, 402, 410, 422,
423, 428, 432, 452, 474, 482, 487,
489, 498, 502, 528, 532, 534, 536,
562, 566, 667, 668, 672, 674, 678,
695, 723, 734, 735, 751, 763
- Jacksonville (Fl.) 86
- Jamaica 309
- Japão 187, 274, 348, 395, 423, 428,
460, 488, 494, 532, 586, 687, 688,
695, 697, 777
- Jerusalém 223, 262, 533
- Kronion 241, 245, 502
- Lathi 514
- Lausanne 4, 15, 20, 21, 22, 23, 25, 26,
27, 28, 30, 33, 34, 35, 155, 159,
160, 162, 163, 164, 165, 166, 167,
168, 169, 170, 171, 173, 174, 181,
196, 204, 207, 209, 210, 211, 224,
229, 230, 232, 233, 236, 238, 243,
269, 271, 279, 288, 289, 310, 312,
317, 325, 356, 364, 386, 387, 401,
405, 417, 418, 423, 426, 427, 433,
441, 443, 445, 446, 447, 449, 450,
452, 456, 457, 460, 461, 463, 464,
466, 468, 470, 476, 478, 479, 483,
484, 486, 487, 488, 489, 491, 494,
496, 499, 500, 501, 503, 505, 509,
511, 539, 540, 541, 542, 543, 544,
552, 556, 568, 585, 595, 614, 617,
625, 627, 636, 649, 651, 665, 666,
692, 696, 707, 711, 712, 713, 714,
715, 716, 717, 718, 719, 720, 721,
729, 730, 731, 733, 734, 735, 736,
745, 750, 754, 759, 774

- Leiden 427
 Le Havre 19, 22, 23, 30, 31, 32, 208,
 356, 358, 359, 360, 361, 362, 363,
 364, 365, 367, 369, 404, 441, 597,
 724, 725, 729, 735, 754, 768
 Lenox (Ma.) 76
 Libreville 491
 Lombardia 247
 Londres 23, 28, 30, 31, 33, 42, 45, 46,
 47, 61, 68, 102, 117, 118, 191, 193,
 252, 253, 256, 258, 259, 273, 274,
 279, 285, 286, 290, 294, 302, 306,
 307, 309, 313, 315, 334, 335, 343,
 350, 387, 395, 398, 400, 405, 406,
 408, 409, 410, 412, 413, 414, 415,
 416, 417, 418, 419, 421, 422, 424,
 431, 433, 469, 473, 480, 483, 514,
 525, 534, 537, 545, 572, 579, 580,
 589, 605, 606, 607, 613, 614, 615,
 624, 632, 635, 642, 646, 654, 668,
 670, 676, 679, 698, 704, 709, 721,
 722, 728, 729, 734, 735, 741, 753
 Los Angeles 37, 466, 483, 484, 489,
 508, 509, 512, 559, 572, 591, 595,
 687, 708, 736, 761
 Louisiana 7, 69, 309, 392, 397, 399
 Luanda 491
 Luttenbach (Alsácia) 622, 623
 Luxemburgo 196, 295, 370, 418, 421,
 422, 443, 452, 477, 631, 649, 700
 Lyon (Lion) 457, 463

 Mainz 18, 20, 313
 Manila 458, 488, 687, 688
 Maratona 262, 330, 346, 470
 Marlborough 41, 49
 Marousi 346
 Marrocos 490
 Marselha 315, 335, 338, 343, 584
 Massachusetts 77
 Mediterrâneo 208, 209, 220, 262
 Melbourne 295, 628, 689
 Meudon 126, 305
 México 395, 488, 777

 Michigan (lago) 82
 Milão 32, 400, 672
 Mirville 16, 19, 48, 50
 Mississipi (rio) 284
 Missouri 145, 148, 397, 401
 Mônaco 428, 452
 Montevideo 488
 Montreal 68, 81
 Much Wenlock 29, 274, 275, 278

 Mulhouse (Alsácia) 196
 Munster (Alsácia) 622, 623

 Nice 160, 208, 209, 317
 Nilo 526, 648
 Normandia 16, 19, 48, 175, 359, 361,
 364
 Noruega 410, 423, 428, 432, 514, 664,
 722, 771
 Nova Caledônia 284
 Nova Inglaterra 76
 Nova Iorque 7, 30, 69, 74, 166, 167,
 181, 182, 187, 215, 252, 274, 285,
 290, 302, 309, 342, 354, 355, 372,
 378, 381, 391, 399, 417, 474, 545,
 563, 578, 632, 722, 732, 749
 Nova Orleans 87
 Novas Hébridas 284
 Nova Zelândia 109, 309, 312, 689,
 690

 Oriente Próximo 479
 Osaka 488
 Ottawa 511, 763
 Oxford 46, 47, 49, 74, 106, 120, 154,
 163, 243, 274, 286, 287, 302, 320,
 338, 350, 398

 Pacífico 221, 509, 512
 Panamá 438
 Parnassos 328, 330
 Patras 244, 317, 326, 351, 502
 Peloponeso 28, 241, 736

- Pensilvânia 284, 417, 579, 581, 585
 Perú 494
 Pireu 315, 316, 329, 338, 340, 344,
 349, 351, 528, 724
 Polinésia 696
 Polônia 268, 423, 429, 479, 486, 718
 Portugal 20, 428, 449, 768
 Praga 36, 385, 390, 428, 497, 498,
 499, 500, 501, 508, 547, 551, 627,
 643, 645, 736
 Princeton 28, 69, 71, 73, 290, 294,
 302, 308, 325, 330, 346, 722, 723
 Punta Arenas 534
 Pusztá 247
 Pyrgos 502

 Quebec 69

 Rabat 490
 Reims 263, 455
 Reino Unido 49, 103, 105, 110, 300,
 410, 635, 768
 Rio de Janeiro 15, 23, 765, 767, 768,
 776, 777, 779, 780, 781
 Roma 31, 32, 33, 118, 146, 208, 262,
 300, 366, 387, 395, 398, 400, 401,
 402, 406, 408, 412, 478, 482, 483,
 487, 489, 497, 565, 597, 613, 651,
 654, 658, 667, 668, 672, 675, 692,
 695, 734, 765, 778
 Romênia 428, 494
 Rouen 359
 Rússia 196, 256, 268, 295, 302, 312,
 316, 320, 345, 353, 359, 373, 382,
 395, 418, 429, 452, 456, 487, 528,
 689, 691, 722, 723, 724, 7

 Savóia 726
 Samoa 284
 São Francisco 247, 306, 309, 344, 346,
 438, 458, 735
 San Louis 256
 Santiago 488
 São Peterburgo 429

 São Quintino 263
 São Salvador 341, 458, 730, 739
 Sérvia 330, 341, 346, 428, 456, 724
 Shrewsbury 277
 Sibaris 262
 St. Moritz (Saint Moritz) 373
 Suécia 256, 264, 284, 285, 295, 300,
 302, 312, 338, 345, 353, 369, 373,
 378, 391, 395, 396, 403, 405, 410,
 415, 420, 422, 429, 430, 431, 432,
 434, 435, 436, 437, 440, 452, 455,
 471, 473, 494, 514, 541, 586, 592,
 593, 635, 664, 676, 681, 684, 685,
 689, 722, 723, 729, 732
 Suíça 35, 142, 196, 264, 300, 303, 349,
 373, 395, 423, 446, 457, 479, 481,
 503, 538, 651, 662, 678, 708, 712,
 739, 774
 Sumac 491
 Sydney 23

 Tâmbisa 173, 247, 286, 412, 413, 528,
 734
 Tchecoslováquia 452
 Texas 274, 309
 Tóquio 511, 512, 513, 534, 688, 697
 Trípoli 491
 Troyes 584
 Túnis 490, 491
 Turim 62, 400, 668
 Turquia 479

 Uruguai 486, 664, 777

 Vannes 584
 Vaticano 401, 402, 478, 487, 566, 584
 Vaud (distrito) 162, 173, 232, 444,
 448, 449, 457, 482, 500, 545, 666,
 714, 715, 717, 718, 729, 888
 Venezuela 255
 Versalhes 376
 Vevey 715
 Viena 378, 415, 418, 428, 429, 581
 Ville d'Avray 288, 305

Vincennes 366, 367, 376, 380, 385,
465

Virginia 69, 66, 85

Washington, DC 7, 69, 71, 87, 88,
284, 306, 309, 393, 578

Wellesley (Ma.) 70

West Point 284

Wellington 41, 49, 274

Winchester 41, 49, 96, 118

Windsor 398, 410, 414

Xangai 460, 688, 692

Zurique 619, 761, 762



“Estudantes do Seminário de Pós-Graduação da Academia Olímpica Internacional de 2005 junto ao

**Monumento comemorativo em homenagem a Coubertin na antiga Olímpia (Grécia).
(Fotografia: N. Todt).**

TIPOGRAFIA Franklin Gothic [TÍTULOS]
Sabon [TEXTO]

NÚMERO DE PÁGINAS 892

ANO 2015